

Robert Musil

O homem
sem
qualidades



#exilado
livros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ROBERT MUSIL

**O HOMEM
SEM QUALIDADES**

Tradução de

LYA LUFT, CARLOS ABBENSETH

Título Original

DER MANN OHNE EIGENSCHAFTEN



Título original: DER MANN OHNE EIGENSCHAFTEN
© 1978, by ROWOHLT VERLAG - Gmbh, Reinbeck bei Hamburg

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA
FRONTEIRA S/A
Rua Bambina, 25 - CEP 22251 - Botafogo - Tel.: 286-7822 Endereço telegráfico: NEOFRONT
- Telex: 34695 ENFS BR Rio de Janeiro, RJ

Tradução do Livro Primeiro e capítulos 1 a 38 do Livro Segundo feita por Lya Luft, com
revisão de Carlos Abbenseth.

Tradução da obra póstuma feita por Carlos Abbenseth, com revisão de Cristina Blink.

Organização da edição brasileira:

Carlos Abbenseth, de acordo com a edição original alemã de Adolf Frisé.

Revisão tipográfica CRISTINA BLINK
VERA LÚCIA SANTANA DE SOUZA VALDETE LIMA
TEREZA BATISTA DA ROCHA

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Musil, Robert 1880-1942

M975h O homem sem qualidades / Robert Musil; tradução de Lya Luft e Carlos Abbenseth.

— Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. (Grandes romances)

Tradução do original.

1. Romance alemão. I. Luft, Lya. 1938. II. Abbenseth, Carlos.
III. Título. IV. Série

CDD - 833 89-0726

LIVRO PRIMEIRO

PRIMEIRA PARTE

UMA ESPÉCIE DE INTRODUÇÃO

1

DO QUAL SINGULARMENTE NADA SE DEPREENDE

Uma pressão barométrica mínima pairava sobre o Atlântico; dirigia-se para leste, rumo à pressão máxima instalada sobre a Rússia, e ainda não mostrava tendência de se desviar dela para o norte. As isothermas e isóteras cumpriam suas funções. A temperatura do ar estava numa relação correta com a temperatura média do ano, a do mês mais Mo e a do mês mais quente e a oscilação aperiódica mensal. O nascer e o pôr do Sol e da Lua, a variação do brilho da Lua, de Vênus, do anel de Saturno, e outros fenômenos importantes transcorriam segundo as previsões dos armários de astronomia. O vapor d'água no ar estava na fase de maior distensão, a umidade era baixa. Numa frase que, embora antiquada, descreve bem as condições: era um belo dia de agosto de 1913.

Automóveis emergiam disparando das ruas estreitas e fundas para a rasa claridade das praças. A mancha escura de transeuntes formava fios nevoentos. Onde riscos de velocidade maior cruzavam aquele ritmo negligente, os fios se adensavam, corriam mais depressa, retornando depois de algumas pulsações ao ritmo regular. Centenas de sons enroscavam-se, produzindo um rumor metálico do qual brotavam pontas isoladas, correndo ao longo de suas beiradas cortantes e recolhendo-se outra vez; saltavam dele lascas de tons claros, que logo sumiam esvoaçantes. Nesse rumor, sem poder defini-lo, alguém que tivesse estado ausente vários anos teria, de olhos fechados, reconhecido a capital do Império, Viena, a Residência. As cidades se reconhecem pelo andar, como as pessoas. Abrindo os olhos, o recém-chegado deduziria o mesmo da vibração do movimento nas ruas, muito antes do que de qualquer detalhe típico. Ainda que fosse só imaginação, não importa. A supervalorização da pergunta: onde estou? vem do tempo dos nômades, em que era preciso registrar os locais de pastagem. Seria importante saber por quê, ao falarmos num nariz vermelho, nos contentamos que seja vermelho, sem nos importarmos com o tom especial

de vermelho, embora este possa ser descrito com exatidão em micromilímetros, pela frequência das ondas. Mas numa coisa tão mais complexa como a cidade em que nos encontramos, sempre gostaríamos de saber exatamente que cidade é. Isso nos distrai de pontos mais importantes.

Portanto, não se dê valor maior ao nome da cidade. Como todas as cidades grandes, era feita de irregularidade, mudança, avanço, passo desigual, choque de coisas e acontecimentos, e, no meio disso tudo, pontos de silêncio, sem fundo; era feita de caminhos e descaminhos, de um grande pulsar rítmico e do eterno desencontro e dissonância de todos os ritmos, como uma bolha fervente pousada num recipiente feito da substância duradoura das casas, leis, ordens e tradições históricas.

As duas pessoas que subiam uma rua larga e movimentada não tinham naturalmente essa impressão. Via-se que eram de uma camada privilegiada da sociedade, elegantes no vestir, na postura, no modo de conversar; as iniciais de seus nomes estavam caprichosamente bordadas em sua roupa branca; da mesma forma, sem exibição, mas na fina roupa de baixo de sua consciência, sabiam quem eram, e que seu lugar era ali, na capital e Residência. Presumindo que se chamassem Arnheim e Ermelinda Tuzzi — o que não é verdade porque em agosto a Sra. Tuzzi estava com o marido em Bad Aussee, e o Dr. Arnheim ainda em Constantinopla — deparamos com o enigma da identidade deles. Pessoas curiosas frequentemente encontram esse tipo de enigma nas ruas. A maneira como se resolvem é digna de nota. São esquecidos, caso nos próximos cinquenta passos não consigamos lembrar onde já vimos os dois. Quanto àqueles dois, eles pararam de súbito, percebendo um tumulto à frente. Já um segundo antes, alguma coisa saltara do alinhamento, obliquamente; qualquer coisa se virará, derrapara para o lado, e agora, que estava encalhada ali, com uma das rodas sobre a calçada, via-se que era um pesado caminhão, que freara bruscamente. Logo se juntaram pessoas à volta, como abelhas na entrada da colméia, uma multidão que deixava o centro livre. O motorista descera do veículo e postara-se ali no meio, cinzento como papel de embrulho, explicando o acidente com gestos desajeitados. Os que vinham olhavam para ele, depois baixavam o olhar, cautelosos, para o fundo do buraco onde haviam colocado, na beira da calçada, um homem que parecia morto. Todos admitiam que fora atropelado por estar distraído. Ajoelhavam-se junto dele,

alternadamente, querendo fazer alguma coisa; abriram seu casaco, fecharam-no outra vez; tentaram sentá-lo ou, ao contrário, deitá-lo novamente; na verdade todos queriam apenas passar o tempo até que, com a ambulância, viesse uma ajuda competente e autorizada.

Também aquela dama e seu acompanhante tinham chegado perto e, por cima das cabeças e costas baixadas, olhado o homem deitado. Depois recuaram e ficaram por ali, hesitantes. A dama estava com uma sensação ruim no coração e no estômago, que tinha o direito de considerar compaixão; uma sensação vaga, paralisante. Depois de algum tempo, o cavalheiro disse:

— Os caminhões pesados que se usam aqui têm um tempo de freagem longo demais.

A dama sentiu-se mais aliviada, e agradeceu com o olhar. Devia ter ouvido antes aquela expressão, mas não sabia o que era, nem queria saber; bastava-lhe que aquilo explicasse o terrível acidente, reduzindo-o a um problema técnico, que já não a interessava diretamente. Ouviram a sirene estridente da ambulância e todos ficaram satisfeitos com a rapidez de sua chegada. São admiráveis essas instituições sociais. Colocaram o acidentado numa maça e enfiaram-na no carro. Homens com uma espécie de uniforme cuidaram dele, e o interior do veículo, que se divisava rapidamente, parecia limpo e ordenado como um quarto de hospital. Afastaram-se quase com a justa impressão de que acontecera um fato dentro da ordem e legalidade.

— Segundo as estatísticas americanas — comentou o senhor —, morrem lá anualmente 190.000 pessoas em acidentes de automóvel, e 450.000 ficam feridas.

— Acha que ele está morto? — perguntou sua acompanhante, ainda com a sensação injustificada de ter visto algo fora do comum.

— Espero que esteja vivo — respondeu o senhor. — Parecia vivo quando o colocaram no carro.

2

CASA E MORADIA DO HOMEM SEM QUALIDADES

A rua em que acontecera o pequeno acidente era um daqueles longos e sinuosos rios de trânsito que brotam como raios do coração da cidade, varam os bairros afastados e acabam nos subúrbios. Se o elegante casal seguisse por ela mais um pouco, teria visto algo que certamente lhe agradaria. Era um jardim do século XVIII, ou até XVII, ainda parcialmente conservado; passando diante de suas grades de ferro batido, via-se entre as árvores, sobre relvados cuidadosamente aparados, algo que parecia um castelinho de alas curtas, um castelinho de caça ou de amor, de tempos passados. Para ser exato, as abóbadas de sustentação eram do século XVII, o parque e o andar superior pareciam do século XVIII, as fachadas tinham sido renovadas e um pouco prejudicadas no século XIX; portanto o todo estava um tanto confuso, como em retratos fotografados uns por cima dos outros; mas acabava-se parando ali, infalivelmente, e dizendo: “Ah!” E quando aquela coisa alva, graciosa e bela estava de janelas abertas, avistavam-se as paredes de livros, nobres e silenciosas, da casa de um homem de cultura.

A moradia e a casa pertenciam ao homem sem qualidades.

Ele estava postado atrás de uma janela, e através do filtro verde-pálido do ar do jardim contemplava a rua pardacenta; há dez minutos contava com o relógio os automóveis, carruagens, bondes e os rostos de transeuntes embaciados pela distância, que cobriam a retina com um rápido redemoinho; avaliava as velocidades, os ângulos, as forças vivas das massas que passavam, que atraíam o olhar com a rapidez de um raio, prendiam-no, soltavam-no e, durante um tempo para o qual não existe medida, forçavam a atenção a resistir-lhes, desprender-se, saltar para o que viesse em seguida e jogar-se atrás dele; em suma, depois de calcular mentalmente por um momento, ele meteu o relógio no bolso, rindo, e constatou que estivera

fazendo uma tolice.

Se se pudessem medir esses saltos da atenção, a atividade dos músculos dos olhos, os movimentos pendulares da alma, e todos os esforços que um ser humano precisa executar para se manter em pé na torrente de uma rua, resultaria presumivelmente — fora isso que ele pensara, tentando, por uma brincadeira, calcular o impossível — uma grandeza comparada à qual a força de que Atlas necessita para sustentar o mundo é insignificante; e poder-se-ia avaliar que gigantesca façanha realiza hoje em dia uma pessoa que não faz coisa alguma.

Pois nesse momento o homem sem qualidades era uma dessas pessoas. E alguém que faz?

“Podem-se deduzir duas coisas”, disse ele para si mesmo.

A atividade muscular de um cidadão que segue calmamente seu caminho um dia inteiro é muito maior do que a de um atleta que sustenta uma vez ao dia um peso enorme; isso foi comprovado fisiologicamente, e é provável também que as pequenas atividades cotidianas, na sua soma social e nessa capacidade de serem somadas, ponham muito mais energia no mundo do que as ações heróicas; sim, o heróico parece minúsculo como um grão de areia colocado sobre uma montanha com extraordinária ilusão. Essa idéia lhe agradou.

Deve-se acrescentar, porém, que ela não lhe agradava por ele amar a vida burguesa; ao contrário, gostava apenas de contrariar suas inclinações, que outrora tinham sido diferentes. Talvez seja exatamente o pequeno-burguês quem prevê o começo de um heroísmo coletivo, de formigueiro, extraordinariamente novo. Vão chamá-lo de heroísmo racionalizado, e achar tudo muito bonito. Hoje em dia, quem pode saber?! Mas naquele tempo havia centenas de indagações irrespondidas desse tipo, da maior importância. Pairavam no ar, ardiavam sob os pés. O tempo corria. Pessoas que ainda não viviam então não hão de querer acreditar, mas já então o tempo se movia com a rapidez de um camelo de montaria; isso não é de hoje. Apenas não se sabia para onde corria. Nem se podia distinguir direito o que estava em cima ou embaixo, o que ia para diante ou para trás.

“A gente pode fazer o que quiser”, disse o homem sem qualidades para si

mesmo, dando de ombros, “que isso não tem a menor importância nesse emaranhado de forças!” Depois afastou-se, como uma pessoa que aprendeu a renunciar, quase mesmo como um enfermo que teme qualquer contato forte; e quando, atravessando o quarto de vestir anexo, passou por um *punching ball* ali pendurado, deu-lhe um soco rápido e forte, que não é propriamente comum em momentos de resignação ou estados de fraqueza.

3

TAMBÉM UM HOMEM SEM QUALIDADES TEM UM PAI COM QUALIDADES

Ao voltar há algum tempo do estrangeiro, o homem sem qualidades, só por capricho e por detestar moradias vulgares, alugara aquele castelinho, outrora residência de verão fora dos portões da cidade; ele perdera sua função quando a cidade grande, crescendo, o ultrapassara, e ultimamente era apenas propriedade desabitada e baldia, à espera de que subissem os preços dos terrenos. O aluguel era tão baixo quanto se podia imaginar, mas custara muito dinheiro arrumar tudo de novo segundo as exigências atuais; fora uma aventura, que o obrigara a pedir ajuda ao pai, o que não lhe agradava, pois gostava de ser independente. Tinha trinta e dois anos, e seu pai sessenta e nove.

O ancião ficou horrorizado. Não diretamente por causa do repentino pedido, embora em parte também por isso, pois detestava coisas irrefletidas; nem por causa da contribuição que teria de fazer, pois no fundo apreciava que seu filho quisesse aconchego e ordem. Mas a aquisição de uma casa que, embora no diminutivo, só se podia chamar de castelo, feria seus sentimentos e assustava-o como uma arrogância de mau agouro.

Ele próprio começara como preceptor em casas da alta aristocracia, quando estudante e depois como jovem assistente de advogado, e na verdade fizera isso sem precisar, pois seu pai já fora homem de posses.

Quando mais tarde se tornara professor universitário e catedrático, sentira-se recompensado por tudo aquilo, pois o cultivo cuidadoso dessas relações fez com que aos poucos se tornasse consultor jurídico de quase toda a nobreza feudal de sua terra, embora nem precisasse mais dessa profissão secundária. Sim, muito depois que a fortuna assim conseguida já se podia comparar com o dote matinal^{1} de uma família de industriais renanos, que a mãe de seu filho, prematuramente falecida, trouxera para o casamento, aquelas relações, conquistadas na juventude e fortalecidas na idade adulta, não se apagaram. Embora o mestre agora coberto de honrarias se tivesse retirado da advocacia, e só eventualmente exercesse alguma atividade muito bem paga, como consultor, todos os acontecimentos relacionados ao círculo

de seus antigos benfeitores eram cuidadosamente registrados por sua própria mão, passando com grande esmero de pais para filhos e netos; e nenhuma distinção, nenhum casamento, nenhum aniversário ou onomástico se passavam sem registro escrito, congratulando a pessoa em questão com uma terna mistura de veneração e lembranças comuns. Breves respostas escritas chegavam com igual pontualidade, agradecendo ao querido amigo e admirado mestre. Desse modo, seu filho conhecera desde a juventude esse talento aristocrático de uma altivez quase inconsciente mas segura em seus juízos, que sabe dar valor a uma gentileza; e a subserviência de uma pessoa da aristocracia espiritual diante dos donos de cavalos, campos e tradições sempre o irritara. Mas não fora o calculismo que tornara seu pai insensível a isso; por impulso natural, realizara assim uma grande carreira, tornara-se não apenas professor catedrático, membro de academias e muitas comissões científicas e governamentais, mas também cavaleiro, comendador; sim, fora até condecorado com uma Grã-Cruz, e por fim Sua Majestade o elevara à nobreza hereditária, nomeando-o antes disso membro do Senado. Lá o distinguido intelectual se ligara à ala burguesa liberal que por vezes se opunha aos nobres, mas significativamente nenhum dos seus benfeitores da nobreza levava isso a mal, nem se admirava; nunca tinham visto nele senão o espírito da burguesia que desejava ascender. O velho senhor participava ativamente dos trabalhos especializados de legislação, e mesmo que uma dura votação o mostrasse do lado burguês, do outro lado não se irritavam com isso, tinham a impressão de que ele não fora convidado. Na política não fazia senão o que já fora seu ofício, unir uma sabedoria superior, por vezes sutilmente pedagógica, à impressão de que apesar de tudo podiam confiar na sua dedicação pessoal; como afirmava seu filho, ele passara sem grandes alterações de professor particular a professor do Senado.

Sabendo da história do castelo, ele a considerou infração de uma fronteira tácita mas tanto mais respeitável, e fez ao filho acusações ainda mais amargas do que as muitas que lhe fizera no curso dos anos, quase a profecia de um mau final que agora iniciava. Ferira-se o sentimento fundamental de sua vida. Como acontece com muitos homens que conseguem algo notável, esse sentimento, longe de ser interesse pessoal, era um profundo amor ao chamado interesse geral e suprapessoal; em outras palavras, um respeito honesto por aquilo sobre que se constróem as próprias vantagens, não por

serem vantagens, mas por razões gerais que se harmonizam com elas. Isso é muito importante; até um cão nobre procura seu lugar debaixo da mesa de jantar, sem ligar para os pontapés, não por servilismo canino mas por devoção e lealdade; e as pessoas frias e calculistas não conseguem na vida metade do sucesso daquelas personalidades bem dosadas, capazes de ter sentimentos profundos por pessoas e circunstâncias que lhes trazem vantagens.

4

SE EXISTE SENSO DE REALIDADE, TEM DE HAVER SENSO DE POSSIBILIDADE

Quem deseja passar bem por portas abertas deve prestar atenção ao fato de elas terem molduras firmes: esse princípio, segundo o qual o velho professor sempre vivera, é simplesmente uma exigência do senso de realidade. Mas se existe senso de realidade, e ninguém duvida que ele tenha justificada existência, tem de haver também algo que se pode chamar senso de possibilidade.

Quem o possui não diz, por exemplo: aqui aconteceu, vai acontecer, tem de acontecer isto ou aquilo; mas inventa: aqui poderia, deveria ou teria de acontecer isto ou aquilo; e se lhe explicarmos que uma coisa é como é, ele pensa: bem, provavelmente também poderia ser de outro modo. Assim, o senso de possibilidade pode ser definido como capacidade de pensar tudo aquilo que também poderia ser, e não julgar que aquilo que é seja mais importante do que aquilo que não é. Vê-se que as consequências dessa tendência criativa podem ser notáveis, e lamentavelmente não raro fazem parecer falso aquilo que as pessoas admiram, e parecer permitido o que proíbem, ou ainda fazem as duas coisas parecerem indiferentes. Essas pessoas com senso de possibilidade vivem, como se diz, numa teia mais sutil, feita de nevoeiro, fantasia, devaneio e condicionais; crianças com essa tendência são educadas para se libertarem dela, e lhes dizemos que tais pessoas são utopistas, sonhadores, fracos, e presunçosos ou críticos mesquinhos.

Quando os queremos elogiar, também chamamos esses loucos de idealistas, mas obviamente tudo isso apenas se relaciona aos espécimes frágeis, que não podem entender a realidade, ou talvez fujam dela; portanto, pessoas nas quais a ausência de senso de realidade é uma falha. Mas o possível não abrange apenas os sonhos de pessoas de nervos fracos, e sim os desígnios divinos ainda desconhecidos. Uma experiência possível, ou uma verdade possível, não são iguais à experiência real e verdade real menos o valor da realidade; ao contrário, ao menos do ponto de vista de seus seguidores, têm

em si algo divino, um fogo, um vôo, um desejo de construção e uma utopia consciente, que não teme a realidade mas a trata como missão e invenção. Afinal, a Terra não é velha, e aparentemente nunca foi muito abençoada. Se quisermos distinguir entre si as pessoas com senso de realidade e senso de possibilidade, basta pensar em determinada quantia de dinheiro. Tudo o que mil marcos contêm em possibilidades está ali contido, sem dúvida, não importa se possuímos os mil marcos ou não; o fato de o Sr. Eu ou o Sr. Você os possuírem acrescenta tão pouco aos mil marcos quanto acrescentaria a uma rosa ou uma mulher. Mas um louco os enfiará na meia, dizem as pessoas realistas, e um empreendedor há de realizar alguma coisa com eles; até a beleza de uma mulher sofrerá indubitavelmente acréscimo ou perda segundo quem a possua. É a realidade que traz as possibilidades, e nada mais errado do que negar isso. Mesmo assim, no total ou na média serão sempre as mesmas possibilidades repetidas, até chegar uma pessoa para a qual uma coisa real não signifique mais do que o imaginado. Será ela quem dará sentido e destinação às novas possibilidades, que há de provocar.

Mas um homem desses não é um caso muito claro. Já que, na medida em que não forem devaneios ociosos, suas idéias são apenas realidades ainda não nascidas, naturalmente também ele tem senso de realidade; mas é um senso para a realidade possível, e chega ao seu objetivo muito mais devagar do que o senso para possibilidades reais, que a maioria das pessoas possui. Ele deseja a floresta toda, o outro quer as árvores; e floresta é algo difícil de expressar, enquanto árvores significam tantos e tantos metros cúbicos de determinada qualidade. Ou talvez se exprima isso melhor de outro modo, e o homem com senso comum de realidade se assemelha a um peixe que abocanha o anzol sem ver a unha, enquanto o homem com aquele senso de realidade, que também se pode chamar senso de possibilidade, puxa uma linha pela água e não tem idéia se existe uma isca presa nela. Uma extraordinária indiferença em relação à vida que morde a isca traz consigo o perigo de fazer coisas totalmente aleatórias. Um homem sem senso prático — ele não apenas parece assim, mas é assim — é inconfiável e imprevisível no trato com as pessoas. Cometerá atos que lhe significam outra coisa do que para os demais, mas tudo o deixa tranquilo, desde que possa ser sintetizado numa idéia extraordinária. Além disso, ele hoje ainda está muito longe de ser conseqüente. É bem possível que um crime que prejudique a outros lhe pareça apenas um erro social, cuja culpa não cabe ao criminoso

mas à ordem social. Mas é de duvidar que, recebendo uma bofetada, ele a considere insulto da sociedade, ou tão impessoal quanto lhe pareceria a mordida de um cão; provavelmente, primeiro ele devolverá a bofetada, depois pensará que não devia ter feito isso. E por fim, se lhe roubarem uma amada, ele hoje ainda não conseguirá ignorar inteiramente a realidade desse fato e consolar-se dessa perda com uma emoção nova e surpreendente. Essa evolução ainda está em curso, e para o indivíduo representa ao mesmo tempo fraqueza e força.

E como a posse de qualidades pressupõe certa alegria por serem reais, podemos entrever como uma pessoa que não tenha senso de realidade nem em relação a ela própria pode sentir-se de repente um homem sem qualidades.

5

ULRICH

O homem sem qualidades de quem estamos falando chamava-se Ulrich, e Ulrich — não é agradável chamar alguém o tempo todo pelo nome de batismo, se o conhecemos tão pouco por enquanto!, mas seu sobrenome será omitido em consideração a seu pai — dera, na fronteira da meninice e adolescência, numa composição escolar, a primeira prova de sua maneira de ser. A composição tinha como tema um pensamento patriótico. Na Áustria o patriotismo era assunto muito especial. Pois crianças alemãs aprendiam simplesmente a desprezar as guerras das crianças austríacas, e ensinavam-lhes que as crianças francesas eram netas de libertinos sem fibra, que fogem aos milhares quando um soldado alemão barbudo avança sobre eles. E com papéis trocados, bem como as modificações desejáveis, aprendiam a mesma coisa as crianças francesas, russas e inglesas, que também tinham sido frequentemente vencedoras. Mas crianças são fanfarronas, gostam de brincar de polícia-e-ladrão, e estão sempre dispostas a considerar a família X da rua Y a maior família do mundo, caso façam parte dela. Assim, se deixam influenciar facilmente pelo patriotismo. Mas na Áustria isso era um pouco mais complicado. Pois os austríacos também tinham vencido todas as guerras da sua história, mas depois da maioria dessas guerras tinham feito algum tipo de concessão. Isso faz pensar, e na sua composição sobre amor à pátria Ulrich escreveu que um verdadeiro patriota nunca devia considerar sua pátria a melhor de todas; sim, com um lampejo que lhe pareceu especialmente belo, embora ficasse mais ofuscado por seu brilho do que visse o que estava contido nele, acrescentara àquela frase suspeita mais outra: que provavelmente também Deus gostava de falar do seu mundo no *conjunctivus potentialis* (*hic dixerit quispiam* = aqui se poderia objetar...), pois era Deus quem fazia o mundo, pensando que bem podia ser de outra maneira.

Ele sentira muito orgulho dessa frase, mas talvez não se tivesse expressado de maneira muito compreensível, pois causara grande agitação, e quase o afastaram da escola, embora não chegassem a tomar essa decisão por não descobrirem se aquele comentário inadequado era blasfêmia contra a pátria

ou contra Deus. Naquele tempo, ele estava sendo educado no aristocrático Ginásio Teresiano, que fornecia os mais nobres esteios do Estado. E seu pai, furioso com a vergonha causada por aquele filho degenerado, mandou Ulrich para o estrangeiro, para um pequeno colégio belga, localizado numa cidade desconhecida e que através de uma administração inteligente e espírito comercial, conseguia a preços baixos grande número de alunos transviados. Lá Ulrich aprendeu a ampliar internacionalmente seu desprezo pelos ideais alheios.

Desde então tinham-se passado dezesseis ou dezessete anos, rápidos como nuvens no céu. Ulrich não lamentava por eles, nem deles se orgulhava; simplesmente os contemplava com espanto, no seu trigésimo segundo ano de vida. Entrementes estivera em vários lugares, algumas vezes por breve tempo ficara em casa, e por toda parte fizera coisas de valor e coisas inúteis. Já se insinuou que era matemático, e não se precisa por enquanto dizer mais sobre isso, pois em toda a profissão que não é exercida por dinheiro mas por amor, chega um momento em que o acúmulo dos anos parece levar a nada. Como esse momento se estendia por um período mais longo, Ulrich lembrou que se atribui à terra natal a capacidade misteriosa de dar raiz e autenticidade aos pensamentos, e instalou-se nela com a sensação de um peregrino que se senta num banco para toda a eternidade, embora saiba que logo vai se levantar dali.

Quando, então, arrumou sua casa, como diz a Bíblia, teve uma experiência pela qual na verdade estava esperando. Entregara-se à agradável atividade de organizar sua devastada pequena propriedade a partir do zero, segundo seu próprio capricho. Desde a reconstrução em estilo puro até a arbitrariedade total, possuía todas as premissas para fazer o que quisesse, e na sua mente ofereciam-se todos os estilos, desde o assírio ao cubista. O que escolher? O homem moderno nasce e morre numa clínica; portanto, também deve morar como numa clínica! Um arquiteto famoso acabava de estabelecer este postulado; outro decorador reformista exigia que se colocassem paredes móveis, dizendo que o homem, convivendo com outros, tinha de aprender a confiar, e não devia confinar-se de maneira separatista. Naquele momento começara uma nova era (pois elas começam a todo instante!), e uma nova era pedia um novo estilo. Para sorte de Ulrich, o

castelinho, assim como estava, já constava de três estilos superpostos, de modo que não se podia obedecer a todas essas exigências; ainda assim ele se sentia instigado pela responsabilidade de organizar uma casa, e a ameaça “Dize-me como moras e dir-te-ei quem és”, que lera tantas vezes em revistas de arte, pairava sobre sua cabeça. Depois de muito se ocupar dessas revistas, decidiu que era melhor trabalhar pessoalmente na construção da sua personalidade, e começou a desenhar seus futuros móveis. Mas assim que imaginava uma forma impressionante e impetuosa, ocorria-lhe que podia em seu lugar colocar uma forma utilitária, técnica e menor; e quando desenhava uma despojada forma de concreto, lembrava-se das magras formas primaveris de uma menina de treze anos, e começava a sonhar em vez de tomar decisões.

Era — numa circunstância que não o afetava muito a sério — a conhecida incongruência das idéias, e sua difusão sem um ponto central, característica da atualidade, cuja singular aritmética vai de cem a mil sem ter a unidade. Por fim ele só conseguia imaginar salas inexecutáveis, quartos giratórios, decorações caleidoscópicas, caixas de mudança para a alma, e suas idéias eram cada vez mais inconsistentes. Finalmente chegara ao ponto que o atraía. Seu pai teria dito mais ou menos assim: aquele a quem permitem fazer tudo o que deseja, em breve não sabe mais o que desejar. Ulrich repetia isso com grande prazer. Aquela sabedoria de velho lhe pareceu uma idéia extraordinariamente nova. O homem precisa ser limitado em todas as suas possibilidades, planos e sentimentos, por preconceitos, tradições, dificuldades e limitações de toda sorte, como um louco na sua camisa-de-força; e só então aquilo que tem a produzir talvez tenha valor, coerência e solidez; na verdade, é difícil perceber o alcance dessa idéia! Bem, o homem sem qualidades, que voltara à sua terra, deu também o segundo passo para se deixar modelar de fora, pelas condições da vida. Nesse momento entregou a decoração de sua casa ao capricho dos fornecedores, convencido de que cuidariam da tradição, dos preconceitos e limitações. Apenas renovou pessoalmente linhas provindas de tempos remotos, as escuras galhadas de cervos sob as abóbadas brancas do pequeno vestibulo, ou o severo teto do salão, e acrescentou tudo o que lhe parecia útil ou confortável.

Quando estava tudo pronto, pôde balançar a cabeça e indagar-se: “Então é isso que vai ser a minha vida?”

Possuía um pequeno palácio encantador — quase se teria de chamá-lo assim, pois era tudo o que se pensa de uma residência de bom gosto para uma capital, segundo imaginação dos mais importantes vendedores de móveis, tapetes e instalações. Faltava apenas um fator: não tinham dado corda àquele fascinante relógio; pois, se tivessem, haveria coches de altos dignitários e damas aristocráticas subindo a rampa de acesso, haveria lacaios saltando dos estribos e perguntando a Ulrich, com certa suspeita:

— Moço, onde está o seu patrão?

Ele voltara da lua e imediatamente se estabelecera como se ainda estivesse lá.

6

LEONA, OU UMA MUDANÇA DE PERSPECTIVA

Quando se arruma a casa, também se deve encontrar uma mulher. A amiga de Ulrich, naqueles tempos, chamava-se Leontina e era cantora num pequeno teatro de variedades; era grande, esbelta e cheia de corpo, de uma apatia irritante; ele a chamava Leona.

Ela despertara seu interesse pelo negrume úmido dos olhos, uma expressão dolorida e apaixonada do belo rosto longo e regular, e pelas canções sentimentais que cantava em lugar de canções lascivas. Todas aquelas cançõezinhas antiquadas falavam de amor, sofrimento, fidelidade, abandono, rumores de florestas e cintilações de trutas. Leona colocava-se, alta e solitária, no pequeno palco, cantando com voz de uma dona de casa pacientemente em direção ao público; e quando deixava escapar pequenas ousadias morais, pareciam mais fantasmagóricas ainda, porque a moça acompanhava emoções trágicas ou travessas com os mesmos gestos penosamente soletrados. Ulrich recordou imediatamente retratos antigos ou belas mulheres de velhas revistas para famílias; observando o rosto daquela mulher percebeu nele uma porção de pequenos traços que não podiam ser reais, mas que o caracterizavam. Naturalmente todas as épocas têm todas variedades de rostos; mas a moda destaca sempre um deles, fazendo-o modelo de felicidade e beleza, e os demais tentam imitá-lo; até as feias o conseguem com ajuda de roupa e penteado, só as que nasceram para coisas especiais não o conseguem nunca — nelas manifesta-se sem concessões o ideal de beleza banido e aristocrático de tempos passados. Esses rostos andam como cadáveres de antigos prazeres sensuais na grande ilusão da troca amorosa; e os homens que, boquiabertos, fitavam o tédio imenso das canções de Leontina, inconscientes disso fremiavam as narinas com emoções bem diferentes do que as que lhes inspiravam as atrevidas cantoras com penteados de dançarina de tango. Ulrich decidiu chamá-la Leona, e possuí-la lhe pareceu mais desejável do que possuir um leão empalhado pelo

taxidermista.

Mas, iniciada a sua relação, Leona revelou outra característica: era incrivelmente comilona, vício que há muito saíra de moda. Nascera do desejo reprimido da criança pobre de comer guloseimas, mas assumira a força de um ideal que finalmente rompe as grades e domina a personalidade. O pai dela parecia ter sido um honrado pequeno-burguês, batia-lhe sempre que a via com admiradores; mas Leona saía com rapazes apenas porque adorava sentar-se no terraço de uma confeitaria comendo sorvete enquanto observava dignamente os transeuntes. Não se poderia dizer que não fosse sensual, mas, como em todas as coisas, também nisso era preguiçosa e detestava atividade. Qualquer excitação em seu avantajado corpo precisava de muito tempo até chegar ao cérebro, e às vezes no meio do dia seus olhos começavam a se enevoar sem motivo, enquanto à noite tinham-se fixado imóveis num ponto do teto, como se observassem uma mosca ali pousada. Assim, também podia começar a rir, em pleno silêncio, de uma anedota que só então entendia embora a tivesse escutado dias atrás, quieta, sem a compreender. Quando não tinha nenhum motivo para fazer o contrário, era portanto muito decente. Nunca contara como chegara àquela profissão. Aparentemente, tinha esquecido. Via-se apenas que considerava a atividade de cantora parte necessária de sua vida, ligando-a a tudo o que de grandioso jamais ouvira sobre arte e artistas, de modo que lhe parecia uma atividade correta, edificante e nobre, postar-se cada noite num pequeno palco imerso em fumaça de charutos, e apresentar canções que nunca deixavam de emocionar os outros. Naturalmente, como é necessário para temperar a decência, não recuava diante de uma indecência eventual, mas estava firmemente convencida de que a prima-dona da Ópera Imperial fazia a mesma coisa.

Na verdade, se teirmos em chamar prostituição alguém entregar-se por dinheiro, não, como é comum, com toda a sua pessoa, mas apenas o seu corpo, então de vez em quando Leona se prostituía. Mas quem durante nove anos, como ela fazia desde os dezesseis, conhece a mesquinha dos ordenados que se pagam por dia nos cabarés vagabundos, e leva em consideração o preço das roupas, os descontos, a avareza e arbitrariedade dos proprietários, a porcentagem sobre a comida e bebida de clientes animados e sobre as contas dos quartos do hotel vizinho, quem tem de lidar

com tudo isso diariamente, brigar e calcular tudo comercialmente, sabe que aquilo a que os leigos chamam devassidão é uma profissão plena de lógica; objetividade e regulamentos. Exatamente a prostituição é um fenômeno no qual faz grande diferença se o encaramos de cima ou de baixo.

Mas embora Leona tivesse uma concepção absolutamente objetiva da questão sexual, não era desprovida de romantismo. Apenas todo o excesso, vaidade, desperdício, os sentimentos de orgulho, inveja, sensualidade, ambição, entrega, em suma, os instintos da personalidade e da ascensão social, se tinham nela ligado, por um capricho da natureza, não ao coração, mas ao *tractus abdominalis*, aos processos da alimentação; com os quais, aliás, em tempos antigos estavam regularmente ligados, o que hoje ainda se observa nos povos primitivos ou nos camponeses glutões que conseguem expressar a nobreza, e tudo o que distingue o ser humano, numa refeição festiva na qual se come em excesso, com toda a solenidade e todos os fenômenos concomitantes. Nas mesas do cabaré de segunda categoria, Leona cumpria o seu dever; mas sonhava com um cavalheiro que lhe permitisse, através de uma relação que durasse o tempo de seu contrato, sentar-se em fina postura diante do fino cardápio de um restaurante fino. Então teria gostado de comer de uma só vez de todos os pratos, e provocava-lhe uma satisfação dolorida e contraditória poder mostrar, ao mesmo tempo, que sabia escolher os pratos, e compor um menu sofisticado. Só nas sobremesas podia soltar a fantasia, e habitualmente, numa sequência inversa, estas se tornavam um lauto segundo jantar. Com café preto e bebidas Leona recuperava sua capacidade de comer e excitava-se com surpresas, até saciar sua paixão. Então seu corpo quase estourava de coisas finas. Ela olhava em torno, indolente e radiante, e embora nunca falasse muito, nesse estado gostava de comentar as delícias que comera. Quando dizia *Polmone à la Torlogna* ou *Maçãs à la Melville*, pronunciava isso como outra pessoa diria, em tom calculadamente casual, que falara com o príncipe ou lorde do mesmo nome.

Como aparecer em público com Leona não fosse exatamente do agrado de Ulrich, ele habitualmente a alimentava em sua casa, onde ela poderia comer em honra das galhadas de cervo e dos móveis de estilo. Mas assim, Leona sentia-se frustrada em seu prazer social, e quando o homem sem qualidades a excitava com os mais estranhos pratos que um cozinheiro consegue

produzir, levando-a a solitários excessos, ela se sentia usada, como uma mulher que sabe que não é amada por suas qualidades espirituais. Era bonita, era uma cantora, não precisava se esconder, e todas as noites era objeto dos desejos de algumas dúzias de homens que lhe teriam dado razão. Mas aquele homem, embora quisesse ficar sozinho com ela, nem ao menos dizia: “Santo Deus, Leona, a tua b... me deixa louco!”, lambendo os bigodes de apetite só de a contemplar, como habitualmente faziam os cavalheiros. Leona o desprezava um pouco, mas naturalmente lhe era fiel, e Ulrich sabia disso. Aliás, sabia muito bem o que fazer em companhia de Leona, mas passara há muito a época em que teria dito uma coisa daquelas e usara bigode. E quando não se consegue repetir o que se fazia em outros tempos, por tolo que seja, é como perder o uso da mão ou da perna.

Os olhos dele tremeluziam ao ver sua amiga depois que comida e bebida lhe tinham subido à cabeça. Podia-se separar cuidadosamente a beleza dela da pessoa dela. Era a beleza da duquesa que o Ekkerhard de Scheffel carregara sobre a soleira do convento, a beleza da castelã com o falcão pousado na luva, a beleza da lendária imperatriz Elisabete com sua pesada coroa de cabelos, uma delícia para pessoas já mortas. Para ser mais exato, ela também lembrava a divina Juno, mas não uma Juno eterna e permanente, e sim aquilo que num tempo passado ou quase se pensava de Juno. Assim, o sonho do ser fora emborcado apenas frouxamente sobre a matéria. Mas Leona sabia que um convite refinado merece recompensa, mesmo que o anfitrião nada espere, e que não devia apenas deixar-se olhar daquele jeito; por isso, assim que conseguia fazê-lo novamente, punha-se de pé e começava a cantar sem emoção mas com voz forte.

Para seu amigo, noites como aquela pareciam folhas arrancadas, animadas por toda a sorte de idéias e fantasias, mas mumificadas como tudo que é retirado de um contexto; e cheias daquela tirania do que se fixou eternamente e que constitui o fantasmagórico encanto dos quadros vivos, como se tivessem dado um sonífero à vida, e agora ela estivesse parada ali, hirta e cheia de alusões, com contornos nítidos, mas monstruosamente desprovida de sentido no quadro geral.

7

NUM MOMENTO DE FRAQUEZA, ULRICH ARRANJA OUTRA AMANTE

Certa manhã, Ulrich chegou em casa em péssimo estado. Suas roupas pendiam rasgadas, teve de fazer compressas molhadas na cabeça ferida, faltavam-lhe relógio e carteira. Não sabia se os três homens com quem brigara os tinham roubado ou se algum silencioso benfeitor os pegara quando ele estava desmaiado no asfalto. Deitou-se na cama, e enquanto o corpo abatido se sentia abrigado e cuidado, Ulrich refletiu mais uma vez sobre toda a aventura.

De repente, tinham aparecido três sujeitos: talvez tivesse roçado num deles na rua, numa hora tardia e solitária, pois estava distraído com outras idéias; mas mesmo assim, aqueles rostos, contorcidos à luz do lampião, expressavam uma raiva mais antiga. Ele cometera então um erro. Deveria ter recuado imediatamente, como quem tem medo, mas empurrando com as costas o sujeito que se metera atrás dele, ou enfiando o cotovelo em seu estômago, tentando ao mesmo tempo fugir, pois contra três homens fortes não se luta. Em vez disso, hesitara um instante. Era a idade: trinta & dois anos. A essa altura, hostilidade e amor exigem mais tempo. Ele não acreditava que os três rostos que o encaravam na noite com raiva e desprezo quisessem apenas seu dinheiro, imaginou que era ódio, ódio que confluía contra ele e se personificara; enquanto os malandros o insultavam com palavras grosseiras, pensou que podiam nem ser malandros mas cidadãos como ele, apenas bêbados e liberando suas inibições, e que, notando o vulto dele ao passar, descarregavam sobre ele o ódio que está sempre em todo mundo à espera de qualquer pessoa estranha, como uma tempestade iminente no ar. Ele próprio já sentira algo parecido. Hoje em dia, muitíssimas pessoas se sentem numa lamentável oposição a muitíssimas outras. É um traço fundamental de nossa cultura o homem desconfiar profundamente de pessoas fora do seu próprio meio; portanto, não só um ariano considera um judeu um ser incompreensível e inferior, mas um

jogador de futebol sente o mesmo diante de um pianista. Afinal, cada coisa só existe dentro de seus limites, afirmando-se como ato relativamente hostil contra o ambiente; sem Papa não teria havido Lutero, sem pagãos não teria havido Papa; por isso, não se pode negar que a mais intensa inclinação do homem por seus irmãos se baseie na repulsa deles.

Ulrich não pensou em tudo isso tão minuciosamente, é claro; mas reconhecia aquela vaga hostilidade que inunda nossa civilização; e quando ela de repente se cristaliza em três desconhecidos que atacarão como raios e trovoadas, sumindo depois para sempre, quase nos sentimos aliviados.

Mesmo assim, em se tratando de três malandros, a reflexão parece ter sido um tanto excessiva. Pois quando o primeiro atacou, e voou de volta porque Ulrich se adiantara dando-lhe um soco no queixo, teria sido necessário eliminar imediatamente o segundo; mas este foi apenas roçado pelo punho de Ulrich, a quem um golpe vindo de trás quase rachou o crânio. Ele caiu de joelhos, foi agarrado, conseguiu levantar-se com força quase sobrenatural, como em geral acontece depois do primeiro choque, esmurrou uma massa indefinida de corpos estranhos e acabou abatido por punhos que lhe pareciam crescer cada vez mais.

Constatado o erro que cometera, e que se limitava ao campo esportivo, como quando se dá um salto curto demais, Ulrich, com nervos excelentes, adormeceu tranquilamente, atraído pelas mesmas espirais flutuantes da inconsciência que o tinham engolido quando fora derrubado.

Ao acordar, certificou-se de que os ferimentos não eram graves, e refletiu de novo sobre o acontecido. Uma briga sempre deixa uma sensação ruim, por assim dizer de uma intimidade precipitada, e Ulrich sentiu que, mesmo tendo sido atacado, não se portara adequadamente. Mas adequar-se a quê? Junto das ruas onde a cada trezentos passos um policial pune a menor infração da ordem, há outras que exigem força e atenção, como uma floresta virgem. A humanidade produz bíblias e armas, tuberculose e tuberculina. É uma democracia com reis e aristocratas; constrói igrejas, mas constrói universidades que as combatem; transforma mosteiros em casernas, mas nas casernas coloca capelães militares; naturalmente também coloca nas mãos de bandidos mangueiras de borracha recheadas de chumbo, para atormentarem outras pessoas, e depois prepara cobertores macios para as

vítimas desses maus-tratos, como as cobertas que agora envolviam Ulrich com carinho e proteção.

Tudo isso é o conhecido fato dos paradoxos, da incoerência e imperfeição da vida, que nos fazem rir ou chorar. Ulrich porém não era assim. Odiava aquela mescla de desapego e exagerado apego à vida, com que suportamos suas contradições e meias-verdades, como uma tia solteirona tolera as má-criações de um jovem sobrinho. Mas não saltou da cama ao ver que ficar deitado nela era tirar vantagem da desordem nas relações humanas; pois evitar pessoalmente o mal e fazer o bem, mas não se importar com a ordem geral é, em muitos sentidos, um compromisso precipitado com a consciência à custa da causa, um curto-circuito, uma fuga para o mundo particular. Depois daquela involuntária experiência, Ulrich chegou a pensar que valia muito pouco eliminarem-se armas, ou reis, e reduzir a ignorância e maldade humanas com o progresso; pois as objeções e maldades são sempre substituídas por outras, como se uma perna do mundo escorregasse para trás cada vez que a outra avança. Seria preciso entender a causa e mecanismo secreto desse processo! Isso seria mais importante do que ser um bom homem segundo princípios breve superados; assim, em assuntos de moral Ulrich preferia o serviço no estado-maior ao heroísmo cotidiano da prática do bem.

Recordou mais uma vez a continuação daquela aventura noturna. Quando voltara a si depois da briga de final infeliz, um táxi parará à beira da calçada; o motorista tentara erguer pelos ombros o estranho ferido, e uma dama de expressão angelical inclinara-se sobre ele. Nesses momentos em que a consciência volta de muito fundo, tudo nos parece um livro de contos de fadas; mas logo o desmaio cedera à lucidez, e a presença daquela mulher que se interessava por ele bafejou Ulrich, reanimando-o como água-de-colônia; ele logo viu que não estava muito machucado, e tentou pôr-se de pé da melhor maneira possível. Não conseguiu isso logo como desejava, e a dama ofereceu-se, preocupada, para levá-lo a algum lugar onde encontrasse ajuda. Ulrich pediu que o levassem para casa, e como ainda parecesse desamparado e confuso, a dama consentiu. No carro ele se recuperara depressa. Sentia nela uma presença maternal, uma doce nuvem de romântica solicitude, em cujo calor agora começavam a formar-se os pequenos cristais de gelo da dúvida e do medo de um ato irrefletido,

enquanto ele voltava a ser um homem, e os cristaizinhos enchiam o ar, macios como neve caindo. Contou sua experiência, e a bela mulher, só um pouco mais jovem do que ele, portanto com talvez trinta anos, lamentou a brutalidade das pessoas, e sentiu uma pena imensa.

Naturalmente Ulrich começou a justificar vivamente o que acontecera e declarou à suprendida beldade maternal que brigas não podiam ser avaliadas segundo seu resultado. O encanto delas residia no fato de que em um pequeno lapso de tempo é preciso agir com uma rapidez que habitualmente não tem lugar na vida burguesa e, guiado por sinais quase imperceptíveis, executar tantos movimentos variados, violentos, mas ainda assim exatos, que é totalmente impossível controlá-los com a consciência. Ao contrário, qualquer esportista sabe que já alguns dias antes de uma competição é preciso parar com o treinamento, para que os músculos e nervos possam fazer um último acordo entre si, sem que a vontade, a intenção e a consciência estejam presentes ou possam intervir. No momento da ação é sempre assim, descreveu Ulrich: os músculos e nervos saltam e lutam com o eu; mas este, o corpo como um todo, a alma, a vontade, toda essa pessoa limitada como individualidade pelo direito civil, é carregada por eles como Europa sentada sobre o touro; e se não fosse assim, se infelizmente o menor raio de reflexão caísse nessa treva, a empresa fracassaria.

Ulrich dissera tudo isso sempre mais entusiasmado. No fundo, afirmou então, achava que aquela experiência de total retraimento ou ruptura da consciência se ligava a experiências perdidas que os místicos de todas as religiões conheciam, portanto de certa forma eram um substituto atual de necessidades eternas; e embora fossem um mau substituto, ao menos era alguma coisa; e o boxe, ou esportes semelhantes, que colocam isso num sistema racional, seriam uma espécie de teologia, embora não se possa esperar que todo mundo compreenda isso.

Talvez Ulrich falasse tão vivamente com sua companheira por desejar fazê-la esquecer a triste situação em que o encontrara. Nessas circunstâncias era difícil para ela saber se ele falava a sério ou de brincadeira. De qualquer modo, parecia-lhe natural ele tentar explicar a teologia com o esporte, e talvez até fosse interessante, pois esporte é uma coisa moderna, e teologia algo misterioso, embora inegavelmente ainda existam muitas igrejas. E,

fosse como fosse, ela achava que um acaso feliz a fizera salvar um homem muito brilhante; mas também ficou pensando se ele não teria sofrido uma comoção cerebral.

Ulrich, querendo dizer alguma coisa sensata, aproveitou a ocasião para comentar, em tom casual, que também o amor fazia parte das experiências religiosas e perigosas, porque tirava os homens dos braços da razão para deixá-los flutuando no ar.

Sim, disse a dama, mas esporte era uma coisa rude.

Certamente, admitiu Ulrich depressa, esporte era uma coisa rude. Podia-se dizer que nas competições se descarrega um ódio sutilmente distribuído, um ódio generalizado. Naturalmente afirmava-se o contrário, que o esporte une, faz camaradas, e coisas assim; mas isso no fundo apenas comprovava que rudeza e amor não estão mais distantes um do outro do que as duas asas de um grande pássaro colorido e silencioso.

Ele acentuara as asas e o colorido pássaro silencioso — idéia sem muito sentido, mas cheia daquela incrível sensualidade com que a vida, em seu corpo desmedido, une todos os contrários rivais. Notou que sua vizinha não compreendia nada disso; a macia sensação de neve caindo, que a presença dela espalhava pelo carro, tomara-se entretanto ainda mais densa. Então ele se virou bem para ela e perguntou se não gostava de falar em assuntos do corpo. O corpo estava se tomando moda, e no fundo isso dava uma sensação sinistra, pois ele, quando muito bem treinado, assumia o comando e reagia a cada excitação, sem nada perguntar, com movimentos automatizados, com tamanha segurança, que ao seu dono restava apenas a inquietante sensação de observar, enquanto seu caráter se evadia junto com uma parte qualquer do corpo.

Pareceu realmente que essa pergunta tocara fundo a jovem; ela se mostrou excitada com essas palavras, ficou de respiração agitada e afastou-se um pouquinho, cautelosa. Um mecanismo semelhante ao descrito acima, uma inspiração funda, um rubor da pele, pulsações do coração, e talvez alguma coisa mais, parecia estar agindo nela. Mas exatamente nesse momento o carro parará diante da casa de Ulrich. Ele apenas pôde sorrir e pedir o endereço de sua salvadora, para o devido agradecimento, mas para seu espanto ela não lhe concedeu esse favor. Assim, o portão de ferro preto batido fechou-se atrás de um estranho surpreso. Provavelmente depois disso

as árvores de um parque antigo tinham-se erguido, altas e escuras, na luz de lâmpadas elétricas, janelas se haviam acendido, e as alas inferiores de um castelinho semelhante a um *boudoir* haviam-se estendido sobre um relvado verde-esmeralda bem aparado, um pouco das paredes aparecera, cobertas de quadros e prateleiras de livros coloridos, e o companheiro de viagem, depois das despedidas, fora absorvido por aquela existência inesperadamente bela.

Assim tinha acontecido; mas enquanto Ulrich ainda refletia sobre a inconveniência de vir a ter perdido tempo com mais uma dessas aventuras amorosas das quais estava cheio, foi-lhe anunciada uma dama que não queria dizer o nome e entrou coberta por um longo véu. Era ela, que não tinha mencionado nome nem endereço, e que agora, com o pretexto de ver como ele estava, tomava, romântica e caridosa, a iniciativa de prosseguir a aventura.

Duas semanas depois, Bonadéia já era amante dele há catorze dias.

8

KAKÂNIA

Na idade em que ainda se levam a sério coisas como alfaiate e barbeiro e se gosta de olhar no espelho, muitas vezes nos imaginamos em algum lugar onde gostaríamos de passar a vida, ou pelo menos um lugar onde é elegante viver, mesmo sentindo que, pessoalmente, não seria tão bom estar lá. Uma dessas obsessões é há muito tempo uma espécie de cidade superamericana, onde todo mundo corre ou pára com cronômetro na mão. Céu e terra formam um formigueiro varado pelos diversos andares de ruas sobrepostas. Trens aéreos, trens terrestres, trens subterrâneos, pessoas transportadas por correio pneumático, comboios de automóveis disparam na horizontal, ascensores rápidos bombeiam verticalmente massas humanas de um nível de trânsito a outro; salta-se de um meio locomotor a outro nos pontos de junção, sem pensar, sugado e arrebatado pelo ritmo dos veículos, que entre duas corridas trovejantes fazem uma síncope, uma pausa, uma pequena brecha de vinte segundos; trocam-se algumas palavras nos intervalos desse ritmo geral. Perguntas e respostas articulam-se como peças de máquina, cada pessoa tem apenas tarefas bem determinadas, as profissões estão agrupadas em lugares certos, come-se em pleno movimento, as diversões estão reunidas noutras partes da cidade, e em outros locais encontram-se as torres onde ficam esposa, família, gramofone e alma. Tensão e distensão, atividade e amor são minuciosamente separadas no tempo, e equilibradas segundo experiências de laboratório. Caso haja alguma dificuldade em qualquer dessas ações, simplesmente se larga tudo; pois encontra-se outra coisa, ou eventualmente algum caminho melhor, ou outro encontrará o caminho que nós não achamos; não tem nenhuma importância, uma vez que nada causa tanto desperdício da força comum quanto presumir que se tem missão de não largar determinado objetivo pessoal. Numa comunidade através da qual correm energias, todo caminho leva a um bom objetivo, desde que não se hesite nem reflita demais. Os objetivos são a curto prazo;

mas também a vida é curta, e assim conseguimos arrancar dela um máximo de realização. A pessoa não precisa mais que isso para ser feliz, pois aquilo que se obtém modela a alma, enquanto aquilo que se deseja, sem conseguir, apenas a deforma; para a felicidade importa muito pouco o que se deseja, mas apenas que seja obtido. Além disso, a zoologia ensina que de uma soma de indivíduos reduzidos pode resultar um todo genial.

Não é certo que tudo tenha de acontecer dessa maneira, mas esse tipo de idéias faz parte dos sonhos de viagem, nos quais se espelha a impressão de movimento incessante que nos arrebatam. São superficiais, inquietas e breves. Sabe Deus o que virá. A cada minuto pensamos ter na mão um começo, e achamos que deveríamos traçar um plano para todos nós. Se as velocidades não nos agradam, inventemos outra coisa! Por exemplo, algo bem lento, uma felicidade nevoenta como uma serpente marinha misteriosa e com o profundo olhar bovino com que já os gregos sonhavam. Mas não é nada disso. A marcha do tempo nos domina. Andamos com ela dia e noite, e fazemos dentro dela todo o resto; nos barbeamos, comemos, amamos, lemos livros, exercemos nossa profissão, como se as quatro paredes estivessem imóveis; e o inquietante é saber que as paredes se movem, sem notarmos nada, lançam seus trilhos à frente como longos fios sinuosos, tateiam, sem que se saiba para onde. Além disso queremos se possível fazer parte das forças que determinam o curso do tempo. É um papel obscuro, e acontece, quando olhamos para fora após um intervalo mais longo, que a paisagem mudou; o que passa voando o faz porque só pode ser assim, mas apesar da resignação cresce a sensação incômoda de que seguimos além de nossa meta ou entramos por um caminho errado. E um dia, surge a necessidade urgente: desembarcar! Saltar! Ânima de parar, de não avançar mais, de ficar atolado, de voltar a um ponto antes daquela encruzilhada falsa! Nos bons velhos tempos do Império Austríaco podia-se saltar do trem do tempo, entrar num trem comum e voltar à terra natal.

Na Kakânia, esse país desaparecido, incompreendido, em tantas coisas exemplar mas não reconhecido, havia dinamismo, mas não demais. Sempre que, indo para o exterior, se pensava naquela terra, pairava diante dos olhos a imagem das estradas alvas, largas e nobres do tempo das caminhadas e diligências, cortando o país em todas as direções como rios ordenados,

claras fitas de tecido riscado, rodeando as terras com o alvo braço de papel da administração. Que províncias aquelas! Havia geleira e mar, aluvião e trigais da Boêmia, noites do Adriático cricrilando com a inquietação dos grilos, aldeias eslovacas onde a fumaça sobe de chaminés como de narinas arrebitadas e a aldeia se agacha entre duas colinas baixas como se a terra abrisse os lábios para soprar calor em sua filha. Naturalmente também corriam automóveis nessas estradas, mas não muitos; também ali se preparavam para conquistar os ares, mas não com muita ênfase. Aqui e ali mandava-se um navio para a América do Sul ou Ásia Oriental, mas não muito seguidamente. Não se tinham ambições de economia mundial nem potência mundial; estávamos instalados no centro da Europa onde se cruzam os velhos eixos do mundo; as palavras “colônia” e “além-mar” pareciam algo novo e remoto. Apreciava-se o luxo, mas nem de longe tão sofisticado como o dos franceses. Praticavam-se esportes, mas não com a loucura dos anglo-saxões. Gastavam-se imensas somas com o exército, mas só o suficiente para continuar sendo a penúltima das grandes potências. Também a capital era um pouquinho menor do que todas as demais maiores cidades do mundo, mas um pouquinho maior do que são as meras grandes cidades. Esse país era governado de maneira esclarecida, quase imperceptível, limando prudentemente toda as arestas, pela melhor burocracia da Europa, que só se podia acusar de um erro: o gênio e o espírito genial de iniciativa em indivíduos particulares, que não tinham por nascimento aristocrático ou missão oficial esse privilégio, eram considerados por ela um comportamento petulante e presunçoso. Mas quem gosta de deixar que incompetentes se metam em sua vida? E na Kakânia só se tomava um gênio por patife, nunca se tomava um patife por gênio, como acontecia em outras partes.

Aliás, quanta coisa singular se podia dizer sobre essa Kakânia submersa! Por exemplo, ela era *kaiserlich-königlich* e *kaiserlich und königlich*, ou seja, imperial e real; um dos dois sinais, *K.K.* ou *K. e K.*, marcava cada pessoa e coisa, mas mesmo assim era preciso uma sabedoria secreta para poder distinguir sempre com segurança que instituição ou pessoa se devia chamar *K.K.* ou *K. e K.* Por extenso, chamava-se Monarquia Austro-Húngara, mas popularmente era chamada Áustria, com um nome, portanto, a que havia renunciado com um solene juramento de estado, mas que mantinha em todos os assuntos sentimentais, para mostrar que sentimentos

são tão importantes quanto o direito público, e que regulamentos não são a coisa realmente séria da vida. A constituição era liberal, mas o regime era clerical. O regime era clerical, mas se vivia de forma liberal. Todos os cidadãos eram iguais diante da lei, mas nem todos eram cidadãos. Havia um parlamento que fazia tamanho uso de sua liberdade, que habitualmente o mantinham fechado; mas também havia um parágrafo de exceção com ajuda do qual passavam sem o Parlamento, e quando todos já estavam contentes com o absolutismo, a Coroa invariavelmente determinava a volta do regime parlamentar. Havia muitas dessas singularidades naquele país, e entre elas estavam as brigas nacionais, que chamavam justamente a atenção da Europa, e hoje são descritas de maneira tão errada. Eram tão fortes, que por sua causa a máquina do estado parava várias vezes ao ano, mas nos intervalos e pausas de governo todos se davam magnificamente bem, fazendo de conta que nada acontecera. E não acontecera mesmo nada de real. Apenas a resistência de todo ser humano contra os esforços de outro ser humano, que hoje é geral, tinha naquele país já muito cedo se desenvolvido; podemos mesmo dizer que se tornara um cerimonial sublimado, que poderia ter consequências bem maiores se sua evolução não tivesse sido interrompida antes do tempo por uma catástrofe.

Pois não apenas a repulsa aos concidadãos ascendera ali à condição de sentimento comunitário: também a desconfiança com relação à própria pessoa e destino assumira caráter de profunda convicção. Naquele país, sempre se pensava uma coisa e fazia outra — e isso até mesmo de forma extremamente apaixonada, sem medir consequências — ou se fazia uma coisa e pensava outra. Observadores desinformados julgavam isso cortesia, ou até fraqueza do que pensavam ser o caráter austríaco. Mas era falso; e sempre é falso explicar os fenômenos de um país através do caráter de seus habitantes. Pois um habitante tem no mínimo nove caracteres, o profissional, o nacional, o estatal, o de classe, o geográfico, o sexual, o consciente e o inconsciente, e talvez ainda um caráter particular: reúne todos em si, mas eles o desagregam; na verdade, ele não passa de uma pequena cova lavada por muitos riachinhos, que desaparecem nela, para depois voltarem a brotar e, junto com outros riachinhos, encherem outra cova. Por isso, todo habitante da terra tem ainda um décimo caráter, que não é senão a fantasia passiva de espaços não preenchidos; este permite tudo ao ser humano, menos uma coisa: levar a sério aquilo que seus outros nove — no mínimo

— caráteres fazem, e o que acontece com eles; em outras palavras, exatamente aquilo que o deveria preencher. Esse espaço que, como se vê, é de difícil descrição, varia na cor e na forma, por exemplo da Itália para a Inglaterra, na medida em que variam a cor e a forma daquilo que dele se destaca, mas, de fato, é sempre idêntico, um aposento vazio e invisível, no qual se posta a realidade como uma cidadezinha de blocos, de brinquedo, que a fantasia tenha abandonado.

Na medida em que possa ser visível aos olhos de todos, isso acontecera na Kakânia, e nesse ponto, sem que o mundo soubesse, a Kakânia era o estado mais adiantado; era o estado que de alguma forma ia apenas se levando; nele, as pessoas eram negativamente livres, constantemente envoltas na consciência dos motivos insuficientes da própria existência, e banhadas pela grande fantasia do não-acontecido, ou do ainda-não- definitivamente-acontecido, como pelo sopro dos oceanos dos quais surgiu a humanidade.

“Passou-se”, diziam lá, quando outras pessoas, de outros lugares, acreditavam ter acontecido não se sabe que milagre; era uma expressão singular, que não aparece em nenhum outro lugar de língua alemã, nem em outros idiomas; em seu sopro, fatos e golpes do destino se tornavam leves como plumas e pensamentos. Sim, apesar de muita coisa que depõe em contrário, a Kakânia talvez ainda fosse um país para gênios; e provavelmente foi isso que a arruinou.

9

PRIMEIRA DE TRÊS TENTATIVAS DE TORNAR-SE UM HOMEM IMPORTANTE

Esse homem que voltara para casa não conseguia lembrar nenhum período de sua vida que não tivesse sido animado pela vontade de se tornar uma pessoa importante; Ulrich parecia ter nascido com esse desejo. É verdade que nesse desejo também se podem esconder vaidade e ignorância; apesar disso, não é menos verdade que é um desejo belo e correto, sem o qual provavelmente não haveria muitas pessoas importantes.

O fatal era apenas que ele não sabia como a gente se torna importante, nem o que é um homem importante. Nos seus tempos de escola, pensava que Napoleão o fosse, em parte devido à natural admiração dos jovens pelo crime, em parte porque os professores apontavam esse tirano, que tentou colocar a Europa de cabeça para baixo, como sendo o pior criminoso da história. O resultado foi que, assim que escapou da escola, Ulrich se tornou alferes de um regimento de cavalaria. Naquela época, se indagassem dos motivos dessa escolha, ele provavelmente não teria mais respondido: para me tornar um tirano; mas esses desejos são jesuíticos; o gênio de Napoleão apenas começou a se desenvolver depois que ele se tornara general, e como é que Ulrich, simples alferes, teria podido convencer seu comandante da necessidade de chegar a essa condição?! Já nos exercícios de esquadrão, via-se não raro que o comandante pensava de outro modo. Apesar disso, Ulrich não teria amaldiçoado a praça de exercícios, em cujo pacífico relvado não se distingue presunção de vocação, se não fosse tão ambicioso. Naquele tempo, não dava o mínimo valor a expressões pacifistas como “educação armada do povo”, mas recordava com paixão os tempos heróicos de feudalismo, violência e orgulho. Participava de corridas de cavalo, duelava, e distinguia apenas três espécies de pessoas: oficiais, mulheres e civis; os últimos eram uma classe fisicamente não desenvolvida e espiritualmente desprezível, cujas mulheres e filhas eram arrebatadas pelos

oficiais. Entregou-se a um pessimismo sublime: parecia-lhe que se a profissão de soldado é um instrumento aguçado e ardente, era preciso queimar e cortar o mundo com esse instrumento, para seu próprio bem.

Teve sorte de mesmo assim não lhe acontecer nada de mal naquele tempo, mas certo dia passou por uma experiência. Sofreu, numa reunião, uma pequena desavença com um conhecido financista, e quis resolver tudo à sua maneira grandiosa, verificando então que também entre os civis há homens que sabem defender os membros femininos de suas famílias. O financista teve uma conversa com o Ministro da Guerra, a quem conhecia pessoalmente, e o resultado foi que Ulrich teve um longo encontro com seu superior, no qual lhe explicaram a diferença entre um arquiduque e um simples oficial. A partir dali, a profissão militar não lhe agradou mais. Esperara encontrar-se num palco de aventuras que abalasses o mundo, cujo herói seria ele próprio, e de repente via um jovem embriagado fazendo desordem numa grande praça vazia, onde só as pedras lhe respondiam. Percebendo isso, despediu-se daquela carreira ingrata, na qual acabara de chegar a tenente, e deixou o serviço militar.

10

SEGUNDA TENTATIVA. INÍCIOS DE UMA MORAL DO HOMEM SEM QUALIDADES

Mas, ao passar da cavalaria para a técnica, Ulrich apenas trocou de cavalo; o novo tinha membros de aço, e corria dez vezes mais depressa.

No mundo de Goethe, o ruído dos teares ainda perturbava, mas no tempo de Ulrich começava-se a descobrir a canção das salas de máquinas, martelos de arrebite e sirenes de fábrica. Não se acredite com isso que as pessoas tenham imediatamente notado que um arranha-céu é maior do que um homem a cavalo; ao contrário, ainda hoje, quando se querem dar importância, não se sentam sobre um arranha-céu e sim sobre um cavalo alto^[2], são rápidas como o vento e têm visão aguçada, mas não como um telescópio gigante, e sim como uma águia. Sua emoção não aprendeu ainda a servir-se da razão, e entre as duas há uma diferença de evolução tão grande como entre o apêndice e o córtex cerebral. Portanto, não é uma grande sorte descobrir, como Ulrich logo depois da adolescência, que em tudo o que considera superior o homem é bem mais antiquado do que suas máquinas.

No momento em que iniciou o estudo de mecânica, Ulrich sentiu um entusiasmo febril. Para que se precisa do *Apolo del Belvedere*, se temos diante dos olhos novas formas de um turbo-dinamo ou o jogo de pistões de uma máquina a vapor? Quem se encantaria com a milenar conversa sobre o bem e o mal depois de constatar que não são “constantes”, mas “valores funcionais”, de forma que o valor das obras depende das circunstâncias históricas, e o valor das pessoas depende da habilidade psicotécnica com que avaliamos suas qualidades? O mundo é realmente cômico, analisado do ponto de vista da técnica; nada prático nas relações humanas, altamente antieconômico e inexato em seus métodos; e quem estiver habituado a resolver seus problemas com a régua de cálculo, simplesmente não pode mais levar a sério metade das afirmações dos homens. A régua de cálculo

consta de dois sistemas de cifras e traços combinados com inaudita argúcia, de duas varetas laqueadas de branco, que deslizam uma sobre a outra, dois recortes em forma de trapézio, com ajuda dos quais se resolvem num instante as tarefas mais complicadas, sem desperdiçar nem um pensamento; a régua de cálculo é um pequeno símbolo que se carrega no bolso interno do casaco, e se sente sobre o coração como um traço branco e duro: quem possui uma régua de cálculo, e encontra alguém que faz afirmações grandiosas ou tem sentimentos grandiosos, diz: um momento, primeiro vamos calcular as margens de erro e o valor mais provável de tudo isso!

Era sem dúvida uma concepção vigorosa da engenharia. Formava a moldura de um belo futuro auto-retrato, mostrando um homem com traços decididos, cachimbo entre os dentes, gorro de esporte na cabeça, movendo-se entre a Cidade do Cabo e o Canadá em magníficas botas de montaria, concretizando grandes projetos para a sua empresa. Entrementes, ainda há tempo para extrair do pensamento técnico algum conselho para a organização e governo do mundo, ou formular ditos como o de Emerson, que se devia pendurar em todas as oficinas: “As pessoas andam pelo mundo como profecias do futuro, e todos os seus atos são tentativas e experiências, pois cada ação pode ser superada pela ação seguinte!”

Para ser exato, essa frase fora fabricada por Ulrich, com várias frases de Emerson.

É difícil dizer por que engenheiros não correspondem exatamente a essa imagem. Por que, por exemplo, usam tão frequentemente a corrente de relógio subindo numa curva vertical do bolsinho do colete até um botão mais alto, ou a deixam cair sobre o ventre formando uma sílaba longa e duas curtas, como num poema? Por que gostam de usar alfinetes de lapela com dentes de cervo, ou colocar pequenas ferraduras nas gravatas? Por que seus ternos são feitos como os primeiros automóveis? E, finalmente, por que é raro falarem de outra coisa além da sua profissão? E, quando o fazem, por que têm essa maneira de falar especial, rígida, indiferente, alheada, apenas da boca para fora? Naturalmente isso não vale para todos, mas para muitos, e os que Ulrich conheceu ao começar o trabalho num escritório de fábrica eram assim, e no seu segundo emprego também eram. Mostravam-se estreitamente ligados às pranchetas de desenho, amantes da sua profissão,

com uma admirável eficiência; mas, se lhes sugerissem aplicar a si próprios e não às suas máquinas aquelas idéias audaciosas, achariam isso tão antinatural quanto usar um martelo para matar.

Assim, terminou depressa a segunda tentativa, mais madura, de Ulrich tornar-se um homem extraordinário, usando o caminho da técnica.

11

A TENTATIVA MAIS IMPORTANTE

Pensando naquele tempo, Ulrich poderia hoje sacudir a cabeça, como se lhe falassem da transmigração de sua alma; sua terceira tentativa era diferente. Entende-se que um engenheiro se deixe absorver por sua especialidade, em vez de entregar-se à liberdade e amplidão do mundo dos pensamentos, embora suas máquinas sejam entregues até nos confins do mundo; pois precisa tão pouco ser capaz de transportar para sua alma particular o que há de audacioso e novo na alma de sua técnica, quanto uma máquina é capaz de aplicar a si mesma as equações infinitesimais que serviram para a sua criação. Mas da matemática não se pode dizer isso; nela reside a nova lógica, o próprio espírito, nela estão as fontes do tempo e a origem de uma extraordinária transformação.

Se for a concretização de sonhos ancestrais voar e viajar com os peixes, atravessar montanhas gigantescas, enviar mensagens com velocidade de deuses, ver o invisível a distância e ouvi-lo falar, ouvir falarem os mortos, deixar-se mergulhar em miraculosos sonos terapêuticos, poder ver como pareceremos vinte anos após nossa morte, saber em noites estreladas que há milhares de coisas acima e debaixo desta terra, das quais ninguém outrora tinha conhecimento; se luz, calor, força, prazer, conforto, forem sonhos ancestrais do homem — então a pesquisa atual não é apenas ciência mas magia, uma cerimônia de altíssima força emocional e cerebral diante da qual Deus desdobra uma a uma as pregas do seu manto, uma religião, cujo dogma é repassado e impelido pela dura, corajosa e flexível lógica matemática, fria e afiada como um bisturi.

Na verdade, não se pode negar que esses sonhos ancestrais, na opinião dos não- matemáticos, se concretizaram de repente de um modo bem diverso do que se imaginara. A cometa do postilhão de Munchhausen era mais bela do que a voz em conserva, industrial; a bota de sete léguas, mais bela do que

um caminhão; o reino de Larino, mais belo do que um túnel de ferrovia; a mandrágora, mais bela do que um foto-telegrama; comer o coração da própria mãe para compreender os pássaros era mais belo do que estudar psicologia animal sobre a expressividade dos pios. Ganhou-se em realidade, perdeu-se em sonho. Não nos deitamos mais sob a árvore, espiando o céu entre o dedo grande do pé e o dedo médio, mas trabalhamos; também não devemos passar fome nem sonhar demais, se quisermos ser eficientes, mas comer bifês e fazer exercício. É exatamente como se a velha humanidade ineficiente tivesse adormecido sobre um formigueiro; quando despertou a humanidade nova, as formigas tinham entrado no seu sangue, e desde então ela precisa fazer movimentos incessantes, sem conseguir se livrar desse chatíssimo ímpeto de fanatismo pelo trabalho. Realmente não é preciso falar muito a respeito; a maioria das pessoas sabe perfeitamente, hoje, que a matemática entrou em todos os campos de nossa vida, como um demônio. Talvez nem todas essas pessoas acreditem na história do Diabo a quem se pode vender a alma; mas todas as pessoas que entendem alguma coisa de alma, por serem sacerdotes, historiadores e artistas, e tirarem boas vantagens disso, testemunham que foi a matemática que arruinou a alma, que a matemática é a fonte de uma inteligência perversa que faz do homem senhor da terra mas escravo da máquina. A secura interior, a monstruosa mistura de sensibilidade para os detalhes e indiferença para o todo, o enorme desamparo do ser humano num deserto de minúcias, sua inquietação, maldade, a incrível frieza do coração, cobiça, crueldade e violência que caracterizam nossa era, seriam, segundo esses relatos, resultado dos prejuízos que um aguçado pensamento lógico traz à alma! E assim, já no tempo em que Ulrich se tomou matemático, havia pessoas que profetizavam a derrocada da cultura européia, porque nenhuma crença, nenhum amor, nenhuma candura restavam no ser humano; e significativamente todos foram maus matemáticos na juventude e nos anos escolares. Isso provou para eles, mais tarde, que a matemática, mãe da ciência natural exata, avó da técnica, também é mãe ancestral daquele espírito do qual finalmente brotaram os gases venenosos e os pilotos de guerra.

Só os próprios matemáticos e seus discípulos, os cientistas naturais, que sentiam em suas almas tão pouco disso tudo quanto os corredores de bicicleta, que pisam no pedal e nada vêem do mundo senão a roda traseira

do concorrente diante deles, viviam na ignorância desses perigos. Ulrich, porém, com certeza amava a matemática, por causa das pessoas que não a suportavam. Era menos um cientista do que alguém humanamente apaixonado pela ciência. Via que em todas as questões que esta julga de sua competência, cultivava um pensamento diverso do das pessoas comuns. Se colocássemos, em lugar de idéias científicas, idéias filosóficas, em vez de hipótese, experiência, e em vez de verdade, ação, não haveria obra de cientista natural ou matemático respeitável que, por sua coragem e força revolucionária, não superasse em muito as maiores façanhas da história. Ainda não nasceu o homem capaz de dizer aos seus discípulos: Roubem, matem, sejam lascivos... nossa doutrina é tão forte que transforma o estrume desses pecados em claros e espumantes riachos de montanha; mas na ciência acontece periodicamente que algo que até então era considerado erro, de repente inverte todas as idéias, ou quê um pensamento insignificante e desprezado começa a dominar todo um novo reino de idéias; e esses fatos não são apenas revoluções, mas constituem um caminho ascendente, como uma escada para o céu. Na ciência as coisas são tão fortes, superiores e magníficas como num conto de fadas. E Ulrich sentia: as pessoas apenas não sabem disso; não têm idéia de como se pode pensar; se pudéssemos ensiná-las a pensar diferente, também viveriam de modo diferente.

Certamente há de se perguntar se o mundo é tão errado que se precise mudá-lo a toda hora. Mas o próprio mundo já deu duas respostas. Pois desde que ele existe a maior parte das pessoas foi favorável à mudança, na juventude. Acharam ridículo que os mais velhos se prendessem às coisas permanentes e pensassem com seu coração, aquele pedacinho de carne, em vez de pensarem com o cérebro. Esses jovens sempre perceberam que a ignorância moral dos mais velhos é uma falta de capacidade para estabelecer novas ligações, como a habitual ignorância intelectual, e que a sua própria moral natural é uma moral de realizações, heroísmo e transformação. Contudo, assim que chegavam à idade de concretizar, não sabiam mais nada de tudo aquilo, nem queriam saber. Por isso, muitas pessoas para quem a matemática ou a ciência natural são profissões julgariam abusivo decidir-se pela ciência por motivos como os de Ulrich.

Apesar disso, na opinião dos especialistas não foi pouco o que ele fez nessa terceira profissão, desde que a abraçou, há anos.

12

A DAMA CUJO AMOR ULRICH CONQUISTOU DEPOIS DE UMA CONVERSA SOBRE ESPORTE E MÍSTICA

Afinal, também Bonadéia aspirava às grandes idéias.

Bonadéia era a dama que salvara Ulrich naquela sua infeliz noite de boxeador, e na manhã seguinte o visitara, coberta de espessos véus. Ele a batizara Bonadéia, a boa deusa, por ter entrado daquele modo em sua vida, e também segundo o nome de uma deusa da castidade que tivera, na velha Roma, um templo que, por uma bizarra inversão, se tornara centro de todos os excessos. Aquele nome sonoro que Ulrich lhe dera agradou à dama, e ela o usava nas suas visitas, como um traje luxuosamente bordado.

— Então eu sou a sua boa deusa — perguntou —, a sua *bona dea*? — E para pronunciar corretamente essas duas palavras passava os braços pelo pescoço dele e o encarava, emocionada, a cabeça levemente inclinada para trás.

Era esposa de um homem importante, e mãe carinhosa de dois belos meninos. Sua expressão preferida era “decentíssimo”, e aplicava-a a pessoas, criados, negócios e sentimentos, sempre que queria fazer-lhes um elogio. Era capaz de dizer “o que é verdadeiro, bom e belo” com a mesma frequência e naturalidade com que as outras pessoas dizem “quinta-feira”. O que mais satisfazia à sua necessidade de idéias era imaginar uma vida sossegada e idealizada no círculo do marido e dos filhos, e, muito abaixo, o mundo sombrio do “não me deixes cair em tentação”, com seu horror enevoando aquela felicidade radiante, transformando-a em fraca luz de lâmpada. Ela só tinha um defeito: a simples visão de um homem a excitava de maneira incrível. Não que fosse lasciva; era sensual, como outras pessoas têm lá seus problemas, por exemplo, transpirar nas mãos ou corar com facilidade. Aparentemente nascera assim, e não o conseguia evitar. Quando

conhecera Ulrich, em condições tão romanescas que lhe excitavam a fantasia, tornara-se no mesmo momento vítima de uma paixão que começara como piedade, mas depois de breve e intensa luta transformou-se em emoções secretas e proibidas, continuando então como alternantes acessos de pecado e remorso.

Ulrich era mais um dos incontáveis casos em sua vida. Os homens, percebendo uma tal situação, costumam tratar essas mulheres sedentas de amor como tratariam idiotas a quem se engana com os truques mais tolos, fazendo-os cair sempre no mesmo tropeço. Pois os mais delicados sentimentos masculinos são mais ou menos como o rosnado de um tigre diante de um naco de carne, e qualquer coisa que os perturba os irrita imensamente. Assim, muitas vezes Bonadéia levava uma vida dupla, como qualquer cidadão respeitável que nas festas mais sombrias da consciência é um assaltante de trens; portanto, sempre que não estava nos braços de um homem, aquela dama tranquila e majestosa sentia-se sufocar de autodesprezo devido às mentiras e humilhações a que se expunha para ser abraçada. Quando excitada, era melancólica e bondosa, numa mescla de fervor e lágrimas, brutal naturalidade e inevitável remorso.

Quando seu fervor se retraía à depressão iminente, ela adquiria um encanto excitante como o rufar de um tambor envolto em panos negros.

Mas no intervalo entre duas crises, no remorso entre duas fraquezas, quando sentia sua impotência, ela assumia muitas pretensões à respeitabilidade, que tornavam o convívio complicado. Queria que todos fossem bons e verdadeiros, compassivos para com as desgraças, amantes da família imperial, respeitando tudo o que era respeitável e tão delicados em assuntos morais como quem estivesse à cabeceira de um doente.

Mas mesmo que isso não acontecesse, nada mudava no curso dos fatos. Para desculpar-se, inventara a lenda de que, nos primeiros inocentes anos de casados, o marido é que a deixara naquele triste estado. O marido, muito mais velho e fisicamente maior que ela, parecia então um monstro de brutalidade, e já nas primeiras horas do novo amor ela mencionara isso a Ulrich, com uma tristeza ambígua. Só mais tarde ele descobriria que o marido era um jurista respeitado e conhecido, eficiente na profissão, um inofensivo aficionado de caçadas, visitante muito querido de várias rodas

de caçadores e de juristas, onde se debatiam questões masculinas em vez de arte e amor. O único erro desse homem bondoso e alegre, um tanto ingênuo, era ser casado com aquela esposa, e por isso mais frequentemente do que outros homens manter com ela aquela relação que em linguagem jurídica se chama de “relação de circunstância”. O efeito moral de submeter-se anos a fio a uma pessoa com que se casara mais por esperteza do que por afeto formara em Bonadéia a ilusão de ser fisicamente superexcitável, tornando essa idéia quase que independente de sua consciência. Uma força interior, que ela mesma não entendia, ligava-a àquele homem favorecido pelas circunstâncias; desprezava-o por sua própria fraqueza de vontade, e sentia-se fraca demais para o poder desprezar; traía-o para fugir dele, mas nos momentos mais inadequados falava dele e dos filhos que tivera com ele, e nunca conseguia libertar-se dele inteiramente. Por fim, como muitas mulheres infelizes, num espaço oscilante, apoiava-se exatamente naquela repulsa pelo sólido esposo, e transferia seu conflito com ele para cada nova experiência que a deveria dele livrar.

Praticamente, nada restava para acalmar suas dores do que lançar-se rapidamente da depressão para o fervor. Mas aos homens que isso concretizavam e se aproveitavam de sua fraqueza, ela negava ao mesmo tempo qualquer intenção nobre; e quando se “inclinava” para esse novo homem, como costumava dizer com objetividade científica, o sofrimento cobria seus olhos com um véu de úmida ternura.

13

UM CAVALO DE CORRIDA GENIAL FAZ AMADURECER EM ULRICH A IDÉIA DE SER UM HOMEM SEM QUALIDADES

Não era sem importância Ulrich poder dizer que realizara muitas coisas na ciência. Seus trabalhos lhe tinham granjeado reconhecimento alheio. Esperar admiração seria pedir demais, pois mesmo no reino da verdade só se admiram sábios mais velhos, dos quais depende conseguirmos ou não o mestrado ou a cátedra. Para ser exato, ele continuava sendo o que se chama de uma esperança, e, na república dos espíritos, consideram-se uma esperança aqueles republicanos, propriamente ditos, que imaginam ter de dedicar à causa todas as suas forças, em lugar de empregar a maior parte delas para fazer carreira; esquecem que as contribuições individuais são pouca coisa, enquanto a carreira é desejo de todos, e negligenciam o dever social de lutar para subir na vida, começando como carreirista, para, nos tempos de sucesso, poder ser apoio e instigação para outros tentarem subir.

Certo dia, Ulrich deixou de querer ser uma esperança. Naquela época já se começava a falar de gênios do futebol ou do boxe, mas para no mínimo dez inventores, tenores ou escritores geniais, os jornais não citavam mais do que, no máximo, um centro- médio genial, ou um grande tático de tênis. A nova mentalidade ainda não estava muito segura de si. Mas foi exatamente aí que Ulrich leu em alguma parte, como antecipação de verão, a expressão “cavalo de corrida genial”. Era uma notícia sobre um grande sucesso nas pistas de corrida, e o autor talvez nem tivesse consciência de toda a dimensão da sua idéia, que o espírito dos tempos lhe inspirara. Mas Ulrich compreendeu que ligação inevitável existia entre a sua vida e aquele cavalo de corrida genial. Pois o cavalo sempre fora o animal sagrado da cavalaria, e na sua juventude de militar Ulrich praticamente só ouvira falar de cavalos e mulheres, e fugira para se tornar um homem importante; e quando agora, depois de variados esforços, poderia sentir bem próximo o cume de suas

aspirações, de lá o saudava o cavalo, que a ele se antecipara.

Isso se justifica cronologicamente, pois não faz muito imaginava-se, como espírito viril digno de admiração, uma criatura cuja coragem fosse ética, cuja força fosse persuasão, cuja firmeza fosse a do coração e da virtude; julgava-se a velocidade coisa de adolescentes, a trapaça coisa proibida, e a agilidade e o ímpeto eram considerados indignos. Por fim, essa criatura existia apenas no corpo docente de algum ginásio e em expressões escritas; tornara-se um espectro ideológico, e a vida teve de construir uma nova imagem de homem. Olhando em torno, ela descobriu porém que os golpes e manhas que uma cabeça inventiva aplica num cálculo lógico não se distinguem muito dos ataques de um corpo bem treinado, e que há uma força de combate espiritual geral que as dificuldades e improbabilidades tornam fria e sábia, quer adivinhe o ponto fraco de um problema, ou de um inimigo físico. Se analisássemos, do ponto de vista psicotécnico, um grande intelecto ou um campeão de boxe, a esperteza, coragem, exatidão e capacidade de estabelecer associações bem como a rapidez de reações num terreno que lhes é importante serão provavelmente as mesmas nos dois; nas virtudes e capacidades que lhes significam um êxito especial, os dois não se distinguiriam de um cavalo de salto famoso, pois não se deve menosprezar as muitas qualidades em jogo quando se salta uma sebe. Mas um cavalo e um campeão de boxe têm vantagem sobre um intelecto, pois sua importância e suas realizações se podem medir diretamente, e se reconhece o melhor entre eles como sendo realmente o melhor; dessa forma, o esporte e a objetividade se adiantaram merecidamente, substituindo os conceitos antiquados de gênio e grandeza humana.

Quanto a Ulrich, deve-se dizer que ele nesse ponto estava bastante à frente de seu tempo. Pois fora exatamente assim, melhorando o próprio recorde em uma vitória, um centímetro ou quilo, que trabalhara quando se dedicava à ciência. Provara ter espírito forte e aguçado, e realizara trabalho de fortes. Esse prazer na força do espírito era uma expectativa, um jogo belicoso, uma espécie de indefinido mas imperioso direito sobre o futuro. Ele não sabia bem o que faria com essa força; podia-se fazer tudo ou nada, ser um salvador do mundo ou um criminoso. E provavelmente essa é a condição psíquica geral da qual se originam novos reforços para o mundo das

máquinas e descobertas. Ulrich encarava a ciência como preparação e endurecimento, uma espécie de treinamento. Se visse que esse pensamento científico era demasiadamente seco, áspero e limitado, sem maior campo de visão, aceitá-lo-ia como se aceita a expressão de tensão e privações nos rostos durante grandes realizações do corpo e da vontade. Anos a fio ele amara o ascetismo espiritual. Odiava pessoas que não seguem a expressão de Nietzsche: “passar fome na alma, por amor à verdade”; os que recuam, fracassam, os moles que se consolam com doces palavras sobre a alma, e a alimentam com sentimentos religiosos, filosóficos e poéticos que são como pãozinhos desmanchados no leite, por recearem que a razão lhes dê pedras em vez de pão.

Ele pensava que neste século toda a humanidade se encontrava numa expedição, e o orgulho exigia que a todas as perguntas inúteis se respondesse “ainda não” e que se vivesse uma vida baseada em conceitos provisórios mas consciente de um objetivo que seus descendentes atingiriam. A verdade é que a ciência desenvolveu um conceito de força espiritual dura e lúcida, que torna insuportáveis todos os antigos conceitos metafísicos e morais da humanidade, embora em seu lugar só possa colocar a esperança de que haverá um dia longínquo, em que descerá aos vales da fertilidade espiritual uma raça de conquistadores espirituais.

Mas isso só funciona enquanto não somos forçados a afastar o olhar das distâncias visionárias para a proximidade atual, lendo que um cavalo acaba de se tornar genial. Na manhã seguinte Ulrich levantou de pé esquerdo, e com o direito tentou pescar, indeciso, o chinelo. Fora numa cidade e rua diferentes daquela onde morava agora, mas não fazia mais que algumas semanas. Já passavam automóveis disparando no asfalto marrom sob sua janela; a pureza do ar matinal começava a encher-se com o azedume do dia, e naquela luz luminosa que entrava pelas cortinas, pareceu-lhe indizivelmente insensato fazer como de costume, movendo seu corpo nu para frente e para trás, erguendo-o do solo com os músculos da barriga, deitando-se de novo, e por fim batendo os punhos contra um *punching ball*, como fazem tantas pessoas à mesma hora antes de irem ao escritório. Uma hora por dia, é um doze avôs da vida consciente, e basta para manter um corpo treinado como o de uma pantera, capaz de enfrentar qualquer aventura; mas é desperdiçada numa expectativa insensata, pois nunca

chegam aventuras dignas de tal preparativo. O mesmo acontece com o amor, para o qual o ser humano é preparado da maneira mais monstruosa.

Por fim, Ulrich ainda descobriu que também na ciência parecia um homem que escalou uma montanha após a outra sem avistar seu objetivo. Possuía fragmentos de uma nova maneira de pensar e sentir, mas a nova visão, inicialmente tão forte, perdera-se em detalhes cada vez mais abundantes; e se ele acreditara estar bebendo da fonte da vida, esgotara agora quase todas as suas expectativas.

Foi então que interrompeu pela metade um grande e promissor trabalho. Seus colegas lhe pareciam em parte furiosos e implacáveis promotores públicos e chefes-de- segurança da Lógica, e em parte viciados em ópio ou alguma droga rara, que povoava seu mundo com visões de cifras e equações abstratas. “Meu Deus!”, pensou, “nunca tive intenção de ser matemático durante a vida inteira.”

Mas que intenção tivera, afinal? Naquele momento, só poderia se voltar para a filosofia. Mas a filosofia, no estado em que então estava, lembrava-lhe a história de Dido, na qual se corta um couro em tiras sem saber ao certo se estas poderão rodear um reino; e o que se fazia de novo parecia-se com aquilo que ele próprio fizera, e não o conseguia atrair. Ele só sabia que se sentia mais distante daquilo que desejara ser do que se sentia quando jovem, se é que uma vez soubera o que desejava. À exceção da capacidade de ganhar dinheiro, de que não precisava, via em si próprio com incrível nitidez todas as capacidades e qualidades que seu tempo prestigiava. Mas a capacidade de aplicá-las perdera-se; e como, finalmente, agora que jogadores de futebol e cavalos de corrida têm gênio, apenas o uso que dele se fizer nos resta para salvarmos nossa singularidade, decidiu tirar um ano de férias da sua vida, e procurar uma aplicação adequada para suas capacidades.

14

AMIGOS DE JUVENTUDE

Depois de seu regresso, Ulrich já estivera algumas vezes com seus amigos Walter e Clarisse, pois apesar do verão não tinham viajado, e ele não os via há vários anos. Sempre que chegava, estavam tocando piano. Achavam natural não lhe dar atenção enquanto não concluía a sua peça. Dessa vez era o *Hino à Alegria*, de Beethoven; como descreve Nietzsche, milhões caíam no pó cheios de horror, as fronteiras hostis se desfaziam, o evangelho da harmonia universal reconciliava, e reunia os separados; tinham desaprendido a andar e falar, estavam na iminência de voar pelos ares, dançando. Os rostos manchados, os corpos entortados, as cabeças balançando para cima e para baixo bruscamente, e garras gélidas enfiando-se naquela massa de sons. O que acontecia era imensurável; uma bolha de contorno difuso e fervilhante de sentimento inchava até quase estourar, e as pontas dos dedos, excitadas, as rugas nervosas nas fontes, o tremor do corpo, irradiavam sensações novas naquele enorme turbilhão interior. Quantas vezes já se repetira isso?

Ulrich nunca apreciara aquele piano sempre aberto, com seus dentes expostos, ídolo de boca larga e pernas curtas, cruza de cachorro-linguiça com buldogue, ao qual se submetera a vida de seus amigos, determinando desde os quadros da parede e o *design* esqualido dos móveis até o fato de não haver criada mas apenas uma diarista que cozinhava e varria. Atrás das janelas da casa subiam os vinhedos com renques de árvores velhas e casinhas tortas, em direção das florestas onduladas, mas ali perto tudo era desalinhado, despido, isolado e corroído como nos arredores de uma cidade grande, que entram campo adentro. Entre aquela zona próxima e a sublime distância do horizonte estendia-se o piano; com cintilações negras e lustrosas mandava para além das paredes colunas ardentes de ternura e heroísmo, embora, esfarelado-se em finíssima cinza de melodias, a poucas centenas de passos tombassem sem sequer atingir a colina com pinheiros,

onde, a meio caminho da floresta, ficava uma estalagem. Contudo, a casa fazia o piano reboar, era um desses megafones através dos quais a alma brada para o universo como um cervo no cio, que não obtém como resposta senão o bramido igual de mil outras almas solitárias gritando aos céus.

A posição sólida de Ulrich naquela casa devia-se ao fato de ele declarar ser a música uma fraqueza da vontade e uma ruína do espírito, falando nela com mais desdém do que realmente sentia. Pois para Walter e Clarisse ela naquela época era suprema esperança e angústia. Desprezavam-no um pouco por isso, e em parte o veneravam como a um mau espírito.

Dessa vez, quando pararam de tocar, Walter continuou sentado em sua banqueta meio virada, diante do piano, amolecido, esgotado e distraído, mas Clarisse levantou-se e cumprimentou animadamente o intruso. Nas suas mãos e rosto ainda vibrava a carga elétrica da música, seu sorriso era forçado, na tensão entre o entusiasmo e a repulsa.

— O Rei Sapo! — disse ela, e a cabeça indicou alguma coisa as suas costas, não se sabia se era Walter ou a música. Ulrich sentiu novamente esticado entre si e a moça o antigo fio elástico de um laço. Na última visita ela lhe contara um sonho terrível; uma criatura viscosa a queria violentar no sono, com uma barriga macia, a um tempo tenro e horrendo, e aquele grande sapo era a música de Walter. Os dois amigos não tinham muitos segredos para Ulrich. Mal o cumprimentara, Clarisse se afastou, voltou depressa para junto de Walter, deu várias vezes seu grito de guerra “Rei Sapo”, que Walter pareceu não entender, e puxou-lhe os cabelos com mãos ainda trêmulas de música, num gesto doloroso e que fazia doer. O marido fez um ar amavelmente espantado, e deu mais um passo de volta naquele escorregadio vazio da música.

Depois, sem ele, Clarisse e Ulrich foram passear na chuva de raios oblíquos do sol crepuscular; ele ficou ao piano. Clarisse disse:

— Poder renunciar a algo que nos faz mal é prova de força vital! As coisas perniciosas atraem aos exaustos! O que você acha? Nietzsche afirma que é sinal de fraqueza um artista se ocupar demais com a moral de sua arte. — Ela se sentara num montinho de terra.

Ulrich deu de ombros. Quando há três anos Clarisse se casara com o amigo

de juventude dele, estava com vinte e dois anos, e ele próprio lhe dera a obra de Nietzsche como presente de casamento.

— Se eu fosse Walter, desafiaria Nietzsche para um duelo — respondeu ele, sorrindo.

O dorso esguio de Clarisse, que ondulava sob o vestido em linhas delicadas, ficou tenso como um arco, e seu rosto também estava extremamente tenso; ela o desviava medrosamente do amigo.

— Você ainda é como uma menina, e ao mesmo tempo uma heroína... — acrescentou Ulrich; era uma indagação, ou não, em parte brincadeira, em parte terna admiração; Clarisse não entendeu bem o que ele queria dizer, mas aquelas duas palavras, que ele já usara uma vez, entraram nela como lanças ardentes num telhado de palha.

Veza por outra chegava até eles uma onda de sons desordenados. Ulrich sabia que quando Walter tocava Wagner, Clarisse se recusava a ele por semanas a fio. Apesar disso, ele tocava Wagner, de consciência pesada; como se fosse um pecado de adolescência.

Clarisse teria gostado de perguntar a Ulrich em que medida ele sabia disso; Walter não guardava segredos; mas teve vergonha de indagar. Ulrich se sentara perto dela num montinho de terra, e por fim ela disse uma coisa bem diferente:

— Você não gosta de Walter. Na verdade, nem é amigo dele. — O tom das palavras era desafiador, mas ela ria.

Ulrich deu uma resposta inesperada:

— Somos amigos de juventude. Você ainda era criança, Clarisse, e nossa relação já era a de uma amizade juvenil claramente em decadência. Por muitos anos nós nos admiramos mutuamente, e agora desconfiamos um do outro por nos conhecermos bem demais. Cada um gostaria de se livrar da penosa impressão de ter um dia confundido o amigo consigo mesmo; e assim nos prestamos mutuamente o serviço de um espelho deformante que não se deixa subornar.

— Você não acredita que ele consiga realizar alguma coisa um dia — disse Clarisse.

— Não há melhor exemplo de fatalidade do que o de um jovem que se acomoda dentro dos limites de um velho comum; e isso sem golpe do destino, apenas por um processo de encolhimento ao qual estava predestinado!

Clarisse cerrou os lábios com força. O antigo lema juvenil entre eles, de que a convicção está acima do tato, animava seu coração, mas doía. Música! As melodias continuavam chegando. Ela prestou atenção. Agora, no silêncio, ouvia-se nitidamente o piano em ebulição. Quando não se prestava atenção, parecia que a “trêmula chama” do texto de Wagner subia dos montinhos da terra.

Seria difícil definir o que Walter era realmente. Uma pessoa agradável, com olhos expressivos e eloquentes, embora já tivesse passado dos trinta e quatro anos, e que há algum tempo tinha emprego em uma instituição de artes. Seu pai lhe arranjara esse cômodo cargo de funcionário público, com a ameaça de retirar-lhe toda a ajuda financeira se não o aceitasse. Pois na verdade Walter era pintor; junto com os estudos de história da arte na Universidade, frequentara aulas de pintura na Academia de Belas-Artes, e mais tarde morara por algum tempo num ateliê. Também quando fora morar com Clarisse naquela casa sob o céu aberto, logo depois de terem se casado, continuava a ser pintor; mas agora, parecia, voltara a ser músico, e no curso dos seus dez anos de amor fora uma hora isso, outra hora aquilo; além disso, fora ainda poeta e editor de uma revista literária; para poder casar, fora empregado de uma agência teatral, mas poucas semanas depois desistira de sua intenção; ainda para poder casar, fora algum tempo depois chefe de orquestra de um teatro, mas meio ano mais tarde compreendera que também isso era impossível; fora professor de desenho, crítico musical, eremita e muitas outras coisas, até que, apesar de toda a tolerância, seu pai e seu futuro sogro não suportaram mais aquilo. Pessoas mais velhas, como eles, costumavam afirmar que ele simplesmente sofria de falta de vontade; mas seria o mesmo que afirmar que a vida toda ele fora apenas um amador em muitas coisas, e o singular era exatamente que sempre houvera gente especializada em música, pintura ou literatura, dando opiniões entusiasmadas sobre o futuro de Walter. Na vida de Ulrich, ao contrário, embora tivesse realizado algumas coisas, nunca chegara uma pessoa dizendo: “Você é o homem que sempre procurei, e pelo qual meus amigos

esperam!” Na vida de Walter isso acontecera a cada três meses. Embora não tivessem sido opiniões das pessoas mais decisivas, tratara-se sempre de gente com influência, sugestões interessantes e empreendimentos florescentes, empregos, amizades e estímulo, oferecendo tudo isso ao Walter que tinham descoberto, cuja vida assumia, exatamente por isso, aquele curso em zigue-zague. Alguma coisa pairava sobre ele, vaga, parecendo ser mais do que uma realização determinada. Talvez fosse o talento especial de ser considerado um grande talento. E se isso for amorismo, então a vida intelectual da nação alemã repousa em boa parte sobre amorismo, pois esse talento existe em todas as gradações, ascendendo até chegar às pessoas realmente talentosas, que em regra geral parecem ser as únicas dele desprovidas.

Mas Walter tinha até o talento de entender isso. Embora naturalmente estivesse, como todo mundo, disposto a acreditar em seu sucesso como merecimento pessoal, aquele dom de se entusiasmar tão facilmente por todos os acasos felizes sempre o inquietara como uma assustadora perda de peso; e sempre que trocava de atividade e de laços humanos, não era só por instabilidade, mas com grandes conflitos internos, acuado de medo, como se por amor à pureza do sentido interior tivesse de continuar peregrinando, em vez de se enraizar ali onde já se anunciava um sucesso ilusório. O curso de sua vida era uma cadeia de experiências abaladoras, das quais sobressaía a luta heróica de uma alma que resistia a toda mediocridade, sem noção de que assim servia à própria mediocridade. Pois enquanto ele sofria e lutava pela moral de sua atividade espiritual, como convém a um gênio, empregando todas as forças do seu talento insuficiente para grandes realizações, seu destino silenciosamente o fizera descrever um círculo e voltar ao nada.

Por fim, ele atingira o ponto em que nada mais o impedia; o serviço sossegado, recolhido, protegido de todas as impurezas do mercado de arte, no seu cargo vagamente intelectual, lhe dava bastante independência e tempo para atentar inteiramente à sua voz interior; a posse da amada tirava os espinhos do seu coração; a casa “à beira da solidão”, onde fora morar com ela depois do casamento, parecia feita para o ato de criação; mas, quando não havia mais nada para superar, aconteceu o inesperado: as obras há tanto tempo prometidas por suas grandes intenções não surgiram. Walter

parecia não poder mais trabalhar; escondia e destruía o que fizera; trancava-se horas a fio todas as manhãs ou tardes, quando chegava em casa, dava passeios de várias horas com o caderno de desenho fechado, mas ocultava ou rasgava o pouco que esboçava nele. Havia para isso cem motivos diferentes. Mas também suas idéias começavam a mudar drasticamente nesse tempo. Ele não falava mais de “arte contemporânea” e “arte do futuro”, idéias que para Clarisse se ligavam com ele desde os quinze anos, mas fazia um traço em algum momento — na música, no tempo de Bach; na literatura, no de Stifter; na pintura, em Ingres — e declarava que tudo o que viera depois era sobrecarregado, degenerado, exagerado e decadente; afirmava cada vez com maior veemência que numa época tão envenenada em suas raízes espirituais como a atual, o puro talento criador deveria se abster. Mas, embora sua boca pronunciasse aquela opinião severa, ele se traía porque, assim que se encerrava em seu quarto, de lá começavam a soar, sempre mais frequentes, as melodias de Wagner, isto é, música que outrora ele ensinara Clarisse a desprezar como exemplo de uma época degenerada e excessivamente burguesa, mas à qual agora se rendia, como a uma bebida espessa, quente e inebriadora.

Clarisse rebelava-se contra isso. Odiava Wagner, até por causa de seu casaco de veludo e de seu gorro. Era filha de um pintor cujas maquetes de cenários teatrais eram famosas no mundo todo. Passara a infância num reino onde pairava o aroma dos bastidores e o cheiro de tintas, entre três diferentes jargões artísticos, o do ator, o da ópera e do ateliê de pintura, rodeada de veludo, tapetes, genialidade, peles de pantera, bibelôs, leques de pavão, arcas e alaúdes. Por isso detestava com toda a alma a sensualidade da arte e era atraída por todas as coisas magras e severas, fosse a metageometria da nova música atonal, ou a descascada e dissecada vontade das formas clássicas. Walter trouxera para aquela prisão virginal a primeira mensagem desse mundo.

Ela o chamara “Príncipe da Luz”, e, quando ainda era menina, ela e Walter tinham jurado não se casar enquanto ele não fosse rei. A história das transformações e tentativas dele era uma história de imensuráveis sofrimentos e delícias, e o prêmio dessa luta era ela. Clarisse não era talentosa como Walter, sempre sentira isso. Mas considerava gênio uma questão de vontade. Com feroz energia tentara estudar música; era possível

que ela não tivesse nenhum ouvido musical, mas tinha dez musculosos dedos de pianista, e força de vontade; exercitava-se dias inteiros e impelia seus dedos como dez bois magros que têm de arrancar do solo algo extraordinariamente pesado. Da mesma forma, começou a pintar. Desde seus quinze anos considerara Walter um gênio, porque sempre pretendia casar-se só com um gênio. Não lhe permitia não ser um gênio. E ao perceber o seu fracasso, rebelava-se loucamente contra essa modificação lenta e sufocante em sua vida. Exatamente então Walter precisaria de calor humano, e quando sua impotência o torturava, ele a procurava como uma criança procura leite e sono, mas o pequeno corpo nervoso de Clarisse não era maternal. Sentia-se explorada por um parasita que se queria aninhar dentro dela, e se negava. Desprezava aquele calor doméstico em que ele procurava consolo. Talvez fosse cruel. Mas queria ser companheira de um grande homem, e agora lutava contra seu destino.

Ulrich lhe oferecera um cigarro. O que mais poderia dizer, depois de ter afirmado tão rudemente o que pensava? As fumaças de seus cigarros, atraídas pelos raios do sol crepuscular, uniam-se a pouca distância deles.

“O que é que Ulrich realmente sabe a respeito de tudo isso?” pensava Clarisse em seu montinho de terra. “Ora, o que poderia entender dessas lutas!” Lembrou-se de como o rosto de Walter se desfazia dolorosamente até quase se anular, quando os tormentos da música e da sensualidade o oprimiam, e a resistência dela não lhe permitia nenhuma saída; não — presumiu ela — Ulrich nada sabia daquele monstruoso jogo de amor nos picos de um Himalaia, feito de amor, desprezo, medo, e dos deveres impostos pela altura. Ela não tinha a matemática em grande conta, e jamais o considerara tão talentoso quanto Walter. Era sensato, era lógico, sabia muitas coisas; mas isso seria algo mais do que barbárie? Ele sempre jogara tênis muito melhor do que Walter, e ela se recordava de ter sentido, observando a violência de suas jogadas: “esse aí vai chegar onde quer”, coisa que jamais sentira em relação à pintura, música ou idéias de Walter. E pensou: “Talvez ele saiba de tudo a nosso respeito, mas não queira dizer nada!” Afinal, ele acabava de aludir claramente ao heroísmo dela. O silêncio entre os dois era incrivelmente tenso.

Mas Ulrich pensava: “Como Clarisse era simpática há dez anos; quase uma

criança, e com aquela ardente fé no futuro de nós três.” Na verdade, só uma única vez ela lhe parecera desagradável, quando Walter e ela se tinham casado; mostrara então aquele desagradável egoísmo a dois, que muitas vezes torna jovens casadas e apaixonadas pelos maridos tão intragáveis para outros homens. “Isso melhorou muito de lá para cá”, pensou Ulrich.

15

REVOLUÇÃO ESPIRITUAL

Walter e ele tinham sido jovens naquela época esquecida, logo depois da virada do século, quando muitas pessoas imaginavam que o século também era jovem.

O que acabava de ser sepultado não se distinguira muito na sua segunda metade. Fora inteligente em técnicas, comércio e pesquisa, mas além desses focos de energia, quieto e enganoso como um pântano. Pintara como os antigos, fizera poemas como Goethe e Schiller, construía casas em estilo gótico e renascentista. A exigência do ideal reinava como uma espécie de delegacia de polícia sobre todas as manifestações de vida. Mas, através daquela lei secreta que impede os homens de fazerem imitações sem colocar nelas algum exagero, tudo naquele tempo era feito com tamanha obediência às regras da arte como nem nos admirados modelos antigos se vira; era um método cujos resquícios ainda podemos ver em ruas e museus, e que, não sabemos se tendo relação com isso ou não, fazia as castas e tímidas mulheres usarem roupas que as cobriam das orelhas aos pés, mas apresentando seios grandes e traseiros abundantes. De resto, não há período passado do qual se saiba, por vários motivos, tão pouco quanto daquelas três a cinco décadas situadas entre nossos vinte anos e os vinte anos de nossos pais. Por isso, é bom lembrar que em tempos maus se fazem as piores casas e os piores poemas, seguindo princípios tão belos quanto os dos melhores tempos; todas as pessoas ocupadas em destruir os êxitos de um período positivo precedente pensam que os estão corrigindo; e os jovens pálidos dessa época têm tanta presunção, com seu sangue jovem, quanto os moços de todos os tempos.

E é sempre como um milagre, quando depois de um desses períodos de decadência de repente a alma se alteia um pouco, como aconteceu então. Do espírito estagnado das duas últimas décadas do século XIX surgira por toda

a Europa, repentinamente, uma febre que dava asas a todos. Ninguém sabia exatamente o que acontecia; ninguém podia dizer se seria uma nova arte, um novo homem, uma nova moral, ou talvez uma alteração nas camadas sociais. Por isso, todos diziam o que lhes convinha melhor. Mas por toda parte pessoas erguiam-se para combater as coisas antigas. Aqui e ali aparecia de repente o homem certo no lugar certo; e, o que é tão importante, homens com senso prático e empreendedor encontravam-se com intelectuais empreendedores. Surgiam talentos antigamente sufocados ou que nem participavam da vida pública. Eram muito diversificados, e as contradições de seus objetivos eram insuperáveis. Amava-se o super-homem e também o subhomem; adoravam-se a saúde e o sol, adorava-se a fragilidade de mocinhas tuberculosas; havia entusiasmo pelo herói e pelo homem comum; havia a um só tempo crentes e céticos, naturalistas e sofisticados, robustos e mórbidos; sonhava-se com velhas alamedas de castelos, jardins outonais, lagos de vidro, pedras preciosas, haxixe, doença, demônios, mas também com prados, horizontes imensos, forjas e laminadoras, lutadores nus, rebeliões de operários escravizados, casais primitivos e destruição da sociedade. Eram realmente contradições e gritos de guerra muito diversos, mas tinham, todos juntos, um ritmo comum; se alguém dissecasse aquele tempo, a insensatez apareceria como um círculo quadrado que quer consistir de madeira de ferro, mas na verdade tudo se fundia num único significado cintilante.

Essa ilusão corporificada na data mágica da virada do século era tão forte que uns se precipitavam entusiasmados para o século novo, ainda intacto, e outros aproveitavam para se comportar no século velho como numa casa da qual vamos nos mudar, sem que essas duas atitudes parecessem muito diferentes entre si.

Portanto, se não quisermos não precisaremos supervalorizar esse “movimento”. Aliás, ele não atingiu as massas, ficando circunscrito à tênue e frágil camada dos intelectuais, desprezada pela camada de pessoas que graças a Deus voltou a dominar, aquelas que têm uma cosmovisão indestrutível, apesar de todas as variantes. Mesmo assim, embora não tenha chegado a ser um acontecimento histórico, foi um acontecimentozinho, e os dois amigos, Walter e Ulrich, quando jovens tinham vivido um seu reflexo. Através daquela confusão de crenças perpassou alguma coisa, naquele

tempo, como quando muitas árvores se dobram a *um só* vento; foi um espírito de seitas e de reformadores, a feliz consciência de uma irrupção e de um início, um pequeno renascimento e reforma, como só acontecem nos melhores períodos; e quando naquele tempo se entrava no mundo, já se sentia, na primeira esquina, o sopro do espírito no rosto.

Nem fazia tanto tempo que tinham sido rapazes — pensou Ulrich quando voltou a ficar sozinho —, que tinham as grandes idéias, não apenas antes de todo mundo, mas também simultaneamente, pois bastava um abrir a boca para dizer algo novo, e o outro acabava de fazer a mesma extraordinária descoberta. São singulares, essas amizades da juventude, são como um ovo que sente na gema seu magnífico futuro de pássaro, mas mostra ao mundo apenas aquela linha de ovo, inexpressiva, que não se distingue de nenhuma outra. Ele viu diante de si nitidamente o quarto de rapazes e estudantes, onde os dois se encontravam quando ele voltava por algumas semanas depois de suas primeiras incursões no mundo. A escrivaninha de Walter, coberta de desenhos, anotações e folhas pautadas, irradiando antecipadamente o brilho futuro de um homem famoso, e diante dela a estreita prateleira de livros, à frente da qual Walter se postava às vezes, cheio de fervor, como São Sebastião amarrado ao pilar, a luz da lâmpada sobre a bela cabeleira que Ulrich sempre admirara secretamente. Nietzsche, Altenberg, Dostoievski ou quem quer que estivessem lendo naquele momento, tinham de se conformar e ficar jogados no chão ou sobre a cama, quando não eram mais necessários ou quando a torrente dos diálogos não tolerava a mesquinha interrupção de os recolocar em seus lugares. A arrogância da juventude, para quem os grandes espíritos servem apenas para serem usados a bel-prazer, parecia singularmente bela naquele momento. Ele procurou recordar as conversas. Eram como um sonho quando, ao acordar, ainda pegamos os últimos pensamentos do sono. Pensou então, com leve espanto: “Se naquele tempo fazíamos afirmações, tinham outro objetivo além de serem corretas: simplesmente o de nos afirmarmos!”

O impulso de *ser* luz era na juventude mais forte do que o de *ver* as coisas na luz; a lembrança da juventude, como um vôo sobre raios, lhe pareceu agora uma dolorosa perda.

Para Ulrich era como se no começo da idade viril tivesse entrado numa generalizada calmaria, que apesar de alguns redemoinhos eventuais, que rapidamente se amainavam, pulsava cada vez mais fraca e perturbada. Não se podia dizer direito de que constava aquela transformação. Haveria menos homens importantes, de repente? De modo algum! Além disso, nem se trata deles; o ápice de uma época não depende deles. Por exemplo, nem a falta de espiritualidade dos homens dos anos sessenta e oitenta conseguiu abafar o surgimento de um Nietzsche e um Hebbel, nem um deles conseguiu evitar a falta de espiritualidade de seus contemporâneos. Seria a vida, em geral, que marcava passo? Não: tornara-se mais poderosa ainda! Haveria mais paradoxos paralisantes do que antigamente? Era difícil! Não se teriam cometido enganos, antigamente? Muitos! Cá entre nós, naquele tempo as pessoas tomavam partido dos débeis e ignoravam os fortes, tolos chegavam a assumir o papel de líderes, e grandes talentos o papel de excêntricos. O alemão, imperturbado por aquela dor de parto que chamava de excessos decadentes e mórbidos, continuava lendo suas revistas para a família, e visitando, mais que as manifestações de arte independentes, os palácios de vidro e os salões de artistas conhecidos; a política, então, não dava qualquer atenção aos pontos de vista dos novos homens e a suas revistas, e as instituições oficiais defendiam-se das novidades como de uma doença.

Não se poderia dizer que desde então tudo melhorara? Pessoas antigamente dirigindo pequenas seitas eram hoje velhas celebridades; editores e *marchands* enriqueceram; coisas novas se inauguram a toda hora; todo mundo visita igualmente os palácios de vidro e as exposições dos independentes e suas secessões; nas revistas familiares aparecem mulheres de cabelo curto; estadistas gostam de se dizer versados em cultura e arte; jornais fazem literatura. Então, o que foi que se perdeu?

Algo imponderável. Um presságio. Uma ilusão. Como quando um ímã larga a limalha e esta se mistura toda outra vez. Como quando fios de romances se desmancham. Quando um cortejo se dispersa. Quando uma orquestra começa a desafinar. Não se poderiam provar detalhes que não tenham existido antigamente, mas todas as proporções tinham se deslocado um pouco. Idéias que antes possuíam magro valor engordavam. Pessoas antigamente ignoradas tornavam-se famosas. O grosseiro se suavizava, o separado se reunia, independentes faziam concessões, o gosto já formado

sofria de inseguranças. As fronteiras nítidas se borravam, e uma nova capacidade indescritível de se agrupar produziu novas pessoas e novas concepções. Não eram ruins, certamente não; havia apenas um pouco de ruindade demais misturada ao que era bom, engano demais na verdade, flexibilidade demais nos significados. Parecia haver realmente uma porcentagem específica daquela mistura, à qual o mundo dava preferência; uma pequena, apenas suficiente dose de sucedâneo fazia o gênio ser genial e o talento ser uma esperança, assim como um pouco de café de figos ou chicória, na opinião de alguns, confere ao café a sua verdadeira qualidade de café; e de repente todos os lugares privilegiados e importantes do espírito estavam ocupados por esse tipo de gente, e todas as decisões eram tomadas em seu sentido. Não se pode responsabilizar nada por isso. Nem se pode dizer como tudo aconteceu. Nem se pode lutar contra determinadas pessoas ou idéias ou determinados fenômenos. Não falta talento nem boa vontade, nem mesmo faltam caracteres. Falta ao mesmo tempo tudo e nada; é como se o ar, ou o sangue, tivessem mudado; uma doença misteriosa devorou a pequena genialidade dos velhos tempos, mas tudo cintila de novidade, e por fim não se sabe mais se o mundo realmente ficou pior, ou se apenas nós ficamos mais velhos. Então, definitivamente chegou uma nova era.

Portanto, os tempos mudaram como um dia que começa azul e radiante e se cobre suavemente de nuvens, e nem tiveram a gentileza de esperar por Ulrich. Este pagava na mesma moeda e considerava simples burrice a causa daquela mudança misteriosa que deixava doente sua época, devorando a genialidade. E isso não no sentido pejorativo. Pois se, vista de dentro, a burrice não se parecesse com talento, a ponto de se confundir com ele, e se, vista de fora, não pudesse parecer progresso, genialidade, esperança, melhoria, ninguém quereria ser burro, e a burrice não existiria. Ou, ao menos, seria fácil de combater. Mas infelizmente há nela algo incrivelmente natural e sedutor. Se, por exemplo, se julga uma reprodução mais artística do que um quadro pintado a mão, existe nisso uma verdade mais fácil de provar do que provar que Van Gogh foi um grande artista. Assim, é muito fácil e compensador ser um dramaturgo mais forte do que Shakespeare e um narrador mais equilibrado do que Goethe: e um verdadeiro lugar-comum é sempre mais humano do que uma nova descoberta. Não há nenhum pensamento importante que a burrice não saiba usar, ela é móvel para todos

os lados e pode vestir todos os trajes da verdade. A verdade, porém, tem apenas um vestido de cada vez, e um só caminho, e está sempre em desvantagem.

Algum tempo depois, Ulrich teve uma idéia singular em relação a isso. Imaginou que o grande filósofo da Igreja Tomaz de Aquino, morto em 1274 depois de ter ordenado com indizível esforço os pensamentos de seu tempo, tivesse se aprofundado ainda mais, e acabasse nesse momento de concluir sua obra; permanecendo jovem por uma graça especial, ele apareceria saindo da porta em arco de sua casa, com muitos *in-fólios* debaixo do braço, e um bonde elétrico passaria disparando diante do seu nariz. O espanto e incompreensão do *doctor universalis*, como chamavam o famoso Tomaz no passado, divertiu Ulrich. Um motociclista veio pela rua vazia, braços e pernas em *O*, e passou trovejando. Seu rosto tinha a gravidade de uma criança a berrar por algo imensamente importante. Ulrich lembrou-se do retrato de uma famosa tenista, que vira há poucos dias numa revista; estava na ponta dos pés, expusera a perna até onde ficava a liga, a outra perna voava em direção da cabeça, enquanto ela brandia a raquete bem alto para pegar uma bola; e enquanto isso, tinha a cara de uma governanta inglesa. Na mesma revista mostrava-se uma nadadora, deixando-se massagear depois da competição; a seus pés e junto de sua cabeça havia duas mulheres sérias em traje de passeio, enquanto ela jazia nua na cama, joelhos puxados em posição de entrega, e o massagista ao lado pousava as mãos sobre ela, usava avental de médico e erguia o olhar para o fotógrafo como se aquela carne de mulher estivesse esfolada e pendurada num gancho. Naquele tempo começavam a se ver coisas desse gênero, e é preciso reconhecer que existem, assim como se reconhecem os altos edifícios e a eletricidade. “A gente não pode se zangar com seu tempo sem sair prejudicado”, pensou Ulrich. Estava sempre disposto a amar todas essas manifestações de vida. O que nunca conseguia era amá-las sem reservas, como exigia a sensação de bem-estar social; há muito pairava sobre tudo o que ele fazia e vivia um sopro de repulsa, uma sombra de impotência e solidão, uma náusea universal, para a qual não conseguia encontrar nenhuma inclinação compensadora. Por vezes, sentia-se como se tivesse nascido com um talento para o qual não havia objetivo no presente.

EFEITO DE UM HOMEM SEM QUALIDADES SOBRE UM HOMEM COM
QUALIDADES

Enquanto Ulrich conversava com Clarisse, os dois não tinham notado que a música atrás deles cessara. Walter foi até à janela. Não podia ver os dois, mas sentia que estavam perto do seu campo de visão. O ciúme o atormentava. Mas a embriagues vulgar da música sensual o chamou de volta. O piano às suas costas estava aberto como uma cama desalinhada por alguém que não queria acordar para não ter de encarar a realidade. O ciúme de um parálítico que sente os homens sadios andando o atormentava, e ele não conseguiu ir juntar-se aos dois; pois sua dor não lhe dava oportunidade de defesa.

Quando Walter se levantava de manhã e tinha de correr ao escritório, quando falava com pessoas durante o dia, e quando à tarde ia para casa no meio delas, sentia que era um homem importante, com vocação para coisas especiais. Então pensava ver tudo de outro modo; impressionava-se com coisas pelas quais os outros passavam sem notar, e quando outros pegavam alguma coisa sem muita atenção, para ele o simples movimento do próprio braço estava cheio de aventura intelectual ou de uma contemplação narcisista. Era sensível, e sua alma estava sempre repleta de devaneios, depressões, vales e montanhas ondulantes; nunca estava indiferente, mas via em todas as coisas felicidade ou desgraça, e por isso sempre tinha motivo para idéias agitadas. Pessoas assim exercem uma atração especial sobre outras, porque o movimento moral no qual estão constantemente empenhadas se comunica aos demais; em suas conversas tudo assume um significado pessoal, e como no contato com elas podemos nos ocupar ininterruptamente com nós mesmos, elas nos dão um prazer que de outro modo só obtemos com um psicanalista ou psicólogo individualista, em troca de altos honorários, e ainda por cima com a diferença de que com eles nos sentimos enfermos, enquanto Walter ajudava as pessoas a se sentirem muito

importantes, e por razões que até aí elas haviam ignorado. Com essa qualidade de instigar o interesse das pessoas por elas mesmas ele também conquistara Clarisse, e com o tempo tirara do caminho todos os concorrentes; como tudo se lhe tornava movimento ético, ele sabia falar persuasivamente sobre a imoralidade do ornamento, sobre a higiene das formas lisas e o bafo de cerveja da música wagneriana, segundo o novo gosto artístico, e até seu futuro sogro, que tinha o cérebro de pintor de uma cauda de pavão, se assustava com isso. Portanto, sem dúvida Walter tivera seus sucessos.

Apesar disso, assim que chegava em casa, cheio de impressões e planos que talvez estivessem maduros e novos como nunca antes, sofria uma transformação desanimadora. Bastava colocar uma tela num cavalete, ou deitar papel sobre a mesa, e começava uma terrível debandada em seu coração. Sua cabeça continuava clara, e o plano lá dentro pairava ainda no ar transparente e nítido, sim, o plano se dividia, se transformava em dois ou mais planos, podendo lutar entre si pelo primeiro lugar; mas a ligação entre a cabeça e os primeiros movimentos necessários para realizar o que pretendia parecia cortada. Walter não conseguia mover um dedo.

Simplesmente não se levantava do lugar onde estava sentado, e seus pensamentos escorregavam da tarefa que se propusera como se fossem neve que derrete ao cair. Ele não sabia como o tempo passava, mas antes que notasse chegava a noite. Como depois de algumas dessas experiências já viesse com medo para casa, começaram a alinhar-se semanas inteiras num desolado entressono.

Retardado em todas as suas decisões e movimentos pela falta de perspectivas, ele sofria de amarga tristeza, e sua incapacidade se tornava uma dor que se aninhava atrás de sua testa como uma hemorragia nasal, sempre que ele queria decidir-se a fazer alguma coisa. Walter era medroso, e os fenômenos que percebia em si mesmo não só o prejudicavam no trabalho, mas também o assustavam muito, pois aparentemente eram tão independentes de sua vontade que muitas vezes lhe davam a impressão de serem o começo de uma desagregação mental.

Mas, enquanto no último ano seu estado piorava sempre mais, ele encontrara uma maravilhosa ajuda num pensamento que outrora nunca

apreciara muito. Esse pensamento era que a Europa, na qual era obrigado a viver, estava inapelavelmente degenerada. Em épocas em que as coisas vão muito bem externamente, enquanto por dentro sofrem aquele retrocesso que provavelmente todas as coisas sofrem — também a evolução intelectual quando não lhe dedicamos esforços especiais e novas idéias — a questão mais importante deveria ser: o que se pode fazer contra isso? Mas a confusão de inteligente, ignorante, vulgar e belo fica tão densa e enovelada nessas fases, que obviamente parece a muitas pessoas muito mais fácil acreditar num mistério, falando assim da decadência irrefreável de qualquer coisa que foge a um julgamento exato, e é de uma solene nebulosidade. E, no fundo, é indiferente se essa coisa é a raça, o vegetarianismo, ou a alma. Pois como em todo o pessimismo saudável, pretende-se ;i penas ter algo inelutável em que se agarrar. Também Walter, embora em anos melhores tivesse podido rir dessas idéias, logo compreendeu suas grandes vantagens quando começou a adotá-las pessoalmente. Se até ali fora *ele* o incapaz, sentindo-se mal, agora *a época* é que era incapaz, e ele saudável. Sua vida, que não levava a nada, de repente ficou inteiramente explicada, obteve uma justificativa de dimensões seculares, digna dele; sim, assumia até um ar de grande sacrifício quando pegava o lápis ou a caneta na mão, largando-os logo a seguir.

Mas Walter ainda lutava consigo mesmo, e Clarisse o torturava. Não queria participar de conversas criticando a sua época, e acreditava cegamente na genialidade. Não sabia o que era isso; mas todo o seu corpo começava a tremer e retesar-se quando se falava nela; é algo que se sente ou não se sente, era a sua única prova. Para Walter, cia continuava a menina cruel dos quinze anos. Nunca entendera inteiramente os sentimentos dele, nem ele a conseguira dominar. Mas por mais fria e dura que fosse, e em outras ocasiões tão entusiasmada, com sua vontade cheia de fervor sem substância, possuía uma misteriosa capacidade de influenciá-lo, como se através dela viessem golpes de algum lugar que não cabia nas três dimensões do espaço. Às vezes, isso era sinistro. Ele o sentia especialmente quando tocavam piano juntos. Clarisse tocava de maneira dura, inexpressiva, obedecendo a uma lei de excitação estranha a ele; quando os corpos ardiavam até se perceber de fora o brilho das almas, aquilo passava dela para ele, e era assustador. Algo indefinível se desencadeava dentro dela, e ameaçava sair

voando junto com a sua alma. Vinha de alguma caverna secreta do ser, que era preciso manter medrosamente trancada; ele não sabia do que se tratava, nem porque o sentia; mas a coisa o atormentava com um medo indizível e a necessidade de combatê-la, o que não conseguia, pois ninguém senão ele notava coisa alguma.

Vendo através da janela que Clarisse voltava, ele tinha vaga consciência de que mais uma vez não resistiria à necessidade de falar mal de Ulrich. Este voltara num momento errado. Prejudicava Clarisse. Piorava dentro dela aquilo de que Walter não se atrevia a chegar perto, a caverna do mal, aquela genialidade pobre, doente e maldita de Clarisse, o secreto espaço vazio onde aquela coisa sacudia as correntes que um dia poderiam ceder. Agora ela estava diante dele, cabeça descoberta, acabara de entrar e trazia na mão o chapéu de jardim, e ele a contemplou. Os olhos dela estavam irônicos, claros, ternos; talvez um pouco claros demais. Por vezes ele sentia que ela tinha uma força que lhe faltava. Como um espinho que não o deixava em paz: assim ele a sentira quando menina, e obviamente nunca a quisera de outro modo; talvez fosse esse o segredo da vida dele, que os outros dois não entendiam. “Profundas são nossas dores!” pensou. “Acho que não é frequente duas pessoas se amarem tanto como nós temos de nos amar.” E começou imediatamente a falar:

— Não quero saber o que Ulo lhe contou, mas posso dizer que essa força que você tanto admira nele não é senão um vazio!

Clarisse olhou para o piano e sorriu; involuntariamente, ele voltara a sentar-se junto do piano de cauda aberto. E prosseguiu:

— Deve ser fácil ter sentimentos heróicos quando por natureza se é insensível, e pensar em quilômetros quando não se sabe que plenitude pode ocultar-se em cada milímetro! — Às vezes o chamavam de Ulo, como tinham feito na infância, e ele gostava, como se conserva pela babá um respeito risonho.

— Ele parou em ponto morto! — prosseguiu Walter. — Você não nota isso; mas não pense que eu não o conheço!

Clarisse duvidava. Walter disse, veemente:

— Hoje em dia está tudo em ruínas! Um abismo de inteligência! Ele também tem inteligência, admito isso; mas nada sabe do poder de uma alma. O que Goethe chama de personalidade, o que Goethe chama de ordem

móvel, disso ele não tem idéia: “Esse belo conceito de poder e limites, de arbitrariedade e lei, de liberdade e medida, de ordem móvel...”

Os versos brotavam em ondas de seus lábios. Clarisse olhou aqueles lábios com espanto amigável, como se tivessem feito voar algum lindo brinquedo. Depois caiu em si e interveio, como uma dona de casa:

— Você quer cerveja?

— Sim, por que não? Sempre tomo uma cerveja.

— Mas não tenho nenhuma em casa.

— Pena você ter me perguntado — suspirou Walter. — Talvez eu nem tivesse pensado nisso.

Com isso a questão estava encerrada para Clarisse. Mas Walter se descontrolara, não sabia mais como continuar.

— Ainda se lembra da nossa conversa sobre o artista? — perguntou, inseguro.

— Qual?

— Faz alguns dias. Eu lhe expliquei o que significa um princípio vivo de forma numa pessoa. Não se lembra de como cheguei à conclusão de que antigamente, em vez de morte e mecanização lógica, devem ter reinado sangue e sabedoria?

— Não.

Walter ficou inibido, procurou, hesitou. De repente, explodiu:

— Ele é um homem sem qualidades!

— O que é isso? — perguntou Clarisse, com uma risadinha.

— Nada. Esse é que é o problema!

Mas Clarisse ficara curiosa com aquela expressão.

— Hoje há milhões assim — afirmou Walter. — É essa a raça que nossa época produziu! — A expressão imprevista também lhe agradara; como se começasse um poema, ela o impelia adiante, antes mesmo de ele ter encontrado seu sentido. — Olhe só para ele! O que pensaria que é? Parece um médico, um comerciante, pintor, ou diplomata?

— Mas ele não é nada disso — respondeu Clarisse, lúcida.

— Bom, acaso ele parece um matemático?

— Não sei, pois não sei como se parece um matemático!

— Muito acertado! Um matemático não tem cara de nada; isto é, ele vai parecer tão inteligente, de modo tão geral, que isso não terá nenhum sentido

determinado! Com exceção dos padres católicos romanos, hoje em dia ninguém mais parece como devia ser, pois usamos nossas cabeças de maneira ainda mais impessoal do que nossas mãos; mas a matemática é o ponto culminante, ela sabe tão pouco a respeito de si mesma como, quando um dia comerem pílulas em vez de carne e pão, as pessoas haverão de saber a respeito de campos, vitelas e galinhas!

Entrementes, Clarisse colocara na mesa a frugal refeição da noite, e Walter comia com vontade; talvez isso lhe tivesse inspirado aquele exemplo. Clarisse ficou olhando os lábios dele. Lembravam os de sua falecida mãe, eram lábios femininos, fortes, que comiam como quem executa algum trabalho doméstico, encimados por um bigodinho aparado. Os olhos dele brilhavam como castanhas recém-descascadas, embora estivessem apenas procurando um pedaço de queijo na travessa. Apesar de pequeno, e de corpo antes mole do que delicado, Walter era daquelas pessoas que sempre parecem estar sob uma luz favorável. Ele continuou a falar.

— Não se consegue adivinhar nenhuma profissão pela aparência dele, mas por outro lado também não parece um homem sem profissão. Pense um pouco em como ele é: sempre sabe o que deve fazer; sabe olhar nos olhos de uma mulher; sabe refletir bastante sobre qualquer coisa a qualquer momento; sabe lutar boxe. É talentoso, cheio de vontade, despreconceituoso, corajoso, resistente, destemido, prudente. Não quero examinar isso em detalhes, acho que ele tem todas essas qualidades. Mas também não as tem! Elas fizeram dele aquilo que ele é, e determinaram seu caminho, mas não lhe pertencem. Quando fica zangado, alguma coisa nele ri. Quando está triste, ruma alguma coisa. Quando algo o comove, ele o rejeita. Qualquer má ação lhe parecerá boa em algum aspecto. É um possível contexto que vai determinar o que ele pensa de um assunto. Para ele, nada é sólido. Tudo é mutável, parte de um todo, de incontáveis todos, que provavelmente fazem parte de um supertodo, mas que ele absolutamente não conhece. Assim, todas as respostas dele são respostas parciais, cada um de seus sentimentos é apenas um ponto de vista, e para ele não importa o que a coisa é, e sim um secundário “como é”. Não sei se estou me fazendo entender.

— Sim — disse Clarisse. — Mas acho isso tudo muito simpático nele.

Walter falara, manifestando involuntariamente cada vez maior aversão; o

velho sentimento de infância de ser o amigo mais fraco aumentava o seu ciúme. Pois embora estivesse convencido de que Ulrich jamais realizara nada exceto algumas demonstrações de inteligência, não se livrava da secreta impressão de ter sido sempre inferior fisicamente. A imagem que agora dava do outro libertava-o, como se tivesse conseguido executar uma obra de arte; não era ele quem a criara de si mesmo; mas, ligadas à consumação misteriosa do início, as palavras se haviam enfileirado umas às outras, fora dele, e no seu interior libertava-se algo de que ele não tinha consciência. Quando terminara, reconhecera que Ulrich não significava senão essa substância dissolvida que hoje todos os fenômenos têm.

— Você gosta disso? — indagou numa dolorosa surpresa. — Não pode falar a sério! Clarisse comia pão com requeijão; só consegui sorrir com os olhos.

— Ora — disse Walter —, antigamente também pensávamos assim. Mas não se deve ver nisso senão um primeiro degrau! Uma pessoa assim não é pessoa!

Clarisse terminara de comer.

— Mas ele mesmo diz isso! — afirmou.

— O que é que ele mesmo diz?

— Ora, sei lá! Que hoje em dia tudo está dissolvido. Ele diz que agora tudo está em ponto morto, não só ele. Mas não acha isso tão ruim quanto você. Uma vez ele me contou uma longa história: se dissecássemos a natureza de mil pessoas, haveríamos de encontrar duas dúzias de qualidades, sentimentos, estruturas e assim por diante, que constituem todas essas pessoas. E se dissecarmos nosso corpo, encontraremos apenas água e algumas dúzias de substâncias nadando nela. A água corre em nós como nas árvores, e forma os corpos dos animais como forma as nuvens. Acho isso muito bonito. Só não sabemos exatamente o que dizer de nós mesmos. Nem o que fazer — Clarisse deu uma risadinha.

— Depois disso eu lhe contei que você passa dias pescando quando está de folga, deitado junto da água.

— E daí? Eu gostaria de saber se ele aguentaria isso, ao menos dez minutos. Mas *pessoas* — disse Walter com firmeza — fazem isso há dezenas de milhares de anos, ficam olhando o céu, sentindo o calor da terra e não ficam analisando isso, como não ficamos dissecando nossa mãe!

Clarisse teve de rir novamente.

— Ele diz que desde aqueles tempos as coisas se complicaram muito. Assim como na água, também nadamos num mar de fogo, numa tempestade elétrica, num céu de magnetismo, num pântano de calor e assim por diante. Mas tudo isso, sem sentir. Por fim restam apenas fórmulas. E não se pode expressar corretamente o que elas significam em termos humanos; só isso. Eu já esqueci o que aprendi no colégio, mas de alguma forma parece correto. E ele diz que se alguém hoje em dia quiser dizer “irmãos” aos pássaros, como São Francisco, ou você, não deveria pensar que é fácil, pois deveria também decidir-se a entrar num forno, saltar para a terra através do condutor de um bonde elétrico, ou escorrer para o canal através do esgoto!

— Pois é! — interrompeu Walter. — Primeiro, os quatro elementos se tornam dúzias, e por fim simplesmente nadamos sobre relações, acontecimentos, fantasmas de acontecimentos e fórmulas, qualquer coisa que nem se sabe se é uma coisa, um fenômeno, um espectro de pensamento ou sabe-deus-o-quê! Então já não haverá diferença entre o sol e um fósforo, entre a boca e a outra extremidade do canal digestivo! A mesma coisa tem cem lados, o lado com relações, cada uma com outros sentimentos anexos. O cérebro humano terá então dividido muito bem as coisas; as coisas, porém, dividiram o coração humano!

Ele se levantara de um salto mas continuava parado atrás da mesa.

— Clarisse! — disse. — Ele é um perigo para você! Olhe, Clarisse, hoje em dia as pessoas precisam sobretudo de simplicidade, proximidade com a terra, saúde — e, sim, certamente, você pode dizer o que quiser — também de um filho, porque um filho nos liga à terra firme. O que Ulo anda lhe contando é desumano. Eu lhe asseguro, *tenho coragem* de, quando chego em casa, simplesmente tomar café com você, escutar os pássaros, passear um pouco, conversar com os vizinhos, deixar o dia terminar calmamente: isso é vida humana!

A ternura dessas imagens o aproximara lentamente dela; mas assim que instintos paternos começaram a se fazer ouvir de longe com sua doce voz de baixo, Clarisse ficou rígida. Seu rosto se fechou enquanto Walter se aproximava, e ela assumiu uma postura de defesa.

Quando ele chegou perto, irradiava uma cálida doçura, como um fogão de camponeses. Clarisse hesitou um momento naquele calor. Depois disse:

— Nada feito, meu caro! — Pegou da mesa um pedaço de pão e queijo, e beijou Walter rapidamente na testa.

— Vou dar uma olhada e ver se não há borboletas.

— Mas Clarisse — pediu Walter —, nessa época do ano não há mais borboletas.

— Ora, nunca se sabe!

Só o riso dela ficou no aposento. Ela se foi pelos campos com seu pedaço de pão e queijo; a região era segura, não se precisava de acompanhante. A ternura de Walter murchou como um suflê retirado prematuramente do forno. Ele deu um suspiro fundo. Depois, voltou a sentar-se ao piano, hesitante, e tocou algumas notas. Quisesse ou não, elas tornaram-se fantasias sobre motivos de óperas de Wagner, e no chapinhar dessa substância que jorrava descontroladamente, de que ele se privara nos tempos em que tinha orgulho, seus dedos rumorejavam e borbulhavam na torrente de sons. Não lhe importava que os ouvissem até longe! O narcótico da música paralisava sua medula e aliviava seu destino.

18

MOOSBRUGGER

Naquela época, a opinião pública apaixonou-se pelo caso Moosbrugger.

Moosbrugger era um carpinteiro, um homem grande, de ombros largos, sem gorduras de sobra, cabelo parecendo pêlo de ovelha castanho, e grandes patas fortes e bondosas. Força bondosa e honestidade falavam também em seu rosto, e quem não as tivesse visto pelo menos teria cheirado essas qualidades pelo odor áspero, direito, seco, o aroma de oficina, que fazia parte daquele homem de trinta e quatro anos, e vinha de lidar com madeira, trabalho que exigia ponderação e esforço.

Todos paravam como que pregados ao chão ao verem pela primeira vez aquele rosto que Deus marcara com todos os sinais de bondade; pois habitualmente Moosbrugger andava acompanhado por dois policiais armados, e trazia as mãos amarradas uma à outra diante do corpo, numa forte correntinha de aço, cuja ponta era segura por um de seus acompanhantes.

Quando ele percebia que o observavam, um sorriso passava sobre seu rosto largo e bondoso, com o cabelo desalinhado, a barbicha e o bigode; usava um casaco preto curto com calças cinza-claro, andava de pernas abertas e em postura militar, mas era aquele sorriso que mais interessava aos jornalistas no tribunal. Podia ser um sorriso constrangido ou astuto, irônico, traiçoeiro, dolorido, louco, sanguinário, sinistro: os jornalistas tateavam visivelmente, para poderem expressar algo contraditório, e pareciam procurar desesperadamente naquele sorriso algo que não encontravam no resto daquela figura tão honesta.

Pois Moosbrugger matara de maneira apavorante uma mulher, uma prostituta do mais baixo nível. Os jornalistas tinham descrito com precisão um ferimento no pescoço, que vinha da laringe até a nuca, assim como duas perfurações no peito, varando o coração, outras duas no lado das costas, e

os seios quase decepados; tinham expressado sua repulsa, mas não pararam antes de contar os trinta e cinco golpes na barriga, e o corte que ia quase do umbigo ao sacro, continuando pelas costas acima em incontáveis cortes menores, enquanto o pescoço mostrava sinais de estrangulamento. Não conseguiam ligar aquele horror ao bondoso rosto de Moosbrugger, embora eles próprios fossem pessoas boas, e, apesar disso, descrevessem tudo de modo objetivo, profissional, e, obviamente, excitante ao extremo. Até da explicação mais imediata de que estavam diante de um louco — pois Moosbrugger já estivera algumas vezes em hospícios por crimes semelhantes — fizeram pouco uso, embora um bom jornalista hoje entenda bastante desse problema; era como se por enquanto não quisessem desistir de o considerar um celerado, e transferir o acontecido do mundo normal para o mundo dos enfermos; nisso concordavam com os psiquiatras, que já o haviam considerado tanto saudável como irresponsável várias vezes. E acontecera ainda uma coisa singular: as mórbidas aberrações de Moosbrugger já às primeiras notícias tinham sido consideradas como “até que enfim uma coisa interessante” por milhares de pessoas que censuravam o sensacionalismo dos jornais; e isso acontecia tanto com funcionários ocupados como com filhos de catorze anos e esposas entregues à vida doméstica. Todos suspiravam com esses horrores, mas intimamente ocupavam-se mais deles do que de sua própria atividade pessoal. Sim, naqueles dias, ao ir para a cama, um correto chefe de seção ou gerente de banco diria à sua sonolenta esposa: “O que você faria se eu agora agisse como Moosbrugger...?”

Ao deparar com aquele rosto de filho-de-Deus por cima das algemas, Ulrich voltara depressa, dera alguns cigarros a um dos guardas do tribunal ali perto, pedindo informações sobre o grupo que acabava de sair pelo portão; dessa forma ficou sabendo... Mas isso já devia ter acontecido antes, pois assim foi noticiado, e o próprio Ulrich quase chegou a acreditar; mas a verdade aceita era que apenas lera tudo no jornal. Demorou muito até conhecer Moosbrugger pessoalmente, e antes disso só o conseguira ver em pessoa uma vez durante o processo. É mais provável encontrar-se uma coisa fora do comum em jornais do que experimentá-la ao vivo; em outras palavras, hoje em dia as coisas mais importantes acontecem no abstrato, e as mais desimportantes no concreto.

O que Ulrich soube da história de Moosbrugger foi mais ou menos o seguinte:

Quando criança, Moosbrugger fora um pobre-diabo, um pastorzinho numa comunidade tão pequena que nem ao menos havia uma rua na aldeia, e era tão pobre que nunca falara com uma moça. Só podia ver as meninas; mais tarde, como aprendiz, e depois nas suas andanças, tudo continuou da mesma maneira. É fácil imaginar o que isso significa. Algo que se deseja tão naturalmente como pão ou água, e que só se pode ver. Depois de algum tempo, esse desejo deixa de ser natural. A coisa desejada passa, as saias ondulam em torno das pernas. Ela salta sobre uma cerca, e a gente vê até os joelhos. Olhamos nos olhos dela, e são imperscrutáveis. A gente ouve seu riso, nos viramos depressa e vemos um rosto imóvel e redondo como um buraco na terra, por onde acabou de se enfiar um camundongo.

Era compreensível, pois, que já quando do assassinato da primeira moça Moosbrugger se justificasse dizendo ser constantemente perseguido por espíritos que chamavam por ele dia e noite. Arrancavam-no da cama quando dormia, perturbavam-no no trabalho; depois ele os ouviu falar entre si dia e noite, e discutir. Não era enfermidade mental, e Moosbrugger ficava enfurecido quando diziam que era. Ele próprio, é verdade, por vezes enfeitava o assunto com lembranças de sermões espirituais, ou recobria-o com as simulações que se aprendem na prisão, mas o material para aquilo estava sempre ali; apenas um pouco empalidecido, quando não se prestava atenção.

O mesmo acontecera durante suas andanças. No inverno, dificilmente há trabalho para um carpinteiro, e Moosbrugger ficava semanas a fio na estrada. De dia andava longe, chegava a um lugar, não encontrava onde ficar. Tinha de marchar mais ainda, noite adentro. Sem dinheiro para uma refeição, de modo que tomava aguardente até sentir duas velas acesas atrás dos olhos, e o corpo começava a andar sozinho. Não queria pedir pouso por uma noite num “albergue”, apesar da sopa quente, em parte por causa dos insetos, em parte por causa dos incômodos humilhantes; por isso preferia mendigar algumas moedas e esconder-se no monte de feno de algum camponês. Sem lhe pedir, naturalmente, pois para que haveria de pedir e ser ofendido? De manhã, muitas vezes havia brigas, e ele era acusado de

violência, vagabundagem e mendicância, e por fim havia um registro cada vez mais gordo de antecedentes, que cada novo juiz abria com ares de importante, como se o registro explicasse alguma coisa de Moosbrugger.

E quem imagina o que significa passar dias e semanas sem poder se lavar direito? A pele fica tão dura que só permite gestos bruscos, mesmo quando se quer fazer gestos ternos, e a alma endurece sob essa casca. O juízo não é tão prejudicado, as coisas necessárias a gente faz bem direitinho; ele fica queimando como uma luzinha num enorme farol giratório, cheio de minhocas ou gafanhotos amassados no fundo, mas toda a pessoa também foi esmagada ali dentro, só a substância orgânica em fermentação continua se movendo. Então, quando andava pelas aldeias ou numa estrada solitária, Moosbrugger encontrava na sua peregrinação procissões inteiras de mulheres. Aqui uma, meia hora depois outra mulher, mas, embora viessem a grandes intervalos e não tivessem nada a ver umas com as outras, eram procissões. iam de uma aldeia à outra ou só davam uma olhada fora de casa, usavam xales grossos ou casacos que lhes envolviam os quadris em linhas rígidas, entravam na sala aquecida ou empurravam as crianças à sua frente, ou estavam tão solitárias na estrada que se poderia jogar pedras nelas, como nas gralhas. Moosbrugger afirmava não poder ser um assassino sexual, porque sempre tivera repulsa contra essas fêmeas, e isso não parece improvável, pois também se entende um gato agachado diante de uma gaiola na qual saltita um canário gordo e louro; ou que pega um rato, o solta, pega de novo só para o ver escapar mais uma vez; e o que é um cachorro que persegue uma bicicleta, e morde só de brincadeira, ele, amigo do homem? Existe na atitude para com o que é vivo e móvel, e rola diante da gente, mudo, ou que dispara silencioso, uma secreta aversão contra a criatura que está feliz. E além do mais, o que fazer se ela grita? Ou voltar a si, ou, quando não se pode, apertar o rosto dela no chão, e enfiar terra na sua boca.

Moosbrugger era apenas um oficial carpinteiro, um homem muito sozinho, e embora em todos os lugares onde trabalhava os camaradas gostassem dele, não tinha amigo. O mais forte dos instintos de vez em quando virava cruelmente pelo avesso o seu ser; mas talvez, como ele dizia, só lhe tivessem faltado educação e oportunidade de fazer disso outra coisa, ser um

anjo exterminador, um incendiário de teatros, ou grande anarquista; pois aos anarquistas que se ligam a sociedades secretas ele considerava, com desdém, impostores. Era visível que estava enfermo; mas embora sua natureza doentia fosse o motivo do comportamento que o isolava dos outros, ele a experimentava como uma sensação mais intensa e mais elevada do seu Eu. Toda a sua vida era uma luta, desajeitada a ponto de fazer rir ou tremer de horror, para fazer valer esse fato. Já como rapazinho quebrara os dedos de um seu patrão, quando o homem o quisera punir. De outro, roubara dinheiro; por necessidade e justiça, dissera. Não aguentava muito tempo em lugar algum; enquanto, com sua calma lacônica e amável, ombros enormes, sempre trabalhando, como acontecia no princípio, mantinha as pessoas intimidadas, ele ficava; assim que começavam a tratá-lo de maneira familiar e desrespeitosa, como se soubessem quem ele era, ia embora, pois dominava-o uma sinistra sensação de não estar firme na própria pele. Uma vez, afastou-se tarde demais; quatro pedreiros numa construção decidiram humilhá-lo, empurrando-o do andaime do andar superior; ele já os ouvia chegando às suas costas, entre risadinhas, então lançou-se sobre os homens com sua força imensa, jogou um deles pela escada dois pisos abaixo, e a dois outros cortou todos os tendões do braço. Segundo disse, o fato de depois ter sido punido abalou sua personalidade. Emigrou para a Turquia; e voltou, pois por toda parte o mundo se aliava contra ele; não havia palavra mágica nem bondade que pudessem anular essa conspiração.

Aprendera, interessado, essas palavras em hospícios e prisões; cacos de francês e latim, que intercalava nas suas falas, nos lugares mais inadequados, desde que descobrira que era a posse dessas expressões que dava aos dominantes o direito de “decidir” sobre seu destino. Pelo mesmo motivo também se esforçava por falar um seletto alemão culto nas audiências; dizia, por exemplo, “isso deve servir como fundamento para a minha brutalidade”, ou “eu a imaginara ainda mais cruel do que normalmente julgo serem essas mulheres”; mas quando via que também isso não impressionava, não raro assumia uma grande pose teatral, e ironicamente declarava-se um “anarquista teórico”, que poderia se fazer salvar a qualquer momento pelos social-democratas, desde que quisesse aceitar algum presente desses judeus, os piores exploradores do povo ignorante e trabalhador. Então também ele tinha uma “ciência”, um terreno

onde a petulância erudita dos seus juizes não o conseguia acompanhar.

Habitualmente isso lhe valia durante o processo o comentário de “inteligência notável”, e por fim punições mais severas, mas no fundo a sua vaidade considerava aquelas audiências os períodos mais honrosos de sua vida. Por isso, não odiava a ninguém tanto quanto aos psiquiatras, que achavam que toda a sua difícil existência se podia resolver com algumas palavras estrangeiras, como se para eles fosse um caso cotidiano. Como sempre em tais casos, os pareceres dos médicos quanto ao estado de espírito dele eram fruto da pressão do mundo das leis, que lhes era superior em hierarquia. Moosbrugger não perdia nenhuma dessas oportunidades para provar em audiências públicas a sua superioridade em relação aos psiquiatras, desmascarando-os como bobalhões enfatuados e vigaristas, totalmente ignorantes, que, caso ele fosse simulador, deveriam recebê-lo em seus hospícios, em vez de o mandarem para a prisão, onde era realmente seu lugar. Pois não negava seus atos, queria que fossem compreendidos como desgraças numa concepção maior da vida. Especialmente as mulheres, sempre dando risadinhas, conspiravam contra ele; todas tinham os seus amantes, e não valorizavam a palavra de um homem sério, ou a consideravam uma ofensa. Fugia delas o quanto podia, para não se irritar, o que nem sempre era possível. Há dias em que, como homem, a gente fica com a cabeça bem confusa e não consegue realizar nenhum trabalho, porque nossas mãos suam de inquietação. E se então é preciso ceder, podemos estar certos de que logo ali, passando pela estrada como uma patrulha avançada enviada por outros, cruza um desses venenos ambulantes, uma impostora que secretamente ri do homem, enquanto o leva a fraquejar e faz uma encenação, quando não faz coisas piores, na sua falta de escrúpulos!

E assim chegara o fim daquela noite, uma noite passada em bebedeiras solitárias, com muito barulho para acalmar a inquietação interior. Mesmo sem estarmos bêbados o mundo pode ser inseguro. As paredes nas ruas oscilavam como cenários atrás dos quais alguma coisa espera a deixa para aparecer no palco. Na periferia da cidade tudo é mais calmo, começa o campo aberto, iluminado pelo luar. Moosbrugger teve que dar meia-volta para retornar numa curva até sua casa, e então, na ponte de ferro, a mocinha

falou com ele. Era uma dessas mocinhas que se alugam aos homens nos campos, uma criadinha desempregada, fugida, uma criaturinha de quem só se viam dois atraentes olhos de camundongo abaixo do lenço. Moosbrugger afastou-a e apressou o passo; mas ela mendigou que a levasse para a casa dele. Moosbrugger continuou andando, seguiu em frente, dobrou a esquina, e por fim andava para lá e para cá, desamparado; dava passos grandes, e ela corria ao seu lado; parava, e ela parava como uma sombra. Na verdade, ele a arrastava atrás de si. Então fez mais uma tentativa de a espantar; virou-se e cuspiu-lhe duas vezes na cara. Mas não adiantou: ela era invulnerável.

Atravessavam aquele parque imenso, na parte mais estreita. Moosbrugger percebeu que devia haver algum protetor da moça por perto; pois de onde mais ela teria tirado coragem de o seguir, embora ele não quisesse? Pegou a faca no bolso da calça, pois o estavam querendo enganar; talvez atacá-lo de novo; sempre há atrás de uma mulher um homem querendo zombar da gente. Aliás, ela não parecia um homem disfarçado? Ele viu sombras móveis, ouviu gravetos estalando, enquanto aquela que se esgueirava a seu lado como um pêndulo de relógio vagaroso repetia seu pedido, a intervalos; mas não havia nada sobre que ele pudesse lançar sua força gigantesca, e começou a ter medo daquela sinistra calmária.

Quando chegaram à primeira rua, ainda escura, havia suor em sua testa, e ele tremia. Não olhou para o lado, dirigindo-se para um bar ainda aberto. Bebeu um café preto e três conhaques um atrás do outro, e conseguiu ficar sentado quieto, talvez uns quinze minutos; mas, quando pagou, começou a pensar de novo no que faria se ela tivesse ficado à espera lá fora. Há pensamentos assim, como barbantes que se enroscam em nossos braços e pernas. E mal ele dera alguns passos na rua escura, sentiu a mocinha a seu lado. Agora não estava mais humilde mas atrevida e segura de si; não pedia mais nada, estava calada. Então ele reconheceu que nunca mais se livraria dela, porque era ele próprio que a atraía. Sua garganta se encheu de um soluço de nojo. Caminhava, e aquela coisa atrás dele era ainda ele. Como sempre, quando encontrava procissões de mulheres. Uma vez cortara da própria perna uma grande lasca de madeira porque não tivera paciência de esperar o médico; de forma bem parecida sentiu agora de novo a faca, comprida e dura, em seu bolso.

Mas Moosbrugger, com um esforço quase sobrenatural, encontrou mais uma saída. Atrás da cerca de tábuas ao longo da qual seguia o caminho, havia um campo de esportes; lá ninguém via nada, e ele entrou. Deitou-se na estreita bilheteria e enfiou a cabeça no canto, onde estava mais escuro; aquele maldito e macio segundo Eu deitou-se ao seu lado. Por isso, fingiu dormir, para escapar depois. Mas quando rastejou para fora, cuidadosamente, com os pés primeiro, a coisa estava lá outra vez e passou os braços pelo seu pescoço. Ele sentiu alguma coisa dura no bolso dela, ou no seu; e tirou-a. Não sabia bem se era uma tesoura ou faca; atacou com ela. A moça dissera que era só uma tesoura, mas era a sua faca. Ela caiu com a cabeça dentro da barraquinha; ele a arrastou um pedaço para fora, sobre a terra macia, e esfaqueou-a até apartá-la inteiramente de si. Depois ficou parado junto dela talvez mais um quarto de hora, contemplando-a, enquanto a noite voltava a ficar calma e estranhamente lisa. Agora ela não poderia mais ofender nenhum homem, nem pendurar-se nele. Por fim, ele carregou o cadáver sobre a estrada e deitou-o diante de um arbusto para que fosse encontrado e enterrado mais facilmente, como disse, pois agora ela já não tinha culpa nenhuma.

No processo, Moosbrugger criou as maiores dificuldades para o seu defensor. Sentava-se no banco, escarrapachado como um espectador; gritava bravo para o promotor quando este conseguia provar, de um modo que lhe parecia digno, que o acusado era um perigo público; fez elogios às testemunhas que declararam nunca ter notado nele nada que fizesse pensar em irresponsabilidade. “O senhor é um sujeito bem engraçado”, dizia-lhe o juiz que dirigia o processo, num tom adulator, apertando cuidadosamente os laços em que o acusado se metera. Depois, Moosbrugger ficou imóvel um momento, espantado, como um touro acuado na arena; olhou em torno, e percebeu nos rostos dos presentes o que não conseguia entender, isto é, que mais uma vez aumentara a profundidade do poço de sua culpa.

Ulrich ficou particularmente interessado ao ver que a defesa obviamente se baseava num plano, vago, mas reconhecível. Ele não saíra com intenção de matar, nem queria, por questão de dignidade, ser considerado doente; não se podia falar de luxúria, mas de nojo e desprezo; portanto era um crime de homicídio, a que fora levado pelo comportamento suspeito da mulher, “essa

caricatura de mulher”, como ele dizia. Se o estavam entendendo direito, ele até pedia que considerassem seu assassinato um crime político, e por vezes dava a impressão de não estar lutando por si próprio, mas por essa elaboração jurídica. A tática usada pelo juiz, em contrapartida, era a comum, de ver em tudo apenas os esforços desajeitados e astutos de um assassino que quer se esquivar da responsabilidade.

— Por que lavou as mãos depois do crime? Por que jogou a faca fora? Por que, depois do crime, vestiu roupas, e roupa de baixo limpas? Porque era domingo? Não porque o senhor estava ensanguentado? Por que foi se divertir depois? O crime não o impediu de fazer isso? O senhor sentiu algum arrependimento?

Ulrich compreendia bem a profunda resignação com que Moosbrugger nesses momentos acusava a sua educação precária, que o impedia de abrir os laços daquela rede tecida de incompreensão, o que o juiz comentava com tom de censura:

— O senhor só sabe culpar os outros!

Aquele juiz reunia todos os dados que vinham desde ocorrências policiais e vagabundagem, e considerava tudo culpa de Moosbrugger; mas para este tudo constava de incidentes isolados que nada tinham a ver uns com os outros, cada qual com uma razão diferente, que se encontrava fora de Moosbrugger, em algum lugar do conjunto do mundo. Aos olhos do juiz, os atos de Moosbrugger vinham dele próprio, aos olhos dele tinham vindo de fora para o atacar como pássaros que vão chegando. Para o juiz, Moosbrugger era um caso especial; mas ele próprio se considerava um mundo, e é difícil dizer algo de convincente sobre um mundo. Eram duas táticas lutando entre si, duas unidades e duas consequências lógicas; mas Moosbrugger estava na posição mais desvantajosa, pois nem mesmo alguém mais inteligente do que ele teria podido expressar seus estranhos motivos nebulosos. Eles brotavam diretamente da sua vida desordenada e solitária; e enquanto todas as vidas existem de cem maneiras — vistas pelos que as vivem e pelos que as testemunham — a vida dele, a verdadeira, só para ele existia. Era um sopro que se deforma constantemente, mudando de figura. Verdade que ele poderia ter perguntado aos seus juizes se as vidas deles eram essencialmente diferentes. Mas nem pensava numa coisa dessas. Diante da justiça, tudo o que parecera tão naturalmente encadeado dentro

dele ficava lado a lado, de um modo desconexo, e ele se esforçava muito para lhe conferir um sentido que não ficasse, em nada, atrás da dignidade de seus nobres adversários. O juiz parecia quase bondoso em seu esforço para apoiá-lo nisso, e lhe fornecer conceitos, ainda que levassem às mais terríveis consequências para Moosbrugger.

Era como o combate de uma sombra com a parede, e por fim a sombra de Moosbrugger bruxuleava apenas, horrivelmente. Ulrich assistiu àquela última sessão. Quando o presidente leu o parecer que o declarava responsável, Moosbrugger levantou-se e disse ao tribunal:

— Estou satisfeito com isso e atingi meu objetivo.

A resposta foi uma irônica incredulidade na sala, e ele acrescentou, irado:

— Por ter forçado a acusação, estou satisfeito com o processo!

O presidente, agora todo severidade e castigo, censurou-o dizendo que o tribunal não estava interessado na sua satisfação. Leu-lhe em seguida a sentença de morte, exatamente como se as tolices que Moosbrugger dissera para diversão de todos os presentes durante todo o processo agora finalmente merecessem uma resposta séria. Moosbrugger não disse nada, para não parecer assustado. O júri foi encerrado, e tudo acabou. Então, o espírito dele hesitou; ele recuou, impotente contra a arrogância daqueles que não o compreendiam; virou-se, e, enquanto os oficiais de justiça já o levavam para fora, lutou para encontrar palavras, ergueu as mãos e exclamou com uma voz que resistia aos empurrões dos guardas:

— Estou satisfeito, embora deva admitir que condenaram um louco!

Era uma incoerência; mas Ulrich ficou sentado, sem poder respirar. Era claramente demência, mas também claramente apenas uma ligação desfigurada dos elementos do nosso ser. Estava estraçalhado e sombrio; mas de alguma forma Ulrich pensou: se a humanidade pudesse sonhar como um todo, teria de surgir um Moosbrugger. Ele só voltou a si quando aquele “miserável palhaço de defensor”, como o acusou o ingrato Moosbrugger uma vez durante o processo, anunciou que interporia’ recurso devido a algum detalhe, enquanto seu gigantesco cliente era levado da sala.

19

CARTA DE EXORTAÇÃO , E OPORTUNIDADE DE OBTER QUALIDADES. CONCORRÊNCIA DE DUAS ASCENSÕES AO TRONO

Assim, o tempo ia passando, até que Ulrich recebeu uma caria de seu pai.

“Meu querido filho! Passaram-se mais uma vez meses sem que eu pudesse deduzir, das suas poucas notícias, se você deu o menor passo em frente na carreira, ou se ao menos tal passo preparou.

Reconheço com alegria que no curso dos últimos anos tive a satisfação de ouvir, de várias pessoas que muito prezo, louvores às suas realizações, e por causa delas também ouvi comentar que você tem um grande futuro. Mas, de um lado, a sua tendência hereditária, embora não de mim herdada, de dar precipitadamente os primeiros passos sempre que uma tarefa o atrai, esquecendo em seguida inteiramente o que deve a si mesmo e aos que colocaram em você suas esperanças; e, de outro lado, o fato de não perceber nas notícias que me envia o menor sinal de algum plano para seu futuro, me enchem de grave preocupação.

Você não apenas está numa idade em que outros homens já conseguiram uma posição sólida na vida, mas posso morrer a qualquer momento. A fortuna que deixarei, a você e sua irmã, em partes iguais, não será pequena; mas, nas circunstâncias atuais, não tão grande que sua posse lhe assegure por si mesma uma posição social, que, portanto, você mesmo terá finalmente de conseguir. O fato de que, desde seu doutorado, você fale muito vagamente de seus planos, que se relacionam com os mais vários terrenos e que você, como de hábito, talvez supervalorize, mas nunca escreva que lhe daria satisfação obter um cargo de professor, nem sobre contatos com tal propósito feitos com alguma universidade, nem mesmo sobre contatos com círculos importantes, é o que por vezes me enche de grave preocupação. Certamente não posso ser colocado sob suspeita de desprezar a independência científica, logo eu, que há quarenta e sete anos

rompi com os preconceitos da antiga escola de direito penal ao publicar a obra que você conhece, agora em sua 12^a edição, *A Doutrina de Responsabilidade de Samuel Pufendorf e a Jurisprudência Moderna*. Mas também não posso admitir, após a experiência de uma vida de muito trabalho, que alguém dependa só de si próprio, negligenciando as relações científicas e sociais que, só elas, apóiam o trabalho do indivíduo, que obtém assim uma continuidade fecunda e útil.

Por isso, espero, confiante, receber em breve notícias suas, e ver recompensadas as despesas que fiz para o seu progresso, na medida em que, depois de regressar a seu país, você restabeleça essas relações e não as negligencie mais. Também nesse sentido, escrevi a meu antigo e verdadeiro amigo e protetor, ex-presidente do Tribunal de Contas e atual presidente do Superior Tribunal Imperial da Família junto à Corte, sua Excelência Conde Stallburg, pedindo-lhe que receba com benevolência o pedido que você lhe fará em seguida. Meu importante amigo já teve a bondade de me responder, e você tem sorte, porque ele não apenas o receberá, mas tem o maior interesse na sua carreira, que lhe descrevi. Com isso, na medida de minhas forças e possibilidades, presumindo que você saiba conquistar Sua Excelência e consolidar a opinião dos meios acadêmicos a seu respeito, seu futuro está assegurado.

Quanto ao pedido que certamente gostará de apresentar a Sua Excelência assim que souber do que se trata, é o seguinte:

No ano de 1918, provavelmente em torno do dia 15 de junho, haverá na Alemanha uma grande comemoração que imprimirá na lembrança do mundo a grandeza e poder do país, celebrando o jubileu de trinta anos de governo do Imperador Guilherme II. Embora falem vários anos, sabe-se de fonte segura que já hoje se fazem preparativos, ainda que, obviamente, de maneira não oficial. Você certamente também sabe que no mesmo ano nosso venerável Imperador completará setenta anos de sua ascensão ao trono, no dia 2 de dezembro. Com a excessiva modéstia que nós austríacos temos em todas as questões relativas à nossa própria pátria, é de se recear um segundo Königgrätz, isto é, os alemães poderão se adiantar a nós, com o seu estudado método de obter maior efeito, como então quando introduziram a espingarda de agulha antes que chegássemos a pensar em alguma surpresa.

Por sorte, meu receio, que acabo de lhe expor, já fora antecipado por algumas personalidades patrióticas importantes, e posso lhe revelar que em Viena está em curso uma ação para impedir que esse receio se concretize, destacando o peso de um jubileu de setenta anos, ricos em bênçãos e preocupações, diante de outro de apenas trinta anos. Como naturalmente não se poderia adiantar o 2 de dezembro ao 15 de junho, tivemos a boa idéia de declarar todo o ano de 1918 como Ano Jubilar de nosso Imperador da Paz. Estou informado disso apenas na medida em que as corporações a que pertenço tiveram oportunidade de assumir posição sobre esse projeto, maiores detalhes você mesmo terá quando se apresentar ao Conde Stallburg, que planeja lhe dar, no comitê de preparativos, uma posição que honrará a sua juventude.

Da mesma forma devo lhe recomendar que não demore, de maneira tão penosa para mim, em travar relações com a família do subsecretário Tuzzi, do Ministério do Exterior e da Casa Imperial, que venho lhe recomendando há tanto tempo, e visite imediatamente sua esposa, que, como sabe, é filha de um primo da mulher de meu falecido irmão, portanto sua prima. Pois, segundo me dizem, ela tem uma posição destacada naquele projeto que acabo de lhe descrever, e meu venerado amigo Conde Stallburg já teve a enorme bondade de a prevenir da possibilidade da sua visita, motivo pelo qual não deve hesitar um só momento em fazê-lo.

De minha parte, nada mais há a noticiar; o trabalho na reedição do meu citado livro assume, além das minhas conferências, todo o tempo e o resto de força de que se dispõe na velhice. É preciso aproveitar bem o tempo, pois é curto.

De sua irmã, apenas ouvi dizer que está bem de saúde; tem um marido bom e trabalhador, embora ela nunca reconheça que deve ficar satisfeita com sua sorte e que se sente feliz assim.

Bênçãos de seu

Pai, que o quer muito.”

SEGUNDA PARTE

A MESMA COISA ACONTECE

20

CONTATO COM A REALIDADE.

NÃO OBSTANTE A FALTA DE QUALIDADES, ULRICH PORTA-SE COM ENERGIA E FERVOR

A decisão de Ulrich, de apresentar-se ao Conde Stallburg, deveu-se em boa parte à sua curiosidade.

O Conde Stallburg tinha seu gabinete no castelo imperial e real, e o Imperador e Rei da Kakânia era um ancião lendário. Desde então, já se escreveram muitos livros sobre ele, e sabe-se exatamente o que ele fez, deixou de fazer, impediu que se fizesse; mas naquele tempo, no último decênio da vida dele e da Kakânia, por vezes jovens ligados a ciência e às artes duvidavam até da sua existência. O número de retratos que se via dele era quase tão grande quanto o número de habitantes de seus reinos; no seu aniversário comia-se e bebia-se tanto quanto no aniversário do Salvador, acendiam-se fogueiras nas montanhas, e as vozes de milhões de pessoas juravam amá-lo como a um pai; afinal, uma canção em sua honra era a única produção de literatura e música de que todo o morador da Kakânia conhecia algum verso. Mas essa popularidade e publicidade era tão superconvincente, que a crença nele facilmente poderia ser a crença numa estrela que vemos, embora não exista há milênios.

A primeira coisa que aconteceu quanto Ulrich se dirigiu ao castelo imperial foi a carruagem que o devia levar parar fora do castelo; o cocheiro quis ser pago porque afirmou que podia passar mas não estacionar dentro do pátio. Ulrich aborreceu-se com o cocheiro, a quem julgou mentiroso ou poltrão, e tentou obrigá-lo; mas foi impotente diante dessa amedrontada recusa, e de repente sentiu nela reflexos de um poder maior que o dele. Entrando no pátio interno, chamaram-lhe a atenção os incontáveis casacos, calças e penachos vermelhos, azuis, brancos e amarelos, parados ali ao sol, hirtos como aves num banco de areia. Até ali, considerara “Sua Majestade” uma forma de tratamento sem significação, exatamente como se pode ser ateu e

ainda assim dizer “Meu Deus”; mas agora seu olhar subia pelos altos muros e via uma ilha cinzenta, isolada e armada, pela qual a agitação da cidade passava disparando, sem se dar conta.

Depois de ter anunciado seu desejo, foi conduzido por escadarias e corredores, salas e salões. Embora estivesse muito bem vestido, sentia que todos os olhares o avaliavam implacavelmente. Ninguém ali confundia aristocracia intelectual com aristocracia legítima, e a Ulrich só restava a satisfação do protesto irônico e da crítica burguesa. Constatou que atravessava uma residência enorme, com pouco conteúdo; salas quase sem mobília, mas aquele vazio não tinha a secura de um grande estilo; passou por uma sequência de guardas e criados formando uma proteção mais desajeitada do que pomposa, que seria mais eficiente se constituída de meia dúzia de detetives bem pagos e treinados; por fim, os criados vestidos com roupas e quepes cinzentos como contínuos de banco, que andavam entre lacaios e guardas, fizeram-no pensar num advogado ou dentista, que não separa suficientemente seu escritório da sua moradia. “A gente sente nitidamente”, pensou, “como isso antigamente deve ter impressionado pela pompa àqueles burgueses do começo do século passado; mas hoje não se pode comparar nem mesmo com a beleza e conforto de um hotel. Por isso fingem, muito espertos, discrição e rigidez aristocráticas”.

Mas quando entrou na sala do Conde Stallburg, Sua Excelência o recebeu num alto prisma oco, de proporções perfeitas, no centro do qual o homenzinho insignificante, calvo, um pouco curvado, joelhos dobrados como os de um orangotango, se postava com uma aparência que nenhum alto funcionário de família distinta pode ter por si, mas apenas se imitar algum modelo. Os ombros caíam para a frente, os lábios para baixo; parecia um velho contínuo ou um honesto contador. E de repente já não havia dúvidas quanto a quem ele fazia lembrar; o Conde Stallburg ficou transparente, e Ulrich entendeu que um homem que há setenta anos é o centro do maior poder deve ter certa satisfação em retirar-se para trás de si próprio, parecendo-se com o mais subalterno de seus súditos, fazendo com que, por boa educação diante dessa importantíssima pessoa, e por natural discrição, não se queira ter aparência mais pessoal que ela. Provavelmente por isso os reis gostavam de se dizer primeiro servidores do seu Estado. Com um olhar rápido Ulrich se convenceu de que Sua Excelência realmente

usava as suíças grisalhas raspadas no queixo que todos os contínuos e porteiros de ferrovia da Kakânia exibiam. Pensava-se que desejavam ser parecidos com seus imperadores e reis, mas nesses casos a necessidade mais profunda repousa em reciprocidade.

Ulrich teve tempo de refletir nisso porque precisou esperar um momento até Sua Excelência se dirigir a ele. O impulso teatral de disfarce e transformação que faz parte dos prazeres da vida revelava-se a ele sem nenhum outro toque, nenhuma noção de pose teatral; isso foi tão forte, que o hábito burguês de construir teatros e transformar a representação numa arte que se aluga por hora lhe pareceu algo bem artificial, decadente e precário, diante daquela arte constante, e inconsciente, de auto-representação. E quando Sua Excelência por fim apartou um lábio do outro e lhe disse: “O seu estimado pai...” mas parou — embora sua voz ainda tivesse algo que fazia perceber suas mãos notavelmente belas e amareladas, e uma espécie de tensa moralidade em toda a sua figura —, Ulrich achou aquilo encantador, e cometeu um erro que intelectuais cometem facilmente. Pois Sua Excelência lhe perguntou o que fazia, e disse:

— Ah, muito interessante; em que escola? — quando Ulrich respondeu que era matemático, e quando Ulrich assegurou que não tinha nada a ver com escolas, Sua Excelência disse:

— Ah, muito interessante, entendo, cientista, Universidade.

E Ulrich achou aquilo tão familiar, exatamente como se imagina um bom diálogo; e sem perceber portou-se como se estivesse em casa, seguindo seus próprios

pensamentos em vez de obedecer às etiquetas daquela situação. De repente lembrou-se de Moosbrugger. Ali estava, próximo do poder de perdoar, e nada lhe pareceu mais fácil do que ver se podia apelar para ele.

— Excelência — perguntou —, posso pedir, nesta ocasião favorável, por um homem que foi condenado injustamente à morte?

O Conde Stallburg arregalou os olhos ao ouvir a pergunta.

— É verdade que se trata de um assassino sexual — confessou Ulrich, e nesse momento reconheceu que estava se portando pessimamente. — Naturalmente um doente mental — tentou corrigir depressa, e quase teria acrescentado, “Vossa Excelência sabe que nesse ponto nossa jurisprudência

é atrasada, data de meados do século passado”, mas engoliu e ficou firme. Era um disparate esperar que aquele homem fizesse algum comentário como o fariam pessoas dedicadas a jogos intelectuais, muitas vezes sem maior motivo. Algumas palavras dessas, quando bem colocadas, podem ser tão fecundas como terra solta de jardim, mas naquele local tinham o efeito de um torrão de terra que alguém tivesse trazido àquela sala por descuido nos sapatos. O Conde Stallburg notou o seu constrangimento, e mostrou grande benevolência.

— Sim, sim, eu me lembro — disse esforçando-se um pouco, depois que Ulrich dera o nome do demente. — O senhor diz que é um doente mental, e gostaria de ajudar a esse homem?

— Ele não tem culpa.

— Sim, são sempre casos muito desagradáveis.

O Conde Stallburg parecia sofrer muito com esses problemas. Contemplou Ulrich com ar desesperançado, e perguntou se não havia mais nada a esperar, se Moosbrugger já recebera sentença definitiva. Ulrich teve de negar.

— Então, está vendo — prosseguiu ele, aliviado — então ainda há tempo —, e começou a falar do “papai”, deixando de lado, numa amável nebulosidade, o caso Moosbrugger.

Por um momento, Ulrich perdeu a presença de espírito por causa do deslize cometido, mas, singularmente, aquele erro não causara má impressão a Sua Excelência. O Conde Stallburg no começo quase perdera a fala, como se alguém tivesse tirado o casaco em sua presença; mas aquela franqueza num jovem tão bem recomendado acabou lhe parecendo enérgica e fervorosa, e ele ficou contente por ter encontrado aquelas duas palavras, pois queria muito ter boa impressão do outro. Escreveu-as (“Podemos esperar ter encontrado um auxiliar enérgico e fervoroso”) na carta de apresentação que redigiu para a personagem principal da grande Ação Patriótica. Quando recebeu o escrito alguns instantes depois, Ulrich sentiu-se como uma criança a quem se manda embora colocando-lhe na mãozinha um pedaço de chocolate. Segurava aquilo entre os dedos, e recebeu instruções para outra visita, o que podia tanto ser um pedido como uma ordem, sem oportunidade de retrucar. Teria querido dizer: “É um mal-entendido, eu não pretendia nem de longe...”, mas já estava voltando pelos grandes corredores

e salões. Parou de repente, pensando: “Tudo isso me levantou como se eu fosse uma rolha e me largou num lugar onde eu não queria estar!”. Examinou, curioso, a enganosa simplicidade da decoração. Concluiu tranquilamente que, mesmo agora, não o impressionava nada; apenas um mundo que ainda não tinham guardado. Mas que qualidade forte e singular sentira ali? Diabo, praticamente não havia outro jeito de expressar aquilo: ela era surpreendentemente real.

A VERDADEIRA INVENÇÃO DA AÇÃO PARALELA PELO CONDE
LEINSDORF

Porém a verdadeira força propulsora da grande Ação Patriótica — que a partir de agora, seja para abreviar, seja porque deveria “destacar o peso de um jubileu de setenta anos ricos em bênçãos e preocupações, em comparação a outro de apenas trinta anos”, também se chamará de Ação Paralela — não era o Conde Stallburg, mas seu amigo, Sua Alteza Conde Leinsdorf. No belo gabinete de trabalho desse grande senhor, com suas janelas altas, entre muitas camadas de silêncio, devoção, galardões de ouro e a solenidade da glória — no momento em que Ulrich fazia sua visita ao castelo, estava parado o secretário com um livro na mão, lendo para Sua Alteza um trecho que fora encarregado de encontrar. Dessa vez era algo de Joh.Gottl.Fichte, que descobrira nos “*Discursos à nação alemã*” e considerava muito adequado. “Para libertação do pecado original da preguiça”, leu ele, “e seu séquito, a covardia e falsidade, as pessoas precisam de modelos que lhes representem o mistério da liberdade, como foram os fundadores de religiões. A compreensão necessária de convicções morais acontece na Igreja, cujos símbolos não devem ser encarados como doutrinas, mas como instrumento de ensino para anúncio das verdades eternas”. Ele acentuara as palavras *preguiça*, *representar* e *Igreja*. Sua Alteza escutara benevolente, pediu para ver o livro, mas depois balançou a cabeça.

— Não — disse o Conde da Corte —, o livro estaria bem, mas esse trecho protestante sobre igreja não pode ser!

O secretário fez um ar de amargura, como um pequeno funcionário a quem a direção recusa pela quinta vez o rascunho de um documento, e objetou cautelosamente:

— Mas a impressão que Fichte causaria nos meios nacionais não seria

excelente?

— Acho que por enquanto teremos de desistir disso — respondeu Sua Alteza. Fechando o livro, fechou também a cara, e com esse rosto mudo e imperioso também se fechou em dois o secretário, numa mesura respeitosa; e pegou o Fichte para o enfileirar outra vez na biblioteca ao lado, entre todos os outros sistemas filosóficos do mundo; pessoas nobres não metem as mãos na cozinha, deixam seus empregados fazerem isso.

— Então — disse o Conde Leinsdorf—, ficamos com quatro pontos: Imperador da Paz, marco da Europa, verdadeira Áustria, e propriedade e cultura. Componha a circular com base nisso.

Sua Alteza tivera nesse momento um pensamento político, e colocado em palavras significava mais ou menos: Eles virão por si! Referia-se àqueles círculos de sua pátria que sentiam pertencer menos a ela do que à nação alemã. Eles lhe desagradavam. Se seu secretário tivesse encontrado uma citação adequada, para agradar ao sentimento deles (pois para isso Joh.Gottl.Fichte fora escolhido), o trecho teria sido copiado; mas no momento em que um detalhe perturbador impedia isso, o Conde Leinsdorf respirou aliviado.

Sua Alteza era o inventor daquela grande Ação Patriótica. Quando chegara aquela excitante notícia da Alemanha, a primeira coisa que lhe ocorrera fora a expressão Imperador da Paz. Ela se ligara imediatamente à imagem de um governante de oitenta e oito anos, verdadeiro pai de seus povos, e um governo ininterrupto de setenta anos. Essas duas imagens naturalmente assumiam as feições familiares de seu senhor e imperador, mas a glória que sobre elas pairava não era a da majestade, e sim daquele fato, que tanto o orgulhava, de sua pátria ter o imperador mais velho e o governo mais prolongado do mundo. Pessoas incompreensivas podiam ser tentadas a ver nisso apenas o prazer de uma raridade (como se, por exemplo, o Conde Leinsdorf valorizasse mais a posse de um raríssimo “Saara” com marca d’água e listras diagonais, sem um dente, do que a de um El Greco, embora possuísse em casa as duas coisas, e não ignorasse totalmente a sua famosa pinacoteca), mas não entenderiam que um símbolo desses enriquecia mais do que a maior fortuna. Nesse símbolo do velho governante reunia-se para o Conde Leinsdorf ao mesmo tempo a sua pátria, a qual amava, e o mundo,

para o qual ela deveria ser modelo.

Grandes e doloridas esperanças moviam o Conde. Não sabia se era dor pela pátria, que não via assumir seu verdadeiro lugar de glória na “família dos povos”, ciúme da Prússia, que tirara a Áustria desse lugar (no ano de 1886, através de perfídia!) ou se era simplesmente orgulho pela nobreza de seu velho Estado, e desejo de citá-lo como exemplo, a emoção que o movia; pois na sua opinião os povos da Europa se entregavam à confusão de uma democracia materialista, e diante dele pairava um símbolo sublime, que lhes deveria servir a um tempo de exortação e sinal de reflexão. Estava claro que era preciso alguma coisa para colocar a Áustria à frente de todos os outros povos, para que essa “brilhante manifestação de vida da Áustria” fosse um “marco” para o mundo inteiro, para que a Áustria ajudasse o mundo a reencontrar sua verdadeira natureza, e, tudo isso, por possuir um Imperador da Paz de oitenta e oito anos.

Na verdade, o Conde Leinsdorf por enquanto só tinha essa idéia vaga. Mas era certo que tivera uma grande idéia. Que não apenas inflamava sua paixão — coisa que devia deixar desconfiado um cristão de formação severa e responsável — mas era uma idéia que se derramava com brilhante evidência em imagens sublimes como a do governante, da pátria e da felicidade mundial. O que ainda havia de obscuro nessa idéia não conseguia inquietar Sua Alteza. Sua Alteza conhecia muito bem o ensinamento teológico da *contemplatio in caligine divina*, a contemplação na treva divina, que em si é infinitamente clara, mas para o intelecto humano representa ofuscamento e escuridão; de resto, era uma convicção de sua vida, que um homem que realiza grandes coisas habitualmente não sabe por que o faz — pois já Cromwell dizia: “Um homem nunca avança mais do que quando ignora aonde vai!” O Conde Leinsdorf satisfazia-se, pois, em saborear o símbolo que encontrara, cuja insegurança, sentia bem, o excitava mais do que a segurança.

Deixando os símbolos de lado, suas idéias políticas tinham uma extraordinária solidez, e aquela liberdade de uma grande personalidade que só se consegue na mais perfeita ausência de dúvidas. Era membro do Senado, por ser morgado, mas não era politicamente ativo, nem tinha cargo na Corte ou no Estado; era “apenas patriota”. Mas exatamente por isso, e pela sua fortuna pessoal, tornara-se centro de todos os outros patriotas, que seguiam, preocupados, a transformação do reino e da humanidade. O dever

ético de não ser apenas um observador indiferente, mas de “oferecer, lá de cima, a sua mão em ajuda” a essa transformação, impregnava sua vida. Estava convencido de que o “povo” era “bom”; como além de seus muitos funcionários, empregados e criados, ainda incontáveis outras pessoas dependessem dele para sobreviver economicamente, sempre conhecera o povo apenas por esse prisma; exceto nos domingos e feriados, quando ele brota dos bastidores numa multidão colorida e alegre, como num coro de ópera. O que não combinava com essa imagem, ele atribuía aos “elementos subversivos”, e considerava obra de indivíduos irresponsáveis, imaturos e sensacionalistas. Com educação religiosa e feudal, jamais lidando com burgueses que o questionassem, era bastante lido, mas, por efeito da pedagogia eclesiástica que protegera a sua juventude, ficara impedido, a vida toda, de ver num livro nada que não fosse absoluta confirmação, ou errôneo desvio, dos seus próprios princípios. Por isso, só conhecia a visão do mundo de seus contemporâneos pelas disputas no Parlamento ou na imprensa. E como soubesse o bastante para reconhecer as muitas superficialidades delas, fortalecia-se diariamente seu preconceito de que o verdadeiro mundo burguês, profundamente compreendido, não era senão aquilo que ele próprio pensava a seu respeito. Aliás, acrescentar “verdadeiro” a tendências políticas era uma das armas de que se valia para ajeitar-se num mundo criado por Deus, mas que tantas vezes o renegava.

Estava firmemente convencido de que até o verdadeiro socialismo concordava com sua concepção; fora desde o começo idéia pessoal sua, que em parte escondia até de si próprio, fazer uma ponte através da qual os socialistas marchassem para o seu lado. É claro que ajudar aos pobres é uma missão de cavaleiro, e que para o verdadeiro nobre no fundo “não há tanta diferença entre um empresário burguês e o seu operário; “bem no fundo somos todos socialistas” era uma de suas frases preferidas, e significava mais ou menos que no outro mundo não haverá diferenças sociais. Mas, neste mundo, julgava-as necessárias, e esperava dos operários que, atendidas suas necessidades materiais, desistissem dos lemas insensatos que lhes tentavam impor, e reconhecessem a ordem natural do mundo, segundo a qual todos têm deveres e conseguem progredir no meio que lhes foi determinado. O verdadeiro nobre lhe parecia tão importante quanto o verdadeiro operário, e a solução das questões políticas e econômicas para

ele estava numa visão harmoniosa que ele chamava Pátria.

Sua Alteza não teria podido relatar o que pensara naqueles quinze minutos desde a saída de seu secretário. Talvez, tudo isso. O sessentão de estatura média sentava-se imóvel diante da escrivaninha, mãos cruzadas no colo, sorrindo sem notar. Usava colarinho baixo porque tinha tendência para bócio, e usava barbicha pela mesma razão, ou porque assim se assemelhava um pouco aos retratos de aristocratas da Boêmia do tempo de Wallenstein. Ao redor, um aposento alto, por sua vez rodeado pelos grandes aposentos vazios da ante-sala e da biblioteca, em torno dos quais, como cascas superpostas, havia mais espaços, silêncio, devoção, solenidade, e a guirlanda das duas escadas de pedra sinuosas; onde essas desembocavam, na entrada, postava-se num pesado casaco ornado de galardões, bastão na mão, o grande porteiro que pelo orifício do pórtico via a clara fluidez do dia, e os passantes nadando, como um aquário de peixes dourados. Nas fronteiras desses dois mundos passavam as ramagens caprichosas de uma fachada rococó, famosa entre os apreciadores de arte, não apenas pela beleza mas também por ser mais alta que larga; hoje, ela passa por ser a primeira tentativa de tecer a pele de um castelinho de campo largo e confortável por cima do estreito e alto esqueleto burguês de uma casa de cidade, sendo assim uma das mais importantes transições da pompa feudal para o estilo burguês democrático. Lá, a existência dos Leinsdorf se transportava, segundo testemunho dos livros sobre artes, para o espírito do século. Mas quem não sabia disso ignorava-o como a gota de água em disparada ignora as paredes do cano onde passa; perceberia apenas o orifício branco-acinzentado do pórtico na rua sólida, uma cavidade surpreendente, quase excitante, em cujo espaço rebrilhava o ouro dos galardões e o grande botão do bastão do porteiro. Com tempo bom, aquele porteiro se postava diante da entrada; lá ficava plantado como uma colorida pedra preciosa, que se avista de longe, incrustada numa fieira de casas de que ninguém tinha consciência, embora sejam basicamente as paredes que transformam o incontável e anônimo movimento que passa, elevando-o à categoria de rua. Pode-se apostar que grande parte do “povo” por cuja boa ordem o Conde Leinsdorf velava com preocupação e constância confundia seu nome, quando o pronunciavam, com a lembrança daquele porteiro.

Mas Sua Alteza não se sentiria preterido com isso; ao contrário, possuir

aquele porteiro deveria lhe parecer o “verdadeiro altruísmo” que convém a um homem nobre.

A AÇÃO PARALELA, NA FORMA DE UMA DAMA INFLUENTE DE
INDESCRITÍVEL GRAÇA ESPIRITUAL, DISPÕE-SE A DEVORAR
ULRICH

Era a esse Conde Leinsdorf que Ulrich deveria visitar segundo desejo do Conde Stallburg, mas decidira não o fazer; em contrapartida, resolveu visitar a sua “ilustre prima”, segundo seu pai lhe recomendara, pois estava interessado em dar uma olhada nela. Não a conhecia, mas há algum tempo sentia especial repulsa por ela, pois repetidamente pessoas que sabiam desse parentesco e gostavam dele, lhe aconselhavam: “*Você* devia conhecer essa mulher!” E sempre o diziam sublinhando aquele “*você*”, querendo marcar o interpelado como alguém excepcionalmente apto a compreender aquela preciosidade; e podia significar tanto um sincero elogio quanto um disfarce para a certeza de que ele devia ser louco bastante para querer travar uma relação daquele tipo. Por isso, tentara informar-se das qualidades daquela mulher, mas jamais recebera resposta satisfatória. Ou diziam: “Ela tem uma indescritível graça espiritual” ou: “É a mais bela e mais inteligente das nossas mulheres”, e alguns diziam simplesmente: “É uma mulher ideal!”

— Mas que idade tem essa mulher? — indagava Ulrich, mas ninguém sabia, e habitualmente o interrogado espantava-se, porque nunca lhe ocorrera fazer a mesma pergunta.

— Mas afinal, quem é o amante dela? — indagou Ulrich, impaciente.

— Amante? — o rapaz nada inexperiente a quem perguntara isso espantou-se.

— Tem razão, ninguém pensou numa coisa dessas.

“Então é uma bela espiritualizada”, pensou Ulrich. “Uma nova Diotima.” E a partir de então chamou-a pelo nome daquela famosa mestra do amor.

Na realidade chamava-se Ermelinda Tuzzi, e, de verdade mesmo, Hermine. Ermelinda nem ao menos é tradução de Hermine, ela porém se julgara no

direito de usar esse belo nome por intuição quando seu ouvido espiritual o escutara pela primeira vez como se fosse uma verdade sublime, embora seu marido continuasse chamando-se Hans e não Giovanni, e apesar do sobrenome italiano apenas tivesse aprendido esse idioma na academia consular.

Ulrich sentia tanto preconceito contra esse subsecretário Tuzzi quanto contra sua esposa. Como funcionário do Ministério do Exterior e da Casa Imperial, portanto o mais feudal dos ministérios do governo, Tuzzi era o único funcionário burguês num cargo decisório; dirigia o mais importante departamento lá dentro, diziam que era a mão direita e, segundo alguns, até a cabeça dos Ministros, um dos poucos homens com influência sobre o destino da Europa. Mas quando um burguês ascende a um posto tão alto, conclui-se que sua capacidade une vantajosamente o fato de ser indispensável como pessoa, e ter discrição e reserva. Ulrich imaginava aquele influente secretário como uma espécie de sargento da cavalaria que comanda cadetes nobres. Ao lado dele, a companheira que apesar dos elogios à sua beleza Ulrich calculava ser madurona, ambiciosa, fechada num espartilho de cultura burguesa.

Mas teve uma enorme surpresa. Quando a visitou, Diotima o recebeu com o sorriso indulgente da mulher importante que sabe que, além disso, é bonita, e perdoa aos homens, tão superficiais, por sempre pensarem no segundo fator.

— Eu já o esperava — disse, e Ulrich não soube direito se aquilo era uma censura ou uma amabilidade. A mão que ela lhe dava era gorda e leve.

Ele a segurou um segundo mais do que devia, o pensamento não se conseguia apartar logo daquela mão, pousada na dele como uma gorda pétala de flor; as unhas, pontudas como asas de besouro, pareciam capazes de levá-la voando para o improvável. A excentricidade daquela mão feminina o dominara, um órgão no fundo bastante despudorado, que apalpa tudo, como um focinho de cão, mas é sabidamente centro da lealdade, nobreza e ternura. Durante aqueles segundos constatou que o pescoço de Diotima tinha várias dobras recobertas de pele finíssima; seu cabelo estava enrolado num coque grego, hirto, igual a um ninho de vespas. Ulrich sentiu hostilidade, desejo de irritar aquela mulher sorridente, mas não conseguiu

esquivar-se por inteiro à beleza de Diotima.

Também ela o contemplou longo tempo, analisando-o. Ouvira muita coisa daquele primo, sombras de escândalo secreto, e além disso era seu parente. Ulrich percebeu que também ela não conseguia se esquivar inteiramente da impressão física que ele lhe causava. Estava habituado a isso. Tinha cara barbeada, era grande, ágil, flexível e musculoso, rosto calmo e impenetrável; numa palavra, ele próprio às vezes se sentia o exemplo do que as mulheres em geral pensam que deva ser um homem ainda jovem e de boa aparência, apenas nem sempre tinha força de as desiludir em tempo. Mas Diotima defendia-se disso, através do sentimento de superioridade espiritual. Ulrich observou que ela analisava a sua aparência e não se desagradava, pensando talvez que as qualidades nobres que ele parecia ter deviam estar oprimidas por uma vida irregular, e poderiam ser salvas. Embora não muito mais jovem que Ulrich, e fisicamente desabrochada, seu espírito irradiava algo de terra virgem, formando um singular contraste com sua segurança. Assim contemplaram-se mutuamente, mesmo quando já estavam falando.

Diotima começou a dizer que considerava a Ação Paralela uma oportunidade sem igual de realizar o que considerava mais importante e grandioso.

— Precisamos e queremos concretizar uma idéia muito grande. Temos oportunidades e não devemos nos esquivar!

Ulrich perguntou ingenuamente:

— Está pensando em alguma coisa determinada?

Não, Diotima não pensava em nada determinado. Como poderia? Ninguém que fala da coisa mais importante e grandiosa do mundo acha que ela realmente exista. Mas a que qualidade singular do mundo isso se compara? Tudo se resume em ser uma coisa maior, mais importante ou também mais bela ou mais triste do que outra, portanto, em uma hierarquia e comparação, sem que exista máximo nem superlativo. Mas se sobre isso chamarmos a atenção de alguém que está querendo falar do mais importante e mais grandioso, ele desconfiará de estar falando com uma pessoa sem sentimentos nem ideais. Foi assim com Diotima, e Ulrich falara assim.

Como mulher admirada por seu espírito, Diotima achou a intervenção de

Ulrich desrespeitosa. Algum tempo depois sorriu, e respondeu:

— Há tantas coisas boas e grandes ainda não concretizadas, que não será uma escolha fácil. Mas criaremos comissões de todas as camadas sociais, que nos ajudarão. Ou não acredita, Sr. von... que é uma incrível vantagem e um enorme privilégio poder convidar uma nação, sim, na verdade o mundo todo, numa ocasião dessas, para lembrar o espiritual nessa vida materialista? Não pense que pretendemos fazer nada naquele velho e gasto sentido de patriotismo.

Ulrich esquivou-se com uma anedota.

Diotima não riu; apenas sorria. Estava habituada a homens espirituosos, mas eles não se limitavam a isso. Paradoxos como aquele lhe pareciam imaturos, e despertaram-lhe a necessidade de mostrar ao primo que a realidade era coisa séria, conferindo ao grande empreendimento patriótico dignidade e responsabilidade. Mudou de tom, concluindo um assunto e iniciando outro. Ulrich procurou involuntariamente entre as palavras dela aqueles fios amarelos e pretos com que nos ministérios se amarram umas às outras as folhas dos documentos. Mas da boca de Diotima saíram não só palavras de qualidade ministerial como também vocábulos intelectuais especializados, como “tempos sem alma, dominados pela lógica e pela psicologia”, ou “presente e eternidade”, e de repente também falou em Berlim e no “tesouro de sentimentos” que a Áustria ainda guardava, ao contrário da Prússia.

Ulrich tentou algumas vezes interromper aquela fala-do-trono, tão espiritual, mas o cheiro de sacristia da alta burocracia sempre se sobrepunha a qualquer interrupção, disfarçando delicadamente o quanto ela era indelicada. Ulrich estava espantado. Levantou-se; obviamente sua primeira visita chegara ao fim.

Nessa retirada Diotima o tratou com aquela benevolência branda, cautelosa e ostensiva, um pouco exagerada, que aprendera do marido; ele a utilizava no convívio com jovens aristocratas que eram seus subalternos mas um dia poderiam ser seus ministros. Havia na maneira dela o convidar a voltar algo da petulante insegurança do espírito diante de uma força vital mais rude. Quando ele segurou novamente na sua aquela mão branda e sem peso, os dois olharam-se nos olhos. Ulrich teve a certeza de que estavam destinados a causarem um ao outro grandes complicações de amor.

“Com efeito”, pensou, “uma hidra de beleza!” Pretendera deixar aquela grande Ação Patriótica esperar em vão por ele, mas de repente essa ação lhe parecia ter assumido a figura de Diotima, pronta a devorá-lo. Era uma sensação um pouco cômica; apesar da sua idade e experiência, ele se sentia como um pequeno inseto daninho ao qual uma grande galinha contempla atentamente. “Por amor de Deus”, pensou Ulrich, “não posso deixar que essa gigante espiritual me leve a cometer pequenos opróbrios!”

Bastava-lhe a sua ligação com Bonadéia, e prometeu a si mesmo ter a máxima reserva.

Ao sair da casa dela, consolou-se com a impressão agradável que já tivera ao chegar. Uma criadinha de olhos sonhadores o acompanhou. No escuro da ante-sala, os olhos dela tinham sido como uma borboleta negra, esvoaçando ao encontro dele pela primeira vez, num tatarar de pálpebras; agora, quando ele saía, baixaram pela sombra como flocos de neve negra. Naquela mocinha havia algo de árabe-judeu ou algeriano-judeu, uma idéia não muito nítida, algo secreto e encantador, e também desta vez Ulrich esqueceu-se de examinar melhor a moça; só quando estava na rua, sentiu que depois da presença de Diotima aquela mocinha tinha algo de incrivelmente vivo e refrescante.

23

PRIMEIRA APARIÇÃO DE UM GRANDE HOMEM

Diotima e sua criada de quarto ficaram levemente excitadas depois da partida de Ulrich. Mas enquanto a lagartixinha preta, ao acompanhar à saída um distinto visitante, sempre se sentia como se pudesse subir rapidamente um grande muro cintilante, Diotima tratou a lembrança de Ulrich com a meticulosidade de uma mulher que não desgosta de ser injustamente tocada, porque se sente capaz de uma branda repreensão. Ulrich não sabia que no mesmo dia outro homem entrara na vida de Diotima, erguendo-se a seus pés como uma gigantesca montanha de onde se viam grandiosos panoramas.

O Dr. Paul Arnhein a visitara logo depois de chegar.

Era imensuravelmente rico. Seu pai era o homem mais poderoso da “Alemanha de ferro”, e até o subsecretário Tuzzi se permitira esse jogo de palavras: Tuzzi achava que se devia ser econômico na linguagem, e que trocadilhos, embora por vezes necessários numa conversa brilhante, nunca deviam ser bons demais, pois isso seria coisa de burgueses. Recomendara à esposa que tratasse bem aquele visitante; pois embora essa gente ainda não estivesse bem em cima no Império Alemão, não podendo se comparar aos Krupp quanto à influência na Corte, amanhã isso poderia acontecer; e comentou que, segundo um boato, aquele filho — que, aliás, já estava com bem mais de quarenta anos — não apenas aspirava à posição do pai, mas, amparado na evolução dos tempos e em suas relações internacionais, preparava-se para algum ministério. Segundo o subsecretário Tuzzi isso era impensável, a não ser que acontecesse alguma calamidade mundial.

Ele nem adivinhava a tempestade que desencadeara na fantasia da esposa. Naturalmente uma das convicções do meio que frequentavam era que não se deve tratar bem demais a esses “comerciantes”; mas como todas as pessoas de mentalidade burguesa, ela admirava o dinheiro lá no fundo do coração,

numa região livre de preconceitos; e o encontro com um homem tão desmesuradamente rico fora como se um par de asas de anjo douradas tivesse baixado junto dela. Ermelinda Tuzzi não estava desabituada de lidar com riqueza e glória, desde que seu marido subira tanto de posto; mas glória nascida de realizações intelectuais rapidamente se desfaz assim que se conhece a pessoa gloriosa, e a riqueza feudal, quando não se resume às dívidas insensatas de jovens adidos, está presa a um estilo de vida tradicional, sem jamais chegar a constituir montanhas de dinheiro transbordantes, nem o arrepio do ouro derramado e cintilante com o qual grandes bancos ou indústrias mundiais fazem seus negócios. A única coisa que Diotima sabia de bancos era que até funcionários de meio escalão viajavam de primeira classe a serviço, enquanto ela sempre tinha de viajar de segunda classe quando não em companhia do marido; e devido a isso fantasiara o luxo que deveria rodear os déspotas supremos desse mundo de negócios de pompas orientais.

Sua criadinha Raquel — é lógico que, ao chamá-la, Diotima pronunciava esse nome à maneira francesa — ouvira coisas fantásticas. A menor das revelações fora que o nababo chegara com trem próprio, alugara um hotel inteiro, e levava consigo um negrinho escravo. A realidade era bem mais modesta; já porque Paul Arnheim nunca usava de ostentação. Só o menino mouro era verdade. Arnheim o tirara de uma trupe de dançarinos há alguns anos, numa viagem ao extremo sul da Itália, e levava-o consigo, num misto de desejo de enfeitar-se e de tirar uma criaturinha das profundezas sociais abrindo-lhe a vida do espírito, fazendo nela uma obra de Deus. Mas mais tarde perdera a vontade, e só usava o menino, que agora tinha dezesseis anos, como seu criado, enquanto que antes dos catorze anos dera-lhe a ler Stendhal e Dumas. Embora os boatos que a criada trouxera para casa fossem infantilmente exagerados, a ponto de fazerem Diotima rir, ela fez a moça repetir tudo, pois achou tão ingênuo como só poderia acontecer naquela capital única no mundo, “culto até à ingenuidade”. E o menino mouro singularmente despertou até mesmo sua fantasia.

Diotima era a mais velha de três filhas de um professor de ensino médio sem fortuna, de modo que o marido lhe parecera um bom partido mesmo quando não passava de um vice-cônsul burguês e desconhecido. Em seus tempos de menina ela não tivera senão o seu orgulho, e como este por sua

vez nada tivesse de que se orgulhar, na verdade fora apenas uma postura de fechada correção, estendendo para fora os espinhos da sensibilidade. Mas também uma tal postura esconde por vezes ambição e devaneios, e pode ser uma força imprevisível. Se no começo Diotima fora atraída pela possibilidade de remotas experiências em países distantes, a decepção não se fez esperar; poucos anos depois, só diante de algumas amigas que a invejavam pela aura de exotismo isso ainda era uma vantagem discretamente explorada, e não conseguia abafar a consciência de que, nas coisas principais, a vida nas missões consulares continua sendo a mesma vida que trouxemos de casa com o resto da bagagem.

Por longo tempo a ambição de Diotima quase se esgotara na distinta vida sem perspectivas de um funcionário de quinta categoria, quando começou, repentinamente e por um acaso, a ascensão de seu marido, porque um ministro benevolente e “progressista” levou o burguês para dentro da chancelaria presidencial da sede central. Nessa posição, muita gente procurava Tuzzi querendo alguma coisa dele, e a partir desse momento também em Diotima surgiu, para seu próprio espanto, um tesouro de lembranças de “beleza e grandiosidade espiritual”, que dizia ter recebido no culto ambiente da casa paterna e nos grandes centros do mundo; na verdade, aprendera tudo no liceu feminino, como aluna aplicada, e começou a usar cautelosamente esse tesouro. A mente sóbria mas infinitamente confiável do seu marido também chamara involuntariamente a atenção dos outros sobre a esposa, e ela agia totalmente inocente como uma esponjinha úmida que devolve o que acumulou sem grande uso, quando, ao notar que percebiam seus traços intelectuais, entremeava suas conversas alegremente com pequenas idéias “muito intelectuais” nos lugares adequados. E paulatinamente, enquanto seu marido continuava subindo de posição, crescia o número de pessoas que o procuravam, e sua casa tornou-se um “salão” com fama de local onde se encontravam “sociedade e espírito”. Agora, lidando com pessoas importantes em vários campos, Diotima começou a descobrir de fato a si mesma. Aquela postura correta, que ainda prestava atenção como na escola, guardava bem o que aprendera e ligava tudo numa unidade amável, tornava-se por si mesma vida intelectual simplesmente pela ampliação, e a casa dos Tuzzi adquiriu uma posição reconhecida por todos.

24

PROPRIEDADE E CULTURA; A AMIZADE DE DIOTIMA COM O CONDE LEINSDORF, E O OFÍCIO DE HARMONIZAR CONVIDADOS FAMOSOS COM A ALMA

Mas esse conceito só se firmou através da amizade de Diotima com Sua Alteza o Conde Leinsdorf.

Classificando-se amizades segundo partes do corpo, a do Conde Leinsdorf ficava entre cabeça e coração, de modo que se podia chamar Diotima de sua amiga do peito, se ainda se usasse essa expressão. Sua Alteza venerava o espírito e a beleza de Diotima, sem se permitir intenções proibidas. Pela simpatia dele, o salão de Diotima não apenas obteve uma posição inabalável, mas, como o Conde costumava dizer, exercia um ofício.

Sua .Alteza o Conde imperial considerava-se “apenas um patriota”. Mas o Estado não consiste somente da Coroa e do Povo, com a Administração entre os dois, pois existe mais uma coisa nele: o Pensamento, a Moral, a Idéia!

Por mais religioso que fosse o Conde Leinsdorf, como espírito altamente responsável e, ainda por cima, empresário de fábricas em suas propriedades, ele reconhecia que hoje em dia em muitas coisas a mente se esquivou da proteção da Igreja. Pois não podia imaginar que, por exemplo, uma fábrica, um movimento da Bolsa de Cereais ou uma campanha de açúcar poderiam ser dirigidos conforme princípios religiosos; mas não se pode imaginar racionalmente uma grande propriedade fundiária moderna sem a Bolsa e sem a indústria: quando recebia o relatório de seu diretor administrativo, mostrando que ligando-se a algum grupo de especuladores estrangeiros fariam negócios melhores do que ao lado da nobreza rural da própria terra, Sua Alteza decidia-se geralmente pelo primeiro grupo, pois as relações objetivas seguem sua própria razão, que não se pode simplesmente contrariar por causa de emoções, pois ao dirigir uma grande empresa o

homem não é responsável apenas por si mas por inúmeras outras vidas. Existe uma espécie de consciência profissional que em certas condições contraria a consciência religiosa, e o Conde Leinsdorf estava convencido de que até o cardeal arcebispo não agiria diferentemente. É verdade que o Conde Leinsdorf estava disposto a qualquer momento a lamentar isso numa sessão aberta do Senado, manifestando a esperança de que a vida voltaria a cultivar a simplicidade, o natural e o sobrenatural, a saúde e a necessidade dos princípios cristãos. Sempre que abria a boca para tais pronunciamentos, era como quando se arranca um pino de tomada e a corrente passa para outro circuito elétrico. Aliás, isso acontece com a maior parte das pessoas quando se manifestam publicamente; e se alguém tivesse acusado Sua Alteza, dizendo que fazia em seu próprio favor coisas que combatia em público, o Conde Leinsdorf teria estigmatizado essa manifestação com sagrada convicção como uma fala demagógica de elementos subversivos, que não tinham a menor idéia das grandes responsabilidades da vida. Apesar disso, reconhecia que uma ligação entre as verdades eternas e os negócios, que são tão mais complicados do que a bela simplicidade da tradição, é da maior importância; também reconhecia que só a podemos procurar com uma sólida formação cultural burguesa; com seus grandes pensamentos e ideais no terreno do direito, do dever, da ética e do belo, ela abrangia as lutas cotidianas e as cotidianas contradições, e lhe parecia uma ponte feita de cipós. Não se podia andar sobre ela tão firmemente como sobre os dogmas da Igreja, mas não era menos necessária e responsável que eles, e por essas razões o Conde Leinsdorf não era apenas um idealista religioso, mas também um apaixonado idealista nos assuntos leigos.

A essas convicções de Sua Alteza correspondia o salão de Diotima. As reuniões de Diotima eram famosas porque em dias festivos lá se encontravam pessoas com quem não se podia trocar uma só palavra porque eram famosas demais em alguma especialidade, para se falar com elas sobre as últimas novidades; muitas vezes nunca se ouvira o nome da especialidade na qual tinham adquirido sua fama mundial. Havia lá quenzinistas e canisistas, por vezes um gramático do Bo deparava com um pesquisador partigenista, e um tocontólogo se encontrava com um pesquisador da teoria quântica, sem falar nos representantes de novas tendências na arte e literatura que trocavam de designação todos os anos, e podiam frequentar a

casa ao lado de seus colegas de nome, embora em proporções modestas. De modo geral, naquele convívio todos acabavam se misturando e confundindo-se harmonicamente; só os espíritos jovens eram separados por Diotima através de convites especiais, e ela sabia privilegiar e ressaltar discretamente visitantes raros ou especiais. O que distinguia a casa de Diotima de todas as suas similares era, se se pode dizer assim, exatamente o elemento leigo; aquele elemento de idéias práticas e, para usar das palavras de Diotima, outrora distribuído em torno do cerne das ciências divinas como um povo de crentes realizadores, uma comunidade de irmãos e irmãs leigos, em suma, o elemento da ação; hoje, com as ciências divinas sendo superadas pela economia política e pela física, a lista de possíveis convidados de Diotima registrando os administradores do espírito na terra se assemelhava sempre mais ao *Catalogue of Scientific Papers* da *British Royal Society*, e os irmãos e irmãs leigos eram diretores de banco, técnicos, políticos, conselheiros ministeriais, damas e cavalheiros da alta sociedade, e da sociedade que vivia em função desta. Diotima dava muita atenção às senhoras, preferindo as “damas” às “intelectuais”.

— A vida atualmente já está sobrecarregada de saber — costumava dizer —, e não podemos dispensar a “mulher autêntica”.

Estava convencida de que só essa mulher autêntica ainda possuía aquela força do destino que consegue enlaçar o intelecto com as forças do ser, o que, pensava ela, era essencial para a salvação do intelecto. Esse conceito da mulher que enlaça, e da força do ser, era, aliás, muito admirado nela pelos jovens nobres, que frequentavam sua casa porque era costume, e porque o subsecretário Tuzzi era pessoa estimada. Pois o ser autêntico é coisa que a nobreza aprecia, e a casa dos Tuzzi, onde casais podiam aprofundar-se em conversas sem chamar atenção, era, sem que Diotima soubesse, muito melhor do que uma igreja para encontros amorosos e longas confidências.

Sua Alteza o Conde Leinsdorf resumia esses dois elementos tão variados que se misturavam em casa de Diotima — quando não os chamava simplesmente “verdadeira distinção” — designando-os “Propriedade e Cultura”; mas preferia usar para eles aquela idéia de “ofício” ou “função”, que assumia lugar destacado no seu pensamento. Ele defendia o conceito de

que todas as realizações — não apenas as de um funcionário, mas também de um operário ou cantor de câmara — são funções.

— Cada pessoa — costumava dizer — tem uma função no Estado; o operário, o príncipe, o artesão são funcionários!

Isso era uma secreção de seu pensamento que trabalhava objetivamente em todas as circunstâncias, desconhecendo favoritismos; aos seus olhos também as damas e senhores da alta sociedade, tagarelando com os pesquisadores dos textos de Boghazkoy, contemplando as esposas dos altos financistas, desempenhavam uma função importante embora não se a soubesse descrever com precisão. Esse conceito de função substituíra para ele o que Diotima designava como “unidade religiosa da ação humana, relegada desde a Idade Média”

No fundo, realmente toda vida social forçada, como na casa dela, corresponde, quando não é inteiramente ingênua e crua, à necessidade de fingir uma unidade humana, que abranja atividades humanas tão diferenciadas, e que jamais existe. Essa ilusão era o que Diotima chamava de cultura, habitualmente completando: “a velha cultura austríaca”. Desde que, por ampliação, sua ambição se tornara espírito, usava essa expressão com maior frequência. Com ela, queria dizer: os belos quadros de Velasquez e Rubens, pendurados nos museus da Corte. O fato de que Beethoven fora praticamente austríaco. Mozart, Haydn, a Catedral de Sto. Estevão, o *Burgtheater*. O cerimonial da Corte, pesado de tradições. O primeiro distrito, onde se comprimiam as mais elegantes lojas de vestidos e roupas de um reino de cinquenta milhões de habitantes. A maneira de ser discreta de altos funcionários. A cozinha vienense. A nobreza, que depois da inglesa se considerava a mais aristocrática, e seus velhos palácios. O espírito da sociedade, por vezes repassado de beleza verdadeira, mas em geral falsa.

Ela também incluía nisso o fato de ser nesse país que um senhor tão importante quanto o Conde Leinsdorf lhe dava atenção e transferia para a casa dela suas próprias aspirações culturais. Ela não sabia que Sua Alteza também fazia isso porque lhe parecia inconveniente abrir seu próprio palácio para uma inovação da qual facilmente se perde o controle. O Conde Leinsdorf muitas vezes se horrorizava secretamente com a liberdade e tolerância com que sua bela amiga falava das paixões, e das confusões humanas que provocam, ou de idéias revolucionárias. Mas Diotima nada

percebia. Fazia distinção entre despudor profissional e pudor pessoal, como uma médica ou assistente social; era sensível como uma ferida quando uma palavra lhe parecia pessoal demais, mas falava de maneira impessoal sobre todas as coisas, e sentia perfeitamente que o Conde Leinsdorf se mostrava muito atraído por essa mistura.

Mas a vida nada constrói sem tirar as pedras de construção de algum outro lugar. Para dolorosa surpresa de Diotima, um grão de fantasia, pequeno, e com a doçura do sonho, desaparecera nos anos de sucesso, uma pequena semente de amêndoa no âmago de sua existência quando esta nada mais continha, e que ainda subsistia quando resolvera desposar o Vice-Cônsul Tuzzi com seu aspecto de uma mala de couro com dois olhos escuros. É verdade que muito do que ela entendia como “antiga cultura austríaca”

— Haydn e os Habsburgos, por exemplo — fora apenas uma lição dura de aprender, enquanto saber-se agora praticamente vivendo no meio disso era de um encanto fascinante, tão heróico quanto o zumbido estivo das abelhas; mas com o tempo aquilo não só começava a ficar monótono, como também cansativo e até desolador. Diotima sentia em relação a seus famosos convidados o mesmo que o Conde Leinsdorf com suas relações bancárias; por mais que quisessem harmonizá-las com a própria alma, era impossível.

Pode-se falar de automóveis e radiografias, isso ainda provoca algum sentimento, mas o que fazer com todas as outras incontáveis descobertas e invenções que hoje aparecem diariamente, senão admirar de maneira muito generalizada o talento inventivo da humanidade, o que com o tempo vai ficando muito sem graça? Eventualmente Sua Alteza aparecia e conversava com algum político, ou era apresentado a um convidado novo. Para ele, era fácil falar de formação mais profunda! Mas quando se tinha de lidar com ela constantemente, como Diotima, via-se que não era a profundidade o insuperável, mas a extensão. Até as questões ligadas diretamente ao ser humano, como a nobre simplicidade da Grécia ou o senso dos profetas, se desmanchavam, ao falar com conhecedores, numa variedade imensa de dúvidas e possibilidades. Diotima aprendeu que também convidados famosos sempre conversavam aos pares nas suas reuniões, porque já naquele tempo uma pessoa só conseguia falar objetiva e sensatamente com no máximo mais uma pessoa, e ela, na verdade, não conseguia fazer isso nem com uma só. Com isso Diotima descobrira em si mesma o conhecido

mal dos homens contemporâneos, que se chama civilização. É um fato inibidor misturando sabonete, ondas hertzianas, a linguagem cifrada e arrogante dos matemáticos e das fórmulas químicas, economia política, pesquisa experimental e incapacidade de uma convivência simples mas não simplória entre os homens. E também a relação da nobreza intelectual, que lhe era inerente, com a nobreza social, que Diotima tratava com tanta cautela, e, apesar de todos os sucessos, trazia algumas decepções, com o tempo lhe pareceu cada vez mais caracterizar não uma era da cultura, mas apenas uma era da civilização.

Segundo essa idéia, civilização era tudo aquilo que o seu espírito não conseguia dominar. E por isso incluía aí também, há muito, e principalmente, o seu marido.

25

SOFRIMENTOS DE UMA ALMA CASADA

Em seu sofrimento, ela lia muito, e descobriu que perdera algo que até então não soubera claramente possuir: uma alma.

O que é isso?

Fácil de definir negativamente: é aquilo que se retrai quando ouve falar em séries algébricas.

Mas, e positivamente? Parece que ela se esquivava com sucesso a todos os esforços de apreensão. Talvez tivesse havido em Diotima algo originário, uma sensibilidade cheia de presságios, naquele tempo enrolada no vestido bem escovado da sua atitude correta, e que ela agora chamava alma, reconhecendo-a no *batik* metafísico de Maeterlinck, em Novalis, mas especialmente naquela anônima onda de romantismo açucarado e nostalgia de Deus, que por algum tempo a era da máquina fazia jorrar contra si mesma como manifestação de protesto artístico e intelectual. É possível também que esse “algo” originário em Diotima possa ser designado como um pouco de silêncio, meiguice, reflexão e bondade, que nunca chegara a ter vazão, e que, no cadinho com que o destino nos vai configurando, acabou assumindo a cômica forma daquele seu idealismo. Talvez fosse fantasia; talvez uma noção do trabalho vegetativo instintivo que se processa diariamente sob a superfície do corpo, através da qual nos encara a expressão espiritualizada de uma bela mulher; talvez apenas acontecessem horas vagas em que ela se sentia cálida e ampla, as sensações parecendo mais espirituais do que de hábito, quando ambição e vontade se calavam, e a dominava uma doce embriagues e plenitude de vida, os pensamentos dirigidos para longe da superfície, em direção das profundezas, ainda que só se dedicassem às coisas mais insignificantes, e os acontecimentos do mundo ficavam remotos como o rumor além de um jardim. Nesses momentos Diotima julgava ver em si diretamente a verdade, sem para tanto se

esforçar; ternas experiências que ainda não tinham nome erguiam seus véus; ela sentia-se — para mencionar apenas algumas das muitas descrições que encontrava na literatura para isso — harmoniosa, humana, religiosa, próxima de uma profundidade original que santifica tudo o que dela provém, e torna pecaminoso tudo o que não nasce da sua fonte. Mas, embora tudo isso fosse muito bonito de pensar, Diotima jamais ia além desses pressentimentos e alusões de um estado de espírito especial, e nisso igualmente não a ajudavam os conselhos obtidos em livros proféticos, que falavam nas mesmas palavras misteriosas e obscuras. Nada restava a Diotima senão atribuir também essa culpa a uma era de civilização, na qual o acesso à alma estava fechado.

Provavelmente, o que ela chamava de alma não passava de um pequeno capital de capacidade amorosa, que possuía na época do casamento; o subsecretário Tuzzi não era exatamente a melhor aplicação para esse capital. No começo, e por muito tempo, a sua superioridade em relação a Diotima fora apenas a do homem mais velho; mais tarde acrescentou-se a isso a do homem bem-sucedido num cargo misterioso, que quase não se abre para sua mulher, mas encara com benevolência as ninharias que ela mesma faz. Exceto nos tempos das carícias de noivado, o subsecretário Tuzzi sempre fora um homem prático e racional, que jamais perdia o equilíbrio. Contudo, era rodeado pela elegante tranquilidade de suas ações e de seu traje, pelo, podia-se dizer, odor educado e grave de seu corpo e de sua barba, a voz firme e prudente de barítono com a qual falava, com um alento que excitava a alma da jovem Diotima como a proximidade do dono excita o cão de caça, que deita o focinho no joelho dele. E assim como o cão trota atrás do dono, atraído pelo sentimento, também Diotima entrara na infinita paisagem do amor sob essa orientação tão séria e objetiva.

O subsecretário Tuzzi preferia, nisso, os caminhos retos. Seus hábitos de vida eram os de um trabalhador ambicioso. Levantava-se cedo de manhã, para cavalgar, ou, melhor ainda, caminhar por uma hora, o que não apenas servia para manter seu corpo elástico, mas era o hábito pedante e simples que, mantido inabalavelmente, combina à perfeição com a imagem de um homem responsável e eficiente. E à noite, quando não eram convidados para algum lugar, nem tinham visitas, ele costumava se recolher em seu gabinete de trabalho, coisa compreensível, pois era obrigado a manter seu grande saber profissional em alturas que lhe permitissem aquela

superioridade em relação aos colegas e chefes da aristocracia. Uma vida dessas assenta-se em limites precisos e subordina o amor ao resto das atividades. Como todos os homens cuja fantasia não é cega pelo erotismo, em seus tempos de solteirão — embora aqui e ali, devido à profissão diplomática, se tivesse mostrado com os amigos na companhia de pequenas coristas de teatro — Tuzzi fora um calmo visitante de bordéis e transportara o ritmo regular desse hábito também ao casamento. Por isso Diotima aprendera o amor como algo intenso, intermitente, espasmódico, descarregado por alguma força maior, uma vez por semana apenas. Essa alteração na natureza de duas pessoas, que começa num minuto e poucos minutos depois passa para uma breve conversa sobre fatos do dia, e em seguida um sono calmo, algo sobre que jamais se falaria nos intervalos, ou quando muito apenas em alusões (por exemplo, fazendo algum chiste diplomático sobre a *partie honteuse* do corpo), teve porém consequências inesperadas e paradoxais para ela.

Em parte, provocou aquele seu idealismo exagerado, aquela personalidade oficiosa, voltada para fora, cuja força amorosa, cuja ânsia espiritual se espalhava em busca de todas as coisas grandes e nobres que se tornassem visíveis em seu círculo de conhecidos, dividindo-se diante delas e a elas se ligando com tanto fervor, que Diotima provocava a impressão de um ardentíssimo mas platônico sol de amor que confundia o modo de pensar dos homens e cuja descrição despertara em Ulrich a curiosidade de a conhecer.

Mas, por outro lado, o ritmo pausado de contatos conjugais tornara-se para ela um hábito puramente fisiológico, com um curso próprio e manifestando-se sem ligação com as partes mais nobres do seu ser, como a fome num trabalhador cujas refeições são raras mas pesadas. Com o tempo, quando apareceram no lábio superior de Diotima pequenos pêlos, e seu jeito de menina se aliou à independência masculina das mulheres maduras, percebeu isso com horror. Amava seu marido, mas nesse afeto mesclava-se cada vez mais repulsa, sim, uma terrível mágoa da alma, que por fim só se podia comparar com as sensações que Arquimedes, mergulhado nas suas grandes tarefas, teria sentido se um soldado estranho não o tivesse abatido mas lhe fizesse alguma proposta sexual. E como o marido não percebesse isso, nem, notando-o, pensasse no caso, e o corpo dela, contra a sua vontade, sempre lhe cedesse, ela sentiu-se vítima de verdadeira tirania; por certo não era

coisa pecaminosa, mas era tão torturante como o aparecimento de algum cacoete, ou a inevitabilidade de algum vício. Talvez isso apenas deixasse Diotima um pouco melancólica, e mais idealista ainda, mas infelizmente tratava-se exatamente daquela época em que também seu salão começou a lhe causar problemas espirituais. O subsecretário Tuzzi estimulava naturalmente os esforços intelectuais da esposa, pois cedo reconhecera a vantagem que traziam para sua própria posição, mas jamais participava deles, e pode-se dizer que não os levava a sério; pois a sério esse homem experiente só levava o poder, o dever, a origem nobre, e, um pouco mais abaixo, a razão. Até preveniu Diotima repetidas vezes de não se dedicar com tanta ambição aos seus importantes assuntos culturais, pois embora a cultura seja por assim dizer o sal da vida, a boa sociedade não gosta de cozinha muito salgada; dizia isso sem nenhuma ironia, pois era uma convicção sua, mas Diotima sentia-se menosprezada. Sentia constantemente um sorriso secreto com que o marido observava suas aspirações idealistas; e quer ele estivesse em casa ou não, e quer esse sorriso — caso ele realmente sorrisse, o que não era necessariamente fato — se dirigisse especialmente a ela ou fosse apenas a expressão facial de um homem que, devido à sua profissão, precisa ter sempre ar de superioridade, com o tempo aquilo se tornou cada vez mais insuportável, sem que ela pudesse se livrar da infame aparência de justiça que ele assumia. Por vezes Diotima atribuía ao período histórico materialista em que viviam a culpa de tudo, pois ele tornara o mundo um jogo mau e fútil, com um ateísmo, socialismo e positivismo que não permitiam a pessoas com alma a liberdade de se alçarem à altura de sua verdadeira natureza; mas isso nem sempre ajudava.

Eram assim as circunstâncias na casa dos Tuzzi, quando a grande Ação Patriótica precipitou os acontecimentos. Desde que o Conde Leinsdorf, para não expor a nobreza, transferira para a casa da amiga o centro dessa ação, pairava sobre ela uma grande responsabilidade, pois Diotima estava decidida a provar ao marido, agora ou nunca, que seu salão não era de brinquedo. Sua Alteza lhe confiara que a grande Ação Patriótica precisava de uma idéia que a coroasse, e ambicionava ardentemente encontrá-la. A possibilidade de ter de realizar, com os meios do império inteiro e diante dos olhos atentos do mundo, algo que seria um dos maiores acontecimentos culturais, ou, mais modestamente, algo que mostraria a cultura austríaca na sua mais íntima essência, essa possibilidade dava a Diotima a impressão de

que seus salões se tivessem aberto de súbito e na soleira batesse, como continuação do seu próprio assoalho, o mar infinito.

Não se podia negar que a primeira coisa que ela então sentia era um imensurável vazio abrindo-se instantaneamente.

Primeiras impressões muitas vezes são acertadas! Diotima estava certa de que aconteceria algo sem igual, e convocou todos os seus ideais; mobilizou o patos de suas aulas de história na infância, onde aprendera a calcular os reinos e séculos; fez tudo o que se tem de fazer numa situação dessas, mas, depois que se passaram algumas semanas, observou que não tivera nenhuma boa idéia. Se fosse capaz de odiar — emoção inferior!

— o sentimento que teve naquele momento em relação ao marido teria sido ódio. Mas foi apenas melancolia, e um “rancor contra todas as coisas”, até ali desconhecido, tomou conta dela.

Foi nessa época que o Dr. Arnheim chegou, acompanhado do seu negrinho, e pouco depois Diotima recebia a sua importante visita.

UNIÃO ENTRE ALMA E ECONOMIA. O HOMEM QUE CONSEGUE ISSO
QUER SABOREAR O ENCANTO BARROCO DA ANTIGA CULTURA
AUSTRÍACA.COM ISSO NASCE UMA IDÉIA PARA A AÇÃO PARALELA

Diotima não sabia o que eram maus pensamentos, mas provavelmente escondeu-se muita coisa atrás do inocente menino mouro de quem se ocupou depois de ter mandado sair do quarto a criada “Rachelle”. Ouvira mais uma vez amavelmente o relato desta, depois que Ulrich deixara a casa da ilustre prima; a bela mulher madura sentia-se jovem e como alguém que se entretém com algum brinquedo de guizos. Antigamente, a nobreza e as pessoas distintas costumavam ter mouros em casa; ela lembrou-se de lindos quadros, passeios de trenó com cavalos enfeitados de bandeirolas, lacaios com plumas, e árvores empoadas de neve; mas aquele lado fantasioso da vida nobre há muito acabara. “A vida social de hoje não tem mais alma”, pensou. No seu coração havia algo que apoiava aquele excêntrico audacioso que se atrevia a ter ainda um mouro em casa, apoiava o burguês de distinção incorreta, o intruso, que envergonhava os donos do poder herdado, como outrora os instruídos escravos gregos tinham envergonhado seus amos romanos. Sua consciência de si fechada e deformada por toda a sorte de escrúpulos corria ao encontro dele como de uma alma irmã, e tal sentimento, muito natural em comparação com os outros que cultivava, até a fez ignorar que o Dr. Arnheim — embora os boatos se contradissem e não houvesse notícias sólidas — parecia ser de origem judaica: dizia-se isso com certeza de seu pai, a mãe morrera de longa data, de modo que levariam algum tempo para saber ao certo. Era bem possível que no coração de Diotima uma espécie de cruel tédio da vida nem exigisse desmentido algum.

Cautelosamente, ela permitira a seus pensamentos deixarem o mouro e se aproximarem do seu amo. O Dr. Paul Arnheim não era apenas um homem rico, mas um grande espírito. Sua fama não se limitava aos negócios da família espalhados por todo o mundo, pois escrevera nas horas vagas livros

que passavam por extraordinários nos meios mais progressistas. Pessoas que formam esses círculos puramente intelectuais estão acima de dinheiro e distinções burguesas; mas não se deve esquecer que por isso mesmo ficam seduzidas quando um homem rico se torna uma delas, e Arnheim anunciava em seus programas e livros nada menos do que a união entre a alma e a economia, ou entre a idéia e o poder. Os espíritos sensíveis, com faro especial para novidades, divulgavam a notícia de que ele reunia em si esses dois pólos habitualmente separados no mundo, e favoreciam o rumor de que estava a caminho uma força moderna, destinada a ainda vir a dirigir para melhores caminhos os destinos do império e, quem sabe, do mundo. Pois há muito sentia-se que os conceitos e atitudes da velha política e diplomacia estavam levando a Europa ao túmulo, e já começara o período de repúdio generalizado aos especialistas.

Também se podia dizer que o espírito de Diotima fosse rebelde à maneira de pensar da velha escola de diplomacia; por isso entendeu imediatamente a singular semelhança entre sua posição e a daquele excêntrico genial. O famoso homem se apresentara a ela assim que fora possível, e a carta de apresentação de uma amiga comum falava da velha cultura da cidade dos Habsburgos e seus moradores, que ele esperava poder apreciar nos intervalos entre negócios inevitáveis; quando percebeu que aquele famoso estrangeiro conhecia sua fama intelectual, Diotima sentiu-se distinguida como um escritor que é traduzido pela primeira vez no idioma de um país estranho. Ela notou que sua aparência não era absolutamente a de um judeu, mas era um homem distinto, de tipo fenício antigo. Também Arnheim ficou encantado ao ver em Diotima uma mulher que não apenas lera seus livros mas correspondia, na aparência de estátua antiga um pouco corpulenta, ao seu ideal de beleza helênico, com um pouco mais de carnes para que o clássico não fosse tão duro. Ficou logo evidente para Diotima que a impressão que era capaz de causar, depois de uma conversa de vinte minutos, num homem com verdadeira experiência do mundo desfazia todas as dúvidas com as quais seu próprio marido, certamente limitado por métodos diplomáticos antiquados, diminuía sua importância.

Com doce prazer repetiu para si mesma a conversa. Mal ela começara, e Arnheim já dizia que só viera àquela velha cidade para recuperar-se um pouco, no encanto barroco da antiga cultura austríaca, dos cálculos, do

materialismo, da sensatez ressequida do trabalho dos homens civilizados de agora.

Diotima respondera que nessa cidade reinava uma espiritualidade muito alegre, e sentia-se contente com isso.

— Sim — dissera ele —, não temos mais vozes interiores; hoje em dia sabemos demais, a razão tiraniza nossa vida.

E ela respondera:

— Gosto de lidar com mulheres; porque não sabem nada, e são autênticas.

E Arnheim dissera:

— Apesar disso, uma mulher bonita sabe mais do que um homem, que, embora saiba lógica e psicologia, nada sabe da vida.

Então ela lhe contara que os mais significativos círculos locais se preocupavam com um problema semelhante, isto é, libertar a alma da civilização, mas isso projetado em dimensões públicas e grandiosas.

— A gente deveria... — começara ela, e Arnheim a interrompera, dizendo que isso era maravilhoso.

— Introduzir idéias novas, ou, se for permitido dizer — ele deu um leve suspiro —, introduzir pelo menos idéias nas esferas do poder!

E Diotima prosseguira: pretendiam formar comissões com todas as camadas da população, para trazer à luz essas idéias.

Mas nisso Arnheim dissera algo terrivelmente importante, e fizera-o num tom de tanto calor e respeito, que o aviso marcou Diotima profundamente: ele exclamara que dessa maneira não seria fácil fazer algo grandioso; não eram comissões democráticas, mas sim individualidades fortes, gente com experiência tanto na realidade quanto no terreno das idéias, que poderiam dirigir essa ação!

Até aí Diotima recordara palavra por palavra aquela conversa, mas nesse ponto tudo se desfazia em brilho; ela não podia mais recordar o que respondera. Uma sensação indefinida e tensa de felicidade e expectativa a fora elevando cada vez mais; e agora seu espírito parecia um balãozinho de criança colorido, flutuando diante do sol com magnífico brilho. E no momento seguinte, estourou.

Nascera aí uma idéia em relação à grande Ação Paralela, a idéia que até então lhe faltara.

NATUREZA E SUBSTÂNCIA DE UMA GRANDE IDÉIA

Seria fácil dizer de que constava essa idéia, mas nenhuma pessoa poderia descrever sua significação! Pois é isso que distingue uma grande idéia impressionante de uma idéia comum, talvez até inacreditavelmente comum e errada: está num estado de fusão através do qual o eu parte para amplidões infinitas, e, vice-versa, as vastidões do mundo entram no eu, e não se pode mais reconhecer o que é nosso e o que é do infinito. Por isso grandes idéias impressionantes se constituem de um corpo que, como o do ser humano, é compacto mas transitório; e de uma alma eterna, que é o seu significado, mas não é compacta, e se desmancha em nada a cada tentativa de abordá-la com frias palavras.

Isso dito, deve-se acrescentar que a grande idéia de Diotima não era senão que o prussiano Arnheim devia assumir a direção intelectual da grande ação da Áustria, embora esta tivesse ciúmes da Alemanha prussiana. Mas isso é apenas o corpo inerte de palavras que reveste a idéia, e quem o acha inconcebível ou ridículo está profanando um cadáver. Quanto à alma dessa idéia, deve-se dizer que era casta e lícita, e para todos os efeitos e qualquer eventualidade Diotima acrescentou-lhe ainda um parágrafo para Ulrich. Não sabia que também seu primo — embora num plano bem menos elevado do que Arnheim e encoberto pelo efeito deste — lhe causara impressão, e provavelmente teria desprezado a si mesma se tivesse visto isso claramente; mas, por instinto, tomara medidas de precaução, declarando-o, para sua consciência, como “imaturo”, embora Ulrich fosse mais velho do que ela. Diotima tomara a decisão de compadecer-se dele, e isso facilitava sua convicção de dever escolher Arnheim e não Ulrich para dirigir aquela ação de tamanha responsabilidade; mas de outro lado, depois de tomada essa resolução, lhe veio também a fantasia bem feminina de que o preterido precisava e merecia sua ajuda. Se a ele faltava alguma coisa, não havia melhor maneira de a conquistar do que colaborando na grande ação, que lhe

ofereceria a chance de passar bastante tempo junto dela e de Arnheim. Portanto, Diotima resolveu também esse ponto, mas isso não passava de reflexões suplementares.

UM CAPÍTULO QUE PODE SER OMITIDO PELOS QUE NÃO TIVEREM
OPINIÃO FAVORÁVEL SOBRE A ATIVIDADE DE PENSAR

Enquanto isso, Ulrich estava sentado em casa diante da escrivaninha, trabalhando. Retomara uma investigação interrompida semanas atrás quando resolvera voltar para a sua terra; não a pretendia concluir, apenas divertia-se vendo que ainda conseguia fazer aquilo. O tempo estava bonito, mas nos últimos dias ele apenas saía de casa para passeios curtos. Nem ao menos saía para o jardim, fechara as cortinas e

trabalhava com luz velada, como um acrobata que, antes de chegar o público, executa alguns saltos novos e perigosos no circo em penumbra, diante de uma platéia seleta.

Ele afastou o papel coberto de fórmulas e desenhos, onde escrevera uma equação de estado da água, exemplo da física para empregar um novo procedimento matemático que estava descrevendo; mas seus pensamentos há algum tempo já se tinham dispersado.

“Será que falei da água com Clarisse?”, perguntou-se, mas não conseguia recordar direito. Era indiferente, e seus pensamentos foram divagando negligentemente.

Por infelicidade não há nada mais difícil de reproduzir em literatura do que um homem que pensa. Um grande descobridor, quando certa vez lhe perguntaram como conseguia ter tantas idéias novas, respondeu: “pensando nisso o tempo todo”. E com efeito, pode-se dizer que as idéias inesperadas só aparecem porque esperamos por elas. Constituem em grande parte um resultado positivo do caráter, de inclinações constantes, de ambição persistente, de ocupação incansável. Como deve ser monótona essa persistência! Por outro prisma, a solução de uma tarefa intelectual não acontece de modo muito diferente do que quando um cão, levando um bastão na boca, quer passar por uma porta estreita; ele vira a cabeça para a

esquerda e a direita, até o bastão entrar, e nós agimos de modo muito parecido, apenas com a diferença de que não tentamos fazer isso de modo inconsciente, mas, pela experiência, já sabemos mais ou menos como proceder. E embora uma cabeça inteligente tenha muito mais habilidade e experiência nos movimentos do que uma cabeça tola, a solução também para ela chega de forma inesperada, acontece de repente, e sentimos com vago espanto que os pensamentos se fizeram por si, em vez de esperarem pelo seu autor. Essa sensação de assombro é o que muita gente chama hoje em dia de intuição, depois de antigamente a chamarem inspiração, e acreditam dever enxergar nela algo de suprapessoal; mas é apenas algo impessoal, isto é, a afinidade e solidariedade das próprias coisas que se encontram dentro de uma cabeça.

Quanto melhor a cabeça, tanto menos se percebe dela nesse processo. Por isso o pensamento, enquanto não está acabado, é um estado muito miserável, parecido com uma eólica de todas as volutas do cérebro; e quando fica concluído, já não tem a forma de um pensamento, como se experimentou, mas tem a forma de algo pensado, o que infelizmente é impessoal, pois o pensamento se dirige para fora e se comunica ao mundo. Praticamente não se consegue surpreender o momento entre o pessoal e o impessoal, quando alguém pensa, e por isso o pensamento é um fato tão embaraçoso para os escritores, que estes o preferem evitar.

O homem sem qualidades, porém, estava refletindo. Pode-se deduzir que ao menos em parte isso não era assunto pessoal. O que era, então? Um mundo que entra e sai; aspectos do mundo que se vão juntando numa cabeça. Não lhe ocorrera nada de importante; depois que se ocupara da água como exemplo, nada lhe ocorrera senão que a água é um ente três vezes maior que a terra, mesmo que se considere apenas o que todo mundo reconhece como água, rio, mar, lago, fonte. Por muito tempo se acreditou que é aparentada com o ar. O grande Newton acreditou nisso, e a maior parte de suas idéias ainda permanece hoje. Na opinião dos gregos, o mundo e a vida tinham nascido da água. Ela era um deus: Oceano. Mais tarde inventaram ninfas, elfos, ondinas, nereidas. Fundaram-se templos e oráculos nas suas margens. Mas também se construíram as catedrais de Hildesheim, Paderborn, Bremen, sobre fontes, e, vejam só, essas catedrais ainda existem! E ainda se batiza com água! E não existem os amigos de curas pela água, e os

apóstolos da natureza, cuja alma tem algo de um sadio tão singularmente sepulcral? Portanto, havia no mundo um lugar como um ponto borrado ou capim espezinhado. E naturalmente o homem sem qualidades também tinha em algum lugar da sua consciência a sabedoria moderna, quer pensasse nela ou não. E, nela, a água é um líquido incolor, inodoro e sem sabor, que em camadas mais grossas se torna azul, o que recitamos na escola tantas vezes que não o esqueceremos nunca mais, embora fisiologicamente também façam parte dela bactérias, substâncias vegetais, ar, ferro, sulfato e bicarbonato de cálcio, e no fundo a imagem arquetípica de todos os líquidos nem seja um líquido mas, dependendo, um sólido, um líquido ou um gás. Por fim, tudo se dissolvia num sistema de fórmulas de alguma maneira interdependentes, e em todo o grande mundo só há algumas dúzias de pessoas que pensam a mesma coisa sobre algo tão simples como a água; todos os outros falam nela em linguagens que se situam entre hoje e alguns milênios atrás. Portanto, deve-se dizer que, mal reflete um pouquinho, o ser humano se encontra em meio a um grupo bastante caótico.

Ulrich lembrou que realmente contara tudo isso a Clarisse, que era ignorante como um animalzinho; mas, deixando de lado todas as superstições que a formavam, sentia com ela uma vaga afinidade. E isso o ferrou como uma agulha em fogo.

Ulrich ficou irritado.

A conhecida capacidade dos pensamentos, descoberta pelos médicos, de dissolver e distrair os conflitos profundos, morbidamente enredados, que nascem de regiões abafadas do eu, repousa provavelmente apenas na sua natureza social e exterior, que liga o indivíduo com outras pessoas e coisas; mas infelizmente aquilo que lhes confere força curativa parece ser o que reduz sua capacidade de serem pessoalmente experimentados. A menção casual de um pêlo no nariz vale mais do que o mais importante pensamento, e ações, sentimentos e sensações transmitem, ao se repetir, a impressão de que se participou de um acontecimento pessoal mais ou menos notável, por mais comuns e impessoais que sejam.

“É pena, mas é assim”, pensou Ulrich. Lembrou-se daquela impressão totalmente profunda, excitante, diretamente ligada ao eu, que se tem ao

cheirar a própria pele. Ele se levantou e abriu as cortinas do quarto.

A casca das árvores guardava a umidade da manhã. Lá fora, na rua, pairava um vapor de gasolina, de coloração violeta. O sol brilhava, as pessoas moviam-se com animação. Era primavera no asfalto, um indefinido dia primaveril no outono, como só as cidades conseguem produzir magicamente.

EXPLICAÇÃO E INTERRUPTÃO DE UM ESTADO DE CONSCIÊNCIA
NORMAL

Ulrich combinara com Bonadéia um sinal para mostrar que estava sozinho em casa. Estava sempre sozinho, mas não dava o sinal. Há muito devia saber que Bonadéia entraria sem ser chamada, com chapéu e véus. Pois era excessivamente ciumenta. E quando procurava um homem — ainda que fosse apenas para lhe dizer que o desprezava — sempre chegava enfraquecida, já que as impressões do caminho e os olhares dos homens balouçavam dentro dela como se estivesse levemente mareada. Mas quando o homem adivinhava isso e avançava sem rodeios, embora há tanto tempo não se tivesse importado com ela, ficava ofendida, brigava, adiando com comentários críticos aquilo por que ela própria mal podia esperar, e parecia um pato com asa quebrada por um tiro, que caiu no mar do amor e quer se salvar nadando.

E com efeito, de repente Bonadéia estava lá, chorando e dizendo-se maltratada.

Em fases dessas, em que se zangava com o amante, ela pedia ao marido, apaixonadamente, que lhe perdoasse as faltas. Segundo uma boa regra antiga das mulheres infiéis, que a empregam para não se traírem por alguma palavra impensada, ela lhe falara do interessante cientista a quem por vezes encontrava na casa de uma amiga, mas que não convidava porque era tão festejado pela sociedade que não viria por si à casa dela, enquanto que ela, por sua vez, não lhe dava bastante importância para insistir. A meia-verdade ali escondida facilitava-lhe a mentira; a outra metade considerava culpa dos amantes.

O que diria seu marido, pensava ela, se de repente começasse a reduzir as visitas à pretensa amiga?! Como lhe explicaria essas oscilações de simpatia? Afinal, ela valorizava muito a verdade, porque apreciava todos os ideais, e Ulrich a desonrava, obrigando-a a desviar-se deles mais do que o

necessário!

Fez uma cena violenta, e quando tudo passara, jorraram censuras, protestos, beijos, no vácuo que se instalara. Quando também isso passou, nada acontecera; o vazio foi preenchido por frases triviais, e o tempo formava borbulhas como um copo de água parada.

“Ela fica muito mais bonita quando está zangada”, pensou Ulrich, “mas como tudo isso foi mecânico.” A visão dela o comovera e enchera de ternura; agora, depois de tudo, ele sentiu novamente como aquilo lhe interessava pouco. A incrível rapidez dessas mudanças, que transformam uma pessoa saudável num louco que espumeja, ficava bem nítida nessas horas. Mas pareceu-lhe que essas transformações provocadas pelo amor na consciência eram apenas um caso particular de algo bem mais geral; pois também uma noite de teatro, um concerto, uma cerimônia religiosa, todas as manifestações de nosso íntimo tornam-se hoje ilhas rapidamente desfeitas de um segundo estado de consciência, que por vezes se introduz na consciência habitual.

“Há pouco tempo eu ainda estava trabalhando”, pensou ele, “e antes disso saí à rua para comprar papel. Cumprimentei um senhor que conheço da Sociedade de Física. Há pouco tempo ainda tive uma conversa séria com ele. E agora, se Bonadéia se apressasse, eu poderia consultar aqueles livros, que vejo pela fresta da porta. Mas nesse meio tempo passamos por uma nuvem de loucura, e não é menos inquietante ver agora os fatos sólidos e cotidianos se fecharem novamente sobre esse lapso, mostrando-se em toda a sua dureza.”

Mas Bonadéia não tinha pressa, e Ulrich teve de pensar em outra coisa. Seu amigo de juventude, Walter, marido da pequena Clarisse, que ultimamente andava tão esquisito, um dia afirmara a respeito dele: “Ulrich só faz com o máximo de energia aquilo que julga desnecessário!” Aquilo lhe ocorreu exatamente nesse momento, e ele pensou: “Hoje em dia pode-se dizer isso de todos nós.” Lembrava-se muito bem: uma sacada de madeira corria em torno da casa de verão. Ulrich era hóspede dos pais de Clarisse; faltavam poucos dias para o casamento, e Walter tinha ciúmes dele. Walter sabia ser magnificamente ciumento. Ulrich estava parado lá fora, ao sol, quando Clarisse e Walter entraram num quarto atrás da sacada. Ulrich os escutou sem se esconder. Ainda hoje recordava só aquela frase. E depois, a visão: o

quarto, na sombra, como uma sacola cheia de pregas, meio aberta, pendurada na claridade ofuscante do sol na parede exterior da casa. Nas dobras dessa sacola, surgiram Walter e Clarisse; o rosto dele, alongado numa expressão dolorosa, parecendo ter dentes compridos e amarelos. Podia-se dizer até que dois longos dentes amarelos repousavam numa caixinha forrada de veludo preto, e aquelas duas pessoas paradas ali ao lado eram espectros. Naturalmente, o ciúme era tolice; Ulrich não sentia desejo por mulheres de amigos. Mas Walter sempre tivera uma capacidade especial de sentir tudo intensamente. Nunca conseguia o que desejava porque sentia tudo em excesso. Parecia ter em si um amplificador muito melodioso para as pequenas felicidades e infelicidades da vida. Gastava sempre pequenas moedas de emoção em ouro e prata, enquanto Ulrich operava em escala maior, por assim dizer com cheques de pensamento, nos quais havia enormes quantias; mas afinal era só papel. Quando Ulrich queria imaginar Walter de maneira bem característica, via-o deitado na fimbria de uma floresta. Usava calças curtas, e, estranhamente, meias pretas. Não tinha pernas de homem, nem musculosas e fortes, nem magras e firmes, mas pernas de moça; de moça não muito bonita, com pernas frágeis e feias. Mãos cruzadas debaixo da cabeça, ele olhava a paisagem, e só Deus sabia, não queria ser incomodado. Ulrich não se lembrava de ter visto Walter assim em alguma ocasião especial; mais que isso, aquela imagem se destacava como um selo final, depois de uma década e meia. E a lembrança de que Walter tivera ciúmes dele aquela vez lhe provocava uma agradável excitação. Tudo aquilo acontecera numa época em que ainda se davam bem. E Ulrich pensou: “Já os visitei algumas vezes e Walter nem retribuiu minha visita. Mas apesar disso eu poderia ir até lá outra vez esta noite; por que me incomodaria?”

Decidiu mandar-lhes um recado assim que Bonadéia finalmente terminasse de se vestir; na presença dela não era aconselhável, por causa do monótono interrogatório que inevitavelmente seguiria.

E como pensamentos são velozes, e Bonadéia demoraria a se aprontar, ocorreu-lhe mais uma coisa. Dessa vez, uma pequena teoria; era simples, esclarecedora, e ajudava-o a passar o tempo: “Um jovem com inquietação intelectual”, disse Ulrich para si mesmo, referindo-se provavelmente ainda a seu amigo de juventude, “envia constantemente idéias em todas as direções.

Mas só o que encontra ressonância no meio ambiente devolve essas irradiações para ele, e se adensa, enquanto todas as outras emanções se espalham no espaço e se perdem!” Ulrich presumia simplesmente que uma pessoa dotada de espírito tem todos os tipos de inclinação intelectual, de modo que o espírito é anterior às qualidades; ele próprio era um homem de muitos contrastes e imaginava que todas as qualidades jamais expressas na humanidade repousam bastante próximas umas das outras no espírito de cada pessoa, se ela o tiver. Pode não ser uma idéia muito correta, mas o que sabemos da origem do bem e do mal confirma que todos têm a sua estatura interior, mas que ela pode ser revestida dos mais variados trajes, se o destino os fornecer. E por isso Ulrich não achou totalmente sem importância o que acabara de pensar. Pois se no curso do tempo as idéias comuns e impessoais se fortalecem por si, e as inusitadas perdem o interesse, de modo que todas elas vão se tornando medíocres com regularidade mecânica, isso explica por que, apesar das mil possibilidades que teríamos diante de nós, o homem comum é um homem comum! E isso também explica que mesmo entre as pessoas privilegiadas, que conseguem se impor e obter êxito, há certa mistura com mais ou menos 51% de profundidade e 49% de superficialidade, que consegue o maior sucesso; há muito tempo isso vinha parecendo tão enredado e sem sentido, e tão intoleravelmente triste, que ele gostaria de poder refletir mais a respeito.

Mas, nesse momento, deu-se conta de que Bonadéia ainda não dava sinal de estar pronta; espreitando cautelosamente pela porta, notou que ela parará de se vestir. Ela considerava uma grosseria qualquer distração quando se tratava das últimas gotas de encantamento pelo encontro; ofendida com o silêncio dele, esperava para ver o que o amante faria. Pegara um livro, e por sorte ele continha belas reproduções de história da arte.

Quando voltou às suas reflexões, Ulrich sentiu-se irritado por essa espera, e uma vaga impaciência o foi dominando.

30

ULRICH OUVE VOZES

De repente seus pensamentos se contraíram, e como se olhasse por uma súbita fenda, viu Christian Moosbrugger, o carpinteiro, e seus juizes.

Com um ridículo atroz para uma pessoa que não pensa da mesma maneira, o juiz dizia:

— Por que o senhor limpou as mãos ensanguentadas? Por que jogou fora o punhal? Por que vestiu roupas e roupa de baixo limpas depois do crime? Porque era domingo? Não por estarem cheias de sangue? Por que na noite seguinte foi a um baile? Então o crime não o impediu de fazer isso? O senhor não sentiu nenhum remorso?

Uma idéia bruxuleia em Moosbrugger: velhas experiências de prisão, é preciso fingir remorso. Esse bruxuleio repuxa a boca de Moosbrugger, e ele responde:

— Claro!

— Na polícia o senhor disse: não sinto remorso, apenas fico doido de ódio e raiva! — interrompe o juiz imediatamente.

— Pode ser — disse Moosbrugger, novamente firme e digno. — Pode ser que naquele momento eu não tivesse outros sentimentos.

— O senhor é um homem grande e forte — diz o promotor público —, como pôde ter medo de Hedwig?

— Senhor conselheiro — responde Moosbrugger sorrindo —, ela estava me adulando. Eu a imaginei ainda mais cruel do que normalmente já imagino esse tipo de mulheres. Eu pareço forte, e sou mesmo...

— Então — resmunga o presidente do tribunal, folheando os documentos.

— Mas em certas situações — diz Moosbrugger em voz alta — tenho medo e sou até covarde.

Os olhos do presidente levantam-se rapidamente dos documentos, como

duas aves deixando um galho no qual estavam pousadas.

— Aquela vez, quando brigou com seus colegas na construção, o senhor não foi nada covarde! — diz o presidente. Jogou um deles dois andares abaixo e esfaqueou os outros...

— Senhor presidente — exclama Moosbrugger com voz ameaçadora —, hoje ainda sou do ponto de vista de que...

O presidente encerra o assunto com um gesto.

— A injustiça — diz Moosbrugger — deve servir de fundamento para a minha brutalidade. Vim ao tribunal como homem ingênuo e esperei que os senhores juizes soubessem de tudo. Mas fui decepcionado.

A cara do juiz meteu-se novamente nos documentos. O promotor sorri e diz amavelmente:

— Mas a Hedwig era uma mocinha totalmente inofensiva!

— *Eu* não achava! — responde Moosbrugger, ainda irritado.

— *Eu* acho — disse o presidente com ênfase — que o senhor sempre atribui a culpa a outros!

— Então, por que foi que a esfaqueou? — recomeça outra vez, amavelmente, o promotor público.

Aquilo vinha do julgamento a que Ulrich assistira, ou apenas das notícias que tinha lido? Lembrava-se agora tão vivamente como se ouvisse aquelas vozes. Nunca na vida “ouvira vozes”; por Deus, ele não era desse tipo. Mas quando as ouvimos, é como a calma de neve caindo. Repentinamente, paredes se elevam da terra aos céus; onde havia ar, caminhamos através de muros espessos e macios, e todas as vozes que saltavam de um ponto a outro na gaiola do ar andam agora em liberdade no interior das paredes brancas unidas sem poros nem lacunas.

Ele estava provavelmente superexcitado pelo trabalho e o tédio, então essas coisas podem ocorrer; mas não achou tão ruim assim escutar vozes. E de repente disse, a meia voz:

— Temos um segundo lar, onde tudo o que fazemos é inocente.

Bonadéia remexia num cadarço. Entrara no quarto dele. Não queria conversar, achava aquilo pouco delicado; esquecer o nome do assassino da moça sobre o qual se lera tanta coisa nos jornais, e só a muito custo ele lhe voltou à memória quando Ulrich começou a falar.

— Mas se Moosbrugger — disse ele depois de algum tempo — causou essa inquietante impressão de inocência, muito mais inocente há de parecer essa pobre, abandonada criatura friorenta com seus olhos de camundongo debaixo do lenço, essa Hedwig, que mendigou para ficar no quarto dele, e por isso foi morta.

— Pare com isso! — disse Bonadéia, erguendo os ombros brancos. Pois para começar a falar Ulrich escolhera maldosamente o instante em que as roupas de sua amiga — ofendida, e ansiosa pela reconciliação — ainda não bem enfiadas no corpo, voltavam a cair no chão depois de ela entrar no quarto, formando a pequena, encantadora concha mitológica da qual nasce Afrodite. Bonadéia estava disposta a detestar Moosbrugger e a esquecer,

com um breve arrepio, a sua vítima. Mas Ulrich não deixou, e descreveu minuciosamente o destino que esperava por Moosbrugger:

— Dois homens vão colocar o laço em seu pescoço, sem nenhuma raiva dele, apenas porque são pagos para isso. Talvez haja umas cem pessoas assistindo, em parte porque seu trabalho as obriga, em parte porque todo mundo tem vontade de assistir a uma execução uma vez na vida. Um senhor solene, de cartola, fraque e luvas pretas puxa a corda, e no mesmo momento dois de seus ajudantes se penduram nas pernas de Moosbrugger, para lhe quebrarem a nuca. Então o cavaleiro de luvas pretas coloca a mão no coração de Moosbrugger e examina-o com o ar preocupado de um médico, para ver se ainda está vivo; pois se ainda estiver, tudo será repetido, com mais impaciência e menos solenidade. Afinal você é a favor de Moosbrugger ou contra ele? — perguntou Ulrich.

Lenta e dolorosamente como quem é despertado fora de hora, Bonadéia fora perdendo a “vontade”, como costumava designar seus acessos de infidelidade conjugal. Teve de sentar-se, depois de segurar por uns momentos, indecisa, as roupas que tinham caído, e o espartilho aberto. Como qualquer mulher em situação semelhante, confiava firmemente numa ordem pública tão justa que, sem pensar nela, se podia viver despreocupadamente a própria vida; agora que lhe chamavam atenção para algo diferente, sentiu compaixão e solidariedade para com Moosbrugger, a vítima, excluindo qualquer pensamento sobre Moosbrugger, o culpado.

— Então você é sempre a favor da vítima e contra o crime — afirmou Ulrich. Bonadéia manifestou sua compreensível opinião de que aquela conversa era totalmente descabida naquela situação.

— Mas se você é tão coerente em seu juízo contra o crime — respondeu Ulrich em vez de se desculpar — como quer justificar suas infidelidades conjugais, Bonadéia?

Aquele plural era particularmente indelicado! Bonadéia calou-se, sentou-se numa das macias poltronas, com ar de desprezo, e, ofendida, ergueu os olhos para a intersecção de parede e teto.

A ESQUECIDA E IMPORTANTÍSSIMA HISTÓRIA DA ESPOSA DE UM
MAJOR

Não convém sentir afinidades com um notório maluco, e Ulrich não o fez. Mas por que afirmava um perito que Moosbrugger era louco, e outro dizia que não era? De onde os jornalistas teriam obtido aquela objetividade com que descreviam a obra do seu punhal? E por que qualidades Moosbrugger chamava aquela atenção e provocava aquele arrepio de horror que, para metade dos dois milhões de moradores da cidade, era praticamente tão importante quanto uma briga de família ou um noivado desfeito? Tudo tão incrivelmente excitante e pessoal, arrebatando regiões da alma normalmente tranquilas, enquanto seu caso já significava uma novidade menos interessante nas cidades da província, e em Berlim ou Breslau não representava mais nada, pois lá dispunham, de tempos em tempos, de seus próprios Moosbruggers na família. Aquele terrível jogo da sociedade com suas vítimas interessava Ulrich. Ele o via repetir-se em seu próprio íntimo. Não tinha vontade nem de libertar Moosbrugger nem de procurar justiça, e essa sensação se eriçava no interior dele como os pêlos de um gato. Por alguma razão desconhecida, Moosbrugger lhe era mais próximo do que sua própria vida; comovia-o como um poema obscuro no qual tudo aparece um pouco distorcido e desfigurado, e que revela um sentido fragmentado a flutuar no fundo da mente.

“Romantismo sinistro!”, censurava-se Ulrich. Admirar o sinistro ou ilícito na forma permitida dos sonhos e neuroses lhe parecia combinar muito bem com os homens da era burguesa. “Ou uma coisa ou outra!”, pensou. “Ou você me agrada, ou não! Ou eu o defendo em toda a sua monstruosidade, ou devo me dar um soco no rosto por estar brincando com ela!” E por fim conviria sentir uma compaixão fria, mas ativa; já hoje se poderia fazer uma porção de coisas para impedir aqueles fatos e personagens, se a sociedade quisesse ela mesma empregar ao menos metade dos esforços morais que

exige dessas vítimas. Em seguida, porém, apareceu um aspecto bem diferente desse assunto, e estranhas recordações despertaram em Ulrich.

Nosso julgamento sobre um ato nunca é julgamento sobre aquele lado do ato que Deus recompensa ou pune: Lutero, singularmente, foi quem disse isso. Provavelmente sob influência de um dos místicos dos quais foi amigo por algum tempo. Certamente muitos outros crentes poderiam tê-lo dito. No sentido burguês, eram todos imoralistas. Diferenciavam entre pecados e alma, que pode permanecer imaculada apesar dos pecados, quase como Maquiavel diferencia o meio e o fim. O “coração humano” lhe fora “retirado”. “Também em Cristo havia um ser humano externo e outro interior, e tudo o que ele fazia com relação às coisas exteriores partia do ser humano externo, enquanto seu ser humano interno permanecia imperturbável e à parte”, diz Eckehart. Esses santos e crentes seriam por fim capazes até de absolver um Moosbrugger!?! A humanidade certamente progrediu desde aqueles tempos; mas embora mate Moosbrugger, essa humanidade ainda tem a fraqueza de venerar aqueles homens que talvez o tivessem absolvido.

E Ulrich recordou uma frase que lhe trouxe uma onda de mal-estar. A frase dizia: “A alma do sodomita poderia passar pela multidão sem adivinhar nada, e em seus olhos haveria o transparente sorriso de uma criança; pois tudo depende de um princípio invisível.” Isso não era muito diferente daquelas primeiras frases, mas no seu pequeno exagero exalava o vago odor adocicado da podridão. E como se viu, aquela frase combinava com uma sala, um aposento com brochuras francesas amarelas sobre as mesas, cortinas de vidrilhos em lugar de portas... e no peito surgiu a sensação da mão que se enfia num cadáver aberto de galinha para arrancar o coração. Pois fora Diotima quem dissera a frase durante a visita dele. Ainda por cima, vinha de um escritor contemporâneo, a quem Ulrich amara na juventude, mas que depois aprendera a considerar um filósofo de salão; e frases como aquela têm o sabor ruim do pão sobre o qual se derramou perfume, de modo que por muitos decênios não se quer mais ter nada a ver com elas.

Mas, por mais intensa que fosse a repulsa de Ulrich, naquele momento lhe pareceu vergonhoso ter consentido, a vida toda, em ficar longe das outras,

das legítimas frases daquela misteriosa linguagem. Pois ele tinha uma compreensão especial e direta por elas, quase uma intimidade que superava a compreensão, sem entretanto jamais ter-se decidido a assumi-las inteiramente.

Elas — aquelas frases que lhe falavam num tom fraterno, com uma doce, melancólica intimidade, oposta ao tom imperioso da linguagem matemática ou científica, mas sem que se pudesse dizer do que constava — elas ficavam como ilhas entre as ocupações dele, sem ligação umas com as outras, e raramente visitadas; mas quando as divisava, na medida em que as conhecia, ele sentia que se podia perceber muito bem a ligação entre elas, como se essas ilhas, pouco distantes entre si, estivessem colocadas diante de uma praia que se ocultava atrás delas; ou como se representassem restos de um continente que submergiu em tempos imemoriais. Ele sentia a maciez do mar, o nevoeiro e costas baixas e negras dormindo numa luz amarelo-acinzentada. Lembrou-se de uma pequena viagem marítima, uma fuga segundo a receita “viaje!”, “vá se distrair!”, e ocorreu-lhe com exatidão qual era a experiência estranha, ridiculamente mágica, que se interpusera definitivamente, por sua força repulsiva, diante de todas as outras experiências semelhantes. Por um momento o coração do rapaz de vinte anos batera no seu peito, cuja pele peluda com os anos se tornara mais espessa e grosseira. O pulsar de um coração de vinte anos naquele seu peito de trinta e dois pareceu-lhe o beijo indecoroso que um adolescente dá num homem. Apesar disso, dessa vez não se furtou à lembrança. Era a lembrança de uma paixão de final muito singular, que aos vinte anos tivera por uma mulher consideravelmente mais velha pela idade, e principalmente pela situação doméstica.

Significativamente, lembrava pouco a aparência dela; um retrato sem vida e a memória das horas em que estivera sozinho pensando nela assumiram o lugar das lembranças diretas de rosto, vestes, movimentos e voz daquela mulher. O mundo dela se lhe tornara tão estranho que ela ter sido esposa de um major lhe parecia divertido e inacreditável. “Agora deve ser há muito esposa de um coronel da reserva”, pensou. Comentara-se no regimento que era uma excelente artista, uma virtuosa do piano, mas que por desejo da família jamais tocara em público, e mais tarde isso se tornara impossível devido ao casamento. Na verdade tocava muito bem piano em festas do

regimento, com o brilho de um sol dourado que paira sobre os profundos vales da alma, e desde o começo Ulrich se apaixonara menos pela presença física daquela mulher do que por sua imagem abstrata. O tenente que naquele tempo usava o nome dele não era tímido; seu olhar se treinara bem em mulherzinhas insignificantes e até espiara a trilha furtiva e um tanto usada que levava à muita mulher honrada. Mas o “grande amor” era para aqueles oficiais de vinte anos, quando o desejavam, algo diferente, era um conceito; estava fora do alcance das suas aventuras, e tão pobre em experiência concreta, por isso tão deslumbrantemente vazio, como são todos os conceitos sublimes. E quando pela primeira vez na vida Ulrich sentiu a possibilidade de concretizar esse ideal, foi fatal que acontecesse; a esposa do major não teve outro papel senão o de uma última instância que faz irromper alguma enfermidade.

Ulrich ficou doente de amor. E como a legítima doença de amor não é desejo de posse mas uma doce revelação do mundo pela qual com prazer se renuncia à posse da amada, o tenente explicou o mundo à esposa do major, de forma tão inusitada e persistente como ela jamais escutara. Estrelas, bactérias, Balzac e Nietzsche turbilhonavam num funil de pensamentos cuja ponta se dirigia nitidamente para certas diferenças, naquele tempo ocultas pela decência, que separavam o corpo da mulher do corpo do tenente. Ela ficou perturbada por essa insistente relação do amor com questões que até ali julgava nada terem a ver com isso; num passeio a cavalo entregou a mão por um momento a Ulrich, quando caminhavam ao lado de suas montarias, e notou com susto que a mão ficava na dele como que sem forças. No momento seguinte, um fogo vindo de suas mãos a varou até os joelhos, um raio derrubou os dois, que quase caíram sobre a margem do caminho, em cujo musgo se sentaram, beijando-se apaixonadamente, e por fim acabaram embaraçados, porque o amor era tão grande e incomum, que para surpresa de ambos não lhes ocorria falar nem fazer nada do que se está habituado a fazer e dizer nesses abraços. Os cavalos, impacientes, por fim livraram os dois apaixonados daquela situação.

O amor da esposa do major e do jovem tenente foi breve e irreal. Os dois estavam espantados, abraçaram-se apertadamente mais algumas vezes, sentiram ambos que havia alguma coisa errada, que não permitiria que se abraçassem corpo a corpo mesmo que despissem as roupas e os

preconceitos. A esposa do major não queria privar-se de uma paixão sobre a qual sentia não ter nenhum juízo, mas secretamente acusava-se por causa do marido e da diferença de idade. E quando um dia Ulrich lhe disse, com motivos precários e inventados, que teria uma licença demorada, a esposa do oficial respirou aliviada, entre lágrimas. Mas naquele tempo Ulrich já não tinha outro desejo senão, de tanto amor, conseguir o mais depressa possível afastar-se da fonte daquele amor. Viajou às cegas até que o trem parou diante do litoral, passou de barco para a ilha mais próxima, e ali ficou, num lugar casual e desconhecido, mal-acomodado e malcuidado. Logo na primeira noite escreveu a primeira de uma série de longas cartas à amada, que jamais enviaria.

Essas cartas no silêncio da noite, que também lhe ocupavam os pensamentos durante o dia, perderam-se mais tarde; e certamente fora aquele o seu destino. No começo ele ainda escrevera muito do seu amor e de uma série de pensamentos que este lhe ditara, mas em breve a paisagem foi tomando o lugar de tudo isso. O sol o despertava de manhã, e quando os pescadores estavam no mar, as mulheres e crianças nas casas, ele e um burrico que pastava entre arbustos e colinas rochosas no meio das duas minúsculas aldeias pareciam ser os dois únicos seres vivos naquele temerário posto avançado da terra. Ulrich imitava seu companheiro e subia numa das colinas de pedra ou deitava-se na beira da ilha em companhia do mar, rochas, céu. Não é presunção dizer isso, pois a diferença de tamanho se desfazia naquele convívio, como se diluía a diferença entre espírito, natureza animal e natureza morta, e toda a sorte de diferenças entre as coisas ficava abrandada. Para ser objetivo, tais diferenças não se perderam nem diminuíram, mas despiram-se de seu significado. Nada mais era submetido às “divisões da humanidade”, exatamente segundo as descrições dos religiosos arrebatados na mística amorosa, dos quais o jovem tenente de cavalaria não tinha a menor noção naquele tempo. Nem refletia sobre tais fenômenos, como um caçador que persegue uma pista e só depois reflete sobre isso. Na verdade nem ao menos percebia essas coisas todas, apenas as assimilava. Mergulhava na paisagem, era indizivelmente levado por ela; e embora o mundo se estendesse para além do que seus olhos viam, seu significado lhe chegava interiormente, em ondas silenciosas. Atingira o coração do mundo; dali até a distante amada havia a mesma distância que

dele à árvore mais próxima; um sentimento de interioridade ligava os seres, sem espaço, assim como dois seres conseguem passar um através do outro num sonho, sem se misturar; e isso modificava todas as relações. Mas aquele estado nada tinha a ver com sonho. Ele estava bem lúcido, transbordando de lúcidos pensamentos. Apenas, nada em seu interior se movia em busca de causa, objetivo, desejos físicos; tudo ia se alargando em novos círculos, como quando um jorro interminável cai numa bacia de chafariz. E era isso que ele descrevia em suas cartas, nada mais. Era uma forma totalmente mudada de vida; o que fazia parte dela não ficava no centro das atenções, e sim liberto da nitidez de contornos e sentido assim, um pouco difuso e borrado. Mas obviamente estava repleto da segurança e da claridade vindas de outros focos, pois todas as indagações e fatos da vida assumiam uma incomparável doçura, suavidade e serenidade, e ao mesmo tempo um significado totalmente novo. Por exemplo: se um besouro corria pela mão do homem que refletia, não era um ato de chegar, passar e afastar-se, e não era besouro e homem, era algo que tocava indizivelmente o coração; não era nem ao menos um acontecimento: embora acontecesse, era um estado.

Com ajuda dessas silenciosas experiências, tudo o que de hábito constitui a vida comum tinha um significado subversivo, fosse qual fosse a circunstância.

Nesse estado, também seu amor pela esposa do major assumia rapidamente a forma que lhe estava destinada. Por vezes procurava imaginar o que fazia naquele instante a mulher em quem pensava o tempo todo, e baseava-se no conhecimento detalhado da vida dela; mas sempre que conseguia divisar a amada, sua sensibilidade visionária se ofuscava, e era preciso esforçar-se para adequar novamente a imagem à certeza sublime de haver para ele, em algum lugar, alguma grande amante. Não demorou muito, e ela se tornou um centro de energia totalmente impessoal, um dínamo subterrâneo de sua instalação de luz, e ele lhe escreveu uma carta derradeira, na qual explicou que a sublime vida-dedicada-ao- amor nada tinha a ver com posse ou desejo de possuir, que nascem da avareza, domínio e gula. Foi a única carta que despachou, e marcou o auge de sua febre amorosa, que logo depois acabaria abruptamente.

ROMPIMENTO COM BONADÉIA

Enquanto isso, já que não podia ficar olhando o teto o tempo todo, Bonadéia se esticava de costas no diva, seu delicado ventre maternal respirava na organza branca, liberado de espartilho e fitas; ela chamava essa postura de: refletir. Lembrou-se de que seu marido não era apenas juiz mas também caçador, e às vezes falava com olhos fuzilando dos seus cães perseguindo a caça; e pareceu-lhe que isso deveria favorecer Moosbrugger e seus juizes. Por outro lado, porém, não queria que seu marido fosse mal interpretado pelo amante, exceto nas coisas de amor; seu sentimento familiar exigia que o chefe da casa fosse respeitado e digno. Por isso não conseguia se decidir. E enquanto essa contradição escurecia, sonolenta, o horizonte dela, como duas nuvens informes que se fundem, Ulrich saboreava a liberdade de seguir seus próprios pensamentos. É bem verdade que aquilo demorara algum tempo, e não se lembrando de nada que pudesse modificar a situação, Bonadéia voltou a se magoar porque Ulrich a ofendera com indiferença; e o tempo que ele deixava passar sem se desculpar começou a pesar sobre ela de forma exasperante.

— Então você acha que faço mal, vindo visitá-lo? — ela lhe perguntou por fim, lentamente, enfaticamente, triste mas decidida a lutar.

Ulrich ficou calado, deu de ombros; há muito não sabia mais do que ela estava falando, mas achou-a insuportável naquele momento.

— Você realmente é capaz de me acusar por causa da nossa paixão?

— Em cada uma dessas perguntas se prendem tantas respostas como abelhas numa colméia — respondeu Ulrich. — Toda a desordem espiritual da humanidade, com suas perguntas insolúveis, gruda-se de maneira repulsiva a cada indagação dessas. — Com isso dizia simplesmente o que já pensara algumas vezes naquele dia; mas Bonadéia julgou que aquela desordem espiritual se referia a ela, e achou que era demais. Teria gostado

de cerrar outra vez as cortinas, eliminando aquela desavença, mas também tinha vontade de chorar alto, de dor. Pensou entender de súbito que Ulrich estava enjoado dela. Graças à sua natureza, até ali ela sempre perdera os amantes como quem perde um objeto e já nem pensa nele ao sentir-se atraído por outro, novo; ou, descobrindo-se um dia tão apartada deles como antes estivera unida, o que, embora lhe trouxesse aborrecimentos, parecia uma intervenção dos céus.

Por isso, vendo a serena resistência de Ulrich, sentiu antes de mais nada que envelhecera. Sua situação desamparada e obscena, seminua sobre o diva, entregue a toda sorte de insultos, a deixou envergonhada. Ergueu-se, sem refletir, pegou as roupas, mas nem o rumor das vestes de seda que ia pondo sobre o corpo em camadas fez Ulrich se arrepender. Nos olhos de Bonadéia via-se a lancinante dor da impotência. “Ele é grosseiro, e me ofende de propósito!”, pensava. “Não está nem se mexendo!”, constatou. E a cada laço que atava, e cada gancho que prendia, mergulhava mais fundo naquele poço negro de uma dor da infância, há muito esquecida, a de se sentir rejeitada. A escuridão se erguia ao seu redor, e o rosto de Ulrich, visível na última luz, destacava-se, duro e rude, da trevosa dor de Bonadéia. “Como pude amar este rosto?!”, se perguntava. Mas, ao mesmo tempo, o coração dela se crispava, pensando: “Perdi-o para sempre!”

Adivinhando a decisão dela de não voltar, Ulrich não tentou demovê-la. Bonadéia ajeitava o cabelo diante do espelho, com gestos enérgicos, colocou o chapéu, prendeu o véu. Agora que o véu baixara sobre seu rosto, tudo acabara; era solene como uma sentença de morte, ou uma mala de viagem que se fecha com um estalido. Ele não a beijaria mais, nem adivinhava que estava desperdiçando a última ocasião de o fazer!

Por isso, quase se jogou no pescoço dele, cheia de compaixão, para se aliviar ali, chorando.

Quando Ulrich, depois de acompanhar Bonadéia até embaixo, ficou novamente só, não teve mais vontade de trabalhar. Saiu para a rua com o objetivo de mandar um mensageiro com algumas Unhas a Walter e Clarisse, anunciando uma visita à noite. Quando atravessou o pequeno saguão, notou na parede uma galhada de cervo, que tinha curvas parecidas com as de Bonadéia quando amarrava o véu diante do espelho; apenas, não sorria para si mesmo, com aquele ar de renúncia. Olhou em torno, contemplando o ambiente. Todas aquelas linhas em O, em cruz, linhas retas, sinuosas e tramadas, que constituem a decoração de uma casa, e que se tinham empilhado ao redor dele, não eram naturais nem respondiam a alguma necessidade interior, mas eram carregadas de opulência barroca em cada detalhe. A corrente e pulsação que fluem sem cessar através de todas as coisas que nos rodeiam parará por um momento. Eu sou apenas casual, troçava a Necessidade; não pareço essencialmente diferente do rosto de um doente de lúpus, quando me contemplam sem preconceito, admitiu a Beleza. No fundo, não era preciso muita coisa; um verniz caíra, uma ilusão caíra, um traço de hábito, expectativa e tensão se rasgara, um equilíbrio fluido e secreto entre sentimento e mundo inquietara-se por um segundo. Tudo o que sentimos e fazemos acontece de certa forma “na direção da vida”, e o menor movimento para fora dessa direção é difícil ou assustador. É assim até quando caminhamos: erguemos o centro de gravidade, empurramo-lo para diante e o deixamos cair; mas uma diminuta mudança, um pouco de receio desse lançar-se-no-futuro, ou simplesmente o espanto por fazermos isso, e já não podemos ficar em pé! É melhor não refletir. E Ulrich lembrou-se de que todos os momentos importantes e decisivos na sua vida tinham-lhe deixado uma sensação semelhante àquela.

Chamou um portador e entregou-lhe seu bilhete. Eram mais ou menos quatro da tarde, e resolveu seguir a pé, lentamente. O dia outonal, com ares

de fim de primavera, o deliciava. O ar fervia. Os rostos das pessoas pareciam espumas flutuantes. Depois da tensão monótona de seus pensamentos nos últimos dias, sentia-se transportado de uma prisão para um banho morno. Esforçou-se para andar num passo agradável e brando. Num corpo treinado pela ginástica há tanta disposição de movimento e luta, que naquele dia isso lhe parecia desagradável como o rosto de um velho comediante coberto de paixões mentirosas muitas vezes representadas. Da mesma forma, o desejo de verdade enchera seu interior com inquietação intelectual, dividira-o em grupos de pensamentos que se exercitavam mutuamente, colocando tudo numa expressão que, para ser exato, era irreal como a de um comediante que finge tudo, até a própria sinceridade, no momento em que se torna habitual. Era nisso que Ulrich pensava. Fluía como uma onda entre suas ondas irmãs, se se pode dizer assim; e por que não, se um ser humano que se desgastou num trabalho solitário volta à comunidade e sente felicidade de poder correr na mesma direção que todos?

Nesses momentos nada está tão distante quanto a idéia de que a vida que se leva, e que leva a gente, não nos interessa muito, não intimamente. Mas todo homem sabe disso enquanto é jovem. Ulrich recordava como lhe parecera um dia daqueles nestas ruas, há uma década ou década e meia. Tudo fora ainda uma vez tão magnífico, e contudo, naquele anseio fervente havia um doloroso pressentimento de cativo; uma sensação inquietante: tudo o que penso alcançar, me alcança; estou corroído por uma suspeita de que neste mundo as manifestações falsas, levianas e impessoais ecoam mais intensamente do que as íntimas e essenciais. Essa beleza — pensamos — tudo bem, mas será minha? A verdade que conheço, será a minha verdade? Os objetivos, vozes, realidades, tudo isso que me seduz, me atrai e me leva, que sigo e em que me precipito... será a verdade real, ou dela se mostra apenas um sopro inacessível, pousado sobre a realidade oferecida?

São as divisões e formas pré-configuradas da vida o que a desconfiança sente com tanta nitidez, a mesmice, o que já foi preparado por gerações inteiras, a linguagem pronta, não apenas da boca, mas das sensações e percepções. Ulrich parará diante de uma igreja. Meu Deus, se aí na sombra se sentasse uma gigantesca matrona com grande ventre descaído, o dorso recostado nas paredes das casas, e lá em cima o rosto exposto ao crepúsculo, cheio de mil rugas, verrugas e espinhas: ele não o poderia

também ter considerado belo? Meu Deus, como tudo era bonito! Não nos queremos furtar ao fato de termos vindo ao mundo para admirar isso. Mas, como já se disse, também não seria impossível julgar belas as amplas formas que descaem tranquilas, e a filigrana das rugas numa matrona respeitável; apenas, é mais simples dizer: ela é velha. E essa passagem da sensação de velhice para a de beleza do mundo é mais ou menos a mesma transição que se faz do espírito dos jovens para a moral mais complexa do adulto, que parece uma lição ridícula até que nós mesmos a compartilhamos. Ulrich parou diante da igreja apenas alguns segundos, mas eles desceram às suas profundezas e comprimiram seu coração com toda a resistência original que sentimos contra esse mundo cristalizado em milhões de toneladas de rocha, essa hirta paisagem lunar da emoção, em que fomos colocados sem poder reagir.

Talvez para a maioria das pessoas seja agradável e seguro encontrar o mundo já pronto, à exceção de algumas ninharias pessoais, e não se deve duvidar que o duradouro não é apenas conservador mas também fundamenta todos os progressos e revoluções, embora isso cause um profundo e espectral desconforto às pessoas independentes. Enquanto contemplava o refinamento arquitetônico daquela construção sagrada, Ulrich teve uma consciência surpreendentemente viva de que podemos tão bem devorar seres humanos quanto construir ou deixar intactos aqueles monumentos. As casas ao lado, a abóbada do céu por cima, uma harmonia indizível em todas as linhas e espaços que atraem e dirigem o olhar, a aparência e expressão das pessoas que passam lá embaixo, seus livros e sua moral, as árvores da rua... tudo isso por vezes parece tão hirto quanto um biombo, e tão duro quanto o pilão de uma prensa, e tão... só se pode dizer completo, tão completo e acabado que a seu lado não passamos de um nevoeiro supérfluo, um pequeno sopro que não interessa muito a Deus.

Nesse momento ele desejou ser um homem sem qualidades. Mas provavelmente em todas as pessoas se passa algo semelhante. No fundo, poucos sabem, no meio da sua vida, como se tornaram aquilo que são, com seus prazeres; sua visão do mundo, sua esposa, seu caráter, profissão e realizações, mas têm a sensação de que já não se poderá mudar lá muita coisa. Até se poderia afirmar que foram traídas, pois não se encontra em

lugar algum uma razão suficientemente forte para tudo ter sido como é; poderia ter sido diferente; os acontecimentos raramente dependeram delas, em geral dependeram de uma série de circunstâncias, do capricho, vida, morte de outras pessoas, e apenas se lançaram sobre elas num momento determinado. Assim, na juventude ainda jazia à frente delas algo como uma manhã inesgotável, cheia de possibilidades e de vazio por todos os lados; mas já ao meio-dia aparece de repente algo que pode pretender ser a vida delas; isso é tão surpreendente como certo dia, de súbito, vemos uma pessoa com quem nos correspondemos durante vinte anos sem a conhecer, e a tínhamos imaginado tão diferente.

Mas muito mais estranho ainda é que a maioria das pessoas nem notam isso; adotam o homem que apareceu nelas, cuja vida viveram; suas experiências lhes parecem agora a expressão das próprias qualidades, e seu destino lhes parece ser seu próprio mérito ou desgraça. Passou-se com elas o que acontece com um papel pega-moscas e uma mosca: aquilo se grudou nelas, aqui por um pelinho, ali por um movimento, e aos poucos as envolveu, até que ficam enterradas numa camada grossa que corresponde só muito de longe à forma original que tiveram um dia. E então só recordam vagamente sua juventude, quando ainda tinham certa resistência. Essa outra força puxa e gira, não quer ficar em lugar algum e desencadeia uma tempestade de desnorteados movimentos de fuga; a ironia da juventude, sua rebeldia contra o estabelecido, a disposição dos jovens para tudo o que é heróico, o sacrifício pessoal e o crime, sua fervorosa seriedade e sua inconstância — tudo isso não significa senão movimentos de fuga. No fundo, apenas expressam que nada daquilo que o jovem empreende lhe parece necessário e unívoco, nascido do seu interior, embora o manifestem como se tudo aquilo em que agora se precipitam fosse absolutamente inadiável e necessário.

Alguém inventa um belo novo gesto, exterior ou interior... como se traduzirá isso? Um gesto de vida? Uma forma em que o interior se derrama como gás em um globo de vidro? A expressão de uma impressão? Uma técnica do ser? Pode ser um novo bigode ou idéia. É teatro, mas como todo teatro, faz sentido... e imediatamente as almas jovens se lançam em cima, como pardais sobre comida que lhes jogamos. Basta imaginar: quando lá

fora o mundo pesa sobre nossa língua, olhos e mãos, a lua esfriada feita de terra, casas, costumes, quadros e livros — e dentro de nós, apenas um nevoeiro em movimento incessante; que felicidade deve ser alguém nos apresentar uma expressão na qual nos reconhecemos. Haverá algo mais natural do que o homem passional se apoderar dessa nova forma antes dos homens comuns? Ela lhe oferece o momento do ser, o equilíbrio de tensão entre exterior e interior, entre ser esmagado ou voar em estilhaços.

Então — pensou Ulrich, e naturalmente tudo aquilo o tocava de modo pessoal, ele enfiara as mãos nos bolsos e tinha o rosto apaziguado e contente de quem morre, aos raios do sol, uma doce morte por congelamento — então também sobre isso se fundamenta o fenômeno incessante a que chamamos nova geração, pais e filhos, revolução espiritual, mudança de estilo, evolução, moda, renovação. E o que torna essa ânsia de renovação um *perpetuum mobile* é a desventura de que, entre o nebuloso eu pessoal e o dos antepassados, já esfriado numa casca hirta, se insere algo que é apenas um eu aparente, uma alma grupai que se adapta mais ou menos nesse espaço. Se prestarmos um pouco de atenção, provavelmente poderemos ver no futuro mais recente o Tempo Antigo que já está vindo. As novas idéias terão apenas trinta anos mais, mas estarão satisfeitas e um pouco gordas ou desgastadas como o rosto apagado da mãe que se entrevê nos traços luminosos de uma adolescente; ou essas idéias não tiveram êxito, e estarão ressecadas e murchas sugerindo reformas que serão pregadas por algum velho maluco a quem seus cinquenta admiradores chamarão de grande Fulano-de-Tal.

Ele parou mais uma vez, agora numa praça onde reconheceu algumas casas, e recordou discussões públicas e debates intelectuais que tinham acompanhado sua construção. Pensou nos amigos de juventude; todos tinham sido seus amigos de juventude, quer os tivesse conhecido pessoalmente ou só de nome, quer tivessem a sua idade ou mais, os rebeldes que queriam trazer ao mundo novas coisas e novas pessoas, quer morassem ali ou se espalhassem por toda a parte, todos os lugares que conhecera. Agora, essas casas se postavam como tiazinhas bondosas com chapéus antiquados na luz do entardecer que começava a fanar, tão simpáticas e inofensivas, e nada excitantes. Ele teve vontade de sorrir. Mas as pessoas que tinham deixado aqueles restos agora tão despreziosos hoje em dia

eram professores universitários, celebridades, e nomes, parte conhecida da conhecida evolução progressista, e num caminho mais ou menos curto tinham passado do nevoeiro à rigidez; por isso, eventualmente a história um dia dirá deles, ao descrever o século: estavam presentes...

Nesse momento, Ulrich foi interrompido por um conhecido que o interpelou bruscamente. Esse senhor, com desagradável surpresa, encontrara numa divisão de sua pasta, antes de sair de casa naquela manhã, uma circular do Conde Leinsdorf, à qual há muito se esquecera de responder porque seu saudável senso de comerciante rejeitava ações patrióticas emanadas das altas esferas. “Coisa duvidosa”, tinha pensado; naturalmente não o diria em público, mas, como acontece com a memória, a sua lhe pregara uma peça de mau gosto, prendendo-se àquela primeira ordem não-oficial, e apagando o assunto em vez de aguardar uma ordem brotada de posterior reflexão. Por isso, ao abrir novamente a carta, ele ficara muito aborrecido com um detalhe que nem notara da primeira vez, na verdade apenas uma breve expressão, duas palavrinhas repetidas em vários pontos do papel; mas por causa delas o imponente homem hesitara vários minutos, pasta na mão, antes de sair de casa: o verdadeiro.

O diretor Fischel — pois esse era seu nome, diretor Leo Fischel do Banco Lloyd, na verdade apenas um procurador com título de diretor; Ulrich podia considerar-se seu amigo mais jovem dos tempos antigos, e na última visita ficara bastante amigo da filha dele, Gerda; mas depois de seu regresso os visitara apenas uma única vez — o diretor Fischel conhecia Sua Alteza como homem que fazia seu dinheiro render e acompanhava os métodos do seu tempo, sim, “creditava-o”, segundo o termo profissional, lembrando os seus depósitos, como homem de grande importância, pois o Banco Lloyd era uma daquelas instituições a que o Conde Leinsdorf confiava seus negócios na Bolsa. Por isso, Leo Fischel não pôde entender a negligência com que tratara um convite tão eloquente como aquele em que Sua Alteza convidava um seleta círculo de pessoas a se disporem para um grande trabalho em comum. Na verdade, ele próprio só entrara nesse meio por motivos especiais, que serão mencionados mais tarde; fora por tudo isso

que, mal avistara Ulrich, precipitara-se sobre ele; soubera que Ulrich estava envolvido naquela causa, ainda por cima de modo relevante — o que era um dos boatos incompreensíveis, mas não raros, que acertam na mosca ainda que ela sequer apareça — e como uma pistola meteu-lhe no peito três perguntas: o que entendia por “verdadeiro amor à pátria”, “verdadeiro progresso” e “verdadeira Áustria”. Ulrich, perturbado em seu devaneio mas sem sair dele, respondeu da maneira com que sempre tratara Fischel:

— É o PDRI!

— O...? — soletrou o diretor Fischel, inocentemente, e dessa vez não pensou em nenhuma piada, pois aquelas siglas, embora naquele tempo ainda não fossem tão numerosas como hoje, eram conhecidas de sindicatos industriais e ligas, e inspiravam confiança. Mas depois disse:

— Por favor, não faça piadas; estou com pressa, preciso ir a uma reunião.

— O princípio da razão insuficiente! — repetiu Ulrich. — O senhor é filósofo e há de saber o que quer dizer o princípio da razão insuficiente. Só consigo mesmo o homem faz uma exceção nesse assunto; em nossa vida real, quero dizer a vida pessoal, e em nossa vida pública e histórica, sempre acontecem coisas que não têm razão suficiente.

Leo Fischel hesitou, sem saber se devia contradizer ou não; o diretor Leo Fischel do Banco Lloyd gostava de filosofar, ainda há dessas pessoas nas profissões práticas, mas estava realmente apressado; por isso respondeu:

— O senhor não quer me entender. Eu sei o que é progresso, sei o que é Áustria, e provavelmente sei o que é amor à pátria. Mas talvez não consiga imaginar direito o que é verdadeiro amor à pátria, verdadeira Áustria, e verdadeiro progresso. E por isso estou lhe perguntando!

— Muito bem; sabe o que é uma enzima ou um catalisador? Leo Fischel ergueu a mão, num gesto de recusa.

— Eles não contribuem com nada materialmente, mas desencadeiam os acontecimentos. Da história o senhor deve saber disso, pois que nunca existiram a verdadeira fé, a verdadeira moral, e a verdadeira filosofia; mesmo assim as guerras, perversidades e ódios causados por elas transformaram o mundo de maneira fecunda.

— Outra hora! — protestou Fischel tentando parecer sincero. — Olhe, eu

tenho o que fazer na Bolsa e gostaria realmente de conhecer os verdadeiros desejos do Conde Leinsdorf; o que ele pretendeu com essa palavra “verdadeiro”?

— Eu lhe juro — respondeu Ulrich gravemente —, que nem eu nem ninguém sabe o que é o verdadeiro, a verdadeira; mas posso lhe assegurar que ele ou ela está na iminência de se concretizar!

— O senhor é um cínico! — declarou o diretor Fischel e afastou-se depressa, mas depois do primeiro passo virou-se e corrigiu:’

— Há muito tempo eu disse a Gerda que você teria dado um extraordinário diplomata. Espero que logo nos visite outra vez.

GRAÇAS AO MENCIONADO PRINCÍPIO, A AÇÃO PARALELA É
PALPÁVEL ANTES MESMO DE SE SABER O QUE ELA É

O diretor Leo Fischel, do Banco Lloyd, acreditava no progresso, como todos os diretores de banco antes da guerra. Como homem muito eficiente na sua profissão, ele naturalmente sabia que só onde se conhece tudo muito bem se podem ter convicções confiáveis; a incrível ampliação das atividades humanas não permite que se tenha essa confiança em outros campos. Por isso, pessoas trabalhadoras e eficientes não têm, fora de sua especialidade restrita, convicções de que não desistiriam sob pressão exterior; pode-se até dizer que por escrúpulo essas pessoas são forçadas a agir diferentemente do que pensam. O diretor Fischel, por exemplo, não pensava absolutamente nada das expressões “verdadeiro amor à pátria” e “verdadeira Áustria”, mas de “verdadeiro progresso” tinha uma opinião pessoal, e era bem diversa da do Conde Leinsdorf. Esgotado com empréstimos e valores ou o que quer que estivesse sob sua responsabilidade, tendo uma noite de ópera uma vez por semana como única distração, ele acreditava no progresso do todo, que de certa forma teria de se parecer com a rentabilidade progressiva do seu banco. Mas quando o Conde Leinsdorf anunciou conhecer também isso ainda melhor, e começou a influenciar a consciência de Leo Fischel, este sentiu que “nunca se pode saber” (exceto nos valores e empréstimos); e como, embora não se sabendo, de outro lado também não se quer perder a oportunidade, tomou a resolução de perguntar casualmente ao seu diretor-geral o que este pensava.

Mas quando fez isso, por motivos muito semelhantes o diretor-geral já falara com o presidente do Banco do Estado, e estava bem-informado. Pois não apenas o diretor-geral do Banco Lloyd como também o presidente do Banco do Estado receberam um convite do Conde Leinsdorf, e Leo Fischel, que era apenas um chefe de seção, devia essa distinção unicamente às relações da família de sua esposa, que vinha das altas esferas burocráticas, e

jamais esquecia esse fato, nem em suas relações sociais, nem nas brigas domésticas com Leo. Por isso, ao falar com seu superior a respeito da Ação Paralela, contentou-se com balançar a cabeça muito significativamente, o que queria dizer “negócio importante” mas também “negócio duvidoso”; isso não faria mal nenhum, mas, por causa de sua esposa, Fischel teria se alegrado mais se afinal a coisa fosse mesmo “duvidosa”.

Por enquanto, von Meier-Ballot, o presidente, a quem o diretor-geral pedira conselho, tinha a melhor impressão do fato. Ao receber a “sugestão” do Conde Leinsdorf, colocou-se diante do espelho — se bem que não por causa disso, é claro — e ali fitou, por cima do fraque e da condecoração, o rosto bem-posto de um ministro burguês; quando muito via-se algo da dureza do dinheiro no fundo dos olhos, e seus dedos pendiam como bandeiras numa calmaria, como se nunca tivessem executado os rápidos movimentos de calcular de um aprendiz de bancário. Aquele alto financista burocratizado, que pouco tinha ainda em comum com os cães famintos e brigões da Bolsa, viu diante de si possibilidades indefinidas mais agradáveis, e na mesma noite teve ocasião de fortalecer essa opinião, pois no clube dos empresários falou com os antigos Ministros von Holtzkopf e o Barão Wisnieccky.

Esses dois cavalheiros eram homens informados, distintos e reservados, com posições importantes, que tinham sido colocados um pouco à parte quando o breve governo de transição a que tinham pertencido entre duas crises políticas se tornara novamente dispensável. Tinham passado suas vidas a serviço do Estado e da Coroa, sem quererem aparecer, exceto quando seu supremo senhor ordenava. Sabiam do boato de que a grande ação teria uma pontinha fina dirigida contra a Alemanha. Estavam convencidos, antes e depois de sua missão, de que os lamentáveis fenômenos que já então transformavam a vida política da dupla-monarquia em foco de contaminação para a Europa eram extraordinariamente enredados. Mas assim como se tinham sentido obrigados a considerar essas dificuldades solúveis quando lhes ordenavam isso, também agora não queriam declarar impossível que, com meios como aqueles empregados pelo Conde Leinsdorf, se pudesse conseguir alguma coisa; sentiam que aquele “marco”, aquela “brilhante manifestação de vida”, uma “poderosa demonstração exterior com efeito estimulante sobre as condições

interiores”, eram desejos tão acertados do Conde Leinsdorf, que não se poderiam furtar de auxiliá-lo; era como se lhes tivessem dito: apresente-se todo aquele que quiser o bem!

Mas era possível que Holtzktopf e Wisnieczky, homens com experiência e conhecimento em assuntos públicos, tivessem muitos receios nesse caso, pois era de imaginar que lhes estava destinado algum papel na evolução futura dessa ação. Pessoas que vivem ao nível comum podem criticar e recusar com facilidade algo que não lhes agrada; todavia, quem vive a três mil metros acima dos demais não pode simplesmente desembarcar dessa gôndola, ainda que não concorde com tudo o que anda acontecendo. E como nesses círculos as pessoas são realmente leais, e, ao contrário daquela multidão burguesa antes mencionada, não gostem de agir diversamente do que pensam, é preciso contentar-se, em muitos casos, com não pensar demais sobre certos assuntos. Portanto, a impressão favorável que o presidente von Meier-Ballot tinha do assunto foi bastante fortalecida pelos dois cavalheiros; e embora por sua natureza e profissão ele se inclinasse a ter certa cautela, o que ouviu deles bastou para resolver que haveria de acompanhar os acontecimentos, ainda que numa posição prudente.

Mas naquele tempo a Ação Paralela ainda nem se desencadeara, e o próprio Conde Leinsdorf não sabia de que constaria. O que se pode dizer era que a única coisa determinada que lhe ocorrera até ali era uma série de nomes.

Mas também isso é muito. Pois naquele momento, sem que ninguém tivesse idéia objetiva a respeito, já existia uma rede de boa-vontade rodeando um grande complexo; e pode-se afirmar certamente que essa é a sequência correta das coisas. Pois primeiro foi preciso inventar garfo e faca, depois a humanidade aprendeu a comer decentemente; era assim que o Conde Leinsdorf explicava as coisas.

UM JORNALISTA CAUSA GRANDES ABORRECIMENTOS AO CONDE
LEINSDORF, AO INVENTAR O TERMO “ANO AUSTRIACO”; SUA
ALTEZA CONVOCA ULRICH URGENTEMENTE

O Conde Leinsdorf mandara convites para muitas partes, para “despertar a idéia”, mas talvez não tivesse progredido tão depressa se um influente jornalista, que percebera algo no ar, não tivesse publicado depressa em seu jornal dois grandes artigos em que apresentava, como sugestão sua, o que suspeitava estar por acontecer. Não sabia muita coisa — como poderia? — mas não se notava, e era exatamente esse fato que conferia aos seus dois textos a possibilidade de um efeito arrebatador. Na verdade ele era inventor da idéia de um “Ano Austríaco”, sobre o qual escrevia seus artigos sem poder dizer o que significava, mas sempre em novas frases, de modo que aquela expressão se ligava a outras como num sonho, tomava nova configuração, e despertou um incrível entusiasmo. No começo, o Conde Leinsdorf ficou horrorizado, mas não tinha razão. Na expressão Ano Austríaco pode-se medir a importância de um gênio jornalístico, pois era uma expressão inventada pelo instinto mais certo. Despertava emoções que teriam permanecido mudas à idéia de um século austríaco, sendo que o convite para organizar tal coisa teria sido considerado, por pessoas sensatas, uma dessas idéias a quem ninguém leva a sério. Difícil dizer por que é assim. Talvez certa imprecisão e metáfora, que nos fazem pensar menos na realidade do que habitualmente fazemos, não povoasse apenas os sentimentos do Conde Leinsdorf. Pois a imprecisão tem uma força engrandecedora e enobrecedora.

Parece que o bravo homem prático e realista jamais ama a realidade, nem a leva a sério. Em criança, rasteja debaixo da mesa quando os pais não estão, para transformar o quarto deles numa aventura com esse truque tão simples e genial; quando menino, deseja ardentemente um relógio; quando adolescente, com seu relógio de ouro, deseja uma mulher que combine com

ele; quando homem com relógio e mulher, anseia por uma posição elevada; e quando conseguiu, feliz, realizar esse pequeno círculo de desejos, e balança dentro dele calmamente para lá e para cá como um pêndulo, sua provisão de sonhos insatisfeitos não parece ter diminuído. Pois quando deseja elevar-se um pouco, usa de uma metáfora. Obviamente porque às vezes a neve o aborrece, ele a compara com seios reluzentes de mulher, e quando os seios de sua mulher o começam a entediar, compara-os com a neve reluzente; ficaria apavorado se algum dia os bicos desses seios lhe aparecessem como bicos de pomba, ou como corais incrustados, mas isso o excita poeticamente. Ele é capaz de transformar qualquer coisa em outra: neve em pele, pele em pétala de flor, pétala de flor em açúcar, açúcar em pó-de-arroz, pó-de-arroz em flocos de neve... pois aparentemente só lhe interessa transformar coisas no que elas não são, o que prova que tal homem não suporta ficar muito tempo num lugar, não importa onde esteja. Além do mais, nenhum verdadeiro kakaniano aguentaria a Kakânia intimamente. Se lhe tivessem falado num Século Austríaco, isso lhe pareceria um castigo infernal, imposto a si mesmo e ao mundo com um esforço ridículo e falso. Mas um Ano Austríaco era coisa diferente. Significava: agora vamos mostrar o que poderíamos ser; mas, por assim dizer, até ordem em contrário, e quando muito por um ano. Podia-se imaginar o que se quisesse, não era coisa eterna, e isso, não se sabia por quê, comovia o coração. Avivava o mais profundo amor pela pátria.

E assim o Conde Leinsdorf teve um sucesso inesperado. Também ele concebera a sua idéia originalmente como uma metáfora dessas, mas ocorrera-lhe uma porção de nomes, e sua natureza moralista procurava subir acima daquele estado impreciso; ele tinha uma noção muito desenvolvida de que era preciso dirigir a fantasia do povo, ou, como dissera a um jornalista, a fantasia do público, para um objetivo claro, saudável, sensato, que concordasse com os verdadeiros objetivos da humanidade e da pátria. Esse jornalista, estimulado pelo sucesso do seu colega, escrevera isso imediatamente. E como tivesse sobre seu antecessor a vantagem de saber de tudo “de fonte fidedigna”, fazia parte da técnica profissional falar, em manchetes, sobre essas “informações vindas de círculos influentes”; e fora isso que o Conde Leinsdorf esperara dele, pois Sua Alteza fazia questão de não ser um ideólogo mas um experiente político realista, e queria que se

traçasse um fino risco entre o Ano Austríaco de uma genial cabeça de jornalista e a prudência dos meios responsáveis.

Para tanto servia-se da técnica de Bismarck, a quem fora isso não apreciava como modelo: colocava na boca de jornalistas as suas verdadeiras intenções, para poder professá-las ou rejeitá-las segundo as conveniências do momento.

Mas embora agisse com essa sabedoria, o Conde Leinsdorf esquecera uma coisa. Pois não era só ele que via o Verdadeiro de que precisamos; incontáveis pessoas presumiam possuí-lo. É uma forma esclerosada daquele estado já mencionado, em que ainda se fazem metáforas. Em algum momento perdemos o prazer de fazê-las, e muitas das pessoas em que resta uma provisão de sonhos frustrados criam aí um ponto no qual fixam seus olhos, como se dali viesse todo um mundo a que teriam direito.

Logo depois de mandar publicar aquela sua nota, o Conde Leinsdorf pensava observar que as pessoas que não têm dinheiro carregam dentro de si um incômodo fanático. Essa criatura obstinada que habita nelas acompanha-as de manhã ao escritório, e não consegue realizar nenhum protesto eficaz contra o curso da vida, mas nunca mais tira os olhos de um ponto secreto que os outros não querem enxergar, embora dele saia toda a desgraça de um mundo que não reconhece seu salvador. Esses pontos, nos quais o equilíbrio de uma pessoa coincide com o centro de gravidade do mundo, podem ser, por exemplo, uma tampa mais simples para as escarradeiras, mandar tirar dos restaurantes o saleiro onde todos metem a faca, o que sustaria a propagação da terrível tuberculose, a introdução de um sistema de estenografia *Öhl*, que com incomparável economia de tempo também resolve a questão social, ou a conversão a uma vida natural, pondo fim à devastação reinante; mas pode também ser uma teoria metapsíquica dos movimentos celestes, a simplificação do aparelho burocrático, ou uma reforma da vida sexual. Se as circunstâncias forem favoráveis, essa pessoa escreve um livro sobre o seu ponto, ou uma separata, ao menos um artigo de jornal, e assim protocola o seu protestos nas atas da humanidade, o que a apazigua, ainda que ninguém a leia; mas habitualmente aparecem alguns indivíduos dizendo ao autor que ele é um novo Copérnico, e apresentando-se como novos Newtons incompreendidos. Esse costume de catar pontos no pêlo alheio é muito difundido e benfazejo, mas seu efeito é breve, porque

logo os participantes começam a brigar e voltam à solidão; mas vez por outra um deles reúne ao seu redor um pequeno círculo de admiradores que unem suas forças e se queixam ao céu que não ampara seu filho ungido. E se de repente cair um raio de esperança sobre um montinho desses pontos — como aconteceu quando o Conde Leinsdorf mandou publicar que, se houvesse um Ano Austríaco, pelo menos deveria concordar com os verdadeiros objetivos da existência —, então os participantes o recebem como santos a quem Deus manda uma visão.

O Conde Leinsdorf pensara que sua obra deveria ser uma poderosa manifestação nascida do seio do povo. Pensara na universidade, nos padres, em alguns nomes que sempre aparecem em notícias sobre atividades beneficentes, e até mesmo nos jornais; contava com os partidos patrióticos, com o “saudável bom-senso” dos burgueses que içam bandeiras no aniversário do Imperador, e com a ajuda das finanças; contava até com a política, pois secretamente esperava que sua grande obra a tornaria supérflua, reduzindo-a ao denominador comum “pátria”, país paterno que pretendia mais tarde dividir por “país”, para manter, como sobra disso tudo, apenas a figura do paternal governante. Mas numa coisa Sua Alteza não tinha pensado, e ficou surpreendido pela ampla necessidade de melhoria do mundo chocada ao calor de um grande acontecimento como ovos de inseto num incêndio. Com isso Sua Alteza não contara; esperara muito patriotismo, mas não estava preparado para descobertas, teorias, sistemas mundiais, e pessoas que pediam que as libertasse das prisões espirituais. Elas sitiaram seu palácio, elogiaram a Ação Paralela como possibilidade de enfim ajudar a verdade a se impor, e o Conde Leinsdorf não sabia o que fazer. Consciente da sua posição social, não podia sentar-se à mesa com toda essa gente, mas como espírito ético também não queria se esquivar deles, e como sua formação fosse política e filosófica, mas não científica nem tecnológica, não conseguia entender se essas sugestões eram válidas ou não.

Nessa situação, ansiava cada vez mais por ver Ulrich, que lhe fora recomendado exatamente como o homem de que precisava, pois seu secretário, ou qualquer secretário comum, naturalmente não estava à altura dessas exigências. Chegou a rezar uma vez, quando se aborrecera com seu empregado, pedindo a Deus — embora no dia seguinte se envergonhasse disso — que enfim lhe mandasse Ulrich. E como isso não acontecesse, Sua

Alteza começou a procurar sistematicamente. Mandou ver no registro de endereços, mas Ulrich ainda não constava nele. Visitou então sua amiga Diotima, que normalmente sabia dar algum conselho, e na verdade essa admirável criatura também já falara com Ulrich, mas esquecera-se de pedir seu endereço, ou fingia isso, pois queria aproveitar a ocasião para dar a Sua Alteza uma nova sugestão, ainda muito melhor, para preenchimento daquele cargo de secretário na grande ação. Mas o Conde Leinsdorf estava muito nervoso e declarou, determinado, que já se acostumara a Ulrich, não queria saber de um prussiano, nem mesmo de um prussiano reformista, e não queria saber de mais complicações. Ficou atônito quando sua amiga se mostrou ofendida, mas teve com isso de repente uma idéia pessoal; declarou-lhe que visitaria seu amigo, o chefe de polícia, que no fim das contas tinha de poder descobrir o endereço de qualquer cidadão do Estado.

Quando chegou o bilhete de Ulrich, Walter e Clarisse tocavam outra vez piano com tal intensidade que os móveis de pernas finas dançavam e as gravuras de Dante Gabriel Rossetti tremiam nas paredes. O velho mensageiro, que encontrara a casa aberta sem ser interpelado, levou um tremendo choque ao entrar na sala, e aquele sagrado ruído o fez apertar-se respeitosamente contra a parede. Foi Clarisse quem por fim descarregou aquela excitação musical com dois acordes fortíssimos, e o libertou. Enquanto ela lia a carta, o jorro interrompido ainda brotava das mãos de Walter; a melodia corria, trêmula como uma cegonha, depois abria as asas. Clarisse observava aquilo desconfiada, enquanto decifrava o bilhete de Ulrich.

Quando ela anunciou a Walter que o amigo viria, este disse:

— Pena!

Ela sentou-se outra vez ao lado dele na banquetta giratória do piano, e um sorriso que Walter por qualquer motivo achou cruel apartava seus lábios sensuais. Era o momento em que os pianistas sustam a corrente do sangue para poderem liberá-la de novo no mesmo ritmo, e os eixos de seus olhos brotam de suas cabeças como quatro caules compridos dirigidos para o mesmo lugar, enquanto seguram com o traseiro a cadeirinha que vive querendo oscilar sobre o longo pescoço do parafuso de madeira.

No momento seguinte, Clarisse e Walter já disparavam de novo como duas locomotivas lado a lado. O trecho que tocavam voava como trilhos reluzentes diante de seus olhos, sumia naquela máquina trovejante, e jazia atrás deles como paisagem cheia de ecos, maravilhosamente duradoura. Durante essa viagem louca, a emoção desses dois comprimia-se numa só; ouvido, sangue, músculos, perdiam a vontade própria no arrebatamento da mesma sensação; paredes de música cintilantes, que se curvavam e

retorciam, forçavam seus corpos num mesmo caminho, dobravam-nos unidos, abriam e fechavam seus peitos na mesma respiração. Exatamente num lapso de segundo, Walter e Clarisse eram trespassados por alegria, tristeza, ira e medo, amor e ódio, desejo e saciedade. Era uma união parecida com aquela de um grande susto em que centenas de pessoas, ainda há pouco diferentes em tudo, executam os mesmos movimentos de fuga, remando com os braços, emitem os mesmos gritos inarticulados, abrem da mesma forma bocas e olhos, são jogadas para a frente ou para trás por uma força sem objetivo, atraídos para a direita e para a esquerda, berrando, crispando-se, girando e tremendo.

Mas não era a força obtusa e dominadora da vida, em que um fato desses não acontece facilmente, mas que elimina irresistivelmente tudo o que é pessoal. A ira, o amor, a felicidade, a alegria e tristeza que Clarisse e Walter experimentavam naquele vôo não eram sentimentos plenos, mas pouco mais do que a concha física dessas emoções, excitadas até a loucura. Sentavam-se hirtos e alienados em sua cadeirinha, estavam irados, apaixonados ou tristes por nada, ou por tudo, ou por outra coisa, pensavam em coisas diferentes e cada um exprimia algo individual; o comando da música os unia na mais intensa paixão e ao mesmo tempo lhes conferia um ar ausente, como sob hipnose.

Cada uma dessas duas pessoas sentia aquilo à sua maneira. Walter estava feliz e excitado. Considerava, como a maioria das pessoas com talento musical, aqueles arrebatamentos e movimentos sensíveis do interior, isto é, o subterrâneo corporal da alma com seus nevoeiros agitados, a simples linguagem do Eterno que liga todas as pessoas. Encantava-o poder apertar Clarisse contra si com o braço poderoso da emoção primitiva. Naquele dia voltara do escritório mais cedo do que habitualmente. Trabalhara catalogando obras de arte que ainda traziam a forma de grandes épocas intactas e exalavam uma misteriosa força de vontade. Clarisse o recebera amável, estava firmemente ligada a ele no mundo terrível da música. Naquele dia tudo dava bom resultado de forma secreta, uma marcha silenciosa, como de deuses a caminho. “Quem sabe é hoje o dia?”, pensou Walter. Não queria reconquistar Clarisse à força, mas desejava que brotasse nela, ao natural, intimamente, esse reconhecimento, trazendo-a suavemente em sua direção.

O piano martelava notas cintilantes numa parede de ar. Embora esse procedimento fosse em sua origem totalmente real, as paredes da sala desapareciam, e em seu lugar surgiam as paredes douradas da música, aquele aposento misterioso no qual eu e mundo, sensação e percepção, interior e exterior se precipitam um no outro, se fundem de maneira muito indefinida; enquanto o próprio espaço é feito inteiramente de sensação, determinação, precisão, de uma hierarquia brilhante de detalhes ordenados. Nesses detalhes sensuais se prendiam os fios da emoção, que se tecem no nevoeiro ondulante das almas; e esse nevoeiro espalhava-se na precisão das paredes, destacando-se nitidamente. As almas desses dois seres pendiam em fios e raios de luz como dois casulos. Quanto mais grossa a camada que os envolvia, quanto mais amplos os raios que os iluminavam, melhor se sentia Walter, e seus sonhos assumiram de tal maneira o aspecto de uma criancinha, que aqui e ali ele começava a acentuar notas de forma errada e exagerada.

Mas antes que isso acontecesse, e, irrompendo no nevoeiro dourado, uma centelha de emoção comum voltasse a unir os dois numa relação terrena, Clarisse já seguia pensamentos tão diferentes dos dele como só acontece entre duas pessoas que disparam lado a lado com gestos gêmeos de desespero e felicidade. Nos nevoeiros esvoaçantes brotavam imagens que se fundiam, sobrepunham, sumiam, e era isso o pensamento de Clarisse; ela tinha uma maneira singular de pensar assim; muitas vezes apareciam vários pensamentos ao mesmo tempo, outras vezes nenhum, mas então se podiam sentir os pensamentos postados como demônios atrás do palco, e a sequência temporal de experiências, que dá a outras pessoas o apoio adequado, tornava-se em Clarisse um véu que ora fechava suas espessas dobras, ora se desfazia num sopro quase imperceptível.

Dessa vez havia três pessoas ao redor de Clarisse: Walter, Ulrich e o assassino de mulheres Moosbrugger.

Fora Ulrich quem lhe falara de Moosbrugger.

Atração e repulsa misturavam-se numa estranha fascinação.

Clarisse roía a raiz do amor. Ela é discrepante como beijo e mordida, olhares que se procuram e desviam, torturados, no último instante. “O bom convívio levará ao ódio?”, pensava. “Uma vida decente exigirá por fim

brutalidade? A paz quererá crueldade? A ordem pedirá infrações?” Era isso e não era isso que Moosbrugger desencadeava. Sob o trovejar da música pairava ao redor dela um incêndio universal ainda iminente; mas já devorava por dentro as vigas. E também era como numa comparação em que se equiparam coisas diferentes, e na qual, da diferença do igual bem como da igualdade do diferente, sobem duas colunas de fumaça, como o aroma encantado de maçãs assadas e ramos de pinheiro jogados na chama.

“A gente não devia parar de tocar nunca”, pensou Clarisse e, folheando precipitadamente as notas de música, começou a peça outra vez quando chegou ao fim. Walter sorriu perturbado, e seguiu-a.

— Afinal, o que é que Ulrich faz com a matemática? — perguntou ela. Walter deu de ombros, enquanto tocava, como se dirigisse um carro de corrida.

“A gente devia continuar tocando e tocando, até o fim”, pensou Clarisse. “Se se pudesse tocar sem parar até o fim da vida, o que seria Moosbrugger? Um horror? Um louco? Um pássaro negro no céu?” Ela não sabia a resposta.

Não sabia coisa alguma. Um dia — ela poderia calcular que dia fora aquele — despertara do sono da infância, e encontrara pronta a certeza de que tinha vocação para realizar alguma coisa, desempenhar algum papel especial; talvez até fosse escolhida para algo grandioso. Naquele tempo ainda não sabia nada do mundo. Também não acreditava em nada do que lhe contavam a respeito os pais, o irmão mais velho: eram palavras vazias, boas e bonitas, mas não se podia assimilar o que diziam; simplesmente não se conseguia, como um corpo químico não assimila outro que não se “combina” com ele.

Então chegara Walter, fora nesse dia; a partir desse dia tudo “combinava”. Walter usava um bigodinho; dizia “senhorita”; de repente, o mundo não era mais uma superfície vazia, irregular, rachada, mas um círculo de luz, Walter no centro, ela no centro, dois centros coincidentes. Terra, casas, folhas caídas que ninguém varrera, linhas doloridas no ar (ela recordava o momento, um dos mais torturantes da infância, em que estivera com o pai diante de uma “paisagem”, e ele, o pintor, se deliciara com aquilo por um tempo interminável, enquanto para ela era somente dor aquele olhar o mundo ao longo daquelas compridas linhas, como se tivesse de passar o

dedo na beirada cortante de uma régua): antigamente a vida constava dessas coisas, e de repente ela se apropriara disso tudo, como carne de sua carne. Agora, sabia que realizaria alguma façanha gigantesca; ainda não podia dizer o que seria, mas por enquanto sentia-o mais intensamente na música, e esperava que Walter fosse um gênio ainda maior que Nietzsche; sem falar em Ulrich, que apareceria mais tarde, e apenas lhe daria de presente a obra de Nietzsche.

A partir dali, tudo avançara. Não se podia mais dizer com que velocidade. Como antigamente tocava mal piano, como entendera pouco de música! Agora, tocava melhor que Walter. E quantos livros tinha lido! De onde tinham vindo? Via tudo isso diante de si como aves negras esvoaçando em bandos diante de uma menina parada na neve. Mas um pouco mais tarde via uma parede negra com manchas brancas; negro era tudo o que ela não conhecia, e embora o branco se fundisse em ilhas maiores e menores, o negro continuava imutável, infinito. Desse negrume saía medo e excitação. “Será o Diabo?”, pensava ela. “Será que o Diabo transformou-se em Moosbrugger?” Entre as manchas brancas notava agora tênues trilhas cinzentas: e andara na vida de uma para outra; eram acontecimentos; partidas, chegadas, diálogos nervosos, briga com os pais, casamento, casa, uma luta terrível com Walter. Os infinitos caminhos cinzentos serpenteavam. “Serpentes!”, pensou Clarisse. “Laços!”^{3}

Esses acontecimentos a enlaçavam, prendiam-na, não a deixavam chegar aonde queria ir, eram escorregadios e a faziam disparar para onde não desejava.

Serpentes, laços, escorregadia: assim corria a vida. Seus pensamentos começaram a correr como a vida. As pontas de seus dedos mergulhavam na cachoeira da música. No leito do regato da música desciam cobras e laços. Então, abriu-se, segura como uma enseada quieta, a prisão em que escondiam Moosbrugger. Os pensamentos de Clarisse entraram na sua cela com um calafrio. “A gente tem de tocar música até o fim!” repetiu, animando-se, mas seu coração estremeceu violentamente. Quando se acalmara, a cela inteira estava repleta do seu Eu: era uma emoção suave como um bálsamo, mas quando a quis reter para sempre, ela começou a se desmanchar, e afastar, como um conto de fadas ou um sonho. Moosbrugger estava sentado, rosto apoiado nas mãos, e ela desfez as cadeias que o

prendiam. Enquanto seus dedos se moviam, entraram na cela força, coragem, virtude, bondade, beleza e riqueza; era como um vento que viesse de várias campinas, esconjurado por aqueles dedos. “Não importa por que quero fazer isso”, pensou Clarisse, “importa apenas que eu o faça!” Colocou sobre os olhos dele as mãos, parte do seu próprio corpo, e quando retirou os dedos, Moosbrugger se tornara um belo adolescente, e ela própria estava parada a seu lado como belíssima mulher, de corpo doce e macio como um vinho do sul, e nada recalcitrante como era habitualmente o corpo da pequena Clarisse. “É a figura da nossa inocência!”, constatou numa camada mais profunda da consciência.

Mas por que Walter também não era assim?! Subindo das profundezas do sonho da música, ela se lembrou de como ainda era infantil quando já amava Walter, com seus quinze anos, e o queria salvar, com sua coragem, força e bondade, de todos os perigos que ameaçavam seu gênio. E como era belo quando Walter divisava por toda parte esses profundos perigos espirituais! Ela se perguntava se tudo aquilo fora realmente infantilidade. O casamento iluminara tudo com uma luz perturbadora. De repente surgira um grande constrangimento no amor, com aquele casamento. Embora os últimos tempos naturalmente também tivessem sido maravilhosos, talvez mais ricos em conteúdo e mais significativos do que o período anterior, aquele incêndio gigantesco que bruxuleava sobre o céu se transformara nas dificuldades de um fogo doméstico que não quer queimar direito. Clarisse não tinha muita certeza se suas lutas com Walter ainda eram grandiosas. E a vida corria como aquela música que desaparecia entre os dedos. Num instante, teria passado! Aos poucos Clarisse sentiu um terror profundo. E nesse momento notou que Walter tocava com insegurança. Sua emoção batia nas teclas como grandes gotas de chuva. Adivinhou imediatamente em que ele pensava: na criança. Sabia que a queria prender com um filho. Era essa a sua briga diária. E a música não parava um minuto, a música não conhecia nenhum não. Como uma rede cujo abraço ela nem percebera, aquilo se fechava, numa velocidade incrível.

Então Clarisse se levantou de um salto, em plena música, e fechou a tampa do piano; Walter mal conseguiu retirar os dedos.

Ah, como doía! Ainda assustado, ele percebeu tudo. Era a chegada de Ulrich, que, apenas anunciada, já deixava Clarisse naquela emoção

excessiva! Ele a prejudicava, excitando brutalmente aquilo que Walter mal se animava a tocar, aquele gênio maldito de Clarisse, a caverna secreta onde alguma coisa sinistra puxava correntes que um dia poderiam ceder.

Ele não se moveu; apenas fitava Clarisse, perplexo.

E Clarisse não dava nenhuma explicação, ficava ali, parada, respirando forte.

Depois que Walter falou, ela disse que não amava propriamente Ulrich. Se o amasse, diria isso. Mas sentia que ele a contagiava como uma luz. Sentia-se novamente mais luminosa e forte, quando ele estava perto. Walter, pelo contrário, apenas conseguia fechar as venezianas. E o que ela sentia não era da conta de ninguém, nem de Ulrich, nem de Walter!

Mas Walter acreditou perceber no meio da raiva e indignação que respiravam nas palavras dela o perfume de um grãozinho narcotizante e fatal de algo que não era raiva.

Anoitecera. O quarto estava negro. O piano negro. As sombras de duas pessoas que se amavam estavam negras. Os olhos de Clarisse reluziam no escuro, como uma luz acesa, e na boca de Walter, agitada de sofrimento, o esmalte de um dente brilhava como marfim. Embora lá fora no mundo se processassem os grandes atos públicos, e apesar de todos os transtornos, aquele parecia ser um desses momentos por amor aos quais Deus criou o mundo.

39

UM HOMEM SEM QUALIDADES É FEITO DE QUALIDADES SEM HOMEM

Mas Ulrich não veio naquela noite. Depois que o diretor Fischel se afastara depressa, ele ficou novamente entretido com a pergunta da sua juventude: por que todas as manifestações ilegítimas e realmente inverídicas são tão estranhamente favorecidas pelo mundo? “Mentindo a gente sempre avança um passo”, pensou ele. “Eu devia ter-lhe dito isso.”

Ulrich era um homem de paixões, mas por paixão não se deve entender aquilo que em particular se chama de paixões. Devia haver algo que o impelira para elas, e talvez fosse paixão, mas, quando excitado, sua postura sempre fora a um tempo apaixonada e indiferente. Tivera praticamente todas as experiências que existem, e sentia que ainda poderia se lançar, a qualquer momento, nalguma coisa que não precisava ter sentido desde que excitasse seu impulso de ação. Por isso, podia dizer de sua vida, sem muito exagero, que nela tudo se passara como se as coisas se ligassem mais umas às outras do que a ele. Depois de A sempre viera B, fosse na luta ou no amor. E ele devia acreditar que as qualidades pessoais que assim obtinha se ligavam mais umas às outras do que a ele; cada uma delas, examinando bem, não se ligava mais intimamente a ele do que a outras pessoas que também a poderiam possuir.

Mas sem dúvida, apesar disso, elas nos determinam, e nelas consistimos, ainda que não sejamos identificados com elas; e assim, às vezes, num momento calmo, nos sentimos tão esquisitos quanto num momento de nervosismo. Se Ulrich tivesse de dizer como era rça verdade, ficaria embaraçado; pois, como muitas pessoas, nunca se analisara senão no cumprimento de alguma tarefa, e em relação a ela. Sua consciência de si mesmo não fora danificada, nem era mimada ou vaidosa, e não conhecia a necessidade daquela manutenção e lubrificação que se chamava exame de

consciência. Era um homem forte? Não sabia; talvez estivesse muito enganado quanto a isso. Mas certamente sempre fora um homem que confiava em sua força. Também agora não duvidava de que essa diferença entre a posse das próprias experiências e qualidades, e o alheamento em relação a elas, é apenas uma diferença de postura, de certa forma uma decisão da vontade, ou o lugar entre generalidade e pessoalidade, em que se resolveu viver.

Em palavras simples, podemos encarar as coisas que nos acontecem, ou que fazemos, de um modo mais geral, ou mais pessoal. Podemos sentir um golpe, além de como dor, também como ofensa, o que o aumenta intoleravelmente; mas também o podemos aceitar com espírito esportivo, como um obstáculo que não nos deve nem intimidar nem nos deixar cegos de raiva, e então, não raro, nem o percebemos. Mas, neste segundo caso, nós apenas o inserimos num contexto geral, isto é, no combate, e sua natureza depende da tarefa que ele tem a cumprir. E é exatamente esse fenômeno, de que uma experiência adquire sentido pela sua posição numa cadeia de atos coerentes, que acontece em toda pessoa que não encara o golpe como um fato pessoal, mas como um desafio à sua força espiritual. Também ela sentirá menos o que faz; mas, singularmente, aquilo que, no boxe, se julga força mental superior, é considerado frieza e insensibilidade quando decorre de uma postura mental de pessoas que não lutam boxe. Existe aí toda a sorte de distinções, para se empregar e exigir uma postura pessoal ou geral conforme a situação. Num assassino, considera-se especial cruieza um procedimento objetivo; num professor que continue resolvendo suas equações nos braços da esposa, diz-se que é frieza de pedra; num político que sobe na vida, passando por cima de outros, diz-se que é baixeza ou grandeza, conforme o resultado; de soldados, carrascos e cirurgiões, porém, exige-se essa imperturbabilidade que se condena em outros. Sem se aprofundar mais na moral destes exemplos, nota-se a insegurança com que se sela um compromisso entre postura objetivamente correta e pessoalmente correta.

Essa insegurança conferia um amplo pano de fundo à indagação pessoal de Ulrich. Antigamente, ser uma pessoa deixava a gente com consciência mais tranquila. As pessoas pareciam-se com espigas de cereal; talvez fossem

mais violentamente abaladas por Deus, granizo, fogo, peste e guerra do que agora, mas o eram em conjunto, como cidade, campo, país; e o que restava de movimento pessoal à espiga isolada era uma responsabilidade que se podia tomar, algo claramente delimitado. Hoje, em contrapartida, a responsabilidade já não tem seu centro de gravidade no homem, mas em contextos objetivos. Não notaram que as vivências agora independem das pessoas? Transferiram-se para os teatros, os livros, os relatórios dos centros de pesquisa e viagens de estudos, estão nas comunidades ideológicas ou religiosas, que desenvolvem certos tipos de vivência à custa de outros, como uma tentativa experimental no campo social. E na medida em que hoje as vivências não se situam no trabalho, ficam no ar, quem ainda pode dizer, hoje em dia, que sua raiva é realmente sua raiva, quando tantas pessoas se metem no assunto e entendem mais do que ela?! Surgiu um mundo de qualidades sem homem, de vivências sem quem as vive, e quase parece que, num caso ideal, o ser humano já não vive mais nada pessoalmente, e o amável peso da responsabilidade pessoal se dilui num sistema de fórmulas de significados possíveis. Provavelmente a diluição do comportamento antropocêntrico que julgou o homem centro do universo, mas há séculos está desaparecendo, por fim chegou ao próprio eu; pois a crença de que o mais importante na vivência é que se viva, e na ação o mais importante é que se aja, começa a parecer ingenuidade para a maioria das pessoas. Mas ainda há quem viva de maneira inteiramente pessoal. Eles dizem: “ontem estivemos aqui ou ali”, ou “hoje vamos fazer isso ou aquilo”, e se alegram, sem que seja necessário que tudo isso tenha outro conteúdo ou significação. Gostam de tudo o que podem tocar com os dedos, e são tão absolutamente indivíduos particulares quanto é possível ser; o mundo torna-se seu mundo particular assim que tem a ver com eles, e brilha como um arco-íris. Talvez sejam muito felizes; mas esse tipo de gente habitualmente parece absurdo aos outros, embora não se saiba por quê.

E de repente, pensando nisso, Ulrich teve de admitir, sorrindo, que ele era um caráter, sem ter caráter algum.

40

UM HOMEM COM TODAS AS QUALIDADES, MAS ELAS LHE SÃO
INDIFERENTES. UM PRÍNCIPE DO ESPÍRITO É PRESO, E A AÇÃO
PARALELA RECEBE SEU SECRETÁRIO HONORÍFICO

Não é difícil descrever esse homem chamado Ulrich, de trinta e dois anos, em seus traços fundamentais, embora ele próprio saiba apenas que está a um tempo longe e perto de todas as qualidades, e que todas, suas ou não, lhe são estranhamente indiferentes. Com a agilidade intelectual que pressupõe uma inclinação muito variada, liga-se nele ainda uma certa agressividade. Ele é uma mente viril. Não tem sensibilidade para com outras pessoas, e raramente se colocou no lugar delas, a não ser quando seus propósitos o exigiam. Não respeita direitos se não respeitar aquele que os possui, e isso é raro. Pois com o tempo desenvolveu-se nele uma certa tendência à negação, uma flexível dialética do sentimento, que o leva facilmente a descobrir um mal em coisas que todos julgam boas; e, em compensação, a defender coisas proibidas, e a rejeitar obrigações com uma má-vontade nascida da vontade de criar suas próprias obrigações. Apesar dessa vontade, ele limita sua vida moral, com exceções que se permite, simplesmente àquela decência de cavalheiro que dirige mais ou menos todos os homens na sociedade burguesa enquanto vivem em condições regulares. Dessa maneira, com a altivez, a desconsideração e a negligência de uma pessoa incumbida de uma ação, vai levando a vida de outra pessoa que faz de suas tendências e capacidades um uso mais ou menos comum, útil e social. Estava habituado a considerar-se, por inclinação natural, e sem vaidade, instrumento de um objetivo importante, que pensava descobrir em tempo; e mesmo agora, naquele ano de inquietação e busca que iniciava depois de ter reconhecido que levava uma vida sem destino, voltou a sentir que estava a caminho de alguma coisa, e não dedicou grandes esforços ao seu plano. Não é muito fácil reconhecer, numa natureza dessas, qual a paixão que a move; tendências e circunstâncias a conformaram de maneira ambígua, seu destino

ainda não lhe foi revelado por nenhuma pressão realmente dura, mas o principal é que, para se decidir, lhe falta ainda uma coisa que ela desconhece.

Ulrich é uma pessoa forçada por alguma coisa a viver contra si próprio, embora aparentemente apenas se deixe levar, sem ser obrigado a nada.

A comparação do mundo com um laboratório despertara nele outra vez uma idéia antiga. Um grande centro de experiências, onde se testavam as melhores maneiras de ser uma pessoa, e se deveriam descobrir novas: antigamente, muitas vezes imaginara que a vida teria de ser assim, para lhe agradar. O fato de esse laboratório geral trabalhar sem grande planejamento, e de não haver diretores e teóricos, era outro assunto. Ele próprio gostaria de ser uma espécie de príncipe e senhor do espírito: quem não quereria?! É natural que o espírito seja considerado a coisa mais elevada, dominando todas as demais. É o que se ensina. Quem pode, enfeita-se com o espírito, coloca-o nos debruns da sua personalidade. Ligado a alguma coisa, o espírito é a coisa mais difundida que existe. O espírito da lealdade, o espírito do amor, um espírito viril, um espírito culto, o maior espírito da atualidade, queremos venerar o espírito disso, e o espírito daquilo, e queremos agir no espírito de nosso movimento: como isso parece sólido e inatacável até nos degraus inferiores. Tudo mais, o crime cotidiano ou a cobiça obstinada, parecem algo inconfessável, como sujeira que Deus tirasse das unhas dos Seus pés.

Mas, quando espírito aparece sozinho, como palavra principal, nua, despida como um espectro a quem se quereria emprestar um lençol — e aí? Podem se ler os poetas, estudar os filósofos, comprar quadros e conversar noites a fio: mas é espírito o que se consegue com isso? Presumindo que se o consiga: será que o possuiremos? Esse espírito é tão firmemente ligado à aparência do momento! Ele atravessa as pessoas que o gostariam de assumir, e deixa ao passar apenas um leve tremor. O que faremos, com todo esse espírito? Ele é recriado constantemente em massas de papel, pedra, tela, em medidas astronômicas, e é recebido e saboreado também constantemente num dispêndio gigantesco de energia nervosa. Mas o que então acontece com ele? Desaparece, como uma miragem? Dilui-se em partículas? Esquiva-se à lei terrena da conservação? As partículas de pó que baixam dentro de nós, e lentamente repousam, não têm relação com esse

dispêndio. Para onde vai, onde está, quem é ele? Talvez, se soubéssemos mais a seu respeito, tudo se tornasse um abafado silêncio em torno desse substantivo espírito!

Anoitecera; casas que pareciam arrancadas do espaço, asfalto, trilhos de aço, formavam a concha da cidade, que esfriava. A concha-mãe, cheia de uma infantil, alegre ou raivosa agitação humana. Onde cada idiota começa como gotinha^{4} que esguicha e salta; começa com uma explosãozinha, aparada e esfriada pelas paredes, torna-se mais suave e aquietado, pendura-se ternamente na casca da concha-mãe, e por fim cristaliza-se como um grãozinho na sua parede.

“Por que não me tornei um peregrino?”, pensou Ulrich de repente. Uma vida pura, independente, de um frescor áspero como ar muito claro oferecia-se aos seus sentidos. Quem não quer dizer sim à vida, pelo menos devia dizer o não dos santos: mas era impossível pensar seriamente nisso. Tampouco ele podia se tornar aventureiro, embora a vida pudesse ter então algo de uma lua-de-mel eterna, e seu corpo e seu ânimo desejassem isso.

Não tinha podido tornar-se poeta, nem uma dessas pessoas ressentidas que só acreditam em dinheiro e poder, embora tivesse uma certa tendência para tudo isso.

Esquecia sua idade, imaginava ter vinte anos; apesar disso, também decidira intimamente que não poderia se tornar nenhuma dessas coisas; algo o atraía para todas essas possibilidades, mas algo mais forte o impedia de as realizar. Por que vivia assim, obscura e indefinidamente? Sem dúvida, pensou, o que o prendia dentro de uma existência isolada e inominada não era senão a obrigação de afrouxar e amarrar o mundo, designada por uma palavra que não se gosta de ver sozinha: espírito. Nem o próprio Ulrich sabia por quê, mas de repente ficou triste, e pensou: “Eu simplesmente não me amo.” No corpo frio e petrificado da cidade ele sentiu pulsar, bem no fundo, seu próprio coração. Havia nele alguma coisa que não queria permanecer em lugar algum, que apalpara as paredes do mundo, e pensara: existem outros milhões de paredes; aquela ridícula gota do Eu, que esfriava lentamente, não queria entregar seu fogo à minúscula semente de ardor.

O espírito percebe que a beleza torna alguém bom, mau, tolo ou fascinante. O espírito diseca um carneiro ou um penitente, e encontra nos dois humildade e paciência. Examina uma substância e reconhece que ela consta

de muito veneno, e um pouquinho de prazer. Sabe que a mucosa dos lábios é aparentada com a mucosa do intestino, mas também sabe que a humildade desses lábios é aparentada com a humildade de todas as coisas sagradas. Ele confunde, separa e religa outra vez. Bem ou mal, em cima e embaixo, não são para ele idéias céticas e relativas, mas membros de uma função, valores que dependem do contexto em que se encontram. Aprendeu durante séculos que vícios podem se tornar virtudes, e virtudes vícios, e no fundo julga apenas falta de habilidade não se conseguir, no curso de uma vida, transformar um criminoso numa pessoa útil. Não reconhece nada permitido ou ilícito, pois tudo pode ter uma qualidade através da qual um dia participará de alguma nova e grande estrutura. Secretamente odeia, como à morte, tudo o que finge ser definitivo, os grandes ideais e leis, e sua pequena imitação petrificada, que é o caráter satisfeito. Ele não considera nada sólido: nem o eu, nem ordem alguma; porque nossos conhecimentos podem se modificar a cada dia, ele não crê em nenhuma ligação, e tudo possui o valor que tem apenas até o próximo ato da criação, como um rosto com quem se fala e se vai modificando com nossas palavras.

O espírito é o grande oportunista, mas não o podemos agarrar em parte alguma, é de acreditar que seu efeito seja a deterioração. Cada avanço é um lucro no detalhe e uma laceração no todo; é um aumento de poder desembocando em progressiva impotência, e não há como fugir. Ulrich recordava aquele corpo de fatos e descobertas que cresce praticamente a cada hora, do qual o espírito contempla hoje o mundo se quiser examinar bem qualquer problema. Esse corpo cresce afastando-se do seu interior. Incontáveis conceitos, opiniões, pensamentos reguladores de todas as zonas e épocas, de todas as formas de cérebros sadios e doentes, lúcidos e sonhadores, repassam-no como mil nervinhos sensíveis, mas o ponto de irradiação onde se reúnem não existe. O ser humano sente o perigo de se repetir nele o destino daquelas raças de animais gigantesco da pré-história, que sucumbiram vítimas do seu próprio tamanho; mesmo assim, não pode deixar de fazer o que faz.

Isso lembrou Ulrich novamente daquela idéia bastante duvidosa em que por muito tempo acreditara, e que até hoje não eliminara inteiramente, de que o mundo seria melhor dirigido por um senado de sábios e mentes avançadas.

É muito natural pensar que o ser humano, que se deixa tratar por médicos especialistas quando está doente, e não por pastores de ovelhas, não tem motivo, quando sadio, de se deixar

tratar por falastrões com mentalidades de pastores de ovelhas, como costuma fazer em assuntos públicos. E jovens que se interessam pelos conteúdos essenciais da vida consideram secundário tudo no mundo que não for verdadeiro, nem bom, nem belo; por exemplo, também um Ministério da Fazenda ou um debate no Parlamento; pelo menos antigamente eram assim, pois hoje em dia, graças à educação política e econômica, dizem que são diferentes. Mas também naquele tempo o homem aprendia a adaptar-se à realidade quando ficava mais velho e frequentava mais tempo os defumadores do espírito onde o mundo curte seu toucinho comercial; e o estado definitivo de uma pessoa de formação intelectual era mais ou menos limitado à sua “especialidade”, carregando pelo resto da vida a convicção de que tudo talvez devesse ser diferente, mas que não adiantava nem refletir sobre isso. Mais ou menos assim parece o equilíbrio interno das pessoas que realizam alguma coisa intelectualmente. E de repente, de maneira cômica, Ulrich imaginou tudo isso numa pergunta: ao fim de tudo, havendo certamente suficiente espírito, não faltaria apenas que o espírito tivesse espírito?

Teve vontade de rir disso. Ele próprio era um daqueles que renunciavam. Mas uma ambição decepcionada, ainda viva, o trespassava como uma espada. Dois Ulrichs caminhavam naquele instante. Um olhava em torno, sorrindo, e pensava: “Ali eu quis desempenhar um dia um papel, entre cenários como esses. Um dia despertei, não docemente como no colo da mãe mas com a certeza dura de que tinha de realizar alguma coisa. Deram-me lemas, e senti que não me interessavam em nada. Naquele tempo meus propósitos e expectativas enchiam tudo, como o nervosismo antes de entrar em cena. Mas nesse meio tempo o chão deslizou imperceptivelmente, avancei um trecho do meu caminho e talvez já esteja na saída. Em breve estarei fora de cena, e meu grande papel terá sido apenas dizer: os cavalos estão selados. Que o diabo carregue tudo isso!”

Mas enquanto um Ulrich andava pelas flutuações da noite sorrindo desses pensamentos, o outro cerrava os punhos, com dor e raiva; era o menos visível, pensava encontrar uma fórmula de esconjuro, uma alça por onde se

pudesse agarrar o verdadeiro espírito do espírito, o que faltava, talvez apenas o pedacinho que fecha o círculo rompido. Esse segundo Ulrich não encontrava palavras. Palavras saltam como macacos de árvore em árvore, mas no reino escuro das raízes não dispomos da sua amistosa intermediação. O chão corria debaixo dos pés dele. Mal conseguia abrir os olhos. Uma emoção consegue soprar como uma tempestade, mas não ser em absoluto uma emoção tempestuosa? Quando se fala de tempestade de emoções, fala-se de uma tempestade que faz gemerem as cascas do ser humano e voarem seus galhos como se fossem se partir. Mas aquela tempestade deixava a superfície totalmente lisa. Quase um estado de conversão, de inversão; nenhum traço se distorcia, e por dentro nenhum átomo parecia continuar em seu lugar. Ulrich estava bem lúcido, mas seu olhar percebia de maneira nova todas as pessoas que passavam, e seu ouvido assimilava de novo modo cada melodia. Não se podia dizer que era um jeito mais acurado; na verdade também não era mais profundo, mais delicado, natural ou não-natural. Ulrich não conseguia dizer nada, mas pensou naquele momento na singular experiência “espírito”, como numa amada que sempre nos traiu sem que por isso a amássemos menos, e esse sentimento o ligava a todas as coisas com que deparava agora. Pois quando se ama, tudo é amor, ainda que seja sofrimento e repulsa. O galhinho de árvore e o pálido vidro da janela à luz crepuscular tornavam-se uma só experiência, profundamente mergulhada no próprio ser, difícil de expressar com palavras. As coisas não pareciam de pedra ou madeira, mas de uma grandiosa, infinitamente delicada imoralidade que, no momento de tocar em Ulrich, produzia um profundo abalo moral.

Isso não durou mais que o tempo de um sorriso, e Ulrich pensava: “Agora quero ficar aqui aonde isso me trouxe”, e foi quando a desgraça quis que essa tensão se estilhaçasse contra um obstáculo.

O que então aconteceu provém de fato de um mundo totalmente diverso daquele em que Ulrich acabara de sentir árvores e pedras como um prolongamento de sua própria vida.

Pois um jornal operário derramara sobre a Grande Idéia aquilo que o Conde Leinsdorf chamaria escarro destrutivo, ao afirmar que não passava de uma nova sensação para os governantes, logo após aquele último crime sexual, e

um bravo operário, que bebera um pouco demais, ficara irritado. Passara por dois cidadãos contentes com os bons negócios daquele dia, e que, conscientes de que sempre se pode mostrar a boa disposição, manifestavam em voz bastante alta sua concordância com aquela ação patriótica sobre a qual tinham lido no seu jornal. Surgiu um bate-boca, e porque a proximidade de um policial animava os bem-intencionados tanto quanto irritava o seu agressor, a briga foi ficando cada vez mais veemente. O policial no começo observava tudo sobre o ombro, mais tarde de frente, depois de perto; observava tudo como uma das alavancas do Estado, mecanismo que termina em botões e outras peças metálicas. Mas passar continuamente a vida em um Estado bem organizado tem algo de espectral; não se pode nem sair à rua nem beber um copo d'água, ou subir num bonde, sem tocar a alavanca respectiva de um gigantesco aparelho de leis e relações, colocá-lo em movimento, ou fazer com que mantenha a paz da nossa existência; não conhecemos a maioria delas, que atingem fundo o nosso interior, enquanto do outro lado se perdem numa rede cuja estrutura ninguém ainda conseguiu deslindar; por isso as negamos como o cidadão nega o ar afirmando que é o vazio; mas aparentemente isso — essa negação, o incolor, inodoro, insosso, imponderável e imoral, como água, ar, espaço, dinheiro e fluir do tempo — é na verdade o mais importante, e confere certa espectralidade à vida; por vezes as pessoas são tomadas de pânico, como num sonho involuntário, vítimas de uma tempestade de agitação como um animal que entrou no mecanismo irresistível de uma rede. Os botões da roupa do policial tiveram efeito semelhante sobre o operário, e nesse momento o órgão estatal, que não se sentia adequadamente respeitado, partiu para a voz de prisão.

Esta não transcorreu sem resistência e repetidas manifestações de rebeldia. O ébrio sentiu-se lisonjeado com a atenção despertada, e desencadeou-se uma total aversão ao semelhante, até ali dissimulada. Começou uma apaixonada disputa para ver quem conseguiria impor-se. Uma forte sensação do próprio eu lutava com uma sensação sinistra, como se este eu não se sentisse muito firme dentro da própria pele. Também o mundo não estava firme; era um sopro incerto, que se formava constantemente, mudando de figura. Casas apareciam tortas, como que quebradas do espaço; no meio delas, as pessoas eram um formigueiro de idiotas ridículos,

choramingas e irmanados. Tenho a missão de impor ordem por aqui, sentia o bêbado inusitado. Toda a cena tinha uma aura de cintilação, um fragmento do acontecido lhe era claro, mas depois as paredes giravam outra vez. Os olhos saíam de sua cabeça como antenas, enquanto as solas dos pés grudavam na terra. Começara a brotar de sua boca um jorro estranho: palavras subiam do seu interior, e nem se sabia como teriam entrado lá, possivelmente eram insultos. Não se podia distinguir direito. Exterior e interior misturavam-se, a raiva não era uma raiva interior mas uma morada física da raiva excitada até à loucura, enquanto o rosto de um policial se aproximava devagar de um punho fechado, até jorrar sangue.

Mas agora o policial triplicara; com os agentes de segurança que acorreram, outras pessoas vieram, e o bêbado se jogou no chão, não querendo ser preso. Ulrich cometeu uma imprudência. Ouvira a expressão “ofensa à Majestade”, e observou que um homem bêbado não tinha discernimento para ofender ninguém, e que deviam mandá-lo dormir. Pensou pouco e agiu mal. O homem berrava dizendo que Ulrich e Sua Majestade fossem à...! Um dos policiais, atribuindo aquela recaída do bêbado à intromissão de Ulrich, censurou-o asperamente, mandando-o embora. Mas Ulrich estava habituado a considerar o Estado um hotel onde se tem direito a tratamento educado, e não permitiu que lhe falassem nesse tom; os policiais inesperadamente acharam que um bêbado não justificava a presença de três agentes, de modo que levaram Ulrich também.

A mão de um policial uniformizado agarrava o seu braço. Seu braço era muito mais forte que aquela pressão insultuosa, mas não podia tentar desfazê-la ou teria de lutar boxe contra o poder armado do Estado, o que não fazia sentido; não lhe restou senão pedir, educadamente, que o deixassem ir sem forçar.

O plantão ficava numa delegacia de polícia, e quando Ulrich entrou o assoalho e as paredes lhe recordaram uma caserna; a mesma sombria competição entre a sujeira obstinadamente trazida para dentro e os grosseiros produtos de limpeza enchiam o ar. Depois Ulrich percebeu o símbolo do poder civil, duas escrivaninhas com uma balaustrada, sem algumas varetas; na verdade eram caixotes para escrever, cobertos de pano rasgado e queimado de cigarro, sobre pés baixinhos em forma de bolota,

lustrados de um verniz do tempo do Imperador Ferdinando, restando apenas vagas lascas depois que o resto descascara. Em terceiro lugar, o aposento estava repleto da sensação de que ali se tinha de esperar sem fazer perguntas.

O policial que o prendera ficara parado junto dele como um poste, depois de anunciar o motivo da prisão. Ulrich tentou dar alguma explicação, o guarda e chefe daquela fortaleza ergueu um olho dos documentos em que estava escrevendo quando o grupo entrara, examinou Ulrich e baixou o olho de novo, continuando a escrever, sem dizer nada. Ulrich teve uma impressão de eternidade. Depois o guarda empurrou o papel para o lado, tirou um livro de uma prateleira, fez uma anotação, espalhou areia, pôs o livro de volta, pegou outro, anotou, espalhou areia, tirou um maço de papéis de uma pilha e com ele continuou sua atividade. Ulrich teve a sensação de que transcorria uma segunda eternidade, enquanto os astros continuavam girando regularmente, mas ele não estava no mundo.

Do escritório chegava-se por uma porta a um corredor onde ficavam as celas. O protegido de Ulrich fora imediatamente conduzido para lá, e como nada mais se ouvisse dele, a bebedeira devia ter-lhe concedido a bênção do sono. Mas sentiam-se outros acontecimentos sinistros. Devia haver outra entrada para o corredor das celas, Ulrich ouviu idas e vindas repetidas, portas batendo, vozes abafadas, e de repente, quando trouxeram mais uma pessoa, sua voz se alteou e Ulrich ouviu um pedido desesperado:

— Se tiver ao menos uma fagulha de sentimento humano, não me prenda!

As palavras se esganiçaram, e aquele apelo a um funcionário, para que tivesse sentimentos humanos, soava estranhamente inadequado, era quase para rir, pois funções apenas são executadas com objetividade. O policial ergueu a cabeça por um momento, sem se desligar inteiramente dos seus documentos. Ulrich ouviu o pesado arrastar de muitos pés, cujos corpos evidentemente empurravam outro corpo rebelde. Então, apenas se ouviam dois pés cambaleando, como após um empurrão. Depois, uma porta bateu com força, uma tranca retiniu ao ser fechada, o homem uniformizado na escrivania curvara outra vez a cabeça, e no ar pairava o silêncio de um ponto colocado no local certo, ao fim de uma frase.

Ulrich parecia ter se enganado ao presumir que ele próprio não existia ainda

para o universo policial, pois ao erguer a cabeça de novo, o policial o encarou, as últimas linhas escritas brilhavam úmidas, sem serem enxugadas, e o caso Ulrich de repente pareceu ter já há muito existência oficial. Nome? Idade? Profissão? Residência?... Era o interrogatório.

Ulrich pensou ter entrado numa máquina que o dividia em pedaços impessoais antes que se falasse em sua culpa ou inocência. Seu nome, aquelas duas palavras mais pobres de conteúdo mas mais ricas de emoção da língua, não significava nada ali. Seus trabalhos, que lhe tinham conseguido honradas no mundo científico, que passava por ser tão sólido, não existiam naquele mundo; nem uma só vez lhe perguntaram por eles. Seu rosto valia apenas como referência; antigamente nunca pensara que seus olhos eram cinzentos, um dos quatro tipos de olhos oficialmente reconhecidos, que existiam aos milhões; seus cabelos eram louros, estatura alta, rosto oval, e não tinha sinais particulares, embora pensasse de maneira diferente. Sentia que era grande, ombros largos, o tórax como uma vela inflada no mastro, e às articulações de seu corpo cerravam os músculos, como delgadas peças de aço, sempre que se aborrecia, ou brigava, ou que Bonadéia se aconchegava nele; mas era pequeno, delicado, escuro e flexível como uma medusa boiando na água, sempre que lia um livro que o comovesse, ou era tocado pelo sopro do grande amor apátrida cujo estar-no-mundo jamais conseguira entender. Por isso, mesmo naquele momento, ainda via graça no desencantamento estatístico de sua pessoa, e o procedimento de medir e descrever do órgão policial entusiasmava-o como um poema de amor inventado por Satanás. O mais singular era que a polícia não apenas pode desmembrar uma pessoa a ponto de nada sobrar dela, mas pode reconstruí-la de novo com essas pecinhas insignificantes, tornando-a única e por elas identificável. Para isso basta que se acrescente essa coisa imponderável chamada suspeita.

Ulrich entendeu de repente que só pela mais fria astúcia conseguiria safar-se daquela situação em que se metera por insensatez. O interrogatório continuava. Imaginou que efeito teria se, ao perguntarem seu endereço, respondesse: minha residência é a de uma pessoa que não conheço. Ou, se indagassem por que fizera o que fizera, respondesse: sempre faço coisas que não pretendia. Mas deu nome da rua e número da casa, educadamente, e tentou inventar uma desculpa para seu comportamento. A autoridade interior

do seu espírito era penosamente impotente diante da autoridade externa do policial. Por fim, apesar disso, entreviu uma salvação. Quando, indagado sobre sua profissão, respondeu “autônomo” — não conseguiria dizer cientista autônomo — o outro o encarou como se tivesse dito “sem domicílio”; mas quando, ao perguntarem sua nacionalidade, ele deu o nome do pai, e viram que era membro da Câmara dos Pares, aquele olhar mudou. Ainda era desconfiado, mas alguma coisa deu a Ulrich a sensação de um homem balançado pelas ondas que consegue encontrar fundo firme com o dedão do pé. Com presença de espírito imediata, ele aproveitou a situação. Atenuou imediatamente tudo aquilo que já admitira, apresentou àquelas orelhas autoritárias, que o tinham escutado profissionalmente, o desejo de ser ouvido pelo próprio comissário de polícia, e como isso apenas provocasse um sorriso, ele mentiu — com uma naturalidade que por sorte conseguia fingir, mentiu em tom muito casual, e disposto a logo se desdizer caso lhe preparassem o laço de um ponto de interrogação exigindo dados mais exatos — mentiu, dizendo que era amigo do Conde Leinsdorf e secretário da grande ação patriótica noticiada em todos os jornais.

Percebeu imediatamente que isso despertava sobre sua pessoa aquela atenção mais séria antes recusada, e segurou firme aquela vantagem. O resultado foi que o chefe da guarda o examinou irritado, porque não queria assumir a responsabilidade de ficar mais tempo com aquela presa, nem deixá-la solta; e como naquela hora não houvesse na delegacia nenhuma autoridade mais alta, encontrou uma saída que testemunhava magnificamente que aprendera algo da maneira como seus superiores tratavam casos desagradáveis. Assumiu um ar de importância, e expressou graves suspeitas de que Ulrich não apenas era culpado de ofensas aos policiais e perturbação de um procedimento oficial, mas que, exatamente pensando na posição que dizia ter, ainda por cima era suspeito de intrigas obscuras, talvez de caráter político, e teria de ser entregue à seção política da chefatura de polícia.

Assim, poucos minutos depois, Ulrich estava num carro que lhe colocaram à disposição, varando a noite com um lacônico policial civil sentado a seu lado. Quando se aproximavam da chefatura de polícia, o prisioneiro viu as janelas do primeiro andar festivamente iluminadas, pois ainda àquela hora tardia realizava-se uma importante reunião na sala do chefe. A casa não

parecia um estábulo escuro mas um ministério, e ele já respirava uma atmosfera mais familiar.

Em breve percebeu que o funcionário do plantão noturno a que fora levado reconhecia a tolice que aquele irritado órgão da periferia cometera ao acusá-lo; mesmo assim pareceu-lhe contra-indicado soltar das garras da justiça alguém que tivera a irresponsabilidade de correr para elas por conta própria. Também o funcionário da chefatura tinha cara de máquina de aço, e afirmou ao prisioneiro que a sua leviandade tornava muito difícil responsabilizar-se pela sua soltura. O prisioneiro já dissera duas vezes tudo aquilo que tivera tão bom efeito sobre o chefe da guarda, mas a autoridade mais alta não se abalou. Ulrich já considerava sua causa perdida, quando de repente uma mudança singular aconteceu no rosto do seu juiz, quase um ar de felicidade. Ele examinou mais uma vez atentamente a acusação, pediu a Ulrich que repetisse o nome, pediu seu endereço, e disse cortesmente que esperasse um momento, enquanto saía da sala. Dez minutos depois voltou, como quem se lembrou de alguma coisa agradável, e convidou, já com evidente polidez, o prisioneiro a segui-lo. Na porta de uma sala iluminada no andar superior, apenas disse que o chefe de polícia desejava falar-lhe pessoalmente, e logo Ulrich estava diante de um senhor que viera de uma sala vizinha, com aquelas suíças divididas que ele já conhecia. Estava decidido a declarar sua presença ali um engano, e fazer uma censura branda, mas o chefe de polícia adiantou-se a ele, e saudou-o:

— Foi um mal-entendido, meu caro doutor, o delegado já me contou tudo. Apesar disso temos de aplicar-lhe uma pequena punição, pois... — com essas palavras olhou-o com ar brincalhão (até onde se pode dizer “brincalhão”, falando da mais alta autoridade policial), como a esperar que o próprio Ulrich adivinhasse a charada Mas Ulrich não adivinhou coisa alguma.

— Sua Alteza! — o policial veio em seu auxílio. — Sua Alteza o Conde Leinsdorf há poucas horas me perguntou pelo senhor, com grande interesse. Ulrich só entendeu a metade.

— Doutor, o senhor não consta no registro de endereços! — disse o chefe de polícia num tom de censura jocosa, como se fosse só esse o crime de Ulrich.

Este fez uma mesura, sorrindo comedidamente.

— Presumo que amanhã deverá visitar Sua Alteza por algum motivo de grande importância oficial, e não posso impedir isso prendendo-o aqui. — Assim, o senhor da máquina de aço concluiu sua pequena brincadeira.

E de se imaginar que o chefe de polícia também teria julgado injusta aquela prisão em qualquer outra ocasião, e que o comissário, recordando a circunstância em que o nome de Ulrich aparecera pela primeira vez naquela casa há poucas horas, apresentara ao chefe de polícia todo aquele caso exatamente como este o deveria interpretar, de forma que ninguém interferira arbitrariamente no curso dos acontecimentos. Aliás, Sua Alteza jamais ficou sabendo daquele incidente. Ulrich sentiu-se na obrigação de o visitar no dia seguinte, e tornou-se imediatamente secretário honorífico da grande ação patriótica. O Conde Leinsdorf, se tivesse sabido do incidente, não teria podido dizer senão que tudo acontecera como por milagre.

Pouco depois realizou-se em casa de Diotima a primeira grande sessão da ação patriótica.

A sala de jantar ao lado do salão fora transformada em sala de conferências. Aberta e coberta de um pano verde, a mesa de jantar ficava no meio da sala. Diante de cada cadeira, folhas de papel branco do ministério, e lápis de consistências variadas. O aparador fora retirado. Os cantos da sala estavam vazios e severos. As paredes, respeitosa e despidas, exceto por um retrato de Sua Majestade, que Diotima colocara ali, e o retrato de uma dama com espartilho que o Sr. Tuzzi trouxera de algum lugar na sua atividade de cônsul, embora pudesse passar por retrato de alguma antepassada. Diotima teria gostado de colocar ainda um crucifixo na cabeceira da mesa, mas o subsecretário Tuzzi rira dela, antes de, por discrição, sair de casa.

Pois a Ação Paralela devia iniciar de maneira muito reservada. Nada de ministros nem altas personalidades oficiais; não havia “políticos; era intencional; tudo devia começar num círculo muito restrito de abnegados servidores da idéia. O presidente do Banco do Estado, os senhores von Holtzkopf e Barão Wisnieszky, algumas damas da alta aristocracia, personalidades conhecidas da benemerência privada, e, de acordo com o conceito de “propriedade e cultura” do Conde Leinsdorf, aguardavam-se representantes de universidades, de sociedades artísticas, da indústria, grandes proprietários de imóveis e autoridades eclesiásticas. Os departamentos governamentais tinham enviado como representantes jovens funcionários pouco conhecidos que combinavam socialmente com aquele grupo, e gozavam da confiança dos respectivos chefes. A composição daquela assembléia correspondia aos desejos do Conde Leinsdorf, que pensava numa manifestação nascida livremente do seio do povo, mas depois daquela história dos “pontos” achava muito tranquilizador saber com quem estava lidando.

A pequena criada de quarto, Raquel (seu nome fora traduzido para o francês por sua patroa, numa tradução um tanto livre, como *Rachelle*), estava de pé desde as seis da manhã. Abrija a grande mesa de jantar, juntara a ela duas mesinhas de carteadado, colocara o pano verde por cima, tirara muito bem o pó de todos os móveis, executando cada um desses serviços aborrecidos com grande entusiasmo. Na noite anterior Diotima lhe dissera:

— Acho que amanhã se fará história universal nesta casa! — e Raquel ardia de felicidade no corpo inteiro, por participar de um acontecimento daqueles, o que depunha grandemente em favor dele, pois o corpo de Raquel debaixo do vestidinho preto era encantador como uma porcelana Meissner.

Raquel tinha dezenove anos e acreditava em milagres. Nascera numa feia choupana da Galícia, com uma tira da Tora pendurada na coluna da porta, e o assoalho tinha frestas pelas quais subia a terra. Fora amaldiçoada e expulsa de casa. A mãe fizera um ar de desamparo, e os irmãos tinham arreganhado os dentes num sorriso medroso. Ela caíra de joelhos, mendigando, a vergonha sufocando seu coração, mas nada adiantara. Um sujeito sem escrúpulos a seduzira; ela não sabia mais como acontecera; tivera de dar à luz entre gente estranha, e depois deixar sua terra. Raquel viajara; debaixo da carroça suja em que viajava, o desespero corria junto com ela; esvaída em lágrimas, via diante de si a capital, na qual se refugiava levada por instinto, como uma grande parede de fogo na qual ia se atirar para morrer. Mas, oh milagre, essa parede abriu-se e abrigou-a; desde então Raquel sempre se sentia como quem vive no seio de uma labareda de ouro. O acaso a levara à casa de Diotima, e esta achara muito natural alguém fugir de uma família da Galícia, desde que assim chegasse a Diotima. Depois de terem mais intimidade ela contara à menina coisas das pessoas famosas e importantes que frequentavam sua casa, onde *Rachelle* tinha a honra de poder trabalhar; e até já lhe confiara algumas coisas sobre a Ação Paralela, porque era uma alegria deleitar-se nas estrelas dos olhos de Rachel, que chamejavam parecendo espelhos dourados a devolverem, radiantes, a imagem da patroa.

Pois a pequena Rachel fora amaldiçoada pelo pai por causa daquele sujeito inescrupuloso, mas apesar disso era uma mocinha honrada, e adorava tudo em Diotima: o cabelo escuro e macio que podia escovar de manhã e à noite, as roupas que a ajudava a vestir, as laças chinesas e as mesinhas indianas

entalhadas, os livros em idiomas estranhos que estavam por toda parte, dos quais não entendia uma palavra; e também amava o Sr. Tuzzi e, recentemente, aquele nababo que já no segundo dia na cidade visitara a sua honrada patroa — Raquel julgava que fora já no primeiro dia; ela o vira com tamanha alegria na ante-sala como se fosse o Salvador dos cristãos, que saíra do seu armário dourado; e a única coisa que a aborreceu foi ele não trazer o seu Solimão para mostrá-lo à sua patroa.

Mas hoje, na iminência de um acontecimento universal, estava convencida de que também a ela sucederia alguma coisa especial, e presumia que desta vez, quem sabe, Solimão apareceria na companhia do seu amo, como pedia a solenidade do acontecimento. Mas não era aquela expectativa a coisa principal, e sim a inevitável trama, ou a intriga, que não faltava em nenhum dos romances com que Raquel se instruía. Pois Raquel tinha licença de ler os romances que Diotima ia largando por ali, assim como podia ajeitar para si as roupas que esta não usava mais. Raquel costurava e lia fluentemente, era sua herança judia, mas quando tinha nas mãos um romance que Diotima lhe indicara como grande obra de arte — era os que preferia ler — ela naturalmente só entendia os fatos como se assiste a um acontecimento a grande distância ou numa terra estranha; entretinha-se com a ação incompreensível, ficava mesmo comovida com ela, sem poder intervir, e era isso que mais amava. Quando a mandavam à rua com recados, ou quando chegava visita importante em casa, ela saboreava da mesma maneira os grandes e excitantes aspectos de uma cidade imperial, uma plenitude de detalhes brilhantes muito acima da compreensão, da qual participava por encontrar-se num lugar privilegiado. Não pretendia compreender mais que isso; sua elementar educação judaica, os provérbios sábios da casa paterna, tinham sido esquecidos de raiva, e lhe eram tão pouco necessários como são necessários garfo e faca a uma flor para alimentar-se das seivas do solo e do ar.

Assim juntou mais uma vez todos os lápis e enfiou suas pontas reluzentes na maquininha no canto da mesa, que descascava com tamanha perfeição a madeira quando se virava a manivela, que ao repetir-se o processo já não caía uma só lasquinha; recolocou os lápis junto das macias folhas de papel, três lápis diferentes junto de cada uma, e pensou que aquela máquina perfeita que tinha permissão de manejar vinha do Ministério do Exterior e

da Casa Imperial, pois um criado a trouxera de lá na noite anterior, junto com lápis e papel. Eram sete horas; Raquel deu rapidamente uma olhada de general nos detalhes e saiu depressa do aposento para acordar Diotima, pois a reunião estava marcada para dez e quinze, e Diotima ficara mais um pouco na cama depois que o amo saíra.

Aquelas manhãs com Diotima eram uma alegria especial para Raquel. A palavra amor não designa isso corretamente; antes a palavra veneração, se for usada no seu sentido pleno, quando o respeito devotado impregna uma pessoa a ponto de encher totalmente o seu interior, e ela se sente expulsa de seu lugar dentro de si própria. Daquela aventura na casa paterna, Raquel tinha uma filhinha agora com um ano e meio de idade, e levava pontualmente em cada primeiro domingo do mês grande parte de seu salário à mulher que criava a criança, quando também via a filha; mas embora não omitisse seu dever de mãe, considerava isso apenas um castigo por um erro do passado, e suas emoções eram novamente as de uma mocinha cujo corpo casto ainda não se abriu para o amor. Aproximou-se da cama de Diotima, e, com a expressão de adoração de um alpinista que enxerga o cume nevado erguendo-se das trevas da madrugada para o primeiro tom de azul, seu olhar deslizou pelos ombros da patroa antes de tocar com seus dedos o calor nacarado da pele. Depois saboreou o aroma sutilmente difuso da mão que apareceu sonolenta debaixo da cobertura, para se deixar beijar, cheirando aos perfumes do dia anterior mas também aos vapores do sono; Raquel estendeu a pantufa ao pé nu que procurava por ela, e recebeu o olhar daquela que despertava.

Mas o contato sensual com aquele magnífico corpo de mulher que emergia do sono não teria sido tão belo se não fosse repassado pelo significado moral de Diotima.

— Você colocou a cadeira de braços para Sua Alteza? E a sinetinha de prata no meu lugar? No lugar do secretário, doze folhas de papel? E seis lápis, Rachelle, seis, não apenas três no lugar do secretário? — disse Diotima dessa vez. A cada pergunta

Raquel contava mais uma vez em pensamento, calculando nos dedos tudo o que fizera, e estremecendo de afã, como se houvesse uma vida em jogo. A

patroa vestira o negligê e foi à sala de conferências. Sua maneira de educar *Rachelle* constava de lembrá-la, em tudo o que fazia ou deixava de fazer, de que nada podia ser considerado apenas assunto pessoal, mas devia-se pensar no seu significado geral. Se Raquel quebrava um copo, *Rachelle* aprendia que o prejuízo em si não tinha nenhuma importância, mas que aquele cálice translúcido era um símbolo dos pequenos deveres cotidianos, que o olho praticamente nem percebia mais, porque preferia erguer-se para coisas mais elevadas, aos quais entretanto se deve, exatamente por isso, dedicar uma especial atenção... E Raquel ficava com lágrimas nos olhos quando recebia aquele tratamento cortês e ministerial, lágrimas de remorso e felicidade enquanto varria os cacos do copo partido. As cozinheiras, de quem Diotima exigia pensamento correto e reconhecimento das faltas cometidas, tinham sido substituídas várias vezes desde que Raquel estava a serviço ali, mas ela adorava aquelas frases maravilhosas, assim como amava o Imperador, os enterros e as velas radiosas na escuridão das igrejas católicas. Às vezes mentia para safar-se de alguma complicação, mas em seguida se sentia muito mal com isso; sim, talvez até amasse aquelas mentirinhas porque, comparando-se a Diotima, notava toda a própria ruindade; mas habitualmente só se permitia isso quando esperava transformar rápida e secretamente alguma coisa falsa em verdadeira.

Quando uma pessoa ergue dessa maneira os olhos para outra em tudo e por tudo, acontece também seu corpo lhe ser, tomado como um meteorito que se precipita no sol de outro corpo. Diotima não encontrara nada de errado na sala, e bateu amavelmente no ombro da criadinha; em seguida dirigiram-se ao quarto de banho e começaram a toailete para o grande dia. Quando Raquel misturava a água quente, fazia espumar o sabonete, ou podia secar o corpo de Diotima com a toalha, com tanta ousadia como se fosse o seu, isso lhe dava muito mais prazer do que se fosse realmente seu próprio corpo. Este lhe parecia insignificante, não merecia confiança, e não lhe passava pela cabeça pensar nele, nem mesmo em termos comparativos; quando tocava a opulência de estátua do corpo de Diotima sentia-se como um caipira servindo de recruta num regimento belo e cintilante.

Assim Diotima se armou para o grande dia

Quando passou o último minuto antes da hora marcada, apareceu o Conde Leinsdorf em companhia de Ulrich. Raquel, que já estava inflamada com a chegada ininterrupta de convidados a quem tivera de abrir a porta e ajudar a tirar os casacos, reconheceu Ulrich imediatamente e percebeu, satisfeita, que também ele não era um visitante qualquer, mas um homem trazido à casa da sua patroa por motivos importantes, como se via agora que ele voltava em companhia de Sua Alteza. Ela voou até a porta da sala, que abriu com ar solene, e depois agachou-se diante da fechadura para ver o que ia acontecer lá dentro. Era uma fechadura grande, e ela viu o queixo raspado do presidente, a gravata violeta do prelado Niedomansky, bem como a borla dourada da espada do General Stumm von Bordwehr, enviado pelo Ministério da Guerra embora na realidade não tivesse sido convidado; apesar disso, uma carta ao Conde Leinsdorf explicara que o Ministério não poderia ficar fora de um “evento tão altamente patriótico”, mesmo que nada tivesse a ver diretamente com sua origem e seu curso atual. Como Diotima esquecera de avisar Raquel, esta ficara muito nervosa com a presença de um oficial na reunião, porém não conseguiu descobrir mais nada sobre as coisas que ocorriam na sala.

Enquanto isso, Diotima já recebera Sua Alteza, e não dera grande atenção a Ulrich, pois estava apresentando os convidados uns aos outros, e apresentou primeiro o Dr. Paul Arnheim a Sua Alteza, explicando que um feliz acaso trouxera esse famoso amigo à sua casa, e que, embora ele, como estrangeiro, não pudesse se arrogar o direito de participar formalmente das reuniões, ela pedia que lhe permitissem tê-lo como conselheiro pessoal; pois — aqui ela acrescentou uma branda ameaça — suas grandes experiências e conhecimentos no terreno cultural internacional, e na relação dessas questões com os problemas econômicos, seriam um apoio inestimável para ela, que até ali tivera de tratar disso sozinha, e não poderia

ser substituída tão cedo, embora bem consciente da insuficiência de suas forças.

O Conde Leinsdorf, pressionado, admirou-se pela primeira vez com a falta de tato de sua amiga burguesa. Arnheim também ficou consternado, como um soberano cuja entrada não foi devidamente anunciada, pois estivera convencido de que o Conde Leinsdorf sabia que ele fora convidado, e aprovara o fato. Mas Diotima, nesse momento com rosto corado e obstinado, não cedeu; e como todas as mulheres que em questões de moral conjugal têm uma consciência pura demais, sabia mostrar uma insuportável insistência feminina em assuntos de honra.

Naquele tempo, já estava apaixonada por Arnheim, que a visitara algumas vezes, mas na sua inexperiência não tinha idéia da natureza do seu sentimento. Conversavam sobre como uma alma enobrece a carne das solas do pé à raiz dos cabelos, e transforma as confusas impressões da civilização em harmoniosos vôos espirituais. Mas até isso já era muito, e como Diotima estivesse habituada a ter cautela e sempre cuidara de nunca se expor diante de ninguém, aquela familiaridade lhe pareceu súbita demais, e teve de mobilizar emoções elevadas, sublimes; e onde as encontramos mais rapidamente? Lá onde o mundo as coloca: nos acontecimentos históricos. A Ação Paralela era por assim dizer a pracinha onde Diotima e Arnheim se encontravam naquela sua relação espiritual crescente; consideravam um destino singular aquilo que os havia reunido num momento tão importante, e não havia entre eles a menor discordância quanto ao fato de que o grande empreendimento patriótico era uma incrível oportunidade e responsabilidade para pessoas dotadas de espírito. Arnheim também dizia isso, embora jamais se esquecesse de acrescentar que para tanto se precisava em primeiro lugar de pessoas fortes, experientes tanto em assuntos econômicos como no campo das idéias, só em seguida importando o tamanho da organização. Assim, para Diotima a Ação Paralela e Arnheim formaram uma união inseparável, e o vazio de idéias inicialmente ligado ao empreendimento estava agora rica e abundantemente ocupado. De forma a mais feliz, justificava-se a expectativa de que o tesouro de sentimentos depositado na Áustria poderia ser reforçado pela disciplina intelectual prussiana, e essas impressões eram tão intensas que a impecável dama nem percebia o golpe que dera ao convidar Arnheim para a sessão inaugural.

Agora era tarde demais para voltar atrás, e ele, intuindo aquela relação, achou nela algo de muito conciliador, embora a situação o deixasse um tanto aborrecido. No fundo, Sua Alteza gostava demais de sua amiga para manifestar seu espanto, a não ser por aquela expressão involuntária; não comentou a explicação de Diotima, e depois de uma penosa e breve pausa, estendeu amavelmente a mão ao Dr. Arnheim, dando-lhe as boas-vindas do modo mais cortês e lisonjeiro. A maioria dos presentes provavelmente notara o pequeno incidente, e também se admirara com a presença de Arnheim, na medida em que sabiam quem ele era; mas entre pessoas bem educadas presume-se que tudo tenha um bom motivo, e indagar curiosamente por ele não seria de bom-tom.

Diotima reencontrara sua calma de estátua; abriu a sessão alguns momentos depois, e pediu a Sua Alteza que honrasse sua casa presidindo os trabalhos.

Sua Alteza fez um discurso. Preparara-o dias a fio, e o caráter de seu pensamento era firme demais para qualquer modificação de última hora; podia apenas abrandar as alusões mais claras ao sistema de agulha da espingarda prussiana (que em sessenta e seis suplantara de modo traiçoeiro o sistema da espingarda de vareta austríaca).

— O que nos reúne aqui — disse o Conde Leinsdorf — é concordarmos em que não se deve deixar ao acaso uma poderosa manifestação nascida do seio do povo, mas que ela exige auxílio providente e amplo de quem esteja em posição de ver muito longe, portanto esteja numa posição elevada. Sua Majestade, nosso amado imperador e amo comemorará em 1918 a rara festa de setenta anos de reinado abençoado; e, se Deus quiser, com aquela energia e disposição que estamos acostumados a nele admirar. Temos certeza de que os povos da Áustria, cheios de gratidão, comemorarão essa festa de uma maneira que não apenas mostrará ao mundo nosso profundo amor, mas também que a monarquia austro-húngara eleva-se com a firmeza de um rochedo em torno do seu governante.

Aqui, o Conde Leinsdorf hesitou, sem saber se devia mencionar os sinais de erosão a que esse rochedo estava exposto mesmo numa comemoração do imperador e rei; pois era preciso contar com a resistência da Hungria, que só reconhecia um rei. Por isso, originalmente Sua Alteza tinha querido falar de dois rochedos. Mas também isso não expressava corretamente seu

sentimento político austro-húngaro.

Esse sentimento político austro-húngaro era de tão singular estrutura que parece quase inútil explicá-lo a quem não o tiver experimentado pessoalmente. Não constava de uma parte austríaca e outra húngara, que, como se poderia acreditar, se complementavam; constava de um todo, e uma parte, isto é, um sentimento político húngaro, e outro austro-húngaro, sendo o segundo característico da Áustria, o que tornava o sentimento político austríaco, na verdade, apátrida. O austríaco só existia na Hungria, e mesmo assim por antipatia; em casa, ele dizia-se membro do Estado dos reinados e países da monarquia austro-húngara representados no Conselho do Império, o que é o mesmo que ser um austríaco mais um húngaro menos esse húngaro. E não fazia isso com entusiasmo, mas por amor a uma idéia que o repugnava, pois detestava tanto os húngaros quanto estes o detestavam, o que tornava essa relação mais complicada ainda. Por isso, muitos chamavam-se simplesmente tchecos, poloneses, eslovenos ou alemães, dando assim início àquela decadência e àqueles conhecidos “desagradáveis fenômenos de política interna”, como dizia o Conde Leinsdorf, e que, segundo ele, eram “obra de elementos irresponsáveis, imaturos, sensacionalistas”, que a massa dos habitantes politicamente pouco esclarecidos não sabia repelir suficientemente. Depois dessas alusões, sobre as quais muitos livros bem-informados e inteligentes se escreveram desde então, há de se receber com prazer a afirmação de que, nem aqui nem mais adiante, faremos a duvidosa tentativa de pintar um quadro histórico e competir com a realidade. Basta que se observe que os mistérios do dualismo (era essa a expressão técnica) eram pelo menos tão difíceis de entender quanto a Santíssima Trindade; pois mais ou menos por toda parte o processo histórico se assemelha a um processo jurídico, com cem cláusulas, adendos, acordos e recursos, e só para isso se queria chamar atenção. O homem comum vive e morre no meio deles sem nada notar, mas é para seu bem; pois se quisesse saber em que processo, com que advogados, despesas e motivos está enrolado, provavelmente em qualquer país poderia ser tomado de mania de perseguição. Compreender a realidade é exclusivamente assunto para o pensador histórico e político. Para ele, o presente segue após a batalha de Mohács ou Lietzen, como o assado segue depois da sopa; ele conhece todos os protocolos, e a cada momento tem a

sensação de uma necessidade de fundamentação processual; e se ele for, como o Conde Leinsdorf, um pensador aristocrático, com formação político-histórica, cujos antepassados de quatro costados influíram pessoalmente nas negociações preliminares, verá o resultado como uma linha ascendente. Por isso, Sua Alteza o Conde Leinsdorf dissera antes da reunião:

— Não devemos esquecer que a magnânima decisão de Sua Majestade, de conceder ao povo certo direito de participação nos seus assuntos, não é tão antiga que já houvesse por toda parte aquela maturidade política digna dessa confiança generosamente dada pelo soberano. Portanto, não veremos nesses fenômenos em si condenáveis, que infelizmente sofremos, um assustador sinal de decadência, como faz o estrangeiro invejoso, mas muito antes um sinal da força juvenil imatura, e por isso mesmo indestrutível, do povo austríaco!

E também na sessão pretendia dizer isso, mas como Arnheim estivesse presente, não disse tudo o que planejara, e contentou-se em aludir ao desconhecimento dos outros países quanto à verdadeira situação da Áustria, e a supervalorização de certos fenômenos menos desejáveis.

— Pois — concluiu Sua Alteza — se desejamos uma prova inegável de nossa força e unidade, fazemos isso também no interesse internacional, pois uma relação feliz dentro da família de países europeus baseia-se em respeito mútuo e respeito diante do poder do outro.—Depois ele repetiu só mais uma vez que aquela espontânea demonstração de força realmente tinha de vir do seio do povo, e por isso ser orientada de cima, para o que era preciso encontrar caminhos, motivo de se convocar aquela reunião. Se lembrarmos que recentemente o Conde Leinsdorf não tinha pensado senão numa série de nomes, e de fora lhe viesse apenas a idéia de um ano austríaco, notar-se-á um grande avanço, embora Sua Alteza não tivesse dito tudo o que agora lhe ocorria.

Depois desse discurso, Diotima tomou a palavra, para explicar as intenções do presidente. Declarou que a grande ação patriótica precisava encontrar um objetivo grandioso que, como dissera Sua Alteza, nascesse do seio do povo.

— Nós, aqui reunidos hoje pela primeira vez, não nos sentimos chamados a

definir já esse objetivo, mas por enquanto apenas nos reunimos para criar a organização que dirigirá as sugestões que levem até ele. — Com essas palavras, abriu os debates.

Primeiro, silêncio. Prendam-se pássaros de diversas origens e linguagens, que nada sabem do que os espera, numa só gaiola, e no primeiro instante farão um silêncio igual àquele.

Por fim, um professor universitário pediu a palavra; Ulrich não o conhecia. Sua Alteza provavelmente mandara convidar aquele senhor à última hora, através de seu secretário particular. Ele falou do caminho da História. Quando olhamos em frente, disse, vemos uma parede opaca! Quando olhamos à esquerda ou à direita: uma abundância de fatos importantes, sem direção clara! Daria apenas alguns exemplos: o momentâneo conflito com Montenegro. As duras batalhas que os espanhóis tinham de vencer no Marrocos. A obstrução dos ucranianos no Conselho Imperial austríaco. Mas, olhando para trás, tudo se torna ordenado e objetivo, como por algum desígnio milagroso... Por isso, se lhe permitiam dizer assim, vivemos em todos os momentos o mistério de um desígnio miraculoso. E ele considerava uma idéia grandiosa abrir os olhos de um povo, permitir que tivesse uma visão consciente da providência, exortando-o num caso determinado dê especial solenidade... Ele só tinha querido dizer isso. Também era assim na pedagogia atual, em que se deixa o aluno trabalhar junto com o professor, em vez de lhe apresentar resultados prontos.

A assembléia, petrificada, olhava amavelmente o pano verde que cobria a mesa; até o prelado que representava o arcebispo mantivera durante aquela façanha clerical de um leigo apenas a postura cortês e expectante dos funcionários dos ministérios, sem deixar transparecer no rosto o menor sinal de calorosa adesão. Todos pareciam ter a sensação que se tem quando inesperadamente alguém começa a falar alto para todos numa rua; todos, também os que há pouco não pensavam em coisa alguma, sentem subitamente que estão a caminho por motivos sérios e práticos, ou que o outro está abusando da rua. Enquanto falava, o professor combatera a inibição contra a qual fazia passar, suas palavras à força, fragmentadas e tímidas como se o vento lhe tirasse o fôlego; mas, agora, esperava para ver se teriam resposta, e essa postura de expectativa cobriu seu rosto, mas com dignidade.

Todos acharam uma verdadeira salvação quando, após esse incidente, o representante da Chancelaria Imperial pediu a palavra rapidamente, e deu à assembléia uma visão das fundações e instituições que seriam beneficiadas pela bolsa particular do soberano no ano do jubileu. Começava pela doação para construção de uma igreja de peregrinos, e uma doação para amparo de padres coadjutores pobres, depois foi a vez das ligas de veteranos “Arquiduque Karl e Radetzky”, as viúvas e órfãos de guerra das campanhas de 66 e 78; vieram os fundos para apoio de suboficiais da reserva e da Academia de Ciências, e assim por diante; essas listas em si nada tinham de muito excitante, mas eram constantes e habituais em todas as manifestações públicas da benevolência do soberano. Quando a lista terminara, levantou-se a esposa do industrial Weghuber, dama muito meritória pelas obras de benemerência, totalmente infensa à idéia de que pudesse haver coisa mais importante do que o objeto das suas preocupações, e apresentou à assembléia, que escutava com ar de aprovação, a sugestão de uma “Instituição Austríaca da Sopa dos Pobres Francisco-José”. Agora, o representante do Ministério de Cultura e Instrução comentou que também no seu departamento aparecera uma sugestão semelhante, isto é, de editar uma monumental obra *O Imperador Francisco José I e sua Era*. Mas, depois dessa feliz arrancada, voltou a baixar o silêncio, e a maioria dos presentes sentiu-se numa situação penosa.

Se, na vida, lhes tivessem perguntado se sabiam o que eram grandes acontecimentos históricos e coisas deste gênero, teriam respondido afirmativamente; mas, quando lhes pediram que inventassem algum, aos poucos começaram a sentir as pernas bambas, e dentro deles agitava-se um resmungo bastante natural.

Nesse momento perigoso, Diotima, que tinha um lanche preparado, interrompeu diplomaticamente a reunião.

43

PRIMEIRO ENCONTRO DE ULRICH COM O GRANDE HOMEM. NA
HISTÓRIA UNIVERSAL NADA ACONTECE DE INSENSATO, MAS
DIOTIMA AFIRMA QUE A VERDADEIRA ÁUSTRIA É O MUNDO
INTEIRO

No intervalo, Arnheim comentou: quanto mais abrangente uma organização, tanto mais discordantes as sugestões. Era um sinal da evolução atual, construída unicamente sobre a razão. Mas exatamente por isso era um projeto gigantesco forçar todo um povo a lembrar-se da vontade, da inspiração e do essencial, mais profundo do que a razão.

Ulrich respondeu perguntando se ele acreditava que aquela ação teria algum resultado.

— Sem dúvida — respondeu Arnheim —, grandes acontecimentos são sempre expressão de uma situação geral! — Essa situação existia, hoje; e já o fato de ser possível, em algum lugar, uma reunião como aquela, provava o quanto era necessária.

Mas Ulrich achou que havia em tudo aquilo algo difícil de distinguir. Presumindo que o compositor do mais recente sucesso mundial em operetas fosse um intrigante, e se quisesse alçar a presidente do mundo, o que, por ser ele tão popular, estaria no reino do possível: seria uma ruptura na História, ou expressão de uma situação espiritual geral?

— Totalmente impossível! — disse o Dr. Arnheim gravemente. — Um compositor desses não pode ser nem intrigante nem político; ou não se poderia entender seu gênio cômico-musical, e na história universal não acontece nada de insensato.

— Mas acontece tanta coisa insensata no universo!

— Mas na história universal, nunca!

Arnheim estava visivelmente nervoso. Perto deles estavam parados Diotima e o Conde Leinsdorf, conversando animadamente em voz baixa. Sua Alteza acabara manifestando à amiga seu espanto por encontrar um prussiano num evento tão estritamente austríaco. Considerava totalmente impossível, já por razões de tato, que um indivíduo alheio ao país tivesse papel liderante na Ação Paralela, embora Diotima falasse na excelente e tranquilizadora impressão que aquela ausência de egoísmo político daria no exterior. Depois, ela mudou de tática e ampliou surpreendentemente seu projeto. Falou do tato feminino, que era uma segurança de sentimentos e ignora preconceitos sociais. Sua Alteza devia escutar essa voz. Arnheim era um europeu, um espírito conhecido em toda a Europa; e exatamente por não ser austríaco, deixando que participasse provava-se que o espírito unha na Áustria a sua pátria; e de repente afirmou que a verdadeira Áustria era o mundo inteiro. O mundo, explicou, não se tranquilizaria enquanto as nações não vivessem nele a mesma sublime unidade dos povos austríacos em sua pátria. Uma Grande Áustria, uma Áustria Universal, era o que Sua Alteza lhe inspirara naquele momento feliz, era a idéia suprema que até ali faltara à Ação Paralela.

A bela Diotima postava-se, arrebatadora em seu imperioso pacifismo, diante de seu nobre amigo. O Conde Leinsdorf não conseguia retirar suas objeções, mas admirou mais uma vez o inflamado idealismo e a ampla visão daquela mulher, e ponderou se não seria afinal vantajoso incluir Arnheim na conversa, em vez de responder logo a sugestões de tão graves consequências.

Arnheim estava inquieto, porque farejava aquela conversa sem a poder influenciar. Ele e Ulrich estavam rodeados de curiosos atraídos pela personalidade do Crespo, e Ulrich dizia:

— Há milhares de assuntos em que as pessoas se absorvem e nos quais aplicam sua inteligência. Mas quando lhes pedimos o que é humano, geral, comum a todos, sobram apenas três coisas: ignorância, dinheiro, e, quando muito, vagas lembranças de religião.

— Isso mesmo, religião! — interveio Arnheim enfaticamente, e perguntou se Ulrich acreditava que a religião já desaparecera por completo, sem deixar vestígios.

E pronunciara tão alto a palavra religião que o Conde Leinsdorf não pôde deixar de escutar.

Sua Alteza parecia ter feito algum acordo com Diotima, pois, conduzido pela amiga, aproximava-se do grupo, que se desfez com muito tato, e ele se dirigiu ao Dr. Arnheim.

De repente Ulrich se via sozinho, e sentiu-se despeitado.

Começou então — sabe Deus como, para passar o tempo, ou não ficar ali sentindo-se abandonado — a pensar na sua corrida de carruagem até a reunião. O Conde Leinsdorf, que o levara, sendo homem moderno tinha automóvel; mas como também fosse fiel à tradição, possuía igualmente uma parrelha de magníficos cavalos castanhos, com cocheiro e caleche. E quando o mordomo viera saber dos seus desejos, Sua Alteza achara conveniente ir à reunião de fundação da Ação Paralela com os dois belos animais, já quase históricos. “Este é o Pepi, aquele é o Hans”, explicara a caminho. Viam-se os flancos ondulantes dos cavalos, como colinas, e por vezes uma das cabeças olhava para o lado, no ritmo da corrida, soltando espuma pela boca. Difícil imaginar o que os animais sentiriam; era uma bela manhã, e corriam. Talvez comer e correr sejam as duas únicas paixões equinas, e como Hans e Pepi fossem castrados, o amor não era um desejo palpável em suas vidas, apenas um brilho, um sopro que por vezes recobria sua visão do mundo de uma nuvem luminosa. A paixão pela comida concentrava-se na manjedoura de mármore com deliciosa aveia, no feno verde preso em sua grade, no ruído dos cabrestos, e no cheiro acre de estábulo quente, em cujo aroma rude brotava, como agulhas, aquela forte consciência do eu, repassada de amoníaco: aqui há cavalos! A corrida era coisa diferente. Nela, a pobre alma ainda está ligada à manada, na qual o cavalo-guia ou todos de uma vez são agitados por um frêmito que vem de qualquer parte, e a manada dispara contra o vento e o sol; pois quando o animal está solitário, com espaço aberto para todos os lados, muitas vezes um louco estremecimento vara sua mente, e ele dispara sem destino, precipita-se numa terrível liberdade, tão vazia numa direção quanto noutra, até parar, perplexo, deixando-se atrair de volta com uma bacia de aveia.

Pepi e Hans eram cavalos bem treinados; adiantavam-se batendo os cascos na rua iluminada de sol e beirada pelas casas; as pessoas eram para eles uma

multidão cinzenta que não inspirava alegria nem temor; as vitrines coloridas das lojas, as mulheres expostas em cores luminosas — fragmentos de campinas que não se podem saborear; os chapéus, gravatas, livros, brilhantes, ao longo da rua: tudo um ermo. Só as duas ilhas de sonho, o estábulo e a corrida, destacavam-se de tudo isso; por vezes, Hans e Pepi sobressaltavam-se com alguma sombra, como num sonho ou num jogo, puxavam os varais recuando, reanimavam-se com uma leve chibatada e, agradecidos, voltavam a acomodar-se nos freios.

De repente, o Conde Leinsdorf se soerguera no assento e perguntara a Ulrich:

— O Stallburg me disse, doutor, que o senhor está protegendo uma pessoa? Surpreso, Ulrich não entendeu logo, e Leinsdorf prosseguiu:

— Muito bonito de sua parte. Eu sei de tudo. Acho que não há muito que fazer, pois trata-se de um sujeito horroroso; mas essa parte pessoal imponderável, necessitada de misericórdia, que todo cristão traz em si, muitas vezes se revela num indivíduo desses. E se queremos realizar algo de importante, precisamos também pensar com a maior humildade nesses desamparados. Quem sabe podemos fazer com que seja reexaminado por médicos. — Depois daquele longo pronunciamento, sustentando-se no embalo da carruagem, o Conde Leinsdorf deixou-se cair outra vez no estofamento e acrescentou: — Mas não devemos esquecer que agora, neste momento, precisamos empregar todas as nossas forças num evento histórico!

Ulrich sentia uma certa simpatia por aquele velho aristocrata ingênuo, que ainda conversava com Arnheim e Diotima; e sentiu também uma espécie de ciúme. Pois a conversa parecia muito animada; Diotima sorria, o Conde Leinsdorf arregalava os olhos, para não perder o fio, e Arnheim falava, nobre e sereno. Ulrich escutou a expressão “transportar esse pensamento para as esferas do poder”. Não suportava Arnheim, por princípio não gostava daquele “padrão Arnheim”. Aquela ligação de intelecto, negócios, fortuna e erudição era-lhe insuportável. Estava convencido de que já na noite anterior Arnheim fizera tudo para não chegar de manhã à reunião como primeiro nem último; mas talvez nem tivesse olhado o relógio antes de sair, ou só olhasse para ele ao sentar para o café da manhã, recebendo o

secretário que lhe entregava a correspondência; aí aproveitara o tempo disponível para a atividade interior que queria executar antes da partida, e entregara-se a ela livremente, certo de que preencheria exatamente o tempo, pois o que é correto, e o tempo que exige, estão ligados por uma força misteriosa, como uma estátua e o espaço onde ela cabe, ou um lançador de dardo e o alvo que acerta sem ter mirado. Ulrich ouvira muita coisa sobre Arnheim e lera alguma coisa. Em um de seus livros estava escrito que um homem que observa sua roupa no espelho não é capaz de uma atitude firme. Pois o espelho, originalmente destinado ao prazer, dizia ele, tornara-se um instrumento de medo, como o relógio, que é um mal necessário pois nossas atividades não se sucedem mais naturalmente.

Ulrich teve de mudar de pensamento para não encarar com indelicadeza o grupo vizinho, e seus olhos pousaram na criadinha que se esgueirava entre os convidados, oferecendo bebidas enquanto erguia o olhar para eles com veneração. Mas a pequena Raquel não o percebia; esquecera-se dele, até deixou de lhe oferecer sua bandeja. Ela se aproximara de Arnheim e estendia-lhe seus refrescos como se os oferecesse a um deus; teria gostado de lhe beijar a mão pequena e calma quando esta pegou a limonada e segurou o copo, distraidamente, sem que o nababo bebesse. Depois desse ponto alto, ela cumpriu seu dever como um pequeno autômato perturbado, e saiu depressa daquele aposento repleto de pernas e conversas onde se fazia a história universal, voltando para a ante-sala.

PROSSEGUIMENTO E FINAL DA GRANDE REUNIÃO. ULRICH AGRADA-SE
DE RAQUEL. RAQUEL DE SOLIMÃO A AÇÃO PARALELA RECEBE
UMA ORGANIZAÇÃO FIRME

Ulrich apreciava aquela espécie de moças ambiciosas, de bom comportamento, que na sua timidez bem-educada parecem arvorezinhas frutíferas cuja doce madureza certo dia cairá na boca de algum cavalheiro do País da Fartura, quando ele resolver abrir os lábios. “Elas devem ser corajosas e resistentes como aquelas mulheres da Idade da Pedra, que à noite partilhavam o leito e de dia carregavam, nas caminhadas, as armas e utensílios de seus guerreiros”, pensou, embora ele próprio, exceto no primeiro despertar da masculinidade, jamais tivesse andado por aquelas trilhas de guerreiro. Sentou-se, suspirando, pois a sessão recomeçara.

Lembrou-se então de que o uniforme branco e preto em que se enfiavam essas mocinhas tem a mesma cor das vestes das freiras; era a primeira vez que notava isso, e ficou admirado. Mas a divina Diotima já tomara a palavra e explicava: A Ação Paralela tinha de ser coroada por uma grande manifestação. Isto é, não podia ter um objetivo qualquer, que se divisasse de longe, por mais patriótico que fosse. Seu objetivo deveria comover o coração do mundo. Não podia ser apenas prático, era preciso que fosse uma obra de arte, um marco. Um espelho em que o mundo se olhasse, corando. Não apenas corando, mas, como no conto de fadas, deveria ver ali seu rosto verdadeiro e nunca mais esquecê-lo. Sua Alteza oferecera para isso o lema “Imperador da Paz”.

Isso posto, não se podia ignorar que as sugestões dadas até ali não correspondiam a nada disso. Se na primeira parte da sessão ela falara de símbolos, naturalmente não pensava em sopas dos pobres, mas em reencontrar aquela unidade humana perdida com a variedade dos interesses dos homens. Isso naturalmente levava a indagar se os povos de hoje, e os

tempos atuais, são capazes de grandiosas idéias comuns. Tudo o que fora sugerido era excelente, mas muito diversificado, o que revelava de saída que não tinha aquela força de união de que se precisava!

Enquanto Diotima falava, Ulrich observava Arnheim. Sua antipatia não se ligava aos detalhes fisionômicos, mas ao todo. Embora esses detalhes — o crânio imperioso de comerciante fenício, o rosto marcado mas parco de material, por isso achatado, a figura serena de um bom alfaiate inglês, e, em segundo lugar, onde o ser humano emerge das roupas, as mãos de dedos um tanto curtos — fossem bastante notáveis, era a harmonia do todo que irritava Ulrich. Os livros dele revelavam a mesma segurança: o mundo estava em ordem, contemplado por Arnheim. Ulrich sentiu o impulso de moleque-da-rua de jogar pedras ou estêreo naquela criatura educada na riqueza e perfeição, enquanto observava como ele fingia prestar atenção nas bobagens de que tinham de participar; parecia bebê-las como um conhecedor, cujo rosto expressa: não quero exagerar, mas isso aí é coisa muito especial!

Diotima acabara de falar. Logo depois do intervalo, quando estavam sentados outra vez, vira-se que todos os presentes estavam convencidos de que agora haveria um resultado. Ninguém pensara nisso, mas assumiam a postura de quem espera algo importante. E Diotima concluía dizendo que se alguém perguntasse sobre a capacidade dos tempos e dos povos atuais de terem grandes idéias em comum, era preciso acrescentar: de terem força redentora! Pois tratava-se de uma redenção: um ímpeto redentor. Em suma: era isso, embora ainda não se pudesse imaginar com exatidão o que seria *isso*. O ímpeto tinha de vir do conjunto, ou não aconteceria. Por isso, depois de uma conversa com Sua Alteza, ela se permitia a seguinte sugestão, que encerraria o encontro: Sua Alteza comentara que na verdade os grandes ministérios já se dividiam conforme a divisão do mundo em aspectos principais, como religião e educação, comércio, indústria, justiça e assim por diante. Por isso, se quisessem organizar comissões tendo à frente de cada uma um representante desses postos governamentais, e a seu lado representantes das corporações e de setores do povo, haveriam de criar um sistema contendo as forças morais básicas do mundo, que as canalizaria e filtraria. A última condensação de tudo isso seria a comissão principal, e esse sistema só precisaria ser totalizado por algumas comissões e

subcomissões especiais, como um comitê de propaganda, um de angariação de fundos, e coisas semelhantes; ela pessoalmente gostaria de criar uma comissão intelectual, para elaboração posterior das idéias fundamentais, naturalmente com a concordância das outras comissões.

Mais uma vez todos ficaram mudos, mas, agora, aliviados. O Conde Leinsdorf balançava a cabeça afirmativamente. Alguém quis saber, para melhor compreensão, como entraria numa ação dessas o elemento nomeadamente austríaco.

O General Stumm von Bordwehr ergueu-se, na resposta, embora todos os oradores antes dele tivessem falado sentados. Disse saber muito bem que o soldado sempre tinha papel modesto na sala de conferências. Mas, se tomava a palavra, não era para se juntar às insuperáveis críticas anteriores sobre as sugestões, todas excelentes. Gostaria de apresentar uma série de idéias e submetê-las a uma análise benevolente. A manifestação que se planejava deveria ter efeito no exterior. Mas o que tinha efeito no exterior era o poder de um povo. A situação da família dos países europeus era tal que, segundo Sua Alteza, a manifestação haveria de surtir grande efeito. A idéia de Estado era uma idéia de poder, segundo Treitschke; o Estado era o poder de se manter na luta dos povos. Lembrando a situação precária em que se encontravam a artilharia e a marinha, devido à indiferença do Parlamento, ele tocava numa conhecida ferida, por isso pedia que, se não encontrassem outro objetivo, obtivessem ampla participação popular nos problemas do exército e de seu armamento, o que seria um objetivo muito digno. *Si vis pacem para bellum!* A força conseguida na paz afastava a guerra, ou pelo menos a abreviava. Ele também assegurava que uma tal medida podia conciliar os povos, e seria uma manifestação expressiva de pacifismo.

Nesse momento aconteceu algo singular na sala. A maioria dos presentes tivera no começo impressão de que esse discurso não combinava com o verdadeiro objeto da reunião, mas quando o general começou a expandir-se mais acusticamente, pareceu-lhes ouvir o tranquilizador passo de marcha de batalhões bem ordenados. O sentido original da Ação Paralela, ser “melhor do que a Prússia”, erguia-se tímido, como se ao longe a orquestra do regimento tocasse a Marcha do Príncipe Eugênio, que fizera campanha contra os turcos, ou o hino nacional... Se Sua Alteza se tivesse levantado, o

que absolutamente não pretendia fazer, para sugerir que colocassem o irmão prussiano Arnheim à frente da orquestra do regimento, teriam, naquele indefinido estado de exaltação interior em que se encontravam, pensado ouvir o kaiserista “Heil Dir im Siegerkranz”, e nem teriam feito objeção.

Rachelle, no buraco da fechadura, fez um sinal: “Agora estão falando de guerra!”

Fora em parte por isso que no fim do intervalo ela voltara para a ante-sala, pois desta vez Arnheim realmente trouxera o seu Solimão. Como o tempo piorasse, o pequeno mouro viera atrás de seu amo com o sobretudo. Fizera um bico malcriado quando Raquel abrira a porta, pois era um pequeno berlinense mimado, a quem as mulheres adoravam de uma forma que ele ainda não sabia utilizar. Mas Raquel pensava que deveria falar com ele na língua dos mouros, e simplesmente nem lhe ocorrera tentar em alemão. Como tinha de se fazer entender imediatamente, passara o braço pelos ombros do menino de dezesseis anos, apontara para a cozinha, apresentara-lhe uma cadeira, e aproximara dele o que havia por perto de bebidas e bolos. Nunca fizera uma coisa dessas na vida, e quando se ergueu da mesa seu coração batia como quando se esmaga açúcar num almofariz.

— Como é seu nome? — perguntou Solimão; então, falava alemão!

— *Rachelle!* — respondeu Raquel, e fugiu correndo.

Solimão saboreou bolos, vinho e pãezinhos na cozinha, acendeu um cigarro e começou a conversar com a cozinheira. Quando Raquel voltou depois de servir na sala, isto lhe doeu. Ela disse:

— Logo vão começar a discutir um assunto muito importante lá dentro! Mas Solimão não ficou impressionado, e a cozinheira, uma mulher idosa, riu.

— Pode até haver guerra! — acrescentara Raquel, nervosa, e como clímax chegou aquele aviso do buraco da fechadura, dizendo que isso já estava quase acontecendo.

Solimão ergueu os olhos.

— Há generais austríacos na reunião? — indagou.

— Veja você mesmo! — disse Raquel. — Um deles já está aí — e foram espiar juntos na fechadura.

Lá, o olhar apanhava ora um papel branco, ora um nariz, ora passava uma grande sombra, ora rebrilhava um anel. A vida desfeita em detalhes: via-se pano verde estendido como um gramado; uma mão branca repousava, estranha, parecendo cera como num panóptico; olhando bem de viés, enxergava-se a borla dourada da espada do general. Até o mimado Solimão parecia comovido.

A vida intumescia-se ali, inquietante e fantástica, vista através da fenda da porta e da imaginação. O corpo inclinado, o sangue bramia nos ouvidos, as vozes atrás da porta rolavam como pedras ou deslizavam como sobre tábuas ensaboadas. Raquel ergueu-se lentamente. O chão parecia ondular debaixo de seus pés, o espírito daquele evento a envolveu como um pano preto usado por mágicos ou fotógrafos. Depois, também Solimão se endireitou, o sangue foi baixando tremulamente de suas cabeças. O negrinho sorria, a rubra gengiva brilhando atrás dos lábios roxos.

Enquanto, na ante-sala, esse momento passava entre os compridos mantos das pessoas importantes pendurados ao longo da parede, lento como se fosse soprado numa trombeta, na sala tomava-se uma resolução, depois que o Conde Leinsdorf dissera que deviam ser gratos à importantíssima sugestão do general, mas sem entrarem ainda no mérito da questão, decidindo apenas sobre a estrutura da organização que pretendiam estabelecer. Mas para isso, além de se adaptar o plano aos vários aspectos do mundo segundo os principais ministérios, era preciso uma resolução final, com a concordância unânime dos presentes, dizendo que, assim que se manifestasse o desejo do povo através daquela ação, ela seria apresentada a Sua Majestade, com o mais humilde pedido de dispor livremente, segundo sua graça soberana, dos meios até ali obtidos para sua execução material.

Isso trazia a vantagem de fazer o povo sentir-se objeto reconhecidamente digno da ação, mas por vontade do Soberano; tudo segundo desejo especial de Sua Alteza, pois embora fosse apenas formalidade, ele achava importante o povo não fazer nada apenas por si, sem o segundo fator da Constituição; nem mesmo tratando-se de uma homenagem.

Os demais participantes não teriam sido tão minuciosos, mas por isso mesmo não fizeram objeção. Era bom a reunião culminar com uma resolução. Pois quer se termine uma briga com uma punhalada ou se batam

os dez dedos algumas vezes nas teclas ao fim de uma peça musical, quer o dançarino se curve diante de sua dama, ou se tome uma resolução, este seria um mundo inquietante, se os acontecimentos saíssem de fininho, sem assegurar-nos ao fim, ainda uma vez, alto e bom som, que aconteceram; é por isso que se fazem estas coisas.

45

SILENCIOSO ENCONTRO DE DUAS SUMIDADES

Quando a reunião terminou, o Dr. Arnheim, inspirado por Diotima, fez uma manobra discreta para sair por último; o subsecretário Tuzzi mantinha uma trégua de respeito antes de voltar para casa, a fim de não chegar antes que a reunião terminasse.

Naqueles minutos entre a saída dos convidados e a consolidação da situação dos que ficavam, durante o trajeto de uma sala a outra, interrompido por recomendações, reflexões e a inquietação que sempre fica depois de um grande acontecimento, Arnheim seguira Diotima com o olhar, sorrindo. Ela sentia que sua casa estava tomada de um frêmito; todas as coisas que tinham deixado seus lugares por causa do acontecimento voltavam uma após a outra, como quando uma grande onda se retrai novamente sobre a areia por incontáveis pequenas cavidades e valetas. E enquanto Arnheim esperava num discreto silêncio que ela e essa agitação voltassem a se acalmar, Diotima recordou que, embora tantas pessoas já tivessem frequentado sua casa, nunca um homem estivera a sós com ela com tanta familiaridade, a ponto de se sentir a silenciosa vida da casa vazia; ninguém, além do subsecretário Tuzzi. De repente, sua castidade foi perturbada por uma idéia totalmente nova, sua casa esvaziada, na qual nem seu marido estava, lhe pareceu uma calça que Arnheim tivesse vestido. Há momentos assim, que podem acontecer à mais casta das pessoas, como monstros noturnos, e o maravilhoso sonho de um amor em que corpo e alma fossem um só iluminou Diotima.

Arnheim de nada suspeitava. Sua calça formava uma linha vertical nítida sobre o assoalho espelhado, o casaco, a gravata, sua cabeça distinta de sorriso tranquilo, não expressavam nada, tamanha era a sua perfeição. Na verdade ele tinha planejado censurar Diotima por causa do incidente na sua chegada, e prevenir-se para o futuro; mas naquele momento algo fez com

que aquele homem que lidava com os magnatas americanos como seus iguais e era recebido por reis e imperadores, aquele nababo que podia pagar qualquer mulher com platina, ficasse olhando para Diotima, fascinado, ela que na verdade se chamava Ermelinda, ou apenas Hermine Tuzzi, e não passava da esposa de um alto funcionário. E para esse “algo” precisamos mais uma vez empregar a palavra alma.

É uma palavra que já apareceu várias vezes, mas não com muita clareza. Por exemplo, como aquilo que os tempos atuais perderam ou que não se harmoniza com a civilização; aquilo que está em conflito com os impulsos físicos e os hábitos matrimoniais; aquilo que se excitava diante de um assassino, e não só com repulsa; aquilo que deveria ser liberado através da Ação Paralela; pode ser, no caso do Conde Leinsdorf, uma meditação religiosa e *contemplatio in caligine divina*; em muitas pessoas, era amor às metáforas, e assim por diante.

De todas as singularidades dessa palavra alma, porém, a mais especial é que jovens nunca a conseguem pronunciar sem rir. Até Diotima e Arnheim intimidavam-se de a utilizar sem algum contexto; pois ter uma alma grande, nobre, covarde, audaciosa ou vulgar, isso ainda se pode afirmar; mas dizer simplesmente: minha alma, isso não se consegue. Ela é uma palavra característica de pessoas de mais idade, o que só se entende porque presumimos que no curso da vida há de se tornar cada vez mais palpável algo que precisa urgentemente de um nome, sem o encontrarmos, até que por fim se usa, a contragosto, aquela palavra antigamente desprezada.

Como, pois, a descreveremos? Podemos ficar parados ou andar, como quisermos; o essencial não é o que se tem, vê, ouve, quer, agarra, domina logo à frente. A coisa jaz diante de nós como horizonte, como semicírculo; mas as pontas desse semicírculo são ligadas por um tendão, e esse tendão atravessa o mundo no meio. O rosto e as mãos espiam para fora dele, na frente, as emoções e esforços correm adiante dele, e ninguém duvida: o que estamos fazendo é sempre sensato, ou, ao menos, feito com paixão. Quer dizer, as circunstâncias externas condicionam nossas atitudes tornando-as compreensíveis; e quando, tomados de paixão, fazemos algo incompreensível, também isso tem uma estrutura. Por mais que tudo pareça compreensível e acabado, é acompanhado de uma obscura sensação de

incompletude. Falta equilíbrio, e o ser humano avança, oscilante, como um aramista. E avançando pela vida, deixando atrás de si coisas vividas, as coisas ainda por viver, e as já vividas, formam uma parede, e o caminho dele finalmente parece o de um verme na madeira, que se pode mover à vontade, até voltar atrás, mas sempre deixa em seu rastro o espaço vazio. E por essa horrenda sensação de um espaço cego e amputado atrás de tudo o que está pleno, por essa metade que sempre falta quando tudo já está inteiro, percebemos finalmente o que é isso que chamamos alma.

Pensamos, pressentimos, sentimos o tempo todo sua presença adicional, nas mais diversas formas de sucedâneos, e conforme o temperamento de cada pessoa. Na juventude, como nítida sensação de insegurança em tudo o que se faz, não sabendo se é certo ou errado. Na velhice, como espanto ao ver como se fez pouco do que na verdade se pretendia. No meio dessas duas fases, como consolo de pensar que se é um sujeito ótimo e capaz, embora nem tudo o que se faça tenha justificativa, ou que o mundo não é como devia ser, de modo que no fim tudo o que se fez de errado acaba se justificando; e por fim, muitas pessoas até pensam num Deus, que carrega no bolso aquele pedacinho que lhes falta. Mas só o amor assume diante de tudo isso uma posição especial; nesse caso excepcional é que cresce a segunda metade. A pessoa amada parece estar ali onde sempre faltara alguma coisa. As almas se unem por assim dizer dorso a dorso, e com isso se tornam supérfluas. Motivo por que a maioria das pessoas depois de passado o grande amor da juventude já não sente mais falta da alma, e essa pretensa loucura cumpre uma grata missão social.

Nem Diotima nem Arnheim tinham amado até ali. De Diotima, nós o sabemos, mas também o grande financista tinha uma alma casta, em sentido amplo. Sempre tivera medo de que as emoções que despertava nas mulheres não se dirigissem a ele mas a seu dinheiro, por isso só vivia com mulheres a quem também não dava emoções mas dinheiro. Nunca tivera um amigo, porque receava ser explorado, mas apenas companheiros de negócios, ainda que a troca comercial fosse intelectual. Assim, tinha muita experiência da vida, mas era intocado, e corria perigo de solidão quando encontrou Diotima, que lhe fora reservada pelo destino. As forças misteriosas dentro deles encontravam-se. Isso pode-se comparar apenas à passagem dos ventos alísios, à corrente do Golfo, aos tremores vulcânicos da superfície terrestre;

forças monstruosamente superiores às dos homens, aparentadas com as estrelas, movimentavam-se de um para outro, para além dos limites da hora e do dia; correntes imensuráveis. Nesses momentos é totalmente indiferente o que se diz. Subindo do friso vertical das calças, o corpo de Arnheim parecia postado na solidão das montanhas imensas; ligada a ele pelo vale, postava-se, do outro lado, Diotima, iluminada de solidão, em seus trajes da moda daquele tempo, com mangas bufantes em cima, disfarçando o peito sobre o estômago com amplas pregas artísticas e cingindo novamente o corpo abaixo do joelho. As contas de vidro da cortina da porta cintilavam como aquários, as lanças e setas nas paredes faziam tremular sua paixão mortal e cheia de plumas, e os volumes amarelos de Calman-Lévy sobre as mesas estavam calados como bosques de limoeiros. Omitiremos respeitosamente as primeiras palavras que os dois trocaram.

46

IDEAIS E MORAL SÃO O MELHOR MEIO DE PREENCHER O GRANDE VÁCUO A QUE CHAMAMOS ALMA

Arnheim foi o primeiro a se livrar daquele feitiço. Pois, na sua opinião, ficar mais tempo naquele estado não era possível sem decair num ruminar embotado, vazio e sentimental, ou sem inserir debaixo dessa adoração uma sólida estrutura de pensamentos e convicções que, entretanto, já não seriam da mesma natureza dela.

Esse método, que mata a alma mas ao mesmo tempo a conserva em pequenas doses para uso geral, sempre foi a ligação entre ela e a razão, as convicções e as ações práticas, realizada com sucesso por todas as morais, filosofias e religiões. Deus sabe o que é alma, como já se disse acima! Não pode haver dúvida de que o desejo ardente de escutar só a ela deixa livre um espaço imensurável, uma verdadeira anarquia, e temos exemplos de que almas por assim dizer quimicamente puras podem cometer verdadeiros crimes. Em compensação, sempre que uma alma tem moral ou religião, filosofia, formação burguesa mais profunda, e ideais no terreno do dever e do belo, recebe um sistema de preceitos, condições e regulamentos que tem de cumprir antes de poder pensar em ser uma alma digna de nota; e sua incandescência é dirigida, como a de um alto-forno, para belos moldes de areia.

No fundo restam então apenas questões lógicas de análise, como saber se uma atitude obedece a este ou àquele mandamento; e a alma tem o sereno caráter panorâmico de um campo de batalha depois de terminada a luta, quando os mortos jazem quietos e se pode notar onde ainda se agita ou geme algum pedaço de vida. Por isso, o ser humano realiza o mais depressa que pode essa transição. Quando o atormentam crises de fé, como por vezes acontece na juventude, logo passa a perseguir os descrentes; quando o perturba o amor, ele o transforma em casamento; e se algum outro

entusiasmo o domina, ele foge dessa possibilidade de viver sempre no fogo, começando a viver para esse fogo. Isto é, ele enche os muitos momentos de seu dia, cada um dos quais precisa ter conteúdo e impulso, não com um estado ideal mas com a atividade de obter esse estado ideal, ou seja, com os muitos meios para atingir o fim, obstáculos e ocorrências, que lhe asseguram que jamais terá de atingi-lo. Pois só idiotas, doentes mentais e pessoas com idéia fixa conseguem persistir no fogo da alma; o homem saudável tem de se contentar em explicar que a vida não lhe valeria a pena sem uma centelha desse fogo.

A vida de Arnheim era preenchida com atividades; ele era um realista, e escutara com sorriso benevolente, e certa simpatia pela boa postura social dos representantes da velha Áustria, quando na reunião se falara numa sopa dos pobres “Francisco José” e na ligação entre sentimento de dever e marchas militares; estava longe de se divertir à custa dessas idéias, como fizera Ulrich, pois estava convencido de que era preciso muito menos coragem e superioridade para seguir grandes idéias do que para fazer valer, naquelas personalidades de boa aparência, comuns e um tanto ridículas, o comovente cerne do idealismo.

Mas quando, no meio disso tudo, Diotima, estátua grega com encanto vienense, pronunciara o termo Áustria-Universal, expressão tão quente e quase tão humanamente incompreensível quanto uma labareda, alguma coisa o abalara.

Contava-se uma história a respeito de Arnheim. Na sua moradia de Berlim ele tinha uma sala repleta de esculturas barrocas e góticas. Mas a igreja católica (e Arnheim a amava muito) configura seus santos e porta-estandartes do bem geralmente em posturas de êxtase ou encantamento. Os santos morriam em todas as posições e a alma lutava com o corpo como com uma peça de roupa que se espreme depois de lavar para tirar o excesso de água. Os gestos dos braços cruzados como espadas, e os pescoços feridos, retirados de seu ambiente original e reunidos numa sala estranha, pareciam uma reunião de catatônicos num hospício. Sua coleção era muito apreciada, e levava à casa de Arnheim muitos entendidos, com os quais ele mantinha conversas elevadas, mas muitas vezes se sentava sozinho e solitário na sala, e nesses momentos tinha uma sensação muito diferente:

espanto misturado com pavor, como diante de um mundo demente. Sentia que originalmente queimava na moral um in-dizível fogo, a cuja vista até um espírito como o seu não podia fazer muita coisa além de encarar fixamente os carvões agora queimados. Essa obscura revelação daquilo que todas as religiões e mitos exprimem dizendo que as leis foram dadas no princípio da humanidade pelos deuses, portanto, a noção de um estado prévio da alma, que não fora muito correto mas ainda assim devia ter agradado aos deuses, formava uma singular fímbria de inquietação ao redor do seu pensamento, habitualmente tão seguro de si.

Arnheim tinha um ajudante de jardineiro, homem muito simples, como ele dizia, com quem seguidamente conversava sobre a vida das flores, porque com um homem desses se aprende mais do que com eruditos. Até que um dia Arnheim descobriu que esse ajudante o roubava. Levava dali, desesperadamente, tudo o que conseguia pegar, e economizava o dinheiro da venda dos objetos roubados para se tornar independente, idéia que o dominava dia e noite; mas uma vez também sumiu uma pequena escultura, e a polícia, chamada, descobriu tudo. Na noite em que Arnheim foi informado dessa descoberta, mandou chamar o homem, e durante horas a fio o censurou por seu descaminho naquela ambição feroz. Dizia-se que ele próprio ficara muito nervoso, e por vezes quase tivera de chorar numa sala escura ao lado. Pois invejava aquele homem, por motivos que não conseguia explicar nem a si mesmo, e na manhã seguinte mandou que a polícia o levasse.

Essa história era confirmada por amigos próximos de Arnheim, e ele tivera uma sensação semelhante desta vez, quando estava sozinho com Diotima numa sala, sentindo em torno das quatro paredes algo que parecia o silencioso braseiro do mundo.

ARNHEIM É, NUMA SÓ PESSOA, O QUE TODOS OS DEMAIS SÃO
SEPARADAMENTE

Nas semanas seguintes o salão de Diotima teve um novo e forte impulso. As pessoas iam até lá saber novidades sobre a Ação Paralela, e para ver o novo homem ao qual, dizia-se, Diotima se entregara, um nababo alemão, um judeu rico, um esquisitão que escrevia poemas, determinava o preço do carvão e era amigo pessoal do Imperador da Alemanha. Não só damas e cavalheiros do círculo do Conde Leinsdorf e da diplomacia apareciam lá, mas também o mundo intelectual e econômico burguês sentia-se muito atraído. Assim, especialistas na língua de Ewe acotovelavam-se com compositores, gente que nunca ouvira sequer falar uns dos outros, gente de tear e de confessionário, pessoas que ouvindo a palavra cursa^{5} pensavam em cotação nas corridas, cotação da Bolsa ou curso superior.

E então aconteceu algo inédito: um homem com quem todos podiam falar na sua linguagem, e era Arnheim.

Ele se mantinha afastado das reuniões oficiais, depois da penosa impressão que tivera no começo da primeira, mas também não participava sempre dos encontros sociais, pois ficava muito tempo fora da cidade. Naturalmente não se falara mais no posto de secretário; ele próprio convencera Diotima de que aquela idéia não era conveniente, nem mesmo para ele, e Diotima, que não podia ver Ulrich sem o julgar um usurpador, submetera-se ao julgamento de Arnheim. Ele ia e vinha; enquanto três ou cinco dias passavam como se fossem nada, ele voltava de Paris, Roma, Berlim; o que acontecia com Diotima era apenas um pequeno fragmento da vida dele. Mas ele o preferia ao resto, e o vivia com todo o seu ser.

Era compreensível que conseguisse falar sobre indústria com grandes empresários, e sobre economia com banqueiros; mas também era capaz de falar com a mesma naturalidade sobre física molecular, mística ou tiro-ao-pombo. Era um orador excelente; quando começava, não parava mais, assim

como não se consegue acabar um livro sem ter lido tudo o que quer ser dito nele; mas tinha uma maneira de falar distinta, fluente, quase melancólica, como um regato rodeado de arbustos sombrios, e isso conferia à sua eloquência algo de necessidade. Sua vasta leitura e sua memória realmente eram incomuns; conseguia dizer a peritos as mais sutis deixas sobre a especialidade deles, conhecia também todas as pessoas importantes da nobreza inglesa, francesa e japonesa, e conhecia as hípcas e campos de golfe não apenas da Europa mas da Austrália e América. Assim, até os caçadores de camurças, treinadores de cavalo e donos de camarotes no teatro da Corte, que tinham vindo para ver um judeu rico e amalucado (é uma novidade, uai — diziam em seu dialeto) saíam da casa de Diotima balançando respeitosa e a cabeça.

Sua Alteza certa vez levou Ulrich de lado e lhe disse:

— Sabe, nos últimos cem anos a nobreza teve azar com seus preceptores! Antigamente, eram pessoas das quais boa parte mais tarde entrou nas enciclopédias; e esses preceptores trouxeram professores de música e desenho, que por gratidão faziam coisas que hoje chamamos nossa cultura antiga. Mas desde que existe o novo ensino geral, e pessoas do meu meio, desculpe, conseguem o título de doutor, os mestres- preceptores ficaram ruins. Nossa juventude tem razão ao caçar faisões e javalis, cavalgar e procurar belas mulheres — é natural quando se é jovem; mas antigamente esses professores particulares dirigiam parte dessa força juvenil, mostrando que é preciso cultivar o espírito e a arte como se cultivam faisões, e é isso o que falta atualmente.

Sua Alteza tivera essa idéia, de vez em quando ocorriam-lhe coisas desse tipo; de repente, ele se virou para Ulrich e concluiu:

— Veja, tudo por causa do sinistro ano de quarenta e oito, que separou a burguesia da nobreza, para prejuízo dos dois lados!

Ele olhou, preocupado, os grupos reunidos. Sempre se aborrecia quando nos discursos de oposição no Parlamento os oradores se jactavam da cultura burguesa, e gostaria que a verdadeira cultura burguesa fosse encontrada entre os nobres; mas a pobre nobreza não apreciava essa cultura, para ela uma arma invisível com a qual era ela própria derrotada; e como no curso dos tempos sempre tivesse perdido mais poder, acabava indo à casa de

Diotima para ver do que se tratava. Era isso que por vezes sentia o Conde Leinsdorf, com o coração entristecido, ao contemplar aquela agitação; desejava que levassem mais a sério a função que os trazia àquela casa.

— Alteza, a burguesia sente em relação aos intelectuais hoje em dia exatamente o que outrora os nobres sentiam para com os preceptores! — tentou consolar Ulrich. — São pessoas estranhas a ela. Veja só como se espantam com esse Dr. Arnheim.

Mas o Conde Leinsdorf estivera olhando para Arnheim o tempo todo.

— Isso já nem é mais intelecto — disse Ulrich, falando desse espanto —, é um fenómeno, como um arco-íris que se pode pegar pelo pé e apalpar. Fala de amor e finanças, de química e viagens de caiaque, é um erudito, um latifundiário e um homem da Bolsa; em uma palavra, aquilo que todos nós somos separadamente ele é numa só pessoa, por isso nos espantamos. Sua Alteza sacode a cabeça? Mas estou convencido, foi a nuvem do chamado progresso do tempo, cujo interior ninguém vê, que o colocou aqui diante de nós.

— Não foi por sua causa que sacudi a cabeça — corrigiu Sua Alteza. — Estava pensando no Dr. Arnheim. Analisando tudo, é preciso admitir que se trata de uma personalidade interessante.

AS TRÊS CAUSAS DA FAMA DE ARNHEIM, E O SEGREDO DO TODO

Mas a pessoa do Dr. Arnheim tinha comumente aquele efeito. Ele era um homem de grande envergadura.

Sua atividade espalhava-se sobre os continentes da Terra e do saber. Conhecia tudo: os filósofos, a economia, a música, o mundo, os esportes. Expressava-se fluentemente em cinco idiomas. Os mais famosos artistas do mundo eram seus amigos, e ele comprava a arte de amanhã ainda no pé, a preços baixos. Frequentava a corte imperial e também conversava com operários. Possuía uma mansão muito moderna, reproduzida em todas as revistas de arquitetura contemporânea, e um castelo antigo, meio arruinado, no coração da aristocrática Marca, que parecia o berço carcomido do pensamento prussiano.

Raramente esse tipo de amplitude e receptividade é acompanhado de realizações pessoais; mas também nisso Arnheim era uma exceção. Uma ou duas vezes ao ano ele se recolhia em sua propriedade no campo, e lá escrevia as experiências de sua vida intelectual. Esses livros e tratados, dos quais já publicara uma imponente lista, eram muito procurados, tinham grandes tiragens, e estavam traduzidos em várias línguas; pois ninguém confia num médico enfermo, mas as palavras de quem soube cuidar de si mesmo devem conter alguma verdade. Essa era a primeira fonte da sua fama.

A segunda nascia da natureza da ciência. A ciência é muito respeitada entre nós, e com razão; mas dedicar-se à pesquisa da atividade renal, embora certamente preencha uma vida humana, sempre traz momentos, isto é, momentos humanistas, em que nos vemos inclinados a lembrar a relação dos rins com a nação. Por isso cita-se tanto Goethe na Alemanha. Se um acadêmico deseja mostrar especialmente que não é apenas erudito mas também possui um espírito vivo e voltado para o futuro, a melhor maneira de se sair bem é citar textos que não apenas nos honram mas prometem

mais honra ainda, como uma ação que está subindo; e nesses casos as pessoas gostavam muito de citar Paul Arnheim. Suas incursões no terreno das ciências, efetuadas para sustentar suas idéias gerais, nem sempre correspondiam a uma exigência mais severa. Mostravam vasta leitura, mas um especialista sempre encontrava nelas aquelas pequenas incorreções e mal-entendidos em que se reconhece tão bem um trabalho amador, como a costura de um vestido feito pela costureira de casa se distingue daquela feita num verdadeiro ateliê. Mas não se acredite que isso impedia os especialistas de admirarem Arnheim. Sorriam, condescendentes; ele os impressionava como algo moderno, um homem comentado por todos os jornais, um rei das finanças; suas realizações, cotejadas com as façanhas intelectuais dos reis antigos, eram bem superiores; e embora pudessem comentar que em suas próprias especialidades não podiam ser comparados a Arnheim, por outro lado ficavam gratos por isso, chamando-o de homem brilhante, genial, ou simplesmente universal, o que entre especialistas é como homens dizerem que uma mulher é bela para o gosto das outras mulheres.

A terceira fonte da fama de Arnheim estava na economia. Ele não se dava mal com os velhos lobos-do-mar experientes; quando precisava combinar algum grande negócio com eles, lograva até mesmo os mais espertos. Não o tinham muito em conta como comerciante, e chamavam-no “príncipe herdeiro”, contrastando com seu pai, cuja língua curta e grossa não sabia ser eloquente, mas que, em compensação, percebia nos lugares mais distantes e pelos mais sutis sinais onde havia um bom negócio. Eles o temiam e respeitavam; mas quando ouviam das exigências filosóficas que o príncipe herdeiro fazia à classe deles, entremeadas até nas conversas mais objetivas, sorriam. Era famoso por citar poetas nas reuniões de conselho administrativo, insistindo em que a economia não se podia isolar das demais atividades humanas, e só devia ser tratada num contexto com todas as questões da vida nacional, intelectual, sim, até na vida interior. Mas mesmo assim, embora sorrissem, não podiam ignorar totalmente que Arnheim Júnior ocupava cada vez mais a opinião pública exatamente devido a esses ingredientes especiais nos negócios. Ora na seção econômica, ora na política ou cultural dos grandes jornais de todas as nações, apareciam notícias sobre ele, elogios de algum trabalho de sua pena, a reprodução de algum discurso notável, pronunciado em algum lugar, a notícia de que fora

recebido por algum governante ou associação de artes; e no círculo dos grandes empresários, que habitualmente agia em silêncio, atrás de portas duplamente fechadas, não havia em breve mais nenhum homem de quem tanto se falasse.

Não se deve acreditar que os presidentes, conselheiros, diretores-gerais e diretores de bancos, siderúrgicas, conglomerados, minas e companhias de navegação comercial, fossem no íntimo pessoas maldosas como muitas vezes se diz. Exceto por seu desenvolvido senso familiar, a razão interior de ser de suas vidas é o dinheiro, e têm portanto dentes sadios e estômago forte. Estavam convencidos de que o mundo seria bem melhor se o deixássemos entregue simplesmente ao jogo livre de oferta e procura, em vez de o entregarmos aos navios de guerra, às baionetas, aos reis, e aos diplomatas desinformados no campo da economia. Mas o mundo é como é, e, por velho preconceito, cavalheirismo e senso público têm cotação mais alta que uma vida dedicada em primeiro lugar aos próprios interesses e só por corolário aos interesses gerais; além disso, incumbências do Estado situam-se moralmente acima das particulares. Assim, eles eram os primeiros a partir desses pressupostos, utilizando amplamente as vantagens que transações aduaneiras armadas ou a intervenção militar contra grevistas representam para o bem público.

Mas por esse caminho os negócios acabavam levando à filosofia, pois hoje em dia só criminosos ainda se atrevem a lesar outras pessoas sem filosofia; habituaram-se portanto a ver em Arnheim Júnior uma espécie de representante do Vaticano dos interesses deles. Apesar da ironia com que consideravam suas inclinações, agradava-lhes terem nele um homem que sabia defender tão bem as necessidades deles numa reunião de bispos quanto num congresso de sociólogos; por fim, ele obteve influência semelhante à de uma bela esposa culta, que não aprecia a eterna atividade de escritório mas ajuda aos negócios do marido porque todos a admiram. Basta agora imaginar o efeito da filosofia de Maeterlinck ou Bergson nas questões do preço do carvão ou na política de cartelização, para entender como podia ser deprimente o efeito do jovem Arnheim em Paris, Petersburgo ou Cidade do Cabo, nas reuniões de industriais e em escritórios de diretorias, sempre que lá chegava como enviado do pai, e o tinham de escutar do início ao fim. Os resultados para os negócios eram tão

importantes quanto misteriosos, e de tudo isso surgira a conhecida fama de homem de extraordinária importância e boa estrela.

Muito mais coisas se poderiam contar do sucesso de Arnheim. Dos diplomatas, que tratavam o terreno para eles estranho mas importante da economia com cautela de homens que precisam cuidar de um elefante não inteiramente confiável, enquanto ele lidava com tudo aquilo com a despreocupação de um guarda nativo. Dos artistas, a quem ele raramente ajudava, mas que mesmo assim tinham a sensação de lidarem com um mecenas. Por fim, dos jornalistas, que teriam até o direito de serem comentados primeiro, pois foram eles que através da sua admiração fizeram de Arnheim um grande homem, sem perceberem que a relação era inversa; pois tinham-lhes colocado uma pulga atrás da orelha, e acreditavam saber tudo melhor que os outros. A forma básica do seu sucesso era a mesma por toda parte; rodeado da aura encantada da sua fortuna, e da fama de sua importância, ele sempre lidava com pessoas que o superavam em seus respectivos terrenos, mas que o apreciavam, como um estranho à especialidade delas, porém com surpreendentes conhecimentos a respeito; e ele as intimidava por representar pessoalmente uma ligação do mundo delas com o dos outros, dos quais não tinham idéia.

Assim, tornara-se da natureza de Arnheim agir, diante de uma sociedade de especialistas, como um todo, um homem global. Por vezes imaginava uma espécie de era weimariana ou florentina da indústria e do comércio, liderada por pessoas fortes que aumentariam o bem-estar de todos, capacitadas a reunir em si realizações isoladas de técnica, ciências e artes, orientando-as de um ponto de vista mais elevado. E sentia ter essa capacidade. Possuía o talento de nunca ser superior aos outros em nada comprovável e detalhado, mas, através de um equilíbrio fluido, renovado a cada instante, ficar na superfície em todas as situações, o que talvez seja o talento básico de um político; além do mais, Arnheim estava convencido de que isso era um profundo mistério. Chamava-o “o mistério do todo”. Pois também a beleza de uma pessoa não consta de detalhes e coisas comprováveis, e sim de um fascinante Algo, que até se serve dos pequenos defeitos; e exatamente assim, a profunda bondade e o profundo amor, a dignidade e a grandeza de uma criatura, são quase independentes daquilo que ela faz; são mesmo capazes de enobrecer tudo o que ela possa fazer. De maneira misteriosa, o todo está à frente dos detalhes, na vida. Portanto, ainda que pessoas comuns

sejam feitas de virtudes e erros, o grande homem é que confere categoria às suas qualidades; e se o segredo do seu sucesso for que nenhum de seus méritos ou qualidades explica esse sucesso, a existência de uma força maior do que qualquer de suas manifestações externas é o segredo no qual repousa tudo o que é grande na vida. Arnheim descrevera isso em um de seus livros, e quando o escrevia quase acreditava ter tocado uma prega do manto do sobrenatural, o que deixou transparecer no texto.

CONTRASTES INICIAIS ENTRE ANTIGA E NOVA DIPLOMACIA

O contato com pessoas cuja especialidade era a nobreza hereditária não constituía exceção. Arnheim punha em surdina a própria distinção e limitava-se com tanta modéstia à nobreza do intelecto que conhece suas vantagens e limites, que depois de algum tempo os portadores de nomes aristocráticos ao lado dele pareciam ter as costas curvadas como operários, de tanto carregarem aquele peso. Foi Diotima quem melhor observou esse fato. Reconheceu o segredo com a intuição de um artista que vê concretizado o sonho de sua vida de um modo que nem ele faria melhor.

Diotima estava totalmente reconciliada com seu salão. Arnheim a prevenia contra uma supervalorização da organização externa: grosseiros interesses materiais dominariam aquela intenção pura; ele dava mais valor ao salão.

O subsecretário Tuzzi, em compensação, manifestou receio de que dessa forma não se superaria jamais o abismo dos palavrórios vazios.

Cruzara as pernas e, sobre elas, as magras mãos morenas cheias de veias; com a barbicha e olhos sulinos, parecia, ao lado de Arnheim, muito ereto no assento e vestindo um terno impecável de tecido macio, um ladrão oriental ao lado de um grande comerciante de Bremen. Ali se chocavam dois tipos de distinção; a austríaca, correspondendo a um gosto variado, dando-se vagos, ares de negligência, não se julgava nada inferior. O subsecretário Tuzzi tinha uma maneira simpática de pedir informações sobre os avanços da Ação Paralela, como se ele próprio não devesse saber diretamente o que acontecia em sua casa.

— Ficaríamos contentes se pudéssemos saber em breve o que está sendo planejado — disse ele, contemplando sua esposa e Arnheim com um sorriso amável, que devia dizer: neste caso, afinal eu sou o estranho aqui. Depois, contou que a obra conjunta de sua mulher e Sua Alteza já causava graves preocupações nos meios oficiais. Durante a última audiência com Sua

Majestade, o ministro tentara saber que manifestações exteriores do jubileu poderiam contar com a aprovação do soberano, isto é, em que medida o soberano poderia aprovar o plano de, adiantando-se aos tempos, postar-se à frente de uma ação pacifista internacional. Pois esse seria o único meio, declarou Tuzzi, se quisessem dar forma política à idéia de Sua Alteza sobre uma Áustria universal. Mas Sua Majestade, em sua soberana e conhecida prudência e reserva, continuou ele, teria recusado com energia, dizendo:

“Ah, eu não quero que me botem na frente não”. E não sabiam se isso era, ou não, uma negativa expressa de Sua Majestade.

Assim, delicadamente, Tuzzi expunha com indelicadeza os pequenos segredos da sua profissão, como faz um homem que sabe guardar muito bem os grandes segredos. E concluiu dizendo que agora as embaixadas deviam informar-se da disposição das cortes estrangeiras, porque, se não se tinha segurança da opinião da própria Corte, era preciso conseguir apoio firme em algum lugar. Pois ao fim e ao cabo havia muitas possibilidades, do ponto de vista puramente material, desde a convocação de uma conferência de paz geral, até uma reunião dos vinte soberanos, ou, em menor escala, a decoração do Palácio de Haia por artistas austríacos, ou uma fundação para filhos e órfãos de funcionários desse mesmo palácio. E acrescentou uma pergunta: o que a Corte prussiana pensaria desse Ano Jubilar?

Arnheim disse que não sabia. O cinismo austríaco o deixava aborrecido; como falasse com tanta elegância, ficava inibido na presença de Tuzzi, pois queria mostrar que é preciso frieza e seriedade ao falar em assuntos de Estado. Assim defrontavam-se diante de Diotima duas fidalguias antagônicas, dois estilos de vida pública e privada, com um toque de rivalidade. Mas ponha-se um galgo ao lado de um cãozinho de estimação, um salgueiro ao lado de um choupo, um cálice de vinho em cima de um campo arado, ou coloque-se um retrato pintado num barco à vela em vez de o porem numa exposição, alinhem-se lado a lado duas formas sofisticadas e bem marcadas de vida, e entre elas surgirá um vazio, uma anulação mútua, um maligno ridículo abismal. Diotima sentia isso com olhos e ouvidos, sem compreender, e, assustada, deu novo rumo à conversa, explicando ao marido, em tom decidido, que com a Ação Paralela pretendia antes de tudo conseguir algo de grandioso no campo espiritual, e permitir apenas a influência de pessoas realmente modernas!

Arnheim ficou grato vendo que a idéia recuperara sua dignidade, pois exatamente por ter de se defender de certos momentos de devaneio não tinha nenhuma vontade de brincar com o evento que justificava seus encontros com Diotima, assim como um náufrago não brinca com seu colete salva-vidas. Mas para sua própria surpresa, perguntou a Diotima, com alguma dúvida na voz, a quem pretendia colocar no grupo que coordenaria a parte intelectual da Ação Paralela.

Naturalmente, Diotima ainda não tinha certeza; os dias de convívio com Arnheim haviam-lhe dado tal plenitude de sugestões e idéias, que não chegara a colher resultados positivos determinados. Arnheim lhe repetira algumas vezes que não se tratava de uma democracia de comissões, mas de personalidades fortes e abrangentes; diante disso, ela simplesmente sentira: você e eu... embora isso não fosse nem decisão nem idéia clara. Provavelmente era isso que lhe recordava o pessimismo da voz de Arnheim, pois ela respondeu:

— Mas será que hoje existe alguma coisa que se possa chamar de realmente grande e importante, a ponto de se desejar concretizá-la com todas as forças?

— É característica de uma época que perdeu a segurança interior de tempos saudáveis — comentou Arnheim — dificilmente se encontrar nela algo da maior grandeza e importância.

O subsecretário Tuzzi baixara os olhos para um grãozinho de poeira em sua calça, a fim de que pudessem interpretar seu sorriso como concordância.

— Com efeito, o que poderia ser? — prosseguiu Arnheim, sondando. — A religião?

O subsecretário Tuzzi ergueu o rosto sorridente; Arnheim não pronunciara a palavra com tanta certeza e ênfase quanto antes, na presença de Sua Alteza, mas mesmo assim com agradável gravidade.

Diotima reagiu ao sorriso do marido e interveio:

— Por que não? Também a religião!

— Certamente, mas como precisamos tomar uma decisão prática, a senhora já pensou em chamar um bispo para a comissão e pedir-lhe que procure um objetivo atualizado para a ação? Deus nada tem de moderno. Não o conseguimos imaginar de fraque, rosto escanhado e cabelo repartido, mas

sempre o vemos como um patriarca. E o que existe, além da religião? A nação? O Estado?

Diotima alegrou-se, porque Tuzzi habitualmente tratava o Estado como assunto de homens, sobre o qual não se fala com mulheres. Ele ficou calado, mas seu olhar revelava que teria mais a dizer sobre o assunto.

— A ciência? — continuava Arnheim. — A cultura? Resta a arte. Realmente, seria ela que deveria espelhar em primeiro lugar a unidade da existência e sua ordem interna. Mas conhecemos bem a imagem que ela nos dá hoje em dia. Uma desintegração geral; extremos sem ligação entre si. Stendhal, Balzac e Flaubert souberam criar a epopéia dessa nova vida social e sentimental mecanizada, enquanto Dostoiévski, Strindberg e Freud descobriram os demônios das camadas subjacentes; nós, homens de hoje, temos a profunda sensação de que nesse campo não sobrou muita coisa para nós fazermos.

Aqui o subsecretário Tuzzi interveio, dizendo que quando desejava ler alguma coisa substancial preferia Homero ou Peter Rosegger. Arnheim aceitou a sugestão:

— Mas deveria acrescentar a Bíblia. Com a Bíblia, Homero e Rosegger ou Reuter, temos o bastante! E também chegamos ao cerne do problema! Suponhamos que temos um novo Homero: perguntemos com um resto de sinceridade se seríamos capazes de o escutar! Acho que devemos dizer não. Não temos um Homero porque não precisamos dele! — Arnheim estava agora na sela, e cavalgava. — Se precisássemos dele, nós o teríamos! Pois afinal, nada de negativo acontece na história universal. O que pode significar o fato de colocarmos no passado tudo o que é grande e importante? Homero e Cristo não apareceram de novo, muito menos foram superados; nada há de mais belo do que o Cântico dos Cânticos; o período gótico e a Renascença postam-se diante dos tempos modernos como montanhas diante de um vale; onde estão hoje grandes figuras de governantes? Como parece fraca a atividade de um Napoleão comparada à dos Faraós, a obra de Kant ao lado da de Buda, a de Goethe diante da de Homero! Mas afinal, estamos vivos, e precisamos viver por alguma coisa. Que conclusão devemos tirar disso? Apenas essa... — aqui Arnheim se interrompeu, assegurando que hesitava em pronunciá-lo, pois sobrava

apenas a conclusão de que tudo o que se julgava importante e grande nada tinha a ver com a força mais íntima de nossa vida.

— E essa força, o que é? — perguntou o subsecretário Tuzzi. Também achava que estavam levando as coisas demasiadamente a sério.

— Ninguém pode dizer, hoje em dia — respondeu Arnheim. — O problema da civilização só se resolve com o coração. Com o surgimento de uma nova personalidade. Com o rosto interior, e a vontade pura. A razão só conseguiu reduzir a grandeza do passado até o liberalismo. Mas talvez nós não estejamos vendo bastante longe, e calculemos com medidas demasiado pequenas. Cada minuto pode ser uma virada no mundo!

Diotima queria objetar que então nada sobrava para a Ação Paralela, mas singularmente foi arrebatada pelas sombrias visões de Arnheim. Talvez permanecesse nela um resto daquelas “tarefas escolares enfadonhas” perturbando-a sempre que procurava ler os livros mais recentes e tinha de falar sobre as mais recentes pinturas; o pessimismo em relação à arte a libertou de muitas coisas belas que no fundo não lhe haviam agradado; e o pessimismo em relação à ciência aliviou seu medo da civilização, do excesso de coisas que se deveriam saber, ou que tinham grande influência. Assim, o julgamento desolado de Arnheim sobre a época atual era para ela um bálsamo, que sentiu inesperadamente. E pelo seu coração passou docemente a idéia de que, de alguma forma, a melancolia de Arnheim tinha a ver com ela.

NOVOS ACONTECIMENTOS. O SUBSECRETÁRIO TUZZI DECIDE
INFORMAR- SE BEM SOBRE A PESSOA DE ARNHEIM

Diotima acertara. Desde o momento em que Arnheim percebera que o peito daquela magnífica mulher que lera seus livros a respeito da alma era movido por uma força evidente, fora vítima de uma timidez que lhe era estranha. Para dizer isso com brevidade, e conforme ele mesmo sentia, era a timidez do moralista a quem de repente, sem esperar, se apresenta o céu na terra; e se queremos entender seu sentimento, basta imaginar como seria se ao redor de nós não houvesse senão essa tranquila poça azul com alvas plumas macias boiando.

Em si, o ser moral é ridículo e desagradável, como o cheiro daquelas pobres pessoas resignadas que nada possuem de seu exceto a moral; a moral precisa de grandes tarefas que lhe confirmem importância, por isso Arnheim procurara o complemento de sua natureza moralista apenas nos acontecimentos mundiais, na história universal, na fundamentação ideológica de seus atos. Sua idéia predileta era introduzir o pensamento nas esferas do poder, e só tratar de negócios relacionando-os com problemas intelectuais. Gostava de tirar comparações da História para enchê-las de uma nova vida; o papel das finanças nos tempos atuais lhe parecia semelhante ao da Igreja Católica, como uma força que age ao fundo, a um tempo flexível e inflexível nas suas relações com as forças dominantes, e por vezes ele em sua própria atividade se sentia como um cardeal. Mas dessa vez viajara por capricho; e embora nunca viajasse apenas por capricho, não conseguia lembrar como tivera o plano de viajar, que aliás fora um plano significativo. Aquela sua viagem era dominada por algo parecido com inspiração imprevista, e súbita decisão, e provavelmente era essa pequena condição de liberdade que fazia com que uma viagem de férias para Bombaim dificilmente tivesse efeito mais exótico do que ir àquela cidade alemã de fora. A idéia totalmente impossível na Prússia, de

que ele seria convidado a desempenhar algum papel na Ação Paralela, completara o quadro, conferindo-lhe um caráter ilógico e fantástico, como um sonho cujo contra-senso não escapava à sua inteligência prática, sem que esta fosse capaz de romper o fascínio da fantasia. Provavelmente ele poderia ter conseguido de maneira muito mais simples, por caminhos diretos, o objetivo daquela vinda; mas encarava como férias da razão voltar para lá repetidamente, e seu espírito de homem de negócios o punia por aquela viagem à fantasia, fazendo com que o conceito péssimo que deveria atribuir a si mesmo no campo da ética se desfizesse num “mediocre” cinzento.

Não houve uma segunda oportunidade para uma reflexão tão vasta sobre as trevas como naquela ocasião diante de Tuzzi; já porque de hábito o subsecretário Tuzzi só aparecia muito rapidamente, e Arnheim tinha de dividir sua atenção entre as mais diversas personalidades, que achava extraordinariamente receptivas naquele belo país. Na presença de Sua Alteza, declarava que a crítica era estéril e os tempos atuais dessacralizados, dando a entender mais uma vez que o ser humano só poderia se salvar de uma existência tão negativa através do coração; e acrescentou, para Diotima, que só no Sul da Alemanha, região culta, ainda se era capaz de libertar a natureza alemã, e assim talvez o mundo, dos excessos do racionalismo e da mania das cifras. Rodeado de damas, ele falava sobre a necessária ternura interior para salvar a humanidade das corridas armamentistas e do materialismo. A um grupo de profissionais explicava a frase de Hölderlin, de que na Alemanha não havia mais pessoas, só profissões.

— E ninguém pode fazer nada de importante em sua profissão, se não tiver sensibilidade para uma unidade mais elevada; muito menos um financista!
— concluiu.

As pessoas gostavam de escutá-lo porque era bonito que um homem com tantas idéias também tivesse tanto dinheiro; e o fato de que todos que falavam com ele saíssem com a impressão de que uma empresa como a Ação Paralela era altamente suspeita, ligada às mais perigosas contradições espirituais, fortalecia em todos a idéia de que ninguém senão ele seria adequado para assumir a direção daquela aventura. O subsecretário Tuzzi

não seria, discretamente, um dos diplomatas mais importantes do seu país, se não tivesse percebido a presença forte que Arnheim era em sua casa; apenas não conseguia atinar o que significava. Mas nada demonstrava, pois um diplomata jamais mostra o que pensa. Aquele estranho lhe era extremamente desagradável, pessoalmente mas também por uma razão de princípios; e o fato de ter obviamente escolhido a casa de sua mulher como campo de operações para seja lá que intenção secreta tivesse era um desafio para Tuzzi. Ele não acreditara nem um instante nos protestos de Diotima, de que o nababo só visitava tão seguidamente a cidade imperial junto ao Danúbio por se sentir bem naquela cultura antiga, mas deparava com uma tarefa para cuja solução lhe faltava qualquer ponto de apoio, pois em sua vida profissional jamais encontrara homem como aquele.

Quando Diotima lhe explicara seu plano de dar a Arnheim uma posição liderante na Ação Paralela, queixando-se da resistência de Sua Alteza nesse sentido, Tuzzi ficara profundamente chocado. Não tinha grande conceito da Ação Paralela nem do Conde Leinsdorf, mas achara a idéia de sua mulher tão espantosamente desprovida de tato político, que sentiu o prolongado trabalho de educação masculina, que até ali pensara ter realizado com sucesso, desmoronar como um castelo de cartas. Secretamente o subsecretário Tuzzi até usara essa comparação, embora não se permitisse comparações: eram literárias demais e cheiravam a baixa posição social; mas dessa vez estava muito abalado.

Depois disso, porém, Diotima foi melhorando sua posição, pela teimosia. Era docemente agressiva, falava de uma nova espécie de gente que não pode deixar a responsabilidade espiritual da história universal na mão dos líderes profissionais. Falara do tato feminino, que muitas vezes pode ter um dom visionário, contemplando regiões mais amplas do que aquelas vistas no ambiente do trabalho profissional cotidiano. Por fim, disse que Arnheim era europeu, um espírito conhecido em toda a Europa, que na Europa a direção dos negócios de Estado se fazia de modo bem pouco europeu e pouco espiritual, e que o mundo só teria paz quando um espírito austríaco universal o impregnasse como a velha cultura austríaca a enroscar-se em torno dos vários ramos que, no solo da monarquia, falavam idiomas diferentes.

Ela jamais se atrevera a contrariar tão decididamente a autoridade do

marido, mas o subsecretário Tuzzi se tranquilizara provisoriamente, pois nunca dera às ambições da mulher mais importância do que a problemas de roupa. Ficava feliz quando outros a admiravam, e agora encarava aquele problema de maneira mais branda, mais ou menos como se faz quando uma mulher que gosta de roupas coloridas escolheu um enfeite colorido demais. Limitou-se a lhe repetir, sério e cortês, os motivos por quê, no mundo dos homens, parecia absurdo confiar a um prussiano, diante de todo mundo, a decisão de questões austríacas; mas de resto concordou em que poderia ser vantajoso ser amigo de um homem de tão singular posição, e assegurou a Diotima que ela estaria interpretando mal os escrúpulos dele se pensasse que ele não gostava de ver Arnheim ao lado dela sempre que possível. Secretamente, esperava conseguir assim a oportunidade de preparar uma armadilha para aquele intruso.

Só quando viu como Arnheim obtinha sucesso por toda parte Tuzzi voltou a achar que sua mulher andava ligada demais a esse homem; mais uma vez, viu que ela não ligava como antes aos desejos do marido, contradizendo-o e declarando que suas preocupações eram quimeras. Ele decidiu não brigar com a dialética feminina, mas aguardar a hora em que suas previsões haveriam de triunfar por si; teve porém um grande choque. Pois certa noite sentiu-se inquieto com alguma coisa que lhe pareceu um choro distante; no começo, isso mal o perturbou, ele simplesmente não entendia, mas de tempos em tempos, da distância, sua alma se aproximava um pouco mais daquilo; e súbito, aquela ameaçadora inquietação estava ali, junto de seu ouvido, e ele despertou tão de repente que se sentou na cama. Diotima estava deitada de lado, não se movendo, mas ele sentiu que estava acordada. Chamou-a pelo nome, baixinho, e repetiu o chamado, tentando virá-la para si, tocando com dedos ternos seu ombro branco. Mas quando a virou e seu rosto apareceu no escuro por cima daquele ombro, tinha uma expressão maligna, expressava hostilidade, e tinha chorado. Infelizmente o sono profundo logo dominara Tuzzi outra vez, puxando-o de trás, teimosamente, para os travesseiros, e o rosto de Diotima ficara pairando apenas como um semblante dolorido e desfeito, que eleja não entendia mais.

— Mas o que foi? — resmungou ele no tom abafado de quem adormece, e recebeu uma resposta clara, irritada, desagradável, que caiu na embriagues

de seu sono, permaneceu pousada ali como uma moeda brilhante dentro da água:

— Você se mexe tanto no sono, que ninguém consegue dormir ao seu lado!
— disse Diotima, em tom nítido e áspero; o ouvido dele registrou, mas no mesmo momento Tuzzi saiu da vigília sem poder refletir mais na censura.

Apenas sentiu-se gravemente injustiçado. Dormir tranquilamente era, na sua opinião, uma das virtudes do diplomata, pois era condição de qualquer sucesso. Não gostava de ser ofendido nesse terreno, e sentiu-se seriamente questionado por aquele comentário. Compreendeu que ela estava mudada. Nem mesmo no sono ocorreu-lhe suspeitar que sua mulher fosse realmente infiel, mas não duvidou de que aquele aborrecimento pessoal tinha algo a ver com Arnheim. Dormiu até de manhã, por assim dizer furiosamente, e acordou com firme decisão de informar-se sobre essa pessoa tão incômoda.

O diretor Fischel, do Banco Lloyd, era aquele diretor de banco, ou, melhor, procurador com título de diretor, que incompreensivelmente se esquecera de responder ao convite do Conde Leinsdorf, e depois não fora mais convidado. E mesmo aquele primeiro convite, devia-o somente às relações de sua esposa Clementina. Clementina Fischel vinha de uma antiga família de funcionários, seu pai fora presidente do Supremo Tribunal de Contas, seu avô conselheiro de Finanças, e três de seus irmãos tinham altos postos em vários ministérios. Ela se casara com Leo há vinte e quatro anos, por dois motivos: primeiro, porque famílias de altos funcionários costumam ter mais filhos do que fortuna, e segundo por romantismo, porque diante das limitações financeiras dos pais o banco lhe parecia uma profissão mais liberal e moderna, e uma pessoa culta do século XIX não julgava o valor de outra por ser ele judeu ou católico; naquele tempo, ela achava que era uma postura culta ignorar o ingênuo preconceito anti-semita do povo comum.

Mais tarde a pobre sentiria que em toda a Europa crescia o espírito nacionalista, e com ele uma onda de hostilidade aos judeus, que transformara seu marido, por assim dizer nos braços dela, de um respeitado espírito liberal no espírito corrosivo de um descendente de alienígenas. No começo ela reagira a isso com toda a raiva de um “coração superior”, mas com os anos fora esmagada por aquela hostilidade ingenuamente cruel, cada vez mais abrangente, e ficou intimidada pelo preconceito generalizado. Diante das desavenças cada vez mais fortes entre ela e o marido — quando ele, por motivos que nunca lhe queria explicar direito, jamais subira acima do posto de procurador, perdendo toda a esperança de vir a ser um verdadeiro diretor de banco — ela própria explicava, dando de ombros, que a mágoa era porque o caráter de Leo era estranho ao dela, embora jamais negasse diante de estranhos os princípios de sua juventude.

No fundo, essas discordâncias não passavam de falta de concordância, como em muitos casamentos a infelicidade surge assim que deixou de existir uma felicidade deslumbrante. Desde que a carreira de Leo estagnara no posto de corretor da Bolsa, Clementina não conseguia mais desculpar algumas das singularidades do marido, dizendo que ele não estava no ramerrão de um escritório de ministério, mas no “veloz tear do tempo”; quem sabe se ela não se casara com Leo exatamente por essa citação de Goethe? Suas suíças bem cortadas, que sempre a faziam pensar, com o pincenê acavalado no meio do nariz, em um lorde inglês, agora lhe recordavam o rosto de um especulador da Bolsa, e alguns hábitos no gesticular ou falar começavam a lhe parecer insuportáveis. No início, Clementina tentou corrigir o marido, mas deparou com dificuldades extraordinárias, pois viu que em lugar algum do mundo existe um critério para se saber se suíças lembram um lorde ou um corretor, e se o pincenê tem um lugar certo no nariz, e, junto com um gesto de mãos, revelam entusiasmo ou cinismo. Além disso, Leo Fischel não era homem que se deixasse corrigir. Explicava que as críticas que pretendiam transformá-lo no ideal de beleza cristão-germânico de um conselheiro ministerial eram bobagens mundanas, e recusava as censuras dela como coisas indignas de um homem sensato, pois quanto mais sua esposa se prendia a detalhes, mais ele acentuava as grandes linhas da razão. Com isso, a família Fischel aos poucos se transformou no campo de batalha de duas filosofias de vida.

O diretor Fischel do Banco Lloyd gostava de filosofar, mas só dez minutos ao dia. Gostava de reconhecer a existência humana como algo racionalmente fundamentado, acreditava em sua rentabilidade espiritual, que imaginava à semelhança da ordem bem estruturada de um grande banco, e diariamente lia com satisfação sobre novos avanços nos jornais. Essa fé nas diretrizes inabaláveis da razão e do progresso lhe tinha possibilitado há muito tempo superar as críticas da mulher com um dar de ombros ou uma resposta cortante. Mas como a desgraça tivesse querido que, no curso desse casamento, o mundo se afastasse dos velhos princípios de liberalismo, favoráveis a Leo Fischel, dos grandes ideais do livre pensamento, da dignidade humana, do livre comércio, e no mundo ocidental a razão e o progresso fossem suplantados pelas teorias raciais e os lemas demagógicos, também ele foi atingido. No começo, simplesmente negara

isso, assim como o Conde Leinsdorf costumava negar certos “fenômenos desagradáveis, indesejáveis, de caráter público”; aguardava que sumissem por si, e essa espera é o primeiro, imperceptível grau da tortura do aborrecimento que a vida impõe às pessoas honestas. O segundo grau chama-se habitualmente, por isso também no caso de Fischel, de “veneno”. O veneno é o gotejar lento de novos conceitos em moral, arte, política, família, livros, jornais e relações humanas, acompanhado de um sentimento impotente de inevitabilidade, e da indignada negativa de que eles existem, o que implica reconhecer sua existência. O diretor Fischel não foi poupado do terceiro e último grau, quando os frêmitos e ondas do *novo* se adensam numa chuva constante e com o tempo tornam-se o mais pavoroso martírio que alguém pode suportar quando tem apenas dez minutos diários para dedicar à filosofia.

Leo aprendeu que o ser humano pode ter opiniões diversas em muitas coisas. A necessidade de ter razão, que significa quase o mesmo que ter dignidade, começou a celebrar orgias na família Fischel. Essa necessidade provocou no curso dos séculos o surgimento de milhares de filosofias, obras de arte, livros, ações e associações partidárias; e quando esse admirável mas fanático e tremendo impulso, inato à natureza humana, tem de se contentar com dez minutos de filosofia de vida, ou discussões sobre os problemas triviais da vida doméstica, é inevitável que estoure como uma gota de chumbo incandescente em incontáveis pontas e dentes que podem causar as mais dolorosas feridas. Estourava quando se resolvia se deviam ou não despedir uma empregada, se deviam ou não colocar palitos na mesa; mas, seja o que for o que a levava a estourar, tinha a capacidade de se recompor imediatamente em duas filosofias de vida inesgotavelmente ricas em detalhes.

Durante o dia, quando o diretor Fischel estava no escritório, isso não tinha tanta importância, mas de noite era apenas uma pessoa, e isso piorava incrivelmente a situação entre ele e Clementina. No fundo, com a atual complicação das coisas, uma pessoa só consegue entender bem de um assunto; e no caso dele eram empréstimos e papéis. Por isso, à noite tendia a mostrar certa indulgência. Clementina, em contrapartida, também então continuava áspera e severa, pois crescera no ambiente sério e estável de uma família de funcionários públicos, além do que a consciência de sua

posição social não permitia a idéia de quartos de dormir separados, para não diminuir ainda mais a moradia já insuficiente. Mas quartos de dormir comuns, quando escuros, colocam o homem na situação de um ator que, diante da platéia invisível, precisa desempenhar o papel grato mas já tão gasto de herói que imita um leão feroz.

Há anos a escura platéia de Leo não manifestava nem o menor aplauso nem sinal de repúdio, e pode-se dizer que isso abala até os nervos mais fortes. De manhã, no café, que segundo honrada tradição tomavam juntos, Clementina estava dura como um cadáver congelado, e Leo tremia de irritação. Até a filha Gerda percebia alguma coisa e, cheia de horror e amargo desgosto, imaginava a vida matrimonial como uma briga de cão e gato na escuridão da noite.

Gerda tinha vinte e três anos e era o motivo predileto de brigas entre os genitores. Leo Fischel achava que estava na hora de ela pensar num bom casamento. Mas Gerda dizia:

— Meu caro papai, você é muito antiquado. — E sempre escolhia seus amigos num bando de camaradas da mesma idade, germano-cristãos, que não lhe ofereciam a menor previsão de sustento, que desprezavam o capital e ensinavam que nunca um judeu tivera capacidade de ser um grande símbolo para a humanidade. Leo Fischel chamava-os de patifes anti-semitas, e queria proibir-lhes a entrada em sua casa, mas Gerda dissera:

— Papai, você não entende disso, é apenas uma coisa simbólica. — Era nervosa, anêmica, e ficava logo irritada quando não era tratada com muita cautela. Por isso Fischel tolerava aquele convívio como outrora Odisseu tivera de tolerar em sua casa os pretendentes de Penélope, pois Gerda era o raio de sol de sua vida; mas não tolerava isso calado, pois não era de sua natureza. Pensava saber o que eram moral e grandes idéias, e dizia isso em todas as oportunidades, para exercer uma boa influência sobre Gerda.

Ela sempre respondia:

— Sim, papai, você teria toda a razão, se não se devesse encarar esse assunto de modo fundamentalmente diferente do seu!

E o que fazia Clementina quando Gerda falava daquele jeito? Nada! Calava-se com o ar resignado, mas Leo estava certo de que apoiaria a

vontade de Gerda, atrás das costas dele, como se *ela* soubesse o que eram símbolos! Leo Fischel sempre tivera todos os motivos para supor que sua boa cabeça judia era superior à da esposa, e nada o deixava mais indignado do que observar que ela se aproveitava das maluquices de Gerda. Por que ele de repente já não seria capaz de pensar de maneira moderna? Que idéia! Então lembrava-se da noite. Aquilo já não era desonra; era arrancar a honra pela raiz! De noite a pessoa veste só um camisolão, logo por baixo aparece o caráter. Nem esperteza nem conhecimentos profissionais o protegiam. Toda a sua personalidade em jogo. Nada mais. O que significava, então, Clementina fazer cara de quem o considerava um selvagem, quando se falava em idéias germano-cristãs?

Mas o ser humano suporta tão pouco a suspeita quanto papel de seda suporta chuva. Desde que Clementina não achava mais Leo bonito, achava-o insuportável, e desde que Leo sentia que Clementina duvidava dele, pensava ver em todas as ocasiões algum complô familiar. Mas Clementina e Leo, como todo mundo formado com moral e literatura, prendiam-se ao preconceito de que dependiam um do outro por suas paixões, caracteres, destinos e ações. Na verdade, naturalmente mais da metade da vida consta, não de ações mas de teses cujas idéias assimilamos, de opiniões e objeções, da impessoalidade acumulada de tudo o que se ouviu dizer ou se sabe. O destino do casal dependia em boa parte de uma estratificação sombria, dura, desordenada, de pensamentos que não eram deles mas da opinião pública, e com ela tinham mudado sem que eles pudessem se defender.

Diante dessa dependência, a dependência pessoal mútua era apenas uma parcela insignificante, um resto insensatamente supervalorizado. E enquanto se metiam na cabeça que tinham uma vida particular, questionando-se reciprocamente quanto a caráter e vontade, a desesperada dificuldade de tudo residia exatamente na irrealidade dessa disputa, que disfarçavam com toda a sorte de mágoas.

Para desgraça de Leo Fischel ele nem jogava cartas nem se divertia com mocinhas bonitas, mas, vindo do serviço cansado, entregava-se como vítima a um forte senso de família, enquanto sua mulher, sem nada para fazer dia e noite senão formar o seio daquela família, já não se iludia com nenhuma fantasia romântica. De vez em quando Leo tinha a sensação de uma sufocação impalpável que o ameaçava de todos os lados. Era uma eficiente

pequena célula no corpo social, cumpria bravamente seu dever, mas recebia de toda parte fluidos venenosos. E embora isso pairasse muito acima da sua necessidade de filosofia, abandonado pela companheira de vida, já homem idoso que não reconhece motivo de largar a moda sensata da sua juventude, começou a pressentir a profunda nulidade da vida espiritual, sua insubstancialidade, a constante troca de formas, o lento mas incessante giro que vai arrastando todas as coisas.

Numa dessas manhãs em que seu pensamento estava entretido com problemas familiares, Fischel esquecera de responder o convite de Sua Alteza, e, depois disso, ouviu por manhãs seguidas descrições dos acontecimentos no círculo da esposa do subsecretário Tuzzi, que o faziam lamentar profundamente não ter percebido aquela oportunidade de Gerda entrar na melhor sociedade. O próprio Fischel não tinha consciência muito limpa, pois o seu diretor-geral e o presidente do Banco do Estado estavam nesse meio, mas é sabido que negamos mais veementemente aquelas acusações que mais nos deixam divididos entre inocência e culpa. Mas todas as vezes que, com a superioridade de um homem de ação, Fischel tentava rir daquela ação patriótica, explicavam-lhe que um financista que estava à altura de seu tempo, como Paul Arnheim, pensava de outro modo. Era de espantar tudo o que Clementina, e também Gerda — que, naturalmente, de hábito contrariava os desejos da mãe — conseguiam saber sobre aquele homem; e como também na Bolsa se contasse muita coisa singular a respeito dele, Fischel sentiu-se levado à defensiva, pois não podia partilhar daquelas opiniões nem queria afirmar que um homem com aquelas relações comerciais não deveria ser levado a sério.

Mas, quando Fischel se sentia obrigado a tomar a defensiva, esta assumia a forma muito apropriada de uma contramina, isto é, ele calava-se, impenetrável, diante de todas as alusões relacionadas com a família Tuzzi, Arnheim, a Ação Paralela e seu próprio fracasso; colhia informações a respeito da estadia de Arnheim, e secretamente aguardava algum acontecimento que desmascarasse de um golpe a nulidade daquele empreendimento, e desfizesse a alta cotação familiar daquele assunto.

O SUBSECRETÁRIO TUZZI CONSTATA UMA FALHA NO FUNCIONAMENTO
DE SEU MINISTÉRIO

O subsecretário Tuzzi teve, logo depois de sua decisão de informar-se sobre a pessoa do Dr. Arnheim, a satisfação de descobrir uma grave falha na estrutura do Ministério do Exterior e da Casa Imperial, que constituía o centro de sua atenção: ele não estava preparado para pessoas como Arnheim. O próprio Tuzzi lia apenas memórias, a Bíblia, Homero e Rosegger no terreno da literatura, e vangloriava-se um pouco disso, porque o impedia de se dispersar demais; mas reconheceu que era uma falha não encontrar em todo o Ministério do Exterior um homem que tivesse lido algum livro de Arnheim.

O subsecretário Tuzzi tinha direito de convocar os outros chefes de seção, mas na manhã após aquela noite agitada pelas lágrimas ele se dirigira ao chefe do departamento de imprensa, julgando que não se poderia atribuir àquela entrevista sentido oficial. O chefe do departamento de imprensa admirou o subsecretário Tuzzi pelos muitos detalhes da personalidade de Arnheim que já conhecia, admitiu já ter ouvido falar nele, mas logo negou que estivesse arquivado em seu departamento, pois, que se lembrasse, ele jamais fora objeto de algum relatório oficial, e compreensivelmente o material jornalístico que coletava não podia abranger todas as manifestações de pessoas privadas. Tuzzi concordou com isso, mas comentou que hoje em dia nem sempre se podia determinar com clareza o limite entre importância privada ou pública das pessoas e dos acontecimentos, o que o chefe do departamento de imprensa considerou de grande clareza de visão; e depois disso, os dois chefes de seção concordaram em que estavam diante de uma lacuna bem interessante do sistema.

Era evidentemente uma manhã de certa calma na Europa, pois os dois

chefes de seção mandaram vir o chefe de gabinete e disseram que preparasse uma pasta com o nome *Arnheim, Dr. Paul*, embora de momento continuasse vazia. Depois do chefe de gabinete vieram o diretor do arquivo de documentos, e do arquivo de recortes de jornal, que foram capazes de dizer imediatamente de cabeça e irradiando eficiência, que um Arnheim não estava registrado em seus departamentos. Por fim, mandaram vir ainda um dos jornalistas do ministério que diariamente deviam folhear os jornais e apresentar recortes aos chefes, e todos fizeram caras significativas quando lhes perguntaram sobre Arnheim, assegurando que ele era citado frequentemente e em tom favorável nos jornais que liam, mas não conseguiram dizer nada sobre o conteúdo dos textos dele, porque, como puderam informar imediatamente, a atividade dele não estava incluída nas tarefas dos boletins oficiais. O funcionamento impecável da maquinaria do Ministério do Exterior comprovava-se a um apertar de botão, e todos os funcionários saíram da sala com a sensação de terem provado muito bem sua capacidade.

— É bem como eu lhe disse — comentou o chefe do departamento de imprensa virando-se para Tuzzi, satisfeito —, ninguém sabe coisa alguma.

Os dois chefes de seção tinham escutado os relatórios com sorriso digno, sentados — preparados para a eternidade por aquele ambiente, como moscas no âmbar — em magníficas poltronas de couro sobre um tapete vermelho macio, atrás das cortinas vermelho-escuras das altas janelas da sala branca e dourada que vinha dos tempos de Maria Teresa, e reconheceram que a falha no sistema, que pelo menos haviam descoberto, era difícil de preencher.

— No departamento — disse o chefe com orgulho — se registra toda a manifestação pública; mas é preciso delimitar o conceito de público. Posso garantir que se encontrará em dez minutos em nossos arquivos cada aparte feito por um deputado em qualquer sessão no ano em curso, e cada aparte dos últimos dez anos em no máximo meia hora, tratando-se de política externa. Isso vale para qualquer artigo sobre política em jornal; os meus funcionários trabalham escrupulosamente. Mas são manifestações palpáveis, por assim dizer responsáveis, relacionadas com acontecimentos sólidos, poderes e conceitos firmes. E se eu me perguntar, do ponto de vista exclusivamente profissional, em que categoria o funcionário que faz os

resumos ou o catálogo deve registrar algum ensaio de alguém que fala só em seu próprio nome... por exemplo, a quem posso citar?

Tuzzi, solícito, citou o nome de um dos mais jovens escritores que frequentavam o salão de Diotima.

O chefe do departamento de imprensa ergueu os olhos para ele, inquieto e com ar de quem não ouve bem.

— Pois então, que seja esse; mas qual o limite entre aquilo que se deve levar em conta e o que se omite? Já houve até poemas políticos. Deveríamos registrar todos os fazedores de versinhos...? Ou quem sabe só autores do Burgtheater...

Os dois riram.

— Como se pode detectar o que essa gente quer dizer, ainda que fossem Schiller e Goethe? Naturahnente sempre tem algum sentido mais elevado, mas para objetivos práticos eles se contradizem a toda hora.

Os dois cavalheiros entendiam que corriam perigo de se esforçar por alguma coisa “impossível”, tomando a palavra também com aquele sabor de ridículo social para o qual diplomatas são tão sensíveis.

— Não se pode agregar ao ministério um estado-maior inteiro de críticos de livros e teatro — constatou Tuzzi, sorrindo. — Mas, por outro lado, já que percebemos isso, não se pode negar que essas pessoas têm lá sua influência na formação das idéias dominantes no mundo, e que dessa maneira também influenciam a política.

— Mas isso não se faz em nenhum ministério do exterior do mundo — disse o outro, vindo em seu auxílio.

— Certamente. Mas água mole em pedra dura tanto dá até que fura. — Tuzzi achou que a citação expressava muito bem certo perigo. — Talvez se devesse tentar organizar alguma coisa?

— Não sei, tenho escrúpulos — disse o outro chefe de seção.

— Eu também, é claro! — acrescentou Tuzzi. Ao fim dessa entrevista estava com uma sensação incômoda, como se tivesse língua pastosa, e não conseguia discernir direito se era tolice o assunto de que falara, ou se ainda acabaria sendo fruto daquela sagacidade que o tornara famoso. Também o chefe do departamento de imprensa não conseguia distinguir isso, portanto os dois asseguraram um ao outro que mais tarde voltariam a falar no caso.

O chefe do departamento de imprensa deu ordem de encomendarem a obra completa de Arnheim para a biblioteca do setor, a fim de que o assunto não ficasse no ar,

e o subsecretário Tuzzi dirigiu-se a um setor político, onde solicitou que pedissem à embaixada em Berlim um relatório completo sobre a pessoa de Arnheim. Era a única coisa que lhe restava fazer naquele momento, e antes que esse relatório chegasse só havia sua esposa para informá-lo sobre Arnheim, o que se tornara muito desagradável. Lembrou-se da frase de Voltaire, de que as pessoas empregam palavras para esconder seus pensamentos, e utilizam pensamentos para fundamentar seus erros. Certo, isso sempre fora diplomacia. Mas uma pessoa falar e escrever tanto quanto Arnheim para esconder suas verdadeiras intenções com palavras o inquietava como uma coisa nova, que precisava desvendar.

MOOSBRUGGER É LEVADO A OUTRA PRISÃO

O assassino de prostitutas Christian Moosbrugger fora esquecido poucos dias depois de cessarem as notícias de jornal sobre o seu processo, e a excitação pública se dirigira a outros assuntos. Só um círculo de peritos ainda se ocupava dele. Seu defensor apresentara recurso da sentença, pedira novo exame de seu estado mental, e fizera mais algumas coisas: a sentença fora adiada por tempo indefinido, e levaram Moosbrugger a outra prisão.

A cautela empregada nesse procedimento o lisonjeava; espingardas carregadas, muita gente, algemas de ferro em braços e pernas. Davam-lhe atenção, tinham medo dele, e Moosbrugger gostava disso. Quando entrou no camburão, olhou em torno esperando admiração, e espiou os rostos espantados dos passantes. Vento frio soprando rua abaixo agitou seu cabelo encacheado, ar puro o atordoou. Por dois segundos; depois um policial lhe deu um empurrão no traseiro, para o meter dentro do carro.

Moosbrugger era vaidoso; não gostava de ser empurrado assim; receava que os guardas poderiam dar-lhe encontrões, gritar com ele ou rir dele; o gigante algemado não ousou encarar os que o levavam, e escorregou, voluntariamente, até o canto do carro.

Mas não tinha medo da morte. É preciso suportar muitas coisas na vida, que certamente doem mais do que ser enforcado, e se vivermos uns anos a mais ou a menos é fato sem a menor importância. O orgulho passivo de um homem que fica muito tempo preso proibia-lhe de ter medo do castigo; mas mesmo fora isso não era apegado à vida. O que poderia amar na vida? Não o vento de primavera ou as estradas amplas, ou o sol; isso apenas dá cansaço, calor, poeira. Ninguém que conheça isso realmente o aprecia. “Poder dizer”, pensou Moosbrugger, “ontem comi um excelente assado de porco na taverna ali na esquina!” Seria bem melhor. Mas também a isso se podia renunciar. O que o teria alegrado seria satisfazer sua vaidade, mas

essa sempre se chocara contra os tolos insultos dos outros. Através do banco do carro seu corpo recebia o balanço desordenado das rodas; além das grades da porta, passavam em disparada as pedras do calçamento, caminhões ficavam para trás, por vezes homens, mulheres ou crianças cambaleavam atravessando as grades, um fiacre chegava de longe, crescia, aproximava-se mais, começava a irradiar movimento como uma bigorna de ferreiro solta fagulhas, as cabeças dos cavalos pareciam querer rebentar a porta, depois o matraquear dos cascos e o som macio das rodas de borracha passavam ao longo da parede. Moosbrugger virou lentamente a cabeça para trás e fitou novamente o teto, no canto onde ele se encontrava com a parede. O ruído da rua bramia, reboava; estendia-se como um pano sobre o qual passava rápida, aqui e ali, a sombra de algum incidente. Moosbrugger considerava aquela viagem apenas uma mudança, sem prestar muita atenção ao seu significado. Entre suas sombrias e quietas fases de prisão corria um quarto de hora de tempo impenetravelmente branco e espumante. Era assim que, aliás, sempre sentira a sua liberdade. Nada de particularmente belo. “Essa história da última refeição”, pensou, “do padre na cadeia, do carrasco e do quarto de hora antes de tudo acabar, não há de ser muito diferente disto; também se há de dançar sobre rodas, para diante, será preciso cuidar o tempo todo para não escorregar do banco com os solavancos, e não se poderá ver nem ouvir muita coisa, porque as pessoas estarão saltando ao redor. Deve ser a coisa mais sensata descansar de tudo isso, finalmente!”

A superioridade de um homem que se libertou do desejo de viver é enorme. Moosbrugger lembrou-se do comissário que o interrogara pela primeira vez na polícia. Fora um homem distinto, que falava baixo.

— Veja, Sr. Moosbrugger — ele dissera —, eu lhe peço encarecidamente: não me negue esse êxito! — E Moosbrugger respondera:

— Bom, se deseja ter êxito, então vamos fazer logo o protocolo.

Mais tarde, o juiz não tinha querido acreditar nisso, mas o comissário o confirmara diante do tribunal.

— Se não quiser aliviar sua consciência por amor a si mesmo, dê-me a satisfação pessoal de fazê-lo por minha causa. — Fora isso que o comissário repetira diante de todo o tribunal, até o presidente dera um sorriso amável, e

Moosbrugger se levantara.

— Meus respeitos pelo testemunho do senhor comissário de polícia! — dissera em voz alta, e acrescentara com uma elegante mesura: — Embora o senhor comissário me tenha despachado dizendo: “Acho que não nos veremos nunca mais”, eu tenho a honra e o prazer de rever hoje o senhor comissário.

O sorriso de quem concorda consigo mesmo iluminou o rosto de Moosbrugger, e ele esqueceu os soldados sentados à sua frente e os solavancos do carro que o jogavam de um lado para outro.

EM CONVERSA COM WALTER E CLARISSE, ULRICH MOSTRA-SE
REACIONÁRIO

Clarisse disse a Ulrich:

— É preciso fazer alguma coisa por Moosbrugger, esse criminoso tem ouvido musical!

Numa tarde livre Ulrich fizera afinal aquela visita tão brutalmente impedida pela sua detenção.

Clarisse segurava a lapela do casaco dele; Walter estava parado ao lado dela, ar dissimulado.

— O que quer dizer com isso: ouvido musical? — perguntou Ulrich sorrindo. Clarisse fez um ar divertido e envergonhado. Involuntariamente. Como se a vergonha brotasse por todos os seus poros, e ela tivesse de fazer uma careta divertida para escondê-la. Largou-o.

— Ora, nada de mais — disse ela. — Agora você se tornou um homem influente! — Nem sempre se conseguia entender o que ela pretendia.

O inverno chegara e passara outra vez. Ali, fora da cidade, ainda havia neve; campos brancos, e entre eles a terra negra como água escura. O sol derramava-se igualmente sobre todas as coisas. Clarisse vestia um casaquinho laranja e um gorro de lã azul. Estavam os três passeando, e Ulrich teve de lhe explicar os textos de Arnheim ali no meio da natureza caoticamente exposta. Neles falava-se de séries algébricas e anéis de benzol, da concepção materialista de história e da universalista, de suportes de pontes, da evolução da música, do espírito do automóvel, de Hata 606, da teoria da relatividade, da atomística de Bohr, do processo de solda autógena, da flora do Himalaia, da psicanálise, da psicologia individual, da psicologia experimental, da psicologia fisiológica, da psicologia social, e todas as outras conquistas que impedem um tempo eivado delas de produzir pessoas boas, íntegras e homogêneas. Mas tudo isso aparecia nos textos de

Arnheim de modo muito tranquilizador, pois ele assegurava que tudo o que não entendemos é apenas uma perversão de forças estéreis da razão, enquanto a verdade é sempre simples, é a dignidade humana e o instinto para verdades sobre-humanas que qualquer um pode obter desde que leve uma vida simples e esteja ligado às estrelas.

— Muitas pessoas dizem coisas parecidas hoje em dia — explicou Ulrich —, mas em Arnheim a gente acredita, porque podemos imaginá-lo como um homem importante e rico que certamente conhece muito bem tudo aquilo de que fala, e esteve pessoalmente no Himalaia, tem automóveis e usa anéis de benzol, quantos quiser!

Clarisse queria saber como eram anéis de benzol; tinha uma vaga lembrança de anéis de cornalina.

— Clarisse, apesar de tudo você é encantadora! — disse Ulrich.

— Graças a Deus ela não precisa entender toda essa maluquice química! — de fendeu-a Walter; mas depois começou a defender os textos de Arnheim que tinha lido. Não queria dizer que Arnheim era o melhor que se pudesse imaginar, mas era o melhor que a atualidade produzira; era um novo espírito! Uma ciência incontestável, mas ao mesmo tempo algo além do saber! E assim acabou o passeio. O resultado final foram pés molhados, cérebro excitado como se os finos ramos das árvores rebrilhando nus no sol de inverno tivessem ficado espetados iguais a lascas na retina, o desejo vulgar de café quente, e o sentimento do desamparo humano.

Um vapor de neve subia dos seus sapatos, Clarisse divertiu-se porque a saleta ficaria suja, e Walter ficou todo o tempo com os lábios grossos e femininos torcidos porque procurava briga. Ulrich falou da Ação Paralela. Chegando a Arnheim, começaram a discutir outra vez.

— Vou lhe dizer o que tenho contra ele — repetiu Ulrich. — O homem de ciência hoje em dia é uma coisa inevitável; não se pode querer não-saber! E nunca a diferença entre a experiência de um especialista e de um leigo foi tão grande quanto hoje. No saber de um massagista ou de um pianista, qualquer um nota isso; hoje não se manda mais nenhum cavalo às pistas de corrida sem preparação especial. Só nas questões da vida humana todo mundo se julga chamado a decidir, e um velho preconceito afirma que nascemos e morremos como seres humanos! Mas se eu sei que mulheres há cinco mil anos escreviam textualmente as mesmas cartas a seus amantes que

as mulheres de hoje, não posso mais ler uma dessas cartas sem perguntar a mim mesmo se algum dia isso não deveria mudar!

Clarisse mostrava-se inclinada a concordar. Walter, pelo contrário, sorria como um faquir que não quer tremer nem com um cílio enquanto lhe enfiam nas bochechas uma agulha de prender chapéu.

— Isso quer dizer apenas que você se nega, até nova ordem, a ser um ser humano! — objetou.

— Mais ou menos. E isso dá uma desagradável sensação de amadorismo!

— Depois de refletir um pouco, Ulrich prosseguiu: — Os especialistas nunca concluem sua tarefa. Não apenas não estão prontos hoje, mas nem conseguem imaginar o término de sua atividade. Talvez nem mesmo o desejem. Pode-se imaginar, por exemplo, que a pessoa ainda tenha uma alma depois que aprendeu a entendê-la totalmente do ponto de vista biológico e psicológico, e aprendeu a tratá-la? Apesar disso, desejamos esse estado de coisas! É isso. Saber é um comportamento, uma paixão. No fundo, um comportamento proibido; pois assim como o vício da bebida, do sexo e da violência, também a obsessão de saber forma um caráter desequilibrado. E não é certo que o pesquisador procura a verdade, ela é que o persegue. Ele a suporta. A verdade é verdadeira, e o fato é real, sem se importarem com o pesquisador; este apenas tem paixão por eles, tem o vício dos fatos, que marca seu caráter, e pouco lhe importa que suas constatações formem ou não um todo, algo humano e perfeito. Sua natureza é contraditória, sofredora, mas incrivelmente enérgica!

— E daí? — perguntou Walter.

— E daí o quê?

— Você não vai querer afirmar que a gente pode deixar tudo assim!

— Eu gostaria — disse Ulrich calmamente. — Nossa visão do que nos rodeia e de nós mesmos muda a cada dia. Vivemos num tempo de transição. Talvez ele dure, se não enfrentarmos com mais coragem nossas tarefas essenciais até o fim do planeta. Apesar disso, quando nos colocam no escuro, não devemos começar a cantar de medo como crianças. Cantar de medo é o que fazemos quando fingimos que sabemos como nos portar aqui embaixo; você pode berrar o quanto quiser, é apenas puro medo! De resto, estou convencido de que estamos galopando! Ainda andamos longe dos objetivos, não nos aproximamos, nem os vemos, vamos nos perder ainda

muitas vezes nessa cavalgada, e ter de trocar de cavalos; mas um dia — depois de amanhã ou em dois mil anos — o horizonte vai começar a disparar ao nosso encontro, com um grande bramido!

Estava ficando escuro. “Ninguém pode ver meu rosto”, pensou Ulrich. “Nem eu mesmo sei se estou mentindo.” Falava como quem resume num momento de inconsciência o resultado de uma certeza de várias décadas. Lembrou que aquele sonho de juventude que estava apresentando a Walter se esvaziara há muito. Não quis continuar falando.

— E você quer que renunciemos a qualquer sentido de vida? — perguntou Walter asperamente.

Ulrich perguntou-lhe para que precisava de sentido. Assim também se podia viver, na sua opinião.

Clarisse deu uma risadinha. Não era por mal, apenas a pergunta lhe parecera tão engraçada.

Walter acendeu a luz, pois não achou necessário deixar a Ulrich, diante de Clarisse, a vantagem da escuridão. Uma luz irritante jorrou sobre os três.

Ulrich declarou, obstinado:

— Tudo o que se precisa na vida é a convicção de que nosso negócio vai melhor que o do vizinho. Isso é: seus quadros, minha matemática, os filhos e a mulher de alguém; tudo o que assegura ao ser humano que ele não é nada de extraordinário mas que nessa maneira de não ser extraordinário ele não encontra facilmente ninguém que o iguale!

Walter não voltara a se sentar. Estava inquieto. Triunfante. Exclamou:

— Sabe o que está dizendo? Conversa fiada! Você é simplesmente um austríaco.

Está ensinando a filosofia nacional da Áustria, a conversa fiada!

— Talvez isso não seja tão ruim quanto você pensa — respondeu Ulrich. — Partindo da apaixonada necessidade de precisão e exatidão ou beleza, pode-se chegar ao ponto de gostar mais de uma conversa fiada do que de todos os esforços do novo espírito! Parabéns por você ter descoberto a mensagem da Áustria ao mundo.

Walter quis responder. Mas viu que o sentimento que o impulsionara não fora só triunfo, e sim — como dizer? — também o desejo de sair por um momento. Hesitou entre, os dois desejos, mas não se podiam conciliar, e seu olhar deslizou dos olhos de Ulrich para o caminho da porta.

Quando ficaram sozinhos, Clarisse disse:

— Aquele assassino tem ouvido musical. Quer dizer... — ela interrompeu-se, depois prosseguiu, misteriosa: — Não se pode dizer nada, mas você tem de fazer alguma coisa por ele!

— O que posso fazer?

— Libertá-lo.

— Você está sonhando.

— Então você não pensa realmente tudo isso que diz ao Walter?! — indagou Clarisse, e seus olhos pareciam exigir dele uma resposta cujo conteúdo ele não conseguia adivinhar.

— Não sei o que você está querendo — disse.

Clarisse olhou obstinadamente os lábios dele; depois repetiu:

— Mesmo assim você devia fazer o que lhe disse; e ia se transformar.

Ulrich a contemplava. Não entendia direito; devia ter ouvido mal; omitira alguma comparação ou algum como-se-fosse que desse sentido às palavras dela. Parecia tão singular ouvi-la falar sem sentido, tão natural como se fosse alguma experiência bem comum.

Mas Walter regressou.

— Posso admitir... — começou. A interrupção abrandara o diálogo.

Voltou a sentar-se na sua banquetta do piano, e encarou satisfeito os sapatos cheios de terra. Pensava: “Por que não há terra nos sapatos de Ulrich? Ela é a última salvação do homem europeu.”

Ulrich fitava as pernas acima dos sapatos de Walter; estavam metidas em meias pretas de algodão e tinham a forma feia de flácidas pernas de mocinha.

— É preciso valorizar um homem que hoje em dia ainda deseje ser uma totalidade — disse Walter.

— Isso não existe mais — opinou Ulrich. — Basta olhar um jornal. Ele está cheio de uma imensa opacidade. Fala-se de tantas coisas, que seria preciso mais capacidade de pensar do que a de um Leibnitz. Mas a gente nem percebe mais isso; mudamos totalmente. Não há mais um homem inteiro diante de um mundo inteiro, mas uma coisa humana se move num líquido nutritivo generalizado.

— Muito bem — disse Walter imediatamente. — Não existe mais a cultura

completa no sentido goethiano. Mas em compensação, para cada pensamento existe hoje um contrapensamento, e para cada inclinação uma que se lhe opõe. Cada ação e seu oposto encontram hoje no intelecto seus mais argutos motivos para serem defendidas ou condenadas. Não entendo como pode apoiar essa idéia!

Ulrich deu de ombros.

— É preciso retirar-se completamente de tudo — disse Walter baixinho. Seu amigo respondeu:

— Mas como as coisas estão, também se pode viver. Talvez estejamos a caminho de uma nação de formigas ou qualquer outra divisão pouco cristã do trabalho. — Ulrich percebeu que tanto podiam concordar quanto discutir. O desprezo ficava tão evidente na cortesia como uma guloseima numa galantina. Ele sabia que também suas últimas palavras teriam de irritar Walter, mas começou a querer falar com alguém com quem concordasse inteiramente. Outrora, ele e Walter tinham tido conversas assim. Nelas, as palavras são extraídas do peito por uma força secreta, e nenhuma erra seu objetivo. Mas quando se fala com aversão, elas sobem como nevoeiros numa superfície gelada. Encarou Walter sem raiva alguma. Estava certo de que também o outro tinha a sensação de deturpar-se interiormente à proporção que o diálogo avançava, mas que atribuía a culpa a ele. “Tudo o que pensamos é simpatia ou antipatia!”, pensou Ulrich. Naquele momento isso lhe pareceu tão certo que ele o sentiu como um impulso físico, semelhante ao toque de pessoas que balançam comprimidas umas às outras. Olhou em volta, procurando Clarisse.

Mas Clarisse aparentemente há muito deixara de escutar; pegara um jornal de cima da mesa, em algum momento da discussão; e depois procurara dentro de si mesma o motivo por que isso a divertia tanto. Sentia diante dos olhos aquela imensa opacidade de que Ulrich falara, e sentia o jornal nas mãos. Os braços desdobravam a escuridão e abriam-se. Os braços formavam com o tronco do corpo duas traves em cruz, o jornal pendurado no meio. Era isso que era divertido, mas Clarisse não tinha as palavras para descrevê-lo. Apenas sabia que estava olhando o jornal sem ler, e que em Ulrich parecia haver algo de misterioso e bárbaro, uma força parecida com a dela, mas não tinha sobre isso nenhum pensamento mais preciso. Seus lábios estavam entreabertos como se fosse sorrir, mas de forma

inconsciente, numa tensão paralisante e desarticulada. Walter prosseguia, baixinho:

— Você tem razão ao dizer que hoje não há mais nada de sério, racional ou pelo menos compreensível. Mas por que não quer entender que essa crescente racionalidade que invade todas as coisas é culpada disso? Em todos os cérebros instalou-se o desejo de ser cada vez mais racional, de racionalizar a vida mais que nunca, torná-la mais especializada; e ao mesmo tempo, a incapacidade de poder imaginar o que será de nós quando tivermos tudo entendido, analisado, classificado, transformado em máquinas e normas. As coisas não podem continuar deste jeito.

— Meu Deus — respondeu Ulrich, em tom indiferente —, o cristão dos tempos monásticos teve de ser crente, embora só pudesse imaginar um céu monótono, de nuvens e harpas; e nós receamos o céu da racionalidade, que nos faz pensar em réguas, bancos duros, horrendas figuras de giz dos tempos de colégio.

— Tenho a impressão de que o resultado disso será uma desenfreada liberação do fantástico — acrescentou Walter, pensativo. Havia em seu discurso um pouco de covardia e astúcia. Pensava no que Clarisse tinha de misterioso e irracional, e enquanto dizia que a racionalidade levava a excessos, pensava em Ulrich. Os outros dois não percebiam isso, o que lhe dava a dor e o triunfo do incompreendido. Gostaria de ter pedido a Ulrich que não viesse mais à sua casa enquanto estivesse na cidade, se isso fosse possível sem provocar protestos de Clarisse.

Os dois homens fitaram Clarisse, calados.

De repente, ela notou que eles não discutiam mais; esfregou os olhos e piscou amavelmente para Ulrich e Walter, que, iluminados pela claridade amarela, estavam sentados diante das vidraças azuladas pela noite como num armário de vidro.

O assassino de raparigas Christian Moosbrugger tinha uma segunda amiga. A questão de sua culpa ou sofrimento dominara o coração dela tão intensamente há algumas semanas como o fizera com muitos outros corações, e ela tinha do caso um conceito um pouco diferente do judicial. O nome Christian Moosbrugger lhe agradava muito, e ela imaginava seu dono um homem solitário, alto, sentado num moinho coberto de musgo^{6} escutando o trovejar das águas. Estava convencida de que a acusação contra ele se esclareceria de maneira muito inesperada. Quando estava na cozinha, ou sentada na sala de jantar com sua costura, às vezes Moosbrugger aparecia a seu lado, depois de soltar-se das correntes, e a isso se ligavam fantasias muito loucas. Elas incluíam a possibilidade de que, se tivesse conhecido Raquel em tempo, Christian teria largado sua carreira de assassino de raparigas revelando-se como chefe de bandoleiros de futuro brilhante.

Aquele pobre homem no seu cárcere não imaginava o coração que batia por ele, debruçado sobre a roupa de Diotima que ia sendo remendada. E da casa do subsecretário Tuzzi até o tribunal a distância não era muita. Uma águia bateria poucas vezes as asas para ir de um telhado a outro; mas para a alma moderna, que atravessa brincando oceanos e continentes, nada é tão impossível quanto encontrar a ligação com as almas que moram na outra esquina.

Assim, os fluidos magnéticos se desfizeram novamente, e há algum tempo Raquel substituíra o amor a Moosbrugger pelo amor à Ação Paralela. Mesmo que naquelas salas as coisas não acontecessem tão bem quanto deviam, nas ante-salas acontecia muita coisa. Raquel, que antigamente sempre encontrava tempo livre para ler os jornais que vinham das mãos dos amos para a cozinha, não tinha mais tempo, pois de manhã à noite se

postava como uma pequena escudeira diante da Ação Paralela. Amava Diotima, o subsecretário Tuzzi, Sua Alteza o Conde Leinsdorf, o nababo, e, desde que notara que ele começava a desempenhar um papel naquela casa, também amava Ulrich; assim como um cão ama os amigos da casa com um sentimento apesar dos diversos cheiros que significam uma excitante variedade. Mas Raquel era inteligente. Por exemplo, percebia muito bem que Ulrich sempre se opunha um pouco aos demais, e a fantasia dela começara a lhe atribuir um papel especial, ainda não explicado, na Ação Paralela. Ele sempre a fitava amavelmente, e a pequena Raquel notava que sempre a contemplava mais tempo quando pensava que ela não o via. Raquel estava certa de que ele desejava algo dela; pois que o pedisse; sua pelezinha branca encolhia-se de expectativa, e seus belos olhos negros lançavam na direção dele, aqui e ali, uma pequena seta dourada. Ulrich sentia aquela criaturinha crepitar, sem entender o motivo, enquanto ela se esgueirava entre os imponentes móveis e visitantes; e isso o distraía um pouco.

Ele devia em boa parte seu lugar na atenção de Raquel àquelas conversas misteriosas na ante-sala, que tinham abalado a posição dominante de Arnheim; pois esse homem brilhante, sem saber, tinha além de Ulrich e de Tuzzi um terceiro inimigo em seu pequeno criado Solimão. Aquele menino mouro era a fivela cintilante no cinto encantado que a Ação Paralela pusera ao redor de Raquel. Um menino engraçado, que viera de sua terra lendária atrás do seu senhor até a rua onde Raquel trabalhava, e ela se apropriara simplesmente dele como da parte do conto de fadas que diretamente lhe cabia; isso estava socialmente determinado; o nababo era o sol, e pertencia a Diotima; Solimão pertencia a Raquel, e era o caco que rebrilhava ao sol, colorido e encantador, que ela guardou para si. Ele tinha outra opinião a respeito. Apesar da sua pequenez física, estava entre os dezesseis e dezessete anos de idade, criatura romântica, pérfida, ambiciosa. Outrora Arnheim o retirara de uma trupe de dançarinos no sul da Itália, e o levava consigo; o menino estranhamente inquieto, com a melancolia de seu olhar de macaco tocara o coração de Arnheim, e aquele homem rico resolvera oferecer-lhe uma vida melhor. Era o desejo de uma companhia íntima e fiel que não raro é a fraqueza de alguns solitários, mas ele a dissimulava atrás de intensa atividade; e até Solimão completar catorze anos, tratara-o mais ou

menos com a mesma negligente postura de igualdade com que antigamente se criavam os irmãos-de-leite dos próprios filhos nas casas ricas, deixando-os participar de todos os brinquedos e diversões até o instante em que se descobre que o leite do seio materno é mais nutritivo do que o da ama-de-leite. Solimão passara dia e noite agachado junto da escrivaninha, ou, durante longas conversas com visitantes famosos, aos pés, nas costas ou sobre os joelhos do seu senhor. Lera Scott, Shakespeare e Dumas, quando havia por acaso obras de Scott, Shakespeare e Dumas largadas sobre as mesas, e aprendera a soletrar no dicionário de Ciências Humanas. Comia os bombons de seu amo e começou a fumar prematuramente seus cigarros, quando ninguém via. Um professor particular vinha dar-lhe — com certa irregularidade devido às muitas viagens — instrução elementar. Solimão sentia um tédio terrível, e a coisa que mais amava eram as tarefas de camareiro, das quais podia participar, pois era um trabalho de verdade, adulto, que agradava a seu desejo de ação. Mas um dia, não fazia muito, seu senhor o mandara chamar e lhe dissera amavelmente que não tinha concretizado exatamente o que se esperava dele, que agora não era mais criança, e que Arnheim, o patrão, era responsável por que Solimão, o criadinho, se transformasse num homem de verdade; por isso, decidira a partir de agora tratá-lo como ele deveria ser algum dia, para que tivesse tempo de se acostumar. Muitos homens importantes, acrescentara Arnheim, tinham começado lustrando botas e lavando pratos, e nisso residira sua força, pois o mais importante era fazer direito desde o começo todas as coisas.

Essa hora, em que de vago objeto de luxo ele se tornara um criado com cama e comida e um pequeno salário, devastara o coração de Solimão, sem que Arnheim suspeitasse disso. Solimão não compreendera nada das explicações que o outro lhe dera, mas adivinhara-as com sua emoção, e desde aquela mudança odiava o seu amo. Não desistira de bombons, livros e cigarros, mas se antigamente apenas pegava o que lhe dava prazer, agora roubava de Arnheim conscientemente, e esse sentimento de vingança lhe dava tão pouca satisfação que por vezes simplesmente também quebrava coisas, ou as escondia, ou jogava fora, e para espanto de Arnheim, que vagamente se recordava delas, nunca mais apareciam. Enquanto Solimão se vingava assim, como se fosse um duende mau, por outro lado esforçava-se

enormemente nas obrigações de criado e na aparência amável. Continuava a ser a sensação de todas as cozinheiras, criadas de quarto, empregadas de hotel e visitas femininas, era mimado com seus olhares e sorrisos, meninos de rua o contemplavam irônicos, e ele continuou sentindo-se uma pessoa fascinante e importante, embora oprimida. Até seu amo por vezes ainda lhe concedia um olhar satisfeito ou lisonjeiro, uma palavra amiga ou sábia; todos o elogiavam como menino agradável e de confiança, e se casualmente Solimão ficava de consciência pesada por algo de condenável que acabara de fazer, saboreava sua superioridade, sorrindo servil, como se ela fosse uma bola de gelo, fria de cortar, que acabasse de engolir.

Raquel conquistara a confiança desse rapaz no momento em que lhe contara que talvez se estivesse preparando uma guerra em casa dela, e desde então escutou dele as mais infames revelações a respeito de seu ídolo, Arnheim. Apesar do esnobismo, a fantasia de Solimão parecia um agulheiro cheio de espadas e punhais, e em tudo o que contava a Raquel sobre Arnheim havia cascos de cavalos trovejando, tochas e escadas de corda balouçantes. Ele até lhe confiou que não se chamava Solimão, e disse-lhe um longo nome de som bizarro, pronunciado com tanta rapidez que ela nunca o conseguira gravar. Mais tarde acrescentou que era filho de um príncipe negro, e que fora roubado em pequeno de seu pai, dono de milhares de guerreiros, bois, escravos e pedras preciosas; que Arnheim o comprara para um dia voltar a vendê-lo caro ao príncipe, seu pai, mas que ele desejava fugir e não o fizera até agora apenas por seu pai morar tão longe.

Raquel não era boba a ponto de acreditar nessas histórias; mas acreditava nelas na medida em -que na Ação Paralela não havia nada demasiadamente inacreditável. Gostaria de proibir que Solimão falasse de Arnheim naquele tom; mas precisava contentar-se em ter desconfiança e horror da insolência do rapaz, pois sentia que a afirmação dele, de que seu patrão não era homem de confiança, significava apesar das dúvidas que alguma confusão monstruosa e excitante ameaçava a Ação Paralela.

Eram nuvens de tempestade atrás das quais desaparecia o homem alto no moinho coberto de musgo, e uma luz pálida incidia sobre o pequeno rosto de macaco de Solimão, com suas caretas cheias de rugas.

ANIMADA ATIVIDADE NAS COMISSÕES DA AÇÃO PARALELA.
CLARISSE ESCREVE A SUA ALTEZA SUGERINDO UM ANO DE
NIETZSCHE

Nessa época, Ulrich tinha de visitar Sua Alteza duas a três vezes por semana. Encontrava uma sala de paredes altas, esguia, encantadora, à sua disposição. Na janela, uma grande escrivaninha em estilo Maria Teresa. Na parede, um retrato sombrio com manchas luminosas, vermelhas, amarelas e azuis, representando alguns cavaleiros enfiando lanças no ventre de outros cavaleiros caídos; e na parede oposta, uma dama solitária, ventre protegido cuidadosamente por um espartilho-vespa bordado em ouro. Não se entendia porque a tinham colocado ali sozinha, exilada, pois obviamente pertencera à família dos Leinsdorf, e seu jovem rosto empoadado lembrava o do Conde como uma pegada na neve seca se parece com uma pegada na terra molhada. Ulrich tinha aliás pouca ocasião de examinar o rosto do Conde Leinsdorf. O curso externo da Ação Paralela tomara tal impulso desde a última sessão, que Sua Alteza não conseguia se dedicar a grandes pensamentos, mas tinha de passar o tempo lendo requerimentos, recebendo visitas, saindo de casa ou participando de reuniões. Assim, já tivera uma entrevista com o arcebispo, uma conversa com o primeiro-ministro, uma conferência com o chanceler da Corte, e contatos na Câmara dos pares com os membros da nobreza e da alta burguesia. Ulrich não fora convocado para essas discussões, e só soube que se contava com resistência política forte dos opositores, motivo pelo qual todos aqueles dignitários declararam poderem apoiar mais fortemente a Ação Paralela se não fossem citados, e de momento apenas se faziam representar por observadores nas comissões.

Felizmente, essas comissões faziam grandes progressos de semana a semana. Como fora decidido na reunião inaugural, tinham dividido o mundo segundo os grandes aspectos de religião, educação, comércio, agricultura e assim por diante; em cada comissão já havia um representante do ministério

correspondente, e todas as comissões já se dedicavam à sua tarefa, que era, com concordância das demais, a de aguardar os representantes das competentes corporações e setores da população, para receber seus pedidos, sugestões e desejos, e dirigi-los para a comissão central. Dessa maneira esperava-se fazer chegar a ela, ordenadas e reunidas, as “forças morais principais” do país, e já tinham a satisfação de ver crescer a correspondência. Os ofícios das comissões à comissão central em breve referiam-se a outros ofícios já enviados à comissão central, e iniciavam por uma frase que se tomava cada vez mais importante: “Com referência ao nosso ofício de número tal, respectivamente de número tal e tal, barra, algarismos romanos...”, seguindo-se outro número; e todos os números cresciam a cada ofício. Isso já era um crescimento saudável, e também as embaixadas começavam a relatar, de forma semi-oficial, a impressão que aquela manifestação de força do patriotismo austríaco causava no exterior; já os embaixadores estrangeiros procuravam cautelosamente oportunidades de se informar a respeito; deputados atentos queriam saber das intenções; e a força da iniciativa privada começava a se comprovar nos pedidos de casas comerciais, que tomavam a liberdade de fazer sugestões ou pedir sólidos pontos de referência para uma ligação de sua firma com o patriotismo. Havia ali uma engrenagem, e por estar lá tinha de funcionar, e por estar funcionando começava a rodar, e quando um automóvel começa a rodar em campo aberto, ainda que não haja ninguém na direção, cumpre um trajeto determinado e até mesmo bastante especial e impressionante.

Assim surgiu um forte impulso, e o Conde Leinsdorf o sentia. Colocava o pincenê sobre o nariz e lia todos os ofícios com grande seriedade do começo ao fim. Não eram mais as sugestões e desejos de desconhecidos entusiasmados que no começo o tinham soterrado, antes que o caso entrasse num curso regular; e mesmo que esses ofícios ou requerimentos viessem do seio do povo, eram assinados pelos presidentes de algum clube de alpinistas, ligas de livres-pensadores, congregações de moças, sociedades profissionais, clubes sociais, clubes civis e outros desses grupinhos disformes que precedem a transição do individualismo ao coletivismo, como os montinhos de cisco precedem um redemoinho de vento. E ainda que não concordasse com tudo que lhe pediam, Sua Alteza constatava um grande progresso. Tirava o pincenê, passava o ofício ao conselheiro

ministerial ou secretário que o entregara, e balançava a cabeça, satisfeito, sem dizer palavra; tinha a sensação de que a Ação Paralela corria em trilhos bons e ordenados, e que se encontraria o caminho verdadeiro.

O conselheiro ministerial que voltava a receber o ofício comumente o depunha numa pilha de outros, e quando o último estava em cima da pilha, tentava ler nos olhos de Sua Alteza. Então, a boca de Sua Alteza costumava dizer:

— Tudo isso está muito bom, mas não podemos dizer nem sim nem não enquanto não soubermos nada de definitivo sobre o centro de nossos objetivos.

Mas era isso que o conselheiro ministerial já lera nos olhos de Sua Alteza no ofício anterior, e era exatamente a sua própria opinião; e ele segurava na mão uma lapiseira dourada com que já escrevera no fim de cada ofício a fórmula mágica *Ass.* Essa fórmula mágica *Ass.*, usada pela burocracia da Kakânia, significava *Asserviirt*, o que é mais ou menos “reservado para posterior decisão”, e era um modelo da previdência que nada omite e nada precipita. Reservado para posterior decisão era por exemplo o pedido do pequeno funcionário que desejava uma ajuda especial de natalidade até que a criança estivesse crescida e capaz de trabalhar, e reservado simplesmente porque até ali o assunto talvez estivesse legalmente regulamentado, e o coração dos superiores não queria negar o pedido. Mas também se reservava para posterior decisão o requerimento de uma pessoa influente ou de algum alto funcionário a que não se desejava ofender com a recusa, embora sabendo que outro departamento influente era contra esse pedido; e basicamente reservava-se para posterior decisão tudo o que entrava pela primeira vez numa repartição, até ser precedido de outro caso semelhante.

Mas seria errado rir desse costume das repartições, pois fora delas ele está muito mais disseminado ainda. Como significa pouco quando, nos juramentos do trono, os reis têm de prometer que vão combater turcos ou pagãos, quando se pensa que na história da humanidade uma frase nunca foi inteiramente riscada nem totalmente concluída, o que provoca esse perturbador ritmo de progresso que pode ser confundido com o de um boi com asas. Nas repartições, porém, pelo menos se perde alguma coisa; no mundo, nada. Assim, a reserva para posterior decisão é uma das fórmulas

básicas do edifício de nossa vida. Entretanto, quando Sua Alteza considerava alguma coisa especialmente urgente, tinha de escolher outro método. Mandava então o requerimento à Corte, ao seu amigo Conde Stallburg, indagando se o deveria considerar “provisoriamente definitivo”, como costumava dizer. Algum tempo depois voltava a resposta dizendo que nesse ponto não se podia imaginar qual o desejo de Sua Majestade, mas parecia desejável deixar que a opinião pública se formasse; e, conforme a receptividade da sugestão e outras necessidades que porventura viessem a se demonstrar, voltariam a considerá-lo mais tarde. O processo que agora constituía esse requerimento ia para o departamento ministerial competente, e de lá voltava com a observação de que aquele departamento não se julgava competente para tomar sozinho a decisão; e quando isso estava feito, o Conde Leinsdorf anotava que numa das próximas sessões da comissão central devia propor a instalação de uma subcomissão interministerial para estudar o caso.

Ele só era implacavelmente determinado no caso de chegar um texto que não tivesse nem a assinatura de um presidente de liga nem de alguma corporação publicamente reconhecida, de caráter religioso, científico ou artístico. Uma carta dessas chegou naqueles dias, de parte de Clarisse, na qual ela também se referia a Ulrich e sugeria instalarem um ano austríaco de Nietzsche, e realizar ao mesmo tempo algo em favor do assassino de mulheres Moosbrugger; como mulher, sentia-se obrigada a sugerir isso, escrevia, e também pela significativa coincidência de Nietzsche ter sido perturbado como Moosbrugger. Ulrich mal conseguiu disfarçar seu aborrecimento com um chiste, quando o Conde Leinsdorf lhe mostrou a carta, que já reconhecera pela letra singularmente imatura mas cruzada por grossos traços e sublinhados. Mas, notando o seu embaraço, o Conde Leinsdorf disse, grave e bondosamente:

— Não deixa de ser interessante. Eu poderia dizer que é fogoso e enérgico; mas infelizmente precisamos colocar *ad acta* todo esse tipo de sugestões isoladas, ou não chegaremos a coisa alguma. Talvez o senhor possa entregar essa carta à senhora sua prima, já que parece conhecer pessoalmente a autora.

GRANDE PROGRESSO. DIOTIMA TEM EXPERIÊNCIAS
SINGULARES QUANTO À NATUREZA DAS GRANDES IDÉIAS

Ulrich enfiou a carta no bolso, para fazê-la desaparecer, mas não teria sido fácil falar a respeito com Diotima, pois, desde que aparecera o artigo sobre o Ano Austríaco, esta se sentira dominada por uma exaltação confusa. Não apenas Ulrich lhe entregava, em geral sem ler, todos os documentos que recebia do Conde Leinsdorf, mas também o correio trazia diariamente pilhas de ofícios e recortes de jornal, os livreiros lhe mandavam enormes quantidades de livros para examinar, o movimento em sua casa subira como o mar sugado por vento e lua simultaneamente; o telefone não parava um minuto. Se a pequena Raquel não atendesse ao aparelho com o zelo de um arcanjo, fornecendo ela mesma a maior parte das informações que pediam, por ver que não devia importunar ininterruptamente sua patroa, Diotima teria tido um colapso ao peso de tantas solicitações.

Esse colapso nervoso nunca aconteceu, mas pulsava tremulamente em seu corpo, dando a Diotima uma felicidade que jamais sentira. Era um arrepio, um calafrio diante da própria importância; algo crepitava como a pressão de um rochedo sobre o edifício do mundo, um formigamento a lembrar a sensação do nada quando se está parado no cimo de uma montanha que supera todas as demais num amplo raio. Em suma, era a sensação da sua posição, subitamente consciente naquela filha de um modesto professor, mulher de um vice-cônsul burguês; coisas que ela continuara sendo, apesar da ascensão, nas zonas mais viçosas do seu ser.

Essa noção da própria posição é um dos estados inconscientes mais fundamentais da vida, como não perceber que a Terra gira, nem se dar conta do engajamento pessoal em todas as formas de percepção. O ser humano carrega sob os pés a maior parte de sua vaidade, porque lhe ensinaram que não a deve guardar no coração. E anda sobre o solo de uma grande pátria,

religião ou nível de imposto de renda. Faltando-lhe essa posição, contenta-se até mesmo em estar, como qualquer outro, sobre o topo provisório da coluna do tempo que emerge do nada, vivendo exatamente agora, quando os antepassados se tornaram pó e os sucessores ainda não vieram. Mas quando, por alguma razão, essa vaidade habitualmente inconsciente sobe dos pés para a cabeça, pode causar uma loucura mansa semelhante à das virgens que se julgam grávidas do globo terrestre. Até o subsecretário Tuzzi agora dava a Diotima a honra de se informar com ela sobre os acontecimentos, e por vezes lhe pedir que assumisse esta ou aquela pequena tarefa, e o sorriso que habitualmente mostrara ao falar no salão dela cedia lugar a uma digna seriedade. Ainda não se sabia em que medida Sua Majestade concordaria com o plano de ver-se colocado à frente de uma manifestação pacifista internacional, mas Tuzzi repetia o pedido preocupado de que Diotima não entrasse em absoluto, nem um pouquinho, em questões de política externa sem antes lhe pedir conselho. Deu até a sugestão de que, se aparecesse alguma vez a sério a idéia de uma ação internacional de paz, era preciso evitar que ela levasse a complicações políticas.

Não era necessário recusar uma idéia tão bela, explicou à esposa, ainda que houvesse a possibilidade de a concretizar, mas era indispensável que desde o começo

se mantivessem abertas todas as possibilidades de avanço e recuo. Mostrou a Diotima as diferenças entre desarmamento, uma conferência de paz, uma reunião de governantes, chegando até à já mencionada fundação para decoração do Palácio da Paz de Haia com murais de artistas patricios; e nunca falara tão objetivamente com sua mulher. Por vezes, voltava ao quarto de dormir com a pasta de couro debaixo do braço, para completar suas explicações, por exemplo, quando se esquecera de acrescentar que, pessoalmente, só achava possível ligar a expressão *Áustria Universal* com um empreendimento humanista ou pacifista, se não quisessem passar por perigosamente irresponsáveis ou coisa semelhante.

Diotima respondeu com um sorriso paciente:

— Vou me esforçar para levar em conta os seus desejos, mas não exagere ao avaliar a importância da política externa para nós. Existe uma exaltação redentora dentro do país, que nasce no anônimo coração do povo; você não

sabe com quantos pedidos e sugestões sou inundada todos os dias!

Ela era admirável; pois, sem deixar transparecer, lutava com enormes dificuldades. Na reunião da grande comissão central, estruturada segundo aspectos de religião, justiça, agricultura, educação e assim por diante, todas as sugestões mais elevadas se deparavam com aquela reserva gélida temerosa que Diotima já conhecia do marido, quando ele ainda não era tão atencioso; e por vezes sentia desânimo e impaciência, sem poder esconder de si mesma que seria difícil romper a resistência de um mundo inerte. Embora visse claramente o Ano Austríaco como o Ano Austríaco Universal, representando as nações austríacas como modelo das nações do mundo todo — para o que apenas se precisava provar que o espírito tinha na Austria sua verdadeira pátria — via-se nitidamente que isso ainda não tinha significado especial para as mentes mais lerdas; era preciso alcançá-lo através de alguma idéia que abrisse a compreensão delas por algum traço mais evidente do que geral. E Diotima estudou horas a fio, em muitos livros, para encontrar uma idéia que concretizasse isso; naturalmente também teria de ser uma idéia que simbolizasse a Áustria; mas Diotima teve experiências singulares quanto à natureza das grandes idéias.

Compreendeu que vivia numa época memorável, pois era uma época cheia de grandes idéias; mas era inacreditável a dificuldade em concretizar as maiores, e mais importantes, pois havia todas as condições para isso, menos uma: qual delas escolher! Sempre que Diotima estava quase se decidindo por uma das idéias, notava que o contrário dela também seria grandioso. As coisas são assim, e não havia o que fazer. Ideais têm qualidades singulares, entre elas a de se transformarem no seu contrário quando os queremos concretizar escrupulosamente.

Havia por exemplo Tólstoi e Berta Suttner — dois escritores de cujas idéias se ouvia falar bastante naquele tempo — mas como, pensou Diotima, a humanidade pode conseguir sequer um franguinho assado sem cometer violência? E o que faremos dos soldados se, como esses escritores pediram, não se deve matar? Os pobres ficarão sem trabalho, e será uma época de ouro para os criminosos. Mas havia pedidos nesse sentido, e ouvia-se dizer que já se começava a colher assinaturas. Diotima não imaginava uma vida sem verdades eternas, mas agora, admirada, percebia que todas as verdades eternas são duplas e múltiplas. Por isso, o homem sensato, como o

subsecretário Tuzzi, que assim até ficava reabilitado, sente uma profunda desconfiança contra verdades eternas; jamais negará que são indispensáveis, mas está convencido de que pessoas que as tomam ao pé da letra são doidas. Na sua opinião — abundantemente relatada à esposa — os ideais humanos são desmedidamente exigentes, o que tem de trazer a ruína se forem levados demasiadamente a sério. A melhor prova disso, segundo Tuzzi, era que palavras como *ideal* e *verdade eterna* jamais aparecem em repartições que tratam de assuntos sérios. Um relator que se permitisse usá-las num processo seria imediatamente aconselhado a pedir férias por motivo de saúde. Mas Diotima, embora escutasse melancolicamente, hauria novas forças dessas horas de fraqueza, para depois melhor se lançar nos estudos.

Até o Conde Leinsdorf ficou surpreso com sua energia intelectual, quando por fim teve tempo de aparecer para uma conferência. Sua Alteza queria uma manifestação que saísse do seio do povo. Desejava sinceramente pesquisar a vontade do povo e iluminá-la prudentemente com influências vindas de cima, pois queria apresentá-la a Sua Majestade, não como fruto de bizantinismo, mas como sinal de que, na confusão da democracia, os povos ainda são conscientes de si mesmos. Diotima sabia que Sua Alteza ainda estava firme na idéia do “Imperador da Paz” e de uma brilhante manifestação da verdadeira Áustria, embora não recusasse frontalmente a sugestão “Áustria Universal”, na medida em que isso manifestasse unicamente o sentimento de uma família de povos reunida em torno do seu patriarca. Aliás, Sua Alteza excluía disfarçada e silenciosamente dessa família a Prússia, embora nada tivesse a objetar contra a pessoa do Dr. Arnheim, e até tivesse dito, expressamente, que era uma pessoa bem interessante.

— Certamente não queremos nada de patriótico no sentido desgastado — exortou ele —, precisamos é sacudir a nação e o mundo. Acho bem bonita a idéia de fazermos um ano austríaco; eu próprio disse aos jornalistas que temos de dirigir a fantasia do público para esse objetivo. Mas já pensou, minha cara, se tudo ficar apenas nesse ano austríaco, o que faremos nesse ano? Está vendo, é isso! Temos de saber tudo isso também. Temos de manejar um pouco toda essa situação, de cima, senão elementos imaturos vão tomar conta. E eu não tenho absolutamente tempo para encontrar uma idéia!

Diotima achou Sua Alteza preocupado, e respondeu animadamente:

— A ação precisa culminar em algum sinal grandioso, ou não acontecerá! Isso é certo. Precisa atingir o coração do mundo, mas exige medidas vindas de cima. Isso é indiscutível. O Ano Austríaco é uma sugestão excelente, mas na minha opinião um Ano Mundial seria melhor ainda; um Ano Mundial Austríaco, no qual o espírito europeu pudesse ver na Áustria sua verdadeira pátria!

— Cautela! Cautela! — preveniu o Conde Leinsdorf, que muitas vezes se assustara com a audácia intelectual da amiga. — Suas idéias talvez sejam grandiosas demais, Diotima! A Senhora já disse isso uma vez, mas é preciso ser muito prudente. O que imagina que se deva fazer nesse Ano Mundial?

Com essa pergunta o Conde Leinsdorf, dirigido por aquela retidão característica do seu pensamento, atingira exatamente o ponto mais sensível de Diotima.

— Alteza — disse ela depois de hesitar um pouco —, essa pergunta, que quer que eu responda, é a mais difícil do mundo. Pretendo convidar assim que for possível um grupo de homens importantes, escritores e pensadores, e antes de dizer qualquer coisa prefiro aguardar as sugestões desse encontro.

— Muito bem! — exclamou Sua Alteza, imediatamente aceitando a idéia de esperar um pouco mais. — Isso mesmo! Prudência nunca é demais! Se soubesse as coisas que ando ouvindo diariamente!

A AÇÃO PARALELA PROVOCA DÚVIDAS. PORÉM, NÃO EXISTE
RETORNO VOLUNTÁRIO NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Uma vez, Sua Alteza teve tempo de também conversar com Ulrich.

— Não me agrada muito esse Dr. Arnheim — confiou-lhe. — Certamente um homem brilhante, não é de admirar que sua prima o aprecie tanto; mas, afinal de contas, é um prussiano. Fica observando tudo. Sabe, quando eu era pequeno, em sessenta e cinco, meu falecido pai teve um convidado para uma caçada no Castelo Chrudim, que também sempre ficava assim olhando, e um ano depois descobrimos que ninguém sabia quem realmente o introduzira em nossa casa, e que era um major do quartel-general prussiano! Naturalmente eu não quero dizer nada com isso, mas não me agrada que esse Arnheim saiba de tudo a nosso respeito!

— Alteza — disse Ulrich —, alegra-me ter oportunidade de desabafar. Está na hora de acontecer alguma coisa; tenho feito experiências que me fazem pensar, e que não são para olhos de um observador estrangeiro. A Ação Paralela deve estimular favoravelmente todas as pessoas. Vossa Alteza também não deseja isso?

— Sim, naturalmente!

— Mas está acontecendo exatamente o contrário! — exclamou Ulrich. — Tenho a impressão de que ela está deixando todas as pessoas cultas muito preocupadas e tristes!

Sua Alteza balançou a cabeça e girou os dois polegares um em torno do outro, como fazia sempre que estava refletindo aborrecido. Na verdade também já tivera experiências parecidas com as que Ulrich agora relatava.

— Desde que se espalhou que estou ligado à Ação Paralela — contou este —, não se passam três minutos, quando alguém me procura para falar de assuntos gerais, e já essa pessoa me diz: “Afinal, o que pretende com essa Ação Paralela? Hoje em dia não há mais grandes homens nem grandes

realizações!”

— Sim, mas sempre excluem a si mesmos dessa lista! — interveio Sua Alteza. — Conheço isso, também me dizem a mesma coisa. Os grandes empresários falam mal da política, que lhes parece pouco protecionista, e os políticos reclamam da indústria, que dá pouco dinheiro para campanhas eleitorais.

— Muito bem! — Ulrich retomou sua explanação. — Os cirurgiões acreditam firmemente que a cirurgia fez progressos desde os tempos de Billroth; mas dizem que todo o resto da medicina e da pesquisa em ciências naturais é de pouca ajuda para a cirurgia. Eu até diria, se Vossa Alteza me permite, que também os teólogos estão convencidos de que hoje em dia a teologia está mais avançada do que nos tempos de Cristo...

O Conde Leinsdorf ergueu a mão num protesto brando.

— Peço que me desculpe se eu disse uma coisa inconveniente e desnecessária; pois o que pretendi parece ser uma coisa muito mais geral. Eu disse que os cirurgiões afirmam que as ciências naturais não realizam o que se espera delas. Mas se falarmos sobre a época atual com um cientista, ele se queixará de que gostaria muito de elevar um pouco seu espírito, mas o teatro o aborrece, e não encontra romance que o distraia ou estimule. Se falarmos com um escritor, ele diz que não existe fé. E como quero deixar os teólogos fora de questão agora, se falarmos com um pintor, podemos estar certos de que ele afirmará que num tempo de literatura e filosofia tão ruins, os pintores não podem dar o melhor de si. Naturalmente a sequência não é sempre essa, mas sempre há nisso algo daquele jogo de “mico preto” ou de “quatro cantos”, que Vossa Alteza certamente conhece. E não consigo descobrir a regra que fundamenta isso! Receio que cada pessoa esteja razoavelmente satisfeita consigo e com certas coisas, mas de modo geral não se sente muito bem, por algum motivo universal; e parece que a Ação Paralela se destina a revelar isso.

— Meu santo Deus — respondeu Sua Alteza, sem deixar bem claro o que queria dizer—, pura ingratidão!

— Aliás — prosseguiu Ulrich —já tenho duas pastas cheias de solicitações de natureza geral, que ainda não tive ocasião de apresentar a Vossa Alteza. Intitulei uma delas “De volta a...!” É singular o número de pessoas que nos

dizem que antigamente o mundo era melhor, e que basta que a Ação Paralela nos leve de volta àquele ponto. Além do natural desejo de voltar à fé, defendem-se também o retorno ao barroco, o gótico, o estado natural, Goethe, o Direito alemão, a pureza moral e todo o resto.

— Hum... sim. Mas talvez haja alguma verdade nisso, e não a deveríamos estimular? — perguntou o Conde Leinsdorf.

— É possível; mas como se poderia responder? “Sua estimada carta do dia tal foi profundamente analisada, mas ainda não consideramos oportuna a época...”? Ou: “Lemos com interesse e solicitamos que nos forneça detalhes de seus desejos referentes à reorganização do mundo no estilo barroco, gótico, e assim por diante.”

Ulrich sorria, mas o Conde Leinsdorf o achou alegre demais para aquele momento, e ficou girando energicamente os polegares com ar de reprovação. Seu rosto com a barbicha lembrava, na sua súbita dureza, o tempo de Wallenstein; ele fez em seguida um comentário muito estranho:

— Meu caro doutor — disse —, não existe retorno voluntário na história da humanidade!

Esse comentário surpreendeu especialmente ao próprio Conde Leinsdorf, pois na verdade tinha querido dizer algo bem diferente. Era conservador, aborrecera-se com Ulrich e tinha querido dizer que a burguesia desprezara o espírito universal da Igreja Católica, e agora sofria as consequências. Também seria aconselhável elogiar os tempos do centralismo absolutista, em que o mundo fora dirigido por pessoas responsáveis, segundo pontos de vista uniformes. Mas, de repente, enquanto ainda procurava palavras, ocorrera-lhe que ficaria desagradavelmente surpreendido se certa manhã tivesse de acordar sem seu banho quente e sem ferrovia, e em vez dos jornais da manhã apenas passasse o arauto imperial a cavalo pelas ruas. Portanto, o Conde Leinsdorf pensou, “o que uma vez foi, nunca mais será da mesma maneira”, e ficou muito espantado ao pensar nisso. Pois, presumindo que na história não houvesse retorno voluntário, a humanidade se parecia com um homem empurrado para diante por um impulso de peregrinar, que não pode voltar nem chegar, e isso era um estado muito singular.

Sua Alteza tinha uma capacidade extraordinária de manter apartados com

tanta habilidade dois pensamentos contraditórios, que nunca se encontravam na sua consciência. Mas aquele pensamento, contrário a todos os seus princípios, deveria ter sido rejeitado. Apenas, simpatizava com Ulrich, e sempre que seus deveres lhe deixavam tempo tinha grande prazer em falar de política, do ponto de vista lógico, com aquele homem intelectualmente inquieto e tão bem recomendado que apenas, como burguês, estava um pouco à margem das verdadeiras grandes questões. Mas quando nos metemos com lógica, onde um pensamento decorre automaticamente do anterior, nunca se sabe como tudo vai acabar. Por isso, o Conde Leinsdorf não se desdisse, apenas ficou encarando Ulrich, silencioso, com olhar penetrante.

Ulrich pegou uma segunda pasta e utilizou a pausa para entregar as duas a Sua Alteza.

— Tive de intitular a segunda “Avançar para...” — começou a dizer, mas Sua Alteza levantou-se precipitadamente dizendo que seu tempo se esgotara. Pediu com insistência que continuassem a conversa noutra ocasião, quando tivessem mais tempo para refletir.

— Aliás, sua prima vai convocar uma reunião de cabeças brilhantes para esse fim — contou ele, já de pé. — Vá até lá; vá, sem falta; não sei se eu próprio poderei estar presente!

Ulrich guardou as pastas, e o Conde Leinsdorf virou-se mais uma vez na escuridão do umbral.

— Naturalmente uma grande tentativa intimida as pessoas; mas nós as haveremos de sacudir! — Seu sentimento de dever não lhe permitiu afastar-se de Ulrich sem o consolar.

Enquanto isso, Moosbrugger se instalara em sua nova prisão, da melhor maneira possível. Mal se fechara o portão, já berravam com ele. E se estava bem lembrado, mal tentava reagir já o ameaçavam com uma surra. Tinham-no colocado na solitária. Prendiam-lhe as mãos durante o passeio no pátio, e os olhos dos guardas ficavam grudados nele. Rasparam-lhe a cabeça, embora sua sentença ainda não estivesse em vigor, dizendo que era para lhe tirar medidas. Tinham-no esfregado com um sabão fedorento, sob o pretexto de o desinfetar. Ele era calejado nesse assunto, sabia que nada disso era permitido, mas não era fácil manter a honra atrás de um portão de ferro. Faziam com ele o que queriam. Fez-se levar ao diretor da prisão, para queixar-se. O diretor teve de admitir que algumas coisas não correspondiam às leis, mas não era castigo, disse ele, e sim cautela. Moosbrugger queixou-se ao capelão da prisão; mas este era um ancião bondoso, um amável pastor de almas que tinha a antiga fraqueza de falhar diante de crimes sexuais. Ele os odiava com a incompreensão de um corpo que nem mesmo chegou a roçar as beiradas de tais crimes, e até se assustou com Moosbrugger que, com sua aparência honesta, despertou nele alguma compaixão pessoal, o que considerava fraqueza; mandou-o para o médico da prisão, enquanto, como em outros casos semelhantes, enviava apenas um grande pedido ao Criador, sem dar detalhes, falando de maneira tão generalizada sobre os desmandos dos mortais, que no momento da oração incluía tanto Moosbrugger como os livres-pensadores e os ateus.

Mas o médico da prisão achou que tudo aquilo de que Moosbrugger se lamentava não era tão grave, deu-lhe um tapinha familiar nas costas, e nada o levou a apoiar as queixas, pois considerava isso supérfluo enquanto os médicos não decidissem se ele era doente ou simulador. Amargurado, Moosbrugger compreendia que cada um falava conforme lhe convinha, e que era essa fala que lhes dava força para lidarem com ele como bem

entendessem. Teve a sensação das pessoas simples, de que se devia cortar a língua das pessoas cultas. Encarou o rosto do médico, com as cicatrizes de duelos; a face interiormente ressequida do sacerdote; o severo rosto do diretor; viu cada um deles a encará-lo de maneira diferente, e nesses rostos havia algo que ele não conseguia alcançar mas era comum aos três, algo que toda a vida lhe fora hostil.

A força coesiva que lá fora comprime penosamente todas as pessoas, com sua arrogância, no meio de tanta outra carne, ali dentro da prisão, apesar da disciplina, era menos firme, pois todos viviam na espera; e, embora violenta e grosseira, a relação das pessoas entre si era solapada por uma irrealdade cheia de sombras. Moosbrugger reagia com todo o seu corpo forte à distensão depois da luta das sessões de tribunal. Sentia-se infectado e miserável. Era uma hipersensibilidade dolorida, nervosa, que já o atacara algumas vezes. A mulher que lhe preparara tudo aquilo e agora jazia debaixo da terra parecia-lhe, comparada a ele próprio, uma criatura ordinária e maligna diante de uma criança. Apesar disso, Moosbrugger não estava totalmente insatisfeito com as coisas; notava por muitos sinais que era uma pessoa importante ali dentro, e isso o lisonjeava. Até o atendimento dado imparcialmente a todos os prisioneiros lhe dava satisfação. Desde que se tornaram culpados, o Estado tinha de alimentar, banhar, vestir a todos eles, cuidar de seu trabalho, saúde, leituras e canto, coisa que antes nunca acontecera. Moosbrugger saboreava esses cuidados embora fossem rudes, como uma criança que conseguiu forçar a mãe a ralar com ela; mas não queria que isso durasse muito; a idéia de ser condenado à prisão perpétua, ou transferido para um hospício outra vez, despertava nele aquela rebeldia que sentimos quando todos os esforços de escapar da nossa vida nos levam sempre de volta à mesma situação odiada. Ele sabia que seu advogado se esforçava por conseguir a reabertura do processo, e que seria examinado mais uma vez, mas resolveu reagir em tempo e insistir que o matassem.

Decidira que sua despedida tinha de ser digna dele, pois sua vida fora um combate por seus direitos. Na solitária, Moosbrugger refletia sobre o que era o seu direito. Não podia dizer. Mas era aquilo que lhe tinham recusado a vida toda. No momento em que pensava nisso, sua emoção crescia. Sua língua arqueou-se e se pôs em movimento como um garanhão marchando; tamanha era a nobreza que conferia a esse assunto. “Direito”, pensou ele

com extraordinária lentidão, para dar contornos nítidos a esse conceito, e pensou como se falasse com alguém, “é quando a gente não faz nada errado, ou coisa assim, não é?” E de repente ocorreu-lhe: “Direito é justiça.” Era isso. Seu direito era sua justiça! Ele contemplou seu catre de madeira, virou-se totalmente, tentou em vão remover o catre aparafusado no chão, e deitou-se hesitante. Tinham-lhe recusado a justiça! Lembrou-se da mulher que fora sua patroa quando ele tinha dezesseis anos. Sonhara que uma coisa fria começara a soprar no próprio ventre, depois sumira dentro do seu corpo, ele gritara, caíra da cama, e na manhã seguinte parecia que tinha levado uma surra no corpo inteiro. Certa vez, outros aprendizes lhe contaram que quando se mostrava o punho a uma mulher, com o polegar aparecendo um pouco entre o médio e o indicador, ela não resiste. Estava confuso; todos diziam já ter experimentado, mas quando ele pensava no assunto, o chão lhe fugia debaixo dos pés, ou sua cabeça começava a parecer esquisita no pescoço; em resumo, alguma coisa nela fugia levemente da ordem natural, algo precário.

— Patroa — dissera ele —, eu queria lhe fazer um agrado... — Estavam sozinhos, e ela o fitara nos olhos, e devia ter lido alguma coisa neles, pois respondera:

— Suma da cozinha!

Ele então estendera o punho, com o polegar aparecendo entre os outros dedos. Mas o feitiço não agira direito; a patroa ficara vermelha, e lhe batera tão depressa na cara com a colher de pau que tinha na mão, que ele não conseguiu escapar; só se dera conta disso quando o sangue já lhe corria sobre os lábios. Mas desse momento lembrava-se muito bem, pois de repente o sangue voltara, escorrendo para cima, para dentro dos olhos; então atirou-se sobre a mulherona que o ofendera tanto, o patrão apareceu, e tudo o que aconteceu até o momento em que estava parado na rua com as pernas bambas, e os dois lhe jogavam suas coisas às costas, era como se alguém rasgasse em farrapos um grande pano vermelho. Assim, a sua justiça fora objeto de escárnio e golpes, e ele recomeçara suas andanças. Acaso se encontra justiça na rua?! Todas as mulheres já eram por justiça de alguém, todas as maçãs, todas as camas; e os policiais e o juiz distrital eram piores que cachorros.

Mas Moosbrugger jamais conseguira descobrir direito por que as pessoas sempre conseguiam atingi-lo, e por que motivo o jogavam em prisões e hospícios. Ficou longo tempo com o olhar pregado ao chão e aos cantos da cela; sentia-se como alguém que perdeu uma chave, caída na terra. E não conseguia encontrá-la; o chão e os cantos voltaram a ficar cinzentos como o dia, banais, quando há pouco tinham parecido um chão de sonho, onde quando cai uma palavra, de repente cresce uma pessoa ou um objeto. Moosbrugger utilizou toda a sua lógica. Só conseguia recordar com exatidão os lugares onde aquilo começara. Teria podido enumerá-los e descrevê-los. Uma vez fora em Linz, depois em Braila, com anos de intervalo. Por fim, ali na cidade. Podia rever cada pedra. Tão clara e nítida como as pedras geralmente não são. Também se lembrou do mau humor que sempre acompanhava aquilo. Como se ele tivesse veneno nas veias em vez de sangue, podia-se dizer; ou coisa parecida. Por exemplo, trabalhava ao ar livre, e as mulheres passavam; ele não as queria encarar porque o perturbavam, mas passavam sempre mais mulheres; finalmente, os olhos dele as seguiam cheios de nojo, e era outra vez aquele lento revirar de olhos como se se movessem dentro de pez, ou de cimento que endurecia. Então ele notava que seu pensamento começava a ficar pesado. Ele sempre pensava devagar, as palavras lhe davam trabalho, nunca tinha palavras suficientes, e por vezes, quando falava com alguém, a pessoa de repente o encarava espantada, sem entender quanta coisa estava dita numa só palavra, quando Moosbrugger a pronunciava lentamente. Invejava todas as pessoas que já na juventude aprendiam a falar com facilidade; nele, as palavras colavam, por birra, exatamente naqueles momentos em que mais precisava delas, grudavam-se como borracha no céu da boca, e às vezes então se passava um tempo enorme até ele conseguir soltar uma sílaba, e voltar a avançar. Não se podia ignorar que isso já não tinha causa natural. Mas se ele dizia no tribunal que eram os socialistas, jesuítas ou maçons que o perseguiram dessa maneira, ninguém o compreendia. Os juristas sabiam falar melhor que ele, e apresentar-lhe todas as objeções possíveis, mas não tinham idéia da verdadeira situação.

E quando aquilo durava algum tempo, Moosbrugger ficava com medo. Que alguém tente postar-se no meio da rua de mãos algemadas, e verá como as pessoas se portam! A consciência de que sua língua, ou algo ainda mais

interior, estava presa como com cola, dava-lhe uma lastimável insegurança, que ele levava dias esforçando-se por esconder. Mas então, de repente, aparecia um limite nítido, podia-se dizer: silencioso. De súbito, um hálito frio. Ou emergia do ar, ali bem perto dele, uma grande bola que lhe voava peito adentro. E no mesmo instante ele sentia alguma coisa em si, em seus olhos, nos lábios ou nos músculos do rosto; em torno dele, tudo ia desaparecendo e escurecendo, e enquanto as casas se deitavam sobre as árvores, talvez alguns gatos saltassem silenciosos dos arbustos. Tudo durava apenas um segundo, depois aquele estado passava.

E só então começava o período a respeito do qual todos queriam saber e de que falavam sem cessar. Eles lhe apresentavam objeções inúteis, infelizmente ele próprio só se recordava indistintamente das suas experiências, mais pelo sentido. Pois esses períodos eram todos *sentidos*. Por vezes duravam minutos, por vezes dias a fio, e por vezes se ligavam a outros semelhantes, que podiam durar meses. Para começar com esses, por serem os mais simples, que, na opinião de Moosbrugger, até um juiz poderia entender, ele ouvia vozes, ou música, ou ventos e zumbidos, também assobios, batidas, tiros, trovões, risadas, chamados, falas e sussurros. Vinham de todos os lados; estavam nas paredes, no ar, nas roupas e no corpo dele.

Moosbrugger tinha impressão de carregar isso no corpo, enquanto estava tudo calado; assim que irrompia, escondia-se nas imediações, mas sempre perto dele. Quando estava trabalhando, as vozes em geral lhe falavam em palavras muito fragmentadas e frases curtas, insultavam ou criticavam-no; e quando tinha um pensamento, elas o verbalizavam antes que ele próprio o fizesse; ou diziam maldosamente o contrário do que ele queria. Moosbrugger ria, porque o pretendiam declarar doente por causa disso; ele próprio tratava tais vozes e caras como se fossem macacos. Distraía-o ver e ouvir o que faziam; era incomparavelmente mais belo do que aqueles pensamentos rijos e pesados que ele pensava; mas quando o incomodavam demais, ficava irado, o que afinal era muito natural. Como sempre prestara muita atenção nas palavras que usavam falando dele, Moosbrugger sabia que chamavam isso de alucinações, e concordava com o fato de que essas alucinações eram uma vantagem dele sobre outras pessoas que não tinham

essa capacidade; pois também via muitas coisas que outras pessoas não vêem, belas paisagens, animais dos infernos, mas achava muito exagerada a importância que atribuíam a tudo isso; e quando a estada no hospício se lhe tornava muito desagradável, ele afirmava que estava apenas fingindo. Os espertalhões lhe perguntavam se essas manifestações eram muito ruidosas; era uma pergunta boba: naturalmente às vezes fazia o ruído de trovão, outras vezes era um levíssimo sussurro. Também as dores que eventualmente o torturavam podiam ser intoleráveis ou apenas brandas, como se não passassem de imaginação. Isso não era o importante. Muitas vezes ele não teria podido descrever direito o que via, ouvia, sentia; mas sabia do que se tratava. Às vezes, era tudo muito vago; os rostos vinham de fora, mas uma centelha de perspicácia lhe dizia que apesar disso vinham dele próprio. O importante era que não significa nada de importante estar uma coisa dentro ou fora; no estado dele, tudo era como água clara dos dois lados de uma translúcida parede de vidro.

E em seus grandes momentos, Moosbrugger nem dava atenção aos rostos ou vozes, mas pensava. Chamava isso de pensar, porque essa palavra sempre o deixara impressionado. Pensava melhor que outras pessoas, pois pensava dentro e fora. Os pensamentos interiores ocorriam contra a sua vontade. Ele dizia que estava sendo pensado. E sem perder sua lenta circunspeção masculina, ficava excitado pelas mais insignificantes ninharias, como acontece com uma mulher quando tem leite nos seios. Seu pensamento fluía então como um regato alimentado por cem riachinhos saltitantes através de um prado viçoso.

Moosbrugger baixara a cabeça e olhava o pedaço de madeira entre seus dedos “As pessoas daqui chamam esquilo de gatinho-dos-carvalhos!”, ocorreu-lhe. “Mas alguém tente dizer com voz e cara sérias ‘o gato-dos-carvalhos!’”^{7} Todos iam levantar os olhos como quando, no meio dos peidos de um foguinho de morteiro, cai um tiro de verdade! Mas em Hessen dizem ‘raposa-das-árvores’. Uma pessoa experiente sabe dessas coisas.” E vinham os psiquiatras fingindo-se tão curiosos quando Moosbrugger, ao ser-lhe mostrado o desenho de um esquilo, respondia: “Isso pode ser uma raposa ou uma lebre; mas também pode ser um gato, ou coisa assim.” Então sempre lhe perguntavam, bem depressa: “Quanto é catorze mais catorze?” E

ele lhes respondia calmamente: “Mais ou menos de vinte e oito a quarenta.” Esse “mais ou menos” lhes trazia problemas, que faziam Moosbrugger sorrir disfarçadamente. Pois é muito simples: ele sabe que se chega a vinte e oito contando de catorze em catorze, mas quem diz que é preciso parar por lá?! O olhar de Moosbrugger segue um pouco adiante, como o de um homem que chegou ao alto de uma colina recortada contra o céu, e agora vê que atrás dela existem várias outras, parecidas. E se um esquilinheiro não é um gato, nem raposa, e em vez de chifres tem dentes como a lebre, devorada pela raposa, não é preciso ser tão exato com essa coisa; pois ela é de alguma forma tudo isso costurado junto, e corre no alto das árvores. Segundo experiência e convicção de Moosbrugger, não se podia isolar uma coisa, porque tudo estava ligado. E já lhe acontecera dizer a uma mocinha: “Linda boca de rosa!”, mas de repente as costuras da palavra cediam, e acontecia uma coisa constrangedora: o rosto ficava cinzento, como terra coberta de neblina, e aparecia uma rosa na ponta de um longo caule; então, a tentação de pegar uma faca e cortá-la, ou lhe dar um tapa para que voltasse ao rosto, era imensamente grande. Claro que Moosbrugger não pegava logo da faca; apenas fazia isso quando não havia outro jeito. Habitualmente apenas empregava toda a sua gigantesca força para evitar que o mundo se despedaçasse.

Quando de bom humor, conseguia olhar na cara de um homem e perceber ali seu próprio rosto, encarando-o entre peixinhos e pedras claras num regato manso; de mau humor, porém, bastava-lhe analisar rapidamente o rosto de um homem e já reconhecia que se tratava do mesmo homem com quem andara brigando por toda parte, por mais que o outro se disfarçasse a cada vez. O que lhe haveríamos de objetar? Nós brigamos quase sempre com o mesmo homem. Se analisássemos quem são as pessoas a quem nos ligamos tão doidamente, veríamos que é o homem cujos dentes são idênticos aos da chave de nossa fechadura. E no amor? Quantas pessoas fitam dia após dia o mesmo rosto amado, mas quando fecham os olhos não sabem como ele se parece? Ou, deixando de lado amor e ódio: que modificações sofrem as coisas segundo hábito, estado de alma e ponto de vista? Quantas vezes a alegria se consome e aparece um indestrutível cerne de tristeza? Quantas vezes uma pessoa bate em outra, indiferente, em vez de a deixar em paz? A vida forma uma superfície que finge ter que ser como é,

mas sob sua pele as coisas se movem e agem. Moosbrugger ficava sempre com as pernas sobre duas leivas, mantendo-as unidas, esforçando-se, ajuizadamente, para evitar tudo o que o pudesse perturbar; mas às vezes surgia-lhe alguma palavra na boca, e que vertigem e que sonho das coisas brotava então de uma dessas palavras duplas, esfriadas e apagadas, como galinho-do-carvalho ou lábio-de-rosa!

Sentado em sua cela, no banco que era a um tempo cama e mesa, ele se lamentava por sua pouca instrução que nunca lhe ensinara a expressar as experiências como tinha de ser. Aquela criaturinha de olhos de rato que lhe causava tantos contratempos, até mesmo agora que estava debaixo da terra, o deixava furioso. Todos estavam do lado dela. Ele levantou-se pesadamente. Sentia-se carcomido como madeira carbonizada. Estava com fome outra vez; a comida da prisão era insuficiente para aquele homem imenso, e ele não tinha dinheiro para a complementar. Naquele estado era impossível lembrar-se de tudo o que desejavam saber. Acontecera alguma transformação, dias, semanas a fio, assim como os meses mudam de março para abril, e por fim acontecera aquilo. Ele não sabia mais do que estava nos registros policiais, nem sabia como aquilo chegara lá. Os motivos e ponderações de que se recordava já estavam relatados no processo; mas o que realmente acontecera era como se, de repente, tivesse falado correntemente nalguma língua estranha algo que o deixara muito feliz, mas que ele nunca mais pudera repetir.

“Tomara que tudo isso acabe de uma vez!”, pensou Moosbrugger.

PASSEIO AO REINO LÓGICO-MORAL

Do ponto de vista jurídico, o que se podia dizer sobre Moosbrugger resumia-se numa frase. Ele era um desses casos conhecidos na jurisprudência, na medicina legal e mesmo pelos leigos como casos de responsabilidade reduzida.

O que caracteriza esses infelizes é que não apenas têm uma saúde reduzida mas também uma doença reduzida. A natureza tem uma estranha propensão a produzir copiosamente pessoas desta espécie; *nature no fecit saltus*, ela não dá saltos, mas prefere as transições, e de modo geral mantém o mundo todo num estado transitório entre imbecilidade completa e saúde mental. Mas a jurisprudência não dá atenção a isso. *Non datur tertium sive medium inter duo contradictoria*, ou: a pessoa age conforme a lei ou não age, pois entre dois opostos não há terceiro ou meio-termo. Essa qualidade a torna passível de punição, por ser passível de punição tornar-se pessoa moral, e como pessoa moral participa do benefício suprapessoal da justiça. Quem não compreende isso de saída, que pense na cavalaria. Quando um cavalo corcoveia a cada tentativa que fazem de montá-lo, é tratado com grande cuidado, recebe arreios mais macios, os melhores cavaleiros, a ração mais selecionada, e o tratamento mais paciente. Mas quando um cavaleiro erra, é colocado numa gaiola pulguenta, tiram-lhe a comida e lhe botam algemas de ferro. O motivo dessa diferença reside em que o cavalo pertence apenas ao reino animal empírico, enquanto o cavaleiro participa do reino lógico-moral. Nesse sentido, distinguem-se homens de animais, e pode-se acrescentar também dos doentes mentais, por serem capazes de empregar contra a lei suas qualidades intelectuais e morais, cometendo um crime; e como a punibilidade é a qualidade que o eleva à condição de ser moral, é compreensível que o jurista tenha de se agarrar a ela com unhas e dentes.

Infelizmente acresce que os psiquiatras forenses, cuja profissão seria opor-

se a isso, habitualmente são muito mais medrosos em sua profissão do que os juristas; apenas declaram realmente doente aquela pessoa que não conseguem curar, o que é um pequeno exagero, pois também não conseguem curar os outros. Distinguem entre enfermidades mentais incuráveis, aquelas que melhoram por si algum tempo depois, com ajuda de Deus, e aquelas que o médico também não pode curar mas que o paciente poderia evitar, naturalmente desde que sob influências e ponderações corretas e oportunas. Esses segundo e terceiro grupos fornecem aqueles doentes inferiores, que o anjo da medicina trata como doentes se o procuram no seu consultório particular, mas que entrega timidamente ao anjo da justiça quando o encontra nos consultórios forenses.

Moosbrugger era um desses casos. Durante sua vida honesta interrompida pelos crimes de uma sinistra embriagues de sangue, tinham-no metido em hospícios e deixado sair várias vezes, e ele passara por parálítico, paranóico, epilético e maníaco-depressivo, antes de ser devolvido à condição de homem sadio por dois médicos forenses particularmente escrupulosos. Naturalmente, naquela ocasião não havia na grande sala repleta nem uma só pessoa, incluindo os dois médicos, que não estivesse convencida de que Moosbrugger era de alguma forma doente, mas não de uma forma que obedecesse às condições impostas pelas leis, ou fosse reconhecida por mentes escrupulosas. Pois quando se está parcialmente doente, também se está parcialmente sadio na opinião dos doutrinadores da lei; se estivermos parcialmente sadios, seremos parcialmente responsáveis; e se formos parcialmente responsáveis, somos totalmente responsáveis; pois, como eles dizem, responsabilidade é o estado das pessoas que têm capacidade de, independentemente de qualquer necessidade coerciva, determinar-se por si mesmas para qualquer objetivo, e essa determinação não se pode a um tempo possuir e não possuir.

Isso não exclui que haja pessoas cujos estados e inclinações lhes dificultem resistir a “impulsos imorais”, e encontrar o “caminho do bem”, como dizem os juristas; e uma pessoa dessas, que, em condições que não afetam outras, já toma a “decisão” de cometer um ato criminoso, era Moosbrugger. Mas, primeiro, na opinião do tribunal, suas forças mentais e racionais estavam

intactas, no sentido de que seu ato poderia não ter sido cometido; portanto, não havia motivo para lhes retirarem o bem moral da responsabilidade. Segundo, uma justiça organizada exige que todo ato culpado seja punido, quando foi executado com vontade e consciência. Terceiro, a lógica jurídica presume que em todos os doentes mentais — com exceção daqueles bem infelizes que mostram a língua quando lhes perguntamos quanto é sete vezes sete, ou dizem “eu” quando deviam dizer o nome do Imperador e Majestade Real — exista ainda um mínimo de capacidade de discernimento e autodeterminação, e bastaria um esforço da inteligência e vontade para reconhecer o caráter criminoso de seu ato e resistir assim aos impulsos criminosos. Mas isso certamente é o mínimo que se pode pedir de pessoas tão perigosas!

Tribunais de justiça assemelham-se a adegas em que a sabedoria de nossos antepassados dorme nas garrafas; a gente as abre e tem vontade de chorar ao ver como se torna inaproveitável o mais alto e mais fermentado grau de exatidão humana antes de se tornar perfeito. Mas ele parece embriagar pessoas ainda sensíveis. É sabido que o anjo da medicina, depois de escutar por muito tempo as explanações dos juristas, muitas vezes esquece sua missão. Então fecha as asas com um ruído metálico, e porta-se, na sala do tribunal, como um anjo; de reserva da jurisprudência.

Dessa maneira Moosbrugger fora condenado à morte, e agradecia apenas à influência do Conde Leinsdorf e à sua simpatia por Ulrich a possibilidade de examinarem mais uma vez seu estado mental. Mas naquela ocasião Ulrich não tivera intenção de continuar cuidando do destino de Moosbrugger. A desalentadora mistura de crueldade e resignação, que é a marca dessas pessoas, lhe era tão desagradável quanto a mistura de exatidão e negligência, que é marca das sentenças que costumam proferir sobre elas. Ele sabia muito bem o que pensar a respeito de Moosbrugger quando analisava o caso friamente, e que medidas se podiam tentar com essas pessoas, cujo lugar não é nem na prisão, nem em liberdade, e para as quais também os hospícios não servem. Mas sabia igualmente que milhares de outras pessoas sabiam a mesma coisa, que tratavam sem cessar dessa questão, vendo-a segundo o aspecto que mais particularmente as toca, e que por fim o Estado matará Moosbrugger, porque naquela situação confusa isso lhe parecerá a coisa mais clara, justa e segura. Pode ser um comportamento rude acomodar-se a uma coisa dessas, mas os meios de comunicação rápidos de hoje exigem mais vítimas do que todos os tigres da Índia juntos, e sem dúvida a inescrupulosidade, inconsciência e negligência com que toleramos isso nos traz por outro lado sucessos inegáveis.

Essa postura mental tão arguta quanto ao que está próximo e tão cega para o todo tem sua mais importante expressão num ideal que se poderia chamar ideal da obra de uma vida que não conste de mais de três tratados. Há atividades intelectuais em que não são os grandes livros que fazem o orgulho de um homem, mas os pequenos tratados. Se, por exemplo, alguém descobrisse que em circunstâncias ainda não observadas as pedras podem falar, não precisaria senão de poucas páginas para descrever e explicar um fenômeno tão revolucionário. Em contrapartida, sobre as justas concepções morais se podem escrever livros e mais livros, e não se trata apenas de

erudição, mas de um método, com o qual nunca conseguimos ter clareza quanto às questões mais importantes da vida. Poderíamos dividir as atividades humanas segundo a quantidade de palavras de que precisam; quanto mais palavras, tanto pior o caráter das atividades. Todos os conhecimentos através dos quais nossa espécie passou, das roupas de pele de animais até a aviação, não ocupariam, com suas provas acabadas, mais do que uma biblioteca de bolso; mas um armário de livros do tamanho da Terra não bastaria nem de longe para conter todo o resto, sem falar naquela discussão vastíssima que não se realizou com a pena mas com espadas e correntes. É de se pensar que conduzimos muito irracionalmente nossos assuntos humanos, se não os atacamos conforme a ciência, que teve um progresso tão exemplar.

Era essa realmente a atmosfera e disposição daquela era — uma porção de anos, não décadas — que Ulrich ainda chegou a viver em parte. Naquele tempo pensava-se — mas esse “se” é propositadamente um dado vago; não se poderia dizer quem e quantos pensavam assim; a coisa simplesmente imbuía a atmosfera — que talvez fosse possível viver de maneira exata. Hoje se perguntará o que significa isso. A resposta deve ser que se pode imaginar a obra de uma vida constando de três tratados ou de três poemas ou três ações, nos quais a capacidade pessoal de realização é desenvolvida ao extremo. Portanto, seria mais ou menos o mesmo que calar quando nada se tem a dizer; fazer só o necessário, quando não se tem nada de especial a cumprir; e, mais importante, permanecer impassível onde não se puder ter a sensação indescritível de abrir os braços e ser levado pelos ares por uma onda de criatividade! Há de se notar que com isso teria de cessar a maior parte de nossa vida espiritual, mas talvez não fosse um prejuízo tão doloroso. A tese de que a grande quantidade de sabão produz grande limpeza não precisa valer para a moral, onde é mais correta a idéia de que uma excessiva mania de limpeza indica um interior não muito limpo. Seria útil limitar ao máximo o gasto moral que, seja de que natureza for, acompanha toda a ação, e contentar-se em ser moral apenas nos casos de exceção, em que é preciso; mas no resto pensar em sua própria ação apenas como se pensa na padronização necessária de lápis ou parafusos. Não aconteceria muitas coisas boas, mas algumas seriam melhores; não sobraria talento, apenas gênio; desapareceriam do quadro da vida as cópias

desbotadas, nascidas de uma pálida semelhança entre ações e virtudes; e em seu lugar apareceria sua embriagadora unidade na santidade. Numa palavra, sobraria, de cada quintal de moral, um miligrama de essência, da qual até um milionésimo de grama nos daria uma felicidade mágica.

Vão objetar que isso é utopia! Certamente é. Utopias significam mais ou menos o mesmo que possibilidades; o fato de a possibilidade não ser realidade significa que as circunstâncias com as quais se entrelaça atualmente a impedem de se tornar real, caso contrário ela seria apenas uma impossibilidade; se a soltarmos dessas amarras, e permitirmos que se desenvolva, surgirá a utopia. É semelhante ao que acontece quando um pesquisador vê a mudança de um elemento num fenômeno complexo, e tira disso suas conclusões; utopia é a experiência na qual se observa a possível modificação de um elemento, e os efeitos que isso causa no fenômeno complexo que chamamos vida. Se o elemento observado é a própria exatidão, nós a destacamos e deixamos que se desenvolva, contemplamo-la como hábito de pensamento e postura de vida, e deixamos que exerça sua força exemplar sobre tudo que toca; e chegaremos a uma pessoa na qual se realiza uma paradoxal ligação entre exatidão e indeterminação. Ela possuirá aquele insubornável sangue-frio intencional que é o caráter da exatidão; mas além dessa qualidade, tudo o mais é indeterminado. As relações internas sólidas, garantidas por uma moral, têm pouco valor para um homem cuja fantasia anseia por mudanças; e quando a exigência de realização exata e suprema se transfere do terreno intelectual para o das paixões, vê-se completamente, como dissemos, um resultado singular: as paixões desaparecem, e surge em seu lugar uma bondade semelhante ao fogo original.

Isso é a utopia da exatidão. Não saberemos como esse homem passará o seu dia, já que não pode ficar o tempo todo flutuando no ato da criação, e ele terá talvez

sacrificado o fogo doméstico das sensações limitadas em troca de labaredas imaginárias. Mas esse homem exato existe hoje em dia! Como homem dentro do homem, ele vive não só no pesquisador, mas no comerciante, no organizador, no esportista, no técnico, embora por enquanto apenas naquelas principais atividades do dia que não consideram sua vida, mas sua

profissão. Pois quem encara tudo tão radical e imparcialmente tem um grande medo de ser radical consigo mesmo; e certamente consideraria a utopia de si próprio uma tentativa imoral contra uma pessoa de ocupação séria.

Por isso Ulrich sempre fora muito solitário nessa sua indagação: devia adequar todas as suas realizações àquele grupo mais forte de realizações interiores ou não? Em outras palavras: poderemos encontrar sentido e objetivo naquilo que nos acontece e aconteceu?

TAMBÉM A TERRA, E PARTICULARMENTE ULRICH, CULTUAM A UTOPIA
DO ENSAÍSMO

A exatidão como comportamento humano pede ação e o *ser* exatos. Pede ação e o *ser* no sentido de uma exigência máxima. Mas aqui devemos fazer uma distinção.

Na realidade, não existe apenas a exatidão da fantasia (que na verdade ainda não existe), mas também uma exatidão circunspecta, e as duas se diferenciam porque a fantasiosa se atem aos fatos, e a circunspecta às imagens da fantasia. Por exemplo, a exatidão com que o singular espírito de Moosbrugger foi inserido num sistema de conceitos jurídicos de dois mil anos assemelhava-se aos circunspectos esforços de um louco que quer espetar com uma agulha um pássaro que voa livre; mas não se interessava pelos fatos, e sim pelo conceito fantasioso da lei. De outro lado, a atitude dos psiquiatras diante da grande indagação: deviam ou não sentenciar Moosbrugger à morte — era absolutamente exata, pois só se atreviam a dizer que seu perfil clínico não correspondia exatamente a nenhum dos perfis clínicos até ali observados, e deixaram o resto da decisão para os juristas. Naquela ocasião, a sala do tribunal era um retrato da vida, pois todas as pessoas vivas da vida, que julgariam impossível usar um caminhão com mais de cinco anos ou mandar tratar uma doença segundo princípios de dez anos atrás; todas as que além disso dedicam seu tempo integral, voluntária ou involuntariamente, ao incentivo dessas invenções, e pretendem racionalizar tudo o que está a seu alcance; todas elas deixam a questão da beleza, da justiça, do amor e da fé, em suma: todas as questões da humanidade — enquanto não tenham nelas interesses comerciais — entregues às suas mulheres; e quando essas não são suficientes, entregam-nas a uma subespécie de homens que lhes falam do cálice e da espada da

vida em frases milenares, e a quem escutam sem muita atenção, céticas e aborrecidas, sem acreditar em nada, e sem pensar na possibilidade de agir de outra maneira.

Portanto, na verdade existem duas mentalidades, que não apenas combatem uma à outra, mas habitualmente, o que é pior, ficam lado a lado sem trocar palavra, a não ser para se assegurarem mutuamente de que ambas são desejáveis, mas cada uma em seu espaço. Uma contenta-se em ser exata, e prende-se aos fatos; a outra não se contenta com isso, mas contempla sempre o todo, e deduz seus conhecimentos das chamadas grandes verdades eternas. Uma obtém êxito, a outra abrangência e dignidade. É claro que um pessimista poderia dizer que os resultados de uma não valem nada, e os da outra não são verdadeiros. Pois o que se fará no Dia do Juízo, quando forem pesadas as obras humanas, com três tratados sobre ácido fórmico ou mesmo com trinta volumes? De outro lado, o que sabemos do Dia do Juízo, se nem sabemos o que até lá pode acontecer com o ácido fórmico?

Entre os dois pólos deste nem-isso-nem-aquilo, oscilava a evolução quando fazia mais de dezoito e menos de vinte séculos que a humanidade soubera pela primeira vez que no fim dos tempos haveria esse tribunal espiritual. A experiência demonstra que depois de uma orientação sempre segue outra, oposta. E embora fosse imaginável e desejável que essa mudança se efetuasse à maneira de parafuso, que a cada mudança de direção se subisse mais, por razões desconhecidas a evolução raramente ganha mais do que perdeu pelo desvio e destruição. Portanto, o Dr. Paul Arnheim tinha razão quando disse a Ulrich que a história universal jamais permite nada de negativo; a história universal é otimista, decide-se sempre com entusiasmo por uma coisa, e só depois pelo seu oposto! Assim, às primeiras fantasias da exatidão não seguiu a tentativa de concretizá-las, mas entregaram-nas ao uso prosaico dos engenheiros e eruditos, e voltaram-se novamente para uma postura mental mais digna e abrangente.

Ulrich recordava muito bem como o incerto recuperara o respeito das pessoas. Cada vez houvera mais manifestações em que pessoas com uma profissão incerta, poetas, críticos, mulheres e aqueles que exerciam profissões de uma nova geração se queixavam de que o puro saber parecia algo de funesto que destruía toda a obra humana mais elevada, sem poder

recompô-la outra vez; exigiam uma nova crença na humanidade, o retomo a fontes interiores originais, renovação espiritual, muitas coisas desse tipo. No começo, ele presumira ingenuamente que eram pessoas cansadas de cavalgar que descem do cavalo mancando, gritando que lhes apliquem um unguento de alma; mas aos poucos reconheceu que o chamado repetido, que no começo lhe parecera tão engraçado, tinha um grande efeito; o saber começou a ficar antiquado; o tipo de pessoa indefinido, que domina na atualidade, começara a se impor.

Ulrich negara-se a levar isso a sério, e continuava cultivando à sua maneira suas inclinações intelectuais.

Dos tempos da juventude em que se começa a tomar consciência de si, e que mais (arde é tão comovente voltar a contemplar, ainda havia na sua lembrança várias idéias amadas, entre elas a expressão “vida por hipótese”. Ainda significava coragem e voluntária ignorância da vida, quando cada passo é uma audácia sem experiência, desejo de grandes acontecimentos e aquele sopro de revogabilidade que enche o jovem quando este entra, inseguro, na vida. Ulrich achava que no fundo tudo aquilo deveria continuar válido. Uma sensação excitante de ser escolhido para alguma coisa é o que há de belo e certo naquele cujo olhar examina o mundo pela primeira vez. Se vigiar suas sensações, a nada poderá dizer um *sim* sem reservas: procura a possível amada, mas não sabe se é a certa; é capaz de matar sem ter certeza de precisar fazê-lo. A vontade de sua própria natureza, de se desenvolver, proíbe-o de crer no acabado; mas tudo o que enfrenta parece ser acabado. Ele presente: essa ordem não é tão sólida quanto finge ser; nenhuma coisa, nenhum eu, nenhuma forma, nenhum princípio é certo, tudo se encontra numa transformação invisível e incessante, no instável há mais futuro do que no estável, e o presente não é senão uma hipótese que ainda não superamos. O que ele poderia fazer de melhor senão manter-se livre desse mundo, naquele bom sentido com que um pesquisador se mantém livre diante dos fatos que o querem seduzir e fazer acreditar neles precipitadamente?! Por isso, hesita em fazer algo consigo mesmo: um caráter, uma profissão, uma maneira sólida de ser, são conceitos em que já aparece a caveira que por fim sobrar de sua pessoa. Ele procura compreender-se de outra forma; com inclinação para tudo o que o multiplique interiormente, ainda que moral ou intelectualmente proibido,

sente-se como um passo livre em todas as direções, mas que leva de um equilíbrio a outro equilíbrio, seguindo sempre em frente. E se alguma vez pensa ter a idéia certa, percebe que uma gota de indizível fogo caiu no mundo, e sua luz faz tudo parecer diferente.

Mais tarde, com maior capacidade intelectual, isso se transformou em Ulrich numa idéia que já não ligou à incerta palavra hipótese, mas, por determinadas razões, ao conceito singular de ensaio. Mais ou menos como um ensaio examina um assunto de muitos lados em seus vários capítulos, sem o analisar inteiro — pois uma coisa concebida inteira perde de repente sua abrangência e se derrete num conceito —, ele acreditava ver e tratar corretamente o mundo e a própria vida. O valor de um ato ou de uma qualidade, sim, até sua natureza e essência, lhe pareciam dependentes das circunstâncias que os rodeiam, dos objetivos a que servem, em suma, do todo constituído ora assim ora assado, ao qual pertencem. De resto, isso é apenas a simples descrição do fato que um assassinato nos pode parecer crime ou ato heróico, e a hora de amor a pluma caída da asa de um anjo ou de um ganso. Mas Ulrich generalizava. Desta forma, todos os acontecimentos de ordem moral ocorriam num campo de força cuja constelação lhes conferia sentido, e continham o bem e o mal como um átomo contém possibilidades de combinações químicas. Eram de certa forma aquilo que se tornavam; e assim como a palavra duro designa quatro coisas diferentes, caso dureza se relacione com amor, grosseria, ambição ou severidade, todos os fatos morais lhe pareciam, em seu significado, funções dependentes de outras. Assim, surgia um infinito sistema de relações em que não havia mais quaisquer significados independentes como a vida comum os atribui, numa primeira aproximação grosseira, aos atos e qualidades; o que parecia ser sólido tornava-se pretexto permeável para muitos outros significados, o que acontecia tornava-se símbolo de algo que talvez nem acontecesse, mas que era sentido; e o ser humano enquanto resumo de suas possibilidades, o ser potencial, o poema não escrito de sua existência, opunha-se ao ser humano como texto, realidade e caráter.

No fundo, nessa concepção Ulrich sentia-se capaz de qualquer virtude ou maldade, e o fato de tanto os vícios quanto as virtudes serem de modo geral, embora inconfesso, considerados igualmente indesejáveis numa sociedade equilibrada provava-lhe exatamente isso que sempre acontece na natureza:

que com o tempo todo o jogo de forças busca um valor médio e um estado médio, uma compensação e uma cristalização. A moral no sentido comum não era, para Ulrich, senão a forma envelhecida de um sistema de forças que não pode ser confundido com ela sem perda de força ética.

Talvez também esses conceitos expressassem certa insegurança na vida; mas, por vezes a insegurança não é senão insatisfação diante das seguranças comuns, e deve-se lembrar que mesmo alguém tão experiente como a humanidade aparentemente age segundo princípios bem parecidos com esses. Ela revoga constantemente tudo o que já fez, e coloca outra coisa em seu lugar; também para ela, com o tempo crimes se transformam em virtudes ou vice-versa; ela elabora grandes contextos de idéias com tudo o que acontece, e depois de algumas gerações deixa-os desmoronar de novo; mas isso vem em sequência, em vez de transcorrer num único sentimento de vida, e a cadeia dessas tentativas não revela ascensão. Porém um ensaísmo humano consciente teria mais ou menos a tarefa de transformar em vontade essa desleixada consciência do mundo. E muitas linhas isoladas de evolução indicam que isso poderia acontecer em breve. A funcionária num hospital, de roupa imaculadamente branca, desmanchando as fezes de um paciente numa tigela de porcelana branca com ajuda de ácidos que as transformam num material roxo, cuja cor recompensa seu trabalho, já agora, embora não saiba, está num mundo mais mutante do que a jovem dama que estremece de nojo vendo o mesmo material na rua. O criminoso que entrou no campo de força moral de seu ato move-se apenas como um nadador que tem de acompanhar uma torrente forte, e todas as mães cujo filho um dia foi assim arrebatado o sabem; se até hoje não se acreditou nisso, é porque não havia lugar para essa crença. A psiquiatria chama a grande alegria de perturbação alegre, como se fosse um alegre mau humor, e revelou que todos os paroxismos, da castidade e da sensualidade, do escrúpulo e da frivolidade, da crueldade e da compaixão, acabam no patológico. Como significaria pouco a vida saudável, se tivesse por objetivo somente um estado intermediário entre dois exageros! Como seria precária, se seu ideal realmente nada fosse além da negação do exagero de seus ideais! Essas noções levam pois a não ver mais na norma moral a calma dos estatutos rígidos, mas um equilíbrio móvel, que exige a todo momento atos que o renovem. Temos a sensação cada vez mais nítida de que é limitado

considerar como caráter de um homem tendências repetitivas involuntariamente adquiridas, para então responsabilizar seu caráter pelas repetições. Aprendemos a reconhecer a alternância entre interior e exterior, e exatamente pela compreensão do impessoal no ser humano encontramos novos caminhos para o pessoal, certas maneiras simples de comportamento básico, um instinto de construção do ego que, como o instinto de construção de ninhos dos pássaros, arma com várias matérias e depois de algumas tentativas o seu próprio eu.

Já estamos tão próximos de modificar por certas influências muitas situações de degenerescência, como se modifica o curso de uma torrente; e praticamente só devido a uma negligência social, ou um resto de inabilidade, não podemos transformar criminosos em arcanjos. Assim, poderíamos citar tantos exemplos, coisas dispersas, ainda não reunidas, que agem em conjunto, que nos cansamos das aproximações grosseiras surgidas para sua aplicação em situações mais simples; e aos poucos sentimos necessidade de modificar na forma básica uma moral que há dois mil anos vem sendo adaptada ao gosto mutável, e trocá-la por outra que se adapte melhor à mobilidade dos fatos.

Ulrich estava convencido de que para isso faltava apenas a fórmula; aquela expressão que deve encontrar, num momento de sorte, o objetivo de um movimento antes mesmo de o atingir, de modo que o último trecho do caminho possa ser vencido; é sempre uma expressão ousada, ainda não justificada pelo estado das coisas, uma ligação entre exato e não-exato, precisão e paixão.

Mas foi exatamente nos anos que o deviam ter estimulado, que lhe aconteceu algo singular. Ele não era filósofo. Filósofos são déspotas que não dispõem de nenhum exército, por isso submetem o mundo todo encerrando-o num sistema. Provavelmente por isso, nos tempos dos tiranos houve grandes filósofos, enquanto nos tempos de civilização mais avançada e democrática não se consegue produzir nenhuma filosofia convincente; pelo menos isso se deduz das lamentações que se ouvem a respeito. Por isso, hoje se fala tanto em filosofia, que só em armazéns ainda se pode comprar alguma coisa sem filosofia de vida, mas ao mesmo tempo reina

desconfiança em relação às grandes filosofias. Simplesmente as consideramos impossíveis, e Ulrich não estava livre disso; sim, baseado em suas experiências científicas, até ironizava um pouco a Filosofia. Era isso que orientava seu comportamento, de modo que tudo o que via o levava à reflexão, mas, ao mesmo tempo, ele tinha receio de pensar demais. Era outro, porém, o fator determinante de seu comportamento.

Na natureza de Ulrich havia algo que agia de modo distraído, paralisante e desarmante, contra toda a ordem lógica, contra a vontade clara, contra os ordenados impulsos da ambição; também isso se ligava ao nome que ele escolhera: ensaísmo, embora contivesse elementos que, com o tempo e com cuidados inconscientes, ele apartara desse conceito. Até a tradução da palavra *ensaio* como *tentativa*, segundo se fez, contém apenas vagas alusões à imagem literária; pois um ensaio não é a expressão secundária nem provisória de uma convicção que em melhores condições poderá ser considerada verdade ou reconhecida como erro (só os textos e tratados que os eruditos apresentam como “dejetos da sua oficina” pertencem a essa espécie); mas um ensaio é a forma única, e irrevogável, que a vida interior de uma pessoa assume num pensamento decisivo. Nada lhe é mais estranho do que a irresponsabilidade e incompletude das idéias eventuais que chamamos subjetividade; mas também verdadeiro e falso, inteligente e não-inteligente não são conceitos que se possam aplicar a tais pensamentos, apesar de tudo submetidos a leis tão severas quanto parecem delicadas e inefáveis. Houve muitos desses ensaístas entre os mestres da vida interior flutuante, mas não faz sentido mencioná-los; seu reino fica entre religião e saber, entre exemplo e doutrina, entre *amor intellectualis* e poesia; são santos com e sem religião, e por vezes também são simplesmente homens que se perderam numa aventura.

De resto, nada mais significativo do que a experiência involuntária que se faz com tentativas eruditas e sensatas de explicar esses grandes ensaístas, de transformar a doutrina de vida, como ela é, em sabedoria de vida, e extrair um “conteúdo” desse movimento dos espíritos emotivos; de tudo isso resta mais ou menos o equivalente ao delicado colorido de uma medusa depois de retirada da água e colocada na areia. A doutrina dos emotivos desfaz-se em pó na sensatez dos insensíveis, torna-se contradição e contra-senso, mas não a devemos chamar de realmente delicada e incapaz para a vida; ou teríamos

de dizer que um elefante é delicado porque não resiste a um espaço privado de ar, que não corresponde a suas necessidades vitais. Seria lamentável se essas descrições dessem impressão de mistério ou de uma música de clangores de harpa e *glissandos* suspirosos. A verdade é o contrário disso; e a questão fundamental não era encarada por Ulrich apenas como pressentimento mas também de modo muito lúcido, na seguinte forma: o homem que quer a verdade torna-se erudito; o homem que quer liberar sua subjetividade torna-se, talvez, escritor; mas o que fará um homem que quer qualquer coisa entre esses dois pólos?

Toda a sentença moral fornece exemplos do que fica “entre”, como a simples e conhecida: não matarás. Vê-se ao primeiro olhar que ela não é nem verdadeira nem subjetiva. Sabemos que em muitos aspectos nos mantemos rigorosamente conformes a ela; por outro lado, admitem-se certas exceções, bem numerosas mas claramente delimitadas; mas num grande número de um terceiro tipo de casos, como na fantasia, nos desejos, nas peças de teatro ou ao saborear notícias de jornal, oscilamos desordenadamente entre repulsa e atração. Às vezes se chama aquilo, que não é nem verdadeiro nem subjetivo, de exigência. Ligamos essa exigência aos dogmas da religião e da lei, conferindo-lhe o caráter de uma verdade derivada. Mas os romancistas nos contam de exceções, começando pelo sacrifício de Abraão até a mais recente beldade que assassinou seu amante a tiros, e de novo dissolvem tudo isso em subjetividade. Portanto, podemos nos agarrar às estacas, ou deixar que a grande onda nos leve de um lado para outro entre elas: mas, com que sensação?! A sensação de um homem diante dessa frase é um misto de obediência obstinada (incluindo a “natureza saudável” que se nega a pensar numa coisa dessas, mas, levemente transtornada pelo álcool ou por uma paixão, a cumpre imediatamente), e um despreocupado chapinhar numa onda de possibilidades.

Deveremos realmente compreender só assim essa sentença? Ulrich sentia que um homem que deseja de todo o coração fazer uma coisa, não saberá dessa maneira se a deve fazer, ou se a deve ignorar. E pressentia que a poderia realizar ou ignorar com toda a intensidade. Uma idéia passageira ou uma proibição não lhe diziam nada. Seguir uma lei do alto, ou de dentro,

despertava seu espírito crítico; mais que isso, havia uma desvalorização nessa necessidade de enobrecer, através da origem, um instante de certeza.

A tudo isso seu peito ficava mudo, só sua razão falava; mas ele sentia que de outro modo sua decisão poderia se harmonizar com sua felicidade. Poderia ser feliz porque não matava, ou ser feliz por matar, mas jamais poderia ser o cumpridor indiferente de uma exigência que lhe fosse feita. Isso que sentia naquele instante não era um mandamento que o dominaria, mas um domínio no qual ingressava. Percebia que lá dentro já estava tudo decidido, o sentido abrandado como leite materno. Mas não era mais o pensamento que lhe dizia isso, nem sentimento na maneira comum, fragmentada; era uma “compreensão total”; por outro lado era apenas como quando o vento traz uma mensagem de longe, e ela não lhe parecia verdadeira nem falsa, sensata ou absurda, mas o comovia como se um leve e doce exagero lhe caísse no coração.

E, assim como não se pode construir uma verdade com as partes legítimas de um ensaio, também não se consegue obter nenhuma convicção num estado desses; pelo menos não sem renunciar a ele, assim como um amante tem de se afastar do amor para poder descrevê-lo. A ilimitada emoção que por vezes o movia, embora inerte, contradizia o impulso de agir de Ulrich, que o impelia para formas e fronteiras. Mas provavelmente é correto e natural querer saber, antes de deixar falar a emoção; e involuntariamente imaginava o que um dia queria encontrar: ainda que não fosse a verdade, não teria menos solidez que ela. Mas no seu caso particular ele se assemelhava, por isso, a um homem que vai juntando suas ferramentas enquanto perde o desejo de trabalhar. Seja o que for que lhe tivessem perguntado quanto aos seus objetivos quando trabalhava em seus tratados matemáticos ou lógico-matemáticos, ou na pesquisa das ciências naturais, teria respondido que só uma questão realmente recompensava o ato de pensar, e era a da vida justa. Mas quando se sustenta uma exigência sem que nada aconteça, o cérebro adormece exatamente como o braço quando segura por muito tempo um objeto, e nossos pensamentos não conseguem ficar de pé o tempo todo, assim como soldados não o conseguem num desfile de verão; se tiverem de esperar tempo demais, caem desmaiados.

Como Ulrich concluía mais ou menos aos vinte e seis anos o esboço de sua

concepção de vida, ela já não lhe parecia muito sincera aos trinta e dois. Não continuara elaborando seus pensamentos, e exceto por uma sensação vaga e excitante, como se tem aguardando alguma coisa com olhos fechados, não se notava nele muita emoção pessoal desde que tinham passado aqueles dias de primeiras e frementes descobertas. Provavelmente, era todavia uma emoção subterrânea desse tipo que, com o tempo, lhe tirara o ímpeto em seu trabalho científico, impedindo-o de colocar nele toda a sua vontade. E isso o deixou numa estranha ambivalência. Não se pode esquecer que os espíritos exatos no fundo são mais crentes em Deus do que os estéticos, pois se submeteriam a “Ele” assim que Ele decidisse revelar-se nas condições que eles mesmos lhe prescrevessem para ser real, enquanto nossos espíritos estéticos, caso Ele se manifestasse, só achariam que Seu talento não é bastante original e Sua visão do mundo não é bastante compreensível para o colocar num mesmo nível com talentos realmente abençoados por Deus.

Ulrich não conseguia entregar-se a pressentimentos vagos com tanta facilidade como uma pessoa dessa espécie, mas, de outro lado, não podia também esconder que anos a fio, vivendo com pura exatidão, apenas vivera contra si próprio; e desejava que lhe acontecesse algo de imprevisto, pois quando fazia aquilo que ironicamente chamava suas “férias da vida”, não tinha nem numa nem noutra direção nada que lhe desse paz.

Talvez se pudesse alegar, em sua defesa, que a vida em certas fases transcorre com incrível rapidez. Mas o dia em que precisamos começar a viver nossa última vontade, antes de largarmos seus restos, está muito à nossa frente e não pode ser adiado. Ele via isso com uma nitidez ameaçadora, agora que se passara quase meio ano sem nenhuma mudança. Esperava, enquanto se movia de um lado para outro naquela atividade insignificante e tola que se propusera, falava, tinha prazer em falar demais, vivendo com a desesperada tenacidade de um pescador que baixa suas redes no rio vazio, pois não fazia nada que correspondesse à pessoa que era, e agia assim intencionalmente. Esperava atrás de sua própria pessoa, na medida em que essa palavra designa a parte de um ser humano formada pelo mundo e pelo curso da vida; e seu desespero calmo, retido atrás dela, aumentava a cada dia. Estava na pior situação de sua vida, e desprezava a si

próprio por suas omissões. Grandes provações serão privilégio de grandes naturezas? Teria gostado de acreditar nisso, mas não é correto, pois também as mais simples naturezas nervosas têm suas crises. Assim, na verdade não lhe restava naquele grande abalo senão o resto inabalável que possuem todos os heróis e criminosos, que não é coragem, não é vontade, não é confiança, é simplesmente capacidade de agarrar-se tenazmente em si mesmo, tão difícil de extirpar quanto é difícil extirpar a vida de um gato, mesmo quando já está todo despedaçado pelos cães.

Se quisermos imaginar como vive uma pessoa dessas quando está sozinha, Podemos quando muito contar que de noite os vidros iluminados das janelas espiam o quarto, e os pensamentos, depois de usados, sentam-se por ali como clientes na sala de espera de um advogado com quem não estão satisfeitos. Ou, talvez, que certa noite Ulrich abriu as janelas e fitou os troncos de árvores despídos como cobras, cujas sinuosidades pareciam estranhas, negras e lisas, entre a cobertura nevada das copas e do chão, sentindo repentinamente vontade de sair para o jardim assim como estava, de pijama; queria sentir o frio nos cabelos. Quando chegou embaixo, apagou a luz para não aparecer diante da porta iluminada, e só de seu escritório descia um telhado de luz sobre as sombras. Havia uma trilha para o portão de ferro que dava para a rua, e um segundo caminho a cruzava, nítido e escuro. Ulrich dirigiu-se lentamente para lá. Depois, a escuridão que subia por entre as copas das árvores lhe recordou fantásticamente a gigantesca figura de Moosbrugger, e as árvores nuas lhe pareceram estranhamente corpóreas; feias e molhadas como vermes e, ainda assim, dando vontade de as abraçar e cair de joelhos junto delas, rosto banhado em pranto. Mas não fez isso. O sentimentalismo daquele impulso o fez recuar no mesmo instante em que o tocou. Através do leitoso nevoeiro passavam diante das grades do jardim transeuntes tardios, e o teriam julgado um louco ao ver seu vulto de pijama vermelho entre os troncos negros; mas pisou firme no caminho e voltou para casa razoavelmente satisfeito, pois se havia alguma coisa reservada para ele, haveria de ser algo de muito diferente.

BONADÉIA TEM UMIA VISÃO

Quando na manhã seguinte a essa noite; Ulrich se levantou tarde e muito abatido, anunciaram-lhe a visita de Bonadéia; era o primeiro encontro dos dois depois daquela briga.

Durante a separação, Bonadéia chorara muito. Sentira muitas vezes que abusavam dela. Muitas vezes rufara como um tambor envolto em panejamentos negros. Tivera muitas aventuras e decepções. E embora a lembrança de Ulrich caísse num fundo poço a cada aventura dessas, depois de cada decepção voltava à tona, impotente mas cheia de censura como a dor do abandono num rosto de criança. Bonadéia pedira cem vezes secretamente perdão ao seu amigo pelo ciúme, “punindo seu feio orgulho”, como dizia, e por fim decidiu oferecer-lhe um armistício.

Estava encantadora, melancólica e bela sentada diante dele, e sentia-se muito mal do estômago. Ele se postava à sua frente “como um adolescente”, a pele como mármore polido pelos grandes acontecimentos e a diplomacia que ela lhe atribuía. Nunca notara como seu rosto era forte e decidido. Teria gostado de capitular inteiramente, mas não tinha coragem de avançar tanto, e ele não fazia cara de quem a fosse convidar. Essa frieza era indizivelmente triste para ela, mas também solene como uma estátua. Bonadéia pegou inesperadamente; a mão dele e beijou-a. Ulrich lhe acariciou pensativamente o cabelo. As pernas dela fraquejaram da maneira mais feminina possível, e ela quis cair de joelhos. Então Ullrich a empurrou suavemente para a cadeira, trouxe uísque com soda, e acendeu um cigarro.

— Uma dama não bebe uísque de manhã! — protestou Bonadéia; por um momento teve novamente forças para ficar magoada, e seu coração subiu-lhe à cabeça, porque lhe pareceu que a naturalidade com que Ullrich lhe oferecia aquela bebida forte e, segundo ela, licenciosa, continha alguma alusão grosseira.

Mas Ulrich disse amavelmente:

— Vai lhe fazer bem. Todas as mulheres que se meteram na alta política bebiam uísque. — Pois, para introduzir-se outra vez na casa de Ulrich, Bonadéia dissera que admirava a grande Ação Patriótica, e desejava ajudar.

Era esse o seu plano. Ela sempre acreditava em várias coisas ao mesmo tempo, e meias-verdades facilitavam-lhe a mentira.

O uísque era dourado e a aqueceu como sol de maio.

Bonadéia teve a sensação de ter setenta anos e estar sentada num banco de jardim diante de uma casa. Estava envelhecendo. Seus filhos cresciam. O mais velho já tinha doze anos. Era vergonhoso seguir à sua casa um homem que mal conhecia só porque ele a fitara como se estivesse atrás de uma janela. Nota-se muito bem nele, pensou Bonadéia, detalhes que nos desagradam e deviam servir de aviso; bem que eu quereria — se ao menos algo me pudesse deter nesses momentos! — sair correndo, coberta de vergonha ou talvez vermelha de raiva; mas, como isso não acontece, esse homem cresce cada vez mais apaixonadamente em seu papel. Ela própria sentia-se como um bastidor de palco iluminado por luz artificial; são olhos de palco, bigode de palco, são botões de fantasia que se abrem, e os momentos desde a chegada ao quarto até o primeiro horrendo movimento lúcido depois transcorrem dentro de uma consciência que saiu da cabeça e recobre as paredes do quarto com uma tapeçaria de loucura. Bonadéia não usava exatamente essas palavras, já que só em parte pensava com palavras, mas enquanto imaginava a cena sentia-se logo sujeita àquela transformação da consciência. “Quem pudesse descrever isso seria um grande artista; não, um pornógrafo!”, pensou fitando Ulrich. Pois nem por um instante esquecia, naquela condição, seus bons propósitos e o desejo de ser decente; ficavam do lado de fora, esperando, não tinham nada a dizer diante daquele mundo transtornado pelo desejo. Quando Bonadéia recuperava a razão, passava pelos maiores tormentos. A alteração da consciência pela embriaguez sexual, que as outras pessoas encaram como coisa natural, assumia nela, devido à subitaneidade e profundidade da vertigem e do remorso, uma intensidade que a assustava sempre que voltava ao pacífico seio da família. Então, sentia-se como uma demente. Mal se atrevia a encarar os filhos, de medo de prejudicá-los com seu olhar pervertido. E estremecia quando o marido a contemplava um pouco mais ternamente, sentindo medo da

descontração dos momentos a sós.

Por isso, nas semanas de separação, amadurecera o plano de não ter outro amante senão Ulrich; ele lhe daria segurança, e a livraria de aventuras com estranhos. “Como pude censurá-lo”, pensava agora que o reencontrava pela primeira vez, “ele é tão melhor do que eu.” E atribuía-lhe o mérito de nos braços dele ter sido uma pessoa melhor; e também pensava que na próxima festa benemerente ele a deveria introduzir em seu novo ambiente social. Bonadéia fez um secreto juramento à bandeira nacional, e a emoção lhe trouxe lágrimas aos olhos enquanto pensava em tudo isso.

Ulrich, porém, esvaziou seu copo de uísque com a lentidão de um homem que precisa se fortalecer para uma decisão difícil. E lhe disse que no momento ainda não era possível apresentá-la a Diotima. Naturalmente Bonadéia quis saber exatamente por que não era possível; depois, quis saber exatamente quando seria possível.

Ulrich teve de lhe explicar que ela não se destacara nem na arte, nem na ciência, nem na caridade, e que por isso levaria muito tempo até ele poder fazer Diotima entender que sua colaboração era necessária.

Entrementes, Bonadéia começara a sentir estranhas emoções em relação a Diotima.

Ouvira muita coisa sobre suas virtudes para não ter ciúmes dela; pelo contrário, invejava e admirava essa mulher que conseguia atrair seu amante sem fazer concessões imorais. Atribuiu a essa influência aquela impassibilidade de estátua que notara em Ulrich. Considerava-se “apaixonada”, compreendendo com isso tanto a sua desonra quanto uma desculpa honrosa para ela; mas admirava mulheres frias com a mesma sensação com que os infelizes donos de mãos sempre úmidas colocam sua mão noutra especialmente bela e seca. “Foi ela!” pensou. “Foi ela quem mudou Ulrich desse jeito!” Sentiu uma verruma dura no coração; uma verruma doce nos joelhos: essas duas verrumas girando simultaneamente uma contra a outra quase fizeram Bonadéia desmaiar, ao sentir a resistência de Ulrich. Então, jogou seu último trunfo: Moosbrugger!

Com dolorosa reflexão entendera que Ulrich tinha uma estranha predileção por aquela figura horrenda. Ela sentia repulsa por aquela “luxúria grosseira” que em sua opinião manifestava-se nos atos de Moosbrugger; nesse assunto,

naturalmente sem o saber, sentia-se como as prostitutas que, claramente e sem nenhum romantismo burguês, consideram um criminoso sexual simplesmente um perigo para sua profissão. Mas, apesar das próprias falhas inevitáveis, ela precisava de um mundo ordenado e verdadeiro, e Moosbrugger lhe serviria para reconstruí-lo. Como Ulrich tivesse uma queda por ele, e o marido dela, que também era juiz, lhe podia dar informações úteis, ocorrera-lhe em seu abandono a idéia de unir sua fraqueza com a de Ulrich, com ajuda do marido; e essa idéia nostálgica tinha a força consoladora de uma sensualidade abençoada pela lei. Mas quando se aproximou do bom marido com esse assunto, ele ficou espantado com sua inesperada paixão pelo Direito, embora soubesse que ela facilmente se entusiasmava por tudo o que houvesse de bom e nobre nas pessoas. E como não fosse apenas juiz mas também caçador, respondeu, bondoso mas distante, que era correto matar feras sem muito sentimentalismo, e não lhe deu maiores informações. Numa segunda tentativa, tempos depois, Bonadéia apenas conseguiu extrair dele a opinião de que considerava parir coisa de mulheres, mas matar assunto de homens; como não devesse correr o risco de nenhuma suspeita nessa questão perigosa, de momento o caminho da justiça lhe estava fechado. Assim, chegara ao caminho do perdão, único que lhe restava, se quisesse fazer alguma coisa por Moosbrugger para alegrar Ulrich; e esse caminho passava, não se pode dizer surpreendente mas sedutoramente, por Diotima.

Em pensamento ela se via amiga de Diotima, e cumpria seu desejo de conhecer a admirada rival devido àquele assunto inadiável, orgulhosa demais para fazê-lo por alguma necessidade pessoal. Decidira conquistá-la em favor de Moosbrugger, o que Ulrich, segundo ela adivinhara facilmente, não tinha conseguido; e sua fantasia pintava tudo isso em belas cores. A grande e marmórea Diotima passava seu braço pelos cálidos ombros de Bonadéia, recurvados pelo pecado, e esta esperava ter mais ou menos a capacidade de ungir com uma gota de fraqueza aquele coração celestial e intocado. Era esse o plano que explicou ao amigo que perdera.

Mas naquele dia não conseguiu interessar Ulrich pela idéia de salvar Moosbrugger. Ele conhecia os nobres sentimentos de Bonadéia, e sabia com que facilidade o fogo de uma só bela emoção se transformava num incêndio

a lhe consumir o corpo todo. Explicou-lhe que não tinha a menor intenção de se meter no processo contra Moosbrugger.

Bonadéia fitou-o com belos olhos ofendidos, em que a água boiava sobre o gelo como acontece no limite entre primavera e inverno.

Ulrich nunca deixara de sentir certa gratidão por aquele belo primeiro encontro na noite em que estava desmaiado no asfalto, Bonadéia ajoelhada junto da sua cabeça, e a hesitante, aventureira imprecisão do mundo, da juventude e dos sentimentos gotejara dos olhos daquela jovem mulher sobre a consciência dele, que despertava aos poucos. Portanto, procurou abrandar aquela recusa ofensiva com uma conversa mais longa.

— Imagine — disse ele — que você esteja andando por um grande parque à noite e dois vagabundos se aproximem: você pensaria que são pessoas dignas de pena, cuja brutalidade é culpa da sociedade?

— Mas eu nunca ando em parques de noite — respondeu Bonadéia imediatamente.

— Mas, se chegasse um policial, você o mandaria prender os dois?

— Eu lhe pediria que me protegesse!

— Isso significa que ele os prenderia!

— Não sei o que ele faria. Moosbrugger não é um vagabundo.

— Então imagine que ele trabalhava em sua casa como marceneiro. Você está sozinha com ele, e ele começa a revirar os olhos para o seu lado.

Bonadéia protestou:

— Você está me sugerindo uma coisa nojenta!

— Claro — disse Ulrich. — Mas quero lhe provar que pessoas que facilmente se descontrolam são muito desagradáveis. Só quando nós mesmos não estamos em jogo podemos ser imparciais com elas. Nesse caso, despertam nossa simpatia, julgamos que são vítimas do destino ou da sociedade. Você tem de admitir que ninguém se julga culpado de seus próprios erros; no pior dos casos, considera-os um engano, ou qualidades negativas num conjunto que nem por isso é menos bom; e naturalmente ele terá toda a razão!

Bonadéia precisou arrumar a meia, e foi obrigada a encarar Ulrich com a

cabeça inclinada para trás, e em seu joelho, que a vista não controlava, nasceu uma contraditória agitação de bainhas rendadas, meia lisa, dedos tensos, e o doce, macio brilho nacarado da pele.

Ulrich acendeu depressa um cigarro, e continuou:

— O ser humano não é bom, ele é sempre bom! Entendeu a diferença? Ela é enorme. A gente ri desse sofisma do amor-próprio, mas devíamos concluir, por ele, que o ser humano é incapaz de fazer o mal; apenas, seus atos podem ter efeitos maléficos. Com essa idéia chegamos ao verdadeiro ponto de partida de uma moral social.

Com um suspiro, Bonadéia baixou a saia outra vez, endireitou-se e tentou se acalmar com um gole daquele fogo dourado e fosco.

— E agora vou lhe explicar — acrescentou Ulrich sorrindo — por que se pode sentir muita coisa por Moosbrugger, mas não se pode fazer nada por ele. No fundo, todos esses casos se parecem a um fio solto, e, quando o puxamos, todo o tecido social começa a se desmanchar. Vou lhe mostrar isso primeiro em problemas puramente racionais.

Inexplicavelmente, Bonadéia perdeu um sapato. Ulrich abaixou-se, e o pé aproximou-se, quente, do sapato em sua mão, como uma criancinha.

— Deixa, eu mesma faço! — disse Bonadéia, estendendo-lhe o pé.

— Primeiro vêm as questões jurídico-psiquiátricas — prosseguiu Ulrich implacavelmente, enquanto da perna dela lhe subia ao nariz um aroma de responsabilidade reduzida. — Nessas questões, como sabemos, os médicos já avançaram a ponto de se poderem evitar a maioria desses crimes, se quiséssemos aplicar nisso o dinheiro necessário. Portanto, trata-se hoje em dia de um mero problema social.

— Ah, sabe, pare de falar nisso! — pediu Bonadéia quando ele disse “social” pela segunda vez. — Quando se fala nisso lá em casa, eu saio do quarto; sinto um tédio mortal.

— Muito bem — transigiu Ulrich —, eu só quis dizer que assim como a técnica fabrica coisas úteis com cadáveres, lixo, refugos e venenos, a técnica psicológica quase consegue o mesmo. Mas o mundo não tem nenhuma pressa em resolver essas questões. O Estado gasta dinheiro em tudo quanto é bobagem, mas não tem um tostão para as mais importantes questões morais. Isso é da sua natureza, pois o Estado é a criatura mais tola

e perversa que existe.

Ele disse isso com convicção; mas Bonadéia procurava fazê-lo voltar ao assunto central.

— Querido — disse languidamente —, não será melhor para Moosbrugger ele ser irresponsável ? !

— Provavelmente seria mais importante matar todos os responsáveis do que evitar que um irresponsável seja morto — disse Ulrich, evasivo.

Ele andava de um lado para outro, perto dela. Bonadéia o achou revolucionário e ardente; conseguiu pegar sua mão e colocou-a sobre o próprio seio.

— Bem — disse ele —, agora vou lhe explicar as questões emocionais. Bonadéia espalmou os dedos dele e colocou sua mão aberta sobre o seio. O olhar com que fez isso era de comover uma pedra; Ulrich sentiu dois corações pulsando no peito, como na oficina de um relojoeiro se misturam as batidas dos relógios. Usando de toda a sua força de vontade, pôs ordem no seu peito e disse brandamente:

— Bonadéia, não!

Ela estava quase chorando, e Ulrich tentou persuadi-la:

— Não é contraditório você ficar nervosa com essa questão porque eu lhe falei nela por acaso, e não perceber coisa alguma dos milhões de injustiças, igualmente grandes, que acontecem todo dia?

— Mas não tem nada que ver — defendeu-se Bonadéia. — Acontece que desse caso eu sei! E seria uma pessoa má se ficasse quieta!

Ulrich achou que seria melhor ficar quieto; uma calma furiosa, acrescentou. Libertara a mão e sentara-se a certa distância dela.

— Hoje em dia tudo acontece “enquanto” e “por enquanto” — comentou —, e tem de ser assim. Pois a escrupulosidade de nossa razão nos força a uma terrível inescrupulosidade de sentimentos. — Ele servira-se mais uma vez de uísque e puxara as pernas sobre o divã. Começava a sentir-se cansado.—Todo homem por natureza reflete sobre sua vida — explicou —, mas quanto mais precisamente reflete, tanto mais seu pensamento se estreita. Quando ele está maduro, temos diante de nós uma pessoa tão especializada num determinado milímetro quadrado como talvez duas

dúzias de outras no mundo todo; ele vê muito bem que outras pessoas menos esclarecidas dizem bobagens sobre problemas dele, mas não pode se mover, pois se sair do seu terreno, por um micromilímetro que seja, começará ele próprio a dizer tolices. — Agora sua fadiga era tão fluida e dourada quanto a bebida sobre a mesa. “Mas eu já estou dizendo bobagens há meia hora”, pensou; contudo, aquele estado apaziguado era agradável. Apenas receava que Bonadéia tivesse vontade de se sentar a seu lado. Contra isso havia um só remédio: ir falando.

Ele recostara a cabeça e jazia esticado como as figuras de jacentes nas sepulturas da Capela Mediei. Isso lhe ocorreu de repente, e enquanto assumia aquela postura sentiu no corpo uma espécie de majestade, flutuando na mesma serenidade das estátuas, e sentiu-se mais poderoso do que realmente era; pela primeira vez acreditou, na distância, compreender aquelas obras de arte que até ali apenas encarara como objetos estranhos. E em vez de falar, calou-se. Bonadéia também sentiu alguma coisa. Era um “momento”, como se diz daquilo que não se sabe nomear. Algo sublime e teatral unia os dois, subitamente emudecidos.

“O que foi feito de mim?”, pensou Ulrich amargurado. “Talvez uma pessoa corajosa e insubornável, que imagina respeitar poucas leis exteriores por amor à liberdade interior. Mas essa liberdade interior consta de poder pensar tudo, saber em qualquer situação humana por que não nos precisamos prender a ela, e nunca saber em que nos gostaríamos de prender!” Naquele momento infeliz, em que a singular pequena onda de emoções que o dominara por um segundo se desfazia novamente, estava disposto a admitir que só possuía uma capacidade, a de descobrir em cada coisa dois aspectos, aquela ambivalência moral que caracterizava quase todos os seus contemporâneos e constituía a tendência de sua geração, ou o seu destino. Suas relações com o mundo tinham-se tornado pálidas, fantasmais e negativas. Que direito tinha de tratar mal a Bonadéia? Entre eles repetia-se a cada vez aquele pequeno diálogo irritante. Nascido da acústica interna do vazio, no qual um tiro ecoa com dupla intensidade e não cessa de rolar; aborrecia-o não poder mais falar com ela senão daquela maneira, e o tormento especial que isso causava aos dois lhe pareceu ter o belo nome vago de Barroco do Vazio.

Ele ergueu-se para lhe dizer alguma coisa amável.

— Lembrei-me de uma coisa — disse a Bonadéia, que ainda estava ali sentada numa postura digna. — Coisa engraçada. Uma diferença singular: o homem responsável sempre pode optar, o irresponsável nunca!

Bonadéia teve uma resposta muito substanciosa:

— Ora, lá vem você! — respondeu. Foi a única interrupção, e o círculo de silêncio voltou a se fechar.

Quando Ulrich falava de coisas gerais na presença dela, ela não gostava. Com razão sentia-se, apesar de todos os seus erros, no meio de uma multidão de semelhantes, e tinha uma noção correta do que havia de anti-social, exagerado e solitário na natureza dele, por lhe oferecer idéias em vez de emoções. Com isso, dentro dela, pecado, amor e melancolia tinham-se unido formando um círculo de idéias altamente perigoso. Ulrich de longe não lhe parecia mais tão intimidante e perfeito como no início daquele reencontro; mas, para compensar, assumira agora um ar juvenil que excitava o idealismo dela como uma criança que quer correr até os braços da mãe, mas tem medo de alguma coisa no caminho. Há muito tempo sentia por ele uma ternura solta, incontrolada. Mas já que Ulrich rejeitara o primeiro sinal disso, ela se controlava à força. Ainda não superara a recordação da última visita, em que se despira e deitara desamparadamente no diva dele; e decidira que era melhor ficar de chapéu e véu até o fim naquela cadeira, para que ele aprendesse que tinha à frente alguém que, em caso de necessidade, sabia controlar-se como a rival Diotima. Mas na grande excitação que sempre sentia diante de um amante, Bonadéia sentia sempre falta da grande idéia que lhe correspondesse; infelizmente, tal se pode dizer da vida toda: ela tem muita excitação e pouco sentido; mas Bonadéia não sabia disso, e procurava expressar alguma idéia. Achava que as de Ulrich não tinham a dignidade de que ela precisava, e é provável que procurasse outra mais bonita e sentimental. Mas hesitação ideal e atração vulgar, atração e medo terrível de ser prematuramente atraída misturavam-se com o estímulo do silêncio no qual freiam os atos reprimidos e com a lembrança da grande paz que por um segundo a ligara ao amante. Por fim, era como quando paira uma chuva no ar, mas não chove: um atordoamento que se espalhava por toda a sua pele e assustava Bonadéia com a idéia de que, sem notar, era capaz de perder o controle.

De repente, isso produziu uma ilusão física: uma pulga. Bonadéia não sabia se ela era realidade ou fantasia. Sentiu um calafrio no cérebro, uma impressão inacreditável, como se ali uma fantasia se tivesse destacado da espectral unidade das demais, mas ainda não passasse de imaginação; e ao mesmo tempo um calafrio indubitável e real na pele. Ela sustou a respiração. Quando alguma coisa sobe a escada, *tape, tape*, e a gente sabe que a escada está deserta mas ainda assim escuta, bem nítido, *tape, tape*. Como se um raio a trespassasse, Bonadéia compreendeu que aquilo era uma continuação involuntária do sapato perdido. Para uma dama, era um recurso desesperado. Contudo, no momento em que quis exorcizar aquele fantasma, sentiu uma forte picada. Deu um gritinho, ficou muito vermelha, e pediu a Ulrich que a ajudasse a procurar. Uma pulga aprecia os mesmos lugares que um amante; a meia foi examinada até embaixo, no sapato, a blusa teve de ser aberta no peito. Bonadéia explicou que devia vir do bonde, ou de Ulrich. Mas não conseguiram encontrar a pulga, e ela não deixara sinal.

— Não sei o que pode ter sido! — disse Bonadéia. Ulrich sorriu, com inesperada amabilidade.

Então Bonadéia começou a chorar como uma menininha que se portou mal.

O GENERAL STUMM VON BORDWEHR VISITA DIOTIMA

O General Stumm von Bordwehr fora apresentar seus cumprimentos a Diotima. Era aquele oficial enviado pelo Ministério da Guerra para a grande reunião inaugural, onde ele fizera um discurso que impressionara a todos, mas não conseguira evitar que, na indicação das comissões para a grande obra de paz, segundo o modelo dos ministérios, o Ministério da Guerra fosse omitido por razões óbvias.

O general não era um homem imponente; tinha uma barriguinha, e, em vez de bigode, apenas uma mosca sobre o lábio superior.

Seu rosto era redondo, e tinha o ar de boa família exigido para o oficial de tropas sem fortuna pessoal além daquela que o regulamento impunha para poderem se casar. Ele disse a Diotima que o papel do soldado na sala de conferências era modesto. Além disso, por razões políticas, era natural que o Ministério da Guerra não pudesse ser levado em conta na formação das comissões. Mas atrevia-se a afirmar que a planejada ação deveria ter efeitos no exterior, e o que atuava no exterior era o poder do povo. Repetiu que o conhecido filósofo Treitschke dissera que o Estado era o poder de manter-se na luta entre os povos. A força que haurimos na paz afastava a guerra, ou pelo menos abreviava sua crueldade. Ele falou ainda quinze minutos, usou algumas citações clássicas que, segundo acrescentou, recordava com agrado dos tempos de ginásio, e afirmou que aqueles anos de estudo humanístico tinham sido os melhores de sua vida; procurou fazer Diotima sentir que a admirava, e que a maneira como conduzira a grande sessão fora encantadora; queria repetir ainda uma vez que, bem compreendida, a melhoria das forças armadas, que ficavam muito aquém das de outras nações, poderia ser uma expressão de intenção pacifista, e também esclareceu que aguardava confiante que surgisse por si um significativo interesse do povo nos problemas do exército.

Esse amável general deixou Diotima mortalmente assustada. Naquele tempo havia na Kakânia famílias frequentadas por oficiais porque suas filhas se casavam com eles, e famílias cujas filhas não se casavam com oficiais, ou por não haver dinheiro suficiente para o dote, ou por princípio, de forma que não eram frequentadas por oficiais; a família de Diotima pertencera à segunda espécie, pelos dois motivos, e como resultado a bela e escrupulosa mulher tinha dos militares um conceito semelhante ao da Morte enfeitada de trapos coloridos. Respondeu que havia tanta coisa grande e bela no mundo, que a escolha não era fácil. Era um grande privilégio poder dar um sinal grandioso naquele mundo tão materialista, mas também um dever muito difícil. E afinal, a manifestação deveria brotar do seio do povo, por isso ela precisava conter um pouco seus próprios desejos. Pronunciava suas palavras cautelosamente, como se estivessem amarradas com barbante amarelo e preto, e queimava nos lábios brandos vocábulos técnicos da alta burocracia.

Mas quando o general se despedira, o interior daquela nobre dama desmoronou. Se fosse capaz de um sentimento vulgar como ódio, teria odiado aquele homenzinho de olhos inquietos e botões dourados no ventre, mas como isso lhe era impossível, sentiu-se ofendida e não sabia dizer por quê. Apesar do frio do inverno abriu as janelas, e correu algumas vezes pela sala. Quando fechou as janelas outra vez, tinha lágrimas nos olhos. Estava espantadíssima. Já era a segunda vez que chorava sem motivo. Lembrou-se da noite em que derramara lágrimas ao lado do marido sem ter explicações. Desta vez o caráter nervoso do fato, ao qual não correspondia nenhum motivo, era mais evidente ainda; aquele oficial gorducho lhe arrancava lágrimas dos olhos como uma cebola, sem nenhuma emoção. Ela ficou inquieta, e com razão; um medo cheio de pressentimentos lhe dizia que havia algum lobo invisível rondando sua cerca, e que era urgente expulsá-lo pelo poder da Idéia.

Foi assim que, depois da visita do general, ela decidiu realizar o mais depressa possível aquela reunião de grandes espíritos, que a ajudaria a assegurar um conteúdo para a Ação Patriótica.

DAS CONVERSAS ENTRE ARNHEIM E DIOTIMA

O coração de Diótima ficou aliviado porque Arnheim acabava de voltar de uma viagem e estava à sua disposição.

— Há poucos dias falei com seu primo a respeito de generais — respondeu ele imediatamente, e disse isso com o ar de um homem que alude a algum acontecimento grave, sem querer precisar do que se tratava. Diótima ficou com a impressão de que seu contraditório primo, pouco entusiasmado com a idéia da Ação, ainda por cima favorecia os vagos perigos que vinham de parte do general, e Arnheim prosseguiu:

— Eu não gostaria de expor o assunto ao ridículo, comentando-o diante de seu primo — com essas palavras ele introduziu outro assunto —, mas quero fazê-la sentir uma coisa que, por estar distante, a senhora dificilmente perceberia por si: é a relação entre negócios e poesia. Naturalmente falo em grandes negócios, negócios mundiais, que fui destinado a gerir devido ao meu nascimento; eles são semelhantes à poesia, têm aspectos irracionais, e mesmo místicos; eu até gostaria de dizer que especialmente os negócios têm esse aspecto. Veja bem, o dinheiro é um poder extrema mente intolerante.

— Em tudo o que as pessoas fazem com todo o empenho provavelmente há certa intolerância — respondeu Diótima, com certa hesitação, ainda presa ao primeiro e inacabado assunto da sua conversa.

— Especialmente o dinheiro! — disse Arnheim rapidamente. — Pessoas insensatas imaginam que ter dinheiro seja um prazer! Na verdade é uma responsabilidade terrível. Não quero falar nas incontáveis vidas que dependem de mim, a ponto de eu praticamente ser o destino delas; vamos falar apenas do fato de que meu avô começou com um negócio de coleta de lixo numa cidade de tamanho médio na Renânia.

Com essas palavras, Diótima sentiu novamente um súbito calafrio, que lhe

pareceu vir do imperialismo econômico; mas era engano, pois não era totalmente isenta aos preconceitos do meio em que vivia, e como, falando em coleta de lixo, pensara, segundo o dialeto de sua terra, em esterqueiro, a corajosa confissão do amigo a fez corar.

— Com esse aproveitamento de lixo — prosseguiu a confissão —, meu avô fundamentou a influência dos Arnheim. Também meu pai aparece como *self made man*, se pensarmos que em quarenta anos expandiu essa firma tornando-a uma em presa mundial. Ele frequentou apenas duas séries de uma escola de comércio, mas com um só olhar entende as mais complexas situações do mundo, e sabe tudo o que precisa saber, mais depressa que outras pessoas. Eu estudei economia política e toda a sorte de ciências, mas ele as desconhece totalmente, e não se consegue explicar como faz isso, mas nunca falha em nada. É o segredo de uma vida enérgica, simples, grande e saudável!

A voz de Arnheim assumira um singular tom de respeito ao falar do pai, como se aquela sua calma didática tivesse uma pequena falha em algum lugar. Isso chamou mais a atenção de Diotima porque Ulrich lhe contara que diziam ser o velho Arnheim simplesmente um sujeitinho pequeno de ombros largos, rosto ossudo e narizinho ar-

rebitado, usando sempre um fraque de asas de andorinha desabotoado, lidando com suas ações com a cautela e avareza com que um jogador de xadrez maneja suas peças. Sem esperar resposta, Arnheim prosseguiu depois de uma pequena pausa:

— Quando um negócio assume as dimensões desses poucos de que estou falando aqui, praticamente não há um aspecto da vida ao qual não esteja ligado. É um pequeno cosmos. A senhora ficaria espantada ao saber que problemas aparentemente nada comerciais, de arte, moral, política, por vezes preciso comentar conversando com o chefe mais velho. Mas a firma já não está mais naquela disparada para o alto como nos primeiros tempos, que eu chamaria de heróicos. Apesar de todo o sucesso, também para os negócios há um misterioso limite de crescimento, como para tudo o que é orgânico. A senhora já pensou alguma vez por que ninguém cresce mais do que um elefante? Encontrará o mesmo mistério na história da arte e nas estranhas relações da vida dos povos, culturas e tempos.

Agora Diotima se arrependia de ter se assustado com a menção do refinamento de lixo, e ficou confusa.

— A vida está cheia de mistérios desses. Há alguma coisa diante da qual toda a razão é impotente. Meu pai está ligado a ela. Mas uma pessoa como seu primo — disse Arnheim —, um ativista que está sempre pensando que tudo deveria ser diferente e poderia ser melhorado, não tem sensibilidade para esse tipo de coisa.

Quando Ulrich foi mencionado mais uma vez, Diotima mostrou com um sorriso que um homem como aquele primo não tinha nenhum direito de a influenciar. A pele regular de Arnheim, vagamente amarelada, lisa no rosto como uma pera, estava ruborizada além das bochechas. Há algum tempo Diotima lhe provocava uma singular necessidade de confiar a ela até o fundo, sem proteger-se, e cedera a esse impulso. Então fechou-se novamente, tirou um livro de cima da mesa, leu o título sem o entender, largou-o outra vez, impaciente, e disse com voz habitual, que naquele momento abalou Diotima como o gesto de alguém que veste as roupas, o que a fez reconhecer que antes ele se despira;

— Eu me desviei demais do assunto. O que tenho a lhe dizer sobre o general é que a senhora não pode fazer nada melhor do que concretizar seu plano o mais de pressa possível, para estimular nossa Ação com a influência do espírito humanista e seus reconhecidos representantes. Mas também não precisa repudiar inteiramente o general. Ele talvez tenha boa vontade, como pessoa, e a senhora conhece meu princípio, segundo o qual nunca se deve fugir de uma oportunidade de introduzir o espírito numa esfera onde reinava apenas o poder.

Diotima pegou a mão dele e resumiu a conversa numa despedida:

— Agradeço pela sua sinceridade!

Arnheim deixou aquela branda mão um momento pousada na sua, indeciso, e fitou-a pensativo, como se tivesse esquecido de dizer alguma coisa.

ALGUMAS COISAS NÃO VÃO BEM ENTRE ULRICH E ARNHEIM

Naquele tempo, não raro o primo dela divertia-se descrevendo a Diotima as experiências profissionais que fazia junto de Sua Alteza, e dava especial valor a mostrar-lhe a toda hora as pastas com sugestões que chegavam ao escritório do Conde Leinsdorf.

— Ilustre prima — dizia ele, com uma gorda pilha de documentos na mão —, não consigo mais me ajeitar sozinho; o mundo inteiro parece esperar melhorias de nós, e metade deles começa com as palavras “Libertemo-nos de...” enquanto a outra metade começa com “Avancemos até...!” Tenho aqui pedidos que vão desde “Libertemo-nos de Roma” até “Avancemos até a cultura de legumes!” Qual deles prefere?

Não era fácil ordenar os pedidos que o mundo todo dirigia ao Conde Leinsdorf, mas dos textos destacavam-se pela abrangência dois grupos. Um responsabilizava pelo mau estado da época algum detalhe e pedia sua revogação, e esses detalhes não eram nada menos que os judeus ou a Igreja Católica, o socialismo ou o capitalismo, o pensamento mecanicista ou a negligência da evolução tecnológica, a mistura de raças ou a segregação racial, o latifúndio ou a grande cidade, a intelectualização ou a insuficiente instrução do povo. Por outro lado, o outro grupo nomeava um objetivo cuja consecução já bastaria; esses objetivos desejáveis do segundo grupo distinguiam-se dos detalhes extermináveis do outro apenas pelos augúrios emocionais de sua expressão, obviamente por haver no mundo naturezas críticas e naturezas afirmativas. Assim, as cartas do segundo grupo diziam, com alegre negativa, que era preciso acabar de uma vez com o ridículo culto das artes, pois a vida era um poeta bem maior do que todos os escrevinhadores, e exigiam coleções de reportagens de tribunal e descrições de viagem para uso geral; em compensação, as cartas do primeiro grupo diziam, numa alegre afirmativa, que a emoção dos alpinistas chegando ao

cume era maior que toda a exaltação da arte, filosofia e religião, motivo pelo qual em vez destas, carecia incentivar ligas de alpinistas. Dessa maneira dupla exigia-se a um tempo um relaxamento do ritmo de vida e uma premiação para o melhor folhetim, porque a vida era insuportável ou deliciosamente curta, e desejava-se libertar a humanidade de, ou através de, aldeias-jardins, emancipação da mulher, dança, esporte, arte de morar bem, assim como libertá-la de incontáveis outras coisas por meio de outras mais.

Ulrich fechou a pasta e começou um diálogo particular.

— Ilustre prima — disse ele —, é singular que a metade procure salvação no futuro, e a outra no passado. Não sei que conclusão tirar. Sua Alteza diria que a época atual não tem remédio.

— Sua Alteza pretende fazer algo de religioso? — perguntou Diotima.

— De momento, ele descobriu que não há retorno voluntário na história da humanidade. Mas o difícil é que também não temos nenhum avanço que se aproveite. Permita que eu considere singular que as coisas não avancem nem recuem e se considere o momento atual insuportável.

Quando Ulrich falava assim, Diotima entrincheirava-se no seu corpo alto como uma torre marcada com três estrelas no guia de viagem.

— A senhora acredita que qualquer pessoa que hoje em dia luta a favor ou contra uma causa — perguntou Ulrich —, amanhã, por milagre transformada em governante absoluto e ilimitado do mundo, ainda faria imediatamente aquilo por que lutou a vida inteira? Estou convencido de que se permitiria um certo adiamento.

Como Ulrich fizesse uma pequena pausa depois disso, Diotima se dirigiu a ele sem responder, e perguntou, severa:

— Por que motivo deu esperanças ao general sobre nossa ação?

— Que general?

— O General von Stumm!

— É aquele general baixinho e gordinho da primeira grande reunião? Eu? Mas nunca mais o vi, muito menos lhe dei esperanças de qualquer coisa!

O espanto de Ulrich era convincente e exigia uma explicação. Mas como também um homem como Arnheim não pudesse mentir, devia haver algum mal-entendido, e Diotima explicou em que apoiara sua suposição.

— Então pensa que falei com Arnheim sobre o General von Stumm? Também nunca fiz isso! — assegurou Ulrich. — Com Arnheim... por favor, me dê algum tempo... — ele refletiu, de repente deu uma risada. — Seria muito lisonjeiro que Arnheim desse tanto valor a cada uma de minhas palavras! Conversei várias vezes com ele nos últimos tempos, se chama nossas discussões de “conversas”, e uma vez, realmente, falei num general, mas de nenhum general em particular, e só incidental mente, como exemplo. Afirmei que um general que por motivos estratégicos manda um batalhão para a morte certa é um assassino, se pensarmos que são milhares de seres humanos; mas que ele se torna outra coisa quando nosso pensamento o relaciona com outras idéias, por exemplo, a necessidade de fazer vítimas, ou a indiferença de nossa breve vida. Também usei uma série de outros exemplos. Mas permita-me uma digressão. Por motivos muito evidentes, cada geração julga a vida que recebe como coisa sólida, exceto em alguns pontos cuja mudança lhe interessa. Isto é útil, mas falso. O mundo poderia ser mudado a cada momento, em todas as direções, ou pelo menos em qualquer sentido que se quisesse; isso é, por assim dizer, de sua natureza. Por isso, seria uma maneira estranha de viver, tentar não se portar como uma pessoa definida num mundo definido, no qual basta mudar de lugar alguns botões, o que se chama de evolução; mas, de saída, viver como um ser nascido para transformações, incluído num mundo em transformação, mais ou menos como uma gotinha d’água numa nuvem. Está me desprezando porque falei confusamente outra vez?

— Não o desprezo, mas não consigo entender — disse Diotima. E ordenou: — Conte-me toda a conversa!

— Bem, foi Arnheim quem a provocou. Ele me interpelou e praticamente me obrigou a conversar — começou Ulrich. — “Nós, comerciantes”, me disse ele com um sorriso muito alusivo, contrastando um pouco com sua postura calma, mas mesmo assim muito majestoso, “nós comerciantes não calculamos, como talvez o senhor pense. Mas nós — falo naturalmente nos líderes, pois os pequenos podem calcular o tempo todo — aprendemos a considerar nossas idéias realmente de sucesso muito superiores a qualquer cálculo, mais ou menos como o êxito pessoal dos políticos e, afinal, do artista também.” Depois me pediu que julgasse o que diria a seguir com a benevolência por vezes exigida pelo irracional. Desde o primeiro dia em

que me vira preocupava-se comigo, confiou-me, e a senhora, cara prima, deve ter lhe contado alguma coisa a meu respeito. Mas nem teria sido preciso, me assegurou ele, e explicou que singularmente eu escolhi uma profissão muito abstrata e conceituai, pois por mais que tivesse talento para ela, mesmo assim estava enganado sendo cientista, pois meu verdadeiro talento, ainda que isso me pudesse espantar, estava no terreno da ação e da atuação pessoal.

— Ah, é? — disse Diotima.

— Concordo inteiramente com a senhora — disse Ulrich com rapidez. — Não há coisa para que eu tenha menos talento do que para tratar de mim mesmo.

— O senhor está sempre debochando em vez de se dedicar à vida — disse Diotima, que ainda estava aborrecida com ele por causa daquelas pastas.

— Arnheim afirma o contrário. Tenho necessidade de tirar, do meu pensamento, conclusões radicais demais sobre a vida, diz ele.

— O senhor gosta de zombar e é negativista; está sempre lançando-se no impossível, e evita todas as decisões de verdade! — afirmou Diotima.

— Eu simplesmente estou convencido — disse Ulrich — de que o pensamento é um setor à parte, e a vida outro. Pois atualmente, a diferença de nível entre os dois é grande demais. Nosso cérebro tem alguns milhares de anos, mas se tivesse pensado até a metade todas as coisas, esquecendo a outra metade, a realidade seria o seu reflexo mais fiel. Apenas lhe podemos negar participação intelectual.

— Isso não significa tornar a tarefa fácil demais? — perguntou Diotima sem intenção de ofender, apenas como quem está numa montanha contemplando um riachinho a seus pés. — Arnheim também gosta de teorias, mas acho que raramente se manifesta sem ter examinado bem todas as relações. Não acha que o sentido de todo o pensamento é sua capacidade de aplicação...?

— Não — disse Ulrich.

— Eu gostaria de saber o que Arnheim lhe respondeu.

— Ele me disse que hoje em dia o espírito é um observador impotente da verdadeira evolução, porque se esquia das grandes tarefas que a vida propõe. Convidou-me a refletir sobre o que abordam as artes, que ninharias

realizam as igrejas, como é estreito até mesmo o campo de visão da intelectualidade! Eu devia pensar que enquanto isso a terra está sendo textualmente dividida. E então me disse que estava exata mente querendo falar comigo sobre isso.

— E o que respondeu? — Perguntou Diotima curiosa, pois pensava adivinhar que Arnheim tinha querido censurar seu primo por essa indiferença quanto à Ação Paralela.

— Respondi que a concretização sempre me atrai menos do que o não-realizado, e não me refiro apenas ao futuro, mas também ao passado e ao omitido. Cada vez que realizamos parcialmente uma idéia, esquecemos de realizar o resto dela, entretidos na alegria pelo que já fizemos. Parece-me que esta é a nossa história. Em geral, grandes instituições são idéias fracassadas; de resto, grandes pessoas também são assim: foi isso que eu lhe disse. Tratava-se de certa forma de uma diferença na direção da nossa perspectiva.

— O senhor quis provocar uma briga! — disse Diotima, magoada.

— Em compensação, ele me contou como lhe pareço quando nego a atividade, procurando em vez disso um sistema geral de pensamentos. Quer saber o que ele disse? Como um homem que se deita na terra ao lado da cama que lhe prepararam. Disse que era desperdício de energia, portanto até fisicamente imoral, acrescentou com relação a mim. E insistiu em que eu compreendesse que objetivos espirituais de

grande amplitude só podem ser alcançados com utilização das relações de poder hoje existentes, na economia, política e não por último, no âmbito intelectual. Ele julgava mais ético servir-se delas do que negligenciá-las. Insistiu muito comigo. Chamou-me de pessoa muito ativa, em posição de defesa, em crispada postura de defesa. Acho que tem algum motivo bastante suspeito para querer conquistar meu respeito!

— Ele quer ajudá-lo! — exclamou Diotima, em tom de censura.

— Ah, não — disse Ulrich. — Talvez eu seja apenas um pedregulho e ele uma magnífica pançada bola de cristal! Mas tenho a impressão de que sente medo de mim.

Diotima não respondeu. O que Ulrich dizia podia ser arrogante, mas ocorrera-lhe que a conversa que ele lhe repetira não era exatamente como

Arnheim lhe dera a entender. Isso até a inquietou. Embora julgasse Arnheim incapaz de alguma intriga, começou a sentir mais confiança em Ulrich, e perguntou-lhe o que sugeria na questão do General von Stumm.

— Mantenha-o longe! — respondeu Ulrich, e Diotima não conseguiu poupar-se a acusação de que aquilo lhe agradava.

Naquele tempo, a relação de Diotima e Ulrich melhorara bastante por causa da convivência, que se tornara habitual. Tinham de sair juntos frequentemente para fazerem visitas, e ele vinha várias vezes por semana, não raro sem avisar, e em horas inusitadas. Nessas condições, os dois achavam cômodo fazer uso do seu parentesco e abrandar familiarmente as severas prescrições sociais. Diotima não o recebia sempre no salão, blindada à perfeição do nó do cabelo à bainha da saia, mas às vezes vestida com vaga negligência doméstica, embora fosse uma negligência muito prudente. Entre os dois estabelecera-se uma espécie de ligação que residia principalmente nas formas de convivência; mas formas têm efeito no interior, e os sentimentos que as constituem podem também ser despertados por elas.

Por vezes Ulrich era tocado pela intensa sensação de que Diotima era muito bela. Então parecia-lhe uma rês jovem, alta, madura, de boa raça, que caminha com segurança e contempla com olhar profundo a relva que vai arrancando. Mesmo então não a via sem maldade e ironia, e vingava-se, com comparações do reino animal, daquela aristocracia espiritual de Diotima. Esse sentimento nascia de uma funda ira e se dirigia menos à aluna-modelo do que à escola na qual ela tinha êxito. “Como ela seria agradável”, pensava ele, “se fosse inculta, relaxada e bondosa como um corpo de mulher grande e quente sempre é quando não se arroga idéias especiais!” A famosa esposa do comentado subsecretário Tuzzi fugia então do próprio corpo, e este ficava sobrando como um sonho que, junto com travesseiros, cama e sonhador, se torna uma nuvem branca sozinha no mundo com a ternura que carrega.

Mas quando Ulrich voltava de um desses passeios da fantasia, via à frente um espírito burguês e aplicado que procurava contato com pensamentos nobres. De resto, o parentesco físico inquieta quando acompanhado de forte

diferença nas naturezas, e basta para isso a mera idéia de parentesco, a consciência de si próprio; às vezes, irmãos não se suportam, de uma maneira que supera em muito tudo o que poderia haver de fundamentado nessa repulsa mútua, e nasce do fato que, só por existirem, questionam um a identidade do outro e têm mutuamente o efeito de um espelho levemente deformante. Às vezes bastava que Diotima tivesse mais ou menos a mesma altura de Ulrich, para despertar a idéia de que era sua parenta e o fazer sentir aversão pelo corpo dela. Embora com algumas diferenças, ele lhe atribuíra a mesma tarefa que seu amigo de juventude Walter já tivera; era a de humilhar e excitar seu orgulho, mais ou menos como velhos retratos desagradáveis em que nos revemos, humilhados, e que ao mesmo tempo desafiam nosso orgulho. Na desconfiança de Ulrich em relação a Diotima devia haver também algo que ligava e unia, em suma um sopro de verdadeira simpatia, assim como o afeto por Walter, outrora sincero, ainda vivia na forma de desconfiança.

Como não gostasse de Diotima, Ulrich por longo tempo achou aquilo muito estranho, sem compreender por quê. Às vezes faziam pequenos passeios juntos; com apoio de Tuzzi aproveitou-se o bom tempo para, apesar da época desfavorável do ano, mostrar a Arnheim “as belezas dos arredores de Viena” — Diotima sempre usava esse clichê falando no assunto — e Ulrich era levado junto, no papel de parente mais velho que protege a honra conjugal; pois o subsecretário Tuzzi não podia se afastar de suas funções, e mais tarde verificou-se que Ulrich também ia sozinho com Diotima quando Arnheim viajava. Este colocara à disposição, para tais passeios bem como para os fins diretamente ligados à ação, tantos carros quantos fossem necessários, pois o veículo de Sua Alteza era conhecido e chamava atenção na cidade por seus brasões; aliás, não eram carros de Arnheim, pois pessoas ricas sempre encontram outras que gostam de lhes prestar favores.

Essas excursões não serviam apenas para diversão, mas também pretendiam conquistar a participação de pessoas influentes ou ricas no empreendimento patriótico, e eram mais frequentes nos limites da cidade do que no campo. Os dois parentes viram juntos muitas coisas bonitas; móveis Maria-Teresa, palácios barrocos, pessoas que ainda se deixavam transportar pelas mãos dos criados, casas modernas com grandes fileiras de quartos, bancos que

eram palácios, e a mistura de severidade espanhola com hábitos de classe média nas moradias de altos funcionários públicos. No que dizia respeito à nobreza, eram os restos de um estilo de vida grandioso, sem água corrente; nas casas e salas de reunião dos ricos burgueses repetia-se tudo isso, como cópia melhorada nas condições higiênicas, com mais bom-gosto, mas pálida. Numa casta de dominadores sempre permanece um pouco de barbárie: escórias e restos que o fogo do tempo não consumiu jaziam pelos castelos nobres, onde ficavam esquecidos; ao lado de escadarias pomposas, o pé pisava em tábuas de madeira mole, e horrendos móveis modernos postavam-se imperturbáveis entre magníficas peças antigas. A classe em ascensão, por outro lado, apaixonada pelos momentos grandes e imponentes de seus antecessores, fazia escolhas mais exigentes e refinadas. Se um castelo caía nas mãos de burgueses, não apenas se mostrava que um lustre, peça de família, pode ser provido de eletricidade passando-se-lhe fios elétricos e conferindo-lhe conforto moderno, mas também na decoração retiravam-se as peças mais feias, e juntavam-se outras valiosas, segundo escolha própria ou conselho indiscutível de peritos. Aliás, não era nos castelos que esse refinamento era mais visível, e sim nas casas de cidade, decoradas segundo a pompa impessoal de transatlânticos de luxo, mas mesmo assim, naquele país de refinada ambição social, ornadas por um sopro inimitável: uma colocação imperceptível dos móveis, ou a posição dominante de um retrato numa parede mantinham delicado mas nítido o eco de uma grande sonoridade extinta.

Diotima estava encantada com tanta “cultura”; sempre soubera que sua pátria abrigava aqueles tesouros, mas a quantidade surpreendeu até a ela. Eram convidados juntos nas visitas ao campo, e Ulrich percebeu que não raro as frutas eram comidas na mão, com casca, e coisas semelhantes, enquanto nas casas de alta burguesia se cumpria severamente o ritual de garfo e faca; a mesma observação se fazia na conversa, que quase só nas casas burguesas tinha perfeita distinção, enquanto nos meios aristocráticos predominava a conhecida linguagem descontraída que lembrava o linguajar de cocheiros. Diotima defendia tudo isso romanticamente diante do primo, Admitiu que casas da burguesia eram mais higiênicas e instaladas com maior inteligência. Nos castelos de campo da nobreza passava-se frio no inverno; escadas estreitas e gastas não eram raras, e quartos de dormir

mofados, de teto baixo, ficavam junto de luxuosas salas de recepção. Também não havia elevadores para comida, nem banheiros para os criados. Mas isso era em certo sentido o heróico, o tradicional, e magnificamente negligente, concluía enlevada.

Ulrich aproveitava essas excursões para examinar melhor o sentimento que o ligava a Diotima. Mas como tudo era cheio de digressões, é preciso observá-las mais detidamente, antes de abordarmos o que é decisivo:

Naquele tempo, as mulheres usavam vestidos fechados do pescoço aos tornozelos, e as roupas dos homens, embora ainda hoje sejam parecidas com as de então, eram mais adequadas, pois representavam externamente aquela impecável reserva e severa distinção que revelava um homem de sociedade. Naquele tempo, a transparente franqueza de expor-se despido pareceria retorno ao animalesco mesmo para pessoas menos preconceituosas, que não tivessem falso pudor ao avaliarem o corpo nu; não por causa da nudez, mas por estar-se renunciando ao poder erótico civilizado das roupas. Sim, naquele tempo se poderia dizer que isso seria descer até abaixo do nível animal; pois um bom cavalo de raça de três anos, ou um galgo ágil, são muito mais expressivos em sua nudez do que um corpo humano jamais poderia ser. Em compensação, nunca poderão usar roupas; têm apenas uma pele, e naquele tempo as pessoas ainda tinham muitas peles. Com o vestido longo, babados, partes bufantes, pregas, armações, rendas, tinham criado uma superfície cinco vezes maior que a original, formando um cálice ricamente pregueado, de difícil acesso e carregado de tensão erótica, ocultando em seu interior aquele esbelto animal alvo que se deixava procurar, terrivelmente desejável. Era o comportamento predeterminado que a própria natureza emprega quando faz suas criaturas encarem pêlos ou esguicharem nuvens de líquido negro para, com amor e terror, excitar até a sublime loucura os fatos corriqueiros que estão realmente em questão.

Pela primeira vez na vida, Diotima sentia-se profundamente tocada por esse jogo, embora de maneira muito decente. Não desconhecía a coqueteria, pois fazia parte das tarefas sociais que uma dama precisa dominar; nem ignorara jamais que os olhares dos jovens por vezes expressavam diante dela algo mais que respeito, e até gostava disso, porque a fazia sentir o poder da mulher que chama docemente a atenção do homem quando sente seus

olhares sobre si como chifres de touro, e forçava-os a se desviarem para os objetivos idealizados que ouviam de sua boca.

Mas Ulrich, protegido pela proximidade do parentesco e o altruísmo com que colaborava na Ação Paralela, protegido pelo adendo feito em seu favor, permitia-se liberdades que varavam de alto a baixo a complexa trama do idealismo dela. Assim, certa vez, num passeio ao campo, a carruagem passara por vales encantadores, entre os quais as encostas das montanhas, cobertas de pinheirais escuros, se aproximavam da estrada, e Diotima comentou o fato com os versos “Quem te erigiu, pela floresta, tão no alto...?” Citou os versos ao natural, como sendo poesia, sem nenhuma alusão à melodia que os acompanha na canção, o que lhe pareceria banal e inexpressivo. Mas Ulrich retrucou:

— O Banco Predial da Baixa-Áustria. Prima, não sabe que todas as florestas daqui pertencem ao Banco Predial? E o mestre a quem deseja elogiar é guarda-florestal empregado dessa instituição. A natureza aqui é um produto planejado da indústria florestal, um depósito arrumado da fabricação de celulose, o que se pode observar sem dificuldade.

Muitas vezes eram assim as respostas dele. Quando ela falava de beleza, ele falava de algum tecido adiposo que apóia a epiderme. Quando ela falava de amor, ele falava do gráfico anual que indica a ascensão e queda automáticas da natalidade. Quando ela falava dos grandes vultos da arte, ele começava a desfiar os plágios que os ligavam uns aos outros. Na verdade, Diotima sempre começava a falar como se Deus tivesse colocado o homem feito uma pérola na concha do mundo no sétimo dia, e Ulrich lembrava que o homem é um montinho de minúsculos pontos na casca exterior de um planeta anão. Não era fácil entender o que Ulrich pretendia com isso; era claro que queria atingir a esfera de grandiosidade a que ela se sentia ligada, e Diotima julgava aquilo uma insultuosa fanfarronice. Não suportava que o primo, que para ela não passava de um menino mimado, quisesse saber as coisas melhor que ela; as objeções materialistas dele, que ela não entendia por serem extraídas daquela cultura inferior do cálculo e da exatidão, a aborreciam imensamente.

— Graças a Deus — disse-lhe certa vez, severa — ainda há pessoas que têm grandes vivências mas acreditam em coisas simples.

— Seu marido, por exemplo — disse Ulrich. — Há tempos venho querendo lhe dizer que gosto mais dele do que de Arnheim!

Naquele tempo trocavam idéias muitas vezes falando de Arnheim. Pois, como todos os apaixonados, Diotima gostava de falar no objeto de seu amor, pensando não estar se traindo; e como Ulrich achasse isso insuportável como todo homem que, sem segundas intenções, se situa em segundo plano, acabava muitas vezes agredindo o outro.

Ulrich e Arnheim tinham entre si uma ligação estranha. Viam-se quase diariamente quando Arnheim não viajava. Ulrich sabia que o subsecretário Tuzzi desconfiava do estranho, como ele próprio desconfiava, e, também como ele, percebera desde o primeiro dia a influência desse homem sobre Diotima. Entre ela e Arnheim parecia ainda não haver nada de errado, se é que um terceiro pode julgar uma coisa dessas, baseando-se naquele comportamento intoleravelmente correto entre os dois apaixonados, que evidentemente queriam imitar os grandes modelos de amor platônico. Arnheim mostrava um exagerado interesse em incluir o primo de sua amiga (ou, realmente, amante? indagava-se Ulrich; mais provavelmente, a soma de amiga e amante, dividida por dois) na intimidade dos dois. Muitas vezes dirigia-se a Ulrich como se fosse um amigo mais velho, e a diferença de idade realmente permitia aquele tom que, pela diferença de posição, assumia uma desagradável colocação de condescendência. E Ulrich respondia a isso quase sempre com frieza, de maneira bastante provocadora, como se não valorizasse absolutamente as relações com um homem que poderia conversar sobre suas idéias com reis e chanceleres. Contradizia-o frequentemente, indelicado e com uma ironia inconveniente, e ele mesmo se aborrecia com sua falia de compostura, que deveria substituir por um ar de divertido e silencioso observador. Mas, para seu próprio espanto, sentia-se violentamente irritado por Arnheim. Via nele um odiado protótipo de evolução intelectual alimentada pelas circunstâncias. Pois aquele famoso escritor era suficientemente inteligente para compreender a situação duvidosa em que o ser humano se colocara desde que não procurava mais sua imagem no espelho dos riachos mas nas aguçadas superfícies recortadas de sua inteligência. O escritor e rei-do-aço culpava disso a entrada em cena da inteligência, e não a sua imperfeição. Havia algo de fraudulento naquela aliança entre o preço do carvão e a alma, que era ao mesmo tempo uma

barreira útil entre o que Arnheim fazia conscientemente, e o que escrevia e dizia nas penumbras da intuição. Para aumentar ainda mais o desconforto de Ulrich, acrescia algo novo para ele, a ligação de espírito e riqueza; pois quando Arnheim começava falando como especialista sobre qualquer problema, e depois, num gesto indiferente, fazia desaparecer os detalhes na luz de uma “grande idéia”, isso podia provir de uma necessidade justificada, mas ao mesmo tempo aquele livre acesso em duas direções lembrava o homem rico que se pode permitir tudo o que for bom e caro. Ele era brilhante de um modo que sempre recordava um pouco a postura de quem é verdadeiramente rico. E talvez nem fosse isso o que mais provocava em Ulrich o desejo de criar problemas para aquele homem famoso, mas sim a tendência do espírito do outro de administrar dignamente as coisas domésticas e as da Corte, tendência que por si mesma faz lembrar as melhores marcas do tradicional e do incomum. Pois no espelho daquela mestria em gozar a vida, Ulrich reconhecia o esgar afetado do tempo, quando lhe retiramos os poucos traços realmente fortes da paixão e da reflexão; e por isso encontrava poucas ocasiões de ocupar-se com maior profundidade daquele homem a quem provavelmente também se tinha de atribuir diversos merecimentos. Era, é claro, uma luta sem sentido, num ambiente que previamente apoiava Arnheim, e por uma causa que não tinha nenhuma importância. Quando muito, podia-se dizer que o sentido desta falta de sentido era Ulrich se desperdiçar completamente. Era também uma luta sem nenhuma esperança, pois quando algum dia Ulrich realmente conseguia atingir seu adversário, tinha de reconhecer que acertara o lado errado; quando o Arnheim intelectual parecia cair no solo, vencido, erguia-se como um ser alado o Arnheim prático, com um sorriso tolerante, e depois daquelas conversas ociosas corria para suas atividades em Bagdá ou Madri. Essa invulnerabilidade possibilitava a Arnheim responder às impertinências do mais jovem com aquela camaradagem amigável cuja origem o outro não entendia. Mas o próprio Ulrich tinha interesse em não rebaixar demais seu adversário, pois tomara o propósito de não se meter tão cedo em nenhuma aventura duvidosa e indigna, daquelas que abundavam no seu passado; e os progressos que percebia entre Arnheim e Diotima conferiam grande segurança àquele propósito. Por isso, habitualmente dirigia as pontas de seus ataques como as pontas de um florete flexível que deve ceder, envoltas em pequenos chumaços para abrandar os golpes. Aliás, fora Diotima quem

fizera essa comparação. Sua relação com o primo era muito singular. O rosto franco dele, com a testa inteligente, a respiração tranquila, a liberdade de movimentos em todo o corpo, revelavam-lhe que ali não podiam morar desejos malignos, traiçoeiros, de sensualidade distorcida; ela não deixava de se orgulhar daquela aparência tão boa num membro de sua família, e logo no começo de sua relação decidira orientá-lo. Se ele tivesse cabelos pretos, um ombro torto, pele ruim e testa baixa, ela teria dito que essa aparência combinava com suas idéias; mas Diotima apenas sentia uma discordância entre a aparência dele e seus pontos de vista, causando-lhe uma inexplicável inquietação. As antenas da sua famosa intuição procuravam inutilmente a causa disso, mas esse apalpar lhe causava prazer na outra extremidade da antena. De certa forma, naturalmente não muito a sério, ela às vezes até preferia conversar com Ulrich a estar com Arnheim. Sua necessidade de sentir-se superior satisfazia-se mais com ele, ficava mais segura, e o que julgava ser, nele, frivolidade, extravagância e imaturidade, lhe dava certa satisfação que compensava o idealismo cada dia mais perigoso que se intensificava imprevisivelmente nos seus sentimentos por Arnheim. A alma é um assunto incrivelmente sério, por isso o materialismo é tão divertido. O controle de suas relações com Arnheim por vezes a cansava tanto quanto manter o seu salão, e o menosprezo por Ulrich aliviava-lhe a vida. Ela não compreendia a si mesma, mas constatava esse efeito, e isso lhe possibilitava lançar ao primo um olhar de soslaio, que era apenas um minúsculo sorriso bem no canto dos olhos, quando se aborrecia com um dos comentários dele, enquanto o olhar propriamente dito, numa impassibilidade idealista, até um pouco desdenhosa, continuava voltado para a frente. De qualquer modo, fossem quais fossem os motivos, Diotima e Arnheim portavam-se com Ulrich como dois lutadores que se apóiam num terceiro, colocando-o entre si numa alternância de medos; e, para Ulrich, aquela situação não era despida de perigo, pois através de Diotima impunha-se cada vez mais a questão: as pessoas precisam ou não concordar com seu corpo?

DIGRESSÃO: AS PESSOAS PRECISAM CONCORDAR COM SEU
CORPO?

Independente do que os rostos expressavam, o movimento da carruagem nos longos trajetos balançava os dois primos fazendo tocarem-se as roupas, misturando-as um pouco e afastando-as outra vez; só se notava isso nos ombros, porque o resto ficava encoberto por uma manta, mas os dois corpos sentiam aquele toque abrandado pelas roupas tão docemente diluído como se vêem objetos ao luar. Ulrich não era insensível àquele jogo amoroso, mas não o levava muito a sério. A sutilíssima transposição do desejo do corpo para as roupas, do abraço para os obstáculos, em suma, do fim para o meio, vinha ao encontro de sua natureza; a sensualidade o impelia para aquela mulher, mas as forças mais nobres o faziam resguardar-se daquele ser estranho que não combinava com ele, a quem de repente via diante de si, com implacável clareza, fazendo-o sentir-se o tempo todo num vivo conflito entre atração e repulsa. Mas isso significa que a beleza sublime do corpo, beleza humana, o instante em que a melodia do espírito brota do instrumento da natureza, ou aquele outro momento em que o corpo parece um cálice cheio de bebida mística, sempre fora estranho a Ulrich, exceto naqueles sonhos relacionados com a esposa do major e que há muito haviam suprimido aquelas tendências de sua natureza.

Desde então, todas as suas relações com mulheres tinham sido ilegítimas, e, com alguma boa-vontade dos dois lados, isso infelizmente é muito fácil de acontecer. Há um esquema de emoções, ações e complicações que dominam homem e mulher assim que têm o primeiro pensamento, e os acontecimentos seguintes seguem internamente um curso às avessas, já não brotam da fonte. O mero agrado que duas pessoas sentem uma na outra, aquele mais simples e profundo sentimento de amor que é a origem natural de todo o resto, não acontece mais nessa inversão psíquica. Assim, em suas andanças com Diotima, Ulrich frequentemente recordava sua despedida na

primeira visita. Naquela ocasião segurara na mão a suave mão dela, uma mão leve, artisticamente trabalhada, e haviam-se fitado nos olhos; certamente ambos tinham sentido repulsa, mas pensando que poderiam se interpenetrar até se desfazerem um no outro. Alguma coisa dessa visão permanecia entre eles. Assim, em cima as duas cabeças se enfrentavam com terrível frieza, mas embaixo os corpos se uniam ardentes e entregues. Nisso há qualquer coisa perversamente mítica, como num deus de duas cabeças ou no casco de cavalo do Diabo, e muitas vezes levava Ulrich a desvios na sua juventude; mas com os anos entendera que tudo era apenas uma excitação bem burguesa do amor, exatamente como despir-se substitui a nudez. Nada incendeia tanto o amor burguês quanto a lisonjeira experiência de se poder encantar alguém até o ponto em que ele se porte como um doido; e quem quisesse ser de outra maneira a origem dessas alterações acabaria como assassino.

Que existam essas mudanças em pessoas civilizadas, que causemos um tal efeito: não será de fato essa pergunta, esse espanto, que reside nos olhos fixos e atrevidos de todos os que atracam na solitária ilha do prazer sensual, onde são assassinos, destino e Deus, e experimentam da maneira mais cômoda o mais alto grau de irracionalidade e aventura que conseguem atingir?

A aversão que com o tempo ele sentia contra aquele tipo de amor finalmente estendeu-se a seu próprio corpo, que sempre favorecera aquelas ligações falseadas nas quais fingira diante das mulheres o tipo de virilidade em moda, para a qual Ulrich tinha demasiada vida interior e contradições íntimas. Sentia ciúmes da própria aparência, como de um rival que agisse com métodos baratos e desonestos, o que revelava uma contradição que existe também em pessoas que não a percebem. Pois era ele próprio quem cultivava aquele corpo, com exercícios, conferindo-lhe expressão, agilidade, aparência, cujo efeito interior é tão importante, que não o podemos simplesmente comparar ao efeito de um rosto eternamente sorridente ou eternamente sério sobre o estado de alma. Singularmente, as pessoas têm em geral um corpo abandonado, conformado ou deformado pelos acasos, aparentemente sem nenhuma relação com seu espírito ou maneira de ser; ou têm um corpo mascarado pelo esporte, com a aparência daquelas horas em que tira férias de si mesmo. Pois nessas horas o ser

humano tece fantasias sobre sua própria aparência, extraídas de revistas do belo e grande mundo. Todos aqueles tenistas, cavaleiros e pilotos de corrida, queimados de sol e musculosos, com ar de grandes recordes — embora geralmente só pratiquem seu esporte de modo razoável —, toda essas damas bem vestidas ou bem despidas são gente que sonha acordada; e só se distinguem dos devaneadores vulgares na medida em que seu sonho não fica apenas na mente mas toma uma forma exterior, como uma imagem coletiva, fisicamente, dramaticamente, ideoplasticamente, se pensarmos em fenômenos duvidosos de ocultismo. Esse devaneio tem em comum com as fantasias habituais aquela superficialidade do sonho tanto no seu conteúdo quanto na sua natureza, quando estamos quase acordando.

Ainda hoje não se conhece bem o problema da fisionomia global; embora se tenha aprendido a tirar conclusões sobre a natureza do homem da sua letra, voz, posição ao dormir e sabe Deus o que mais, conclusões por vezes até surpreendentemente corretas, em relação ao corpo como um todo temos apenas imagens da moda, segundo as quais nos conformamos, ou, quando muito, possuímos uma espécie de filosofia natural moralista.

Mas é esse o corpo do nosso espírito, de nossas idéias, intuições e planos, ou — incluindo as belas — nossas loucuras? O fato de Ulrich ter amado essas loucuras, e em parte ainda as sentir, não o impedia de não se sentir bem dentro daquele corpo criado por elas.

DIOTIMA E ULRICH. CONTINUAÇÃO

Era sobretudo Diotima quem fortalecia nele, de forma nova, aquele sentimento de que a superfície e profundeza de sua vida não eram uma coisa só. Nos passeios com ela, que por vezes pareciam passeios ao luar, em que a beleza daquela jovem mulher se apartava de sua personalidade e por alguns momentos cobria os olhos dele como uma aparição de sonho, isso se manifestava nitidamente. Ele sabia muito bem que Diotima comparava todas as palavras dele com o que habitualmente — ainda que num certo nível do habitual — se diz, e agradava-lhe que o achasse “imaturo”, de modo que ele ficava o tempo todo sentado diante dela como se ela o observasse através de um binóculo virado ao contrário. Ele ficava cada vez menor, e ao falar com ela pensava, ou ao menos quase pensava, ouvir nas suas próprias palavras, ao bancar o advogado do mau ou do mesquinho, as conversas dos seus últimos tempos de escola, em que sonhava com seus colegas sobre todos os malfeitores e monstros da história do mundo, porque os professores os mostravam como tal, com a aversão de idealistas. E quando Diotima o encarava, contrariada, ele diminuía mais ainda, e da moral do heroísmo e do impulso de expansão passava à moral mentirosa, crua e insegura, mas desbragada, dos anos de adolescência. Naturalmente, falando só de maneira muito figurada, assim como se pode descobrir num gesto ou palavra semelhança com gestos ou palavras que há muito não se usa, até com alguns que apenas se sonhou ou viu em outros com desgosto. Mesmo assim, no seu desejo de provocar aversão em Diotima, aquilo transparecia também. O espírito daquela mulher, que teria sido tão bela se não o possuísse, despertava nele um sentimento desumano, talvez um medo do espírito, uma repulsa por todas as coisas grandes, uma sensação tênue, quase imperceptível — e talvez sensação já fosse uma palavra muito forte para aquele sopro! Mas caso fosse aumentado através de palavras, essas teriam de dizer que ele via diante de si por vezes não só o idealismo daquela

mulher mas todo o idealismo do mundo, em sua complexidade e abrangência, corporificado, pairando um palmo acima daquele penteado grego; eram quase os chifres do Demônio!

Então ele se reduzia mais uma vez, e, ainda falando figuradamente, retornava àquela apaixonada primeira moral da infância, em cujos olhos moram a atração e o medo como nos olhos de uma gazela. As ternas impressões daquele tempo podem incendiar num só momento de entrega todo o mundo, ainda pequeno, pois não têm objetivo nem possibilidade de realizar qualquer coisa, são apenas um fogo sem limites. Não combinava bem com Ulrich, mas era daquelas emoções da infância, que mal conseguia imaginar agora porque têm tão pouco em comum com as condições de vida de um adulto, que ele por fim sentia saudades quando estava junto de Diotima.

E uma vez faltou pouco para ele o confessar. Numa das excursões, tinham saído da carruagem e andavam a pé num pequeno vale que parecia um estuário de campinas com encostas cobertas de matas formando um triângulo irregular, tendo no centro um pequeno regato enrijecido pelo frio. Haviam desmontado parte das encostas, deixando algumas árvores solitárias que pareciam penachos enfiados na terra una e nos cimos das colinas. A paisagem os convidara a passear; era um daqueles comoventes dias sem neve que são como um vestido de verão desbotado e fora de moda que se contempla no meio do inverno. De repente, Diotima perguntou ao primo:

— Por que Arnheim o chama de ativista? Ele diz que o senhor sempre tem a cabeça cheia de idéias para mudar e melhorar as coisas.

De repente ela se lembrara de que sua conversa com Arnheim sobre Ulrich e o general terminara sem realmente ficar concluída.

— Não entendo — continuou —, pois me parece que o senhor raramente fala a sério. Mas preciso lhe perguntar, porque temos juntos uma tarefa de responsabilidade! Lembra-se de nossa última conversa? O senhor disse uma coisa, afirmou que ninguém, ainda que tivesse todo o poder, realizaria aquilo que desejava. Agora eu gostaria de saber o que quis dizer com isso. Não foi uma idéia horrível?

Primeiro, Ulrich ficou calado. E durante esse silêncio, depois de ter falado da maneira mais atrevida possível, ela compreendeu o quanto a interessava a pergunta ilícita: ela e Arnheim realizariam aquilo que secretamente

desejavam? De repente, pensou ter-se traído diante de Ulrich. Ficou vermelha, procurou impedir isso, ficou mais vermelha ainda e, com a expressão mais indiferente que pôde, tratou de desviar os olhos dele para o vale.

Ulrich observara tudo.

— Receio que o único motivo para Arnheim me chamar, como a senhora diz, de ativista — é que ele supervaloriza minha influência na família Tuzzi — respondeu. — A senhora mesma sabe a pouca importância que dá às minhas palavras. Mas agora que me pergunta, compreendi a influência que eu deveria ter sobre a senhora. Posso lhe dizer sem que me censure logo?

Diotima concordou com a cabeça, sem dizer nada, e procurou mais uma vez recolher-se atrás da aparência de distração.

— Eu afirmei — começou Ulrich — que ninguém, mesmo podendo, realizaria o que pretende. Lembra-se de nossas pastas cheias de sugestões? E agora eu lhe pergunto: uma pessoa não ficaria inibida se de repente acontecesse aquilo que ela desejou apaixonadamente a vida inteira? Se, por exemplo, o reino dos céus viesse para os católicos, ou o estado do futuro para os socialistas? Mas talvez isso não prove nada; a gente de habitua a exigir coisas e não está preparado para concretizá-las imediatamente; talvez muitos apenas achem isso natural. Portanto, vou prosseguir com as perguntas. Sem dúvida um músico considera a música a coisa mais importante, e um pintor a pintura; provavelmente até um especialista em concreto julgue a coisa mais importante construir casas de concreto. Acha que por isso ele julgará que Deus é um especialista em concreto armado, e que os outros prefeririam um mundo pintado, ou tocado na trompa, ao mundo real? Vai achar essa pergunta maluca, mas toda a seriedade da coisa reside no fato de que deveríamos desejar essa loucura! — E, virando-se totalmente para ela, prosseguiu: — E por favor, não pense que eu quero dizer apenas que todos ficam excitados com coisas difíceis de realizar e desprezam o que podem ter realmente. Estou dizendo que dentro da realidade se esconde um desejo louco de irrealidade!

Ele conduzira Diotima bastante longe pelo pequeno vale, sem consideração para com ela; o solo estava mais molhado quanto mais subiam, talvez devido à neve que escorria das encostas, e tinham de pular de um montinho de relva para outro, o que impunha pausas à fala e possibilitava a Ulrich

prosseguir sempre aos saltos. Por isso, havia tantas objeções evidentes ao que ele dizia, que Diotima não conseguia escolher uma delas. Estava de pés molhados, e, perturbada e assustada, parou sobre um torrão de terra, arrepanhando as saias.

Ulrich virou-se para trás e riu:

— Ilustre prima, a senhora está fazendo algo de muito perigoso. As pessoas ficam imensamente contentes quando as deixamos em situação de não conseguirem concretizar suas idéias!

— E o que o senhor faria se um dia governasse o mundo? — perguntou Diotima aborrecida.

— Provavelmente só me restaria acabar com a realidade!

— Eu gostaria de saber como ia fazer isso!

— Também não sei. Nem sei direito o que quero dizer com isso. Nós supervalorizamos muito o presente, a sensação do presente, o que existe; quero dizer, assim como a senhora agora está comigo neste vale, como se nos tivessem metido numa cesta e jogassem em cima a tampa do instante. Damos valor demais, e isso fica na lembrança. Talvez dentro de um ano ainda possamos contar que estávamos aqui parados. Mas o que realmente nos move, a mim ao menos, sempre está — falando cautelosamente, não quero procurar explicação nem nome para isso! — de certa forma em oposição a esse tipo de experiência. O presente o repele; o que nos move não consegue se concretizar dessa maneira!

As palavras de Ulrich soavam altas e confusas no estreito vale. De repente, Diotima teve medo e quis voltar à carruagem. Mas Ulrich a segurou e mostrou-lhe a paisagem.

— Há muitos milhares de anos isso foi uma geleira. O mundo também não é inteiramente o que finge ser em cada instante — explicou. — Essa criatura rotunda tem uma personalidade histórica. Hoje banca a mãe burguesa que amamenta. Naquele tempo, era frígida e gelada como uma mocinha cruel. E mais alguns milênios atrás, enfeitava-se luxuriantemente com florestas quentes, pântanos ferventes e animais diabólicos. Não se pode dizer que ela tenha se aperfeiçoado nessa evolução, nem qual é o seu estado legítimo. E o mesmo vale para sua filha, a humanidade. Imagine as roupas que no correr

dos tempos usaram pessoas paradas bem aqui onde nós estamos.

Expresso em linguagem de hospício, tudo isso parece uma série de prolongadas alucinações com súbitas fugas de idéias seguidas de nova concepção de vida. Como está vendo, a realidade destrói a si mesma!

Depois de algum tempo, Ulrich recomeçou:

— Há outra coisa que eu gostaria de lhe dizer. A sensação de ter chão firme de baixo dos pés e uma pele firme ao meu redor, que parece tão natural à maioria das pessoas, não é muito desenvolvida em mim. Procure lembrar como era na sua infância: uma cálida meiguice. E depois, como brotinho, a ânsia queimando nos lábios. Pelo menos em mim alguma coisa se recusa a acreditar que a idade madura seja o cume de uma evolução dessas. De certa forma sim, e de certa forma não. Se eu fosse uma *Myrmeleonina*, a borboleta-formiga, parecida com uma libélula, sentiria terror ao saber que há um ano fui o gordo e cinzento *Myrmeleon*, o formiga-leão que anda para trás e vive enterrada na beira das florestas sob um cone de areia, agarrando formigas pela cintura com suas garras, depois de as ter exaurido com um misterioso bombardeio de areia. Às vezes realmente sinto horror semelhante da minha juventude, embora naquele tempo eu tenha sido uma libélula, e agora devesse ser um monstro.

Ele próprio não sabia bem o que queria. Falando em *Myrmeleon* e *Myrmeleonina* macaqueara um pouco a erudição de Arnheim. Mas sua vontade era dizer: “me abrace, apenas por amabilidade. Somos aparentados; não inteiramente separados, e de forma nenhuma unidos; de qualquer modo, o extremo oposto de uma relação séria e digna.”

Ulrich estava enganado. Diotima era dessas pessoas satisfeitas consigo mesmas, que por isso encaram as fases de sua idade como uma escada que só leva para cima. Portanto, não compreendia nada do que Ulrich dizia, tanto mais que não sabia o que ele deixara de dizer; já tinham porém chegado à carruagem, de modo que ela se acalmara, e aceitava as palavras dele outra vez como aquela tagarelice conhecida, oscilando entre entretenimento e discussão, à qual não concedia mais que um olhar de soslaio. Na verdade, naquele instante ele não tinha nenhuma influência sobre ela, exceto a de deixá-la lúcida outra vez.

Uma delicada nuvem de emoção, nascida de algum canto do coração dela,

desfizera- se num ressequido vazio. Talvez pela primeira vez ela encarasse claramente o fato de que suas relações com Arnheim levariam, a curto ou longo prazo, a uma decisão que poderia mudar toda a sua vida. Não se podia dizer que isso a deixasse feliz; mas tinha o peso de uma montanha real. A fraqueza havia passado. Aquele “não fazer o que se gostaria” tivera por um momento um brilho insensato, que ela já não entendia mais.

— Arnheim é totalmente o meu oposto; ele supervaloriza a sorte que têm o tempo e o espaço quando se encontram com ele formando o momento presente! — suspirou Ulrich, sorrindo, sentindo a necessidade de dar uma conclusão ao que estivera dizendo. Mas não falou mais na infância, e assim Diotima não conheceu o seu lado sentimental.

CLARIS SE VISITA ULRICH PARA LHE CONTAR UMA HISTÓRIA

A reforma de velhos castelos era a especialidade do conhecido pintor van Helmond, cuja obra mais genial era sua filha Clarisse; certo dia, ela apareceu inesperadamente na casa de Ulrich.

— Foi papai quem me mandou — disse ela — para ver se você não pode em pregar um pouco em favor dele as suas imponentes relações aristocráticas! — Ela olhou em torno, curiosa, jogou-se numa cadeira, e atirou o chapéu em outra. De pois, deu a mão a Ulrich.

Ele quis dizer — “seu papai me supervaloriza”, mas ela o interrompeu:

— Ora, bobagem! Você sabe, o velho sempre precisa de dinheiro. Os negócios não vão mais tão bem como antigamente! — Ela deu uma risada. — Muito elegante, a sua casa! Linda! — Ela examinou o ambiente mais uma vez, depois fitou Ulrich; sua postura tinha a amável insegurança de um cãozinho inquieto de consciência pesada. — Ora! — disse ela. — Se você puder ajudar, ajude! Se não puder, não ajude. Naturalmente, eu prometi a ele que você o faria. Mas vim por outro motivo; o pedido dele me deu uma idéia. Temos um problema na família. Eu gostaria de ouvir a sua opinião. — Boca e olhos hesitaram e tremeram um instante, depois, com um esforço, ela venceu o que a inibia. — Se eu disser médico de beleza, você entende? Um pintor é um médico de beleza.

Ulrich compreendeu; conhecia a casa dos pais dela.

— Portanto, sombrio, distinto, magnífico, opulento, com almofadas, borlas e plumas! — prosseguiu ela. — Papai é pintor, o pintor é uma espécie de médico de beleza, e dar-se conosco sempre foi considerado pela sociedade algo tão chique quanto uma viagem para uma estação de águas. Você compreende. E uma das principais fontes de renda de papai é a decoração de palácios e castelos de campo. Conhece os Pachhofen?

Era uma família de nobres, mas Ulrich não a conhecia; só encontrara há alguns anos em companhia de Clarisse uma senhorita Pachhofen.

— Era minha amiga — explicou Clarisse. — Naquele tempo tinha dezessete anos, e eu quinze; papai devia decorar e reformar o castelo deles. Sim, claro, o castelo dos Pachhofen. Todos fomos convidados. Walter nos acompanhava pela primeira vez. E Meingast.

— Meingast? — Ulrich não sabia quem era Meingast.

— Mas claro, você também o conhece; Meingast, que depois foi para a Suíça. Naquele tempo ainda não era filósofo, apenas um galo em todas as famílias que tinham filhas.

— Não o conheci pessoalmente — disse Ulrich —, mas agora sei de quem se trata.

— Muito bem. — Clarisse começou a calcular mentalmente, concentrada. — Espere. Walter tinha vinte e três anos, Meingast era um pouco mais velho. Acho que secretamente Walter tinha uma enorme admiração pelo papai. Era a primeira vez que o convidavam para ir a um castelo. Papai muitas vezes parecia usar um manto real interior. Acho que, no começo, Walter estava mais apaixonado pelo papai do que por mim. E Lucy...

— Por amor de Deus, Clarisse, devagar! — pediu Ulrich. — Acho que já perdi o fio.

— Lucy é a senhorita Pachhofen — disse Clarisse —, a filha dos Pachhofen que nos tinham convidado. Entendeu agora? Sim, entendeu; quando papai enrolava Lucy em veludo ou brocado e a sentava em um de seus cavalos com um vestido de cauda longa, ela imaginava que ele era um Ticiano ou Tintoretto. Estavam completamente apaixonados um pelo outro.

— Então: papai por Lucy, e Walter por papai.

— Mas espere! Era o tempo do impressionismo. Papai pintava à maneira antiquada, musical, como ainda hoje, um molho castanho com penas de pavão. Mas Walter queria ar livre, formas inglesas de linhas claras e sentido prático, o Novo e o Honesto. Por isso, papai o detestava tanto quanto a um pregador protestante; aliás também não suportava Meingast, mas tinha duas filhas para casar, sempre gastara mais do que ganhava, e era tolerante para

com as almas daqueles dois rapazes. Walter amava papai secretamente, eu já disse; mas em público tinha de desprezá-lo, por causa das novas orientações da arte, e Lucy nunca entendeu coisa alguma de arte, mas tinha medo de dar vexame na frente de Walter, e medo de que, caso Walter tivesse razão, papai parecesse apenas um velho ridículo. Está entendendo tudo agora?

Para entender tudo Ulrich ainda quis saber onde andava mamãe a todas essas.

— Naturalmente mamãe também estava lá. Eles brigavam todos os dias, como sempre, não mais nem menos. Você compreende que nessas condições Walter assumia uma posição muito favorável. Tornou-se uma espécie de ponto de intersecção de todos nós. Papai tinha medo dele, mamãe o instigava, eu comecei a me apaixonar por ele, e Lucy o cortejava. Por isso, Walter tinha certo poder sobre papai, e começou a saborear esse poder com cautelosa sensualidade. Acho que naquele tempo começou a perceber seu próprio valor; sem papai e sem mim não teria sido nada. Compreende essas relações?

Ulrich achou que podia responder afirmativamente.

— Mas eu queria lhe contar uma outra coisa! — disse Clarisse. Refletiu algum tempo, depois disse: — Espere! Por enquanto, pense só em mim e Lucy: era uma relação complicada e excitante! Naturalmente, eu estava com medo pelo papai, que, na sua paixão, ameaçava arruinar a família inteira. Mas ao mesmo tempo, queria saber como acontece uma coisa dessas. Os dois estavam fora de si. É claro que, em Lucy, misturava-se à amizade por mim o sentimento de ter como amante o homem a quem eu ainda chamava obedientemente de papai. Orgulhava-se muito disso, mas também sentia muita vergonha diante de mim. Acho que desde que foi construído, aquele velho castelo nunca abrigou tanta complicação junta! Lucy andava com papai onde podia, à noite vinha confessar-se comigo na torre. Eu dormia na torre, e nossa luz ficava acesa quase a noite toda.

— Mas até que ponto Lucy chegou, com o seu pai?

— Essa foi a única coisa que nunca consegui descobrir. Mas imagine aquelas noites de verão! As corujas piando, a noite gemendo, e quando sentíamos medo de mais nos deitávamos as duas na minha cama e

continuávamos conversando. Só podíamos pensar que um homem com uma paixão tão infeliz tinha de se matar. Na verdade esperávamos por isso todos os dias...

— Tenho a impressão de que não aconteceu muita coisa entre os dois — interrompeu Ulrich.

— Também acho: não aconteceu tudo. Mas muita coisa. Você logo vai ver. Porque de repente Lucy teve de deixar o castelo, pois o pai dela apareceu inesperadamente para a levar a uma viagem pela Espanha. Você devia ter visto papai quando ficou sozinho! Acho que às vezes faltava pouco para ele estrangular mamãe. Andava a cavalo da manhã à noite com um cavalete dobrável preso atrás da sela, e não pintava um só traço; quando ficava em casa, não tocava num pincel. Normalmente ele pinta como uma máquina, mas naquela vez eu o encontrei em várias ocasiões num dos grandes salões vazios, sentado atrás de um livro sem o abrir. Ficava pensando ali horas a fio, depois se levantava, e ia fazer a mesma coisa noutra sala ou no jardim, o dia todo. Afinal, era um velho, e a juventude o abandonara, não é mesmo? É muito compreensível! Acho que naquele tempo a imagem que ele sempre via de mim e de Lucy, duas mocinhas abraçadas, conversando, devia tê-lo perturbado como uma se mente selvagem. Talvez ele também soubesse que Lucy vinha sempre ficar comigo na torre. Bem, um dia, pelas onze da noite, todas as luzes apagadas no castelo, ele apareceu no meu quarto! Ulrich, foi um horror! — Agora Clarisse estava vivamente arrebatada pelo significado do seu relato. — A gente ouve aquele rumor de pés tateando e arrastando-se na escada e não sabe o que é; depois, ouve alguém baixar desajeitadamente a maçaneta da porta, que se abre num suspense...

— Por que não chamou por socorro?

— Isso é que é estranho. Desde o primeiro ruído eu sabia quem era. Ele deve ter ficado imóvel diante da porta, pois por bastante tempo não ouvi nada. Provavelmente ele também estava assustado. Depois, fechou a porta devagarinho e me chamou em voz baixa. Eu parecia estar girando entre as estrelas numa disparada. Não queria responder, mas isso é que é estranho: do fundo de mim, como se eu fosse um abismo fundo, veio um ruído, como um choramingo. Sabe como é?

— Não. Continue!

— Bem, e no momento seguinte ele se agarrou em mim num desespero infinito; quase caiu na minha cama, sua cabeça ficou ao lado da minha nos travesseiros.

— Lágrimas?

— Espasmos secos! Um velho corpo abandonado! Compreendi isso no mesmo instante. Ah, acredite, se mais tarde se pudesse contar o que se pensou nessas horas, seria uma coisa incrível! Acho que devido a sua perda, ele foi dominado por um ódio louco contra toda a moral. Então, de repente, notei que ele estava voltando a si, e, embora estivesse completamente escuro, compreendi que estava agora crispado numa fome cega por mim. Eu sabia que agora não haveria escrúpulos nem pena; desde aquele meu gemido não tinha havido um rumor no quarto; meu corpo estava ardente e seco, e o dele como papel colocado perto do fogo. Ele estava muito leve; senti seu braço descer pelo meu corpo, largando meu ombro. E aí eu queria lhe perguntar uma coisa, Ulrich. Foi por isso que vim...

Clarisse interrompeu-se.

— O que foi? Você não perguntou nada! — disse Ulrich tentando ajudar, depois de uma pequena pausa.

— Não. Antes preciso dizer outra coisa: tive nojo de mim mesma pensando que ele tivesse interpretado minha imobilidade como sinal de concordância; mas fiquei deitada ali completamente atônita, o medo pesando sobre mim como uma pedra. O que você acha disso?

— Não tenho nada a dizer.

— Com uma das mãos ele acariciava meu rosto, a outra vagueava. Tremendo, sabe, com fingida inocência, passou pelo meu seio como um beijo, como se estivesse esperando uma resposta. E por fim, ela quis — bem, você entende, e ao mesmo tempo o rosto dele procurava o meu. Mas, então, com um último resto de forças, consegui me libertar, e me virei de lado; e mais uma vez saiu do meu peito aquele ruído, que nunca faço, um pedido, um gemido. Eu tenho um sinal de nascença, como um medalhão preto...

— E o que foi que seu pai fez? — interrompeu Ulrich com frieza. Mas Clarisse não se deixou interromper.

— Aqui! — ela deu um sorriso tenso, e mostrou através do vestido um lugar

na parte interna do quadril. — Ele veio até aqui, aqui fica o medalhão. Esse medalhão tem uma força mágica, ou pelo menos é uma coisa bem estranha!

De repente, o sangue subiu-lhe ao rosto. O silêncio de Ulrich a fez recuperar a lucidez, e liberou-a do pensamento que a dominara. Ela sorriu, envergonhada, e concluiu rapidamente:

— Meu pai? Levantou-se na mesma hora. Não pude ver o que se passava em seu rosto; acho que deve ter sido constrangimento. Talvez gratidão. Afinal, eu o salvara no último momento. Você precisa imaginar: um homem velho, e uma menina tem força de evitar aquilo! Devo ter-lhe parecido bem esquisita, pois ele apertou minha mão ternamente, com a outra acariciou duas vezes a minha cabeça, depois foi embora sem dizer nada. Então, você vai fazer o que puder por ele? Mas afinal eu tinha de lhe explicar tudo isso.

E ficou ali, parada, simples e correta, com o *tailleur* com que sempre vinha à cidade, pronta para sair, e estendeu-lhe a mão em despedida.

COMEÇA A REUNIR-SE A COMISSÃO PARA TOMADA DE UMA
RESOLUÇÃO DIRETIVA QUANTO AO JUBILEU DOS SETENTA ANOS
DE REINADO DE SUA MAJESTADE

Clarisse não dissera uma palavra sobre sua carta ao Conde Leinsdorf nem sobre seu pedido de que Ulrich salvasse Moosbrugger ; parecia ter esquecido tudo. Mas Ulrich tampouco se lembrou, porque finalmente os preparativos de Diotima tinham chegado a um ponto em que se podia convocar, dentro da “Enquete para tomada de uma resolução diretiva e conferição dos desejos do povo quanto ao jubileu de setenta anos de reinado de Sua Majestade”, aquela “Comissão para tomada de uma resolução diretiva etc”, cuja coordenação Diotima reservara para si. O próprio Conde escrevera o convite, o subsecretário Tuzzi revisara os termos, e Diotima mostrara tudo a Arnheim, antes de aprovar. Apesar disso, o convite continha tudo o que ocupava o espírito de Sua Alteza.

“O que nos leva a esse encontro”, dizia, “é concordarmos em que não se pode deixar ao acaso uma manifestação nascida do seio do povo, mas é preciso uma coordenação previdente e de visão ampla, vinda, portanto, de cima.” Seguiam depois “a

raríssima festa de setenta anos de reinado abençoado”, os povos “reunidos em gratidão”, o Imperador da Paz, a falta de maturidade política, o ano austríaco universal, e por fim a exortação aos representantes da “Propriedade e Cultura” para que fizessem de tudo isso numa brilhante manifestação da “verdadeira” Áustria, mas tudo ponderado com bastante cautela.

Das listas de Diotima tinham sido destacados os grupos Arte, Literatura e Ciência, completados com grande afínco; de outro lado, após severa filtragem, restava número muito reduzido daquelas pessoas que poderiam assistir ao evento, mas sem que se esperasse sua participação ativa. Mesmo

assim, o número de convidados era tão alto que não se podia falar numa reunião na mesa verde, e foi preciso optar pela forma mais descontraída de uma recepção com bufê frio. Ficaram parados ou sentados, conforme podiam, e as salas de Diotima pareciam um acampamento de exército intelectual tratado com canapés, tortas, vinhos, licores e chá, em quantidades tais que só se tornaram possíveis graças a concessões orçamentárias especiais do Sr. Tuzzi à esposa. Aliás, deve-se acrescentar, sem nenhuma objeção, o que faz deduzir que ele estava interessado em servir-se de novos métodos diplomáticos intelectuais.

Atender socialmente àquele ajuntamento exigiu grandes esforços de Diotima, e talvez ela tivesse se escandalizado com muita coisa se sua cabeça não fosse como uma magnífica travessa de frutas da qual transbordavam palavras o tempo todo; palavras com que a dona da casa cumprimentava todos os que apareciam, encantando-os por estar a par de sua obra mais recente. Os preparativos para isso tinham sido extraordinários, e só puderam ser feitos com ajuda de Arnheim, que lhe pusera à disposição seu secretário particular para arranjar o material e coletar os dados mais importantes. Os despojos maravilhosos desse zelo ardente formavam uma grande biblioteca organizada com o dinheiro que o Conde Leinsdorf doara para o começo da Ação Paralela, e junto com os livros da própria Diotima ela fora colocada, como único ornamento, no último daqueles aposentos esvaziados, cujo papel de parede florido revelava um toucador, detalhe que despertava reflexões lisonjeiras sobre a sua dona. Mas aquela biblioteca também foi útil noutro sentido, pois, após beijar a mão de Diotima, todos os convidados que vagavam indecisos pelas salas eram infalivelmente atraídos pela parede coberta de livros lá no fundo. Uma multidão de costas erguia-se e abaixava-se o tempo todo diante dela, como abelhas diante de uma sebe em flor, e embora a causa fosse apenas a nobre curiosidade que todos os intelectuais têm por coleções de livros, sentiam uma doce alegria na espinha quando por fim descobriam suas próprias obras, e o empreendimento patriótico saía lucrando.

Diotima permitiu inicialmente uma bela arbitrariedade na direção espiritual da reunião, embora fizesse questão de assegurar desde logo aos poetas que no fundo toda a vida se fundamenta numa poesia interior, até mesmo o mundo dos negócios, desde que “encarado de maneira ampla”. Ninguém se

admirou, apenas se podia constatar que a maioria dos que eram assim interpelados e distinguidos tinham vindo convencidos de que os haviam convidado para darem eles próprios, numa breve alocução, isto é, de cinco a quarenta e cinco minutos, a sua sugestão para a Ação Paralela; sugestão essa que, obedecida, faria com que não pudesse mais haver erro, ainda que oradores que tomassem a palavra depois desperdiçassem o tempo de todos com sugestões falsas e inúteis.

No começo, isso quase fez Diotima cair em pranto, e ela só conseguiu manter a sua postura imperturbável com muito esforço, pois parecia-lhe que cada um dizia

uma coisa diferente, sendo impossível encontrar um denominador comum. Ela ainda não tinha experiência com um tal grau de concentração de espíritos artísticos, e como um encontro tão universal de grandes homens não se repete uma segunda vez facilmente, ela só o conseguia compreender lentamente, passo a passo, com esforço e método. Aliás, há no mundo muitas coisas que, isoladas, têm um significado muito diferente, para as pessoas, do que reunidas; por exemplo, água em quantidades excessivas é um prazer bem menor do que em quantidades pequenas, o que se reconhece muito bem na diferença entre beber e afogar-se, e com venenos, prazeres, ócio, música de piano e ideais, dá-se mais ou menos o mesmo; provavelmente é assim com tudo, de modo que as coisas dependem do seu grau de densidade e outras circunstâncias. Deve-se apenas acrescentar que o gênio não é exceção a isso, para que, nas impressões seguintes, não se veja um rebaixamento das grandes personalidades que se haviam colocado altruisticamente à disposição de Diotima.

Pois logo no primeiro encontro podia-se pensar que os grandes espíritos se sentem inseguros assim que deixam a proteção de seu ninho de águias e precisam comunicar-se ao nível do chão. Aquela conversa extraordinária, que passava por cima de Diotima como um acontecimento celestial sempre que ela dialogava com um daqueles grandes nomes, dava lugar a uma penosa impossibilidade de manter a ordem sempre que um terceiro ou quarto interlocutor se aproximava e vários diálogos começavam a se contrapor, e quem não receia esse tipo de comparação, poderia imaginar um cisne que depois de vôo altivo continua a mover-se sobre a terra. Mas,

depois de os conhecermos por mais tempo, podemos compreender bem essas coisas. A vida dos grandes espíritos se fundamenta hoje num “não se sabe para quê”. Gozam de grande respeito, manifestado na comemoração dos seus cinquenta ou cem anos, ou na festa dos dez anos de fundação de uma faculdade de Agronomia que se enfeita com doutores *honoris causa*, e também em várias ocasiões em que é preciso falar do tesouro espiritual alemão. Tivemos grandes homens em nossa história, e consideramos isso uma instituição que nos pertence assim como as prisões e o exército; já que existem, temos de colocar alguém lá dentro. Portanto, com certo automatismo característico dessas necessidades sociais, sempre pegamos aquele que por acaso está à mão, e lhe damos as honras disponíveis. Mas essa honraria não é bem real; no seu fundo existe, como um bocejo, a convicção generalizada de que ninguém a merece, e é difícil distinguir se a boca se abre de entusiasmo ou para bocejar. Há algo de um culto aos mortos quando se chama hoje em dia um homem de genial, acrescentando implicitamente que isso não existe mais, e alguma coisa do amor histórico que se exhibe em público unicamente por lhe faltar emoção verdadeira.

É compreensível que um estado desses não é agradável para espíritos sensíveis, que procuram de vários modos livrar-se dele. Uns enriquecem por desespero, aprendendo a aproveitar-se da necessidade que existe, não apenas de grandes espíritos, mas também de homens impetuosos, romancistas brilhantes, entusiásticos filhos da natureza e líderes da nova geração; os outros carregam uma coroa invisível sobre a fronte, que não tiram de modo algum, e asseguram, numa amargurada modéstia, que só em três ou dez séculos permitirão que se façam julgamentos sobre sua obra; mas todos consideram uma tremenda tragédia do povo alemão, que os realmente grandes jamais sejam incluídos na sua cultura viva, por estarem demasiadamente adiantados em relação a ela. Contudo, deve-se acentuar que até aqui se falou dos chamados espíritos artísticos, pois nas relações do espírito com o mundo existe uma diferença muito notável. Enquanto o espírito artístico quer ser admirado como Goethe e Miguel Ângelo, Napoleão e Lutero, praticamente ninguém mais sabe o nome do homem que deu à humanidade a indizível bênção da anestesia, ninguém pesquisa procurando uma Sra. von Stein na vida de Gauss, Euler ou Maxwell, e apenas uma ínfima minoria se interessa em saber onde nasceram ou

morreram Lavoisier e Cardanus. Em vez disso, aprende-se como suas idéias e descobertas foram desenvolvidas por outras pessoas igualmente desinteressantes, e nos ocupamos exclusivamente com suas realizações, que continuam vivas em outra pessoa, depois que a breve chama da primeira se consumiu.

Ficamos espantados ao descobrir como é grande a diferença que separa esses dois comportamentos humanos, mas logo apresentam-se exemplos contrários, e essa diferença nos parecerá a mais natural das fronteiras. O hábito familiar nos afirma que é a fronteira entre pessoa e trabalho, entre a grandeza do homem e a de uma causa, entre instrução e saber, humanidade e natureza. O trabalho e o gênio industrioso não multiplicam a grandeza moral, o fato de sermos homens sob os olhos do céu, a indecomponível doutrina da vida, que só se transmite através de exemplos, de estadistas, heróis, santos, cantores, também atores de cinema; todo aquele grande poder irracional de que também o poeta se sente participante enquanto acredita na sua palavra, convicto de que através dele mesmo fala a voz do interior, do sangue, do coração, da nação, da Europa ou da humanidade, dependendo das circunstâncias de sua vida. É a misteriosa totalidade, cujo instrumento ele sente ser, enquanto os outros apenas refocilam no que é palpável; e é preciso acreditar nessa missão antes de podermos reconhecê-la! O que nos garante isso é sem dúvida uma voz da verdade; mas nessa verdade não existe algo de singular? Pois lá onde se olha menos a pessoa do que a causa, estranhamente aparece sempre uma nova pessoa que leva adiante a causa; lá onde se observa a pessoa, depois de chegar a uma certa altura temos a sensação de já não haver ali uma pessoa suficiente para a tarefa, e que as coisas realmente grandes pertencem ao passado!

Todos os que se encontravam reunidos nos salões de Diotima eram totalidades, e isso era muito de uma só vez. Poetar e pensar, coisas tão naturais a cada pessoa como nadar é natural num pato novo eram para eles profissões que exerciam, e faziam-no realmente melhor que outros. Mas, para quê? Sua atividade era bela, era grande, era única, mas tanta singularidade criava um clima de cemitério, um sopro de transitoriedade, sem verdadeiro sentido e utilidade, origem e futuro. Incontáveis lembranças, miríades de pulsões do espírito entrecruzando-se acumulavam-se naquelas

cabeças, enfiadas como agulhas de tapeceiro numa tela que se estendia ao redor, diante e atrás deles, sem costuras nem beiradas; e em qualquer parte produziam um desenho que se repetia noutra parte, semelhante mas não idêntico. Todavia, estaremos fazendo uso correto de nós mesmos, quando apostamos uma dessas manchinhas para ganhar a eternidade?

Provavelmente seria demais dizer que Diotima deveria ter compreendido isso, mas o vento sepulcral sobre os prados do espírito a dominava e, quanto mais aquele dia avançava em direção do fim, mais a deixava num profundo desânimo. Para sorte sua, ela se recordou de certa desesperança de que Arnheim falara em outra oportunidade, quando tinham conversado sobre questões parecidas, e que ela então não entendera bem; seu amigo viajara, mas ela recordou que ele a prevenira de não colocar esperanças demasiadas naquela reunião. Por isso, foi aquela melancolia de Arnheim, em que Diotima mergulhava, que lhe causou no fim um prazer quase sensualmente triste e lisonjeiro.

“Não será no fundo”, perguntou a si mesma, ponderando a previsão de Arnheim, “o pessimismo que as pessoas de ação sentem quando se encontram com pessoas de palavras?”

O DISSIMULADO SORRISO DA CIÊNCIA, OU PRIMEIRO ENCONTRO
DETALHADO COM O MAL

Devem ser ditas algumas palavras a respeito de um sorriso, ainda por cima um sorriso masculino, porque havia uma barba, criada para essa ação masculina de sorrir dentro da trata-se do sorriso dos homens de ciência que tinham aceitado o convite de Diotima e escutavam os famosos artistas.^{8} Embora sorrissem, não se pense que era com ironia. Ao contrário, sua expressão era de respeito e incompetência, coisas de que já falamos. Mas também não nos enganemos. Isso vale para sua consciência, mas no seu subconsciente, para usar essa palavra corrente, ou, mais corretamente ainda, em seu estado geral, eram pessoas nas quais uma tendência para o mal rumorejava como a chama debaixo do caldeirão.

Naturalmente isso parece um comentário paradoxal, e um professor universitário diante do qual o quiséssemos apresentar provavelmente diria que ele apenas serve à verdade e ao progresso, e não sabe de nada mais; pois essa é a sua ideologia profissional. Mas todas as ideologias profissionais são nobres, e os caçadores, por exemplo, estão longe de se considerarem os carniceiros da floresta; muito antes, chamam-se legítimos amigos dos animais e da natureza, assim como comerciantes cultivam o princípio do lucro honesto, e os ladrões afirmam que seu deus é o deus dos comerciantes, isto é, o nobre e internacional Mercúrio, que liga os povos. Portanto, não se deve valorizar muito como interpretam sua atividade aqueles que a exercem.

Se nos perguntarmos de maneira imparcial como a ciência assumiu a forma que tem hoje em dia — o que em si é importante, pois ela nos domina, e nem mesmo um analfabeto está a salvo dela, pois aprende a conviver com incontáveis coisas de origem científica —, já temos dela outra imagem. Segundo tradição fidedigna, isso começou no século XVI, uma era de intensa mobilidade espiritual, quando já não se tentava mais penetrar os

segredos da natureza, como se fizera durante dois mil anos de especulação religiosa e filosófica, mas nos contentávamos, de um modo que só pode ser chamado de superficial, com a pesquisa de sua superfície. O grande Galileu Galilei, que sempre é nomeado em primeiro lugar nesses casos, acabou com a questão do motivo imanente que fazia a natureza ter aversão a espaços vazios, de forma que levava um corpo em queda a atravessar um espaço após o outro, preenchendo-o, até finalmente chegar em solo firme; ele satisfez-se com uma constatação muito mais comum: simplesmente pesquisou a velocidade de queda desse corpo, o trajeto que ele percorre, o tempo que consome, e a velocidade crescente que assume. A Igreja Católica cometeu um grave erro ameaçando esse homem de morte, e obrigando-o a se desdizer, em vez de o matar sem muitos rodeios; pois da visão das coisas próprias de Galileu e seus parentes espirituais surgiram — em pouco tempo, se usarmos uma medida de tempo histórico — os horários de ferrovias, as máquinas de trabalho, a psicologia fisiológica e a corrupção moral da atualidade, com as quais ela já não consegue concorrer. Provavelmente a Igreja cometeu esse erro por inteligência excessiva, pois Galileu não foi apenas descobridor da lei da queda dos corpos e do movimento terrestre, mas um inventor pelo qual, diríamos hoje, se interessaram os grandes capitalistas; além disso, não foi o único dominado pelo novo espírito naqueles tempos; ao contrário, relatos históricos revelam que a objetividade que o animava se difundia, ampla e impetuosa, como uma doença contagiosa; e por mais que hoje nos aborreça ouvir chamar alguém de objetivo, uma vez que julgamos estar saturados de objetividade, naquele tempo despertar da metafísica e passar a uma contemplação sóbria das coisas, segundo muitos testemunhos deve ter sido uma embriagues e um incêndio de objetividade!

Mas se nos perguntarmos o que deu na humanidade, para mudar desse jeito, a resposta é que ela simplesmente fez o que faz qualquer criança ajuizada quando tenta andar cedo demais; sentou-se no chão, e tocou-o com uma parte confiável e pouco nobre do corpo: fez isso com aquilo com que nos sentamos. Pois o estranho é que a Terra se mostrou tão incrivelmente sensível a isso e desde esse contato deixa que lhe extraiam descobertas, comodidades e conhecimentos numa profusão quase milagrosa.

Depois dessa pré-história podemos dizer, não sem acerto, que é no milagre

do Anticristo que vivemos hoje; pois aquela metáfora do contato não se deve interpretar só no sentido da confiabilidade, mas também do indecente e do proibido. Com efeito, antes que as pessoas intelectualizadas descobrissem o prazer dos fatos concretos, só guerreiros, caçadores e comerciantes, portanto naturezas astutas e violentas, o conheciam. Na luta pela sobrevivência não há lugar para sentimentalismos espirituais, só para o desejo de matar o adversário da maneira mais rápida e eficaz; nisso, todo mundo é positivista; também não seria virtude no mundo dos negócios deixar-se iludir em vez de agir concretamente, e com isso, em última análise, o lucro é a superação psicológica do outro, dentro das circunstâncias.

Se, de outro lado, observarmos as qualidades que levam às descobertas, notamos ausência do escrúpulo tradicional e de inibição, notamos coragem, iniciativa e espírito de destruição, ausência de reflexões de ordem moral, barganha paciente pelas menores vantagens, tenacidade no caminho para o objetivo desejado, caso for preciso, e respeito por números e medidas, o que é a maior expressão de desconfiança diante de qualquer incerteza. Em suma, tudo o que vemos são os velhos pecados dos caçadores, guerreiros e comerciantes, apenas transferidos para o campo intelectual, e transformados em virtudes. E, assim, não têm mais a ver com a luta por vantagens pessoais e relativamente vulgares; mas o elemento primitivo do mal, como se pode dizer, não foi perdido, pois é aparentemente eterno e indestrutível; ao menos, tão eterno quanto o ideal humano, pois é simplesmente o desejo de passar uma rasteira nesse ideal e vê-lo cair de cara no chão. Quem não conhece a maligna sedução que, quando olhamos um belo vaso vitrificado, vem com a idéia de que o poderíamos quebrar em mil cacos com *um* só golpe? Intensificada até o amargurado heroísmo que nos diz que na vida não podemos confiar em nada senão no que for absolutamente seguro, essa tentação é o sentimento fundamental na objetividade da ciência; e se, por respeito, não a quisermos batizar de Demônio, pelo menos admitamos sentir um leve cheiro de enxofre.

Podemos começar com a singular predileção do pensamento científico por explicações mecânicas, estatísticas, materiais, às quais se retirou o coração. Encarar a bondade apenas como forma especial de egoísmo; ligar emoções com secreções internas; constatar que o ser humano consiste em oito ou

nove décimos de água; declarar que a famosa liberdade ética do caráter é um anexo mental da livre-troca, surgido automaticamente; atribuir a beleza à boa digestão e bons tecidos adiposos; colocar reprodução e suicídio em gráficos anuais que mostram como obrigatório aquilo que parecia vir de livre decisão; considerar o êxtase e a demência como aparentados; comparar como extremidades retal e oral da mesma coisa o ânus e a boca: esse tipo de idéias que revelam o truque que existe no teatro mágico das ilusões humanas sempre encontram uma espécie de preconceito favorável, para as fazer passar por particularmente científicas. O que amamos aí é a verdade; mas em torno desse amor tão puro existe uma predileção pela decepção, pelo constrangimento, pela inexorabilidade, pela fria repulsa e censura áspera, e uma maliciosa predileção, ou pelo menos uma involuntária emanção emocional desse tipo.

Em outras palavras, a voz da verdade tem um rumor secundário suspeito, mas os mais estreitamente envolvidos não querem ouvir falar nisso. Bem, a psicologia hoje conhece muitos desses rumores secundários abafados, e também aconselha traze-los para a superfície e torná-los tão nítidos quanto possível, para impedir seus efeitos perniciosos. Como seria, pois, se quiséssemos fazer a prova e sentíssemos a tentação de assumir esse equívoco gosto pela verdade e suas malignas vozes secundárias cheias de misantropia e satanismo; por assim dizer, a tentação de vivê-lo? Bem, surgiria mais ou menos a mesma falta de idealismo já descrita sob o título de Utopia da Vida Exata, uma tendência para tentativa e retratação, mas submetida à dura lei marcial da conquista intelectual. Essa atitude com a vida não é de assistência e apaziguamento; não respeita simplesmente o que é digno de se viver, mas considera-o uma linha de demarcação que a luta pela verdade interior transfere constantemente de lugar. Duvidaria da sacralidade de um estado momentâneo do mundo, não por ceticismo, e sim com a visão de quem está subindo, mas sabe que o pé firmado no chão também é o que está mais baixo. No ardor dessa *ecclesia militans*, que odeia a doutrina por amor ao ainda irrevelado, e afasta a lei e a tradição em nome de um exigente amor pela sua própria formulação sucessiva, o Diabo voltaria ao seu Deus, ou, falando com mais simplicidade, a verdade voltaria a ser irmã da virtude, e não precisaria mais executar para com ela aquelas dissimuladas maldades que uma sobrinha jovem faz contra a tia solteirona.

Tudo isso, mais ou menos conscientemente, um jovem registra nas salas de aula do saber; e descobre também os elementos de uma grande mentalidade sintética que junta brincando coisas distantes como uma pedra que cai e uma estrela que gira, e separa algo aparentemente uno e indivisível, como o nascer de um simples ato na consciência, em torrentes cujas fontes remotas estão separadas entre si por milhares de anos. Mas se alguém pretendesse utilizar essa mentalidade sintética fora dos limites das tarefas especializadas, em breve perceberia que a vida tem necessidades diferentes das do pensamento. Na vida acontece o contrário de quase tudo o que é familiar ao pensamento culto. As diferenças e semelhanças naturais são muito valorizadas aqui; o vigente, seja como for, é considerado até certo ponto natural, e não se gosta de tocar nele; as modificações necessárias só se realizam com hesitação, num processo de avanços e recuos. E se por tendências vegetarianas alguém chamasse uma vaca de “a senhora” (avaliando bem o fato de ser muito mais fácil maltratar alguém a quem chamamos de “você”), nós diríamos que é um gozador ou maluco; mas não por ser amigo de animais ou vegetariano, o que julgamos muito humano, e sim por estar aplicando concretamente essas duas coisas. Em suma, entre intelecto e vida há um acordo complexo, no qual o intelecto recebe pouquíssimo do que exigiria, mas em compensação fica com o título de credor honorário.

Mas se o espírito, na poderosa configuração que acabamos de imaginar é um santo bem viril, com defeitos secundários de guerreiro e caçador, deve-se deduzir das circunstâncias descritas que suas tendências pecaminosas não conseguem se expressar inteiramente, nem ele encontra ocasião de se purificar na realidade, e que por isso pode ser encontrado por toda a sorte de caminhos estranhos e incontroláveis, fugindo às suas estéreis prisões. Resta saber se até aqui tudo foi um jogo de ilusões ou não, mas não se pode negar que a última suposição se confirma. Há uma vida anônima correndo no sangue de muita gente hoje em dia, uma consciência do mal, uma inclinação para o tumulto, uma desconfiança contra tudo o que é respeitado. Há pessoas que se queixam de falta de idealismo da juventude, mas no momento em que precisam agir, agem como alguém que, desconfiando de uma idéia, reforça o débil poder persuasivo dela com uso de um porrete.

Em outras palavras: existirá algum objetivo piedoso que não se precise

munir de um pouquinho de corrupção e cálculo, vindos das mais baixas qualidades humanas, para que o levem a sério neste mundo? Palavras como amarrar, forçar, encostar na parede, botar para quebrar, método de força têm um agradável tom de confiabilidade. Idéias como a de que o mais nobre dos espíritos, metido numa caserna, em oito dias aprende a saltar sob as ordens de um sargento, ou de que um tenente e dez homens bastam para prender qualquer parlamento do mundo, só mais tarde encontraram sua expressão clássica, quando se descobriu que com algumas colheres de óleo de rícino dadas a um idealista se expõem ao ridículo as mais inabaláveis convicções; mas já há muito, embora rejeitadas com indignação, tinham o selvagem impulso de sonhos sombrios. Acontece que pelo menos o segundo pensamento de toda pessoa colocada diante de um fenômeno arrebatador, ainda que a arrebate pela beleza, é hoje em dia: você não me engana, darei um jeito em você! E essa fúria de rebaixamento de uma época não apenas enlouquecida mas enlouquecedora, já não é praticamente aquela divisão, natural na vida, entre bela e fera, mas antes um traço de autoflagelo do espírito, um indíizível prazer no espetáculo que é ver o bem rebaixando-se, e deixando-se destruir com espantosa facilidade. Não é muito diferente do que um apaixonado apanhar-se-a-si-mesmo-mentindo, e talvez não seja a coisa mais desoladora de todas acreditar num tempo que nasceu ao contrário, e apenas precisa que as mãos do Criador o virem.

Portanto, um sorriso de homem há de expressar muitas coisas dessa natureza, embora isso escape à auto-observação, ou nunca tenha sido consciente; e era assim o sorriso com que a maioria dos famosos especialistas convidados se submetia aos louváveis anseios de Diotima. Aquilo subia como uma coceira pelas pernas que não sabiam mais como se colocar, e aterrissava no rosto sob a forma de um benevolente espanto. Era um alívio ver um conhecido ou colega mais chegado, e poder falar com ele. Parecia que, indo para casa, depois de sair do portão, todos haveriam de pisar firme algumas vezes, para se assegurar de que tudo estava bem. Mesmo assim, a reunião fora bem bonita. Esses empreendimentos generalizados nunca têm um verdadeiro conteúdo, como aliás todas as idéias sublimes e muito gerais; já não conseguimos nem imaginar a palavra cão, que é apenas índice de determinados cães e qualidades caninas, que dizer então de Patriotismo, ou da mais bela idéia patriótica. Mas, embora

não tenha conteúdo, tem sentido, e certamente é bom de tempos em tempos despertar esse sentido! Era isso que a maioria dizia uns aos outros, mas principalmente numa silenciosa zona inconsciente; Diotima, ainda parada na principal sala de recepção, distinguindo retardatários com uma saudação, ouvia, espantada e não muito nitidamente, que a seu redor se iniciavam animadas conversas, nas quais, se não se enganava, até se ouviam comentários sobre a diferença da cerveja boêmia e bávara, ou sobre direitos autorais.

Era pena ela não poder ver aquela reunião da rua. Dali, era linda de se contemplar. A luz brilhava forte através das cortinas das altas janelas da frente, multiplicada pelo brilho da autoridade e distinção conferida pelas carruagens que aguardavam, e pelos olhares dos curiosos que paravam ao passar e ficavam algum tempo olhando para cima, boquiabertos, sem saber ao certo por que faziam isso. Diotima teria se alegrado se pudesse observar tudo isso. Sempre havia pessoas paradas na vaga claridade que a festa lançava sobre a rua, e atrás delas começava a grande escuridão que, logo adiante, se tornava imperscrutável.

GERDA, FILHA DE LEO FISCHEL

Naquela agitação, Ulrich levou tempo para cumprir a promessa que fizera ao Diretor Fischel de visitar sua família. Na verdade, não conseguiu tempo até acontecer algo inesperado: a visita da esposa de Fischel, Clementina.

Ela se anunciara ao telefone, e Ulrich a esperava, preocupado. Frequentara pela última vez a casa dela há três anos, ao passar alguns meses naquela cidade; desta vez, porém, estivera lá apenas numa ocasião, porque não queria reavivar uma paixão passada, e tinha medo da decepção maternal de dona Clementina. Mas Clementina Fischel era uma mulher de “coração generoso”, e nas mesquinhas brigas diárias com o marido Leo tinha tão pouca oportunidade de fazer uso dele, que para casos especiais, infelizmente raros, sempre tinha à disposição uma heróica nobreza de sentimentos. Mas aquela mulher magra, de rosto severo, um tanto amargurado, estava um pouco inibida diante de Ulrich, pedindo um encontro a sós, embora já estivessem sozinhos.

Mas ele era a única pessoa cuja opinião Gerda ainda respeitaria, disse ela, e solicitou que não interpretasse mal seu pedido.

Ulrich conhecia a situação da família Fischel. Não apenas pai e mãe estavam numa guerra constante, mas também Gerda, a filha já de vinte e três anos, rodeara-se de um bando de jovens estranhos que, muito contra a vontade do Papai Leo, que rangia os dentes de raiva, o transformavam em mecenas e estimulador de seu “espírito moderno”, pois sua casa era o melhor lugar de reuniões da cidade.

Gerda andava tão nervosa e anêmica, e logo ficava tão irritada quando se tentava limitar um pouco aquelas amizades — disse dona Clementina —, e afinal eram apenas rapazes bobos, sem educação, mas seu ostensivo anti-semitismo místico não apenas era malcriado, como demonstrava grosseria interior.

Não, acrescentou ela, não queria se queixar do anti-semitismo deles, apenas

sinal dos tempos, era preciso resignar-se: até se podia admitir que tinham razão em algumas coisas.

Clementina fez uma pausa, e teria secado uma lágrima com o lenço se não estivesse de véu; mas, por isso, não chorou, e contentou-se em tirar da bolsinha seu lencinho branco.

— O senhor sabe como Gerda é — disse ela. — Uma mocinha bonita e talentosa, mas...

— Um pouco rude — completou Ulrich.

— Sim, Deus sabe, sempre exagerada.

— Portanto, sempre germânica?

Clementina falou dos sentimentos dos pais. Um pouco patética, chamou sua visita de “peregrinação de mãe”, com o objetivo secundário de fazer Ulrich voltar a frequentar sua casa, depois de obter tão grandes resultados na Ação Paralela, conforme se comentava.

— Gostaria de me castigar — prosseguiu ela — por ter apoiado essas relações em nossa casa nos últimos anos, contra a vontade de Leo. Achei que não havia mal nenhum; esses jovens são sempre idealistas à sua maneira; e quem é imparcial tem de poder suportar uma palavra dura de vez em quando. Mas Leo, o senhor sabe como ele é, fica muito nervoso com esse anti-semitismo, seja ele simbólico e místico ou não.

— E Gerda, na sua maneira livre, tão louca e germânica, não quer reconhecer o problema? — completou Ulrich.

— Nesse assunto ela é como eu fui na minha juventude. Por falar nisso, acha que Hans Sepp tem algum futuro?

— Gerda é noiva dele? — perguntou Ulrich, cautelosamente.

— Mas esse rapaz não oferece a menor probabilidade de sustentá-la! — suspirou Clementina. — Como se poderia falar de noivado? Mas quando Leo o proibiu de vir à nossa casa, Gerda passou três semanas comendo tão pouco que ficou pele e osso. — De repente, disse, irada: — Sabe, às vezes isso me parece uma hipnose, uma infecção do espírito! Sim, às vezes acho que Gerda está hipnotizada! O rapaz fica o tempo todo explicando sua visão do mundo em nossa casa, e Gerda não percebe a constante ofensa aos seus pais que isso implica, embora tenha sido sempre uma filha boa e afetuosa. Mas se eu lhe digo alguma coisa, ela responde: “Mamãe, como você é antiquada!” Eu achei... o senhor é a única pessoa que ela escuta um pouco,

e Leo o respeita tanto!... Não poderia vir à nossa casa um dia desses e abrir um pouco os olhos de Gerda para a imaturidade de Hans e seus companheiros?

Como Clementina fosse uma mulher muito correta, e aquilo fosse uma tentativa bastante ousada, devia estar mesmo muito preocupada. Apesar de todas as brigas, sentia naquele assunto uma espécie de solidariedade com seu marido. Ulrich ergueu as sobrancelhas, preocupado.

— Receio que Gerda diga que também sou antiquado. Esses jovens de hoje não escutam mais aos mais velhos, e isso é uma questão de princípios.

— Eu já pensei que talvez Gerda mudasse de idéia mais rapidamente se o senhor tivesse alguma tarefa para ela nessa grande ação, da qual se fala tanto — insinuou Clementina, e Ulrich preferiu prometer-lhe apressadamente uma visita, mas assegurando que a Ação Paralela ainda não estava madura o bastante para precisar desse tipo de colaboração.

Quando Gerda o viu chegar alguns dias depois, surgiram-lhe manchas redondas de rubor nas faces, mas ela lhe apertou a mão com energia. Era uma dessas mocinhas modernas encantadoramente seguras de si, que trabalhariam como trocadoras de ônibus na mesma hora, se um consenso geral o exigisse.

Ulrich não se enganara pressupondo que a encontraria sozinha; mamãe fazia compras nessa hora, e papai ainda estava no escritório. E mal Ulrich dera os primeiros passos na sala, tudo lhe recordou um dia de seus encontros antigos. Naquela vez, o ano já estava avançado em várias semanas; era primavera, mas um daqueles dias muito quentes em que o verão se anuncia com ondas de fogo, que o corpo ainda não habituado suporta muito mal. O rosto de Gerda estava abatido e magro. Usava roupa branca, e seu perfume era como Unho branco posto a secar numa campina. As venezianas estavam baixadas em todos os quartos, e a casa pairava numa penumbra recalcitrante, com setas de calor de pontas quebradas varando aquele obstáculo pardo. Ulrich tinha a impressão de que Gerda era feita inteiramente dos mesmos panos de linho recém-lavados que vestia. Era uma sensação totalmente objetiva, e ele poderia calmamente vê-la despindo um a um esses invólucros sem sentir nenhum impulso amoroso. Essa mesma sensação se repetia agora. Aparentemente era uma intimidade muito natural, mas vã, e os dois tinham medo dela.

— Por que passou tanto tempo sem nos visitar? — perguntou Gerda.

Ulrich disse francamente que tivera a impressão de que os pais dela não aprovavam uma relação tão íntima sem objetivar um casamento.

— Ora, a mamãe — disse Gerda. — Mamãe é ridícula. Então não podemos ser amigos sem logo pensar nisso? Mas papai gostaria que você viesse mais vezes; dizem que você ficou muito importante com toda essa história.

Disse isso com toda a sinceridade, comentando as tolices dos velhos, convencida da aliança natural que os unia contra elas.

— Virei, sim — respondeu Ulrich. — Mas diga-me, Gerda, aonde vai nos levar tudo isso?

O problema era que não se amavam. Antigamente, tinham jogado tênis juntos várias vezes, ou encontravam-se em festas, tinham andado juntos, simpatizado um com o outro, e assim, imperceptivelmente, haviam transposto o limite que distingue uma pessoa em quem confiamos, e a quem nos mostramos com toda a nossa confusão emocional, de todas as outras pessoas, diante das quais fingimos ser perfeitos. Sem querer, tinham ficado íntimos como duas pessoas que se amam há muito tempo, ou mesmo que já quase nem se amam mais; mas dispensaram o amor. Brigavam a ponto de se pensar que se detestavam, isso era, porém, a um tempo obstáculo e ponto de contato. Sabiam que faltava apenas uma pequena centelha para desencadear um incêndio. Se a diferença de idade fosse menor, ou Gerda uma mulher casada, provavelmente a ocasião teria feito o ladrão, e do roubo teria nascido a paixão, pois a gente se persuade do amor como da ira quando se começa a praticá-lo. Mas exatamente por saberem disso, não o faziam. Gerda continuava virgem, e incomodava-se intensamente por isso.

Em vez de responder à pergunta de Ulrich, ela se ocupara um pouco ajeitando a sala, e de repente ele estava de pé ao seu lado. Foi muito irrefletido, pois não se pode ficar parado junto de uma moça numa hora dessas e simplesmente começar a discutir qualquer assunto. Seguiram o caminho da resistência menor, como um riacho que, esquivando-se de obstáculos, corre por uma campina abaixo, e Ulrich passou o braço pelos quadris de Gerda, com as pontas dos dedos descendo até a linha que seguia a tira interior da liga. Ele virou para si o rosto de Gerda, perturbado e acalorado, e beijou-a nos lábios. Depois, ficaram ali parados, sem poder se

soltar nem unir. As pontas dos dedos dele chegaram ao elástico largo da liga, e fizeram-no estalar baixinho algumas vezes contra a perna. Então ele se libertou e repetiu a pergunta, encolhendo os ombros:

— Aonde nos levará isso, Gerda? Ela combateu a excitação e disse:

— Mas tem de ser assim?

Tocou a sineta e mandou trazer refrescos; pôs a casa em movimento.

— Fale-me alguma coisa sobre Hans! — pediu Ulrich brandamente quando estavam sentados e tinham de começar outro diálogo. Gerda, que ainda não recuperara inteiramente o controle, no começo não respondeu, mas algum tempo depois disse:

— Você é um homem vaidoso, nunca vai entender a nós, mais jovens!

— Assustar não vale! — disse Ulrich, mudando de assunto. — Gerda, acho que vou desistir da ciência. Portanto, transfiro-me para a geração mais nova. Basta-lhe que eu jure que o saber é parente da avareza? Que representa um mesquinho instinto de poupança? Que é um pretensioso capitalismo interior? Tenho mais sensibilidade do que você pensa. Mas quero protegê-la de toda uma fraseologia que não passa de palavrorio!

— Você precisa conhecer melhor Hans — respondeu Gerda, abatida. Mas de pois acrescentou, com súbita veemência: — Aliás, você nunca vai entender que alguém possa se unir com outras pessoas numa comunidade altruísta!

— Hans ainda a visita tão seguidamente? — insistiu Ulrich, cauteloso; Gerda deu de ombros.

Seus sábios pais não tinham proibido as visitas de Hans Sepp, mas reservado para ele alguns dias do mês. Em compensação, Hans Sepp, estudante que não era nada nem tinha futuro à vista, precisara dar sua palavra de honra de que não induziria Gerda a fazer nada de errado, e acabaria com aquela propaganda sobre a mística alemã. Esperavam com isso roubar-lhe o encanto da coisa proibida. E Hans Sepp, na sua castidade (pois só a sensualidade deseja a posse, mas é judaico-capitalista) dera tranquilamente a palavra pedida, mas sem incluir nela as visitas secretas à casa, os diálogos ardentes, os apertos de mão extasiados, até os beijos, o que afinal também faz parte da vida natural de almas amigas; incluía apenas a propaganda em favor de uma ligação não-oficial nem religiosa,

que teoricamente andara pregando. Dera sua palavra de honra com tanto mais vontade por julgar que nem ele nem Gerda tinham alcançado ainda a maturidade espiritual necessária para concretizar seus princípios; e proteger-se das influências da natureza inferior correspondia plenamente aos seus desejos.

Mas naturalmente os dois jovens sofriam com essa violentação que lhes impunha um limite externo antes de terem encontrado seu limite interior.

Gerda não teria tolerado aquela intervenção dos pais se não estivesse ela própria insegura; mas, por isso mesmo, a sentia ainda mais duramente. Na verdade não amava muito seu jovem amigo; o desejo de contestar os pais era maior que o afeto por ele. Se Gerda tivesse nascido alguns anos mais tarde, seu pai seria um dos homens mais ricos da cidade, embora não muito respeitado; a mãe o teria admirado novamente, e Gerda não teria sentido as brigas dos dois como uma divisão dentro de si mesma. Provavelmente teria se orgulhado de ser uma mistura de raças. Mas, nas condições reais, rebelava-se contra os pais e seus problemas, não queria ter recebido aquela pesada herança, era loura, livre, germânica e forte, como se nada tivesse a ver com eles. Mas, embora parecesse coisa positiva, isso trazia uma desvantagem: ela jamais permitira que o verme que a corroia interiormente emergisse na luz.

Em seu ambiente doméstico, o nacionalismo e a ideologia racial eram tratados como se não existissem, embora envolvessem metade da Europa em teorias históricas, e, dentro das paredes dos Fischel, tudo girasse exatamente em torno disso. Tudo o que Gerda sabia lhe chegara de fora, na forma obscura de boatos, alusões, exageros. Fora marcada pela contradição de seus pais normalmente darem grande importância ao que outros diziam, mas naquele caso fazerem uma estranha exceção. E como a natureza lúcida e prática de Gerda não compreendesse o fantasmagórico problema, naqueles anos ainda imaturos todas as coisas sombrias e desagradáveis se ligavam a ele.

Certo dia, conhecera o grupo de jovens cristãos-germânicos de que Hans Sepp fazia parte, e de repente sentira-se realmente em casa. Seria difícil dizer em que aqueles jovens acreditavam; formavam uma das incontáveis pequenas seitas espirituais livres e vagas que invadiam a juventude alemã desde a derrocada do ideal humanista. Não eram anti-semitas por ideologia

racial, mas adversários da “mentalidade judaica”, expressão sob a qual compreendiam capitalismo e socialismo, ciência, razão, poder paterno e presunção paterna, matemática, psicologia e ceticismo. Sua principal peça doutrinária era o “símbolo”.

Até onde Ulrich conseguia compreender, e tinha bastante compreensão para esse tipo de coisa, chamavam de símbolo o grande complexo da Graça que, segundo Hans Sepp, torna claro e grande tudo o que é confuso e mirrado na vida, elimina a zoeira dos sentidos, e banha a frente nas águas do além. O altar de Isenheim, as pirâmides do Egito, e Novalis, eram símbolos; Beethoven e Stefan George eram admitidos como esboços. Mas não diziam em palavras claras o que era um símbolo, primeiro porque símbolos não se expressam em palavras claras, depois, porque arianos não devem ser sóbrios, pois foi por isso que no último século só conseguiram esboços de símbolos; terceiro, porque existem séculos que só produzem parcamente o sobre-humano instante da Graça para homens sobre-humanos.

Gerda, mocinha inteligente, desconfiava em segredo daqueles pontos de vista exagerados, mas também desconfiava dessa desconfiança, na qual pensava reconhecer uma herança da sensatez paterna. Por mais independente que fosse, esforçava-se medrosamente para não obedecer aos pais, e sofria com medo de que sua origem a pudesse impedir de seguir os pensamentos de Hans. Rebelava-se com todo o seu ser contra os tabus da moral daquilo que se chamava boa família, contra a arrogante e sufocante intromissão do direito paterno na personalidade, enquanto Hans, que não vinha “de nenhuma família”, como dizia a mãe dela, sofria muito menos; desligara-se do círculo de companheiros, como “líder espiritual” de Gerda, falava apaixonadamente com a amiga da mesma idade, e tentava, com aquelas grandes discussões acompanhadas de beijos, levá-la para a “região do incondicional”, mas na prática ajeitava-se muito bem com as condições da casa dos Fischel, enquanto lhe permitissem rejeitá-la apenas “por princípio”, o que naturalmente dava lugar a constantes brigas com Papai Leo.

— Querida Gerda — disse Ulrich depois de algum tempo —, seus amigos a estão atormentando com seu pai e são os piores chantagistas que conheço!

Gerda ficou pálida, depois vermelha.

— Você não é mais jovem — respondeu — e pensa diferente de nós! —

Sabia que ferira a vaidade de Ulrich, e acrescentou, conciliadora: — Não imagino grande coisa do amor. Talvez esteja perdendo meu tempo com Hans, como você diz; talvez tenha de renunciar e nunca goste de alguém a ponto de lhe poder desdobrar todas as pregas de minha alma, pensamentos e emoções, trabalho e sonhos. E não acho que isso seja tão terrível!

— Você parece madura demais para sua idade, Gerda, sempre que fala como seus amigos! — interrompeu Ulrich.

Gerda exaltou-se:

— Quando falo com meus amigos — exclamou —, os nossos pensamentos circulam de uns para outros, e sabemos que vivemos e falamos dentro do povo; será que você entende isso? Estamos entre nossos incontáveis semelhantes, e podemos senti-los; isso acontece de um modo físico-sensorial que você certamente... não, que você nem mesmo pode imaginar; porque você sempre desejou apenas *uma* pessoa, pensa como um animal de rapina!

Animal de rapina, como assim? A expressão, pairando no ar, traindo-a, pareceu sem sentido também para a moça, que teve vergonha dos seus olhos que, assustados e bem abertos, fitavam Ulrich.

— Não vou responder a isso — disse Ulrich mansamente, prefiro contar-lhe uma história, para mudar de assunto. — Puxou-a para mais perto de si com a mão na qual o pulso dela sumiu como uma criança entre montanhas. — Você conhece aquela história interessante da captura da Lua? Sabe que nossa Terra teve várias luas antigamente? E há uma teoria, com muitos seguidores, segundo a qual as luas não são o que muita gente pensa, corpos celestes esfriados, parecidos com a Terra, mas grandes bolas de gelo disparando pelo universo, que se aproximaram demais da Terra e ficaram presas a ela. Nossa lua seria a última delas. Olhe para ela!

Gerda o seguira e procurava a lua pálida no céu diurno.

— Não parece uma fatia de gelo? — perguntou Ulrich. — Não é reflexo da luz da Terra! Você já pensou como é que o homem da Lua nos mostra sempre o mesmo rosto? ^{9}

É que essa nossa última lua já não gira mais, está presa! Veja, quando a Lua entra sob domínio da Terra, não gira mais em torno dela, mas é cada vez mais atraída para perto. Apenas não o percebemos porque essa aproximação leva centenas de milhares de anos, ou mais ainda. Mas não pode ser negado,

e na história da Terra devem ter passado milênios em que as luas anteriores a essa foram atraídas para bem perto e dispararam em torno da Terra com uma velocidade incrível. E assim como hoje a Lua atrai marés com um metro ou dois de altura, naquele tempo erguia-se uma onda de água e lama da altura de uma montanha, aos trambolhões por cima da Terra. Mal se pode calcular o terror com que gerações e gerações viveram naqueles milênios sobre essa Terra enlouquecida.

— Mas naquele tempo já havia gente? — perguntou Gerda.

— Claro. Pois por fim essas luas de gelo se despedaçam, caem, e o vagalhão que traíram à altura de montanhas na sua passagem tomba para trás e quebra, monstruoso, sobre todo o globo antes de se acomodar outra vez. É isso o Dilúvio, que foi uma enorme enchente generalizada! Como é que todas as lendas poderiam dizer isso de maneira tão igual, se as pessoas não o tivessem vivido de verdade? E como ainda temos uma Lua, esses milênios haverão de se repetir. Uma idéia bem singular...

Gerda fitava a Lua através da janela, respiração suspensa; ainda tinha a sua mão na dele, a Lua era uma pálida mancha feia no céu, e essa existência fantasmagórica transformava em simples verdade cotidiana aquela fantástica aventura universal da qual ela própria se considerava vítima por uma espécie de solidariedade sentimental.

— Mas acontece que essa história não é verdadeira — disse Ulrich. — Os entendidos dizem que é uma teoria maluca, e na realidade a Lua não se aproxima da Terra, mas está trinta e dois quilômetros mais distante do que se calculava, se não me engano.

— Então, por que me contou tudo isso? — perguntou Gerda, tentando tirar sua mão da dele. Mas sua resistência perdera toda a força; era sempre assim quando falava com um homem que não era mais tolo do que Hans, mas tinha idéias não exageradas, unhas limpas e cabelos penteados. Ulrich observou a penugem escura que nascia da pele loura de Gerda como um paradoxo; as múltiplas contradições dos pobres seres humanos de hoje pareciam saltar do corpo com aqueles pelinhos.

— Não sei — respondeu ele. — Quer que eu volte?

Gerda liberou o nervosismo da mão que ele soltara em vários pequenos objetos que começou a ajeitar aqui e ali, e não respondeu.

— Então, volto sem demora — prometeu Ulrich, embora antes disso não tivesse tido intenção de a rever.

O SÉCULO IV A.C. CONTRA O ANO DE 1797. ULRICH RECEBE OUTRA
CARTA DO PAI

Espalhará-se rapidamente o boato de que as reuniões em casa de Diotima eram um sucesso extraordinário. Naquele tempo Ulrich recebeu uma carta muito longa do pai, tendo anexo um grosso pacote de brochuras e separatas. A carta dizia mais ou menos isso:

Meu querido filho! Seu longo silêncio... Mas soube através de terceiros, com agrado, que meus esforços em seu favor... meu bondoso amigo Conde Stallburg... Sua Alteza o Conde Leinsdorf... Nossa parenta, a esposa do subsecretário Tuzzi... Por isso devo lhe pedir agora que use de toda a sua influência em seu novo círculo de amizades em favor do seguinte:

O mundo desabaria se fosse verdadeiro tudo aquilo que se julga verdadeiro, e se fosse lícito todo o desejo que assim parece. Por isso, é dever de todos nós constatar a verdade e a vontade justa, e, na medida em que conseguirmos isso, cuidar, com implacável senso de dever, de que tudo seja registrado na clara forma de uma visão científica. Você pode deduzir daí o que significa eu lhe participar que em círculos leigos, mas infelizmente também em vários meios científicos submetidos à influência de um tempo confuso, há muito se desenvolve um movimento altamente perigoso, objetivando certas pretensas melhorias e atenuantes na revisão do nosso Código Penal. Devo dizer, antes de mais nada, que há alguns anos existe uma comissão de conhecidos peritos nomeada pelo ministro para essa revisão, comissão à qual tenho a honra de pertencer, junto com meu colega de Universidade, Professor Schwung, de quem talvez você se lembre de antigamente, quando eu ainda não o desmascarara, e ele passou por ser meu melhor amigo anos a fio.

Quanto às atenuantes de que falei, eu soube, por enquanto em forma de boato — que infelizmente parece ser verdade — que no iminente ano jubilar

de nosso venerável Soberano, portanto, por assim dizer, aproveitando essa onda de generosidade geral do momento, deve-se esperar que haja esforços especiais de introduzir entre nós um funesto amolecimento da Justiça. Naturalmente, o Professor Schwung e eu estamos ambos decididos a evitar isso.

Levo em conta o fato de você não ter formação jurídica, mas há de saber que a porta de entrada predileta para se infiltrar essa debilitação do nosso Direito, falsamente chamada humanitarismo, é ampliar-se o conceito atenuante de irresponsabilidade, na forma vaga de uma responsabilidade reduzida, para aqueles muitos indivíduos que não são loucos nem moralmente normais, e que formam a multidão de incapazes, moralmente dementes, que infelizmente cada vez mais infestam nossa civilização. Você pensará que o conceito de responsabilidade reduzida, se é que isso se pode chamar de conceito, o que eu discuto, deve-se ligar estreitamente à interpretação que damos aos conceitos de responsabilidade plena ou de plena irresponsabilidade; e assim chego ao verdadeiro objetivo de minha carta.

Junto com termos jurídicos já existentes, e ponderando as circunstâncias acima relatadas, sugeri, na mencionada comissão, que se desse a seguinte forma ao § 318 do futuro Código Penal:

“Não existe ato passível de punição se o autor, no momento do ato, se encontra em estado de inconsciência ou perturbação doentia da atividade mental, de modo que...”; e o Professor Schwung apresentou uma sugestão que iniciava exatamente com as mesmas palavras. Mas acontece que o texto dele continuava dizendo: “...de modo que ficasse excluída sua livre vontade”, enquanto o meu dizia: “...de modo que ele não tivesse capacidade de reconhecer a ilegitimidade de seu ato”.

Devo admitir que a princípio não percebi a má intenção desse desacordo. Pessoalmente, sempre defendi a idéia de que, com o desenvolvimento progressivo do entendimento e da razão, a vontade submete a si o desejo, portanto o impulso, através da reflexão e da decisão dela resultante. Um ato querido é sempre um ato ligado ao pensamento, é não-instintivo. Na medida em que a pessoa administra a sua vontade, é livre; quando tem desejos humanos, isto é, desejos que correspondem ao seu organismo sensual, portanto, quando seu pensamento está perturbado, deixa de ser

livre. É que a vontade não é casual, mas uma autodeterminação necessariamente nascida do nosso eu, portanto a vontade é determinada pelo pensamento, e quando o pensamento fica perturbado a vontade já não é vontade, mas a pessoa age apenas segundo a natureza do seu desejo!

Naturalmente, sei que na literatura também se defende o ponto de vista oposto, de que o pensamento deve estar determinado pela vontade. Trata-se de uma concepção que tem seus seguidores entre os juristas modernos, mas só desde 1797, enquanto aquela que adotei resiste a todos os ataques desde o século IV antes de Cristo; quis, porém, provar minha boa vontade, por isso sugeri uma forma que ligasse as duas sugestões, e que teria dito:

“Não existe ato passível de punição quando no momento da ação o autor se encontra em estado inconsciente, ou perturbação doentia de sua atividade mental, de modo que não possua a capacidade de reconhecer a ilegitimidade da sua ação, e esteja excluída a livre determinação de sua vontade.”

Mas, então, o Professor Schwung revelou sua verdadeira natureza! Desprezou a minha boa vontade, afirmando, arrogante, que aquele “e” desse texto teria de ser substituído por um “ou”. Você compreende a intenção. É exatamente isso que eleva o pensador acima do leigo: distinguir um ou onde aquele simplesmente colocara um e; e Schwung tentou acusar-me de pensamento superficial, submetendo a minha disposição de entendimento, expressa naquele “e”, à suspeita de que eu não teria compreendido, em toda a sua extensão, a grandeza do contraste a ser superado!

Naturalmente, desde aquele instante passei a combatê-lo com dureza.

Retirei a minha sugestão conciliatória e me senti forçado a insistir firmemente na aceitação de minha primeira fórmula; mas Schwung desde então trata de me causar dificuldades, com pérfida sutileza. Assim, objetou que segundo a minha sugestão, fundamentada na capacidade de reconhecer a ilegitimidade, uma pessoa que, como acontece, sofre de alucinações particulares, mas no resto é sadia, só deveria ser absolvida por enfermidade mental quando se pudesse provar que, devido às suas alucinações particulares, presumiu a existência de circunstâncias que justificariam sua ação ou eliminariam sua punibilidade, de modo que essa

peessoa teria se portado corretamente, embora num mundo falsamente imaginado. Mas essa é uma objeção totalmente nula, pois embora a lógica empírica conheça pessoas que são em parte enfermas e em parte sadias, a lógica do Direito jamais pode admitir a mistura dos dois estados jurídicos em relação ao mesmo ato, pois as pessoas são responsáveis ou não são, e podemos supor que também em pessoas que sofrem de alucinações particulares mantém-se a capacidade de distinguir o certo do errado. Se esta ficou prejudicada por alucinações num caso especial, teria bastado um esforço especial da inteligência para harmonizar isso com o restante de seu Eu, e não existe motivo para ver nisso dificuldade singular.

Respondi assim imediatamente ao Professor Schwung que, se pela lógica não podem coexistir simultaneamente estados de responsabilidade e irresponsabilidade, seria preciso supor que nesses indivíduos tais estados seguem um ao outro em rápida sequência, o que traz, para a teoria dele, a dificuldade de responder à seguinte pergunta: de qual dos estados sucessivos nasceu aquele único ato? Pois para esse fim seria preciso apresentar todas as causas que agiram desde o nascimento do acusado e todas aquelas que influenciaram seus antepassados, que o oneram com boas e más qualidades.

Você vai achar difícil acreditar, mas Schwung teve a petulância de me responder que era isso mesmo, pois a lógica do Direito jamais deveria admitir mistura de dois estados de direito em relação ao mesmo ato, e por isso seria preciso decidir, em relação a cada ato de vontade isolado, se seria possível ao acusado, segundo sua evolução psíquica, controlar ou não sua vontade. Ele acha por bem afirmar que temos mais certeza de que nossa vontade é livre, do que de haver uma causa para tudo o que acontece; e que, quando no fundo formos livres, também o seremos por razões particulares, motivo pelo qual se deveria presumir que nesse caso bastaria uma especial força de vontade para resistir aos impulsos criminosos motivados por essas causas...

Nesse ponto, Ulrich parou de examinar os planos do pai e, pensativo, pesou na mão os vários anexos da carta, citados à margem. Lançou apenas um olhar ao fim da carta, e soube que o pai esperava dele uma “influência objetiva” junto aos Condes Leinsdorf e Stallburg, e o aconselhava insistentemente a chamar atenção, em tempo, das comissões

correspondentes na Ação Paralela, para os perigos que poderiam surgir para o espírito do Estado, caso uma questão tão importante recebesse uma redação e uma solução incorreta no ano Jubilar.

O GENERAL STUMM VON BORDWEHR CONSIDERA AS VISITAS A DIOTIMA
UMA BELA VARIAÇÃO EM SEUS DEVERES PROFISSIONAIS

O pequeno e gordo general visitara Diotima outra vez.

Embora se destinasse modesto papel ao soldado na sala de conferências, dizia, atrevia-se a profetizar que o Estado era o poder de se afirmar na luta entre os povos, e que a força militar cultivada na paz afastava a guerra. Mas Diotima interrompera imediatamente:

— Senhor General! — disse, tremendo de raiva. — Toda a vida repousa sobre forças de paz; até a vida comercial, se soubermos ver direito, é uma poesia.

Por um instante, o pequeno general fitou-a, consternado, mas logo voltou a se ajeitar na sela.

— Excelência — disse; para compreendermos esse tratamento devemos lembrar que o marido de Diotima era subsecretário, e que na Kakânia um subsecretário tinha o mesmo nível hierárquico de um comandante de divisão, mas que só os comandantes de divisão tinham direito ao tratamento Excelência, e também só o tinham no meio profissional; mas como a profissão de soldado é também a de um cavalheiro, não se teria progredido nela sem tratar a todos de Excelência também fora do serviço; e nesse zelo cavalheiresco também se tratavam as esposas de Excelência, sem refletir muito no problema de estarem elas ou não em serviço. Num momento, o pequeno general ponderou todos esses fatos complexos, para, logo na primeira palavra, assegurar a Diotima sua concordância e dedicação incondicionais. Portanto, disse:

— Vossa Excelência está tirando as palavras de minha boca. O Ministério da Guerra naturalmente não pôde ser considerado na formação dos comitês, por motivos políticos; mas ouvimos dizer que o grande movimento deverá ter finalidade pacifista — uma ação de paz internacional, dizem, ou a

doação de pinturas de artistas nacionais para o Palácio de Haia. E posso assegurar a Vossa Excelência que achamos isso incrivelmente simpático. Habitualmente as pessoas têm idéias falsas a respeito dos militares; naturalmente não quero afirmar que um jovem tenente não deseje a guerra, mas todos os postos responsáveis estão profundamente convencidos de que é preciso ligar a esfera da força, que infelizmente representamos, com as bênçãos do espírito, exatamente como Vossa Excelência acaba de dizer.

Ele tirou do bolso da calça uma escovinha que passou algumas vezes sobre a barbicha; era um mau hábito dos tempos de cadete, quando a barba ainda é a grande esperança da vida, aguardada com muita impaciência, e ele já não notava quando executava tal gesto. Com seus grandes olhos castanhos, fitava o rosto de Diotima, procurando ler o efeito de suas palavras. Diotima mostrou-se mais calma, embora nunca ficasse inteiramente tranquila na presença dele, e concedeu em informar o general sobre o que acontecera desde a grande sessão inicial.

O general mostrou-se impressionado com o grande concílio, expressou sua admiração por Arnheim, e manifestou sua convicção de que essa reunião deveria ter efeitos benéficos.

— Há muitas pessoas que não sabem como há pouca ordem no espírito! — explicou. — Se Vossa Excelência permite, estou convencido até de que a maioria das pessoas acredita experimentar cada dia um progresso na ordem geral. Pensam que há ordem por toda parte; fábricas, escritórios, horários da ferrovia e estabelecimentos de ensino. Posso também citar com orgulho os nossos quartéis que, com meios modestos, lembram a disciplina de uma boa orquestra. E pode-se olhar para onde se quiser, veremos sempre uma ordem, uma ordem no trânsito de pedestres, de carros, nos impostos, igreja, comércio, hierarquia, bailes e costumes, e assim por diante. Portanto, estou convencido de que quase todas as pessoas hoje consideram nossa época a mais ordenada de todas. Vossa Excelência também não tem essa sensação em seu íntimo? Eu, pelo menos, a tenho. Portanto, quando não presto muito atenção, tenho imediatamente a sensação de que o espírito da modernidade reside nessa ordem maior, e que os reinos de Nínive e Roma desmoronaram-se por causa de algum relaxamento. Creio que a maioria das pessoas sente isso e presume em segredo que o passado acabou por castigo

devido a algum pecado contra a ordem. Mas essa idéia é um engano, que pessoas cultas não devem cometer. E nisso está infelizmente a necessidade do poder e da profissão militar!

O general encontrava profunda satisfação nessas conversas com aquela mulher jovem e culta; era uma bela variação nos seus deveres profissionais. Mas Diotima não sabia o que responder; e repetiu, ao acaso:

— Esperamos realmente reunir os homens mais importantes, mas a tarefa mesmo assim é pesada. O senhor nem imagina como são diversificadas as sugestões que recebemos, e gostaríamos de escolher a melhor. Mas, senhor general, o senhor disse *ordem*: nunca chegaremos ao nosso objetivo pela ordem, pela objetiva ponderação, comparação e análise; a solução tem de ser um raio, uma labareda, uma intuição, uma síntese! Quando contemplamos a história da humanidade, vemos que não é uma evolução lógica, mas, com suas súbitas inspirações, cujo sentido só mais tarde se descobre, lembra um poema!

— Perdão, Excelência — respondeu o general —, o soldado entende pouco de poesia; mas se alguém pode fornecer raio e labareda a um movimento, será Vossa Excelência; um velho oficial entende dessas coisas!

O CONDE LEINSDORF MOSTRA-SE RESERVADO

Até aqui o gordo general fora bastante educado, embora fizesse suas visitas sem ser convidado; e Diotima lhe confiara mais coisas do que tinha pretendido. O que o tornava assustador, e fazia Diotima arrepender-se, depois, de ter sido amável, não era ele próprio, mas, como Diotima julgava o velho amigo dela, o Conde Leinsdorf. Sua Alteza estaria com ciúmes? E se estivesse, de quem? Embora sempre honrasse as reuniões com uma breve aparição, Leinsdorf não se mostrava tão favorável ao concílio como Diotima esperara. Sua Alteza tinha uma franca repulsa pelo que chamava “pura literatura”. Era uma idéia que, para ele, se ligava a judeus, jornais, livreiros sensacionalistas e o espírito liberal, tagarela, voltado só para o dinheiro, da burguesia; e a expressão “pura literatura” tornara-se para ele uma nova palavra-chave.

Sempre que Ulrich tentava ler em voz alta para o Conde sugestões chegadas pelo correio, todas com idéias para mover o mundo para diante ou para trás, ele agora recusava, dizendo, como qualquer pessoa que, além das próprias intenções, toma conhecimento das intenções dos outros:

— Não, não, hoje tenho coisas importantes, e isso aí é pura literatura!

Então pensava nos campos lavrados, nos camponeses, nas igrejinhas do interior, na ordem firmemente estabelecida por Deus como feixes de feno num campo ceifado, uma ordem tão bela, saudável e compensadora, embora por vezes tolere destilarias nas fazendas, para acompanhar a evolução moderna. Mas quando se tem aquela serena amplitude de visão, nela aparecem sociedades de tiro e cooperativas de leite, embora deslocadas, como imagens de sólida ordem e coerência. E se essa gente sentir vontade de fazer alguma exigência com fundamentação filosófica, esta terá, pode-se dizer, a posição privilegiada de uma sociedade espiritual com registro civil, à frente das exigências do espírito de qualquer cidadão particular.

Assim, quando Diotima desejava falar a sério com o Conde Leinsdorf sobre aquilo que aprendera a respeito dos grandes espíritos, ele habitualmente tinha nas mãos o pedido de alguma associação de quatro ou cinco idiotas, ou a tirava do bolso afirmando que aquele papel pesava mais no mundo das preocupações concretas do que as inspirações dos gênios.

Era um espírito semelhante àquele que o subsecretário Tuzzi louvava nos arquivos do seu ministério, que se negavam a considerar o concílio oficialmente, mas tratavam com seriedade mortal qualquer bobagem do menor jornalzinho de província; e Diotima não tinha ninguém a quem confiar suas preocupações, exceto Arnheim. Mas exatamente Arnheim protegia Sua Alteza. Era ele que lhe explicava a serena amplitude da visão daquele grande senhor, quando ela se queixava da predileção do Conde Leinsdorf por sociedades de atiradores e cooperativas de leite.

— Sua Alteza acredita na força orientadora do solo e do tempo — explicava ele, gravemente. — Acredite, isso é por ele ser latifundiário. O solo descomplica, assim como limpa a água. Mesmo eu, em minha propriedade tão modesta, sinto esse efeito a cada estadia. A verdadeira vida nos torna simples. — E depois de alguma hesitação, acrescentou:

— Sua Alteza também é extremamente tolerante, para não dizer audaciosamente tolerante, devido a sua ampla visão da vida. — Como esse lado do seu ilustre protetor fosse novo para ela, Diotima ergueu os olhos vivamente. — Eu não posso afirmar com segurança — prosseguiu Arnheim com uma ênfase indefinida — que o Conde Leinsdorf perceba o quanto o seu primo malbarata a confiança dele, como secretário; aliás, quero deixar claro, apenas no campo intelectual, com esse seu ceticismo diante dos planos mais sublimes, e fazendo a sabotagem da ironia. Receio que sua influência sobre o Conde Leinsdorf fosse ruim se esse verdadeiro nobre não estivesse tão seguro em seus grandes ideais e sentimentos tradicionais, sobre os quais repousa a verdadeira vida, fazendo com que possa se permitir essa confiança sem maiores riscos.

Era uma afirmação forte e merecida a respeito de Ulrich, mas Diotima não lhe deu maior importância, porque a outra parte do pensamento de Arnheim a impressionara, ou seja, a de não se possuir uma propriedade rural como latifundiário, mas como uma massagem espiritual; achava aquilo fantástico,

e ficou imaginando como seria viver numa propriedade daquelas, como esposa do dono.

— Às vezes fico admirada vendo com quanta indulgência o senhor julga Sua Alteza! — disse ela. — Afinal, ele pertence a um setor superado da história.

— Sim, certamente — respondeu Arnheim —, mas as virtudes simples, como coragem, cavalheirismo e disciplina, que essa casta desenvolveu de maneira exemplar, sempre terão seu valor. Em suma, é um senhor! Aprendi a dar muito valor ao elemento senhorial também nos negócios.

— Então, no fim das contas, um senhor seria quase o mesmo que um poema? — perguntou Diotima, pensativa.

— A senhora disse uma coisa maravilhosa! — reforçou o amigo. — É o segredo da vida de sucessos. Só com a inteligência não se consegue ser moralista nem político. A razão não basta, as coisas decisivas concretizam-se num nível superior a ela. Pessoas que conseguem grandes coisas sempre amaram a música, a poesia, a forma, a disciplina, a religião e o cavalheirismo. Eu até afirmaria que só essas pessoas têm sorte! Pois são os chamados imponderáveis que fazem o homem, o senhor; e o que vibra na admiração do povo por um ator é um resto incompreendido disso. Mas para voltar ao seu primo: é claro que ninguém começa a ser simplesmente conservador apenas porque ficou comodista demais para excessos; mas, embora todos tenhamos nascido como revolucionários, um dia notamos que uma pessoa boa e simples, não importa qual seja sua inteligência, portanto, uma pessoa confiável, alegre, corajosa e leal não dá apenas um inaudito prazer mas também é o próprio húmus em que a vida repousa. Essa é uma sabedoria ancestral, mas ela marca a mudança decisiva do gosto; na juventude se volta naturalmente para o exótico, e agora é o gosto do homem maduro. Em muitas coisas eu admiro seu primo, ou, se isso for forte demais, porque não me posso responsabilizar por muitas das suas palavras, quase poderia dizer que gosto dele, pois tem em si algo extraordinariamente livre e independente, ao lado de muitas coisas interiormente rígidas e estranhas; exatamente essa mistura de liberdade e rigidez interior talvez seja o seu encanto, mas ele é uma pessoa perigosa, com seu exotismo moral infantil, e

sua inteligência culta, sempre à procura de aventuras, sem saber o que realmente a está impelindo.

ARNHEIM, AMIGO DOS JORNALISTAS

Diotima teve várias oportunidades de observar, em Arnheim, a imponderabilidade das atitudes humanas.

Assim, por exemplo, por conselho dele as reuniões do “Concílio” (como o subsecretário Tuzzi batizara, um pouco ironicamente, a “Comissão para a tomada de uma resolução diretiva quanto ao jubileu de setenta anos de reinado de Sua Majestade”) admitiam às vezes representantes de grandes jornais, e Arnheim, embora presente apenas como convidado sem função, gozava de uma atenção de parte deles que obnubilava qualquer outra celebridade.

Pois por alguma razão imponderável os jornais não são laboratórios nem centros de pesquisa do espírito, o que poderiam ser para bem de todos, mas comumente são magazines e bolsas de valores. Platão — para o tomarmos como exemplo porque junto com outros dez ou doze o chamamos de maior dos pensadores — certamente, se ainda vivesse, haveria de ficar encantado vendo uma redação de jornal, onde a cada dia se pode criar, trocar, sofisticar uma idéia, onde se juntam em torrentes as notícias de todo o mundo com uma velocidade que ele jamais vira, e uma equipe de demiurgos está a postos para testar imediatamente seu conteúdo intelectual e real. Numa redação de jornal ele pensaria estar naquele *topos uranios*, lugar celestial das idéias, cuja existência descreveu tão detalhadamente que ainda hoje todas as pessoas boas, falando com filhos ou empregados, são idealistas. E naturalmente, Platão, se hoje de repente pudesse aparecer numa redação e provar que realmente é aquele grande escritor que morreu há mais de dois mil anos, causaria uma incrível agitação e receberia as mais lucrativas propostas.

Se fosse capaz de escrever em três semanas um volume de cartas de viagem de conteúdo filosófico, e alguns milhares de seus conhecidos contos, quem

sabe transformar em filme uma ou outra de suas obras mais antigas, certamente viveria bem por muito tempo. Mas assim que o seu retorno deixasse de ser novidade, e o Sr. Platão ainda quisesse realizar uma de suas conhecidas idéias que nunca conseguiram se afirmar direito, o redator-chefe apenas o convidaria a escrever um belo folhetim para a seção de diversões do jornal (mas o mais leve e alegre possível, não de estilo muito pesado, em consideração aos leitores), e o redator do folhetim acrescentaria que infelizmente só uma vez ao mês, no máximo, poderia haver lugar para essa colaboração, porque precisa atender a tantos outros talentos. E os dois cavalheiros teriam a sensação de terem feito muito por aquele homem, que é o Nestor dos jornalistas europeus, mas por outro lado está um pouco superado e não se pode comparar em valor atual a um homem como Paul Arnheim.

Quanto a Arnheim, jamais concordaria com isso, porque feriria o seu respeito por tudo o que é grande, mas em muitos aspectos acharia bem compreensível. Hoje, quando se mistura tudo quanto é possível e os profetas e vigaristas usam a mesma linguagem, exceto por diferenças muito pequenas que nenhuma pessoa ocupada tem tempo de investigar, e as redações são continuamente importunadas por alguém que se considera um gênio, é muito difícil reconhecer corretamente o valor de uma pessoa ou uma idéia; temos de nos fiar em nosso ouvido, para reconhecermos quando o rosnado e arrastar de pés diante da porta da redação é forte a ponto de poder ser admitido como voz do povo.

E a partir desse momento, o gênio entra, mas em outra condição. Não é mais apenas o tema fútil da crítica literária ou teatral, cujas contradições um leitor que corresponde aos desejos da imprensa encara como tagarelices de criança; pelo contrário, ele é promovido, passa a ser um fato, com todas as consequências.

Certos fanáticos insensatos ignoram a desesperada necessidade de idealismo que há por trás disso. O mundo do escrever e ter de escrever está cheio de grandes palavras e conceitos que perderam seu objeto. Os atributos de grandes homens ou grandes entusiasmos vivem mais do que seus ensejos, e por isso grande parte deles ficam sobrando. Foram criados um dia por algum homem importante para outro homem importante, mas esses homens

morreram há muito tempo, e os conceitos sobreviventes precisam ser empregados. Por isso, sempre se procura o homem para os adjetivos. A “poderosa abundância” de Shakespeare, a “universalidade” de Goethe, a “profundidade psicológica” de Dostoiévski, e todas as outras idéias que uma longa evolução literária nos legou, pulam às centenas nas cabeças dos que escrevem; e por puro congestionamento no estoque de expressões começa-se hoje a dizer que um estrategista do tênis é insondável, ou um poeta da moda é grande. Percebe-se que os que escrevem isso ficam contentes quando conseguem vender sem prejuízo seu estoque de palavras. Mas terão de vendê-lo a um homem cuja importância já seja um fato, para que se compreenda que as palavras têm seu lugar na pessoa dele, ainda que não se saiba bem onde.

E Arnheim era um desses homens; pois Arnheim era Arnheim, Arnheim era Arnheim porque era Arnheim, como herdeiro de seu pai já nascera como um fenômeno, e não podia haver dúvida quanto à atualidade do que ele dizia. Bastava um pequeno esforço para dizer qualquer coisa que com boa vontade se consideraria importante. E o próprio Arnheim traduzia isso num princípio correto: “Grande parte da verdadeira importância de um homem está em fazer-se entendido pelos contemporâneos”, costumava dizer.

Portanto, também dessa vez saía-se extraordinariamente bem com os jornais, que tomaram conta dele. Apenas sorria ao falar de financistas ambiciosos ou políticos que teriam gostado de comprar florestas de folhas; essa tentativa de influenciar a opinião pública lhe parecia tão grosseira e tímida como a de um homem que oferece dinheiro pelo amor de uma mulher, embora pudesse ter tudo isso muito mais barato simplesmente excitando-lhe a fantasia. Respondera aos jornalistas que o interrogavam sobre o concílio, dizendo que o mero fato daquele encontro provava sua absoluta necessidade, pois na história do mundo não acontecia nada de absurdo; e com isso atingira tão perfeitamente o senso profissional deles, que reproduziram a frase em vários jornais. Examinando melhor, era realmente uma boa frase. Pois pessoas que levam a sério tudo o que acontece sentiriam náuseas se não estivessem convencidas de que não acontece nada de absurdo; mas de outro lado, como se sabe, teriam preferido morder a própria língua a levar a sério demais alguma coisa, ainda que fosse a coisa mais importante do mundo. O leve toque de pessimismo

das palavras de Arnheim colaborava muito para conferir dignidade real ao empreendimento, e o fato de ele ser estrangeiro era considerado participação de todo o Exterior nos acontecimentos intelectuais incrivelmente interessantes da Áustria.

As outras celebridades que participavam do concílio não tinham o mesmo talento natural de agradar à imprensa, mas notavam seu efeito; e como em geral cele-

bridades pouco sabem umas das outras, e no trem da eternidade, que leva a todas juntas, praticamente só se vêem no vagão-restaurante, aquele destaque público de Arnheim agia sobre eles, sem que procurassem saber por quê. Embora nas reuniões Arnheim ainda estivesse fora de qualquer comissão, transformou-se automaticamente no personagem principal do concílio. Quanto mais progredia a ação, mais claro estava que ele era a sensação do empreendimento, embora no fundo nada fizesse para isso; a não ser, talvez, diante de participantes famosos, manifestar algum juízo que se podia julgar pessimismo confessional, como se dissesse que não havia muito que esperar do concílio, mas que valia a pena dedicar-se à missão, dada a sua nobreza.

Esse sutil pessimismo desperta confiança entre os grandes espíritos; pois por alguma razão a idéia de que o espírito atualmente não tem o sucesso que mereceria é mais agradável do que dizer que algum colega deveria ter tal sucesso. E podia-se dizer que o discreto juízo de Arnheim sobre o concílio era uma variante desse ponto de vista.

METAMORFOSES DE DIOTIMA

As emoções de Diotima não seguiam a linha ascendente e regular do sucesso de Arnheim.

Algumas vezes, no meio de uma reunião na casa com suas salas esvaziadas e mudadas, ela pensava estar despertando num país de sonho. Ficava então parada, rodeada de gente e de espaço, a luz do lustre escorrendo em seus cabelos, descendo até os ombros, os quadris, fazendo-a sentir suas ondas luminosas, e ela era uma estátua, poderia ter sido uma figura de fonte, no centro do mundo, coberta da mais sublime elegância espiritual. Considerava aquela situação uma oportunidade sem igual para concretizar tudo aquilo que julgara ser o mais importante e o maior na vida, e pouco lhe importava o fato de não conseguir ter nenhum pensamento mais definido a respeito. A casa, a presença das pessoas, a noite, rodeavam-na como uma veste forrada de seda amarela por dentro; sentia aquilo tudo em contato com sua pele, mas não o podia ver. De tempos em tempos, olhava para Arnheim, que habitualmente estava num grupo de homens, falando; e então notava que na verdade estivera olhando para ele o tempo todo, apenas aquele olhar de agora era consciente. Por assim dizer, as pontas das asas de sua alma estavam sempre pousadas no rosto dele, transmitindo o que acontecia lá dentro.

E por falar em plumas, podia-se acrescentar que também a aparência dele tinha algo de sonho, um comerciante com douradas asas de anjo que baixara naquela reunião. O ruído dos trens expressos e trens de luxo, o zumbido dos automóveis, o silêncio dos pavilhões de caça, o estilo das velas do iate se faziam ouvir naquelas penas que a emoção dela lhe atribuía, invisíveis, dobradas, rumorejando baixinho cada vez que ele fazia um gesto.

Arnheim ainda se ausentava muito em viagens, por isso sua presença trazia sempre algo além dos acontecimentos locais e do momento presente, que já

eram tão importantes para Diotima. Ela sabia que, enquanto ele estava ali parado, seus negócios prosseguiram numa secreta agitação de telegramas, visitas e emissários. Teve aos poucos uma idéia, talvez até exagerada, da importância de uma empresa mundial e suas ligações com os acontecimentos. Por vezes, Arnheim contava coisas interessantíssimas sobre aspectos do capital internacional, negócios além-mar e implicações políticas; novos horizontes abriam-se ante Diotima; na verdade, os primeiros horizontes que se lhe abriam. Bastava ouvi-lo falar uma vez sobre o antagonismo franco-alemão, do qual Diotima apenas soubera que quase todas as pessoas do seu ambiente sentiam uma leve aversão pela Alemanha, misturada com um incômodo dever fraterno. Quando Arnheim falava, isso se transformava num problema galo-céltico-osto-tiroológico, ligado às minas de carvão da Lorena e aos campos de petróleo mexicanos, e à hostilidade entre Estados Unidos e América Latina. O subsecretário Tuzzi não fazia idéia daquelas relações, ou não demonstrava isso. Contentava-se em chamar várias vezes a atenção de Diotima para o fato de que, em sua opinião, a presença de Arnheim ali, e sua preferência pela casa deles, só se podia entender caso ele tivesse objetivos secretos, cuja natureza o próprio Tuzzi não comentava, por ignorá-la também.

Assim, sua esposa sentia intensamente a superioridade de novas mentalidades sobre os métodos de uma diplomacia superada. Não esquecera o momento em que decidira colocar Arnheim à frente da Ação Paralela. Fora a primeira grande idéia de sua vida, e ela estivera num estado singular; uma espécie de sonho e ou de fusão a dominara, a idéia se ampliara de tal forma para vastidões maravilhosas, e diante dela se derreteria tudo o que até então fora o mundo de Diotima. Pouca coisa de tudo isso se podia expressar em palavras; era uma cintilação, um brilho, um singular vazio, uma fuga de idéias, e até se podia admitir calmamente — pensava Diotima — que o centro de tudo, isto é, o desejo de colocar Arnheim à frente daquela moderna Ação Patriótica, fosse impossível. Arnheim era estrangeiro, não se podia negar. Portanto, não se poderia concretizar essa idéia, não da forma direta como ela sugerira ao marido e ao Conde Leinsdorf. Apesar disso, tudo transcorria segundo ela havia previsto naquele estado de exaltação. Até ali todas as outras tentativas de dar conteúdo elevado à Ação tinham sido vãs; da primeira grande reunião, dos trabalhos das comissões, até daquele

congresso particular contra o qual Arnheim, por ironia do destino, a prevenira, nada se destacara especialmente, senão: Arnheim, em torno do qual todos se acotovelavam, que tinha de ficar falando sem parar, que se tornara secretamente centro de todas as esperanças. Era esse o novo tipo de homem, destinado a substituir as forças antigas na liderança dos destinos humanos. Diotima sentia-se lisonjeada por havê-lo descoberto no primeiro instante, ter falado com ele sobre a introdução do novo homem nas esferas do poder, e tê-lo ajudado a impor-se contra a resistência dos demais. Portanto, se Arnheim tivesse uma segunda intenção como Tuzzi suspeitava, ainda assim Diotima estava decidida a apoiá-lo por todos os meios, pois uma grande hora como aquela não tolera suspeitas mesquinhas, e ela sentia que sua vida estava numa culminância.

Exceto pelos azarados ou felizardos, todas as pessoas vivem mal, apenas em diferentes andares. Essa sensação dos andares é um sucedâneo muito desejável para o homem atual, que em geral pouco enxerga o sentido da sua vida. Em casos importantes, pode chegar a ser uma vertigem de alturas ou embriaguez do poder, assim como há pessoas que ficam tontas num andar alto, mesmo se estão no meio da sala, janelas fechadas. Pensando que um dos mais influentes homens da Europa colaborava com ela na introdução do espírito nas esferas do poder, e que o destino os unira, refletindo em tudo isso, embora no alto andar de uma ação austríaca universal nada estivesse acontecendo de concreto, Diotima sentia os elos de seus pensamentos desfazendo-se como nós em laços, a velocidade do pensamento aumentava, seu curso se desobstruía, e uma estranha sensação de felicidade e êxito inundava suas idéias, um estado de plenitude lhe trazia inspirações que a surpreendiam. Sua consciência de si mesma se intensificara; sucessos, em que antigamente nem teria ousado pensar, estavam à mão; sentia-se mais alegre do que de costume, por vezes até lhe ocorriam brincadeiras atrevidas, e, algo que jamais sentira a vida toda, era tomada por ondas de alegria, sim, de exuberância. Sentia-se como num quarto no alto de uma torre com muitas janelas. Mas isso também era um pouco inquietante. Sentia-se torturada por uma indefinida, generalizada, indizível sensação de bem-estar, que a impelia a qualquer ação, a uma atividade multilateral que não conseguia imaginar direito. Quase se poderia dizer que de repente tomara consciência de que a terra girava sob seus pés, e agora não o conseguia mais

esquecer; ou aqueles intensos acontecimentos sem conteúdo palpável eram tão inibidores quanto um cão que nos salta nas pernas, e não tínhamos visto chegar. Por isso, às vezes Diotima se assustava com a metamorfose que acontecia sem ter lhe pedido autorização, e no fundo aquele estado lembrava o cinza nervoso e claro que colore o delicado céu leve das horas ociosas de maior calor.

Os anseios de Diotima por um ideal passavam por uma transformação importante. Nunca pudera distinguir esses anseios da correta admiração pelas coisas grandiosas; fora um idealismo aristocrático, uma sublimidade decente, e como nestes vigorosos tempos atuais praticamente não se sabe mais o que é isso, pode-se descrever tudo resumidamente mais uma vez.

Aquele idealismo não era objetivo, porque a objetividade é ligada a um trabalho artesanal, e os trabalhos artesanais nunca são limpos; tinha pelo contrário algo daquela pintura floral de arquiducasas para as quais os únicos modelos adequados são as flores; o conceito de cultura era típico desse idealismo, porque ele se pretendia muito culto. Mas também se poderia dizer que era harmonioso, porque rejeitava toda a irregularidade, e via como missão da cultura harmonizar os opostos grosseiros que infelizmente existem neste mundo; em suma, talvez nem fosse tão diferente daquilo que ainda hoje — mas só onde se mantém a grande tradição burguesa — se compreende por idealismo honesto e limpo, que separa os objetos dignos dele dos outros que não o são, e, por razões de um humanitarismo mais nobre, jamais acredita na convicção dos santos (e médicos e engenheiros), de que também no lixo moral existe potência calorífica celestial inexplorada.

Se antigamente alguém tivesse despertado Diotima do sono perguntando o que desejava, ela teria respondido, sem refletir, que a força amorosa de uma alma viva tinha necessidade de se repartir com todo o mundo; mas depois de ficar acordada algum tempo, teria limitado isso, observando que no mundo atual, com excesso de civilização e razão, mesmo diante das naturezas mais nobres só se podia falar cautelosamente de um anseio análogo à força amorosa. E estaria falando com sinceridade. Hoje ainda há milhares de pessoas que parecem vaporizadores da força amorosa.

Quando se sentava para ler, Diotima afastava da frente o belo cabelo, o que lhe dava um ar racional, e lia com responsabilidade, no esforço de, com

aquilo que chamava cultura, obter ajuda na situação social nada fácil em que se achava; e assim vivia, assim distribuía em gotinhas minúsculas o mais refinado amor por todas as coisas que mereciam ser amadas, pousava nelas como um sopro, a alguma distância, e para ela mesma só restava o frasco vazio do corpo, que fazia parte dos objetos domésticos do senhor Tuzzi. Antes da chegada de Arnheim isso produzia acessos de funda melancolia, quando Diotima ainda se postava sozinha entre seu marido e a maior irradiação de sua vida, a Ação Paralela; mas, depois, seu estado se alterara muito naturalmente, adquirindo outra estruturação. A força amorosa contraíra-se intensamente, por assim dizer voltara para dentro do corpo, e aquele esforço “análogo” tornara-se muito autêntico e unívoco. Aquela idéia provocada pelo primo, de que alguma coisa estava por acontecer, e que entre ela e Arnheim havia algo de iminente, algo que ela ainda não imaginava, tinha um grau de concentração muito maior do que todas as idéias que até ali a haviam ocupado, a ponto de ela sentir que passara do sono à vigília.

Também nascera em Diotima o vazio peculiar ao primeiro momento dessa transição, e, por descrições que conhecia, lembrava que era um sinal de que se iniciavam grandes paixões. Pensava entender, nesse sentido, muito do que Arnheim dissera nos últimos tempos. Seus relatos sobre a sua posição, as virtudes e deveres da sua vida, eram preparativos para alguma coisa inevitável. Considerando tudo o que até ali fora seu ideal, Diotima sentia o pessimismo do espírito diante da ação, como uma pessoa que arrumou as malas lança um último olhar para os aposentos que a abrigaram anos a fio. Inesperadamente, isso fez com que sua alma, momentaneamente sem a guarda de forças mais altas, se portasse como um menininho de colégio endiabrado, que corre por aí até ser dominado pela tristeza daquela liberdade sem sentido; e por essa circunstância singular, introduziu-se em suas relações com o marido, por breve tempo, apesar do progressivo afastamento, algo que, se não era uma tardia primavera, parecia uma mescla de todas as estações do amor.

O pequeno subsecretário, com sua pele morena e seca de agradável odor, não percebia nada disso. Percebera algumas vezes que sua mulher tinha um aspecto sonhador, introvertido, alheado e nervoso, quando havia

convidados, realmente muito nervoso, e ao mesmo tempo remoto; mas quando estavam sozinhos, e ele se aproximava, um pouco intimidado e desconcertado, para perguntar-lhe o que havia, ela se atirava ao seu pescoço, numa súbita alegria, e comprimia sobre sua testa uns lábios extraordinariamente ardentes, lembrando a tesoura quente de um cabeleireiro que se aproxima demais da pele ao encaracolar a barba do cliente. Aquela ternura inesperada era desagradável, e em segredo, quando Diotima não estava olhando, ele a removía discretamente. Mas se alguma vez a quisesse abraçar, ou já a estava abraçando, o que o aborrecia ainda mais, ela o acusava nervosamente de nunca a ter amado, mas apenas se atirar em cima dela como um animal.

Uma certa medida de sensibilidade e capricho fazia parte da imagem que desde a juventude ele fizera de uma mulher desejável que completasse a natureza do homem, e aquela elegância espiritualizada com que Diotima passava uma xícara de chá, pegava nas mãos um livro novo, ou sentenciava sobre qualquer problema a respeito do qual, segundo o marido, não devia saber coisa alguma, sempre o tinham encantado, pela perfeição da forma. Isso exercia sobre Tuzzi o efeito de uma discreta música de mesa que ele amava imensamente; mas achava que a música desligada da comida (ou da igreja), e o desejo de a executar apenas por ela mesma, era um esnobismo burguês, embora soubesse que não se podia dizer isso em voz alta, e nunca pensasse muito sobre essas coisas. O que fazer então, quando Diotima ora o abraçava e ora afirmava, irritada, que ao lado dele uma pessoa espiritual não tinha liberdade para elevar-se à sua própria essência? O que poderia responder a desafios como esse, de pensar mais nas profundezas do mar de beleza interior do que ocupar-se do corpo? De repente, tinha de perceber a diferença entre um erotismo no qual, intocado pelo desejo físico, o espírito do amor flutua livre, e a sexualidade. Eram apenas idéias livrescas, das quais se poderia rir; mas, quando são apresentadas por uma mulher que está se despindo — com aquela preleção nos lábios! — tornam-se insultos, pensava Tuzzi. Pois não lhe escapava que a roupa interior de Diotima assumira certa frivolidade mundana. Sempre se trajara com cuidado e ponderação, pois sua posição social exigia que fosse elegante, e ao mesmo tempo não fizesse concorrência às grandes damas; mas nas gradações de roupa interior que há entre a honesta solidez dos tecidos e a teia de aranha

da sensualidade, ela agora fazia concessões à beleza que antes teria julgado indignas de uma mulher inteligente. Contudo, se Giovanni (Tuzzi chamava-se Hans, mas fora rebatizado por razões de estilo) notava isso, ela corava até os ombros, e contava alguma coisa sobre uma Sra. von Stein, que não fizera concessões nem mesmo a um Goethe!

Portanto, o subsecretário Tuzzi já não se afastava dos importantes negócios de Estado inacessíveis à vida particular, distraíndo-se no seio do lar quando ele achasse conveniente, mas sentia-se exposto e entregue diante de Diotima; e o que antes se separava nitidamente, tensão do espírito e repousante relaxamento do corpo, voltava aos tempos de corte difícil e um pouco ridícula do noivado, como se ele fosse um galo silvestre ou um adolescente metido a poeta.

Não é exagero que por vezes, no fundo, ele sentia nojo disso, e o sucesso público da esposa naquele tempo quase lhe doía. Diotima conquistara a simpatia geral, e o subsecretário Tuzzi respeitava tanto isso, em qualquer circunstância, que tinha medo de parecer incompreensivo se reagisse com palavras autoritárias ou irônicas demais àqueles caprichos que não entendia. Aos poucos, ficou claro que é um sofrimento doloroso, a ser cuidadosamente oculto, ser marido de uma mulher importante; era quase como ficar castrado por algum acidente. Ele cuidava de não o demonstrar, ia e vinha numa nuvem de cortesia profissional e impenetrável, silencioso e despercebido, quando havia visitas ou reuniões na casa de Diotima; eventualmente, fazia comentários educados, objetivos ou ironicamente consoladores, parecia passar a vida num mundo vizinho, apartado mais amigável, parecia concordar sempre com Diotima. Quando estavam a sós, até lhe dava pequenas tarefas de vez em quando, publicamente favorecia a presença de Arnheim em sua casa, e nas horas em que as graves preocupações profissionais o deixavam livre, estudava os textos de Arnheim, e odiava homens que escrevem, pois eram a causa de todo o seu sofrimento.

A questão principal: por que Arnheim frequentava sua casa, por vezes aguçava-se, transformando-se em outra: por que Arnheim escrevia? Escrever é uma forma especial de tagarelar, e homens tagarelas eram coisa que Tuzzi não suportava. Sentia a necessidade viva de morder os maxilares

e cuspir entre os dentes, como um marujo. Naturalmente, havia exceções que respeitava. Conhecia alguns altos funcionários que tinham escrito suas memórias depois de aposentados, e outros que eventualmente escreviam em jornais; Tuzzi explicava isso dizendo que um funcionário só escreve quando está insatisfeito, ou se for judeu, pois judeus eram, na sua opinião, ambiciosos e insatisfeitos. Alguns grandes homens de ação também tinham escrito livros sobre suas experiências; mas fora no entardecer da vida, ou na América, quando muito na Inglaterra. Além disso, Tuzzi tinha formação literária e, como todos os diplomatas, preferia memórias, em que se podem aprender frases brilhantes e conhecimento da alma humana. Mas devia significar alguma coisa, hoje não se escreverem mais memórias, e provavelmente era uma necessidade ultrapassada, que já não correspondia a uma época de nova objetividade. E, por fim, também se escreve porque é uma profissão, coisa que Tuzzi reconhecia perfeitamente, desde que se ganhe o suficiente com isso, ou desde que se esteja dentro da categoria dos poetas, que de alguma forma existia.

Até se sentia bastante honrado por ver em sua casa os luminares de uma profissão à qual até então ligara apenas aqueles escritores nutridos pelos fundos do Ministério do Exterior. E, sem muito refletir, também teria incluído nessa lista a *Ilíada* e o *Sermão da Montanha*, que respeitava muito, considerando-os resultado de alguma profissão autônoma ou dependente. Mas Tuzzi suspeitava que o fato de que Arnheim, que não precisava disso, escrevesse tanto, certamente esconderia algo que ele de momento não conseguia descobrir.

SOLIMÃO APAIXONADO

Solimão, o pequeno escravo negro, ou príncipe negro, convencera Raquel, a criadinha ou amiga de Diotima, a vigiar os acontecimentos daquela casa, para prevenir algum sombrio plano de Arnheim, quando chegasse o momento. Para ser mais preciso, ele não a convencera, mas os dois prestavam atenção, como conspiradores, e sempre escutavam na porta quando havia visitas. Solimão contava coisas incríveis sobre mensageiros que viajavam de um lado para outro, e pessoas misteriosas que entravam e saíam do hotel do seu amo, e dizia-se disposto a fazer um juramento de príncipe africano, de que descobriria o sentido secreto de tudo isso. O juramento de príncipe africano era que Raquel devia colocar sua mão no peito nu dele, entre os botões do casaco e da camisa, enquanto ele fazia o mesmo com sua mão no peito de Raquel e pronunciava o juramento. Mas Raquel não queria. Ainda assim, a pequena Raquel, que tinha permissão de vestir e despir sua senhora, e telefonar por ela, e por cujas mãos escorriam todas as manhãs e noites os negros cabelos de Diotima enquanto por seus ouvidos escorriam palavras encantadas, essa pequena ambiciosa que vivera no cimo de uma coluna desde que existia a Ação Paralela, e tremia, diariamente, de veneração, erguendo os olhos para aquela mulher divina, há algum tempo se divertia espionando simplesmente aquela mesma mulher.

Escutava às escondidas, através de portas abertas para quartos anexos, ou pela fresta mal fechada de uma porta, ou enquanto lidava com alguma coisa ali perto, espreitando Diotima e Arnheim, Tuzzi e Ulrich, e vigiando olhares, suspiros, beijos de mão, palavras, risos, movimentos, como se fossem fragmentos de um documento rasgado que não conseguia mais recompor.

Mas a pequena abertura do buraco de fechadura tinha um poder que, singularmente, lembrava a Raquel o tempo esquecido em que perdera a

honra. O olhar entrava fundo no interior dos quartos; desfeitas em várias superfícies, as pessoas flutuavam lá dentro, e as vozes não estavam mais contidas na estreita fimbria das palavras, mas confundiam-se em sons sem conteúdo; medo, respeito e admiração, que ligavam Raquel a essas pessoas, estilhaçavam-se então numa dissolução selvagem, e aquilo era tão excitante quanto um amante que entra de súbito, profundamente, na sua amada, e tudo escurece diante da vista, e a luz se acende atrás da cortina da pele.

A pequena Raquel agachava-se diante da fechadura, o vestido preto repuxado nos joelhos, pescoço e ombros, Solimão agachado a seu lado no uniforme, como chocolate quente numa taça verde-escura; às vezes, ele perdia o equilíbrio e se segurava com um gesto rápido no ombro, joelho ou saia de Raquel, pousando nela um momento, depois apenas com as pontas dos dedos que hesitavam ainda ternamente, por fim soltando-se de toda outra vez. Ele dava uma risadinha e Raquel colocava seu dedinho macio no acolchoado daqueles lábios grossos.

Aliás, Solimão não achava o concílio nada interessante, ao contrário de Raquel, e esquivava-se como podia da tarefa de servir os convidados junto com ela. Preferia vir quando Arnheim visitava a casa sozinho. Então, tinha de ficar sentado na cozinha esperando que Raquel ficasse livre outra vez, e a cozinheira, que no primeiro dia conversara tanto com ele, aborrecia-se porque ele andava praticamente mudo. Mas Raquel nunca estava livre para se sentar muito tempo na cozinha, e quando saía outra vez, a cozinheira, uma mocinha de trinta anos, prestava a Solimão pequenos favores maternos. Ele os aceitava algum tempo, com sua altiva cara de chocolate, depois levantava-se e fingia que esquecera alguma coisa, ou procurava, erguia os olhos para o teto, pensativo, parava de costas para a porta e começava a andar para trás como se apenas quisesse fitar melhor o teto; a cozinheira já reconhecia aquela pantomima desajeitada assim que ele se levantava e mostrava o branco dos olhos revirados. Mas, por raiva e ciúme, fingia não saber de nada, e por fim Solimão nem se esforçava mais por fingir aquilo que já era um código, até o momento em que ele estava na soleira da cozinha iluminada, hesitando mais um pouquinho, com ar cândido. A cozinheira simplesmente não olhava. Solimão deslizava de costas para a penumbra da ante-sala, como uma sombra escura numa água sombria, ficava à escuta mais um segundo, sem necessidade, e depois, de

súbito, seguia as pegadas de Raquel pela casa alheia, em saltos fantásticos.

O subsecretário Tuzzi nunca estava em casa, e Solimão não tinha medo de Arnheim e Diotima, sabendo que só tinham ouvidos um para o outro. Algumas vezes, até fizera essa experiência, derrubando algum objeto, e ninguém o percebera. Era senhor daqueles aposentos, como um cervo na floresta. O sangue queria sair de sua cabeça como uma galhada de dezoito pontas afiadas como punhais. As pontas dessa galhada roçavam paredes e teto.

Era costume da casa fechar as cortinas nos aposentos que não estavam sendo usados, para que os móveis não desbotassem sob a luz do sol, e Solimão navegava por aquela semi-escuridão como num denso matagal. Divertia-se fazendo isso com gestos exagerados. Ansiava por alguma coisa violenta. Aquele rapazinho mimado pela curiosidade das mulheres na verdade nunca tivera relações com nenhuma, mas apenas aprendera os vícios dos meninos europeus, e seus desejos ainda eram tão famintos de experiência, tão indisciplinados e de variados ardores, que seu anseio sexual não sabia se devia saciar-se no sangue de Raquel, em seus beijos, ou cristalizando-se nas veias do corpo dele assim que avistava a bem-amada.

Onde quer que Raquel se escondesse, ele aparecia de repente, e sorria por havê-la encontrado. Cortava-lhe o caminho, e nem o escritório do dono da casa nem o quarto de dormir de Diotima lhe eram sagrados; aparecia de trás de cortinas, escrivaninhas, armários e camas, e o coração de Raquel quase parava a cada vez, diante de tanto atrevimento e perigo, quando a penumbra se adensava formando um rosto preto com duas fileiras de dentes alvos rebrilhando. Mas assim que Solimão se defrontava com a verdadeira Raquel, as convenções o subjugavam. Aquela moça era muito mais velha que ele, bela como uma delicada camisa de homem que acaba de ser lavada e não se pode amassar; era uma presença tão real que todas as fantasias empalideciam diante dela.

Raquel o censurava por seu comportamento atrevido e elogiava Diotima e Arnheim, e a honra de poder participar da Ação Paralela; mas Solimão sempre trazia um pequeno presente para ela, ora uma flor que tirava do buquê que seu amo mandara para Diotima, ora um cigarro que roubara em casa, ou um punhado de bombons que surrupiava de um prato, de passagem;

então apenas apertava os dedos de Raquel e, enquanto lhe alcançava o presente, levava a mão dela ao seu próprio coração, que ardia no corpo negro como uma tocha rubra numa noite escura.

Uma vez, Solimão até entrara no quartinho de Raquel, para onde ela tivera de se recolher com uma costura, por ordem severa de Diotima, que dias antes se aborrecera com os rumores na ante-sala enquanto Arnheim estava com ela. Antes de entrar em sua prisão domiciliar, Raquel olhara em volta procurando por Solimão sem o encontrar, e quando entrava tristemente no quartinho, ele estava sentado na cama, feliz, olhando para ela. Raquel hesitou em fechar a porta, mas Solimão fechou-a de um salto. Depois remexeu no bolso, tirou alguma coisa, soprou para limpá-la, e aproximou-se da mocinha como um ferro em brasa.

— Me dê sua mão! — ordenou.

Raquel estendeu a mão. Ele segurava dois botões de camisa coloridos, e tentou colocá-los no punho virado da manga de Raquel. Ela pensou que fossem pedacinhos de vidro.

— Pedras preciosas! — explicou ele, orgulhoso.

Pressentindo alguma coisa errada, a mocinha retirou depressa o braço. Não pensava em nada determinado; o filho de um príncipe mouro, embora tivesse sido roubado do pai, podia ter algumas pedras preciosas costuradas na camisa, nunca se sabe; mas involuntariamente, teve medo daqueles botões, como se Solimão estivesse lha dando veneno; de repente, todas as flores e bombons que ele lhe dera lhe pareceram muito esquisitos. Apertou as mãos contra o ventre e encarou Solimão, perplexa. Sentiu que precisava lhe falar a sério; era mais velha que ele, e servia a patrões muito bondosos. Mas naquele momento só lhe ocorreram chavões como “a honestidade é a maior virtude”, ou “sê sempre leal e honesto”. Ficou pálida; aquilo lhe parecia simples demais. Aprendera na casa paterna a sua sabedoria de vida, uma sabedoria severa, bela e simples como velhas mobílias, mas não havia muito o que fazer com ela, pois aquelas frases-feitas eram apenas frases, depois ponto-final. Envergonhou-se daquela sabedoria infantil, como nos envergonhamos de velhas roupas usadas. Não sabia que o velho baú da casa dos pobres depois de cem anos enfeita o salão dos ricos; e, como todas as pessoas simples e honestas, admirava uma poltrona de vime nova. Por isso, procurou na memória resultados de sua nova vida. Mas por mais que

recordasse maravilhosas cenas de amor ou terror dos livros que Diotima lhera, nenhuma podia ser aplicada agora, todas aquelas belas palavras e sentimentos tinham suas próprias situações e não combinavam ali, como uma chave não entra numa fechadura estranha. O mesmo acontecia com as magníficas frases e admoestações ouvidas de

Diotima. Raquel sentia um nevoeiro quente girar ao seu redor, e estava quase chorando. Por fim disse, veemente:

— Eu não roubo os meus patrões!

— Por que não? — Solimão mostrou os dentes.

— Não faço isso!

— Eu não roubei. São meus! — exclamou Solimão.

— Temos bons patrões cuidando de nós — disse Raquel. Estava inundada de amor por Diotima. Ilimitado respeito por Arnheim. Profunda repulsa contra aquelas criaturas inquietantes e agitadoras que a boa polícia chama de elementos subversivos. Mas não encontrava palavras para tudo isso. E aquele fardo de emoções começou a rolar dentro dela como uma gigantesca carroça sobrecarregada de frutas e feno, sem freios nem calço.

— Isso é meu! Pegue! — repetiu Solimão, tentando de novo segurar a mão de Raquel. Esta retirou o braço, num arranco; ele o quis reter, começou a ficar furioso, e quando sentiu que tinha de soltá-la porque a sua força de menino não vencera a resistência dela, que punha todo o peso de seu corpo na tentativa de se libertar das suas mãos, ele se abaixou, irrefletidamente, e, como um bicho, mordeu o braço da moça.

Raquel deu um grito, teve de sufocá-lo, e deu uma bofetada no rosto de Solimão.

Mas naquele momento ele já tinha lágrimas nos olhos, ajoelhou-se, apertou os lábios contra o vestido de Raquel, e chorou tão apaixonadamente que ela sentiu as lágrimas ardentes entrando até suas coxas.

Ficou parada, impotente, diante dele, que se agarrava à sua saia e escondia o rosto em seu ventre. Nunca na vida experimentara uma emoção daquelas, e passou docemente os dedos pelos macios arames da sua carapinha.

80

CONHECE-SE O GENERAL STUMM, QUE APARECE DE SURPRESA NO CONCÍLIO

Entrementes, o concilio tivera um inesperado enriquecimento: apesar da severa seleção dos convidados, certa noite apareceu o general, agradecendo imensamente a Diotima a honra desse convite. Explicou que se destinava um papel modesto ao soldado na sala de conferências, mas que poder assistir a uma reunião tão notável, ainda que como mero observador, fora desejo seu desde a juventude. Diotima, calada, olhou por cima da cabeça dele, procurando o culpado; Arnheim falava com Sua Alteza, como um estadista com outro estadista; Ulrich olhava o bufê com ar de tédio infinito, parecendo contar as tortas; aquela frente familiar estava totalmente fechada, e não admitia o menor espaço para uma suspeita tão inusitada.

Por outro lado, Diotima sabia perfeitamente que não convidara o general, a não ser que tivesse ataques de amnésia ou sonambulismo. Foi um momento terrível. Lá estava o pequeno general, e sem dúvida tinha um convite no bolso do casaco de uniforme cor de miosótis, pois não se podia imaginar que um homem de sua posição tivesse o atrevimento de vir sem ele. Mas na biblioteca de Diotima havia uma graciosa escrivainha, e em sua gaveta, trancados, os convites que tinham sobrado, aos quais ninguém senão ela tinha acesso. Tuzzi — ocorreu-lhe num lampejo, mas não era muito provável. Era por assim dizer um enigma de espiritismo, aquele encontro do general com o convite; e como Diotima tivesse inclinação para acreditar na intervenção das forças sobrenaturais nos assuntos pessoais, sentiu um calafrio da cabeça aos pés. Mas nada havia a fazer, senão dar as boas-vindas ao general.

De resto, também ele se espantara um pouco com aquele convite; recebê-lo com tanto atraso o surpreendera, porque em suas duas visitas anteriores Diotima não demonstrara nem de longe a intenção de o convidar, e ele percebera que o endereço, obviamente escrito por outra mão, errara no tratamento e posto do destinatário, coisa que não combinava com uma dama da classe de Diotima. Mas o general era um homem alegre, e dificilmente pensava em coisas esquisitas, muito menos sobrenaturais. Presumiu que

houvera algum pequeno descuido, o que não o impediria de saborear seu sucesso.

Pois o Major-General Stumm von ^{10} chefe do Departamento de Formação Militar e Educação do Ministério da Guerra, alegrava-se sinceramente com a missão que recebera. Quando se aguardava a grande sessão inaugural da Ação Paralela, o chefe de gabinete o convocara dizendo:

— Stumm, você é um desses eruditos, vamos lhe dar uma carta de apresentação, e você vai dar uma espiada por lá. Dê uma olhada em tudo, e depois nos conte o que essa gente pretende. — E, depois, ele poderia negar quanto quisesse, mas a verdade é que não ter podido tomar pé na Ação Paralela era uma nódoa na sua folha de serviço, que tentava apagar em vão com suas visitas a Diotima. Por isso, corraera ao gabinete de administração quando o convite chegara, e, numa pose delicada mas um tanto atrevida, colocara uma perna diante da outra por baixo do ventre, e anunciara, ofegante, que naturalmente acontecera o que ele preparara e esperava.

— Pois então — declarara o Tenente-Marechal Frost von Aufbruch —, também eu não esperava outra coisa. — Ofereceu uma cadeira a Stumm, e um cigarro, acendeu sobre a porta o sinal “Reunião importante, entrada proibida”, e deu suas instruções, que, basicamente se resumiam em observar e fazer relatórios.

— Você entende, não queremos nada especial, mas você vai lá sempre que puder, mostrando que existimos; não estarmos nas comissões talvez até seja normal, mas não poderemos estar presentes quando se discute um presente espiritual para o aniversário do nosso Comandante Supremo, não tem explicações. Por isso, eu sugeri seu nome a Sua Excelência, o Ministro, pois ninguém vai poder fazer nenhuma objeção; então, até logo, e faça bom trabalho!

O Tenente-Marechal Frost von Aufbruch acenou com a cabeça amigavelmente, e o General Stumm von Bordwehr esqueceu que o soldado não deve demonstrar emoção, bateu as esporas por assim dizer do fundo do coração, e disse:

— Muito obrigado mesmo, Excelência!

Se há civis beligerantes, por que não haveria oficiais amantes das artes da paz? Havia muitos deles, na Kakânia. Eles pintavam, colecionavam besouros, eram filatelistas ou estudiosos de história universal. Os muitos

quartéis em miniatura, e o fato de ser proibido aos oficiais aparecer publicamente com obras culturais sem aprovação dos superiores, conferia em geral às tentativas deles algo de muito pessoal, e também o General Stumm antigamente tivera dessas paixões. Originalmente servira na cavalaria, mas era mau cavaleiro; suas mãos pequenas e perninhas curtas não se adequavam a agarrar e frear um animal fogoso como o cavalo, e também lhe faltava o senso de autoridade, a ponto de seus superiores daquele tempo dizerem que, se se postasse um esquadrão de cavalaria no pátio da caserna com as cabeças em vez das caudas para a parede do estábulo, Stumm não seria capaz de levá-los para fora do portão. Como vingança, o pequeno Stumm deixara crescer a barba castanho-escura e redonda; era o único oficial da Cavalaria Imperial que tinha barba, o que não era expressamente proibido. E começara a colecionar cientificamente canivetes; não ganhava o suficiente para uma coleção de armas, mas em breve possuía uma porção de canivetes organizados segundo sua forma, com ou sem saca-rolhas e lixa de unhas, conforme o tipo de aço, origem, material do cabo e assim por diante, e no seu quarto havia altas caixas com muitas gavetas rasas e etiquetas escritas, o que lhe deu fama de erudito. Também fazia poemas, nos tempos de cadete sempre recebera “excelente” em religião e composição, e um dia o coronel o mandara chamar à administração.

— Você nunca será um oficial de cavalaria aproveitável — disse-lhe. — Se eu colocar um bebê em cima do cavalo e o puser à frente do regimento, ele vai se portar como você. Mas há muito tempo ninguém do regimento vai para a escola de guerra, e você, Stumm, bem que podia se apresentar!

Assim, Stumm passara dois anos maravilhosos na escola do estado-maior, na capital. Lá também revelou faltar-lhe aquela acuidade intelectual necessária ao bom cavaleiro, mas assistiu a todos os concertos militares, visitou museus e colecionou entradas de teatro. Tinha planos de passar para a vida civil, mas não sabia como fazê-lo. O resultado final foi que não o consideraram adequado para o serviço no estado-maior, mas também não disseram que era totalmente inaproveitável; passava por pouco ambicioso e desajeitado, mas um filósofo. Foi nomeado por mais dois anos, como experiência, para comandar uma divisão de infantaria, e terminado esse período, já capitão de cavalaria, passou a fazer parte do grande número

daqueles que nunca mais se afastam da tropa, como reserva de emergência do estado-maior, a não ser que surjam condições muito especiais.

Agora, o Capitão-de-Cavalaria Stumm servia noutra regimento, passava por ser também erudito em assuntos militares, mas aquele caso do bebê e da capacidade prática em breve foi descoberto também pelos novos superiores. Ele fez uma carreira de mártir, chegando à patente de tenente-coronel, mas já como major sonhava apenas com uma licença com soldo parcial, para chegar o momento em que fosse mandado para a reserva como coronel *ad honores*, isto é, com título e uniforme, mas sem o soldo de coronel. Não queria mais saber daquelas promoções que avançavam na lista de patentes como um relógio incrivelmente lento; nem das manhãs em que, com sol ainda nascendo, se voltava do campo de exercícios debaixo de insultos, entrando no cassino com botas empoeiradas, para acrescentar, ao vazio de um dia interminável, a fileira de garrafas de vinho vazias. Nada mais daquele convívio militar, histórias de regimento e damas de regimento que passam a vida ao lado dos maridos repetindo numa escala musical precisa, implacavelmente sutil, quase inaudível, a escala hierárquica deles. Não queria mais nada com aquelas noites em que o pó, o vinho, o tédio, a vastidão dos campos atravessados e a obrigação de comentar o eterno assunto das conversas, o cavalo, levava casados e solteiros àquelas festinhas atrás de cortinas baixadas, em que punham mulheres de pernas para o ar para derramar champanha em suas saias; nem queria mais nada com o judeu universal das malditas guarnições da Galícia, que parece uma pequena loja de departamentos torta, onde se podem obter a crédito, com juros, desde amor até pomada para a sela, mandando trazer à força mocinhas que tremiam de respeito, medo e curiosidade. Seu único consolo nesses tempos residia na metódica coleção de canivetes e saca-rolhas, e muitos deles era o judeu que trazia à casa daquele tenente-coronel amalucado, limpando-os na manga antes de os colocar na mesa, com ar de respeito, como se fossem objetos achados em tumbas pré-históricas.

Uma mudança inesperada acontecera quando um colega da escola de guerra se lembrara de Stumm, sugerindo que o mandassem ao Ministério da Guerra, onde procuravam um ajudante no departamento de instrução, que tivesse excelente capacidade para assuntos civis. Dois anos mais tarde, Stumm, agora coronel, já recebera a chefia do departamento. Era outro

homem, desde que se sentava na sua poltrona e não mais no lombo do sagrado animal da cavalaria. Tornou-se general, e podia estar bastante seguro de chegar ao posto de tenente-marechal. Naturalmente, há muito mandara raspar a barba, mas com a idade crescia-lhe a testa, e a tendência a engordar dava-lhe uma certa constituição de globo terrestre.

Também se tornara um homem feliz, e a felicidade multiplica a capacidade de realizações. Seu lugar era no meio dos grandes acontecimentos, e isso se mostrava em todas as coisas. Nos vestidos pitorescos de uma mulher, na ousada falta de gosto da nova arquitetura vienense, nas cores de um grande mercado de verduras, no ar asfáltico acinzentado das ruas, aquele macio ar de asfalto pleno de miasmas, cheiros e perfumes, no barulho que explode em segundos para tornar-se rumor constante, naquela variedade incontável de civis, e até nas mesinhas brancas dos restaurantes, tão incrivelmente individuais embora inegavelmente todas parecidas umas às outras — em tudo aquilo havia para ele uma felicidade que retinia como um tilintar de esporas. Era uma felicidade como civis apenas conhecem viajando de trem para o campo; não se sabe como, mas vai-se passar o dia feliz, no verde, recoberto por uma abóbada. Essa sensação incluía a importância de Stumm, do Ministério da Guerra, da instrução, a importância de todas as pessoas, tudo isso tão intenso que, desde que estava ali, ainda não pensara uma só vez em voltar ao teatro ou aos museus. Era algo que raramente sobe à consciência, mas perpassa tudo, desde os galardões de general até às vozes dos sinos da torre, uma música sem a qual a dança da vida cessaria imediatamente.

Diabos, ele fizera a sua carreira! Era o que Stumm pensava de si mesmo, parado naquela sala numa tão famosa reunião da intelectualidade. Estava ali! O único uniforme, naquele ambiente de cultura! E mais uma coisa o deixava assombrado: imagine-se o globo terrestre, azul como o céu, com algo do tom miosótis do casaco de Stumm, feito inteiramente de felicidade, importância, e daquele misterioso fósforo cerebral da luz interior; no meio daquela bola, porém, o coração do general, e sobre esse coração, como Maria parada sobre a cabeça da serpente, uma mulher divina, cujo sorriso invadia todas as coisas, contido no secreto peso de tudo. E teremos mais ou menos a impressão que Diotima exercera sobre Stumm von Bordwehr, desde o primeiro instante em que sua imagem enchera os olhos dele, que

lentamente se moviam.

Na verdade, ele gostava tão pouco de mulheres quanto de cavalos. Suas pernas roliças e curtas tinham-se sentido desconfortáveis na sela, e quando, até nas horas vagas, tivera de falar em cavalos, à noite sonhava que se esfolara até aparecerem os ossos de tanto cavalgar, e não podia mais desmontar; mas seu comodismo também

sempre menosprezara os excessos amorosos, e como o serviço militar o cansava bastante, não precisava soltar suas energias nas válvulas noturnas. Também nunca fora um desmancha-prazeres, mas quando passava as noites com os camaradas em vez de ficar com seus canivetes, habitualmente apelava para uma desculpa sábia, pois logo seu senso de harmonia física lhe ensinara que bebendo se passa rapidamente da fase de excitação para a sonolência, e isso lhe fora muito mais cômodo do que os perigos e decepções do amor. Quando, mais tarde, se casara e logo tivera dois filhos a sustentar, além da sua ambiciosa mãe, é que veio a ter consciência de como tinham sido sensatos seus hábitos antigos, antes de ser seduzido ao casamento, o que acontecera sem dúvida apenas pelo aspecto pouco militar que tem um guerreiro casado.

Desde então desenvolvera vivamente um ideal feminino extraconjugal, que obviamente tivera em si antes, mas sem o saber, constando de uma doce inclinação romântica pelas mulheres que o intimidavam e, assim, lhe poupavam quaisquer esforços. Quando via retratos de mulher que recortara de revistas na época de solteirão — mas fora sempre um ramo secundário à sua coleção de canivetes —, todas tinham esse traço; mas antigamente, ele não sabia disso, e tudo só se tornara um devaneio arrebatador quando encontrara Diotima. Sem falar na impressão que sua beleza lhe causara, quando ouvira dizer que havia uma primeira Diotima, pesquisara no seu dicionário para ver o que esse nome significava; não entendera direito a denominação, apenas percebera que se ligava à ampla esfera da cultura civil, da qual infelizmente, apesar de sua posição, sabia muito pouco; e o poder intelectual do mundo se fundiu com a graça física daquela mulher.

Hoje que as relações dos sexos estão tão simplificadas, deve-se acentuar que isso é a coisa mais sublime que um homem pode experimentar. Os braços do General Stumm sentiam-se curtos demais para rodearem o corpo alto e

cheio de Diotima, enquanto seu espírito sentia o mesmo em relação ao mundo e sua cultura, de modo que pairava em todos os acontecimentos um doce amor, e no corpo rotundo do general algo semelhante à flutuante rotundidade do mundo.

Foi esse devaneio romântico que levou Stumm de volta para Diotima depois que ela o despachara. Parou perto da mulher admirada, pois não conhecia mais ninguém ali, e ficou escutando suas palavras. Teria gostado de tomar notas, pois não teria julgado possível brincar com tal tesouro espiritual, sorrindo como quem brinca com um colar de pérolas, se não fosse testemunha auricular daquelas conversas com que Diotima saudava as mais diversas celebridades. Só o olhar dela, depois de virar-se algumas vezes cruelmente para o lado dele, fez com que ele percebesse o quanto sua atitude de escuta era inconveniente para um general, e então afastou-se. Andou algumas vezes sozinho de um lado para outro pela casa repleta, bebeu um copo de vinho, e queria procurar uma posição decorativa junto de uma parede, quando descobriu Ulrich, que vira na primeira reunião, e sua memória se avivou. Ulrich fora um tenente imaginativo, inquieto, em um dos dois esquadrões que o General Stumm outrora dirigira brandamente, como tenente-coronel. “Um sujeito parecido comigo”, pensou Stumm, “tão moço já chegou a uma posição tal alta!” Dirigiu-se para ele, e depois de terem reforçado seu antigo conhecimento conversando algum tempo sobre as mudanças havidas desde então, Stumm indicou as pessoas ao redor e disse:

— Excelente ocasião para eu aprender os mais importantes problemas civis do mundo!

— General, você vai se espantar — respondeu Ulrich.

O general, procurando um aliado, apertou calorosamente sua mão:

— Você foi tenente no nono regimento de Ulanos — disse, significativamente —, e foi uma grande honra para nós, embora os outros ainda não compreendam isso tão bem quanto eu!

O CONDE LEINSDORF SE PRONUNCIA A RESPEITO DA *REALPOLITIK*.
ULRICH FUNDA ASSOCIAÇÕES

Embora no concílio ainda não se mostrasse nem sinal de resultado, a Ação Paralela fazia grandes progressos no palácio do Conde Leinsdorf. Lá se reuniam os fios da realidade, e Ulrich comparecia duas vezes por semana.

Nada o deixava mais espantado do que o número de associações existentes. Apresentavam-se associações terrestres e marítimas, associações de bebedores e de abstêmios, em suma, associações e antiassociações. Elas estimulavam os esforços de seus membros e perturbavam os dos outros. Tinha-se a impressão de que toda pessoa pertencia pelo menos a uma associação.

— Alteza — disse Ulrich, espantado —, isso já nem se pode mais chamar demania de associações, como se costuma dizer despreocupadamente; esta é uma situação monstruosa, pois inventamos o tipo de estado em que cada indivíduo faz parte de um grupo de bandoleiros...!

Mas o Conde Leinsdorf gostava de associações.

— Pense — respondeu — que a política dos ideólogos nunca levou a nada de bom; precisamos de uma *Realpolitik*. Não hesito em julgar relativamente perigosas as ambições muito intelectualizadas dos círculos de sua prima!

— Vossa Alteza pode me dar diretrizes? — pediu o outro.

O Conde Leinsdorf o encarou. Refletia sobre a possibilidade de serem ousadas demais para um jovem inexperiente as coisas que pretendia lhe revelar. Mas depois decidiu-se.

— Bem, veja — começou, cauteloso —, vou dizer uma coisa que talvez o senhor ainda não saiba, porque é jovem; *Realpolitik* quer dizer: não fazer aquilo que se quer; em contrapartida, podemos conquistar pessoas satisfazendo os seus pequenos desejos!

O interlocutor arregalou os olhos para o Conde Leinsdorf, perplexo; o conde sorriu, lisonjeado.

— Então, não é verdade? — esclareceu ele. — Acabei de dizer que a *Realpolitik* não deve se deixar guiar pelo poder das idéias, mas pela necessidade prática. Naturalmente, as belas idéias são coisa que qualquer um gostaria de concretizar, isso é claro. Portanto, não se pode fazer exatamente aquilo que se gostaria de fazer! Kant já dizia isso.

— É verdade! — exclamou, surpreso, o destinatário desses ensinamentos.
— Mas não é preciso ter um objetivo!?

— Objetivo? Bismarck quis a glória do rei da Prússia: este foi o seu objetivo. Não soube desde o início que com isso teria de combater a Áustria e a França, e fundar o Império Alemão.

— Então Vossa Alteza quer dizer que devemos desejar que a Áustria seja grande e poderosa, e nada mais?

— Temos ainda quatro anos de prazo. Nesses quatro anos, tudo pode acontecer. Pode-se colocar um povo de pé, mas ele terá de caminhar por si. Está me compreendendo? Pô-lo sobre as próprias pernas, é isso que temos de fazer! Mas as pernas de um povo são suas instituições sólidas, seus partidos, suas associações e assim por diante, e não isso de que se anda falando!

— Alteza! Embora não pareça, esse é um pensamento verdadeiramente democrático!

— Bom, não deixa de ser também um pouco aristocrático, embora meus pares não me compreendam. O velho Hennenstein e o morgado Turckheim me responderam que tudo isso resultará apenas numa bela porcaria. Portanto, precisamos ir com cautela. Devemos começar em pequena escala; seja simpático com as pessoas que vêm nos procurar.

Por isso, no período seguinte Ulrich não deixou de receber ninguém. Foi procurado por um homem que lhe explicou longamente as vantagens de colecionar selos, ocupação que, em primeiro lugar, ligava os povos; em segundo, satisfazia as veleidades de posse e prestígio, que inegavelmente constituíam um alicerce da sociedade; em terceiro, não exigia apenas conhecimentos, mas decisões de ordem estritamente estética. Ulrich

observou melhor o homem: aparentava amargura e pobreza, mas parece que não deixou de entender a interrogação contida naquele olhar, pois retrucou que selos eram também uma mercadoria valiosa e nada desprezível, com a qual se faturavam milhões; de todas as partes do mundo, negociantes e colecionadores acorriam às bolsas filatélicas. Dava para ficar rico. Ele pessoalmente era um idealista, estava formando uma coleção especial que de momento ainda não interessava a ninguém. Queria apenas que no Ano Jubilar se inaugurasse uma grande mostra fila-télica, ele próprio chamaria então a atenção das pessoas para a sua especialidade!

Em seguida, veio outro homem e contou-lhe que, caminhando pelas ruas — andar de bonde era porém bem mais excitante —, havia anos que vinha contando as linhas retas dos caracteres latinos dos cartazes de lojas (o A, por exemplo, constava de três retas, o M de quatro), dividindo esse número pelo número de letras. Até então, o resultado fora sempre, em média, dois e meio; evidentemente tal resultado não era absoluto, podendo variar a cada nova rua, trazendo grandes preocupações a cada diferença e grandes alegrias a cada concordância, o que correspondia aos efeitos catárticos atribuídos à tragédia. Quando se contavam apenas as letras, só por um feliz acaso se obtinha um resultado divisível por três, fato de que Sua Senhoria ainda poderia se certificar, razão pela qual a maioria das inscrições deixava uma sensível insatisfação, exceto as letras massificadas, quais sejam as de quatro linhas retas, como, por exemplo, WEM, que sempre nos fazem particularmente felizes. Qual a consequência disso?, perguntou o visitante. Simplesmente que o Ministério da Saúde deveria emitir um decreto favorecendo as letras de quatro linhas na designação das firmas, ao mesmo tempo impedindo a utilização de uma linha só, como O,S,I,C, que com sua esterilidade causavam tristeza!

Ulrich encarou o homem e manteve certa distância dele; mas o outro não dava impressão de demente, era um homem que pertencia aos “melhores estratos”, tinha uns trinta anos, ar inteligente e amável. Ele continuava explicando calmamente que cálculo mental era uma capacidade indispensável em todas as profissões, que corres-

pondia à pedagogia moderna disfarçar o ensino sob a forma de jogo, que a estatística com frequência revelara relações profundas muito antes de serem explicadas, que o grande mal causado por uma instrução livresca era

conhecido, e que por fim a grande excitação que a sua descoberta sempre causava a todos os que se decidiam a repeti-la falava por si só. Se o Ministério da Saúde quisesse apropriar-se da sua descoberta, logo o seguiriam outros países, e o Ano do Jubileu poderia acabar sendo uma bênção para a humanidade.

E Ulrich aconselhava a todas essas pessoas:

— Funde uma associação; o senhor tem quase quatro anos de tempo, e se o conseguir, certamente Sua Alteza o apoiará com sua influência!

A maior parte, porém, já tinha alguma associação, e aí a coisa mudava. Bastante simples era quando uma associação de futebol pedia que concedessem título de professor a seu ponta-direita, para documentar a importância da cultura física moderna; pois nesse caso sempre se podia deixar entrever alguma possibilidade. Difíceis eram situações como a que se segue, em que o visitante era um homem de uns cinquenta anos, que se apresentava como chefe de escritório; sua testa tinha o brilho das testas de mártires, e ele se declarava fundador e chefe da associação de estenografia “Öhl”, a qual tomava a liberdade de chamar atenção do secretário da grande Ação Patriótica para o sistema de escrita abreviada “Öhl”.

O sistema de escrita abreviada Öhl, dizia ele, era uma invenção austríaca, por isso não conseguia divulgação nem estímulo. Queria saber se o cavalheiro era estenógrafo, o que Ulrich negou; foram-lhe então apresentadas as vantagens intelectuais da estenografia. Economia de tempo, economia de energia intelectual; ele nem imaginava quanto trabalho intelectual se desperdiçava com aqueles ganchinhos, floreios, imprecisões, perturbadoras repetições de figuras semelhantes, confusão de elementos realmente expressivos e significantes da escrita com elementos puramente retóricos e caprichos pessoais. Para seu espanto, Ulrich ficou conhecendo um homem que perseguia com ódio implacável a aparentemente inofensiva escrita cotidiana. Do ponto de vista da economia de trabalho intelectual, a estenografia era uma questão vital para a humanidade, que se desenvolvia sob o signo da pressa. Mas também do ponto de vista da moral a questão curto ou longo era decisiva. A escrita orelhuda, como se podia dizer, na amargurada expressão do chefe de escritório, por causa dos seus laçarotes

sem sentido, levava a imprecisões, caprichos, esbanjamento e mau uso do tempo, enquanto a escrita abreviada educava na precisão, controle da vontade, e postura viril. A escrita abreviada ensinava a fazer o essencial e fugir ao inútil e supérfluo. O cavalheiro não acreditava haver nisso uma moral prática da maior importância para os austríacos? Mas também se podia considerar a questão do ponto de vista estético. Acaso a prolixidade não seria justificadamente considerada feia? A expressão de absoluto pragmatismo não fora já declarada pelos grandes clássicos como elemento essencial do belo? E havia ainda o ponto de vista da saúde pública — prosseguia o chefe de escritório — e aí era de extraordinária importância encurtar o tempo de ficar curvado sobre a escrivaninha. E só depois de, para espanto do interlocutor, ter ainda falado sobre outras ciências em relação à estenografia, foi que o visitante passou a explicar a infinita superioridade do sistema Öhl sobre todos os demais sistemas. Mostrou-lhe que, segundo todos os pontos de vista antes descritos, qualquer outro sistema de estenografia era uma traição da idéia da escrita abreviada. E então desenrolou a história dos seus sofrimentos. Havia aqueles sistemas mais antigos e

poderosos, que já tinham tido tempo de se ligar a todos os interesses materiais possíveis. As escolas de comércio ensinavam o sistema Vogelbauch, e resistiam a qualquer mudança, secundadas — graças à lei da inércia — pelos comerciantes. Os jornais, que como se pode ver ganham muito dinheiro anunciando escolas de comércio, fechavam-se a qualquer sugestão de mudança. E o Ministério da Educação? Esse era simplesmente ridículo!, dizia o Sr. Öhl. Há cinco anos, quando se decidira a inclusão obrigatória da estenografia nos cursos de segundo grau, o Ministério da Educação fizera uma pesquisa para descobrir qual o sistema aconselhável. Naturalmente foram consultados os representantes das escolas de comércio, dos comerciantes, dos estenógrafos do Parlamento, os quais estavam coligados aos repórteres de jornal, e mais ninguém! Era claro que o sistema Vogelbauch seria adotado! A Associação de Estenografia Öhl fez uma advertência sobre esse crime contra um precioso patrimônio público, e protestou! Mas seus representantes nem mesmo foram recebidos no Ministério!

Ulrich comunicava esses casos a Sua Alteza.

— Öhl? — perguntou o Conde Leinsdorf. — E ele é funcionário público?
— Sua Alteza esfregou demoradamente o nariz, mas não chegou a nenhuma decisão. — Talvez devêssemos falar com o conselheiro da Corte responsável por ele, antes de chegar a uma conclusão... — disse depois de algum tempo; mas estando com disposição criativa, desistiu. — Não; sabe de uma coisa, vamos fazer um protocolo, e eles que se manifestem!

— E acrescentou uma confidencia para que o outro entendesse melhor o problema: — Em todos esses casos, não se pode saber se são bobagens ou não. Mas veja, doutor, via de regra acabam parecendo importantes exatamente as coisas que levamos a sério! Isso se repete com esse Dr. Arnheim, tão cortejado por todos os jornais. Os jornais poderiam se ocupar de outras coisas. Mas se ocupam do Dr. Arnheim que assim vai ficando importante. O senhor diz que esse Öhl tem uma associação? Isso não prova nada. Mas por outro lado, como eu disse, há que se ter pensamentos modernos; e se muitas pessoas são a favor de uma coisa, podemos estar certos de que ela vai ter sucesso!

CLARISSE EXIGE UM “ANO ULRICH”

O amigo certamente só visitava Clarisse para lhe censurar a carta que ela escrevera ao Conde Leinsdorf; esquecera completamente o assunto quando ela estivera com ele pela última vez. Durante o trajeto ocorreu-lhe que Walter estava com ciúmes e que esta visita pioraria esse sentimento tão logo ele tomasse conhecimento dela; mas Walter não poderia fazer nada a esse respeito, e esta situação, na qual a maioria dos homens se encontra, era bem engraçada: quando enciumados, eles só podem vigiar suas esposas depois do expediente no escritório.

Era improvável que Walter estivesse em casa à hora em que Ulrich resolvera ir até lá. Foi no começo da tarde. Ulrich comunicara sua visita por telefone. As janelas pareciam não ter cortinas, tão intenso era o brilho das superfícies nevadas através das vidraças. Naquela luz implacável, que envolvia todos os objetos, encontrava-se

Clarisse, olhando risonha do meio da sala para o amigo. Onde a rasa curvatura de seu corpo se inclinava para a janela, ela brilhava em cores fortes, e o lado da sombra era uma névoa castanho-azulada, da qual testa, nariz e queixo se destacavam como uma aresta de neve cuja ponta vento e sol borravam. Ela lembrava menos um ser humano do que o encontro de gelo e luz na fantasmagórica solidão do inverno nas montanhas. Ulrich percebeu um pouco do encanto que ela devia exercer sobre Walter em certos momentos, e suas emoções divididas em relação ao amigo de infância cederam por um breve momento à visão do mútuo espetáculo de duas pessoas cuja vida ele talvez mal conhecesse.

— Não sei se você falou a Walter da carta que escreveu ao Conde Leinsdorf — começou ele —, mas eu vim para falar a sós com você, e prevenir que não faça esse tipo de coisa no futuro.

Clarisse ajeitou duas cadeiras lado a lado, e pediu que ele se sentasse.

— Não fale disso com Walter — pediu —, mas diga-me o porquê de sua objeção.

Você se refere ao Ano Nietzsche? O que foi que o seu conde disse?

— O que você acha que ele poderia ter dito?! A ligação que você fez disso com Moosbrugger foi simplesmente maluca. Além disso, ele devia ter jogado a carta fora!

— Ah, é? — Clarisse estava muito decepcionada. Depois disse: — Por sorte você também tem voz ativa por lá!

— Eu já lhe disse que você está maluca!

Clarisse sorriu, e considerou aquilo um elogio. Colocou a mão no braço do amigo, e perguntou:

— Você acha o Ano Austríaco uma bobagem, não é?

— Claro!

— Mas um Ano Nietzsche seria uma coisa boa; por que não podemos querer uma coisa apenas por ela ser boa segundo nossos conceitos?

— Como é que você imagina um Ano Nietzsche? — perguntou ele.

— Isso é problema seu!

— Você está brincando!

— De jeito nenhum. Diga, por que lhe parece engraçado realizar algo que nosso espírito leva a sério?

— Com muito prazer — respondeu Ulrich, libertando-se da mão dela. — Não precisa ser exatamente Nietzsche, poderia ser também Cristo, ou Buda!

— Ou você. Imagine só, um Ano Ulrich! — Ela disse aquilo tão tranquilamente como quando o convidara a libertar Moosbrugger. Mas dessa vez, ele não estava distraído, olhava-a bem no rosto, enquanto ouvia suas palavras. No rosto havia apenas o sorriso costumeiro de Clarisse, que involuntariamente sempre parecia uma pequena careta divertida produzida com esforço.

“Muito bem”, pensou ele, “ela não está falando sério.” Mas Clarisse aproximou-se dele outra vez.

— Por que você não promove o seu ano? Talvez agora tivesse poder para isso. Eu já lhe disse que não deve contar nada disso a Walter, nem sobre a carta a respeito de Moosbrugger. Principalmente que eu falo sobre isso com você! Mas, acredite, esse assassino é musical; apenas, não sabe compor.

Você nunca observou que toda pessoa está no centro de um globo celeste? Quando ela sai do seu lugar, ele vai junto. Assim é que se tem de fazer música: sem consciência, simplesmente com o o globo celeste debaixo do qual estamos!

— E você acha que eu, com esse meu ano, deveria arquitetar uma coisa parecida?

— Não — respondeu Clarisse, indecisa. Seus lábios finos quiseram dizer alguma coisa, mas calaram-se, e a chama brilhou muda em seus olhos. Não se podia dizer o que emanava dela em momentos como aquele. Era ardente como quando nos aproximamos demais do fogo. Agora ela sorria, mas esse sorriso se enrascava sobre seus lábios como restos de cinzas depois que tudo se apagara em seus olhos.

— Mas é uma coisa dessas que eu ainda poderia imaginar em caso extremo — repetiu Ulrich. — Apenas, receio que você pense que devo dar um golpe de Estado!

Clarisse refletiu.

— Digamos, então, um Ano Buda —, opinou, sem ligar para a objeção dele.

— Não sei o que Buda exigiu; só mais ou menos; mas vamos aceitar simplesmente sua exigência, e se a julgarmos importante, que seja executada! Pois, ou as coisas merecem que acreditemos nelas, ou não.

— Muito bem, preste atenção: você disse Ano Nietzsche. Mas o que foi que Nietzsche exigiu?

Clarisse refletiu.

— Bom, naturalmente eu não estou pensando num monumento a Nietzsche, ou uma rua Nietzsche — disse encabulada. — Mas a gente deveria conseguir fazer as pessoas viverem como...

— Como ele quis?! E o que foi que ele quis? — interrompeu ele. Clarisse tentou responder, esperou, por fim retrucou:

— Bom, você sabe...

— Não sei coisa nenhuma — disse ele, provocador. — Mas quero lhe dizer uma coisa: a gente pode satisfazer as exigências de uma sopa-dos-pobres-pelo-jubileu-do-Imperador-Francisco-José ou da Associação de Proteção dos Donos de Gatos, mas não se podem concretizar boas idéias, como não se pode concretizar música! O que significa isso? Não sei, mas é assim.

Agora, finalmente, ele se instalara no pequeno sofá atrás da mesinha; ali podia se defender melhor do que na cadeira frágil. No meio do cômodo vazio, na outra margem de uma miragem que alongava o tampo da mesa, Clarisse continuava de pé, falando. Seu corpo esbelto falava e pensava baixinho; ela sentia tudo o que queria dizer, primeiro com o corpo, e tinha a necessidade permanente de fazer algo com ele. Seu amigo sempre considerara o corpo dela duro e arrapazado, mas agora, naqueles movimentos macios sobre pernas fechadas, Clarisse subitamente lhe pareceu uma dançarina javanesa. E de repente pensou que não se admiraria se ela caísse em transe. Ou estaria ele próprio em transe? Fez então um longo discurso:

— Você gostaria de viver segundo suas idéias — começou ele —, e gostaria de saber como se faz isso. Mas uma idéia é o maior paradoxo do mundo. A carne se liga às idéias como um fetiche. Torna-se mágica quando há uma idéia presente. Uma vulgar bofetada pode se tornar mortal pela idéia da honra, castigo e coisas assim. Mas as idéias jamais se mantêm no estado em que são mais fortes; são como aquelas substâncias que em contato com o ar imediatamente se transformam em outra, mais durável, mas corrompida. Você viu isso muitas vezes. Surge uma idéia; é você; num determinado estado. Alguma coisa sopra em você; como um súbito rumor de cordas, surge um som; alguma coisa se coloca diante de você como uma miragem; da confusão de sua alma formou-se um cortejo infinito, e todas as belezas do mundo parecem estar paradas à beira da estrada. Muitas vezes uma só idéia provoca isso. Mas depois de algum tempo, ela começa a se parecer com todas as outras idéias que você já teve, submete-se a elas, torna-se parte de suas concepções e do seu caráter, de seus princípios ou de seus estados de alma; ela perdeu as asas, e assumiu uma solidez totalmente desprovida de mistérios. Clarisse retrucou:

— Walter tem ciúmes de você. Não por minha causa. Mas porque você parece capaz de fazer o que ele gostaria de fazer. Entende isso? Em você há alguma coisa que o frustra diante de si mesmo. Não sei como explicar.

Ela o encarou com ar avaliador. Esses dois discursos se entrelaçaram.

Walter sempre fora a doce criança predileta da vida, sentado no colo dela. Não importa o que lhe acontecesse, ele o transformava numa terna vivacidade. Walter sempre fora aquele que vivera mais. “Mas viver mais é

um dos primeiros e mais sutis sinais de um homem comum”, pensou Ulrich. “O contexto rouba à experiência o veneno ou a doçura pessoais!” Era mais ou menos isso. E mesmo essa afirmativa, de que era assim, já era um contexto, e não se recebia, em troca, um beijo ou uma despedida. Apesar disso, Walter tinha ciúmes. Ulrich ficou contente com isso.

— Eu lhe disse que ele devia matar você — disse Clarisse.

— O quê?

— Matar, eu disse. Se você não vale tanto quanto imagina valer, ou se ele for melhor do que você, e só puder sossegar com sua morte, não seria a coisa certa? Além disso, você podia se defender!

— Você está se saindo muito... bem! — respondeu Ulrich, inseguro.

— Bem, nós só falamos no assunto. O que você acha? Walter diz que não se deve nem pensar numa coisa dessas.

— Sim. Pensar, sim — respondeu ele, hesitante, e examinou Clarisse com atenção. Ela tinha um encanto singular. Pode-se dizer que era como se estivesse parada ao lado de si mesma? Estava presente e ausente, as duas coisas bem juntas.

— Qual nada, pensar! — interrompeu ela. Falava para a parede diante da qual ele estava sentado, como se seus olhos estivessem dirigidos para um ponto intermediário. — Você é tão passivo quanto Walter! — Também essa palavra ficava entre duas distâncias; assumia a distância como uma ofensa, mas reconciliava-se através de uma proximidade familiar pressuposta. — Eu digo o contrário: se podemos pensar uma coisa, devemos poder realizá-la — repetiu ela, secamente.

Depois deixou seu lugar, foi até a janela, e cruzou as mãos às costas. Ulrich levantou-se depressa, foi atrás dela, e passou o braço em seu ombro.

— Minha pequena Clarisse, você esteve muito esquisita há pouco. Mas quero dizer uma palavra em meu favor; jamais pensei que você se interessasse por mim — disse.

Clarisse olhava pela janela. Mas, agora, atentamente; ela captava alguma coisa lá fora com o olhar, para ter um ponto de apoio. Tinha a impressão de que seus pensamentos haviam estado lá fora, e agora retornavam. Essa sensação, que fazia dela uma espécie de aposento do qual sentimos que as portas acabaram de se fechar, não lhe era nova. Por vezes havia dias e

semanas em que tudo que a rodeava era mais claro e leve do que habitualmente, como se não causasse muito esforço esgueirar-se para lá e passear pelo mundo, fora de si mesma; e depois vinham tempos difíceis em que se sentia aprisionada. Habitualmente eram breves momentos, mas ela os temia como a um castigo, porque tudo se tomava apertado e triste. E no momento presente, caracterizado pela calma clara e lúcida, ela se sentia insegura; não sabia mais muito bem o que tinha querido há pouco, e essa clareza de chumbo, esse controle aparentemente calmo anunciava muitas vezes um tempo de punição.

— Não me chame de “pequena” — disse, amuada —, ou acabo eu mesma matando você! — Isso lhe veio como pura brincadeira, fora, portanto, uma vitória. Virou a cabeça cautelosamente para o encarar. — Naturalmente foi só um jeito de falar — prosseguiu —, mas entenda que quero dizer alguma coisa. Onde ficamos? Você disse que não se pode viver segundo uma idéia. Vocês não têm a energia necessária, nem você nem Walter!

— Você me chamou de passivo, e isso foi terrível. Mas há dois tipos de passividade.

Uma passividade passiva, que é a de Walter. E uma ativa!

— O que é uma passividade ativa? — perguntou Clarisse, curiosa.

— A espera de um prisioneiro, pela oportunidade de fugir.

— Bá! — disse Clarisse. — Desculpas!

— Muito bem! — objetou ele —, quem sabe.

Clarisse ainda tinha as mãos entrelaçadas às costas, e abrira as pernas como se calçasse botas de montaria.

— Você sabe o que diz Nietzsche? Querer saber com segurança é como querer andar com segurança: uma covardia. É preciso começar em alguma parte a realizar o que se quer, não só falar a respeito! Eu esperava que você fizesse, ao menos uma vez, algo de especial!

De repente, ela pegara um botão do colete dele, e torcia-o, erguendo o rosto para Ulrich. Involuntariamente, ele colocou a mão sobre a dela, para proteger o botão.

— Andei pensando muito numa coisa — prosseguiu ela, hesitando. — A grande vileza, na atualidade, não acontece porque a cometemos, mas porque a permitimos. Ela cresce no vazio. — Depois desse ápice, ela o fitou. E

então prosseguiu, veemente: — Permitir é dez vezes mais perigoso do que executar! Você me entende? — Ela lutava consigo mesma, sem saber se devia descrever tudo com mais precisão. Mas acrescentou:

— Não é verdade que você me compreende perfeitamente, meu querido? Você sempre diz que a gente deve deixar tudo acontecer como acontece. Mas eu sei o que quer dizer com isso! Pensei por vezes que você é um demônio! — Essa frase escapara da boca de Clarisse como um lagarto. Ela se assustou. Originalmente só pensara no pedido de Walter, de terem um filho. Seu amigo percebeu um sobressalto nos olhos dela, que o contemplavam cheios de desejo. Mas o rosto dela, erguido, estava inundado de alguma coisa. Não algo belo, antes feio e comovente. Como um suor intenso que dilui um rosto. Mas era algo incorpóreo, puramente imaginário. A contragosto, ele se sentiu contagiado, e levemente distraído.

Não conseguia mais resistir àquela conversa absurda, por fim pegou Clarisse pela mão, sentou-a no sofá, e sentou-se junto dela.

— Então, agora vou lhe contar por que não faço nada — começou ele, e silenciou. Clarisse, que no momento daquele contato reencontrara sua personalidade habitual, animou-o.

— Não se pode fazer nada, porque... mas você não vai mesmo entender — ele estendeu a mão, pegou um cigarro do bolso, e ocupou-se em acendê-lo.

— Então? — disse Clarisse, vindo em sua ajuda. — O que você quer dizer? Ele continuava calado e ela enfiou o braço atrás das costas dele, sacudiu-o como um menino que quer mostrar sua força. Isso era o que havia de tão agradável nela, não ser preciso falar, apenas o gesto incomum bastava para a incendiar. — Você é um grande criminoso! — exclamou ela, e tentou em vão machucá-lo.

Mas nesse momento foram desagradavelmente interrompidos pela chegada de Walter.

ACONTECE A MESMA COISA, OU: POR QUE NÃO SE INVENTA A HISTÓRIA?

Na verdade, o que é que Ulrich poderia ter dito a Clarisse?

Calara-se porque ela lhe desperiara uma singular vontade de pronunciar a palavra Deus. Tinha querido dizer: Deus não encara o mundo textualmente; é uma imagem, uma analogia, uma metáfora da qual ele precisa se servir por algum motivo, e, é claro, sempre insuficiente; não o devemos tomar ao pé da letra, nós mesmos precisamos descobrir a solução que ele nos propõe. Perguntava-se se Clarisse teria concordado em considerar isso como uma brincadeira de índio, ou de polícia-e-ladrão. Certamente. Se alguém avançasse, ela se postaria a seu lado, como uma loba, atenta.

Mas ele tinha desejado dizer mais uma coisa; algo sobre problemas de matemática, que não admitem uma solução geral, mas soluções individuais, cuja combinação nos aproxima de uma solução geral. Teria podido acrescentar que considerava assim a tarefa da vida humana. O que se chama de uma era — sem saber se devemos compreender sob essa denominação séculos, milênios ou o tempo entre a escola e os netos —, esse rio largo e irregular de circunstâncias, significaria então mais ou menos o mesmo que uma sequência desordenada de tentativas de solução insuficientes, e individualmente falsas, das quais só quando a humanidade as soubesse ligar entre si emergiria a solução correta e total.

No bonde, indo para casa, ele se recordou disso; algumas pessoas viajavam com ele em direção à cidade, e ele se envergonhava um pouco diante dessa gente, por ter tais idéias. Podia-se ver que estavam voltando de determinadas ocupações, ou se dirigiam para determinadas diversões; sim, via-se por suas roupas o que tinham feito ou pretendiam fazer. Ele contemplou sua vizinha; certamente era esposa, mãe, cerca de quarenta anos, provavelmente esposa de algum funcionário acadêmico, com um pequeno binóculo de ópera no colo. Com aquelas idéias, sentiu-se, ao lado

dela, como um menino que brinca; até como um menino que brinca de coisas não muito decentes.

Pois uma idéia sem objetivo prático não é uma ocupação secreta muito decente; aqueles pensamentos que dão imensos passos com pernas de pau, e tocam a experiência concreta apenas com minúsculas solas, são suspeitos de terem origem ilegítima. Antigamente falava-se de “vôo do pensamento”, e, na época de Schiller, um homem com aquelas interrogações altivas no peito teria sido muito respeitado; hoje em dia, ao contrário, temos a sensação de que uma pessoa dessas está fora dos eixos, a menos que faça o que faz por profissão e fonte de renda. Houve sem dúvida uma redistribuição. Certas indagações foram retiradas do coração das pessoas. Construiu-se uma espécie de galinheiro para os pensamentos de vôo alto, chamando-o de filosofia, teologia ou literatura, e lá eles se multiplicam à sua maneira peculiar, cada vez mais difíceis de controlar, e está bem assim, pois diante dessa multiplicação ninguém precisa mais censurar-se por não poder cuidar deles pessoalmente. Ulrich, com seu respeito pela técnica e especialização, estava no fundo decidido a não fazer objeção a essa distribuição de atividades. Mas permitia-se pensar, embora não fosse filósofo profissional, e momentaneamente imaginava estarmos a caminho da colméia. A rainha porá ovos, os zangões levarão uma vida dedicada ao prazer sensual e ao espírito, e os especialistas ficarão com o trabalho. Uma tal humanidade é perfeitamente concebível, e até se poderia aumentar a produtividade geral. Hoje cada pessoa, por assim dizer, ainda tem em si a humanidade inteira, mas isso obviamente já vai se tornando excessivo, e não é mais conveniente; de modo que o humano é quase puro logro. Talvez desse bom resultado tomarem-se novas disposições na distribuição, para que um grupo de trabalho especial se incumba de uma síntese intelectual. Pois, sem espírito...? Ulrich quis dizer que isso não o alegraria, mas naturalmente era um preconceito. Não sabemos o que dá resultado. Ajeitou-se no assento e contemplou o próprio rosto na vidraça à frente, para se distrair. Mas, depois de algum tempo, sua cabeça flutuou entre “dentro” e “fora” naquele vidro líquido, com insistência maravilhosa e pedindo alguma complementação.

Havia ou não, afinal, guerra nos Bálcãs? Certamente acontecia alguma intervenção; mas se era guerra, ele não sabia ao certo. Tantas coisas abalavam a humanidade. Superara-se novamente um recorde de altitude em

vôo — coisa impressionante. Se ele não se enganava, chegara-se agora a 3.700 metros, e o homem chamava-se Jouhoux. Um boxeador negro batera um campeão branco, conseguindo o título mundial; chamava-se Johnson. O presidente da França ia para a Rússia; falava-se de ameaça à paz mundial. Um tenor recém-descoberto ganhava na América do Sul quantias que não se ganhavam nem na América do Norte. Um terrível terremoto devastara o Japão — pobres japoneses. Em suma, muita coisa acontecia; o final de 1913 e o começo de 1914 era uma época agitada. Mas o período de dois ou cinco anos atrás também fora movimentado, cada dia com suas excitações; apesar disso, a gente no melhor dos casos mal se lembrava do que realmente acontecera. Podia-se resumir. O novo remédio contra sífilis fazia...; na pesquisa do metabolismo vegetal tinham-se...; a conquista do Pólo Sul parecia...; as experiências de Steinach causavam...; dessa maneira podia-se deixar fora metade da certeza, e não teria maior importância. Que coisa estranha é a História! Podia-se afirmar com segurança que este ou aquele acontecimento já tivera seu lugar nela, ou certamente ainda teria; mas, de que de fato já sucedera, não se estava certo. Pois para acontecer é preciso que algo aconteça num determinado ano, não em outro, ou em nenhum; e é preciso que a própria coisa aconteça; não apenas algo parecido, ou semelhante. Porém é isso que ninguém consegue afirmar a respeito da História, exceto se a escreveu, como fazem os jornais; ou trata-se de assuntos profissionais e financeiros; pois em quantos anos podemos nos aposentar, ou teremos uma determinada quantia, ou a gastamos, é naturalmente importante, e nesse contexto também guerras podem se tornar coisas memoráveis. Parece insegura e emaranhada essa nossa História, olhando assim de perto, como lama não muito firme; e por fim ainda passa, estranhamente, uma trilha por cima dela, aquele “caminho da História”, que ninguém sabe de onde veio. Esse servir de material para a História era uma coisa que deixava Ulrich indignado. A caixa iluminada e balouçante em que ele viajava lhe pareceu uma máquina que sacode de um lado para outro algumas centenas de quilos de gente, para transformá-los em futuro. Há cem anos sentavam-se com caras parecidas em diglências, e em cem anos sabe Deus o que lhes acontecerá, mas estarão sentados, novas pessoas em novos aparelhos do futuro, exatamente como agora; ele sentiu isso e ficou furioso com essa passiva aceitação de mudança e circunstâncias, a contemporaneidade desamparada, a participação resignada e desordenada,

realmente subumana, dos séculos, como se de repente se rebelasse contra o chapéu de formato esquisito que estava em sua cabeça.

Involuntariamente, levantou-se e fez a pé o resto do trajeto. No grande depósito de gente chamado cidade, onde ele se encontrava agora, sua inquietação cedeu outra vez, dando lugar à hilariedade. Era uma idéia maluca da pequena Clarisse, querer fazer um ano intelectual. Ele concentrou-se nesse ponto. Por que tudo era tão absurdo? Podia-se perguntar: por que a Ação Patriótica de Diotima era absurda?

Resposta número um: porque a história universal acontece como todas as outras histórias. Os autores não têm nenhuma idéia nova, e copiam uns aos outros. Esse é o motivo de os políticos estudarem História e não Biologia ou coisa assim. Isso sobre os autores.

Número dois: em grande parte, porém, a História acontece sem autores. Ela surge, não de um centro, mas da periferia. De pequenas causas. Provavelmente nem é preciso tanto quanto se imagina para transformar o homem gótico ou o grego antigo no moderno homem civilizado. Pois o ser humano é tão capaz de canibalismo quanto de crítica da razão pura; pode realizar as duas coisas com as mesmas convicções e qualidades, quando a situação exige, e diferenças exteriores muito grandes correspondem a diferenças interiores muito reduzidas.

Digressão número um: Ulrich recordava uma experiência parecida de seus tempos de soldado: o esquadrão cavalga em fila dupla, e treina-se “transmissão de ordem”; uma ordem pronunciada em voz baixa deve ser passada de homem a homem; se, na frente, se ordenar “o cabo marche à frente da coluna”, acaba-se transmitindo atrás: “ao cabo da marcha façam fila indiana”, ou coisa parecida. A história surge da mesma forma.

Resposta número três: se colocássemos uma geração de europeus contemporâneos, na mais tenra infância, no ano egípcio de 5.000 a.C, e se os deixássemos lá, a história mundial recomeçaria no ano 5.000, repetir-se-ia por algum tempo, e depois, por motivos que ninguém adivinha, começaria a desviar-se paulatinamente.

Digressão número dois: a lei da história universal — ocorreu-lhe — não é senão o princípio político do “ramerrão cotidiano” da velha Kakânia. A Kakânia era um país incrivelmente esperto.

Digressão número três, ou resposta número quatro? O caminho da História não é pois o de uma bola de bilhar que, uma vez tocada, segue determinado curso, mas assemelha-se ao trajeto das nuvens, ao caminho de alguém que vagabundeia pelas ruelas, distraíndo-se aqui com uma sombra, ali com um grupo de pessoas, ou o contorno diferente de uma fachada, por fim chegando a um ponto que não conhecia, nem queria atingir. No curso da história mundial há um certo “perder-se por aí”. O presente sempre parece a última casa de uma cidade, que de alguma forma não faz mais parte das edificações urbanas. Cada geração pergunta, espantada: quem sou, e quem eram meus antepassados? Deviam perguntar, onde estou, e presumir que seus antepassados não eram diferentes, apenas estavam em outro lugar; com isso já se lucraria alguma coisa, pensou Ulrich.

Fora ele próprio quem até ali dera número a suas perguntas e digressões, e para isso fitara ora um rosto que passava, ora uma vitrine de loja, para não deixar que os pensamentos lhe fugissem; mas agora, apesar disso, desviara-se um pouco, e teve de parar um momento para conferir onde estava e encontrar o caminho de casa. Antes de enveredar por ele, esforçou-se por ordenar ainda uma vez minuciosamente suas perguntas. Aquela maluquinha da Clarisse tinha razão: devia-se fazer a História, era preciso inventá-la, embora ele tivesse negado isso; sim, mas por que não o fazemos? Nesse momento nada lhe ocorreu como resposta senão o Diretor Fischel do Banco Lloyd, seu amigo Leo Fischel, com quem antigamente às vezes se sentava diante de um café no verão; pois este, se fosse interlocutor daquela conversa que, entretanto, era apenas um monólogo, teria respondido à sua maneira: “Suas preocupações na minha cabeça!” Ulrich agradeceu a resposta estimulante que o outro lhe teria dado. “Caro Fischel”, respondeu imediatamente, em pensamento, “não é tão simples assim. Digo História, mas quero dizer nossa vida, se é que se recorda. E desde o começo admiti que é muito escandaloso eu perguntar: por que o homem não faz História, isto é, por que ele só agarra a História ativamente como um animal quando está ferido, quando foge do fogo? Por que, em suma, o homem só faz História em emergências? E por que isso soa escandaloso? Por que objetamos a isso, embora seja como dizer que o ser humano não deveria deixar a vida humana acontecer, simplesmente, como acontece?”

“A gente sabe”, teria respondido o Doutor Fischel, “como isso acontece.

Devemos ficar contentes quando os políticos, os padres e os grandes homens que não têm nada a fazer, e todas as outras pessoas que correm por aí com suas idéias fixas, não estorvam a vida cotidiana. De resto, temos a nossa cultura. Se pelo menos hoje em dia não houvesse tanta gente sem cultura!” Naturalmente, o Diretor Fischel tem razão. Deve-se ficar bem contente por se compreender alguma coisa sobre empréstimos e valores, e por outras pessoas não fazerem História demais, afirmando que entendem dela. Por Deus, não se poderia viver sem idéias, mas o correto é certo equilíbrio entre elas, um *balance of power*, uma paz armada das idéias, onde não pode acontecer grande coisa de nenhum lado. Seu tranquilizante era a formação cultural. Esse é um sentimento básico da civilização. Mas também existe o sentimento oposto, cada vez mais vivo, de que o tempo da história heróico-política, feita pelo acaso e seus cavaleiros, está em parte superado, e tem de ser substituído por uma solução planejada, da qual participem todos os interessados.

Mas o Ano Ulrich terminou quando Ulrich chegou em casa.

AFIRMA-SE QUE TAMBÉM A VIDA COMUM É DE NATUREZA
UTÓPICA

Lá, ele encontrou o costumeiro monte de escritos que o Conde Leinsdorf sempre lhe mandava. Um industrial oferecera um prêmio invulgarmente elevado pela melhor façanha na educação militar da juventude civil. O arcebispado assumia posição quanto à sugestão de fundar-se um grande orfanato, e declarava que recusaria qualquer mistura de religiões. A comissão de Cultura e Instrução contava do sucesso da sugestão provisoriamente definitiva de construir-se um grande monumento ao Imperador-da-Paz-e- Povos-da-Áustria, perto da Residência; depois de um contato com o citado Ministério de Culto e Instrução, e de se interrogarem as mais importantes associações de artistas, engenheiros e arquitetos, tinham surgido tamanhas divergências, que a comissão se via obrigada a, sem prejuízo de eventuais exigências futuras, caso a comissão central permitisse, realizar um concurso para saber qual a melhor idéia quanto a um concurso relacionado ao eventual monumento. A Chancelaria da Corte devolvia à comissão central, depois de as examinar, as sugestões apresentadas para exame há três semanas, declarando não poder transmitir uma opinião do Soberano, mas considerar desejável deixar que, por enquanto, também nesses assuntos a opinião pública se formasse por si. O citado Ministério de Culto e Instrução declarava em tal e tal ofício, de número tal e tal, que não podia favorecer um pedido especial da Associação de Estenografia Öhl; a associação de saúde pública “Letras e Traços” anunciava sua formação e pedia verbas.

E a coisa continuava no mesmo estilo. Ulrich afastou aquele pacote de mundo real, e ficou algum tempo refletindo. De repente levantou-se, pediu chapéu e casaco, e anunciou que em uma hora ou hora e meia estaria outra vez em casa. Chamou um carro e voltou para junto de Clarisse.

Estava escuro, a casa lançava, apenas de uma janela, um pouco de luz na rua, as pegadas formavam buracos congelados em que se tropeçava, o portão estava fechado, e a visita era inesperada, de modo que por longo tempo ninguém atendeu aos chamados, palmas e batidas. Quando Ulrich finalmente entrou na sala, parecia não ser a mesma que deixara há pouco, mas um mundo estranho, pasmado, com a mesa posta para o convívio simples de duas pessoas, cadeiras nas quais alguma coisa se acomodara confortavelmente, e as paredes abriam-se com certa resistência ao intruso.

Clarisse vestia um roupão simples, de lã, e ria. Walter, que fora receber o visitante tardio, pestanejava, e enfiou numa gaveta da mesa a grande chave da casa. Ulrich disse, diretamente:

— Voltei porque fiquei devendo uma resposta a Clarisse.

Depois começou no meio, onde o diálogo deles fora interrompido por Walter. Passado algum tempo, a sala, a casa, a sensação do tempo, tinham sumido, e o diálogo pairava em algum lugar sobre o espaço azul, na rede das estrelas. Ulrich elaborava o programa de viver-se uma história de idéias em vez de uma história do mundo. Pressupunha que a diferença estaria menos nos acontecimentos do que no significado que lhes conferissem, na intenção que ligassem a eles, no sistema que abrangesse os acontecimentos isolados. O sistema agora vigente era o da realidade, e parecia uma peça de teatro ruim. Não era à toa que se dizia “teatro do mundo”, pois na vida sempre surgem os mesmos papéis, tramas e fabulações. A gente ama, porque e do modo que o amor existe; sentimos orgulho como os índios, os espanhóis, as virgens ou o leão; assassinamos até, em noventa por cento dos casos, apenas porque isso se considera trágico e grandioso. E principalmente as figuras políticas bem-sucedidas da realidade, com grandes exceções, têm muito em comum com os autores de sucessos de bilheteria: os vivazes acontecimentos que produzem nos entediam pela falta de espírito e novidade, mas exatamente por isso nos deixam naquele estado inerte e sonolento em que aceitamos qualquer mudança. Considerada sob esse aspecto, a História consta de rotina ideal e de ideal indiferença, e a realidade consta principalmente de não acontecer nada em favor das idéias. Segundo Ulrich, isso se podia resumir dizendo que pouco nos interessa o que acontece, interessa-nos demais a quem, onde e quando acontece, de modo que não é o espírito dos acontecimentos mas sua fabulação, não o

surgimento de novo conteúdo de vida mas a distribuição do já existente que importam, exatamente como na diferença entre peças de teatro boas, e outras apenas populares. Daí resultaria ser necessário fazer o contrário e renunciar primeiro à nossa avidez pessoal de experiências. Seria preciso encará-las menos do ponto de vista pessoal e real, e mais como algo geral e imaginado, com tanta isenção pessoal como se fossem pintadas ou cantadas. Não devemos querer relacionar essas experiências conosco mesmos, mas dirigi-las para fora, e para cima. E se isso valia individualmente, também deveria acontecer, coletivamente, alguma coisa que Ulrich não sabia descrever bem, mas que chamava de guardar, envelhecer e fermentar o licor espiritual, sem o qual o indivíduo naturalmente só pode sentir-se impotente e à mercê de seu próprio arbítrio. Enquanto falava assim, Ulrich lembrou o instante em que dissera a Diotima que era preciso eliminar a realidade.

Era natural que Walter declarasse aquela afirmação totalmente vulgar. Como se o mundo todo, a arte, a literatura, a ciência, a religião não estivessem de qualquer modo em “adegas e porões”! Como se alguma pessoa culta negasse o valor das idéias, ou não desse atenção a espírito, beleza e bondade! Como se toda a educação não fosse introduzir alunos no sistema do espírito!

Ulrich tentou esclarecer, dizendo que a educação é apenas introdução no momentaneamente presente e preponderante, nascido de disposições desordenadas, motivo por que, para adquirir vida espiritual, era preciso, antes de mais nada, convencer-se de não ter espírito nenhum! E chamou isso de posição totalmente aberta, experimentando e fazendo literatura numa escala moral grandiosa.

Walter disse que era tudo um absurdo.

— Você apresenta isso de maneira sedutora! — disse. — Como se pudéssemos optar entre viver idéias ou viver a vida! Mas, quem sabe, você conhece a citação: “Não sou um livro sutil, sou um ser humano com suas contradições”? Por que não vai mais adiante? Por que não pede de uma vez que, por amor às nossas idéias, eliminemos nossa barriga? Mas eu lhe respondo: “O ser humano é feito de coisas comuns!” O fato de estendermos o braço e o recolhermos sem saber para onde nos devemos dirigir, à direita ou à esquerda; o fato de consistirmos de hábitos, preconceitos e terra, e

mesmo assim caminharíamos segundo nossas forças, exatamente isso é que nos torna humanos! Portanto, basta medir o que você disse pela realidade, para ver que, no máximo, é mera literatura!

— Se você me permite incluir nisso todas as outras artes, as filosofias de vida, as religiões e assim por diante — concedeu Ulrich —, vou afirmar algo parecido: que nossa existência deveria constar unicamente de literatura!

— Ah, é? Você diz que a bondade do Salvador, ou a vida de Napoleão são literatura? — exclamou Walter. Mas então ocorreu-lhe coisa melhor, ele se voltou para o amigo, com a calma de quem tem um bom trunfo, e explicou: — Você pensa que os legumes em lata são o verdadeiro sentido dos legumes frescos!

— Tem toda a razão. Também poderia dizer que eu só quero cozinhar com sal — admitiu Ulrich calmamente. Não queria mais falar a respeito.

Mas Clarisse intrometeu-se, dirigindo-se a Walter.

— Não sei por que você o contraria! Você próprio, sempre que nos acontecia algo de especial, dizia: devíamos poder mostrar isso agora a todo mundo num palco, para que todos vissem e pudessem entender! Na verdade a gente devia cantar! — disse ela, virando-se para Ulrich. — A gente devia poder cantar-se a si mesmo!

Ela se levantara, colocando-se no pequeno círculo das cadeiras. Sua postura era uma representação desajeitada de seus desejos, como se quisesse dançar, e Ulrich, sensível às exposições cruas da alma, lembrou naquele instante que a maioria das pessoas, portanto, para ser claro, as pessoas comuns, cujo espírito fica excitado sem poder criar coisa alguma, nutrem esse desejo de poderem se exhibir. E é nessas pessoas que tão facilmente acontece algo “indizível”, elas são o corpo e o solo nebuloso sobre o qual aquilo que dizem aparece inconscientemente aumentado, de modo que nunca reconhecem seu verdadeiro valor. E para pôr um fim àquilo, ele disse:

— Eu não queria dizer isso; mas Clarisse tem razão: o teatro prova que as experiências pessoais intensas podem servir a um objetivo impessoal, a um contexto de significados e imagens, que as aparta parcialmente da pessoa.

— Compreendo Ulrich muito bem! — interveio Clarisse outra vez. — Não

consigo me lembrar de nada que me tenha dado alegria só por ter acontecido a mim pessoalmente; o importante era que acontecesse! Você também não quer “possuir” a música — continuou dirigindo-se ao marido —, basta que ela exista, essa é a felicidade. Atraímos os acontecimentos para nós e no mesmo gesto os espalhamos de novo, nós nos queremos, mas não como negociantes de nós mesmos!

Walter pôs as mãos nas têmporas; mas por amor a Clarisse começou uma nova objeção. Esforçava-se por fazer suas palavras brotarem como um jorro calmo e frio.

— Se você transfere apenas para as forças espirituais o valor de um comportamento — disse ele, dirigindo-se a Ulrich —, eu gostaria de lhe fazer uma pergunta: isso só seria possível numa vida que não tivesse outro objetivo senão produzir força e poder intelectual?

— É a vida que todos os Estados afirmam desejar! — respondeu o outro.

— Num Estado desses as pessoas viveriam, então, segundo grandes sentimentos e idéias, filosofias e romances? — prosseguiu Walter. — Pois continuo perguntando: viveriam de modo que *surgisse* grande filosofia e literatura, ou de modo que tudo o que vivessem, por assim dizer, *já fosse* filosofia e literatura em carne e osso? Não duvido do que você está dizendo, pois o primeiro caso seria o que hoje em dia entendemos por um Estado civilizado; mas como você se refere ao segundo caso, está esquecendo que filosofia e literatura seriam bastante supérfluas. Sem mencionar que não se pode imaginar que sua vida se norteie pela arte, ou como quer que você chame isto, pois neste caso teremos nada menos que o fim da arte! — Ele concluiu e, por consideração a Clarisse, jogou ostensivamente aquele trunfo. E teve efeito. Até Ulrich levou algum tempo para recuperar o controle. Mas depois riu, e perguntou:

— Mas você não sabe que toda a vida perfeita seria o fim da arte? Parece que você próprio está na iminência de acabar com a arte, devido a essa perfeição de sua vida!

Sua intenção não era perversa, mas Clarisse ficou atenta. Ulrich prosseguiu:

— Todo grande livro tem esse espírito, que prefere destinos individuais porque não se adaptam às formas que a sociedade pretende lhes impor. Isso leva a decisões impraticáveis, e acaba-se apenas reproduzindo as vidas

dessas pessoas. Retire das obras literárias o seu sentido, e terá, com exemplos isolados, uma negação, não completa mas evidente e interminável, de todas as regras, princípios e preceitos que fundamentam a sociedade amante dessa literatura! Um poema, com seu mistério, corta ao meio o sentido da vida, preso a mil palavras triviais, e transforma-o num balão que foge voando. Se, como é costume, chamarmos isso de beleza, a beleza seria uma mudança indizivelmente mais cruel e implacável do que qualquer revolução política!

Walter empalidecera até os lábios. Odiava aquela concepção da arte como negação da vida, como rejeição da vida. A seus olhos, isso era mera boêmia, restos de um antiquado desejo de escandalizar o “burguês”. Notava nisso a irônica evidência de que, num mundo perfeito, não haveria mais beleza porque ela se teria tornado supérflua; mas não escutou a pergunta tácita de seu amigo. Pois a parcialidade do que afirmava também estava clara para Ulrich. Ele teria podido igualmente dizer o contrário, que a arte era negação, pois a arte é amor; amando, ela embeleza, e talvez não haja no mundo outro modo de embelezar uma coisa ou pessoa senão amando-a. E só porque também nosso amor consta apenas de fragmentos, a beleza é uma espécie de intensificação e contraste. E existe apenas o mar do amor, no qual a concepção de perfeição, incapaz de intensificar-se mais, e uma beleza fundamentada em intensificação, se tornam uma coisa só! Mais uma vez o pensamento de Ulrich tocara aquele “reino”, e ele parou, contrariado. Walter também se controlara, e após declarar trivial, e depois absurda, a insinuação do amigo, de que se devia viver mais ou menos como se lê, passou a designá-la pecaminosa e vulgar.

— Se uma pessoa — começou na mesma maneira artificialmente contida de antes — tomasse sua sugestão como base de sua vida, deveria, sem falar em outras absurdidades, aprovar tudo aquilo que lhe desperta alguma idéia bela; tudo aquilo que traz em si a possibilidade de ser considerado beleza. Naturalmente, isso significaria a decadência geral, mas como isso lhe é indiferente — ou talvez você pense naquelas disposições gerais e incertas das quais não disse nada de conclusivo — quero unicamente que me informe sobre as consequências pessoais disso. Acho que não pode haver outro resultado senão que uma pessoa dessas, em todos os casos em que não

for exatamente autora da obra de sua própria vida, estaria em situação pior que a de um animal; se não lhe ocorresse nenhuma idéia, não teria nenhuma decisão, grande parte de sua vida estaria entregue aos instintos, caprichos, paixões comuns de todo mundo. Em suma, estaria entregue ao absolutamente impessoal que constitui um ser humano; e, enquanto perdurasse a obstrução das suas funções superiores, teria de permitir que lhe acontecesse apenas o que lhe viesse à cabeça!

— E teria de se esquivar de fazer qualquer coisa! — respondeu Clarisse em lugar de Ulrich. — Essa é a passividade ativa da qual temos de ser capazes em determinadas circunstâncias!

Walter não teve coragem de encará-la. A capacidade de esquivar-se das coisas desempenhava um papel importante entre eles; Clarisse, de camisola comprida cobrindo-lhe os pés, postada sobre a cama, declamando, com dentes brilhantes, citações livres de Nietzsche. “Lanço minha indagação em sua alma como uma sonda! Você deseja um filho, e casamento, mas eu lhe pergunto: você é pessoa que possa desejar um filho? É o vencedor, que comanda suas virtudes? Ou o que fala em você é o animal, e a necessidade?” Na penumbra do quarto, aquela fora uma visão sinistra, enquanto Walter tentava em vão chamá-la de volta ao colchão. Agora ela teria mais uma citação para o futuro; passividade ativa, da qual se deveria ser capaz eventualmente, era bem a frase de um homem sem qualidades. Será que ela se abria com ele? Quem sabe Ulrich reforçava as singularidades dela? Essas perguntas retorciam-se como vermes no peito de Walter, e ele quase sentiu náuseas. Estava pálido, macilento, e toda a tensão deixou seu rosto, que se cobriu de rugas.

Ulrich percebeu isso, e perguntou, compassivo, se estava se sentindo mal.

Walter negou, com esforço, e, sorrindo, disse rudemente que agora queria acabar com toda aquela maluquice.

— Meu Deus do Céu — concedeu Ulrich, generoso —, você não deixa de ter razão. Mas muitas vezes temos, por espírito esportivo, tolerância com atos que nos fazem mal, só porque o adversário os executa de maneira elegante; o valor da execução concorre então com o valor do prejuízo. Muitas vezes também temos uma idéia segundo a qual continuamos agindo por algum tempo, mas, em breve, hábito, inércia, vantagem, influências,

ocupam seu lugar, porque não há outro jeito. Portanto, talvez eu tenha descrito um estado em que não se pode executar nada até o fim, mas é preciso admitir que é o estado atual em que vivemos.

Walter acalmara-se de novo.

— Se falsearmos a verdade, poderemos dizer algo que será ao mesmo tempo verdadeiro e falso — opinou brandamente, sem esconder que não queria continuar aquela discussão. — É bem próprio de você, afirmar que uma coisa é impossível mas verdadeira.

Mas CJarisse esfregava o nariz energicamente.

— Eu acho isso importante — disse ela — que em todos nós haja uma impossibilidade. Isso explica tanta coisa. Enquanto ouvia vocês dois, tive a impressão de que, se nos pudessem abrir ao meio, talvez nossa vida toda parecesse um anel, apenas algo que circunda alguma coisa. — Ela havia tirado sua aliança de casamento um pouco antes, e espiou, pela abertura, a parede iluminada. — Quero dizer, no meio não há nada, mas o anel dá a impressão de que só isso é que lhe interessa. Ulrich também não consegue explicar isso direito!

E assim, a discussão infelizmente terminou com sofrimento para Walter.

ESFORÇO DO GENERAL STUMM PARA COLOCAR ORDEM NO
ESPÍRITO CIVIL

Ulrich devia ter estado ausente mais ou menos uma hora além do que dissera ao sair de casa, e quando chegou anunciaram-lhe que havia um oficial esperando há bastante tempo. Para sua surpresa, lá em cima encontrou o General Stumm, que o cumprimentou com antiga camaradagem.

— Querido amigo! — exclamou —, desculpe que eu o visite tão tarde, mas não consegui sair antes do serviço, e já estou há mais de duas horas aqui entre os seus livros, uma coleção respeitável!

Depois de uma troca de cortesias, ficou claro que Stumm viera com um assunto urgente. Cruzara vigorosamente uma perna sobre a outra, o que ele fazia com certa dificuldade devido à pouca estatura, estendeu o braço com a mão pequena e explicou:

Urgente? Quando meus chefes de seção me trazem um ofício urgente eu costumo dizer: nada é urgente no mundo senão o caminho da latrina. Mas, falando sério, o que me traz aqui é especialmente importante. Eu já lhe disse que considero a casa de sua prima uma oportunidade especial para aprender as mais importantes questões civis do mundo. Afinal, não é assunto de minha profissão, e posso assegurar que me impressiona enormemente. Mas por outro lado, nós, militares, embora tenhamos nossas fraquezas, não somos tão burros quanto se acredita. Espero que você admita que quando fazemos uma coisa a fazemos de maneira eficiente e ordenada. Então, admite isso? Era o que eu esperava, e posso falar abertamente, confessando que tenho apesar disso vergonha de nosso espírito militar. Vergonha, eu disse! Hoje sou, ao lado do capelão-mor, o homem que, no exército, mais lida com o espírito. Mas posso lhe afirmar que, quando se examina detidamente o nosso espírito militar, por melhor que seja, ele parece um relatório matinal. Espero que você ainda se lembre do que é um relatório matinal! Pois, não é verdade, o oficial de serviço anota quantos homens e cavalos estão presentes, quantos homens e cavalos ausentes, se estão doentes ou coisa assim, e se o fulano Leitomischl ficou fora além do tempo

permitido, etc. Mas por que esses homens e cavalos estão doentes, isso ele não anota. E é exatamente isso que se precisaria saber quando se trata com os civis. A fala do soldado é breve, simples e objetiva, mas muitas vezes preciso falar com senhores dos ministérios civis, e eles sempre perguntam por que faço certas sugestões, e apelam para considerações e relações de ordem mais elevada. Portanto — você vai me dar sua palavra de honra de que o que eu disser agora ficará só entre nós! — sugeri, ou melhor, disse ao meu chefe, sua excelência Frost, que lhe quero fazer uma surpresa aprendendo, com essa oportunidade de frequentar a casa de sua prima, essas considerações e relações de natureza mais elevada. E, se posso dizer sem pecar contra a modéstia, quero introduzi-las no espírito militar. Afinal, temos no exército médicos, veterinários, farmacêuticos, padres, auditores, intendentos, engenheiros e maestros: mas falta um posto central para o espírito civil.

Só agora Ulrich notou que Stumm von Bordwehr trouxera uma pasta, que estava encostada ao pé da escrivaninha e era uma daquelas grandes bolsas de couro, presas ao ombro por uma tira reforçada, que servem para carregar documentos nos amplos edifícios dos ministérios e na rua, levando-os de uma repartição a outra. Visivelmente, o general viera com um ordenança que esperava lá embaixo, mas que Ulrich não percebera, pois Stumm colocou com esforço a pesada bolsa nos joelhos, e abriu a pequena fechadura de aço, de aparência incrivelmente técnica e militar.

— Não estive ocioso desde que comecei a frequentar as suas reuniões — sorriu, e quando se curvou seu casaco azul-claro repuxou os botões dourados. — Mas, entende, há coisas com as quais não sei lidar. — Ele tirou da pasta uma porção de papéis soltos, cobertos de desenhos e traços estranhos. — Sua prima — disse ele —, falei uma vez insistentemente a respeito disso com sua prima, ela pretende mandar erguer um monumento espiritual ao nosso soberano, manifestando uma idéia, a mais elevada entre todas as idéias atuais; mas, por mais que admire toda essa gente que ela convidou, notei que isso vai causar um monte de dificuldades. Se um diz uma coisa, o outro afirma o contrário — você também não notou? — mas o que me parece muito pior é que o espírito civil lembra aquilo que, entre cavalos, se chama de cavalo de má comida. Você ainda se lembra? Pode-se

dar razão dupla a um animal desses, que mesmo assim ele não engorda! Ou, digamos — corrigiu-se diante de breve objeção do dono da casa —, por mim você pode dizer que ele engorda dia a dia, mas seus ossos não crescem e o pêlo não brilha; ele só fica barrigudo. Portanto, isso me interessa, você sabe, e tomei o propósito de cuidar dessa questão: por que não se consegue colocar ordem entre os civis?

Stumm passou a primeira das folhas ao seu ex-tenente, sorrindo:

— Podem dizer o que quiserem — disse —, mas nós, militares, entendemos de ordem. Essa é a lista que eu consegui das principais idéias dos participantes das reuniões na casa de sua prima. Como você vê, se indagarmos a cada um individualmente, obteremos respostas diferentes.

Ulrich contemplou o papel, espantado. Ele fora dividido em campos por linhas cruzadas, como um boletim militar, e as anotações eram feitas em palavras muito disparatadas na situação: lia-se, numa bela caligrafia burocrática, os nomes de Jesus Cristo; Buda, Gautama ou Sidarta; Laotsé; Lutero, Martinho; Goethe, Wolfgang; Ganghofer, Ludwig; Chamberlain e muitos outros, continuando em outra folha; depois, numa segunda coluna, as palavras cristianismo, imperialismo, século das comunicações e assim por diante, às quais se anexavam outras colunas de palavras em outras séries.

— Eu poderia chamar isso de cadastro da cultura moderna — explicou Stumm —, pois nós o ampliamos e agora ele contém os nomes das idéias e de seus produtores, que nos influenciaram nos últimos vinte e cinco anos. Eu não tinha idéia do trabalho que isso dá!

Como Ulrich quisesse saber como ele conseguira aquele cadastro, Stumm explicou com prazer o seu processo.

— Precisei de um capitão, dois tenentes e cinco suboficiais, para aprontar tudo em tão pouco tempo! Se pudéssemos ser bem modernos, teríamos feito a todos os regimentos a pergunta: “A quem você considera o maior dos homens?”, como fazem essas enquetes hoje em dia nos jornais, e coisas assim; você sabe, com o objetivo de anunciar o resultado em percentuais; mas isso não funciona no exército, porque, na turalmente, ninguém da tropa poderia dar outro nome senão o de Sua Majestade. Então, pensei em mandar pesquisar quais os livros mais lidos, e com maiores tiragens, mas logo se viu que são, além da Bíblia, os almanaques dos correios com suas tarifas e

suas velhas piadas, que cada morador recebe do carteiro em troca de uma gorjeta, o que chamou nossa atenção, mais uma vez, para o fato de como é complicado o espírito civil; pois de modo geral são tidos como melhores os livros que servem para qualquer leitor, ou, segundo me disseram, na Alemanha um escritor deve ter muitos leitores para ser considerado excepcional. Portanto, também não podemos seguir esse caminho, e de momento não posso lhe dizer o que acabamos fazendo, foi uma idéia do cabo Hirsch, junto com o tenente Melichar, mas conseguimos.

O General Stumm largou a folha e pegou outra, e sua cara anunciava grandes desilusões. Depois de concluído o registro do repositório de idéias da Europa Central, ele descobrira, para seu espanto, que não só havia contradições, como essas contradições, bem examinadas, começavam a transformar-se em concordâncias.

— Já me acostumei que as pessoas famosas em casa de sua prima, sempre que lhes peço informações, digam cada uma algo diferente, mas o que não consigo entender é que, quando falo mais longamente com elas, tenho apesar de tudo a impressão de que todas dizem a mesma coisa; vai ver que minha inteligência de militar não dá para isso!

O que assustava tanto o cérebro do General Stumm não era nenhuma bagatela, e na verdade não deveria ser proposto apenas ao Ministério da Guerra, embora se notasse que também se ligava intimamente com a guerra. A era contemporânea foi presenteada com uma porção de grandes idéias, e, para cada idéia, por especial gentileza do destino, recebeu também uma contra-idéia, de modo que individualismo e coletivismo, nacionalismo e internacionalismo, socialismo e capitalismo, imperialismo e pacifismo, racionalismo e superstição convivem muito bem dentro dela, juntando-se a eles ainda os restos não consumidos de incontáveis outros contrários, de maior ou menor valor atual. Isso parece tão natural quanto dia e noite, frio e calor, amor e ódio, e a cada músculo extensor no corpo humano corresponde o contrário músculo retrator; o General Stumm jamais teria tido a idéia de ver nisso nada de estranho, se através do seu amor por Diotima não tivesse sido jogado naquela aventura. Pois o amor não se contenta com o fato de que a unidade da natureza repousa em contrários, mas, no seu desejo de ternura, pretende produzir uma unidade sem contrários, unidade essa que o general tentara de todos os modos conseguir.

— Aqui, disse ele, apontando para as folhas correspondentes —, mandei anexar uma lista de comandantes de idéias, isto é, todos os nomes que, por assim dizer, nos últimos tempos levaram grandes exércitos de idéias até a vitória. Temos aqui uma ordem de batalha; aqui, um plano de marcha; ali, uma tentativa de localizar depósitos e armamentos dos quais vêm os reforços de idéias. Mas você notará — e mandei destacar isso muito bem nos desenhos —, contemplando os grupos de idéias que estão combatendo atualmente, que seu reforço de combatentes e material de idéias não vem apenas do seu próprio depósito, mas do de seus adversários; vê-se que os grupos modificam a toda hora o seu *front*, e de repente, sem motivo, lutam com o *front* errado contra sua própria retaguarda. Por outro lado, note que as idéias passam para o lado oposto o tempo todo, vão e voltam, de modo que ora as vemos numa linha de combate, ora noutra. Em suma, não se consegue fazer nem um plano correto de retaguarda, nem uma linha de demarcação, nem coisa alguma, e tudo isso, com todo o respeito — coisa em que não posso acreditar! — é aquilo que entre nós qualquer oficial superior chamaria de grandessíssima porcaria!

Stumm passou algumas dúzias de folhas para as mãos de Ulrich. Estavam cobertas de planos de marcha, linhas demarcatórias, redes de estradas, esboços de dispositivos, sinais de tropas, locais de comando, círculos, quadrados, espaços marcados com traços; como num verdadeiro trabalho de estado-maior, corriam por ali linhas vermelhas, verdes, amarelas, azuis, e bandeirinhas dos mais diversos tipos e significados, que um ano depois se tornariam tão populares, estavam pintadas por toda parte.

— Tudo isso não adianta nada! — suspirou Stumm. — Modifiquei a forma de representação, e tentei colocar tudo de modo geográfico-militar em vez de estratégico, esperando obter pelo menos um espaço de operações firmado, mas também não adiantou. Aqui estão as tentativas de representação oro-hidrográficas!

Ulrich viu cumes de montanhas dos quais saíam ramificações que voltavam a engrossar em outros pontos, fontes, redes fluviais e lagos.

— Fiz as mais variadas tentativas — disse o general com seus olhos animados brilhando de irritação ou pânico — de dar uma unidade a tudo isso. Mas, você sabe como é! Como quando a gente viaja em terceira classe

na Galícia e pega piolhos! E a sensação mais suja de impotência que conheço! Quando a gente fica tempo demais no meio de idéias, o corpo todo comicha, e a gente não pára quieto enquanto não cocar até sair sangue!

O mais jovem dos dois riu dessa imagem forte. Mas o general pediu:

— Não, não ria! Pensei: você se tornou um excelente civil; na sua posição de agora, vai compreender a coisa toda, mas também vai me compreender. Vim à sua procura para que me ajude. Tenho respeito demais por tudo o que é do espírito, para julgar que tenho razão!

— Você está levando as idéias demasiadamente a sério, tenente-coronel — consolou Ulrich. Dissera tenente-coronel sem querer, e desculpou-se: — Você me de volveu tão agradavelmente ao passado, General Stumm, quando no cassino por vezes me mandava filosofar num canto. Mas repito: não deve levar as idéias tão a sério!

— Não levar a sério! — gemeu Stumm. — Mas não posso mais viver sem uma ordem mais elevada em minha cabeça. Você não entende? Tenho calafrios, lembrando quanto tempo passei sem isso no campo de treinamento e na caserna, entre piadas de oficiais e histórias de mulheres!

Sentaram-se à mesa; Ulrich ficara comovido com as idéias infantis que o general apresentava com ânimo viril, e a intocada jovialidade causada pela estada em pequenas guarnições. Ele convidara o camarada de outros tempos para jantar, e o general estava tão dominado pelo desejo de participar dos segredos do outro, que pegava com o garfo cada rodelinha de salame.

— Sua prima — disse, erguendo o copo de vinho — é a mulher mais extraordinária que conheço. Dizem com razão que é uma segunda Diotima, nunca vi uma coisa dessas. Minha mulher, você não a conhece, não posso me queixar dela, e também temos filhos: mas uma mulher como Diotima é coisa muito diferente. Às vezes, nas recepções, fico parado atrás dela: aquele corpo feminino imponente e grande! E fala coisas tão cultas com algum civil importante, que eu gostaria de tomar nota de tudo! E o subsecretário, com quem está casada, absolutamente não sabe a mulher que tem! Desculpe se você simpatiza muito com esse Tuzzi, mas não o suporte! Ele fica se esgueirando por ali, sorrindo, como se soubesse segredos importantes e não os quisesse revelar. Ele que não me venha com histórias, pois apesar de todo o meu respeito pelos civis, os funcionários públicos têm

o lugar mais baixo nesse meio; não passam de uma espécie de militares civis, que em todas as oportunidades brigam conosco para se afirmar, e usam de uma cortesia tão insolente quanto um gato trepado numa árvore e espiando para um cachorro. O Dr. Arnheim é de outro calibre. — Stumm continuava tagarelado: — Talvez ele seja meio convencido, mas é preciso reconhecer sua superioridade. — Obviamente ele bebera depressa, depois de tanto falar, e agora sentia-se confortável, empregando um tom familiar. — Não sei o que possa ser — prosseguiu —, provavelmente não compreendo por que hoje até eu mesmo já tenho uma mente tão complicada, mas embora admire a sua prima — confesso que ela me faz sentir engasgado! Sinto certo alívio ao ver que está apaixonada por Arnheim!

— O quê? Tem certeza de que eles estão tendo um caso? — Ulrich perguntara isso com certa veemência, embora não devesse lhe interessar; Stumm o encarava fixamente, desconfiado, com seus olhos míopes ainda enevoados pela excitação, e colocou o pincenê.

— Eu não disse que ele foi para a cama com ela — retrucou numa linguagem franca de oficial, tirou o pincenê e depois acrescentou, em tom nada militar: — Mas eu não faria nenhuma objeção a isso; que diabo, eu já lhe disse que não sou um maricás, mas quando imagino a ternura que Diotima pode dar a esse homem, também me entorneço por ele, e por outro lado parece que quando ele beija Diotima sou eu que a estou beijando.

— Mas ele a beija?

— Não sei, eu não fico espionando os dois. Só imagino. Eu mesmo não me entendo mais. Aliás, uma vez vi Arnheim segurando a mão dela quando achavam que ninguém estava olhando, e ficaram tão quietinhos por um momento como quando alguém dá o comando: “Ajoelhar-se para rezar! Tirar o *shakol*” E aí ela lhe pediu alguma coisa baixinho, e ele respondeu, e eu escutei tudo palavra por palavra, porque é difícil de compreender, ela disse: “Ah, se ao menos a gente encontrasse a idéia salvadora!”, e ele respondeu: “Só um puro e intacto pensamento de amor poderia nos trazer salvação!” Obviamente levou isso para o terreno pessoal, porque ela tinha perguntado sobre uma idéia para o seu grande empreendimento. Por que está rindo? Fique à vontade, eu sempre tive minhas esquisitices, e agora meti na cabeça que vou ajudar Diotima! Não há de ser impossível; há tantas idéias, uma delas tem de ser a idéia salvadora! Basta que você me dê uma

mãozinha.

— Meu caro general — repetiu Ulrich —, só posso lhe repetir que anda levando demasiadamente a sério as idéias. Mas, já que dá valor a isso, posso tentar explicar como pensa um civil. — Agora estavam fumando charutos, e Ulrich começou: — Primeiro, você está num caminho errado, general; o intelecto não está restrito aos civis e o físico aos militares, como você pensa, mas é exatamente o contrário! Pois espírito é ordem, e onde há mais ordem do que entre os militares? Lá, todos os colarinhos têm quatro centímetros de altura, o número de botões é determinado com precisão, e até nas noites mais agitadas por sonhos as camas ficam retinhas junto às paredes! A colocação de um esquadrão numa linha, a formação de um regimento, a posição exata da fivela de uma testeira de cavalo, são bens intelectuais de grande significação, ou não existem bens intelectuais!

— Vá enganar a sua avó! — resmungou o general, cautelosamente, sem saber se devia acreditar em seus ouvidos ou se era o vinho.

— Você está-se precipitando — teimou Ulrich. — Ciência só é possível quando os fatos se repetem ou se deixam controlar, e onde haveria mais repetição e controle do que entre os militares? Um dado não seria um dado, se às nove horas não continuasse tão quadrado quanto foi às sete. A lei das órbitas dos planetas é uma espécie de instrução de tiro. E não podemos tirar nenhuma conclusão, ou fazer julgamento sobre coisa alguma, se tudo passa diante de nós apenas uma vez, rapidamente. O que deve ter valor e nome, tem de se repetir, tem de existir em muitos exemplares. Se você nunca tivesse visto a lua, pensaria que é uma lanterna de bolso; aliás, a grande confusão que Deus causa à ciência está em ele só ter sido visto uma vez, na hora da criação do mundo, antes de haver observadores treinados.

É preciso nos colocarmos na posição de Stumm von Bordwehr; desde a escola de cadetes, tudo sempre lhe fora prescrito, desde o formato do quéri até a licença de casamento, e ele tinha pouca inclinação para abrir sua mente àquele tipo de explicações.

— Meu caro amigo — respondeu, com astúcia —, pode ser, mas tudo isso não me interessa; você faz umas piadas bastante boas, dizendo que nós militares inventamos a ciência, mas não falo da ciência, e sim, como diz a sua prima, da alma; e quando ela fala em alma tenho vontade de ficar

pelado, tão mal me sinto no meu uniforme!

— Meu caro Stumm — prosseguiu Ulrich, imperturbável —, muitas pessoas acusam a ciência de não ter alma, de ser mecânica, e de tornar assim tudo aquilo que toca; mas, singularmente, não percebem que nos assuntos da alma existe muito mais regularidade que nos da razão! Pois quando é que um sentimento é natural e simples? Quando seu surgimento é automático em todas as pessoas, na mesma situação! Como se poderia pedir virtude a todas as pessoas, se uma ação virtuosa não pudesse ser repetida indefinidamente? Eu poderia lhe dar muitos exemplos assim, e se você foge dessa regularidade monótona para as profundezas mais escuras do ser, onde moram as emoções mais incontroladas, a úmida profundidade da criatura, que nos protege de nos evaporarmos ao fogo da razão, o que você encontra? Excitações e reflexos, a trilha dos hábitos e habilidades, repetição, fixação, rotina, série, monotonia! Isso é o uniforme, a caserna, o regulamento, caro Stumm! E nisso a alma civil tem um estranho parentesco com os militares. Poder-se-ia dizer que ela se agarra a esse modelo que não atinge inteiramente. E quando isso não é possível, ela é como uma criança que se deixou sozinha. Pegue, por exemplo, a beleza de uma mulher: o que nos surpreende como beleza, e nos arrebatá, aquilo que pensamos estar vendo pela primeira vez na vida, já conhecíamos há muito, e sempre que a procuramos havia sempre um brilho antecipado dela diante de nossos olhos; apenas agora aparece forte, em pleno dia; em contrapartida, se se trata realmente de amor à primeira vista, de beleza que nunca se notara antes, não sabemos o que fazer com ela; pois se nada semelhante aconteceu antes, não sabemos que nome lhe dar, não temos emoção alguma em resposta, ficamos totalmente perturbados, ofuscados, cegos de espanto, embotados como idiotas, algo que dificilmente se pode chamar de felicidade...

Aqui, o general interrompeu vivamente o amigo. Até então o escutara com aquele controle que se adquire no campo de treinamento ouvindo censuras e instruções de um superior, que poderiam ser eventualmente repetidas, mas não assimiladas de todo, caso contrário se teria vontade de fugir para casa montando um porco espinho. Mas agora Ulrich o atingira, e ele exclamou, veemente:

— Verdade seja dita, você está descrevendo isso com a maior perfeição!

Quando mergulho na admiração que sinto pela sua prima, tudo se dissolve dentro de mim. E quando me controlo severamente, para ter aquela idéia com que a poderia ajudar, também sinto um vazio desagradável; acho que não se pode dizer que seja uma sensação de imbecilidade, mas é algo bem parecido. Então, se cheguei a entender, você acha que nós, militares, pensamos bastante bem; que a inteligência civil... bem, que sejamos o modelo que ela deveria seguir, não posso aceitar, não passa de piada sua! Mas às vezes também penso que temos o mesmo tipo de inteligência; então você acha que tudo o que ultrapassa isso, portanto, essas coisas que nós soldados julgamos tão extremamente civis, como alma, virtude, afeto, coração — coisas com que esse Arnheim sabe lidar com uma incrível naturalidade — você acha que isso é espírito. Sim, você disse que isso é que são aquelas considerações de natureza superior, mas também disse que elas nos deixam completamente idiotas. Tudo está correto, mas o espírito civil é superior, não vá me negar isso, e agora eu lhe pergunto: como pode ser?

— Primeiro, antes eu disse algo que você esqueceu: que o espírito mora entre os militares; segundo, digo agora: e o físico entre os civis...

Mas isso é absurdo — disse Stumm, desconfiado. A superioridade física do militar era um dogma, assim como a certeza de que o oficial tinha posição logo junto ao trono; e embora Stumm não se julgasse atleta, sentia, logo agora que isso era questionado, que a barriga do civil devia ser um pouco mais mole do que a sua.

— Não é nem mais nem menos absurdo do que todo o resto — defendeu-se Ulrich.

— Mas você tem de me deixar falar. Olhe, há talvez uns cem anos, as cabeças pensantes entre os civis alemães achavam que o burguês que pensa escreve as leis do mundo sentado na sua escrivaninha, tirando-as de sua cabeça, assim como se podem demonstrar teoremas de trigonometria; e o pensador era naquele tempo um homem de calça nanquim, cabelo jogado para trás, não conhecendo o lampião a óleo, muito menos eletricidade ou fonógrafo. Mas acabou-se redondamente essa nossa petulância. Nesses cem anos, aprendemos a conhecer muito melhor a nós mesmos, à natureza, e a todas as coisas, mas o resultado foi que tudo o que se ganha em ordem no detalhe, se perde no todo, de modo que temos sempre mais ordem e menos

ordem.

— Isso concorda com minhas análises — confirmou Stumm.

— Mas não temos tanto interesse quanto você em procurar uma síntese. Os esforços passados nos levaram a uma regressão. Imagine o que acontece hoje em dia: quando um homem importante coloca uma idéia no mundo, ela é imediatamente submetida a um processo de distribuição que consta de simpatia e repulsa; primeiro, os admiradores arrancam grandes nacos que mais lhes agradam, e devoram o seu mestre como raposas devoram carniça; depois, os adversários eliminam os pontos fracos, e, em breve, de toda a façanha nada sobra senão uma provisão de aforismos, dos quais amigos e inimigos se servem. O resultado é uma ambiguidade generalizada. Não existe um sim no qual não se possa pendurar um não. Você pode fazer o que quiser, sempre encontrará vinte das mais belas idéias a favor e, se procurar, vinte contra. Seria de acreditar que é como no amor, no ódio e na fome: o gosto tem de ser diferente, para todos terem sua parcela!

— Excelente! — exclamou Stumm, novamente conquistado. — Eu próprio já disse coisa semelhante a Diotima! Mas você não acha que nessa desordem se deveria ver a justificação dos militares? Eu próprio me envergonho de acreditar nisso!

— Eu lhe aconselharia — disse Ulrich — a dizer a Diotima que Deus, por motivos ainda desconhecidos, parece estar introduzindo uma era da cultura física; pois a única coisa que dá certa segurança ao intelecto é o corpo, ao qual ele pertence, e assim você, como oficial, teria certa vantagem.

O pequeno e gorducho general recuou num sobressalto.

— No que diz respeito à cultura física não sou mais bonito do que um pêssigo descascado — disse depois de algum tempo, com certa amargura.

— E devo dizer — acrescentou — que só penso em Diotima de maneira muito decente, e só assim desejaria aparecer diante dela.

— Pena — disse Ulrich —, a sua intenção seria digna de um Napoleão, mas você não está num século apropriado!

O general aceitou a troça com a dignidade advinda da idéia de estar sofrendo pela dama do seu coração, e disse depois de refletir um pouco:

— De qualquer modo, agradeço os seus conselhos interessantes.

O COMERCIANTE-REIE A FUSÃO DE INTERESSES ALMA-NEGÓCIOS.
E MAIS: TODOS OS CAMINHOS PARA O ESPÍRITO PARTEM DA ALMA,
MAS NENHUM CONDUZ DE VOLTA A ELA

Nessa época, em que o amor do general recuava diante de sua admiração por Diotima e Arnheim, este há muito deveria ter decidido não retornar. Em vez disso, organizou uma estadia mais demorada; mantinha permanentemente os aposentos que ocupava no hotel, e sua vida movimentada pareceu acalmar-se.

O mundo estava sendo abalado por uma série de acontecimentos, e quem, pelo fim do ano de mil novecentos e treze, estivesse bem informado, teria a imagem de um vulcão em ebulição, embora a pacífica atividade por toda parte sugerisse que não haveria novas erupções. Mas essa idéia não era igualmente forte em todos. As janelas do belo palácio antigo na praça Ballhaus, onde trabalhava o subsecretário Tuzzi, muitas vezes jogavam claridade sobre as árvores nuas do jardim fronteiro tarde da noite, e os homens mais esclarecidos que vagavam por ali àquela hora sentiam calafrios. Pois assim como São José habita no vulgar carpinteiro José, o nome “praça Ballhaus” repassava aquele palácio com o segredo de meia dúzia de cozinhas misteriosas onde, atrás de janelas veladas, se preparava o destino da humanidade. O Dr. Arnheim estava bastante bem informado desses acontecimentos. Recebia telegramas cifrados, e de tempos em tempos a visita de algum de seus funcionários, vindo da matriz com informações pessoais; as janelas de frente do seu apartamento no hotel também ficavam muitas vezes iluminadas, e um observador imaginoso poderia ter a impressão de que ali havia um contragoverno, um posto de luta moderno e apócrifo da diplomacia financeira.

De resto, Arnheim jamais deixava de propiciar essa impressão; pois sem a sugestão do exterior, o ser humano é apenas um fruto doce e aguçado, sem

casca. Já na hora do café da manhã, que por isso mesmo não tomava sozinho, mas no restaurante público do hotel, ele, com a autoridade governamental de um patrão experiente, e a postura cortes e discreta de um homem que se sabe observado, dava as ordens do dia ao seu secretário, que anotava tudo em estenografia. Nenhuma delas bastava para alegrar Arnheim, mas na medida em que se distribuíam em camadas na sua mente, e eram restringidas pelas delícias da refeição matinal, acabavam-se elevando. Provavelmente o talento humano — essa era uma das idéias preferidas de Arnheim — precisa de certas limitações para se desenvolver; todo aquele que conhece a vida sabe que a faixa fecunda entre pensamentos livres e eufóricos, e pensamentos temerosos e esquivos, é extraordinariamente estreita. Mas, além disso, estava convencido de que é muito importante *quem* tem os pensamentos; pois sabe-se que pensamentos novos e importantes raramente têm um único pensador, e, por outro lado, o cérebro de um homem habituado a pensar produz o tempo todo pensamentos de valores diversos; por isso, as idéias precisam receber de fora o acabamento, a forma eficiente, provinda não apenas do pensamento, mas de todas as circunstâncias de vida da pessoa. Uma pergunta do secretário, um olhar para a mesa ao lado, o cumprimento de alguém que chegava, qualquer coisa desse tipo fazia Arnheim lembrar-se na hora exata da necessidade de dar uma boa impressão; e essa unidade exterior contagiava imediatamente seu pensamento. Ele fixara essa experiência de vida na convicção de que o homem que pensa tem de ser sempre, simultaneamente, homem de ação.

Mas apesar dessa convicção, não dava grande importância a sua atividade momentânea; embora ela perseguisse um objetivo que poderia lhe dar excelentes lucros, receava que sua estada ali fosse uma perda de tempo irrecuperável. Repetidamente lembrava a velha sabedoria do *divide et impera*: ela vale para toda a relação com pessoas e coisas, e causa certa desvalorização de todas as relações particulares em benefício das gerais, pois o segredo do espírito para se agir com sucesso é o mesmo de um homem amado por muitas mulheres sem preferir nenhuma em especial. Mas isso não adiantava: sua memória lhe fazia exigências que o mundo faz a um homem nascido para grandes atividades; ainda assim, interrogando repetidamente seu interior, não podia furtar-se à evidência de estar amando.

Era uma coisa estranha, pois um coração de cinquenta anos é um músculo duro, que não consegue mais esticar-se com a facilidade de um músculo de vinte anos, na fase do florescimento do amor, e isso lhe causava grandes aborrecimentos.

Primeiro, constatou preocupado que seus amplos interesses mundiais murchavam como uma flor sem raiz, e que insignificantes acontecimentos cotidianos, como um pardal na janela ou o sorriso amigável de um garçom, floresciaam. Percebeu que seus conceitos morais, que normalmente representavam um grande sistema de razão ao qual nada escapava, se tornavam mais fechados, mas mais corpulentos. Podia-se chamar isso de devoção, mas era uma palavra com sentido muito mais amplo, e diferente, pois sem ela nada fazemos; devoção a um dever, a um superior ou líder, à própria vida, em sua riqueza e variedade, entendida como virtude viril, fora para ele a imagem de uma postura altiva que, apesar de toda a abertura, tinha mais contenção do que esbanjamento. O mesmo se podia dizer da fidelidade que nos limita a uma só mulher, e que tem um ressaibo de mesquinhez; do cavalheirismo e da mansidão, do altruísmo e da ternura, tudo virtudes ligadas a uma mulher, mas que com isso perdem seu maior valor, de modo que é difícil dizer se também a experiência do amor corre só para ela, como água jorra para o local mais profundo e habitualmente de difícil acesso, ou se a experiência do amor da mulher é o ponto vulcânico que, com seu calor, dá vida a tudo que vive na superfície. Por isso, um alto grau de vaidade masculina se faz sentir na presença de homens, mais do que na de mulheres. E quando Arnheim comparava o seu tesouro de idéias transportado para as esferas do poder, com o estado de felicidade que Diotima lhe proporcionava, não conseguia se livrar de uma impressão de retrocesso.

Às vezes tinha desejos de beijos e abraços, como um adolescente que não tem seus ímpetos atendidos e se joga apaixonadamente aos pés daquela que se recusa. Ou descobria-se querendo soluçar, dizer palavras de desafio ao mundo; e, por fim, queria sequestrar a amada com as próprias mãos. Mas sabemos bem que as fronteiras irresponsáveis do consciente, de onde nascem os contos de fadas e os poemas, também abrigam toda a sorte de memórias infantis, quando a doce embriagues do cansaço, o desenfreado

jogo do álcool, ou um choque qualquer iluminam tais regiões. Os impulsos de Arnheim não eram mais fortes do que tais fantasmas, de modo que ele não precisaria se preocupar com eles (nem fortalecer assim, pela excitação, as preocupações originais), se esses retrocessos infantis o convencessem de que sua vida intelectual era cheia de preceitos morais estagnados. Como homem exposto a toda a Europa, ele sempre se esforçara por aplicar em seus atos o que tinha validade geral, mas que, de repente, lhe parecia desprovido de interioridade. Talvez tudo fosse natural quando valendo para todos; estranho era o contrário dessa conclusão, que também se impunha a Arnheim, porque se o universalmente válido não for interior, o homem interior não será válido. Assim, Arnheim já não seguia passo a passo seu impulso de fazer algo ilegitimamente intensivo e insensatamente ilegal, mas sofria por pensar que aquilo é que seria correto, segundo alguma razão superior. Desde que voltara a conhecer aquele fogo que lhe ressecava a língua, era dominado pela sensação de ter esquecido o caminho original, e de que toda a ideologia de grande homem, que o animava, era apenas um substituto de emergência para algo que fora perdido.

Assim, numa sequência natural, recordava sua infância. Nos retratos de menino tinha olhos grandes, redondos e negros, como os que se pintam no Menino Jesus quando ele está discutindo com os eruditos no Templo, e ele via todos os professores e professoras ao seu redor num círculo, admirados com seus talentos intelectuais, pois fora uma criança inteligente e sempre tivera professores inteligentes. Mas também fora uma criança sensível, cheia de ardor, que não tolerava injustiça; como fosse muito protegido para lhe suceder algo injusto, dedicava-se a injustiças que aconteciam com estranhos na rua, e brigava por causa delas. Era uma coisa muito extraordinária, quando se pensa que o tentavam impedir de fazer isso, de modo que nunca se passava um minuto sem que alguém viesse correndo a apartá-lo da briga. E por isso as brigas duravam apenas o bastante para lhe permitir uma ou outra experiência dolorosa, interrompida em tempo de o deixar com uma sensação de bravura. Assim, ainda hoje Arnheim pensava nelas com agrado, e mais tarde aquele espírito altivo e destemido passou para seus livros e suas convicções, como é necessário a um homem que dirá aos seus contemporâneos como devem se portar para serem dignos e felizes. Esse ambiente da infância lhe ficara bastante vivo na memória, mas outro

que sucedera mais tarde, em parte como sequência diferente, parecia frouxo ou petrificado desde que se pense que brilhantes são pedras. Era isso que o contato com Diotima trazia assustadoramente à vida outra vez: o amor. E o significativo era que Arnheim conhecera esse sentimento na adolescência, sem mulher alguma, sem pessoas determinadas, e havia nisso algo de perturbador, que ele nunca compreendera, embora com o tempo tivesse aprendido as mais modernas explicações.

“O que ele queria dizer era talvez apenas a chegada incompreensível de algo ainda ausente, como aquelas raras expressões em rostos que não se relacionam com elas mas com outros rostos que subitamente suspeitamos para além de tudo o que já vimos; eram pequenas melodias em meio a rumores, emoções em pessoas, sim, havia nele emoções que, quando suas palavras as procuravam, ainda nem eram emoções. Era apenas como se alguma coisa dentro dele se alongasse, mergulhando as pontas, molhando-as, como as coisas por vezes se alongam em dias febris e luminosos de primavera, quando suas sombras rastejam para fora e ficam paradas, tão hirtas, em uma direção, como reflexos num rio.”

Assim o exprimira muito mais tarde, e com outro tom, um escritor a quem Arnheim apreciava, porque era um sinal de estar iniciado, conhecer aquele homem misterioso que o rosto do público não via; aliás, sem que o entendesse, pois Arnheim ligava aquelas alusões ao despertar de uma nova alma, como era moda naquele tempo, ou com os longos, magros corpos de mocinhas que então todos admiravam em retratos, distinguidos por lábios que pareciam carnudas corolas de flor.

Naquela época, no ano mil oitocentos e oitenta e sete — “meu Deus, quase uma vida!” pensou Arnheim — suas próprias fotografias mostravam uma pessoa moderna, “nova”, como se dizia, isto é, usava um colete de cetim preto fechado, e uma gravata larga de seda pesada, *à la* Biedermeier, mas que deveria lembrar Baudelaire, o que era reforçado por uma orquídea enfiada na lapela, encantadora e pérfida invenção recente, quando Arnheim Júnior precisava comparecer à mesa de reuniões e tinha de se afirmar, jovem como era, num grupo de robustos comerciantes e amigos de seu pai. Mas, em dias de trabalho, os retratos o mostravam enfeitado por um metro de dobrar espiando do bolso de um macio terno inglês de serviço, com um colarinho alto e duro, um tanto esquisito, que, porém, destacava a cabeça.

Essa fora a aparência de Arnheim, e ainda hoje ele encarava com certo agrado aquela imagem. Jogava bem tênis, com uma paixão inusitada, esporte que naquele tempo ainda se praticava em canchas de grama. Para espanto do pai, assistia abertamente a reuniões de trabalhadores, pois durante um ano de estudos em Zurique conhecera as desprezíveis idéias socialistas; mas também não hesitava no dia seguinte em disparar a cavalo por um bairro de operários. Em suma, um torvelinho de contradições, mas de novos elementos espirituais, dando a encantadora idéia de ter nascido na época certa, uma época tão importante, embora mais tarde naturalmente se vá reconhecer que seu valor não residia na sua singularidade. Sim, embora mais tarde desse espaço cada vez maior a idéias conservadoras, Arnheim pensava que talvez essa sensação constantemente renovadora, de ter sido o último a chegar, seria um desperdício da natureza; mas não a abandonou porque não gostava de largar coisa alguma que um dia possuía, e sua natureza possessiva guardara cuidadosamente em si tudo que tinha existido então. Mas, naquele dia, pareceu que por mais harmônica e variada que sua vida se lhe apresentasse, uma entre todas as coisas dela o atingira especialmente, a que pareceria a mais improvável: aquele romântico e despreocupado estado que lhe sussurrara que não pertencia apenas ao mundo vivo e agitado, mas a outro pairando dentro daquele como uma respiração contida.

Aquele pressentimento romântico, que ressurgira plenamente nele através de Diotima, ordenava silêncio a toda atividade e agitação; o tumulto dos paradoxos juvenis e as intenções alternantes davam lugar ao devaneio segundo o qual todas as palavras, fatos e estímulos se tornavam uma só coisa na profundidade. Era tais momentos, calava-se até a ambição, os fatos reais ficavam distantes como o rumor de um jardim; Arnheim achava que sua alma saía das margens e só agora se postava realmente diante dele. Nunca é demais afirmar que não era uma filosofia, mas uma experiência física, como quando se vê a lua iluminada pelo claro dia pairando muda na luz da manhã. Nesse mesmo estado o jovem Paul Arnheim tomara sua refeição num restaurante distinto, frequentara a sociedade, bem vestido, e por toda parte fizera o que devia ser feito; mas podia-se dizer que entre ele e ele próprio havia então a mesma distância que entre ele e outra pessoa, ou coisa; que o mundo exterior não acabava na pele dele, e que o mundo interior não espiava apenas pela janela da reflexão, mas que os dois se

fundiam em uma ausência e presença indistintas, tão doces, sossegadas e sublimes como dormir sem sonhos. No campo moral notava-se uma grande indiferença e equivalência; nada era pequeno, nada era grande, um poema e um beijo na mão de uma mulher pesavam tanto quanto uma obra de vários volumes ou uma façanha política; e todo o mal era tão sem sentido como, no fundo, todo o bem se tornava supérfluo, naquele doce parentesco primitivo de todas as criaturas. Portanto, Arnheim se portava como sempre, apenas tudo parecia ter algum significado intangível, atrás de cuja trêmula chama o ser interior estacava hirto, contemplando o ser exterior, que comia uma maçã, ou experimentava o terno no alfaiate.

Era apenas uma fantasia, ou a sombra de uma realidade que jamais se entenderá inteiramente? Só se pode retrucar que todas as religiões, em determinadas circunstâncias de sua evolução, afirmaram que isso era realidade, e o mesmo disseram todos os apaixonados, todos os românticos e todas as pessoas apreciadoras da lua, da primavera e da morte sublime dos primeiros dias outonais. Mais tarde, isso se perde novamente; evapora-se, resseca, não o podemos distinguir; mas um dia constatamos que há outra coisa em seu lugar, e esquecêmo-la tão depressa como só podemos esquecer experiências irreais, sonhos ou fantasias. Como essa experiência de amor, primitiva e universal, na maioria das vezes costuma surgir com as primeiras paixões pessoais, crê-se que mais tarde com mais calma se saberá valorizá-la incluindo-a nas loucuras que só se pode ter antes de atingir o direito de voto. Assim eram as coisas, mas como, em Arnheim, nunca se ligaram a alguma mulher, também não poderiam sumir do coração dele junto com essa mulher, de maneira natural; portanto foram sendo recobertas pelas impressões que ele recebia, assim que, depois de concluir seus estudos e gozar suas férias, entrou nos negócios do pai. E como não fosse homem de fazer coisas pela metade, em breve descobriu que a vida de trabalho e organização é um poema maior do que aqueles que os poetas inventavam em suas bibliotecas, e era coisa bem diferente.

Com isso revelou-se pela primeira vez seu talento para servir de exemplo. Pois o poema da vida tem sobre os outros poemas a vantagem de ser escrito em letras maiúsculas, não importa seu conteúdo. E o mundo gira também em torno do mais íntimo estagiário de uma firma mundial, continentes espiam sobre seu ombro, de modo que nada do que fizer é insignificante; em contrapartida, em torno do escritor que trabalha em seu quarto, giram

quando muito as moscas, por mais que ele se esforce. Isso é tão evidente que muitas pessoas, quando começam a trabalhar com material de vida, pensam que tudo o que as comovia antes não passava de “pura literatura”, isto é, quando muito teve algum efeito debilitante e perturbador, sem relação alguma com a importância que se dê a ela. Naturalmente com Arnheim não era bem assim, pois não negava as belas emoções da arte, nem considerava loucura ou fantasia nada que alguma vez o tivesse comovido profundamente. Assim que reconheceu a superioridade de suas circunstâncias de vida adulta sobre o romantismo da juventude, começou a efetuar, guiado pelos novos conhecimentos adultos, uma fusão dos dois tipos de experiências. Com isso fazia exatamente o que faz a numerosa maioria das pessoas cultas, que, depois de entrarem no mundo profissional, não querem negar de todo seus antigos interesses, conseguindo pelo contrário uma relação calma e madura com os impulsos românticos de sua juventude. A descoberta do grande poema da vida, com o qual sabem que estão colaborando, devolve-lhes a coragem do diletante, que tinham perdido ao queimar seus próprios poemas; trabalhando na poesia da vida, podem realmente considerar-se profissionais *natos*, e tratam de colorir sua atividade diária de responsabilidade intelectual, sentem-se diante de mil pequenas decisões. Para que essa atividade seja ética e bela, tomam como exemplo a idéia de que Goethe viveu assim, e declaram que não lhes agradaria a vida sem música, natureza, a contemplação do inocente brinquedo das crianças e animais, sem um bom livro. Essa classe média tão espiritualizada ainda é, entre os alemães, a principal consumidora de artes e de qualquer literatura não muito pesada, mas, muito compreensivelmente, os membros desse grupo encaram a arte e a literatura que outrora lhes pareciam a realização perfeita de seus desejos como fase inicial — embora mais perfeita do que lhes foi proporcionado —, ou não lhe dão mais valor do que um fabricante de lata daria a um escultor de gesso, se tivesse a fraqueza de achar bonitos esses produtos.

Arnheim parecia-se com essa classe média como um magnífico cravo de jardim se assemelha a uma pobre cravina silvestre de beira de estrada. Jamais considerava a possibilidade de revolução intelectual ou renovação radical, mas apenas inserção no já estabelecido, posse, branda correção, renovação moral do privilégio desbotado das forças vigentes. Não era um

esnobe, não era um adorador dos nobres superiores a ele; introduzido na corte, em contato com a alta aristocracia e chefes da burocracia, não procurava imitá-los, e sim apenas adaptar-se, como amante de hábitos conservadores e feudais, que não esquece sua origem burguesa, por assim dizer frankfurt-goethiana, nem deseja que isso seja esquecido. Mas com essa façanha esgotava-se sua capacidade de contestação e uma oposição maior lhe teria parecido exagerada. Estava intimamente convencido de que as pessoas que criam — e, à frente delas, unindo-as numa nova era, os homens de negócios mais importantes — são chamadas a substituir em algum ponto do futuro as velhas forças do ser, e isso lhe dava uma serena altivez que os acontecimentos ulteriores vieram a confirmar. Mas mesmo que se tomasse como certo esse direito do dinheiro ao poder, restava perguntar como se aplicar corretamente o poder ambicionado. Os antecessores dos diretores de banco e grandes industriais tiveram vida mais fácil por terem sido cavaleiros e transformarem seus adversários em picadinho, entregando as armas do espírito ao clero; mas o homem contemporâneo tem no dinheiro, segundo acreditava Arnheim, o mais seguro método de tratar todas as relações; mas, embora esse método possa ser duro e preciso como uma guilhotina, pode ser tão melindroso quanto um reumático — basta pensar nas sensíveis flutuações da Bolsa! — e depende absolutamente de tudo o que é por ele dominado. Essa delicada dependência de todos os fatores da vida, que só uma cega altivez ideológica poderia esquecer, fazia Arnheim ver no comerciante imperial a síntese de mudança e perseverança, poder e civilismo burguês, ousadia sensata e força de caráter, mas, especialmente, o símbolo da democracia que se preparava. Através de um trabalho incessante e severo em sua própria personalidade, pela organização intelectual das relações econômicas e sociais com que se deparava, por reflexões sobre liderança e construção de um Estado harmonioso, ele desejava ajudar uma nova era na qual forças sociais desiguais fossem correta e fecundamente ordenadas pela habilidade e pela natureza, e o ideal não se quebrasse diante de realidades necessariamente limitadoras, mas através delas se purificasse e de tornasse mais sólido. Para expressar isso em termos objetivos, ele concretizaria a fusão de interesses alma- negócios, através da elaboração do conceito máximo de comerciante-rei, e a sensação de amor, que outrora o fizera sentir que no fundo tudo é uma coisa só, estava agora no cerne de sua convicção da unidade e

harmonia da cultura e dos interesses humanos.

Mais ou menos nesse tempo Arnheim começou a publicar seus escritos, e a palavra alma aparecia neles. Pode-se presumir que a empregasse como um método, um avanço, uma palavra-chave, pois é certo que príncipes e generais não têm alma, e ele era o primeiro financista a tê-la. Também é certo que nisso tinha papel importante a necessidade de se defender contra a natureza de líder de seu pai, superior nos assuntos de negócios, ao lado do qual aos poucos ele começava a desempenhar o papel de príncipe herdeiro; e defendia-se de uma maneira incompreensível para um cérebro empresarial. Também é certo que sua ambição de dominar tudo o que valesse a pena ser sabido — uma tendência à poliistória, como ninguém mais a tinha encontrava na alma um meio de desvalorizar tudo aquilo que seu entendimento não dominasse. Pois nisso, não era diferente do seu tempo, que não desenvolveu por vocação uma forte inclinação religiosa, e sim, ao que parece, por uma feminina revolta contra o dinheiro, saber e cálculo, ao qual está apaixonadamente submetido. Era duvidoso e incerto se Arnheim, ao falar em alma, acreditava nela, e atribuía à posse de uma alma a mesma realidade que à posse de ações. Empregava essa palavra como expressão de algo para o qual não tinha outro nome. Arrebatado pela sua necessidade — pois era um orador que não deixava facilmente os outros tomarem a palavra; mais tarde, depois de notar a impressão que causava nos outros, também a usava cada vez mais em seus textos —, falava dela como se sua existência fosse tão óbvia quanto a das costas, embora não as vejamos. Apoderou-se dele uma verdadeira paixão por escrever sobre algo insabido e misterioso, enredado nas obviedades do mundo dos negócios como um profundo silêncio entranhado nas mais vivas palavras; não negava a utilidade do saber, ao contrário, dava a impressão de uma obstinada compilação de conhecimentos, como só a podia realizar um homem com todos os meios à sua disposição, mas depois de ter dado essa impressão, declarava que acima do reino da perspicácia e da precisão existia um reino da sabedoria, que só se pode reconhecer pela clarividência; descrevia a vontade que funda Estados e empresas mundiais, dando a entender que, apesar de toda a grandeza, nada é como um braço que tem de ser movido por um coração que pulsa invisível; explicava a seus ouvintes os progressos da técnica ou o valor das virtudes, da maneira mais comum, como qualquer

burguês o imaginária, mas para acrescentar que esse uso das forças naturais e espirituais continua sendo misterioso e desconhecido, se não se adivinha que são como movimentos de um oceano que fica muito no fundo, abaixo delas, mal arranhado pelas ondas. E apresentava essas explicações no estilo dos decretos de um regente falando em nome de alguma rainha exilada, depois de ter recebido dela própria suas instruções, e estar organizando o mundo de acordo com elas.

Talvez essa organização fosse a sua verdadeira e mais intensa paixão, um desejo de poder que superava tudo o que até mesmo um homem na sua posição podia-se permitir, e seu efeito direto foi que esse homem, tão poderoso no terreno da realidade, tinha de se retirar para seu castelo pelo menos uma vez ao ano, para ditar um livro ao seu secretário que estenografava tudo. Aquele estranho pressentimento que surgira pela primeira vez, e com maior intensidade, nas horas sonhadoras de sua juventude, procurara esse caminho, mas por vezes também o assolava direta e espontaneamente, embora com força reduzida. Em meio aos negócios mundanos assaltava-o como uma doce paralisia, uma nostalgia de mosteiros, sussurrando-lhe que todas as contradições, grandes idéias, experiências e esforços mundanos, não eram apenas aquilo que se entende vagamente por cultura e humanidade, mas também tinham um significado arrojado e textual, cintilante e ocioso, como quando num dia de languida beleza se cruza as mãos, olhando o campo e o rio, não tendo jamais que se desprender desse quadro. Nesse sentido, seus escritos eram um compromisso. E como só existe uma alma, e essa não é palpável, mas está no exílio, anunciando-se, de lá, de uma única maneira, tão singular, vaga ou ambígua; e, de outro lado, existem incontáveis, infinitas questões no mundo as quais se pode aplicar essa mensagem regia, com os anos Arnheim entrou num sério constrangimento, em que entram todos os legitimistas e profetas, quando isso dura tempo demais. Bastava Arnheim sentar-se, solitário, para escrever, e sua pena levava seus pensamentos com generosidade espectral, da alma para os problemas do intelecto, das virtudes, da economia e da política, que, iluminados por uma fonte invisível, apareciam sob uma luz nítida e magicamente unilateral. Esse desejo de ampliação era inebriante, mas em compensação prendia-se àquela fissura da consciência que em muitos é o pressuposto da criação literária, enquanto o intelecto exclui e esquece tudo o que não serve à sua concepção; diante de um interlocutor,

amarrado à terra pela pessoa dele, Arnheim jamais se expandiria tanto; mas, curvado sobre o papel que estava ali disposto a espelhar seus pontos de vista, contentava-se, feliz, com uma expressão metafórica de convicções das quais poucas eram firmes, mas que em geral não passavam de uma névoa de palavras, cuja única veracidade, aliás não pequena, constava de que essa névoa levantava-se involuntariamente nos mesmos pontos.

Quem o quiser censurar por isso, deve pensar que possuir uma personalidade espiritual dupla há muito não é mais arte só dos loucos, mas que, na velocidade dos tempos atuais, a possibilidade de entender a política, a capacidade de escrever um artigo de jornal, a força para acreditar nas novas orientações em arte e literatura, e tantas outras coisas se fundamentam inteiramente na capacidade de, por algumas horas, deixar-se persuadir contra a sua própria convicção, de separar uma parcela do conteúdo pleno de sua consciência e ampliá-la em uma nova, plena convicção. Assim, era uma vantagem Arnheim jamais estar honestamente convencido daquilo que dizia. Quando estava no auge da maturidade, manifestava-se sobre tudo o que existia, tinha amplas convicções, e não via limites que o impedissem de conquistar, também no futuro, novas convicções harmoniosas, tiradas daquelas antigas, caso prosseguisse da mesma maneira. Um homem de pensamento tão eficiente, que em outros estados de consciência conseguia ainda controlar balanços e calcular rentabilidades, não podia ignorar que aquilo era uma ação sem margens nem curso, ainda que se ampliasse inesgotavelmente; encontrava limite apenas em sua própria pessoa, e embora Arnheim tolerasse muita presunção, seu raciocínio não considerava isso uma situação satisfatória. Atribuía a causa ao resquício irracional que a vida mostra por toda parte ao observador informado; e procurava acalmar-se com um dar-de-ombros, pensando que no tempo presente tudo andava tão sem eira nem beira. E como ninguém consegue se elevar inteiramente acima das fraquezas de seu tempo, ele via em tudo isso uma valiosa possibilidade de todos os grandes homens se exercitarem um pouco na virtude da modéstia, colocando sem inveja acima de si próprios, por terem vivido em épocas mais favoráveis, nomes como Homero e Buda: mas com o tempo, no auge de seu sucesso literário, sem que nada de decisivo acontecesse naquela sua vida de príncipe herdeiro, aquele resquício irracional crescia de maneira opressiva, cresciam a falta de resultados palpáveis e o desconforto por ter errado seu objetivo,

esquecendo sua primeira vontade. Ele contemplava sua obra, e embora pudesse ficar satisfeito com ela, às vezes considerava-se apartado de alguma fonte de nostálgicos efeitos retardados, como através de uma parede de brilhantes, dia a dia mais espessa.

Nos últimos tempos acontecera-lhe algo desagradável nesse sentido, algo que o atingira profundamente. Usara o ócio, que agora se permitia mais frequentemente,

para ditar ao secretário um texto sobre a harmonia entre a arquitetura oficial e a concepção oficial, e interrompera a frase “Vemos o silêncio dos muros ao contemplarmos essa construção” logo após a expressão silêncio, para saborear por um momento a visão da Chancelaria romana que acabava de aparecer a seus olhos interiores; mas quando voltou a olhar o manuscrito, viu que o secretário, antecipando-se com a rapidez costumeira, já escrevera “Vemos o silêncio da alma, quando...” Naquele dia Arnheim não ditou mais, e no dia seguinte mandou riscar a frase.

O que importava, diante de experiências de tal profundidade e amplitude, aquele algo de vulgar que havia no amor fisicamente ligado a uma mulher? Arnheim teve de admitir, infelizmente, que importava tanto quanto a idéia que dava unidade a toda a sua vida, de que todos os caminhos para o espírito partem da alma, mas nenhum retorna! Muitas mulheres já se tinham sentido felizes por manterem relações íntimas com ele, mas quando não eram naturezas parasitárias, eram mulheres ativas e instruídas, e artistas, pois com mulheres do gênero manteúdo e do gênero autônomo ele podia se entender com base em relações bem claras; as necessidades morais da sua natureza sempre o tinham levado a relações em que o instinto e as inevitáveis disputas com mulheres tinham certo freio na razão. Mas Diotima era a primeira mulher que percebia, para além da sua vida moral, a sua vida secreta, e por isso às vezes ele a olhava com verdadeira inveja. Afinal, ela não passava da esposa de um funcionário, do melhor estilo, é verdade, mas sem aquela formação mais elevada que só o poder pode conferir, e se quisesse prender-se de verdade ele teria direito a uma mocinha das altas finanças americanas ou da aristocracia inglesa. Em certos momentos despontava nele uma distinção do berço, uma cruel e ingênua altivez infantil, ou o terror da criança mimada que é levada pela primeira vez à escola, de modo que seu crescente amor lhe parecia uma ameaçadora

vergonha. E quando nesses momentos ele realizava seus negócios com gélida superioridade, como só pode fazer um espírito morto e depois retornado, a fria e inconspicível razão do dinheiro lhe parecia, comparada ao amor, um poder extraordinariamente limpo.

Mas isso para ele significava apenas que chegara o tempo em que o prisioneiro não entende como deixou que lhe roubassem a liberdade sem a defender até a morte. Pois quando Diotima dizia: “O que são os acontecimentos mundiais? *Un peu de bruit autour de notre âme...!*”^{11} ele sentia estremecer o edifício de sua vida.

MOOSBRUGGER DANÇA

Enquanto isso, Moosbrugger continuava preso numa cela da prisão preventiva da comarca. Seu defensor ganhara novo ânimo e esforçava-se junto às autoridades para não deixar que decidissem a causa muito rapidamente.

Moosbrugger sorria disso. Sorria de tédio.

O tédio embalava seus pensamentos. Habitualmente, o tédio os apaga; em Moosbrugger, embalava-os; desta feita, era o estado de um ator sentado nos bastidores esperando a sua vez.

Se Moosbrugger tivesse uma espada grande, ele a teria apanhado e cortado a cabeça da cadeira. Teria podido cortar a cabeça da mesa e da janela, da latrina e da porta. E teria colocado sua própria cabeça em todas essas coisas das quais tivesse cortado as delas, pois naquele cela existia só a sua própria cabeça, e isso era bonito. Podia imaginá-la posta sobre as coisas, com o crânio largo, os cabelos caindo sobre a testa como pêlos. E então gostava das coisas.

Se ao menos o aposento fosse maior, e a comida melhor!

Estava bem contente por não poder ver pessoas. Pessoas eram difíceis de suportar. Muitas vezes tinham um jeito de escarrar ou de levantar um dos ombros, deixando a gente totalmente desesperançado, com vontade de lhes dar um soco nas costas, como se esse golpe abrisse um buraco na parede. Moosbrugger não acreditava em Deus mas em seu juízo pessoal. Desprezava as verdades eternas, que para ele eram o juiz, o padreco, o guarda. Tinha de realizar sozinho a sua tarefa, e muitas vezes tem-se a impressão de que todos nos colocam algum obstáculo no caminho! Via à sua frente o que frequentemente vira: os tinteiros, o pano verde, os lápis, depois o retrato do imperador na parede, e todos ali sentados; via naquela ordem algo parecido com uma armadilha, recoberta da sensação de que tem

de ser assim, em vez de ser coberta por capim e folhas. Depois, habitualmente ele recordava um arbusto lá fora, numa dobra de rio, o rangido da corda do poço, fragmentos de lugares que agora se sobrepunham, uma provisão interminável de lembranças que nem sabia estarem sempre ali à sua disposição. E sonhava: “Eu podia lhes contar uma história!” Como sonha um homem jovem. Tinham-no trancafiado tantas vezes que ele nunca envelhecera. “Da próxima vez vou ter de dar uma boa olhada nisso”, pensou Moosbrugger, “do contrario não me entendem mesmo”. E então sorriu, severo, e falou com os juizes sobre si próprio como um pai que diz de seu filho: ele não presta, botem-no na prisão, talvez então ele aprenda!

Naturalmente ele se irritava às vezes com os regulamentos da prisão. Ou sentia alguma dor. Mas então podia procurar o médico da prisão, ou o diretor, e tudo voltava a uma certa ordem e calma, como a água que encobre uma ratazana morta que caiu no fundo. Ele não imaginava isso assim; mas tinha a impressão de estar estendido como uma grande superfície de água espelhada, embora não encontrasse palavras para descrevê-lo.

As palavras que ele tinha eram:

— Hum, ah...

A mesa era Moosbrugger. A cadeira era Moosbrugger.

A janela gradeada e a porta fechada eram ele.

Moosbrugger não achava isso maluco ou inusitado. Simplesmente tinham tirado as tiras de elástico. Atrás de cada coisa ou criatura, quando ela quer se aproximar de outra, há uma tira de elástico que se estica. Caso contrário as coisas poderiam passar umas por dentro das outras. E em cada movimento há uma tira de elástico que não nos deixa fazer inteiramente o que queríamos. E agora, de repente, essas tiras de elástico tinham sumido. Ou era apenas a sensação paralisante, como de tiras de elástico?

É difícil distinguir. “Por exemplo, as mulheres seguram as meias com tiras de elástico. É isso!” — pensou Moosbrugger. “Elas usam um elástico ao redor da perna como um amuleto. Debaixo das saias. Como os anéis de graxa colocados ao redor das árvores frutíferas para que os frutos não fiquem bichados.”

Mas só mencionamos isso assim, de passagem. Para que não se pense que Moosbrugger queria chamar todo mundo de irmão. Ele não era assim. Era

apenas dentro e fora.

Agora dominava as coisas, e mandava nelas. Botava tudo em ordem antes de ser morto. Podia pensar no que quisesse, de momento era tudo tão obediente como um cão a quem se diz “quieto aí!”. Embora trancafiado, ele tinha um incrível sentimento de poder.

A sopa chegava pontualmente. Ele era acordado e levado a passear pontualmente. Tudo na cela era pontualmente severo e irredutível. Às vezes isso lhe parecia totalmente inacreditável. Numa singular inversão, sentia que essa ordem toda emanava dele, embora soubesse que lhe estava sendo imposta.

Outras pessoas têm experiências dessas quando, deitadas à sombra de uma sebe no verão, as abelhas zumbem, o sol passa pequeno e duro pelo céu claro e leitoso; o mundo, então, gira como um brinquedo mecânico ao redor delas. Em Moosbrugger a mera visão geométrica de sua cela já provocava essa sensação.

Ele notou que tinha um desejo louco de comida boa; sonhava com isso, e de dia os contornos de um bom prato de porco assado pairavam com insistência quase sinistra diante de seus olhos sempre que sua mente retornava de outras ocupações. “Dois pratos!”, ordenava então Moosbrugger. “Ou três!” E pensava isso com tal intensidade, aumentando avidamente a fantasia, que num momento sentia-se repleto, nauseado, empanturrado em pensamento. “Por que quando se come logo vem essa impressão de estourar?”, ponderava, balançando a cabeça. Entre comer e estourar, estão todos os prazeres do mundo; ah, que mundo, a gente pode dar cem exemplos de como é pequeno esse espaço! Só um exemplo: uma mulher que a gente não possui é como quando a lua sobe cada vez mais alto à noite, e suga, suga o nosso coração; mas quando a possuímos, temos vontade de esmagar a cara dela com a bota. Por que será assim? Ele se lembrava de lhe terem perguntado isso muitas vezes. Podia-se responder que mulheres são mulheres e homens; porque eles correm atrás delas. Mas aqueles que interrogavam também não queriam compreender isso direito. Queriam saber por que ele imaginava que as pessoas conspiravam contra ele. Como se até seu próprio corpo não tivesse conspirado com elas! Isso fica muito evidente quando se trata de mulheres. Mas também com homens

seu corpo se entendia melhor do que ele próprio. Uma palavra puxa a outra, a gente sabe como se portar, e fica o dia todo girando um em torno do outro, e num instante se ultrapassa a estreita faixa na qual se pode conviver com o outro sem perigo: mas se o culpado era seu corpo, ele que o livrasse da situação. Desde quando se recordava, Moosbrugger estivera aborrecido, ou com medo, e seu peito, com os braços, se jogava para diante como um cachorro grande a quem isso foi ordenado. Mais que isso, nem mesmo Moosbrugger podia entender; o espaço entre amabilidade e repulsa é estreito, e quando as coisas vão por aí, logo se está num terrível aperto.

Ele recordava muito bem que as pessoas que sabem se expressar com palavras estrangeiras, e que estavam sempre julgando seus atos, muitas vezes o tinham censurado: “Mas isso não é motivo para ir logo matando outra pessoa!” Moosbrugger dava de ombros. Já se matou gente por algumas moedas, ou em troca de nada, ou porque alguém teve a pretensão de matar. Mas ele se valorizava, não era um desses. A censura começara a impressioná-lo; teria gostado de saber por que de tempos em tempos se sentia tão apertado, ou como quer que chamassem isso, a ponto de ter de abrir espaço com violência, para o sangue poder voltar a circular em sua cabeça.

Ele refletia. Mas com a reflexão não acontecia a mesma coisa? Quando começava uma boa fase para se refletir, ele tinha vontade de rir de alegria. Então os pensamentos não comichavam mais debaixo do crânio, mas de repente havia apenas um único pensamento. A diferença era tão grande quanto entre o trotar de uma criancinha e a dança de uma linda mulher. Parecia feitiço. Tocam acordeão, há uma luz sobre a mesa, as mariposas da noite estivai entram voando: assim, todas as idéias caíam agora na luz de uma só, ou Moosbrugger as pegava com seus grandes dedos quando se aproximavam, e esmagava-as, e por um momento as via entre os dedos, bizarras como pequenos dragões. Uma gota do sangue de Moosbrugger tombara no mundo. Não se podia ver isso porque estava escuro, mas ele sentia o que acontecia no invisível. Lá fora, coisas confusas se desemaranhavam. O que era enrugado ficava liso. Uma dança silenciosa substituía aquele zumbido insuportável com que o mundo costumava atormentá-lo. Tudo o que acontecia era belo, agora; assim como uma moça feia fica bonita quando não está mais sozinha, mas outras a pegam pela

mão, a levam consigo na ciranda, e o rosto ergueu uma escada pela qual outros já olham para baixo. Era muito estranho, e quando Moosbrugger abria os olhos e encarava as pessoas que estavam por perto, numa hora dessas em que tudo lhe obedecia na dança, também elas lhe pareciam belas. Então não conspiravam contra ele, não formavam nenhum muro, e via-se que era só o esforço de o enganar que deformava o rosto das pessoas e das coisas, como um pecado. Então, Moosbrugger dançava diante delas. Uma dança digna e invisível, ele que na vida nunca dançara com ninguém, levado por uma música que se tornava cada vez mais recolhimento e sono, regaço da mãe de Deus e, por fim, a própria paz de Deus, um estado maravilhosamente inacreditável, dissolvido como a morte; dançava dias a fio, sem que ninguém visse, até tudo sair dele, ficar do lado de fora, duro e tênue como uma teia de aranha arruinada pela geada pendendo das coisas.

Quem não passou por isso, como pode julgar sobre o resto? ! Depois dos dias e semanas leves em que Moosbrugger praticamente conseguia sair da própria pele, voltavam sempre os longos períodos de encarceramento. Os cárceres públicos não eram nada diante disso. Quando queria pensar, tudo nele se encolhia, amargamente vazio. Odiava os centros operários e cursos populares onde lhe queriam dizer como pensar; ele, que ainda se lembrava de como os pensamentos podiam dar grandes passos de pernas-de-pau em seu interior! Então arrastava-se pelo mundo com solas de chumbo, esperando encontrar um lugar onde tudo voltasse a ser diferente.

Hoje só conseguia sorrir desdenhosamente dessa esperança. Nunca conseguira encontrar o meio entre seus dois estados, onde talvez pudesse deixar-se ficar. Estava farto. Sorria magnífico para a morte.

Aliás, já vira muita coisa. A Baviera e a Áustria, até a Turquia lá embaixo. E muita coisa acontecera, que ele lera nos jornais no tempo de sua vida. Ao todo, um tempo movimentado. Secretamente, estava bastante orgulhoso por ter vivido nele. Pensando bem, isoladamente era tudo confuso e árido, mas afinal seu caminho passava pelo meio e agora estava bem visível, do nascimento à morte. Moosbrugger não sentia em absoluto que o quisessem executar, ele próprio se executava, com ajuda dos outros: era assim que encarava o que tinha de acontecer. E tudo estava de alguma forma unido numa só coisa: as estradas, as cidades, os guardas e os pássaros, os mortos e a morte dele. Ele próprio não entendia isso inteiramente, e os outros ainda

menos, embora soubessem falar mais a respeito.

Ele escarrou e refletiu sobre o céu, que parece uma ratoeira recoberta de tecido azul. “Na Eslováquia eles fazem umas ratoeiras altas e redondas”, pensou.

A LIGAÇÃO COM GRANDES COISAS

Há muito devia-se ter mencionado uma circunstância que surge em várias ligações; a fórmula poderia ser: não há nada tão perigoso para o espírito quanto sua ligação com grandes coisas.

Uma pessoa anda por uma floresta, sobe uma montanha e vê o mundo estendido à sua frente, lá no fundo; contempla o filho que lhe colocam nos braços pela primeira vez; saboreia a felicidade de assumir alguma posição invejada por todos; e perguntamos: o que se passa agora no seu interior? Certamente pensa que são muitas coisas profundas e graves; mas não tem a presença de espírito de tomá-las ao pé da letra. O admirável diante e fora dela, que a encerra como um invólucro magnético, suga seus pensamentos para fora. Seus olhares se prendem a mil detalhes, mas ela se sente mal, como se tivesse gasto toda a sua munição.

Lá fora, uma hora cheia de alma, de sol, grande ou profunda, recobre o mundo com uma prata galvanizada, entrando por todas as folhinhas e veiazinhas; mas em sua outra extremidade, a pessoal, logo se percebe uma certa falta de substância interior, surge por assim dizer um grande, redondo e vazio “O”. Esse estado é o sintoma clássico de haver tocado tudo o que é eterno e grande, bem como de se estar no ápice da humanidade e da natureza. Pessoas que preferem a companhia de grandes coisas — entre elas estão também as grandes almas para as quais, aliás, não existem coisas pequenas — têm involuntariamente o interior extraído na forma de uma ampla superficialidade.

Por isso também se poderia designar o perigo da ligação com grandes coisas como uma lei de sobrevivência da matéria espiritual, e parece ser algo bastante generalizado. As falas de pessoas importantes, que agem em grande escala, habitualmente têm menos conteúdo do que as nossas. Pensamentos que têm uma relação particularmente próxima com objetos

especialmente dignos, habitualmente pareceriam bastante retardados caso não fosse esse privilégio. Nossas tarefas mais caras, relacionadas com a nação, a paz, a humanidade, a virtude e outras coisas desse tipo carregam em suas costas a flora espiritual mais banal. Seria um mundo bastante distorcido; mas quando se pensa que o tratamento de um tema pode ser tanto mais insignificante quanto mais importante o tema, vê-se que é um mundo da ordem.

Mas essa lei, que tanto pode colaborar para a compreensão da vida intelectual européia, não aparece sempre muito claramente, e em termos de transição de um grupo de grandes objetos para outro, o espírito que procura servir aos grandes objetos poderá até parecer subversivo, embora esteja apenas trocando de uniforme. Uma transição dessas já se percebia naquele tempo, quando as pessoas de quem aqui se fala viveram seus triunfos e suas preocupações. Assim, por exemplo, já havia livros, para começar com um objeto que Arnheim valorizava muito, que eram vendidos em enormes edições, mas ainda não eram muito respeitados, embora já então apenas gozassem de maior respeito os livros com edições razoavelmente altas. Havia indústrias influentes, como a do futebol ou tênis, mas ainda se hesitava em dedicar-lhes disciplinas nas escolas técnicas superiores. Em suma: se foi o saudoso arruaceiro e Almirante Drake quem introduziu as batatas da América, acabando com as fomes periódicas na Europa, ou se foi o menos saudoso, muito culto e igualmente brigão e Almirante Releigh, ou se foram anônimos soldados espanhóis, ou quem sabe o bravo vigarista e mercador de escravos Hawkins — por muito tempo ninguém pensou em, por causa das batatas, julgar esses homens mais importantes do que, por exemplo, o físico Al Chirazi, de quem só se sabe que explicou corretamente o arco-íris. Mas, com a era burguesa, começara uma revalorização dessas façanhas, e no tempo de Arnheim ela avançara bastante, só contida em parte por velhos preconceitos. A quantidade do efeito e o efeito da quantidade, como novo e evidente objeto de veneração, ainda lutava contra uma veneração antiquada, cega, aristocrática, da grande qualidade; mas, no mundo das idéias, já tinham nascido daí os mais loucos compromissos, em particular a idéia do grande espírito, que, assim como o conheceram as últimas gerações, tem de ser uma síntese da importância pessoal e da importância das batatas, pois esperava-se por um homem que tivesse a

solidão do gênio, mas também fosse compreendido por todos, como um rouxinol.

Era difícil prever o que apareceria, pois normalmente só se percebe o perigo da ligação com grandes coisas quando a grandeza dessas coisas está meio corroída. Nada é mais fácil do que sorrir do contínuo que em nome de Sua Majestade tratou com desdém o público; mas se o homem que, em nome do amanhã, trata o hoje de alto para baixo é um contínuo ou não, isso habitualmente não sabemos enquanto não for depois de amanhã. O perigo da ligação com grandes coisas tem uma característica muito desagradável: as coisas mudam, mas o perigo permanece o mesmo.

É PRECISO ACOMPANHAR OS TEMPOS

O Dr. Arnheim recebera a visita anunciada de dois funcionários destacados de sua firma, e conferenciara longamente com eles; pela manhã, documentos e cálculos encontravam-se em desordem pelo salão, à espera do secretário. Arnheim tinha de tomar decisões, os emissários queriam aproveitar um trem da tarde para o retorno, e, como sempre, ele saboreava essas circunstâncias porque lhe proporcionavam certa tensão. “Em dez anos”, refletiu, “a técnica estará tão avançada que a firma terá seus próprios aviões; então também vou poder dirigir meu pessoal num veraneio no Himalaia.” Como já tivesse tomado suas decisões à noite, só devendo examiná-las mais uma vez à luz do dia para as aprovar, estava livre naquele momento; mandara trazer o café da manhã ao quarto, e entregava-se ao relaxamento espiritual enquanto fumava o charuto da manhã, pensando na reunião da noite anterior em casa de Diotima, que tivera de abandonar mais cedo.

Dessa vez fora um grupo muito interessante; grande número dos visitantes abaixo de trinta anos, quando muito trinta e cinco, quase na fase da boêmia, mas já conhecidos e notados pelos jornais; não eram apenas da terra, mas convidados de todas as partes, atraídos pela notícia de que na Kakânia uma mulher das altas rodas abria caminho para o intelecto no mundo. Por vezes quase se tinha a impressão de estar num café, e Arnheim sorriu pensando em Diotima, que parecia assustada dentro de sua própria casa; mas, na opinião dele, fora instigante e, de qualquer forma, uma experiência extraordinária. Sua amiga, decepcionada com os infrutíferos encontros de homens muito importantes, fizera uma decidida tentativa de atrair os espíritos mais modernos para a Ação Paralela, e as relações de Arnheim lhe tinham sido bastante úteis nesse sentido. Ele apenas balançava a cabeça recordando as conversas que tivera de escutar; achava tudo muito maluco, mas “é preciso ser tolerante com a juventude”, pensou; “se simplesmente a

rejeitamos nos tornamos muito antipáticos”. Portanto, se se pode falar assim, sentia-se seriamente divertido com tudo aquilo, pois fora muita coisa de uma vez só.

O que era mesmo que eles queriam mandar para o diabo? A experiência. Aquela experiência pessoal, por cujo calor de terra, por cujo realismo, o Impressionismo se apaixonara há quinze anos, como se fosse uma planta miraculosa. Agora, diziam que o Impressionismo era lânguido e confuso. Pediam controle da sensualidade, e síntese intelectual!

Síntese para eles seria o contrário de ceticismo, psicologia, análise e dissecação, em suma, das tendências literárias dos seus pais? Até onde se podia entender, não falavam num sentido muito filosófico: o que compreendiam por “síntese” era antes o anseio de seus jovens ossos e músculos desejosos de movimento livre, saltar e dançar, recusando qualquer estorvo da crítica. Quando lhes servia, não hesitavam em também mandar a síntese ao diabo, junto com a análise e toda a reflexão. Então afirmavam que o espírito tinha de ser estimulado pela seiva da vida. Habitualmente eram membros de outro grupo que afirmavam isso; mas às vezes, naquele fervor, eram os mesmos.

Que palavras fantásticas usavam! Exigiam o temperamento intelectual. O estilo de pensamento rápido, que salta ao peito da vida. O cérebro afilado do homem cósmico. O que mais ele escutara?

A reformulação do homem dentro do plano de trabalho mundial americano, através da força mecanizada. O lirismo aliado à mais intensa dramaticidade da vida. O tecnicismo, espírito da era da máquina.

Blériot — exclamara um deles — estava naquele momento flutuando sobre o Canal da Mancha numa velocidade de cinquenta quilômetros horários! Era preciso escrever esse poema-dos-cinquenta-quilômetros, e jogar no lixo toda a outra literatura mofada!

Exigiam o acelerismo, o aumento máximo da velocidade das experiências de vida através da biomecânica esportiva e da precisão acrobática!

A renovação fotogênica através do cinema.

Depois, um deles dissera que o homem era um misterioso espaço interior,

por isso era preciso colocá-lo em relação com o cosmos através de cone, esfera, cilindro e cubo. Mas também se afirmou o contrário, dizendo que a concepção artística individualista que fundamentava essa idéia estava liquidada; era preciso dar ao novo homem uma nova sensação de moradia através de construções populares e conjuntos habitacionais. E enquanto se formava assim um partido individualista e outro social, surgira um terceiro, objetando que só artistas religiosos eram verdadeiramente sociais. Depois, um grupo de novos arquitetos reclamou para si a liderança, pois o objetivo da arquitetura era a religião; além disso, teria os efeitos colaterais do amor da pátria e permanência no solo. O grupo religioso, reforçado pelo cubista, interveio dizendo que a arte não era assunto secundário mas central, uma realização de leis cósmicas; mas em seguida o grupo religioso foi novamente abandonado pelo cubista, que se aliou aos arquitetos, afirmando que a relação com o cosmos acontecia melhor através de formas espaciais que tornavam o individual típico e válido. Alguém disse que era preciso olhar para dentro da alma humana, para fixá-la então em três dimensões. E alguém fez a pergunta agressiva e de muito efeito: afinal, o que era mais importante — dez mil homens famintos ou uma obra de arte?

Como quase todos fossem artistas, defendiam a opinião de que a recuperação espiritual da humanidade só se daria pela arte, apenas não conseguiam concordar quanto à natureza dessa recuperação e as exigências que, em favor dela, se deveriam fazer à Ação Paralela. Agora, porém, o grupo social original voltou a tomar a palavra, articulando novas vozes. A pergunta sobre o que seria mais importante, dez mil pessoas famintas ou uma obra de arte, transformou-se em outra: se dez mil obras de arte compensariam a miséria de uma pessoa? Artistas corpulentos exigiram que o artista não se desse tanta importância; ele deveria deixar de se autoglorificar, deveria passar fome, e socializar-se, era isso que queriam! Alguém disse que a vida era a grande e única obra de arte; uma voz forte objetou: não é a arte que une, é a fome! Uma voz do compromisso lembrou então que o melhor meio de combater a supervalorização do eu na arte era uma saudável base artesanal. E depois dessa opinião de compromisso alguém aproveitou a pausa nascida do cansaço ou da repulsa mútua, e perguntou outra vez, calmamente, se alguém ali acreditava poder conseguir qualquer coisa enquanto não fosse pelo menos estabelecido o contato entre

homem e espaço! Isso deu o sinal para que o tecnicismo, o acelerismo e assim por diante voltassem a falar, e o debate continuou indo e vindo um bom tempo ainda. Por fim, acabaram chegando a um acordo, porque queriam ir para casa e também obter algum resultado; concordaram assim uns com os outros numa afirmação que dizia mais ou menos isto: os tempos presentes são cheios de expectativa, impaciência, descontrole e infelicidade; o Messias em quem se espera e por quem se espera., porém, ainda não está à vista.

Arnheim ficou um momento refletindo.

Tinha havido sempre um grupo ao redor dele; quando pessoas que escutavam mal ou não conseguiam se impor se afastavam dele, eram logo substituídas por outras; ele fora decididamente o centro dessa nova congregação, ainda que isso nem sempre ficasse evidente naqueles debates bastante malcriados. Ele há muito conhecia os assuntos debatidos. Sabia das relações do cubo; construía bairros-jardins para seus empregados; a inteligência e o ritmo das máquinas lhe eram familiares; sabia falar da visão de uma alma, e metera dinheiro na incipiente indústria cinematográfica. Reconstituindo o teor dos debates lembrou-se além do mais que não tinham transcorrido tão ordenados como sua memória os registrara. Tais conversas têm um curso singular, como se se colocassem os partidos de olhos vendados num polígono, mandando que atacassem, armados de paus; é um espetáculo confuso e cansativo, sem lógica. Mas não será uma imagem do curso das coisas em geral? Também este não nasce das proibições e leis da lógica, que quando muito têm a eficácia de uma polícia, mas vem dos desordenados impulsos do espírito.

Eram essas as indagações de Arnheim ao recordar a atenção que recebera, e achou que também se podia dizer que a nova maneira de pensar se parecia com a livre- associação quando a razão se afrouxa, procedimento muito excitante.

Excepcionalmente ele acendeu um segundo charuto, embora de hábito não se permitisse essas fraquezas sensuais. E enquanto segurava o fósforo e tensionava os músculos do rosto para as primeiras tragadas, teve de sorrir de repente, lembrando do pequeno general que lhe falara durante o encontro. Como Arnheim possuísse uma fábrica de peças de canhão e

tanques, preparados para uma imensa produção de munições em caso de emergência, compreendera muito bem quando aquele general meio esquisito, mas simpático (que falava bem diferente dos generais prussianos; mais frouxo, mais natural, mas também abençoado por uma velha cultura! Ainda que se devesse acrescentar: uma cultura decadente), se reunira a ele falando-lhe de maneira familiar — e suspirando, com ares filosóficos! — sobre os debates daquela noite, que tinham, ao menos em parte, um caráter radicalmente pacifista.

É claro que, como único oficial presente, o general não se sentia muito à vontade, e queixou-se da oscilação da opinião pública, porque algumas frases sobre a santidade da vida humana foram aplaudidas. “Não entendo essa gente”. Com essas palavras dirigira-se a Arnheim, pedindo-lhe explicação como a um intelectual de destaque internacional: — Não entendo por que essa gente nova fala de “generais sanguinários”! Tenho a impressão de que compreendo muito bem os cavalheiros mais idosos que normalmente aparecem aqui, embora não sejam nada militares. Por exemplo, quando aquele poeta famoso — não sei o nome dele, aquele senhor idoso, graúdo, com barriga, que fez aqueles versos sobre os deuses gregos, as estrelas e as eternas emoções humanas; a dona da casa me disse que ele é um poeta de verdade, em tempos que normalmente só produzem, quando muito, pessoas inteligentes — pois então, como eu dizia, não li nada dele mas certamente o compreenderia se sua importância vem de ele não se interessar por coisas pequenas; afinal, nós militares chamaríamos isso de estrategista. Se me permite um exemplo menor, o sargento naturalmente precisa cuidar do bem-estar de cada homem de sua companhia; mas o estrategista calcula um milhar de homens como se fosse uma unidade menor, e também tem de poder sacrificar por vezes dez unidades dessas, se um objetivo maior o exigir. Acho ilógico falar-se num caso de general sanguinário e no outro de idéias eternas. E peço que me explique isso, se for possível!

A singular situação de Arnheim naquela cidade e naquela sociedade despertara nele a vontade de ironizar, que habitualmente controlava. Sabia a quem o pequeno general se referia, embora não demonstrasse isso; além do mais, não interessava, ele próprio poderia ter acrescentado outros exemplos daquele tipo. Não se podia ignorar que haviam feito má figura naquela

noite.

Recordando aquilo com certo desagrado, Arnheim reteve a fumaça do charuto entre os lábios abertos. Sua própria situação naquele círculo nem sempre fora fácil. Apesar de sua importância, ouvira vários comentários maldosos, que pareciam dirigir-se a ele; muitas vezes amaldiçoavam coisas que ele amara na juventude, assim como esses jovens de hoje amavam as idéias de sua geração. Era uma sensação muito estranha, quase sinistra, ser venerado por jovens que no mesmo sopro escarneciam de um passado do qual ele próprio secretamente participava; Arnheim sentia-se dotado de elasticidade, capacidade de transformação, iniciativa, daquela audaciosa inescrupulosidade de uma consciência suja bem dissimulada. Pensou célere no que o separava dessa nova geração. Os jovens se contradiziam em tudo, e a única coisa em que concordavam era a necessidade de atacar a objetividade, a responsabilidade intelectual, a personalidade equilibrada.

Uma circunstância especial permitiu a Arnheim sentir uma vaga alegria maligna. A supervalorização de alguns de seus contemporâneos nos quais o elemento pessoal se destacava grandemente, sempre lhe fora antipática. Um adversário distinto como ele naturalmente não dava nomes nem em pensamento, mas ele sabia muito bem em quem pensava. “Um rapaz modesto e sóbrio, de distintos prazeres desejoso” — para usar as palavras de Heine, que Arnheim secretamente amava, e citava para si mesmo naquele instante.”É preciso louvar seus esforços e seu zelo na poesia... a amarga labuta, a indizível persistência, as ferozes fadigas com que trabalha seu verso...” “As Musas não o favorecem, mas ele tem na mão o gênio da língua.” “Ele chama de grande façanha com as palavras esse inquietante cabresto que se impõe.” Arnheim tinha excelente memória, e podia citar de cor páginas inteiras. Deixou o pensamento correr. Admirava Heine, um homem que combatia seu tempo, que pre-vira acontecimentos só agora plenamente reconhecidos; isso o inspirava em suas próprias realizações, quando se dirigiu ao segundo defensor do grande idealismo alemão, o poeta do general. Era o tipo intelectual gordo, que substituíra o magro. Seu idealismo solene correspondia àqueles grandes e profundos instrumentos de sopro na orquestra, que parecem caldeiras de locomotivas erguidas no ar, produzindo grunhi-dos e roncões desmesurados. Com um só tom, recobrem

mil possibilidades. Espirram enormes jatos de emoções eternas. Quem puder soprar versos dessa forma, pensou Arnheim com alguma amargura, é considerado hoje em dia poeta, diferenciado de literato. Por que não o consideram logo general? Gente desse tipo também sabe lidar com a morte, e sempre precisa de alguns milhares de mortos para saborear com dignidade cada momento da vida.

Mas então alguém afirmara que até o cachorro do general, que uiva para a lua numa noite perfumada de rosas, se interrogado, responderia: o que é que vocês querem? É a lua, são os eternos sentimentos de minha raça; exatamente como diria, pelo mesmo motivo, um daqueles cavalheiros famosos. Até poderia acrescentar que sua emoção sem dúvida era intensa, sua expressão ágil mas simples, que o público o entendia; e quanto a seus pensamentos, recuavam diante das emoções, mas isso correspondia precisamente às exigências vigentes, e jamais fora obstáculo para a literatura.

Desagradavelmente tocado, Arnheim reteve mais uma vez a fumaça do charuto entre os lábios que funcionavam como fronteira entre pessoa e mundo exterior. Elogiara em todas as ocasiões alguns daqueles poetas puros, porque era de bom-tom; em algumas ocasiões até os ajudara com dinheiro; mas na verdade, não suportava nem a eles nem a seus versos empolados, e só agora percebia isso. “Esses cavalheiros heráldicos, que não conseguem nem se sustentar”, pensou, “no fundo deviam estar num parque de reserva nacional com os últimos bisões e águias!” Mas a noite decorrida revelara que já não era hora de ajudá-los, e a reflexão de Arnheim encerrou-se, portanto, com algum lucro.

DESTRONIZAÇÃO DA IDEOCRACIA

Provavelmente é um fenômeno bem fundamentado que tempos, cujo espírito parece uma feira livre, tenham como antítese poetas que nada têm a ver com seu tempo. Eles não se sujam com pensamentos contemporâneos, produzem por assim dizer poesia pura, falam a seus seguidores com o dialeto morto da grandeza, como se estivessem por pouco tempo, de passagem, na Terra, acabando de voltar da eternidade, como um homem que há três anos foi para a América, e ao voltar para casa já fala alemão com sotaque. É mais ou menos como tamparmos um buraco vazio com uma cúpula vazia: o vazio superior apenas aumenta o vazio vulgar, e, assim, nada é mais natural do que, a uma época de culto à personalidade, suceder outra que não dê valor algum à responsabilidade e grandeza.

Com a confortável sensação de estar seguro contra qualquer prejuízo, Arnheim procurou cautelosa e provisoriamente adaptar-se a uma situação que suspeitava ser iminente. Não era pouca coisa. Pensava em tudo o que vira nos últimos anos, na América e Europa; na nova paixão da dança, quer se dançasse Beethoven profundamente ou expressando, pelo ritmo, uma nova sensualidade; pensou na pintura, em que se devia exprimir um máximo de relações espirituais com um mínimo de linhas e cores; no cinema, em que um gesto de significado conhecido arrebatava o mundo todo por um pequeno detalhe inovador; e finalmente pensou no homem comum, que já naquele tempo, persuadido do valor do esporte, pensava poder apossar-se do grande seio da natureza esperneando como uma criança.

O que mais chama atenção em todos esses fenômenos é uma tendência para a alegoria, se entendermos com essa palavra uma relação espiritual na qual tudo significa mais do que lhe compete honestamente. Pois assim como um elmo e duas espadas cruzadas lembravam à sociedade barroca os deuses e suas histórias, e que não foi um cavalheiro João que beijou a mão da dama

Joana, mas um Deus da Guerra que beijou uma Deusa da Castidade, assim João e Joana, quando se bolinam hoje em dia, vivem o ritmo do seu tempo, ou qualquer outra imagem tirada dessa coleção de dez dúzias de novos modelos, que já não formam um Olimpo a pairar sobre alamedas de teixos, mas toda a confusão dos tempos modernos. No cinema, no teatro, no palco de danças, no concerto, automóvel, avião, na água, ao sol, nas alfaiatarias e nos escritórios comerciais, surge constantemente uma gigantesca superfície de impressões e expressões, gestos, atitudes e vivências.

Muito nítidos em detalhes exteriores, esses acontecimentos lembram um corpo a girar velozmente, em que tudo é impelido para a superfície e ali se liga, enquanto o interior permanece informe, tumultuado e impetuoso. E se Arnheim tivesse podido ver alguns anos à sua frente, teria visto que mil novecentos e vinte anos de moral cristã, milhões de mortos de uma terrível guerra, e uma floresta alemã de poemas bradando sobre o pudor feminino não conseguiram adiar uma só hora o fato de um dia as saias e cabelos das mulheres começarem a encurtar; e teria visto as jovens européias despindo-se de proibições milenares como bananas que se vão descascando, nuas. Teria visto outras mudanças que julgaria impossíveis, e não importava o que fosse durar ou desaparecer, desde que se pensasse nos grandes e provavelmente vãos esforços que custaria conduzir essas mudanças pelo criterioso caminho da evolução espiritual, com filósofos, pintores e poetas, em vez de trilhar o caminho dos alfaiates, moda e acaso. Pois com isso pode-se calcular a força criadora da superfície, comparada com a estéril teimosia da mente.

Arnheim julgava isso a destronização da ideocracia, da mente, a transferência do espírito para a periferia, a última problemática. Na verdade, a vida sempre seguiu esse caminho, constantemente transformando pessoas de fora para dentro; antigamente a diferença era que nos sentíamos obrigados a também produzir algo de dentro para fora. Até o cão do general, de quem se lembrou naquele instante com simpatia, jamais poderia entender outra evolução das coisas, esse fiel companheiro que o estável e obediente homem do século passado formou à sua imagem e semelhança. Mas seu primo, o galo das estepes, que passa horas a fio dançando, haveria de compreender tudo. Quando arrufa as penas e raspa as patas no chão, provavelmente tem mais alma do que um erudito encadeando idéias diante

de sua escrivania. Pois, afinal, todos os pensamentos emanam das articulações, músculos, glândulas, olhos, ouvidos e das vagas impressões gerais que esse saco de pele, a que pertencem, pode ter. Talvez os séculos passados tenham cometido grave erro valorizando tanto razão e sensatez, convicção, conceito e caráter; era como se considerássemos o arquivo e o registro a parte mais importante de um ministério, porque eles têm seu escritório na sede central, embora sejam apenas repartições auxiliares que recebem instruções de fora.

De repente, possivelmente estimulado por pequenos fenômenos de dissolução provocados pelo amor, Arnheim descobriu onde poderia encontrar o pensamento salvador que pusesse ordem naquela confusão intrincada: ligava-se de alguma forma simpática com a idéia de aumento de produção. Um aumento na produção de pensamentos e experiências era inegável nessa nova época e tivera mesmo de surgir para evitar qualquer elaboração intelectual que esbanjasse tempo. Arnheim imaginava o cérebro do tempo substituído por oferta e demanda, o pensador criterioso pelo comerciante, e saboreou involuntariamente o comovente espetáculo de uma gigantesca produção de experiências que se juntam e soltam livremente, uma espécie de pudim nervoso que tremelica por toda parte ao menor abalo, um enorme tanta que reboa terrivelmente mal o tocamos. O fato de essas imagens não combinarem entre si era consequência do estado sonhador em que colocavam Arnheim; pois lhe parecia que exatamente uma vida assim se poderia comparar a um sonho no qual se estivesse ao mesmo tempo, do lado de fora, com os acontecimentos mais singulares, e dentro, no meio, deitado quieto, com um Eu vaporoso, por cujo vácuo os sentimentos brilham azulados como lâmpadas fluorescentes. A vida pensa em torno da pessoa, e dançando estabelece ligações que ela, quando emprega a razão, só a muito custo realiza, e sem aquele efeito de caleidoscópio.

Portanto, Arnheim refletia como homem de negócios e ao mesmo tempo excitava-se até os vinte dedos dos pés e das mãos, imaginando a livre relação corpo-e-espírito dos próximos tempos, e não lhe pareceu impossível que estivesse por suceder algo coletivo, pan-lógico, e que, abandonando o individualismo desgastado, estivéssemos voltando a uma reforma do paraíso, para levar, ao isolamento do Jardim do Eden, um programa novo e

variado, com toda a superioridade e inventividade da raça branca

Só uma coisa o perturbava. Pois assim como um homem tem, no sonho, capacidade de inserir num acontecimento alguma emoção inexplicável que divide a pessoa em dois, temos a mesma capacidade na vigília, mas apenas aos quinze ou dezesseis anos, quando estamos na escola. Aí também há na pessoa grandes tumultos, estímulos, experiências informes; os sentimentos são muito agitados, mas não muito bem distintos uns dos outros. Amor e raiva, felicidade e sarcasmo, em suma, todas as abstrações morais, são acontecimentos pulsantes que ora recobrem o mundo inteiro, ora se encolhem e anulam; tristeza, ternura, grandeza e nobreza escavam céus altos e vazios. E o que acontece? De fora, do mundo articulado, chega uma forma pronta — uma palavra, um verso, um riso diabólico, chegam Napoleão, César, Cristo ou talvez apenas a lágrima no túmulo paterno —, e surge a obra, numa ligação rápida como um raio. Essa obra de aluno do secundário, esquecemos isso facilmente, é traço a traço uma expressão mais perfeita da emoção, a mais exata coincidência de intenção e realização, a perfeita inserção das experiências de um jovem na vida do grande Napoleão. Mas parece que a relação do grande com o pequeno não é reversível. Vivemos isso no sonho e na juventude, quando pronunciamos um grande discurso e ao acordar infelizmente ainda apanhamos as últimas palavras, vendo que afinal não eram tão bonitas como nos pareciam. E não nos sentimos tão cintilantes e leves como o galo que dança, apenas uivamos para a lua com muita emoção, como o cãozinho do senhor general, várias vezes citado.

Então não podia estar tudo certo, refletiu Arnheim, animando-se, mas é preciso seriamente andar com o seu tempo, acrescentou, alerta; pois afinal, o que lhe interessava mais do que aplicar à produção da vida esse comprovado princípio de fabricação?

ESPECULAÇÃO SOBRE ESPÍRITO EM ALTA E EM BAIXA

Os encontros prosseguiam num curso regular e rápido. O subsecretário Tuzzi falou com o “primo” no “concílio”.

— Sabe que tudo isso já aconteceu uma vez?

E com os olhos indicou a humanidade fervente na casa que agora lhe parecia estranha embora fosse sua.

— Nos inícios do Cristianismo; nos séculos próximos ao nascimento de Cristo. Naqueles tempos formaram-se no caldeirão cristão-levantino-helênico-judaico incontáveis seitas. — E começou a citá-las: — Os adamitas, caninitas, ebionitas, coloridianos, arcônticos, encratitas, ofitas...— Com uma singular lentidão apressada, como quando alguém pretende dissimular a nervosa agilidade de seus atos, apresentou uma longa lista de associações religiosas pré-cristãs ou dos inícios do Cristianismo; dava a impressão de que ele quisesse cuidadosamente fazer o primo de sua mulher entender que sabia mais sobre o que acontecia em sua casa do que, por razões especiais, costumava demonstrar.

E prosseguindo, sob pretexto de comentar os nomes citados, disse que uma seita era contra o casamento porque exigia castidade, enquanto a outra exigia castidade mas, comicamente, pretendia atingir esse objetivo através de rituais lascivos. Os membros de uma seita se mutilavam porque consideravam a carne feminina invenção do diabo, em outras, homens e mulheres se encontravam nus nas reuniões da igreja.

Crentes que gostavam de filosofar e chegaram à conclusão de que a serpente que seduzira Eva no Paraíso fora uma pessoa divina, praticavam sodomia; outros não toleravam virgens porque, segundo sua convicção religiosa, a Virgem Mãe de Deus tivera outros filhos além de Jesus, de modo que a virgindade era um erro perigoso. Uns sempre faziam o contrário

do que os outros praticavam, e todos por motivos e convicções mais ou menos parecidos.

Tuzzi contou isso com a gravidade que os fatos históricos exigem, ainda que sejam esquisitos, e com um vago tom de piada masculina. Estavam parados junto à parede; o subsecretário jogou o resto de seu cigarro num cinzeiro com um sorrisinho aborrecido, continuou olhando distraidamente o burburinho de gente, e encerrou, como se quisesse apenas falar o tempo de duração de um cigarro, dizendo:

— Acho que essa diversidade de opiniões e conceitos subjetivos lembra bastante as disputas de nossos literatos. Amanhã terão acabado. Se, por várias circunstâncias históricas, um sistema sacerdotal burocrático com eficiência política não tivesse aparecido em tempo, não haveria hoje praticamente rastro da fé cristã...

Ulrich aprovou:

— Burocratas da fé pagos pela comunidade não brincam com regulamentos. Aliás, eu acho que somos injustos para com nossas qualidades vulgares; sem a confiabilidade delas não poderia haver história, pois os esforços espirituais são eternamente litigiosos e fúteis.

O subsecretário ergueu os olhos, desconfiado, e logo os desviou outra vez. Manifestações desse tipo lhe pareciam desinibidas demais. Mas tratava o primo de sua mulher com grande amabilidade e familiaridade, embora mal o conhecesse. Ia e vinha, e dava a impressão de viver, no meio de tudo aquilo que se desenrolava em sua casa, num mundo à parte, cujo sentido mais alto ocultava de todos; mas por vezes parecia não conseguir resistir, e precisava revelar-se a alguém, ainda que num momento e indistintamente, e então era sempre com o primo que iniciava uma conversa. Era uma consequência da falta de valorização junto de sua esposa, apesar dos eventuais acessos de ternura. Nesses momentos, Diotima o beijava como uma menini-nha; uma menininha de talvez catorze anos quando cobre de beijos um menino mais moço, por sabe Deus que motivo. Involuntariamente, o lábio superior de Tuzzi se encolhia envergonhado debaixo do bigodinho crespo. As novas circunstâncias em sua casa deixavam-nos em uma situação absurda. Não esquecera a acusação de Diotima, de que ele roncava, lera também os escritos de Arnheim, e estava disposto a falar a respeito; muitas coisas podia

aceitar, muitas condenar como erradas, algumas coisas não entendia, com aquela calma de quem acha que isso é azar do autor; mas sempre estivera habituado a emitir o juízo respeitado do homem experiente. A possibilidade atual de que Diotima o contrariasse sempre, e, portanto, a necessidade de entrar com ela nessas discussões frouxas, lhe pareciam uma alteração tão injusta em sua vida pessoal, que não conseguia decidir-se a uma explicação, preferindo meio inconscientemente até mesmo duelar com Arnheim.

Tuzzi fechou subitamente seus belos olhos castanhos, com ar aborrecido, e pensou que devia controlar mais suas emoções. O primo ao lado dele (na sua opinião, longe de ser homem com que devesse se aliar!) recordou-lhe a esposa, devido àquela vaga idéia de parentesco; há muito percebera também que Arnheim mimava discretamente aquele homem mais moço, e que o outro demonstrava uma evidente repulsa: eram duas observações não muito substanciais, mas bastaram para provocar em Tuzzi a inquietante suspeita de uma inexplicável simpatia. Ele abriu os olhos castanhos e por algum tempo ficou olhando a sala com ar de coruja, sem ver nada direito.

O primo de sua esposa olhava em frente, como ele, com ar de tédio e familiaridade, e nem notara a pausa na conversa. Tuzzi achou que devia dizer alguma coisa; sentia-se inseguro como uma pessoa sofrendo de alucinações que poderiam ser traídas pelo silêncio.

— O senhor gosta de pensar mal de todas as coisas — comentou ele, sorrindo, como se aquela observação sobre os burocratas da fé só agora tivesse chegado ao seu ouvido —, e minha mulher provavelmente está certa ao rezear sua colaboração apesar do parentesco. Se me permite dizer, suas idéias sobre as outras pessoas tendem a ser uma especulação em baixa.

— Expressão excelente — retrucou Ulrich, contente —, embora eu tenha de admitir que não mereço tanto! Pois foi a história mundial que sempre especulou em baixa ou em alta com os homens; em baixa, através de astúcia e violência, em alta, mais ou menos como sua esposa tenta, pela fé na força das idéias. Também o Dr. Arnheim, até onde se pode confiar em suas palavras, é um especulador em alta. Em compensação, o senhor, sendo por profissão um especulador em baixa, deve ter nesse coro de anjos emoções que eu bem gostaria de conhecer.

E examinou com simpatia o subsecretário Tuzzi. Este tirou a cigareira do bolso e deu de ombros:

— Por que acha que eu penso diferente de minha mulher? — replicou. Queria rejeitar o tom pessoal da conversa, mas reforçara-o com sua réplica. Por sorte, o outro não percebeu nada, e prosseguiu:

— Somos uma massa que assume, de um modo ou de outro, qualquer forma do espaço em que penetra.

— Pensamento difícil demais para mim — respondeu Tuzzi, esquivando-se. Ulrich alegrou-se. Era o oposto dele mesmo; apreciava imensamente conversar com um homem que não reagia a provocações intelectuais, e cujo único meio de defesa disponível ou desejável era usar logo toda a sua pessoa como pretexto. Sua antipatia inicial por Tuzzi há muito se modificara sob a pressão da repulsa ainda maior que sentia pelo espalhafato que reinava naquela casa. Apenas não entendia por que Tuzzi tolerava tudo aquilo, e tecia várias conjeturas a respeito. Aprendia a conhecê-lo muito devagar, exteriormente, como a um animal que se observa, sem aquela visão que a palavra permite ter do interior das pessoas que falam por alguma necessidade, o que facilitaria tudo. Primeiro, agradara-lhe a aparência ressequida daquele homem, que mal tinha uma estatura mediana, e os olhos escuros, intensos, revelando muita insegurança, que não eram em absoluto os olhos de um funcionário público, mas também não combinavam com a pessoa que Tuzzi revelava nas conversas; a não ser que, como volta e meia acontece, fossem olhos de rapazinho a espreitar nos traços do homem, como janela de um recanto não usado, fechado e esquecido do seu interior.

A outra coisa que chamara a atenção do primo fora o cheiro do corpo de Tuzzi; era um odor chinês, ou de caixinhas de madeira seca, ou uma mistura de efeitos do sol, mar, exotismo, prisão de ventre, e discretos resquícios de barbearia. Esse aroma o fazia pensar; só conhecia duas pessoas com cheiro pessoal, Tuzzi e Moosbrugger. Quando percebia o odor levemente áspero de Tuzzi e pensava em Diotima, com sua grande superfície recoberta de um tênue aroma de pó-de-arroz que parecia não ocultar nada, chegava aos paradoxos de paixão a que não parecia corresponder em absoluto a convivência um pouco cômica daquelas duas pessoas. Ulrich teve de recolher seus pensamentos até chegar àquela distância das coisas que se diz permissível, para poder retrucar a resposta esquiva de Tuzzi.

— É uma presunção de minha parte — começou ele de novo naquele tom um pouco entediado mas decidido que, em sociedade, exprime tristeza por

ter de entediar também ao outro porque a situação não permite coisa melhor —, certamente é présunção minha tentar definir diplomacia na sua presença; mas espero que me corrija. Tentarei dizer que a diplomacia presume que se possa atingir uma ordem confiável das coisas unicamente utilizando a mentira, a covardia, o canibalismo, em suma, as sólidas baixezas do ser humano; ela é um idealismo em baixa, para usar novamente sua excelente expressão. E eu acho isso encantadoramente melancólico, pois pressupõe que a inconfiabilidade de nossas forças superiores nos facilita o caminho ao antropófago da mesma forma que permite o acesso à crítica da razão pura.

— Infelizmente — defendeu-se o subsecretário —, o senhor tem uma visão romântica da diplomacia, e, como tanta gente, confunde política com intriga. Isso pode estar correto para os tempos em que ela era exercida por príncipes, amadores nesse campo; mas não é correto num tempo em que tudo depende de considerações burguesas. Não somos melancólicos, mas otimistas. Temos de acreditar num futuro melhor, ou não resistiríamos diante de nossa própria consciência, que não é diferente da de outras pessoas. Se quiser realmente usar a palavra canibalismo, posso apenas dizer que o mérito da diplomacia é evitar que o mundo pratique canibalismo; mas para podermos fazer isso, precisamos acreditar em alguma coisa superior.

— E em que o senhor acredita? — interrompeu o primo sem rodeios.

— Ora, veja! — disse Tuzzi. — Não sou mais uma criança que possa responder a isso, assim, sem mais nem menos! Só quis dizer que quanto mais um diplomata sabe identificar-se com as correntes espirituais de seu tempo, tanto mais fácil lhe será exercer sua profissão. Inversamente, nas últimas gerações viu-se que precisamos de tanto mais diplomacia quanto maiores os avanços do espírito em todos os lados; mas isso é apenas natural!

— Natural? Mas o senhor acaba de dizer o mesmo que eu! — exclamou Ulrich, tão vivamente quanto permitia a imagem desejada de dois cavalheiros conversando moderadamente. — Eu demonstrei com dificuldade que o espiritual e o bom não podem existir duradouramente sem ajuda do mau e do material, e o senhor responde mais ou menos que quanto mais espírito existir mais cautela será necessária. Então, digamos: podemos tratar o ser humano como um sujeitinho ordinário, e assim não o levaremos a muita coisa; mas podemos entusiasmá-lo, e também não o levaremos a

grande coisa. Por isso oscilamos entre esses dois métodos e os misturamos; é isso. Parece-me que concordamos muito mais do que o senhor quer admitir.

O subsecretário Tuzzi virou-se para aquele incômodo interlocutor; um sorrisinho ergueu seu bigode, seus olhos brilhantes assumiram uma expressão ironicamente indulgente; queria terminar com aquele tipo de conversa, insegura como gelo escorregadio, e infantilmente inútil como crianças esquiando sobre esse gelo.

— Veja, provavelmente o senhor vai considerar isso uma barbárie — respondeu —, mas vou lhe explicar: na verdade, só professores universitários deveriam filosofar! Naturalmente excluo disso nossos grandes filósofos, que prezo muito e que li todos; mas eles pertencem, por assim dizer, a uma outra época. E nossos professores são empregados para fazer isso, é uma profissão e não tem nada de mais; afinal precisamos dos professores para que a coisa não morra. Mas de resto, a antiga máxima austríaca, de que o cidadão não deve refletir sobre todas as coisas, tinha razão. Raramente nasce disso algo de bom, salvo a fácil arrogância.

O subsecretário enrolava um cigarro e calou-se; não sentia necessidade de desculpar-se pela sua “barbárie”. Ulrich contemplava seus esguios dedos morenos, e ficou encantado com a despudorada semiburrice que Tuzzi manifestara.

— O senhor expressou o conceito moderno usado há milênios pelas igrejas em relação a seus membros, e, ultimamente, pelo socialismo — comentou cortesmente.

Tuzzi ergueu rapidamente os olhos, para ver o que o primo queria dizer com aquela analogia. Depois aguardou que o outro voltasse a fazer uma longa reflexão, antecipadamente irritado com aquela eterna indiscrição intelectual. Mas o primo não fez nada além de contemplar com simpatia o antiquado homem a seu lado. Há muito tempo achava que Tuzzi tinha motivos para permitir as relações de sua esposa com Arnheim dentro de certos limites, e teria gostado de saber o que pretendia com isso. Continuava na dúvida. Talvez Tuzzi apenas se portasse como os bancos em relação à Ação Paralela, da qual se mantinham, por ora, o mais afastados possível, sem se desligarem dela inteiramente; e talvez ele não notasse a segunda floração

amorosa de Diotima, por mais visível que fosse. Era difícil de acreditar. Ulrich divertia-se contemplando as fundas rugas e vincos no rosto do vizinho, e a dureza dos músculos dos maxilares quando os dentes mordiam a ponta do cigarro. Aquele homem lhe dava impressão de pura virilidade. Estava um pouco cansado de tantos monólogos e gostava de imaginar um homem que fosse taciturno. Calculava que já em menino Tuzzi não devia ter gostado de outros meninos falastrões; os que falam muito acabam sendo mais tarde os homens das belas- letras, enquanto os meninos que preferem cuspir entre os dentes a abrir a boca se tornam homens que não gostam de desperdiçar pensamentos e procuram na ação, na intriga, na simples tolerância ou rejeição uma compensação pelo inevitável ato de sentir e pensar, que de alguma forma os envergonha; pois preferem utilizar pensamentos e emoções apenas para enganar aos outros.

Naturalmente, se lhe fizessem essa observação, Tuzzi a teria rejeitado assim como rejeitaria uma observação sentimental; pois era princípio seu não admitir exageros e coisas inusitadas, nem numa direção, nem noutra. Aliás, devia-se falar pouco com ele sobre o que sua pessoa tão bem representava, assim como não se pergunta a um músico, um ator ou dançarino o que ele quer dizer; e naquele momento Ulrich teve vontade de bater no ombro do subsecretário, ou passar-lhe mansamente a mão pelos cabelos, mostrando numa pantomima sem palavras a harmonia que havia entre eles.

Ulrich só não podia imaginar que Tuzzi, não apenas quando menino mas também naquele instante, tinha desejos de cuspir entre os dentes um jato bem viril. Pois sentia a seu lado algo parecido com vaga simpatia, e isso lhe causava desconforto. Sabia bem que em sua observação sobre filosofia misturavam-se muitas coisas para um ouvinte estranho, nem sempre coisas bem-vindas, e o diabo devia tê-lo instigado a dar ao “primo” (pois por alguma razão sempre chamava Ulrich assim) aquela prova juvenil de confiança. Não suportava homens falastrões, e indagou-se, consternado, se afinal, sem saber, desejaria conquistar aquele homem como aliado junto de sua esposa; sua pele ficou rubra de vergonha quando pensou nisso, pois recusava esse tipo de ajuda, e involuntariamente afastou-se mais de Ulrich, por um pretexto qualquer, com alguns passos maldisfarçados.

Mas então mudou de idéia, voltou, e perguntou:

— Já pensou alguma vez no motivo por que o Dr. Arnheim passa tanto tempo aqui em nossa casa? — De repente imaginou que com uma pergunta dessas mostraria melhor que considerava impossível qualquer ligação com sua mulher.

O primo o encarou, francamente perplexo. A resposta correta era tão evidente que ficava difícil encontrar outra.

— Acha que há realmente um motivo especial? — perguntou, hesitante.

— Nesse caso, será certamente apenas algum assunto de negócios.

— Não posso afirmar nada — respondeu Tuzzi, sentindo-se novamente um diplomata. — Mas poderá haver outro motivo?

— Naturalmente não pode haver — disse Ulrich cortesmente. — O senhor fez uma observação excelente. Devo admitir que não pensei em coisa alguma. Achei que devia ser por causa das inclinações literárias dele. Aliás, seria bem provável.

O subsecretário concedeu apenas um sorriso distraído.

— Então devia me explicar por que um homem como Arnheim tem inclinações literárias — disse; mas logo se arrependeu, pois o primo começava novamente uma longa resposta.

— Não percebeu ainda que hoje em dia há um número singular de pessoas falando sozinhas nas ruas?

Tuzzi deu de ombros, indiferente.

— Há qualquer coisa errada com elas. Obviamente não conseguem viver suas experiências inteiramente, ou não conseguem assimilá-las, e precisam livrar-se dos restos. Assim, penso eu, surge também uma necessidade exagerada de escrever. Talvez não veja isso tão nitidamente no ato de escrever, porque havendo talento e prática surge algo que supera de longe as motivações iniciais; mas na leitura se reconhece sem dúvida alguma: praticamente ninguém mais lê hoje em dia, todo mundo só usa o escritor para liberar de maneira perversa, através da aceitação ou da rejeição, seus próprios excessos.

— Então acha que há alguma coisa errada na vida de Arnheim? — perguntou Tuzzi, atento. — Nos últimos tempos andei lendo seus livros, apenas por curiosidade, porque tanta gente lhe dá tão grandes chances na política; mas devo confessar que não reconheço nem sua necessidade nem seu objetivo.

— Pode se colocar essa questão de maneira bem mais generalizada — disse o primo.

— Se uma pessoa tem tanto dinheiro e influência que pode realmente ter tudo o que quiser, por que escreve? Na verdade, eu deveria perguntar, muito ingenuamente, por que todos os contadores de histórias profissionais escrevem. Eles contam uma coisa que não existiu, como se tivesse acontecido. É óbvio. Mas será que admiram a vida apenas como os mendigos que admiram o homem rico e não se cansam de falar que ele pouco se importa com eles? Ou apenas ruminam? Ou roubam felicidade, criando na fantasia algo que na verdade não podem atingir ou suportar?

— O senhor nunca escreveu? — interrompeu Tuzzi.

— Nunca, e isso me inquieta. Pois não sou feliz a ponto de não precisar escrever. Tomei o propósito de, se em breve não sentir necessidade de fazê-lo, me suicidar por ser totalmente anormal!

Ele disse aquilo com uma amabilidade tão grave que a anedota se destacou do rio da conversa como uma pedra recoberta pela água.

Tuzzi notou isso, e seu tato o fez reconstituir imediatamente a conexão.

— Então — disse com firmeza —, o senhor diz o mesmo que eu quando afirmo que o burocrata só começa a escrever quando se aposenta. Mas e o Dr. Arnheim ?

O primo ficou calado.

— Sabe que Arnheim é totalmente pessimista e não especula absolutamente “em alta” quanto ao empreendimento que acontece aqui em casa, e do qual participa tão altruisticamente? — disse Tuzzi, baixando repentinamente a voz. Recordara que, no começo, Arnheim falara com ele e sua esposa sobre as possibilidades da Ação Paralela num tom muito pessimista, e não entendia o fato de ele próprio se recordar disso só agora, depois de tanto tempo, a não ser como resultado de sua diplomacia, embora não tivesse descoberto praticamente nada sobre os motivos da estada de Arnheim na cidade.

O primo fez um ar de surpresa.

Talvez só por amabilidade, porque ainda preferia calar. Mas de qualquer

modo, dessa maneira os dois cavalheiros, logo separados pelos convidados que se aproximavam, guardaram a impressão de uma conversa excitante.

A atenção e admiração que Arnheim recebia talvez tivessem deixado qualquer outro homem inseguro e desconfiado, se tivesse podido imaginar que se deviam ao seu dinheiro. Mas Arnheim considerava a desconfiança um sinal de natureza vulgar, que um homem da sua posição só poderia se permitir por razões puramente comerciais. Além disso, estava convencido de que a riqueza é uma qualidade de caráter. Todo homem rico considera a riqueza uma qualidade de caráter. Todo homem pobre também. Todo mundo está silenciosamente convicto disso. Só a lógica cria aqui algumas dificuldades, afirmando que a posse de dinheiro talvez conduza a certas qualidades, mas jamais pode ser, ela mesma, uma qualidade humana. A mentira salta aos olhos. Todo nariz humano cheira imediatamente o doce aroma de independência, hábito de comando, hábito de escolher sempre o melhor para si, o leve desprezo pelo mundo e constante e consciente responsabilidade pelo poder, que nascem de uma renda certa e volumosa. Percebe-se pela aparência de uma pessoa dessas que ela é nutrida e diariamente renovada por forças selecionadas no mundo inteiro. O dinheiro circula em sua superfície como seiva numa flor; não há empréstimo de qualidades, conquista de hábitos, nada que seja indireto ou de segunda mão: mas destrua-se a conta bancária e o crédito, e o homem rico não só não terá mais dinheiro, mas no dia em que se der conta disso, será uma flor murcha. Com a mesma evidência com que antes se percebia a qualidade de sua riqueza percebe-se, só agora, a indescritível qualidade do Nada nele, que cheira a uma nuvem chamuscada de insegurança, inconfiabilidade, incompetência e pobreza. Portanto, a riqueza é uma qualidade pessoal, simples, que se des-trói quando decomposta.

Mas o efeito e as funções dessa rara qualidade são extraordinariamente enredados e exigem força psíquica para serem dominados. Só gente que não tem dinheiro imagina a riqueza como um sonho; pessoas que o têm, em

todas as oportunidades em que encontram pessoas pobres, afirmam que ele é um grande incômodo. Arnheim, por exemplo, pensara muitas vezes que, na verdade, qualquer chefe de seção técnica ou comercial de sua firma o superava em alguma capacidade especial, e precisava assegurar-se todas as vezes de que, considerados de um ponto de vista bastante elevado, os pensamentos, o saber, a lealdade, a cautela e coisas semelhantes parecem qualidades compráveis, porque existem em abundância, enquanto que a capacidade de se servir delas presume qualidades que poucos possuem — no caso, os que já nasceram e cresceram nas alturas.

Outra dificuldade não pequena para as pessoas ricas é que todas as pessoas querem dinheiro delas. Dinheiro não importa; é verdade, um homem rico não sente a presença ou falta de alguns milhares ou dezenas de milhares de marcos. Os ricos gostam de afirmar em todas as oportunidades que o dinheiro não muda em nada o valor de uma pessoa; com isso querem dizer que sem dinheiro valeriam tanto quanto valem hoje, e sempre ficam ofendidos quando alguém os interpreta mal. Infelizmente, na relação com intelectuais isso não raro lhes acontece. Os intelectuais raramente têm dinheiro, só planos e talento, mas não se sentem diminuídos em seu valor; e parecem gostar de pedir a um amigo rico, que não se importa com dinheiro, que os ajude com *esse excesso* de riqueza em algum bom propósito. Não compreendem que o homem rico os gostaria de apoiar com suas idéias, sua capacidade e atração pessoal. Dessa maneira o colocamos além do mais em litígio com a própria natureza do dinheiro, pois *este* quer se multiplicar assim como a natureza animal anseia pela reprodução. Pode-se meter dinheiro em maus negócios, e ele perecerá então no campo da honra monetária; pode-se comprar um carro embora o velho esteja praticamente novo, desembarcar nos mais caros hotéis de estações de água do mundo em companhia do cavalo de pólo preferido, instituir prêmios de corridas ou de artes, ou gastar num jantar com cem convidados uma quantia que alimentaria cem famílias por um ano: tudo isso é jogar dinheiro pela janela como um semeador joga sementes, e ele entrará novamente pela porta, multiplicado. Mas gastá-lo silenciosamente com objetivos e pessoas que não nos dão proveito é como assassinar o dinheiro. Talvez os objetivos sejam bons e as pessoas incomparáveis; nesse caso, devem ser estimuladas por todos os meios, à exceção do dinheiro. Era um princípio básico de Arnheim, e aplicá-lo obstinadamente dera-lhe fama de participar ativa e

criativamente na evolução intelectual de seu tempo.

Arnheim também podia dizer de si próprio que pensava como socialista, e muitos ricos pensam como socialistas. Não negam que esteja aí uma lei natural da sociedade à qual devem seu capital, e estão convencidos de que é o ser humano que confere importância ao que possui, e não o contrário. Discutem calmamente que não haverá mais propriedade privada no futuro, quando eles não viverem mais; e sua opinião de que têm caráter social se fortalece porque não poucos socialistas de caráter, convictos de que a revolução social se fará de qualquer jeito, preferem a companhia dos ricos à dos pobres. Podia-se prosseguir assim por longo tempo, se se quisesse detalhar todos os aspectos do dinheiro dominados por Arnheim. A atividade econômica não poderia ser destacada das outras atividades intelectuais, e era natural que ele desse seu dinheiro, além de conselhos, aos seus amigos artistas e intelectuais quando lhe pediam com insistência; mas não lhes dava sempre, e nunca dava muito. Eles lhe asseguravam que só a ele no mundo inteiro se atreviam a pedir, porque era o único a ter as qualidades intelectuais necessárias para isso, e ele acreditava; pois estava convicto de que a necessidade de capital repassava todas as relações humanas, e era tão natural quanto a necessidade de respirar, enquanto que, por outro lado, também concordava com os conceitos deles, de que dinheiro era um poder espiritual, aplicando-o unicamente com muito tato e reserva.

E por que, afinal, somos admirados e amados? Não será um mistério difícil de entender, redondo e delicado como um ovo? Seremos mais sinceramente amados por causa de um bigode do que por um automóvel? O amor que em alguém despertamos por ser um filho do sul, moreno de sol, será mais pessoal do que aquele que se desperta por ser filho de um dos maiores empresários? No tempo em que quase todos os homens modernos raspavam o rosto, Arnheim usava o mesmo cavanhaque pontudo e um bigode aparado que era moda antigamente; por motivos que nem ele compreendia bem, uma pequena sensação estranha, mas ainda assim bem sua, no rosto, trazia-lhe a agradável lembrança de seu dinheiro, quando começava a falar, totalmente esquecido de si mesmo, diante de interlocutores fervorosos.

MESMO ATRAVÉS DA CULTURA FÍSICA É DIFÍCIL DOMINAR A
MENTALIDADE CIVIL

O general estava sentado há bastante tempo numa das cadeiras colocadas ao longo das paredes em torno daquela praça de exercícios, tendo ao lado o seu “protetor”, como gostava de chamar Ulrich, e entre eles havia uma cadeira livre com dois cálices cheios, que tinham conseguido no bufê. O casaco azul-claro do general subira quando ele se sentara, formando pregas sobre o ventre como uma testa preocupada. Os dois homens estavam calados ouvindo uma conversa que se desenrolava à sua frente.

— É preciso admitir que o jogo de Beaupré é genial — dizia alguém. — Eu o vi jogar aqui no verão, e na Riviera no inverno passado. Quando erra, a sorte vem em seu auxílio. Ele até erra frequentemente, seu jogo não segue o planejamento de alguém que realmente conhece tênis; mas esse sujeito abençoado por Deus está acima das regras normais do tênis.

— Prefiro tênis científico ao intuitivo — interveio outra pessoa. — Braddock por exemplo. Talvez não exista a perfeição, mas Braddock está perto dela.

O primeiro respondeu:

— O gênio de Beaupré, aquela sua confusão genial e não planejada, chega ao auge quando o saber fracassa!

Um terceiro homem:

— Falar em genialidade talvez seja um pouco exagerado.

— Como quer que se chame? É o gênio que ensina ao homem o jeito certo de tratar uma bola num momento difícil.

Eu diria — ajudou o braddockiano — que tem de se ver personalidade, não importa se a mão segura uma raqueta de tênis ou o destino de um povo.

— Não, não; gênio é exagero! — insistiu o terceiro. O quarto era músico, e

disse:

— Vocês estão enganados. Não vêem o pensamento real que se encontra no esporte, porque ainda estão habituados à supervalorização do lógico-sistemático. E isto é tão antiquado quanto o preconceito de que música é um enriquecimento de emoções, e esporte uma escola da vontade. Mas uma façanha dos movimentos é tão mágica que o ser humano não a tolera desprotegido; vê-se isso no cinema quando falta música. Música é movimento interior, estimula a fantasia dos movimentos. Quando se entender o que há de mágico na música, não se hesitará um segundo em dizer que há genialidade no tênis; só a ciência não é genial, ela é acrobacia cerebral!

— Então tenho razão — disse o seguidor de Beaupré — ao negar genialidade ao jogo científico de Braddock.

— Você ignora — disse o seguidor de Braddock — que precisamos partir de uma renovação do conceito de ciência!

— Afinal, qual dos dois vence ao outro? — perguntou alguém.

Ninguém sabia; os dois já haviam vencido um ao outro várias vezes, mas ninguém tinha os dados exatos na cabeça.

— Vamos perguntar a Arnheim — sugeriu um deles.

O grupo se desfez. O silêncio nas três cadeiras foi demorado. Por fim o General Stumm disse, pensativo:

— Desculpe, estive ouvindo o tempo todo, e tudo isso também se poderia dizer de um general vitorioso, exceto quanto à música. Por que acham essa qualidade genial num tenista, e bárbara num general? — Desde que seu protetor lhe sugerira que tentasse conquistar Diotima com a cultura física, ele refletira várias vezes em como poderia utilizar esse esperançoso acesso às idéias civis, apesar da sua repulsa pelo assunto, mas as dificuldades também nesse sentido eram imensas, como infelizmente ele voltava a constatar.

Diotima espantava-se porque Arnheim tolerava toda aquela gente com visível simpatia, pois as emoções dela correspondiam ao que algumas vezes manifestara com as palavras: negócios internacionais eram apenas *un peu de bruit autour de notre âme*.

Ficava bem confusa às vezes, olhando em torno e vendo sua casa cheia de aristocratas mundanos e intelectuais. Da história de sua vida, restara apenas o extremo contraste entre alto e baixo, sua situação de moça numa medrosa e estreita condição social, e agora aquele sucesso que lhe ofuscava a alma. Apesar da parada num degrau vertiginosamente estreito, tinha vontade de erguer o pé novamente esperando subir ainda mais. A incerteza a atraía. Lutava contra o desejo de entrar numa existência em que ação, intelecto, alma e sonho são uma coisa só. No fundo, não se preocupava mais com a falta de uma grande idéia que coroasse a Ação Paralela; também uma *Áustria Universal* lhe interessava menos; já nem a assustava mais ver que todo grande projeto do espírito humano tem um projeto contrário. O curso das coisas não tem lógica quando elas são importantes, antes lembra uma tempestade, com raios e trovões, e Diotima habituara-se a não saber definir a grandiosidade que a rodeava. Teria gostado de largar a Ação e casar-se com Arnheim, como uma menininha para quem todos os problemas terminam quando ela os larga e corre para o peito do pai. Mas a intensa atividade exterior de sua vida agora a inibia. Não conseguia tempo para essa decisão. A ligação exterior dos fatos corria paralelamente com a interior, em linhas independentes, e vãs tentativas de unificação. Era como em seu casamento que aparentemente até andava mais feliz que antes, agora que o laço espiritual se dissolvia.

Segundo seu caráter, Diotima deveria falar abertamente com o marido, mas nada tinha a lhe dizer. Amava Arnheim? Podia-se dar tantos nomes à sua

relação com ele, que esse nome trivial eventualmente também aparecia em seus pensamentos. Ainda nem se haviam beijado, e Tuzzi não compreenderia abraços extremados da alma, ainda que ela lhes tivesse confessado. Por vezes a própria Diotima se admirava de não acontecerem mais coisas relatáveis entre ela e Arnheim. Mas nunca perdera de todo o hábito de menina boazinha, ambiciosamente interessada em homens mais velhos, e teria imaginado mais facilmente acontecimentos, se não físicos ao menos interessantes, com seu primo, que lhe parecia mais jovem do que ela própria, e a quem desprezava um pouquinho, do que com aquele homem a quem amava, e que sabia valorizar tão bem os momentos em que ela manifestava suas emoções em considerações sublimes de ordem geral.

Diotima sabia que é preciso entregar-se às transformações fundamentais da vida e despertar de novo entre quatro paredes novas sem recordar direito como se entrou ali; mas sentia-se exposta a influências que a deixavam cautelosa. Não estava inteiramente livre da repulsa que o austríaco mediano de seu tempo sentia contra o irmão alemão. Essa repulsa em sua forma clássica, atualmente rara, correspondia mais ou menos à idéia de colocarem-se inocentemente as veneradas cabeças de Goethe e Schiller num só corpo, alimentado com pudins e molhos pegajosos, e recheado com algo daquela inumana substância. Embora o sucesso de Arnheim no ambiente dela fosse enorme, ela percebia que depois da primeira surpresa havia resistências, que não assumiam forma precisa nem se manifestavam, mas cujos ecos a deixavam insegura, mostrando-lhe a diferença entre sua própria postura e a reserva de muitas pessoas segundo as quais antigamente pautara seu comportamento. Mas repulsas nacionalistas habitualmente são repulsa contra si próprio, extraídas da penumbra das próprias contradições e presas a uma vítima adequada, procedimento existente desde tempos primitivos, quando o feiticeiro declarava que um bastãozinho, apresentado como morada do demônio, extraía a enfermidade do corpo do doente. O fato de seu amado ser prussiano perturbava o coração de Diotima, além de tudo mais com temores que não entendia direito, e não era totalmente injustificado chamar de paixão aquele estado indefinido tão diferente da rudeza simples da vida conjugal.

Diotima passava noites sem dormir; nessas noites oscilava entre um capitão

de indústria prussiano e um secretário austríaco. Na transfiguração do entressonho, a grande vida luminosa de Arnheim passava diante dela. Ela voava ao lado do homem amado por um céu de novas honradas, mas esse céu tinha um desagradável tom azul-da-prússia. Na noite negra jazia ao lado do dela o corpo amarelo do subsecretário Tuzzi. Ela apenas o sentia vagamente, como um símbolo negro-amarelo da velha cultura da Kakânia, embora ele pouco tivesse dela. A fachada barroca no palácio do Conde Leinsdorf, seu nobre amigo, estava atrás de tudo; a proximidade de Beethoven, Mozart, Haydn, do Príncipe Eugênio pairava sobre tudo como uma nostalgia que, antes da fuga, já tem saudade de casa. Diotima não conseguia decidir-se a dar o passo para fora daquele mundo, embora quase odiasse o marido por isso. No seu grande e belo corpo, a alma sentia-se desamparada como numa ampla paisagem florida.

“Não devo ser injusta”, dizia para si mesma. “O homem profissional, o burocrata, não é mais tão aberto, perspicaz e receptivo, mas na sua juventude ainda teria havido possibilidades.” Recordava as horas do tempo de noivado, embora já nessa época o subsecretário Tuzzi não fosse muito moço. “Ele conseguiu seu posto e temperou seu caráter com trabalho e espírito de dever”, pensava ela, bondosamente, “e não adivinha que isso sacrificou sua personalidade.”

Desde sua vitória social ela pensava de modo mais tolerante no marido, e seus pensamentos fizeram por isso mesmo mais uma concessão. “Ninguém é pura razão e pragmatismo; todos começam vivendo com uma alma viva”, refletia. “Mas o cotidiano o absorve, as paixões vulgares consomem-no como um incêndio, o mundo frio provoca nele aquela frieza que lhe devora a alma.” Talvez tivesse sido modesta demais para poder censurar-lhe isso em tempo e com severidade. Era tão triste. Parecia-lhe que jamais teria coragem de implicar o subsecretário Tuzzi no escândalo de um divórcio, coisa que, envolvido como era com seu trabalho, o abalaria terrivelmente.

— Então, prefiro o adultério! — disse ela, de repente. Há algum tempo Diotima cultivava essa idéia: adultério.

É um conceito estéril cumprir o dever em qualquer lugar onde se foi colocado; desgastamo-nos por nada; o verdadeiro dever é quando podemos escolher nosso lugar e modelar conscientemente os acontecimentos! Se ela se condenava a permanecer ao lado do marido, haveria uma infelicidade

inútil e outra fecunda, e era dever dela escolher. Mas Diotima jamais conseguira subir além daquela postura penosamente coquete e leviana de todas as descrições que conhecia de adultérios. Não conseguia imaginar-se numa situação daquelas. Tocar a maçaneta de um quarto alheio parecia-lhe o mesmo que mergulhar num charco. Esgueirar-se degraus acima por uma escada desconhecida, com um farfalhar de saias: a placidez moral de seu corpo recusava-se a isso. Beijos apressados contrariavam sua natureza, assim como rápidas palavras de amor. Ela preferia as catástrofes. Últimos passos, palavras de adeus sufocadas na garganta, profundos conflitos entre o dever de amante e de mãe, isso combinava melhor com suas inclinações. Mas não tinha filhos, devido à grande parcimônia do marido, e devia-se evitar a tragédia. Portanto, decidiu-se pelo modelo do Renascimento, quando chegasse a hora. Um amor que vive com o punhal da dor no coração. Não sabia ao certo como imaginar isso, mas sem dúvida era coisa muito leal; tendo ao fundo colunas partidas, e nuvens disparando no alto. Nessa imagem fremia culpa e superação do sentimento de culpa, sensualidade expiada pelo sofrimento, e tudo isso enchia Diotima com uma inaudita exaltação e unção.

“Lá onde uma pessoa encontra suas mais altas possibilidades e realiza mais abundantemente suas forças é o seu lugar”, pensou ela. “Pois lá ela é útil à mais profunda exaltação da vida em geral!”

Diotima fitou o marido, o melhor que pôde na escuridão da noite. Assim como os olhos não percebem os raios ultravioletas, aquele homem inteligente não perceberia certas realidades espirituais!

O subsecretário Tuzzi respirava tranquilamente, sem saber de nada, embalado pio pensamento de que durante sua merecida ausência de oito horas, no sono, nada de importante aconteceria na Europa. Essa paz também impressionava Diotima, e mais de uma vez ela ponderou a idéia: renúncia! Despedir-se de Arnheim, com grandes e nobres palavras de dor, uma renúncia que abalasse os céus, despedidas beethovenianas: o forte músculo do seu coração encolhia-se debaixo dessas exigências. Diálogos trêmulos, de brilho outonal, repletos daquela melancolia de distantes montanhas azuis ocupavam o futuro. Mas renúncia e cama de casal?! Diotima ergueu-se nos travesseiros, seus negros cabelos em desalinho. O sono do subsecretário Tuzzi não era mais o sono da inocência mas o da serpente com um

coelhinho na barriga. Por pouco Diotima o teria acordado e gritado em seu rosto que tinha de deixá-lo, precisava, queria fazer isso!! Essa fuga para uma cena histórica seria bem compreensível naquela situação ambígua; mas o corpo dela era tão demais para isso, sentia que esse corpo não respondia com muito asco à proximidade de Tuzzi. E sentiu um horror seco ao constatar que não sentia repulsa por ele. Desejou chorar, em vão, mas, singularmente, nesse estado a lembrança de Ulrich lhe deu certo consolo. Nunca pensava nele nesses tempos, mas suas singulares palavras, dizendo que desejava eliminar a realidade, e que Arnheim a supervalorizava, tinham um tom incompreensível, vago, que Diotima ignorara na hora, mas que retornava naquelas noites.

“Isso significa apenas que não devo me importar demais com o que vai acontecer”, disse para si mesma, irritada, “é a coisa mais trivial do mundo!” E enquanto traduzia tão mal e simploriamente aquele pensamento, sabia que havia ali alguma coisa que ela não entendia, e por isso aquela inquietação era como um sonífero que paralisava seu desespero junto com sua consciência. O tempo corria como um traço escuro, e ela sentia, consolada, que de alguma forma poderia também admirar aquela ausência de um desespero constante, mas já não via nada claramente.

À noite os pensamentos correm ora em zonas lúcidas, ora em zonas de sono, como água entre pedras, e quando reapareciam calmamente depois de algum tempo, Diotima tinha a impressão de que apenas sonhara as espumaradas de há pouco. O riozinho efervescente atrás da montanha sombria não era o mesmo que aquela torrente serena na qual finalmente Diotima deslizava. Ira, repulsa, coragem e medo se diluíam, não se deviam permitir tais sentimentos, não existiam: ninguém tem culpa nos combates da alma! E Ulrich também era esquecido. Pois existiam apenas os últimos segredos, a eterna nostalgia da alma. Sua moral não depende do que fazemos. Não consiste nos movimentos da consciência nem da paixão. Também as paixões são apenas *un peu de bruit autour de notre ame*. Podemos conquistar impérios ou perdê-los, mas a alma não se move, e nada podemos fazer para atingirmos nosso destino; mas por vezes ele emerge das profundezas do ser, quieto e cotidiano, como o cântico das esferas.

Nessas horas Diotima ficava na cama acordada como nunca, mas cheia de

confiança. Esses pensamentos, com o ponto final indivisível, tinham a vantagem de fazê-la dormir depois de pouco tempo, mesmo nas noites de pior insônia. Ela sentia seu amor passar como uma visão aveludada para o infinito negrume que ultrapassa as estrelas, inseparável dela, inseparável de Paul Arnhem, onde nenhum plano nem in-

tenção podiam chegar. E mal tinha tempo de pegar o copo de água com açúcar, que tinha na mesinha-de-cabeceira para combater a insônia, mas só usava nesse último momento, porque quando estava muito nervosa se esquecia dele. O tênue rumor de quem bebe escorria como sussurros de amantes atrás de uma parede, ao lado do marido adormecido, que nada escutava; então Diotima se recostava devotamente nas almofadas, e mergulhava no silêncio do ser.

É quase evidente demais para ser comentado: desde que se haviam convencido de que a seriedade do empreendimento não pedia maiores esforços, seus ilustres convidados comportavam-se como seres humanos, e Diotima, vendo sua casa repleta de agitação e espírito, ficou decepcionada. Como alma nobre, não conhecia a lei da cautela, segundo a qual na vida particular nos portamos ao contrário da vida profissional. Não sabia que os políticos tomam seu lanche lado a lado amigavelmente depois de terem-se chamado de ladrões e vigaristas na Câmara. Sabia que juizes que, como juristas, condenaram um infeliz a pesadas penas, depois da sessão do tribunal lhe apertam a mão com simpatia como seres humanos, mas não tivera nenhuma objeção a isso. Ouvira contar por vezes que fora de sua duvidosa profissão frequentemente bailarinas são exemplares mães de família, e até achava isso comovente. Também lhe parecia um belo símbolo os príncipes tirarem às vezes a coroa para serem unicamente gente. Mas ao perceber que também príncipes do espírito dão suas voltas incógnitos, achou aquela dupla postura muito estranha. Que paixão é essa, que lei fundamenta essa tendência geral, e faz com que homens fora da profissão não queiram ser os homens que são dentro dela? Depois de encerrado o expediente, quando estão de bom humor, parecem exatamente como um escritório arrumado, com o material de trabalho nas gavetas e as poltronas sobre as mesas. Cada homem é feito de dois homens e não se sabe se é de manhã ou à noite que voltam a si mesmos.

Embora a lisonjeasse o amado de sua alma ser apreciado por todos os homens que ela reunira e conviver especialmente com os mais jovens, como seu líder, por vezes ficava desanimada ao vê-lo enredado naquela agitação, achando que um príncipe do espírito não deveria se permitir tanto convívio com os espíritos mais vulgares, nem deveria ser tão acessível ao mercado instável das idéias.

O motivo residia no fato de Arnheim não ser um príncipe do espírito mas um grande escritor.

O grande escritor é o sucessor do príncipe do espírito, e, no mundo intelectual, corresponde à sucessão dos príncipes pelo homem rico, realizada no mundo político. Assim como o príncipe do espírito faz parte do tempo dos príncipes, o grande escritor pertence ao tempo das grandes batalhas e grandes casas comerciais. É uma forma especial de ligação do espírito com as grandes coisas. O mínimo que se pede de um grande escritor é que tenha um automóvel. Precisa viajar muito, ser recebido por ministros, dar conferências; dar aos líderes da opinião pública a impressão de representar uma força da consciência que não se deve menosprezar; é o encarregado-de- negócios do espírito da nação, quando se trata de provar no exterior que somos humanitários; em casa, recebe convidados notáveis, e além disso ainda precisa cuidar de seus negócios, que tem de tratar com a agilidade de um artista de circo em quem não se deve perceber o esforço dispendido. Pois o grande escritor de modo algum é o mesmo que um escritor que ganha muito dinheiro. Ele não precisa ter escrito o “livro mais vendido” do ano ou do mês, basta que não tenha objeções contra esse tipo de avaliação. Está em todas as comissões julgadoras de premiações, assina todos os manifestos, escreve todos os prefácios, faz todos os discursos de aniversário, manifesta-se sobre todos os fatos importantes, e é chamado por toda parte onde se precisa mostrar serviço. Em todas as suas atividades o grande escritor jamais represento a nação inteira, apenas sua parte progressista, a camada selecionada que é grande, é quase a maioria, e isso o envolve numa constante tensão espiritual. Naturalmente é a vida atual que leva à grande indústria do espírito, assim como inversamente a indústria preme em direção ao intelecto, à política, ao domínio da consciência pública; os dois fenômenos se tocam no centro. Por isso, o papel do grande escritor não se liga a uma pessoa determinada, mas coloca sua figura no tabuleiro de xadrez social, com a regra do jogo e as obrigações do seu tempo. As pessoas bem-intencionadas desse tempo dizem que pouco lhes adianta alguém ter espírito (existe tanto dele que um pouco mais, ou um pouco menos, não importa, e todos pensamos ter o suficiente), mas que se precisa combater a barbárie, e para isso se deve mostrar, ver, fazer agir, o espírito; e como, para isso, o grande escritor é ainda melhor do que um

escritor maior, o que talvez poucas pessoas consigam entender, todos se esforçam para que a grandeza apareça em tamanho grande.

Se compreendermos o caso sob esse prisma não se pode censurar seriamente Arnheim por ele ser uma das corporificações primeiras, experimentais, embora bastante perfeitas, dessa condição, já que ele era talentoso para isso. Pois a maioria dos escritores gostariam de ser grandes escritores, se pudessem. Porém, isso é como com as montanhas: entre Graz e Sankt Polten há muitas que gostariam de parecer o Monte Rosa, só que são baixas demais. A condição indispensável para ser grande escritor é escrever livros ou peças teatrais que sirvam para todos os níveis de leitor. É preciso fazer efeito, para poder então fazer boas realizações; esse princípio fundamenta a existência do grande escritor. É um princípio maravilhoso, que defende contra as tentações de solidão, é o próprio princípio goethiano do sucesso: basta nos mexermos neste mundo amável e o resto virá por si.

Quando um escritor começa a fazer efeito, sua vida se modifica. Seu editor pára de dizer que um comerciante que resolve ser editor parece um idealista trágico, porque ganharia muito mais vendendo tecidos ou papel branco do que vendendo livros. A crítica descobre nele objeto digno de seu trabalho, pois críticos nem sempre são gente ruim, são apenas, por força dos tempos adversos, ex-poetas líricos que precisam encostar o coração em alguma coisa, para desabafar; são poetas líricos do amor, ou da guerra, conforme o capital interior que precisem aplicar favoravelmente, e é compreensível que prefiram aplicá-lo no grande escritor e não no escritor comum. Naturalmente, cada pessoa tem uma capacidade limitada de trabalho, e seus melhores esforços aplicam-se às novidades brotadas anualmente das canetas dos grandes escritores. Assim, estes tornam-se as cadernetas de poupança intelectual da nação, na medida em que cada um provoca interpretações críticas que não são apenas explicações, mas aplicações, e para o restante pouco sobra. Mas isso só assume grandes proporções com os ensaístas, biógrafos e historiadores instantâneos que fazem suas necessidades em cima do grande homem. Com todo o respeito, se os cães preferem uma esquina movimentada a um rochedo solitário para suas necessidades, por que as pessoas dotadas do nobre impulso de perpetuar seu nome deverão preferir um rochedo notoriamente solitário?! Quando se dá conta, o grande escritor

não existe mais por si, mas antes numa simbiose, resultado de uma comunidade de trabalho nacional, no sentido mais refinado, experimentando a mais sublime certeza que a vida nos poderia dar: a de que seu êxito se liga intimamente ao de inúmeras pessoas.

Provavelmente é por isso que muitas vezes encontramos como traço geral do grande escritor o seu bom comportamento. O grande escritor só usa uma escrita combativa quando sente ameaçado seu prestígio; no restante, seu comportamento é marcado pelo equilíbrio e benevolência. É tolerante à perfeição com as ninharias que dizem em seu louvor. Não se digna facilmente a comentar outros autores; mas, quando o faz, raramente lisonjeia homens de alto nível, preferindo estimular um desses talentos inofensivos, feitos quarenta e nove por cento de capacidade, e cinquenta e um por cento de incompetência, e que, devido a essa dosagem, são tão úteis sempre que se precisa de uma força, mas um homem forte poderia prejudicar, que cedo ou tarde terão algum posto influente na literatura.

Mas, assim, já não teremos mais do que caracteriza unicamente o grande escritor? Um bom provérbio diz que, onde há pombas, aparecerão outras pombas; é difícil imaginar a agitação da vida de um escritor comum bem antes de ele se tornar um grande escritor, quando ainda é mero resenhista de livros, redator da página literária, produtor de rádio, roteirista de filme ou editor de um jornalzinho literário; muitos deles parecem burrinhos ou porquinhos de borracha com um furo atrás por onde os enchemos de ar. Quando vemos grandes escritores analisando laboriosamente essas circunstâncias, esforçando-se por construir com elas a imagem de um povo trabalhador que honra os seus grandes, não lhes devemos agradecer? Seu interesse enobrece a nossa vida.

Tentemos imaginar o contrário: um homem que escreve mas não faz nada disso. Teria de recusar convites cordiais, rejeitar pessoas, avaliar o elogio, não como elogiado mas como juiz, criticar fatos naturais, considerar suspeitas as grandes possibilidades de sucesso só por serem grandes, e nada teria a oferecer como compensação senão acontecimentos indizíveis e imponderáveis dentro de sua cabeça, e a sua obra de escritor, que uma era onde já existem tantos grandes escritores não precisa mesmo valorizar muito! Um homem desses não ficaria à margem da comunidade, tendo de

afastar-se da realidade com todas as consequências desse ato?!

Essa era pelo menos a opinião de Arnheim.

A verdadeira dificuldade na vida de um grande escritor surge na medida em que, na vida intelectual, agimos com espírito comercial, mas, por velha tradição, falamos de maneira idealista; e essa ligação entre comércio e idealismo representava um papel decisivo na atuação de Arnheim.

Por toda parte encontramos hoje em dia essas ligações fora de época. Quando os mortos já são levados ao cemitério ao trotar dos cavalos-vapor, ainda colocamos no teto do belo cadáver motorizado, como símbolo, um elmo e duas espadas de cavaleiro cruzadas, e assim é em todos os domínios; a evolução humana é um interminável cortejo, e assim como, duas gerações atrás, ainda se enfeitavam cartas comerciais com floreios retóricos, hoje poderiam-se expressar todas as relações, do amor à lógica pura, em termos de oferta e procura, saldo e superávit, e faríamos isso tão bem como se as expressássemos em linguagem psicológica ou religiosa; apenas não o fazemos. Pois a nova linguagem ainda é insegura. O homem de negócios ambicioso está numa situação difícil hoje em dia. Se quiser preservar as antigas forças do ser, precisa ligar sua atividade a grandes idéias; mas não existem mais grandes idéias em que acreditar sem objeção, pois o cético tempo atual não acredita em Deus, humanidade, coroas ou ética — ou acredita em tudo isso, o que dá na mesma. Portanto, se o homem de negócios não quer renunciar às grandes idéias nem à sua bússola, precisa do artifício democrático de substituir o efeito imensurável da grandeza pela mensurável grandeza do efeito. É grande o que julgamos ser grande; mas isso significa que também é grande o que uma propaganda eficiente afirma aos berros ser grande; e nem todo mundo consegue engolir facilmente essa característica essencial dos nossos tempos; Arnheim tentara várias vezes fazer isso.

Um homem culto pode pensar, por exemplo, na relação entre ciência e

Igreja na Idade Média. O filósofo precisava dar-se bem com a Igreja para ter êxito e influenciar o pensamento de seus contemporâneos, e uma análise laicista medíocre poderia concluir que essas algemas o impediriam de ascender à grandeza; mas era o contrário que acontecia. Os entendidos acham que isso produziu uma incomparável beleza gótica de idéias, e, se foi possível ter consideração para com a Igreja sem prejudicar o intelecto, por que não poderia acontecer o mesmo em relação à propaganda? Quem quiser ter êxito não pode agir também sob essa condição? Arnheim estava convencido de que era sinal de grandeza não criticar demais o seu tempo! O melhor cavaleiro com o melhor cavalo, se atormenta sua montaria, não vence tão bem um obstáculo quanto um cavaleiro que se adapta aos movimentos do seu pangaré.

Outro exemplo: Goethe! Foi um gênio como dificilmente a terra produzirá outro, mas era filho aristocrático de uma família de comerciantes alemães, e, segundo Arnheim, o primeiro dos “grandes escritores” que essa nação produzira. Arnheim o considerava seu modelo em muitas coisas. Mas sua história predileta era aquele caso conhecido de como, apesar de simpatizar com ele, Goethe deixou na mão o pobre Johann Gottlieb Fichte, quando este foi censurado em Jena como professor de filosofia, porque falara “com grandeza, mas talvez não muito adequadamente”, sobre Deus e coisas divinas, e por ter “trabalhado apaixonadamente” em sua própria defesa em vez de safar-se “da maneira mais branda”, segundo afirmou em suas memórias o hábil mestre-poeta.

Arnheim não apenas teria a mesma atitude de Goethe, mas, se convocado, teria tentado convencer o mundo de que isso era propriamente goethiano e importante. Dificilmente teria-se contentado com a verdade de que estranhamente temos mais simpatia pelo erro de um grande homem do que pela ação correta de um homem menos importante; Arnheim teria declarado que a luta incondicional pela própria convicção é tão infecunda quanto uma postura sem profundidade nem ironia histórica; e quanto a essa última, também a teria chamado de goethiana, isto é, a ironia do grave adaptar-se-às- circunstâncias, agindo com humor, à qual o tempo dá razão. Quando se pensa que hoje, apenas duas gerações depois, a injustiça contra o valente, leal e um tanto exagerado Fichte há muito se tornou assunto particular, que nada acrescenta à importância dele, enquanto a importância de Goethe,

embora se portasse mal, a longo prazo não sofreu nada, é preciso admitir que a sabedoria do tempo realmente coincidia com a sabedoria de Arnheim. Um terceiro exemplo — Arnheim estava sempre rodeado de bons exemplos — revelava o sentido profundo dos dois primeiros: Napoleão. Heine descreve-o, nos seus esboços de viagem, de maneira tão harmônica com os conceitos de Arnheim que é melhor repeti-lo nas próprias palavras dele, que Arnheim sabia de cor: “Um espírito desses”, dizia Heine, falando de Napoleão (mas podia ter dito isso de Goethe, cuja natureza diplomática sempre defendia com a argúcia de um amante que secretamente sabe não concordar com o objeto de sua admiração), “um espírito desses é o que Kant tem em mente ao dizer que podemos imaginar uma inteligência que não seja como a nossa, mas seja intuitiva. O que reconhecemos através de reflexão analítica lenta, e longas deduções, aquela mente contempla e compreende profundamente no mesmo instante. Daí seu talento de entender o presente, de lisonjear seu espírito, de jamais o ofender, e de utilizá-lo sempre. Mas como esse espírito do tempo não é apenas revolucionário, mas foi formado pela confluência dos dois conceitos, revolucionário e contra-revolucionário, Napoleão nunca era inteiramente revolucionário nem inteiramente contra-revolucionário, mas sempre agia dentro dos dois conceitos, dois princípios, duas tendências que se uniam nele, e por isso sempre de maneira natural, simples, grande, nunca com aspereza crispada, mas sempre calmo e brando. Por isso nunca fazia intrigas individuais, dando seus golpes sempre de acordo com a arte de compreender e dirigir as massas. Espíritos analíticos e pequenos tendem à lenta, enredada intriga, enquanto espíritos sintéticos e intuitivos sabem ligar de maneira tão maravilhosa e genial os meios que o presente lhes oferece, que os podem utilizar rapidamente para seus objetivos.”

Talvez a intenção de Heine tivesse sido um pouco diferente da atual interpretação de seu admirador Arnheim, mas este sentia-se inteiramente incluído nas palavras do outro.

AS FORÇAS E TAREFAS MISTERIOSAS DE CLARISSE

Clarisse, no quarto; Walter sumira, ela tem uma maçã e o roupão. Maçã e roupão são duas fontes das quais um fino jorro imperceptível de realidade corre para o consciente dela. Por que Moosbrugger lhe parecia musicalmente dotado? Não sabia. Talvez todos os assassinos sejam musicais. Ela sabe que escreveu uma carta a Sua Alteza o Conde Leinsdorf sobre essa questão; lembra-se mais ou menos do conteúdo mas não tem acesso a ele.

Mas o homem sem qualidades era não-musical?

Como não lhe ocorresse resposta adequada, ela largou esse pensamento e foi adiante.

Algum tempo depois, porém, lembrou: Ulrich é o homem sem qualidades. Um homem sem qualidades naturalmente pode também não ser musical. Mas também pode não ser não-musical?

E seguiu pensando.

Ele lhe dissera: “Você parece uma menina e uma heroína.”

Ela repetiu: “menina... e heroína!” Um calor subiu-lhe às faces. Aquilo implicava um dever que ela não compreendia bem.

Seus pensamentos seguiam em duas direções, como uma briga. Sentia-se atraída e repelida, mas não sabia para onde e de onde; por fim uma débil ternura, que sobrara, ela não sabia do que, levou-a a querer procurar Walter. Ergueu-se e largou a maçã.

Tinha pena de estar sempre atormentando Walter. *Já* aos quinze anos percebera que tinha o dom de o atormentar. Bastava exclamar em tom decidido que alguma coisa não era como ele dizia, e ele estremecia, ainda que o que tivesse dito fosse verdade! Clarisse sabia que Walter tinha medo dela. Receava que ficasse doida. Uma vez deixara escapar isso, depois disfarçara depressa; mas desde então ela sabia que ele pensava nisso. Clarisse achava isso muito bonito. Nietzsche diz: “Haverá um pessimismo da força? Uma inclinação intelectual para o que é duro, terrível, perverso?”

Uma profundidade da tendência antimoral? O desejo do terrível, como de um adversário digno?” Essas palavras, quando pensava nelas, causavam-lhe uma excitação sensual na boca, tão suave e intensa como leite, e quase nem podia engolir.

Pensava na criança que Walter queria ter dela. Ele também tinha medo disso. Era compreensível, se pensava que ela enlouqueceria algum dia. Isso lhe provocava ternura por ele, mesmo quando se recusava energicamente. Mas esquecera que queria procurar Walter. Agora acontecia alguma coisa em seu corpo. Os seios estavam intumescidos, um sangue mais grosso rolava nas veias de suas pernas e braços, sentia um impulso indefinido na zona de bexiga e intestino. Seu corpo esguiou aprofundava-se para dentro, seguidamente; tornava-se sensível, vivo, estranho; um filho jazia em seus braços, sorrindo, luminoso; dos ombros dela descia ao chão a roupagem dourada da Mãe de Deus; e a paróquia cantava. Era tudo exterior a ela, e nascera o Senhor do mundo!

Mas, mal isso acontecera, o corpo dela lançou-se novamente sobre esse quadro aberto, como madeira que lança uma cunha; magra, lúcida, cheia de repulsa, sentia uma alegria cruel. Não queria facilitar as coisas para Walter. “Eu quero que sua vitória e sua liberdade anseiem por um filho!”, disse para si mesma. “Quero que construa monumentos vivos de si mesmo. Mas primeiro precisa construir para mim seu próprio corpo e alma!” Clarisse sorria; seu sorriso era fino e sinuoso como uma labareda coberta com uma pedra grande.

Então lembrou-se de que o pai dela tinha medo de Walter. Voltou alguns anos atrás. Estava habituada a isso; Walter e ela gostavam de indagar um ao outro: você se lembra? E uma luz passada retornava, encantadora, da distância, entrando no presente. Era uma coisa tão bonita, e eles a apreciavam muito. Talvez seja como quando se andou sem vontade horas a fio, e nos viramos, e todo o vazio percorrido jaz à nossa frente, de súbito transformado em paisagem, bela recompensa; mas nunca a consideravam assim; levavam muito a sério suas recordações. Por isso lhe parecera incrivelmente excitante e confuso que seu pai, o pintor já idoso, naquele tempo autoridade máxima para ela, tivesse medo de Walter, que introduzira na casa deles o espírito moderno; e que Walter por sua vez tivesse medo dela. Era parecido com a época em que ela passava o braço pelo ombro de

sua amiga Lucy Pachhofen, e tinha de dizer “papai”, sabendo que papai era amante de Lucy, pois as duas coisas aconteciam no mesmo tempo.

Clarisse sentiu novamente as faces em fogo. Interessou-se por esse vagido singular, esse vagido estranho de que falara ao amigo. Pegou um espelho e procurou encontrar outra vez o rosto com os lábios apertados de medo, que devia ter feito naquela noite, quando seu pai se aproximara da sua cama. Não conseguiu produzir o som que se soltara de seu peito naquela tentação. Refletiu que esse som ainda hoje deveria estar dentro de seu peito, como naquela vez. Era um som sem deferência nem cuidado; mas nunca mais subira à superfície. Ela largou o espelho e olhou em torno, cautelosamente, reforçando com olhos tateantes a consciência de estar sozinha. Depois, procurou com as pontas dos dedos, através do vestido, aquele sinal de nascença preto, tão singular. Na região da virilha, meio escondido na parte interna superior da coxa, à beira dos pêlos que terminavam ali, irregulares; ela deixou a mão pousada no sinal, evitou todos os pensamentos e ficou à espreita, para ver a transformação que se passaria nela. Sentiu-a imediatamente. Não era a torrente macia da sensualidade, mas seu braço ficou hirto, duro como um braço de homem; teve a impressão de que se o erguesse direito poderia esmagar qualquer coisa com ele! Chamava aquele local de seu corpo de Olho do Diabo. Seu pai parará naquele ponto. O Olho do Diabo tinha um olhar que atravessava as vestes; esse olhar “botava” o “olho” nos homens, atraía-os, fascinados, mas não permitia que se mexessem enquanto Clarisse não desejasse. Clarisse pensava certas palavras entre aspas, destacadas como, ao escrever, sublinhava certas palavras com grossos traços de tinta; tais palavras assim destacadas tinham um sentido tenso, duma tensão parecida com a do seu braço; quem jamais pensaria que se pudesse realmente captar alguma coisa com os olhos? Mas ela era a primeira pessoa a segurar essa palavra na mão como a uma pedra que se pode atirar contra um alvo. Era uma parte da tremenda força do seu braço. E com tudo isso ela esquecera o ganido no qual desejava refletir, e pensava em sua irmã mais moça, Marion. Quando Marion tinha quatro anos precisavam atar-lhe as mãos, à noite, porque do contrário, sem se dar conta pela pura alegria daquele prazer, elas desciam cobertas abaixo como dois jovens ursos em direção a um favo de mel. Mais tarde ela, Clarisse, certa vez tivera de arrancar Walter de Marion. A sensualidade circulava na sua

família como vinho entre vinhateiros. Era o destino. Ela carregava um ônus pesado. Apesar disso, seus pensamentos vagavam pelo passado, a tensão no braço se desfazia passando a um estado natural, e a mão ficou esquecida no colo. Naquele tempo ainda não tratava Walter por você. Na verdade devia-lhe muita coisa. Ele trouxera a mensagem de gente nova que gostava de móveis frios e claros, e pendurava nas salas quadros que representavam a verdade. E lia para ela: Peter Altenberg, pequenas histórias de meninas pequenas que jogavam aros entre canteiros de tulipas enlouquecidos de amor, e tinham olhos inocentes, claros e doces como *marron-glacés*; e Clarisse soube desde aquele momento que suas pernas esguias, que ainda lhe pareciam infantis, significavam tanto quanto um *scherzo* de “não-sei-de-quem”.

Estavam todos num lugar de veraneio, um grande grupo, várias famílias conhecidas tinham alugado mansões junto a um lago, e todos os quartos de dormir estavam ocupados por amigos e amigas convidados. Clarisse dormia com Marion, e, às vezes, o Dr. Meingast ia ao quarto delas, às onze horas, num secreto passeio ao luar, para conversar; agora era um homem famoso na Suíça, naquele tempo um mestre nas diversões, endeusado por todas as mães. Que idade ela teria naquele tempo? Quinze ou dezesseis anos, ou entre catorze e quinze, quando o aluno dele, Georg Gröschl, veio junto, pouco mais velho do que Marion e Clarisse? O Dr. Meingast estava distraído naquela noite, fez apenas um breve discurso sobre os raios de luar, pais que dormiam insensíveis, e gente nova; de repente sumiu e parecia só ter vindo para deixar com as meninas o seu musculoso pequeno Georg, seu admirador. Georg não disse nada, devia sentir-se intimidado, e as duas meninas, que até ali haviam apenas respondido a Meingast, também se calaram. Mas, então, provavelmente Georg cerrou os dentes no escuro e aproximou-se da cama de Marion. O quarto estava um pouco iluminado pela luz que vinha de fora, mas nos cantos, onde ficavam as camas, erguiam-se densas massas de sombra, e Clarisse não conseguia divisar o que acontecia; apenas notou que Georg parecia estar parado junto à cama de Marion baixando os olhos para ela, mas de costas viradas para Clarisse, e Marion estava absolutamente quieta, como se nem estivesse no quarto. Aquilo durou bastante tempo. Finalmente Georg se destacara das sombras, como um assassino, enquanto Marion continuava imóvel como antes; o ombro e o flanco apareceram por um momento no luar, no centro do quarto,

e ele veio até Clarisse, que se deitara depressa outra vez, puxando o cobertor até o queixo. Sabia que agora se repetiria com ela a coisa secreta que acontecera com Marion, e estava hirta de expectativa, enquanto Georg se postava mudo junto da sua cama, e parecia apertar os lábios com incrível força. Por fim a mão dele chegou como uma cobra, e começou a manipular Clarisse. Ela não percebia bem o que mais ele estava fazendo; não tinha idéia daquilo, e não conseguia dar sentido ao pouco que percebia de seus movimentos apesar da excitação. Ela própria não sentia prazer nenhum, este só veio depois; no momento, era apenas um nervosismo intenso, inominado, assustado; estava quieta como uma pedra trêmula numa ponte sobre a qual passa uma pesada carroça com infinita lentidão, não conseguia dizer nada, e deixou-o fazer o que quisesse. Depois de soltá-la, Georg sumiu sem se despedir, e nenhuma das duas irmãs soube ao certo se com a outra acontecera o mesmo que com ela; não tinham pedido socorro uma à outra nem tinham-se convidado a participar, e passaram-se anos antes de comentarem o ocorrido.

Clarisse encontrara novamente sua maçã, ficou roendo a fruta e mastigando pedacinhos. Georg nunca se traíra nem mencionara o acontecido, apenas talvez, bem no começo, de vez em quando lançava uns olhares significativos; hoje era um brilhante e elegante funcionário da Justiça, e Marion estava casada. Mas com o Dr. Meingast mais coisas haviam acontecido: deixara aquela máscara de cínico quando fora para o exterior, tornara-se o que, fora das universidades, se chama de filósofo famoso, mantinha ao seu redor constantemente uma multidão de discípulos e discipulas, e há pouco tempo escrevera uma carta a Walter e Clarisse, anunciando que em breve pretendia visitar a pátria para poder trabalhar um pouco sem ser perturbado pelos seguidores. Também perguntara se o poderiam hospedar, pois ouvira dizer que viviam “na fronteira entre natureza e cidade”. Talvez esse fosse o motivo de os pensamentos de Clarisse estarem seguindo velhos caminhos naquele dia. “Meu Deus, que tempo estranho aquele!”, pensou. E agora também sabia: fora no verão antes daquele verão com Lucy. Meingast a beijava sempre que tinha vontade. “Permita que eu a beije agora!”, dizia educadamente, antes de fazê-lo, e também beijava todas as amigas dela; Clarisse até sabia de uma cujo vestido nunca mais pudera ver sem pensar naqueles olhos baixos falsamente inocentes. O próprio Meingast lhe contara tudo, e Clarisse —

que naquele tempo tinha só quinze anos! — dizia ao adulto Dr. Meingast quando ele lhe contava suas aventuras com amigas dela: “O senhor é um porco!” Divertia-a enormemente usar aquela palavra vulgar e insultá-lo; mas tinha medo de afinal também não poder lhe resistir, e quando ele pedia um beijo não tinha coragem de negar por medo de parecer idiota.

Mas quando Walter a beijara pela primeira vez, ela dissera muito séria: “Prometi a mamãe nunca fazer uma coisa dessas.” Era essa a diferença: Walter dizia frases bonitas como as do Evangelho, e falava muito, a arte e a filosofia o rodeavam como um bando de nuvens rodeia a lua. Lia para ela em voz alta. Mas principalmente olhava para ela, ela entre todas as amigas, e nisso constava de início a sua relação; era como quando a lua aparece e a gente cruza as mãos. Na verdade o relacionamento deles prosseguira com apertos de mão; apertos de mão silenciosos, sem palavras, com uma singular força de união. Clarisse sentia o corpo purificado pela mão dele; e se esta lhe era estendida alguma vez com frieza e distração, ficava infeliz.

“Você não sabe o que isso significa para mim!”, disse. Naquele tempo os dois já se tratavam por “você”. Por causa dele, Clarisse começou a compreender montanhas e besouros, pois até ali apenas considerara a natureza uma paisagem que papai ou um de seus colegas pintava e vendia. De repente, despertara seu espírito de crítica em relação à família; sentia-se outra, diferente. Clarisse também recordou exatamente aquela história do *scherzo*: “Suas pernas, Srta. Clarisse”, dissera Walter, “têm mais a ver com a verdadeira arte do que todos os quadros que seu pai pinta!” Havia um piano naquele veraneio, e eles tocavam a quatro mãos. Clarisse aprendeu com ele; queria superar as amigas e a família; ninguém compreendia como podiam ficar tocando piano naqueles dias bonitos, em vez de remar ou tomar banho, mas ela colocara sua esperança em Walter; já naquela ocasião decidira que seria “mulher dele”, ia casar-se com ele, e quando ele a censurava por algum erro ao tocar, ficava indignada, mas o prazer superava tudo. E Walter às vezes realmente a censurava, pois o espírito não conhece concessões; mas era só quando tocavam piano. Além da música ainda acontecia que Meingast a beijasse; e num passeio ao luar, quando Walter remava, ela deitara espontaneamente a cabeça no peito de Meingast, sentado a seu lado na proa. Meingast era incrivelmente hábil nesses assuntos, ela

não sabia o que iria acontecer; quando Walter a pegou pela segunda vez, depois da aula de piano, no último momento, quando já estavam na porta, agarrando-a por trás e beijando-a, Clarisse teve apenas uma sensação enjoada de sufocação, e livrou-se dele; apesar disso, estava determinada: não importava o que ainda poderia acontecer com o outro, a esse não largaria!

Acontecem coisas estranhas nesses assuntos; a respiração do Dr. Meingast tinha algo que derretia a resistência dela, algo como um ar leve e puro, no qual a gente se sente feliz sem notar; enquanto Walter, que, Clarisse há muito sabia, sempre sofria de digestão difícil, com os intestinos tão lentos quanto suas decisões, tinha respiração um tanto pesada, quente demais, fermentada e paralisante. Esses fatores físicos e espirituais tinham-se relacionado singularmente desde o começo, e Clarisse não se espantava, porque nada lhe parecia mais natural do que isso que Nietzsche diz, que o corpo de uma pessoa é a sua alma. As pernas dela não tinham mais genialidade do que a cabeça, mas exatamente a mesma; eram a própria genialidade. Sua mão, tocada por Walter, movia momentaneamente uma torrente de propósitos e afirmações que corria da cabeça aos pés, sem palavras; e sua juventude, assim que se tornara consciente, rebelava-se contra as convicções e outras bobagens de seus pais com o frescor de um corpo duro que desdenha todas as emoções que lembrem de longe opulentas camas de casal e luxuosos tapetes turcos, tão apreciados pela geração anterior, de costumes tão severos. Por isso o físico continuou tendo um papel, que ela encarava de um modo talvez diferente do de outras pessoas.

Mas aqui Clarisse interrompeu suas recordações; ou não era bem isso, eram as recordações que, de súbito, sem terem tocado a terra, se afastavam do presente. Pois tudo isso, e o que ainda viria, ela desejara transmitir ao seu amigo sem qualidades. Talvez Meingast no momento ocupasse um espaço excessivo, pois desaparecera logo depois daquele verão agitado, fugira para o estrangeiro, começara aquela imensa transformação que faz do mundano frívolo um pensador famoso, e Clarisse só o revira rapidamente depois daquilo, sem pensar no passado. Mas pensando nele agora, via claramente sua participação naquela mudança. Muitas coisas tinham acontecido entre os dois nas semanas antes da fuga dele; sem Walter, e com a ciumenta participação de Walter, afastando Walter, excitando Walter, tempestades

espirituais, horas ainda mais loucas que transtornam um homem e uma mulher antes da tempestade, e horas de esgotamento, que gastaram toda a paixão e jazem como prados depois da chuva, no puro ar da amizade. Clarisse tivera de suportar muita coisa, e não o fizera de má vontade, mas, criança curiosa, depois acabava se rebelando, dizendo o que pensava daquele amigo descontrolado; e porque nos últimos tempos antes da sua partida Meingast já se tornara mais sério, quase nobre e melancólico naquela disputa com Walter, ela hoje estava convencida de que atraía para si tudo o que o perturbava antes de ele ir para a Suíça, permitindo assim que ele se transformasse tão inesperadamente. Essa idéia se fortalecia por tudo que em seguida acontecera entre ela e Walter; Clarisse não conseguia mais distinguir direito aqueles anos e meses há tanto passados, mas afinal era indiferente em que época acontecera uma coisa ou outra; depois da hesitante aproximação com Walter, viera um tempo romântico, com passeios, confissões e posse espiritual, ao mesmo tempo repleto daqueles incontáveis, pequenos, infinitamente torturantes excessos que arrebatam dois apaixonados, aos quais falta a coragem para se decidirem, mas que já se afastaram da castidade. Era como se Meingast tivesse deixado com eles seus pecados, para os experimentarem novamente num sentido mais sublime, e levá-los ao ápice do esgotamento; assim pensavam. E hoje que Clarisse gostava tão pouco de Walter que seguidamente sentia repulsa por ele, via ainda mais claro que a embriaguez de amor, que a deixara tão enlouquecida, não podia ter sido senão uma encarnação, o que, ela sabia, significava “entrada na carne”, de algo não carnal, um sentido, uma tarefa, um destino, como os que são preparados entre as estrelas para os escolhidos.

Não se envergonhava, antes sentia vontade de chorar um pouco, ao comparar ontem e hoje; mas jamais conseguia chorar, apenas apertava os lábios, e neles aparecia algo semelhante a um sorriso. Seu braço, beijado até na axila, a perna vigiada pelo Olho do Diabo, seu corpo flexível, mil vezes revirado pelos langores do amado e voltando a si como um cordão esticado, guardavam a maravilhosa sensação que acompanha a do amor: de estar repleto de uma misteriosa importância em cada gesto.

Clarisse estava ali sentada e sentia-se como uma atriz no intervalo da peça. Não sabia o que estava por vir; mas estava certa de que era a tarefa infinita

de todos os apaixonados manter-se como aquilo que se foi para o outro nos momentos supremos. E seu braço estava ali, suas pernas, sua cabeça sobre o corpo, sinistramente pronta a ser a primeira a perceber o inevitável. Talvez seja difícil entender o que Clarisse pensava, mas para ela não era grande esforço. Escreveu uma carta ao Conde Leinsdorf, pedindo um Ano Nietzsche, e ao mesmo tempo a libertação do assassino de mulheres, e talvez sua exposição pública, lembrando a via-sacra daqueles que reúnem em si todos os pecados do mundo; e agora ela também sabia por que fizera isso. É preciso pronunciar a primeira palavra. Provavelmente não se expressara bem, mas não tinha importância; o principal é começar, e acabar com a tolerância, o *laissez-faire*. Está historicamente provado que de tempos em tempos — atrás disso soa a expressão “de eternidade a eternidade”, como dois sinos que não se enxergam embora próximos — o mundo precisa dessas pessoas que não podem colaborar, nem na mentira, e com isso chamam desagradavelmente a atenção. Até ali estava tudo claro.

E também está claro que pessoas que chamam atenção de modo desagradável sentem a pressão do mundo. Clarisse sabe que os grandes gênios em geral sofrem, e não se espanta ao ver que muitos dias e semanas de sua vida transcorrem sob uma pressão intensa, como se tivessem colocado por cima deles uma pesada laje; mas isso sempre passava, e todas as pessoas são assim; na sua sabedoria a Igreja até introduziu épocas de luto para concentrar toda a tristeza e impedir que os séculos sejam inundados de desânimo e insensibilidade, o que já chegou a acontecer. Outros momentos da vida de Clarisse são mais difíceis de tratar, tão livres e desinibidos que às vezes basta uma palavra para a fazer logo saltar dos trilhos; ela fica então fora de si, mas não sabe dizer onde está; porém não está em absoluto ausente, ao contrário, poderia-se antes dizer que está dentro de si, num lugar mais profundo, colocada de maneira inconcebível para as idéias comuns no espaço que o corpo dela assume no mundo; mas para que procurar palavras para algo que não fica na rua das palavras, se, de qualquer modo, em breve ela acaba junto das outras pessoas, restando apenas um leve formigar na cabeça, como depois de uma hemorragia nasal. Clarisse compreende que são momentos perigosos os que por vezes experimenta. Obviamente são preparativos e testes. Além disso tinha o hábito de pensar várias coisas ao mesmo tempo, como um leque que se abre e fecha, e uma parte fica meio do

lado, meio embaixo da outra, e quando tudo fica confuso demais, compreende-se a necessidade de escapar disso com um puxão; muita gente sente isso, apenas não o entende. Portanto, Clarisse vivência preparativos e indícios como outras pessoas confiam em sua memória ou sua boa digestão, dizendo que podem até comer cacos de vidro. Mas Clarisse já provou algumas vezes que realmente sabe suportar muita coisa; demonstrou sua força com o pai, Meingast, Georg Gröschl, e ainda precisa fazer alguns esforços com Walter, com quem as coisas ainda seguiam seu curso, embora hesitante; mas há algum tempo Clarisse desejava provar sua força com o homem sem qualidades. Não sabia ao certo desde quando; ligava-se a esse nome que Walter mencionara e Ulrich aprovara; na verdade, antigamente nunca prestara muita atenção a ele, embora fossem bons amigos. Mas “homem sem qualidades”, isso lhe recordava, por exemplo, música de piano, isto é, todas aquelas melancolias, saltos de alegria, explosões de raiva, que experimentamos tocando piano, sem que cheguem a ser verdadeiramente paixões. Tinha afinidade com isso. Dali passava direto para a afirmação de que era preciso negar-se a fazer qualquer coisa que não acontece do fundo da alma, e chegava ao centro da profunda e tumultuada realidade de seu casamento. Um homem sem qualidades não diz *não* à vida, ele diz *ainda não!* E poupa-se; ela compreendera isso com todo o corpo. Talvez fosse esse o sentido de todos os momentos em que saía de si mesma e queria ser a Mãe de Deus. Lembrava-se do rosto que a visitara há menos de quinze minutos. “Talvez toda mãe possa ser Mãe de Deus”, pensou, “se não se entregar, não mentir nem agir, mas colocar para fora de si, como a um filho, o que está no seu mais remoto interior! Isto desde que não procure nada para si mesma!”, acrescentou tristemente. Pois a idéia não lhe agradava nada, ao contrário, enchia-a com a sensação, dividida entre tormento e felicidade, de ser sacrificada por alguma coisa. Mas se sua visão fora como quando, entre ramos de uma árvore, no meio das folhas que de repente bruxuleiam como círios, aparece um quadro, para logo depois se fecharem novamente as ramadas, agora seu estado de alma se modificara de forma duradoura. No momento seguinte um acaso lhe proporcionou aquela descoberta, sem significado para outras pessoas, de que a palavra *Mutter*, “mãe”, está contida na expressão *Muttermal*, “sinal de nascença”. Para ela, isso significava o mesmo que seu destino de repente estar escrito nas estrelas. O pensamento maravilhoso de que a mulher devia receber o

homem dentro de si como mulher e como mãe a deixava terna e excitada. Não sabia como essa idéia lhe viera, mas desfazia todas as suas resistências, e ainda assim lhe conferia poder.

Ela ainda não confiava no homem sem qualidades. Ele não era sincero ao falar. Quando afirmava que não se poderiam executar suas idéias, ou que não levava nada muito a sério, era apenas um disfarce, ela sabia muito bem; haviam-se explorado mutuamente, e reconhecido por sinais, quando Walter achava que às vezes Clarisse era meio doida! Mas em Ulrich havia algo amargamente cruel, diabolicamente preso ao negligente ritmo do mundo. Era preciso salvá-lo. Ela teria de buscá-lo. Disse a Walter: mate-o. Não significava muita coisa, ela nem soubera direito o que dizia com aquilo; mas era mais ou menos que alguma coisa precisa ser feita para o arrancar de si mesmo, e não devemos parar diante de obstáculo algum.

Clarisse precisava lutar com ele.

Ela riu, esfregou o nariz. Andou de um lado para o outro na escuridão. Tinha de acontecer alguma coisa com a Ação Paralela. O que, ela não sabia.

O trem do tempo rola os trilhos à sua frente. O rio do tempo leva consigo suas margens. O viajante move-se entre paredes firmes sobre solo firme; mas solo e paredes são imperceptivelmente agitados pelos movimentos dos que viajam. Era uma felicidade imensa para a paz interior de Clarisse ainda não ter pensado nisso.

Mas também o Conde Leinsdorf estava protegido dessa idéia. E o que o protegia era a sua convicção de estar fazendo *Realpolitik*.

Os dias balançavam formando as semanas. As semanas não paravam, mas formavam guirlandas. Estava sempre acontecendo algo. E quando está sempre acontecendo algo, temos facilmente a impressão de estarmos fazendo algo bem real. Por isso, iam abrir as pomposas salas do palácio Leinsdorf ao público numa grande festa em benefício das crianças tuberculosas; esse acontecimento provocava longas conversas de Sua Alteza com o mordomo, designando-se dias determinados para executar determinadas tarefas. Ao mesmo tempo, a polícia estava realizando uma exposição de jubileu, em cuja inauguração apareceu toda a sociedade, e o chefe de polícia visitara Sua Alteza pessoalmente para convidá-la. Quando o Conde Leinsdorf chegou, o chefe de polícia reconheceu a seu lado o “auxiliar voluntário e secretário de honra”, que lhe foi mais uma vez apresentado, superfluamente, o que lhe deu oportunidade de demonstrar mais uma vez sua prodigiosa memória, pois tinha fama de conhecer pessoalmente um entre cada dez dos cidadãos, ou pelo menos estar informado a seu respeito. Diotima também foi, acompanhada pelo marido, e todos esperaram pelo membro da Casa Imperial que foi apresentado a uma parte dos convidados; e todos foram unânimes em dizer que a exposição era um sucesso e estava fascinante. Constava de uma série de quadros escolhidos com sensibilidade, pendurados nas paredes, e de objetos recordando grandes crimes, expostos em vitrines e armários com portas de

vidro. Entre eles, utensílios de arrombadores, máquinas de falsários, botões caídos que tinham fornecido pistas, e os trágicos instrumentos de conhecidos assassinos, com as respectivas legendas; os retratos nas paredes, ao contrário daqueles objetos sinistros, davam edificantes exemplos da vida policial. Lá estava o bondoso guarda levando pela rua a boa avozinha, o guarda sério diante do cadáver que boiava no rio, o guarda corajoso que segura os freios de cavalos assustados, a alegoria da “Polícia protegendo a cidade”, a criança perdida entre os guardas maternais no posto de serviço, o guarda em chamas retirando nos braços uma mocinha do fogo, e uma série de retratos desse tipo, como “Primeiros Socorros”, “Patrulha Solitária”, ao lado de fotos de bravos policiais até o ano de 1869, descrições de suas vidas e poemas emoldurados elogiando o trabalho da polícia ou de algum de seus funcionários. A sua autoridade maior, o chefe desse ministério, que na Kakânia tinha o título psicológico “de Assuntos Interiores”, falou sobre a exposição em seu discurso inaugural, dizendo que representava o espírito da polícia como algo realmente popular, e chamou esse espírito disciplinado e altruísta de fonte de juventude moral num tempo em que a arte e a vida se inclinavam para o culto covarde de uma absurda frivolidade. Diotima, parada ao lado do Conde Leinsdorf, inquietou-se quanto aos seus esforços em favor da arte moderna, & tratou de olhar fixamente para o ar, com expressão suave mas firme, para mostrar àquele amável elemento que também havia outras cabeças na Kakânia além do ministro em questão. E seu primo, que a observava a alguma distância durante o discurso, com os respeitáveis pensamentos de um secretário de honra da Ação Paralela, sentiu de repente naquela multidão uma mão leve e cautelosa pousar em seu braço, e, surpreso, reconheceu Bonadéia, que viera à inauguração com seu marido, alto funcionário da Justiça, e aproveitava o momento em que todos viravam o rosto para o ministro e o arquiduque, para aproximar-se de seu infiel amigo. Esse audacioso ataque fora longamente planejado; sentindo-se infeliz pelo afastamento do amado, num momento em que fora dominada por uma melancólica necessidade de amarrar também na extremidade livre a esvoaçante bandeira do seu prazer, para falar figuradamente, nas últimas semanas ela passara a pensar unicamente em reconquistá-lo. Ele se esquivava, e alguns encontros que ela forçara apenas a deixavam com a desvantagem de quem pede diante do que prefere ficar sozinho; assim, decidira forçar sua entrada naquele meio que seu amado frequentava

diariamente, e essa intenção albergava outra, de utilizar as relações profissionais de seu marido com aquele repulsivo assassino Moosbrugger, e a intenção de seu amigo de aliviar de alguma forma o destino do criminoso, para ligar-se a ele. Para isso insistira com o marido sobre a simpatia das esferas influentes pelos criminosos, e quando soube da exposição e de sua inauguração festiva, convenceu-o a levá-la consigo, pois o instinto lhe dizia que essa seria a tão desejada festa beneficente em que viria a conhecer Diotima.

Quando o ministro encerrou seu discurso e o grupo começou a circular, ela não saiu do lado do consternado amante, e começou a examinar em sua companhia os terríveis instrumentos ensanguentados, apesar do horror quase invencível que lhe causavam.

— Você disse que poderíamos acabar com tudo isso, bastava querer — ceceou ela e, como uma criança boazinha que deseja mostrar sua atenção, lembrou-o da última conversa detalhada que haviam tido sobre o assunto. Um pouco depois sorriu, deixou que a multidão a empurrasse contra o corpo dele, e aproveitou este momento para sussurrar- lhe:

— Uma vez você disse que qualquer pessoa é capaz de qualquer fraqueza nas circunstâncias certas! — Ulrich ficou extremamente constrangido por aquela maneira ostensiva de andar ao lado dele, e como, apesar das tentativas de a afastar, a amante se dirigisse para Diotima, e ele não a pudesse repreender diante de tanta gente, viu que naquele dia nada lhe restava senão apresentar as duas mulheres uma à outra, coisa a que até então sempre se opusera. Já estavam perto de um grupo cujo centro eram Diotima e Sua Alteza, quando Bonadéia exclamou bem alto diante de uma vitrina:

— Olhe só, lá está a faca de Moosbrugger! — Estava lá, com efeito, e Bonadéia a encarava entusiasmada, como se tivesse descoberto numa gaveta o primeiro cotilhão da vovó; então, seu amigo se decidiu precipitadamente, e sob um pretexto adequado pediu à prima que o deixasse apresentá-la a uma senhora que desejava isso, e que ele conhecia como ardente admiradora de todas as iniciativas boas, verdadeiras e belas.

Portanto, não se podia dizer que no balanço dos dias e das semanas acontecessem poucas coisas, e a exposição da polícia, com tudo que se

ligava a ela, fora na verdade a menor delas.

Na Inglaterra, por exemplo, havia coisa bem mais impressionante a comentar em sociedade: uma casa de bonecas que a rainha recebera de presente, construída por

um famoso arquiteto, com sala de jantar de um metro de comprimento, onde se viam miniaturas de quadros de famosos pintores modernos, quartos com água quente e fria nas torneiras, e uma biblioteca com um livrinho todo de ouro, no qual a rainha colou as fotos de toda a família real, um guia das ferrovias e roteiros marítimos microscopicamente impressos, e cerca de duzentos minúsculos volumes em que autores famosos tinham escrito pessoalmente poemas e histórias para a rainha. Diotima tinha a luxuosa obra inglesa em dois tomos, que acabava de sair a respeito, reproduzindo em preciosos retratos todas as maravilhas desse trabalho, e a essa edição devia um aumento de frequência da mais alta sociedade em seu salão. Mas havia também toda a sorte de outras coisas acontecendo incessantemente, para as quais nem se encontravam palavras, de modo que a alma se enchia com um rufar de tambores precedendo algo que ainda não aparecera na esquina. Funcionários do telégrafo imperial e real fizeram a primeira greve, inquietante e estranha, que recebeu o nome de resistência passiva, e consistia apenas em cumprirem com estrita exatidão suas prescrições de serviço; viu-se então que cumprir estritamente a regra fazia parar todo o trabalho mais depressa do que uma anarquia desenfreada. Além do capitão de Köpenick, na Prússia, que, como ainda hoje se recorda, chegara a oficial comprando um uniforme a um vendedor de roupa usada, parando uma patrulha na rua e com ajuda dela e da obediência prussiana ao rei roubara o cofre municipal, a resistência passiva dava cócegas na boca, mas ao mesmo tempo minava as idéias que fundamentavam a reprovação que se desejaria expressar.

Lia-se também, entre as novidades dos jornais, que o governo de Sua Majestade fizera um acordo com o governo de outra majestade para assegurar a paz, melhorar as finanças, colaborar lealmente e respeitar os direitos de todos, mas também incluindo medidas para o caso de se verem ameaçados. O ministro sob cujas ordens trabalhava o subsecretário Tuzzi fizera um discurso poucos dias depois, provando a urgente necessidade de

uma estreita união entre os três impérios continentais, que não deveriam ignorar a moderna evolução social, mas fazer frente a novas estruturas sociais, no interesse comum das dinastias; a Itália estava envolvida numa empresa armada na Líbia; a Alemanha e a Inglaterra tinham a questão de Bagdá; a Rússia fazia certos preparativos militares no sul, para mostrar ao mundo que não permitiria a expansão da Sérvia para o mar, mas apenas uma ligação de ferrovia; e, acontecimento de igual importância, a mundialmente famosa atriz sueca, Srta. Vogelsang, afirmava que nunca dormira tão bem como na primeira noite depois de sua chegada à Rússia, contente com o guarda que a salvara da multidão entusiasmada, mas depois pedira para poder apertar com as duas mãos a mão dela.

E assim, nossos pensamentos voltam à exposição policial. Muita coisa acontecia, e todos as percebiam. Achamos boas as coisas que fazemos, mas temos nossas reservas quando outros as fazem. Individualmente, qualquer menino de colégio entendia isso, mas ninguém sabia ao certo o que estava acontecendo, exceto algumas pessoas, e estas não tinham certeza de saber. Algum tempo depois, tudo teria podido acontecer numa sequência diferente ou inversa, e ninguém teria notado a diferença, à exceção de certas mudanças que permanecem incompreensivelmente, e formam os rastros de gosma da lesma histórica. É compreensível que uma embaixada estrangeira se depare nessas circunstâncias com uma pesada tarefa, se desejar descobrir o que realmente ocorre. Os representantes diplomáticos teriam gostado de compreender o Conde Leinsdorf, mas Sua Alteza lhes causava dificuldades. Ele reencontrava diariamente em seu trabalho a satisfação que advém da firme solidez, e seu rosto mostrava aos observadores estrangeiros a radiante calma luminosa de acontecimentos bem ordenados. A Repartição Um escrevia, a Repartição Dois respondia; quando a Repartição Dois tivesse respondido seria preciso avisar disso a Repartição Um, e era melhor que se sugerisse uma reunião; quando Repartição Um e Repartição Dois chegavam a um acordo, constatava-se que nada poderia ser feito; e assim havia sempre o que fazer. Além disso, havia incontáveis elementos secundários a considerar. Colaborava-se com todos os ministérios; não se desejava ofender a Igreja; era preciso ter em conta certas pessoas e relações sociais; em suma, também em dias em que não se fazia nada de especial, havia tantas coisas que não se podiam fazer, que se ficava com a impressão de

uma grande atividade. Sua Alteza sabia avaliar muito bem isso:

— Quanto mais alta a posição em que o destino coloca um homem — costumava dizer —, tanto mais nitidamente ele reconhece que só interessam alguns poucos princípios sólidos, vontade firme e ação planejada.

E certa vez ele também se estendeu um pouco mais sobre esse assunto e outros com seu “jovem amigo”. Falou nos esforços pela unidade alemã, e admitiu que, entre mil oitocentos e quarenta e oito e mil oitocentos e sessenta e seis, muitas pessoas sensatas haviam influído na política.

— Mas então — prosseguiu ele — apareceu esse Bismarck, e ele teve uma coisa boa: mostrar que não se faz política com discursos e bom senso! Apesar de seus lados sombrios, ele conseguiu que desde seus tempos, onde quer que se fale alemão, qualquer um saiba que na política nada se espera do bom senso e dos discursos, mas sim da reflexão silenciosa e da ação!

O Conde Leinsdorf também fez pronunciamentos semelhantes no concílio, e os representantes das potências estrangeiras, que tinham seus observadores lá, acharam difícil formar um quadro correto das suas intenções. Atribuía importância à participação de Arnheim bem como à posição do subsecretário Tuzzi, e deduziram que havia um acordo secreto entre esses dois homens e o conde, com objetivo político momentaneamente oculto no empreendimento da sra. Tuzzi, para desviar a atenção através de seus esforços de ordem pan-cultural. Se pensarmos nesse êxito com que o Conde Leinsdorf conseguia lograr a curiosidade dos mais experientes observadores, sem o menor esforço, é preciso reconhecer que possuía aquele talento de política realista que julgava ter.

Mas também os cavalheiros que usam galardões de ouro bordados e enfeites semelhantes nas casacas em ocasiões solenes seguiam os preceitos de política realista de seu ofício, e como na busca de motivos secretos da Ação Paralela não obtivessem resultados palpáveis, em breve dirigiram sua atenção para aquilo que causava a maioria dos fenômenos inexplicados na Kakânia, e que se chamavam “as nações não-libertadas”.

Hoje em dia agimos como se o nacionalismo fosse invenção dos fornecedores dos exércitos, mas deveríamos tentar uma explicação mais ampla, e a Kakânia fornecia uma importante comprovação para tal. Os habitantes dessa dupla imperial-real monarquia imperial e real enfrentavam

uma pesada tarefa; deviam sentir-se patriotas imperiais e reais austro-húngaros, mas ao mesmo tempo do reino húngaro ou do real império austríaco. Seu lema predileto face a essas dificuldades era: “forças unidas!” Chamava-se a isso *viribus unitis*. Os austríacos porém precisavam de mais forças para isso do que os húngaros. Pois os húngaros eram antes e depois de tudo apenas húngaros, e só secundariamente outras pessoas que não entendiam sua língua os consideravam austro-húngaros; os austríacos, ao contrário, antes de tudo, originariamente, não eram nada, e segundo seus dirigentes deveriam sentir-se indiferentemente austro-húngaros ou austríacos-húngaros — nem ao menos havia uma expressão adequada para isso. Tampouco havia a Áustria. As duas partes, Hungria e Austria, combinavam entre si como um casaco vermelho-branco-verde com uma calça preta-e-amarela; o casaco era uma peça isolada, a calça era o resto de um terno preto-e-amarelo que já não existia mais, pois fora separado em mil oitocentos e sessenta e sete. A calça “Áustria” chamava-se desde então, na linguagem oficial, “reinos e países representados no Conselho do Reino”. O que naturalmente não significava coisa alguma, e era um nome feito de nomes, pois também esses reinos, por exemplo os reinos tão shakespearianos da Lodoméria e da Ilíria, há muito não existiam mais, e já nem existiam quando ainda havia um terno preto-e-amarelo completo. Por isso, se perguntavam a um austríaco o que ele era, naturalmente o homem não podia responder: sou de um dos reinos e países inexistentes representados no Conselho do Reino. Assim, preferia dizer: sou polonês, tcheco, italiano, friulano, rético, esloveno, croata, sérvio, eslovaco, ruteno ou valaco, e era isso que chamavam nacionalismo. Imagine-se um porquinho-da-índia, que não sabe se é porco ou roedor, portanto um ser que não tem nenhum conceito sobre si mesmo, e entender-se-á que eventualmente ele possa sentir um medo enorme até do próprio rabinho; mas era nessa relação que se encontravam os kakanianos uns com os outros, e encaravam-se com o pânico horror de membros que, unindo as forças, impediam uns aos outros de serem qualquer coisa. Desde que existe a Terra não houve uma criatura que tivesse morrido de um lapso de linguagem, mas deve-se acrescentar que, mesmo assim, a dupla monarquia austro-húngara e austríaca e húngara acabou arruinada por ser impronunciável.

É importante para os estrangeiros saberem de que maneira um kakaniano experiente e destacado como o Conde Leinsdorf lidava com essas

dificuldades. Primeiro, separou cuidadosamente a Hungria em sua mente lúcida, e dela jamais falava, como diplomata sábio que era, assim como nunca se fala de um filho que se tornou independente contrariando a vontade dos pais, embora se deseje que leve boas lições da vida; mas designava todo o restante como “nacionalidades”, ou como “raças” austríacas. Era uma criação muito sutil. Sua Alteza estudara direito constitucional, e lá encontrara a definição difundida por todo o mundo como adequada, de que um povo só tem direito de ser considerado nação quando tem uma forma própria de governo e, como consequência disso, para ele as nações kakanianas eram no máximo nacionalidades. Por outro lado, o Conde Leinsdorf sabia que o ser humano só consegue encontrar sua verdadeira destinação na vida comunitária de uma nação que a ele se sobreponha. E porque não queria ver ninguém privado disso, concluía pela necessidade de subordinar nacionalidades e raças a um Estado. Além disso acreditava na ordem divina, embora essa nem sempre fosse visível ao olho humano, e nas horas revolucionariamente modernas que por vezes ele tinha, era até capaz de pensar que a idéia de estado, tão reforçada nos tempos modernos, talvez não fosse senão a idéia de Majestade imposta por Deus, numa forma fenomênica rejuvenescida e recente. Seja como for, como político realista ele rejeitava raciocínios exagerados e também teria-se ajeitado com o conceito de Diotima, de que a idéia do Estado kakaniano era semelhante à idéia da Paz Mundial — o principal era que houvesse um Estado kakaniano, embora sem ter nome preciso, e se tivesse de inventar, para isso, um povo kakaniano. Ele cuidava de tornar clara esta posição como exemplo de que ninguém que não fosse à escola era um escolar, mas que a escola continuava sendo escola ainda que vazia. Quanto mais as populações resistiam à escola kakaniana que desejava transformá-las num povo, tanto mais ele achava necessária a escola. As populações acentuavam com veemência que eram nações, exigiam a devolução de direitos históricos perdidos, namoravam primos-irmãos e parentes de além-fronteiras, e chamavam abertamente o reino de prisão, da qual queriam ser libertados.

O Conde Leinsdorf, em contrapartida, chamava-os tanto mais diplomaticamente de raças; e acentuava o seu estado inacabado, apenas queria completá-lo, transformando aquelas raças em um povo austríaco, e o que não seria para seu plano, ou era sedicioso demais, ele declarava, na sua

proverbal maneira, como resultado de uma imaturidade ainda não superada, e desejava que se empregasse contra isso uma sábia mistura de inteligente condescendência e severa brandura.

Quando o Conde Leinsdorf criou a Ação Paralela, esta passou a ser vista por todas as nacionalidades como misteriosa conspiração pangermânica, e a participação de Sua Alteza na exposição policial foi interpretada como uma confirmação dessas ligações com a polícia política. Os observadores estrangeiros sabiam de tudo isso, e tinham ouvido dizer coisas terríveis da Ação Paralela. Pensavam nelas quando lhes falavam sobre a recepção oferecida à atriz Vogelsang, a casa de bonecas da rainha e os funcionários em greve, ou se lhes pediam opinião sobre os mais recentes acordos estatais; e embora, querendo, se pudesse tomar como aviso as palavras sobre espírito de severidade que o ministro empregara em sua oração, tinham a impressão de que na inauguração da comentadíssima exposição policial nada se notara, mesmo depois de uma análise lúcida, mas também tinham, como todos os outros, a impressão de estar acontecendo algo geral, indefinido, e por enquanto impossível de comprovar.

DA MEIA-INTELIGÊNCIA E SUA FECUNDA OUTRA METADE; DA SEMELHANÇA DE DUAS ÉPOCAS, DA AMÁVEL NATUREZA DE TIA JANE, E DESSE DISPARATE QUE SE CHAMA NOVOS TEMPOS

Mas também era impossível ter uma visão ordenada dos fatos nas reuniões do concílio. De modo geral, pessoas progressistas eram a favor de um espírito ativo; havia-se reconhecido o dever dos homens-cérebro, de liderar os homens-ventre. Além disso havia algo que se chamava expressionismo; não se podia dizer ao certo o que era, mas, como a palavra dizia, era um empurrar para fora; talvez visões construtivas, mas essas, comparadas com a tradição artística, também eram destrutivas, por isso as podemos chamar simplesmente estrutivas, o que não obriga a nada, e uma concepção estrutiva do mundo parece bastante respeitável. Mas não é tudo. Naquele tempo, as pessoas se voltavam para a atualidade e o mundo de dentro para fora, mas, já então, também de fora para dentro; o intelectual e o individualismo já passavam por superados e egocêntricos, o amor estava novamente por baixo, e estava-se na iminência de redescobrir o saudável efeito de massas da arte *kitsch* quando esta cai na alma de homens de ação purificados. “A gente é” parece mudar tão depressa quanto “a gente usa”, e ambos têm em comum que ninguém, provavelmente nem mesmo os comerciantes ligados à moda, conhece o verdadeiro segredo desse “a gente”. Quem se rebelasse contra isso daria a impressão ridícula de um homem que se encontra entre os pólos da máquina de Faraday, e treme e sacode fortemente sem avistar seu adversário. Pois o adversário não são as pessoas que, rápidas e espertas, exploram uma situação momentânea do comércio, é a instável e aérea fluidez do estado geral, uma junção de elementos de incontáveis áreas, sua ilimitada capacidade de ligar-se e transformar-se, acrescentando a isso a ausência ou falha de princípios válidos, sólidos e ordenados, de parte do receptor.

Nessa alternância de fenômenos, é tão difícil ter segurança quanto encontrar uma agulha num palheiro; contudo, existe uma coisa que permanece igual a si mesma. Pois o que acontece, por exemplo, quando pessoas ligadas aos esportes chamam um jogador de tênis de genial? Estão omitindo uma coisa. E quando chamam de genial um cavalo de corrida? Omitem mais alguma coisa. Quer se chame um jogador de futebol de científico, ou um esgrimista de espiritual, ou se fale na trágica derrota de um boxeador, sempre se omite alguma coisa. Há um exagero; mas é a inexatidão que provoca esse exagero, assim como numa cidade pequena a inexatidão das idéias faz com que se considere o filho do dono do armazém um homem do mundo. Alguma coisa haverá de estar correta nisso; e por que as surpresas de um campeão não haveriam de lembrar as de um gênio, e suas reflexões não recordariam as de um pesquisador experiente? Alguma coisa aí não está correta, naturalmente; mas esse resto não é percebido, ou só o percebemos de má vontade. É tido como incerto; é omitido, deixado de fora, e provavelmente nosso tempo não se importa muito com o conceito de genialidade ao chamar de genial um cavalo de corrida ou um tenista, mas mostra sua desconfiança em relação a todas as esferas mais altas.

Aqui conviria falar de tia Jane, de quem Ulrich se lembrou porque folheava velhos álbuns de família que Diotima lhe emprestara, e comparava aqueles rostos com os que via na casa dela. Pois, quando menino, Ulrich passara muitas vezes longo tempo em casa de uma tia-avó, de quem tia Jane era amiga há tempos imemoriais. Na verdade, ela nem era tia: viera para a casa como professora de piano das crianças, o que não lhe propiciara muitas honrarias mas muito amor, pois seu princípio básico era que não fazia muito sentido fazer exercícios de piano quando não se nasceu para a música, como ela dizia. Alegrava-se mais vendo as crianças treparem em árvores do que tocando piano, e assim tornou-se tia de duas gerações e, pela força dos anos, amiga de juventude de sua decepcionada patroa.

“Ah, esse Mucki!”, dizia tia Jane, por exemplo, sem nenhuma noção de tempo, com tanta tolerância e admiração pelo pequeno tio Nepomuceno (que naquela época já contava quarenta anos), que sua voz ainda hoje parecia viva para quem alguma vez a tivesse ouvido. Essa voz de tia Jane era como que recoberta de farinha; exatamente quando se mergulha o braço

numa farinha finíssima. Era uma voz velada, levemente empanada; isso porque ela bebia muito café preto, fumando longos charutos Virgínia fininhos, que, junto com a idade, a deixaram com dentes pequenos e pretos. Observando o rosto dela, acreditava-se também que o tom de sua voz se ligava às incontáveis diminutas rugas que recobriam sua pele como uma água-forte. Era um rosto comprido e doce, e jamais mudara para as gerações posteriores, como aliás nada mudava em tia Jane. Usara um único vestido a vida toda, embora, provavelmente, existissem vários exemplares dele; era um traje informe de seda preta canelada, até o chão, que não adulava quaisquer curvas do corpo, fechado com muitos botõezinhos pretos, como a batina de um padre. No alto aparecia uma gola baixa e dura, com pontas viradas, entre as duas a garganta formava fundas pregas na pele descarnada de seu pescoço, a cada tragada do charuto; as mangas justas eram fechadas por punhos brancos engomados, e a cobertura de tudo isso era uma peruca de homem, crespa, de um louro arruivado, repartida no meio. Com os anos, começou a aparecer um pouco da tela na risca do cabelo, mas eram comoventes os dois lugares onde se viam, ao lado da peruca tingida, as suas próprias têmperas grisalhas, único sinal de que tia Jane não tivera a mesma idade a vida inteira.

Podia-se crer que antecipasse em muitas décadas aquele tipo de mulher masculinizada que depois disso entrou em moda; mas não era assim, pois no seu peito viril batia um coração muito feminino. Também se poderia crer que algum dia ela fora uma pianista famosa, que mais tarde perdera o contato com seu tempo, pois dava essa impressão; mas também isso não era verdade, nunca passara de uma professora de piano, e a cabeça masculina bem como a batina de padre vinham do fato de tia Jane ter sonhado tanto com Franz Liszt na juventude; encontrara-o algumas vezes em sociedade, durante certo tempo, e de alguma maneira seu nome assumira aquela forma inglesa. Pois ela se mantinha fiel àquele encontro, como um cavalheiro apaixonado usa até à velhice as cores da sua dama, sem jamais ter desejado nada além disso; e em tia Jane isso era mais comovente do que se um militar tivesse continuado usando o uniforme dos tempos de glória depois de passar para a reserva. Também o segredo de sua vida, que a família só transmitia aos adolescentes depois de pedir severamente que a respeitassem, combinava com tudo isso. Jane não era mais mocinha (pois uma alma

exigente escolhe muito) quando encontrara o homem a quem amara e com quem se casara contra a vontade da família; e naturalmente esse homem fora um artista, embora, pela triste sorte das mesquinhas condições de cidadezinha do interior, apenas um artista da fotografia. Pouco tempo depois de casado, ele já se endividara como um gênio, e bebia demais. Tia Jane privava-se de coisas por amor a ele, tirava-o da taverna levando-o de volta ao convívio dos deuses, chorava escondida e na frente dele. Ele tinha ar de gênio, com boca poderosa e cabelos altivos, e se tia Jane tivesse tido capacidade de lhe transmitir a paixão do seu desespero, ele teria tido a grandeza de um Lord Byron, só pela desgraça de seus vícios. Mas o fotógrafo dificultava essa transferência de sentimentos, abandonou Jane depois de um ano de casados, fugindo com uma criada camponesa a quem engravidara, e morreu logo depois, bastante decadente. Jane cortou um cacho de cabelo da sua poderosa cabeça, e guardou-o; assumiu a criança bastarda que ele deixara, e criou-a com grandes sacrifícios; raramente falava desse tempo passado, pois quando uma vida é intensa não se pode também exigir que seja boa.

Portanto, tia Jane era dotada de certa perversão romântica. Porém, mais tarde, quando o fotógrafo com sua imperfeição terrena já há bastante tempo não mais exercia influência alguma sobre ela, também a substância imperfeita do amor de tia Jane se decompôs; ficou apenas a forma eterna do amor e do fervor; a distância, essa experiência agia como o teria feito uma intensa experiência concreta. Mas tia Jane era assim. Seu conteúdo espiritual não era provavelmente grande, mas sua forma era bastante bonita. Sua postura era heróica, e esses gestos só são desagradáveis quando têm conteúdos falsos; quando são totalmente vazios, tornam-se outra vez labareda e fé.

Tia Jane vivia só de chá, café preto e duas xícaras de caldo de carne diariamente, mas nas ruas da cidadezinha as pessoas não paravam para olhá-la quando passava na sua batina preta, pois sabiam que era uma boa pessoa; mais que isso, tinham certo respeito por ela, por ser uma boa pessoa e apesar disso ter a capacidade de manter uma aparência que correspondesse ao seu coração, embora não se soubesse grande coisa a respeito disso.

Essa seria, pois, a história de tia Jane, que já morreu há muito em idade avançada, e a tia-avó morreu, e o tio Nepomuceno morreu, e por que afinal todos eles viveram?, perguntava-se Ulrich. Daria tudo para poder rever tia Jane e falar com ela outra vez. Folheava os grossos velhos álbuns com fotografias da sua família, que chegaram às mãos de Diotima de uma maneira qualquer, e quanto mais detidamente folheava os inícios daquela nova arte de fazer retratos, tanto mais altivas lhe pareciam ter posado aquelas pessoas. Apoiavam o pé em rochedos de papelão rodeados de hera de papel; se fossem oficiais, postavam-se de pernas abertas, a espada no meio; as mocinhas deitavam as mãos no regaço e abriam bem os olhos; sendo homens livres, suas calças se erguiam do chão num romantismo audacioso, sem vinco, em volutas de fumaça, e os casacos tinham corte redondo, algo de tempestuoso, que rejeitara a hirta dignidade do casaco burguês. Devia ter sido entre mil oitocentos e sessenta e oito e mil oitocentos e setenta, depois de terem sido superados os inícios dessa técnica. A revolução dos anos quarenta ficara para trás como uma fase tumultuada, e havia novos significados na vida, hoje não se sabe mais direito quais; também as lágrimas, abraços e confissões nas quais a nova burguesia procurara sua alma nos começos de sua era já não existiam; mas como uma onda morre na praia, aquela nobreza de espírito chegara até às roupas, e a um certo fervor íntimo, para o qual provavelmente existe alguma palavra melhor, mas do qual por enquanto só temos as fotografias. Foi o tempo em que os fotógrafos usavam casacos de veludo e bigodões, e pareciam pintores, e os pintores pintavam grandes cartões nos quais se exercitavam desenhando grupos de pessoas; e as pessoas comuns achavam que estava na hora de descobrir também algum meio de se eternizarem. Deve-se acrescentar que dificilmente pessoas de outras épocas se sentiram tão geniais e importantes quanto as desse tempo, quando houve tão poucos homens fora do comum — ou rarissimamente conseguiram se destacar das demais pessoas.

E muitas vezes Ulrich se indagava se haveria alguma ligação entre esse tempo em que um fotógrafo podia se julgar genial porque bebia, usava colarinho aberto e, com métodos modernos, provava a sua nobreza espiritual aos contemporâneos que se postavam diante de sua objetiva, e um outro tempo em que só ainda se julgavam geniais os cavalos de corrida,

devido à sua insuperável capacidade de se esticar e encolher. As duas épocas são diferentes: o presente baixa os olhos orgulhosamente para o passado, e se o passado por acaso tivesse acontecido mais tarde, olharia o presente de cima para baixo; mas os dois se parecem muito em um aspecto, pois tanto num como noutro a inexatidão e a omissão das diferenças decisivas teve a maior importância. Toma-se uma parte do que é grande pelo todo, distante analogia para a realização da verdade, e o balão vazio de uma grande palavra é enchido segundo a moda do dia. Isso vai muito bem, embora não dure muito tempo.

As pessoas que conversavam no salão de Diotima não estavam totalmente erradas em nada porque seus conceitos eram tão imprecisos como vultos numa lavanderia enevoada. “Esses conceitos, em que a vida se pendura como uma águia em suas asas!”, pensou Ulrich. “Esses incontáveis conceitos morais e artísticos da vida, tão delicados como as duras montanhas na imprecisa distância!” Multiplicavam-se nas línguas delas de tanto serem revolvidos, e não se podia falar muito tempo de nenhuma de suas idéias sem entrar involuntariamente na idéia seguinte.

Em qualquer época esse tipo de pessoas se designou como “tempos modernos”. Uma expressão que parece um saco no qual se desejassem pegar os ventos eólicos; essa expressão é a constante desculpa para não ordenarmos as coisas, isto é, não em sua própria ordem objetiva, mas na imaginária ordem do absurdo. Contudo, há nisso uma profissão de fé. A convicção de que tinham a missão de pôr ordem no mundo vivia singularmente nessas pessoas. Se se quisesse chamar de meia-inteligência o que faziam com esse propósito, seria notável que exatamente a outra metade, não mencionada, ou, para a mencionar, a metade tola, nunca exata nem certa dessa meia-inteligência, possuísse uma inesgotável força de renovação e fecundidade. Mas eles próprios provavelmente sentiam isso. Era algo que os sacudia, soprava em suas cabeças; pertenciam a uma era nervosa em que alguma coisa não andava muito certa, cada um se achava inteligente, mas todos juntos sentiam-se estéreis. Se ainda por cima tinham talento — o que sua inexatidão não excluía — esse talento estava nas cabeças deles, como se se avistasse o tempo e as nuvens, os trens, os fios do telégrafo, as árvores e os bichos, e toda a móvel imagem do nosso querido

mundo, através de uma janelinha estreita e suja; e ninguém percebia isso facilmente na sua própria janela, mas sempre na janela do outro.

Certa vez, Ulrich fizera a brincadeira de pedir-lhes dados exatos sobre o que estavam pensando; encararam-no com ar desdenhoso, chamaram seu desejo de concepção mecânica da vida e ceticismo, e afirmaram que a coisa mais complicada só se poderia resolver da maneira mais simples, de modo que os novos tempos, assim que se tivessem apartado do presente, pareceriam muito simples. Ao contrário de Arnheim, Ulrich não os impressionava nem um pouco, e tia Jane teria acariciado seu rosto, dizendo: “Eu os compreendo muito bem: você os perturba, com essa sua seriedade.”

O GENERAL STUMM SE INFILTRA NA BIBLIOTECA PÚBLICA
E COLHE EXPERIÊNCIAS SOBRE BIBLIOTECÁRIOS, SERVENTES DE
BIBLIOTECAS, E ORDEM INTELECTUAL

O General Stumm observara o fracasso de seu “camarada” e tentou consolá-lo:

— Mas que confusão mais inútil essa! — censurou, indignado, os membros do concílio; algum tempo depois, embora Ulrich não o animasse, começou a desabafar, excitado mas com certa satisfação:

— Você se lembra — disse ele — que resolvi colocar aos pés de Diotima aquela idéia salvadora que ela está procurando? Há muitas idéias grandiosas, mas uma delas, afinal, tem de ser a mais importante de todas; é lógico, não é? Trata-se apenas de pôr as idéias em ordem. Você mesmo disse que uma decisão dessas seria digna de um Napoleão. Lembra-se disso? E ainda me deu uma série de excelentes sugestões — não se esperaria outra coisa de você —, mas que não cheguei a utilizar. Em suma, eu próprio decidi assumir o caso!

Estava usando agora óculos de aro de tartaruga, que tirou do bolso no lugar do pincenê e colocou no nariz, como sempre fazia quando desejava examinar atentamente uma pessoa ou um assunto.

Uma das mais importantes condições da arte de comando militar é ter clareza quanto à força do adversário.

— Portanto — contou o general —, arranjei um cartão de frequentador da nossa mundialmente famosa biblioteca da Corte, e, sob a orientação de um bibliotecário que se colocou amavelmente à minha disposição quando eu lhe disse quem era, me infiltrei nas linhas inimigas. Percorremos esse colossal tesouro de livros, e posso dizer que não me abalei tanto assim, essas fileiras de livros não são piores do que um desfile da guarnição. Mas depois de algum tempo, tive de começar a calcular mentalmente, e cheguei a um

resultado inesperado. Veja, antes eu imaginava que, se lesse um livro por dia, seria cansativo mas eu chegaria ao fim, e então teria direito a certa posição na vida intelectual, ainda que me faltasse uma ou outra condição. Como nosso passeio não acabava nunca, perguntei ao bibliotecário quantos volumes havia nessa biblioteca maluca. Imagine só o que ele respondeu: três milhões e meio de volumes!!! Estávamos, segundo ele, no número setecentos mil, mas a partir dali fiquei calculando sem parar; vou poupar você disso, mas no ministério calculei mais uma vez com lápis e papel: eu levaria dez mil anos para conseguir o que pretendia!

— Nesse momento senti-me preso ao chão, e o mundo me pareceu um grande logro. Acredite, até agora, que já me acalmei, sinto que há alguma coisa fundamentalmente errada nisso tudo! Você pode dizer que não se precisa ler todos os livros. E eu respondo: também na guerra não se precisa matar cada soldado, mas cada um é necessário! Você dirá: cada livro também é necessário. Mas, veja, aí já há alguma coisa errada, pois isto não é verdade; eu perguntei ao bibliotecário!

— Caro amigo, eu simplesmente pensei: esse sujeito aí vive entre esses milhões de livros, conhece todos eles, sabe o lugar de cada um deles; portanto, deveria poder me ajudar. É claro que não quis lhe perguntar diretamente: onde é que eu encontro a idéia mais bonita do mundo? Pareceria o começo de um conto de fadas, e sou suficientemente esperto para saber disso. Além do mais, desde pequeno detesto contos de fadas. Mas o que é que se vai fazer? Afinal teria de lhe perguntar qualquer coisa parecida! Além do mais meu sentido de conveniência me impedia de lhe dizer a verdade, dar explicações sobre nossa ação, e pedir ao homem que me desse a pista do que poderia ser o melhor objetivo para ela; achei que não tinha licença para isso. Então usei de um pequeno truque. “Ah”, eu disse, com jeito muito inocente, “ah, esqueci de perguntar como é que se faz para achar o livro certo neste depósito interminável”. Sabe, eu disse exatamente assim, como imaginei que Diotima diria, e com um ar de admiração por ele, no tom certo para que caísse na armadilha.

— E, realmente, ele me perguntou, muito meloso e solícito, o que o senhor general gostaria de saber. Bom, fiquei um pouco constrangido. “Oh, muita coisa”, disse eu, bem devagar.

“Quero dizer, que questão ou autor o senhor está estudando? História das

guerras?”, disse ele.

“Não, nada disso; antes história da paz.” “História? Ou literatura pacifista atual?”

— Aí eu disse que não era tão simples de dizer. Por exemplo, uma reunião de todos os grandes pensamentos da humanidade, será que existia isso?, perguntei astutamente; você se lembra do que eu já mandei elaborar sobre isso.

— O outro ficou calado, aí eu disse: “Ou quem sabe um livro sobre a concretização do essencial?”

“Então, ética teológica?”, disse ele.

“Pode ser ética teológica, mas tem de mencionar algo sobre antiga cultura austríaca e sobre Grillparzer”, pedi. Sabe, devo ter manifestado tamanha sede de saber em meus olhos que de repente o cara ficou com medo de que eu o sugasse até o fundo; eu disse mais alguma coisa sobre roteiros de ferrovia que deveriam permitir ligar quaisquer pensamentos e fazer conexões; aí ele ficou incrivelmente cortês e se ofereceu para me levar à sala dos catálogos, embora fosse proibido, porque só os bibliotecários podem utilizá-la. E logo me encontrei no verdadeiro empíreo da biblioteca. Acredite, tive a sensação de ter entrado no interior de um crânio; nada ao meu redor além de prateleiras com livros, por toda parte escadas para subir, e sobre as prateleiras e mesas nada senão catálogos e bibliografias, a essência do saber, e em nenhum lugar nada para ler, só livros a respeito de livros: tudo com um verdadeiro cheiro de fósforo cerebral, e não estou inventando ao dizer que tive a impressão de ter conseguido alguma coisa! Mas naturalmente, quando o homem quis me deixar sozinho, senti-me esquisito, quase diria que era uma sensação sinistra; devota e sinistra. Ele sobe uma escada feito um macaco, atira-se sobre um livro que ele mirou de baixo, joga-se sobre ele, pega-o para mim, e diz:

“Senhor general, aqui tenho uma bibliografia das bibliografias.” Você sabe o que é isso? É o registro alfabético dos registros alfabéticos dos títulos daqueles livros e trabalhos que, nos últimos cinco anos, trataram dos progressos das questões éticas, exceto teologia moral e as belas-letas — ou foi algo assim que ele me disse, e quis ir embora. Mas eu o peguei a tempo

pela jaqueta e me segurei nele.

“Senhor bibliotecário!” — exclamei —, “não me abandone sem me ter revelado como consegue se orientar nesse” (por descuido eu disse hospício) “hospício de livros”. Ele deve ter me entendido mal; depois ocorreu-me que se diz que os loucos gostam de chamar os outros de doidos; ele ficou olhando o tempo todo para a minha espada, e não consegui segurá-lo a meu lado. Por fim, ele me deu um susto tremendo. Como eu não o largasse, endireitou-se, pareceu crescer dentro das suas calças largas, e me disse, sublinhando bem cada palavra, como se tivesse de revelar o segredo daquelas paredes:

“Senhor general”, disse ele, “o senhor quer saber como é que conheço cada livro?

Posso lhe dizer: é porque não leio nenhum!”

— Sabe, de repente quase achei que era demais! Mas vendo minha consternação, ele me explicou tudo direito. O segredo de todos os bons bibliotecários é que nunca lêem senão os títulos e índices de conteúdo dos livros que lhes são confiados.

“Quem se interessa pelo conteúdo está perdido como bibliotecário!”, esclareceu-me. “Nunca terá uma visão geral!”

— Eu lhe perguntei, perplexo: “Então nunca lê esses livros?”

“Nunca. Com exceção dos catálogos.” “Mas você é doutor?”

“Claro. Professor universitário; professor de biblioteconomia. A biblioteconomia é uma ciência independente”, explicou ele. “Quantos sistemas o senhor acredita que existem, general, segundo os quais se colocam, conservam, ordenam os títulos, corrigem nas capas os erros de impressão, dados falsos, e assim por diante?”

— Preciso confessar que depois disso ele me deixou sozinho e eu tive vontade de fazer duas coisas: ou começar a chorar, ou acender um cigarro; mas não podia fazer nenhuma das duas coisas naquele lugar! E o que você pensa que aconteceu? Quando eu estava ali estatelado, chegou um velho criado que provavelmente nos tinha visto, passou algumas vezes perto de mim arrastando os pés, depois parou, olhou para mim e começou a falar

com uma voz muito branda, talvez pela poeira dos livros ou pelo gosto da gorjeta.

“O senhor precisa de alguma coisa, general?”, perguntou.

Eu quis negar, mas o velho continuou: “Muitas vezes senhores da Escola de Guerra vêm até aqui. Basta que o general me diga qual o tema que o interessa de momento. Júlio César, o Príncipe Eugênio, o Conde Daun? Ou uma dessas coisas modernas? Leis de defesa? Discussões de orçamento?” Acredite, o homem falava com tanta sensatez e sabia tanta coisa que estava nos livros, que lhe dei uma gorjeta e perguntei como conseguia isso. E o que acha que ele disse? Contou-me outra vez que os alunos da Escola de Guerra, quando têm uma tarefa escrita, às vezes o procuram pedindo livros.

“Aí muitas vezes eles xingam um pouco quando lhes trago os livros”, continuou ele, “dizendo que é bobagem o que têm de aprender, e assim eu fico sabendo de uma porção de coisas. Ou então o senhor deputado, que precisa escrever o relatório sobre o orçamento de educação, vem e me pergunta que obras consultou o deputado que fez a mesma coisa no ano passado. Ou ainda o senhor prelado, que há quinze anos escreve sobre um tipo de besouros, ou um dos professores da universidade se queixa de que há três semanas está pedindo um livro sem o receber, e aí preciso procurar em todas as prateleiras vizinhas para ver se não o colocaram fora de lugar, até descobrir que o professor já está com o livro há dois anos e não o devolveu. E já estou nisso há quase quarenta anos; assim, a gente logo nota o que a pessoa quer, e o que lê para isso”.

“Bom”, disse eu, “meu caro, não é tão simples de explicar o que desejo ler!”

— E você sabe o que ele respondeu? Olhou-me com ar modesto, balançou a cabeça e disse:

“Senhor general, por favor não se incomode, isso acontece. Há pouco tempo uma senhora falou comigo dizendo exatamente a mesma coisa; talvez o senhor a conheça, general, é a esposa do secretário Tuzzi, do Ministério do Exterior.”

— Então, o que você me diz? Achei que estava maluco. E como o velho percebesse isso, me trouxe todos os livros que Diotima reservara para si, e agora, quando vou à biblioteca, é quase como um casamento espiritual

secreto, e aqui e ali faço de leve algum sinal a lápis na margem do livro, ou escrevo uma palavra, e sei que no dia seguinte ela vai ver, sem saber quem está dentro da cabeça dela quando pensa no que isso quer dizer!

O general fez uma pausa de contentamento. Mas depois controlou-se, seu rosto assumiu uma feição grave, e ele continuou:

— Agora concentre-se um pouco, quero lhe fazer uma pergunta. Todos estamos convencidos de que nossa época é mais ou menos a mais organizada que já existiu. Uma vez comentei com Diotima que isso era um preconceito, mas naturalmente eu mesmo tenho esse preconceito. E agora que as únicas pessoas que têm uma verdadeira e confiável ordem intelectual são os empregados de biblioteca, eu pergunto — não, não lhe pergunto, nós já falamos sobre isso, e naturalmente com minhas novas experiências refleti muito a respeito, portanto eu lhe digo: imagine que você bebe cachaça, sim? É bom em certas circunstâncias. Mas você bebe mais e mais e mais cachaça — está me acompanhando? Então, primeiro você fica bêbado, mais tarde passa a ter *delirium tremens*, e por fim honras militares na hora do enterro, e o capelão diz algumas palavras sobre férreo cumprimento do dever à beira de sua sepultura. Imaginou isso? Muito bem, se imaginou isso, tudo bem, agora imagine água. E imagine que tem de beber cada vez mais, de modo que por fim acaba se afogando. E imagine que come até ficar com nó nas tripas. Ou remédios, quinino ou arsênico ou ópio. Você pergunta, para quê? Mas, meu querido camarada, agora vou lhe fazer a sugestão mais incrível. Imagine a ordem. Ou melhor, imagine primeiro uma grande idéia, depois outra maior, depois uma maior ainda, e sempre uma maior ainda; e seguindo esse modelo, imagine sempre mais ordem em sua cabeça. Primeiro, isso parece tão bonito como o quarto de uma velha solteirona, e limpo como um estábulo de quartel; depois, grandioso como uma brigada em linha de batalha; depois, tão incrível como a gente sair do cassino e comandar as estrelas: “mundo inteiro, atenção; direita volver!”. Ou, digamos, no começo a ordem foi como quando um recruta se atrapalha com as pernas e você o ensina a andar; ou então como quando, no sonho, você sai da rotina e é nomeado ministro da guerra; mas imagine apenas uma ordem humana total, universal, em suma uma ordem civil perfeita: eu afirmo, essa é a morte pelo frio, a rigidez cadavérica, uma paisagem lunar, uma epidemia geométrica!

— Falei sobre isso com meu funcionário da biblioteca. Ele sugeriu que eu

lesse Kant ou algo assim, sobre os limites dos conceitos da capacidade de conhecimento. Mas na verdade não quero ler mais coisa alguma. Tenho uma sensação engraçada: compreendo por que no exército, onde temos a maior ordem, ao mesmo tempo devemos estar prontos para dar nossa vida a qualquer momento. Não posso explicar por quê. De alguma forma a ordem passa a ser desejo de matar. E me preocupo sinceramente: do jeito que ela vai, a sua prima pode acabar fazendo alguma coisa que venha a prejudicá-la muito, ao passo que eu cada vez posso dar-lhe menos ajuda! Está me entendendo? Naturalmente não pretendi dizer nada contra as grandes e maravilhosas idéias que a ciência e a arte acabam produzindo; tenho o maior respeito por elas!

Naquela época, também Diotima voltou a conversar com seu primo. Certa noite, atrás de torvelinhos que giravam tenazes e incessantes pelas salas de sua casa, formou-se uma laguna de paz junto à parede, onde ele estava sentado num banquinho, e Diotima veio sentar-se a seu lado como uma bailarina fatigada. Fazia tempo que isso não acontecia. Desde aqueles passeios, e como se fosse resultado deles, ela evitara qualquer contato “extra-oficial” com ele.

O rosto de Diotima estava levemente manchado pelo calor e cansaço. Ela apoiou as mãos no banco, disse “como vai?”, apenas isso, embora houvesse muito mais a dizer, e ficou olhando em frente, a cabeça um pouco inclinada. Dava a impressão de estar fortemente “golpeada”, para se usar uma expressão própria do boxe. Ali agachada, nem teve cuidado de ver se seu vestido estava bem-posto.

Seu primo pensou em cabelo desgrenhado, vestido de camponesa e pernas nuas. Tirando-se dela os falsos ornamentos, sobrava uma pessoa forte e bonita, e ele teve de controlar-se para simplesmente não agarrar sua mão a pulso como fazem os camponeses.

— Então, não está feliz com Arnheim — constatou com calma.

Talvez ela devesse ter negado, mas sentiu-se estranhamente comovida, e ficou calada; só algum tempo depois respondeu:

— A amizade dele me faz muito feliz!

— Tive a impressão de que a amizade dele a atormentava um pouco.

— Mas o que está dizendo? — Diotima endireitou-se e era novamente uma dama.

— Sabe quem me atormenta? — perguntou, esforçando-se por encontrar um tom de conversa frívola. — Seu amigo, o general! O que é que esse sujeito quer? Por que vem para cá? Por que fica me olhando o tempo todo?

— Está apaixonado pela senhora! — respondeu o primo. Diotima deu uma risada nervosa, e continuou:

— Sabe que tenho calafrios da cabeça aos pés quando o vejo? Ele me faz pensar na morte!

— Uma morte com aparência singularmente amável, se encará-lo sem preconceitos!

— Obviamente não sou imparcial. Não posso explicar. Mas entro em pânico quando ele fala comigo e me explica que tenho idéias “eminentes”, que apresento “eminente” situações “eminentes”. Sinto um medo indescritível, incompreensível, como num pesadelo!

— Dele?

— Do que mais? Ele é uma hiena!

O primo teve de rir. Mas ela continuou desfazendo do outro com a desinibição de uma criança.

— Ele fica por aí esgueirando-se e esperando que nossos belos esforços caiam por terra!

— E provavelmente é disso que a senhora tem medo! Ilustre prima, lembre-se de que eu lhe predisse esse fracasso desde o começo! Ele é inevitável: deve preparar-se para ele!

Diotima encarou Ulrich com altivez. Lembrava-se muito bem; mais que isso, naquele momento recordou as palavras que ele lhe dissera quando da sua primeira visita, palavras que agora a faziam sofrer. Ela lhe dissera que era um grande privilégio poder convocar uma nação, na verdade o mundo todo para, em meio ao materialismo reinante, pensar no espírito. Não quisera nada de gasto ou antiquado; mas o olhar com que ela hoje encarava o primo era antes soberbo que arrogante. Imaginara um Ano Mundial, cheio de fervor, e procurara um conteúdo cultural que o coroasse; estivera ora perto disso, ora muito longe; vacilara e sofrerá muito; os últimos meses lhe pareciam uma longa travessia na qual somos cruelmente erguidos e largados por ondas que se repetem, sempre iguais, de modo que dificilmente podia distinguir o que vinha antes ou depois. Agora, estava ali sentada como alguém que, depois de um esforço enorme, senta-se num banco que graças a Deus não balança, sem desejar fazer, no momento, coisa alguma senão contemplar a fumaça do seu cachimbo: esse estado de alma em Diotima era

tão vivo, que ela própria escolheu a comparação, lembrando um ancião no sol do fim da tarde. Sentia-se alguém que superou grandes combates apaixonados. Com voz cansada, falou ao primo:

— Passei por muita coisa; mudei muito.

— Será em meu favor, essa mudança? — perguntou ele. Diotima balançou a cabeça sorrindo, sem fitá-lo.

— Então vou lhe contar que é Arnheim que está atrás do general, não eu; a senhora sempre me atribuiu a culpa pela presença do general! — disse Ulrich de repente. — Lembra-se do que eu lhe respondi quando me interpelou a respeito?

Diotima lembrava. Mantenha-o a distância, dissera o primo. Mas Arnheim por seu turno dissera que ela devia receber amavelmente ao general! Naquele momento ela sentiu algo que não se podia descrever; como se estivesse numa nuvem que rapidamente lhe encobria os olhos. Mas logo o banquinho voltava a ser duro e firme, e ela falou:

— Não sei como esse general veio parar em nossa casa, eu não o convidei. E o Dr. Arnheim, quando lhe perguntei, disse que naturalmente não sabia de nada. Deve ter havido algum engano.

O primo abrandou-se um pouco:

— Conheço o general de antigamente, mas nos revimos pela primeira vez aqui na sua casa — explicou. — É muito provável que ele esteja apenas espionando um pouquinho por aqui, a mando do Ministério da Guerra, mas também quer honestamente ajudá-la. E ele mesmo me disse que Arnheim, estranhamente, anda se interessando muito por ele!

— Porque Arnheim se interessa por tudo! — respondeu Diotima. — Ele me aconselhou a não rejeitar o general, pois acredita na sua boa-vontade e vê na sua posição influente uma oportunidade útil para nossas aspirações.

Ulrich balançou violentamente a cabeça.

— Ouça só os cacarejos ao redor dele — disse, tão subitamente que os circunstantes poderiam escutar, e a dona da casa ficou constrangida. — Ele se permite isso porque é rico. Tem dinheiro, dá razão a todo mundo, e sabe que fazem propaganda dele, espontaneamente!

— E por que ele faria isso? — respondeu Diotima, em tom de censura.

— Porque é vaidoso! — prosseguiu Ulrich. — Desmedidamente vaidoso! Não sei como fazer com que entenda todo o significado dessa afirmação. Há uma vaidade

no sentido bíblico: a gente transforma o vazio num sino! Vaidosa é uma pessoa que se julga invejável porque vê a lua subir sobre a Ásia à sua esquerda, e o crepúsculo na Europa à direita; foi assim que ele me descreveu certa vez a viagem pelo mar de Mármara! Provavelmente a lua nasce mais bonita atrás do vaso de flores de uma menininha do que sobre a Ásia!

Diotima procurou um lugar onde as pessoas que andavam de um lado para outro não os escutassem. E disse baixinho:

— Está irritado pelo sucesso dele — e levou-o pelas salas; depois, com um gesto inteligente, ajeitou tudo de modo a atravessarem a porta e entrarem no vestíbulo sem chamar atenção. Todos os outros aposentos estavam ocupados por convidados. — Por que é tão hostil a ele? — prosseguiu, chegando lá. — Assim, me põe em dificuldades.

— Eu lhe causo dificuldades? — perguntou Ulrich espantado.

— Talvez eu tivesse vontade de me abrir com o senhor. Mas enquanto se comportar desse jeito, não posso lhe dizer nada!

Ela parará no centro do vestíbulo.

— Por favor, confie em mim e me diga o que tem a dizer — pediu Ulrich.

— Eu sei que estão apaixonados. Ele vai se casar com a senhora?

— Ele me propôs isso — respondeu Diotima sem se importar com o lugar inseguro onde se encontravam. Estava arrebatada por suas próprias emoções, e não se importou com a brusca franqueza do primo.

— E a senhora? — perguntou ele.

Ela ficou vermelha como uma escolar nervosa.

— Ah, é uma pergunta de resposta difícil! — retrucou ela, hesitante. — Não quero cometer nenhuma injustiça. Em assuntos de verdadeira grandeza não é tão importante o que se faz!

Ulrich não entendeu aquelas palavras, pois não conhecia as noites em que Diotima vencía a voz da paixão e atingia um imóvel equilíbrio das almas cujo amor paira dos dois lados como um fiel da balança. Por isso, teve a impressão de que de momento era melhor abandonar aquela linguagem

direta, e disse:

— Eu gostaria de falar sobre minha relação com Arnheim, porque nessas circunstâncias lamento que a senhora tenha impressão de hostilidade. Acho que compreendo bem Arnheim. Tente imaginar: o que acontece na sua casa, que, segundo o seu desejo, chamarei síntese, é coisa que ele já experimentou centenas de vezes! Onde o movimento intelectual aparece na forma de convicções, logo aparece também na forma de convicções opostas. E onde ele se corporifica numa dessas chamadas grandes personalidades intelectuais, torna-se tão inseguro quanto uma caixa de papelão jogada na água, sempre que essa personalidade não recebe voluntária admiração de todos os lados. Pelo menos na Alemanha, ficamos quase tão comovidos com o amor por personalidades reconhecidas como bêbados que se atiram ao pescoço de um homem desconhecido e, depois, por razões igualmente obscuras, o derrubam no chão. Portanto, posso imaginar muito bem o que Arnheim sente: deve ser como estar mareado. E quando, nesse ambiente, ele recorda o que se pode fazer com a riqueza quando bem empregada, sente chão firme debaixo dos pés depois de uma longa via gem marítima. Ele há de notar como sugestão, estímulo, desejo, disposição, realização procuram a proximidade do dinheiro, e isso é uma imagem do próprio intelecto. Pois também pensamentos que almejam ao poder prendem-se a outros já poderosos.

Não sei como exprimir isso; a diferença entre um pensamento que tem altas aspirações e um pensamento simplesmente ambicioso é quase impalpável. Mas se essa ligação falsa com algo de grande toma o lugar da pobreza material e da pureza do espírito, também aquilo que passa por ser grande acaba se impondo, e naturalmente com razão, e por fim aquilo que a propaganda e a habilidade comercial fazem parecer grande. E temos um Arnheim com toda a sua inocência e culpa!

— O senhor hoje está com umas idéias muito santas — respondeu Diotima asperamente.

— Admito que não tenho nada a ver com ele. Mas seu modo de aceitar a mistura de efeitos da grandeza interior e exterior, pretendendo transformar-se num modelo da humanidade, me dá ânsias de uma santidade selvagem!

— Ah, como está enganado! — interrompeu Diotima, veemente. — Está imaginando um homem rico e pedante. Mas para Arnheim a riqueza é uma

responsabilidade incrível. Ele cuida de seus negócios como outros cuidariam de uma pessoa que lhes fosse confiada. E, para ele, atuar é uma necessidade profunda; trata amavelmente o mundo porque é preciso, como ele diz, mover-se para se comover! Ou é Goethe quem diz isso? Ele me explicou tudo muito detalhadamente. Parte do princípio de que só se pode começar a fazer o bem quando se começou a agir; pois admito que também eu às vezes tinha a impressão de que ele dava trela demais a qualquer um.

Com essas palavras, tinham andado de um lado para outro no vestíbulo vazio, onde só havia espelhos e roupas penduradas. Diotima parou e colocou a mão no braço do primo.

— Essa pessoa distinguida pelo destino de todas as maneiras — falou — tem o modesto princípio básico de que o indivíduo não é mais forte do que um enfermo abandonado! O senhor não lhe pode dar razão? Quando uma pessoa está só, cai em mil excessos! — Ela olhou o chão como se procurasse alguma coisa, sentindo o olhar do primo pousado em suas pálpebras abaixadas. — Ah, eu poderia falar de mim mesma, andei muito solitária ultimamente — prosseguiu, mas vejo que o senhor também esteve. Está amargurado e infeliz. Não se dá bem em seu ambiente, e nota-se isso em todas as suas opiniões. Critica tudo, com sua natureza ciumenta. Com efeito, Arnheim se queixou a mim de que o senhor recusa a sua amizade.

— Ele lhe disse que deseja minha amizade? Ele mente! Diotima ergueu os olhos e riu:

— Já está exagerando outra vez! Nós dois desejamos sua amizade. Talvez exatamente porque o senhor é como é. Mas devo dizer mais: Arnheim usou o seguinte exemplo para isso... — Ela hesitou um momento, depois corrigiu-se: — Não, isso levaria longe demais. Resumindo: Arnheim diz que devemos usar os meios que nosso tempo nos coloca nas mãos; devemos mesmo agir sempre segundo dois pontos de vista, nunca inteiramente revolucionários, nunca inteiramente contra-revolucionários, nunca amando nem odiando demais, e nunca obedecendo a uma única tendência, mas desenvolvendo tudo o que trazemos em nós. Mas isso não é esperteza, como pensa, e sim sinal de uma natureza abrangente, sintética e simples, que supera diferenças superficiais — uma natureza dominadora!

— E o que tem isso a ver comigo? — perguntou Ulrich.

A objeção desfez a lembrança de uma conversa sobre escolástica, Igreja, Goethe e Napoleão, e o nevoeiro de formação intelectual que se adensara em torno da cabeça de Diotima, e ela de repente se viu muito nitidamente sentada ao lado do primo sobre uma sapateira comprida, para a qual, zelosa, o puxara; as costas de Ulrich se desviavam obstinadamente dos casacões pendurados atrás dele, que também haviam desarrumado os cabelos dela, que agora precisavam ser penteados. Fazendo isso, ela respondeu:

— Mas o senhor é o contrário disso! Gostaria de transformar o mundo à sua própria imagem! Toma sempre uma atitude de resistência passiva, para usar dessa expressão pavorosa! — Estava contentíssima por poder lhe dizer assim o que pensava. Mas ela se lembrou que não podiam ficar sentados onde estavam, pois os convidados começariam a ir embora a qualquer momento, ou a vir ao vestíbulo por outros motivos. — É sempre tão crítico; não me recordo de já ter achado algo bom — continuou ela. — Para fazer oposição, elogia tudo o que hoje é insuportável. Quando, no deserto morto de nosso tempo desmitificado, queremos salvar um pouco de sensibilidade e intuição, podemos ter certeza de que vai elogiar com fanatismo tudo o que é técnico, a desordem, o ser negativo!

Diotima ergueu-se, sorrindo, e deu-lhe a entender que tinham de procurar outro lugar. Só podiam voltar às salas, ou, se quisessem prosseguir na conversa, esconder-se dos outros; seria possível chegar ao quarto de dormir dos Tuzzi através de uma porta falsa, mas Diotima achou íntimo demais levar o primo para lá, tanto mais que, para fazer espaço nos outros aposentos em dias de recepção, sempre se amontoava naquele quarto uma porção de coisas em desordem; portanto, só restavam como refúgio os dois quatinhos de empregada. A idéia de ser uma divertida mistura de aventura e dever de dona de casa inspecionar uma vez o quarto de Raquel, onde nunca entrava, foi decisiva. Enquanto andavam, ela se desculpava por aquela sugestão, e ainda quando chegaram ao pequeno quarto, continuava tentando convencer Ulrich:

— A gente tem a impressão de que quer contrariar Arnheim em todas as oportunidades. Essa sua oposição o magoa. Ele é um extraordinário exemplar do homem de hoje. Por isso, ele deve e precisa estar ligado à realidade. O senhor, ao contrário, está sempre saltando para o impossível. Ele é afirmação, e equilíbrio total; o senhor é, no fundo, anti-social. Ele

procura a unidade, esforça-se por tomar decisões; o senhor lhe opõe uma mentalidade vaga. Ele aprecia o passado, mas, e o senhor? O que faz? Age como se o mundo só fosse começar amanhã. Não é assim que fala? Desde o primeiro dia, quando eu lhe disse que tínhamos a oportunidade de realizar grandes coisas, se portou assim. E quando encaramos essa oportunidade como um destino, e nos encontramos no momento decisivo, esperando por uma resposta, por assim dizer com olhar silencioso e interrogativo, o senhor se porta como um menino malcriado que quer incomodar! — Ela tinha necessidade de disfarçar com palavras sensatas a situação melindrosa que era estarem naquele quarto, e, agredindo o primo com certo exagero, ganhava coragem para enfrentar a situação.

— E, se eu sou assim, o que deseja de mim? — perguntou Ulrich. Sentara-se na caminha de ferro da criadinha Raquel, e Diotima sentou-se na pequena cadeira de vime, a pouca distância dele. E então ele recebeu uma resposta admirável:

— Se eu alguma vez me portasse pessimamente com o senhor — disse ela com franqueza —, certamente se mostraria maravilhoso como um arcanjo! — Ela própria assustou-se com suas palavras. Quisera apenas assinalar o desejo dele de contrariar, e fazer uma piada dizendo que ele seria bonzinho mesmo que sua bondade não fosse merecida; mas inconscientemente uma fonte jorrara e pronunciara palavras que, depois de ditas, logo lhe pareceram insensatas; mas, surpreendentemente, pareciam enquadrar-se bem na sua relação com aquele primo.

Ulrich sentiu isso; encarou-a silencioso, e pouco depois respondeu com uma pergunta:

— Está muito, está loucamente apaixonada por ele? Diotima olhou para o chão.

— Que jeito de falar! Não sou nenhuma adolescente apaixonada! Mas o primo insistia:

— Pergunto por um motivo que posso tornar mais ou menos claro. Quero saber se já conheceu o desejo de que todas as pessoas — estou pensando também nas piores, nessas que estão aí perto, nos seus salões — tirassem a roupa e se enlaçassem pelos ombros, e, em vez de falar, apenas cantassem; mas teria de ir de uma em uma e beijá-las fraternalmente nos lábios. Se acha

isso repulsivo demais, talvez eu possa admitir camisolas.

Diotima respondeu:

— Muito simpáticas essas suas fantasias!

— Mas, veja, eu conheço esse anseio, embora tenha sido há muito tempo! Há gente muito respeitada que afirma que na verdade assim é que devia ser, no mundo!

— Pois então é sua própria culpa, se não age assim! — interrompeu Diotima. — Além disso, não é preciso pintar tudo de modo tão ridículo! — Ela se lembrara de que sua aventura com Arnheim era muito vaga e despertava o desejo de uma vida em que desaparecessem as diferenças sociais, e a atividade, a alma, o intelecto e o sonho fossem uma coisa só.

Ulrich não retrucou. Ofereceu um cigarro à prima. Ela aceitou. Quando as nuvens aromáticas encheram o “estreito cubículo”, Diotima imaginou o que Raquel pensaria sentindo no ar os vagos vestígios daquela visita. Deveria arejar o quarto? Ou dar uma pequena explicação na manhã seguinte? Singularmente, foi a lembrança de Raquel que a fez ficar; já quase interrompera aquele encontro que se tornava estranho demais, mas os privilégios da superioridade espiritual e o inexplicável aroma de cigarros sugerindo à criada uma visita misteriosa fundiram-se, e a divertiam.

O primo a contemplava. Admirava-se de ter-lhe falado naquele tom, mas prosseguiu: queria ter companhia.

— Vou lhe dizer — ele retomou a palavra — em que condições eu seria tão seráfico assim; pois seráfico não deve ser uma expressão forte demais para o fato de não apenas suportar o próximo fisicamente, mas, por assim dizer, poder apalpá-lo debaixo da tanga psicológica, sem calafrios.

— A não ser que se trate de uma mulher! — objetou Diotima, lembrando a má-fama de seu primo na família.

— Não faço exceção nem para isso!

— Tem razão! O que chamo de “amar na mulher o ser humano” é incrivelmente raro! — Diotima achava que Ulrich tinha opiniões parecidas com as dela, mas o que ele dizia era sempre errado, e insuficiente.

— Vou lhe descrever isso a sério — disse ele, dessa vez com obstinação. Sentava-se inclinado para diante, os braços apoiados nas coxas musculosas, olhando sombriamente o chão. — Ainda hoje dizemos: eu amo esta mulher, e odeio aquela pessoa, em vez de dizer, elas me atraem ou repelem. Para

sermos mais exatos, deveríamos acrescentar sou eu quem desperta nelas a capacidade de me atrair ou repelir. E para sermos mais exatos ainda, seria preciso acrescentar que elas fazem brotar em mim as qualidades necessárias para isso. E assim por diante; não se pode dizer onde se dá o primeiro passo, pois é uma dependência mútua, funcional, como entre dois balões de borracha ou dois circuitos elétricos. E naturalmente há muito tempo sabemos que também nós deveríamos sentir assim, mas ainda preferimos, de longe, ser a causa primeira nos campos de força das emoções que nos rodeiam; mesmo quando um de nós admite que imita outro, exprime isso como se fosse uma realização ativa! Por isso perguntei, e pergunto de novo, se já se apaixonou desmedidamente, ou se sentiu desmedidamente irada ou desesperada. Pois então, com um pouco de capacidade de observação, a gente compreende perfeitamente que no meio da maior excitação somos como uma abelha numa janela, ou um infusório numa água envenenada; sofremos uma tempestade emocional, corremos cegamente para todos os lados, batemos cem vezes contra o impenetrável, e uma vez, com sorte, passamos pela porta que dá para a liberdade, o que mais tarde, é claro, no rígido estado consciente, julgamos ter sido ato planejado.

— Preciso objetar — comentou Diotima — que este seria um conceito indigno e cético de emoções que podem decidir toda a vida de uma pessoa.

— Talvez esteja pensando na velha, monótona questão de o ser humano ser ou não senhor de si mesmo — retrucou Ulrich, erguendo depressa os olhos.
— Se tudo tem uma causa, não podemos... e assim por diante? Devo admitir que isso nunca me interessou nem por quinze minutos em toda a minha vida. É uma indagação de um tempo que foi sendo imperceptivelmente superado; vem da teologia, e, além dos juristas que ainda têm teologia na cabeça e cheiro de hereges queimados no nariz, hoje em dia só parentes indagam por causas, dizendo: você é a causa de minhas noites insones, ou: a queda do preço do cereal foi a causa de sua desgraça. Mas pergunte a um criminoso, depois de ter mexido com sua consciência, como foi que ele cometeu seu crime! Ele não sabe; mesmo que sua consciência não se tenha apagado em nenhum momento durante a ação!

Diotima endireitou mais o corpo.

— Por que fala tantas vezes em criminosos? Parece gostar muito do crime.

Isso deve significar alguma coisa.

— Não — respondeu o primo. — Não significa coisa alguma. Quando muito, um certo estímulo. A vida comum é um estado intermediário entre todos os nossos crimes possíveis. Mas já que usamos a palavra teologia, queria lhe perguntar uma coisa.

— Certamente vai querer saber outra vez se já estive loucamente apaixonada ou enciumada!

— Não. Pense bem: se Deus predetermina tudo, e sabe tudo antecipadamente, como é que alguém pode pecar? Era assim que, antigamente, se indagava; e, veja, ainda é uma questão bem moderna. Deus era concebido como um incrível intrigante. Um homem o ofende concordando com ele, ele incita os homens ao erro pelo qual mais tarde os castigará; ele não apenas sabe disso de antemão — para um amor tão resignado sempre teríamos exemplos — mas até o provoca! Hoje em dia, nos encontramos todos em situação semelhante em relação uns aos outros. O eu perde a significação que teve até agora, como soberano que emite decretos; aprendemos a entender as leis que o determinam, a influência de seu ambiente, os tipos de estrutura, seu desaparecimento nas horas mais intensas, em suma, as leis que regulam sua formação e seu comportamento. Pense bem: as leis da personalidade, prima! É como se falássemos numa sindicalização das serpentes venenosas, ou numa câmara de comércio de ladrões! Pois como as leis são a coisa mais impessoal do mundo, a personalidade em breve será apenas o ponto de encontro imaginário do impessoal, e será difícil encontrar um ponto de vista honroso, ao qual você não deseje renunciar...

Assim se expressava o primo, e, em certas oportunidades, Diotima interveio:

— Mas, caro amigo, deveríamos fazer tudo da maneira mais pessoal possível! — Por fim, disse: — Está parecendo um teólogo; não conhecia esse lado seu! Estava novamente sentada como uma bailarina fatigada. Uma mulher bela e forte; de alguma forma, ela própria sentia isso no corpo. Evitara o primo semanas a fio, talvez meses. Mas gostava daquele homem que tinha a mesma idade que a sua. Ele tinha uma aparência engraçada, de fraque, naquele quartinho mal iluminado, preto e branco como um monge;

aquele preto-e-branco tinha algo da paixão de um crucifixo. Olhou em torno no modesto aposento: a Ação Paralela estava distante, ela superara grandes batalhas apaixonadas, aquele quarto era simples como o dever, suavizado por raminhos e cartões-postais nos cantos do espelho; entre eles, rodeado pela pompa da cidade grande, aparecia o rosto de Raquel quando a pequena se olhava no espelho. Onde se lavava? Naquela caixinha estreita deveria haver uma bacia de lata, se abrisse a tampa., lembrou Diotima, e depois pensou: esse homem quer, e não quer.

Olhou-o calmamente, uma ouvinte amável. “Será que Arnheim quer realmente se casar comigo?”, pensou. Ele dissera que sim. Mas, depois, não insistira mais. Tinha tantas outras coisas a dizer. Mas também seu primo devia ter perguntado, em vez de falar sobre coisas remotas: então, como estão as coisas? Por que não perguntava? Parecia-lhe que ele a compreenderia, se lhe falasse mais de suas lutas interiores. Quando lhe contara que se havia modificado, ele dissera: “Em meu favor?” Que insolente! Diotima sorriu.

No fundo, os dois homens eram, ambos, bem estranhos. Por que seu primo não gostava de Arnheim? Ela sabia que Arnheim procurava a amizade dele; mas também Ulrich, segundo suas próprias afirmações veementes, interessava-se por Arnheim. “E como o interpreta mal”, pensou ela mais uma vez, “mas não há nada a fazer!” Aliás, agora não apenas sua alma se rebelava contra seu corpo casado com o subsecretário Tuzzi, como também, por vezes, esse corpo se rebelava contra a alma que se consumia na beira de um deserto por causa daquele amor hesitante e envolvente, sobre o qual talvez apenas freuisse a enganosa miragem do anseio. Ela gostaria de dividir sua dor e sua fraqueza com o primo; aquela parcialidade renitente que ele revelava lhe agradava. A multiplicidade equilibrada de Arnheim era mais elevada, mas Ulrich não hesitaria tanto na hora de uma decisão, apesar de suas teorias que gostariam de diluir tudo no absolutamente indefinido. Ela sentia isso, e não sabia como o sentia; provavelmente fazia parte daquilo que desde o começo sentira por ele. Se naquele momento Arnheim lhe parecia um incrível esforço, um ônus real sobre a alma dela, uma carga que excedia à sua alma por todos os lados, tudo o que Ulrich lhe dizia parecia unicamente multiplicar as relações, libertando-a da responsabilidade, e fazendo-a entrar num suspeito estado de liberdade.

De repente, sentiu necessidade de se fazer mais pesada do que era; e sem saber ao certo por que, lembrou-se de como em menina certa vez tirara um menininho do perigo carregando-o nos braços, e ele ficara lhe batendo com os joelhos na barriga, obstinadamente, para se defender. A força dessa lembrança, tão inesperada como se tivesse entrado no pequeno quarto pela chaminé, a fez perder totalmente o equilíbrio. “Desmedidamente?”, pensou. Por que Ulrich sempre perguntava isso? Como se ela não pudesse ter emoções desmedidas! Esquecera-se de escutar o que ele dizia, não sabia se era conveniente ou não, mas simplesmente o interrompeu, afastou todas as palavras dele, e deu-lhe, rindo, definitivamente (só não era muito confiável a sua sensação de estar rindo, naquela súbita excitação desordenada), a resposta:

— Mas eu estou desmedidamente apaixonada! Ulrich encarou-a diretamente, sorrindo:

— Não é capaz disso.

Ela se levantara, tinha as mãos nos cabelos, fitou-o com olhos espantados e fixos.

— Para ser desmedido — explicou ele tranquilamente — é preciso ser muito exato e objetivo. Dois eus, que sabem como é precário o eu hoje em dia, seguram-se um no outro, é assim que imagino o amor, se é que ele existe e não é apenas uma atividade comum; os dois eus ficam tão entrelaçados um no outro, que um é causa do outro, quando sentem que estão ampliados e flutuam como um véu. Portanto, é incrivelmente difícil não fazer movimentos em falso, mesmo quando já se têm os movimentos certos há muito tempo. É simplesmente difícil sentir o que é certo no mundo! Bem ao contrário de um preconceito generalizado, é preciso quase ser pedante. Aliás, eu queria mesmo lhe dizer isso. Lisonjeou-me muito, Diotima, dizendo que sou capaz de ser um serafim; com toda a modéstia, como logo verá. Pois só se as pessoas fossem completamente objetivas — e isso é quase o mesmo que impessoais —, seriam todas amor. Porque só então seriam todas sensibilidade e sentimento, e pensamento; e todos os elementos que formam o ser humano são delicados, pois procuram-se mutuamente; só o próprio ser humano não o é. Estar desmedidamente

apaixonada é, portanto, algo que a senhora talvez nem deseje...!

Ele tentara dizer isso da maneira menos solene possível; acendeu até outro cigarro, para dominar a expressão facial, e Diotima, constrangida, aceitou o que ele lhe oferecia. Ela tinha um ar engraçado e desafiador, e soprou a fumaça no ar para mostrar-se independente, pois não o compreendera bem. Mas o todo tinha grande efeito sobre ela, o fato de o primo lhe dizer isso exatamente naquele quartinho onde estavam a sós, e não tentar a mínima coisa vulgar, como pegar a mão dela, ou tocar seu cabelo, embora sentissem como uma corrente magnética a atração que seus corpos exerciam um sobre o outro naquela proximidade. E se eles..., pensou. Mas o que poderia fazer naquele cubículo? Olhou em torno. Portar-se como uma prostituta? Mas como se faz isso? E se se lamuriasse? Lamuriar-se, palavra dos tempos de colégio, que lhe ocorria de repente. E se fizesse o que ele pedia, despir-se, colocar o braço no ombro dele e cantar, cantar o quê? Tocar harpa? Ela o contemplava, sorrindo. Parecia um irmão malcriado em cuja companhia poderia fazer tudo o que lhe desse na cabeça. Ulrich também sorriu. Mas seu sorriso era como uma janela fechada; pois após ter cedido à tentação de manter aquele diálogo com Diotima, sentia-se apenas envergonhado. Ela, porém, pressentia uma vaga possibilidade de amar aquele homem; era como a música moderna, na sua opinião, totalmente insatisfatória mas cheia de uma excitante novidade. E embora pensasse saber mais sobre isso do que ele próprio, ali, parada diante dele, suas pernas começaram a arder secretamente, de modo que de repente disse ao primo, um tanto brusca, como se aquela conversa já tivesse durado tempo demais:

— Caro amigo, estamos fazendo uma coisa muito inconveniente; fique mais um pouco aqui sozinho, eu vou na frente, para me mostrar outra vez aos nossos convidados.

Gerda esperou em vão a visita de Ulrich. A verdade era que ele esquecera a promessa, ou lembrava dela por um momento quando pretendia fazer outra coisa.

— Esqueça-o! — dizia dona Clementina quando o Diretor Fischel reclamava. — Antigamente nós lhe servíamos, agora decerto ficou arrogante. Se você procurar por ele, vai piorar ainda mais as coisas; você é desajeitado demais para isso.

Gerda tinha saudades do amigo mais velho. Queria que viesse, e sabia que se viesse desejaria que se fosse. Apesar de seus vinte e três anos, ela não tivera nenhuma experiência a não ser um Sr. Glanz que, apoiado pelo pai dela, a cortejava cautelosamente, e seus amigos germano-cristãos, que, de vez em quando, nem lhe pareciam homens e sim garotos de escola.

“Por que será que ele nunca vem?”, indagava-se Gerda ao pensar em Ulrich. Seus amigos consideravam certo que a Ação Paralela levaria a uma aniquilação espiritual do povo alemão, e ela se envergonhava da participação de Ulrich; teria gostado de ouvi-lo falar a respeito, e esperava que ele tivesse motivos que o redimissem.

Sua mãe dizia ao marido:

— Você perdeu essa oportunidade. Teria sido bom para Gerda, ela iria pensar em outra coisa; um monte de gente frequenta a casa dos Tuzzi. — Tinham descoberto que ele se esquecera de responder ao convite para a festa de Sua Alteza, e agora a mulher o atormentava por isso.

Os jovens que Gerda chamava de almas amigas tinham-se instalado na casa dele como os pretendentes de Penélope, e conferenciavam sobre o que um alemão deveria fazer face a essa Ação Paralela.

— Em certas circunstâncias, um financista precisa mostrar qualidades de Mecenas! — exigia dona Clementina quando ele protestava que não recebera Hans Sepp, o “líder espiritual” de Gerda, em sua casa como

professor particular em troca de bom dinheiro, para que agora acontecesse isso.

Pois era assim: Hans Sepp, o estudante que não oferecia a menor possibilidade de sustentar Gerda, entrara na casa como preceptor, e tornara-se um tirano, devido aos contrastes que ali imperavam; agora ele conferenciava com seus amigos, que se tinham tornado amigos de Gerda, na casa dos Fischel, sobre a salvação da nobreza alemã que caía nas redes do espírito judeu em casa de Diotima (de quem se dizia que não fazia diferença entre pessoas da própria raça ou de outra). E embora na presença de Leo Fischel só mencionassem o fato com uma objetividade atenuante, havia bastante palavras e princípios que o irritavam muito. Eles se inquietavam porque, num século que não produzira grandes símbolos, se fazia aquela tentativa que levaria a uma catástrofe completa; e as expressões “altamente significativo”, “humanização ascendente” e “humanidade livre” já faziam tremer o pincenê no nariz de Fischel. Em sua casa florescia conceitos como “arte de pensamento vital”, “curva de crescimento espiritual” e “batimento da ação”. Ele descobriu que a cada quinze dias se realizava em sua casa uma “hora de purificação”. Exigiu explicações. Soube então que liam Stefan George coletivamente. Em vão, Leo Fischel procurou saber em sua velha enciclopédia quem era esse Stefan George. O que mais aborrecia o velho liberal eram aqueles fedelhos, ao falarem da Ação Paralela, chamarem a todos os funcionários de ministérios, presidentes de banco e intelectuais de “pigmeus empertigados”; afirmarem pedantemente que hoje em dia não havia mais grandes idéias ou pessoas que as entendessem, e até mesmo declararem que Humanidade não passava de uma palavra, só aceitando como realidade a Nação, ou, como diziam, o povo e suas tradições.

— Papai — respondeu Gerda quando ele lhe chamou atenção —, Humanidade não significa nada para mim, isso hoje não tem mais nenhum conteúdo; mas a minha nação, isso é uma coisa física!

— A sua nação! — começou Leo Fischel, e quis dizer alguma coisa sobre os grandes profetas e sobre seu próprio pai, que fora advogado em Trieste.

— Eu sei — interrompeu Gerda. — Mas a minha nação é espiritual; é dessa que estou falando.

— Vou trancar você em seu quarto até que tenha juízo! — disse papai Leo.

— E vou proibir seus amigos de virem à nossa casa. São pessoas indisciplinadas, que se ocupam o tempo todo com sua consciência em vez de trabalhar!

— Papai, eu sei como você pensa — respondeu Gerda. — Vocês mais velhos acham que podem nos desprezar porque nos sustentam. São capitalistas patriarcas!

Graças às preocupações do pai, tais diálogos não eram raros.

— E de que você pensa que ia viver se eu não fosse capitalista? — perguntou o dono da casa.

— Não posso saber tudo — habitualmente, Gerda interrompia esse tipo de extensão da conversa. — Mas sei que cientistas, educadores, sacerdotes, políticos e outros trabalhadores estão tratando de conseguir novos valores doutrinários!

Talvez o Diretor Fischel ainda se esforçasse por indagar ironicamente:

— Esses sacerdotes e políticos serão vocês? — Mas só fazia isso para ficar com a última palavra; no fim, alegrava-se por Gerda não notar o quanto, já por hábito, temia ceder a uma coisa que lhe parecia insensata. A situação chegou a ponto de, ao fim de algumas dessas conversas, ele até começar a elogiar cautelosamente a Ação Paralela, por ser diferente daquelas loucas contestações dentro de sua casa; mas isso só acontecia quando Clementina não podia escutar.

O que conferia à oposição de Gerda às exortações do pai uma calada obstinação de mártir, que também Leo e Clementina sentiam, perturbados, era o sopro de inocente sensualidade que perpassava a casa. Os jovens falavam de muita coisa sobre a qual os pais mantinham um silêncio amargurado. Mesmo o que chamavam sentimento nacional, essa fusão dos eus deles, constantemente atritados, numa sonhada unidade, entre eles chamada de comunidade germano-cristã, tinha, em contraste com as corrosivas relações amorosas dos mais velhos, algo de um Eros alado. Desprezavam, com sabedoria de criança precoce, a “avidez”, a “artificial mentira do prazer existencial grosseiro”, na expressão deles, mas falavam tanto de supra-sensualidade e de fervor, que, na alma do atônito ouvinte, nascia involuntariamente e por contraste uma terna sensualidade e ardor. E até Leo Fischel teve de admitir que por vezes aquele zelo desenfreado com que falavam fazia o ouvinte sentir até nas pernas as raízes daquelas idéias, o

que ele censurava, pois exigia respeito diante de grandes idéias. Clementina, porém, dizia:

— Leo, você não devia negar tudo, assim, tão simplesmente!

— Como é que eles podem afirmar que a propriedade mata o espírito? E começava a brigar com ela. — Acaso sou desprovido de espírito? Você talvez já esteja, porque leva a sério a lengalenga deles!

— Você não entende, Leo; eles são cristãos, querem passar ao largo dessa vida e conseguir uma vida mais elevada aqui na terra.

— Isso não é cristianismo, é extravagância! — defendia-se Leo.

— Talvez os realistas não vejam a verdadeira realidade, mas sim aqueles que olham para dentro — opinou Clementina.

— Ora, não me faça rir! — afirmava Fischel. Mas estava confuso, e chorava; chorava interiormente, de impotência, por não poder controlar a transformação espiritual ao seu redor.

Agora mais do que antigamente, o Dr. Fischel sentia necessidade de ar puro; depois de terminar o trabalho não queria ir logo para casa, e se saía do escritório ainda de dia, gostava de passear um pouco pelos parques da cidade, embora fosse inverno. Desde seus tempos de aprendiz apreciava aqueles jardins. Por um motivo que não conseguia entender, a administração municipal mandara pintar as cadeiras de dobrar de ferro no fim do outono; agora verdes, estavam encostadas umas às outras nas veredas brancas de neve, e excitavam a fantasia com cores primaveris. Leo Fischel às vezes se sentava numa cadeira daquelas, totalmente só e embuçado, na beira de um campo de esportes ou de uma vereda, e ficava olhando as babás que com suas crianças ganhavam, ao sol, uma aparência de saúde invernal. Brincavam de diabolô ou jogavam pequenas bolas de neve, e as meninas tinham grandes olhos de mulheres adultas. Ah, pensava Fischel, são aqueles olhos que dão, no rosto de uma bela mulher, aquela magnífica impressão de serem olhos infantis. Fazia-lhe bem observar as meninas que brincavam, em cujos olhos o amor ainda boiava num lago de contos de fadas, do qual mais tarde a cegonha as viria tirar; e por vezes, também gostava de ver as suas babás. Quando jovem, muitas vezes saboreava aquela visão, quando ainda estava do lado de fora da vitrine da vida, e não tinha dinheiro para entrar, mas apenas podia sonhar com o que seu destino lhe reservava. Tudo

acabara tão lamentavelmente, achou — e por um instante acreditou estar de novo cheio da tensão da juventude, entre os alvos açafrões e a relva verde. Quando, depois, sua consciência da realidade voltou à neve e às cadeiras verdes, pensou no seu salário, o que era bastante estranho; dinheiro dá independência, mas naquele tempo seu salário ia todo para o sustento da família, e para a poupança aconselhada pela sensatez. Portanto, refletiu, para se tornar independente seria preciso fazer alguma outra coisa além de trabalhar, talvez aproveitar os seus conhecimentos da Bolsa, como faziam os diretores principais. Mas Leo alimentava essas idéias apenas quando observava as menininhas, e as afastava por sentir que não tinha temperamento para especulação. Era apenas um procurador, só usava o título de diretor, não tinha possibilidade de passar disso, e intimidava-se com a idéia de que um pobre lombo de trabalhador como o dele já estivesse curvado demais para se endireitar livremente. Não sabia que pensava isso tão-somente para erguer entre si próprio e as lindas crianças e babás que representavam, naqueles momentos no parque, toda a fascinação da vida um obstáculo intransponível; pois, mesmo nessa depressão que o impedia de voltar logo para casa, era um incorrigível pai de família, e teria dado tudo para transformar o círculo do inferno de sua casa num círculo de anjos esvoaçando em torno de um Deus-Pai-Diretor-Titular.

Ulrich também gostava muito dos parques, e atravessava-os quando seu caminho o permitia; assim, encontrou-se novamente com Fischel e Fischel de repente recordou tudo o que já sofrerá em casa por causa da Ação Paralela. Mostrou-se descontente por seu jovem amigo não ter dado maior valor aos convites de suas velhas amizades, desgosto que se permitia sofrer com a sinceridade de quem sabe que, tanto quanto as mais intensas, também amizades ocasionais podem com o tempo tornar-se velhas.

O velho jovem amigo asseverou que realmente era uma grande alegria rever Fischel, e lamentou sua ridícula atividade, que o impedira de visitá-lo.

Fischel queixou-se dos maus tempos e dos negócios difíceis. E do afrouxamento da moral. Tudo tão materialista e precipitado.

— E eu pensando que devia sentir inveja do senhor! — retrucou Ulrich. — A profissão de homem de negócios deve ser um verdadeiro sanatório para a alma! Pelo menos, é a única profissão com uma base idealmente limpa!

— Isso é mesmo! — reforçou Fischel. — O homem de negócios serve ao progresso da humanidade e contenta-se com um lucro permitido. E vive tão mal como todos os outros! — acrescentou, melancólico e sombrio.

Ulrich se declarara disposto a acompanhá-lo até em casa. Ao entrar, já encontraram um ambiente muito tenso.

Todos os amigos estavam lá, e desenrolava-se uma grande batalha verbal. Os jovens frequentavam o liceu ou estavam no primeiro semestre da faculdade, alguns tinham emprego no comércio. Nem eles sabiam mais como se formara seu círculo. De um a um. Alguns haviam-se conhecido em ligas nacionalistas de estudantes, outros em movimentos de juventude socialista ou católica, outros ainda em grupos de excursionistas.

Não estaremos inteiramente enganados supondo que a única coisa comum a todos eles era Leo Fischel. Um movimento espiritual precisa, para durar, de um corpo, e este era a casa dos Fischel, incluídas as refeições, e certa regra de convívio imposta pela Sra. Clementina. Essa casa também incluía Gerda, e Gerda incluía Hans Sepp, e Hans Sepp, o universitário de pele encardida mas alma limpíssima, não era o líder, porque os jovens não reconheciam líderes, mas era a mais intensa paixão de todos. Eventualmente se encontravam em outro local qualquer, e então havia outras mulheres além de Gerda entre os ouvintes; mas o cerne do movimento era o descrito.

Apesar disso, a origem do espírito daqueles jovens era tão estranha quanto o surgimento de uma nova enfermidade ou uma longa série de acertos na loteria. Quando o sol do velho idealismo europeu começou a se apagar, e o claro espírito se sombreava, muitos archotes passaram de mão em mão — archotes de idéias; Deus sabe de onde foram roubados ou como foram inventados! —, que formavam aqui e ali o mar de fogo ondulante de uma pequena comunidade espiritual. Assim, nos últimos anos, antes que a Grande Guerra mostrasse as consequências disso, se falava muito em amor e comunidade entre os jovens; e especialmente os jovens anti-semitas da casa do diretor de banco Fischel viviam sob o signo de um amor e espírito comunitário que tudo abrangia. A verdadeira comunidade é feita de uma lei interior, e a lei mais profunda, simples e perfeita, a primeira delas, é a lei do amor. Como já se comentou, não amor no sentido vulgar e sensual, pois a posse física é uma invenção da cobiça, só causando separação e vazio. E

naturalmente, não se pode amar todo mundo. Mas pode-se respeitar o caráter de todos, desde que se esforcem como seres verídicos, sob severa responsabilidade pessoal. Assim, em nome do amor, eles brigavam por causa de tudo.

Mas naquele dia formara-se uma frente ampla contra Dona Clementina, que gostava tanto de se sentir novamente jovem, e admitia secretamente que o amor conjugal tinha muito em comum com os juros de um capital, mas não queria conceder que se rejeitasse a Ação Paralela porque arianos só conseguiriam criar símbolos quando estão entre si, sem misturas. Dona Clementina tinha dificuldade em controlar-se, e Gerda estava com redondas manchas vermelhas sob as faces, de raiva da mãe que não saía da sala. Quando Leo Fischel entrou em casa com Ulrich, ela fez a Hans Sepp sinais secretos para que ficasse quieto, e ele disse, conciliadoramente:

— Pessoas do nosso tempo não conseguem criar coisa alguma de grande!
— e com isso pensou ter levado o assunto à fórmula impessoal à qual já estavam habituados.

Nesse momento, porém, Ulrich infelizmente se meteu na conversa, e perguntou a Hans, com um pouco de maldade contra Fischel, se não acreditava absolutamente no progresso.

— Progresso? — perguntou Hans Sepp com ar arrogante. — Compare o tipo de pessoas que existiram há cem anos, antes do progresso: Beethoven! Goethe! Napoleão! Hebbel!

— Hmm — fez Ulrich —, há cem anos, esse último ainda era um bebezinho.

— Esses jovens cavalheiros desprezam os números! — explicou o Diretor Fischel, divertido. Ulrich se ateu à observação; sabia que Hans Sepp, por ciúme, o desprezava, mas ele próprio sentia certa inclinação pelos estranhos amigos de Gerda. Por isso, juntou-se ao círculo, e prosseguiu:

— É inegável que fazemos tantos progressos nos ramos isolados do saber humano, que podemos sentir que já nem os acompanhamos mais; não é possível que isso provoque a sensação de não termos progredido? Afinal, progresso é aquilo que resulta dos esforços de todos juntos, e pode-se dizer de antemão que o verdadeiro progresso será sempre exatamente aquilo que

ninguém pretendia.

O negro topete de Hans Sepp voltou-se contra ele como um chifre trêmulo:

— O senhor mesmo disse: aquilo que ninguém pretendia! Um vaivém cacarejante! Cem caminhos, e nenhum caminho! Portanto, pensamentos, mas nenhuma alma! A frase salta da página, a palavra salta da frase, o todo não é mais todo — Nietzsche já dizia isso; sem falar em que a egolatria de Nietzsche é uma indignidade existencial! Diga-me um único valor sólido segundo o qual o senhor, por exemplo, orienta sua vida!

— Mas assim, sem mais nem menos? — protestou o Diretor Fischel. Ulrich, porém, perguntou a Hans:

— O senhor realmente não é capaz de viver sem um valor absoluto?

— Não — disse Hans. — Mas admito que sou infeliz por isso!

— Que o diabo o carregue! — disse Ulrich, rindo. — Todo o nosso saber provém do fato de não sermos severos demais nem ficarmos esperando o conhecimento supremo; a Idade Média fez isso, e continuou ignorante.

— Muito duvidoso — replicou Hans Sepp. — Eu afirmo que nós é que somos ignorantes!

— Mas tem de admitir que nossa ignorância é extremamente feliz e variada. Uma voz calma rosou do fundo.

— Variada! Saber! Progresso relativo! Conceitos do pensamento mecanicista de um tempo desfibrado pelo capitalismo! Não preciso lhe dizer mais...

Leo Fischel também resmungou; até onde podia compreender, achava que Ulrich estava dando confiança demais àquele rapaz malcriado; e escudou-se atrás de um jornal que tirou do bolso.

Mas Ulrich estava-se divertindo.

— A moderna residência burguesa com seis quartos, dependências para criados, aspirador de pó e coisas assim, comparada com as casas antigas, de aposentos altos, paredes grossas e belas abóbadas, é progresso ou não? — perguntou.

— Não! — gritou Hans Sepp.

— O avião é um progresso em relação à diligência?

— Sim! — gritou o Diretor Fischel.

— A máquina em relação ao trabalho braçal?

— Trabalho braçal! — gritou Hans, e Leo gritou:

— A máquina!

— Acho que todo o progresso é a um tempo retrocesso — disse Ulrich. — Sempre há progresso só num sentido determinado. E como, de modo geral, nossa vida não tem sentido, também não existe um progresso geral.

Leo Fischel baixou o jornal.

— Acha melhor atravessar o Atlântico em seis dias ou em seis semanas?

— Provavelmente eu diria que progresso é poder fazer ambas as coisas. Porém, nossos jovens cristãos negam até isso.

O grupo permaneceu imóvel como um arco retesado. Ulrich paralisara a conversa, mas não a hostilidade. Ele prosseguiu, tranquilo:

— Mas também podemos dizer o inverso. Se nossa vida tem progressos isolados, tem sentido em coisas isoladas. Mas se teve algum sentido, por exemplo, sacrificar pessoas aos deuses, ou queimar bruxas, ou empoar o cabelo, essa sensação de vida plena de sentido continua existindo, embora os costumes higiênicos e o humanitarismo sejam progressos. O erro é que o progresso sempre quer eliminar o sentido antigo.

— Talvez você queira dizer que devemos voltar aos sacrifícios humanos, de pois de termos por sorte superado aquele obscurantismo repugnante? — perguntou Fischel.

— Não é tão certo que tenha sido obscurantismo! — respondeu Hans Sepp em lugar de Ulrich. — Se o senhor devora um coelho inocente isso é uma coisa sombria; mas se um canibal come respeitosa e humanamente um estrangeiro num ritual religioso, simplesmente não sabemos o que se passa nele!

— Deve realmente ter havido algum valor nos tempos passados — concordou Ulrich —, senão tanta gente boa não teria concordado com eles. Talvez pudéssemos utilizá-los sem maiores sacrifícios. E talvez hoje em dia ainda sacrificemos tanta gente porque nunca fizemos uma indagação clara sobre a correta superação de antigas idéias humanas. São relações difíceis de explicar, e complicadas!

— Mas para o seu modo de pensar, a meta desejada continua sendo uma cifra, ou um orçamento! — explodiu Hans Sepp, agora diretamente contra Ulrich. O senhor acredita no progresso burguês exatamente como o Diretor

Fischel, apenas exprime isso de maneira complicada e perversa, para que a gente não perceba! Hans transmitira a opinião de seus amigos. Ulrich procurou o rosto de Gerda. Queria retomar novamente seus pensamentos, imperturbado, sem notar que Fischel e os jovens estavam dispostos a se lançar outra vez sobre ele, e uns sobre os outros.

— Mas o senhor também aspira a alguma meta, Hans? — perguntou.

— É ela que aspira. Em mim. Através de mim — retrucou Hans Sepp, laconicamente.

— E chegará lá? — Leo Fischel permitia-se aquela indagação zombeteira, e com isso, como todos exceto ele próprio compreenderam, colocava-se ao lado de Ulrich.

— Não sei! — respondeu Hans, sombrio.

— Pois devia fazer os seus exames: já seria um progresso! — Leo Fischel não pudera se conter e, de tão irritado, fez esse comentário; mas estava tão irritado com seu amigo quanto com os rapazinhos imaturos.

Nesse momento, a sala explodiu. Dona Clementina lançou um olhar suplicante ao marido; Gerda quis antecipar-se a Hans, e este procurava o que dizer; por fim, suas palavras descarregaram-se novamente sobre Ulrich:

— Acredite, no fundo o senhor também não tem um só pensamento que o Diretor Fischel não pudesse ter!

E com isso saiu precipitadamente, os amigos lançaram-se atrás dele, despedindo-se com uma reverência irada. O Diretor Fischel, empurrado pelos olhares de Clementina, fingiu que só tardiamente recordava seus deveres de dono da casa, e foi resmungando até o vestíbulo para dar uma palavra de cortesia aos jovens. Na sala ficaram apenas Gerda, Ulrich e Dona Clementina, que respirou fundo algumas vezes, mais calma, porque agora o ar estava mais leve. Depois, levantou-se, e, para sua surpresa, Ulrich viu-se sozinho com Gerda.

Gerda estava visivelmente agitada quando ficaram sozinhos. Ele pegou sua mão; o braço dela começou a tremer, e ela se libertou.

— Você não sabe — disse — o que significa isso para Hans: uma meta! E você zomba disso, o que é muito vulgar. Acho que seus pensamentos se tornaram mais torpes ainda! — Ela usara uma palavra bem forte, e assustou-se com isso. Ulrich tentou novamente segurar a mão dela; Gerda encolheu o braço. — Não estamos brincando! — explodiu; pronunciou as palavras com intenso desprezo, mas seu corpo vacilava.

Eu sei — ironizou Ulrich. — Tudo o que acontece entre vocês satisfaz as mais altas exigências. É exatamente isso que provoca em mim essa atitude que você designou tão amavelmente há pouco. E não imagina como antigamente eu gostava de falar com você em outro tom!

— Você nunca foi diferente! — respondeu Gerda depressa.

— Sempre oscilei muito — disse Ulrich com simplicidade, perscrutando o rosto dela. Será que você vai se divertir se eu lhe contar um pouco do que acontece em casa de minha prima?

Nos olhos de Gerda surgiu algo bem diferente da insegurança que sempre sentia na presença dele; pois aguardava com grande interesse aquelas notícias, para transmiti-las a Hans, coisa que procurou esconder. O amigo percebeu isso, com alguma satisfação, e assim como um animal que fareja perigo muda instintivamente de trilha, começou outro assunto.

— Ainda se recorda da história da lua, que lhe contei? — perguntou.— Gostaria de lhe fazer outra confidencia parecida.

— Vai mentir de novo! — disse Gerda.

— Se for possível, não! Lembra-se, das aulas a que assistiu, do que acontece no mundo, quando se quer saber se uma coisa é lei ou não? Ou se

têm de antemão os motivos para achar que algo é lei, como por exemplo na física ou na química. Nesse caso, mesmo que as observações nunca levem ao valor procurado, elas se aproximam dele, permitindo que o calculemos. Mas muitas vezes na vida não temos esses motivos; estamos, então, diante de um fenômeno do qual não se sabe ao certo se é acaso ou lei. É aí que, para nós, a coisa fica interessante. Começamos transformando um monte de observações em um monte de números; marcamos segmentos — que números ficam entre esse e aquele valor, entre o próximo valor e o subsequente, e as sim por diante —; partindo daí, elaboramos séries distributivas; verifica-se se a frequência do fenômeno tem ou não uma intensificação ou redução sistemática; obtém-se uma série estável ou função de distribuição, calcula-se a medida da oscilação, o desvio médio, a medida do desvio de um valor qualquer, o valor central, o valor normal, o valor médio, a dispersão, e assim por diante, e com todos esses conceitos examina-se o fato dado.

Ulrich fez esse relato num tom calmo de explicação, e seria difícil saber se estava refletindo, ou se se divertia hipnotizando Gerda com dados científicos. Ela se afastara; inclinada para a frente numa poltrona, tinha uma ruga de concentração entre as sobrancelhas, olhava o chão. Quando alguém falava tão objetivamente apelando para a vaidade de sua inteligência, seu mau humor se intimidava; ela sentia desaparecer a certeza simples que ele lhe conferira.

Gerda frequentara o científico e alguns semestres da universidade; tivera contato com uma enormidade de novas idéias que já não se podiam abrigar nos velhos conceitos do espírito clássico e humanista; em muitos jovens, essa formação deixa hoje a sensação de ele ser totalmente impotente, enquanto os novos tempos se abrem à frente deles como um novo mundo cujo solo não pode ser trabalhado com as velhas ferramentas.

Ela não sabia aonde as palavras de Ulrich a levariam; acreditava nele porque o amava; e não acreditava porque era dez anos mais moça e pertencia a outra geração que se julgava não desgastada, e as duas coisas se interligavam de maneira muito indefinida enquanto ele continuava falando.

— E existem — prosseguiu ele — observações absolutamente idênticas a uma lei natural, mas sem nenhum fundamento que pudéssemos considerar

como tal. A regularidade de séries estatísticas, por exemplo, é tão grande quanto a das leis. Você certamente conhece esses casos de alguma aula de sociologia. A estatística dos divórcios na América, por exemplo. Ou a proporção dos nascimentos de meninos e meninas, que é uma das mais constantes relações que existem. E depois, você sabe que a cada ano um número quase idêntico de rapazes em idade de serviço militar tenta se livrar dele pela automutilação. Ou que, anualmente, mais ou menos a mesma parcela da humanidade européia comete suicídio. Também roubos, estupros e, até onde sei, falências têm aproximadamente a mesma frequência anual.

As objeções de Gerda tentaram irromper:

— Está querendo me explicar o progresso? — exclamou, esforçando-se por formular essa suspeita com muito sarcasmo.

— Mas claro que sim! — respondeu Ulrich, sem se deixar interromper. — Chama-se isso, um pouco vagamente, lei dos grandes números. Significa que uma pessoa se mata por esse motivo, uma outra por aquele, mas, tomando-se um grande número de suicidas, o caráter casual e pessoal desses motivos se anula, e permanece... sim, o que permanece? É isso que quero lhe perguntar. Pois, como vê, sobra isso que qualquer um de nós leigos chamará simplesmente a média, e que não sabemos ao certo o que seja. Quero acrescentar que se tentou esclarecer de forma lógica e formal essa lei dos grandes números, por assim dizer como uma obviedade; também se afirmou o contrário, que essa regularidade de fenômenos sem ligação casual entre si não poderia ser esclarecida pelo pensamento comum; e, ao lado de muitas outras análises do fenômeno, afirmou-se que não se tratava apenas de fatos isolados, mas de leis gerais ainda desconhecidas. Não a quero aborrecer com detalhes, nem recordo todos, mas sem dúvida seria importante para mim saber se atrás disso há leis não compreendidas da sociedade, ou se simplesmente, por ironia da natureza, nasce daí a peculiaridade de que nada de peculiar aconteça, e o sentido mais alto seja atingível unicamente pela média da mais profunda absurdidade. Tanto um como o outro saber deveriam ter influência decisiva em nosso sentimento de vida! Pois seja como for, repousa nessa lei dos grandes números toda a possibilidade de uma vida ordenada; e se não existisse essa lei da compensação, num ano não aconteceria nada, e no outro nada estaria seguro, a fome se alternaria com a abundância, haveria crianças de menos

ou em excesso, e a humanidade voaria de um lado para outro entre possibilidades infernais e celestiais como passarinhos quando nos aproximamos de sua gaiola.

— Tudo isso é verdade? — perguntou Gerda, hesitante.

— Você mesma sabe.

— Claro; isoladamente sei de muita coisa. Mas não sei se era isso que você quis dizer há pouco, quando todo mundo estava brigando. O que você disse sobre progresso pareceu apenas destinado a incomodar os outros.

— Você sempre pensa isso de mim. Mas o que sabemos sobre o que é nosso progresso? Nada! Há muitas possibilidades de como ele poderia ser, e eu há pouco mencionei mais uma.

— Como poderia ser! Você sempre pensa dessa maneira e nunca procurará responder à pergunta: como tem de ser?

— Vocês são muito precipitados. Tem de haver sempre uma meta, um ideal, um programa, um absoluto. E o que surge no fim será um compromisso, uma mé-

dia! Não quer admitir que a longo prazo é cansativo e ridículo fazer e querer sempre o máximo, para conseguir apenas o medíocre?

No fundo, o mesmo diálogo que ele tivera com Diotima; só o exterior era diferente, mas por trás disso, um era continuação do outro. Era indiferente que mulher estava sentada ali; um corpo que, inserido num campo de força espiritual existente, estimula o curso de certos fatos! Ulrich contemplou Gerda, que não respondera à última pergunta. Sentada ali, magra, ruginha de mau humor entre os olhos. Também o colo, entrevisto no decote, formava um vinco oco e vertical. Braços e pernas eram longos e delicados. Uma primavera flácida, ardendo com prematura severidade estivai; essa impressão o atingia com todo o ímpeto da obstinação encerrada num corpo tão jovem. Uma singular mistura de repulsa e autocontrole se apossou dele, pois de súbito teve a sensação de estar mais próximo de uma decisão do que pensava, e de que aquela mocinha fora chamada a colaborar nisso. Então, começou involuntariamente a falar das impressões que, levado pela suposta juventude, tinha sobre a Ação Paralela, e encerrou com palavras que surpreenderam Gerda:

— Eles também são muito radicais, e também não simpatizam comigo. Mas vingo-me na mesma moeda, pois também sou radical à minha maneira, e prefiro qualquer desordem à desordem intelectual. Não queria apenas ver idéias sendo elaboradas, mas também sendo reunidas. Não desejo apenas a oscilação, quero a densidade da idéia. Você, caríssima amiga, censura isso, dizendo que eu sempre falo do que poderia ser, e não do que teria de ser. Não confundo as duas coisas. Provavelmente, essa é a qualidade mais anacrônica que se pode ter, pois hoje em dia nada é tão estranho quanto rigor e sentimentos em sua relação mútua, e nossa precisão mecânica infelizmente chegou ao ponto em que a imprecisão viva parece ser sua complementação correta. Por que não quer me compreender? É provável que seja totalmente incapaz disso, e é um pecado de minha parte esforçar-me por perturbar sua cabeça tão atual. Mas, de verdade, Gerda, às vezes me pergunto se não estou errado. Talvez exatamente aqueles que não suporto façam aquilo que um dia desejei. Talvez o façam erradamente, sem pensar. Um corre para cá, outro para lá, cada um com um pensamento no bico, considerando-o o único no mundo; cada qual se acha terrivelmente inteligente, e todos juntos acreditam que nossos tempos estão condenados à esterilidade. Ou talvez seja o contrário, e cada um deles seja tolo, mas, dos juntos, fecundos? Parece que hoje qualquer verdade vem ao mundo dividida em duas inverdades opostas, e isso também pode ser uma maneira de chegar a um resultado suprapessoal! A compensação, a soma das tentativas, não surgiria mais no indivíduo, tornado insuportavelmente unilateral, mas o todo seria como uma comunidade experimental. Em uma palavra, seja tolerante com um velho a quem a solidão por vezes leva a excessos!

— Quanta coisa você já me contou! — replicou Gerda, sombria. — Por que não escreve um livro sobre suas concepções? Talvez pudesse ajudar-nos, e ajudar a si mesmo.

— Mas como poderei escrever um livro? — opinou Ulrich. — Afinal fui parido por minha mãe, não por um tinteiro!

Gerda refletiu se um livro de Ulrich realmente poderia ajudar a quem quer que fosse. Como todos os jovens de seu círculo de amigos, ela supervalorizava a força do livro. Quando se calaram, a casa caiu no mais completo silêncio; parecia que o casal Fischel saíra atrás dos visitantes

indignados. Gerda sentiu a proximidade daquele poderoso corpo masculino, sentia-o sempre quando estavam a sós, e isso contrariava todas as suas convicções. Ela resistia, e começou a tremer. Ulrich percebeu isso, levantou-se, pôs a mão no frágil ombro de Gerda, e disse:

— Gerda, vou lhe fazer uma sugestão. Suponhamos que no campo moral as coisas se passem como na teoria cinética dos gases: tudo voa desordenadamente, cada qual faz o que quer, mas quando se calcula aquilo que, por assim dizer, não tem razão alguma para resultar de toda essa confusão, eis que exatamente esse é o resultado! Há concordâncias singulares! Suponhamos também que uma certa quantidade de idéias voa em desordem pelo presente; dela resulta um valor médio provável; este se desloca lenta e automaticamente, e é isso que chamamos progresso, ou momento histórico; o mais importante, porém, é que, nisso tudo, nosso movimento individual, pessoal, nada vale; podemos pensar e agir à esquerda ou à direita, num vôo ou com profundidade, de maneira moderna ou antiga, imprevisível ou refletida: para o valor médio é totalmente indiferente, e Deus e o mundo só se interessam por ele, não por nós!

Com essas palavras, ele fez menção de abraçá-la, embora sentindo que precisava esforçar-se para isso.

Gerda ficou zangada.

— Você sempre começa assim meditativo — exclamou — para acabar na vulgaridade, cantando de galo! — Seu rosto estava quente, com manchas redondas, os lábios pareciam transpirar, mas havia beleza naquela indignação. — O que você quer deduzir de tudo isso é exatamente o que *nós* não queremos!

Ulrich não resistiu à tentação de perguntar baixinho:

— Possuir mata?

— Não quero falar com você sobre isso! — respondeu Gerda, também baixinho.

— Não importa se se trata da posse de uma pessoa ou um objeto — prosseguiu Ulrich. — Sei muito bem. Gerda, eu compreendo você e Hans bem melhor do que imaginam. Então, o que é que você e Hans desejam? Diga!

— Está vendo? Não queremos nada! — exclamou Gerda, triunfante. — Não

se pode dizer. Papai também vive dizendo: “descubra o que você quer, verá que é bobagem”. Tudo é bobagem quando analisamos direito! Enquanto formos sensatos, jamais sairemos dos lugares-comuns! Agora, você vai fazer nova objeção, com esse seu racionalismo!

Ulrich balançou a cabeça:

— E aquela manifestação contra o Conde Leinsdorf? — perguntou brandamente, como se isso fizesse parte do assunto.

— Ah, anda espionando! — exclamou Gerda.

— Se quiser, pense que estou espionando, mas me diga, Gerda. Para mim tanto faz, pode pensar também isso a meu respeito.

Gerda ficou encabulada:

— Nada de mais. Só uma manifestação da juventude alemã. Talvez uma passeata, gritos de desprezo. A Ação Paralela é uma infâmia!

— Por quê?

Gerda deu de ombros.

— Sente-se outra vez! — pediu Ulrich. — Você está dando um valor exagerado a ela. Vamos falar calmamente.

Gerda obedeceu.

Vamos ver se compreendo a sua situação — continuou Ulrich. — Você diz que a posse mata. Pensa acima de tudo no dinheiro e em seus pais. Naturalmente, são almas mortas...

Gerda fez um gesto altivo.

— Pois então, em vez de dinheiro, vamos falar logo de qualquer tipo de posse. O ser humano que se possui a si mesmo; o ser humano que possui suas convicções; o ser humano que se deixa possuir por outro ou por suas próprias paixões, ou apenas por seus hábitos, ou por seus êxitos; o ser humano que deseja conquistar alguma coisa; o ser humano que simplesmente quer alguma coisa; vocês negam tudo isso? Querem ser peregrinos. Vagantes peregrinos, disse Hans certa vez, se não me engano. Vagando em direção a outro sentido e outro ser? Está correto?

— Tudo o que você diz está terrivelmente correto; a inteligência pode imitar a alma!

— E a inteligência pertence ao grupo das coisas possuídas? Ela mede, ela

pondera, ela divide, ela coleta, como um velho banqueiro? Mas não lhe contei hoje uma porção de histórias nas quais há singularmente muito da nossa alma?

— Uma alma fria!

— Tem toda a razão, Gerda. Então apenas preciso lhe dizer por que estou do lado da alma fria, ou até do banqueiro.

— Porque é covarde! — Ulrich notou que, ao falar, ela mostrava os dentes como um animalzinho com medo da morte.

— Sim, em nome de Deus — respondeu ele. — Mas embora não me conceda nenhuma virtude, concede ao menos que eu seria homem o bastante para escapular agarrado ao pára-raios, ou ao menor beirai, se não estivesse convencido de que todas as tentativas de fuga levam a gente de volta ao colo do papai?

Gerda recusou-se a prosseguir aquele diálogo com Ulrich, pois já acontecera outro semelhante entre eles; os sentimentos dos quais se falava pertenciam só a ela e a Hans, e mais do que a zombaria de Ulrich ela receava a concordância dele, que a deixaria indefesa e entregue antes mesmo de saber se estava sendo sincero ou blasfemando. Desde o momento em que, há pouco, fora surpreendida pelas dolorosas palavras dele, cujos resultados agora tinha de aguentar, podia-se notar bem o quanto vacilava interiormente.

Mas com Ulrich também acontecia algo parecido. Estava longe de sentir qualquer alegria maligna pelo seu poder sobre a moça; não levava Gerda a sério, e como isso implicasse uma repulsa intelectual, ele habitualmente lhe dizia coisas desagradáveis. Há algum tempo, porém, quanto mais representava diante dela o advogado do mundo, tanto mais estranhamente era impelido a confiar-se a ela e lhe revelar seu interior, sem maldade nem beleza, ou a contemplar o dela, nu como uma lesma no caminho. Por isso, fitou, pensativo, o rosto de Gerda, e disse:

— Eu poderia deixar meu olhar pousar sobre seu rosto como as nuvens no céu. Não sei se as nuvens gostam de pousar no céu, mas afinal sei tão pouco quanto todos os Hans do mundo a respeito dos momentos em que Deus nos pega como a uma luva, e nos enfia em seus dedos, lentamente! Vocês simplificam demais; vislumbram um negativo do mundo positivo no qual

vivemos, e afirmam laconicamente que o mundo positivo pertence aos pais e aos mais velhos, enquanto o mundo indefinido do negativo pertenceria à nova juventude. Não quero ser espião dos seus pais, querida Gerda, mas reflita que na escolha entre um banqueiro e um anjo, a natureza mais real da profissão de banqueiro não deixa de ter sua importância!

— Você quer chá? — perguntou Gerda asperamente. — Permite que lhe torne nossa casa mais acolhedora? Quero ser a impecável filha de meus pais. Ela recuperara o autocontrole.

— Vamos imaginar que você se case com Hans.

— Mas eu não quero absolutamente me casar com Hans!

— A gente precisa ter algum objetivo; você não pode viver eternamente dessa oposição aos seus pais.

— Um dia vou sair de casa, ser independente, e continuaremos amigos!

— Mas querida Gerda, vamos imaginar que você se case com Hans ou coisa assim; certamente não se poderá evitar isso, se tudo continuar do jeito que vai. Você arquitetar um plano para, num estado de alheamento do mundo, escovar os dentes de manhã, enquanto Hans recebe o formulário do imposto de renda.

— É preciso que eu saiba isso?

— Seu pai diria que sim, se tivesse idéia do que são estados de alheamento do mundo; as pessoas comuns infelizmente conseguem enfiar as experiências incomuns tão fundo na quilha do navio de sua vida, que jamais as percebem. Mas tomemos uma pergunta mais simples: você vai pedir que Hans lhe seja fiel? Fidelidade faz parte do complexo de posse! Você deveria concordar que Hans estimulasse sua alma com outra mulher. Segundo as leis que você imagina, deveria considerar isso até um enriquecimento de sua própria condição!

— Não pense que nós mesmos nunca falamos nessas coisas! — respondeu Gerda.

— Ninguém consegue ser um novo homem dando um passo apenas; mas é uma coisa muito burguesa transformar isso num argumento contrário.

— Na verdade, seu pai espera de você coisa bem diferente do que você imagina. Ele nem mesmo afirma que é mais lúcido nesses assuntos do que você e Hans; simplesmente diz que não entende o que vocês fazem. Mas

sabe que a violência é algo de muito racional; acredita que a violência tem mais lucidez do que você e Hans juntos. Se ele oferecesse dinheiro para Hans concluir calmamente seus estudos? Se lhe promettesse, depois de um período de experiência, não o casamento, mas pelo menos que não se oporia por princípio? E se ligasse a isso apenas uma condição: de que, até o fim desse período de experiência, vocês não tivessem nenhum contato, nem mesmo esse que agora mantêm?

— E para isso que você está se prestando?!

— Tentei lhe explicar quem é seu pai. Ele é uma sombria divindade de medonha superioridade. Acredita que o dinheiro levaria Hans aonde ele o deseja ter, isto é, à lucidez da realidade. Na opinião dele, um Hans com uma renda mensal limitada não poderia mais ser de uma tolice sem limites. Mas talvez seu pai esteja fantasiando. Eu o admiro, assim como admiro os compromissos, a mediocridade, a aridez, as cifras mortas. Não acredito no diabo, mas, se acreditasse, eu o imaginaria como o treinador que instiga o céu a bater recordes. E prometi insistir com você até que nada sobrasse de suas idéias senão... a realidade.

Dizendo isso, Ulrich não sentia a consciência tranquila. Gerda ardia de indignação diante dele; nos olhos, camadas sobrepostas de lágrimas e fúria. Para ela e Hans, o caminho ficara subitamente livre. Será que Ulrich os traíra, ou queria ajudá-los? Ela não sabia; as duas coisas tanto poderiam fazê-la feliz, como infeliz. Confusa como estava, desconfiava dele, e sentia, cheia de paixão, que tinha com ele sagradas afinidades, apenas ele não o queria demonstrar.

— Naturalmente — acrescentou Ulrich — seu pai deseja em segredo que, enquanto isso, eu a namore e a distraia dessas idéias.

— Impossível! — disse Gerda com dificuldade.

— Acho que é realmente impossível entre nós — repetiu Ulrich mansamente. — Mas também não podemos continuar como até aqui. Já avancei demais. — Ele tentou sorrir, e teve nojo de si mesmo. Realmente não queria nada daquilo. Sentia a indecisão daquela alma, e se desprezava porque isso despertava sua crueldade.

E nesse exato momento, Gerda o fitou com horror nos olhos. Ficara de repente bela como o fogo do qual nos aproximamos demais; quase sem

contornos, puro calor que paralisa a vontade.

— Você deveria vir me visitar! — sugeriu ele. — Aqui não podemos falar como gostaríamos. — O vazio da brutalidade masculina transbordava dos seus olhos.

— Não — recusou Gerda. Mas desviou o olhar, e Ulrich viu com tristeza — como se só afastando assim o olhar ela conseguisse crescer outra vez diante dele — a imagem da moça, ofegante, nem bela, nem feia. Suspirou fundo, e dessa vez estava sendo sincero.

Entre os nobres compromissos da família Tuzzi e os altos ideais ali concentrados, vivia uma pessoa esquiva, ágil, ardente e alienígena. E no entanto, essa criadinha de quarto, Raquel, era como música de Mozart escrita para uma empregadinha. Abria a porta de entrada, de braços abertos esperava o sobretudo dos visitantes. Ulrich gostaria de saber se ela tinha noção das relações dele com a família Tuzzi, e procurava ler em seus olhos, mas os olhos de Raquel esquivavam-se obliquamente ou sustentavam os dele como duas manchas de veludo fosco. Parecia-lhe que aquele olhar fora diferente na primeira ocasião em que se tinham visto, e chegou a notar por vezes que um par de olhos espreitava Raquel de um canto escuro do vestíbulo, como dois grandes caracóis brancos. Eram os olhos de Solimão, mas ele não conseguia descobrir se o menino era a causa da reserva de Raquel, pois ela tampouco retribuía o seu olhar, afastando-se, silenciosa, logo depois de anunciar o visitante.

A verdade era bem mais romântica do que a curiosidade poderia imaginar. Desde que as obstinadas suspeitas de Solimão tinham conseguido enredar a figura luminosa de Arnheim em sombrias intrigas, prejudicando também a admiração infantil de Raquel por Diotima, tudo o que a mocinha trazia em si de ânsia de fazer boa figura, e de amor servil, concentrara-se em Ulrich. Como, persuadida por Solimão de que devia vigiar os acontecimentos da casa, ela agora escutasse diligentemente atrás das portas e nos momentos em que servia, ouvia muitos diálogos entre o subsecretário Tuzzi e sua esposa, e percebera também aquela posição meio hostil, meio afetuosa, que Ulrich assumira entre Diotima e Arnheim. Ela correspondia inteiramente a seu próprio sentimento, que vacilava entre rebeldia e arrependimento diante da patroa que tudo ignorava.

Há muito percebera que Ulrich esperava alguma coisa dela. Não lhe passava

pela cabeça que lhe pudesse agradar. Esperava constantemente — desde que fora rejeitada e queria mostrar à sua família na Galícia como conseguira progredir apesar disso — uma sorte grande, uma herança inesperada, a descoberta de que era filha abandonada de pessoas nobres, ou a oportunidade de salvar a vida de algum príncipe — mas jamais imaginara essa simples possibilidade, que pudesse agradar a um cavalheiro que frequentava a casa da patroa, tomar-se sua amante ou até casar com ele. Por isso, estava apenas disposta a prestar algum grande serviço a Ulrich. Foram ela e Solimão que haviam mandado um convite ao general depois de saberem que Ulrich era seu amigo; e também porque era preciso dar impulso às coisas, e um general parecia, de acordo com toda a história passada, uma personalidade muito adequada para isso. Mas como Raquel lidasse com Ulrich segundo um acordo tácito, quase uma combinação de duendes domésticos, era inevitável que entre ela e aquele homem cujos movimentos ela vigiava cheia de curiosidade, brotasse uma arrebatadora conivência que fazia de todos os movimentos dos lábios dele, seus olhos e dedos, aqueles atores nos quais ela se agarrava com a paixão da pessoa que vê sua modesta vida subitamente apresentada num grande palco. E quanto mais ela percebia que essa relação recíproca não pressionava menos seu peito do que um vestido apertado quando nos agachamos diante de um buraco de fechadura, tanto mais depravada se sentia, pois ao mesmo tempo, não resistia com mais firmeza à surda corte de Solimão; era esse o motivo que Ulrich desconhecia, mas que a fazia responder à curiosidade dele com a respeitosa paixão de quem se revela uma criada educada e modelar.

Ulrich indagava-se em vão por que aquela criatura, feita pela natureza para os jogos amorosos, era tão casta que quase se teria de acreditar numa resistência frígida, não raro atribuída a mulheres delicadas. Mas mudou de idéia, e talvez tenha-se decepcionado um pouco, quando certo dia observou um fato surpreendente. Arnheim acabara de chegar, Solimão agachara-se no vestibulo e Raquel se retirara tão depressa como de costume; Ulrich, todavia, aproveitou o momento de agitação causado pela entrada de Arnheim, para voltar e tirar um lenço do sobretudo. A luz fora novamente apagada, mas Solimão ainda estava lá, e não viu que Ulrich, dissimulado pelo umbral da porta, apenas fingira abrir e fechá-la como se já tivesse deixado novamente o aposento. Solimão ergueu-se cauteloso e tirou uma

grande flor de dentro da jaqueta. Era um belo lírio branco, e Solimão o contemplou; depois, nas pontas dos pés, se pôs em movimento, mas não entrou na cozinha. Ulrich, que sabia onde ficava o quatinho de Raquel, seguiu sem fazer ruído, e viu o que acontecia: Solimão parou diante da porta, beijou a flor e depois prendeu-a na maçaneta, passando rapidamente o caule duas vezes em torno dela e metendo a ponta na fechadura.

Fora difícil arrancar o lírio do buquê sem ser notado, e escondê-lo para Raquel, e ela sabia valorizar essas atenções. Ser apanhada e demitida significaria para ela o mesmo que a morte e o Juízo Final: por isso, perturbava-a ter de cuidar-se de Solimão por toda parte, e pouco prazer lhe dava que ele de repente a beliscasse na perna, saindo de um esconderijo, sem que ela pudesse gritar; mas também a impressionava que alguém a cercasse de atenções expondo-se assim ao perigo, espionando seus passos com os maiores sacrifícios e testando seu caráter em situações difíceis. Aquele macaquinho apressava as coisas de um modo que lhe parecia insensato e perigoso; Raquel, sentindo isso no meio de todas as confusas expectativas que lhe enchiam a cabeça, tinha por vezes contra seus princípios o pecaminoso desejo de, quaisquer que fossem as coisas importantes que o futuro lhe reservava, poder por enquanto usufruir generosamente dos grossos lábios do príncipe mouro, criados para servirem à criadinha.

Certo dia, Solimão lhe perguntou se ela era corajosa. Arnheim estava com Diotima e alguns amigos nas montanhas, por dois dias, e não o levara consigo. A cozinheira tinha vinte e quatro horas de folga, e o subsecretário Tuzzi fazia as refeições no restaurante. Raquel contara a Solimão dos restos de cigarro encontrados no quarto, e a indagação de Diotima sobre o que a pequena pensaria daquilo foi respondida: ela e Solimão suspeitaram de que alguma coisa andava acontecendo naquele concílio, exigindo deles dois uma intensificação de atividades.

Ao perguntar-lhe se era corajosa, Solimão anunciara que pretendia roubar do patrão os documentos que provavam sua origem aristocrática. Raquel não acreditava nesses documentos, mas todas as sedutoras complicações que os envolviam tinham despertado nela inegável necessidade de que acontecesse alguma coisa. Os dois combinaram que ela manteria sua touquinha branca e avental de criada quando Solimão a apanhasse e levasse

ao hotel, para parecer que estava sendo enviada até lá por sua ama, com alguma tarefa. Quando saíram à rua, ela sentiu tal onda de calor atrás da beirada de rendas do aventalzinho, que seus olhos se enevoaram, mas Solimão, audacioso, fez parar um carro; ultimamente tinha muito dinheiro, porque Arnheim andava distraído. Raquel também criou coragem e entrou no carro diante de todo o mundo, como se fosse sua profissão e tarefa passear com um negrinho. As ruas da manhã passavam céleres, repletas dos elegantes ociosos a quem de direito pertenciam, enquanto Raquel se excitava como se estivesse cometendo algum roubo. Tentou recostar-se no carro como vira Diotima fazer; mas em cima e embaixo, onde tocava o estofamento, entrava por seu corpo um confuso embalo. O carro era fechado, e Solimão aproveitou a posição de Raquel, recostada para trás, para apertar sobre os lábios dela as grossas almofadas de sua boca; podia-se ver isso pelas janelas, mas o carro voava e a sensação de um líquido perfumado e efervescente derramou-se dos estofamentos balouçantes pelas costas da menina.

O mouro não hesitou em parar diante do hotel. Os criados da casa, com mangas de seda negra e aventais verdes, sorriram zombeteiramente quando Raquel desembarcou, o porteiro espiou pela porta de vidro enquanto Solimão pagava, e Raquel achou que o asfalto cedia sob seus pés. Então, porém, pensou que Solimão devia ter grande influência no hotel, pois ninguém os deteve enquanto atravessavam a imensa colunata do saguão. Alguns cavalheiros desacompanhados estavam sentados ali, e seguiram Raquel com o olhar, de suas poltronas de couro; ela sentiu uma profunda vergonha, mas subiu as escadas e logo percebeu as muitas criadas de quarto, vestidas de preto como ela, toucas brancas, embora as roupas fossem um pouco menos delicadas que a sua; sentiu-se então como um pesquisador que vaga por uma ilha desconhecida, talvez perigosa, e encontra os primeiros seres humanos.

Depois, pela primeira vez na vida, Raquel viu os aposentos de um hotel elegante. Solimão fechou todas as portas, e julgou oportuno beijar novamente a amiga. Os beijos que nos últimos tempos eram trocados entre Raquel e Solimão tinham algo do ardor de beijos infantis; eram antes afirmações do que fraquezas perigosas, e também agora, no primeiro momento a sós num quarto fechado, Solimão teve desejos de trancar-se

ainda mais romanticamente. Baixou as persianas e vedou todas as fechaduras que davam para o exterior do apartamento. Raquel também estava excitada demais com esses preparativos para pensar em outra coisa senão na própria coragem e na infâmia de uma eventual descoberta.

Solimão conduziu-a em seguida aos armários e malas de Arnheim, todas abertas exceto uma. Era claro que só ali se podia ocultar o segredo. O mouro tirou as chaves das malas abertas e experimentou-as. Nenhuma servia. Enquanto isso, ele tagarelava sem parar, toda a sua reserva de camelos, príncipes, mensageiros misteriosos e suspeitas sobre Arnheim brotavam de seus lábios. Pediu um grampo de cabelo emprestado a Raquel e tentou formar uma gazua. Como não o conseguisse, arrancou todas as chaves dos armários e cômodas, espalhou-as pelo chão, ficou pensativamente ajoelhado diante delas, e fez uma pausa para tomar nova decisão.

— Está vendo como ele se esconde de mim? — disse a Raquel, esfregando a testa.

— Mas posso mostrar-lhe primeiro as outras coisas.

E espalhou simplesmente diante de Raquel, agachada no chão com as mãos espremidas entre os joelhos a contemplar curiosa o espetáculo, todo o perturbador tesouro dos armários e malas de Arnheim. Ela jamais vira a roupa íntima de um homem mimado e acostumado aos mais refinados prazeres da vida. Seu honrado patrão não se vestia mal, mas não tinha dinheiro para as mais sofisticadas invenções dos alfaiates, costureiros e fabricantes de artigos de luxo, nem necessidade disso, e até sua distinta patroa não possuía nem de longe objetos tão refinados, de feminina delicadeza e difíceis de usar, como os daquele homem desmedidamente rico. Raquel sentiu novamente um temeroso respeito diante do nababo, e Solimão jactava-se com a fortíssima impressão que causava através da riqueza do amo. Arrancou tudo dos armários, ligou todos os aparelhos, e explicou zelosamente todos os segredos. Aos poucos Raquel ia ficando cansada, quando de repente teve uma estranhíssima impressão. Lembrou-se muito bem de que há algum tempo também nas roupas e objetos pessoais de Diotima apareciam dessas coisas. Não tão abundantes e ricas como aquelas, mas comparadas à antiga simplicidade monacal eram muito mais parecidas

com a visão daquele momento do que com a severidade do passado. E Raquel foi instantaneamente dominada pela vergonhosa suspeita de que a ligação entre sua patroa e Arnheim pudesse ser um pouco menos espiritual do que acreditara.

Corou até a raiz dos cabelos.

Desde que trabalhava para Diotima, seus pensamentos nunca tinham entrado naquele terreno. Seus olhos tinham devorado o magnífico corpo da patroa sem pensar na aplicação de toda aquela beleza, como se absorve pó dentro de um invólucro de papel. Sua satisfação por conviver com pessoas distintas fora tão grande, que em todo aquele tempo um homem não entrara em cogitação como ser real de outro sexo para aquela Raquel tão fácil de seduzir; apenas pensava neles como algo romântico, romanescamente diferente. Sua moral tornara-se infantil, ela fora transportada novamente para o período anterior ao do amadurecimento sexual, quando ardemos tão altruisticamente pela grandeza dos outros; e só assim se explicava que os caprichos de Solimão, dos quais a cozinheira apenas rira desdenhosamente, contassem com a tolerância e fraqueza de Raquel. Mas ali agachada no chão, vendo exposta à sua frente uma relação adúltera entre Diotima e Arnheim, realizou-se nela a transformação há muito contida, passando de um estado de alma pouco natural, para o estado carnal do mundo, cheio de desconfiança.

De um só golpe, ela perdeu todo o romantismo, e tornou-se um pouco irritada, um corpo resoluto, achando que também criadas podem um dia ter lá sua vez. Solimão se acorava ao lado dela diante de suas mercadorias; reunira tudo o que ela mais admirara e tentava enfiar em seu avental, como presente, o que não fosse grande demais. Depois levantou-se de um salto, e com um canivete tentou mais uma vez abrir a mala fechada. Explicou aos brados que queria retirar uma grande quantia de dinheiro com o talão de cheques do seu amo — pois aquele capeta era bem pouco infantil em assuntos pecuniários —, antes da volta de Arnheim, para fugir com Raquel, mas primeiro precisava encontrar seus documentos.

Raquel, que estava ajoelhada, ergueu-se, esvaziou completamente os bolsos entupidos de presentes, e disse:

— Chega de bobagens! Não tenho mais tempo; que horas são? — Sua voz

estava mais grave. Alisou o avental e ajeitou a touca; Solimão sentiu imediatamente que ela não queria mais brincar, e de repente viu que ela era mais velha do que ele. Antes que ele pudesse reagir, Raquel lhe deu o beijo de despedida. Os lábios dela não tremiam, como habitualmente, mas apertaram-se contra o succulento fruto do rosto dele, e curvando para trás a cabeça de Solimão, mais baixo que ela, segurou-o assim até ele quase sufocar. Solimão esperneou; quando finalmente foi solto, sentiu-se como se um rapaz mais velho o tivesse enfiado debaixo d'água, e no primeiro momento só pensou em se vingar. Raquel, porém, escapulira pela porta; o olhar que a princípio a alcançou foi tão irado quanto uma flecha de ponta de fogo, mas depois consumiu-se numa suave cinza; Solimão ergueu do chão os tesouros do seu amo, para guardá-los de volta. Tornara-se um jovem adulto, desejando algo que já não era inatingível.

Arnheim ficara mais tempo em viagem do que de hábito, depois do passeio às montanhas. Esse emprego da palavra “viagem”, que ele próprio fizera sem querer, era estranho, pois na verdade deveria ter dito que “estivera em casa”. Por muitos motivos dessa ordem, Arnheim sentia que uma decisão tornava-se cada vez mais premente. Vivia perseguido por devaneios incômodos, que sua mente disciplinada desconhecia. Um deles era especialmente renitente: estava com Diotima no topo de uma alta torre de igreja, a paisagem jazia verde a seus pés, em seguida os dois saltavam. Entrava à noite grosseiramente no quarto dos Tuzzi, e dava um tiro no subsecretário: outro de seus pesadelos em vigília. Poderia matá-lo num duelo, o que lhe parecia menos natural, pois tal fantasia já estava carregada de um excesso de cerimônias reais, e quanto mais Arnheim se aproximava do real, mais desagradáveis eram os obstáculos que se lhe apresentavam. Poderia também pedir abertamente a Tuzzi a mão da esposa, mas o que diria Tuzzi? Seria ridículo. E se o outro tivesse um comportamento humano, limitando o escândalo ao mínimo — era de se presumir que nem haveria escândalo, pois divórcios começavam a ser tolerados mesmo na melhor sociedade —, seria sempre um solteirão a quem aquele casamento tardio tornaria um tanto ridículo, como ter um filho na época das bodas de prata.

Se Arnheim quisesse fazer alguma coisa, sua responsabilidade diante dos negócios teria exigido que se casasse com uma ilustre viúva americana, ou uma aristocrata próxima à Corte, e não com a mulher divorciada de um funcionário público burguês. Para ele, qualquer ação, também de ordem sensual, era carregada de responsabilidades. Num tempo em que reina tão pouca responsabilidade para com o que se pensa ou faz, como hoje em dia, não era apenas o orgulho pessoal que apresentava tais objeções, mas uma necessidade suprapessoal de colocar o poder de Arnheim (esse produto originado do desejo de riqueza mas que, superando-o, adquirira inteligência

própria, vontade própria, tendo de crescer, solidificar-se, podendo adoecer e enferrujar, quando inativo!) em harmonia com as forças e hierarquias da vida, o que, até onde tinha consciência, jamais ocultara de Diotima. Evidentemente, um Arnheim poderia permitir-se até o casamento com uma pastora de cabras, mas só no plano pessoal; fora disso, seria trair uma causa por fraqueza pessoal.

Mesmo assim, era verdade que sugerira casamento a Diotima. Fizera-o porque desejava evitar situações adúlteras, incompatíveis com uma vida nobre e escrupulosa. Diotima, agradecida, apertara sua mão, e respondera a essa proposta com um sorriso que fazia pensar nos melhores exemplos de história da arte:

“Nosso mais profundo amor nunca se dirige àqueles que podemos abraçar!”

Depois dessa resposta, tão ambígua quanto o sedutor tom amarelo no seio do severo lírio, Arnheim não tivera determinação bastante para voltar a seu pedido. Em lugar disso, tiveram diálogos de natureza geral, nos quais as palavras divórcio, casamento, adultério, e similares tendiam estranhamente a aparecer. Profundas conversas sobre o modo como a literatura contemporânea tratava o adultério se repetiam, e Diotima achava que esse problema era tratado do ponto de vista meramente sensualista, sem consideração para com o nobre sentido de disciplina, renúncia, ascese heróica; infelizmente, essa era também a opinião de Arnheim, de modo que só lhe restava acrescentar que, hoje, a compreensão do profundo mistério moral do ser humano se perdeu quase totalmente. Esse mistério consta de não nos podermos permitir tudo. Épocas em que tudo é permitido sempre trazem infelicidade aos que nela vivem. Disciplina, renúncia, cavalheirismo, música, moral, poesia, forma, proibição, tudo isso tem um objetivo mais profundo do que apenas conferir à vida uma forma limitada e determinada. Não existe felicidade sem limites. Não existe grande felicidade sem grandes proibições. Mesmo nos negócios, não podemos correr atrás de qualquer vantagem, ou não chegaremos a nada. O limite é o mistério do fenômeno, o mistério da força, da felicidade, da fé, e da missão de afirmar-se como minúsculo ser humano num universo.

Tais eram as explicações de Arnheim, e Diotima só podia concordar. Em certo sentido era uma lamentável sequência dessas idéias que conferiam ao

conceito de legitimidade uma plenitude de significado que ele já não tem mais para o homem comum. Mas as grandes almas têm necessidade de legitimação. Em horas sublimes pressente-se a vertical severidade do Universo. E o homem de negócios, embora domine o mundo, respeita a realeza, a aristocracia e o clero como portadores do irracional. Pois o legítimo é simples, como é simples tudo o que é grande, e não precisa de entendimento. Homero era simples. Cristo foi simples. Os grandes espíritos sempre voltam aos princípios simples; sim, é preciso ter coragem de dizer que voltam a lugares-comuns de ordem moral. Em resumo, para ninguém é tão difícil agir contra a tradição como para as almas realmente livres.

Essas reflexões, por mais verdadeiras que sejam, não favorecem a intromissão num casamento estranho. Por isso, os dois estavam na situação de pessoas ligadas por uma ponte magnífica, mas em cujo meio há um buraco de poucos metros impedindo o encontro. Arnheim lamentava imensamente não ter uma centelha daquele desejo físico para o qual nada importa, e que leva a atitudes impensadas, tanto nos negócios quanto no amor. Pesaroso, começou a falar longamente do desejo. Para seguir seus pensamentos, este desejo é exatamente o sentimento que corresponde ao cultivo da razão em nosso século. Nenhum outro sentimento se dirige tão univocamente para seu objetivo. Prende-se como uma flecha cravada, e não esvoaça como um bando de aves sempre a distância. Empobrece a alma, assim como a empobrecem o cálculo, a mecânica e a brutalidade. Portanto, Arnheim falava desdenhosamente do desejo, ao mesmo tempo em que o sentia rumorejar nos porões como um escravo cego.

Diotima tentou de outra forma. Estendeu a mão ao amigo e pediu:

— Não falemos disso! Palavras podem fazer grandes coisas mas há outras maiores! A verdade verdadeira entre duas pessoas não pode ser dita. Assim que falamos, as portas se fecham; a palavra serve mais para as participações irreais, falamos em horas em que não estamos vivendo...

— Você tem razão — concordou Arnheim —, a palavra consciente de si mesma dá aos movimentos invisíveis do nosso interior uma forma pobre e arbitrária!

— Não diga nada! — repetiu Diotima, colocando a mão no braço dele. — Tenho a sensação de que nos presentecemos mutuamente com um momento

de vida, na medida em que nos calamos. — Um instante depois, retirou a mão, e suspirou: — Há minutos em que se expõem todas as pedras preciosas ocultas da alma!

— Talvez venha um tempo — completou Arnheim —, do qual já há muitos sinais, em que as almas possam se contemplar sem intermediação dos sentidos. As almas se unem quando os lábios se apartam!

Os lábios de Diotima encrespavam-se, produzindo uma alusão daquele pequeno tubo torto que as borboletas mergulham nas flores. Sentia uma intensa embriaguez espiritual. Provavelmente essa branda loucura é qualidade do amor, como de todos os estados sublimes. Onde quer que caíssem palavras, rebrilhava um múltiplo sentido como um deus velado, e diluía-se em silêncio. Diotima conhecia esse fenômeno de suas solitárias horas sublimes, mas antes aquilo jamais se intensificara de tal maneira, até o limite da felicidade espiritual, já quase insuportável; era uma anarquia de superabundâncias que a habitava agora, uma leveza divina, como se patinasse no gelo, e chegou a sentir-se como se fosse desmaiar.

Arnheim sustentava-a com frases grandiosas. Criava adiantos e pausas. Depois, balançava novamente debaixo deles a rede tensa dos pensamentos cheios de significado.

O tormento, nessa vasta felicidade, era a impossibilidade de concentração. Dela emanavam sempre novas ondas trêmulas ampliando-se em círculos, mas não se reuniam em torrentes de ação. Diotima chegara ao ponto de, ao menos no espírito, julgar mais delicado e superior preferir o risco de adultério à grande catástrofe de duas vidas destruídas, enquanto Arnheim há muito tomara a decisão moral de não aceitar esse sacrifício, e casar-se com ela; portanto, podiam possuir-se a qualquer momento, de um ou outro modo, e sabiam disso. Mas não sabiam como o deveriam fazer, pois a felicidade arrebatava suas almas para alturas tão solenes que lá sentiam medo de qualquer gesto menos belo, muito natural em pessoas que andam sobre uma nuvem.

Assim, o espírito de ambos sugara tudo o que havia de grande e belo e que a vida espraiava à sua frente, mas, no ápice da excitação, sobrevinha uma estranha ruptura. Os desejos e vaidades que normalmente preenchiam suas vidas jaziam abaixo deles como casinhas de brinquedo no fundo de um

vale, engolidas pelo sossego, com os cacarejos, latidos, e toda a agitação. Restavam silêncio, vazio e profundidade

“Seremos eleitos?”, pensava Diotima olhando em tomo sobre aquele cimo de emoção, pressentindo martírios indescritíveis. Já experimentara isso em graus menores, até um homem não confiável como seu primo sabia falar deles, e ultimamente muito se escrevera a respeito. Mas se os relatos não mentiam, havia a cada mil anos momentos em que a alma está mais próxima do despertar do que normalmente, e ao mesmo tempo ingressa na realidade através de indivíduos isolados aos quais apresenta provações bem maiores do que ler e falar. E enquanto a excitação recurvava entre os dois um arco trêmulo, ela disse baixinho ao seu amigo que procurava novas palavras:

— A razão não é o único meio de entendimento entre duas pessoas! E Arnheim respondeu:

— Não. — Seu olhar penetrou nos olhos dela, horizontal como um raio de sol crepuscular. — A senhora já disse isso há pouco. A verdade verdadeira entre duas pessoas não pode ser dita; qualquer esforço apenas a prejudica!

O HOMEM MODERNO ACREDITA EM DEUS OU NO CHEFE DE UMA
EMPRESA MUNDIAL? A INDECISÃO DE ARNHEIM

Arnheim sozinho. Está parado, pensativo, junto à janela de seu apartamento de hotel, olhando as copas das árvores despidas lá embaixo, que desenham uma grade de traços sob a qual as pessoas formam, coloridas e escuras, as duas filas do cortejo que já começara àquela hora. Um sorriso aborrecido divide os lábios do grande homem.

Até ali nunca tivera dificuldade em reconhecer o que julgava desprovido de alma. O que não é desprovido de alma hoje em dia? Reconhecem-se facilmente as poucas exceções. Arnheim ouviu longe, na memória, uma noite de música de câmara; havia amigos em seu castelo na Marca, as tílias prussianas soltavam seu perfume, os amigos eram jovens músicos que estavam mal de vida, mas apesar disso tocavam com entusiasmo naquela noite; havia alma naquilo. Outro caso: recentemente ele se recusara a continuar com o encargo de ajudar a determinado artista, como já vinha fazendo há algum tempo. Esperava que o artista ficasse zangado com ele, sentindo-se abandonado antes de conseguir impor-se na profissão; era preciso dizer-lhe que havia mais artistas necessitados de auxílio, e outras coisas desagradáveis. Em vez disso, encontrando Arnheim em sua última viagem, o homem apenas o olhara duramente nos olhos, pegara sua mão e dissera: “O senhor me deixou numa situação difícil, mas estou convencido de que um homem como o senhor nunca faz nada sem motivo!” Isso era ter alma viril, e Arnheim se sentira inclinado a ajudá-lo outra vez.

Assim, ainda hoje existe alma em muitos detalhes, o que sempre parecera importante para Arnheim. Mas quando temos de conviver com ela direta e abertamente, ela representa um sério perigo para a sinceridade. Estaria realmente chegando um tempo em que as almas se tocariam sem intermediação dos sentidos? Haveria um objetivo, da mesma importância e significação dos objetivos reais, em conviver daquela maneira, como seu

anseio íntimo e o de sua maravilhosa amiga o obrigavam a fazer ultimamente? Quando consciente, ele não acreditava nisso nem por um instante sequer, mas estava claro que estimulava Diotima nessa crença.

Arnheim encontrava-se numa singular divisão interior. A fortuna moral liga-se estreitamente à material: ele sabia bem disso, e é fácil reconhecer por que as coisas são assim. Pois a alma substitui moral por lógica; quando uma alma tem moral não há mais problemas morais para ela, apenas lógicos; ela se pergunta se o que pretende fazer fere este ou aquele mandamento, se a intenção dela se deve entender assim ou assado, e coisas parecidas; como quando uma multidão enlouquecida se torna disciplinada e treinada, começa a avançar à direita, abrir os braços, flexionar os joelhos. Mas a lógica pressupõe experiências passíveis de repetição; é claro que, se os acontecimentos mudassem como um torvelinho no qual nada se repete, jamais poderíamos pronunciar a profunda verdade de que A é igual a A, ou que o maior não pode ser o menor; ficaríamos simplesmente sonhando, estado que repugna aos pensadores. O mesmo vale para a moral, e se não houvesse nada passível de repetição, nada nos poderia ser prescrito, e sem poder prescrever coisa alguma às pessoas a moral não teria graça.

Essa qualidade da repetitividade, característica da moral e da razão, porém, prende-se grandemente ao dinheiro; ele consta dessa qualidade e, na medida em que tem valor, divide todos os prazeres do mundo em bloquinhos de poder aquisitivo com os quais podemos construir o que desejarmos. Por isso, o dinheiro é moral e sensato, e como sabidamente não acontece o inverso, ou seja, nem sempre pessoas morais e sensatas têm dinheiro, conclui-se que essas qualidades residem originalmente no dinheiro, ou ao menos que dinheiro é o coroamento de uma existência moral e sensata.

É claro que Arnheim não pensava exatamente nesses termos, inferindo que cultura e religião eram consequências naturais da propriedade, mas achava que a propriedade obriga a tê-las. Gostava de dizer que as forças espirituais nem sempre entendiam o suficiente das forças atuantes do ser, e raramente eram livres de certa alienação em relação à vida. Ele, homem de visão, chegou também a conclusões bem diversas. Pois cada ponderação, cada pô-na-conta, cada medição pressupõe que o objeto a ser avaliado não se modifique durante a reflexão. E se isso acontecer, é preciso aplicar toda a

perspicácia em encontrar até nessa mudança algo imutável. Assim, o dinheiro é aparentado com todas as forças espirituais, e, segundo seu modelo, os sábios dissecam o mundo em átomos, leis, hipóteses e singulares sinais de operações, enquanto os técnicos partem dessas ficções para construir um mundo de coisas novas. Isso era tão corriqueiro para o dono de uma gigantesca indústria, bem-informado sobre a natureza das forças que o serviam, como um leitor comum de romances alemães conhece as noções morais da Bíblia.

Essa necessidade de univocidade, repetitividade e solidez, que é pressuposto do êxito do pensamento e do planejamento — pensava Arnheim ainda, olhando pela janela — encontra sua satisfação, no campo da alma, pela violência. Quem quiser construir sobre terra firme no ser humano, deve servir-se unicamente das qualidades e paixões inferiores, pois só o que se liga mais estreitamente ao egocentrismo tem solidez e pode ser levado em conta por toda parte; as intenções mais elevadas não são confiáveis, são contraditórias e fugazes como o vento. Aquele homem que sabia que a curto ou longo prazo se deveriam governar reinos como se dirigem fábricas, fitava lá embaixo o torvelinho de uniformes e rostos orgulhosos do tamanho de ovos de piolhos com um sorriso onde se misturavam superioridade e melancolia. Não pode haver dúvida, se Deus voltasse hoje para instaurar entre nós o Milênio, nenhum homem prático e experiente confiaria nisso enquanto não se instalasse, ao lado do Juízo Final, uma jurisdição criminal, prisões sólidas, polícia, soldados, parágrafos sobre alta-traição, postos governamentais e o que mais fosse necessário para limitar as imprevisíveis ações da alma diante dos dois fatos básicos: que o futuro habitante do céu só poderá ser levado a fazer tudo o que quisermos dele por intimidação e aperto de parafusos, ou por suborno da sua ambição, em resumo, só através do “método forte”.

Mas então Paul Arnheim haveria de se adiantar e dizer ao Senhor: “Senhor, para que isso? O egocentrismo é a mais confiável qualidade da vida humana. O político, o soldado e o rei usaram-no para organizar o Seu mundo com astúcia e força. Essa é a melodia da humanidade: você e eu temos de admiti-lo. Abolir a força seria amolecer a ordem; nossa tarefa é capacitar o ser humano a grandes coisas, embora ele seja um bastardo!” E Arnheim sorria modestamente para o Senhor, numa postura calma, para

não esquecer como é importante para todo ser humano reconhecer humildemente os grandes mistérios. E prosseguiria no seu discurso: “Mas o dinheiro não é um método tão seguro como a violência para tratar as relações humanas? Ele não nos permite dispensar o ingênuo emprego dela? É uma violência espiritualizada, uma forma especial de violência, flexível, altamente evoluída e criativa. Os negócios não se fundamentam em astúcia e violência, em vantagem e exploração, só que civilizadas, transferidas para o interior do ser humano revestindo-se da aparência de sua liberdade? O capitalismo, como organização do egocentrismo segundo a hierarquia da capacidade de obter dinheiro, é a ordem mais elevada e mais humana que conseguimos criar em Sua honra, Senhor; a atividade humana não tem critério de medida mais preciso do que esse!”

E Arnheim teria aconselhado o Senhor a organizar o Milênio segundo critérios comerciais, e entregar sua administração a um grande empresário, que naturalmente também teria de ter cultura filosófica universal. Pois afinal o lado puramente religioso sempre foi prejudicado e, comparado com a insegurança existencial dos tempos dos guerreiros, até ele teria grandes vantagens com uma administração comercial.

Assim teria falado Arnheim, pois uma voz profunda lhe dizia claramente que não se deve renunciar ao dinheiro como não se deve renunciar à sensatez e à moral. Outra voz, igualmente grave, lhe dizia, porém, com igual clareza, que era preciso ter audácia, e renunciar, sim, à sensatez, à moral e à racionalidade da vida. E nos momentos de maior perturbação, quando ele queria se lançar, como um satélite perdido, na massa solar de Diotima, essa segunda voz parecia a mais forte. O crescimento de seus pensamentos lhe parecia tão estranho quanto o das unhas e cabelos. A vida moral lhe parecia coisa morta, e uma secreta repulsa pela ordem e pela moral o deixava envergonhado.

Arnheim partilhava dos desígnios de sua época. Esta adora o dinheiro, a ordem, o saber, cálculo, medida, portanto, no fim das contas, o espírito do dinheiro e seus parentes; ao mesmo tempo se lamenta por isso. Enquanto em suas horas de trabalho martela e calcula, fora delas se porta como um bando de crianças, que sob o lema “e agora, o que faremos?”, com seu gosto amargo de tédio, corre de um excesso a outro, sem se libertar de uma voz interior que exorta à conversão. E a essa voz interior aplica o princípio de

divisão do trabalho, empregando intelectuais, penitentes e confessores para cuidarem desses pressentimentos e queixas íntimas — vidas que são como atos de indulgência, pregadores e profetas literários, cuja simples existência nos ajuda muito se não conseguimos cumprir pessoalmente o que exigem. E as belas frases e recursos financeiros que o Estado verte anualmente em instituições culturais inesgotáveis também funcionam mais ou menos como esse tipo de resgate moral.

Essa divisão de trabalho existia igualmente dentro do próprio Arnheim. Quando estava sentado em um de seus escritórios de direção, examinando cálculos de faturamento, teria-se envergonhado de qualquer pensamento não-técnico ou comercial; mas, assim que o dinheiro da firma não estava em jogo, teria sentido vergonha de não pensar de maneira oposta, e de não exigir que o ser humano fosse capacitado a ascender na vida por outros meios que não o descaminho da regularidade, regulamento, norma e similares, cujos resultados são tão exteriores e, afinal, tão supérfluos. Não há dúvida de que designamos esse outro caminho por religião; ele escrevera livros sobre o assunto. Nesses livros, também o chamara de mito, retorno à simplicidade, reino da alma, espiritualização da economia, essência da ação e coisas semelhantes, pois tudo isso tinha muitos aspectos; para ser exato, tantos aspectos quantos ele percebia haver em si quando se ocupava de si mesmo, altruisticamente, como tem de fazer um homem com grandes tarefas a cumprir. Mas claro, seu destino era que essa divisão de trabalho ruísse na hora da decisão. No momento em que se queria lançar na fogueira da emoção, ou sentia necessidade de ser tão grande e íntegro quanto as figuras dos tempos primitivos, tão imperturbável como só conseguem ser os verdadeiros aristocratas, tão absolutamente religioso como exige a natureza do amor espiritualmente concebido; no instante, portanto, em que desejava lançar-se aos pés de Diotima sem se importar com as calças limpas ou o futuro, uma voz lhe ordenava que parasse. Era a voz da sensatez, despertando fora de hora, ou, como ele dizia, irritado, a voz do pé-de-meia e unha-de-fome, que se opõe hoje à plenitude da vida e ao mistério dos sentimentos. Odiava-a, ao mesmo tempo sabia que ela tinha certa razão. Pois, supondo que se pudesse falar em lua-de-mel: que forma de vida com Diotima haveria para ele depois do transcurso da lua-de-mel? Voltaria para seus negócios e realizaria com ela as outras tarefas da vida. O ano passaria entre operações financeiras e férias na natureza, na parte animal e

vegetativa do próprio ser. Talvez houvesse um grande casamento entre atividade e descanso, necessidade e beleza humana. Tudo ótimo, aparecia-lhe mesmo como objetivo, e na opinião dele ninguém tinha força para grandes operações financeiras se não soubesse o que são relaxamento e entrega total, ficar deitado à margem da vida, sem ambições, praticamente vestindo apenas uma tanga: mas uma satisfação louca e muda se desencadeava dentro de Arnheim, pois tudo isso se opunha à sensação de começo e fim que Diotima despertava nele. Diariamente, sempre que a revia, aquela estátua antiga com suas agradáveis formas modernas e arredondadas, ficava perturbado, sentia suas forças fugirem, uma incapacidade de abrigar em seu íntimo aquela criatura equilibrada que girava sobre si mesma tão harmoniosamente.

Já não era um sentimento de humana grandeza, nem mesmo um simples sentimento humano. Todo o vazio da eternidade aparecia naquele estado. Ele fitava a beleza de sua amada com um olhar que parecia ter procurado por ela há mil anos, e agora que a encontrava, subitamente não sabia o que fazer, numa impotência com claros traços de estupor, de um espanto quase imbecil. A sensibilidade já não respondia àquele excesso de cobrança, cujo único termo de comparação seria o desejo de, em companhia da amada, deixar-se lançar por um canhão para fora do mundo!

Diotima, cheia de tato, encontrava também para isso as palavras corretas. Uma vez, num desses momentos, recordou que o grande Dostoiévski constataria uma ligação entre amor, imbecilidade e santidade interior, mas, ignorando isso, as pessoas de hoje, que não têm atrás de si aquela crédula Rússia, precisariam de uma redenção especial para conseguirem concretizar essa idéia.

Essas palavras correspondiam aos sentimentos do coração de Arnheim.

Tinham sido ditas num daqueles momentos repletos de subjetividade exacerbada e simultaneamente exacerbada objetividade, que fazem o sangue subir à cabeça como quando se sopra uma trombeta entupida, da qual não se tira um som; nada era desimportante, da menor taça sobre a prateleira impondo-se no espaço à maneira de Van Gogh, até os corpos humanos que, intumescidos e afiados pelo indizível, pareciam se comprimir dentro dele.

Diotima disse, assustada:

— Eu gostaria de gracejar. O humor é tão bonito, paira acima das aparências livre de todo o desejo!

Arnheim sorriu. Tinha-se levantado e começara a movimentar-se pelo aposento. “Se eu a rasgasse em pedaços, se comesse a berrar e dançar; se metesse a mão na garganta para tirar meu coração do peito, para ela: será que aconteceria um milagre?”, pensou. Mas interrompera-se, esfriando.

A cena voltara agora vivamente à sua memória. Seu olhar pousou, de novo gélido, sobre a rua a seus pés. “Deveria realmente acontecer o milagre de uma redenção”, pensou, “mas outras pessoas deveriam popular o mundo antes de se poder pensar na concretização dessas coisas”. Já não se esforçava por decifrar como, e do que, os homens precisavam ser redimidos; de qualquer forma, tudo deveria ser bem diferente. Ele voltou à sua escrivaninha, que deixara há meia hora, às cartas e telegramas, e tocou a sineta para mandar Solimão buscar seu secretário.

Enquanto esperava por ele, burilando em pensamento as primeiras frases de uma carta sobre finanças, o que experimentara cristalizou-se nele numa bela fórmula moral cheia de implicações. “Um homem consciente de sua responsabilidade”, disse para si mesmo, persuadido, “mesmo quando dá de presente sua alma deve sacrificar apenas os juro, jamais o capital!”

O CONDE LEINSDORF CONSEGUE UM INESPERADO ÊXITO POLÍTICO

Quando Sua Alteza falava de uma família de estados europeus que se deveria reunir jubilosa em torno do ancião imperador-patriarca, sempre excluía tacitamente a Prússia. Talvez agora com mais fervor que antigamente, pois o Conde Leinsdorf sentia-se inegavelmente perturbado pela impressão que o Dr. Paul Arnheim causava. Sempre que visitava sua amiga Diotima, encontrava aquele homem, ou rastros dele, e sabia tão pouco quanto o subsecretário Tuzzi a quantas andava. Coisa que antes não sucedia, Diotima percebia agora, quando o contemplava enternecida, as veias inchadas nas mãos e no pescoço de Sua Alteza, e a pele cor de tabaco claro, emanando um odor de homem velho; embora não faltasse com respeito para com o ilustre senhor, alguma coisa mudara sob os raios da sua simpatia, como o sol de verão passa a sol invernal. O Conde Leinsdorf não tinha inclinações para a fantasia nem para a música, mas desde que era obrigado a tolerar o Dr. Arnheim, ouvia com singular frequência um leve som, como de tambores e pratos de uma marcha militar austríaca; ou, fechando os olhos, algo se inquietava naquela escuridão, muitas bandeiras amarelas-e-pretas tremulando. Essas visões patrióticas pareciam insinuar-se também em outros amigos da família Tuzzi. Pelo menos, por toda parte, onde quer que ele ouvisse, falava-se com grande respeito da Alemanha, mas bastava ele dar a entender que talvez no curso dos acontecimentos a grande Ação Patriótica pudesse conter uma pequena alfinetada contra o reino irmão, para que esse respeito fosse embelezado por um sorriso cordial.

Sua Alteza deparara com um importante fenômeno em seu distrito. Há certos sentimentos de família especialmente fortes, entre eles a antipatia da família de estados europeus pela Alemanha, antes da guerra. Talvez a Alemanha fosse o país menos homogêneo espiritualmente, onde cada um podia encontrar alvo para a sua antipatia pessoal. Fora o país cuja velha

cultura mais sofrerá sob as rodas dos tempos modernos, sendo dilacerada por grandes frases a favor do comércio e imitação. Além disso, era um país agressivo, ávido, fanfarrão e rigorosamente imprevisível como qualquer grande massa excitada: mas tudo isso era afinal apenas europeu, e quando muito teria podido parecer aos europeus um tanto europeu demais. Parece evidente que tenha de haver figuras indesejadas nas quais se concentra o desgosto, o desentendimento, como que o resíduo de uma fraca combustão que a vida hoje deixa para trás. Subitamente, para imensa surpresa de todos os participantes, a possibilidade torna-se uma realidade, e o que se suprime nesse acontecimento altamente desordenado, o que não está certo, o que é supérfluo e não satisfaz ao espírito parece formar aquele ódio que paira no ar entre todas as criaturas, tão característico da civilização atual, e que substitui a falta de alegria com a própria ação pela raiva fácil diante da atividade dos outros.

A tentativa de concentrar essa má vontade em entes especiais é parte do mais antigo procedimento psicotécnico da humanidade. Assim, o feiticeiro tirava do corpo do enfermo um fetiche previamente preparado, e o bom cristão transfere seus erros para o bom judeu, afirmando que por causa dele surgiram a propaganda, os juroes, os jornais e outros males semelhantes. No curso dos tempos, foram responsabilizados o trovão, as bruxas, os socialistas, os intelectuais e os generais; e nos últimos tempos antes da guerra, por razões especiais que não têm maior interesse, um dos objetos preferidos desse estranho fenômeno foi a Alemanha prussiana. O mundo não perdeu apenas Deus, perdeu também o Diabo. Assim como transfere o mal para alguma figura indesejada, transfere o bem para símbolos positivos, que venera por fazerem aquilo que se considera impróprio fazer na primeira pessoa. Deixamos que outros se esforcem, enquanto os contemplamos, da nossa cadeira, e chamamos isso de esporte; deixamos pessoas falarem as coisas mais parciais e exageradas, e chamamos isso de idealismo; sacudimo-nos afastando o mal, e aqueles que acabam respingados são os indesejáveis. Assim, tudo no mundo encontra seu lugar e sua ordem; mas essa técnica de veneração dos santos e engorda de bodes expiatórios através da projeção tem seus perigos, pois enche o mundo com as tensões de todos os combates interiores não efetuados. Matamo-nos a pauladas ou confraternizamos, e não podemos saber ao certo se o fazemos a sério, pois parte de nós está fora de

nós, e todos os acontecimentos parecem se realizar parcialmente na frente ou atrás da realidade, como mímica de amor ou ódio. A velha crença nos demônios, que responsabilizava espíritos celestiais ou infernais por todo o bem ou mal, trabalhava melhor, com mais precisão, de maneira mais limpa, e podemos apenas esperar que, com o avanço da psicotécnica, retomemos a ela.

A Kakânia era um país incrivelmente adequado para se lidar com figuras desejadas ou indesejáveis; de qualquer modo, a vida lá tinha algo de irreal, e exatamente os kakanianos mais nobres de espírito, que se sentiam herdeiros e portadores da famosa cultura kakaniana, de Beethoven à opereta, consideravam perfeitamente natural serem aliados e irmãos dos alemães do Reich e ao mesmo tempo detestá-los. De vez em quando permitiam-se aplicar-lhes uma pequena censura, e pensando em seus êxitos, entristeciam-se um pouco com a situação da pátria, situação essa que consistia principalmente no fato de a Kakânia, Estado originalmente tão bom quanto todos, e melhor que alguns, ter no curso dos séculos perdido um pouco do gosto por si mesma.

No curso da Ação Paralela já se comentava que se faz História Universal como se fazem outras histórias; isto é, os autores raramente têm idéias novas, e copiam-se uns aos outros no que diz respeito a enredos e idéias. Mas há outra coisa ainda não mencionada: o prazer da história, a convicção, tão comum nos autores, de que produzem uma boa história, aquela paixão do autor, que encomprida suas orelhas em línguas de fogo e derrete todo o senso crítico.

O Conde Leinsdorf possuía essa convicção e essa paixão, ainda encontradiças entre seus amigos, mas o restante da Kakânia a perdera, e há muito procurara um sucedâneo. Em lugar da história da Kakânia surgira a história da Nação, escrita conforme aquele gosto tão europeu por edificantes romances históricos e dramas de costumes. Assim, aconteceu algo notável, talvez ainda não suficientemente notabilizado: pessoas que tinham de resolver algum problema bastante comum, como a construção de uma escola ou a escolha de um chefe de estação ferroviária, começavam a falar no ano de 1600 ou 400, discutindo qual o candidato preferido, tendo

em vista a ocupação dos Pré-Alpes na migração dos povos ou as lutas da Contra-Reforma; e essas discussões eram guarnecidas com idéias de nobreza ou patifaria, pátria, lealdade e força viril, que correspondem por toda parte mais ou menos ao tipo de leitura reinante.

O Conde Leinsdorf, para quem a literatura não tinha grande importância, espantava-se com isso, tanto mais quando refletia que, no fundo, todos os camponeses, artesãos e cidadãos viviam bastante bem, como podia observar nas viagens por suas propriedades na Boêmia, povoadas por alemães e tchecos; e atribuía a um vírus especial, a uma instigação desprezível, o fato de terem de tempos em tempos acessos de rebelião uns contra os outros e contra a sabedoria do governo, o que parecia tanto mais incompreensível porque, nos grandes intervalos entre esses acessos, quando ninguém lhes lembrava seus ideais, conviviam pacificamente com todo mundo.

A política empregada contra isso pelo Estado, aquela conhecida política de nacionalidade da Kakânia, fazia com que, mais ou menos de seis em seis meses, ora punisse alguma das nacionalidades rebeldes, ora recuasse sabiamente diante dela. E o comportamento diante da “nacionalidade” alemã correspondia ao movimento de um tubo em U, em que uma metade com água sobe sempre que a outra baixa. Essa nacionalidade tinha um papel especial, pois o grosso de sua população sempre tivera um único desejo: um Estado forte. Fora ela quem por mais tempo mantivera a crença de que a história da Kakânia tinha de ter algum sentido, e só aos poucos, quando compreendeu que na Kakânia pode se começar como traidor e acabar como ministro, ou, ao contrário, prosseguir sua carreira de ministro novamente como traidor, também ela começou a sentir-se uma nacionalidade oprimida.

Talvez esse tipo de coisa não acontecesse só na Kakânia; mas era uma característica desse estado não ser preciso qualquer revolução ou motim para que tal acontecesse, pois lá tudo se resolvia com o tempo, num curso natural e pendular tranquilo, simplesmente devido à variação dos conceitos; e por fim só havia na Kakânia nações oprimidas e um grupo superior de pessoas, que eram os verdadeiros opressores, e se sentiam imensamente atormentadas e achincalhadas pelos oprimidos. Os membros desse grupo viviam profundamente aflitos porque nada acontecia, com a falta de história, por assim dizer, e estavam convencidos de que algo teria finalmente de ocorrer. E se fosse contra a Alemanha, como parecia

acontecer com a Ação Paralela, talvez até fosse bom, pois andavam um pouco envergonhados diante dos irmãos do Reich, e, além disso, os grupos dominantes se sentiam alemães, não podendo, portanto, melhor ressaltar a missão suprapartidária da Kakânia do que através dessa forma altruísta.

Era compreensível que nessas circunstâncias Sua Alteza nem de longe considerasse pangermânico o seu empreendimento. Este, entretanto, era tido como tal, já que as populações eslavas começaram paulatinamente a desaparecer das “representações populares” cujos desejos deveriam ser arrolados pelas comissões da Ação Paralela. Aos ouvidos dos embaixadores estrangeiros chegavam histórias tão horríveis sobre Arnheim, o subsecretário Tuzzi, e um atentado alemão contra os eslavos, que até Sua Alteza acabou informada, sob a discreta forma de boatos; isso confirmou seus receios de que, também em dias em que nada de especial acontece, desenvolve-se uma atividade complexa, pois há muita coisa que não se devia fazer.

Como fosse um político realista, não hesitou em contra-atacar. Infelizmente escapou-lhe um erro de cálculo tão generoso que a princípio assumiu feições de falha diplomática. Naquele tempo, a chefia do comitê de propaganda — aquela comissão cuja tarefa era popularizar a Ação Paralela — ainda não estava ocupada, e o Conde Leinsdorf decidiu escolher para a função o Barão Wisnietzky, exatamente porque este, que há muitos anos fora ministro, pertencera a um gabinete derrubado pelos partidos alemães, e tinha fama de ter praticado uma pérfida política anti-alemã. Sua Alteza arquitetara um plano especial. Desde o começo da Ação Paralela desejara conquistar exatamente aquela parcela de kakanianos alemães que se sentiam menos ligados à Pátria do que à Nação alemã. Que as outras “nacionalidades” considerassem a Kakânia uma prisão, e expressassem publicamente seu amor pela França, Itália ou Rússia, era um romantismo mais remoto, e nenhum político sério podia comparar isso com o entusiasmo de certos alemães pelo Reich, que circundava geograficamente a Kakânia, e até uma geração atrás a ela estivera ligado por uma união. A esses renegados alemães, que provocavam no Conde Leinsdorf o mais doloroso sentimento porque ele próprio era alemão, fora dirigida aquela sua conhecida frase: “Eles virão por si!” Essa frase ascendera à condição de verdadeira profecia política, sobre a qual a Ação Patriótica se apoiava, e

tinha mais ou menos o seguinte conteúdo: era preciso conquistar primeiro “os outros grupos austríacos” para o patriotismo, e só quando isso fosse feito, todos os círculos alemães se veriam forçados a colaborar, pois era sabidamente muito mais difícil excluir-se de algo que todos fazem, do que recusar-se a começar. Portanto, o caminho para os alemães era: agir contra eles e dar preferência às outras nações. O Conde Leinsdorf há muito reconhecera isso, e quando chegou a hora de agir, executou o que pensava, colocando, portanto, na chefia do comitê de propaganda Sua Excelência Wisnietzky que, segundo juízo de Leinsdorf, era polonês de nascimento mas kakaniano de coração.

Seria difícil decidir se Sua Alteza tinha consciência de que essa escolha ofendia o pensamento alemão, conforme o acusaram posteriormente; mas é provável que tenha imaginado servir ao verdadeiro pensamento alemão. A consequência foi que, de momento, também nos meios alemães se iniciou uma agitação contra a Ação Paralela, que acabou sendo, por um lado, considerada e combatida abertamente como um complô anti-alemão, e, por outro, passava por ser uma conspiração pangermânica, evitada desde o início com cautelosas desculpas. Esse resultado inesperado não passou despercebido a Sua Alteza, e causou viva e geral preocupação. Mas o Conde Leinsdorf mostrou-se extraordinariamente fortalecido com essa provação; e interrogado várias vezes por Diotima bem como por outros líderes, mostrou aos pusilânimes um rosto insondável, mas leal, e respondeu:

— Essa tentativa não teve êxito logo de saída, mas quem pretende algo de grande não pode depender de um sucesso momentâneo; de qualquer modo, o interesse pela Ação Paralela aumentou, e o resto, se formos persistentes, há de vir por si!

AS NAÇÕES IRREDENTAS E OS PENSAMENTOS DO GENERAL STUMM
SOBRE O TERMO REDENÇÃO

Por mais palavras que sejam pronunciadas a cada momento numa grande cidade para expressar os desejos pessoais de seus habitantes, uma jamais se encontra entre elas: a palavra “redimir”. Pode-se presumir que todas as outras, as palavras mais apaixonadas e as mais complicadas expressões, e até relações marcadas como exceção, são gritadas e sussurradas simultaneamente em muitas duplicatas, por exemplo, “Você é o maior patife que já encontrei”, ou “Não há outra mulher tão linda quanto você.” De modo que essas experiências tão pessoais poderiam ser representadas por belas curvas estatísticas em sua distribuição de massa pela cidade. Mas um homem jamais diz a outro: “Você pode me redimir!” ou “Seja meu redentor!” Podemos pendurá-lo numa árvore e deixá-lo passar fome; podemos desterrá-lo numa ilha deserta com sua amada a quem tentou cortejar em vão meses a fio; podemos fazê-lo falsificar promissórias e encontrar quem o salve; todas as palavras do mundo jorrarão de sua boca, mas certamente, mesmo muito comovido, jamais ele dirá redimir, redentor ou redenção, embora linguisticamente nada se pudesse objetar.

Apesar disso, os povos reunidos sob a coroa da Kakânia diziam-se nações irredentas!

O General Stumm von Bordwehr refletia. Por sua posição no Ministério da Guerra ele possuía suficientes conhecimentos sobre as dificuldades nacionais de que a Kakânia sofria, pois as forças armadas eram as primeiras a sentir os efeitos de uma política vacilante influenciada por centenas de considerações, quando se tratava do seu orçamento; e recentemente, para enorme desgosto do ministro, tiveram de retirar um pedido urgente de verbas, porque uma nação irredenta exigira concessões nacionais para votá-las, o que o governo não poderia jamais admitir sem excitar a necessidade

de redenção de outras nações. Assim, a Kakânia ficara desprotegida contra o inimigo externo: tratava-se de um grande pedido da artilharia para substituir seu armamento totalmente obsoleto, que, comparado ao de outros estados, era como uma faca diante de uma lança, por novas armas, que estariam para as dos outros como uma lança diante de uma faca; e isso fora adiado por tempo indeterminado. Não se poderia dizer que o General Stumm tivesse ímpetos suicidas por tal causa, mas grandes aborrecimentos podem se manifestar por detalhes incontáveis, aparentemente desconexos. E certamente se relacionava à falta de possibilidade de defesa a que a Kakânia estava condenada pelas birras internas o fato de Stumm refletir sobre o irredento e a redenção, tanto mais que em sua atividade semicivil junto a Diotima ouvia ultimamente até à náusea a palavra redenção.

Primeiro, achou que ela simplesmente fazia parte do grupo de “palavras rebuscadas” não bem explicadas linguisticamente, opinião que advinha da mentalidade militar que lhe era natural. Mas, apesar de essa mentalidade andar perturbada por Diotima — pois fora de sua boca que Stumm ouvira pela primeira vez a palavra “redenção”, e ficara encantado; e ainda hoje, apesar do pedido de armas da artilharia, essa palavra, vinda daquele lado, tinha um sublime encanto, a ponto de a primeira opinião do general já ser de fato a segunda de sua vida! —, a teoria do rebuscamento das palavras parecia não estar correta por outro motivo: bastava juntar aos indivíduos da família da palavra “redimir” uma pequena falta de seriedade, e eles brotavam da boca como brincadeira: “Puxa, você foi minha redenção!”, ou coisa assim. Quem já não teria dito isso, depois de dez minutos de espera impaciente, ou outro aborrecimento menor? Com isso, o general entendeu que não são as palavras em si que chocam o bom senso, mas a gravidade que elas conferem de maneira afetada a uma situação. E com efeito, quando Stumm indagava onde já ouvira falar em redenção além de em casa de Diotima e na política, lembrava-se de que fora nas igrejas e cafés, em revistas de arte e nos livros de Arnheim, que lera cheio de admiração. Compreendeu que não é um acontecimento natural, simples e humano, que se expressa com tais palavras, mas alguma complicação abstrata e geral; “redimir” e “ansiar pela redenção” é aparentemente algo que tão-somente um espírito pode fazer a outro.

O general balançava a cabeça, espantado diante das fascinantes visões que

sua missão oficial lhe concedia. Acendia o painel vermelho sobre a porta do gabinete, mostrando que se encontrava numa reunião importante, e enquanto seus oficiais, suspirando, davam meia volta diante da soleira com suas pastas de documentos, ele continuava a refletir. As pessoas cultas que agora encontrava em seu caminho não estavam satisfeitas. Reclamavam de tudo, só viam excessos ou insuficiências em toda parte, a seus olhos as coisas pareciam nunca ir bem. Aos poucos acabara enjoado delas. Pareciam aquelas pessoas infelizes e sensíveis que sempre se sentam onde há vento encanado. Reclamavam da exagerada cientificidade e da ignorância, da crueza e do excessivo refinamento, da agressividade e da indiferença: para onde voltassem os olhos, havia uma fenda aberta! Seus pensamentos jamais repousavam, prendiam-se àquele resquício eternamente errante de todas as coisas, que jamais fica em ordem. Por fim, convenciam-se de que o tempo em que viviam estava destinado à esterilidade espiritual, e só poderia ser redimido por um acontecimento ou uma pessoa muito especiais. Dessa forma, entre os então chamados intelectuais, surgiu a predileção pela palavra redenção. Estavam certos de que as coisas não prosseguiriam por muito tempo se não viesse logo um Messias. Segundo alguns, seria um Messias da Medicina, que redimiria a terapia das pesquisas eruditas em cujo curso as pessoas adoecem e morrem sem ajuda; ou um Messias da Literatura, capaz de escrever um drama que levasse milhões ao teatro, mas fosse de uma sublimidade espiritual a toda prova. E além dessa convicção de que toda e qualquer atividade humana só poderia voltar a encontrar-se através de um Messias especial, havia, é claro, aquele desejo simples e primitivo, verdadeiramente compacto, de um Messias de punho forte, que desse um jeito na situação geral. Eram tempos bastante messiânicos, aqueles antes da grande guerra, e não era raro ou estranho até nações inteiras desejarem ser redimidas.

Obviamente o general achava que isso não devia ser levado muito a sério, como tudo o que se dizia, aliás. “Se o Redentor voltasse hoje”, pensava, “haveriam de derrubar seu governo como a qualquer outro!” Sua experiência pessoal dizia que a causa era o excesso de livros e artigos. “Como é sensata a prescrição do exército”, pensava, “que proíbe ao oficial escrever livros sem permissão dos superiores”. Assustou-se um pouco com essa sensação tão viva de lealdade, há muito não experimentada. Sem

dúvida, andara refletindo demais! Era por causa de seus contatos com o espírito civil, o qual perdera as vantagens de uma sólida visão do mundo.

Chegando a essa conclusão, o general pôde analisar sob outro prisma toda aquela conversa sobre “redimir”. Sua mente vagou até as lembranças das aulas de religião e história, para entender sua nova posição; é difícil dizer o que pensava, mas se o extraíssemos dele e esticássemos bem, seria mais ou menos o seguinte: Para começar brevemente com a parte religiosa, havendo fé, podia-se atirar um bom cristão ou um judeu devoto do alto de qualquer andar da esperança ou do conforto, e ele sempre cairia, por assim dizer, sobre os pés de sua alma. E que todas as religiões, esclarecendo o sentido da vida, prevêm aquela parcela irracional e imprevisível que chamam “desígnio insondável de Deus”. Se o mortal levou a pior, basta lembrar-lhe essa parcela, e seu espírito pode esfregar as mãos, satisfeito. Esse “cair sobre os pés da alma” e “esfregar as mãos” é que se chama visão do mundo, e é isso que o homem contemporâneo desaprendeu. Ele precisa deixar de refletir tanto sobre sua vida, coisa que basta a muito gente, ou sofrerá a estranha divisão interior que consiste em ser obrigado a pensar sem que isso o leve à satisfação final. No curso dos tempos, tal contradição assumiu muitas vezes a forma de uma incredulidade total, outras vezes conduziu de volta a uma submissão absoluta à fé. Hoje, parece que sua forma mais frequente é a convicção de que sem espírito não há propriamente vida humana, e com excesso de espírito também não. Sobre essa convicção repousa inteiramente nossa cultura. Ela concede dinheiro para centros de estudo e pesquisa, mas não dinheiro demais, apenas quantias adequadamente pequenas em relação a seus gastos com diversão, automóveis e armas. Abre todos os caminhos para os competentes, mas toma todo o cuidado para que tenham também competência comercial. Depois de alguma resistência, ela aceita qualquer idéia, o que muito naturalmente acaba favorecendo também a idéia contrária. Tudo isso parece uma monstruosa fraqueza e negligência, mas trata-se também de um esforço consciente de mostrar ao espírito que espírito não é tudo, pois se uma única vez levássemos inteiramente a sério uma das idéias que movem nossa vida, não deixando espaço para a idéia oposta, nossa cultura já não seria nossa cultura!

O general tinha um punho pequeno, gordo e infantil: fechou-o e bateu-o

sobre a tampa da escrivaninha como se usasse uma luva de boxe, sentindo assim confirmada a necessidade de um punho forte. Como oficial, tinha a sua visão do mundo! O resquício irracional dentro dela chamava-se honra, obediência, comandante supremo, regulamento de serviço, parágrafo, e reunindo tudo isso, a convicção de que a guerra é apenas o prolongamento da paz com meios mais fortes, uma forma vigorosa de ordem sem a qual o mundo não mais subsistiria. O gesto de bater na tampa da mesa teria sido um pouco ridículo se o punho fosse apenas algo de atlético e não também algo de espiritual, uma espécie de indispensável complementação do espírito. Stumm von Bordwehr estava saturado das coisas paisanas. Vira que os serventes de biblioteca são as únicas pessoas que têm visão confiável da mentalidade civil. Descobriria o paradoxo do excesso de ordem, segundo o qual a perfeição fatalmente traria a inatividade. Tinha uma sensação esquisita, que explicava por que entre os militares existe a máxima ordem e ao mesmo tempo disposição para sacrificar a vida. Descobriria que, por alguma relação indizível, a ordem leva à necessidade de matar. E pensou, preocupado, que não devia continuar trabalhando naquele ritmo! “E afinal, o que é o espírito?”, indagou-se o general, rebelde. “Ele não anda passeando por aí à meia-noite de camisola branca; então, o que seria senão uma determinada ordem que damos a nossas impressões e experiências?! Mas por outro lado”, concluiu, decidido, com uma idéia que o encheu de felicidade, “se o espírito não é senão a vivência ordenada, ele não é absolutamente necessário num mundo ordeiro!”

Respirando aliviado, Stumm von Bordwehr desligou o sinal de reunião sobre a porta, parou diante do espelho e alisou os cabelos, para retirar antes da entrada de seus subalternos todas as marcas de suas emoções.

BONADÉIA E KAKÂNIA: SISTEMAS DE FELICIDADE E EQUILÍBRIO

Se havia alguém na Kakânia que de política nada entendia nem queria saber, era Bonadéia; mas entre ela e as nações irredentas havia uma relação: Bonadéia (não se confunda com Diotima; Bonadéia, a boa deusa, deusa da castidade, cujo templo se tornara palco de libertinagens por um golpe do destino, esposa de um presidente de tribunal ou coisa assim, e infeliz amante de um homem que não era digno dela nem a desejava o suficiente) possuía um sistema, e a política na Kakânia não tinha nenhum.

O sistema de Bonadéia até ali consistira numa vida dupla. Saciava sua ambição num meio familiar elevado, e no seu convívio social também tinha a satisfação de passar por dama culta e distinta; e certas seduções a que se expunha seu espírito eram atendidas com a desculpa de que ela era vítima de uma constituição superexcitável, ou que seu coração a levava a cometer loucuras, pois loucuras do coração são tão honradas quanto crimes político-românticos, mesmo que as circunstâncias que as acompanhem não sejam de todo irreprocháveis. O coração desempenhava em tudo isso o mesmo papel da honra, obediência, regulamentos de serviço e parágrafo HI na vida do general, ou do resquício irracional que em qualquer vida ordeira acaba pondo em ordem tudo o que a razão não consegue dominar.

Mas esse sistema trabalhava com um erro; dividia a vida de Bonadéia em dois estados entre os quais ela transitava com grandes perdas. Pois tanto quanto o coração podia ser ardente antes de um passo em falso, acabava desanimado depois dele, e sua dona era eternamente impelida de um lado para outro entre estados de total euforia e negro desespero, que raramente se equilibravam. Mesmo assim, era um sistema; isto é, não era um casual jogo de instintos — à moda de outros tempos em que se pretendeu entender a vida como um balanço automático de prazer e desprazer, com um certo saldo final de prazer —, pois incluía consideráveis providências espirituais

para falsificar esse balanço.

Cada qual tem seu método de modificar o balanço de suas impressões a seu próprio favor, propiciando de certa forma um mínimo diário de *prazer*, suficiente em tempos normais. O prazer da vida pode constar também de desprazer, essas diferenças de material não importam, pois sabidamente há melancólicos felizes como há marchas fúnebres pairando tão suaves em seu elemento quanto uma dança no seu. Provavelmente até se pode afirmar o contrário, ou seja, que muitas pessoas alegres não são mais felizes do que as tristes, pois a felicidade cansa tanto quanto a desgraça; é mais ou menos como voar segundo o princípio de ser mais leve ou mais pesado que o ar. Há, porém, outra objeção: não teria razão, então, a antiga sabedoria dos ricos, segundo a qual nenhum pobre os deve invejar, pois é fantasia pensar que o dinheiro deles tomaria o pobre mais feliz? Apenas o haveria de onerar com a tarefa de formar, em vez do seu próprio sistema de vida, um outro, cujas contas de prazer fechariam com o pequeno excedente em felicidade, que de qualquer maneira sempre existe. Teoricamente, isso significa que a família sem teto, se não morreu congelada durante uma gélida noite de inverno, se sente tão feliz com os primeiros raios de sol da manhã, quanto o rico que tem de sair da cama quente. E na prática, isso significa que cada pessoa carrega com a paciência de um asno o que lhe é colocado sobre o lombo, pois um burro um pouquinho mais forte que sua carga é feliz. Com efeito, essa é a mais confiável definição da felicidade pessoal que se pode fazer, enquanto se considerar apenas um asno. Na verdade, porém, a felicidade pessoal (ou equilíbrio, satisfação, ou seja qual for a denominação que dermos ao mais íntimo objetivo automático das pessoas) só se encerra em si mesma como uma pedra numa parede ou uma gota num rio através do qual passam as forças e tensões do todo. O que a própria pessoa faz ou sente é insignificante comparado com tudo o que tem de pressupor que outros fazem ou sentem certinho por ela. Ninguém vive apenas seu próprio equilíbrio, cada qual se apoia sobre o equilíbrio das camadas que o rodeiam, e assim, na pequena fábrica de prazer de cada pessoa, intervêm um complicadíssimo crédito moral, do qual ainda falaremos, pois participa tanto do balanço espiritual do todo como do do indivíduo.

Os esforços de Bonadéia para reconquistar o amante não tendo dado certo, fazendo- a crer que o espírito e a energia de Diotima lhe haviam roubado

Ulrich, ela ficara desmedidamente enciumada dessa mulher. Mas, como facilmente acontece com pessoas fracas, encontrara na admiração por ela certa explicação e indenização que em parte a compensavam da perda. Estava nesse estado já havia bastante tempo, e conseguira ser recebida por Diotima aqui e ali, sob pretexto de modestas colaborações para a Ação Paralela, sem contudo ser incluída no convívio da casa; e imaginou que deveria haver uma correspondente combinação entre Diotima e Ulrich. Assim, sofria com a crueldade dos dois, e como também os amasse, teve a ilusão de haver uma incomparável pureza e altruísmo nesse sentimento.

De manhã, quando o marido saía de casa, coisa que esperava com impaciência, ela frequentemente se sentava diante do espelho como um pássaro que ajeita sua plumagem. Então, amarrava, enrolava e prendia o cabelo até ele assumir uma forma semelhante ao coque grego de Diotima. Escovava cachinhos sobre a testa, e embora tudo isso fosse um pouco ridículo, não o percebia, pois do espelho lhe sorria um semblante que de longe lembrava o da divina. A segurança e beleza de um ser que ela admirava, e sua felicidade, emergiam nela em pequenas ondas brandas e cálidas, numa união misteriosa, embora ainda não profunda, como quando nos sentamos à beira de um grande mar e colocamos os pés na água. Esse comportamento, parecido com veneração religiosa — pois desde as máscaras de deuses nas quais o ser humano entra de corpo inteiro em povos primitivos até os rituais da civilização, essa felicidade que arrebatava a carne, que é a imitação do crente, jamais esgotou totalmente seu significado! —, dominava além disso Bonadéia, porque ela tinha obsessão por roupas e formalidades. Olhando-se no espelho com um vestido novo, ela jamais teria podido imaginar um tempo em que se usaria saiotte curto e cabelo de rapaz em lugar de mangas bufantes, cachinhos na testa e longas saias rodadas. Nem mesmo teria negado essa possibilidade, pois seu cérebro não teria sido capaz de assimilar uma idéia dessas. Sempre se vestira como devia se vestir uma mulher distinta, e a cada meio ano a nova moda lhe insuflava o mesmo respeito que a eternidade. Se conseguíssemos extrair, de sua capacidade mental, a admissão de que tais coisas são transitórias, nem isso teria reduzido seu respeito por elas. Assimilava a pura pressão do mundo, e os tempos em que se dobravam os caminhos dos cartões de visita ou mandavam votos de Feliz Ano Novo à casa dos amigos, ou se tiravam as luvas no baile estavam, na mente dela, tão distantes dos tempos em que não

se fazia isso, como para qualquer outro contemporâneo estava distante o que há cem anos se passara, isto é, no domínio do inconcebível, impossível e superado. Por isso era tão cômico ver Bonadéia sem roupas; ficava despida de toda aquela proteção ideal, a presa nua de uma pressão implacável que, desumana como um terremoto, a esmagava.

Agora, porém, sua vida já não sucumbia às periódicas vicissitudes do confuso mundo material: desde que aplicava aqueles misteriosos cuidados à sua aparência, Bonadéia vivia (o que não acontecia desde seus vinte anos) como viúva a parcela ilegítima de sua existência. É com certeza sabido por todos que mulheres que cuidam demais de sua aparência são relativamente virtuosas, pois o meio afasta o fim, assim como grandes esportistas muitas vezes são maus amantes, oficiais com aparência excessivamente marcial são maus soldados, e cabeças masculinas particularmente espiritualizadas podem ser até imbecis. Mas no caso de Bonadéia não se tratava apenas dessa questão de distribuição de energia; ela se entregara com surpreendente e enorme produtividade àquela nova vida. Retocava as sobrancelhas com cuidados de pintor, vitrificava um pouco testa e faces, de modo que superando o naturalismo, adquirissem aquela leve intensificação e irrealidade do estilo sacro; o corpo era sacudido para dentro de espartilhos macios, e os grandes seios, que sempre a tinham inibido e constrangido um pouco por serem femininos demais, de repente lhe despertavam amor fraternal. Seu marido ficava bastante espantado quando lhe fazia cócegas na nuca e ela respondia: “Não estrague meu penteado!”; ou quando perguntava: “Não quer me dar a mão?”, e ela dizia: “Não posso, estou com meu vestido novo!”

Mas a força do pecado se libertara das dobradiças em que o corpo a prende, esvoaçava como uma estrela primaveril no transfigurado novo mundo de Bonadéia, que se sentia libertada de sua “superexcitação” como se uma crosta tivesse caído. Pela primeira vez desde que estavam casados, seu marido se indagava, desconfiado, se não haveria um terceiro perturbando sua paz familiar.

Contudo, fora apenas um sintoma vindo dos sistemas de vida. Vestidos retirados do fluido do presente e contemplados em sua monstruosa existência sobre um corpo humano como forma em si são estranhos canos e excrescências, comparáveis ao costume de usar um aro no nariz e outro

passado pelos lábios; mas como são encantadores quando os aliamos às qualidades que conferem aos seus donos! É como quando o sentido de uma palavra grandiosa se insere nos arabescos de tinta sobre um pedaço de papel. Imagine-se que a bondade invisível e a distinção de uma pessoa surgissem de repente como um halo de santidade dourado e redondo atrás de sua nuca como nos velhos quadros devotos, embora essa pessoa ande simplesmente pela calçada ou coloque sanduíches no prato na hora do chá: sem dúvida seria uma experiência das mais estranhas e chocantes; e essa força de tornar visível o invisível, ou até o inexistente, é provada diariamente por uma peça de roupa bem-feita!

Esses objetos parecem devedores que devolvem com fantásticos juro o dinheiro que lhes emprestamos, e em verdade nada há senão dívidas. Pois também convicções, preconceitos, teorias, esperanças, a crença em alguma coisa, pensamentos, até mesmo ausência de pensamentos — desde que por força própria imbuída de sua própria exatidão —, possuem a mesma qualidade das peças de roupa. Na medida em que nos emprestam a capacidade que lhes solicitamos, servem ao objetivo de colocar o mundo numa luz que emana de nós, e essa é no fundo a razão que leva cada um de nós a ter seu sistema particular. Com grande e variada arte produzimos um ofuscamento, e com sua ajuda podemos viver ao lado das coisas mais monstruosas e continuar inteiramente calmos, porque reconhecemos essas caretas congeladas do universo como sendo uma mesa, ou uma cadeira, um grito ou um braço estendido, uma velocidade ou um frango assado. Entre um abismo de céu sobre a cabeça e um abismo de céu maldisfarçado sob os pés, somos capazes de nos sentir tão absolutamente tranquilos na terra como num quarto fechado. Sabemos que a vida se perde igualmente nas desumanas vastidões do espaço e na desumana estreiteza dos átomos, mas, no meio disso, tratamos uma camada de formações como as coisas do mundo, sem nos deixarmos minimamente incomodar pelo fato de que não passam de uma preferência por impressões que captamos de uma certa distância média. Essa atitude está muito aquém de nosso entendimento, mas exatamente isso prova a força com que nossa emoção interfere. E com efeito, os mais importantes dispositivos intelectuais da humanidade servem à manutenção de um estado de espírito estável, e todas as emoções, todas as paixões do mundo, nada são diante do esforço gigantesco mas totalmente

inconsciente despendido pela humanidade para manter sua soberba serenidade. Aparentemente, nem vale a pena falar disso, tão impecável é seu funcionamento. Mas, olhando melhor, é um estado de consciência altamente artificial, que permite ao homem andar ereto entre o giro dos astros, e enfiar dignamente a mão entre o segundo e terceiro botões do casaco, em meio a esse desconhecimento praticamente infinito do mundo. E para conseguir isso, cada ser humano, tanto o idiota quanto o sábio, não utiliza apenas seus artifícios: esses sistemas pessoais de artifícios encontram-se também engenhosamente embutidos nas disposições de equilíbrio moral e intelectual da sociedade e do todo, que servem em escala maior ao mesmo fim. Esse entrelaçamento assemelha-se ao da grande Natureza na qual todos os campos de força do cosmo influenciam o da Terra sem que se o perceba, pois o resultado são exatamente os acontecimentos terrenos; o alívio espiritual assim obtido é tão grande que tanto os mais sábios quanto as meninhas ignorantes se sentem muito inteligentes e bondosos nessa condição de imperturbabilidade.

Mas de tempos em tempos, depois desses estados de satisfação que em certo sentido podemos chamar de estados obsessivos da emoção e da vontade, parece que somos dominados pelo seu contrário; para o expressarmos também com conceitos de hospício, subitamente começa na Terra uma intensa fuga de idéias, depois da qual toda a vida humana vê-se transferida para novos eixos e centros. A causa profunda de todas as grandes revoluções não está no progressivo acúmulo de condições insuportáveis, mas no desgaste da coesão que apoiava o contentamento artificial das almas. A isso poder-se-ia aplicar muito bem o dito de um famoso escolástico antigo, o latino *Credo, ut intelligam*, que numa tradução livre e contemporânea significa mais ou menos: “Senhor meu Deus, concede ao meu espírito capital de giro!” Pois provavelmente todo o credo humano é apenas um caso especial de crédito. No amor como nos negócios, na ciência como no salto em distância é preciso crer, antes de lucrar e alcançar — e por que isso não valeria para a vida como um todo? Por mais fundamentada que seja sua ordem, uma parte de voluntária crença nessa ordem sempre subjaz a ela e, sim, designa, como numa planta, o local onde se deu a germinação; se essa crença, para a qual não existe prestação de contas nem fundos, se consumir, a ruína seguirá breve; épocas e reinados desmoronam como negócios quando perderam o crédito. E com isso essas considerações

de princípio sobre o equilíbrio espiritual teriam chegado, do belo exemplo de Bonadéia, ao triste exemplo da Kakânia. Pois a Kakânia foi o primeiro país, na fase atual da evolução, a quem Deus retirou o crédito, o prazer de viver, a crença em si mesmo e a capacidade de todos os estados civilizados de divulgarem a útil ilusão de que têm uma tarefa a cumprir. Era um país inteligente e abrigava pessoas cultas; como todas as pessoas cultas em todas as partes do mundo, elas corriam com humor instável de um lado para outro, em meio a uma incrível agitação de rumores, velocidade, inovação, disputa e tudo o mais que faz parte da paisagem ótico- acústica de nossa vida. Como todas as outras pessoas, liam e ouviam diariamente algumas dúzias de notícias que as deixavam de cabelos em pé, e estavam dispostas a se irritar com elas, até a interferir, mas não chegavam a fazê-lo, porque alguns minutos depois aquela excitação fora substituída por outras mais recentes. Como todas as demais, essas pessoas se sentiam envolvidas por assassinatos, homicídios, paixões, sacrifícios e grandeza, que ocorriam dentro do novelo que se formara ao seu redor, mas não chegavam a participar dessas aventuras, porque estavam prisioneiras de algum escritório ou qualquer profissão; e quando se viam livres, à noite, aquela tensão com a qual não sabiam o que fazer explodia em diversões que não as divertiam nada. E acontecia uma outra coisa, especialmente com as pessoas cultas, quando não se dedicavam exclusivamente ao amor a exemplo de Bonadéia: não tinham mais o dom do crédito, nem do logro. Não sabiam mais para onde iam seus sorrisos, seus suspiros, seus pensamentos. Para que haviam pensado, sorrido? Seus pontos de vista eram acasos, suas inclinações não eram novas, de alguma forma tudo pairava no ar, como um esquema no qual tivessem entrado, e não conseguiam fazer ou deixar de fazer coisa alguma de todo o coração, porque não havia uma lei de sua unidade. Assim, a pessoa culta era aquela que sentia que alguma dívida sua crescia cada vez mais, e não a poderia pagar; era quem via a falência chegando e queixava-se dos tempos nos quais fora condenada a viver, embora gostasse de viver neles como os outros; ou precipitava-se, com a coragem de quem nada tinha a perder, sobre cada idéia que lhe promettesse mudança.

Era certamente assim no mundo todo, mas quando Deus retirou o crédito da Kakânia, fez uma coisa especial: deu a entender as dificuldades da cultura a povos inteiros. Esses povos tinham estado presos ao solo como bactérias sem se preocupar com a exata abóbada celeste ou coisas semelhantes; mas

de repente, sentiam-se apertados. Habitualmente, o ser humano não sabe que tem de acreditar que é mais do que é, para poder ser aquilo que é; mas de alguma forma, ele precisa sentir isso, lá no alto e ao redor de si, e por vezes, de repente, também pode sentir falta disso. Então falta-lhe algo imaginário. Não acontecera absolutamente nada na Kakânia, e antigamente se teria pensado que eram apenas coisas da velha e discreta cultura kakaniana; mas agora, aquele nada era tão inquietante quanto a insônia ou a incompreensão. Por isso, era fácil aos intelectuais, depois de se terem convencido de que numa cultura nacional tudo seria diferente, convencerem os povos kakanianos da mesma coisa. Era uma espécie de religião-substituta, ou sucedâneo do bom imperador de Viena, ou simplesmente uma explicação do fato incompreensível de que a semana tem sete dias. Pois há muitas coisas inexplicáveis, mas quando cantamos nosso hino nacional não as sentimos. Naturalmente teria sido o momento de um bom kakaniano, indagado sobre quem ele era, responder com entusiasmo: “Nada!” Pois isso significa Alguma Coisa, que novamente pode transformar um kakaniano em qualquer coisa que ainda não existiu! Mas os kakanianos não eram gente tão desafiadora, e satisfaziam-se com a metade, enquanto cada Nação só se esforçava por fazer com a outra o que lhe parecia ser o melhor. Naturalmente é difícil imaginar dores que nunca sentimos. E através de dois mil anos de educação altruísta nos tornamos tão altruístas que mesmo quando eu ou você estamos indo mal, sempre somos a favor dos outros. Mesmo assim, não imaginemos nada de muito excepcional com esse famoso nacionalismo kakaniano. Era um fato antes histórico do que real. As pessoas de lá gostavam bastante umas das outras; quebravam a cara umas das outras, cuspiam umas nas outras, mas faziam isso apenas por considerações de uma cultura superior, assim como um homem que a sós não consegue matar uma mosca, sob a imagem do Crucificado numa sala de tribunal sentencia uma pessoa à morte. E pode-se dizer sem susto: cada vez que seus eus mais nobres faziam uma pausa, os kakanianos respiravam aliviados e, como bons instrumentos de comer, coisa para a qual tinham sido criados como todo o resto do mundo, ficavam muito espantados vendo-se de repente como instrumentos da história.

Moosbrugger ainda estava na prisão aguardando novo exame pelos psiquiatras. O resultado era uma massa compacta de dias. Quando chegava, cada dia isolado era palpável, mas à noitinha já voltara a mergulhar naquela massa. Moosbrugger encontrava prisioneiros, vigias, corredores, pátios, um pedacinho de céu azul e algumas nuvens que o cruzavam, via comida, água e, aqui e ali, algum dos superiores que vinha saber dele, mas essas impressões eram débeis demais para durar. Ele não tinha relógio nem sol, trabalho nem tempo. Estava sempre faminto. Estava sempre cansado de vagar pelos seus seis metros quadrados, o que cansa mais do que vagar por milhas a fio. Entediava-se com tudo o que fazia, como se tivesse de mexer com um pedaço de papelão o conteúdo de uma panela. Mas quando refletia sobre tudo isso e sentia que dia e noite, comida e outra vez comida, visita e controle formavam uma interminável e rápida ladainha acabava por se distrair. Seu relógio vital estava confuso; podia-se adiantá-lo ou atrasá-lo. Moosbrugger gostava disso: combinava com ele. Coisas remotas ou recentes já não estavam artificialmente apartadas: tudo era a mesma coisa, e o que se chama de “tempos diversos” não mais se prendia a elas como um fio vermelho que se precisa atar ao pescoço de um gêmeo recém-nascido para evitar confusão. O não-essencial desaparecera de sua vida. Quando refletia sobre essa vida, falava consigo mesmo bem devagar, e dava a cada sílaba átona a mesma ênfase que à tônica; era uma canção da vida bem diferente daquela que se escuta todo o dia. Muitas vezes parava longo tempo diante de uma palavra; por fim a deixava, e sem saber bem como, deparava novamente com ela em outro lugar, depois de algum tempo. Ria de prazer porque ninguém sabia as coisas que estava encontrando. É difícil achar uma expressão para essa unidade do ser que ele atingia em certas horas. Pode-se imaginar facilmente que a vida de uma pessoa flui como um regato; mas o movimento que Moosbrugger percebia na sua vida fluía como

um regato através de um grande lago de água parada. Avançando, ela também se misturava com as coisas que ficavam atrás, e o curso próprio da vida quase desaparecia aí dentro. Ele próprio teve certa vez num devaneio a sensação de que usara o Moosbrugger da vida como um casaco mal cortado sobre o corpo, e desse casaco, quando por vezes o abria um pouquinho, transbordava o mais estranho dos forros, em ondulações de seda grandes como florestas.

Não queria mais saber o que acontecia lá fora. Havia guerra em algum lugar. Em algum lugar celebrava-se um grande casamento. O rei do Beluquistão chega agora..., pensou. Por toda parte, os soldados faziam exercícios, as prostitutas vagavam, os carpinteiros estavam parados sob as armações dos telhados. Nas tavernas de Stuttgart a cerveja transbordava das mesmas torneiras amarelas e recurvadas que em Belgrado. Quando se anda por aí, policiais nos pedem os documentos. Por toda parte colocam mais um carimbo neles. Por toda parte há percevejos ou não há. Há trabalho ou não. As mulheres são todas iguais. Os médicos nos hospitais são todos iguais. Quando voltamos do trabalho à noite, as pessoas estão nas ruas e não fazem nada. Sempre e por toda parte a mesma coisa; as pessoas não têm idéias novas. Quando o primeiro aeroplano passou pelo céu azul sobre a cabeça de Moosbrugger, foi bonito; mas depois veio um avião atrás do outro, e um era igual ao outro. Era outro tipo de mesmice que a do milagre dos seus pensamentos. Moosbrugger não compreendia de onde ela vinha, sempre a mesma pedra em seu caminho! Balançou a cabeça. “O diabo que carregue este mundo!”, pensou. Ou o carrasco que o levasse a ele, não se perdia grande coisa...

Apesar disso, às vezes ia até a porta, como por distração, e tateava o local onde, do lado de fora, ficava a tranca. Então um olho espiava pelo buraco da vigia, do lado do corredor, e uma voz zangada ralhava com ele. Diante dessas ofensas, Moosbrugger recuava depressa para o interior da cela, e então acontecia sentir-se aprisionado e roubado. Quatro paredes e uma porta de ferro não são nada de especial quando a gente entra e sai. Também não há nada de especial numa grade diante de uma janela estranha, e nada há de errado se um catre ou uma mesa de madeira estão sempre em seu lugar. Mas no momento em que não podemos mais lidar com essas coisas como desejamos, acontece algo de totalmente absurdo. Esses objetos feitos pelo

homem, servos, escravos que nem sabemos que cara têm, tornam-se insolentes. Nos mandam parar. Quando Moosbrugger notou que os objetos começavam a lhe dar ordens, teve muita vontade de despedaçá-los e grande dificuldade em convencer-se de que uma luta com essas coisas que serviam à Justiça não seria digna dele. Mas o tremor de suas mãos era tão forte que teve medo de ficar doente.

Tinham escolhido seis metros quadrados do vasto mundo, e neles Moosbrugger andava de um lado para outro. O pensamento das pessoas saudáveis, não aprisionadas, parecia-se muito com o dele. Embora há pouco ainda estivessem muito ocupadas com ele, haviam-no esquecido bem depressa. Fora levado àquele lugar como um prego é enfiado na parede; depois de colocado, ninguém mais o percebe. Chegara a vez de outros Moosbruggers; não eram ele, nem ao menos eram os mesmos, mas cumpriam o mesmo papel. Um crime sexual, uma história sombria, um assassinato terrível, ação de um louco, ato de um semi-irresponsável, diante do qual na verdade qualquer pessoa deveria se precaver, uma intervenção tranquilizadora da polícia criminal e da justiça...: essas idéias gerais, lembranças possíveis e pobres de conteúdo, prendem o acontecimento vazio em qualquer lugar de sua grande rede. Esquecia-se o nome Moosbrugger, esqueciam-se os detalhes. Ele se tornara um “esquisito, uma lebre ou uma raposa”, e a diferença exata não tinha mais importância; a consciência da opinião pública não guardava nenhuma idéia determinada sobre ele, apenas os amplos campos foscos das idéias gerais que se fundiam, claridade cinza num binóculo para longa distância. Essa debilidade das conexões, a crueldade de um pensamento que opera com os conceitos que lhe agradam, sem se importar com o peso da dor e da vida que dificulta qualquer decisão: era isso que a alma geral tinha em comum com a dele; mas o que em sua mente de louco era sonho, lenda, aquele ponto falho ou confuso no espelho de sua consciência que já não devolvia a imagem do mundo mas deixava passar a luz, isso faltava a ela, ou quando muito aparecia, aqui e ali, em algum indivíduo em sua difusa excitação.

Quanto a Moosbrugger, a esse exato Moosbrugger e nenhum outro, que provisoriamente tinham prendido em determinados seis metros quadrados do mundo, quanto à sua alimentação, vigilância, seu tratamento oficial, sua transferência para a penitenciária ou para a morte, a competência cabia a

um grupo bem pequeno de pessoas que se portava de modo bem diverso. Aqui, olhos espiavam desconfiados, no exercício de sua função, vozes censuravam a mínima falta. Nunca entravam menos de dois guardas em sua cela. Punham-lhe algemas quando o levavam pelos corredores. Agiam sob a influência do medo e da cautela, que continuavam ligados a Moosbrugger naquele pequeno território, contradizendo um tanto estranhamente o tratamento que ele de modo geral recebia. Ele se queixava muitas vezes dessa cautela. Mas então o vigia, o diretor, o médico, o padre, seja quem for que ouvisse seu protesto, fazia uma cara inatingível e respondia que seu tratamento correspondia às normas. A norma era o sucedâneo para o perdido interesse do mundo, e Moosbrugger pensava: “Você tem uma longa corda no pescoço e não consegue ver quem a está puxando.” Ela estava, por assim dizer, amarrada em uma esquina no mundo exterior. Pessoas que em sua maioria não pensavam nele, nem sabiam dele, ou para quem ele, quando muito, significava o mesmo que uma galinha comum na rua comum de alguma aldeia significa para um professor de zoologia, agiam em conjunto para propiciar-lhe o destino que ele sentia estar repuxando de forma incorpórea sua existência. Uma secretária escrevia um adendo a seu processo, que um arquivista tratava segundo engenhosas regras de memória. Um conselheiro ministerial preparava a mais recente instrução para a execução da pena. Alguns psiquiatras mantinham uma discussão especializada sobre o limite da tendência meramente psicopática de certos casos de epilepsia e sua mistura com outras síndromes. Juristas escreviam sobre a relação entre razões atenuantes e razões agravantes. Um bispo falava contra o generalizado afrouxamento dos costumes, e um guarda florestal queixava-se ao honrado esposo de Bonadéia a respeito da proliferação de raposas, o que reforçou no alto funcionário a opinião de que o direito devia ser inflexível.

Todos esses acontecimentos impessoais se conjugam formando o acontecimento pessoal, de modo por enquanto indescritível. E se despíssemos o caso Moosbrugger de todo o detalhe romântico individual que só interessava a ele e às pessoas que matara, nada restava dele além de um equivalente ao índice de obras citadas que o pai de Ulrich acrescentara a uma das mais recentes cartas ao filho, qual seja: ÀH. - AMP. - AAC. - AKA. - AP. - ASZ. - BKL. - BGK. - BUD. - CN. - DTJ. - DJZ. - FBgM. - GA. -

GS. - JKV. - KBSA. - MMW. - NG. - PNW. - R. - VSgM. - WMW. - ZGS. - ZMB. - ZP. - ZSS: Ad-dickes apud — Aschaffenburg apud — Beling apud etc. etc. — ou, traduzido em palavras: Annales d'Hygiene Publique et de Medicine legale, ed. por Brouardel, Paris; Annales Médico-Psychologiques ed. por Ritti... etc. etc, em abreviações brevíssimas numa página cheia. A verdade não é um cristal que se possa meter no bolso, mas um líquido infinito no qual caímos. Pensemos nas centenas ou dúzias de páginas impressas ligadas a cada uma dessas abreviações, em cada página um homem que as escreve com dez dedos, em cada dedo dez discípulos e dez adversários, em cada discípulo e adversário dez dedos, em cada dedo a décima parte de uma idéia pessoal, e obteremos uma pequena imagem dele. Sem ele mesmo o conhecido pardal não cairá do telhado. Sol, vento, alimento levaram o pardal até ali, doença, fome, frio ou um gato o mataram; mas tudo isso não teria podido acontecer sem leis biológicas, psicológicas, meteorológicas, físicas, químicas, sociais etc., e é tranquilizador apenas procurarmos essas leis em vez de as produzirmos nós próprios, como na moral e na jurisprudência. De resto, no que concerne pessoalmente a Moosbrugger, como sabemos, ele tinha grande respeito pelo conhecimento humano, do qual infelizmente possuía tão diminuta parcela; mas jamais teria entendido inteiramente sua situação ainda que a tivesse conhecido. Apenas a pressentia obscuramente. Seu estado lhe parecia vacilante. Seu poderoso corpo não estava de todo fechado. O céu por vezes espiava para dentro do seu crânio. Assim como antes acontecera muitas vezes nas suas andanças. E embora atualmente se tornasse bem desagradável, jamais o abandonava certa transcendência que lhe advinha do mundo inteiro através das paredes do cárcere. Assim, ele vivia como a louca possibilidade trancafiada de uma ação temida, como uma ilha de coral desabitada no meio de um infinito mar de teses, que invisivelmente o rodeava.

Muitas vezes a vida de um criminoso é bem fácil, se comparada com os trabalhosos pensamentos que ele impõe aos eruditos. O inculpado simplesmente aproveita o fato de que na natureza as transições de saúde para enfermidade são imponderáveis; num caso desses, o jurista tem de reiterar que “os motivos que levam a afirmar ou negar a determinação livre e própria ou o conhecimento do caráter criminoso da ação se entrecruzam e anulam reciprocamente de tal modo que, segundo todas as regras de raciocínio, emerge apenas um julgamento muito problemático”. Pois o jurista, por razões lógicas, sabe que “em relação ao mesmo ato nunca se pode admitir a mistura de dois estados”, e não permite que “o princípio da liberdade moral em relação aos estados de alma fisicamente condicionados se dilua na nebulosa indefinição do pensamento empírico”. Ele não retira seus conceitos da natureza, mas trespassa a natureza com a chama de seu pensamento e a espada da lei moral. Por isso, desencadeara-se uma disputa na comissão, à qual o pai de Ulrich pertencia, convocada pelo Ministério da Justiça para reformar o código penal; e foram precisos bastante tempo e algumas exortações incitando-o a cumprir o dever filial, para que se inteirasse finalmente da argumentação paterna com toda a documentação anexa.

Seu “pai que muito o estima” — pois ele assinava assim até as mais amargas cartas — afirmara e exigira que uma pessoa parcialmente enferma só fosse absolvida se se pudesse provar que entre suas alucinações ocorreram algumas que — não sendo alucinações — justificariam a ação ou anulariam sua punibilidade. O Professor

Schwung, ao contrário — talvez por ser há quarenta anos amigo e colega do ancião, o que afinal um dia tem de acabar em alguma briga mais violenta — afirmava e exigia que um indivíduo desses, no qual estados de responsabilidade e irresponsabilidade se seguem em rápida sequência, já que juridicamente não podem coexistir, só deve ser absolvido se se puder provar que no momento da volição o culpado fora incapaz de controlar a vontade. Fora esse o ponto de partida da controvérsia. Para um leigo, é fácil

compreender que quer se trate de não deixar escapar nenhum segundo de vontade sadia no momento do crime, quer se trate de não esquecer qualquer idéia que talvez pudesse fundamentar sua culpabilidade, as dificuldades do criminoso não serão menores. Mas a tarefa da jurisprudência não é facilitar as coisas para o pensamento e a ação moral! E como os dois eruditos estivessem igualmente persuadidos da dignidade do Direito e nenhum deles conseguisse conquistar a maioria da comissão, ambos se acusaram de erro, e então, em rápida sequência, de ilogicidade, deliberado mal-entendido e falta de idealismo. Primeiramente fizeram isso no seio da indecisa comissão; mas depois, quando as reuniões começaram a ficar paralisadas, tendo de ser adiadas e por fim deixando de se realizar por longos períodos, o pai de Ulrich escreveu duas brochuras: *§ 318 do Código Penal e o verdadeiro espírito do Direito*, e *§ 318 do Código Penal e as fontes turvas da Jurisprudência*; o Professor Schwung as criticou na revista *O Erudito Mundo Jurídico*, que Ulrich também encontrou entre os anexos.

Nesses debates escritos apareciam muitos E e OU, pois era preciso “esclarecer” se se podia ou não ligar as duas posições por um E, ou se era preciso separá-las por um OU. E quando, depois de um longo intervalo, a comissão voltou a se reunir, já estava dividida em um partido do E e um partido do OU. Além disso, havia ainda outro partido, que defendia a simples sugestão de que a medida de atribuição de culpa e responsabilidade pode subir ou baixar com o tamanho da força psíquica necessária para manter o autocontrole num dado estado de enfermidade. Esse partido era contestado por um quarto, que insistia em que antes de tudo era preciso decidir plenamente se um criminoso era ou não responsável de um modo geral, pois a redução da responsabilidade pressupunha conceitualmente a existência anterior de responsabilidade, e se o criminoso era responsável por uma parte, deveria ser punido totalmente, porque de outro modo não se poderia conceber juridicamente aquela parte. Contra esse partido surgiu um outro, que admitia esse princípio, mas objetando que ele não incluía a Natureza, que produzia indivíduos semiloucos; por isso, só se podia aplicar o benefício da lei a tais indivíduos evitando uma redução da culpa, mas, consideradas as circunstâncias, abrandando a pena.

Assim formaram-se ainda um partido pró-responsabilidade e outro pró-atribuição, e só quando esses se haviam dividido o bastante, apareceram pontos de vista sobre cuja aplicação ainda não tinha havido nenhuma

discussão. Naturalmente, nenhum especialista hoje em dia faz depender suas disputas das disputas da teologia e filosofia; mas como perspectivas, isto é, vazias como o espaço e, como ele, empurrando as coisas umas para as outras, essas duas rivais em busca da sabedoria última se intrometem em todas as óticas especializadas. Foi assim que a questão cautelosamente evitada, qual seja a de poder-se considerar todas as pessoas moralmente livres, em suma, a velha questão do livre-arbítrio, se tornou centro convergente de todas as discussões, embora por elas não fosse tocada. Pois se o homem for moralmente livre, é preciso exercer sobre ele, através do castigo, alguma pressão prática na qual teoricamente não se acredita; porém, se não o considerarmos livre, mas o tomarmos como *rendez-vous* de processos naturais imutavelmente interligados, poderemos provocar nele, através da pena, uma eficaz tendência ao sofrimento, mas não lhe devemos imputar moralmente o que faz. Por causa dessa questão apareceu mais um partido, sugerindo que se devia dividir o autor em duas partes: uma zoológico-psicológica, que não interessava ao juiz, e uma jurídica, que era apenas uma invenção, mas juridicamente livre. Felizmente tudo isso se limitou à teoria.

É difícil em poucas palavras se fazer justiça à justiça. A comissão constava de mais ou menos vinte eruditos que podiam assumir uns em relação aos outros alguns milhares de pontos de vista, como é fácil calcular. As leis que deviam ser reformadas existiam desde 1852, tratava-se, portanto, de coisa muito antiga, que não se podia substituir levemente por outra. Aliás, a organização estática do Direito não pode seguir todos os saltos de pensamento da moda intelectual de cada época — como comentou acertadamente um dos participantes. Entendemos melhor o quanto era preciso ser escrupuloso, observando que, segundo resultados estatísticos, mais ou menos setenta por cento de todas as pessoas que cometem crimes em nosso prejuízo têm certeza de que vão escapar das nossas instituições jurídicas; é evidente que tanto mais devemos refletir sobre aquela quarta parte que acaba sendo apanhada! Naturalmente tudo isso pode desde então ter sido melhorado um pouco, e seria falso crer que a verdadeira intenção desse relato é zombar das flores de gelo que a razão faz brotar em profusão na mente dos peritos em Direito, coisa que já serviu para divertir muita gente com inteligência liquefeita; pelo contrário, eram severidade viril,

altivez, saúde moral, respeitabilidade e conservadorismo, qualidades do caráter, portanto, e em grande parte virtudes que, como se diz, esperamos jamais perder, o que impedia os eruditos participantes de usar despreconceituosamente as forças de sua inteligência. Tratavam a criancinha humana como velhos mestres-escola tratariam um dos meninos confiados à sua tutela, que só precisa prestar atenção e ter boa-vontade para ser aprovado, e a razão disso era simplesmente o sentimento político da geração precedente, anterior às convulsões de 1848. Era verdade que os conhecimentos psicológicos desses juristas estavam assim cerca de cinquenta anos atrasados, mas isso acontece facilmente onde se tiver de elaborar uma peça de nosso próprio campo de conhecimento com a ferramenta do vizinho, e em circunstâncias favoráveis é fácil de corrigir; mas o que permanece constantemente atrás de seu tempo é o coração dos homens, especialmente dos escrupulosos. A razão nunca é tão seca, dura e intrincada como quando sofre de alguma pequena e antiga falha do coração!

Esta levou por fim a uma explosão apaixonada. Quando as lutas tinham enfraquecido suficientemente todos os membros e estorvado o bom andamento dos trabalhos, multiplicaram-se as vozes sugerindo um acordo que deveria parecer mais ou menos, como todas as fórmulas que se usam para reduzir a uma bela frase um antagonismo irreduzível. Havia uma tendência a concordarem naquela conhecida definição segundo a qual se considera ponderável o criminoso que, por suas qualidades morais e intelectuais, seria capaz de cometer um crime: isto é, nunca sem essas qualidades, o que é uma definição extraordinária, com a vantagem de que dá muito trabalho aos criminosos, e permitiria unir o direito a um uniforme de prisão com o título de doutor. Mas, diante da ameaça de clemência geral no Ano Jubilar e de uma definição redonda como um ovo, que ele julgava uma granada atirada em sua direção, o pai de Ulrich fez o que chamava de sua chocante virada para a escola social. O conceito social nos diz que o “degenerado” criminoso não pode ser julgado do ponto de vista moral, mas apenas segundo o perigo que representa para a sociedade humana. Segue daí que precisa ser tanto mais responsável quanto mais perigoso for; e segue ainda, por forçosos caminhos lógicos, que os criminosos aparentemente mais inocentes, isto é, mentalmente enfermos, que devido à sua natureza são menos atingidos pela influência regeneradora da pena, precisam ser

ameaçados com as penas mais duras, de qualquer modo piores do que as aplicadas aos sádios, para que a força da intimidação seja igualmente grande. Devíamos esperar que o colega Schwung não encontrasse nada a objetar nessa concepção social. Parecia ser assim, mas, por isso mesmo, recorreu a meios que deram motivo ao pai de Ulrich para também abandonar o caminho do Direito, que ameaçava levar a novas intermináveis brigas na comissão, e utilizar a ligação com esferas altas e altíssimas, nas quais colocara o filho, em favor da sua justa causa. Pois o que o colega Schwung fizera fora, em vez de tentar uma acusação objetiva, agarrar-se imediatamente à palavra “social”, tratando-a, numa nova publicação, de “materialista” e “própria do espírito estatal prussiano”.

“Meu querido filho”, escreveu o pai de Ulrich, “indiquei a origem latina, portanto nada prussiana, das idéias da escola de Direito social, mas diante de tal denúncia e difamação, isso possivelmente não terá efeito, pois essas acusações especulam, cheias de ódio infernal, com a repulsa que idéias como materialismo e Prússia causam tão fácil como necessariamente nas altas esferas. Não são censuras contra as quais possa haver defesa, mas sim difusão de boatos tão inqualificados que as altas esferas nem tentarão verificar, considerando a necessidade de delas terem de ocupar-se como mácula tanto da vítima inocente quanto do inescrupuloso denunciante. Eu, que na vida sempre desprezei os caminhos indiretos, vejo-me pois obrigado a pedir-lhe...” E a carta terminava nesses termos.

ARNHEIM INCLUI SEU PAI SAMUEL ENTRE OS DEUSES
E DECIDE CONQUISTAR ULRICH. SOLIMÃO DESEJA SABER
DETALHES SOBRE SEU RÉGIO PAI

Arnheim tocou a sineta e mandou procurar Solimão. Há muito não sentia necessidade de conversar com ele, e o moleque devia estar em algum lugar do hotel.

Com sua hostilidade, Ulrich finalmente conseguira magoar Arnheim.

É claro, Arnheim sempre percebera que Ulrich trabalhava contra ele, agindo de maneira altruísta, agindo como água sobre fogo, sal sobre açúcar; quase sem querer, tentava anular Arnheim. Este estava certo de que Ulrich até malbaratava a confiança de Diotima, para secretamente fazer a seu respeito comentários desfavoráveis e irônicos.

Admitiu que há muito tempo não lhe acontecera nada semelhante. O método habitual de obter seus êxitos não estava adiantando. Pois o efeito de um homem grande e completo é como o da beleza: não suporta ser negado, como um balão de gás não suporta que lhe enfiem uma agulha, nem uma estátua fica bem de chapéu na cabeça. Uma bela mulher fica feia quando não agrada, e um grande homem, quando não lhe dão atenção, pode até ficar um pouco maior, mas deixa de ser um grande homem. Arnheim admitia isso, não com essas palavras, mas pensava: “Não suporto ser contrariado, porque só a inteligência cresce pela contradição, e quando alguém só tem inteligência eu o desprezo!”

Arnheim presumia que não seria difícil deixar seu adversário fora de combate. Mas queria conquistar Ulrich, influenciá-lo, educá-lo e forçar sua admiração. Para facilitar isso, persuadira-se de que o amava com profunda e paradoxal simpatia, que não sabia como fundamentar. Nada tinha a recear ou a esperar da parte de Ulrich; Arnheim, de qualquer modo, não tinha amigos no Conde Leinsdorf e no subsecretário Tuzzi, sabia disso; de resto,

as coisas seguiam o caminho que desejava, embora um pouco lentamente. A ação contrária de Ulrich anulava-se diante da ação de Arnheim, e parecia um protesto espectral; a única coisa que parecia conseguir era adiar a decisão de Diotima, inibindo um pouco a vontade dessa magnífica mulher. Arnheim descobrira isso cautelosamente, e agora sorria. Era um sorriso triste ou maligno? — tais diferenças não importam nesses casos; achava justo que a crítica da razão e a objeção de seu adversário devessem trabalhar a seu serviço sem o saber; era uma vitória da causa mais profunda, uma dessas tramas da vida maravilhosamente claras, resolvíveis por si. Arnheim sentia que esse laço do destino o ligava ao homem mais jovem, e o levava a concessões que o outro não entendia. Pois Ulrich era inacessível àquele namoro; era insensível, como um louco, às vantagens sociais, e parecia não notar, ou não valorizar, aquela proposta de amizade.

Havia uma coisa que Arnheim denominava o espírito de Ulrich. Referia-se em parte à incapacidade do intelectual em reconhecer as vantagens que a vida oferece e adaptar seu intelecto aos grandes objetivos e oportunidades que lhe dariam dignidade e posição sólida. Ulrich mostrava a ridícula tendência oposta, a vida é que deveria se adaptar ao espírito. Arnheim via-o à sua frente; da mesma altura que ele, mais moço, sem as carnes flácidas que ele não conseguia deixar de notar no próprio corpo; no rosto, algo de absolutamente independente; não sem inveja atribuiu isso ao fato de Ulrich descender de uma ascética estirpe de intelectuais, pois era assim que imaginava sua origem. Era um rosto muito mais despreocupado com dinheiro ou sucesso do que o que uma dinastia de refinadores de lixo em ascensão permitiria a um descendente seu! Mas faltava alguma coisa nesse rosto. Faltava a vida, faltavam, assustadoramente, as marcas da vida! No momento em que Arnheim o viu diante de si, teve uma impressão tão inquietante, que reconheceu ali uma vez mais toda a sua simpatia pelo outro; quase se poderia prever, naquele rosto, alguma desgraça. Refletiu naquela ambígua sensação de inveja e preocupação; era uma triste satisfação, como a que sente alguém que se salvou pela covardia, e de repente uma onda de inveja e desprezo fez surgir a idéia que andara procurando e evitando sem saber. Ocorreu-lhe que Ulrich devia ser um homem que sacrificaria não apenas os lucros mas todo o capital de sua alma se as circunstâncias o exigissem! Sim, era isso que Arnheim também queria

dizer falando do “espírito de Ulrich”. Nesse momento em que recordou as palavras que ele próprio pronunciara, viu claramente: a idéia de que um homem pudesse deixar-se arrebatar por suas paixões para além da atmosfera afigurou-se-lhe como um dito espirituoso.

Quando Solimão se esgueirou para dentro do quarto, parando diante do patrão, este praticamente esquecera por que o chamara, mas sentiu o apaziguamento emanado de uma criatura viva e devotada. Começou a andar pelo quarto de rosto fechado, e o negro disco daquela face o seguiu.

Sente-se! — ordenou Arnheim, parado no canto, na posição em que se voltara sobre os saltos e começou: — O grande Goethe nos dá, numa determinada passagem do Wilhelm Meister, uma prescrição para a vida correta, e faz isso com certa paixão. Ele diz: “Pensar para agir; agir para pensar!” Compreende isso? Não, acho que ainda não consegue entender... — respondeu à sua própria pergunta, e calou-se outra vez. “Essa receita contém toda a sabedoria de vida”, pensou, “e o homem que gostaria de ser meu adversário conhece apenas a metade, que *é pensar!*” Ocorrera-lhe que também isso se poderia chamar de “ter apenas espírito”. Reconheceu a fraqueza de Ulrich. Espirituoso vem de espírito, uma sabedoria linguística, pois revela a origem intelectual dessa qualidade e sua natureza espectral, árida de sentimentos; o espirituoso é sempre espevitado, ultrapassa as fronteiras dadas, diante das quais o homem sensível pára. Assim, a questão com Diotima e o capital da alma foi posta sob um ponto de vista satisfatório, e, pensando nisso, Arnheim disse a Solimão:

— É uma prescrição que contém toda a sabedoria da vida, e por causa dela retirei todos os seus livros, obrigando você a trabalhar!

Solimão não respondeu, e fez uma cara muito séria.

— Você viu meu pai algumas vezes — afirmou Arnheim de repente. — Lembra-se dele?

Solimão achou conveniente revirar o branco dos olhos, e Arnheim disse, pensativo:

— Sabe, meu pai quase nunca lê livros. Que idade acha que meu pai tem?

— Mais uma vez não esperou a resposta, e acrescentou: — Já passou dos setenta anos, e ainda participa de tudo o que interessa à nossa família!

Em seguida, Arnheim voltou a andar de um lado para outro, calado. Sentia uma necessidade irresistível de falar no pai, mas não podia dizer tudo o que pensava. Ninguém sabia melhor que ele que também seu pai por vezes fracassava em algum negócio; mas ninguém teria acreditado, pois assim que alguém se torna um Napoleão, acaba ganhando também suas batalhas perdidas. Por isso, Arnheim jamais tivera possibilidade de se afirmar ao lado do pai, senão no caminho que escolhera, isto é, colocando intelecto, política e sociedade a serviço dos negócios. O velho Arnheim parecia alegrar-se vendo que o jovem Arnheim sabia tanta coisa; mas quando se devia decidir alguma questão importante, que fora analisada dias a fio do ponto de vista da produtividade, da técnica de finanças, da política intelectual e também da política econômica, ele agradecia, e não raro ordenava exatamente o contrário do que lhe sugeriam, respondendo apenas com um sorriso teimoso a todas as objeções que lhe apresentassem. Muitas vezes, até os diretores balançavam as cabeças, mas a curto ou longo prazo sempre acabavam vendo que o velho tivera razão. Era mais ou menos como quando um velho caçador ou guia das montanhas tem de escutar uma conferência de meteorologistas, e depois segue as previsões do seu reumatismo. E no fundo não era de admirar, pois o reumatismo em muitas questões é mais exato do que a ciência, e também não importa a precisão das previsões, porque as coisas sempre acabam acontecendo diferentemente do que se imagina, e o principal é sabermos ser espertos e tenazes diante de suas renitências.

Não deveria ter sido difícil a Arnheim compreender que um velho prático sabe uma porção de coisas que teoricamente não se podem prever, mas apesar disso houve um dia decisivo em que ele descobriu que o velho Samuel Arnheim tinha intuição.

— Você sabe o que é intuição? — perguntou Arnheim, voltando daquele mergulho em seus pensamentos, como se tateasse em busca da sombra de uma desculpa para seu desejo de falar naquilo. Solimão piscou os olhos, concentrado, como fazia quando era interrogado sobre alguma tarefa que se esquecera de cumprir, e Arnheim corrigiu-se depressa.

— Estou muito nervoso hoje — disse —, naturalmente você não pode saber isso! Mas preste atenção no que vou lhe dizer agora: ganhar dinheiro, como pode imaginar, nos deixa em situações nem sempre muito bonitas. Esses

eternos esforços de calcular e tirar vantagem de tudo contrariam uma postura grandiosa de vida, que podia ser cultivada em tempos mais felizes. Pôde-se transformar o assassinato na nobre virtude da coragem, mas parece-me duvidoso que se consiga algo parecido com o cálculo; não há nessa atividade verdadeira bondade, dignidade, profundidade; o dinheiro transforma tudo em conceitos, é desagradavelmente racional; quando vejo dinheiro, quer você compreenda ou não, sempre preciso pensar em dedos incredulamente examinadores, muita gritaria e muito bom senso, idéias que me são igualmente insuportáveis.

Ele interrompeu-se e novamente mergulhou na solidão. Lembrou-se de seus parentes, que lhe acariciavam a cabeça quando era criança e diziam que ele tinha uma cabecinha muito boa. Uma cabecinha boa para cálculos. Odiava aquela mentalidade! Nas peças de ouro reluzente espelhava-se o bom senso de uma família que subira na vida através do trabalho! Ele se desprezaria se tivesse vergonha da família; ao contrário, mesmo nas mais nobres esferas sempre insistia, digno e modesto, em sua própria origem; mas temia o bom senso de sua família, como se fosse uma fraqueza familiar, como falar demais e gesticular em excesso, algo que o tornasse inadequado para viver nos cimos da humanidade.

Provavelmente aí se originava seu respeito pelo irracional. A aristocracia era irracional: isso parecia quase uma brincadeira sobre as debilidades da inteligência dos aristocratas, mas Arnheim sabia o que queria dizer. Bastava pensar que, por ser judeu, não chegara a oficial da reserva, e que por ser Arnheim, também não pôde assumir a posição reles de um suboficial, sendo sumariamente declarado incapaz para o serviço militar, e ainda hoje ele se recusava a ver nisso apenas falta de entendimento, valorizando a honraria ligada ao fato. Essa lembrança levou-o a enriquecer com algumas frases seu discurso para Solimão.

— É possível — prosseguiu de onde tinha parado, pois apesar de toda a repulsa ao método era metódico até nas digressões —, é possível, até provável, que a palavra aristocracia nem sempre tenha designado exatamente aquilo que hoje consideramos uma mentalidade aristocrática. Para reunir os territórios sobre os quais mais tarde ergueria sua distinção, o aristocrata não deve ter sido menos calculista e ágil do que é hoje um negociante, e possivelmente os assuntos deste negociante sejam tratados até

com mais honestidade. Mas há uma força na terra, você entende, quero dizer, ela estava na terra lavrada, na caça, na guerra, na fé no céu e na vida camponesa, em suma, na vida física dessas pessoas que agiam menos com a mente do que com pernas e braços; na ligação com a natureza residia a força que por fim os tornou dignos, nobres e avessos às coisas vulgares.

Ele refletiu se naquele estado de alma não teria falado demais. Se Solimão não compreendesse o sentido, era capaz de baixar o conceito que tinha da aristocracia, por causa das palavras do patrão. Mas então aconteceu algo inesperado. Há algum tempo,

Solimão escorregava de um lado para o outro, inquieto, e nesse momento interrompeu seu amo com uma pergunta:

— Por favor, diga-me, meu pai é um rei? Arnheim o encarou, atônito.

— Nada sei sobre isso — respondeu, em parte severo, em parte divertido. Mas vendo o rosto grave, zangado, de Solimão, comoveu-se vagamente. Apreciava o fato de aquele menino levar tudo tão a sério. “Ele não tem nenhum senso de humor”, pensou, “na verdade chega a ser trágico”. De alguma forma, a ausência de senso de humor lhe parecia o peso e plenitude de uma vida. E continuou respondendo ao menino, num tom de branda exortação:

— Não há provas de que seu pai tenha sido rei, ao contrário, acho que deve ter tido alguma profissão ilegal, pois encontrei você numa *troupe* de saltimbancos numa cidade da costa.

— Quanto pagou por mim? — quis saber Solimão.

— Mas meu caro, como posso saber isso hoje? Acho que não foi muita coisa. Certamente foi pouco! Mas para que lhe interessa tudo isso? Nascemos para construir nosso próprio reino! Talvez no próximo ano eu faça você assistir a um curso comercial, depois poderá começar a trabalhar num de nossos escritórios. Naturalmente seu futuro dependerá de você, mas vou ficar de olho. Mais tarde poderia, por exemplo, defender nossos interesses em lugares onde gente de corja tem seu espaço; seria preciso, naturalmente, agir com grande cautela, mas mesmo assim o fato de você ser negro poderia lhe trazer muitas vantagens. Nessa atividade compreenderia o quanto lhe foram úteis os anos que passou sob minha vigilância direta, e já

hoje posso lhe dizer: você é de uma raça que ainda tem algo da aristocracia natural. Nas lendas medievais, sempre havia reis negros com papéis importantes. Se você cultivar a aristocracia do espírito, a dignidade, a bondade, a sinceridade, a coragem de ser verdadeiro e a coragem ainda maior de evitar a intolerância, a inveja, o ciúme e o ódio mesquinho e nervoso que marcam quase todas as pessoas hoje em dia, se conseguir isso, certamente seguirá um belo caminho como homem de negócios, pois nossa tarefa não é apenas fornecer mercadorias ao mundo, mas uma forma de vida melhor.

Há muito tempo Arnheim não falava nesse tom íntimo com Solimão, e achou que alguém que o escutasse o acharia ridículo, mas não havia ninguém por ali, e o que ele dizia era apenas a cobertura de idéias bem mais profundas, que guardou para si. Aquilo que ele dissera quanto à mentalidade aristocrática e à formação da aristocracia movia-se internamente em direção oposta à de suas palavras. Lembrou então que desde que existia o mundo jamais coisa alguma nascera apenas de pureza espiritual e boas inclinações, mas tudo vinha da maldade que com o tempo se ia cansando; e por fim até as grandes e puras intenções nascem dela! É perfeitamente evidente, pensou, que a formação de estirpes aristocráticas e a transformação de uma transportadora de lixo em conglomerado mundial não repousam num contexto que implique necessariamente uma humanidade mais evoluída; mas de um desses ramos surgira a cultura argêntea do *dixhuitième*, e do outro surgira Arnheim. A vida lhe apresentava claramente uma tarefa, que ele pensava divisar melhor naquela questão profundamente contraditória: que medida de mesquinhez é necessária e permitida para se criar um ideário grandioso?

Em outro nível, seus pensamentos continuavam perseguindo o que ele dissera a Solimão sobre intuição e racionalismo, e de repente Arnheim recordou vivamente como dissera ao pai pela primeira vez que este realizava seus negócios por intuição. Naquele tempo, ter intuição era coisa de pessoas que não conseguiam respaldar seus atos na razão. Tinha mais ou menos o mesmo papel que atualmente tem o dinamismo. Tudo que se fazia de errado, ou que não se conseguia realizar plenamente, era justificado dizendo que fora criado para a intuição ou através dela, e usava-se a intuição tanto para cozinhar quanto para escrever um livro; mas o velho

Arnheim não sabia nada disso, e na verdade olhara o filho, surpreso. Para este último fora um grande triunfo.

— Ganhar dinheiro — dissera — nos obriga a um pensamento nem sempre muito nobre. É provável que nós, grandes comerciantes, tenhamos a missão de assumir a direção das massas humanas na próxima virada da história, sem sabermos se teremos capacidade espiritual para isso! Mas se existe uma coisa que me dá coragem para isso, é você. Você tem a visão e a força de vontade dos reis e profetas dirigidos por Deus nos tempos antigos. É um mistério para mim essa sua maneira de enfrentar os negócios, e eu até gostaria de dizer que todos os mistérios que não podemos avaliar são do mesmo nível, não importa se se trata de um mistério no campo da coragem, das descobertas ou das estrelas!

Arnheim viu com ofensiva nitidez o olhar do velho Arnheim, erguido para ele, baixar novamente sobre o jornal depois das primeiras frases, e não se erguer mais dali, sempre que o filho falava de intuição nos negócios. Essa relação entre pai e filho persistira sempre, e num terceiro nível de pensamento, na mesma tela dessas imagens da memória, Arnheim podia controlar tudo isso ainda hoje. Via no superior talento comercial do pai, que sempre o oprimira, uma espécie de força primitiva inatingível para aquele filho bem mais complicado, que por isso eliminara esse modelo do campo de seus inúteis esforços, outorgando-se ao mesmo tempo um título de origem nobre. E saiu-se bem nesse duplo artifício. O dinheiro tornou-se uma força mística suprapessoal, e só os mais legítimos estão à altura dele; também colocou seu primeiro antepassado entre os deuses, assim como o faziam os antigos guerreiros para os quais o antepassado mítico, apesar de todo o respeito, também deveria ter parecido um pouco primitivo, comparado a eles próprios. Num quarto nível de pensamento Arnheim, porém, nada sabia do sorriso que recobria o terceiro, e repensou mais uma vez, com toda a seriedade, o mesmo pensamento, refletindo no papel que esperava desempenhar na Terra.

Naturalmente não se devem entender ao pé da letra essas camadas de pensamento, como se estivessem superpostas como solos de profundidades diferentes; são apenas uma expressão para a movimentação permeável e

multidirecionada do pensamento sob influência de fortes paradoxos emocionais. Arnheim sempre tivera uma repulsa mórbida pelo espirituoso e a ironia, provavelmente nascida de uma tendência hereditária não pequena para as duas coisas. Ele a reprimira porque sempre lhe tinha parecido a essência do não-aristocrático e do popularmente intelectual, mas exatamente agora que seus sentimentos eram tão refinados e quase hostis ao racional, aquela capacidade se manifestava em relação a Diotima; e se suas emoções já estavam, por assim dizer, na ponta dos pés, muitas vezes o seduzia a diabólica possibilidade de escapar daquela emoção sublime com uma daquelas certeiras piadas sobre amor que não raro ouvira da boca de subalternos ou de pessoas grosseiras. E emergindo através de todos esses níveis, ele fitou de repente, espantado, o rosto sombrio e atento de Solimão, que parecia um saco de boxe sobre o qual tivesse sido martelada toda a incompreensível sabedoria da vida. “Estou me expondo ao ridículo!”, pensou Arnheim.

O corpo de Solimão, sentado na cadeira, parecia ter adormecido de olhos abertos, quando seu amo concluiu o monólogo; os olhos se moviam, mas o corpo não queria se mexer, como se ainda esperasse a palavra que o despertaria. Arnheim percebeu isso; no olhar do negro interpelava-o a ânsia de saber mais detalhes a respeito das tramas pelas quais um filho de reis se tornara um criado. Aquele olhar, que parecia estender garras, fez com que Arnheim se recordasse do ajudante de jardineiro que roubara sua coleção, e, com um suspiro, pensou que provavelmente lhe faltaria para sempre o simples impulso de conquistar coisas. Subitamente teve a impressão de que era essa a sensação que também marcava suas relações com Diotima. Dolorosamente, no ápice da vida, ele se sentia apartado por uma sombra fria de tudo o que tocava. Não era pensamento fácil para um homem que acabara de enunciar o princípio de que era preciso pensar para agir, que sempre se empenhara em apoderar-se do que fosse grande, e impor ao que era pequeno a sua própria importância. Mas a sombra se interpusera entre ele e os objetos de seu desejo, apesar da vontade, que jamais negligenciara; e para sua própria surpresa, Arnheim pensou reconhecer com segurança que a sombra se relacionava com aquele levíssimo frêmito luminoso que rodeara sua juventude. Era como se, por havê-lo tratado erroneamente, se tivesse transformado numa tenuíssima camada de gelo. Ele só não pôde responder por que motivo essa camada não derreteria nem diante do sublime coração

de Diotima; mas, como uma dor muito desagradável que apenas tivesse aguardado um sinal, voltou-lhe a lembrança de Ulrich. De súbito, Arnheim viu que sobre a vida daquele homem pairava a mesma sombra que pairava sobre a sua própria, mas com efeito diferente! Entre as paixões dos seres humanos raramente colocamos no devido lugar a de um homem ciumento da personalidade de outro homem, e a descoberta de que sua impotente raiva de Ulrich se assemelhava no fundo ao conflito de dois irmãos que ainda não se reconheceram era uma emoção intensa e ao mesmo tempo benfazeja. Arnheim avaliou curioso as naturezas de ambos nessa comparação. O grande impulso de conquista das vantagens da vida faltava ainda mais em Ulrich do que nele próprio, e o sublime impulso de adornar-se das dignidades e coisas importantes da vida lhe faltava de maneira até irritante. Aquele homem não tinha nenhuma necessidade do peso e substância da vida. Seu zelo objetivo, indiscutível, não buscava a posse da coisa; Arnheim teria até pensado nos seus empregados se o desinteresse gerado por sua situação profissional, projetado sobre Ulrich, não tivesse algo de incrivelmente arrogante. Podia-se dizer, antes, que ele era um possuído que não deseja ser proprietário. Talvez também se pudesse falar num lutador voluntariamente pobre. E parecia possível falar de um ser absolutamente teórico; mas isso não era exato porque nem ao menos se podia chamá-lo de teórico. Arnheim recordou então que uma vez lhe dissera expressamente que sua capacidade de pensamento estava aquém das capacidades práticas. Mas encarando-o do ponto de vista prático, aquele homem era inteiramente disparatado. Arnheim vacilava entre esses pensamentos, o que não acontecia pela primeira vez; mas apesar das dúvidas quanto a si mesmo, que o dominavam naquele dia, era impossível dar precedência a Ulrich em qualquer aspecto. Chegou à conclusão de que a diferença decisiva estava provavelmente no fato de que faltava alguma coisa a Ulrich. Mesmo assim, havia nele algo ainda não usado, algo livre, e Arnheim admitiu com hesitação que aquilo lhe recordava “o mistério do todo”, que ele próprio possuía, e que sentia estar sendo questionado pelo outro. Pois, se se tratasse apenas de algo acessível às medidas da razão, como aplicar àquele homem irreal o mesmo conceito desconfortável de “espirituosidade”, que Arnheim aprendera a temer no minucioso conhecedor da realidade que era seu próprio pai? “Então falta alguma coisa nesse homem!” — pensou Arnheim; mas, como se isso fosse apenas o outro lado

dessa certeza, ocorreu-lhe quase instantaneamente, e sem querer: “Esse homem tem alma!”

Esse homem possuía uma alma ainda não desgastada: como se tratava de um pensamento intuitivo, Arnheim não teria sabido dizer exatamente o que significava; mas era mais ou menos o seguinte: cada pessoa, ele sabia, dilui com o tempo sua alma em razão, moral e grandes idéias, num processo irreversível; no seu amigo-inimigo, porém, esse processo não terminara, de modo que sobrava alguma coisa cujo dúbio encanto não se podia designar adequadamente, mas que se reconhecia por ter ligações incomuns com elementos da esfera do insensível, racional e mecânico, que já não contava adequadamente entre os conceitos culturais.

Refletindo sobre tudo isso, e ao mesmo tempo adaptando-o à linguagem de suas obras filosóficas, Arnheim não tivera tempo de atribuir nada daquilo a Ulrich como mérito, ainda que um só, tão forte era a impressão de ter feito uma descoberta. Era ele próprio quem criava tais idéias, e sentiu-se como um mestre de canto que descobre um brilho possível numa voz ainda não educada. Seus pensamentos só esfriaram diante do rosto de Solimão, que o fitava pasmado há muito tempo, e que pensava ter chegado o momento de continuar perguntando. A consciência de que não era dado a qualquer um firmar seus conhecimentos com a ajuda de um pequeno semi-selvagem mudo aumentou a felicidade de Arnheim de ser o único a conhecer o segredo de seu adversário, embora muita coisa ainda estivesse obscura e seus resultados não fossem identificáveis. De repente sentiu o amor que um usurário sente pela vítima na qual aplicou seu capital. E foi talvez a visão de Solimão que de repente lhe deu a idéia de atrair a si, a qualquer preço, ainda que o tivesse de adotar como filho, aquele homem que lhe parecia ser a aventura de si mesmo sob outra forma física!

Sorriu dessa precipitada afirmação de uma intenção que precisava amadurecer, e interrompeu Solimão, cujo rosto fremia de trágica ânsia de saber, dizendo:

— Agora basta, você precisa levar à Sra. Tuzzi as flores que encomendei. Se tiver mais perguntas, podemos pensar nisso numa outra ocasião.

ULRICH CONVERSA COM HANS SEPP E GERDA NA LINGUAGEM
MISTA DA FRONTEIRA ENTRE SUPRA E SUB-RACIONALIDADE

Ulrich realmente não sabia o que fazer para cumprir o desejo do pai, que pedia que ele arranjasse, por entusiasmo pela escola social, um encontro com Sua Alteza e outros importantes patriotas, e procurou Gerda, para esquecer o assunto inteiramente. Encontrou Hans na casa dela, e este passou logo ao ataque:

— O senhor está protegendo o Diretor Fischel?

Ulrich respondeu, esquivando-se, com outra pergunta: acaso Gerda lhe falara disso?

Sim, Gerda lhe falara disso.

— O que mais? Quer saber por quê?

— Por favor! — pediu Hans.

— Não é tão simples, meu caro Hans!

— Não me chame de seu caro Hans!

— Pois então, querida Gerda — ele dirigiu-se à moça —, isso não é nada fácil. Já falei tanto no caso que pensei que me compreendia.

— Compreendo mas não acredito em você — respondeu Gerda, esforçando-se para dar à sua posição de combate, ao lado de Hans, um tom um pouco conciliador em relação a Ulrich.

— Não acreditamos — Hans interrompeu imediatamente aquela virada amigável do diálogo — que esteja falando sério. Deve ter apanhado isso de outros.

— O quê? Quer dizer, aquilo que... que não se pode explicar direito? — perguntou Ulrich, compreendendo imediatamente que a insolência de Hans se ligava ao que falara a sós com Gerda.

— Ah, pode-se explicar muito bem, desde que se fale a sério!

— Eu não consigo. Porém posso lhe contar uma história.

— Outra história? Parece que o senhor conta histórias como Homero! — exclamou Hans, mais malcriado e seguro de si ainda. Gerda fitou-o com ar suplicante. Mas Ulrich não se deixou irritar e prosseguiu:

— Uma vez estive muito apaixonado; devia estar mais ou menos com a idade de vocês agora. Na verdade, eu estava apaixonado pelo meu amor, por aquele meu novo estado, menos do que pela mulher que fazia parte do amor; naquele tempo aprendi tudo isso de que o senhor, seus amigos e Gerda fazem tamanho mistério. É essa a história que eu queria lhes contar.

Os dois estavam perplexos por ser uma história tão curta. Gerda perguntou, hesitante:

— Você esteve muito apaixonado... — e no mesmo instante irritou-se consigo mesma por fazer aquela pergunta de menininha curiosa na frente de Hans. Mas este interrompeu:

— De que nos interessa falar nessas coisas? Prefiro que nos conte o que anda fazendo aquela sua prima que caiu nas mãos de intelectuais falidos!

— Procura uma idéia que represente magnificamente diante do mundo inteiro o espírito da nossa pátria. Não quer ajudá-la com alguma sugestão? Estou disposto a ser o intermediário! — respondeu Ulrich.

Hans deu uma risada irônica.

— Por que finge não saber que vamos estragar esse empreendimento?

— Mas por que ele o irrita tanto assim?

— Porque é uma grande infâmia planejada contra o espírito germânico neste país — disse Hans. — Realmente não sabe que estamos organizando um considerável movimento contra isso? A Liga Nacional Alemã foi prevenida contra as intenções do seu conde. A Federação de Esportes já fez uma denúncia contra essa agressão ao espírito alemão. O sindicato de associações armadas nas universidades austríacas vai tomar uma posição contra essa ameaça eslava, e a Liga da Juventude Alemã, da qual faço parte, não descansará, ainda que tenhamos de sair às ruas! — Hans endireitara o corpo e disse isso com certo orgulho. Ainda assim, acrescentou: — Mas isso tudo não vem ao caso! Essas pessoas dão valor demais a circunstâncias externas. O decisivo é que aqui nada pode dar certo!

Ulrich perguntou por quê.

As grandes raças sempre haviam criado seus mitos; haveria um mito

austriaco?, perguntou Hans. Uma religião primitiva austríaca? Uma epopéia? Nem a religião católica, nem a protestante tinham surgido lá; a arte da impressão de livros e as tradições da pintura tinham vindo da Alemanha; os soberanos tinham sido fornecidos pela Suíça, Espanha, Luxemburgo; a técnica, pela Inglaterra e Alemanha; as belas cidades, Viena, Praga, Salzburgo, tinham sido construídas por italianos e alemães; o exército, organizado segundo o modelo de Napoleão. Um Estado não empreenderia nada por si próprio; para ele, só havia uma salvação: a anexação à Alemanha.

— E agora sabe tudo o que quis saber de nós! — concluiu Hans.

Gerda não sabia se devia orgulhar-se dele ou se envergonhar. Nos últimos tempos, sua inclinação por Ulrich fora reavivada, embora o desejo tão humano de ter algum papel importante fosse muito mais atendido com o amigo mais jovem. O singular era que essa mocinha se perturbava por duas tendências opostas: ser uma solteirona, ou entregar-se a Ulrich. Naturalmente essa segunda tendência era fruto do amor que sentia há anos, mas um amor que nunca se tornava chama, apenas ardia desoladamente nela; suas emoções se pareciam com o amor por alguém indigno, em que a alma, ofendida, é atormentada por um desprezível impulso de submissão física. Todavia, em estranha oposição a isso, ou talvez por simples e natural desejo de paz, tinha o pressentimento de que jamais iria se casar, e que, no fim de todos os sonhos, levaria uma vida solitária, calma e ativa. Não era um desejo nascido de convicções, pois Gerda não via claramente o que com ela ocorria; era antes um dos pressentimentos que nosso corpo muitas vezes tem antes da razão. Também a influência que Hans exercia sobre ela se ligava a isso. Hans era um rapaz insignificante, ossudo, nem grande nem forte, limpava as mãos nas roupas ou no cabelo, e a cada oportunidade olhava num espelhinho redondo emoldurado em lata, porque havia sempre alguma espinha inquietadora na sua pele ruim. Mas era assim, exatamente, que Gerda imaginava os primeiros cristãos romanos, desafiando as perseguições, reunidos debaixo da terra nas catacumbas; provavelmente, sem o espelhinho de bolso. “Exatamente assim” não significava que todos os detalhes fossem os mesmos, mas uma sensação de princípios e de medo, que ela ligava à idéia de cristianismo; os pagãos lavados e untados sempre lhe tinham agradado mais, mas ficar do lado dos cristãos era um sacrifício

que se devia fazer em favor do caráter. Por isso, as exigências mais sublimes tinham para Gerda um leve cheiro mofado, repulsivo, que se harmonizava com a inclinação mística, cujas portas Hans abria para ela.

Ulrich conhecia muito bem essas tendências. Talvez se deva agradecer ao espiritismo, pois com seus cômicos relatos do Além, parecidos com os de falecidas cozinheiras, ele satisfaz a grosseira ânsia metafísica dos homens, que, se não podem ter Deus, querem ao menos saborear fantasmas como um mingau que, no escuro, corre gelado garganta abaixo. Antigamente, essa necessidade de contato pessoal com Deus ou seus camaradas, o que se dizia acontecer em estado de êxtase, apesar de sua forma delicada e miraculosa, era um misto de comportamento grosseiro e terreno com experiências de hipersensibilidade inusitada e vaga. O metafísico era o físico transposto para aquele estado, reflexo de desejos terrenos, pois acreditava-se ver nele aquilo que as idéias da época, ardentemente, faziam querer ver. Mas são exatamente as representações da inteligência que mudam com os tempos e perdem a credibilidade; se alguém hoje quisesse contar que Deus lhe falou, que o agarrou dolorosamente pelos cabelos puxando-o até junto de si ou que, de maneira incompreensível mas intensa, se enfiou decentemente em seu peito, ninguém acreditaria nessas imagens, essas idéias com que reveste sua experiência, muito menos, naturalmente, os sacerdotes profissionais, pois como filhos de um século racional sentem um medo bem humano de serem desmascarados por seguidores histéricos ou exaltados. A consequência é que ou bem temos de considerar fantasias e sintomas mórbidos as experiências que aconteceram em grande número na Idade Média e na Antiguidade paga, ou bem será preciso supor que elas contêm algo independente do contexto místico em que sempre as colocamos. Tais experiências teriam então um cerne próprio, crível mesmo segundo rigorosos princípios empíricos, o que significaria algo de importantíssimo, sem nem de longe tocar a segunda questão, referente às consequências a tirar daí para nossas relações com o outro mundo. E enquanto a fé, inserida na ordem da razão teológica, enfrenta hoje por toda parte uma dura luta contra a dúvida e a resistência do racionalismo imperante, parece que, com efeito, a pura experiência fundamental de êxtase místico, despida de conceitos de crença tradicionais e livre de velhas idéias religiosas, se difundiu incrivelmente, não podendo mais nem mesmo ser chamada de

exclusivamente religiosa e constituindo a alma do multiforme movimento irracionalista que assombra nossa época como uma ave noturna que se perdeu no dia.

Uma anedótica parcelazinha desse variado movimento era o círculo e redemoinho em que Hans Sepp desempenhava seu papel. Se reuníssemos as idéias — o que segundo seus conceitos fundamentais não deveríamos fazer, pois elas eram avessas a número e medida — que se alternavam nesse grupo, encontraríamos como primeira, tímida e absolutamente platônica reivindicação o casamento por experiência e por camaradagem, e mesmo a poligamia e poliandria; em seguida, no campo da arte, encontraríamos a tendência para o não-objetivo, dirigida para o absoluto e o eterno, que, sob o nome de *expressionismo*, se desviava então desdenhosamente da aparência e do invólucro grosseiro, da “vulgar visão exterior”, cuja reprodução fiel incompreensivelmente uma geração anterior considerara revolucionária. Em harmonia com essa intenção abstrata de, sem maiores considerações por exterioridades, pincelar uma “visão da essência” do espírito e do mundo, encontrava-se, entretanto, também a arte mais concreta, e mais limitada, isto é, a arte regional, que os jovens se julgavam obrigados a seguir devido à sua alma alemã, cheia de respeito servil. Encontravam-se assim, numa colorida fileira, ainda os mais belos talos e capins colhidos nos caminhos do tempo, com os quais se pensava construir um ninho para o espírito; e entre eles havia notadamente idéias pomposas de direito, dever e força criadora da juventude, com um papel tão destacado, que devem ser comentadas mais detidamente.

Dizia-se que o presente não reconhece um direito da juventude, pois até sua maioria o ser humano praticamente não tem direitos. Pai, mãe, tutor podem alimentá-lo, vesti-lo, abrigá-lo como desejarem, castigá-lo e, segundo Hans Sepp, acabar com a vida dele, desde que não infrinjam uma remota fronteira dos parágrafos da lei, que assegura às crianças, quando muito, algo parecido com proteção aos animais. A criança pertence aos pais como o escravo ao senhor, e por sua dependência financeira é propriedade, objeto, do capitalismo. Esse “capitalismo em relação à criança”, cuja descrição Hans Sepp encontrara em alguma parte, mas depois elaborara melhor, foi a primeira coisa que ele ensinou à sua espantada discípula Gerda, até ali bastante bem tratada em sua casa. O cristianismo teria apenas

suavizado o jugo da mulher, não o da filha; a filha, segundo ele, vegetava, pois era mantida forçadamente longe da realidade da vida. Depois dessa preparação, ele lhe ensinou o direito da criança a determinar sua educação segundo as leis da sua própria natureza. A criança era criativa porque era crescimento, e se construía a si mesma. Era como um rei ou rainha, pois prescrevia ao mundo suas fantasias, emoções e idéias. Nada queria saber do mundo casual e pré-elaborado, mas elaborava seu próprio mundo de ideais. Tinha sua própria sexualidade. Os adultos cometiam um crime bárbaro destruindo a criatividade da criança na medida em que lhe roubavam o mundo, sufocando-a com uma ciência artificial e morta, e dirigindo-a para objetivos estranhos a ela. A criança não era utilitária, criava brincando e crescendo ternamente. Quando não era obrigada pela violência, ela não aceitava nada que não fosse realmente assimilado por ela própria; cada objeto no qual ela toca, vive; a criança é mundo, cosmo, vê o Ultimo, o Absoluto, ainda que não o saiba expressar: mas mata-se a criança ensinando-a a compreender objetivos e prendendo-a ao vulgar cotidiano, mentirosamente chamado realidade!

Assim falava Hans Sepp. Quando introduziu essa doutrina na casa dos Fischel, ele tinha vinte e um anos, como Gerda. Além disso, há muito não tinha mais pai, e tratava a mãe, que mantinha um pequeno negócio com o qual o sustentava junto com os irmãos, com uma tão desinibida grosseria, que não havia razão imediata para aquele tipo de filosofia de pobres-criancinhas-oprimidas.

Ouvindo suas lições, Gerda vacilava entre uma inclinação pedagógica de educar os homens do futuro, e a aplicação agressiva na relação com Leo e Clementina. Hans Sepp, em contrapartida, tratava o assunto muito mais doutrinariamente, e dava a palavra de ordem:

— Todos devíamos ser crianças!

Sua obstinada posição em defesa da criança podia ter origem em precoces necessidades de independência; mas vinha principalmente do fato de que a linguagem do movimento juvenil, que na época estava na moda, era a primeira linguagem que ajudava sua alma a se expressar, e, como deve acontecer com uma verdadeira linguagem, levava de uma palavra a outra, dizendo mais em cada uma do que realmente se sabia. Assim, também a

frase “Todos devíamos ser crianças” desdobrava as mais importantes idéias. Pois as crianças não deviam renunciar à sua natureza para serem como o pai e a mãe; isso apenas acontece para que sejam “burguesas”, escravas do mundo, amarradas, e “objetivadas”. Assim, é o burguês que nos envelhece, e a criança resiste a ser transformada num burguês: com isso some a dificuldade de não podermos nos portar como criança aos vinte e um anos, pois essa luta dura do nascimento à velhice, e só termina quando o mundo do amor destrói o mundo burguês. Esse era por assim dizer o degrau mais alto da doutrina de Hans Sepp, e Ulrich descobrira tudo com o tempo, através de Gerda.

Fora ele quem descobrira uma ligação entre o que aqueles jovens chamavam seu amor ou, usando outra palavra, a comunidade, e as consequências de um estado singular, de uma religiosidade feroz, mítico sem mitologia, talvez simplesmente um estado apaixonado, que o tocava, mas sem que soubessem, pois Ulrich se limitava a ridicularizar suas marcas neles impressas. Era dessa maneira que ele estava se dirigindo a Hans, e perguntou-lhe diretamente por que não tentava usar a Ação Paralela para estimular uma “comunidade dos perfeitos altruístas”.

— Porque não é possível! — respondeu Hans.

Resultou daí um diálogo entre os dois, que deveria ter causado estranha impressão a um não iniciado, parecendo uma conversa num jargão de criminosos embora fosse apenas uma linguagem mista de enamoramento mundano e espiritual. Por isso é preferível repetir esse diálogo no seu sentido a fazê-lo textualmente: a comunidade dos perfeitos altruístas era uma expressão inventada por Hans, mas entende-se que quanto mais altruísta uma pessoa for, tanto mais claras e fortes se lhe tornam as coisas do mundo; quanto mais leve ela se fizer, tanto mais se sentirá elevada; experiências desse tipo são conhecidas de todo mundo; apenas não se devem confundir com alegria, hilariedade, despreocupação ou coisa assim, pois esses são apenas seus sucedâneos para uso vulgar ou até pervertido. Talvez nem se devesse chamar esse estado de elevação, mas de desencouraçamento; desencouraçamento do eu, explicava Hans. Era preciso distinguir entre duas muralhas do ser humano. Uma é ultrapassada sempre que ele faz algo de bom ou de altruísta, mas essa é apenas a muralha pequena. A grande consta do egoísmo do mais altruísta dos homens; trata-se

do pecado original. Cada impressão sensual, cada emoção, até a da entrega, é mais um tomar do que dar em nossa maneira de agir, e dificilmente pode-se escapar a essa couraça saturada de egoísmo. Hans enumerou: o saber não é senão apoderar-se de uma coisa alheia; matamos, dilaceramos e digerimos essa coisa como um bicho. Conceito, o que foi morto e ficou enrijecido. Convicção, a relação congelada e imutável. Pesquisa, igual a fixar. Caráter, igual a preguiça de se transformar. Conhecimento de uma pessoa, o mesmo que não se comover com ela. Compreensão, um ponto de vista. Verdade, a tentativa bem-sucedida de pensar de modo objetivo e desumano. Em todas essas relações há morte, gelo, ânsia de posse, e imobilidade, e uma mistura de egoísmo com um altruísmo objetivo, covarde, traiçoeiro, ilegítimo.

— E quando — perguntou Hans, embora conhecesse apenas a inocente Gerda —, quando o amor seria outra coisa que não desejo de posse, ou entrega na espera de compensação?

Ulrich concordava com essas afirmações nem sempre coerentes, com cautela e algumas emendas. Disse que era verdade que também padecimento e esvaziamento de si mesmo sempre nos deixam um mínimo de benefício pessoal; não existindo predicados sem sujeito, uma sombra pálida, por assim dizer gramatical, de egoísmo, prende-se a todas as ações.

Mas Hans negou violentamente. Ele e seus amigos discutiam como se devia viver. Por vezes, achavam que cada um devia viver para si mesmo, e só depois para os demais; outras vezes convenciam-se de que cada um devia ter um só amigo de verdade, mas que este por sua vez precisava de outro amigo, e assim a comunidade lhes parecia uma aliança de almas em círculo, como um espectro de cores ou outras cadeias de muitos elos; mas sua idéia predileta era a existência de uma lei espiritual de senso comunitário, apenas sombreada pelo egoísmo, uma fonte de vida interior, imensa e não utilizada, à qual atribuíam possibilidades incríveis. A árvore, que luta na floresta e é por ela protegida, não se sente mais incerta que o homem sensível de hoje na morna escuridão da massa, em meio à sua força dinâmica, aos processos moleculares e invisíveis de sua coesão inconsciente, que lhe recordam, a cada respiração, que tanto o maior quanto o menor dos homens não está sozinho; com Ulrich acontecia o mesmo: via claramente que o egoísmo controlado que constitui a vida produz uma estrutura organizada, enquanto o hálito de comunidade permanece um resumo de relações indefinidas; ele

era uma pessoa inclinada ao isolamento, mas sentia-se estranhamente comovido quando os jovens amigos de Gerda apresentavam seus longos projetos sobre a grande muralha a ser vencida.

Hans, ora em tom monótono, ora aos arrancos, olhando fixamente em frente sem ver, desfiava seus artigos de fé. Dizia que uma separação desnaturada dividia a criação como uma maçã cujas duas metades acabavam secando. Por isso, era preciso apropriar-se de maneira artificial e antinatural daquilo com que outrora formávamos uma unidade. Mas essa separação podia ser eliminada por uma abertura do eu, uma mudança de comportamento, pois quanto mais alguém pudesse se esquecer, apagar-se, afastar-se de si, tanto mais força restaria nele em favor da comunidade, como se ela ficasse liberada de alguma ligação falsa; ao mesmo tempo, quanto mais se aproximasse da comunidade, tanto mais esse indivíduo seria ele próprio; pois, seguindo as idéias de Hans, aprendia-se que o grau de verdadeira originalidade não reside no vaidoso ser-diferente, mas na abertura do eu, na crescente participação e entrega, talvez até o mais alto grau de uma comunidade dos altruístas perfeitos totalmente assimilados pelo mundo, que se desejava alcançar!

Essas frases que aparentemente nada poderia preencher faziam Ulrich sonhar em como dar-lhes conteúdo real, mas apenas perguntou friamente a Hans, como imaginava na prática essa abertura do eu e coisas desse tipo.

Hans usou de palavras grandiosas. O eu transcendente em lugar do sensual, o eu gótico no lugar do naturalista, o reino da essência em lugar da aparência, a experiência absoluta e outros substantivos impressionantes que inseria no seu conceito de experiências indescritíveis, como, diga-se de passagem, é costume bem difundido, para prejuízo de uma causa e fomento de sua dignidade. E como o estado que por vezes — talvez muitas vezes — entrevia nunca durasse mais do que alguns momentos de devaneio, afirmou também que, exatamente hoje, o Além se revelava com sua maior nitidez em fragmentos, numa visão supracorporal, compreensivelmente difícil de apreender exceto, eventualmente, em grandes obras de arte; para esse e outros sinais sobrenaturais da vida, usou sua palavra predileta: símbolo; por isso, chegara à experiência germânica resgatada para os portadores do disperso sangue germânico, de criar e contemplar tal coisa; através dessa

sublime variante segundo o modelo dos “bons velhos tempos”, ele conseguiu explicar comodamente que uma apreensão duradoura do essencial pertencia ao passado, dom esse recusado ao presente, e a discussão partira desse ponto.

Ulrich ficou aborrecido com aquela conversa fiada supersticiosa. Há muito tempo pensava no que poderia haver em Hans Sepp para atrair Gerda. Ela estava ali sentada, pálida, sem participar ativamente da conversa. Hans Sepp tinha uma grandiosa teoria do amor, e talvez ela encontrasse nessa teoria um sentido mais profundo de seu próprio ser. Ulrich deu prosseguimento à conversa, afirmando — com toda a sorte de restrições a esse tipo de conversas! — que a mais intensa exaltação que uma pessoa podia sentir não nascia de um corriqueiro comportamento egoísta, em que nos apossamos de tudo que surge diante de nós, nem, como afirmavam os amigos, daquilo que se podia chamar de exaltação do eu através da abertura e da renúncia, mas de um estado de repouso, no qual nada se modificava, como uma água parada.

Gerda animou-se, e perguntou o que queria dizer com isso.

Ulrich respondeu que Hans só falara de amor o tempo todo, embora algumas vezes sob disfarces exagerados; amor dos santos, amor dos eremitas, amor que ultrapassa as margens dos desejos, que sempre fora descrito como uma dissolução, um afrouxamento, e mesmo uma inversão de todas as relações mundanas, não significando apenas um sentimento mas sim uma transformação do pensamento e dos sentidos.

Gerda o encarou como para conferir se ele, com sua sabedoria superior à dela, também teria descoberto aquilo, ou se aquele amado secreto, sentado ao lado dela sem revelar muita coisa, irradiava a singular vibração que une duas criaturas apesar dos corpos separados.

Ulrich sentiu que ela o examinava. Sentiu como se falasse em alguma língua estranha, na qual pudesse prosseguir fluentemente, mas de forma exterior, com palavras sem raízes nele.

— Nesse estado — disse —, em que saímos das fronteiras habitualmente impostas à nossa conduta, podemos entender tudo, porque a alma só aceita aquilo que lhe pertence; em certo sentido ela já sabe de antemão o que irá

experimental. Amantes nunca se contam novidades; para eles também não há identificação. Pois o amante nada reconhece na pessoa amada senão que esta lhe provoca de modo indescritível a atividade interior. E reconhecer uma pessoa a quem não ama, significa para ele incluí-la no amor como uma parede inanimada sobre a qual pousa a luz do sol. E reconhecer um objeto inanimado não significa identificar suas qualidades uma depois da outra, mas ver cair um véu ou anular-se um limite que não pertencem ao mundo perceptível. Também as coisas inanimadas, desconhecidas como são, mas cheias de familiaridade, participam da relação dos amantes. A natureza e o singular espírito dos amantes olham-se nos olhos; são duas direções da mesma ação, é um fluir em duas direções e um fogo que queima nas duas pontas.

E reconhecer uma pessoa ou coisa sem a ligar a si mesmo é mais impossível ainda, pois tomar conhecimento toma algo das coisas; elas mantêm sua forma, mas parecem desabar em cinzas dentro dela, alguma coisa se evapora, sobram suas múmias. Por isso, não há verdade para os amantes; ela seria um beco sem saída, um término, a morte do pensamento que, enquanto vive, parece a fimbria viva de uma labareda na qual luz e trevas se estreitam peito a peito. Como pode um detalhe iluminar, onde tudo é luz?! Para que as esmolas da segurança e do inequívoco, onde tudo é plenitude? E como podemos desejar algo só para nós, ainda que seja a coisa amada, se já vivenciamos que os amantes não pertencem mais a si, mas a tudo o que se aproxima deles, entrelaçados que estão pelos olhares?

Quem domina esse tipo de linguagem pode prosseguir nesse tom sem dificuldade. Anda-se com uma luz na mão, cujo doce brilho ilumina uma após a outra as relações da vida, e todas parecem ter sido apenas grosseiros mal-entendidos naquela aparência comum que tinham na sólida luz do dia. Como parece impossível, pois, a fisionomia da palavra “posse” aplicada aos amantes! Mas revela desejos mais sublimes querer possuir, *pos-sidere*, princípios como quem fica sentado sobre eles? O respeito dos filhos? Pensamentos? A si próprio? Essa desajeitada postura de ataque de um animal pesado que esmaga a presa com o corpo inteiro é com razão a expressão conceitual e física do capitalismo, e assim se revela a relação entre os que possuem na vida burguesa e os que possuem conhecimentos e habilidades, pois a tal o capitalismo reduziu seus pensadores e artistas,

enquanto, à parte disso, encontram-se o amor e a ascese qual solitário par de irmãos. E quando estão lado a lado, não dispersam esses irmãos de mira e alvo, ao contrário das miras e alvos desta vida? Mas as palavras mira, e alvo, nascem da linguagem dos atiradores: então, não ter mira nem alvo não significará, no seu contexto original, o mesmo que não ser um matador? E assim, apenas perseguindo os rastros da linguagem — rastros borrados mas reveladores! — percebemos que uma grosseira alteração do significado substituiu por toda parte as relações mais ponderadas, que se perderam totalmente. É uma conexão perfeitamente percebida mas impalpável; Ulrich desistiu de continuar a segui-la falando, não podia levar a mal que Hans pensasse que bastava puxar um fio qualquer e toda a trama viraria pelo avesso, tendo-se perdido apenas a intuição do fio exato. Ele interrompera Ulrich várias vezes, complementando suas frases.

— Se quiser encarar essas questões como pesquisador, não verá nelas mais do que veria um bancário! Todas as explicações empíricas são apenas aparentes, e não levam para fora do círculo dos conhecimentos inferiores, apreensíveis aos sentidos! Seu desejo de saber quer atribuir o mundo apenas ao mecânico girar de polegares das chamadas forças naturais!

Eram desse tipo as suas intervenções. Ora era grosseiro, ora veemente. Sentia que havia apresentado mal a sua causa, e censurava a presença daquele estranho, que o impedia de ficar sozinho com Gerda, pois de olhos nos olhos dela as mesmas palavras seriam bem diferentes, como águas cintilantes, como águias em revôo; sentia que no fundo estava em grande forma. Ao mesmo tempo estava muito espantado e indignado, por ouvir Ulrich falar com tanta facilidade e profundidade em seu lugar.

Na verdade, Ulrich não falava como cientista; falava muito mais do que pretendia, e apesar disso não tinha a impressão de estar dizendo nada em que não acreditasse. Isso o enchia de uma contida raiva. Para falar assim é preciso exaltação, fervor, e Ulrich oscilava entre esse estado de alma e a visão de Hans, com seu cabelo gorduroso, a pele ruim, gestos feios e veementes, a cascata de palavras em cuja baba pendia o véu de algo muito íntimo, como uma pele sendo retirada do coração. Mas a rigor, Ulrich sempre vacilara entre duas impressões semelhantes desse assunto, sempre fora capaz de falar com a fluência daquela dia, acreditando pela metade no que dizia, mas nunca passara dessa habilidade fácil, porque não acreditava

em seu conteúdo; e dessa forma, prazer e desprazer andavam lado a lado nesse diálogo.

Mas Gerda não prestou atenção àquelas intervenções irônicas que ele entremeava no discurso como uma paródia, impressionada que estava por ter ele se aberto. Fitou-o, quase assustada. “Ele é muito mais terno do que admite”, pensou, ouvindo-o falar, e uma sensação como a de uma criancinha que tateia no seio materno a deixou indefesa. Ulrich percebeu o seu olhar. Sabia de quase tudo o que acontecia entre ela e Hans, porque isso a assustava, e ela procurava alívio falando a respeito mesmo que de maneira alusiva, que Ulrich podia facilmente completar. Ela e Hans viam na posse, normalmente meta de jovens amantes, o começo do capitalismo da alma, o qual abominavam, e acreditando desprezar a paixão dos corpos, também desprezavam a prudência que lhes parecia suspeita, como ideal burguês. Assim, acabavam num entredevorar-se não corporal, ou semicorporal; procuravam afirmar-se mutuamente, como diziam, e sentiam o doce tremor da união dos seres, nascida da contemplação mútua, deslizando na invisível ondulação atrás do peito e da testa: no momento em que se pensa atingir a compreensão do outro, sente-se que um tem o outro dentro de si, e que são apenas um. Mas em horas menos festivas, contentavam-se com a vulgar admiração recíproca; recordavam um ao outro simples quadros ou cenas famosos, e quando se beijavam espantavam-se porque — para repetir uma expressão antiga — milênios os estavam contemplando.

Pois beijavam-se; declaravam que no amor a sensação rude do eu retorcendo-se no corpo era tão vulgar quanto uma reviravolta do estômago, mas seus corpos não se importavam com os conceitos da alma, e apertavam-se um contra o outro por responsabilidade própria. Depois ficavam sempre muito perturbados. Sua delicada filosofia não se sustentava diante da consciência de estarem sós, da penumbra do quarto, da louca atração crescente dos corpos enlaçados. Gerda, que como mocinha era a mais velha dos dois, sentia com intensidade tão inocente o desejo de uma relação completa como uma árvore sentiria se alguma coisa a impedisse de florescer na primavera. Esses abraços pela metade, tão sem sal como beijos de criança, tão sem fronteiras como carícias de anciãos, sempre os deixavam esgotados. Hans adaptava-se melhor, porque quando tudo passava encarava-o como uma provação de suas idéias.

— Não nos é dado possuir — ensinava —, somos peregrinos que subimos de degrau em degrau.

E quando notava que o corpo de Gerda fremia de insatisfação, não hesitava em atribuir isso a uma fraqueza, quando não a um vestígio de sua origem não-germânica, e sentia-se como o devoto Adão, cujo coração viril mais uma vez devia ser afastado da fé pela sua antiga costela. Nessas horas, Gerda o desprezava. E provavelmente era por isso que, ao menos antigamente, contara a Ulrich tudo o que podia. Adivinhava que um homem de verdade faria bem mais e bem menos do que Hans, que, depois de a ofender, escondia o rosto coberto de lágrimas entre as pernas dela como uma criança. E, a um tempo orgulhosa e irritada com essas experiências, ela as revelava a Ulrich, na temerosa esperança de que, com suas palavras, ele destruísse aquela beleza dolorosa.

Mas Ulrich raramente lhe falava da forma esperada, em geral a esfriava com suas ironias, pois embora Gerda lhe recusasse sua confiança, Ulrich sabia muito bem que, com ele, a moça sentia uma permanente necessidade de submissão, e que nem Hans nem outra pessoa tinha sobre a natureza dela o poder que ele poderia ter. Desculpava-se pensando que qualquer outro homem de verdade teria sido um alívio para Gerda depois daquele confuso porcalhão que era Hans. Mas enquanto Ulrich refletia sobre tudo isso, e se sentia novamente presente e concentrado, Hans se controlara e tentava novo ataque.

— Resumindo — disse —, o senhor cometeu o maior erro que se pode cometer, pois tentou expressar em conceitos o que por vezes ergue o pensamento acima deles; mas essa deve ser a diferença entre um cavalheiro erudito e nós. Primeiro é preciso aprender a viver as coisas, depois talvez se aprenda a pensá-las! — acrescentou, orgulhoso, e como Ulrich sorrisse, continuou como o raio que castiga: — Jesus via tudo aos doze anos, sem precisar fazer o doutorado!

Infringindo o dever da discrição, Ulrich deu-lhe um conselho que revelava o conhecimento de detalhes que só Gerda poderia ter fornecido, pois respondeu:

— Não entendo por que, se o senhor quer viver a coisa, não vai até o fim.

Eu tomaria Gerda nos braços, rejeitando todos os escrúpulos de minha razão, abraçando-a até que nossos corpos virassem cinza, ou aceitassem a mudança de sentido e se voltassem para dentro de si mesmos, o que é inimaginável!

Sentindo a ferroada do ciúme, Hans não olhou para ele mas para Gerda. Esta ficou pálida e constrangida. As palavras “Eu tomaria Gerda nos braços” tinham-lhe dado a impressão de uma secreta promessa. Naquele momento, tanto fazia qual fosse a idéia mais coerente de uma “outra vida”, e lhe veio a certeza: se Ulrich quisesse de verdade, realizaria tudo exatamente como deveria ser. Hans, furioso pela traição de Gerda, negou que fosse possível fazer o que Ulrich dizia; não eram tempos adequados, e as primeiras almas tinham de partir de um pico de montanha como tinham feito os primeiros aviões, e não de um vale raso. Talvez ainda precisasse aparecer uma pessoa que libertasse as demais de sua inibição, para ser atingido o clímax! E não era impossível que ele próprio fosse esse redentor, mas isso era problema seu, e além do mais negava que os tempos atuais, de tão baixo nível, conseguissem produzir alguém daquela espécie.

Ulrich disse alguma coisa a respeito da quantidade de redentores que já existiam no mundo. Qualquer diretor de uma associação podia passar por redentor! Estava convencido de que, se Cristo voltasse, teria pior destino do que da primeira vez; os jornais e clubes do livro de tendência moralista considerariam seu tom indelicado, e a grande imprensa mundial mal lhe daria espaço.

Tinham assim voltado ao começo da conversa, e Gerda sentia-se desanimada.

Mas uma coisa mudara: sem demonstrá-lo, Ulrich estava um pouco perdido. Seus pensamentos não seguiam suas palavras. Fitou Gerda. Seu corpo era magro, sua pele cansada e fosca. O vago ar de solteirona que a caracterizava lhe pareceu de súbito bem evidente, embora provavelmente sempre tivesse sido decisivo nessa inibição que o impedia de unir-se à mocinha que o amava. Hans também colaborava, com aqueles seus presságios semicorporais de comunhão, de certa forma não muito distantes dos sentimentos da virgindade envelhecida. Ulrich sentia certa repulsa por Gerda, mas desejou prosseguir o diálogo com ela. Lembrou-se de que a

convidara a visitá-lo em casa. Ela não dera minimamente a entender se esquecera a sugestão ou se ainda pensava nela, e ele não encontrou mais a oportunidade de lhe perguntar. O fato lhe causava certa pena inquieta, e alívio ao mesmo tempo, como quando sentimos passar por perto algum perigo que reconhecemos tarde demais.

A SITUAÇÃO SE AGRAVA. ARNHEIM SE MOSTRA MUITO AFÁVEL COM O GENERAL STUMM. DIOTIMA TOMA PROVIDÊNCIAS PARA LANÇAR-SE AO ILIMITADO. ULRICH FANTASIA SOBRE A POSSIBILIDADE DE SE VIVER COMO SE LÊ

Sua Alteza desejara ardentemente que Diotima se informasse sobre o famoso cortejo do pintor Makart, que unira toda a Áustria numa onda de entusiasmo nos anos setenta; ainda recordava muito bem as carruagens cobertas de tapeçarias, os cavalos de pesados arreios, as trombetas e o orgulho das pessoas com suas vestes medievais que as alçavam acima do cotidiano. Foi assim que Diotima, Arnheim e Ulrich saíram da biblioteca da Corte, onde tinham ido procurar descrições daquele tempo. Conforme

Diotima previra, fazendo bico diante de Sua Alteza, o resultado fora nulo; não se podia mais arrancar a humanidade de sua vida rotineira com esse tipo de quinquilharia espiritual, e a bela dama anunciou a seus companheiros que queria saborear o sol e o ano de 1914, que, bem longe daquela época mofada, começara há várias semanas. Diotima dissera na escadaria que desejava ir para casa a pé, mas mal tinham emergido na luz do dia, encontraram o general que, entrando no portão da biblioteca, orgulhoso por ter sido encontrado naquela atividade tão científica, imediatamente se declarou disposto a dar meia volta e reunir-se ao séquito que acompanhava Diotima a caminho d'ólar.

Eis a razão por que, depois de alguns passos, Diotima achou que estava cansada, e pediu um carro. Mas como demorasse a passar um veículo disponível, ficaram parados na praça diante da biblioteca, um retângulo em forma de tanque, com três lados fechados por magníficas fachadas antigas, ao passo que no quarto lado, diante de um palácio baixo e comprido, corria uma rua asfaltada, rebrilhando como uma pista de gelo, com automóveis e carruagens que passavam sem atender aos sinais e acenos que eles faziam

como náufragos, até se cansarem, ou esquecerem, e só eventualmente tornarem a repeti-los.

Arnheim carregava pessoalmente um grande livro debaixo do braço. Era uma atitude que lhe dava prazer; a um tempo altivo e respeitoso diante do espírito.

Falava vivamente com o general.

— Alegra-me ver que o senhor também frequenta bibliotecas; de tempos em tempos é preciso visitar o espírito em sua própria casa — disse —, mas hoje em dia isso é raro entre homens de posição!

O General Stumm respondeu que estava muito familiarizado com aquela biblioteca. Arnheim achou aquilo louvável.

— Hoje praticamente só há escritores, e ninguém para ler seus livros — prosseguiu.

— General, alguma vez imaginou quantos livros são impressos anualmente? Acho que me recordo de serem mais de cem livros diariamente, só na Alemanha. E fundam-se mais de mil revistas por ano! Todo mundo escreve; todo mundo se serve de qualquer pensamento como se fosse seu, desde que lhe convenha; ninguém mais pensa numa responsabilidade pelo todo! Desde que a Igreja perdeu sua força, não há mais autoridade em nosso caos. Não há modelo educacional nem idéia pedagógica. Nessas condições, é bem natural que sentimentos e moral derivem sem âncora, e o homem mais firme comece a vacilar!

O general sentiu a boca seca. Não se podia dizer que o Dr. Arnheim se dirigisse diretamente a ele; era um homem parado numa praça, pensando em voz alta. O general recordou que muitas pessoas na rua falam sozinhas enquanto correm para algum lugar; para ser mais exato, muitos civis, pois um soldado seria preso, e um oficial seria mandado para a enfermaria psiquiátrica. Stumm teve uma impressão penosa ao ver filosofarem em público bem no coração da capital e residência. Além dos dois, havia apenas outro homem, mudo, ao sol da praça: ele era de bronze e estava sobre uma grande pedra; o general não sabia mais quem estava ali representado, e era a primeira vez que o notava. Arnheim, percebendo-o, indagou quem era. O general desculpou-se:

— E puseram-no aqui para que o veneremos! — respondeu o poderoso. — Mas é isso mesmo! Nós nos movemos o tempo todo entre instituições, perguntas e exigências das quais pouco sabemos, de modo que o presente está sempre recorrendo ao passado; se me permite a expressão, afundamos até os joelhos nos porões do tempo, e pensamos que é o presente!

Arnheim sorriu, dedicava-se à conversação. Seus lábios remexiam-se incessantemente ao sol, a luz se alternava em seus olhos como num navio que sinaliza. Stumm começou a sentir-se desconfortável; achou difícil fazer notar continuamente a atenção diante de tantos e tão raros assuntos, exposto a todo mundo na bandeja do uniforme e da praça. Crescia relva nas fendas entre as pedras do calçamento; era do ano anterior, mas parecia incrivelmente fresca, como um cadáver conservado na neve; aliás, era muito esquisito e perturbador estar crescendo grama entre as pedras, quando se pensava que a poucos passos dali o asfalto era modernamente limpo e esfregado pelo movimento dos carros. O general começou a recear que, se tivesse de escutar ainda por muito tempo, acabaria lançando-se de joelhos e comendo capim diante de todo mundo, não sabia bem por quê. Ele olhou para Ulrich e Diotima, em busca de auxílio.

Estes tinham-se abrigado na tênue sombra de um toldo numa esquina, e só se ouviam suas vozes abafadas e incompreensíveis dentro da discussão que travavam.

— Mas isso é uma idéia muito desoladora! — disse Diotima.

— O quê? — perguntou Ulrich, mais mecanicamente do que por curiosidade.

— Há individualidade na vida, sim senhor! Ulrich esforçou-se por olhá-la de lado nos olhos.

— Meu santo Deus — comentou —, nós já falamos sobre isso!

— O senhor não tem coração! Ou não estaria sempre falando desse jeito! — Ela disse isso brandamente. Um aroma quente de terra subia das lajes pelas pernas dela, inatingíveis e envoltas em saias, alheias ao mundo como pernas de estátua. Nenhum sinal revelava que ela sentia algo. Era uma ternura que não pertencia a nenhum homem, nenhum ser humano. Seus olhos estavam pálidos, mas podia ser apenas a impressão de reserva numa situação em que estava exposta aos olhares dos passantes. Virou-se para Ulrich e disse com

esforço:

— Quando uma mulher tem de escolher entre paixão e dever, em que há de se apoiar se não for no seu caráter?

— Mas a senhora não tem de escolher! — replicou Ulrich.

— O senhor está se excedendo; não falei de mim mesma! — sussurrou a prima.

Como ele não respondesse, os dois ficaram algum tempo olhando para a praça, com ar hostil. Em seguida, Diotima perguntou:

— Acha possível que isso que chamamos nossa alma possa sair da sombra em que habitualmente se esconde?

Ulrich a fitou, atônito.

— Em pessoas especiais e privilegiadas — completou ela.

— Estará procurando contatos? — perguntou ele, incrédulo. — Arnheim a pôs em contato com algum médium?

Diotima estava decepcionada.

— Eu não esperava que me interpretasse tão mal assim — censurou-o. — Se falei em sair das sombras estava me referindo àquela irrealidade, àquele esconderijo cintilante, no qual de vez em quando experimentamos coisas inusitadas. Estende-se como uma rede que nos atormenta, porque nem nos segura nem nos larga. Não acha que houve tempos em que isso foi diferente? O interior destacava-se mais; indivíduos seguiam caminhos iluminados; em suma, andavam, como se dizia antigamente, por um caminho sagrado, e milagres tornavam-se realidade porque não são senão uma outra espécie de realidade!

Diotima espantou-se pela segurança com a qual, mesmo sem emoção especial, exprimia essa idéia como coisa bastante palpável. Ulrich estava intimamente furioso, mas, no fundo, muito assustado. Então chegamos ao ponto dessa enorme galinha falar como eu?, perguntou-se. Viu a alma de Diotima e sua própria alma, ambas na forma de uma grande galinha picando um vermezinho. Foi dominado pelo medo ancestral da criança diante da Grande Mulher, medo misturado a outra sensação esquisita; achou agradável ser espiritualmente devorado por aquela tola concordância com uma pessoa de seu parentesco, concordância que naturalmente era apenas acaso e tolice; ele não acreditava na magia do parentesco nem na

possibilidade de levar sua prima a sério, mesmo na pior das bebedeiras. Mas ultimamente, ele estava-se transformando por dentro; estava mais mole, sua configuração interior, sempre predisposta ao ataque, cedia, e mostrava tendências para sentir saudades da ternura, do sonho, do parentesco ou sabe Deus do que mais, e isso também se manifestava por uma disposição contrária que por vezes nascia nele imediatamente, uma espécie de má fé.

Por isso, debochou da prima.

— Se acredita nisso, considero seu dever tornar-se em segredo ou publicamente, mas bem depressa, “inteira e plenamente” amante de Arnheim.

— Por favor, pare! Não lhe dei direito de falar nisso! — disse Diotima, repelindo suas palavras.

— Mas tenho de falar nisso! Até pouco tempo atrás eu não sabia direito qual a sua relação com Arnheim, mas agora vejo claro, e a senhora me parece alguém que pretende seriamente voar até a Lua; eu não lhe teria atribuído tanta loucura.

— Eu lhe disse que posso ser desmedida! — Diotima tentou olhar em frente audaciosamente, mas o sol fechou suas pupilas e pálpebras numa expressão quase divertida.

— São delírios da fome de amor— disse Ulrich —, que passam quando a gente os sacia. — Perguntava-se o que Arnheim pretenderia com sua prima. Estaria arrependido da proposta e tentando cobrir a retirada com alguma comédia? Mas teria sido mais fácil viajar e não voltar mais; um homem que sempre lidara com negócios deveria ser capaz da necessária falta de consideração. Recordou ter percebido certos sinais em Arnheim, que num homem mais velho indicavam paixão; o rosto era por vezes de um amarelo acinzentado, flácido, cansado; olhava-se para dentro dele como para um quarto onde, ao meio-dia, a cama ainda não foi feita. Ele adivinhava que isso se devia à devastação causada por duas paixões igualmente intensas que lutam em vão pela supremacia. Mas como não pudesse imaginar uma paixão de poder tão grande quanto a de Arnheim, não compreendia a intensidade das disposições que, em contrapartida, o amor tomava.

— O senhor é um homem estranho! — disse Diotima. — Sempre diferente do que se poderia esperar! Não foi o senhor mesmo quem me falou do amor seráfico?

— E acha isso realmente possível? — perguntou Ulrich, distraído.

— Como o descreveu, naturalmente que não!

— Então o amor de Arnheim pela senhora é seráfico? — Ulrich começou a rir baixinho.

— Não ria! — pediu Diotima, irritada, quase sibilando.

— Nem sabe por que estou rindo — desculpou-se ele. — Estou rindo, como se diz, de nervoso. A senhora e Arnheim são pessoas sensíveis; apreciam a poesia; estou absolutamente convencido de que por vezes são bafejados por um hálito vago: resta saber de quê. E agora quer atacar isso com toda a meticulosidade de que o seu idealismo é capaz?

— Mas o senhor não exige sempre que a gente seja meticoloso? Ulrich estava um pouco espantado.

— Está maluca! — disse. — Desculpe a palavra, mas está maluca! E logo *a senhora* não pode ficar assim!

Enquanto isso, Arnheim comunicara ao general que, há duas gerações, o mundo sofria as maiores transformações: a alma estava acabando.

O general sentiu uma pontada. Santo Deus, mais uma novidade! Para dizer a verdade, até aquele momento, apesar de Diotima, ele pensara que “a alma” era coisa que nem existia; na escola de cadetes e no regimento as pessoas riam dessa conversa de padrecos. Mas como era um fabricante de canhões e chapas de blindagem quem estava falando daquilo com tamanha tranquilidade, os olhos do general começaram a comichar revirando-se como sombras no ar translúcido.

Mas Arnheim não esperou que o outro pedisse explicações. As palavras lhe jorravam dos lábios pela fresta rosa-pálido entre bigode e cavanhaque aparados. Como ele dizia, desde a decadência da Igreja, portanto desde o começo da cultura burguesa, a alma estava num processo de emurchecimento e envelhecimento. Perdera Deus, os valores e ideais sólidos, e hoje o ser humano chegara ao ponto de poder viver sem moral, sem princípios, praticamente sem experiências.

O general não compreendia direito por que não se podia ter experiências sem moral, mas Arnheim abriu o grande volume encadernado em couro de porco, que trazia na mão; continha a reprodução preciosa de um manuscrito que nem mesmo alguém tão excepcional como ele deveria ter permissão de

levar para a rua. O general viu um anjo, cujas asas perpendiculares se estendiam por duas páginas, postado no meio de uma folha coberta de terra escura, céu dourado, e estranhas cores a formarem nuvens; ele contemplava a reprodução de uma das mais comoventes e magníficas pinturas do começo da Idade Média, mas como não soubesse disso e entendesse muito bem de aves de caça e suas reproduções, apenas imaginou que uma criatura com asas e pescoço comprido, que não era nem ser humano nem galinha-d'água, devia ser uma aberração para a qual seu acompanhante lhe quisesse chamar a atenção.

Arnheim apontou a figura com o dedo e disse, pensativo:

— É isso o que a criadora da Ação austríaca gostaria de devolver ao mundo...!

— Ah, sim? — respondeu Stumm. Avaliara mal a importância da ave; era preciso ter cautela.

— Essa grandiosidade de expressão, apesar da mais perfeita simplicidade — prosseguiu Arnheim —, demonstra claramente o que nossos tempos perderam. O que significa diante disso a nossa ciência? Destroços! Nossa arte? Extremos, sem um corpo no meio! Falta ao nosso espírito o segredo da unidade, e, veja, por isso esse plano austríaco de dar ao mundo um exemplo unificador, um pensamento comum, me comove, embora eu não o julgue inteiramente exequível. Sou alemão. No mundo inteiro as coisas hoje são barulhentas e desajeitadas; mas na Alemanha, a gritaria é maior ainda. As pessoas se atormentam da manhã à noite em todos os países, quer se divirtam quer trabalhem; mas entre nós se levantam mais cedo ainda, e vão ainda mais tarde para a cama. No mundo inteiro o espírito de cálculo e violência perdeu contato com a alma; mas nós na Alemanha temos o maior número de negociantes e o exército mais forte. — Ele olhou ao redor da praça, deleitado. — Na Áustria as coisas ainda não estão tão desenvolvidas. Aqui ainda há passado, e as pessoas mantiveram algo da sua intuição original. Se ainda for possível salvar a natureza alemã do racionalismo, essa salvação só poderá vir daqui. Mas receio — acrescentou com um suspiro — que isso seja difícil. Hoje em dia há obstáculos demais para uma grande idéia; grandes idéias apenas servem para impedir umas às outras de serem malbaratadas; vivemos por assim dizer num estado de paz moral armada com idéias. Ele sorriu do próprio gracejo. Depois ocorreu-lhe outra coisa:

— Veja, a diferença entre a Alemanha e a Áustria, da qual falamos há pouco, sempre me lembra o jogo de bilhar: também no bilhar erramos se quisermos jogar com calculismo e não com emoção!

O general adivinhara que devia sentir-se lisonjeado pela expressão “paz moral armada”, e decidiu demonstrar que prestava atenção. Entendia alguma coisa de bilhar, por isso disse:

— Desculpe, eu jogo carambola e bolão, mas nunca ouvi dizer que houvesse uma diferença entre a técnica alemã e a austríaca.

Arnheim fechou os olhos e refletiu.

— Eu próprio não jogo bilhar — disse então —, mas sei que se pode tocar a bola do alto ou de baixo, à direita ou esquerda; podemos atingir a segunda bola em cheio ou só tocá-la de raspão; podemos dar a tacada forte ou fraca; atingir com mais ou menos força as “falsas”; e deve haver muitas outras possibilidades. Posso imaginar cada um desses elementos em muitas gradações, portanto há um número quase infinito de combinações. Se eu as quisesse apresentar teoricamente, teria de levar em conta além das leis da matemática e mecânica dos corpos sólidos, também a teoria da elasticidade; teria de conhecer os coeficientes do material; a influência da temperatura; teria de possuir os mais refinados métodos de medida de coordenação e gradação de meus impulsos motores; minha avaliação da distância teria de ser precisa como um nônio; minha capacidade combinatória deveria ser mais rápida e certa do que a de uma régua de cálculo; sem falar do cálculo dos erros, da amplitude de dispersão e do fato de que a meta a ser atingida, a coincidência total de duas bolas, não é unívoca, mas constitui um grupo, disposto em torno de um valor médio, de fatos apenas suficientes.

Arnheim falava devagar, forçando o outro a prestar atenção, como quando se pinga um líquido em gotas num copo; e não poupou um só detalhe ao seu interlocutor.

— Portanto, está vendo — prosseguiu — que eu precisaria ter qualidades e fazer coisas impossíveis de ter e fazer. O senhor certamente sabe bastante matemática para poder avaliar que seria tarefa para uma vida inteira querer calcular dessa maneira o simples curso de uma carambola; nossa inteligência nos deixa na mão! Apesar disso, aproximo-me do jogo com um

cigarro na boca, cantarolando em pensamento, por assim dizer de chapéu na cabeça. Mal me dou o trabalho de avaliar a situação, ataco e resolvo a tarefa! Senhor general, a mesma coisa acontece inúmeras vezes na vida! O senhor não é apenas austríaco, mas também oficial, e tem de me entender: política, honra, guerra, arte, os fatos decisivos da vida realizam-se além do entendimento. A grandeza do homem está enraizada no irracional. Também nós homens de negócio não calculamos como o senhor talvez imagine, mas naturalmente falo dos principais, pois os pequenos talvez contem suas moedas — aprendemos a considerar nossas idéias realmente bem-sucedidas como um mistério que zomba de qualquer avaliação. Quem não aprecia o sentimento, a moral, a religião, a música, poemas, forma, disciplina, cavalheirismo, liberalidade, franqueza, tolerância... acredite, jamais será um grande homem de negócios. Por isso sempre admirei a categoria dos guerreiros; especialmente dos austríacos, que repousa sobre tradições antiquíssimas, e alegra-me muito vê-lo apoiando a distinta senhora. Isso me tranquiliza. Sua influência é importantíssima, junto com a do nosso jovem amigo. Todas as grandes coisas repousam sobre as mesmas qualidades: grandes deveres são uma bênção, general!

Ele apertou involuntariamente a mão de Stumm e disse ainda:

— Pouquíssimas pessoas sabem que a verdadeira grandeza nunca tem fundamento, quero dizer: tudo o que é forte, é simples!

Stumm von Bordwehr parará de respirar, achou que não estava entendendo nada, sentiu necessidade de correr de volta à biblioteca e ler horas a fio sobre todos os pontos de vista que aquele homem lhe revelava, obviamente para o lisonjear. Mas por fim, no meio dessa tempestade primaveril, teve uma idéia surpreendentemente clara: “Que diabo, esse cara está querendo alguma coisa de mim!” Ergueu o olhar. Arnheim ainda estava com o livro nas mãos, mas agora fazia realmente esforços para conseguir um carro; seu rosto estava excitado e um pouquinho vermelho, como o de um homem que acaba de trocar idéias com outro. O general manteve o silêncio respeitoso que se impõe depois de grandes palavras; se Arnheim queria alguma coisa dele, também o general podia querer alguma coisa de Arnheim, para vantagem de Sua Majestade. Essa idéia abria tamanhas possibilidades que Stumm desistiu provisoriamente de refletir no caso. Mas se o anjo do livro

subitamente tivesse erguido suas asas pintadas deixando o esperto General Stumm dar uma olhada embaixo delas, este não teria se sentido mais perturbado e mais feliz.

No canto onde estavam Diotima e Ulrich surgira entrementes a seguinte questão: uma mulher na difícil situação de Diotima deveria renunciar, deixar-se levar ao adultério, ou tomar uma terceira decisão intermediária, pertencendo fisicamente a um homem e espiritualmente a outro, e quem sabe não pertencendo fisicamente a ninguém? Essa terceira condição ainda não estava fixada em palavras, por assim dizer; era apenas uma sublime melodia. E Diotima ainda insistia rigorosamente em não estar falando de si mesma, mas sim a respeito de “uma mulher”; e seu olhar irado impedia Ulrich de reunir as duas pessoas numa só.

Portanto, também ele usava de rodeios.

— Alguma vez observou um cachorro? — perguntou. — É o que imagina! Sempre viu apenas uma coisa que, com maior ou menor razão, lhe parecia um cachorro. Não tem todas as qualidades de um cão, e tem algo de pessoal que nenhum outro cachorro tem. Como poderíamos então fazer “o que é certo” na vida? Podemos apenas fazer algo que jamais estará certo e será sempre mais ou menos que o certo.

— E acaso jamais uma telha caiu do telhado conforme a lei prescreve? Nunca! Nem no laboratório as coisas saem como deviam ser. Desviam-se regularmente para todos os lados, e é de certa forma uma ficção julgarmos que seja por erro de execução, supondo que exista no meio um valor verdadeiro.

— Ou então, encontramos certas pedras, e por causa de suas qualidades comuns as chamamos de diamantes. Mas uma das pedras vem da Ásia, outra da África. Uma é extraída da terra por um negro, a outra por um asiático. Talvez essa diferença seja tão importante que possa anular o que há de comum. Na equação “diamante mais circunstâncias igual a diamante” o valor de uso do diamante é tão grande que o valor da circunstância desaparece. Mas podemos imaginar circunstâncias espirituais nas quais acontece o inverso.

— Tudo participa do geral, e além disso é especial. Tudo é verdadeiro, mas também é imprevisível e incomparável. Parece-me que o que há de pessoal

em qualquer criatura é exatamente aquilo que não coincide com nada mais. Eu lhe disse um dia que sobra tanto menos de pessoal no mundo quanto mais verdade descobrimos, pois há muito existe uma luta contra o individual, ao qual se rouba cada vez mais espaço. Não sei o que no fim sobrará de nós, quando tudo estiver racionalizado. Talvez, nada; mas talvez, então, quando desaparecer o falso significado que damos à personalidade, apareça uma nova, que será como uma magnífica aventura.

— Portanto, como pretende decidir? Quer que “uma mulher” decida segundo a lei? Então, ela que se oriente de uma vez pela lei burguesa. Moral é um valor médio e coletivo perfeitamente justificado, que temos de seguir ao pé da letra sem escorregadelas, quando o reconhecemos. Mas casos individuais não se podem decidir pela moral, eles têm tanto menos moral quanto mais dispuserem da inesgotável fonte do mundo!

— Mas que discurso o seu! — disse Diotima. Sentia uma certa satisfação, dado o gabarito das impertinências que lhe eram dirigidas, mas queria mostrar sua superioridade deixando de lado as divagações: — Então o que deveria fazer na vida real uma mulher na situação de que falamos? — perguntou.

— Deixar acontecer! — respondeu Ulrich.

— Quem?

— O que der e vier! Seu marido, seu amante, sua renúncia, aquela sua mistura.

— Tem idéia do que isso significa? — perguntou Diotima, lembrando dolorosamente que o sublime propósito de talvez renunciar a Arnheim aos poucos ia sendo podado pelo simples fato de que ela dormia no mesmo quarto com Tuzzi. Seu primo devia ter suspeitado algo desse pensamento, porque perguntou laconicamente:

— Quer experimentar comigo?

— Com o senhor? — respondeu Diotima devagar, procurando defender-se com uma brincadeira inofensiva. — Acaso quer me explicar como imagina isso?

— Imediatamente! — respondeu Ulrich. — Lê muito, não é verdade?

— É certo.

— E o que faz quando lê? Vou responder: sua mente deixa de fora aquilo que não lhe agrada. O autor já fez a mesma coisa. Também omite essas coisas no sonho ou nas fantasias. Portanto, beleza ou excitação aparecem no mundo por exclusão. É evidente que nossa postura no meio da realidade é um compromisso, um estado intermediário no qual as emoções impedem-se mutuamente de se transformarem em paixões, e se misturam em tons cinzentos. Crianças que ainda não assumiram essa postura são mais felizes e mais infelizes do que os adultos, exatamente por isso. E quero acrescentar logo que também os ignorantes são assim: a ignorância traz felicidade. Portanto, sugiro, em primeiro lugar: vamos tentar nos amar como se fôssemos personagens de um escritor, que se encontram nas páginas de um livro. De qualquer modo, vamos deixar de lado toda a camada de gordura que arredonda a realidade.

Diotima queria fazer objeções; desejava desviar a conversa do terreno pessoal, e mostrar, por outro lado, que compreendia algo das questões abordadas.

— Muito bem — respondeu —, mas dizem que a arte é tirar férias da realidade, para voltar repousado a ela!

— E eu sou tão irracional que digo que não deve haver “férias”! — retrucou o primo. — Que vida essa, que se tem de perfurar periodicamente com férias! Faríamos furos num quadro, só porque ele nos confronta com uma excessiva exigência de beleza?! Será que na felicidade eterna se prevêm semanas de férias? Pois eu lhe digo que até a idéia do sono às vezes me desagrada!

— Ah, está vendo — interrompeu Diotima, apoderando-se daquele exemplo — como é pouco natural o que diz! Um homem sem necessidade de descanso e tréguas? Nenhum exemplo é melhor do que este para esclarecer a diferença entre o senhor e Arnheim! De um lado um espírito que não conhece as sombras das coisas, e de outro, um espírito que se desenvolve na plena humanidade, com sombras e sol!

— Sem dúvida, estou exagerando — concordou Ulrich imperturbável.— Vai reconhecer isso melhor se entrarmos em detalhes. Pensemos nos grandes escritores. Podemos orientar nossa vida por eles, mas não podemos espremer a vida como vinho das obras deles. Deram forma tão firme ao que os comoveu, que tudo aparece como metal laminado nos espaços entre as

letras. Mas o que foi que disseram, na verdade? Ninguém sabe. Eles próprios nunca souberam inteiramente. São como um campo sobre o qual voam as abelhas; ao mesmo tempo, são esse próprio vôo. Seus pensamentos e emoções têm todas as gradações da transição entre verdades, ou também erros que somente com esforço se poderiam comprovar, e criaturas mutáveis, que se aproximam ou se esquivam de nós quando as queremos observar.

— É possível destacar da página o pensamento de um livro. Ele nos acena como o rosto de uma pessoa que passa por nós em disparada numa cadeia de outros rostos, e emerge por um breve instante, pleno de significação. Provavelmente estou exagerando de novo; mas queria perguntar o que acontece na nossa vida senão isso que descrevi? Não falarei das impressões exatas, mensuráveis e definíveis, mas todos os demais conceitos sobre os quais repousa nossa vida não são senão metáforas cristalizadas. Entre quantas noções não oscila e paira um conceito tão simples como o da masculinidade? É como um sopro que a cada respiração muda de figura, e nada é firme, nenhuma impressão, nenhuma ordem. Se, como eu disse, deixamos fora da literatura aquilo que não nos serve, tudo o que fazemos é apenas reconstituir o estado original da vida.

— Caro amigo — disse Diotima —, eu acho esses comentários completamente vazios. — Ulrich parará de falar por um instante, e as palavras dela caíram nesse intervalo.”

— É, parece. Espero não ter falado alto demais — disse ele.

— Falou baixo, rápido, e muito — completou ela, um pouco irônica. — Mas apesar disso, não disse uma palavra do que queria dizer. Sabe o que me explicou novamente? Que devíamos acabar com a realidade! Admito que quando ouvi esse seu comentário pela primeira vez, acho que em um de nossos passeios, fiquei pensando nele, por muito tempo, nem sei por quê. Mas infelizmente, mais uma vez não me disse como pretende pôr isso em prática!

É claro que teria então de, pelo menos, falar mais outro tanto. A senhora esperava que fosse coisa simples? Se não me engano, comentou que desejaria sair voando com Arnheim numa espécie de estado de santidade, que encara, portanto, como uma segunda espécie de realidade. O que eu disse significa, porém, que precisamos nos apossar outra vez do irreal; a

realidade não tem mais sentido!

— Mas Arnheim dificilmente concordaria com isso! — opinou Diotima.

— Claro que não; essa é a diferença entre nós. Ele queria dar um sentido ao fato de comer, beber, dormir, ser o grande Arnheim, e não saber se quer ou não se casar com a senhora, e para isso, juntou todos os tesouros do intelecto. — De repente, Ulrich fez uma pausa, que se transformou em silêncio.

Algum tempo depois, perguntou, em outro tom:

— Pode me dizer por que estou falando tudo isso logo consigo? Neste momento, recordo minha infância. Não vai acreditar, mas fui um bom menino, terno como o ar numa noite quente e enluarada. Podia-me apaixonar desmedidamente por um cachorro, uma faca... — Ele também não concluiu aquela frase.

Diotima fitou-o com ar de dúvida. Lembrou-se novamente do quanto um dia ele defendera a “precisão do sentimento”, enquanto hoje falava o contrário. Até acusara Arnheim certa vez de insuficiente pureza de intenção, e hoje falava em “deixar acontecer”. Inquietava-a o fato de Ulrich defender as “emoções sem férias”, enquanto Arnheim dissera ambigualmente que nunca se deveria odiar inteiramente nem amar *completamente!* Esse pensamento a deixava muito insegura.

— Acredita realmente que existe uma sensação ilimitada? — perguntou Ulrich.

— Ah, existe sentimento ilimitado! — respondeu Diotima, recuperando a segurança.

— Veja, não acredito muito nisso — disse Ulrich, distraído. — Estranho, estamos falando nisso, mas é exatamente o que evitamos a vida toda, como se fôssemos nos afogar aí dentro. — Ele notou que Diotima não estava escutando, mas olhava inquieta para Arnheim, cujos olhos procuravam um carro.

— Acho que temos de salvá-lo do general — comentou ela.

— Vou parar um carro e levar o general comigo — se ofereceu Ulrich, e, no momento em que ele se afastava, Diotima colocou a mão em seu braço e

disse, para recompensá-lo amavelmente por seus esforços:

— Qualquer sentimento que não seja ilimitado não vale a pena.

Conforme a lei que afirma que depois de períodos de grande solidez acontecem mudanças tempestuosas, também Bonadéia sofreu uma recaída. Suas tentativas de aproximar-se de Diotima tinham sido inúteis, e falhara a bela intenção de punir Ulrich com a amizade das duas rivais, que lhe permitiria, ao mesmo tempo, ficar ao lado dele — fantasia essa à qual dedicara muitos sonhos. Ela teve que se humilhar batendo novamente na porta do amado, mas esse parecia ter organizado as coisas de tal modo que eles eram interrompidos a toda hora, e na sua fria amabilidade era impermeável aos relatos através dos quais ela queria lhe explicar por que voltara, embora ele não merecesse. O desejo de, por isso, armar uma cena terrível era premente, mas, de outro lado, sua postura de mulher virtuosa lhe proibia tal, de modo que com o tempo começou a sentir grande repulsa pelas virtudes que se impusera. A noite, a cabeça inchada pelo desejo sensual insatisfeito pesava sobre seus ombros como um coco cuja casca, peluda como um macaco, tivesse crescido para dentro por algum engano da natureza, e por fim ficou tão cheia de raiva impotente quanto um beerrão a quem tiraram a garrafa. Insultava Diotima, chamando-a em pensamento de farsante, de mulherzinha insuportável, e sua fantasia não poupava aquela nobreza feminina, cujo encanto era o segredo de Diotima, de embasados comentários. A imitação da aparência exterior da outra, que lhe dera tanta alegria, tornou-se uma prisão para Bonadéia, que dela escapou com uma liberalização desenfreada; tesoura de fazer cachos e espelho perderam o poder de transformá-la numa figura ideal, e com isso também desmoronou aquele estado de consciência artificial em que estivera. Até o sono, que, apesar dos conflitos de sua vida, sempre fora um grande prazer para Bonadéia, agora por vezes demorava um pouco a chegar à noite, o que era tão novo para ela que lhe parecia uma insônia doentia; e nesse estado sentiu o que sentem todas as pessoas realmente enfermas: a mente lhes foge,

abandona o corpo como quem abandona um ferido. Quando Bonadéia jazia em suas lutas como sobre uma areia escaldante, todas aquelas frases inteligentes, que tanto admirara em Diotima, lhe pareciam muito remotas, e sentia sincero desprezo por elas.

Como não conseguisse se decidir a procurar Ulrich mais uma vez, arquitetou várias vezes um plano para reconquistá-lo para as emoções naturais, e o que primeiro concluiu foi o fim desse plano: Bonadéia entraria na casa de Diotima quando Ulrich estivesse com a sedutora. Obviamente, as reuniões em casa dela eram apenas pretexto para flertes, e não para algum trabalho comunitário real. Bonadéia, sim, fazia algo pela comunidade, e com isso estava pronto também o começo de seu plano: pois ninguém mais se interessava por Moosbrugger, que estava se acabando enquanto os outros faziam belas frases! Bonadéia não se espantou nem um momento com o fato de que mais uma vez Moosbrugger a salvaria de uma aflição. Se tivesse refletido melhor a seu respeito, ela o teria achado medonho; mas só pensava: “Se Ulrich tem tanta simpatia por ele, não quero que o esqueça!” Depois, dedicando-se a seu plano, ocorreram-lhe mais dois detalhes: lembrou que, falando sobre esse assassino, Ulrich afirmara que as pessoas têm uma segunda alma, sempre inocente, e que um homem responsável pode agir de outra forma, mas o irresponsável jamais; ela concluiu que desejava ser irresponsável para ser inocente, estado em que Ulrich também não se encontrava mas que ela podia, para sua salvação, lhe devolver.

Vestida como se fosse a uma recepção, passou várias noites debaixo das janelas de Diotima, e não precisou esperar muito para que estas se iluminassem em toda a fachada, revelando a atividade em seu interior. Dissera ao marido que fora convidada mas que nunca ficava muito tempo nas reuniões; e nos poucos dias em que lhe faltou coragem, dessa mentira, e desse caminhar de um lado para outro diante da casa onde não tinha lugar, foi surgindo um impulso crescente que em breve a levaria às escadarias. Podia ser vista por conhecidos, por seu marido que talvez passasse por ali casualmente; poderia chamar a atenção do zelador, um guarda poderia ter a idéia de interrogá-la: quanto mais frequentemente repetia seu passeio, tanto mais plausível lhe pareceu que, se hesitasse muito tempo, haveria algum incidente. Pois bem, Bonadéia não raro se esgueirava por portais ou

caminhos onde não queria ser vista, mas tivera então a seu lado, como anjo da guarda, a consciência de que aquilo era inevitável para alcançar seus objetivos, enquanto que, desta vez, pretendia entrar numa casa onde não era esperada, e não fazia idéia do que poderia acontecer; sentiu-se como uma mulher que vai cometer um atentado terrorista, e no começo não imagina o que vai suceder, mas, ajudada pelas circunstâncias, é levada ao estado em que o estouro de uma pistola, ou o brilho das gotas de ácido muriático pelo ar já não dão exaltação alguma.

Bonadéia não tinha intenções desse tipo, mas estava num estado de espírito de alheamento semelhante, quando por fim realmente apertou a campainha da porta e entrou. A pequena Raquel aproximara-se discretamente de Ulrich anunciando que alguém desejava lhe falar lá fora, sem revelar que esse “alguém” era uma estranha dama coberta de véus. Quando ela fechou a porta do salão atrás dele, Bonadéia ergueu os véus do rosto. Naquele momento estava firmemente convencida de que o destino de Moosbrugger não permitiria mais adiamentos, e não recebeu Ulrich como uma amante atormentada de ciúmes, mas ofegante como um corredor de maratona. Sem esforço, mentiu que seu marido lhe dissera no dia anterior que em breve não se poderia mais salvar Moosbrugger.

— Não há nada que eu odeie tanto — concluiu — quanto esse obsceno jeito de assassinar alguém; mas apesar disso, corri o risco de ser recebida como intrusa nesta casa, porque se você pretende conseguir alguma coisa, terá de voltar imediatamente para junto da dona da casa, e seus influentes convidados, para lhes expor esse assunto!

Ela não sabia o que a esperava. Será que Ulrich agradeceria comovido, chamaria Diotima, para que se juntasse a eles dois em algum aposento reservado? Ou será que Diotima, atraída para o vestibulo pelas vozes alteradas, daria a ela, Bonadéia, a oportunidade de mostrar que era a mais apta para cuidar dos nobres sentimentos de Ulrich! Seus olhos reluziram, úmidos, suas mãos tremiam. Ela falava alto. Ulrich ficou muito constrangido, e sorria o tempo todo, como artifício desesperado para tranquilizá-la e ter tempo de refletir no jeito de convencê-la de que precisava ir embora imediatamente. A situação era difícil e talvez tivesse terminado com um acesso de gritos ou choro de Bonadéia, não fosse Raquel, que veio em auxílio dele. A pequena Raquel estivera parada perto deles todo o tempo, com olhos brilhantes e arregalados. Logo pressentira

algo de aventureiro na maneira como aquela bela dama, com o corpo todo agitado, pedira para falar com Ulrich. Ouviu grande parte da conversa, e as sílabas do nome Moosbrugger entraram em seus ouvidos como tiros. A voz da mulher, modulada por ondas de desejo e ciúme, arrebatava-a, embora não compreendesse esses sentimentos. Adivinhou que aquela dama era amante de Ulrich, e imediatamente ficou duas vezes mais apaixonada por ele. Sentia-se impelida a fazer alguma coisa, como se, ouvindo alguém cantar com grande fervor, tivesse de cantar também. Por isso, pedindo discrição com o olhar, abriu uma porta e convidou os dois a entrarem no único aposento que os convidados não estavam ocupando. Era a primeira deslealdade evidente contra sua patroa, pois não podia haver dúvida sobre o que aconteceria se fossem descobertos; mas o mundo era tão belo, e uma excitação dessas era tão inusitada, que ela nem chegou a refletir a respeito disso.

Quando a luz se acendeu e os olhos de Bonadéia viram aos poucos onde ela estava, suas pernas quase fraquejaram, e um rubor de ciúme lhe subiu às faces, pois era o quarto de dormir de Diotima; meias, escovas de cabelo e muitas outras coisas encontravam-se por ali, tudo o que fica depois que uma mulher se veste da cabeça aos pés apressadamente para uma festa, e a criada não teve tempo de arrumar, ou deixou de fazer isso porque, como era o caso, de qualquer modo terá de fazê-lo meticulosamente na manhã seguinte; pois nas grandes noites de festa também o quarto precisava servir para guardar móveis e esvaziar os outros aposentos. O ar cheirava àqueles móveis amontoados, a pó-de-arroz, sabonete e essências.

— A pequena fez uma bobagem. Não podemos ficar aqui! — disse Ulrich, rindo. — Aliás, você não devia ter vindo, afinal não se pode fazer nada pelo Moosbrugger.

— Está dizendo que eu não devia ter-me dado o incômodo de vir aqui? — repetiu Bonadéia, quase sem voz. Seus olhos erravam pelo quarto. E indagava-se torturada: como aquela mocinha teria tido a idéia de trazer Ulrich para a parte mais íntima da casa, se não estivesse habituada a isso?! Mas não teve coragem de jogar-lhe ao rosto essa prova, apenas disse, numa acusação em tom inexpressivo:

— Você consegue dormir tranquilo diante de uma injustiça dessas? Eu estou

há noites sem dormir, por isso resolvi procurá-lo!

Agora voltara as costas para o quarto, parará junto da janela e olhava fixamente a penumbra ofuscante que se erguia lá fora. Podiam ser copas de árvores, ou o fundo de algum pátio. Não dava, portanto, para a rua. Apesar de estar tão nervosa, reconheceu a localização do quarto; era devassado por outras janelas, e, dando-se conta de que estava sozinha com seu amante infiel, com as cortinas abertas, iluminada pelas lâmpadas, diante de uma escura sala de espectadores, no quarto de dormir de sua rival, ficou excitadíssima. Tirara o chapéu e abrira o manto, a testa e os bicos quentes de seus seios tocavam as vidraças frias, lágrimas molhavam seus olhos. Afastou-se devagar e virou-se outra vez para o amigo, mas algo daquele negrume macio e suave que estivera olhando estava preso aos seus olhos, que tinham agora uma inconsciente profundidade.

— Ulrich! — disse, veemente. — Você não é mau! Apenas finge ser! Está sempre criando dificuldades para ser bom!

A situação voltou a ficar perigosa com aquelas palavras excessivamente inteligentes de Bonadéia; dessa vez, não era o anseio ridículo de uma mulher dominada por seu corpo, procurando consolo na nobreza espiritual; ali falava a própria beleza daquele corpo, reclamando seu direito à terna dignidade do amor. Ele foi até junto de Bonadéia, e passou o braço pelo seu ombro; tinham-se virado novamente para a escuridão, e olharam juntos para fora. Naquela treva aparentemente sem limites escorrera um pouco de luz vinda da casa, como quando um nevoeiro denso enche o ar com sua maciez. Por algum motivo, Ulrich teve a forte impressão de que olhava para uma suave e fria noite de outubro, embora fosse fim de inverno, e achou que a cidade estava envolta por ela como num gigantesco cobertor de lã. Depois, lembrou-se de que também se podia dizer que um cobertor de lã parece uma noite de outubro. Sentia na pele uma doce insegurança, e apertou Bonadéia contra si.

— Você vai entrar agora? — perguntou Bonadéia.

— E impedir a injustiça que querem fazer com Moosbrugger? Não. Nem sei mais se realmente é uma injustiça! Que sei dele? Só o vi uma vez rapidamente du-

rante o julgamento, e li algumas coisas que se escreveram a seu respeito. É

como se eu tivesse sonhado que o bico do teu seio é uma pétala de papoula. Só por isso devo acreditar que é mesmo?

Ele refletia. Bonadéia também refletia. Ele pensava, “na verdade cada pessoa, mesmo objetivamente, não significa para outra muito mais do que uma série de símbolos”.

Bonadéia, refletindo, decidiu:

— Venha, vamos embora!

— Impossível! — disse Ulrich. — Iriam perguntar onde estive, e se descobrissem sua visita, seria bem desagradável.

Silêncio. Olhavam para fora, e algo que podia ser noite de outubro, noite de janeiro, cobertor de lã, dor ou felicidade, não sabiam direito, os unira novamente.

— Por que você nunca faz o que seria mais óbvio? — perguntou Bonadéia. De repente, ele recordou um sonho que devia ter tido nos últimos tempos.

Ulrich era uma das pessoas que raramente sonham ou, pelo menos, nunca se lembram dos sonhos, e ficou singularmente comovido vendo que essa lembrança se abria de repente deixando-o entrar. Tentava em vão várias vezes subir uma encosta de montanha íngreme, e sempre recuava com intensa vertigem. Sem maior explicação, entendia agora que aquela experiência se relacionava com Moosbrugger, que não aparecia no sonho. E como muitas vezes um sonho tem vários significados, também corporificava as vãs tentativas do seu espírito, que nos últimos tempos haviam-se manifestado em suas conversas e relações, e pareciam caminhar sem uma trilha certa que nunca avança além de determinado ponto. Ele sorriu da ingênua solidez com que seu sonho representara isso: pedra lisa e terra que deslizava, aqui e ali uma árvore isolada como objetivo ou apoio, e, ao andar, a vertiginosa diferença de alturas. Ele tentara subir e descer com o mesmo insucesso, e sentia náuseas por causa da vertigem, quando declarou a alguém que ia a seu lado: vamos esquecer isso, bem lá embaixo, no vale, passa o confortável caminho comum!

Fora bem nítido! E Ulrich achou que essa pessoa bem poderia ser Bonadéia. Talvez ele realmente tivesse sonhado que o bico do seio dela fosse uma pétala de papoula; algo desconexo que podia ser largo e recortado, algo

azul-avermelhado com tons escuros de malva, destacava-se de um canto ainda sombrio do sonho, como um nevoeiro.

Nesse momento surgiu aquele clarão da consciência em que, com um olhar, vemos nossos próprios bastidores e tudo o que se desenrola entre eles, embora não se possa nem de longe explicar tal impressão. A relação entre o sonho e o que ele exprime lhe era sabida, nada senão a relação de analogia, de metáfora, que já muitas vezes o interessara. Um símbolo contém uma verdade e uma inverdade, que para a emoção estão indissoluvelmente unidas. Se o tomarmos como é e o plasmarmos com os sentidos, à moda da realidade, surgem sonho e arte, mas entre estes e a verdadeira, plena vida, ergue-se uma parede de vidro. Se o tomarmos com a razão, separando o que não coincide do que coincide perfeitamente, surgem a verdade e o saber, mas a emoção acaba destruída. Como aquelas estirpes de bactérias que dividem em duas partes algo orgânico, a estirpe humana ao viver fragmenta o estado original de vida do símbolo: na matéria sólida da realidade e da verdade, e na vítrea atmosfera da intuição, fé e artifício.

Parece que não há uma terceira possibilidade intermediária; mas quantas vezes algo incerto acaba desejado, quando o atacamos sem refletir muito! No torvelinho das ruas pelo qual seus pensamentos e emoções o levavam com frequência, Ulrich tinha a sensação de estar parado na praça principal da qual todas partem. E falara um pouco sobre isso a Bonadéia, quando ela perguntara por que ele nunca fazia o mais óbvio. Ela não compreendera, mas decididamente estava em plena forma; refletiu um pouco, enfiou mais seu braço no de Ulrich e respondeu resumindo:

— No sonho você não pensa, mas vive uma história qualquer!

Era quase verdade. Ele lhe apertou a mão. De repente, Bonadéia estava outra vez com lágrimas nos olhos. Corriam-lhe pelo rosto bem devagar, e sua pele banhada de sal exalou o indescritível aroma do amor. Ulrich o inspirou, e sentiu grande desejo daquela coisa escorregadia e velada, de entrega e de olvido. Mas controlou-se e levou-a ternamente de volta à porta. Naquele momento, teve certeza de que ainda tinha algo pela frente, e de que não o devia malbaratar em inclinações tão débeis.

— Você tem de ir agora — disse baixinho. — E não fique zangada comigo, não sei quando nos veremos de novo, ando muito ocupado comigo mesmo!

E aconteceu o milagre. Bonadéia não fez objeção, não falou como uma majestade ofendida. Não sentia mais ciúmes; sentiu que estava vivendo uma história. Gostaria de envolvê-lo nos braços; intuía que era preciso puxá-lo para a terra; acima de tudo teria querido traçar uma cruz protetora na testa dele, como fazia com seus filhos. E achou isso tão belo, que nem lhe ocorreu que era o fim.

Pôs o chapéu na cabeça e beijou-o, depois beijou-o mais uma vez através do véu cujos fios ficaram quentes como grades em fogo.

Com a ajuda da criada, que ficara vigiando e escutando diante da porta, Bonadéia conseguiu sair sem ser notada, embora na casa começasse o movimento dos convidados que partiam. Ulrich deu uma gorjeta maior a Raquel por causa disso, e disse algumas palavras elogiosas sobre sua presença de espírito; Raquel ficou tão entusiasmada com as duas coisas que, sem notar, seus dedos seguraram a mão dele junto com o dinheiro até que ele riu e deu um tapinha amável no ombro da moça ruborizada.

AS DUAS ÁRVORES DA VIDA E A EXIGÊNCIA DE UM
SECRETARIADO-GERAL DA EXATIDÃO E DA ALMA

Nessa noite não havia mais tantos convidados na casa dos Tuzzi como antigamente, a participação na Ação Paralela diminuía, e os que tinham vindo saíam mais cedo que de costume. Mesmo a chegada de Sua Alteza no último instante — aliás, com um ar preocupado e sombrio, e mal-humorado porque recebera notícias consternadoras sobre as conspirações nacionalistas contra sua obra — não conseguiu deter essa corrosão. As pessoas hesitavam um pouco, esperando que sua vinda trouxesse novidades especiais, mas como ele não comentasse nada e pouco ligasse para os presentes, os últimos também se foram. Por isso, ao voltar, Ulrich notou, assustado, que os aposentos estavam quase vazios, e pouco depois só o “círculo mais íntimo” ficava sozinho nos salões desertos, acrescido do subsecretário Tuzzi que voltara para casa.

Sua Alteza repetiu:

— Também se pode chamar de símbolo um soberano da paz, de oitenta e oito anos; há nisso uma grande idéia; mas é preciso conferir-lhe também conteúdo político! De outro modo, é natural que o interesse diminua. Como vêem, fiz tudo o que depende de mim; os nacionalistas alemães estão furiosos por causa do Wisniecicky, pois dizem que é um eslavófilo, e os eslavos também estão furiosos porque dizem que nos seus tempos de ministro ele foi um lobo em pele de cordeiro. Mas daí decorre apenas que ele é uma verdadeira personalidade patriótica, acima dos partidos, e dou-lhe meu apoio! Isso precisa, porém, ser complementado o mais depressa possível a nível cultural, para que as pessoas tenham algo de positivo. Nossa enquete quanto à constatação da vontade dos grupos da população participantes avança muito devagar. Um Ano Austríaco ou um Ano Mundial é uma coisa muito bonita, mas penso que tudo o que é símbolo precisa aos poucos tornar-se verdadeiro; isto é, enquanto for símbolo, deixo que excite

minha emoção, sem nada saber, mas mais tarde me afasto do espelho da emoção e faço outra coisa que nesse meio tempo aprendi a apreciar. Compreendem o que quero dizer? Nossa cara e prezada senhora realiza os maiores esforços, e já há meses falamos sobre as questões realmente dignas de nota, mas a participação vai diminuindo, e sinto que em breve teremos de tomar alguma decisão; não sei qual, talvez erigirmos uma segunda torre na Igreja de Santo Estêvão, ou uma colônia imperial e real na África, tanto faz. Pois estou convencido de que, no último momento, aparecerá alguma coisa bem diferente: o principal é que temos de pegar em tempo as rédeas da capacidade inventiva dos participantes, para que não se perca!

O Conde Leinsdorf sentiu que sua fala fora útil. Arnheim tomou a palavra, respondendo pelos outros.

— É extraordinariamente verdadeiro o que Vossa Alteza diz sobre a necessidade de fecundar a reflexão através da ação, ainda que seja só transitoriamente! E nesse contexto é realmente significativo que no grupo intelectual que se reúne aqui haja agora um estado de ânimo diferente. A profusão que nos fazia sofrer no começo desapareceu; quase não surgem novas sugestões, as mais antigas praticamente nem são mais mencionadas; de qualquer modo, ninguém as defende persistentemente. Isso dá a impressão de que por todos os lados despertou a consciência de que, aceitando o convite, as pessoas assumiram a obrigação de chegarem a um acordo unânime, de modo que qualquer sugestão razoável poderá ser aceita por todos.

— Meu caro doutor, e nós? — Sua Alteza dirigiu-se a Ulrich, cuja presença acabara de notar. — As coisas já estão mais claras?

Ulrich teve de responder negativamente. Diálogos escritos podem ser prolongados com muito mais prazer do que encontros pessoais, e a quantidade de propostas de emendas não diminuía; assim, ele continuava fundando associações e, em nome de Sua Alteza, encaminhava-as aos mais diversos ministérios, cuja disposição de se ocupar com elas se reduzira notavelmente nos últimos tempos. E foi isso que relatou.

— Não admira! — disse Sua Alteza, virando-se para os presentes. — Nosso povo é dotado de um incrível senso cívico; mas seria preciso ter a cultura de uma enciclopédia para poder satisfazê-lo em tudo aquilo que manifesta. Os

ministros simplesmente se cansaram, e isso prova que chegou a hora de intervirmos, de cima.

— Nesse contexto — Arnheim tomou de novo a palavra — Vossa Alteza deve achar notável que o Sr. General von Stumm tenha despertado cada vez mais a atenção dos participantes das reuniões.

O Conde Leinsdorf olhou pela primeira vez para o general.

— E por quê? — perguntou, sem se esforçar por disfarçar a descortesia dessa pergunta

— Lamento muito! Não tive absolutamente essa intenção! — reagiu Stumm von Bordwehr, envergonhado. — O soldado tem apenas uma modesta missão na sala de conferências, e levo a sério esse preceito. Mas Vossa Alteza recorda que, logo na primeira sessão, e, por assim dizer, apenas cumprindo meu dever de soldado, pedi que a comissão para a elaboração de uma idéia especial pensasse, caso não lhe ocorresse nada melhor, no fato de nossa artilharia precisar de armamentos modernos, e que também nossa marinha não tem navios, isto é, não tem navios suficientes para a missão eventual de defesa do país...

— E...? — interrompeu Sua Alteza, lançando para Diotima um espantado olhar que revelava abertamente o seu desgosto.

Diotima ergueu os belos ombros e deixou-os cair resignadamente; estava quase habituada a ver o generalzinho gorducho, guiado por forças que incompreensivelmente o ajudavam, aparecer como um pesadelo por toda parte para onde ela se voltasse.

— E — prosseguiu Stumm von Bordwehr apressado, para não ser dominado pela modéstia diante do seu sucesso — nos últimos tempos, levantaram-se vozes que apoiariam isso, caso alguém desejasse dar início a essa sugestão. Foi dito que o exército e a marinha são um pensamento comum, e mesmo uma grande idéia, que provavelmente daria uma alegria a Sua Majestade. E os prussianos haveriam de arregalar os olhos... desculpe, Senhor von Arnheim!

— Qual nada, os prussianos não iriam arregalar os olhos — negou Arnheim, sorrindo. — Aliás, é evidente que, quando se fala desses problemas austríacos, eu nem estou presente, e apenas com grande modéstia faço uso da permissão de mesmo assim poder escutar.

— Pois, em todo caso — concluiu o general —, realmente ouviram-se vozes que julgaram ser mais simples não continuarmos apenas falando, mas que decidíssemos em favor de algum propósito militar. Pessoalmente, penso que isso se poderia ligar a uma segunda, talvez grandiosa idéia de caráter civil; mas, como disse, o soldado não deve interferir, e as vozes que disseram que a idéia civil não dará melhor resultado provêm exatamente dos mais elevados meios intelectuais.

Sua Alteza escutava com olhos fixos, bem abertos, e só vagas insinuações daquele involuntário giro de polegares, que não conseguia evitar, traíam o fatigante e penoso trabalho em seu interior.

O subsecretário Tuzzi, o qual não estava habituado a ouvir, interveio, lentamente e em voz baixa:

— Não creio que o ministro do exterior tivesse qualquer objeção!

— Ah, então as fontes competentes já o informaram? — perguntou o Conde Leinsdorf, irônico e irritado. Tuzzi respondeu com amável indiferença:

Vossa Alteza está brincando a respeito dos órgãos competentes. O Ministério da Guerra preferiria o desarmamento mundial a colaborar com o Ministério do Exterior. — E então continuou seu relato: —

Vossa Alteza conhece a história das fortificações no Tirol do Sul, construídas nos últimos dez anos por ordem do chefe do estado-maior?

Dizem que são impecáveis e têm as mais modernas instalações.

Naturalmente foram instaladas também cercas eletrificadas e grandes holofotes, e até providenciaram motores a diesel subterrâneos para fornecer energia; não se pode dizer que estejamos atrasados. A infelicidade é apenas que os motores foram encomendados pela seção de artilharia, e o combustível é fornecido pelo setor de construções do Ministério da Guerra; essa é a prescrição, e por isso não podem fazer funcionar as instalações, já que os dois departamentos não conseguem chegar a um acordo quanto aos fósforos necessários para iniciar o funcionamento: devem ser considerados material combustível, e fornecidos pelo setor de construções, ou são acessórios do motor e, portanto, pertencem à artilharia?

— Que delícia! — disse Arnheim, embora soubesse que Tuzzi estava confundindo o motor a diesel com motor a gás, e que mesmo neste caso há muito não se usavam mais fósforos; era uma daquelas histórias que circulam nos departamentos, cheias de adorável auto-ironia, e o tom de voz

do subsecretário mostrava o quanto se divertia com ela. Todos sorriram, ou riram, o General Stumm parecia o mais divertido de todos.

— Mas a culpa disso é unicamente dos senhores do governo civil — disse, prolongando a anedota —, pois sempre que adquirimos alguma coisa não devidamente coberta pelo orçamento, o Ministério das Finanças nos diz imediatamente que não entendemos nada de um governo constitucional. Se, antes de terminar o ano orçamentário, irrompesse uma guerra, que Deus nos livre, teríamos de dar permissão telegráfica ao comandante das fortificações, no primeiro dia de mobilização, ainda ao nascer do sol, para comprar fósforos; e se não o conseguissem, lá nos seus picos de montanha, só lhes restaria guerrear com os fósforos de seus ordenanças!

O general certamente se excedera; pelo fino tecido da anedota passava novamente a ameaçadora gravidade da situação da Ação Paralela. Sua Alteza disse, pensativo:

— Com o passar do tempo... — mas depois, lembrou-se de que é mais inteligente deixar os outros falarem em situações difíceis, e não concluiu sua frase. As seis pessoas calaram-se por um momento, como se estivessem em torno de um poço, olhando para o fundo dele.

Diotima disse:

— Não, é impossível!

— O quê? — perguntaram todos os olhares.

— Fariamos uma coisa de que acusamos a Alemanha: armamentismo! — concluiu sua frase. A alma dela ignorara as anedotas, ou as esquecera, e continuava pensando no sucesso do general.

— Mas, e o que vai acontecer? — perguntou o Conde Leinsdorf agradecido e preocupado. — Temos de encontrar ao menos uma idéia provisória!

— A Alemanha é um país bastante ingênuo, transbordando de força! — disse Arnheim como se devesse responder com uma desculpa à censura de sua amiga. — Trouxeram-lhe a pólvora e a aguardente.

Tuzzi sorriu dessa comparação, que lhe pareceu mais do que ousada.

— Não se pode negar que a Alemanha é tratada com crescente repulsa nos meios em que nossa Ação ainda deve atingir — o Conde Leinsdorf não deixou escapar a oportunidade de fazer esse comentário. — Infelizmente, até mesmo nos meios que já atingimos! — acrescentou, com ar de oráculo.

Ficou surpreendido quando Arnheim declarou que isso não o espantava

— Nós alemães — disse este — somos um povo infeliz; não apenas moramos no coração da Europa, mas sofremos como esse coração...

— Coração? — perguntou sem querer o Conde Leinsdorf. Esperara cérebro em lugar de coração, o que seria mais fácil de aceitar. Mas Arnheim fincou pé no coração.

— Recorda-se — perguntou ele — de que há pouco tempo a administração municipal de Praga fez uma grande encomenda à França, embora nós lhe tivéssemos feito uma oferta melhor e mais barata? Isso é simplesmente antipatia por nós. E devo dizer que a compreendo perfeitamente.

Antes que ele pudesse prosseguir, Stumm von Bordwehr pediu a palavra, satisfeito, e explicou a coisa.

— No mundo inteiro, as pessoas se atormentam, mas na Alemanha, mais ainda. No mundo inteiro, as pessoas fazem barulho, mas na Alemanha, o barulho é maior. Por toda parte, o comércio perdeu a ligação com a cultura milenar, mas no *Reich* foi ainda pior. Por toda parte, naturalmente se mete na caserna o melhor da juventude, mas os alemães têm mais casernas do que todos. Por isso, de certa forma é um dever fraterno — concluiu — não ficarmos muito atrás da Alemanha. Peço perdão se pareço paradoxal, mas o intelecto anda atualmente cheio de complicações!

Arnheim balançou a cabeça, concordando.

— Talvez na América seja ainda pior — acrescentou —, mas pelo menos lá são totalmente ingênuos, sem a nossa fragmentação espiritual. Somos em todos os aspectos o povo do meio, onde se cruzam todos os motivos do mundo. Em nós, necessidade de síntese é mais premente. Sabemos disso. Temos uma espécie de consciência do pecado. Mas, como disse de saída, a justiça também exige que se admita que sofremos pelos outros, que assumimos os erros deles como modelo, que somos de certa forma detratados ou crucificados pelo mundo, ou seja lá como quiserem dizer. E uma conversa da Alemanha é a coisa mais importante que poderia acontecer. Suspeito que nessa posição dividida e, como parece, um tanto apaixonada, contra nós, da qual Vossa Alteza falou, existe uma vaga noção desse fato!

Nisso, Ulrich se intrometeu.

— Os cavalheiros estão menosprezando as correntes favoráveis à Alemanha. Tenho uma notícia fidedigna de que em tempos muito próximos será feita uma manifestação violenta contra nossa Ação, porque entre os austríacos ela é considerada hostil à Alemanha. Vossa Alteza há de ver a população de Viena nas ruas. Vão manifestar contra a convocação do Barão Wisnieccky. Presume-se que os senhores Arnheim e Tuzzi estão secretamente conluídos, mas que Vossa Alteza contraria a influência alemã na Ação Paralela.

O olhar do Conde Leinsdorf tinha agora algo da calma de um sapo e da irritação de um touro. Os olhos de Tuzzi ergueram-se vagarosos e quentes, fixando-se interrogativamente em Ulrich. Arnheim deu uma risada franca e levantou-se; desejaria poder encarar o subsecretário com um humor cortês para assim desculpar-se da absurda acusação que lançavam contra os dois, mas como não conseguisse apanhar o olhar do outro, virou-se para Diotima. Enquanto isso, Tuzzi pegara Ulrich pelo braço e perguntava-lhe onde tinha conseguido aquela novidade. Ulrich respondeu que não era segredo, mas um boato público largamente difundido, que escutara numa residência particular. Tuzzi aproximou o rosto e forçou-o assim a baixar o seu; protegido, sussurrou-lhe de repente:

— Ainda ignora por que Arnheim está aqui? Ele é um amigo íntimo do Príncipe Mosjoutoff, e *persona grata* junto ao czar. Tem ligações com a Rússia, e deve exercer influência pacifista sobre a Ação local. Tudo não-oficial, por assim dizer uma iniciativa particular do soberano russo. Questões ideológicas. Um prato para o senhor, meu amigo! — concluiu zombeteiramente. — Leinsdorf não faz a menor idéia disso!

O subsecretário Tuzzi soubera dessa notícia através do seu aparelho profissional. Acreditava nele porque considerava o pacifismo um movimento que combinava bem com as intenções de uma mulher bonita, e explicava aquele fervor de Diotima em relação a Arnheim, e a razão de Arnheim passar mais tempo na sua casa do que em outro local qualquer. Antes, andara quase sentindo ciúmes. Considerava inclinações espirituais possíveis, mas só até certo ponto, e não queria usar de astúcia para descobrir se esse grau de relacionamento se mantinha; por isso, obrigara-se a confiar na mulher; mas se esse sentido de uma atitude viril modelar era

mais forte do que os sentimentos sexuais, mesmo assim ele sentia suficiente ciúme para, pela primeira vez, entender que um profissional jamais tem tempo de vigiar sua esposa se não quiser negligenciar suas obrigações. Dizia a si próprio que, se um maquinista não deve levar uma mulher na locomotiva, um homem que dirige um império também não pode ter ciúmes, mas a nobre ignorância em que dessa forma ficava não combinava por seu turno com a diplomacia, e roubava de Tuzzi algo de sua segurança profissional. Por isso, reencontrou agradecido a autoconfiança, já que tudo o que o inquietava parecia explicar-se de maneira tão inofensiva. E achou até que era um pequeno castigo para sua mulher, o fato de ele saber tudo sobre Arnheim, enquanto ela não via nele senão o ser humano, sem fazer idéia de que era um emissário do czar. Tuzzi lhe pedia reiteradas explicações de menor porte, divertindo-se muito, e ela respondia, a um tempo impaciente e condescendente; ele imaginara toda uma série de perguntas aparentemente inocentes, cujas respostas lhe dariam certas indicações. O esposo bem que teria gostado de contar um pouco de tudo aquilo ao “primo”, sem expor sua mulher, quando o Conde Leinsdorf reassumiu a direção da conversa. Fora o único a ficar sentado, e ninguém notara o que acontecera no seu íntimo com todas aquelas dificuldades que se tinham amontoado. Parecia ter armazenado sua disposição de luta, torceu a barba à Wallenstein, e disse, lenta e firmemente:

— Alguma coisa tem que acontecer.

— Vossa Alteza tomou alguma decisão? — perguntaram.

— Não me ocorreu coisa alguma — respondeu ele com simplicidade —, mas apesar disso tem de acontecer alguma coisa! — E ficou sentado como um homem que não vai se mexer enquanto não impuser sua vontade.

A força que dele emanava fazia com que todos sentissem os próprios esforços vazios para encontrar alguma sugestão, tremelicando no íntimo como uma moeda perdida num cofre, que, embora sacudida, não quer sair pela fenda.

Arnheim disse:

— Ora, não nos podemos orientar por esses incidentes! Leinsdorf não respondeu.

Repetiu-se novamente todo o histórico das sugestões que teriam dado um

conteúdo à Ação Paralela.

O Conde Leinsdorf respondia como um pêndulo que sempre muda de posição e logo volta pelo mesmo caminho.

— Isso não é permitido por consideração com a Igreja. Isso não é permitido em consideração aos livres-pensadores. Isso sofre oposição da Liga dos Arquitetos. Isso merece objeções de parte do Ministério das Finanças. — E assim por diante, interminavelmente.

Ulrich, que mantinha-se de fora, sentia que as cinco pessoas que ali falavam eram a repentina cristalização de uma água turva que o rodeara e inibira seus sentidos meses a fio. O que significava ter dito a Diotima que era preciso dominar o irreal ou, noutra ocasião, que era preciso eliminar o real? Lá estava ela sentada, lembrando aquelas frases, e devia pensar uma porção de coisas dele. Como chegara ao ponto de lhe contar aquelas coisas, sobre dever viver como um personagem numa página de livros? Supôs que ela já devia ter contado tudo isso há muito tempo a Arnheim!

Ele também pensava saber tão bem como todo mundo que horas eram e quanto custava um guarda-chuva! Se, apesar disso, naquele momento assumia uma posição entre si mesmo e os outros, a igual distância de ambos, isso não se revestia de uma aparência esquisita, como pode acontecer quando estamos amortecidos e distraídos; ao contrário, voltara a sentir um clarão em sua vida, como sentira antes na presença de Bonadéia. Lembrava-se de ter ido às corridas com os Tuzzi no outono, recentemente. Acontecera um incidente, com perdas suspeitas nas apostas, e a multidão pacífica se transformara, num abrir e fechar de olhos, num mar que inundou o terreno, quebrando o que estava a seu alcance e saqueando as caixas, para depois, por ação da polícia, voltar a acomodar-se na forma de uma platéia sossegada, querendo sua inocente diversão habitual. Diante de tais ocorrências era ridículo pensar em metáforas e diluídas formas-limite, que a vida provável ou improvavelmente pode assumir. Havia agora em Ulrich uma compreensão intacta da vida como um estado difícil e aflitivo, no qual não se deve pensar demais no amanhã, porque já temos bastantes dificuldades com o dia de hoje. Como se podia ignorar que o mundo humano não é vaporoso, mas pede a mais sólida firmeza, porque a qualquer irregularidade receia descontrolar-se totalmente? Mas ainda, como é que um bom observador poderia não reconhecer que essa mistura vital de

preocupações, impulsos e idéias, que malbarata as idéias para se justificar, ou as utiliza como excitante, atua sobre elas, formando-as e unindo-as, conferindo-lhes assim movimento e limitações naturais? Esmagamos as uvas para obter vinho, mas quão mais belo do que um lago de vinho é o vinhedo com sua terra, áspera e intragável, e suas fileiras de cepas cintilantes de madeira morta! “Em suma”, pensou ele, “a criação não surgiu por amor a uma teoria, mas”... ele quis dizer, por violência, mas outra palavra se intrometeu, e seu pensamento terminou assim: “mas ela surge da violência e do amor, e a habitual ligação entre esses dois é falsa!”

Nesse momento, amor e violência voltavam a não ser inteiramente conceitos comuns para Ulrich. Toda a sua tendência para o que era duro e cruel estava na palavra violência, significava emanção de toda a postura cética, objetiva e alerta; pois uma certa violência fria e brutal penetrara até mesmo em suas tendências profissionais, de modo que talvez não tivesse se tornado matemático sem intenção de crueldade. Aquilo ligava-se como a ramagem de uma árvore que recobre o próprio tronco. E como quando não se fala em amor apenas no sentido habitual, mas, dizendo seu nome, se tem nostalgia de um estado diferente da falta de amor, que atinja cada átomo do corpo; ou quando sentimos ter toda as qualidades e nenhuma; ou quando estamos sob a impressão de que acontece sempre a mesma coisa, porque a vida — que estourando de ilusões sobre o aqui e agora é em última análise um estado muito incerto e de fato totalmente irreal! se lança em dúzias de formas de bolo que constituem a realidade; ou quando sentimos que, em todos os círculos em que giramos, falta um pedaço; que de todos os sistemas que construímos, nenhum possui o segredo do repouso: tudo isso, que parece tão diverso, pende reunido como ramos de uma árvore que escondem o tronco por todos os lados.

Nessas duas árvores, sua vida crescia dividida. Ele não sabia dizer quando entrara sob o signo da árvore de ramadas intrincadas, mas acontecera cedo, pois já seus imaturos planos napoleônicos mostravam o homem que encarava sua vida como uma tarefa na qual aplicar seu dinamismo e vocação. Esse impulso de atacar a vida, e de dominá-la, sempre fora bem claro, quer sob a forma de uma recusa da ordem estabelecida, quer pela aspiração a uma ordem nova, quer como desejo lógico ou moral, ou simplesmente o desejo de preparo atlético do corpo. E tudo o que Ulrich,

com o passar do tempo, chamara de ensaísmo ou senso de possibilidade, precisão fantástica, em oposição à precisão pedante, as exigências de inventar-se a história, de viver uma história de idéias em lugar de uma história mundial, de apoderar-se daquilo que não se consegue jamais concretizar e por fim talvez vivê-lo como se não se fosse humano mas apenas personagem de livro que só se mantém na sua essência, para que o resto se reúna magicamente — todas essas versões de seus pensamentos, que em sua singular intensificação se opunham à realidade, tinham algo em comum: queriam influir na realidade, com uma paixão evidente e implacável.

Mais difícil de reconhecer, por terem consistência de sombra e sonho, eram as relações na outra árvore, cuja imagem reproduzia a sua vida. Lembrança primitiva da relação infantil com o mundo, da confiança e entrega talvez fosse a base; tudo isso continuara vivendo na intuição de ainda vir a enxergar como terra vasta o que habitualmente enche apenas um vaso do qual brotam os raquíticos ramos da moral. Sem dúvida, aquela história um pouco ridícula com a esposa do major fora a única tentativa de plena realização surgida no doce lado de sombras de sua natureza, designando ao mesmo tempo o começo de um revés sem fim. Folhas e ramos da árvore desde então boiavam na superfície, mas a própria árvore não aparecia, só se podia reconhecer sua existência por aqueles sinais.

Talvez essa metade inativa de sua natureza se tivesse manifestado sobretudo na involuntária convicção da utilidade transitória da metade ativa e agitada, projetando essa convicção como uma sombra sobre ela. Em tudo o que ele fazia — incluindo-se aí tanto paixões físicas como espirituais — sempre se sentira por fim prisioneiro de preparativos que jamais chegavam ao término, e no curso dos anos apagara-se em sua vida a sensação de necessidade, como o azeite numa lamparina. Sua evolução se dividira visivelmente em duas trilhas, uma sob a luz do dia, outra fechada na escuridão, e o estado de calma moral que há muito tempo o oprimia, talvez mais do que o necessário, só podia vir do fato de que ele jamais conseguira reunir esses dois caminhos.

Lembrando que essa impossível reunião afinal lhe aparecera na tensa relação entre literatura e realidade, símbolo e verdade, Ulrich descobriu de

repente que tudo isso significava muito mais do que apenas uma eventual inspiração num desses diálogos entrelaçados como caminhos sem destino que ele mantivera nos últimos tempos com as pessoas mais disparatadas. Pois até onde remonta a história humana, podemos distinguir esses dois elementos básicos do símbolo e da univocidade. Univocidade é a lei do verdadeiro pensar e agir, que reina tanto numa obrigatória conclusão da lógica quanto no cérebro de um chantagista que empurra à frente, passo a passo, a sua vítima; ela nasce das necessidades da vida, que levariam à morte se as relações não se pudessem conformar univocamente. O símbolo, em contrapartida, é aquela ligação de idéias que reina no sonho, é a deslizante lógica da alma, à qual corresponde o parentesco das coisas nas intuições da arte e da religião; mas também o que há na vida de mera simpatia e antipatia, harmonia e repulsa, admiração, submissão, liderança, imitação e seus opostos, essas múltiplas relações do ser humano consigo mesmo e com a natureza, que ainda não são puramente objetivas e talvez nunca o sejam, só se podem conceber como símbolos.

Sem dúvida isso que chamamos de humanidade mais elevada não é senão uma tentativa de fundir entre si essas duas grandes metades da vida, símbolo e verdade, mas, primeiro, separando-as cautelosamente. Porém se, num símbolo, separamos tudo o que talvez pudesse ser verdade daquilo que é apenas espuma, habitualmente conseguimos pouca verdade e destruimos o valor do símbolo; essa separação pode até ter sido inevitável na evolução intelectual, mas teve o mesmo efeito de se cozinhar e engrossar uma substância cujas forças e espíritos interiores se desprendessem em forma de nuvens de vapor durante esse procedimento. Hoje em dia, por vezes, não podemos fugir à impressão de que os conceitos e regras da vida moral são apenas símbolos cozidos em torno dos quais gira um intolerável vapor gorduroso de humanidade, e, se permitem uma digressão, só se pode dizer que essa impressão vagamente sobreposta a todas as coisas também causou aquilo que o presente deveria chamar honestamente de veneração da vulgaridade. Pois hoje em dia mentimos menos por fraqueza do que pela convicção de que um homem que domina a vida é obrigado a saber mentir. Somos violentos porque a univocidade da violência funciona como uma redenção depois de longas conversas sem resultado. Reunimo-nos em grupos porque a obediência permite fazer tudo o que já há muito não poderíamos mais fazer por convicção própria, e a hostilidade desses grupos

confere aos homens a reciprocidade incansável da vingança cruenta, enquanto o amor em breve arrefeceria. Isso tem bem menos a ver com a questão de os homens serem bons ou maus, do que com o problema de terem perdido o legame entre elevação e baixeza. E o excesso de ornamentos espirituais com que se enfeita hoje a desconfiança em relação ao espírito é apenas uma outra consequência contraditória desse desmoronamento. A junção de uma cosmovisão com atividades que não a admitem, como a política; a ânsia generalizada de logo transformar um ponto de vista em uma tomada de posição, e de considerar qualquer tomada de posição como ponto de vista; a necessidade dos fanáticos de todas as colorações de repetirem à sua volta, como numa sala de espelhos, uma revelação que lhes foi feita — todos esses fenômenos tão populares não significam o que desejariam significar: uma luta pela humanidade, mas, ao contrário, a inexistência desta. Assim, resta-nos de modo geral a impressão de que teríamos primeiro de afastar inteiramente das relações humanas a alma mal embutida dentro delas; e no momento em que pensou isso, Ulrich sentiu que sua vida, se tinha algum sentido, era exatamente este, de que as duas esferas básicas da humanidade se mostravam nela apartadas, opondo-se em seu efeito. Tais pessoas existem hoje, sem dúvida, mas ainda estão sozinhas, e, sozinho, Ulrich não era capaz de recompor a unidade perdida. Não se iludia quanto ao valor de suas experiências intelectuais; talvez jamais conseguisse encadear pensamentos fora de uma sequência lógica, mas era como se colocasse uma escada sobre a outra, e a ponta finalmente oscilasse numa altura muito afastada da vida real. E isso lhe causava profunda repulsa.

Talvez por essa razão fitou de súbito Tuzzi, que falava; como se abrisse o ouvido aos primeiros rumores da manhã, escutou:

— Não sei se existem hoje grandes realizações humanas e artísticas, como o senhor diz; mas uma coisa é certa: em nenhuma parte a política externa é tão difícil quanto aqui. Podemos prever que no ano do jubileu os franceses dirigirão sua política no sentido do revanchismo e do domínio colonial, os ingleses farão seu jogo de xadrez no tabuleiro mundial manejando os peões, como foi descrito seu procedimento, e, por fim, os alemães hão de procurar o seu lugar ao sol, expressão nem sempre muito clara que eles mesmos usam. Mas nossa velha monarquia não precisa de nada, por isso ninguém

sabe de antemão que idéias talvez sejamos obrigados a assumir até lá!

Tuzzi parecia querer frear e prevenir. Falava evidentemente sem intenções irônicas; o odor de ironia provinha daquela ingênua objetividade em cuja casca ressequida ele lhes apresentava sua convicção de que não precisar de nada terreno era um perigo. Ulrich reanimou-se como se tivesse mordido um grão de café. Mas Tuzzi obstinava-se em sua intenção de preveni-los, e concluiu:

— Quem é que hoje pode se atrever a concretizar grandes idéias políticas?

— indagou. — Só quem tivesse inclinações de criminoso ou aventureiro, e os senhores não hão de querer isso! A diplomacia existe para conservar.

— A conservação leva à guerra — respondeu Arnheim.

— Pode ser — disse Tuzzi. — Provavelmente a única coisa a fazer seja escolher favoravelmente o momento em que somos lançados nela! Lembra-se da história de Alexandre II? Seu pai Nicolau foi um déspota, mas morreu de morte natural; Alexandre, ao contrário, era um soberano magnânimo, que começou seu governo com reformas liberais; a consequência foi que o liberalismo russo se converteu no radicalismo russo, e Alexandre foi vitimado por um quarto atentado, depois de escapar de três anteriores.

Ulrich encarou Diotima. Ereta, atenta, séria e opulenta, lá estava ela sentada, apoiando as palavras do marido.

— Está certo. Também em nossos esforços tenho uma impressão de radicalismo intelectual: se lhe dermos um dedo, ele vai querer logo a mão.

Tuzzi sorriu; parecia-lhe ter tido uma pequena vitória sobre Arnheim.

Este estava imperturbável, os lábios entreabertos ao respirar, como um botão de flor recém-desabrochado. Diotima o contemplava como uma torre de carne fechada que o fitasse por sobre um fundo vale.

O general limpou os óculos de aro de tartaruga. Ulrich disse, devagar:

— Isso acontece porque hoje os esforços de todos aqueles que se sentem chamados a restaurar o sentido da vida têm em comum o fato de desprezarem o pensamento sempre que não se trata de conquistar apenas opiniões pessoais, mas sim verdades; em compensação, lá onde está em jogo a inesgotabilidade das opiniões, eles se fixam em conceitos rápidos e meias-verdades!

Ninguém respondeu. Por que o fariam? O que se fala assim são apenas

palavras. O fato era que seis pessoas sentadas numa sala mantinham uma discussão importante; o que falavam e o que não falavam, e principalmente emoção, intuição, possibilidade, estavam incluídos nesse fato, sem lhe serem equiparados; estavam incluídos nele como o estão os obscuros movimentos do estômago e fígado numa pessoa vestida que acaba de colocar sua assinatura num documento importante. E essa hierarquia não devia ser perturbada, a realidade constava disso!

Stumm, o velho amigo de Ulrich, terminara de limpar os óculos; recolocou-os no rosto, e fitou-o.

Embora Ulrich apenas pensasse ter brincado com aquelas pessoas, de repente sentiu-se abandonado entre elas. Recordou que sentira algo semelhante há algumas semanas, ou meses: a resistência de um pequeno sopro da criação na petrificada paisagem lunar aonde entra; e pareceu-lhe que todos os momentos decisivos de sua vida eram acompanhados dessa sensação de assombro e solidão. Mas dessa vez não seria medo o que o importunava? Não conseguia entender direito seus próprios sentimentos; eles lhe diziam que nunca soubera decidir-se na vida, e em breve teria de fazê-lo, mas não pensava isso com palavras adequadas, apenas o sentia no seu desconforto, como se algo o quisesse arrancar do meio das pessoas entre as quais estava sentado; e embora lhe fossem bastante indiferentes, sua vontade resistiu subitamente com pernas e braços!

O Conde Leinsdorf, a quem o silêncio que se instaurara fez recordar os deveres de um político realista, disse, em tom de exortação:

— Então, o que vamos fazer? Temos que fazer, ao menos provisoriamente, alguma coisa decisiva, para evitar perigos para a nossa Ação!

Ulrich fez então uma tentativa absurda.

— Alteza — disse ele —, há uma única tarefa para a Ação Paralela: dar início a um inventário intelectual geral! Temos que fazer mais ou menos o que teríamos que fazer se em 1918 começasse o Juízo Final, com respectivo encerramento do velho espírito, e começo de outro, mais elevado. Funde, em nome de Sua Majestade, um Secretariado Terreno da Precisão e da Alma; antes disso, todas as outras tarefas serão insolúveis ou simplesmente aparentes! — E Ulrich acrescentou algo do que ocupara seus pensamentos nos minutos de introspecção.

Enquanto falava, pareceu-lhe que não apenas os olhos dos outros saltavam das órbitas, mas que, de tanta surpresa, seus corpos se levantavam dos assentos; esperava-se que, depois do dono da casa, ele quisesse agora contar uma anedota, mas como a anedota não veio, lá estava ele sentado como uma criança entre torres inclinadas que contemplavam, um pouco ofendidas, sua brincadeira pueril.

Só o Conde Leinsdorf fez uma cara amável.

— Está tudo muito certo — disse ele, espantado —, mas temos o dever de passar além das alusões e encontrar algo de verdadeiro; e que fizeram a cultura e a propriedade? Deixaram-nos inteiramente na mão!

Arnheim pensou dever evitar que o aristocrata caísse nas brincadeiras de Ulrich.

— Nosso amigo é perseguido por uma idéia determinada — explicou. — Pensa que há uma espécie de produção sintética da verdadeira vida, assim como se podem produzir borracha ou nitrogênio sintético. Mas o espírito humano — e virou-se para Ulrich com seu mais perfeito sorriso de cavalheiro — infelizmente sofre de uma limitação: suas formas de vida não se deixam criar como ratos de laboratório; pelo contrário, um grande celeiro basta quando muito para sustentar algumas famílias de camundongos! — Ele desculpou-se com os outros por essa comparação audaciosa, mas estava satisfeito com ela, pois o tom agrícola e feudal combinava com o Conde Leinsdorf, expressando ao mesmo tempo a diferença entre pensamentos responsáveis e irresponsáveis pela execução prática.

Mas Sua Alteza balançou a cabeça, aborrecido:

— Estou compreendendo muito bem o doutor — disse. — Antigamente, as pessoas conheciam apenas uma situação que já encontravam, ao nascer; era uma maneira confiável de se encontrarem a si próprias; mas hoje, com essa misturada toda, onde tudo é desenraizado, seria preciso, por assim dizer, substituir, na criação da alma, a tradição do artesanato pela inteligência das fábricas. — Era uma daquelas respostas notáveis que, de vez em quando, o nobre senhor deixava surpreendentemente escapar, pois durante todo o tempo, antes de dizer isso, tinha apenas encarado Ulrich com uma expressão perplexa.

— Mas tudo o que o doutor disse é totalmente inexecutável! — disse

Arnheim com firmeza.

— E por quê? — perguntou o conde laconicamente, com ar belicoso. Diotima resolveu intervir.

— Mas, Alteza — disse, como se lhe fizesse um pedido que não se deseja pronunciar, qual seja o de tomar razão — há muito tempo tentamos tudo o que meu primo diz! O que mais seriam esses grandes debates cansativos como o de hoje?

— Ah, sim? — retrucou a irritada Alteza. — Eu logo vi que tanta inteligência reunida não ia dar em nada! Essa história de psicanálise e teoria da relatividade, ou seja lá como esses troços se chamam, tudo isso não passa de vaidade! Cada qual quer arrumar o mundo do seu jeito! Eu lhes digo, o senhor doutor talvez não se tenha expressado com a máxima clareza, mas, no fundo, tem toda a razão. Mal começou um novo tempo, já vêm as novidades e nunca levam a nada que preste! — O nervosismo causado pelo fracasso atual da Ação Paralela irrompera. Sem notar, o Conde Leinsdorf agora girava os polegares em vez de retorcer a barba. Talvez também tivesse irrompido a antipatia contra Arnheim. Pois quando Ulrich começara a falar em alma, o Conde Leinsdorf ficara muito admirado, mas gostara bastante do que ou vira. “Que gente como esse Arnheim fale tanto em alma”, pensou, “é pura besteira; não precisamos disso, para tanto temos a religião”. Mas também Arnheim empalidecera até os lábios. Até então, só com o general o Conde Leinsdorf usara o tom que agora empregava com ele. E Arnheim não era homem de tolerar aquilo! Mas, involuntariamente, a determinação com que Sua Alteza defendera Ulrich o impressionara, despertando novamente seus dolorosos sentimentos em relação ao outro. Perturbava-o desejar uma conversa franca com Ulrich e não ter conseguido isso antes de começar uma briga diante de todos. Exatamente por isso, não contradisse o Conde Leinsdorf; simplesmente o deixou de lado, dirigindo-se a Ulrich com sinais de grande agitação física, inusitados nele:

— O senhor mesmo acredita em tudo o que acaba de dizer? — perguntou, severo, ignorando toda a cortesia. Acredita na possibilidade de execução? Acha realmente que se poderia viver apenas segundo “leis de analogia”? O que o senhor faria então se Sua Alteza lhe desse carta branca? Diga, eu lhe peço insistentemente que o diga!

Foi um momento penoso. Diotima lembrou-se estranhamente de uma história que lera no jornal há alguns dias. Uma mulher fora condenada a uma pena terrível, porque dera ao amante oportunidade de matar o velho marido dela, que há anos não “consumava” mais o casamento, mas não concordava com a separação. Esse incidente chamara sua atenção por seus detalhes físicos, quase médicos, e por uma certa atração oposicional. A situação fazia tudo parecer tão compreensível, que não se podia considerar nenhuma das pessoas culpada por, dentro de suas limitadas possibilidades, procurar uma saída, mas sim uma vida antinatural que criava tal situação. Ela não compreendia por que isso lhe ocorria logo agora. Mas pensou que, nos últimos tempos, Ulrich lhe falara muito sobre “vacilação e flutuação”, e aborreceu-se porque ele logo ligava a isso um certo despudor. Ela própria dissera que, em pessoas privilegiadas, a alma pode destacar-se do que não lhe é essencial; por isso, parecia-lhe que seu primo andava tão inseguro quanto ela própria, e talvez com igual paixão. Tudo isso se entrelaçava de tal forma na mente dela ou em seu peito — aquela sede abandonada da condal e leinsdorfiana amizade — com a história da mulher condenada, que ela, sentada ali de lábios abertos, teve a sensação de que alguma coisa terrível aconteceria se deixassem Arnheim e Ulrich agirem à vontade; ou talvez acontecesse exatamente se *não* os deixassem agir e houvesse alguma intromissão.

Enquanto Arnheim o atacava, Ulrich ficara contemplando o subsecretário Tuzzi, que tinha dificuldade em disfarçar, nas rugas do rosto moreno, uma divertida curiosidade. Parecia-lhe que finalmente todo aquele espalhafato que se instalara em sua casa se fragmentaria por suas próprias contradições. Não simpatizava nem com Ulrich; o que aquele sujeito falava contradizia sua natureza, pois estava convencido de que o valor de um homem reside na vontade, ou na profissão, e de qualquer modo não nas emoções e pensamentos; e achava indecente falar toda aquela bobagem sobre símbolos. Talvez Ulrich adivinhasse algo disso, pois ocorreu-lhe que um dia anunciara a Tuzzi que se mataria se o seu ano de férias da vida transcorresse sem resultado; não dissera isso com essas palavras, mas mesmo assim com penosa clareza, e estava envergonhado. E novamente teve a impressão, não muito fundada, de que estava próximo de alguma decisão. Pensou nesse momento em Gerda Fischel, e reconheceu o perigo de ela o procurar e

prosseguir aquela última conversa. De repente, viu claro que, embora ele tivesse apenas brincado, já haviam chegado ao limite extremo das palavras, e dali em diante havia só um passo a dar: responder amavelmente aos vagos desejos da moça, jogar fora o cinturão espiritual, superar a “segunda muralha”. Mas era uma loucura, e ele estava convencido de que sempre lhe seria impossível ir tão longe com Gerda, e achou que só se metera com ela por se sentir seguro a seu lado. Encontrava-se num singular estado de exaltação lúcida e irritada, via o rosto excitado de Arnheim, e ouviu-o censurá-lo por não ter “senso de realidade” e “se me permite, esses crassos ou-bem-de-um-jeito-ou-bem-do- outro são por demais coisas de jovem”, mas perdera totalmente o desejo de responder. Consultou seu relógio, sorriu sedutoramente, e comentou que era tarde, tarde demais para responder.

Com isso voltara pela primeira vez a estabelecer contato com os demais. O subsecretário Tuzzi até se levantou, disfarçando brevemente essa descortesia com um gesto qualquer. Também o Conde Leinsdorf se acalmara agora; teria-se alegrado se Ulrich tivesse estado em condições de chamar à ordem aquele “prussiano”, mas já que isso não acontecera, ficou satisfeito mesmo assim. “Quando a gente gosta de alguém, então gosta!”, pensou. “Por mais que o outro diga coisas sensatas!” E acrescentou, numa audaciosa mas inconsciente aproximação com Arnheim e o seu “mistério do todo”, contemplando a expressão nada brilhante de Ulrich naquele momento: “Acho que uma pessoa simpática e agradável não pode falar nem fazer nada inteiramente idiota!”

Todos partiram depressa. O general acomodou os óculos de aro de tartaruga no bolso do revólver de sua calça, depois de tentar em vão metê-lo nas abas do casaco do uniforme, pois ainda não encontrara lugar adequado para aquele utensílio civil da sabedoria.

— Essa é a paz armada das idéias! — disse referindo-se àquela debandada geral, dirigindo-se a Tuzzi com ar de divertida camaradagem.

Só o Conde Leinsdorf deteve mais uma vez, escrupulosamente, os que partiam.

— Afinal, a que conclusão chegamos? — perguntou, e como ninguém respondesse, acrescentou, apaziguador:

— Bem, veremos!

O despertar do homem e a decisão de seduzir Raquel tinham deixado Solimão frio como a caça deixa frio o caçador, ou a rês deixa frio o carniceiro; ele não sabia, porém, como atingir seu objetivo, de que modo agir, e que circunstâncias de convívio bastariam para isso; em suma, a vontade de homem fazia-o sentir toda a fraqueza do menino. Também Raquel sabia o que estava por vir, e desde que segurara a mão de Ulrich nas suas, assistindo à aventura com Bonadéia, estava como que fora de si, por assim dizer, numa grande distração erótica, que caía sobre Solimão como chuva de pétalas. Mas as circunstâncias não eram favoráveis e provocavam adiamentos; a cozinheira estava doente e Raquel teve de sacrificar sua folga, o movimento na casa dava muito trabalho, e Arnheim vinha seguidamente ver Diotima. Mas talvez tivessem decidido dar mais atenção aos pequenos, pois raramente trazia Solimão, e, quando isso acontecia, viam-se apenas alguns minutos, na presença dos patrões, tendo de fazer caras inocentes e sérias.

Quase tiveram raiva um do outro, porque faziam sentir um ao outro a dor de estarem presos em correntes curtas demais. Além disso, o urgente impulso levava Solimão a violentas crises; planejava fugir do hotel à noite, e, para seu patrão não perceber nada, roubou um lençol e tentou fazer uma escada de cordas, cortando e torcendo tiras, mas não conseguiu, e fez o lençol estragado sumir numa clarabóia. Depois, refletiu longo tempo em vão sobre como escalar os beirais e ornamentos de uma parede, e de dia, em suas andanças pelas ruas, só via, da arquitetura da cidade, famosa por ela, as vantagens e obstáculos para seu empreendimento turístico. Raquel, a quem confiara sussurrando aqueles planos e impedimentos, não raro pensava, ao apagar a luz à noite, ver aos pés da parede a negra lua cheia do rosto dele, ou escutava um chamado murmurante, a que respondia, tímida, curvando-se bem para fora da janela de seu quartinho na noite vazia, antes de reconhecer o quanto estava vazia. A indignação com aquelas intromissões românticas passara, chegava a entregar-se a elas com dolente melancolia. Esse anseio se dirigia na verdade a Ulrich;

Solimão não era o homem amado, mas, mesmo assim, o homem a quem se entregaria, a esse respeito Raquel não tinha dúvidas. Pois o fato de não a deixarem a sós com ele, de nos últimos tempos apenas falarem sussurrando, e da ira dos patrões ter desabado sobre os dois ao mesmo tempo, tinha o efeito que uma noite cheia de incertezas, fantasmas e suspiros tem sobre os amantes, e concentrava suas ardentes fantasias como uma lente que não produz sobre nós um calor agradável, mas sim uma sensação intolerável.

E também nisso, Raquel, que não se distraía com escadas de corda ou sonhos de escalar paredes, era mais prática. A névoa de uma sedução apenas sonhada que durasse a vida inteira em breve se transformou numa noite que se poderia construir em segredo; e essa noite, por também ser inatingível, reduzira-se a um quarto de hora livre de qualquer vigilância. Afinal, quando depois daquelas grandes reuniões frustradas, seu “ofício” os levava a trocar idéias e preocupações, que muitas vezes os mantinham juntos por uma hora mais, nem Diotima, nem o Conde Leinsdorf ou Arnheim lembravam-se de que essa hora constava de quatro quartos de hora. Raquel calculara isso, e como a cozinheira ainda não estivesse totalmente curada e continuasse com licença para ir descansar mais cedo, sua colega mais jovem gozava da vantagem de andar tão ocupada que nunca se podia saber exatamente onde se metera; e durante esse período, a poupavam o mais possível nos serviços de copeira. Por experiência, mais ou menos como acontece a pessoas covardes demais para o suicídio, que o fingem até que, por engano, acabam se matando mesmo, ela conseguira introduzir Solimão algumas vezes, secretamente, bem armado de desculpas eloquentes para o caso de ser descoberto; dera-lhe a entender que também havia aquele caminho para o quartinho dela, e não apenas o que levava paredes acima. Mas o jovem par de namorados nunca passara além de bocejos em comum no vestíbulo, ou da observação da situação, até que, certa noite em que as vozes no salão formavam uma sequência tão monótona quanto os rumores de uma debulhadora, Solimão declarou com uma linda frase romanesca que não conseguia mais ter paciência.

Também no quartinho, foi ele quem passou a tranca; mas depois, não se animaram a acender a luz, ficaram parados lado a lado no escuro, como estátuas num parque em noite fechada. Solimão pensava em pegar a mão de Raquel ou beliscar-lhe a perna, para que gritasse, pois até ali já tinham chegado suas vitórias masculinas; mas teve de controlar-se, pois não podiam

fazer barulho, e quando ele fez um pequeno avanço grosseiro, Raquel apenas mostrou uma irritada indiferença. Pois sentia a mão do destino agarrando-a na espinha, empurrando-a para diante, enquanto seu nariz e testa ficavam gelados como se todas as suas fantasias já a tivessem abandonado. Solimão se sentia igualmente abandonado, desajeitado, e não conseguia divisar o fim daquele momento em que estavam parados um diante do outro nas trevas. Por fim, a nobre, mas um pouco mais experiente Raquel teve de fazer o papel de sedutora. Serviu-lhe de ajuda o rancor que sentia por Diotima em lugar do antigo amor, pois mudara bastante desde que não se satisfazia mais em ser partícipe dos sublimes encantos da patroa, mas vivia seu próprio romance. Não apenas mentia para esconder seus encontros com Solimão, mas, ao pentear Diotima, puxava seus cabelos para vingar-se da atenta vigilância sobre sua inocência. O que mais a aborrecia era o que antigamente lhe dera as maiores alegrias, ter de usar camisolas, calças e meias usadas que Diotima lhe dava; pois embora renovasse totalmente essas roupas de baixo, reduzindo-as a um terço do tamanho, sentia-se aprisionada dentro delas, sofria o jugo da moral no corpo nu. Foi isso porém que lhe inspirou as idéias criativas de que precisava na sua situação. Pois já contara a Solimão das transformações que há muito notava na roupa branca da patroa, e bastou que as mostrasse a ele para conseguir a transição politicamente necessária.

— Por aí você pode ver como eles são ruins — disse, mostrando a Solimão, nas trevas, a fímbria enluarada de suas calcinhas —, e se estão tendo um caso, certamente também traem o padrão nesse assunto da guerra que está sendo preparada aqui em casa!

E quando o rapazinho apalpou, cauteloso, as calcinhas delicadas e perigosas, ela acrescentou, um pouco ofegante:

— Solimão, aposto que suas calças são negras como você; sempre ouvi dizer isso!

Ofendido mas terno, Solimão enterrou as unhas na perna dela, e Raquel, para se libertar, teve de fazer um movimento em sua direção, além de outras coisas feitas ou ditas que não deram muito resultado; por fim, ela usou seus dentinhos pontudos no rosto de Solimão, que se apertava infantilmente contra o dela e a cada movimento saltava diante da moça como uma grande

maçã. Nesses esforços, ela acabou se descontrolando, e Solimão se esqueceu de sentir vergonha por ser desajeitado, e a louca tempestade do amor varreu a escuridão.

Quando os abandonou, ela os deixou cair duramente ao chão; sumiu pelas paredes, e as trevas entre eles pareciam um pedaço de carvão que enegrece os pecadores. Não sabiam que horas eram, exageravam o tempo transcorrido, e sentiram medo. O último tímido beijo de Raquel teve para Solimão um sabor de incômodo; ele queria acender a luz, como um arrombador que realizou o roubo e agora empenha todas as suas forças em fugir. Raquel que, envergonhada, ajeitara rapidamente suas roupas, fitava-o com um olhar sem objetivo nem fundo. Sobre seus olhos pendia o cabelo desgrenhado, e atrás deles ela reviu pela primeira vez o pudor, que esquecera até então. Além de todas as próprias virtudes imagináveis, pensara conseguir um amante rico e aventureiro, e lá estava Solimão, mal vestido, assustadoramente feio, e ela não acreditava em nenhuma palavra do que ele lhe contara. Talvez tivesse até gostado de abraçar mais um pouco, no escuro, aquele rosto gordo e tenso, antes de se apertarem; mas agora que havia luz, ele era seu novo amante, e nada mais; um pobre resumo de mil homens transformados num moleque pequeno e ridículo que excluía todos os outros homens. Raquel voltara a ser uma criadinha de quarto que se deixara seduzir, e estava com medo de engravidar, o que exporia aos olhos de todos aquele momento. Mas estava assustada demais por essa transformação para suspirar. Ajudou Solimão a vestir-se, pois, em sua confusão, o rapaz arrancara o casaco de muitos botões; mas não o ajudava por ternura e sim para que pudessem descer mais depressa. Tudo lhe pareceu custar horripelantemente caro, não suportaria ser descoberta. Seja como for, quando ficaram prontos Solimão voltou-se para ela e deu um grande sorriso, pois afinal estava muito orgulhoso; e Raquel pegou depressa uma caixa de fósforos, apagou a luz, abriu sem rumor a tranca da porta, e antes de abrir, sussurrou-lhe:

— Me dê mais um beijo! — pois era assim que se devia fazer, mas os dois sentiram apenas gosto de dentifício.

Quando chegaram ao vestíbulo, ficaram muito espantados porque não se haviam atrasado. As conversas atrás da porta continuavam exatamente como antes, e quando os convidados partiram, Solimão tinha sumido; meia

hora depois, Raquel penteava o cabelo de sua ama com muito cuidado, quase com o humilde amor de antes.

— Fico alegre ao ver que os avisos que lhe dei tiveram resultado! — elogiou-a Diotima, e embora em tantas questões andasse insatisfeita, deu uma palmadinha amável na mão da criadinha.

Walter vestira um terno melhor em lugar do que usava no escritório, e amarrava a gravata diante do toucador de Clarisse, que, apesar da moldura retorcida ao gosto moderno, lhe devolvia uma imagem deformada e superficial no espelho barato e provavelmente defeituoso.

— Eles têm razão — disse aborrecido —, essa famosa Ação é pura mentira.

— Então por que fazem tanto barulho em torno dela? — perguntou Clarisse.

— De que adianta a vida hoje? Se saírem às ruas ao menos formarão um cortejo, vão sentir os corpos uns dos outros. Pelo menos eles não pensam, nem fazem literatura! Hão de conseguir algum resultado.

— E você acha que essa Ação vale toda essa revolta? Walter deu de ombros.

— Você não leu no jornal sobre a resolução dos representantes alemães, entregue ao primeiro-ministro? Ofensas e desvantagens para a população alemã, e assim por diante? E a irônica decisão do Clube Tcheco? Ou a pequena notícia de que os deputados poloneses viajaram para seus territórios eleitorais: quem sabe ler nas entre linhas vê que essa notícia é a mais interessante, pois os poloneses, de quem sempre depende a decisão, estão abandonando o governo! A situação é tensa. Não era hora de irritar todo mundo com uma ação patriótica comum!

— Quando estive na cidade esta manhã — disse Clarisse —, vi policiais montados, um regimento inteiro; uma mulher me contou que os estão escondendo em alguma parte!

— Claro. Também o exército está de prontidão nos quartéis.

— Você acha que vai acontecer alguma coisa?

— Não se pode saber!

— E aí, vão jogar os cavalos em cima das pessoas? É horrível pensar em corpos de cavalo no meio da gente!

Walter desfizera mais uma vez sua gravata, e voltou a atar o laço.

— Você já participou alguma vez desse tipo de coisa? — perguntou Clarisse.

— Quando era estudante.

— E nunca mais?

Walter sacudiu a cabeça negativamente.

— Você disse há pouco que Ulrich será o culpado caso aconteça alguma coisa — Clarisse procurou certificar-se mais uma vez.

— Eu não disse isso! — defendeu-se Walter. — Infelizmente, os acontecimentos políticos lhe são indiferentes. Eu disse apenas que é bem típico dele provocar esse tipo de problema com tanta leviandade; ele frequenta o grupo que tem a culpa!

— Eu queria ir com você à cidade! — declarou Clarisse.

— De jeito nenhum! Você ia ficar nervosa demais! — respondeu Walter, decidido; no escritório, soubera dos muitos problemas que se esperavam com aquela manifestação, e queria manter Clarisse afastada de tudo. A histeria de uma multidão a poderia prejudicar; Clarisse precisava ser tratada como uma mulher grávida. Walter quase se engasgou com essa palavra, que envolvia sua arisca e irritadiça bem-amada com o inesperado calor de uma gravidez. “Existem analogias bem acima dos conceitos vulgares!”, pensou com certo orgulho, fazendo uma proposta a Clarisse:

— Se você prefere, eu também fico em casa.

— Não — respondeu ela —, ao menos você deve participar.

Queria ficar sozinha. Quando Walter lhe falara da manifestação iminente, descrevendo esse tipo de acontecimento, ela imaginara uma serpente com escamas que se moviam individualmente. Queria convencer-se dessa visão, sem ter de falar muito.

Walter passou o braço em torno dela.

— Fico também em casa? — repetiu, interrogativamente.

Clarisse livrou-se do braço dele, tirou um livro da estante, e não lhe deu mais atenção. Era um volume de Nietzsche. Mas Walter, em lugar de sair, pediu:

— Deixe-me ver o que está lendo!

Era fim de tarde. Havia na casa um vago pressentimento de primavera; era como se ouvissem vozes de pássaros abafadas pelas vidraças e paredes; um aroma de flores subia, ilusório, do cheiro de verniz do assoalho, dos estofamentos dos móveis, das lustrosas maçanetas de latão. Walter estendeu o braço para o livro. Clarisse envolveu o livro com as duas mãos, conservando o dedo na página aberta.

Então, aconteceu uma daquelas “terríveis” experiências, tão frequentes nesse casamento. Todas tinham o mesmo padrão: um teatro, o palco fica escuro, dois camarotes frente a frente iluminam-se; neles, Walter e Clarisse, um em cada camarote, destacados de todos os homens e mulheres; entre eles, o fundo abismo negro, cheio do calor daquelas pessoas invisíveis; Clarisse abre a boca, Walter responde, todos escutam sem respirar, pois é um espetáculo de imagens e sons que jamais ninguém conseguiu realizar.

Também agora acontecia isso, enquanto Walter estendia o braço, implorando, e Clarisse, a alguns passos dele, prendia firmemente o dedo entre as páginas do livro aberto. Encontrara ao acaso aquela bela passagem em que o mestre fala do empobrecimento pela decadência da vontade, que se manifesta em todas as formas de vida por um desordenado crescimento dos detalhes à custa do todo. “A vida reduzida a suas mais ínfimas figurações, e todo o resto carente de vida” — ela ainda recordava essa frase; fora isso, do contexto maior pelo qual passara os olhos antes de Walter a interromper, guardava apenas mais ou menos o sentido; e então, apesar do momento desfavorável, fez uma grande descoberta. Pois naquela passagem o mestre falava de todas as artes, sim, até de todas as formas de vida humana, mas só utilizava exemplos literários; e como Clarisse não compreendesse o geral, descobriu que Nietzsche não compreendera todo o alcance de seus próprios pensamentos, pois eles também se aplicavam à música! Pensando nisso, ela escutava o mórbido piano do marido, como se soasse em carne e osso a seu lado, aquela lentidão sentimental, a hesitante emergência dos sons assim que os pensamentos dele voavam para ela, e, para falar com outra passagem do mestre, “a secundária inclinação moral” dominava o “artista” que havia nele. Clarisse sabia escutar quando Walter a desejava em silêncio, e podia ver a música quando se esquivava do rosto dele. Então, nesse rosto só os lábios brilhavam, ele parecia alguém que tivesse cortado o dedo e estava por desmaiar. Agora também tinha aquela

expressão, sorrindo nervoso, braço estendido. Naturalmente Nietzsche não podia ter sabido tudo aquilo, mas era como um sinal o fato de ela por acaso ter aberto o livro logo naquele trecho que abordava esse assunto; e nesse ver, ouvir, compreender repentino, o raio da invenção se abateu sobre ela, transportando-a para o alto de uma alta montanha chamada Nietzsche, que soterrara Walter, mas apenas tocava a sola dos pés dela! A “filosofia e literatura aplicadas” da maioria das pessoas, que não são criativas nem insensíveis ao espírito, constam dessas cintilantes fusões de uma pequena transformação pessoal com um grande pensamento alheio.

Enquanto isso, Walter se levantara, e aproximava-se agora de Clarisse. Estava determinado a não ir à manifestação da qual pretendia participar, e a ficar com ela. Viu-a ali parada relutante, encostada à parede, e esse gesto ostensivo de uma mulher que se esquivava de um homem infelizmente não lhe transmitiu a repulsa dela, mas despertou as fantasias masculinas que teriam podido inspirá-la nessa aversão. Pois um homem tem de ser capaz de comandar e impor sua vontade a alguém que se recusa, e de repente essa necessidade de impor-se como homem significou tanto para Walter como a luta contra os restos fragmentados da superstição de sua juventude, de que era preciso ser alguém especial. “Ninguém precisa ser especial!”, disse a si mesmo, desafiador. Parecia-lhe covardia não poder renunciar àquela idéia. “Todos temos nossos excessos”, pensou, desdenhoso. “Temos o doentio, o solitário, o terrível, o malvado dentro de nós; cada um de nós poderia fazer algo de que ninguém mais é capaz: isso não significa nada!” E amargurava-se com a obsessão de que temos a tarefa de desenvolver o inusitado, em vez de recolher essas excrescências mórbidas, diluindo-as interiormente no organismo, renovando um pouco com isso o sangue burguês por demais apaziguado. Pensava nisso, aguardando o dia em que música e pintura não significassem mais nada para ele além de uma nobre maneira de se divertir. Desejar um filho fazia parte dessas novas tarefas. A ânsia que o dominara na juventude de tornar-se um Titã e um Prometeu fazia agora com que, como última consequência, ele aceitasse com algum exagero a crença de que antes disso é preciso ser como todos. Nessa época, sentia vergonha de não ter filhos; teria querido cinco, se Clarisse e o salário dele o permitissem, pois desejava estar no centro de um cálido círculo de vida, e queria superar em mediocridade o grande homem médio que é quem sustenta a vida, sem

olhar para a contradição que existe nesse anseio.

Mas era possível que ele tivesse refletido ou dormido demais antes de se preparar para sair e começar aquele diálogo: tinha o rosto em brasa, e Clarisse logo compreendeu por que ele se aproximava do livro; aquela sutileza de entendimento mútuo, apesar do doloroso sinal de repulsa, imediatamente o comoveu de maneira misteriosa, sua brutalidade sofreu com isso e sua simplicidade se desfez.

— Por que não me mostra o que está lendo? Vamos conversar! — pediu, intimidado.

— Não se pode “conversar”! — sibilou Clarisse.

— Como você está tensa! — exclamou Walter. Queria tomar-lhe o livro aberto que Clarisse apertava teimosamente. Mas depois de terem lutado algum tempo, Walter pensou: “Afinal, para que quero esse livro?”, e largou Clarisse. O incidente terminaria assim, se Clarisse, no momento em que se viu livre, não se tivesse comprimido tão fortemente contra a parede como se precisasse varar uma cerca para fugir de alguma ameaça. Estava ofegante, pálida, e gritou com voz rouca:

— Em vez de realizar você mesmo alguma coisa, fica querendo perpetuar-se num filho!

Sua boca regurgitou essas palavras como se fossem fogo venenoso, e também Walter arquejou involuntariamente o seu:

— Vamos conversar!

— Não quero conversar, tenho nojo de você! — respondeu Clarisse, de repente bem lúcida, dona de seus meios de expressão e usando-os com tamanha eficácia como se uma pesada travessa de porcelana caísse exatamente entre os pés dela e de Walter. Este deu um passo atrás e encarou-a, surpreendido.

Clarisse não queria ofendê-lo tanto assim. Apenas tinha medo de ceder alguma vez, por bondade ou negligência; então, Walter a amarraria a si mesmo imediatamente, com fraldas, e agora mais que nunca isso não devia acontecer, pois ela queria decidir toda aquela questão. Os fatos se tinham “aguçado”; ela sentia na mente, bem sublinhada por um traço grosso, essa expressão que Walter usara para lhe explicar por que as pessoas iam às ruas; pois Ulrich, ligado a Nietzsche porque lhe dera suas obras de presente de

casamento, estava do outro lado, do lado contra o qual aquela ponta se aguçava e se dirigiria caso tudo se desencadeasse; Nietzsche acabava de lhe dar um sinal, e ela se via sobre uma “alta montanha”, mas o que é uma alta montanha senão uma elevação aguda de terra?! Portanto, tratava-se de analogias bem singulares, que dificilmente uma pessoa poderia deslindar, e nem Clarisse as via claramente; por isso mesmo queria ficar sozinha e enxotar Walter de casa. O ódio selvagem que naquele momento inflamava seu rosto não era nítido, não era puro nem grave, mas apenas algo físico e desvairado, com vaga participação pessoal, uma “fúria de piano”, que também Walter seguidamente sentia, e assim, também ele, depois de ter encarado a mulher por algum tempo, atônito, de repente ficou pálido, mostrou os dentes e respondeu gritando à afirmação de que lhe causava nojo:

— Cuidado com os gênios! Principalmente você!

E gritou ainda mais do que ela gritara, e até ele próprio achar sinistra a obscura profecia, que, mais forte do que ele, abrisse caminho pela sua garganta. De repente, Walter viu o quarto totalmente negro como num eclipse solar.

Também Clarisse ficara impressionada. Subitamente, calou-se.

Uma emoção tão intensa quanto um eclipse solar não é coisa simples; não importava o que acontecera, o fato é que, nela, o ciúme de Walter em relação a Ulrich explodira de um golpe, por descuido. Por que então o chamava de gênio? Era como uma atitude arrogante que não sabe como desmoronará depressa. Walter revia repentinamente velhas imagens: Ulrich de uniforme voltando para casa, o bárbaro que já tinha casos com mulheres de verdade, enquanto Walter, embora mais velho, ainda fazia poemas para as estátuas de pedra dos parques. Mais tarde: Ulrich trazendo para casa novidades sobre o espírito da precisão, da velocidade, do aço; para o humanista Walter, também isso era a invasão de uma horda de bárbaros.

Walter sempre tivera, diante do amigo mais jovem, a sensação desconfortável de ser fisicamente mais fraco e também menos dinâmico, ao mesmo tempo vendo em si mesmo o espírito, e no outro apenas a vontade crua. E sempre, fortalecendo essa idéia, aquela relação entre eles: Walter movido pelo belo e bom, Ulrich balançando a cabeça, cético. Essas impressões permanecem. Se Walter tivesse conseguido ver a página aberta

pela qual brigara com Clarisse, a desagregação ali descrita, que transfere a vontade de viver do todo para detalhes, não teria sido considerada por ele uma censura à sua própria tendência a rumações artísticas, como Clarisse a entendia. Teria-se convencido de que era uma excelente descrição de seu amigo Ulrich, começando pela supervalorização do detalhe, característica da superstição moderna em relação ao empírico, até a continuação dessa decadência bárbara no próprio eu, que ele chamara de homem sem qualidades, ou qualidades sem homem, enquanto Ulrich, na sua megalomania, ainda por cima aprovara essa designação. Walter incluía tudo isso na acusação relativa ao gênio; pois se alguém podia chamar-se de individualidade solitária, era ele próprio, mas renunciara a isso para voltar à sua natural tarefa humana, e nisso sentia-se uma geração à frente do amigo. Mas como Clarisse se calasse diante daquele insulto, ele pensou: “Se ela agora disser uma só palavra em favor de Ulrich, não vou suportar!”, e foi sacudido pelo ódio, como se o braço de Ulrich o agarrasse.

Em sua desmedida excitação, já sentiu-se a pegar o chapéu e sair correndo. E sem se dar conta, precipitar-se pelas ruas. Em sua imaginação, as casas se recurvavam ao vento. Só algum tempo depois reduziu o passo, viu as pessoas que cruzavam com ele. Seus rostos, olhando-o amavelmente, o inquietavam. E na medida em que a consciência dele se mantivera fora daquela fantasia, começou a dizer a Clarisse o que pensava. Mas em vez de brilhar em sua boca, as palavras cintilavam em seus olhos. Como descrever a felicidade de estar entre pessoas, entre irmãos? Clarisse diria que ele não tinha individualidade. Mas a íngreme autoconsciência de Clarisse tinha algo de desumano, e Walter não queria mais responder às excessivas exigências que lhe fazia. Sentiu uma dolorosa vontade de estar encerrado com ela em algum sistema ordenado, em vez de esvoaçar nos escancarados desvarios do amor e do desregramento pessoal.

“É preciso, em tudo o que somos ou fazemos, até mesmo quando nos opomos a outras pessoas, sentir um movimento fundamental em direção a elas”, era mais ou menos assim que deveria ter respondido. Pois Walter sempre tivera sorte com pessoas; até nas disputas eram atraídas por ele, e ele por elas, e assim a opinião bastante superficial de que a comunidade humana possui uma força equilibradora e finalmente vitoriosa que recompensa os esforços tornara-se uma convicção sólida em sua vida. Ocorreu-lhe que há pessoas que atraem os pássaros; os pássaros gostam de

voar até elas, e muitas vezes essas pessoas têm também uma certa expressão de pássaros. Estava convencido de que cada ser humano se ligava inexplicavelmente a algum animal. Certa vez arquitetara essa teoria; não era científica, mas ele acreditava que pessoas musicais intuem muita coisa que fica além da ciência, e já em criança sabia que seu animal eram os peixes. Sempre o atraíam fortemente, num misto de fascinação e horror, e no começo das férias dedicava-se intensamente a eles. Ficava parado horas a fio junto da água, pescando-os de seu elemento e depositando os cadáveres a seu lado na relva, até parar repentinamente com um nojo que beirava o terror. Peixes na cozinha eram uma de suas mais antigas paixões. Os esqueletos dos peixes estripados eram postos numa grande travessa vitrificada em forma de barco, verde e branca como relva e nuvens, e por alguma razão do reino da culinária ali ficavam num pouco d'água até que, preparada a refeição, os jogassem no lixo. O menino era misteriosamente atraído por aquela travessa, e sob qualquer pretexto, voltava muitas vezes para contemplá-la, mas quando o interrogavam, perdia a fala. Hoje talvez pudesse responder que o encanto dos peixes residia em não pertencerem a dois elementos, inserindo-se inteiramente num só. Revia-os, como os observara tantas vezes no fundo espelho das águas, não se moviam como ele sobre o solo, nos limites de uma vazia segunda coisa (nem ali nem acolá ele estava em casa, pensava Walter, lançando aquele pensamento em todas as direções; pertencemos a uma terra com a qual temos em comum apenas a planta dos pés, e nosso corpo se eleva no ar em que cairíamos e que empurramos de seu lugar!); o chão dos peixes, seu ar, sua bebida, sua comida, seu terror dos inimigos, o obscuro cortejo do seu amor e seu sepulcro os encerravam. Moviam-se naquilo que os embalava, numa experiência que o ser humano só pode ter no sonho, ou talvez na ânsia de voltar à protetora ternura do ventre materno, coisa na qual começava a ser moda acreditar.

Mas então, por que matara os peixes, arrancando-os de seu ambiente? Aquilo lhe dava um prazer indizível e sagrado. Mas ele, Walter, o enigmático, não queria saber por quê! Clarisse não dissera certa vez que os peixes eram os “burgueses da água?” Ele estremeceu, ofendido. Naquele estado imaginário em que se encontrava e pensava tudo isso, correria pelas ruas olhando os rostos das pessoas, firmara-se um belo dia para peixes; ainda não chovia mas estava úmido, viu finalmente que há algum tempo as

ruas e calçadas tinham um tom marrom-escuro. As pessoas, de roupa preta e chapéu duro, não usavam colarinho; Walter não estranhou aquilo; não eram burgueses, aparentemente vinham de fábricas, andavam em grupos dispersos; outras pessoas, que ainda não tinham concluído sua jornada de trabalho, avançavam entre elas, apressadas como Walter, que se sentia muito feliz; apenas os pescoços nus lhe recordavam algo inquietante, suspeito. De repente, a chuva se destacou do quadro, as pessoas começaram a correr, o ar fendeu-se com um lampejo branco; caíam peixes do céu; e por cima de tudo isso pairou o trêmulo, terno, disparatado som de uma voz chamando por um cachorrinho.

Essas últimas transformações ocorreram tão independentes dele, que Walter se surpreendeu. Não percebera que seus pensamentos divagavam e se precipitavam velozmente com aquelas imagens. Ergueu os olhos e viu sua jovem esposa, o rosto ainda desfeito de repugnância. Sentiu-se muito inseguro. Lembrou-se de que pretendia fazer- lhe uma longa censura, ainda tinha a boca aberta para isso. Teriam se passado minutos, segundos ou milésimos de segundos? Não sabia. Um pouco de orgulho o aqueceu, como um calafrio ambíguo recobre a pele depois de um banho gelado, o que significava mais ou menos: “Estão vendo do que sou capaz?” Mas no mesmo instante, também teve vergonha por essa irrupção de coisas subterrâneas; há pouco pretendia dizer que o que fosse ordenado, controlado e contido num grande círculo era espiritualmente bem mais importante do que o anormal; agora, suas convicções estavam de raízes para o ar, e a lama do vulcão da vida grudava-se nelas! Por isso, a mais intensa sensação desde que despertara fora, na verdade, de terror. Havia algo terrível muito próximo. Era um medo totalmente insensato, mas, ainda pensando em parte por imagens, sentiu que Clarisse e Ulrich faziam força para arrancá-lo de seu quadro. Concentrou-se para interromper aquele devaneio, e quis dizer alguma coisa que ajudasse a prosseguir aquele diálogo interrompido pela sua veemência; já tinha algo na ponta da língua, mas foi detido pelo pressentimento de que suas palavras chegariam atrasadas, que, entretantes, outras coisas tinham sido ditas, ou haviam acontecido, sem ele saber. Súbito, voltando no tempo, ouviu Clarisse dizer

— Se você quer matar Ulrich, então mate-o. Você é todo cheio de escrúpulos! Um artista só pode fazer boa música se não tiver escrúpulos!

Walter não queria compreender isso. Às vezes, só compreendemos uma coisa quando nós mesmos lhe damos resposta, e ele hesitava em responder por medo de trair sua ausência. Nessa insegurança, entendeu, ou deixou-se persuadir de que Clarisse realmente pronunciara aquela frase que dera origem à sua assustadora fuga de idéias. Clarisse estava certa dizendo que, se concedessem todos os desejos a Walter, ele muitas vezes teria um só: ver Ulrich morto. Essas coisas não são raras em amizades, que não se desfazem tão depressa quanto o amor, quando atingem intensamente o valor da pessoa. Não era nada muito sanguinário: no momento em que imaginava Ulrich morto, o antigo afeto juvenil pelo amigo perdido retornava, ao menos parcialmente; assim como, no teatro, se elimina a inibição burguesa diante do crime através de forte emoção estética, ele quase tinha a impressão de que, pensando numa solução trágica, aconteceria algo de belo também para aquele que fora imaginado como vítima. Ele se sentia muito exaltado, embora tivesse medo e não pudesse ver sangue. E mesmo desejando sinceramente que o orgulho de Ulrich se desmoronasse de uma vez, não teria feito nada para isso. Mas originalmente pensamentos não têm lógica, por mais que lhes atribuamos alguma; só a objetiva e fria resistência da realidade desvia a atenção para as contradições no poema Ser + Humano. Talvez Clarisse tivesse razão afirmando que um excesso de escrúpulo burguês prejudicava o artista. E tudo isso estava ao mesmo tempo em Walter, que encarava sua mulher, indeciso e repugnado.

Mas Clarisse repetiu, veemente:

— Se ele atrapalha você na sua obra, deve tirá-lo do caminho! — Ela parecia achar aquilo excitante e divertido.

Walter quis estender as mãos para ela. Seus braços pareciam presos, mas mesmo assim aproximou-se:

— Nietzsche e Cristo fracassaram por ficarem na metade do caminho! — sussurrou ela no ouvido de Walter. Tudo aquilo era absurdo. Por que ela introduzia Cristo no assunto? O que significava Cristo ter fracassado por ficar no meio do caminho?! Aquelas comparações eram penosas. Mas Walter ainda sentia algo indescritivelmente estimulante no movimento daqueles lábios; parecia que sua própria de cisão, duramente conseguida, de aliar-se à maioria dos homens, vivia sendo contestada pela violenta necessidade reprimida de ser uma exceção.

Agarrou Clarisse com toda a força e impediu-a de se mover. Os olhos dela apareciam diante dos seus como duas pequenas vidraças.

— Não sei como é que você tem essas idéias! — repetiu algumas vezes, mas não obteve resposta. E sem querer, devia tê-la puxado para si, pois Clarisse espalmou as unhas diante do rosto dele como um pássaro, de modo que ele não pudesse chegar mais perto. “Está louca!”, sentiu Walter. Mas não a podia soltar. Uma feiúra incompreensível baixara sobre o rosto dela. Ele nunca vira um louco; mas, pensou, devem ter essa cara.

E de repente, suspirou.

— Você o ama?! — Não era um comentário muito original, nem inusitado nas lutas entre eles; mas para não ter de acreditar que Clarisse estava doente, preferia aceitar que ela estava apaixonada por Ulrich, e provavelmente esse espírito de sacrifício fora influenciado pelo fato de Clarisse, cuja beleza renascentista de lábios finos ele sempre admirara, pela primeira vez lhe parecer feia; e talvez parecesse feia porque seu rosto não estava mais ternamente protegido pelo amor por Walter, mas desvendado pelo rude amor do rival. Não faltavam complicações em tudo isso, elas tremulavam entre os olhos e o coração dele, como algo novo, com significado geral e particular; mas o fato de ele suspirar num tom inumano ao pronunciar a frase “você o ama” ocorrera talvez por já estar contagiado pela loucura de Clarisse, e isso o assustou um pouco.

Clarisse libertara-se brandamente, mas voltou a aproximar-se dele, respondendo algumas vezes, como se cantasse:

— Não quero um filho seu. Não quero um filho seu! — E beijou-o e beijou-o, muito de leve.

Depois, partiu.

Dissera ela realmente, além disso, “ele quer um filho meu?” Walter não tinha certeza de ela o ter dito, mas era como se ele ouvisse a possibilidade. Parou diante do piano, enciumado, e sentiu um sopro frio e um sopro quente, de um só lado. Eram as torrentes do gênio e da demência? Ou da condescendência e do ódio? Ou do amor e do espírito? Ele podia imaginar-se deixando Clarisse passar e deixando seu próprio coração no caminho,

para que ela passasse por cima; e podia imaginar-se aniquilando Clarisse a Ulrich com palavras poderosas. Não sabia se devia procurar Ulrich ou começar a escrever sua sinfonia que naquele momento poderia se transformar na luta eterna entre terra e estrelas, ou se seria bom antes disso aliviar um pouco sua excitação no lago de ninfas da proibida música wagneriana.

O estado inexprimível em que se encontrava começou a desfazer-se aos poucos, enquanto refletia. Abriu o piano, acendeu um cigarro, e enquanto seus pensamentos se distraíam sempre mais, nas teclas seus dedos davam início à ondulante música do feiticeiro saxão. Depois de passar bom tempo descarregando lentamente as emoções, viu com clareza que sua mulher e ele tinham vivido um estado de irresponsabilidade; mas apesar da impressão dolorosa que isso lhe causava, sabia que teria sido em vão procurar logo em seguida por Clarisse para fazê-la entender isso. De repente teve o desejo de estar entre pessoas. Enfiou o chapéu na cabeça e foi à cidade para concretizar sua primeira intenção e misturar-se à excitação geral, caso a encontrasse. No caminho, teve a impressão de que trazia em seu interior uma tropa diabólica e que, como seu capitão, iria se juntar aos outros. Mas já no bonde a vida lhe pareceu bastante comum; talvez Ulrich estivesse do outro lado, talvez assaltassem o palácio do Conde Leinsdorf, Ulrich talvez fosse pendurado num poste ou esmagado pela multidão, ou talvez, trêmulo, protegido e salvo por Walter — eram apenas rapidíssimas sombras diurnas sobre a clara ordem daquela viagem com preço fixo, pontos de parada e sinais de sineta. Respirando calmamente outra vez, Walter sentiu-se muito ligado a tudo isso.

Naquela época parecia que os acontecimentos se precipitavam para um desenlace, e também para o Diretor Leo Fischel, que no que diz respeito a Arnheim, especulara pacientemente com uma cotação em baixa, chegara a hora da compensação. Infelizmente, nesse momento sua mulher Clementina não estava em casa, por isso ele apenas entrou no quarto da filha Gerda, segurando na mão um jornal da tarde, sempre bem informado sobre a Bolsa de Valores; sentou-se numa cadeira confortável, apontou para uma pequena notícia de jornal, e perguntou muito à vontade:

— Filha, você sabe por que esse profundo financista anda por aqui?

Em casa, ele sempre chamava Arnheim assim, para mostrar que, sendo um homem de negócios sério, não ligava para a admiração das mulheres de sua família por aquele ricaço falastrão. E se o ódio não confere clarividência, um boato da Bolsa em geral tem fundamento, e a repulsa de Fischel por aquele homem o fez completar o que mal iniciara:

— Sabe? — repetiu procurando impor aos olhos da filha o raio triunfante do seu próprio olhar — Ele quer controlar os campos de petróleo da Galícia!

Fischel ergueu-se de novo, dobrou seu jornal como se pega um cachorro pela nuca, e saiu do quarto, porque lembrara-se de telefonar a algumas pessoas para maior segurança. Tinha a sensação de que o que acabava de ler sempre estivera em seu pensamento (como se vê, o efeito das notícias da Bolsa é o mesmo das notícias literárias), e ficou satisfeito com Arnheim, como se não pudesse esperar outra coisa de homem tão sensato; esqueceu totalmente que até ali apenas o julgara um falastrão. Não queria dar-se ao trabalho de explicar à filha o significado do que lhe dissera; qualquer outra palavra teria apenas prejudicado a linguagem dos fatos. “Ele quer controlar os campos de petróleo da Galícia!” Com o peso dessa simples frase sobre a

língua, ele retirou-se, pensando: “Quem sabe esperar sempre ganha!” O que é uma velha regra da Bolsa, e, como todas as verdades da mesma, complementa perfeitamente as verdades eternas.

Mal ele saíra do quarto, Gerda teve uma reação intempestiva. Antes, não dera ao pai a satisfação de se mostrar chocada nem surpresa, mas agora, abriu depressa um armário de roupas, tirou chapéu e casaco, ajeitou vestido e cabelo na frente do espelho; sentou-se diante dele e contemplou o próprio rosto, indecisa. Decidira procurar Ulrich. Enquanto o pai falava, ela lembrara que Ulrich deveria saber daquilo o mais depressa possível, pois estava suficientemente informada do círculo que rodeava Diotima para entender o quanto a novidade que o pai estava contando lhe interessaria. Quando resolveu isso, foi como se em suas emoções se agitasse algo há muito tempo vacilante; até então obrigara-se a agir como se tivesse esquecido o convite de Ulrich para visitá-lo, mas mal as primeiras emoções começaram a se agitar naquela massa escura, percebeu também nas mais remotas uma correria, uma agitação; e embora não conseguisse se decidir, a decisão estava tomada e não ligava para Gerda.

“Ele não me ama!”, pensou olhando o rosto no espelho; nos últimos dias, esse rosto ficara ainda mais magro. “E nem pode, com essa minha aparência!”, pensou,

desalentada. Mas acrescentou, desafiadora: “Ele não vale tanto! Eu só me sugestionei!”

E o desânimo a dominou. Os recentes acontecimentos a consumiam. Sua relação com Ulrich lhe parecia algo simples que, no entanto, eles tivessem por anos a fio tentado complicar. E Hans, com sua ternura infantilizada, a deixava com os nervos à flor da pele; tratava-o com aspereza e, nos últimos tempos, até com desdém, mas Hans respondia com mais aspereza ainda, como um menino que ameaça se deixar machucar, e ela, quando tinha da acalmá-lo, era abraçada novamente, ela a tocava como um fantasma, deixando-a de ombros magros e com a pele sem frescor. Gerda cortara com todos esses tormentos ao abrir o armário para tirar o chapéu, e o medo diante do espelho acabou fazendo-a levantar-se e sair correndo, sem que dele minimamente se livrasse.

Quando Ulrich a viu entrar, compreendeu tudo; ela ainda por cima amarrara

um véu diante do rosto, como Bonadéia costumava fazer em suas visitas. Todo o seu corpo tremia, o que ela procurava esconder através de uma postura artificialmente desinibida, com efeito ridículo e desajeitado.

— Vim visitar você porque ainda há pouco meu pai me contou uma coisa muito importante — disse ela.

“Estranhíssimo!”, pensou Ulrich. “Agora, de repente, esse você tem um tom de intimidade”. Isso o deixou furioso, e para que ela não percebesse nada, Ulrich procurou explicar o fato dizendo a si mesmo que a postura exagerada de Gerda certamente se destinava a eliminar dessa visita ares de fatalidade e qualquer significação especial, apresentando-a apenas como um acontecimento normal, ainda que um pouco tardio; devia-se, portanto, concluir exatamente o contrário, ficando claro que a moça dessa vez pretendia ir até o fim.

— Há muito tempo nos tratamos por você, só não o percebíamos porque sempre fugimos um do outro! — disse Gerda, que a caminho refletira em como se apresentaria a ele, e estava preparada para o espanto que iria causar.

Mas Ulrich agiu rapidamente, passando o braço pelo ombro dela e beijando-a. Gerda cedeu, como uma vela macia. Sua respiração, seus dedos que se prendiam nele, pareciam os de alguém inconsciente. Nesse momento assaltou-o a crueldade do sedutor irresistivelmente atraído pela indecisão de uma alma arrastada por seu corpo como um prisioneiro por policiais. Pelas janelas entrava no quarto em penumbra a claridade baça da tarde de inverno, e ele estava parado num desses recortes claros, segurando a moça nos braços; a cabeça dela destacava-se, loura e nítida, dos macios travesseiros de luz, e a cor do seu rosto era oleosa, dando-lhe um aspecto de morta. Ele a beijou devagar por toda parte na pele entre o cabelo e o vestido, e teve de superar uma leve repulsa, até tocar os lábios dela, que encontraram os seus” de um modo que o fez pensar nos bracinhos fracos com que uma criança enlaça o pescoço de um adulto. Pensou no belo rosto de Bonadéia, que no ímpeto da paixão lembrava uma pomba cujas plumagens se eriçavam nas presas de uma ave de rapina, e na nobreza de estátua de Diotima, que ele não saboreava; em vez da beleza que essas duas mulheres lhe queriam dar, seu olhar deparava singularmente com o rosto de

Gerda, desfeito pela emoção, e desamparadamente feio.

Gerda não permaneceu muito tempo naquele desmaio acordado. Pensara fechar os olhos apenas por um segundo, e enquanto Ulrich lhe beijava o rosto, sentiu as estrelas paradas na infinitude do espaço e do tempo, de modo que não teve

impressão da duração e dos limites do fato, mas despertou assim que as atenções dele diminuíram; então, firmou-se novamente sobre as pernas. Tinham sido os primeiros beijos de paixão real, não fingida nem ilusória, que ela dera e, pensava ter recebido, e o eco em seu corpo era tão tremendo que naquele momento parecia ter-se tornado mulher. Mas esse fenômeno é semelhante a arrancar-se um dente: embora depois sobre menos do corpo do que havia antes, temos a sensação de estarmos mais completos, porque um motivo de inquietação foi eliminado; e depois de ter chegado a esse estado, Gerda endireitou-se, cheia de determinação:

— Você nem perguntou o que eu vim contar! — disse ao amigo.

— Que me ama! — respondeu Ulrich, um pouco desconcertado.

— Não, que seu amigo Arnheim está enganando sua prima; banca o apaixonado, mas suas intenções são bem diferentes! — E Gerda contou a descoberta de seu pai.

Essa notícia, na sua simplicidade, causou grande impressão em Ulrich. Achou que devia prevenir Diotima de estar caminhando para uma ridícula decepção, com as asas da alma bem abertas. Pois apesar do maligno prazer que essa idéia lhe proporcionava, ele sentia pena da bela prima. Essa compaixão era, porém, grandemente superada pela cordial gratidão para com papai Fischel, e embora Ulrich estivesse na iminência de lhe causar grande mágoa, admirava honestamente sua confiável e antiquada sensatez de homem de negócios, enfeitada com belas convicções, que conseguira desvendar o segredo de um grande intelectual moderno.

Com isso, Ulrich se distanciara das exigências amorosas que a presença de Gerda lhe fazia. Admirou-se de há poucos dias ter pensado na possibilidade de abrir o coração àquela mocinha; “superar a segunda muralha”, pensou, “é o que Hans diz sobre essa ridícula idéia de dois anjos ébrios de amor!”, e em pensamento, como se a acariciasse com os dedos, saboreou a superfície

dura, magnificamente lisa da figura prosaica que a vida hoje em dia assume através dos sensatos esforços de Leo Fischel e seus iguais. Assim, a frase:

— Seu pai é formidável! — foi a única coisa que respondeu.

Gerda, consciente da importância de sua notícia, esperara outra reação; não sabia o que desejara como efeito do que lhe viera dizer, mas era mais ou menos como o momento em que numa orquestra todos os instrumentos soam e vibram, e a indiferença que Ulrich de repente aparentava fê-la lembrar-se dolorosamente de que, diante dela, ele sempre se apresentara como defensor do medíocre, comum e sóbrio. Pois se, entretentes, ela se persuadira de que aquilo era apenas uma forma espinhosa de aproximação amorosa, cujo modelo encontrava em sua própria alma de mocinha, agora “que já se amavam” — como rezava a fórmula meio infantil que tinha para isso em seu íntimo —, uma clareza desesperada a prevenia de que aquele homem, a quem estava entregando tudo, não a levava muito a sério. Perdeu boa parte da segurança que conquistara, mas, por outro lado, aquele “não ser levada a sério” lhe pareceu maravilhosamente agradável; eliminava todos os esforços que a relação com Hans exigia para manter-se, e quando Ulrich elogiou o pai dela, Gerda não compreendeu mas sentiu que se reestabelecia uma certa ordem que ela ferira magoando o pai por causa de Hans. Essa doce sensação de um retorno inusitado ao seio da família, que ela comemorava com aquele seu mau passo, distraiu-a tanto que resistiu ternamente aos braços de Ulrich e disse:

— Vamos nos encontrar primeiro como seres humanos, o resto virá por acréscimo! — Essas palavras vinham de um programa da “comunidade de ação” e representavam no momento a última coisa que restava de Hans Sepp e seu grupo.

Mas Ulrich lhe passara novamente o braço pelo ombro, porque desde a notícia sobre Arnheim sentia que algo de importante ia acontecer, mas antes era preciso levar a cabo aquele encontro com Gerda. Não sentia outra coisa senão um extraordinário desagrado por ter de cumprir tudo aquilo, e por isso passou logo em torno dela o braço rejeitado, mas dessa vez com aquela muda linguagem que fala sem violência, mais insinuante do que palavras, anunciando que qualquer resistência será inútil. Gerda sentiu a virilidade daquele braço descendo pelas suas costas; baixara a cabeça e olhava

fixamente para o colo, como se lá reunisse num avental os pensamentos com cujo auxílio queria encontrar-se “humanamente” com Ulrich, antes de acontecer aquilo que seria o coroamento de tudo; mas sentiu que seu rosto ficava cada vez mais vazio e mais tolo, e por fim ergueu-o como uma casca vazia e ali ficou, com os olhos sob os olhos do seu sedutor.

Ele se curvou e cobriu-o com os beijos rudes que agitam a carne. Gerda levantou-se, sem vontade própria, e deixou-se conduzir. Faltavam uns dez passos até chegarem ao quarto de Ulrich, e a moça se apoiava como alguém gravemente ferido, ou um enfermo. Um pé colocava-se estranhamente diante do outro, embora ela não se deixasse arrastar mas andasse livremente. Gerda nunca sentira um vazio daqueles apesar de tanta excitação; pensou que o sangue lhe fugira todo, sentia interiormente um frio gelado, passou por um espelho que pareceu lhe mostrar sua imagem de uma distância excessiva, apesar disso percebeu seu rosto vermelho com manchas pálidas. E de repente, como ocorre nas desgraças, quando o olhar muitas vezes tem uma receptividade exagerada para todas as coisas simultâneas, viu o quarto de homem, fechado ao seu redor, com todos os detalhes. Lembrou-se de que talvez pudesse ter entrado lá com mais sabedoria e cálculo, como mulher; teria ficado muito feliz, mas procurou palavras para dizer que não queria nenhuma vantagem, apenas entregar-se; não encontrou as palavras, disse para si mesma: “tem de ser!”, e abriu a gola do vestido.

Ulrich a soltara; não conseguiu ajudá-la a despir-se com a tema assistência do amor, ficou parado de lado e tirou as roupas. Gerda contemplou o poderoso e esbelto corpo ereto do homem, seu equilíbrio de violência e beleza. Notou, assustada, que seu próprio corpo, embora ainda em roupas de baixo, se arrepiava todo. Procurou outra vez palavras que a pudessem ajudar; sentia-se deplorável, ali parada! Desejava dizer algo que tornasse Ulrich seu amante da maneira que sempre sonhara, numa dissolução infinitamente doce, para a qual nem se precisava fazer o que ela estava na iminência de fazer. Era maravilhoso e vago. Por um momento, viu-se com ele num ilimitado campo de círios como fileiras de amores-perfeitos enfiados no chão, incendiando-se a seus pés a um simples aceno. Mas como não conseguisse falar naquilo, sentiu-se terrivelmente feia e miserável, os braços tremiam; não conseguia terminar de se despir, seus lábios exangues

fecharam-se com força para não se moverem num sinistro murmúrio sem palavras.

Ulrich, percebendo os tormentos dela e o perigo de estragar o que até ali fora conseguido com tanto esforço e autocontrole, foi até ela e desamarrou as fitas de seus ombros. Gerda enfiou-se na cama parecendo uma adolescente. Por um momento, Ulrich pensou ver os movimentos de um jovem nu; aquilo tinha tanto a ver com amor quanto o cintilar de um peixe na água. Adivinhava que Gerda resolvera apressar

o mais possível o acontecimento inevitável, e viu, como nunca, que a apaixonada penetração em um corpo estranho é o prosseguimento da tendência infantil de meter-se em esconderijos secretos e criminosos. As mãos dele tocaram a pele da moça, ainda eriçada de medo, e ele próprio sentiu-se mais assustado que atraído. Não apreciava aquele corpo, já meio flácido, ainda meio infantil; o que estava fazendo lhe pareceu absurdo, teria preferido fugir da cama, e para não o fazer evocou todos os pensamentos apropriados. Assim, persuadiu-se com desesperada rapidez de todas as razões gerais para, hoje em dia, agirmos sem fé, sem consideração, sem alegria; e, entregando-se a isso, não sentiu o arrebatamento do amor mas uma emoção meio louca, lembrando carnificina e crime sexual, ou, se isso existe, um arrebatamento que lembrava um suicídio sexual, executado pelos demônios do vazio que moram atrás de todas as imagens da vida.

De repente, sua situação lhe recordou por uma obscura analogia aquela briga noturna com os malandros de rua, e desta vez quis ser mais rápido; mas no mesmo momento começou a acontecer algo horrível. Gerda transformara em força de vontade todas as suas reservas interiores, usando-as para reprimir seu terrível pavor; era como se a fossem matar, e no momento em que sentiu Ulrich a seu lado, naquela nudez estranha, e as mãos dele a tocaram, seu corpo arremessou para longe todo o controle.' Em algum lugar no fundo de seu peito ainda havia uma indizível amizade, um desejo terno e trêmulo de abraçar Ulrich, beijar seu cabelo, seguir sua voz com os lábios, e imaginou que, se atingisse a verdadeira natureza dele, haveria de se derreter toda como um punhado de neve numa mão quente; mas era um Ulrich vestido como de costume, movendo-se nos familiares aposentos da casa dos pais dela, e não aquele homem nu, cuja hostilidade ela adivinhava, que não levava a sério o sacrifício dela, embora não a

deixasse refletir. Gerda percebeu de repente que estava gritando. Como uma nuvenzinha, uma bolha de sabão, aquele grito pairava no ar e outros seguiram. Eram gritinhos arrancados do peito, como se ela estivesse lutando com alguma coisa, ganidos dos quais se arredondavam e desprendiam claros sons de *i*. Seus lábios retorciam-se, molhados como num prazer mortal, ciosa quis saltar da cama, mas não conseguiu se levantar. Os olhos não lhe obedeciam, emitiam sinais que ela não comandara. Gerda implorava que a poupassem, como uma criança que deve ser castigada ou levada ao médico e não pode dar um passo porque está totalmente dilacerada e retorcida pelos gritos. Ela pusera as mãos nos seios, e ameaçava Ulrich com as unhas, fechando convulsivamente as longas coxas. Aquela indignação do próprio corpo contra si mesma era terrível. Gerda tinha a sensação de estar num teatro, mas também de estar sentada sozinha e abandonada na platéia escura, sem poder evitar que seu destino se desenrolasse ali, entre gritos e violências, tendo de participar involuntariamente do espetáculo.

Ulrich contemplava, cheio de horror, as pequenas pupilas nos olhos enevoados dos quais o olhar emergia estranhamente rígido, e observou perplexo os movimentos singulares nos quais desejo e proibição, alma e ausência de alma se entrelaçavam de um modo inexprimível. Seus olhos tiveram brevemente a visão da pele loura e pálida com os pelinhos negros que se avermelhavam lá onde se tornavam mais abundantes. Aos poucos, entendera que presenciava um ataque histérico, mas não sabia o que fazer. Receava que os gritos incrivelmente dolorosos ficassem ainda mais altos. Lembrou-se de que gritar brutalmente com ela podia interromper o acesso, talvez uma súbita bofetada. O intangível algo de evitável naquele horror fê-lo pensar que um homem mais moço talvez continuasse a tentar penetrar a moça. “Talvez assim se superasse esse momento”, pensou. “Talvez logo agora eu não deva ceder, depois que essa bobinha chegou a tal ponto!” Não fez nada disso, mas tais pensamentos irritados varavam sua mente de um lado para outro, pois ele sussurrava involuntária e incessantemente palavras consoladoras para Gerda, prometendo não lhe fazer mal algum, dizendo que não lhe tinha acontecido nada ainda, pedindo perdão, e aquelas cascas de palavras alinhavadas num momento de horror lhe pareceram tão indignas e ridículas que teve de lutar contra a tentação de simplesmente pegar uma braçada de almofadas e sufocar aquela boca que não parava de berrar.

Mas finalmente o ataque cedeu por si mesmo, e o corpo se acalmou. Os

olhos da moça ficaram úmidos, ela se sentou na cama, os seios pequenos penderam, sem viço, no corpo ainda não vigiado pela consciência, e Ulrich, respirando aliviado, sentiu mais uma vez toda a repulsa por aquela experiência desumana, meramente corporal, que tivera de suportar. Depois, a consciência habitual voltou a Gerda; algo abriu-se em seus olhos, como alguém que abriu os olhos certo tempo antes de despertar; ela fixou por um segundo um ponto à sua frente, sem compreender, depois notou que estava ali sentada, nua; fitou Ulrich, e o sangue lhe voltou ao rosto, em ondas. Ulrich apenas conseguiu repetir tudo o que estivera lhe murmurando como consolo; passou o braço pelos ombros dela, puxou-a para seu peito, confortando-a, e pediu que não se preocupasse. Gerda voltara à situação de antes do ataque, mas tudo lhe parecia estranhamente pálido e desolado; a cama desfeita, seu corpo despido nos braços de um homem que lhe sussurrava coisas nervosamente, e os sentimentos que a tinham levado até ali. Sabia bem o que significava tudo aquilo, mas também sabia que entrementes acontecera algo pavoroso, de que só se recordava vagamente e com repulsa; e embora notasse que a voz de Ulrich agora estava mais terna, atribuiu-o ao fato de ser para ele, agora, apenas uma doente, e pensou que ele a fizera doente. Mas tudo lhe era indiferente, não tinha outro desejo senão sumir sem dizer mais nada. Baixou a cabeça e afastou Ulrich, Tateou procurando a camisa de baixo, vestiu-a pela cabeça como uma criança, ou uma pessoa que não liga mais para si mesma. Ulrich ajudou-a. Até lhe vestiu as meias, e também teve a impressão de estar vestindo uma criança. Gerda oscilou quando ficou de pé. Sua memória reviu as emoções com que saíra da casa dos pais, para a qual voltava agora. Sentiu que não passara no teste, e estava profundamente infeliz e envergonhada. Não respondeu uma palavra a tudo o que Ulrich dizia. Muito distante de todas as coisas presentes, recordou que certa vez, brincando, ele dissera que a solidão o levava a cometer excessos. Não estava zangada com ele. Apenas, nunca mais queria ouvi-lo.

Ulrich ofereceu-se para pegar um carro, ela, porém, apenas balançou a cabeça, colocou o chapéu nos cabelos desgrehados e saiu sem olhar para ele. Vendo-a partir, o véu agora na mão, Ulrich teve a sensação de estar assistindo a tudo como um menino; pois não deveria tê-la deixado partir em tal estado, mas não lhe ocorria nenhum jeito de a deter, e ele próprio, como

tivera de ajudar a moça, estava ainda semidespido, o que conferia à gravidade do momento algo de inacabado, como se precisasse vestir-se inteiramente para decidir o que fazer consigo mesmo.

Quando Walter chegou à cidade havia algo no ar. As pessoas não caminhavam diferente do normal, e as carruagens e bondes rodavam como sempre; talvez aqui e ali houvesse algum movimento inusitado, mas desfazia-se outra vez antes que se pudesse percebê-lo direito. Mesmo assim, tudo lhe parecia dotado de um pequeno sinal cuja ponta em seta indicava certa direção, e mal Walter dera alguns passos, sentiu que também ele trazia aquele sinal. Seguiu a direção e notou que o funcionário do Departamento de Artes, que ele era, mas também o pintor e o músico batalhador, sim, até o atormentado marido de Clarisse davam lugar a uma pessoa que não se encontrava em nenhum desses estados determinados; também as ruas com sua atividade e grandes casas de fachadas enfatuadas estavam no mesmo “estado prévio”, como ele dizia de si mesmo, pois tudo dava mais ou menos a impressão de uma forma cristalizada cuja superfície começa a liquefazer-se, retornando a um estado anterior.

Por mais conservador que se mostrasse quando se tratava de rejeitar inovações futuras, dispunha-se a criticar o presente, e a alteração da ordem, que ele pressentia, o deixou contente. As pessoas a quem encontrava em grandes grupos lembravam-lhe seu sonho; elas davam a impressão de uma pressa agitada, de estarem ligadas umas às outras de uma forma que lhe parecia muito mais primitiva do que a habitual, feita de razão moral e afirmações inteligentes, transformando todos numa comunidade mais livre, aberta. Pensou num grande buquê de flores do qual se retirou o barbante para que se abra, mas sem se desmanchar; e pensou num corpo do qual se retiraram as vestes, para fazer surgir a sorridente nudez que não tem palavras nem precisa delas. Caminhando depressa, deparou com uma grande tropa de policiais de prontidão, mas nem isso perturbou o quadro, a visão o encantou como um acampamento militar que aguarda o sinal, e seus muitos colarinhos vermelhos, cavaleiros desmontados e o movimento dos

homens anunciando chegadas e partidas estimularam sua belicosidade.

Atrás dessa barreira, embora ainda não estivesse cerrada, Walter logo notou a imagem mais escura da rua; quase não se via mulheres, e também os uniformes coloridos dos oficiais de folga, que normalmente animavam as ruas, pareciam engolidos pela incerteza reinante. Como ele próprio, muitas pessoas chegavam à cidade, e a impressão de seus movimentos era diferente; lembravam palha e restolhos que um vento forte arrasta atrás de si. Em breve, viu também os primeiros grupos assim formados, e, pareciam não só impelidos pela curiosidade mas pela indecisão, sem saber se deviam continuar seguindo aquele encanto estranho, ou dar meia-volta.

Walter recebeu diferentes respostas às suas perguntas. Algumas pessoas a quem se dirigiu disseram que estava acontecendo uma grande manifestação de lealdade ao Estado, outros pensavam ter ouvido dizer que a manifestação se dirigia contra certos patriotas ativos demais, e as opiniões também se dividiam quanto a ser aquela agitação toda promovida pelos alemães por causa da tolerância do governo favorecendo os desejos dos eslavos, o que a maioria acreditava, ou uma agitação em favor do governo, conclamando todos os kakanianos de boa vontade para uma marcha contra as constantes desordens. As pessoas, como ele, apenas acompanhavam, e Walter não descobriu nada que não tivesse ouvido em seu escritório, mas uma incontrolável tendência à tagarelice o fazia continuar perguntando. E quer as pessoas à sua volta lhe dissessem que também não sabiam de nada, quer rissem zombando da própria curiosidade, quanto mais ele avançava, mais escutava as primeiras indicações de que era preciso finalmente acontecer alguma coisa, embora ninguém se dispusesse a lhe explicar o quê. E quanto mais avançava, tanto mais notava nos rostos algo insensato que transbordava, escorrendo por cima da sensatez, e já parecia indiferente o que acontecia, para onde todos iam, contanto que fosse algo inusitado, que os deixasse fora de si. E embora esse “ficar fora de si” fosse entendido apenas naquele sentido mais brando de uma leve excitação, sentia-se um distante parentesco com estados esquecidos de encantamento, iluminação, como uma crescente e inconsciente disposição de sair das roupas e da própria pele.

Trocando suposições e falando coisas que pouco combinavam com ele,

Walter foi- se inserindo entre os outros que, vindos de grupos hesitantes e fragmentados, iam formando um cortejo movendo-se em direção ao suposto local da ocorrência, aumentando sem intenção determinada, tornando-se cada vez mais denso e forte. Mas todas essas impressões ainda tinham algo de um bando de coelhos que disparam ao redor da toca e a cada momento poderiam sumir dentro dela, quando da ponta daquele cortejo indisciplinado, que não se podia divisar, transmitiu-se até o outro extremo uma excitação mais decidida. Um grupo de estudantes ou outros jovens, que já tinha feito qualquer coisa e “vinha da linha de combate”, juntara-se à multidão; diziam-se coisas que ninguém entendia, mensagens mutiladas e ondas de muda excitação corriam da frente para trás, e, segundo sua natureza ou o que entendiam, as pessoas sentiam indignação ou medo, desejo de brigar ou de seguir princípios morais, avançando num estado em que eram dirigidas por aquelas idéias bastante comuns que parecem diferentes em cada indivíduo, mas, apesar de dominarem a consciência, significavam tão pouco que se uniam formando uma força viva, atingindo antes os músculos que a mente.

Também Walter, no meio do cortejo, foi contagiado e logo estava num estado de excitação e vazio, parecido com o começo da embriagues. Não se sabe direito como surge essa mudança que, em certos momentos, faz de pessoas com vontade própria uma massa com vontade única, capaz dos maiores excessos no bem e no mal, incapaz de refletir, embora as pessoas que a constituam geralmente tenham cultivado a vida inteira comedimento e ponderação. Provavelmente, a excitação da multidão ansiosa por uma descarga, não vendo saída para suas emoções, salta por cima de todos os trilhos que se abrem inesperadamente, e é de se presumir que sejam exatamente os mais excitáveis, sensíveis e incapazes de resistência, isto é, os extremados, que serão capazes de repentina violência ou nobreza comovente, que vão dar exemplo e abrir caminho; eles são, na massa, os pontos de menor resistência, mas o grito que os atravessa sem ser propriamente emitido por eles, a pedra que chega às suas mãos, a emoção em que se lançam desimpedem o caminho para os outros que, depois de terem intensificado até o intolerável sua excitação, avançam inconscientemente e conferem aos atos dos que os rodeiam a forma de uma ação de massa, que todos sentem em parte como imposição, em parte como

libertação.

Nessas excitações que já podemos observar nos espectadores de uma competição e nos ouvintes de um discurso, a psicologia da descarga é menos importante do que a pergunta: de que fontes surge a disposição de se excitar assim? Pois se o sentido da vida estivesse em ordem, a falta de sentido também estaria, não precisando ter a idiotice como efeito colateral. Walter sabia disso como poucos, carregava em si muitas propostas de melhoria, que agora emergiam, de modo que se defendia o tempo todo, com um sentimento desagradável e insípido, do arrebatamento que apesar disso o entusiasmava. Nesse momento de consciência desanuviada,, pensou em Clarisse. “Bom que ela não esteja aqui”, pensou, “não suportaria essa pressão!” Mas uma dor aguda impediu-o de dar prosseguimento àquela idéia; recordara a nítida impressão de demência que ela lhe dera. “Talvez eu mesmo esteja louco, porque levei tanto tempo para notar isso!”, pensou. “Vou enlouquecer em breve, se continuar vivendo com ela!”, pensou. “Não acredito!”, pensou. “Não há dúvida!”, pensou, e pensou também: “Seu rosto amado, congelado numa careta entre minhas mãos!” Mas já não conseguia pensar nada direito, pois desespero e desesperança cegavam sua consciência. Apenas sentia que, apesar dessa dor, era incomparavelmente mais belo amar Clarisse do que correr ali com a multidão, e, esquivando-se do medo, foi mais para o meio da fileira em que marchava.

Enquanto isso, por outro caminho, Ulrich chegara ao palácio do Conde Leirisdorf. Entrando pelo portão, viu uma guarda dupla, e no pátio um forte piquete policial. Sua Alteza saudou-o, controlado, e mostrou saber que era objeto de indignação do povo.

— Preciso corrigir algo que disse — comentou. — Certa vez eu lhe falei que podemos estar bastante certos de que, quando muitas pessoas são a favor de alguma coisa, ela dará certo. Existem as exceções!

O mordomo entrou logo depois de Ulrich, trazendo a notícia de que a multidão se aproximava do palácio; perguntou, preocupado, se deviam fechar portão e venezianas. Sua Alteza sacudiu a cabeça.

— O que está pensando? — decidiu serenamente. — Isso só os alegraria, por parecer que temos medo. Além disso, estão aí todos os guardas que a

polícia mandou! — Mas virou-se para Ulrich, e disse em tom de quem está moralmente ofendido: — Eles que quebrem nossas janelas! Eu disse que homens sensatos não fazem nada de bom!

Um rancor profundo parecia dominá-lo, mal o conseguia ocultar sob a dignidade da calma.

Ulrich fora até a janela quando a multidão chegava. Nas beiras das ruas havia policiais andando ao lado da massa, afastando do caminho pessoas que não participavam, como uma nuvem erguida pelos pés dos que marchavam em filas cerradas. Além disso, havia aqui e ali um veículo já bloqueado, em torno do qual escorria a torrente imperiosa em ondas negras, imprevisíveis, sobre as quais se via dançar a espuma desfeita dos rostos claros. Quando a vanguarda dos manifestantes avistou o palácio, pareceu que alguma ordem os fazia reduzir o passo, uma onda contrária correu para trás, as fileiras que avançavam bloquearam-se umas às outras, e, por um instante, formou-se uma imagem que lembrava um músculo engrossado preparando-se para o golpe. No momento seguinte, esse golpe disparou pelo ar; uma visão estranha, pois constava de um berro de indignação, do qual se viram primeiro as bocas escancaradas, só depois se ouviu o som. Grito após grito, abriam-se os rostos no momento em que chegavam ao palco, e como a gritaria dos mais afastados fosse superada pela dos que se aproximavam, olhando ao longe podia-se ver aquele espetáculo mudo repetindo-se interminavelmente.

— A goela do povo! — disse o Conde Leinsdorf, que parará por um momento atrás de Ulrich; disse-o muito sério, como se isso fosse uma expressão usual como o pão de cada dia. — Mas que estão gritando? Não consigo entender, com todo esse barulho.

Ulrich achou que gritavam principalmente “uh!”

— Sim, mas mais alguma coisa?

Ulrich não lhe disse que entre os sons escuros daqueles “uhs” não raro se ouvia o longo clamor “abaixo Leinsdorf !”; até pensou ouvir por vezes, entre alternados “vivas” à Alemanha, alguns “viva Arnheim!”, mas não estava certo disso, pois o vidro grosso da janela não permitia escutar bem.

Logo depois de Gerda fugir, Ulrich viera até ali, sentindo necessidade de ao

menos contar ao Conde Leinsdorf o que ouvira, e que desmascarava Arnheim mais do que tinham esperado. Mas até ali ainda não tocara no assunto. Contemplava a sombria agitação sob a janela, e a lembrança de seus tempos de oficial o enchia de desprezo, pois disse para si mesmo: “Com uma companhia de soldados, se varreria este lugar!” Quase enxergava isso, como se aquelas bocarras ameaçadoras fossem uma só bocarra espumante que de súbito passasse de ameaçadora a medrosa; as beiradas tornavam-se frouxas e tímidas, os lábios descaindo hesitantes sobre os dentes; e de repente, sua fantasia transformou aquela multidão negra e assustadora em um bando de galinhas esvoaçando, enxotadas por um cachorro! Isso aconteceu dentro dele como se todo o mal se condensasse e encrespasse mais uma vez, mas a antiga satisfação de observar o homem moral recuando diante do homem violento e insensível foi, como sempre, uma sensação ambígua.

— O que há com o senhor? — perguntou o Conde Leinsdorf, que andava de um lado para outro atrás de Ulrich, e, por um gesto estranho deste, tivera a impressão de que o outro se cortara nalguma lâmina afiada, o que por ali seria impossível. E como não recebesse resposta, parou, balançou a cabeça e disse:

— Afinal não devemos esquecer que a generosa decisão através da qual Sua Majestade deu ao povo certo direito de cogestão de seus assuntos é bastante recente; assim, podemos entender que não haja um amadurecimento político generalizado, digno da generosa confiança concedida ao povo! Acho que disse isso logo na primeira reunião!

Diante dessas palavras, Ulrich desistiu de falar a Sua Alteza ou a Diotima a respeito das intrigas de Arnheim; apesar de toda a hostilidade, sentia-se mais ligado a ele do que aos outros, lembrando que ele próprio se atirara sobre Gerda como um cachorro grande se lança sobre um caõzinho pequeno que choraminga... percebeu nesse momento que essa lembrança o atormentara o tempo todo, mas cedeu assim que pensou na infâmia que Arnheim preparava contra Diotima. A história daquele corpo que gritava, encenando um espetáculo para duas almas que esperavam impacientes, podia ter até um lado engraçado; e as pessoas ali embaixo, que Ulrich ainda contemplava fascinado, sem se importar com o Conde Leinsdorf, estavam também apenas representando uma comédia! Era isso que o fascinava. Elas

certamente não queriam atacar nem dilacerar ninguém, embora tivessem cara disso. Mostravam-se seriamente indignadas, mas não era aquela seriedade que enfrenta fuzis em ação; não era nem mesmo a seriedade de um bombeiro. “Não”, pensou ele, “o que estão fazendo aí é antes um ato ritual, um jogo sagrado com emoções profundas de humilhação, algum resquício civilizado-incivilizado de ato comunitário que o indivíduo não precisa levar até as últimas consequências!”

E sentiu inveja deles. “Como são agradáveis mesmo agora que procuram parecer o mais desagradáveis que podem!”, pensou. A sensação de poder-se proteger da solidão na massa humana subia até ele, e ter de estar ali em cima, longe disso — coisa que por um momento sentiu tão vivamente como se visse da rua sua própria imagem atrás de um vidro embutido na parede da casa — pareceu expressar o seu destino. Ele sentia que aquele destino teria sido melhor se ele agora se enfurecesse e em lugar do Conde Leinsdorf, desse o alarme à guarda em prontidão, para, noutra ocasião, unir-se amigavelmente àquela mesma gente; pois quem joga cartas com seus contemporâneos, negocia com eles, briga e partilha de suas diversões, pode eventualmente também mandar fuzilá-los, sem por isso ser um degenerado. Há uma certa compatibilidade com a vida, que deixa cada pessoa fazer o que bem entende, sem se importar com ela, e sob a mesma condição, dá a cada qual o seu quinhão: Ulrich pensava nisso. E trata-se de uma regra talvez bastante estranha, mas não menos segura do que um instinto natural, pois dela visivelmente brota a familiar intuição da humana proporção; quem não tem essa capacidade de compromisso, e é solitário, implacável e sério, inquieta os demais naquela maneira inofensiva mas repulsiva de uma lagarta. Nesse momento, Ulrich sentiu, oprimido, a funda repulsa pela falta de naturalidade do ser solitário e suas experiências intelectuais, repulsa que surge quando se contempla uma massa humana agitada por emoções naturais e comuns a todos.

A manifestação ficara mais impetuosa. O Conde Leinsdorf andava nervoso de lá para cá no fundo da sala, e de tempos em tempos dava uma olhada pela outra janela. Parecia sofrer muito embora não o quisesse revelar; seus olhos saltados lembravam duas duras bolas de pedra nas rugas macias do rosto, e os braços, cruzados nas costas, estendiam-se por vezes como num duro combate. Ulrich entendeu que o tomavam pelo conde, pois estava

parado ali na janela o tempo todo. Todos os olhares miravam seu rosto lá de baixo, e brandiam bastões em sua direção. A poucos passos dali, onde o caminho fazia uma curva dando impressão de desaparecer atrás dos bastidores, a maioria já estava limpando a maquilagem; teria sido loucura continuar as ameaças sem espectadores, e de um modo que lhes parecia bem natural a excitação sumia dos seus rostos no mesmo instante; muitos riam e estavam contentes como num passeio. Também Ulrich, observando isso, riu, mas os que vinham atrás pensavam que era o conde que ria, e sua raiva aumentou, terrível, levando Ulrich a rir abertamente.

Mas de repente interrompeu-se, enojado. E enquanto seus olhos ainda olhavam alternadamente as bocas ameaçadoras e os rostos divertidos de uns e outros, e sua alma se negava a continuar assimilando aquelas impressões, ele passou por uma estranha mudança. “Não posso mais participar dessa vida, nem posso mais me rebelar contra ela!”, sentiu. Mas ao mesmo tempo sentia atrás de si a sala com grandes quadros na parede, a comprida escrivaninha Império, a hirta verticalidade dos cordões das campainhas e dos cortinados das janelas. Ê isso tudo parecia um pequeno palco em cuja boca ele se postasse, lá fora os acontecimentos se passando num outro palco, maior, e os dois palcos tinham uma maneira singular de se unirem, sem ligarem para o fato de ele estar ali no meio. Então, a imagem da sala que ele sabia atrás de si encolheu e virou-se para fora, passando através dele, ou, como algo muito macio, em torno dele.

“Estranha inversão espacial!”, pensou. As pessoas agora passavam atrás dele, e através delas ele chegara a um nada; talvez, porém, elas se afastassem passando pela frente e por trás dele, que era banhado por elas como um pedregulho revolvido pelas ondas de um riacho, sempre igualmente diferentes: era um acontecimento que só se podia entender pela metade, e o que Ulrich achou mais estranho foi o estado vítreo, vazio e calmo em que se achava. “Podemos sair de nosso espaço para entrar num outro, oculto?”, pensou, pois sentia como se o acaso o tivesse conduzido a isso por uma secreta porta de ligação.

Afastou esses sonhos com um movimento tão violento do corpo inteiro, que o Conde Leinsdorf parou, espantado.

— O que o senhor tem hoje? — perguntou Sua Alteza. — Está

impressionado demais com tudo isso! Eu insisto: temos que conquistar os alemães através dos não- alemães, doa a quem doer!”

Pelo menos Ulrich conseguiu sorrir novamente diante dessa frase. Viu agradecido, à sua frente, o rosto do conde, marcado por muitas rugas e colinas. Há um momento especial quando se aterrissa de avião; o solo emerge redondo e exuberante da planura de mapa à qual se reduzira horas a fio, e o antigo significado que as coisas terrenas voltam a assumir parece crescer do solo: Ulrich lembrou-se disso. Mas incompreensivelmente, no mesmo momento lembrou a decisão de cometer um crime, ou talvez fosse apenas uma idéia informe, pois não ligava a ela nenhuma imagem. Era possível que se relacionasse com Moosbrugger, pois teria gostado de ajudar àquele doido, a quem o destino o ligara tão casualmente, como duas pessoas que podem-se sentar no mesmo banco de um parque. Mas na verdade encontrou naquele “crime” apenas a necessidade de ficar de fora, ou de abandonar a vida acomodada que vivemos no meio dos outros. Não era que os sentimentos ditos antiestatais e misantrópicos — sentimentos mil vezes fundados e merecidos — tivessem surgido de repente ou pudessem ser concretamente comprovados: simplesmente existiam, e Ulrich recordou que eles o tinham acompanhado a vida inteira, raramente, porém, com tal intensidade. Podemos dizer muito bem que, até hoje, todas as revoluções na Terra acabaram prejudicando o homem do espírito; elas começam prometendo uma nova cultura, acabam com as aquisições anteriores da alma como se fossem despojos do inimigo, e são superadas pela revolução seguinte, antes de terem podido ultrapassar o antigo apogeu. Assim, os chamados períodos culturais nada mais são que a longa série dos sinais de retorno de empreendimentos fracassados, e a idéia de se colocar fora dessa série não era novidade para Ulrich! Novas eram apenas as marcas cada vez mais fortes de uma decisão e mesmo de um ato que já parecia estar iniciando. Ele não se esforçou absolutamente por dar conteúdo a essa idéia; a sensação de que agora não viriam novamente generalidades e teorias, das quais já estava cansado, mas de que era preciso empreender algo pessoal e ativo de que ele participasse com sangue, braços e pernas, o dominou totalmente por alguns momentos. Sabia que, no momento desse “crime” singular ainda sem formas em sua consciência, não poderia mais oferecer a frente ao mundo, e só Deus sabe por que isso era uma sensação

apaixonadamente terna; ela estava ligada à estranha memória espacial da mistura dos acontecimentos diante e atrás das janelas, cujo eco mais débil conseguia evocar a qualquer momento, resultando numa relação obscuramente excitante com o mundo que, tendo mais tempo de reflexão, Ulrich talvez atribuísse à lendária luxúria dos heróis devorados pelas deusas que cortejavam.

Mas em vez disso, foi interrompido pelo Conde Leinsdorf que, enquanto isso, encerrara sua batalha pessoal.

— Resistirei aqui, para enfrentar essa indignação! — começou Sua Alteza.
— Por isso não posso ir embora! Mas o senhor, meu caro, deveria procurar sua prima o mais depressa possível, antes que ela se assuste com esses fatos e talvez dê a um de nossos jornalistas alguma declaração inadequada! Talvez possa lhe dizer... ele refletiu mais uma vez antes de decidir. — Bem, acho que é melhor lhe dizer que todo remédio forte tem efeitos fortes! E diga-lhe: quem quer melhorar a vida não deve, em situações críticas, ter medo de agir com ferro e fogo! — Ele refletiu mais um pouco; parecia inquietantemente decidido, sua barbicha subia e baixava em prumo quando estava na iminência de dizer alguma coisa e mudava de idéia. Por fim, algo de sua bondade natural irrompeu, e ele prosseguiu:

— Mas também deve lhe explicar que ela não precisa ter medo! Nunca se precisa ter medo de homens enfurecidos! Quanto mais valor eles têm, tanto mais facilmente se adaptam às condições reais se lhes damos oportunidade. Não sei se já notou isso, mas nunca houve uma oposição que não tivesse deixado de fazer oposição ao assumir o poder; não é apenas, como se acredita, uma coisa natural, mas algo muito importante, pois daí resulta, se assim me posso expressar, o que há de efetivo, confiável e duradouro na política!

Quando Ulrich entrou na casa de Diotima, Raquel ao abrir a porta lhe anunciou que a patroa não estava, mas o Dr. Arnheim sim, esperando por ela. Ulrich disse que queria entrar, sem notar que, ao vê-lo, sua pequena amiga arrependida corara intensamente.

As ruas ainda freMIam de agitação, e Arnheim, que estava parado à janela, veio em sua direção para o cumprimentar. O acaso daquele encontro hesitantemente procurado animava seu rosto; ele queria, porém, ser cauteloso e não sabia direito como começar. Também Ulrich não se decidia a falar logo nos campos de petróleo da Galícia, e assim, os dois homens se calaram logo depois dos primeiros cumprimentos; por fim foram juntos até a janela, onde ficaram olhando para baixo, mudos, contemplando a arruaça.

Algum tempo depois, Arnheim disse:

— Não consigo entender o senhor; não é mil vezes mais importante lidar com a vida do que escrever?

— Mas eu não escrevo — respondeu Ulrich, lacônico.

— E faz muito bem! — Arnheim aceitou a resposta. — Escrever é como uma doença, como o sarampo. Veja... — ele apontou para a rua com dois de seus dedos bem tratados, num gesto que apesar da rapidez tinha algo de uma bênção papal. — Veja essas pessoas isoladas ou em bandos; de tempos em tempos uma boca se abre por dentro, e grita. Noutra ocasião, o homem escreveria; nisso, o senhor tem razão!

— No entanto, o senhor é um escritor famoso!

— Ah, isso não significa nada! — Mas depois dessa resposta que deixava amavelmente tudo em aberto, Arnheim se virou para Ulrich, postando-se à sua frente, peito contra peito, e disse, escandindo bem as palavras: — Posso lhe fazer uma pergunta?

Naturalmente era impossível dizer não; mas como, sem querer, Ulrich tivesse recuado um pouco, aquela cortesia retórica pareceu um laço que o apanhasse outra vez.

— Espero que não tenha levado a mal nossa última pequena desavença, mas tenha em nota a simpatia que devoto aos seus pontos de vista, embora, o que não é raro, pareçam contradizer os meus. Então, posso lhe perguntar se realmente insiste em que... gostaria de resumir... em que se deve viver com uma consciência reduzida da realidade? Estou me expressando corretamente?

O sorriso com que Ulrich respondeu dizia: não sei, estou esperando para ver o que você vai dizer.

— O senhor falou de uma vida em suspenso, à maneira das metáforas que vivem indecisas em dois mundos. Além disso, disse à senhora sua prima várias coisas extraordinariamente fascinantes. Eu ficaria muito magoado se me considerasse um comerciante militarista prussiano, que não entende nada dessas coisas. Mas o senhor diz, por exemplo, que é apenas a parte indiferente de nós que forma nossa realidade e nossa história; compreendi isso como uma necessidade de renovar as formas e tipos de acontecimentos, e que até lá, na sua opinião, é bastante indiferente o que está acontecendo com Fulano e Sicrano.

— Eu penso — interveio Ulrich prudentemente, com certa resistência — que isso faz pensar numa substância produzida em mil fardos com grande perfeição técnica, mas segundo velhos padrões, por cuja evolução ninguém se interessa.

— Em outras palavras — objetou Arnheim —, pela sua afirmação entendo que o estado atual do mundo, indubitavelmente insatisfatório, se deve ao fato de os líderes acreditarem dever fazer história mundial em vez de dirigirem todas as forças humanas para entranhar de idéias as esferas do poder. Talvez ainda se pudesse fazer uma comparação melhor: com um fabricante que produz de qualquer jeito e só se orienta segundo o mercado, em vez de regular esse mercado! Como vê, suas idéias me tocam bem de perto. Mas por isso mesmo tem de entender que elas às vezes me parecem monstruosas, na medida em que sou um homem que precisa tomar decisões sempre, para manter em funcionamento empresas imensas! Por exemplo,

isso acontece quando o senhor exige que se renuncie ao significado real de nossa atividade; ao “caráter provisoriamente definitivo” de nossas ações, para usar a expressão deliciosa de nosso amigo Leinsdorf, ao qual apesar de tudo realmente não podemos renunciar completamente.

— Eu não exijo coisa nenhuma — respondeu Ulrich.

— Ah, sim, e pede bem mais ainda! Pede a consciência da tentativa! — Arnheim disse isso com veemência e calor. — Os líderes responsáveis devem acreditar que não têm de fazer história, mas sim preencher os protocolos das suas experiências para servirem como base a novas experiências! Fico encantado com essa idéia; mas, e o que fazer, por exemplo, com as guerras e revoluções? Podemos ressuscitar os mortos, quando a experiência estiver concluída e eliminada do plano de trabalho?!

Ulrich acabara rendendo-se à excitação da fala, que instiga a prosseguir, mais ou menos como acontece com o cigarro, e respondeu que provavelmente tudo teria de ser feito com absoluta seriedade para poder avançar, mesmo sabendo que cinquenta anos depois de sua execução todas as tentativas não valeram a pena. Mas essa “seriedade perfurada” não era nada de inusitado; muitas vezes empenhamos nossa vida por nada. Psicologicamente, uma vida por experiências não seria impossível; o que faltava era apenas a vontade de assumir uma responsabilidade de certa forma ilimitada.

— É nisso que reside a diferença decisiva — concluiu. — Antigamente, sentíamos de modo quase que dedutivo, partindo de certas premissas; esses tempos acabaram; hoje vivemos sem uma idéia-guia, mas também sem a técnica de uma indução consciente, ficamos fazendo experiências a esmo, como um macaco!

— Excelente! — admitiu Arnheim espontaneamente. — Mas permita-me uma última pergunta: o senhor sente, segundo sua prima me disse várias vezes, uma viva simpatia por um homem doente e perigoso. Diga-se de passagem que entendo isso perfeitamente. Também com relação a essas pessoas não existe ainda uma maneira certa de proceder, e o desleixo com que a sociedade as trata é vergonhoso. Mas, do jeito que as coisas são, não temos alternativa, ou matamos esse homem, mesmo inocente, ou ele matará inocentes. Assim sendo, o senhor o deixaria escapar na noite da execução, se tivesse poder para tanto?

— Não! — disse Ulrich.

— Não? Realmente, não? — perguntou Arnheim, de repente muito animado.

— Não sei. Acho que não. Naturalmente, eu poderia dar a desculpa de que num mundo mal organizado não posso agir como me parece certo; mas admito que não sei o que faria.

— Sem dúvida é preciso neutralizar esse homem — disse Arnheim pensativo. — Mas, durante seus ataques, ele é uma encarnação do diabólico, que, nos séculos mais fortes, sempre nos pareceu aparentado com o divino. Antigamente se teria mandado esse homem para o deserto quando tivesse seus acessos; então, talvez também cometesse algum assassinato, mas numa forma grandiosa e visionária, como Abraão queria sacrificar Isaac! É isso! Hoje, não sabemos mais o que fazer com esse tipo de coisa, e não somos sinceros!

Talvez Arnheim tivesse dito isso num impulso, não sabendo ao certo o que queria dizer; fora instigado em sua vaidade pelo fato de Ulrich não ter suficiente “alma e loucura” para confirmar sem inibição a pergunta: libertaria Moosbrugger? Mas embora sentisse essa reviravolta como sinal que lhe recordava inesperadamente sua “decisão” no palácio Leinsdorf, Ulrich se aborreceu com o excesso de floreios que Arnheim dedicava a Moosbrugger, e as duas coisas o fizeram indagar, tenso e seco:

— O senhor o libertaria?

— Não — respondeu Arnheim, sorrindo. — Mas queria lhe fazer outra sugestão. — E sem lhe dar tempo de recusar, prosseguiu: — Há muito tempo desejava lhe fazer essa sugestão, para que perdesse a desconfiança em relação a mim, coisa que, sinceramente, me ofende; até gostaria de conquistar sua amizade! Tem uma idéia do que seja uma grande empresa por dentro? Ela tem duas pontas: a direção dos negócios e o conselho administrativo. E habitualmente, acima dessas duas pontas, uma terceira, o comitê executivo, como é chamado aqui na Áustria, que consta de partes das duas outras e se reúne diariamente ou quase diariamente. O conselho administrativo naturalmente é composto de homens de confiança da maioria acionária. — Ele concedeu uma pausa a Ulrich, como se o examinasse para ver se ainda não teria percebido nada. — Eu disse que a maioria acionária coloca seus homens de confiança no conselho administrativo e no comitê

executivo — ajudou. — Essa maioria lhe dá alguma idéia determinada?

Ulrich não tinha idéia nenhuma; tinha apenas uma vaga noção geral sobre dinheiro, funcionários, guichês, ações e outros papéis desse tipo.

Arnheim veio mais uma vez em seu auxílio.

— Alguma vez elegeu um conselho administrativo? Nunca! — acrescentou ele próprio. — Nem teria sentido pensar nisso, porque nunca terá a maioria acionária de uma empresa! — Disse isso com tanta determinação que Ulrich quase se envergonhou por lhe faltar uma qualidade tão importante; e era também uma idéia bem típica de Arnheim, passar num só passo, sem esforço, dos demônios aos conselhos administrativos. Ele prosseguia, sorrindo:

— Até agora não lhe falei numa pessoa, que é em certo sentido a mais importante de todas! Eu disse “maioria acionária”, o que parece uma quantidade inofensiva; mas quase sempre é uma só pessoa, anônima e desconhecida do grande público, o dono principal da empresa, oculto por seus prepostos!

Ulrich começou naturalmente a entender que se tratava de coisa a respeito das quais se lia diariamente nos jornais; mas Arnheim sabia torná-las interessantes. Curioso, ele perguntou quem tinha a maioria acionária no Banco Lloyd.

— Não se sabe — respondeu Arnheim calmamente. — Na verdade, é claro que os iniciados sabem, mas não se costuma falar nisso. Prefiro que me deixe chegar ao cerne da questão. Por toda parte onde existem essas duas forças, um mandante de um lado, e uma administração de outro, surge por si o seguinte fenômeno: utiliza-se qualquer meio possível de expansão, seja moralmente bonito ou não. Digo realmente “por si”, pois esse fenômeno é altamente independente do aspecto pessoal. O mandante não entra diretamente em contato com a execução, e os órgãos de administração ficam protegidos porque não agem por motivos pessoais mas como funcionários. Essa relação existe hoje por toda parte, não só nas finanças. Pode ter certeza de que nosso amigo Tuzzi daria com absoluta tranquilidade de consciência o sinal para desencadear uma guerra, ainda que pessoalmente seja incapaz até de matar um cachorro velho com um tiro; e milhares de pessoas condenarão à morte o seu amigo Moosbrugger porque, não sendo os três carrascos, não precisarão fazer isso com as próprias mãos! Com essa

postura “indireta”, aperfeiçoada até o virtuosismo, assegura-se hoje a consciência limpa do indivíduo e de toda a sociedade; o botão que se aperta é sempre branco e bonito, e o que acontece na outra ponta do fio interessa a outras pessoas, que de sua parte não apertaram o botão. Acha isso repugnante? Assim, deixamos milhares morrerem ou vegetarem, movemos montanhas de sofrimento, mas também realizamos coisas! Eu quase diria que nisso, na forma da divisão social do trabalho, exprime-se exatamente a velha bipolaridade da consciência humana em objetivo aprovado e meios tolerados, embora de modo grandioso e perigoso.

Ulrich dera de ombros quando Arnheim perguntara se sentia repugnância. A divisão da consciência moral, de que Arnheim falara, esse mais terrível fenômeno da vida atual, sempre existiu, mas só conseguiu sua sinistra consciência limpa como consequência da divisão geral do trabalho, e como tal possui algo de sua pomposa fatalidade. Ulrich não queria indignar-se com isso e por desafio, teve a engraçada e agradável sensação que nos proporciona uma velocidade de cem quilômetros quando há no caminho um moralista empoeirado imprecando. Quando Arnheim se calou, ele disse:

— Toda forma de divisão de trabalho pode ser aperfeiçoada. A questão que o senhor me pode propor, portanto, não é se eu acho isso “repugnante”, mas se acredito que chegaremos a condições de vida mais dignas, sem retrocessos!

— Seu inventário geral! — interveio Arnheim. — Dividimos com perfeição as atividades, mas negligenciamos as instâncias para a sua coordenação; destruimos constantemente a moral e a alma segundo as mais novas patentes, e pensamos poder mantê-las intactas com os velhos remédios caseiros da tradição religiosa e filosófica! Não gosto de fazer esse tipo de ironia — corrigiu-se —, e de modo geral considero o chiste uma coisa muito ambígua; mas nunca julguei mera brincadeira a sugestão que fez ao Conde Leinsdorf em minha presença, de que se devia reorganizar a consciência!

— Mas foi brincadeira — respondeu Ulrich asperamente. — Não creio nessa possibilidade. Prefiro imaginar que o Diabo construiu o mundo europeu, e que Deus quer mostrar ao seu concorrente do que é capaz!

— Bela idéia! — disse Arnheim. — Mas por que se aborreceu comigo quando eu não quis acreditar no senhor?

Ulrich não respondeu.

— O que acaba de dizer contradiz a ousada afirmação sobre o método de nos aproximarmos de uma vida justa, que fez momentos atrás — prosseguiu Arnheim, calmo e obstinado. — Aliás, deixando de lado se eu concordo ou não com o senhor em certos particulares, percebo o quanto se misturam no senhor tendências a agir e indiferença

Como Ulrich não julgasse necessário responder, Arnheim falou com a cortesia necessária diante de uma má-criação:

— Eu apenas quis lhe mostrar que hoje, também em decisões de ordem econômica, das quais, aliás, quase tudo depende, ainda é preciso resolver a questão da responsabilidade moral, o que as torna fascinantes. — Mesmo nessa modéstia repassada de censura havia um leve tom de sedução.

— Perdoe — retrucou Ulrich —, refleti sobre suas palavras. — E como se ainda refletisse, acrescentou: — Eu gostaria de saber se, em sua opinião, essa postura indireta e divisão de consciência de nossos tempos se manifestam também quando se infundem sentimentos místicos na alma de uma mulher, julgando ao mesmo tempo que é mais sensato deixar o corpo dela a cargo do marido!

Arnheim corou um pouco ouvindo isso, mas não perdeu o domínio da situação, respondendo tranquilamente:

— Não sei bem do que está falando. Mas caso fale de uma mulher a quem ama, não poderia dizer isso, pois a realidade é sempre mais rica do que o esquema dos princípios.

— Ele se afastara da janela e convidou Ulrich a sentar-se. — Não admite facilmente que está preso! — continuou num misto de admiração e pena. — Mas sei que represento para o senhor antes um princípio hostil do que um adversário pessoal. E aqueles que são pessoalmente os mais encarniçados adversários do capitalismo, não raro são seus melhores servidores nos negócios. Eu mesmo me coloco de certa forma entre eles, senão não me permitiria dizer-lhe isso. Pessoas incondicionais e apaixonadas, quando reconhecem a necessidade de uma concessão, habitualmente são seus mais talentosos defensores. Por isso quero levar até o fim meu propósito em qualquer circunstância, e proponho-lhe que entre para minhas empresas.

Intencionalmente, ele não deu grande importância a essa sugestão; ao

contrário, pareceu querer abrandar o efeito barato da surpresa de que estava seguro falando em tom indiferente, e depressa. Sem responder ao olhar espantado de Ulrich, começou a contar detalhes que se deveriam cumprir se isso acontecesse, sem assumir nenhuma posição pessoal quanto ao caso.

— Naturalmente, no começo o senhor não teria a necessária formação — disse suavemente — para assumir um posto de chefia, e provavelmente nem quereria isso. Por isso, eu lhe ofereceria um posto a meu lado, digamos, de secretário-geral, posto que gostaria de criar especialmente para o senhor. Espero não ofendê-lo com isso, porque não imagino para esse cargo um salário muito sedutor; mas com o tempo, sua atividade lhe permitiria ganhar o que desejasse, e estou certo de que depois de um ano iria me compreender bem melhor do que agora.

Quando terminou esse discurso, Arnheim sentiu-se excitado. Na verdade admirou-se, nesse instante, de ter feito essa oferta a Ulrich, cuja recusa apenas o poderia expor, sem que a aceitação representasse um objetivo satisfatório. Pois a idéia de que aquela pessoa poderia ser capaz de algo que ele próprio não conseguia realizar desaparecera no curso da conversa, e, uma vez manifestada, a necessidade de conquistar aquele homem, colocando-o sob seu poder, se tornara absurda. Pareceu-lhe pouco natural ter receado naquele homem o que chamava de “espirituosidade”. Ele, Arnheim, era um grande senhor, e para um grande senhor a vida tem de ser simples! Ele se relaciona bem com todos os outros grandes na medida em que isso for permitido, não contesta tudo aleatoriamente, nem duvida de todas as coisas, o que seria contra a sua natureza; por outro lado, porém, há naturalmente coisas belas e ambíguas, e procura-se atraí-las o mais possível. Arnheim acreditava nunca ter sentido a segurança da cultura ocidental com tanta força como naquele momento, maravilhosa tessitura de forças e inibições! Se Ulrich não reconhecia isso, não passava de um aventureiro, e ter sido capaz de quase levar um Arnheim a pensar... mas, apesar de sua muda obscuridade, a essa altura as palavras lhe faltaram. Não conseguiu articular claramente a idéia que tivera, de atrair Ulrich para junto de si em lugar de um filho. Não teria sido nada de mais, um pensamento como outro qualquer, afinal, um daqueles incontáveis pensamentos pelos quais não precisamos nos responsabilizar, provavelmente inspirados pela melancolia que no fundo reside em qualquer vida muito ativa, porque nunca

encontramos o que nos satisfaça; e talvez nem tivesse tido aquele pensamento nessa forma contestável: seria uma vaga emoção à qual se poderia dar aquela forma. Mesmo assim, não quis recordar-se disso, apenas lhe brotava vivamente na cabeça a idéia de que, subtraindo da sua idade a de Ulrich, não havia grande diferença; e atrás disso, uma segunda idéia, espectral, de que Ulrich servia para preveni-lo contra Diotima! Recordava ter sentido várias vezes sua relação com Ulrich como uma cratera secundária na qual se reconhecem os sinistros acontecimentos que se preparam na cratera principal, e inquietou-se ao ver que houvera uma erupção, pois as palavras tinham transbordado e agora abriam caminho para a vida. “O que vai acontecer se esse sujeito aceitar minha proposta?” Dessa forma chegavam ao fim os momentos tensos em que um Arnheim tinha de esperar a decisão de um homem mais jovem ao qual só sua fantasia conferira importância. Ficou sentado, muito rígido, com lábios hostis e entreabertos, pensando: “De alguma forma vou poder dar um jeito nisso, caso seja mesmo inevitável”.

Enquanto emoção e reflexão seguiam esse curso, a situação não se estagnara totalmente, pois seguiam-se, ágeis, as perguntas e respostas.

— A que qualidades minhas — perguntou Ulrich secamente — devo essa proposta que comercialmente não se justifica?

— Continua errando nessa questão — respondeu Arnheim. — Em minha posição não se justificam os negócios apenas com dinheiro; o que eu poderia perder com o senhor não tem nenhuma importância diante do que espero ganhar!

— Está me deixando muito curioso — disse Ulrich. — Raramente me dizem que posso dar lucro a quem quer que seja. Eu poderia talvez trazer um pequeno ganho à minha ciência, mas mesmo aí, como sabe, fui uma decepção!

— Sabe muito bem que tem uma inteligência extraordinária — respondeu Arnheim prosseguindo no tom tranquilo e imperturbável que fazia questão de aparentar. — Não preciso lhe dizer isso. Seria possível haver inteligências mais agudas e confiáveis em nossas empresas. Porém, é o seu caráter, são suas qualidades humanas, o que eu gostaria de ter a meu lado permanentemente, por determinados motivos.

— Minhas qualidades? — Ulrich teve de sorrir. — Sabe que meus amigos me chamam de homem sem qualidades?

Arnheim deixou escapar um pequeno gesto de impaciência, dizendo mais ou menos: “Não me diga a seu respeito nada que eu já não saiba melhor há muito tempo!” Nesse estremecimento que percorreu seu rosto descendo até o ombro manifestava-se a sua insatisfação, enquanto as palavras ainda fluíam segundo seus planos e intenções. Ulrich percebeu essa expressão, e Arnheim o irritava tão facilmente, que decidiu ser inteiramente franco, o que até ali tentara evitar. Tinham-se levantado, e ele afastou-se alguns passos de seu adversário, para observar melhor o efeito do que diria:

— O senhor me fez tantas perguntas importantes, que eu também gostaria de saber uma coisa antes de me decidir.

Ante um gesto convidativo de Arnheim, ele prosseguiu, claro e objetivo:

— Disseram-me que, participando de tudo o que se liga à “Ação” em curso — tanto a Sra. Tuzzi quanto eu seríamos um mero suplemento! —, o senhor visa a adquirir grande parte dos campos petrolíferos da Galícia.

Tanto quanto se podia entrever na luz já baça, Arnheim empalideceu, e dirigiu-se a passo lento para Ulrich. Este teve a impressão de que devia prevenir-se contra alguma descortesia, e lamentou ter dado ao outro, com sua franqueza precipitada, a oportunidade de negar-se a continuar com o diálogo no momento em que se lhe tornava desagradável. Por isso, foi tão amável quando podia ao dizer:

— Naturalmente, não quero ofendê-lo, mas nossa conversa jamais teria sentido se não fôssemos absolutamente francos!

Aquelas palavras, e o tempo do breve trajeto, bastaram para Arnheim recuperar o controle; aproximou-se de Ulrich com um sorriso, colocou-lhe a mão, o braço todo, sobre o ombro, e disse em tom de censura:

— Como pode acreditar nesse boato da Bolsa?

— Não soube disso como boato, mas por alguém bem informado!

— Sim, também já ouvi dizer que se comenta isso; mas, como pôde acreditar? É claro que não estou aqui apenas por prazer; infelizmente, nunca posso me permitir deixar os negócios inteiramente de lado. Nem quero negar que falei com algumas pessoas sobre esses campos petrolíferos, embora deva lhe pedir que não comente essa minha confissão. Mas tudo

isso não é o essencial!

— Minha prima — prosseguiu Ulrich — não tem a menor idéia desse seu petróleo.

Recebeu do marido a tarefa de sondar o motivo de sua estada aqui, porque consideram-no homem de confiança do czar; mas estou convencido de que ela não executa muito bem essa missão diplomática, pois está certa de ser ela mesma a única razão de o senhor estar entre nós!

— Não seja tão indelicado! — O braço de Arnheim deu um pequeno empurrão amigável no ombro de Ulrich. — Talvez sempre haja significados secundários, mas há pouco, apesar do tom de sátira, o senhor falou nisso com a malcriada franqueza de um colegial!

Aquele braço em seu ombro deixou Ulrich inseguro. Era ridículo e desagradável sentir-se abraçado, podia-se dizer que era lamentável; mas Ulrich há muito tempo não tinha um amigo, e talvez por isso aquilo fosse um tanto perturbador. Teria gostado de afastar o braço e involuntariamente tentou fazer isso; mas Arnheim percebeu os pequenos sinais de repulsa e esforçou-se para não o demonstrar; por cortesia, sentindo a difícil situação do outro, Ulrich ficou firme e tolerou o contato, que começou a ter efeito cada vez mais estranho sobre ele, como um grande peso que mergulha num dique pouco sólido e o parte em dois. Sem notar, Ulrich erguera a seu redor essa parede de solidão, e agora, por uma brecha, jorrava a vida, o pulso tie outra pessoa, e era uma sensação boba, ridícula, mas um pouco excitante.

Pensou em Gerda. Lembrou-se de como já seu amigo de juventude, Walter, lhe despertara o desejo de poder se ligar mais uma vez inteiramente a outra pessoa, como se em todo o grande mundo não houvesse outras diferenças senão as da simpatia e antipatia. Agora que era tarde, brotou-lhe novamente esse anseio, em ondas prateadas, como, na amplidão de uma torrente, as ondas de água, luz e ar se tornam uma só superfície de prata; e era tão embriagador que ele teve de se cuidar para não ceder e, na sua situação dúbia, provocar algum mal-entendido. Mas quando seus músculos se enrijeceram, recordou que Bonadéia lhe dissera: “Ulrich, você não é mau, apenas torna difícil para si mesmo ser bom!” Bonadéia, que naquele dia fora tão espantosamente inteligente e também dissera: “No sonho você não pensa: vive!” E ele respondera: “Fui uma criança terna como o ar numa noite enluarada...” Recordou agora que na verdade a imagem fora outra: o

clarão de uma lâmpada de magnésio dilacerando-se em luz como seu próprio coração divisado por um instante; mas isso fazia muito tempo, e não se atrevera a pronunciar aquela comparação, sucumbindo à outra. Nem fora numa conversa com Bonadéia, mas com Diotima, lembrava isso agora. “As diferenças da vida se juntam nas raízes”, pensou, encarando o homem que lhe oferecera sua amizade por motivos não muito claros.

Arnheim recolhera o braço. Estavam novamente parados no vão da janela, onde tinham começado o diálogo. Lá embaixo na rua ardiam agora pacíficos lampiões, mas sentia-se ainda a agitação dos fatos ocorridos antes. De vez em quando passavam bandos compactos de pessoas falando animadamente, e uma ou outra boca escancarava-se berrando uma ameaça ou fazendo um flamejante “buuu!”, seguido de risadas. Parecia um estado de semiconsciência. E na luz da rua inquieta, entre as cortinas verticais que emolduravam a imagem penumbrosa da sala, Ulrich viu Arnheim e sentiu sua própria figura ali parada, meio clara, meio escura, como rasgos de paixão conferidos pela disparidade da luz. Recordou os “vivas” a Arnheim, que pensara ouvir, e quer este ligasse ou não para os incidentes, naquela sua calma cesárea a contemplar pensativo a rua, era a figura dominante daquele quadro, e parecia sentir-se bem presente lá dentro. A seu lado Ulrich entendeu o que significava ter consciência de si mesmo. A consciência não consegue ordenar o que há de efervescente e cintilante no mundo, pois quanto mais aguçada, mais ilimitado se torna o mundo. Mas a consciência de si mesmo entra nele como um diretor de teatro, transformando-o numa unidade artística de felicidade. Ulrich invejou aquele homem por sua felicidade. Nada lhe pareceu mais simples naquele instante do que matá-lo, pois, com sua necessidade de imagens plásticas, Arnheim o instigava a representar velhos textos! “Pegue um punhal e cumpra o destino dele!”, Ulrich tinha essas palavras no ouvido com entonação de mau ator, mas involuntariamente colocou-se com meio corpo atrás de Arnheim. Via a escura, larga superfície do pescoço e dos ombros à sua frente. Especialmente o pescoço o excitava. Sua mão procurou o canivete nos bolsos do lado direito. Ergueu-se na ponta dos pés e seu olhar passou por Arnheim, baixando novamente à rua. Na penumbra lá fora, as pessoas eram como areia trazida por uma onda que movesse seus corpos. Alguma coisa tinha de seguir-se àquela manifestação, por isso o futuro mandava à frente

uma onda, misturando as pessoas num ato criativo que as transcendia, mas numa confusão muito vaga e negligente, como sempre. Era mais ou menos assim que Ulrich sentia as imagens que via; fixou-se nelas por um breve instante, mas estava cansado até a náusea para criticá-las. Com cautela, deixou-se cair novamente sobre os calcanhares; sentiu vergonha dos pensamentos que o tinham feito seguir o mesmo caminho em direção oposta, mas sem levar isso muito a sério; e teve vontade de bater no ombro de Arnheim, dizendo: “Obrigado, estou farto, quero tentar alguma coisa nova e aceito sua proposta!”

Mas como não fizesse isso, os dois homens acabaram ignorando a resposta à sugestão de Arnheim. Este retomou a conversa num ponto anterior:

— O senhor costuma ir ao cinema? Deveria ir! — disse. — Talvez ele ainda não tenha grande futuro na sua forma atual, mas espere que grandes interesses comerciais — da eletroquímica ou da indústria de tintas, por exemplo — se liguem a ele, e em algumas décadas verá uma evolução que nada mais poderá deter. Então começará um processo em que todos os meios de acumulação e intensificação serão usados; nossos poetas ou estetas podem imaginar o que quiserem: surgirá uma arte da A.E.G.^{12} ou da Hoechst. É horrível, meu caro! Você escreve? Não, eu já lhe perguntei isso. Mas por que não escreve? Tem razão. O futuro poeta e filósofo virá da mesa do jornalista! Nunca percebeu que nossos jornalistas estão cada vez melhores, e nossos poetas cada vez piores? Sem dúvida isso é uma evolução regular; alguma coisa está acontecendo, e não duvido do que seja: a era das grandes individualidades está chegando ao fim! — Ele curvou-se para diante. — Não posso ver seu rosto, minha luz de tiro é fraca! — Riu um pouco. — O senhor propôs um inventário geral do espírito: acredita nisso? Acredita que a vida é regulável pelo espírito? Disse não, é natural. Mas não acredito, pois o senhor é um homem que abraçaria o demônio, por ele ser o homem sem igual!

— De onde tirou isso?

— Do prefácio suprimido dos “Salteadores” de Schiller.

“Naturalmente, do suprimido”, pensou Ulrich, “só podia ser.” — “Espíritos excitados pelo repulsivo vício, por amor à grandeza que se prende a ele” — Arnheim citou ainda, com sua poderosa memória. Sentiu que voltara a ser o dono da situação, e Ulrich, seja lá por que motivos, cedera; não sentia mais

dureza hostil a seu lado, nem era mais preciso falar do convite, tudo aquilo acabara de maneira bastante feliz; mas como um boxeador adivinha o cansaço do adversário e emprega então todo o seu peso, ele sentia a necessidade de deixar agir o peso inteiro daquela proposta, e prosseguiu:

— Acho que agora vai me entender melhor do que de início. Confesso sinceramente que por vezes me sinto muito só. Quando as pessoas “começam”, pensam de maneira excessivamente econômica; mas quando as famílias de empresários estão na segunda ou terceira geração, perdem a fantasia. Então, produzem apenas administradores impecáveis, castelos, caçadas, oficiais e genros aristocratas. Conheço esse tipo de gente no mundo inteiro; existem entre eles pessoas inteligentes e finas, mas não são capazes de produzirem uma só idéia nova, que se relacione com essa inquietação, essa independência e talvez infelicidade que designei citando Schiller.

— Infelizmente não posso continuar conversando — respondeu Ulrich. — A Sra. Tuzzi deve estar esperando que volte a calma, na casa de uma pessoa amiga, e preciso ir. Então acha que, sem entender nada de economia, eu tenho essa inquietação, tão propícia porque tira à economia o que é excessivamente econômico? — Ele acendera a luz para despedir-se, e esperava resposta. Arnheim colocou o braço no ombro dele, numa amabilidade majestosa, gesto que parecia ter-se tornado costumeiro, e retrucou:

— Perdoe se talvez falei demais, era por me sentir só! A economia assume o poder, e o que fazemos com o poder?, nos perguntamos às vezes! Não me leve a mal!

— Ao contrário! — assegurou Ulrich. — Tomei o propósito de refletir seriamente sobre seu convite! — Disse isso depressa, e podia-se interpretar essa pressa como excitação. Por isso, Arnheim, ainda esperando Diotima, ficou ali, um pouco espantado, temendo que não seria tão simples fazer Ulrich desistir dessa idéia de maneira honrosa.

Ulrich foi a pé para casa. Era uma noite bonita, mas escura. As casas altas e fechadas formavam o espaço estranho das ruas, que se abria para o alto, onde, no ar, algo se passava, o vento, as trevas ou as nuvens. O caminho estava tão deserto que era como se a agitação anterior agora tivesse lançado o mundo num profundo sono. Quando Ulrich deparava com algum transeunte, o eco dos passos vinha sozinho a seu encontro por um longo tempo como um anúncio soturno. Os acontecimentos se desenrolavam na noite como num teatro. Ulrich sentia-se uma aparição, maior do que era, provocando ecos, arrastando sua sombra ao passar por alguma superfície iluminada, como um louco enorme e crispado, que num momento se alteia e no outro rasteja outra vez humildemente sobre os próprios calcanhares. “Como às vezes a gente é feliz!”, pensou.

Atravessou um portal, entrando num corredor de pedra que corria ao lado da rua por uns dez passos, separado dela por grossas colunas abobadadas; a treva saltava dos cantos, cilada e morte bruxuleavam na saída mal iluminada: uma felicidade solene, antiga e sanguinária, dominou a alma. Talvez fosse excessiva; de repente, Ulrich imaginou com quanta autocomplacência e “maestria” interior Arnheim agora andaria, em seu lugar, naquela ruela. Ela já não se alegrava com sua sombra e ecos, e a música espectral das paredes se calara. Ulrich sabia que não aceitaria o convite de Arnheim; agora sentia-se apenas um fantasma errando pela galeria da vida, atônito, sem conseguir encontrar a moldura na qual enfiar-se, e ficou contente quando seu caminho desembocou num local menos opressivo e menos grandioso.

Ruas largas, praças, abriam-se escuras, e casas comuns enfeitadas com a paz de andares iluminados já não tinham magia alguma. Saindo para o ar livre, ele farejou aquela paz, e sem saber ao certo por que, lembrou certas

imagens da infância, que revira há algum tempo: mostravam-no em companhia da mãe que morrera prematuramente, e com estranheza vira ali um menininho para quem uma bela mulher de roupas antiquadas sorria feliz. A idéia muito intensa que tinham dele como sendo um menininho comportado, carinhoso, inteligente; as esperanças que não eram absolutamente suas; expectativas indefinidas de um futuro honrado e desejado, que se voltavam para ele como asas abertas de alguma rede dourada: embora tudo isso outrora fosse invisível, depois de décadas tornara-se muito nítido nas velhas fotos; e do meio daquela invisibilidade visível, que tão facilmente poderia ter-se tornado realidade, contemplava-o seu terno e vazio rosto infantil com a expressão um pouco perplexa de quem precisa ficar quietinho. Não teve nenhuma simpatia por aquele menino, e embora se orgulhasse um pouco de sua bela mãe, o conjunto lhe causara principalmente a impressão de ter escapado de algum grande susto.

Quem experimentou essa impressão de sua própria pessoa, envolta num momento passado de autocomplacência, a encarar-nos em velhos retratos, como se um pouco de aglutinante tivesse secado ou caído, compreenderá a sensação com que ele se perguntava de que, afinal, era feito esse aglutinante que não descascava nos outros. Estava agora numa daquelas alamedas que seguem como anel intermitente a linha onde antigamente ficavam as muralhas, e teria podido atravessá-la com poucos passos, mas a grande faixa de céu que se estendia ao comprido sobre as árvores o fez dobrar e seguir por ela, parecendo aproximar-se constantemente daquela guirlanda de luzes que parecia existir só para ele e recobria num recolhimento celestial as alamedas invernosas que ele atravessava, parecendo sempre aproximar-se, mas sem jamais fazê-lo. “É uma espécie de encurtamento em perspectiva da inteligência”, pensou, “o efeito dessa paz noturna, produzindo, na sua duração de um dia ao outro, a sensação permanente de uma vida em paz consigo mesma. Pois segundo a maioria das pessoas, a premissa principal da felicidade não é resolver contradições, mas fazê-las desaparecer, como se fecham as lacunas numa alameda comprida. E assim como por toda parte as relações visíveis se deslocam diante dos olhos produzindo uma imagem que eles possam dominar, em que o urgente e próximo parece grande e, ao longe, mesmo o imenso parece pequeno, uma imagem em que as lacunas se fecham e, por fim, tudo aparece numa redondez ordenada e lisa, assim

também agem as relações invisíveis, de tal forma deslocadas pela razão e a emoção, que inconscientemente surge algo em que sentimos: quem manda aqui sou eu. “É essa a operação que eu não consigo *realizar* corretamente”, pensou Ulrich.

Ele parou por um momento diante de uma larga poça que lhe fechava o caminho.

Talvez fosse essa poça a seus pés, talvez apenas as árvores nuas a seu lado, que de repente evocassem num passe de mágica a rua e a aldeia, e despertassem nele a monotonia da alma que jaz entre plenitude e desalento, peculiar ao campo, e que desde aquela primeira viagem-fuga da juventude mais de uma vez lhe trouxera o desejo de uma repetição. “Tudo se torna tão simples!”, sentiu. “As emoções adormecem; os pensamentos apartam-se uns dos outros como nuvens depois do mau tempo, e de repente um belo céu vazio irrompe da alma! Diante desse céu pode reluzir uma vaca à beira do caminho: é uma premência dos fatos, com se nada mais existisse no mundo! Uma nuvem passando poderia provocar a mesma sensação na paisagem inteira: a relva escurece, um momento depois cintila de umidade, nada mais aconteceu, mas é como viajar de uma costa do mar a outra! Um velho perde seu derradeiro dente: e esse pequeno acontecimento significa um corte na vida de todos os vizinhos, no qual podem prender suas lembranças! E assim, todas as tardinhas os pássaros cantam sempre da mesma maneira em torno da aldeia, quando se instala o silêncio atrás do sol poente, mas é cada dia um fato novo, como se o mundo ainda não tivesse nem sete dias de idade! No campo os deuses ainda descem até os homens”, pensou ele, “a gente é alguém e vive as coisas, mas na cidade, onde há mil vezes mais acontecimentos, não somos mais capazes de relacioná-los conosco: e assim a vida começa a tornar-se essa notória abstração.”

Em meio a esses pensamentos, ele não esquecia que isso amplia mil vezes o poder do homem; e mesmo que o dilua dez vezes individualmente, no todo o aumenta em cem vezes. Ele não pensava seriamente numa troca. E, num daqueles pensamentos aparentemente secundários e abstratos que em sua vida tantas vezes assumiam importância, ocorreu-lhe que a lei desta vida, pela qual ansiamos, sobrecarregados mas sonhando com a simplicidade, não é senão a vida da ordem narrativa! Aquela ordem simples que consta de poder-se dizer: “depois de isso acontecer, aconteceu aquilo!” É a simples

sequência, a repetição da arrebatadora multiplicidade da vida numa dimensão só, como diria um matemático, e isso que nos tranquiliza; o enfileiramento de tudo o que acontece no tempo e no espaço, em um só fio, aquele famoso “fio da narrativa”, no qual consistiria então também o fio da vida. Sorte daquele que pode dizer “quando”, “antes que”, e “depois que!” Pode-lhe ter acontecido coisa ruim, ou ele talvez se tenha contorcido de dor: assim que for capaz de repetir os acontecimentos na sequência temporal de seu curso, sentir-se-á bem como se o sol lhe batesse na barriga. É isso que o romance utilizou artificialmente: o peregrino pode cavalgar por uma estrada aberta sob uma chuva intensa, ou ranger os pés na neve a vinte graus abaixo de zero, mas o leitor sente-se confortável, e isso seria difícil de entender, se esse eterno artifício da obra épica, com o qual já as amas-de-leite acalmam as criancinhas, esse eficiente “encurtamento em perspectiva da razão” já não fizesse parte da própria vida. No relacionamento básico com si mesmos, a maioria dos homens são contadores de histórias. Não apreciam a poesia lírica, ou o fazem apenas por alguns instantes, e embora no fio da vida entrelacem também um pouco de “porque” e “para que”, eles detestam toda a idéia que vá além disso: preferem a sequência ordenada de fatos, porque parece necessária, e, com isso, a impressão de que suas vidas têm um “curso” protege-os de alguma forma no caos. Ulrich percebeu então que perdera esse sentido épico primitivo em que a vida pessoal ainda se agarra, mesmo que na vida pública tudo já se tenha tornado inenarrável e não siga mais “fio” algum, estendendo-se pelo contrário numa superfície infinitamente intrincada.

Quando, ao descobrir isso, voltou a andar, lembrou-se de que Goethe escrevera num ensaio sobre arte: “O homem não é um ser que ensina, é um ser que vive, age e atua!” Deu de ombros, respeitosamente. “É como um ator que perde a consciência dos bastidores e da maquilagem, e pensa estar atuando de verdade, que o ser humano de hoje pode, quando muito, esquecer o incerto pano de fundo de doutrina, do qual dependem todos os seus atos!”, pensou. Mas essa lembrança de Goethe se misturara provavelmente um pouco à de Arnheim, que vivia abusando de Goethe como álibi de suas idéias, pois Ulrich no mesmo instante recordou-se com desagrado daquela inusitada insegurança que o braço daquele homem lhe causara, pousado em seu ombro. Nesse meio tempo, ele emergira do meio

das árvores, indo para a beira da alameda; procurava um caminho que o levasse em direção de casa. Tentava encontrar os nomes das ruas, e quase se chocou com uma sombra repentina, tendo de sustar rapidamente o passo para não derrubar a prostituta que se colocara em seu caminho. Lá estava ela, parada, sorrindo ao invés de mostrar raiva por ele quase a ter atropelado como um búfalo, e de súbito Ulrich sentiu que aquele sorriso profissional difundia um pouco de calor na noite. Ela disse algumas palavras; falou-lhe com as expressões gastas que pretendem seduzir e são como o resquício sujo de todos os homens. “Vem comigo, garoto!”, disse ela, ou coisa parecida. Seus ombros descaíam como os de uma criança, por baixo do chapéu brotava um cabelo louro, e na luz do lampião via-se um rosto pálido, de um encanto irregular; sob a maquilagem noturna, poderia se esconder a pele de uma juvenzinha sardenta. Ela erguia os olhos para fixar Ulrich; era muito menor do que ele, e apesar disso chamou-o de “garoto” mais uma vez, e na sua indiferença não achou nada inadequado naquela sequência de sons pronunciada cem vezes cada noite.

Ulrich comoveu-se. Não a empurrou para o lado e sim parou e deixou-a repetir seu convite, como se não tivesse escutado direito. Encontrara uma inesperada amiga, que se colocava inteiramente à sua disposição em troca de uma pequena recompensa; ela vai se esforçar por ser agradável, e evitar tudo o que o possa irritar; se ele lhe der um sinal de concordância, colocará o braço no dele, com tema confiança e breve hesitação, como só acontece quando pessoas íntimas se reencontram pela primeira vez depois de uma separação involuntária. E se ele lhe prometer multiplicar seu preço habitual e pagar adiantado, para que ela não precise pensar em dinheiro, mas fique despreocupada, como acontece quando se fez um bom negócio, ver-se-á que também a pura indiferença participa, como todas as sensações puras, da vantagem de ser livre de arrogância pessoal e de prestar serviço sem a vã confusão das cobranças emocionais. Em parte a sério, em parte por brincadeira, ele pensava nisso, e não conseguia decepcionar completamente a criaturinha que esperava que ele aceitasse a transação. Ulrich percebeu que desejava a simpatia dela; mas, desajeitado, em vez de trocar simplesmente com ela algumas palavras em sua gíria profissional, procurou dinheiro no bolso, enfiou na mão da moça uma nota que valia mais ou menos o preço de uma visita, e seguiu caminho. Por um momento segurara firme na sua a mão dela, que estranhamente resistira, surpreendida, e dissera

apenas uma única palavra amável. Deixou então a moça oferecida, certo de que ela se reuniria às colegas que sussurravam ali perto no escuro, e lhes mostraria o dinheiro, e por fim faria alguma piada exorcizando o que não conseguira entender direito.

Aquele encontro permaneceu vivo dentro dele por algum tempo como um doce idílio de certa duração. Não se iludia a respeito da grosseira pobreza de sua efêmera amiga. Mas quando a imaginava revirando os olhos e dando aquele pequeno suspiro inabilmente fingido que aprendera a dar no momento certo, aquele teatro profundamente vil, totalmente desprovido de talento, em troca de um pagamento combinado, lhe pareceu comovente, o que não sabia por quê. Talvez por ser a comédia humana em versão mambembe. E já enquanto estivera falando com a moça, uma analogia fácil o fizera pensar em Moosbrugger. Moosbrugger, mórbido comediante, caçador e exterminador de prostitutas, que atravessara aquela noite de desgraças como ele hoje. Quando os vacilantes bastidores das fachadas da rua se tinham imobilizado por um momento, Moosbrugger deparara com aquela criatura desconhecida que esperava por ele junto à ponte na noite do crime. Deve ter sido uma estranha percepção, da cabeça aos pés: Ulrich imaginou a possibilidade por um instante! Sentiu que alguma coisa o erguia do solo, como uma onda. Perdeu o equilíbrio, mas não precisava dele, carregado que ia por aquele ímpeto. Seu coração encolheu, mas a fantasia se embaralhou alargando-se ilimitada, e logo cessou numa espécie de luxúria que quase o esgotava. Ele procurou recuperar a lucidez. Agarrara-se tanto tempo a uma vida sem unidade interior, que agora até sentia inveja de um doente mental por suas alucinações e aquela fé no próprio papel! Mas Moosbrugger atraía só a ele, ou também a todas as outras pessoas? Então ouviu em seu íntimo a voz de Arnheim perguntando: “O senhor o libertaria?” E ouviu-se respondendo: “Não. Provavelmente não”. — “Mil vezes não!”, acrescentou, e apesar disso sentiu, ofuscado, a visão de um ato no qual o ataque resultante de uma excitação máxima e a comoção se tornavam uma coisa só, num indescritível estado comum em que já não se distinguiam prazer de coação, sentido de necessidade máxima, atividade de serena passividade. Ele recordou brevemente a concepção de que esses desgraçados seriam personificação de instintos reprimidos comuns a todos, a encarnação de suas fantasias assassinas e violações imaginadas. Bem, os que acreditavam nisso que se ajeitassem com o fato à sua maneira, e o

justificassem para reconstruir sua moral depois de se haverem saciado nele! O dilema de Ulrich era outro: ele não reprimia nada, e ao mesmo tempo tudo o que o contemplava na imagem de um assassino não lhe era mais estranho do que qualquer outra imagem do mundo, iguais, todas elas, aos seus próprios retratos antigos: metade adquiria sentido, metade tornava a revelar-se absurda!

Uma fugitiva metáfora da ordem: para ele, Moosbrugger era isso! E de repente, Ulrich disse: “Tudo isso...!”, e fez um gesto como se varresse para um lado alguma coisa, com as costas da mão. Não dissera isso em pensamento, falara em voz alta; fechou os lábios imediatamente e concluiu a frase, em silêncio: “Tudo isso tem de ser decidido!” Não queria mais saber em detalhe o que era “tudo isso”; “tudo isso” era o que o ocupara e atormentara, e às vezes também o deixara feliz desde o começo de suas “férias”, e o agrilhoara como a alguém que dorme e sonha, a quem tudo é possível, exceto levantar-se e andar. Tudo isso levava a impossibilidades do primeiro dia aos últimos minutos daquele regresso à casa! E Ulrich sentiu que finalmente teria de viver para uma meta atingível, como qualquer pessoa, ou levar a sério aquelas “impossibilidades”. E como tivesse chegado perto de casa, passou depressa pela última rua, com a estranha sensação de que alguma coisa ia acontecer. Era uma sensação estimulante, que jorrava na direção de algum ato, mas sem conteúdo, e por isso mesmo era singularmente livre.

Talvez tivesse passado como muitas outras sensações; mas quando entrou na rua em que morava, Ulrich notou depois de poucos passos que as janelas de sua casa estavam iluminadas, e chegando diante do portão gradeado do jardim teve certeza. Seu velho criado pedira para passar a noite em casa de parentes em outro bairro; ele próprio não estivera em casa depois do incidente com Gerda, que acontecera durante o dia; os jardineiros, que viviam num subsolo, jamais entravam em seus aposentos. Mas havia luz por toda parte, parecia haver estranhos na casa, assaltantes a quem ele estava surpreendendo. Ulrich ficou tão perturbado, e tinha tão pouca intenção de fugir àquela sensação inusitada, que caminhou para casa sem hesitar. Não esperava nada definido. Viu sombras nas janelas, deduzindo que era uma pessoa só, movendo-se atrás das vidraças; mas poderiam ser várias, e poderiam atirar nele quando entrasse em casa; deveria ele próprio se preparar para atirar? Em outra situação, provavelmente Ulrich teria buscado

um policial, ou pelo menos investigado a situação antes de decidir qualquer coisa, mas queria viver sozinho aquela experiência; nem ao menos pegou a pistola que às vezes trazia consigo desde a noite em que fora atacado por malandros. Queria: não sabia o quê, mas logo haveria de ver!

Ao abrir, num arranco, a porta da casa, viu que o assaltante, aguardado com tão confusas emoções, era apenas Clarisse.

Talvez Ulrich tivesse pensado desde o começo que tudo se explicaria de maneira inofensiva; era aquela incapacidade de acreditar no pior, com a qual sempre nos expomos ao perigo; mas quando, no saguão, seu velho criado veio inesperadamente ao seu encontro, teve vontade de rebatê-lo. Como, felizmente, desistisse no último instante, soube pelo velho que Clarisse chegara há mais ou menos uma hora, quando o criado se preparava para sair, e recebera um telegrama; não se deixara persuadir a ir embora, de modo que ele preferira também ficar em casa, e desistir da sua folga daquele dia; pois — o magnânimo patrão que lhe perdoasse o comentário — a moça lhe parecera muito nervosa.

Quando Ulrich agradeceu e entrou em seus aposentos, Clarisse estava deitada no divã, um pouco de lado, com as pernas encolhidas; seu corpo esguio e sem cintura, o cabelo de rapaz com o rosto doce e comprido, fitando-o apoiado no braço quando ele abriu a porta, eram extremamente sedutores. Ele lhe disse que pensara tratar-se de algum assaltante. Os olhos de Clarisse pareceram o fogo intenso de uma Browning.

— Quem sabe eu sou uma assaltante! — respondeu. — Aquele velho espertalhão, que é seu criado, não me queria deixar ficar aqui de jeito algum; eu o mandei para a cama, mas sei que está escondido lá embaixo em algum lugar! Bonita, a sua casa! — E deu-lhe o telegrama sem se levantar. — Eu queria ver como é que você chega em casa quando pensa estar sozinho — prosseguiu ela. — Walter está num concerto. Só volta depois da meia-noite. Mas eu não lhe disse que vinha à sua casa.

Ulrich abriu o telegrama e leu enquanto escutava só pela metade as palavras de Clarisse; ficou muito pálido, e leu mais uma vez, incrédulo, aquelas frases estranhas. Há algum tempo, embora deixasse de responder a várias indagações do pai sobre a Ação Paralela e a responsabilidade reduzida, não recebia nenhuma reclamação, mas

isso não o surpreendera. Agora, o telegrama lhe dizia num estilo circunstanciado, singular mistura de censura contida e solenidade fúnebre,

certamente redigido em minúcias pelo próprio pai, que seu genitor falecera. Não tinham sido muito ligados, a lembrança do pai sempre fora desagradável para Ulrich, apesar disso pensou, lendo pela segunda vez aquele texto sinistro e grotesco: “Agora estou sozinho no mundo!” O que ele queria dizer não correspondia exatamente ao sentido textual dessas palavras que nem mesmo combinavam com o relacionamento agora concluído; sentia-se emergir, surpreso, como se se tivesse rompido um cabo de âncora; ou sentia-se totalmente estrangeiro num mundo ao qual estivera ligado apenas pelo pai.

— Meu pai morreu! — disse para Clarisse, e ergueu a mão com o telegrama, com involuntária solenidade.

— Ora! — disse Clarisse. — Parabéns! — E depois de uma pequena pausa de reflexão, acrescentou: — Agora você ficou muito rico? — Olhou em torno, curiosa.

— Acho que ele era apenas abastado — respondeu Ulrich. — Eu vivia acima das suas possibilidades.

Clarisse acolheu essa correção com um sorriso muito leve, quase uma medida de sorriso; muitos dos seus movimentos eram tão precipitados; exageros num espaço em miniatura, como a medida de um rapazinho que precisa cumprir os deveres sociais por ser educado. Ficou sozinha no quarto, pois Ulrich pediu licença por uns minutos para preparar sua viagem. Quando deixara Walter depois da violenta briga, ela não fora longe, pois diante da porta de casa havia uma escada raramente usada que levava ao sótão, onde ficara sentada, quieta, enrolada num pano até ouvir o marido sair. Conhecia alguma coisa dos bastidores de um teatro; portanto, ela ficara sentada lá em cima, onde correm as roldanas e cordas, enquanto Walter saía de cena pela escada. Imaginou as atrizes, em seus intervalos de ação em que não tinham nada a fazer, sentadas nas vigas sobre o palco, enroladas em panos, olhando tudo; também ela era agora uma dessas atrizes, todos os acontecimentos se desenrolavam a seus pés. E teve seu velho pensamento preferido, de que a vida é uma questão teatral. Não é preciso entendê-la com a razão — pensou; aliás, o que sabiam a respeito até os mais informados que ela? Mas é preciso ter o instinto certo para a vida, como as procelárias! Devemos abrir os braços — e isso, para ela, significava: abrir

as palavras, os beijos, as lágrimas — como asas! E encontrou nessa idéia um sucedâneo para a perdida crença no futuro de Walter. Olhava pela escada íngreme que ele descera, abriu os braços e manteve-os assim, erguidos o mais que pôde: talvez isso o ajudasse! “Subir e descer a pique são parecidos em sua força antagônica, e fazem parte um do outro!”, pensou. “Jubilosa diagonal do mundo”, chamou aos braços estendidos, e ao olhar que ia ao fundo. Desistiu de assistir escondida às manifestações na cidade. Que lhe interessava o “rebanho”? Começara o terrível drama dos solitários!

E fora procurar Ulrich. A caminho, tivera por vezes um sorriso astuto, ao pensar que Walter a julgava louca sempre que ela lhe revelava partes de sua alta compreensão da situação de ambos. Sentia-se lisonjeada por ele ter medo de ter um filho dela, e ao mesmo tempo mal poder esperar por isso; “maluca” parecia-lhe ser algo como um relâmpago ou ter alguma saúde tão refinada que assusta aos outros; era uma qualidade que passo a passo se entremeara ao seu casamento, assim como crescera a sua superioridade e posição dominante em casa. Mas sabia que por vezes os outros não a compreendiam, e quando Ulrich voltou ao quarto, sentiu que devia dizer-lhe alguma coisa, como convinha diante de um acontecimento que interferia tão profundamente na vida dele. Saltou rapidamente do divã, atravessou algumas vezes o quarto e os aposentos anexos, e disse:

— Então, meu velho, sinceros pêsames!

Ulrich fitou-a espantado, embora conhecesse aquele tom de voz quando ela ficava nervosa. “Nessas horas ela tem algo tão diretamente convencional”, pensou ele, “como uma página de livro encadernada por descuido em outro livro.” Ela não lhe falara no tom habitual, mas de lado, sobre o ombro, intensificando aquela impressão de que não se pensava ouvir um tom falso mas um texto trocado, com a sensação esquisita de que ela própria constava de várias camadas desses textos. Como Ulrich não respondesse, parou diante dele e disse:

Preciso falar com você.

— Eu gostaria de lhe oferecer alguma bebida — disse Ulrich.

Clarisse apenas moveu a mão rapidamente para lá e para cá, na altura do ombro, recusando. Reuniu seus pensamentos e começou:

— Walter quer muito um filho meu. Você entende isso? — Parecia esperar resposta. O que Ulrich poderia ter respondido?

— Mas eu não quero! — exclamou ela, veemente.

— Não fique logo zangada — disse Ulrich. — Se você não quer, não pode acontecer nada!

— Mas então *ele* vai morrer de desgosto!

— Gente que pensa estar morrendo a toda hora vive muito! Você e eu já estaremos encarquilhados, enquanto Walter com seus cabelos brancos terá uma cara de jovem e será diretor de algum arquivo público!

Clarisse girou sobre os saltos, pensativa, e afastou-se dele; a alguma distância tomou posição de novo e “agarrou-o” com “os olhos”.

— Sabe como parece um guarda-chuva depois que se tira o cabo? Walter desaba quando eu me afasto. Eu sou o seu cabo, ele é... — “o guarda-chuva”, quis dizer, mas ocorreu-lhe algo muito melhor: — ele é o meu guardador — disse. — Pensa que precisa me proteger. Primeiro, quer me ver bem barriguda. Depois, vai me persuadir de que uma mãe natural amamenta seu filho. Depois, vai querer educar essa criança segundo suas idéias. Você sabe bem disso. Ele simplesmente quer fazer valer direitos, e transformar nós dois em burgueses quadrados, com uma desculpa magnífica. Mas se eu continuar dizendo não, como fiz até agora, ele estará liquidado! Eu sou tudo para ele!

Ulrich sorriu, incrédulo, dessa afirmação absoluta.

— Ele quer matar você! — acrescentou ela depressa.

— O quê? Pensei que você lhe tinha sugerido isso.

— Eu queria ter um filho, mas com você! — disse ela. Ulrich assobiou entre os dentes, surpreendido.

Ela sorriu como alguém muito jovem que fez um pedido impertinente.

— Eu não gostaria de passar a perna em alguém que conheço tão bem como Walter.

Detesto isso — disse Ulrich devagar.

— Ah, é? Você então é muito decente? — Clarisse parecia conferir a isso um sentido que Ulrich não compreendia; ela refletiu, e só algum tempo depois continuou com seu ataque: — Mas se você me ama, estará nas mãos dele!

— Como assim?

— É bem evidente, só que não sei como dizer direito. Você vai ser forçado a ter consideração com ele. Ele vai nos magoar muito. É claro que você não conseguirá traí-lo simplesmente, portanto vai querer lhe dar alguma coisa em troca. Bem, e assim por diante. E o mais importante: você o forçará a dar o melhor de si. Não pode negar que estamos metidos dentro de nós mesmos como estátuas num bloco de pedra. Precisamos nos esculpir de nós mesmos! Precisamos nos obrigar a isso mutuamente!

— Bem — disse Ulrich —, mas você está pressupondo que isso vai acontecer, e sendo precipitada!

Clarisse sorriu novamente:

— Talvez eu esteja sendo precipitada! — disse. Aproximou-se e colocou amigavelmente o braço no dele, que ficou pendurado ao lado do corpo sem ceder a ela. — Não gosta de mim? — perguntou Clarisse. E como Ulrich não respondesse, prosseguiu:

— Você gosta de mim, e sabe disso. Notei muitas vezes como me olha quando está lá em casa! Ainda se lembra de como eu lhe disse uma vez que você era o demônio? Eu sinto isso. Entenda-me bem: não digo que seja um pobre diabo, esse quer o mal porque não sabe coisa melhor; você é um grande diabo, sabe o que seria melhor mas faz exatamente o contrário do que desejaria! Acha nojenta a vida que nós todos levamos, por isso diz, de birra, que devemos continuar nela. E diz, com uma incrível decência: “Eu não traio meus amigos!”; mas só diz isso porque já pensou cem vezes: “Eu gostaria de possuir Clarisse!” Mas como é um diabo, você também tem algo de um deus, Ulo! De um grande deus! Um deus que mente para não ser reconhecido! Você gostaria de me...

Agora, em vez de um braço, ela agarrava os dois braços dele, e estava à sua frente de rosto erguido, o corpo inclinado para trás como uma planta docemente tocada na sua flor. “Agora aquilo vai transbordar pelo rosto dela como naquela vez!”, pensou Ulrich, com medo. Mas nada aconteceu. O rosto continuava belo. Ela não tinha seu habitual sorriso tênue, mas um sorriso de lábios abertos, que mostrava, com a carne dos lábios, um pouco dos dentes, como se quisesse se defender; e a forma de sua boca era o arco duplo e sinuoso do deus do amor, repelindo-se nas colinas da frente, e,

sobre elas, mais uma vez, na nuvem dos cabelos repassados de luz.

— Há muito tempo você me quer pegar entre os dentes dessa sua boca mentirosa, e me carregar, se conseguisse revelar-se a mim como é de verdade! — prosseguira Clarisse. Ulrich livrou-se brandamente de suas mãos. Ela sentou-se no divã como se ele a tivesse colocado ali, e puxou-o para si.

— Você não deveria exagerar assim — censurou-a Ulrich.

Clarisse o largara. Fechara os olhos, apoiou-a cabeça nos dois braços, os cotovelos fincados nos joelhos; seu segundo ataque falhara, e agora ela pretendia persuadir Ulrich pela fria lógica.

— Não precisa interpretar as palavras textualmente — disse. — São apenas maneiras de falar, quando eu digo deus ou diabo. Mas quando fico sozinha em casa, em geral o dia inteiro, passeando pela vizinhança, penso muitas vezes, quer dizer, pensava antigamente: se eu andar para a esquerda, chegará Deus; se for para a direita, virá o Diabo. Também sentia isso quando tinha de pegar alguma coisa e podia fazê-lo com a mão direita ou a esquerda. Quando disse isso a Walter, ele meteu as mãos nos bolsos, de medo! Ele gosta das flores ou mesmo de um caracol; mas, diga, a vida que levamos não é incrivelmente triste? Nem Deus aparece, nem o Diabo. E faz anos que vivo dessa maneira. O que poderia vir? Nada. Isso é tudo, se por milagre não acontecer através da arte alguma mudança!

Nesse momento, ela dava uma impressão tão doce e triste que Ulrich se deixou seduzir e tocou com a mão aquele cabelo macio.

— Você pode ter razão em alguns detalhes, Clarisse — disse —, mas nunca compreendo as relações entre suas idéias e os saltos do seu raciocínio!

— São simples — respondeu ela, ainda na mesma posição. — Com o tempo, eu tive uma idéia. Escute só! — Endireitou-se e, de repente, ficou animada. — Você mesmo não disse um dia que o estado em que vivemos tem rachaduras pelas quais aparece, por assim dizer, um estado inatingível? Nem precisa responder; sei disso há muito tempo. Naturalmente, toda pessoa quer ter sua vida em ordem, mas ninguém tem! Eu faço música, ou pinto; mas é como se colocasse um biombo diante de um buraco na parede. Você e Walter têm, além disso, idéias que eu entendo pouco, mas alguma coisa também não está certa nisso. Você disse que a gente não olha esse

buraco, por preguiça ou hábito, ou que nos distraímos com coisas más. Bem, o resto é simples: é preciso sair através desse buraco! E eu posso fazer isso! Há dias em que consigo sair de mim mesma. Então, a gente fica — como direi? — como que descascada, no meio de coisas das quais também se retirou a casca suja. Ou ficamos ligados através do ar a tudo o que existe, como irmãos siameses. É um estado fantástico; tudo é musical e colorido e rítmico, e eu não sou a cidadã Clarisse, como me batizaram, mas talvez um caquinho brilhante enfiado numa felicidade inaudita. Mas você mesmo sabe de tudo isso! Pois foi a isso que se referiu quando falou que a realidade tem em si um estado inatingível, e que não devemos voltar as nossas experiências em nossa direção, nem encará-las de modo pessoal e real, mas que, cantadas ou pintadas, devemos dirigi-las para fora, etcetera, etcetera: posso repetir tudo direitinho!

Aquele etcetera voltou como uma rima imperfeita enquanto Clarisse continuava falando precipitadamente, e quase todas as vezes concluía dizendo:

— E você tem a força para fazer isso, mas não quer; não sei por que não quer, mas eu vou sacudi-lo!

Ulrich a deixara falar; aqui e ali negara, sem dizer nada, quando ela lhe atribuía alguma coisa que se afastava demais da verdade, mas não tinha vontade de objetar, e deixou a mão pousada no cabelo dela, sentindo pulsar ali embaixo o ritmo confuso dos pensamentos, quase tocando-os com as pontas dos dedos. Nunca vira Clarisse tão excitada sensualmente, e quase se espantou ao encontrar também naquele esguio corpo duro toda a descontração e terna revelação do ardor feminino; e a eterna surpresa, quando uma mulher que sempre parece uma pessoa fechada de súbito se entreabre, também dessa vez causou efeito. Mas as palavras dela não o aborreciam, embora fossem insensatas; pois aproximando-se do interior dele, depois afastando-se até o absurdo, descreviam um movimento que era como um zumbido ou sussurro cuja beleza ou feiúra não se notava, devido à intensidade da vibração. Ele sentia que ouvi-la facilitava suas próprias decisões como uma música louca, e só quando achou que ela mesma não encontrava mais saída de suas palavras, nem lhes podia pôr fim, sacudiu um pouco a cabeça dela com sua mão espalmada, para chamá-la a si e a censurar.

Mas então aconteceu o contrário do que pretendia, pois, de repente, Clarisse se lançou sobre o corpo dele. Passou o braço pelo seu pescoço, tão depressa, que Ulrich, espantado, não a conseguiu afastar, e apertou os lábios nos dele, encolheu as pernas com um gesto rápido e escorregou até ele, ajoelhando-se sobre seu colo, de forma que ele sentiu no ombro o pequeno volume dos seios dela. Ulrich quase não entendia as palavras de Clarisse. Ela balbuciava algo sobre sua própria força de redenção e a covardia de Ulrich, dizia que ele era um “bárbaro”, e que por isso era dele e não de Walter que receberia o redentor do mundo. Mas na verdade suas palavras eram apenas um jogo louco junto do ouvido dele, um murmúrio débil, antes um monólogo do que uma busca de diálogo, e só ouvia naquele regato sussurrante uma palavra isolada como “Moosbrugger” ou “Diabo” ou “Olho do Demônio”. Para defender-se, ele pegara pelos braços sua pequena assaltante e apertara-a sobre o diva; agora, ela procurava dominá-lo com as pernas, apertava os cabelos contra o rosto dele, tentava mais uma vez abraçar seu pescoço.

— Vou matá-lo se não ceder! — disse ela, em alto e bom som. Parecia um menino que, numa mescla de ternura e raiva, não se quer deixar enxotar, e cuja excitação cresce cada vez mais. O esforço de dominá-la fazia com que Ulrich só sentisse debilmente o jorro de prazer no corpo dela; apesar disso, o momento em que passou fortemente seu braço pelo corpo de Clarisse, forçando-a para baixo, lhe causou uma emoção intensa. Era como se o corpo dela tivesse penetrado nos sentimentos dele; já a conhecia há tanto tempo, volta e meia tinham lutado um pouquinho, mas nunca a tocara assim, da cabeça aos pés, aquela criaturinha familiar e estranha, de coração selvagem; e quando, dominada pelas mãos dele, Clarisse passou a se mover suavemente, e a languidez do corpo começou a brilhar com ternura em seus olhos, quase aconteceu o que ele não desejava. Naquele momento, porém, ele recordou Gerda, como se só agora tivesse de tomar uma decisão.

— Clarisse, eu não quero! — disse, e largou-a. — Quero ficar sozinho agora, e preciso arrumar muitas coisas antes da viagem!

Quando Clarisse compreendeu que ele recusava, foi como se alguns estremeções fortes tivessem posto a funcionar outra engrenagem em sua cabeça. Ela viu Ulrich parado à sua frente com os traços dolorosamente desfeitos, via-o falar, aparentemente não entendia nada, mas, seguindo os

movimentos dos seus lábios e sentindo uma crescente repulsa, notou que suas saias tinham subido acima dos joelhos, e saltou do divã. Antes de poder lembrar qualquer coisa estava de pé, ajeitando cabelos e roupa, como se se tivesse deitado na relva, e disse:

— Claro que você tem de arrumar as malas, não quero impedi-lo mais! Retomara seu sorriso habitual, que forçava caminho, irônico e inseguro, pela estreita fenda dos lábios, e desejou boa viagem.

— Quando voltar, provavelmente Meingast estará hospedado lá em casa; ele anunciou sua chegada, e foi para dizer isso que vim! — comentou em tom casual.

Ulrich segurava a mão dela, indeciso.

O dedo de Clarisse acariciou a mão dele, brincando; ela teria dado a vida para saber ao certo tudo o que lhe dissera, pois devia ter sido toda a sorte de coisas; ficara tão excitada que nem se lembrava mais! Sabia mais ou menos o que sucedera, e não se importava, pois um sentimento lhe dizia que fora corajosa ou abnegada, e que Ulrich fora medroso. Desejava apenas despedir-se dele como amiga, para ele não ter dúvidas quanto a isso. E disse com simplicidade:

— E melhor você não falar a Walter dessa visita, e o que falamos ficará só entre nós até outra ocasião! — Na porta do jardim ela lhe deu a mão mais uma vez, e não quis que a acompanhasse.

Quando Ulrich voltou, teve uma sensação estranha. Tinha de escrever algumas cartas para se despedir do Conde Leinsdorf e de Diotima, e havia várias coisas a arranjar, pois previa que assumir sua herança o deixaria afastado dali por muito tempo; então, pôs alguns pequenos objetos e livros nas malas que o criado, a quem mandara dormir, preparara, e quando tudo estava pronto não sentiu mais vontade de descansar. Estava exausto e extremamente tenso, como consequência daquele dia agitado, e esses dois estados não anulavam um ao outro, mas empurravam-se alternadamente para o alto, de modo que, apesar do grande cansaço, ele estava sem sono. Sem pensar, mas seguindo suas lembranças que balançavam de um lado para outro, Ulrich admitiu primeiro que já não havia dúvidas quanto à impressão que tivera algumas vezes de que Clarisse não era apenas uma pessoa fora do comum, mas sim alguém que, em segredo, já estava

mentalmente doente; no seu acesso, ou seja como for que se designasse aquele estado, ela dissera coisas muito parecidas com algumas das suas próprias afirmações, e isso o preocupava, poderia mesmo fazê-lo retomar a fundo suas reflexões, mas, contrariando o estado de sonolência, lembrava-o apenas desagradavelmente de tudo o que ainda tinha que fazer. Passara metade do ano que se propusera, mas não resolvera nada. Lembrou que Gerda lhe pedira que escrevesse um livro a respeito. Mas ele queria viver sem se dividir em uma parte real e outra espectral. Lembrou-se do momento em que falara sobre isso com o subsecretário Tuzzi. Viu a si mesmo e a Tuzzi, parados no salão de Diotima, e havia nisso algo de dramático, teatral. Recordou ter dito levianamente que iria escrever um livro ou matar-se. Mas também a idéia da morte, pensando nisso agora e, por assim dizer, de perto, não era a verdadeira expressão de seu estado; pois, se cedesse mais e imaginasse que, em vez de viajar, poderia matar-se antes do amanhecer, isso lhe parecia, no momento em que recebera a notícia da morte do pai, uma coincidência inconveniente. Ulrich se encontrava num semi-estado de sono, em que as imagens da fantasia começam a perseguir-se umas às outras. Viu o cano de uma arma, e olhando para dentro daquele buraco escuro, notou ali um nada sombrio, sombras que vedavam as profundezas; sentiu uma estranha harmonia e uma singular coincidência no fato de que essa mesma imagem de uma arma carregada tivesse sido, em sua juventude, o símbolo predileto de sua vontade ansiosa de vôo e alvo. E de repente, viu muitas dessas imagens como a da pistola e de sua presença junto a Tuzzi. A visão de uma campina ao amanhecer. Um longo e tortuoso vale de rio, visto de um trem, repleto de grossos nevoeiros noturnos. No outro extremo da Europa, um lugar onde se separara de uma amada; a imagem da amada fora esquecida, a das estradas de terra e das casas cobertas de colmo estava fresca como ontem. Os pêlos da axila de outra amada eram a única coisa que sobrara dela. Trechos isolados de melodias. A singularidade de um gesto. Aromas de canteiros de flor, que antes não percebera devido às palavras fortes que brotavam das almas com uma excitação intensa, e hoje sobreviviam às palavras olvidadas. Uma pessoa percorrendo vários caminhos, quase dolorosa de se ver: ele, que sobrara, como uma fileira de bonecos com as molas há muito partidas. Era de se pensar que tais imagens fossem a coisa mais efêmera do mundo, mas, num momento, desfaz-se a vida toda em imagens, apenas elas ficam no caminho da vida, ele parece ter

corrido sempre de umas para outras; e o destino não obedeceu a idéias nem decisões, apenas àquelas imagens misteriosas e meio loucas.

Mas enquanto essa insensata impotência de todas as tentativas das quais se orgulhara quase o fazia chorar, uma emoção singular desenvolveu-se naquele estado tresnoitado em que se encontrava, ou melhor, ela teve lugar ao redor dele. Em todos os aposentos ainda ardiam as lâmpadas que Clarisse acendera quando estivera ali sozinha, e aquele excesso de luz jorrava entre paredes e coisas, enchendo o espaço com algo quase vivo. Tratava-se provavelmente da ternura contida em todo o cansaço indolor, que transformava a sensação global do seu corpo, pois essa sensação que o corpo tem de si, sempre presente embora despercebida, de limites imprecisos, passou a um estado mais vasto, mais macio. Era um relaxamento, como se o nó de um barbante bem amarrado se tivesse desfeito; e como nada realmente se modificasse em paredes e coisas, e nenhum deus entrasse no quarto daquele descrente, e Ulrich não desistisse de um julgamento lúcido (na medida em que o cansaço não o iludisse), só podia ser a relação entre ele e seu ambiente, que sofria aquela transformação; mas não a parte física dessa relação, nem os sentidos, nem a razão que a ela correspondem na lucidez: o que parecia modificar-se era uma ampla sensação profunda como água de poço, sobre a qual repousam habitualmente as colunas da percepção objetiva e do pensamento; e agora afastavam-se, ou aproximavam-se, docemente: essa distinção perdera seu sentido no mesmo instante.

“É outro comportamento; estou mudando, e com isso muda o que se liga a mim!”, pensou ele, julgando ser bom observador de si mesmo. Mas também se poderia dizer que sua solidão — estado que não havia só nele mas ao redor dele, ligando as duas coisas —, se poderia dizer, e ele próprio sentia isso, que essa solidão era cada vez mais densa, ou maior. Ela atravessava paredes, crescia na cidade, sem realmente se estender; crescia no mundo. “Que mundo? Não há mundo algum!”, ele pensou. Parecia-lhe que esse conceito não tinha mais significação. Mas Ulrich ainda mantinha tamanha vigilância sobre si mesmo que essa expressão, exaltada demais, o atingiu desagradavelmente no mesmo instante; não procurou outras palavras, ao contrário, a partir daí aproximou-se de novo da lucidez total, e, poucos segundos depois, levantou-se. O dia clareava, misturando sua luz pálida na claridade da luz artificial que murchava depressa.

Ulrich levantou-se de um salto e esticou o corpo. Nele ficara alguma coisa que não se desprendia. Passou os dedos nos olhos, mas seu olhar conservou algo da maciez de um contato íntimo com as coisas. E de repente, de maneira quase indescritível, compreendeu que estava novamente onde se encontrara uma vez, há muitos anos. Balançou a cabeça, sorrindo. Um “acesso de esposa-do-major”, foi assim que chamou zombeteiramente ao seu estado. Sua razão dizia que não existia perigo, pois não havia por ali ninguém com quem pudesse repetir aquela loucura. Abriu uma janela. Lá fora, um ar indiferente, um ar- matinal-de-todo-mundo, com os primeiros rumores da cidade. Enquanto o frio lavava suas têmporas, começou a inundá-lo a repulsa do europeu pelo sentimentalismo, enchendo-o com sua dureza lúcida, e ele tomou o propósito de, se fosse necessário, tratar essa história com grande precisão. Mas, parado longo tempo à janela olhando a manhã sem pensar, ainda sentia em si algo do cintilante deslizar confuso de todas as sensações.

Ficou surpreso ao ver seu criado entrar de repente, para despertá-lo, com a expressão solene de quem se levantou muito cedo. Tomou banho, fez alguns movimentos enérgicos com o corpo, e dirigiu-se à estação.

LIVRO SEGUNDO

TERCEIRA PARTE

RUMO AO REINO DOS MIL ANOS [OS
CRIMINOSOS]

1

A IRMÃ ESQUECIDA

Quando ao anoitecer do mesmo dia Ulrich chegou em X... e saiu da estação, encontrou uma ampla praça de linhas suaves, que desembocava em duas ruas nas extremidades, exercendo um efeito quase doloroso em sua memória, como acontece com paisagens que vimos muitas vezes mas esquecemos.

— Asseguro-lhe que os proventos diminuíram em vinte por cento e que a vida encareceu vinte por cento: isso dá quarenta por cento!

— E eu lhe asseguro que corrida de seis dias é um acontecimento que une os povos!

Essas vozes vinham do ouvido dele; vozes do trem. Depois ouviu dizer, bem nitidamente:

— Apesar disso, prefiro a ópera a tudo mais!

— A ópera é o seu esporte?

— Não, é uma paixão.

Ele inclinou a cabeça, como se tivesse de tirar água do ouvido: o trem estivera repleto e a viagem fora longa; gotas da conversa generalizada que ali tinham entrado durante a viagem brotaram do fundo e emergiram. Ulrich esperara, na alegria e pressa da chegada que fazia o portão da estação jorrar pessoas como a boca de um cano d'água na calma da praça, até que, por fim, só escorressem gotas; estava agora parado naquele vácuo do silêncio que segue à zoeira. E, acompanhando a inquietação em seus ouvidos que isso provocava, divisou diante dos olhos uma inusitada calma. Tudo o que era visível estava mais nítido do que habitualmente, e olhando a praça viu do outro lado caixilhos comuns de janelas, tão negros na luz crepuscular contra o pálido e fosco brilho das vidraças, como cruces do Gólgota. Também as coisas móveis destacavam-se na rua sossegada como não acontece nas cidades muito grandes. Era patente que tanto os objetos

móveis quanto os hirtos tinham aqui espaço para mostrar toda a sua importância. Com alguma curiosidade do reencontro, fez essas descobertas e contemplou a grande cidade de província na qual passara pequenas e desagradáveis fases de sua vida. Na sua essência, ele sabia muito bem, havia algo de colonial e apátrida: o cerne mais antigo, de burguesia alemã há séculos em terras eslavas, estava agora decadente, de modo que afora algumas igrejas e nomes de família pouca coisa lembrava aquele passado, e também da sede das cortes regionais, que mais tarde a cidade deixara de ser, pouco se via exceto um belo palácio ainda conservado; mas sobre aquele passado incrustara-se nos tempos do governo absolutista a grande pompa de uma administração imperial com as repartições centrais da província, escolas e universidade, casernas, tribunais, prisões, sede de bispado, teatro e fortaleza, todas as pessoas que disso faziam parte, e os comerciantes e artesãos por elas atraídos, de modo que, por fim, ainda se anexou a isso uma indústria de empresários imigrados, cujas fábricas encheram, casa a casa, os subúrbios, e, nas últimas gerações, tinham influenciado mais fortemente que todo o resto o destino daquele pedaço de terra. Essa cidade tinha história e também tinha rosto, mas nele os olhos não combinavam com a boca, ou o queixo não combinava com os cabelos; e sobre tudo isso pairavam os sinais de uma vida muito agitada, porém interiormente vazia. Talvez isso favorecesse, em condições pessoais especiais, coisas muito inusitadas.

Para resumir numa palavra tampouco impecável: Ulrich sentia algo “espiritualmente insubstancial” em que nos perdemos, pois desperta em nós uma inclinação para fantasias desenfreadas. Trazia no bolso o estranho telegrama do pai, e sabia-o de cor: “Dou-lhe a conhecer meu falecimento ocorrido”, mandara-lhe dizer o ancião — ou devemos dizer, “participara-lhe?” —, expressando isso já pela assinatura: “seu pai”. Sua Excelência, o Conselheiro, nunca brincava nos momentos sérios: por isso, aquela excêntrica maneira de dar a notícia era diabolicamente lógica, pois era ele mesmo quem avisava seu filho, ao escrever ou ditar a alguém aquele texto na expectativa da própria morte, determinando que essa notícia fosse dada após o seu último suspiro; talvez nem se pudesse expressar melhor a ocorrência, mas era fato que essa tentativa do presente de dominar o futuro que já não conseguiria viver exalava o sinistro sopro cadavérico de uma vontade que se fora decompondo sob grande indignação!

Dada essa circunstância, que por alguma ligação também lhe recordava o

gosto minuciosamente desequilibrado de pequenas cidades, Ulrich pensava preocupado em sua irmã, casada na província, que certamente encontraria em alguns minutos. Já na viagem pensara nela, pois pouco sabia a seu respeito. De tempos em tempos recebera notícias familiares com as cartas do pai, mais ou menos assim: “sua irmã Ágata casou”, seguindo-se os pormenores, pois Ulrich na ocasião não pudera vir para casa. E por volta de um ano depois, já recebera a notícia da morte do jovem marido; e, três anos mais tarde, se não se enganava, chegara a participação: “para minha alegria, sua irmã Ágata decidiu casar-se novamente”. A esse segundo casamento, há cinco anos, ele estivera presente, e vira a irmã durante alguns dias; mas só recordava que aqueles dias tinham sido como uma roda gigantesca de roupas brancas girando sem cessar. E lembrava-se do marido, que lhe desagradara. Ágata devia ter naquele tempo vinte e dois anos, ele mesmo vinte e sete, pois acabava de obter seu título de doutor; portanto, agora a irmã tinha vinte e sete, e ele nem a vira nem trocara cartas com ela desde então. Apenas recordava que mais tarde muitas vezes o pai escrevera que “infelizmente no casamento de sua irmã nem tudo parece ser como deveria, embora o marido seja uma excelente pessoa”. Lia-se também: “Muito me alegrei com os mais recentes êxitos do marido de sua irmã Ágata.”

Pelo menos assim diziam as cartas, às quais lamentavelmente nunca dera maior atenção; mas uma vez, isso Ulrich recordava muito bem, ligara-se, à censura pela ausência de filhos no casamento da irmã, à esperança de que mesmo assim ela se sentisse bem em seu matrimônio, embora seu caráter jamais a deixasse admitir isso.

Como será que ela está agora?, pensou Ulrich. Uma das singularidades do ancião que tão cuidadosamente transmitia notícias de um ao outro fora afastar os dois de casa logo depois da morte da mãe, ainda em tenra idade; foram educados em colégios separados, e Ulrich, que não se saía nada bem, muitas vezes não pudera vir para casa nas férias, de modo que, na verdade, desde a infância, quando se haviam amado muito, ele não revira direito a irmã, exceto um convívio mais demorado quando Ágata tinha dez anos.

Ulrich achava natural que, nessas circunstâncias, também não se correspondessem. O que haveriam de escrever um ao outro? Quando Ágata se casara pela primeira vez, ele lembrava agora, Ulrich era tenente e estava hospitalizado por ter levado um tiro num duelo: Deus, como fora burro! No fundo, fora como vários burros. Pois viu que aquela recordação do tempo de

tenente, com o tiro, nem vinha daquela fase: ele já era quase engenheiro, e tinha “coisas importantes” a fazer, o que o mantivera afastado daquela festa familiar! Mais tarde, ouvira dizer que sua irmã amara muito ao primeiro marido: não sabia mais quem lhe dissera isso, mas afinal o que significa “ela o amava muito?” É uma maneira de dizer. Ela voltara a se casar, e Ulrich detestava seu segundo marido: isso era a única coisa certa em tudo aquilo! Não apenas desgostava dele por impressão pessoal, mas por alguns livros seus que lera, e era possível que desde então tivesse até mesmo querido esquecer a irmã. Não era coisa correta; mas tinha de admitir que, no último ano, em que refletira sobre tantas coisas, nunca se lembrara dela, nem mesmo quando soubera da morte do pai. Mas, na estação, perguntara ao velho que o fora apanhar se seu cunhado já chegara, e quando soube que o professor Hagauer só era esperado para o enterro, alegrou-se com isso. Embora só faltassem dois ou três dias para o enterro, esse tempo lhe pareceu uma clausura de duração ilimitada, que passaria junto da irmã, como se fossem as pessoas mais íntimas do mundo. Teria sido em vão indagar-se como explicava isso; provavelmente o pensamento “irmã desconhecida” era uma dessas amplas abstrações em que se concentram muitos sentimentos sempre meio deslocados.

Ocupado com essas questões, Ulrich entrara lentamente na cidade estranha e familiar, que se abria à sua frente. Mandou um carro com sua bagagem, na qual à última hora incluía muitos livros, seguir com o velho criado que o apanhara e, parte de suas memórias de infância, unia os cargos de mordomo, e administrador e servente da Universidade, cargos esses que, com os anos, haviam adquirido limites bastante vagos. Provavelmente fora àquele homem modesto e fechado que o pai de Ulrich ditara seu telegrama de morte. Os pés de Ulrich seguiam admirados e contentes o caminho que os levaria para casa, enquanto seus sentidos percebiam, agora alertas e curiosos, as impressões frescas com que qualquer cidade em desenvolvimento nos surpreende quando não vimos por muito tempo. Num determinado ponto do qual se recordavam antes dele, os pés de Ulrich saíram do caminho principal, e pouco depois ele se viu numa ruela estreita, formada unicamente por dois muros de jardim. A casa de quase dois andares aparecia enviesada diante do recém-chegado, com a parte central mais alta, o velho estábulo lateral e, apertada como sempre contra o muro do jardim, a casinha onde o criado morava com sua mulher; era como se apesar da

familiaridade o velho patrão os tivesse afastado de si o mais possível e ainda assim rodeado com seus muros. Imerso em pensamentos, Ulrich chegara à entrada fechada do jardim, batendo o grande anel da aldrava presa em lugar de sineta na porta baixa, enegrecida pelo tempo, antes de seu acompanhante chegar correndo, avisando-o do seu engano.

Tiveram de rodear o muro até a entrada da frente, onde estava o carro, e somente lá, no momento em que viu diante de si a fachada cerrada da casa, Ulrich lembrou que sua irmã não o fora apanhar na estação. O criado avisou que a patroa estava com enxaqueca e se recolhera depois da refeição dando ordens de acordá-la assim que o Senhor Doutor chegasse. Ulrich indagou se sua irmã sofria de enxaquecas frequentes, e logo se arrependeu dessa falta de tato, que revelava sua estranheza diante de um velho íntimo da casa paterna, e tocava em relações de família que era melhor não comentar.

— A jovem patroa deu ordem de servir o chá em meia hora — respondeu o educado ancião, com um rosto de criado cortês e cego, dando a perceber cautelosamente que não entendia de nada que estivesse acima de suas obrigações.

Involuntariamente, Ulrich ergueu os olhos para as janelas, pensando que Ágata poderia estar parada atrás delas, examinando-o, e constatou com uma sensação incômoda que sua estada ali ficaria frustrada se ela lhe desagradasse. Pareceu-lhe um traço de familiaridade ela não ter ido à estação nem estar no portão à sua espera, um certo parentesco de sensibilidades, pois na verdade não teria fundamento correr ao seu encontro como se ele próprio, mal chegando, tivesse corrido para junto do caixão do pai. Mandou dizer que estaria pronto em meia hora, e ajeitou-se um pouco. O quarto onde fora alojado ficava no segundo andar da parte central, uma espécie de mansarda, e fora seu quarto de criança, agora estranhamente completado por alguns utensílios visivelmente reunidos às pressas, que serviam para o conforto de um adulto.

“É provável que não se possa dar outra arrumação enquanto o morto estiver em casa”, pensou Ulrich, instalando-se, não sem dificuldades, entre as ruínas de sua infância, mas também com um pouco da sensação agradável que subia como nevoeiro daquele chão. Queria trocar de roupa e, nisso, lembrou-se de vestir um traje caseiro que parecia um pijama, que lhe caiu nas mãos ao desfazer as malas. “Pelo menos, ela podia ter-me cumprimentado assim que entrei”, pensou, e naquela descuidada escolha da

roupa havia uma vaga censura, embora continuasse sentindo que a irmã devia ter algum motivo para seu comportamento, conferindo à sua troca de roupas algo da cortesia que existe numa forma descontraída de intimidade.

Era um grande pijama de lã macia, quase uma espécie de roupa de pierrô, xadrez preto- e-cinza, amarrado nos punhos e tornozelos, e na cintura; gostava dele por sua comodidade, que, enquanto descia a escada, lhe agradou muito depois da noite insone e da longa viagem. Mas quando entrou na sala onde a irmã o aguardava, espantou-se com suas vestimentas, pois, como por uma dessas secretas determinações do acaso, encontrou-se diante de um grande pierrô louro, envolto em listras e quadrados cinza-claro e cor de ferrugem, que ao primeiro olhar era muito parecido com ele.

— Mas eu não sabia que éramos gêmeos! — disse Ágata, o rosto iluminado de alegria.

2

CONFIANÇA

Não se beijaram pelas boas-vindas, ficaram apenas parados um diante do outro, amavelmente, depois trocaram de lugar e Ulrich pôde contemplar a irmã. A altura deles combinava. O cabelo de Ágata era mais claro que o dele, e tinham a mesma pele seca e perfumada, a única coisa que ele amava em seu próprio corpo. O peito dela não se diluía em seios, mas era esguio e forte; e os membros de sua irmã pareciam ter a forma estreita e longa de fusos, reunindo beleza e força natural.

— Espero que sua enxaqueca tenha passado, não se nota mais nada — disse Ulrich.

— Eu não estava com enxaqueca, só mandei dizer isso porque era mais simples — explicou ela —, porque não podia lhe mandar recados complicados pelo criado: eu só estava com preguiça. Estava dormindo. Aqui, acostumei-me a dormir em todos os momentos livres. Aliás, sou mesmo preguiçosa; acho que é por desespero. E quando recebi a notícia de que você vinha, pensei: espero que seja a última vez que vai me dar sono, e então me permiti uma espécie de sono de convalescença: mas depois de pensar bastante, disse ao criado que era enxaqueca.

— Você não pratica nenhum esporte? — perguntou Ulrich.

— Um pouco de tênis. Mas detesto esporte.

Enquanto ela falava, ele voltou a contemplar-lhe o rosto. Não lhe pareceu muito semelhante ao seu; mas talvez se enganasse, talvez fosse parecido como um quadro em pastel se parece com uma gravura em madeira, de modo que, pela diferença de material, se ignorava a coincidência de linhas e superfícies. Aquele rosto o inquietava por algum motivo. Algum tempo depois, ele descobriu: simplesmente não podia ver o que expressava. Faltava ali aquilo que permite tirar as conclusões habituais sobre uma pessoa. Era um rosto expressivo, mas nada sublinhado nem concentrado em

traços de caráter como habitualmente acontece.

— Como foi que você também se vestiu assim? — perguntou Ulrich.

— Não sei — respondeu Ágata. — Achei que era simpático.

— É muito simpático! — respondeu Ulrich, rindo. — Mas é um verdadeiro truque do acaso! E a morte do pai, como vejo, também não a abalou muito.

Ágata ergueu devagar o corpo nas pontas dos pés, e baixou-o outra vez.

— Seu marido também já chegou? — perguntou o irmão, para dizer alguma coisa.

— O professor Hagauer só vem para o enterro. — Ela pareceu gostar de pronunciar aquele nome com tanta formalidade, e afastar-se dele como de alguma coisa estranha.

Ulrich não soube o que responder.

— Ah, sim, já me disseram.

Contemplaram-se novamente; depois, como indica a etiqueta, foram até a saleta onde estava o morto.

O dia inteiro aquele aposento ficara artificialmente escurecido; estava denso de negrume. Flores e círios acesos brilhavam lá dentro, exalando seus odores. Os dois pierrôs pararam, muito eretos, diante do morto, e ficaram olhando como se assistissem a algum espetáculo.

— Não vou mais voltar para Hagauer! — disse Ágata. Era como se o morto também devesse escutar.

Mas ele estava deitado em seu catafalco conforme suas próprias ordens: de fraque, mortalha até o peito, por cima a camisa engomada, mãos cruzadas sem crucifixo, todas as condecorações. Órbitas pequenas e cavas, faces encovadas, lábios também. Costurado naquela horrenda pele de cadáver sem olhos, que ainda é parte do ser, mas já alheia: o saco de viagem da vida. Sem querer, Ulrich sentiu-se abalado na raiz de sua existência, onde não há pensamentos nem emoções; mas só ali. Se o tivesse de expressar, teria apenas podido dizer que terminava uma relação incômoda e sem amor. Como um mau casamento transforma em pessoas más àqueles que não se podem libertar dele, o mesmo acontece com toda a ligação calculada para a eternidade, quando o que há de temporal encolhe por baixo dela.

— Eu queria que você tivesse vindo mais cedo — prosseguiu Ágata. — Mas papai não permitiu. Ele próprio organizou tudo o que se referia à sua morte. Acho que não teria gostado de morrer diante de seus olhos. Estou aqui há duas semanas, e foi horrível.

— Pelo menos ele amava você? — perguntou Ulrich.

— Ele deu todas as ordens ao seu velho criado e depois deu a impressão de uma pessoa que não tem nada a fazer, e se sente sem sentido. Mas mais ou menos a cada quinze minutos levantava a cabeça para ver se eu estava no quarto. Isso foi nos primeiros dias. Em seguida, passavam-se meias horas, e depois horas inteiras, e durante o pavoroso último dia só aconteceu duas, três vezes. E em todos esses dias não me disse uma única palavra, a não ser quando eu lhe fazia alguma pergunta.

Enquanto ela contava isso, Ulrich pensou: “Na verdade ela é bem dura. Já em criança, com seu jeito quieto, sabia ser incrivelmente teimosa. Apesar disso, tem um ar tão indulgente.” E de repente, pensou numa avalanche. Uma vez, ele quase morrera numa floresta devastada por uma avalanche. Fora uma nuvem macia de poeira de neve, que, dominada por uma violência incontrollável, se tomara dura como uma montanha caindo.

— Você me mandou aquele telegrama? — perguntou.

— Claro que foi o velho Franz! Estava tudo determinado. Ele também não deixou que eu tratasse dele. Certamente nunca me amou, não sei por que me mandou chamar. Eu me sentia mal e me trancava no quarto sempre que podia. E numa hora dessas, ele morreu.

— Provavelmente quis lhe provar com isso que você cometeu um erro. Venha! — disse Ulrich, amargurado, e puxou-a para fora. — Mas quem sabe queria que você lhe acariciasse a testa? Ou que se ajoelhasse ao lado de sua cama? Ainda que fosse apenas por sempre ter lido que isso se deve fazer na última despedida de um pai. E não conseguiu lhe pedir isso.

— Quem sabe — disse Ágata.

Ficaram parados mais uma vez e olharam para ele.

— Na verdade tudo isso é horrível! — disse ela.

— Sim — disse Ulrich. — E sabemos tão pouco a respeito. Quando saíram

da sala, Ágata parou mais uma vez, e disse a Ulrich:

— Estou importunando você com uma coisa que naturalmente não há de lhe interessar em nada: mas durante a doença de papai tomei a decisão de que em circunstância nenhuma volto para meu marido!

Seu irmão sorriu sem querer diante daquela obstinação, pois Ágata tinha uma ruga vertical entre os olhos e falava com veemência; parecia temer que ele não se pusesse do seu lado, e lembrava um gato com muito medo, que por isso mesmo ataca ainda com maior bravura.

— Ele está de acordo? — perguntou Ulrich.

— Ele ainda não sabe de nada — disse Ágata. — Mas não vai concordar!

O irmão fitou a irmã, interrogativo. Ela, porém, sacudiu a cabeça com força:

— Não, não é o que você está pensando. Não há nenhum terceiro em jogo!
— retrucou.

Com isso, por enquanto o diálogo terminara. Ágata desculpou-se por não ter tido mais consideração com a fome e o cansaço de Ulrich, levou-o a uma sala onde o chá esperava, e, como faltasse uma coisa, foi ela mesma tratar do assunto. Ulrich aproveitou aquele instante de solidão para recordar da melhor maneira possível o marido dela, a fim de a compreender melhor. Era um homem de estatura média, costas eretas, pernas redondas em calças malfeitas, lábios grossos debaixo de um bigode hostil, e predileção por gravatas de estampados graúdos, destinadas a mostrar que não se tratava de um professor vulgar mas com futuro. Ulrich sentiu a velha desconfiança contra a escolha de Ágata, mas achou impossível que aquele homem escondesse vícios secretos, lembrando aquela luz clara que brilhava na fronte e olhos de Gottlieb Hagauer. “É simplesmente aquele tipo de sujeito esclarecido e aplicado, o homem de brio que, no seu campo, estimula a humanidade, sem se meter em coisas que lhe são distantes”, constatou Ulrich, recordando também os livros de Hagauer, e mergulhou em pensamentos pouco agradáveis.

Pessoas desse tipo se podem reconhecer já nos bancos de escola. No aprender, são menos conscienciosos — como se diz confundindo consequência com causa — do que corretos e práticos. Antes de iniciarem uma tarefa, ajeitam tudo direitinho, como quem à noite arruma as roupas do

dia seguinte, inclusive os botões, para, de manhã, ficar pronto depressa e sem problemas; não há pensamento que não abotoem firmemente no campo de sua compreensão, com cinco a dez desses botões já preparados, e é preciso admitir que isso faz boa figura e resiste a um exame. Assim, tomam-se alunos-modelo, sem se tornarem moralmente desagradáveis aos colegas; e pessoas como Ulrich, que por natureza tendem a exagerar um pouco para cima ou para baixo, ficam atrás deles de um modo tão sutil quanto o esgueirar-se do destino, ainda que sejam muito mais talentosas. Ele notou que na verdade tinha uma secreta timidez diante dessas pessoas exemplares, pois a precisão dos pensamentos delas fazia o seu próprio entusiasmo pela exatidão parecer um pouco leviano.

“Eles não têm nem vestígios de alma”, pensou Ulrich, “e são pessoas bondosas; depois dos dezesseis anos, quando em geral os jovens se entusiasma por questões intelectuais, eles aparentemente ficam um pouco atrás, sem uma verdadeira capacidade de entenderem novas idéias ou emoções, mas também aí trabalham com seus dez botões, e chega o dia em que podem demonstrar que sempre compreenderam tudo ‘evidentemente sem todos os extremos insustentáveis’. E são ainda eles que introduzem as novas idéias na vida quando para outros se tornaram apenas fantasmas de uma juventude passada, ou exageros solitários!”

Assim, quando sua irmã voltou, Ulrich ainda não conseguia imaginar o que realmente ela teria vivido, mas sentia que uma luta contra o marido dela, ainda que injusta, lhe daria uma possibilidade muito indigna de se divertir um bocado.

Ágata parecia achar impossível explicar de modo sensato a sua decisão. Seu casamento estava exteriormente na mais perfeita ordem, o que nem se podia duvidar tratando-se de um caráter como o de Hagauer. Nenhuma briga, mal-e-mal algumas diferenças de opinião, especialmente porque Ágata, segundo dizia, não confiava sua opinião ao marido em caso algum. Naturalmente nada de excessos, nem bebida nem jogo. Nem ao menos hábitos de solteirão. Divisão justa dos ganhos. Economia em ordem. Reuniões tranquilas com muitas pessoas, e desagradáveis a dois.

— Então, se você o está abandonando sem motivo — disse Ulrich —, o casamento terá fracassado por culpa sua; isto é, se ele for a juízo.

— Ele que vá! — exigiu Ágata.

— Talvez fosse bom dar-lhe uma pequena vantagem financeira, caso ele concorde numa solução pacífica.

— Eu só trouxe comigo o necessário para uma viagem de três semanas — respondeu ela —, além de algumas coisas tolas e lembranças do tempo antes de Hagauer. Ele que fique com todo o resto, eu não o quero. Mas no futuro, ele não deve tirar a menor vantagem de mim!

E repetiu essas frases com surpreendente veemência. Talvez fosse porque Ágata desejava vingar-se por ter concedido vantagens excessivas àquele homem no passado. O senso agressivo de Ulrich, seu espírito esportivo, sua capacidade criativa em vencer dificuldades despertaram, embora ele notasse isso com desgosto; pois era como o efeito de algum excitante, que agita as paixões exteriores, enquanto as interiores permanecem intocadas. Ele desviou a conversa e procurou, hesitante, abarcar o assunto:

— Li e ouvi algumas coisas dele — disse. — Até onde sei, no campo da educação e instrução ele passa por ser um homem de futuro!

— Sim, ele é — respondeu Ágata.

— Até onde conheço seus textos, ele não é apenas um professor versado em todos os assuntos, mas também se empenhou cedo pela reforma de nosso ensino superior. Recordo que certa vez li um livro dele onde de um lado se falava no valor insubstituível do ensino histórico-humanista para a formação moral, e de outro lado do valor insubstituível do ensino de ciências naturais e matemática para a formação intelectual, e, terceiro, do valor insubstituível da sensação concentrada de vida proporcionada pelo esporte e a educação militar. Está correto?

— Deve estar — disse Ágata. — Mas já notou como ele usa citações?

— Citações? Espere: parece que realmente notei alguma coisa. Ele cita os velhos mestres. Ele... naturalmente também cita os contemporâneos, agora lembro; cita não só os grandes pedagogos, mas, de maneira bem revolucionária para um professor de colégio, os construtores de aviões, políticos e artistas da moda... Mas afinal é exatamente o que eu já disse há pouco... — ele concluiu com a humilde sensação final de uma recordação que saiu dos trilhos e esbarrou num batente.

— Ele cita de tal modo — completou Ágata — que, por exemplo, na música

irá sem pensar até Richard Strauss, ou na pintura até Picasso; mas jamais, nem que seja como exemplo de coisa errada, citará um nome que já não tenha adquirido certo valor nos jornais, ainda que apenas como objeto de reprovação!

Era isso. Era isso que Ulrich estivera procurando na memória. Ergueu os olhos. A resposta de Ágata alegrara-o com o gosto e a observação nela expressos.

— Assim, com o tempo ele se tornou um líder, sendo um dos primeiros a correr atrás do dito tempo —, concluiu ele, rindo. — Todos os que vêm depois dele já o vêm à sua frente. Mas você não aprecia os nossos expoentes?

— Não sei. Pelo menos, não os cito.

— Mesmo assim, sejamos modestos — disse Ulrich. — O nome de seu marido é um programa que para muitos já hoje representa o máximo. Sua atuação não deixa de ser um pequeno e sólido progresso. Sua ascensão exterior não demorará em vir. Cedo ou tarde, ele será pelo menos um catedrático de universidade, embora tenha-se desgastado no seu ganhapão como professor de ensino secundário; e eu, está vendo, que não tinha nada a fazer senão o que estivera à minha frente num caminho fácil, cheguei a um ponto em que provavelmente nem conseguirei a posição de docente. Já é alguma coisa!

Ágata estava decepcionada, e provavelmente por isso seu rosto assumiu a inexpressiva expressão de porcelana de uma dama, enquanto respondia amavelmente:

— Não sei, quem sabe você deve ter consideração para com Hagauer?

— Quando é que ele chega? — perguntou Ulrich.

— Só para o enterro, uma folga maior ele não tira. Mas não quero que more aqui em casa, isso eu não vou permitir!

— Como você quiser! — decidiu Ulrich inesperadamente. — Eu o apanho e o deixo diante de um hotel. E lá, se você quiser, eu lhe direi: “reservamos seu quarto aqui mesmo!”

Ágata ficou surpresa, e subitamente entusiasmada.

— Ele vai ficar furioso porque isso custa dinheiro, e certamente espera ficar aqui em casa! — Seu rosto se modificara momentaneamente, recuperando algo de selvagem e infantil, como em alguma molecagem.

— Mas como é que está determinado? — perguntou o irmão. — Esta casa pertence a você, a mim ou a nós dois? Há um testamento?

— Papai mandou me entregar um grande pacote onde deve estar tudo o que devemos saber. — Foram ao escritório, do outro lado do morto.

Mais uma vez deslizaram por aquele brilho de velas, aroma de flores, pelo círculo daqueles dois olhos que já nada viam. Na penumbra bruxuleante, por um segundo Ágata era apenas um nevoeiro brilhante de ouro, cinza e rosa. O testamento foi encontrado, mas voltaram com os documentos para a mesa do chá, onde se esqueceram de abrir o pacote.

Pois quando se sentaram, Ágata disse ao irmão que vivia praticamente separada do marido, embora sob o mesmo teto; não disse há quanto tempo era assim.

A princípio, isso causou má impressão em Ulrich. Mulheres casadas, quando acreditam que um homem pode se tornar seu amante, muitas vezes costumam inventar essa história; e embora a irmã lhe revelasse isso constrangida, na verdade aos arrancos, com uma decisão desajeitada de o escandalizar um pouco — o que se notava logo —, ele aborreceu-se por não lhe ocorrer nada de melhor para contar, e achou que era tudo um exagero.

— Nunca entendi como é que você podia viver com um homem desses! — declarou, sincero.

Ágata disse que fora vontade do pai; e o que podia ter feito?, indagou ainda.

— Mas naquele tempo você já era viúva, não uma virgenzinha dependente!

— Por isso mesmo; eu tinha voltado a morar com papai; todo mundo dizia que eu ainda era moça demais para já morar sozinha, pois embora fosse viúva, só estava com dezenove anos; e acabei não aguentando viver aqui!

— Mas por que não procurou outro marido? Ou foi estudar, começando assim uma vida independente? — perguntou Ulrich, sem a menor delicadeza.

Ágata apenas sacudiu a cabeça. Só depois de uma pequena pausa

respondeu:

— Eu já disse que sou preguiçosa. Ulrich achou que não era resposta:

— Então você teve algum motivo especial para casar com Hagauer!

— Sim.

— Amava outro homem, a quem não conseguiu ter? Ágata hesitou:

— Eu amava o meu falecido marido.

Ulrich lamentou ter usado tão vulgarmente a palavra amor, como se considerasse inviolável a instituição social que ela designa. “A gente quer consolar, e logo serve uma sopa de mendigos!”, pensou. Apesar disso, sentiu-se tentado a continuar falando da mesma maneira.

— E aí notou o que acontecera e causou dificuldades a Hagauer.

— Sim — confirmou Ágata. — Mas não logo... só mais tarde — acrescentou. — Bem mais tarde.

Nesse ponto, começaram a brigar um pouquinho.

Via-se que essas confissões custavam certo sacrifício a Ágata, embora dissesse tudo voluntariamente, e, conforme convinha à sua idade, visse na vida sexual um tema importante de conversas para todo mundo. Parecia querer que se entendessem ou desentendessem logo de saída, procurava confiança, e estava decidida, não sem paixão e franqueza, a conquistar o irmão. Mas Ulrich, ainda moralmente numa disposição de superioridade, não conseguia ir imediatamente ao encontro dela. Apesar de toda a força de sua alma, ele nem sempre era livre dos preconceitos que seu espírito desprezava, pois muitas vezes na vida agira como bem entendia, enquanto seu espírito seguia outros rumos. E como sua influência sobre as mulheres fora malbaratada com demasiada frequência no prazer do caçador em apanhar e observar, quase sempre se deparara com a imagem correspondente: da mulher como uma presa que tomba sob a lança de amor do homem, e recordava-se do prazer sensual da humilhação com que a mulher apaixonada se entrega, enquanto o homem está longe de um tipo de entrega semelhante. Essa idéia dominadora que o homem faz da fraqueza feminina é ainda hoje bastante comum, embora com as ondas sucessivas da juventude tenham aparecido outros conceitos; e a naturalidade com que Ágata tratava sua dependência de Hagauer magoava seu irmão. Para Ulrich,

era como se a irmã, sem ter bem consciência disso, tivesse sofrido alguma infâmia quando se colocara sob a influência de um homem que desagradava a ele, tendo ficado assim anos a fio. Ele não disse isso, mas Ágata devia ter lido algo semelhante em seu rosto, pois, de repente, disse:

Afinal, já que me casara, eu não podia simplesmente fugir logo em seguida; teria sido excêntrico!

Ulrich sempre o Ulrich na situação de irmão mais velho, limitado por uma postura didático-altaneira — ergueu-se bruscamente e exclamou:

— Seria realmente excêntrico suportar a repugnância e tirar logo todas as consequências disso? — sorriu e encarou a irmã da maneira mais amável possível, tentando suavizar o que dizia.

Ágata também o fitou; seu rosto estava totalmente aberto naquele esforço de analisar os traços dele.

— Uma pessoa saudável não é tão sensível assim às coisas constrangedoras — repetiu ela. — Afinal, o que tem isso?

Como consequência, Ulrich controlou-se e não quis mais deixar seus pensamentos entregues a um eu parcial. Agora, era novamente o homem de compreensão funcional.

— Tem razão — disse. — Afinal, o que são os fatos enquanto fatos? Dependem do sistema de conceitos através dos quais os encaramos e do sistema pessoal em que são inseridos.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Ágata, desconfiada. Ulrich desculpou-se por aquela maneira abstrata de se expressar, mas enquanto

procurava uma comparação mais fácil, seu ciúme fraterno voltou, e influenciou sua escolha:

— Imaginemos uma mulher que não nos é indiferente, e que é violentada — declarou.— Segundo um sistema conceptual heróico, teríamos de esperar vingança ou suicídio; segundo um sistema cínico-empírico, esperaríamos que ela se livrasse do caso como uma galinha sacudindo as penas; e o que hoje realmente aconteceria seria uma mistura das duas coisas: mas essa incerteza interior é pior do que tudo.

Ágata também não concordou com essa colocação.

— Então isso tudo lhe parece tão horrível assim? — perguntou com simplicidade.

— Não sei. Pareceu-me que é humilhante viver com uma pessoa a quem não se ama.

Mas agora... seja como você quiser!

— Será pior do que uma mulher que quer voltar a se casar antes de três meses depois de seu divórcio ser levada por ordem do Estado a um supervisor médico e ter seu útero examinado para ver se está grávida, por questões do direito de herança? Eu li que isso se faz! — A testa de Ágata parecia arredondar-se na ira da defesa e mostrava novamente aquela pequena ruga vertical entre as sobrancelhas. — E todo mundo supera isso, se tem de ser! — disse, desdenhosa.

— Não digo que não — respondeu Ulrich. — Todos os acontecimentos, quando chegam de verdade, passam como chuva e sol. Provavelmente você é muito mais sensata que eu, encarando isso com tanta naturalidade; mas a natureza de um homem não é natural, ela quer modificar a natureza e, por isso, às vezes é um pouco excêntrica. — O sorriso dele pedia amizade, e seus olhos viam o quanto o rosto dela era jovem. Quando excitado, ficava quase sem rugas, tornava-se ainda mais liso pelo que ocorria atrás, como luva dentro da qual o punho se fecha.

— Nunca pensei nisso tudo de um modo tão geral — respondeu ela. — Mas depois de ouvi-lo, parece-me outra vez que vivi num erro terrível!

— Tudo isso vem — disse o irmão equilibrando com uma brincadeira essa confissão mútua de culpa — porque você já me disse muita coisa espontaneamente, mas ainda não o decisivo. Com posso acertar em cheio, se você não me diz nada sobre esse homem pelo qual, afinal, está deixando Hagauer?

Ágata encarou-o como uma criança ou um estudante ofendido pelo seu professor.

— Mas tem de ser um homem? Não pode vir por si? Fiz algo errado porque fugi sem ter amante? Eu mentiria para você se quisesse dizer que nunca tive nenhum; não quero ser ridícula; mas não tenho nenhum agora, e ficaria

ofendida se você pensasse que preciso de um amante para deixar Hagauer!

Nada restou ao seu irmão além de assegurar que mulheres apaixonadas também largam seus maridos sem amantes, e que na opinião dele isso era até mais digno.

O chá para o qual tinham-se encontrado passara a um jantar irregular e antecipado, porque Ulrich estava exausto e pedira que fosse assim, pois desejava ir cedo para a cama e dormir bastante para o dia seguinte, que traria muita agitação. Fumaram seus cigarros antes de se separarem, e ele não compreendia a irmã. Ela não tinha nada de emancipado nem boêmio, embora estivesse ali sentada, nas calças largas em que recebera aquele irmão desconhecido. Havia nela algo de hermafrodita, pareceu-lhe agora; o traje levemente masculino deixava adivinhar, nos movimentos durante a conversa, as delicadas formas que ocultava com a translucidez de um espelho d'água, e contrastando com pernas livres e independentes, ela trazia o cabelo preso no alto, de maneira muito feminina. O centro dessa impressão ambígua, porém, ainda era o rosto, que possuía em alto grau o encanto da mulher, mas com alguma lacuna e reserva cuja natureza ele não conseguia entender.

E como soubesse tão pouco sobre ela, e convivessem agora com tanta familiaridade, mas, por outro lado, de modo bem diverso do que lidaria com uma mulher para quem fosse um homem, havia também algo muito agradável naquela fadiga à qual também ele começava a se entregar.

“Grande transformação desde ontem!”, pensou.

Sentia-se grato por isso e esforçou-se por dizer na despedida algo bem fraterno para Ágata, mas como isso lhe era inusitado, nada lhe ocorreu. Portanto, apenas a tomou nos braços e a beijou.

3

MANHÃ NUMA CASA ENLUTADA

Na manhã seguinte, Ulrich acordou cedo, e tão rapidamente como um peixe saltando da água; era resultado de sono sem sonhos que consumira totalmente o cansaço do dia anterior. Atravessou a casa procurando algo como desjejum. Ainda não se notava direito o luto, apenas um odor de luto pairando em todos os aposentos: lembrava-lhe uma loja que abriu as venezianas de manhã cedo enquanto na rua ainda não há ninguém. Depois, tirou da mala seu trabalho científico e foi com ele até o escritório do pai. Sentado no meio do aposento, o fogo ardendo na estufa, o lugar parecia mais humano do que na noite anterior: embora um espírito pedante, dado a avaliação tipo por-um-lado e por-outro-lado o tivesse decorado até os bustos de gesso simetricamente dispostos frente a frente no alto das prateleiras, os muitos pequenos objetos pessoais por toda parte — lápis, monóculo, termômetro, um livro aberto,

estojo de penas e coisas assim — conferiam à sala o comovente vazio de uma morada que a vida acabasse de abandonar. Ulrich sentou-se no centro, perto da janela, mas na escrivaninha que formava o ponto de convergência do quarto, e sentiu uma estranha fadiga da vontade. Nas paredes pendiam retratos de seus antepassados, e parte dos móveis ainda era daqueles tempos; quem morara ali formara com a casca daquelas vidas o ovo de sua própria vida: agora morrera, e seus objetos ainda estavam ali, tão nítidos como se tivessem sido esculpidos no espaço, mas a ordem já queria começar a desmoronar, adaptando-se ao sucessor, e sentia-se que a duração maior das coisas começava a renascer, quase invisível, por trás daquela hirta expressão de luto.

Nesse estado de espírito, Ulrich abriu seu trabalho interrompido há semanas, ou meses, e seu olhar recaiu, logo no começo, sobre o local em que havia equações físicas da água, que não conseguira resolver. Lembrava-se vagamente de que pensara em Clarisse quando fizera uma comparação com

os três estados principais da água para mostrar com esse exemplo uma nova possibilidade matemática; e Clarisse desviara o assunto. Mas há uma lembrança que não evoca as palavras e sim a atmosfera em que tudo foi dito, e por isso, de repente Ulrich pensou: “Carbono”... e, quase que a partir de nada, teve a impressão de que, se de momento soubesse em quantos estados o carbono pode aparecer, conseguiria ir adiante; mas nada lhe ocorreu, e em vez disso ele pensou: “O ser humano aparece em duas formas. Homem e mulher.” Pensou nisso bastante tempo, aparentemente imóvel de espanto como se fosse uma descoberta sensacional que o homem vivesse em dois estados distintos e permanentes. Mas, atrás daquela parada de seus pensamentos, escondia-se outro fenômeno. Pois pode-se ser duro, egoísta, esforçado, extrovertido, e de repente, como o mesmo Ulrich Tal-e-Tal, sentir-se ao contrário, recolhido como uma criatura desinteressada e feliz, num estado indescritivelmente sensível, e de alguma forma também despegado de todas as coisas que o rodeassem. E perguntou a si mesmo: “Quanto tempo faz que senti isso pela última vez?” Para sua surpresa, eram pouco mais de vinte e quatro horas. O silêncio que o envolvia era repousante, e o estado de que se recordava não lhe pareceu tão inusitado quanto costumava. “Somos todos organismos”, pensou, apaziguado, “que precisam impor-se uns contra os outros com toda a força e ânsia num mundo hostil. Mas, em companhia de seus inimigos e vítimas, cada qual também é parte e filho deste mundo; talvez nem esteja tão separado e independente deles quanto imagina”.

Isso posto, não lhe pareceu incompreensível que por vezes brotasse no mundo um pressentimento de unidade e amor, quase uma certeza de que a palpável precariedade da vida em condições normais deixa conhecer apenas uma das metades do todo formado pelas criaturas. Isso nada tinha em si que ferisse uma pessoa de sentimentos matemáticos, científicos e exatos: Ulrich até se recordou do trabalho de um psicólogo com quem mantinha ligações pessoais: esse trabalho dizia que há dois grupos grandes e contrários de idéias, dos quais um se estrutura sobre o ser-abrangido pelo conteúdo das experiências, e outro sobre a abrangência, e apresentava a certeza de que este “estar dentro de uma coisa” e “ver alguma coisa de fora”, uma “percepção de côncavo e de convexo”, um “ser espacial e um ser objetual”, repete uma “intelecção” e uma “contemplação” em tantas outras formas contrárias de experiência e suas formas linguísticas, que se deveria

presumir, atrás disso, uma forma dupla primitiva da experiência humana. Não era uma dessas análises severas e objetivas, mas sim daquelas um pouco fantasiosas e precursoras que deviam seu surgimento a um impulso que fica fora dos domínios da atividade científica cotidiana; mas nos fundamentos era sólida, e nas conclusões muito provável, movendo-se em direção de uma secreta unidade de percepção dissimulada atrás de nevoeiros ancestrais, de cujas ruínas mil vezes trocadas, pressupunha Ulrich, poderia finalmente ter nascido o comportamento atual, ordenado imprecisamente segundo o contraste de uma forma de percepção masculina e feminina, misteriosamente sombreada por velhos sonhos.

Nesse ponto, ele procurou — textualmente, como ao descer de uma encosta perigosa se usam corda e ganchos — firmar-se e começar uma nova reflexão:

“As mais antigas tradições da filosofia e, para nós, obscuras e já quase incompreensíveis, muitas vezes falam de um ‘princípio’ masculino e feminino!”, pensou.

“As deusas que havia ao lado dos deuses nas religiões primitivas na verdade já não são atingidas pela nossa sensibilidade”, pensou. “Para nós, a relação com essas mulheres de força sobre-humana seria masoquismo!”

“Mas a natureza”, pensou, “dá ao homem mamilos, e à mulher um rudimento de genitália masculina, sem que disso se devesse concluir que nossos ancestrais foram hermafroditas. Portanto, também não terão sido espiritualmente híbridos. E a dupla possibilidade da visão que dá e que toma terá sido recebida de fora, como um duplo rosto da natureza, e de alguma forma tudo isso é muito mais antigo do que a diferença dos sexos, que mais tarde completaram com isso seu traje espiritual...”

Eram essas as coisas em que pensava, mas em seguida recordou um detalhe de sua infância, e ele o distraiu, porque, coisa que há muito não lhe acontecia, achou agradável recordar. É preciso explicar que antigamente seu pai cavalgava e possuía cavalos de montaria, do que era testemunho ainda hoje o estábulo vazio no muro do jardim que Ulrich vira na chegada. Provavelmente era a única veleidade aristocrática que o pai adotara, em sua admiração pelos amigos feudais, mas Ulrich naquele tempo era um

menininho, e aquela sensação de infinito, pelo menos de imensurável, que um corpo de cavalo alto e musculoso exerce sobre uma criança assombrada voltou agora na sua sensibilidade como uma montanha lendária e terrível recoberta pela pradaria dos pêlos através dos quais os tremores do couro corriam como ondas encrespadas pelo vento.

Era essa, ele percebia agora, uma daquelas recordações cujo brilho nasce da impotência da criança de realizar seus desejos; mas isso diz pouco, comparado com a grandiosidade desse brilho, praticamente sobrenatural, ou com aquele brilho não menos maravilhoso que pouco mais tarde o pequeno Ulrich tocaria com as pontas dos dedos ao procurar o brilho primeiro. Pois naquele tempo havia na cidade cartazes anunciando um circo, mostrando não apenas cavalos mas leões, tigres, e grandes cães magníficos que conviviam amigavelmente com eles; contemplara longamente esses cartazes quando conseguiu obter um desses papéis coloridos e recortar os animais, que apoiou em pequenos suportes de madeira. Mas o que então aconteceu só é comparável com a bebida que não sacia inteiramente a sede por mais que se beba; pois não tinha paradeiro, nem, estendendo-se por semanas a fio, progredia: era um constante ser atraído por aquelas criaturas maravilhosas e admiradas, cuja posse ele ligava, então como agora, à indizível felicidade da criança solitária, assim como sentia que faltava alguma coisa última que nada poderia preencher, e que conferia àquele anseio o brilho desmedido através do corpo.

Com essa lembrança singularmente ilimitada, porém, emergiu naturalmente do esquecimento outra recordação de uma experiência apenas um pouco posterior daquele tempo jovem, tomando posse de seu corpo grande que sonhava de olhos abertos, apesar da sua fragilidade de criança: era a memória de uma menina que só tinha duas qualidades: a de ter de pertencer a ele, e as brigas que por sua causa ele tinha com os outros meninos. E, de ambas, só as brigas eram reais, pois nem existia a tal menina. Época singular, em que, qual cavaleiro andante, saltava no peito de inimigos desconhecidos, de preferência se eram maiores que ele e o encontravam numa estrada solitária e passível de mistério, onde lutava com o adversário surpreso! Isso lhe custara muitas surras, mas por vezes grandes vitórias; porém, não importa o resultado, sempre se sentia frustrado na sua satisfação.

E sua sensibilidade não aceitava a evidência de que as meninas que realmente conhecia fossem criaturas idênticas àquela pela qual lutava, pois como todos os meninos de sua idade ficava todo hirto e tolo em presença feminina; até que um dia acontecera uma exceção. E agora, Ulrich lembrava, tão nitidamente como se a imagem estivesse no fundo de um binóculo que varasse os anos, uma noite em que Ágata estava sendo vestida para uma festa infantil. Usava um vestido de veludo, e seus cabelos fluíam sobre ele como ondas de veludo claro, de modo que, de repente, contemplando-a, embora ele próprio estivesse metido num assustador traje de cavaleiro, sentiu um indizível desejo, semelhante àquele que sentia vendo os animais nos cartazes do circo, de ser menina. Naquele tempo sabia tão pouca coisa sobre homens e mulheres que não considerou isso totalmente impossível, mas sabia o bastante para não fazer como as crianças em geral fazem, tentando forçar imediatamente a realização daquele desejo; em conjunto, buscando expressá-lo hoje, era como se ele tateasse no escuro à procura de uma porta, deparando com algum obstáculo quente como sangue, ou doce e quente, contra o qual ele se apertava e se apertava, e que cedia ternamente a seu desejo de o atravessar, mas sem lhe dar lugar. Talvez também se parecesse com uma espécie inofensiva de paixão vampiresca que sugava para dentro de si o ser desejado; mas aquele homenzinho não queria puxar para si aquela mulherzinha, e sim colocar-se inteiramente no lugar dela, e isso com uma ternura ofuscante, característica de experiências sexuais prematuras.

Ulrich ergueu-se e esticou os braços, espantado com aqueles devaneios. A nem dez passos dele, atrás da parede, jazia o cadáver de seu pai, e ele percebeu que há bastante tempo havia entre os dois um burburinho de gente que parecia subir da terra, pessoas trabalhando naquela casa morta que continuava a viver. Mulheres velhas colocavam tapetes e acendiam novos círios, das escadas vinham marteladas, flores chegavam, o assoalho era encerado, e aquela atividade se aproximava dele, pois anunciaram-lhe pessoas que já estavam acordadas tão cedo porque precisavam saber ou fazer alguma coisa, e a partir dali essa corrente não se interrompeu mais. A Universidade pedia uma informação sobre o enterro, chegou um comprador de velharias perguntando timidamente se havia roupas; um antiquário local apresentou-se com muitas desculpas por ordem de uma firma alemã fazendo uma oferta por uma obra jurídica rara que se supunha pertencer à biblioteca

do falecido, um capelão quis falar com Ulrich por ordem da paróquia por causa de alguma dúvida, um senhor do seguro de vida veio com uma longa explicação, alguém procurava um piano barato, um agente imobiliário entregou seu cartão para o caso de desejarem vender a casa, um funcionário aposentado ofereceu-se para sobrescritar envelopes. Assim, havia constantemente idas e vindas, perguntas e desejos naquelas horas matinais favoráveis, ligações objetivas à morte, exigências orais e escritas de um direito à existência. No portão da casa, o velho criado despachava toda aquela gente da melhor maneira possível, e lá em cima, apesar disso, Ulrich tinha de receber os que conseguiam escapar. Jamais tivera a menor idéia de quantas pessoas aguardam cortesmente a morte de outras e quantos corações se põem a pulsar na hora em que o nosso próprio pára. Ele estava bastante espantado, e viu: um besouro está morto na floresta, e outros besouros, formigas, pássaros e borboletas esvoaçantes aproximam-se dele.

Pois à constância dessa atividade prática legava-se também um bruxulear, um tatarar das sombras de uma floresta profunda. O interesse pessoal espreitava através das vidraças de olhos comovidos, como um lanterna que se deixa acesa em plena luz do dia, quando entrou um cavalheiro de tarja negra sobre o terno negro, um meio-termo entre prova de luto e traje de escritório; o homem parou na porta, parecendo esperar que Ulrich ou ele próprio rompessem em soluços. Mas como nada disso acontecesse, pareceu mesmo assim satisfeito depois de alguns segundos, e entrou inteiramente no aposento; como o teria feito qualquer comerciante comum, apresentou-se como diretor da funerária, que vinha saber se Ulrich estava contente com o que se fizera até ali. Assegurou que também dali em diante tudo seria executado de uma maneira com que até o falecido senhor seu pai teria concordado e, como todos sabiam, não era fácil contentá-lo. Enfiou na mão de Ulrich um papel coberto de muitos textos e quadrados, e forçou-o a ler algumas palavras do contrato padronizado para toda a sorte de categorias de serviço, como: ...parelha de oito e parrelha de dois... carruagem com as coroas... número... arreios à... com um cavaleiro à frente, ajaezado em prata... acompanhamento à... tochas à maneira de Marienburg... à maneira admontesa... número de acompanhantes... tipo de iluminação... duração das tochas... madeira do caixão... plantas ornamentais... Nome, nascimento, sexo, profissão... liberação de qualquer responsabilidade não prevista.

Ulrich não tinha idéia de onde vinham aqueles termos em parte arcaicos: perguntou, o diretor o fitou espantado, e também não soube responder. Estava parado diante de Ulrich como um centro de reflexos do cérebro humano ligando estímulo e ação sem produzir consciência. Aquele negociante da morte, depositário de uma história secular que podia usar como designação de mercadoria, tinha a sensação de que Ulrich soltara um parafuso errado, esforçou-se por apertá-lo de novo com um comentário destinado a reconduzir o assunto para a efetivação da encomenda. Explicou que, infelizmente, todas essas distinções estavam prescritas no contrato-padrão da associação de agentes funerários do Império, mas que não tinha nenhuma importância se não fossem cumpridas, aliás, ninguém o fazia, e se Ulrich assinasse — a senhora sua irmã não quisera fazê-lo no dia anterior sem a presença do senhor seu irmão —, isso significaria simplesmente que o cavaleiro concordava com a ordem dada pelo pai, e não teria nada a reclamar no serviço de primeira classe que seria realizado.

Enquanto Ulrich assinava, perguntou ao homem se já vira na cidade uma daquelas máquinas de fazer linguíça movidas a eletricidade, que tinham no corpo a imagem de São Lucas, padroeiro dos açougueiros; ele próprio as vira certa vez em Bruxelas — mas não esperou a resposta, pois no lugar daquele homem já havia-se postado outro, querendo alguma coisa; era um jornalista pedindo dados para o necrológio do principal jornal da província Ulrich deu as informações e despediu o agente funerário, mas assim que começou a responder a pergunta sobre a coisa mais importante na vida do pai, não soube o que fora importante ou não, e seu visitante teve de ajudá-lo. Só então, com a colaboração do fórceps de uma curiosidade profissional treinada para farejar o que vale a pena saber, a coisa progrediu, e Ulrich teve a impressão de assistir à criação do mundo. O jornalista, um homem moço, perguntou se a morte do ancião ocorrera depois de longo sofrimento ou repentinamente, e quando Ulrich respondeu que seu pai dera suas aulas até a última semana, o outro formulou: em plena atividade e vigor. Depois saltaram as lascas da vida do ancião até sobrarem apenas algumas costelas e nós: nascido em Protiwin em 1844, frequentara tal e tal escola, nomeado para... nomeado em...; com cinco nomeações e distinções, quase se esgotara o essencial. Entrementes, um casamento. Alguns livros. Certa vez quase fora ministro da Justiça; o fracasso se devera à objeção de algum partido. O

jornalista escrevia, Ulrich conferiu tudo, estava correto. O jornalista ficou satisfeito, tinha a quantidade necessária de linhas. Ulrich estava assombrado com o montinho de cinzas que sobra de uma vida. Para todas as informações recebidas, o jornalista trouxera fórmulas de seis ou oito parênteses: grande erudito, aberto ao mundo, político cauteloso mas criativo, talento universal e assim por diante; há muito não devia ter morrido ninguém, as palavras não tinham sido empregadas por longo tempo e estavam famintas de uso. Ulrich refletiu; teria gostado de dizer ainda algo de bom sobre seu pai, mas o cronista, que agora guardava lápis e papel, já perguntara as coisas devidas, e o resto era como se se quisesse pegar na mão, sem copo, o conteúdo de um copo d'água.

O ir-e-vir diminuía, pois no dia anterior Ágata mandara todas as pessoas procurarem o irmão, e esse dilúvio acabara; Ulrich ficou sozinho quando o repórter se despediu. Alguma coisa o deixara amargurado. Seu pai não tivera razão arrastando os sacos do saber e revolvendo um pouco a montanha de grãos do saber, submetendo-se simplesmente a uma vida que acreditava ser poderosa? Pensou em seu trabalho, intocado na escrivaninha. Provavelmente dele nem ao menos se poderia dizer, um dia, como de seu pai, que fora um esquadrinhador. Ulrich entrou no pequeno aposento onde se velava o morto. Aquela cela hirta de paredes retas no meio de toda a agitação que dela provinha era fantasticamente sinistra; o morto boiava duro como um pedaço de pau entre as torrentes de atividade, mas, por instantes, aquele quadro podia mudar, e o que era vivo parecia hirta, enquanto o morto deslizava num movimento lúgubre e calmo.

— De que interessam ao viajante — disse ele — as cidades que vão ficando atrás nos ancoradouros: eu morei aqui e me portei como exigiam, mas agora, parto outra vez!

A insegurança do ser humano que, vivendo entre outros, deseja algo diferente deles, oprimia o coração de Ulrich: olhava o rosto do pai. Talvez tudo o que julgasse sua singularidade pessoal não fosse senão uma contradição dependente daquele rosto, adquirida infantilmente alguma vez? Procurou um espelho, mas não havia nenhum, e nada naquele rosto cego refletia luz. Ele o pesquisou, procurando semelhanças. Talvez houvesse. Talvez ali estivesse tudo, a raça, a ligação, o não-pessoal, a torrente da hereditariedade da qual somos apenas um pequeno arrepiado, a limitação, o desencorajamento, o eterno repetir-se e girar em círculo do espírito, que

odiava do fundo de sua vontade de viver!

Subitamente contagiado por aquele desencorajamento, refletiu se não deveria fazer as malas e viajar ainda antes do enterro. Se realmente ainda podia fazer alguma coisa na vida, o que fazia ali?

Mas quando saiu pela porta, chocou-se na sala ao lado com a irmã que vinha à sua procura.

4

“AH, EU TIVE UM COMPANHEIRO”

Pela primeira vez Ulrich a via vestida de mulher, e depois da impressão do dia anterior pareceu-lhe que agora estava fantasiada. Uma luz artificial entrava pela porta aberta naquele cinza trêmulo do começo da manhã, e a aparição negra de cabelo louro parecia pairar numa gruta de ar pela qual jorrasse um brilho radiante. O cabelo de Ágata estava mais ajustado à cabeça e com isso seu rosto parecia mais feminino do que no dia anterior, o delicado peito de mulher acomodava-se no negror do vestido severo com aquele perfeito equilíbrio entre resistência e maciez próprio da dureza levíssima de uma pérola, e sobre as esguias, longas pernas, parecidas com as dele, que vira ontem, saias haviam-se baixado. E como aquela aparição de hoje fosse, no conjunto, diferente dele, notou a semelhança dos dois rostos. Parecia que era ele próprio quem entrava pela porta e se dirigia ao seu encontro: apenas mais belo e imerso num brilho que ele jamais vira em si mesmo. Pela primeira vez pensou que sua irmã era uma repetição e transfiguração onírica de si próprio; mas, como essa impressão durasse apenas um instante, logo a esqueceu.

Ágata viera para lembrar pressurosamente o irmão dos deveres que ela quase esquecera, pois dormira demais: trazia o testamento nas mãos e chamou sua atenção para determinações urgentes. Especialmente uma ordem um tanto complicada sobre as condecorações do ancião, de que também o criado Franz estava informado, e Ágata sublinhara em vermelho aquele trecho, zelosa mas um tanto ímpia. O morto queria ser enterrado com elas, e não possuía poucas, mas, como não fazia isso por vaidade, havia anexa uma profunda justificação; a filha lera apenas o começo, e deixara ao irmão explicar- lhe o resto.

— Como é que posso explicar! — disse Ulrich, depois de verificar o que era. — Papai quer ser enterrado com suas condecorações porque considera errada a teoria individualista do Estado! Recomenda-nos a universalista. O

ser humano só recebe através da comunidade criadora do Estado uma finalidade suprapessoal, sua bondade e justiça; sozinho, nada é; por isso, o monarca é um símbolo espiritual: em suma, quando morre, o homem precisa por assim dizer enrolar-se em suas condecorações, assim como se enrola um marinheiro morto na bandeira, ao jogá-lo no mar!

— Mas eu li que as condecorações têm de ser devolvidas? — perguntou Ágata.

— As condecorações devem ser devolvidas pelos herdeiros à Chancelaria Imperial. Por isso, papai mandou fazer duplicatas. Mas parece que não considera adequadas as que comprou no joalheiro, e quer que só façamos a troca em seu peito quando se fechar o caixão: essa é a dificuldade. Quem sabe, talvez seja um protesto mudo contra essa prescrição, e ele só o quis fazer assim!

— Já haverá cem pessoas aqui a essa hora, e nós vamos acabar esquecendo!
— receou Ágata.

— Mas podemos fazer isso logo!

Não temos tempo; você precisa ler o que ele escreve sobre o Professor Schwung: este pode chegar a qualquer momento, esperei por ele o dia inteiro ontem!

— Pois então fazemos a troca depois da visita do Schwung!

— E tão desagradável não cumprir o desejo dele — objetou Ágata.

— Ele não sabe mais disso. Ela o fitou, duvidando:

— Tem certeza?

— Ora! — exclamou Ulrich, rindo. — Será que você não tem?

— Não tenho certeza de nada — respondeu Ágata.

— E ainda que não fosse certo: ele de qualquer modo nunca esteve satisfeito conosco!

— É verdade — disse Ágata. — Então vamos fazer a troca mais tarde. Mas diga-me uma coisa — acrescentou. — Você nunca se importa com o que as pessoas lhe pedem?

Ulrich hesitou:

“Ela sabe o que faz”, pensou. “Eu não precisava me preocupar inutilmente,

pensando que talvez fosse provinciana!” Mas como a essas palavras se ligasse de alguma forma toda a noite passada, quis dar uma resposta sólida e que contentasse; mas não soube como começar, para que não o interpretasse mal, e disse num indesejado tom jovial:

— Não é só o pai que está morto, mas todo esse cerimonial que o rodeia também morreu. Seu testamento está morto. As pessoas que vêm aqui estão mortas. Não quero dizer nada de mal com isso; Deus sabe como talvez se deva agradecer às criaturas que colaboram para a solidez desta terra, mas tudo isso faz parte do cal da vida, não do mar! — Notou um olhar indeciso da irmã, e sentiu que falava coisas obscuras. — As virtudes da sociedade são pecados para os santos — completou, rindo.

E colocou os braços nos ombros dela, condescendente ou animado, apenas por estar encabulado. Mas Ágata afastou-se, séria, e não entrou no jogo.

— Foi você quem inventou isso? — perguntou.

— Não, quem disse isso foi um homem de quem gosto muito.

Ela mostrava algo de um amuo de criança que tem de se atormentar com reflexões, quando reuniu numa frase as respostas de Ulrich:

— Então você não chamaria de bom um homem que é honesto por hábito? Mas um ladrão que rouba pela primeira vez, com o coração quase lhe saltando do peito, a esse você chamaria bom?

Ulrich espantou-se com essas palavras singulares, e ficou mais sério:

— Realmente, não sei — disse lacônico. — Eu próprio não costumo me interessar muito pelo fato de uma coisa ser boa ou ruim, mas não lhe posso dar nenhuma regra segundo a qual nos guiarmos.

Ágata desviou lentamente dele o olhar perquiridor e retomou o testamento:

— Temos de continuar a leitura, há mais uma coisa sublinhada! — exortou-se a si mesma.

Antes de ficar definitivamente acamado, o ancião escrevera uma série de cartas, e em seu testamento dava explicações quanto à sua compreensão e envio. O que estava especialmente sublinhado referia-se ao Professor Schwung, aquele velho colega que tanto enchera de fel o último ano de vida do pai dos dois irmãos, com sua luta pelo parágrafo sobre a

responsabilidade reduzida, e isso depois de terem sido amigos por uma vida inteira. Ulrich reconheceu imediatamente as notórias e longas disputas sobre conceito e vontade, rigor da lei e indeterminação da natureza, de que seu pai ainda lhe fizera uma exposição resumida antes de partir, e nada parecia ter ocupado mais o velho nos últimos dias do que a denúncia da escola social, à qual se havia ligado, como emanção do espírito prussiano. Ele começara a trabalhar numa brochura que levaria o título: “Estado e Direito ou Coerência e Denúncia”, quando se sentira fraquejar, vendo, amargurado, o adversário tornar-se dono do campo. Em palavras solenes que só a proximidade da morte e a luta pelo sagrado bem da reputação concedem, ele exortava seus filhos a não deixarem deteriorar-se sua obra, e pedia especialmente ao filho que utilizasse suas relações com círculos importantes, devidas às perorações incansáveis do pai, para aniquilar completamente as esperanças do Professor Schwung quanto à realização de seus esforços.

Quando se escreveu algo assim, não é impossível que, depois da obra feita, ou pelo menos prevista, se sinta necessidade de perdoar um antigo amigo dos erros causados pela vaidade vulgar. Quando se sofre muito, ainda em vida sentindo no corpo como se vai descosturando o casulo terreno, tendemos a perdoar e pedir perdão; havendo melhoras, volta-se atrás, pois o corpo saudável tem por natureza algo de irreconciliável: o ancião devia ter sentido as duas coisas nas alternâncias de seu estado de saúde antes da morte, e uma devia ter-lhe parecido tão justa quanto a outra. Mas uma situação dessas é incontrolável para um respeitado jurista, de modo que, com sua lógica treinada, descobrira um meio de fazer valer sua vontade, como última vontade, sem influências perniciosas: escreveu uma carta de perdão, mas não a assinou nem datou, ordenando que Ulrich colocasse como data a hora da sua morte, assinando juntamente com a irmã como testemunhas da sua vontade, como sói acontecer num testamento oral que o moribundo não tem mais forças de assinar.

Na verdade, sem querer se dar conta disso, aquele velhinho era um excêntrico velado, que se submetera às hierarquias da vida e as defendera com zelo, mas escondia toda a sorte de revoltas que não pudera manifestar no tipo de vida escolhido. Ulrich pensou na participação de falecimento que recebera e que provavelmente tinha sido determinada nas mesmas

condições; sim, quase sentia um parentesco com tudo aquilo, desta vez não irado, e sim compadecido, pois, diante dessa fome de expressão, compreendia o ódio do velho pelo filho que facilitara a própria vida com toda sorte de liberdades indevidas. Porque assim sempre parecem aos pais as soluções de vida dos filhos, e Ulrich sentiu respeito ao pensar no irresolvido que havia em si próprio. Mas não teve mais tempo de dar-lhe uma forma justa e compreensível para Ágata: mal começara, quando, com grande ímpeto uma pessoa precipitou-se para dentro, carregada pela penumbra da sala, arrastada pelo próprio movimento até o círculo de claridade dos círios; lá, com um gesto amplo, pôs a mão diante dos olhos, a um passo do catafalco, antes que o criado do morto, surpreso, pudesse correr atrás anunciando a visita; não é à toa que *Schwung* em alemão quer dizer ímpeto.

— Prezado amigo! — exclamou o visitante com voz embargada, e o velhinho jazia ali, de maxilares apertados, diante de seu inimigo.

— Jovens amigos: a majestade do céu estrelado sobre nós, a majestade da lei moral dentro de nós! — prosseguiu este, olhando seu companheiro de Faculdade com olhos enlutados. — Nesse peito agora frio morou a majestade da lei moral! — Só depois virou-se e apertou as mãos dos irmãos.

Mas Ulrich aproveitou essa primeira oportunidade para livrar-se do seu encargo.

— O Senhor Conselheiro e meu pai infelizmente foram adversários nos últimos tempos? — disse, tateando.

A impressão era de que o velho de barba branca precisava recordar-se disso com certo esforço:

— Diferenças de opinião que nem vale a pena comentar — respondeu generosamente, contemplando o morto com afeto. Mas como Ulrich insistisse, deixando transparecer que se tratava de uma Última Vontade, a situação tornou-se subitamente tensa na sala, como numa espelunca quando todos sabem: agora alguém puxou o punhal debaixo da mesa, e vai atacar num instante. Portanto, o velho, mesmo morrendo, conseguira causar mais um aborrecimento ao seu colega Schwung. Naturalmente uma tal inimizade antiga há muito não era mais um sentimento, mas um hábito de pensamento;

se nada voltasse a avivar da hostilidade, ela nem mais existiria, e todo o conteúdo concentrado de incontáveis e desagradáveis fatos passados assumiria a forma de um recíproco juízo depreciativo, tão independente do ir-e-vir das emoções quanto uma verdade imparcial. O Professor Schwung sentia a mesma coisa que seu inimigo, agora morto, sentira; pareceu-lhe inteiramente supérfluo e infantil perdoar, pois aquela emoção condescendente antes do fim, ainda por cima mero sentimento e não retratação científica, naturalmente não tinha nenhum poder de comprovação ante uma disputa de muitos anos, e, segundo pensava Schwung, servia apenas, muito despididamente, para fazer parecer injusta sua vitória.

Naturalmente era coisa bem diversa o Professor Schwung ter necessidade de despedir-se do amigo morto. Meu Deus, conheciam-se desde quando eram meros professores assistentes, ainda solteiros! Você se lembra de como brindamos ao sol crepuscular no Burggarten discutindo Hegel? Quantos sóis devem ter-se posto desde então, mas lembro particularmente aquele! E você recorda nossa primeira disputa científica, que, já então, quase nos fez inimigos? Como foi bonito! Agora, você está morto, e eu para minha alegria ainda estou de pé, embora diante do seu caixão! Sabemos que são essas as emoções dos idosos diante da morte de pessoas da mesma idade. Quando chegamos à idade do gelo, a poesia irrompe. Muitas pessoas que desde os dezessete anos não faziam mais poesias escrevem de repente um poema ao elaborar seu testamento aos setenta e sete. Assim como no Juízo Final os mortos serão chamados individualmente pelos nomes — embora repousem no fundo do tempo com seus séculos, como cargas de navios naufragados! —, no testamento as coisas são chamadas com seus nomes e recuperam a personalidade gasta durante o muito uso. “O tapete Buchará com o furo do charuto, que está no meu escritório”, diziam esses manuscritos, ou “o guarda-chuva com o cabo de chifre de rinoceronte, que comprei na Sonnenschein & Winter em 1887”; até os pacotes de ações são interpelados e nomeados segundo seus números.

Não é acaso que, com esse último clarão de todos os objetos, nasça também o anseio de ligar a eles uma moral, uma exortação, uma bênção, uma lei, para evocar ainda mais uma vez, com uma fórmula poderosa, essa multiplicidade que emerge antes do fim. Com a poesia do nosso testamento, desperta por isso também a filosofia, em geral velha e empoeirada, depois de ter ficado esquecida por cinquenta anos. De repente, Ulrich entendeu que

nenhum daqueles dois velhos poderia ter cedido. “A vida que faça o que quiser desde que os princípios permaneçam inatacados!” é uma necessidade bem sensata, quando se sabe que em poucos meses, ou anos, nossos princípios sobreviverão a nós. Via-se nitidamente que os dois impulsos ainda se digladiavam no velho Conselheiro: seu romantismo, sua juventude, sua poesia, exigiam um grande, belo gesto, e uma palavra nobre; sua filosofia, porém, exigia por outro lado que expressasse a intangibilidade da lei da razão apesar de súbitos lampejos emocionais e passageiras fraquezas de ânimo, que seu inimigo morto lhe preparara como armadilha. Há dois dias Schwung vinha imaginando: ele está morto, e o conceito schwungiano da responsabilidade reduzida não encontrará mais obstáculo algum; portanto, sua emoção jorrara em grandes ondas sobre o velho amigo, e, como um plano de mobilização cuidadosamente elaborado, que precisava apenas de um sinal para se concretizar, ele imaginara aquela cena de despedida. Mas tudo acabara dando errado, e o efeito fora revelador. Schwung começara com emoção poderosa, mas agora era como quando alguém fica lúcido no meio de um poema e não consegue mais lembrar os últimos versos. Assim defrontavam-se a barbicha branca e as brancas barbas, ambas com os maxilares implacavelmente ferrados.

“O que será que ele vai fazer?”, pensou Ulrich, contemplando tenso aquela cena. Por fim, o Conselheiro Schwung, com a feliz certeza de que agora o § 318 do Código Penal seria interpretado segundo a sua sugestão, venceu a indignação e, livre dos maus pensamentos, teria gostado de entoar a canção “Ah, eu tive um companheiro”, para expressar seu único sentimento, agora bondoso. Mas como não pudesse fazer isso, virou-se para Ulrich e disse:

— Acredite, jovem filho de meu amigo, é a crise moral que lidera; a decadência social vem logo depois!

Em seguida, dirigiu-se a Ágata, e prosseguiu:

— Essa foi a grandeza do senhor seu pai, estar sempre disposto a ajudar uma concepção idealista a impor-se nos fundamentos do Direito! — Pegou a mão de Ágata e a de Ulrich, sacudiu-as e exclamou: — Seu pai dava importância exagerada a pequenas diferenças de opinião inevitáveis entre pessoas que trabalham juntas longo tempo. Sempre estive convencido de que ele precisava fazer isso para não ter de censurar seu senso de justiça.

Amanhã, muitos professores se despedirão dele, mas nenhum se iguala a seu pai!

Assim, aquela cena terminou em tom de reconciliação, e, ao sair, Schwung ainda insistiu com Ulrich para que contasse com os amigos do pai caso se decidisse por uma carreira acadêmica.

Ágata escutara de olhos arregalados, contemplando a sinistra forma final que a vida confere ao ser humano. Mais tarde disse ao irmão:

— Aquilo parecia uma floresta de árvores de gesso! Ulrich sorriu e respondeu:

— Eu fiquei tão sentimental como um cão em noite de luar!

5

ELES AGEM MAL

— Você se lembra — perguntou Ágata algum tempo depois — de como, quando eu ainda era bem pequena, você, brincando com outros meninos, caiu um dia até os quadris na água, e quis esconder isso, sentou-se à mesa com a parte de cima seca, mas os dentes batiam e, assim, acabaram descobrindo a parte inferior encharcada?

Quando Ulrich voltava para casa nas férias do Instituto, o que por longo tempo só sucedera aquela única vez —, e quando aquele cadáver pequeno e murcho fora um

homem quase onipotente para os dois irmãos, não raro Ulrich não queria reconhecer algum erro, e teimava em não se arrepender, embora não conseguisse negar sua falta. Dessa forma, naquela ocasião, acabara com uma febre muito alta, e fora rapidamente levado para a cama.

— E só ganhou sopa para comer! — acrescentou Ágata.

— Certo! — confirmou o irmão, sorrindo. A lembrança de que fora punido, algo que nem lhe interessava mais, foi naquele momento como ver seus sapatinhos de criança no chão, que também não lhe interessavam mais.

— Já por causa da febre, você só podia comer mesmo sopa — repetiu Ágata — mas mesmo assim isso também lhe foi imposto como castigo!

— Certo! — confirmou Ulrich mais uma vez. — Mas naturalmente não foi por maldade, e sim para cumprir o chamado dever. — Ele não sabia o que a irmã estava pretendendo. Ele próprio ainda via apenas os sapatinhos de criança. Não os via; via-os apenas como se os estivesse enxergando. Sentia igualmente as mágoas que agora não eram mais as suas, de adulto. Pensou: “Nesse ‘não me interessa mais’ expressa-se de alguma forma o fato de que em nenhuma fase da vida somos realmente nós mesmos!”

— Mas você não teria podido comer nada além de sopa! — repetiu Ágata, e acrescentou: — Acho que a vida toda tive medo de ser talvez a única pessoa a não entender uma coisa dessas!

As lembranças de duas pessoas que falam de um passado comum conseguem não apenas completar-se mas também diluir-se antes mesmo de serem pronunciadas? Nesse momento, aconteceu algo semelhante! Um estado comum aos dois surpreendeu, sim, perturbou os irmãos como mãos que surgem debaixo de mantos em lugares inusitados e que se agarram uma à outra inesperadamente. Cada um, de repente, sabia do passado mais do que pensara saber, e Ulrich sentiu novamente a claridade da lampadazinha fraca que outrora subia pelas paredes, como agora, na sala onde estavam, acontecia com a luz das velas; então o pai viera, atravessara a cunha de luz do abajur de mesa, e sentara-se junto de sua cama. “Se tua consciência dos efeitos do teu ato estava consideravelmente limitada, pode ser vista a uma luz mais branda, mas para isso tens de reconhecê-lo primeiro.” Talvez fossem palavras do testamento ou das cartas sobre o § 318, entrando pela sua memória. Normalmente, ele não tinha memória para detalhes nem para palavras; por isso, era bem inusitado de repente frases inteiras aparecerem na sua lembrança, e aquilo se ligava à presença da irmã ali perto, como se fosse sua proximidade a causadora daquela mudança.

— Se você teve a força de escolher por si só uma maldade, independente de qualquer necessidade, então tem de reconhecer que agiu de maneira culposa! — prosseguiu ele, e afirmou: — Ele também deve ter falado assim com você!

— Talvez não fosse exatamente assim — disse Ágata. — Comigo, normalmente ele levava em consideração minha “tendência interior para desculpas condicionadas”. Sempre me censurou dizendo que uma vontade ligada ao pensamento não é ação instintiva.

— É a vontade — citou Ulrich — que, com a evolução da razão e do entendimento, tem de submeter a si o desejo, e igualmente o instinto, na forma de reflexão e da decisão subsequente!

— É verdade? — perguntou a irmã.

— Por que pergunta?

— Provavelmente porque sou burra.

— Você não é burra.

— Sempre tive dificuldade em aprender, e nunca entendia direito as coisas.

— Isso não prova nada.

— Pois então provavelmente eu sou ruim, porque não assimilo aquilo que entendo.

Estavam parados, recostados à moldura da porta que levava à sala ao lado, e que ficara aberta depois da saída do Professor Schwung; um diante do outro, e bem próximos; a luz do dia e a luz dos círios brincavam em seus rostos, suas vozes se entrelaçavam como num responsório. Ulrich continuava tecendo suas frases, que os lábios de Ágata seguiam, indiferentes. O velho tormento das exortações, que constava em forçar na terna e incompreensiva mente infantil uma ordem dura e alheia, divertia-os, e brincavam com isso.

E de repente, sem ter sido diretamente estimulada pelos acontecimentos, Ágata exclamou:

— Imagine só tudo isso estendido a todas as coisas, e você terá Gottlieb Hagauer! — E começou, como menina de colégio, a imitar o marido: — “Mas você realmente não sabe que *Lamium album* é urtiga morta?” — “E como vamos progredir se não for devolvendo às mãos de um líder leal o mesmo laborioso curso da indução que trouxe a raça humana num trabalho penoso de muitos milênios, passo a passo, com muitos enganos, ao atual estado de compreensão das coisas?” — “Mas, minha cara Ágata, você não consegue entender que o pensamento também é uma tarefa moral? Concentrar-se significa uma superação constante do próprio comodismo.” — “E disciplina intelectual significa aquela disciplina do espírito através da qual o ser humano entra cada vez mais na condição de elaborar sequências de idéias sob dúvida constante diante das próprias inspirações, de maneira sensata, isto é, por silogismos incontestáveis, por cadeias de silogismos e silogismos em cadeia, por induções ou deduções, e submeter o julgamento assim obtido à verificação, até que todos os pensamentos se adaptem uns aos outros!”

Ulrich estava espantado com a memória da irmã. Parecia divertir Ágata

imensamente repetir aquelas frases de mestre-escola que ela adquirira sabe Deus como, talvez de um livro, recitando-as de maneira impecável. Ela afirmava que era Hagauer quem falava assim.

Ulrich não acreditou.

— Como você poderia ter guardado frases tão compridas e complexas, apenas de conversa?

— Elas se imprimiram em mim — disse Ágata. — Eu sou assim.

— Mas você sabe o que é uma dedução, ou uma verificação?

— Nem idéia! — disse Ágata, rindo. — Talvez ele também só tenha lido isso em alguma parte. Mas é assim que ele fala. E aprendi tudo de cor de tanto ouvir, como uma cadeia de palavras sem sentido. Acho que foi de raiva, porque ele fala assim. Você é diferente de mim: em mim as coisas permanecem porque não sei o que fazer com elas... essa é a minha boa memória. Por ser burra, tenho uma memória incrível! — Ela agia como se nisso houvesse alguma triste verdade que tinha de rejeitar para continuar naquele entusiasmo: — Hagauer é assim até quando joga tênis: “Se ao aprender tênis pela primeira vez dou intencionalmente uma determinada posição à minha raquete, para conferir determinada direção à bola cujo vôo até ali

me contentou, estou interferindo no curso de um processo: estou fazendo experiências!”

— Ele joga bem tênis?

— Eu ganho dele, seis a zero. Os dois riram.

— Sabe — disse Ulrich — que, com tudo isso que você o faz dizer, Hagauer tem bastante razão? Só que ele é engraçado.

— Pode ser que ele tenha razão — retrucou Ágata —, disso eu não entendo. Mas uma vez, sabe, um rapazinho do colégio dele traduziu assim, textualmente, uma passagem de Shakespeare:

“Covardes muitas vezes morrem antes de sua morte;

Os bravos não saboreiam a morte senão uma vez.

De todos os milagres de que ouvi falar,

Muito estranho me parece que se tenha medo Vendo que a morte, fim necessário,
Há de vir quando quiser vir.” Mas ele corrigiu, e eu mesma vi o caderno do menino:

“O covarde morre muitas vezes antes de morrer!

Os bravos saboreiam a morte uma vez só.

De todos os milagres que ouvi,

Parece-me o maior...” e assim por diante, como se fosse a tradução de Schlegel! E sei mais um trecho desses, acho que é do Píndaro, e diz: “A lei da Natureza, rei de todos os mortais e imortais, reina com mão onipotente, aprovando a maior violência!” E depois ele deu a “última polida”: “A lei da Natureza, que impera sobre todos os mortais e imortais, governa com mão onipotente, também aprovando a violência.”

— Mas não era bonito — perguntou ela — que o menino do colégio, com o qual ele não estava satisfeito, tivesse traduzido as palavras tão textualmente, tão horripilantes como as encontrara ali, como um monte de pedras desmoronadas? — E repetiu: — “Covardes morrem muitas vezes antes de sua morte / Os bravos não saboreiam a morte senão uma vez / De todos os milagres de que ouvi falar / Muito estranho me parece que se tenha medo / Vendo que a morte, fim necessário / Há de vir quando quiser vir”...!!!

Ela enlaçara a moldura da porta com a mão como se fosse um tronco de árvore, e exclamava aqueles versos toscos com tamanho ímpeto e beleza, do jeito que eles eram, sem se importar com o fato de que havia um infeliz murcho jazendo sob seus olhos que refletiam a altivez da juventude.

Ulrich fitava a irmã, testa franzida.

“Uma pessoa que não ajeita um velho poema, mas o deixa na deterioração de seu sentido meio destruído, é como alguém que jamais colocaria, numa estátua antiga à qual falta o nariz, um nariz de mármore novo”, pensou. “Pode-se chamar a isso de sentimento de estilo, mas não é. E também não é que a fantasia da pessoa seja tão viva a ponto de não lhe perturbar que falte um pedaço. Antes disso, trata-se de alguém que não dá nenhum valor à perfeição e, por isso, não exigirá de suas próprias sensações que sejam inteiras.” E numa súbita mudança de curso, pensou: “Ela deve ter beijado sem que desabasse logo de corpo inteiro!” Naquele momento pareceu-lhe

que nada precisava saber de sua irmã exceto aqueles versos apaixonados, para concluir que ela jamais estaria “inteiramente dentro” de alguma coisa, que também ela era um ser de “apaixonada obra imperfeita”, como ele.

Com isso, até esqueceu a outra metade do seu ser, que pedia comedimento e domínio. Teria podido dizer com toda a segurança à irmã que nenhuma de suas ações combinava com seu ambiente imediato, mas que todas dependiam de um ambiente mais amplo e altamente duvidoso, onde nada começa e nada tem limites, e as contraditórias impressões da primeira noite teriam encontrado uma explicação favorável. Mas a reserva à qual se habituara foi mais forte, e ele esperou, curioso, não sem algumas dúvidas, para ver como Ágata desceria daquele alto galho em que subira. Ainda estava ali parada com o braço erguido envolvendo o caixilho da porta, e um instante a mais teria destruído toda a cena. Ele desprezava mulheres que se portam como se tivessem sido postas no mundo por um pintor ou encenador, ou que, depois de uma excitação como a de Ágata, acabam num *piano* artificial. “Talvez”, refletiu ele, “ela se deixe deslizar de sua altura de repente com alguma expressão meio tola e sonâmbula, como a de um médium ao despertar; não lhe restará outra coisa a fazer, e será muito penoso!” Mas Ágata parecia também saber disso, ou lera no olhar do irmão o perigo que a ameaçava: saltou alegremente das alturas onde se encontrava, caindo sobre os dois pés, e botando a língua para Ulrich!

Mas depois ficou séria e calada, não disse mais nada, e foi apanhar as condecorações.

Assim, os irmãos trataram de ir de encontro à última vontade do pai.

Ágata executou tudo. Ulrich não se sentia à vontade para tocar aquele velho desamparado que ali jazia, mas Ágata tinha uma maneira de agir mal que não deixava ninguém pensar em má ação. Os movimentos de seu olhar e mãos pareciam os de uma mulher cuidando de um enfermo, e por vezes também tinham o jeito comovente e original de jovens animais que interrompem seu brinquedo para se certificar de que seu dono está vendo.

Este recebia as condecorações que iam sendo retiradas, lhe entregava as peças de substituição. Lembrava-se do ladrão com o coração saltando no peito. Tinha a impressão de que as estrelas e cruzeiros brilhavam mais vivamente nas mãos de sua irmã do que nas suas, tornando-se quase objetos

mágicos, e isso talvez fosse verdade naquele aposento negro e verde, repleto dos muitos reflexos de grandes folhagens, mas também podia dever-se ao fato de que sentia a vontade hesitante mas dominadora da irmã, tocando jovialmente a sua própria; e como não se notasse nisso intenção alguma, surgiu novamente naqueles momentos de puro contato uma sensação quase que pontual e portanto fortíssima da existência de ambos.

Então, Ágata interrompeu sua lida, acabara. Mas ainda faltava qualquer coisa, e depois de uma pequena pausa de reflexão, ela disse sorrindo:

— Quem sabe cada um de nós escreve uma coisa bonita num bilhete, e metemos no bolso dele?

Desta vez, Ulrich logo soube a que ela se referia, pois não havia muitas dessas memórias comuns; lembrou que em certa idade ela tivera grande predileção por versos e histórias tristes, em que alguém morria e era esquecido por todos. Talvez isso se devesse ao abandono de sua infância, e muitas vezes inventavam juntos alguma história; mas, já então, Ágata tendia a concretizar tais histórias, enquanto Ulrich apenas liderava nas empresas mais masculinas, audaciosas e cruéis. Por isso, a decisão que certa vez tomaram de cortarem cada um uma unha e a enterrarem no jardim viera de Ágata, e ela ainda juntara às unhas uma pequena mecha de seus cabelos louros.

Ulrich declarara, orgulhoso, que em cem anos talvez alguém encontrasse aquilo e se perguntasse, espantado, quem teria sido, e estava influenciado pela intenção de chegar à posteridade; mas a pequena Ágata interessava-se mais pelo ato de enterrar os objetos e tinha a sensação de estar ocultando um pedaço de si mesma, subtraindo-o permanentemente à vigilância de um mundo cujas exigências pedagógicas a inibiam, sem que as valorizasse muito. E como naquele tempo se tivesse construído no jardim a pequena moradia dos criados, combinaram fazer algo insólito. Queriam escrever versos maravilhosos em dois bilhetes, acrescentando seus nomes, para que tudo fosse cimentado junto com a casa: mas quando começaram a escrever os versos, que deveriam ser especialmente bonitos, não lhes ocorreu nada, dia após dia, e as paredes já se erguiam sobre os alicerces. Então, por fim, quando a hora chegava, Ágata copiou uma frase de seu livro de aritmética, e Ulrich escreveu: “Eu sou...”, e depois seu nome. Apesar disso, os dois

sentiram o coração bater terrivelmente, quando se esgueiravam no jardim perto dos dois pedreiros que trabalhavam, e Ágata simplesmente jogou seu bilhete no buraco e saiu correndo. Mas Ulrich, que, como era maior, e homem, naturalmente sentia mais medo ainda de ser interpelado pelos pedreiros, que haveriam de indagar, espantados, o que queria ali, não conseguira mexer braços nem pernas, de tanto nervosismo; de modo que Ágata, mais corajosa agora porque nada lhe acontecera, finalmente voltou levando também o bilhete dele. Dessa vez fingiu estar fazendo algum passeio inocente; vira na extremidade da parede um tijolo que acabava de ser colocado; levantou-o e enfiou o nome de Ulrich na parede antes que alguém pudesse mandá-la embora; enquanto isso, Ulrich a seguia, hesitante, e no momento daquela ação sentiu a inibição terrível transformar-se numa roda com lâminas afiadas girando tão depressa em seu peito que no momento seguinte passava a ser um sol espirrando faíscas, como um fogo de artifício.

Fora nisso que Ágata pensara, e Ulrich nada respondeu, apenas sorriu, rejeitando a idéia, pois repetir aquela brincadeira com um morto lhe parecia proibido.

Mas Ágata já se abaixara, retirando da perna uma larga liga de seda que usava para aliviar a cinta das meias; levantou a mortalha luxuosa e colocou a liga no bolso do pai.

E Ulrich? No primeiro momento, ele nem acreditou no que via, diante daquela lembrança ressuscitada. Em seguida, quase saltou para junto do caixão a fim de impedir a irmã; simplesmente porque era tão contra toda a ordem. Mas depois, percebeu nos olhos dela um cintilar de puro orvalho da madrugada no qual ainda não caiu nenhuma impureza do dia, e isso o deteve.

— O que você está fazendo? — disse baixinho, censurando. Não sabia se ela pensava em apaziguar o morto por lhe ter acontecido injustiça, ou se desejava lhe dar alguma coisa boa, por ele próprio ter cometido tantas injustiças: podia ter indagado, mas a idéia bárbara de colocar junto àquele morto congelado uma liga de meias ainda quente da perna de sua filha fechava-lhe a garganta e perturbava enormemente suas idéias.

6

POR FIM, O ANCIÃO PODERÁ DESCANSAR

O breve tempo que ainda faltava para o enterro fora preenchido com incontáveis pequenas tarefas inusitadas, e passara depressa, e por fim, a chegada dos visitantes, que corria como um fio negro através de todas as horas, se tornara, na última meia hora antes da partida do morto, um festival negro. Os agentes funerários tinham martelado e raspado ainda mais que antes — com a gravidade de um cirurgião a quem confiamos nossas vidas e que daí por diante não nos permite mais qualquer intromissão —, e tinham instalado em todo aquele cotidiano intocado do restante das peças da casa uma vereda de sentimentos solenes que levava do portão, pela escada, até a sala funerária.

As flores e folhagens, panos pretos e de crepe, candelabros de prata, e pequenas, trêmulas línguas douradas de chamas que recebiam os visitantes, conheciam melhor sua tarefa do que Ulrich e Ágata, que tinham, em nome da família, de saudar a todos os que vinham prestar a última homenagem ao morto, e só de pouquíssimos sabiam de quem se tratava, se o velho criado do pai não chamasse discretamente sua atenção para visitantes especialmente importantes. E todos os que vinham deslizavam ao encontro deles, e afastavam-se de novo, deslizando, ancoravam por ali em qualquer lugar no aposento, isolados ou em pequenos grupos, observando, imóveis, os dois irmãos. Os rostos deles ficaram recobertos pela hirta máscara do autocontrole, até que, por fim, o condutor da carruagem fúnebre ou dono da agência funerária — o homem que visitara Ulrich com seus impressos e na última meia hora subira e descera pelo menos vinte vezes as escadas — interpelou Ulrich de lado, trazendo-lhe com ar importante, como um ordenança no desfile a traria a seu general, a participação de que tudo estava preparado.

Como o cortejo devesse passar solenemente pela cidade, só mais tarde

entrariam nos carros, e Ulrich teve de caminhar à frente dos demais, ao lado do governador real e imperial, que aparecera pessoalmente em honra do último descanso de um membro do senado; do outro lado de Ulrich, seguia um cavaleiro igualmente importante, o mais velho de uma delegação de três membros do Senado; atrás, vinham os outros dois estadistas, em seguida o reitor e o colegiado da Universidade, e só depois, mas à frente de uma torrente de cartolas de personalidades públicas, que baixavam em dignidade na medida em que ficavam mais para trás, caminhava Ágata, rodeada de mulheres de negro, marcando o ponto em que, entre as autoridades, tomava lugar a dor particular; pois a simpatia desordenada dos “apenas consternados” começava só atrás do séquito oficial, e era até possível que não se constituísse senão do velho casal de criados que caminhava solitário no fim do cortejo. Assim, esse era principalmente um cortejo de homens, e ao lado de Ágata não caminhava Ulrich mas seu marido, Professor Hagauer, cujo rosto de maçã vermelha com o bigode hirsute) sobre a boca se lhe tornara entrementes estranho, e que, atrás do denso véu negro que lhe permitia observá-lo às escondidas, parecia azul-escuro. O próprio Ulrich, que nas muitas horas anteriores estivera sempre ao lado da irmã, tinha de repente a sensação de que a antiquíssima regulamentação do enterro, que vinha do período de fundação da Universidade, lhe havia roubado Ágata, e sentia falta dela sem sequer poder virar-se

para vê-la. Imaginava uma brincadeira com que a saudaria quando se revissem, mas seus pensamentos não podiam correr livres por causa do governador, que andava a seu lado, imperioso e calado, mas por vezes lhe dirigia alguma palavra em voz baixa, que ele precisava escutar; aliás, todas aquelas excelências e magnificências e notabilidades lhe tinham dado atenção, pois agora ele era a sombra do Conde Leinsdorf, e a desconfiança generalizada em relação à Ação Patriótica conferia destaque a Ulrich.

Nas margens das ruas e atrás das janelas havia muitos curiosos, e embora ele soubesse que em uma hora tudo teria terminado, como numa apresentação teatral, naquele dia sentia vivamente todos os acontecimentos, e a compaixão geral pelo seu destino pesava-lhe nos ombros como um manto carregado de debruns. Pela primeira vez, percebia a postura reta da tradição. A comoção das multidões às margens, que corria diante do cortejo

como uma onda, que tagarelava, calava-se e depois respirava aliviada, a magia do clero, o som cavo dos torrões de terra caindo sobre o caixão, que já se fazia adivinhar, o silêncio acumulado do cortejo, tudo isso tocava as vertebras do ser como um instrumento musical primitivo, e Ulrich sentiu com espanto dentro de si um eco indescritível, em cujo ritmo seu corpo se endireitava, como se estivesse realmente sendo carregado pela solenidade que o rodeava. E como naquele dia estivesse mais próximo das outras pessoas, imaginou como seria diferente se nesse momento, correspondendo ao sentido original de toda aquela pompa semi- esquecida e assumida pelo presente, ele realmente caminhasse ali como herdeiro de um grande poder. A esse pensamento, a melancolia cedeu, e a morte passava de uma terrível circunstância pessoal a uma transição realizada com pública solenidade; não se escancarava mais aquele buraco que todos olhavam com horror, que cada pessoa com cuja presença estávamos habituados deixa nos primeiros dias de seu desaparecimento, mas o herdeiro já caminhava em lugar do morto, a multidão o fitava, a cerimônia fúnebre era ao mesmo tempo uma festa de celebração de virilidade para aquele que agora assumia a espada e pela primeira vez caminhava em direção de seu próprio fim, sozinho e sem protetor.

“Eu deveria ter fechado os olhos de meu pai!”, pensou Ulrich, sem querer. “Não por causa dele, ou de mim, mas...” Não soube concluir esse pensamento; o fato, porém, de que nem ele tivesse amado o pai, nem o pai a ele, pareceu-lhe diante de toda aquela ordem uma supervalorização mesquinha da importância pessoal, e diante da morte todo o pensamento pessoal tinha sabor insípido e vazio, enquanto tudo o que era significativo naquele instante parecia emanar daquele gigantesco corpo constituído pelo cortejo que passava pela alameda humana, ainda que cheio de ócio, curiosidade e participação fútil.

Mas a música continuava tocando, era um dia leve, claro, magnífico, e as emoções de Ulrich oscilavam de um lado para outro como o dossel carregado sobre o Santíssimo nas procissões. Por vezes, Ulrich via as vidraças espelhadas da carruagem fúnebre que seguia à sua frente, via sua própria cabeça com chapéu e ombros, e de tempos em tempos notava no chão do veículo, ao lado do caixão ornado de brasões, pequenos pingos de cera de outros enterros, que não haviam sido devidamente removidos; e então, tinha pena do pai, simples e irracionalmente como se tem pena de um

cão atropelado na rua. Seus olhos se umedeciam, e quando olhava sobre aquele vasto negrume até os espectadores nas margens da rua, estes pareciam flores úmidas e coloridas, e a idéia de que ele, Ulrich, agora via tudo isso, mas não o via aquele que ali vivera e amara muito mais as coisas solenes do que ele, era tão estranha que lhe parecia totalmente impossível seu pai não poder estar presente ao partir de um mundo que de modo geral considerava bom. Era uma emoção íntima, mas, apesar disso, Ulrich não ignorou que o agente ou empresário da funerária, que conduzia o cortejo católico para o cemitério e mantinha a ordem, era um grande judeu robusto, de uns trinta anos: tinha como enfeite um longo bigode louro, trazia papéis no bolso, como um guia de viagens, corria à frente e para trás, e ajeitava alguma coisa nos arreios de um cavalo, ou sussurrava algo aos músicos. Isso lembrou Ulrich de que o cadáver de seu pai não estivera em casa no último dia, e só pouco antes do enterro fora trazido de volta para lá, devido a uma determinação de sua última vontade, ditada pelo espírito de pesquisa, que ordenara que o pusessem à disposição da ciência; e era de acreditar que, depois daquela intervenção anatômica, sem dúvida teriam costurado o ancião às pressas; lá rolava ele, pois, atrás dos vidros da carruagem que devolviam a imagem de Ulrich, uma coisa mal costurada, centro daquela grande, bela, solene ilusão.

“Com suas condecorações ou sem elas?”, indagou-se Ulrich, consternado; não pensara mais nisso, e não sabia se haviam tornado a vestir seu pai depois da anatomia, antes de trazerem o caixão fechado de volta para casa. Também era incerto o destino da liga de Ágata; podiam tê-la encontrado, e ele imaginava as brincadeiras dos estudantes. Tudo isso era sobremaneira penoso, e assim, as objeções do presente mais uma vez fragmentaram sua emoção em muitos detalhes, depois de, por um momento, quase se ter arredondado na casca lisa de um sonho vivo. Ele apenas sentia ainda o absurdo, o balançar confuso da ordem humana e de si mesmo.

“Estou completamente só no mundo”, pensou, “rompeu-se uma corrente de âncora... vou emergir!” Lembrando-se dessa impressão, a primeira sentida ao receber a mensagem da morte do pai, sua emoção vestiu-se novamente, enquanto ele caminhava entre aquelas paredes humanas.

7

CHEGA CARTA DE CLARISSE

Ulrich não deixara seu endereço com nenhum conhecido, mas Clarisse o soube através de Walter, a quem ele era tão familiar quanto sua própria infância.

Ela escrevia:

“Meu amorzinho — meu medrosinho? — meu *inho!*”

Você sabe o que é um *inho!* Não consigo descobrir. Acho que Walter é um fraquinho. (As sílabas *inho* estavam bem sublinhadas em todo o trecho.).

Acha que vim ao seu encontro bêbada? Eu não consigo me embriagar! (Homens se embriagam mais facilmente que eu. Coisa digna de *nota*)

Mas não sei o que lhe disse; não me lembro. Receio que você ache que eu disse coisas que não disse. Eu não as disse.

Mas quero que isto se torne uma carta — *logo!* Antes disso: você sabe como os sonhos se abrem. Sabe, quando sonha, às vezes: você já esteve ali, já falou com aquela pessoa, ou... É como se a gente reencontrasse a memória.

Notei na vigília que estava vigiando! (Tenho amigos-de-sono.)

Você ainda se lembra quem é Moosbrugger? Preciso lhe contar uma coisa:

De repente seu nome estava ali de novo.

Aquelas três sílabas musicais.

Mas a música é uma farsa. Quer dizer, quando vem sozinha. Música sozinha é esteticismo ou coisa assim; fraqueza. Mas quando a música se liga com o rosto, então as paredes balançam, e do tumulto do presente ressurge a vida dos que estão por vir. Eu não apenas ouvi as três sílabas musicais, também as vi. Elas *emergiram* da lembrança. De repente, sabe: lá onde emergem há outra coisa ainda. Uma vez eu escrevi ao seu conde uma carta sobre Moosbrugger, como se pode esquecer uma coisa dessas! Agora eu vejo-

ouço um mundo em que as coisas estão paradas e as pessoas andam, do jeito de sempre, mas *sonoramente visíveis*. Não sei descrever isso direito, pois, por enquanto, só emergiram três sílabas. Você entende? Talvez seja cedo demais para comentar.

Eu disse a Walter ‘Quero conhecer Moosbrugger!’ Walter perguntou: ‘Mas quem é Moosbrugger?’ Eu respondi: ‘O assassino que é amigo de Ulo.’ Estávamos lendo jornais; era de manhã, e Walter tinha de ir logo para o escritório. Você se lembra de que lemos jornais, nós três? (Você tem uma memória *fraca*, e *não* vai lembrar!) Então, eu desdobrei a parte do jornal que Walter me dera — um braço à direita, um braço à esquerda — e de repente senti madeira dura, estava crucificada. Eu pergunto a Walter: ‘Ontem não havia no jornal alguma coisa sobre o acidente de trem em Budweis?’

Ele respondeu: ‘Sim, mas por que pergunta? Um pequeno acidente, só um morto ou dois.’

Algum tempo depois, eu disse: ‘Porque na América também aconteceu um acidente.

Onde fica a Pensilvânia?’

Ele não sabe, e diz: ‘Na América.’

Eu digo: ‘Os maquinistas nunca deixam suas locomotivas se chocarem de propósito!’ Ele olha para mim. Vê-se que não me entende. ‘Claro que não’, diz.

Pergunto quando o Siegmund vem nos ver. Ele não tem certeza.

E agora, está vendo: claro que os maquinistas de trem não deixam seus trens se chocarem de propósito: *mas então, por que o fazem?* Eu vou lhe dizer: nessa monstruosa rede de trilhos, desvios e sinais, que se estende sobre todo o globo terrestre, perdemos toda a força da nossa consciência. Pois se tivéssemos a força de nos examinarmos mais uma vez e darmos mais uma vez atenção à nossa tarefa, sempre faríamos o que é necessário, evitando desgraças. *A desgraça é sempre ficarmos parados no penúltimo passo!*

Naturalmente não se podia esperar que Walter entendesse isso logo. Acho que consigo atingir essa imensa força da consciência, e tive de fechar os olhos, para Walter não notar o raio dentro deles.

Por todos esses motivos, julgo meu dever conhecer Moosbrugger. Você sabe, meu irmão Siegmund é médico. Ele vai me ajudar. Fiquei esperando por ele.

Ele veio nos ver no domingo.

Quando lhe apresentam alguém, ele diz: ‘mas eu não sou nem..., nem musical.’ Essa é a piada dele. Pois por se chamar Siegmund, não quer nem ser considerado

judeu, nem musical. *Ele foi concebido na embriagues de Wagner.* É impossível obter uma resposta sensata dele. Enquanto eu lhe falava, ele só resmungava coisas idiotas. Jogou uma pedra num pássaro e enfiou a bengala na neve. Também queria limpar a neve do caminho com a pá; vem seguidamente trabalhar em nossa casa, pois não gosta de ficar na sua, com a mulher e os filhos. Espantoso que você nunca o tenha encontrado. ‘Vocês têm as Flores do Mal e uma horta!’, diz ele. Eu lhe puxei as orelhas, e lhe dei uns socos nas costelas, mas não adiantou.

Então, entramos em casa, onde Walter estava naturalmente no piano, e Siegmund botou o casaco debaixo do braço, suas mãos estavam sujas até os cotovelos.

‘Siegmund’, eu lhe disse na frente de Walter, ‘quando é que vai compreender uma peça musical?’

Ele deu uma risada cínica e disse: ‘Nunca.’

‘Quando você mesmo a *compuser*, em seu íntimo’, disse eu. ‘Quando é que se entende uma pessoa? É preciso compreendê-la!’ *Compreender!* É um grande mistério, Ulrich. Você tem de ser como ela: mas não *entrando* nela, e sim ela *saindo* para dentro de você. Redimimos *saindo*: esta é a forma *forte!* Nós nos envolvemos com as ações das pessoas, mas as exaurimos e excedemos.

Desculpe que eu lhe escreva tanto. Mas os trens se chocam porque a consciência não dá o passo derradeiro. Os mundos não emergem se não os puxarmos. Outro dia lhe falo mais sobre isso. *A pessoa genial tem dever de atacar!* E tem a gigantesca força para fazer isso! Mas Siegmund, o covarde, olhou o relógio e lembrou o jantar, porque tinha de ir para casa. Sabe, Siegmund sempre faz uma cara entre o esnobismo de um médico experiente

que não valoriza muito os conhecimentos de sua especialidade, e o pedantismo do homem moderno que, superando a tradição intelectual, voltou à higiene da simplicidade e da jardinagem. Mas Walter exclamou: ‘Por amor de Deus, por que vocês estão falando dessas coisas? Afinal, o que querem com esse tal Moosbrugger?’ E isso nos ajudou.

Pois então, Siegmund disse: ‘Ou ele é louco, ou criminoso, isso é certo. Mas, se Clarisse imagina poder regenerá-lo? Eu sou médico e também tenho de permitir ao capelão do hospital que imagine isso! Ela falou em redimir? Bem, e por que ela não pode pelo menos ver o homem?’

Ele escovou as calças, fingiu de calmo, lavou as mãos; então, combinamos tudo durante o jantar.

Também já estivemos com o Dr. Friedenthal; é o médico-assistente, que ele conhece. Siegmund disse abertamente que assumia a responsabilidade de me introduzir através de algum título falso, dizendo que sou escritora e quero ver o homem.

Mas foi um erro, pois diante de um pedido tão franco o outro só podia mesmo dizer não. ‘Se a senhora fosse a Selma Lagerlöf, eu ficaria encantado com sua visita, aliás naturalmente estou encantado de qualquer modo, mas infelizmente aqui só se reconhecem interesses científicos!’

Foi bem bonito passar por escritora. Eu o olhei firme e disse: ‘Nesse caso sou mais do que a Lagerlöf, porque não quero vê-lo apenas para o estudar!’

Ele me encarou, depois disse: ‘A única possibilidade seria se viesse procurar o chefe da clínica com uma recomendação da sua embaixada.’ Ele me tomara por uma escritora estrangeira, sem notar que sou irmã de Siegmund.

Por fim, combinamos que eu não veria o doente Moosbrugger, mas o prisioneiro Moosbrugger. Siegmund me consegue a recomendação de alguma associação beneficente, e uma permissão com o tribunal da comarca. Depois, Siegmund me contou que o Dr. Friedenthal considera psiquiatria uma ciência meio artística, e chamou-o de diretor de um circo de demônios. Mas eu bem que gostaria.

O mais bonito foi que a clínica está alojada num velho mosteiro. Tivemos de esperar na entrada, e a sala de conferências fica numa capela. Tem

grandes janelas de igreja, e pude ver o pátio. Os doentes vestem roupa branca e sentam-se na cátedra junto do professor. E o professor inclina-se amavelmente para as poltronas deles. Fiquei pensando: quem sabe agora vão trazer Moosbrugger. Tive a impressão de que nesse caso voaria sala adentro através da alta janela de vidro. Você vai dizer que não sei voar: então, saltar pela janela? Mas não teria saltado, não era isso que sentia.

Espero que você volte logo. *Nunca* se consegue exprimir as coisas. Muito menos numa carta.”

E embaixo, sublinhado com traço bem grosso: “Clarisse”.

8

FAMÍLIA A DOIS

Ulrich diz:

— Se dois homens ou mulheres têm de partilhar o mesmo espaço por mais tempo — na viagem, no vagão-leito ou na estalagem lotada —, não raro se ligam por uma amizade singular. Cada um tem uma maneira de gargarejar, ou de agachar-se para calçar os sapatos, ou de dobrar a perna quando entra na cama. A roupa de baixo e os outros trajes, embora semelhantes, mostram nos detalhes diminutas diferenças que se revelam aos olhos do outro. Provavelmente pelo exagerado individualismo da vida atual há, no começo, uma resistência que parece uma leve repulsa, e uma defesa contra uma excessiva aproximação que feriria a própria personalidade; uma vez isso superado, forma-se uma comunidade com origem inusitada, como uma cicatriz. Depois dessa mudança, muitas pessoas ficam mais alegres do que habitualmente são; a maior parte, mais inofensivas; muitas, mais falastronas; quase todas, mais amáveis. A personalidade muda, quase se pode dizer que foi trocada subrepticamente por uma personalidade menos particular: em lugar do eu surgiu o primeiro esboço de um *nós*, sentimos como algo desconfortável, uma redução de nós mesmos, mas por outro lado irresistível.

Ágata responde:

— Essa repulsa pelo convívio é coisa que as mulheres sentem especialmente. Nunca pude me acostumar com mulheres.

— Isso também existe entre homem e mulher — opinou Ulrich. — Apenas é disfarçado pelos deveres da ligação amorosa, que ocupam a atenção. Mas não é raro que as pessoas assim entrelaçadas despertem subitamente e então vejam — segundo sua natureza com espanto, ironia ou desejo de fugir — um ser totalmente estranho locupletado a seu lado; algumas pessoas sentem

isso mesmo depois de muitos anos.

E não sabem dizer o que é mais natural: sua ligação com o outro, ou aquela retração do seu eu ferido, querendo sair da ligação, imaginando ser único — as duas coisas estão em nossa natureza. E as duas se confundem no conceito de família! A vida numa família não é a vida plena; jovens sentem-se roubados, diminuídos, pouco à vontade no círculo familiar. Veja filhas solteiras de certa idade: foram sugadas pela família, esvaziadas, roubaram-lhes seu sangue; elas se transformaram em estranhos híbridos de eu e nós.

Ulrich sentira a carta de Ciarisse como um estorvo. As irrupções ali expressas aos saltos inquietavam-no bem menos do que o trabalho calmo, quase sensato, que ela fazia interiormente em favor de um plano obviamente louco. Pensou em falar com Walter a respeito, na volta, e desde então intencionalmente só fala de outras coisas.

Ágata, estendida no divã, encolhe um joelho e lhe fala insistentemente:

— Mas isso que você está dizendo esclarece por que eu deveria casar de novo!

— Mas, por outro lado, existe algo no chamado “sagrado sentimento de família”, nesse entrelaçar-se, servir-se mutuamente, nesse movimento altruísta em círculo fechado — prossegue Ulrich, sem se importar com o que ela disse, e Ágata se admira por suas palavras viverem se afastando dela depois de terem estado tão próximas. — Habitualmente, esse eu coletivo é apenas um egoísta coletivo, e um sentimento intenso de família é então a coisa mais intolerável que se possa imaginar. Mas também posso conceber esse um-por-todos- todos-por-um incondicional, essa luta em comum, essa solidariedade comum na dor, como um sentimento de bem-estar primitivos forjado no fundo dos tempos da humanidade, e mesmo já na manada de animais — Ágata o escuta dizer, sem conseguir pensar ela própria grande coisa a respeito. E também não o conseguirá quando da próxima frase dele:

— Esse estado degenera facilmente, como todos os estados antigos cuja origem se perdeu. — E só quando ele encerra, dizendo: — E provavelmente deve-se exigir que os indivíduos sejam algo de especialmente ordeiro, para que o quadro que formam não se torne uma caricatura absurda —, é que ela

se sente outra vez abrigada ao lado dele, e, enquanto o encara, não quer deixar seus olhos se fecharem, para que ele não desapareça por um só momento, porque é tão estranho ele estar ali sentado falando coisas que se perdem nas alturas e de repente voltam a cair como uma bola de borracha presa entre a galharia.

Os irmãos tinham-se encontrado na sala de visitas no fim da tarde vários dias depois do enterro.

Naquele salão comprido o estilo burguês Império se fazia presente não apenas pelo gosto, mas por móveis legítimos; entre as janelas pendiam os altos retângulos dos espelhos em molduras douradas e lisas, e as cadeiras de uma rigidez harmoniosa estavam colocadas junto das paredes, de modo que o assoalho vazio parecia inundar o aposento com o brilho escuro de seus quadrados, enchendo um tanque raso no qual só depois de vacilar se punha o pé. No canto desse salão inóspito tão cheio de estilo — pois o escritório, onde ele se instalara na primeira manhã, ficara para Ulrich —, mais ou menos ali onde, num nicho recuado, ficava a estufa como um severo pilar, carregando um vaso (e, exatamente na linha central de sua parte dianteira, sobre uma beira que corria a todo o seu redor na altura dos quadris, um candelabro solitário), Ágata criara para si mesma uma península muito pessoal. Mandara colocar um divã, e a seus pés um tapete, cujo azul-e-vermelho antigo, acompanhando o padrão turco do divã repetido insensatamente ao infinito, consistia um opulento desafio ao delicado gris e às linhas leves e racionais que imperavam no aposento por vontade ancestral. Além do mais, ela maculara aquela vontade disciplinada e nobre colocando, como “floresta” à sua cabeça, uma planta de grandes folhas verdes da altura de um homem, que guardara da ornamentação fúnebre da casa; do outro lado, um grande abajur para poder ler deitada, e que, na paisagem classicista do aposento, parecia um holofote ou um mastro de antenas. Aquele salão com seu teto dividido em quadrados, as pilastras da parede e armarinhos de colunatas, não mudava há cem anos, pois raramente fora usado e jamais fora realmente incluído na vida dos últimos moradores; talvez no tempo dos antepassados as paredes ainda tivessem sido recobertas de tecidos delicados em vez da tinta clara de agora, e o revestimento das cadeiras podia ter sido diferente, mas Ágata conhecia o salão no estado

atual desde sua infância, e nem sabia se tinham sido seus bisavôs que o tinham mobiliado daquele jeito ou pessoas estranhas, pois crescera naquela casa e a única particularidade que conhecia era a lembrança de sempre ter entrado com medo naquela sala, o medo que se incute nas crianças diante de algo que facilmente poderiam sujar ou quebrar. Mas agora, depois de tirar o último símbolo do passado, o luto, e vestir novamente seu pijama, estava deitada naquele divã rebeldemente introduzido, e desde o começo da tarde lia livros bons e ruins, que reunira, interrompendo-se de vez em quando para comer ou cochilar; e quando o dia assim passado terminava, olhou através da penumbra do aposento para as cortinas claras que, mergulhadas no lusco-fusco, se entufavam nas janelas como velas, e sentiu que viajava na dura claridade da lâmpada pelo aposento hirto e gracioso, e que acabara de ancorar.

Foi assim que o irmão a encontrou, abrangendo com um só olhar aquela decoração iluminada; pois também conhecia o salão, e até soube lhe dizer que o primeiro dono da casa fora um rico comerciante que mais tarde se dera mal nos negócios, de modo que o bisavô dela, o notário imperial, conseguira comprar barato aquela bela propriedade. Ulrich sabia contar uma porção de outras coisas sobre aquele salão, que examinara detidamente, e que o que mais impressionou sua irmã foi que nos tempos de seus bisavôs aquele tipo de decoração rígida fora considerado muito natural; era-lhe difícil entender isso, pois parecia-lhe o aborto de uma aula de geometria, e levou algum tempo até ter uma idéia da maneira de ver de uma época tão saturada pelas formas insistentes do barroco que sua própria postura simétrica e um tanto dura era envolvida pela delicada fantasia de agir conforme uma natureza despojada e sensata. Mas quando por fim se deu conta de todas aquelas mudanças de conceitos, com todos os detalhes que Ulrich lhe fornecia, achou bonito saber tanta coisa que, como resultado de sua experiência de vida, até então desprezara; e quando o irmão quis saber o que estava lendo, ela jogou depressa o corpo sobre a sua provisão de livros, e afirmou, atrevidamente, que gostava tanto de livros bons quanto de ruins. Ulrich estivera trabalhando de manhã, depois saíra de casa. Até aquele dia, sua esperança de concentração não se realizara, e o efeito produtivo que era de se esperar daquela interrupção em sua vida habitual fora compensado pelas distrações com a sua nova situação. Só depois do enterro aconteceu uma mudança, quando as relações com o mundo exterior, a princípio tão

vivas, se romperam de um golpe. Os irmãos, que só como uma espécie de representantes do pai tinham sido durante alguns dias centro do interesse geral, sentindo as variadas obrigações de sua posição, não conheciam naquela cidade ninguém a quem quisessem visitar além do velho pai de Walter. E por consideração ao luto, ninguém os convidava; apenas o Professor Schwung não só aparecera no enterro, mas viera também no dia seguinte perguntar se o amigo morto não deixara algum manuscrito sobre a questão da responsabilidade reduzida, com cuja publicação póstuma se pudesse contar.

Aquela transição direta da agitação anterior em constante efervescência para a plúmbea quietude que lhe seguia era quase um golpe físico. Ainda por cima, como a casa não tivesse quartos de hóspedes, os dois irmãos continuavam dormindo na mansarda em seus quartos de criança, sobre camas improvisadas, rodeados do precário mobiliário da infância, com algo da falta de decoração de uma cela de hospício, penetrando até em nossos sonhos com o brilho desonroso dos oleados sobre as mesas e o chão em cuja solidão, outrora, sua caixa de blocos de construir lançava as idéias fixas da sua arquitetura. Essas lembranças, tão insensatas e infinitas quanto a vida para a qual deveriam ter sido preparados, faziam com que os irmãos achassem agradável que seus quartos de dormir, separados apenas por um quartinho de vestir e de guardados, ao menos estivessem lado a lado; e como o banheiro ficasse um andar abaixo, também depois de acordar dependiam um do outro, encontravam-se a partir da manhã na escada e na casa vazias, tinham de ter consideração um para com o outro, e precisavam responder juntos a todas as indagações sobre os problemas daquela casa estranha que de repente lhes fora confiada. Dessa maneira, naturalmente também sentiam a comicidade que não deixava de existir naquela convivência tão íntima quanto imprevista: parecia a aventura cômica de um naufrágio que os tivesse lançado juntos sobre a ilha de sua infância, e as duas coisas fizeram com que, depois dos primeiros dias, cujo curso não haviam influenciado, procurassem independência, mas cada um fazia isso mais por consideração para com o outro do que para consigo mesmo.

Por isso, Ulrich já se levantara antes de Ágata construir a península no salão, e esgueirara-se silenciosamente até o escritório onde iniciou sua

pesquisa matemática interrompida, mais para se distrair do que tencionando obter resultados. Mas para sua grande surpresa, nas poucas horas de uma manhã conseguiu terminar tudo o que deixara intocado meses a fio, exceto detalhes sem importância. Para atingir essa solução inesperada, ajudara- o um desses pensamentos fora da regra, sobre os quais não se deveria dizer que só aparecem quando não os esperamos mais, e sim que seu surpreendente clarão lembra a amada que há muito estava ali entre outras amigas, antes que o consternado pretendente deixe de entender como pôde igualar as outras a ela. Dessas idéias participam não apenas o juízo, mas também alguma outra condição de paixão, e Ulrich sentia como se naquele momento tivesse de chegar ao fim e ficar livre, mais ainda, por não reconhecer motivo nem causa, sentia-se como quem fica pronto antes da hora, e agora a energia restante lançava-se para o sonho.

Ele divisava a possibilidade de aplicar a questões bem maiores o pensamento que levava a cabo sua tarefa, e, como brincadeira, esboçou a primeira fantasia de um tal sistema; nesses momentos, feliz e descansado, sentiu-se até, dada a insinuação do Professor Schwung, tentado a retornar à sua profissão e procurar o caminho que leva à importância e influência. Mas quando, poucos minutos depois de se sentir intelectualmente tão bem, percebeu quais seriam as consequências se cedesse à ambição e enveredasse agora, como retardatário, pelo caminho acadêmico, viu pela primeira vez que se sentia velho demais para uma empresa dessas. Desde seus tempos de menino, esse conceito meio impessoal dos anos não lhe parecera algo de conteúdo independente, e muito menos pensara: agora há coisas que você não pode fazer mais!

Quando Ulrich contou isso à irmã no fim da tarde, usou ao acaso a palavra destino, o que despertou o interesse dela, que quis saber o que era “destino”.

— Uma coisa intermediária entre “minhas dores de dente” e “as filhas do Rei Lear!” — respondeu Ulrich. — Não sou das pessoas que gostam de lidar com essa palavra.

Mas para jovens ela faz parte do cântico da vida; querem ter um destino e não sabem o que é.

Ulrich respondeu:

— No futuro, em tempos mais esclarecidos, provavelmente a palavra destino terá um conteúdo estatístico.

Ágata tinha vinte e sete anos. Bastante jovem para ter mantido algumas das formas ocultas de percepção que a princípio se adquirem; bastante adulta para já adivinhar outros conteúdos que a realidade preenche. Ela retrucou:

— Envelhecer já é por si só um destino! — e ficou muito insatisfeita com essa resposta, na qual sua melancolia juvenil se expressava de um modo que lhe pareceu insignificante.

Mas o irmão não se preocupou, e deu um exemplo:

— Quando me tornei matemático — explicou —, queria ter sucesso científico e empreguei toda a minha força nisso, embora só o considerasse um degrau para outra coisa. E realmente meus primeiros trabalhos — naturalmente incompletos como sempre são os começos — continham idéias novas naquele tempo, que ficaram despercebidas ou foram rejeitadas, embora de resto eu fosse bastante bem recebido. Mas poderia-se dizer talvez que foi destino que eu logo perdesse a paciência para continuar aplicando toda a minha energia nessa brecha.

— Brecha? — interrompeu Ágata como se pronunciar esse vocábulo ligado a uma atividade masculina lhe causasse desconforto. — Por que você chama isso de brecha?

— Porque era só isso que eu queria fazer no começo: queria abrir uma brecha, e aí perdi a paciência. E hoje, depois de concluir o que talvez seja meu último trabalho ainda ligado àqueles tempos, entendi que provavelmente poderia me considerar líder de um movimento, se naquele tempo tivesse tido mais sorte ou persistência.

— Mas você ainda podia recuperar isso! — disse Ágata de novo. — Um homem não envelhece tão facilmente para as coisas quanto uma mulher.

— Não — respondeu Ulrich —, não o quero recuperar! Pois é espantoso, mas verdadeiro, que, com isso, objetivamente nada teria mudado no curso das coisas, na evolução da própria paciência. Posso ter estado uns dez anos à frente do meu tempo; mas um pouco mais lentamente, e por outros caminhos, também outras pessoas chegaram, sem mim, a um ponto ao qual eu, quando muito, as teria conduzido um pouco mais depressa, e é duvidoso

que uma tal mudança na minha vida venha agora a bastar para me fazer tomar novamente a dianteira. Eis aí um pedaço do que se chama destino pessoal e que, em suma, é algo de visivelmente impessoal.

— Aliás — prosseguiu ele —, quanto mais velho fico, tanto mais frequentemente me acontece ter odiado uma coisa que mais tarde, por desvios, correrá na mesma direção do meu próprio caminho, de modo que de repente não posso mais negar-lhe o direito de existir; ou acontece que aparecem defeitos em idéias ou acontecimentos pelos quais me exaltei. A longo termo parece ser inteiramente indiferente se

nos excitamos, e em que sentido aplicamos essa excitação. Tudo chega ao mesmo objetivo e serve a uma evolução insondável e infalível.

— Antigamente, a gente atribuía tudo aos insondáveis desígnios de Deus — respondeu Ágata franzindo a testa com o tom de quem fala sem grande respeito de experiências próprias.

Ulrich recordou que ela fora educada num convento. Estava deitada no divã em suas calças compridas, amarradas embaixo, ele sentado a seus pés, e a lâmpada do abajur iluminava os dois, de modo que no assoalho surgia uma grande folha de luz sobre a qual ambos se encontravam na escuridão.

— Hoje, o destino dá mais a impressão de um movimento de massa, que se sobrepõe a nós — disse ele. — Estamos metidos lá dentro e somos carregados com ela. — Ele lembrou ter pensado certa vez que hoje cada verdade aparece dividida em suas metades, e apesar disso, pode-se, dessa maneira leviana e ágil, obter uma realização maior do que se cada um cumprisse, grave e solitário, todo o seu dever. Esse pensamento, preso em seu amor-próprio como um anzol, embora com certa possibilidade de grandeza, ele certa vez o concluíra de uma forma que não levava a sério, dizendo que, portanto, podia-se fazer o que bem se entendesse! Pois nada lhe estava mais distante do que essa conclusão, e logo agora que seu destino o parecia ter esquecido, não lhe deixando nada a fazer, naquele momento perigoso para a sua ambição, em que, por estímulos singulares, conseguira concluir o último trabalho que o ligava aos velhos tempos, trabalho tardio, exatamente naquele momento pois, em que pessoalmente estava despojado, sentia, em vez de abatimento, uma nova tensão que surgira desde a partida. Ela não tinha nome; podia-se dizer que um jovem aparentado com ele

procurava seu conselho, e podia-se dizer outra coisa: mas ele via com espantosa nitidez a radiante esteira de ouro-claro sobre o verde-negro da sala, com os delicados losangos do traje de pierrô de Ágata, via a si próprio e, destacado na escuridão com seus pregnantos contornos, o acaso de estarem juntos.

— O que foi que você disse? — perguntou Ágata.

— O que hoje ainda se chama de destino pessoal está sendo substituído por fenômenos coletivos e, por fim, estatisticamente comprováveis — repetiu Ulrich.

Ágata refletiu, depois teve de rir.

— Naturalmente não entendo, mas não seria maravilhoso sermos dissolvidos pela estatística? O amor há muito não consegue isso!

Essa observação levou Ulrich a subitamente contar à irmã o que lhe acontecera depois de concluir seu trabalho, quando saíra de casa e fora ao centro da cidade para ocupar com alguma coisa aquela vaguidão que lhe restara.

Não tinha querido falar nisso, por lhe parecer um assunto pessoal demais. Pois sempre que suas viagens o levavam a cidades com que não se ligava nenhum negócio, ele apreciava enormemente o singular sentimento de solidão daí resultante, que raramente fora tão intenso quanto dessa vez. Vira as cores do bonde, dos carros, vitrines, portões, as formas das torres de igrejas, os rostos, e fachadas de casas, embora mostrassem a generalizada semelhança européia, o olhar passava sobre elas como um inseto que se confundiu num campo de cores sedutoras e desconhecidas, e não pode pousar embora queira. Esse andar sem objetivo e determinação numa cidade animada e ocupada consigo mesma, a tensão avolumada da experiência numa intensa estranheza, fortalecida ainda pela certeza de não termos importância, mas que só importam essas somas de rostos, esses movimentos, compactados em pernas, braços ou dentes

apartados do corpo, aos quais pertence o futuro, pode despertar a sensação de que, como pessoa totalmente isolada, andando sozinha, já somos anti-sociais e criminosos. Mas, se cedermos a ela mais um pouco, imprevisivelmente pode também surgir uma sensação física tão agradável, uma tamanha irresponsabilidade, como se o corpo não fosse mais deste

mundo onde o eu sensorial se encerra em pequenos nervos, mas de um mundo inundado por uma doçura irreal.

Com essas palavras, Ulrich descreveu à sua irmã o que talvez fosse a consequência de um vagar sem meta e ambição, ou de uma reduzida sensação de personalidade, mas talvez apenas o “mito primitivo dos deuses”, aquela “dupla face da natureza”, aquela “visão doadora” e “visão receptora” que ele procurava como um caçador. Esperou, curioso, para ver se Ágata dava sinal de entender, ou se mostraria também conhecer tais impressões, e, como nada acontecesse, explicou mais uma vez:

— É como uma leve divisão da consciência. A gente se sente abraçado, rodeado, e invadido até o coração por uma agradável falta de personalidade e vontade própria; mas de outro lado permanecemos lúcidos e capazes de crítica, até prontos a brigar com essas pessoas e coisas tão empoeiradas e arrogantes. É como se houvesse duas camadas relativamente independentes em nós, que habitualmente se mantêm em profundo equilíbrio. E como falamos de destino, é também como se tivéssemos dois destinos: um ágil e desimportante que se cumpre, outro imóvel e importante que jamais descobrimos.

Então, Ágata, que escutara por longo tempo sem se mexer, disse:

— É assim quando se beija Hagauer!

Apoiara-se no cotovelo, e ria; as pernas ainda repousavam estendidas sobre o divã. E ela acrescentou: — Claro que nunca foi tão bonito como você descreveu! — Ulrich também riu. Não estava bem claro por que riam. De alguma forma, esse riso viera aos dois pelo ar, ou da casa, ou dos rastros de espanto e desconforto que os acontecimentos solenes dos últimos dias, que tocavam inutilmente o Além, tinham deixado neles; ou daquele inusitado prazer que sentiam em sua conversa. Pois qualquer costume humano levado ao extremo traz em si a semente de uma transformação e toda a excitação que supera o usual logo se cobre de um sopro de tristeza, absurdo e saciedade.

Dessa maneira, e por esse desvio de caminho, os dois tinham finalmente

chegado, como que para repousar, ao diálogo inocente sobre eu, nós, família, e à descoberta, entre assombro e zombaria, de que formavam uma família. E enquanto Ulrich fala do anseio de comunidade — agora outra vez com o zelo de um homem que causa um sofrimento à sua própria natureza; apenas não sabe se o dirige contra sua natureza verdadeira ou presumida —, Ágata escuta as palavras dele se aproximarem e afastarem-se de novo dela; e Ulrich percebe que há muito tempo procurava nela, naquela luz clara e roupagem excêntrica tão desamparada à sua frente, alguma coisa que lhe causasse repulsa, como infelizmente era seu costume, mas nada encontrou; e agradece por isso com uma ternura pura que habitualmente não sente. E está encantado com a conversa. Quando ele termina, porém, Ágata pergunta abertamente:

— Afinal, você é a favor do que chama família, ou contra?

Ulrich responde que não se trata disso, pois no fundo falara de uma indecisão do mundo e não da irresolução dos indivíduos. Ágata reflete.

— Mas eu não posso julgar isso! — acaba dizendo francamente. — Contudo, gostaria de estar ao menos uma vez inteiramente de acordo comigo mesma e também... bem, viver assim! Você também não gostaria de tentar?

9

ÁGATA, QUANDO NÃO CONSEGUE FALAR COM ULRICH

No momento em que Ágata entrara no trem iniciando a súbita viagem para ver o pai, acontecera algo muito semelhante a um inesperado dilaceramento, e os dois pedaços violentamente separados no momento da partida voaram para tão longe um do outro como se jamais se tivessem pertencido. Seu marido a levava à estação, tirara o chapéu, e como convém numa despedida, segurara obliquamente à sua frente aquele objeto duro, redondo, preto, que ia ficando cada vez menor, enquanto ela partia; e a Ágata parecia que a estação rolava para trás com a mesma velocidade do trem rodando para frente. Nesse momento, embora a instantes ainda acreditasse que não ficaria longe muito mais tempo do que as circunstâncias exigiam, ela decidiu nunca mais voltar, e sua consciência inquietou-se como um coração que de repente se vê livre de um perigo do qual nem tivera idéia.

Quando, mais tarde, pensava a respeito, Ágata não ficava totalmente satisfeita. Desdenhava em sua própria atitude o fato de ela lhe recordar, pela forma, uma estranha doença que a atacara na meninice, logo depois de começar a frequentar a escola. Naquele tempo sofrera mais de um ano de uma febre nada desprezível, que nem subia nem cedia, e emagrecera chegando a uma fragilidade que preocupava os médicos, pois não conseguiam encontrar a causa. Essa enfermidade também não fora explicada mais tarde. Provavelmente Ágata gostara de ver os grandes médicos da Universidade, cheios de dignidade e sabedoria ao entrar pela primeira vez no quarto, perdendo semana a semana algo da sua confiança; e embora ela tomasse obedientemente os remédios que lhe receitavam, e até tivesse desejado ficar boa porque lhe pediam isso, alegrava-se ao ver que os médicos não o conseguiam com suas prescrições e sentia-se num estado sobrenatural, ou pelo menos incomum, enquanto cada vez sobrava menos de sua pessoa. Orgulhava-se porque a ordem dos adultos não tinha poder sobre

ela enquanto estava doente, e não sabia como seu corpinho fazia isso. Mas, por fim, ele convalesceu por vontade própria e de maneira aparentemente não menos extraordinária.

Hoje, ela pouco lembrava daquilo senão o que os criados lhe tinham contado mais tarde, afirmando que fora enfeitiçada por uma mendiga que vinha seguidamente à casa, mas uma vez fora grosseiramente enxotada; e Ágata nunca descobrira quanto havia de verdade nessa história, pois as pessoas da casa gostavam de fazer alusões, mas jamais consentiam em explicar nada e mostravam medo da severa proibição que o pai de Ágata lhes impusera. Ela própria só guardava daquele tempo uma única mas viva memória de seu pai batendo louco de raiva numa mulher de aspecto suspeito, atingindo-a várias vezes no rosto com a mão espalmada; ela só vira aquele homenzinho, habitualmente de uma sensatez penosa, perder o controle essa única vez na vida; mas até onde podia recordar isso não fora antes, e sim durante a sua enfermidade, pois parecia-lhe que estava deitada na cama e que, em vez de estar em seu quarto de criança, a cama estivera um andar abaixo, “com os adultos”, numa das salas em que a criadagem não deveria ter deixado entrar a mendiga ainda que não fosse estranha nos locais da cozinha e escadarias. Ágata achava que esse fato acontecera no fim de sua enfermidade, e que poucos dias depois repentinamente ficara curada, sendo levantada da cama por aquela singular impaciência com que a doença tanto se encerrara como iniciara.

Na verdade, ela não sabia se todas essas lembranças provinham da realidade ou se eram ficção ditada pela febre. “Provavelmente”, pensou mal-humorada, “essas imagens ficaram em mim entre verdade e fantasia, sem que eu o tivesse considerado inusitado!”

Os solavancos do táxi passando por ruelas mal calçadas impediam qualquer conversa. Ulrich sugerira aproveitarem o tempo de inverno seco para um passeio, e também sabia de um lugar, que nem era uma meta certa mas um avanço por paisagens vagamente lembradas. Encontravam-se num carro que os deveria levar à periferia da cidade.

“Com certeza só isso é que deve ser o singular em toda aquela história!”, repetiu Ágata em pensamento. De forma semelhante ela também aprendera na escola, de modo que nunca sabia se era boba ou inteligente, ativa ou preguiçosa: as respostas que lhe exigiam marcavam-se nela com facilidade,

sem que, porém, entendesse o objetivo dessas questões de aula, contra as quais se sentia protegida por uma profunda indiferença interior. Depois da doença continuara a ir à escola com a mesma boa vontade de antes, e como um dos médicos tivera a idéia de que poderia ser vantajoso retirá-la da solidão da casa paterna reunindo-a com meninas da mesma idade, tinham-na colocado num internato religioso: lá também consideravam-na alegre e dócil; e foi onde mais tarde frequentou o ginásio. Quando lhe diziam que uma coisa era verdade, ou era necessária, ela seguia essas palavras e aceitava de boa vontade o que lhe pediam, porque isso lhe parecia menos cansativo, e teria-lhe parecido insensato fazer algo contra instituições sólidas que nada tinham a ver com ela e pertenciam claramente a um mundo construído segundo a vontade de pais e professores. Não acreditava numa palavra do que aprendia, e como, apesar do seu comportamento aparentemente dócil, não fosse uma aluna modelo, e, sempre que desejos alheios contradiziam suas convicções, fizesse de maneira impassível o que bem entendia, gozava do respeito das colegas, até de uma simpatia cheia de admiração que se dá, nas escolas, aos que sabem viver. Era possível até que tivesse arranjado aquela estranha enfermidade infantil, pois na verdade com essa única exceção sempre fora saudável e pouco nervosa. “Sou simplesmente de caráter preguiçoso e imprestável!”, concluía, insegura. Lembrava-se de como suas amigas se rebelavam frequentemente com muito mais veemência do que ela contra a dura disciplina do internato, e dos argumentos indignados com que justificavam as infrações à ordem; mas, na medida em que pôde observar, exatamente as colegas que se rebelavam mais apaixonadamente contra detalhes foram as que mais tarde se saíram melhor na vida como um todo, tendo-se transformado em mulheres bem instaladas, que não educavam os filhos de modo muito diverso do que tinham sido educadas. Por isso, apesar de insatisfeita consigo mesma, ela não estava convencida de que seria melhor ser um caráter ativo e bom.

Ágata detestava a emancipação feminina exatamente como desdenhava a necessidade feminina de ser como uma galinha que deixa o homem prover-lhe o ninho. Gostava de recordar o tempo em que sentira pela primeira vez o seio retesar a roupa, e os lábios ardendo no ar fresco das ruas. Mas o erotismo desenvolvido da mulher, que nasce do invólucro da meninice como um joelho redondo emerge de um tule rosa, sempre lhe provocara desprezo. Quando se perguntava de que afinal estava realmente convencida,

respondia-lhe um sentimento de ter sido escolhida para viver algo diferente e insólito; já naquele tempo em que praticamente nada sabia do mundo e não acreditava no pouco que lhe ensinavam, era assim. E sempre lhe parecera uma atividade misteriosa, correspondente a essa impressão, vir no futuro a passar pelo que tivesse de passar, sem dar a isso demasiada importância.

Ágata fitou Ulrich de lado; ele sacolejava no carro, sério e hirto; lembrou como na primeira noite lhe fora difícil entender por que ela não havia fugido do marido logo na noite de núpcias, embora não o amasse. Sentira um enorme respeito pelo irmão mais velho, enquanto esperava pela sua vinda, mas agora sorria e recordava secretamente a impressão que lhe tinham causado nos primeiros meses os grossos lábios de Hagauer arredondando-se apaixonados debaixo do bigode hirsute; todo o rosto se enrugava então em gordas pregas em direção dos cantos da boca, e ela sentia irremediavelmente como que empanturrada: meu Deus, como esse homem é feio! Também suportara a branda vaidade e bondade professoral dele como a um mal-estar meramente físico, mais exterior que interior. Depois de passada a primeira surpresa, ela o traía aqui e ali com outros. “Se se quiser usar essa expressão”, pensava, “quando uma pessoa sem experiência, cujos sentidos se calam, sente no primeiro momento os esforços de um homem estranho como trovões que se chocam contra a porta!” Pois revelara ter pouco talento para a infidelidade: assim que conhecera os amantes, eles lhe pareciam tão pouco sedutores quanto os maridos, e em breve percebeu que dava no mesmo levar a sério as máscaras de dança de uma tribo negra ou as máscaras do amor que o homem europeu veste. Não que jamais tivesse se descontrolado por amor: mas depois da primeira tentativa de repetição, tudo passava logo! O mundo imaginário concretizado e a teatralidade do amor não a embriagavam. Essa série de prescrições para a alma, construídas principalmente pelo homem, que se destinam todas a conferir à dura vida, aqui e ali, uma horinha de fraqueza — qualquer forma inferior de fraqueza: afogar-se, morrer, ser possuída, entregar-se, submeter-se, enlouquecer e assim por diante — pareciam-lhe de um exagero espalhafatoso, pois em momento algum sentia outra coisa senão que era fraca num mundo tão excelentemente elaborado pela força masculina.

A filosofia que Ágata conseguira dessa maneira era simplesmente a do ser

feminino que não se deixa enganar, e involuntariamente observa o que o ser masculino pretende fingir. Aliás, nem era filosofia, era apenas uma decepção obstinadamente dissimulada, e misturada ainda com a disposição reprimida de encontrar alguma solução desconhecida, que talvez até aumentasse na medida em que se reduzia a rebeldia exterior. Como Ágata fosse uma mulher lida, mas por natureza não adequada às teorias, muitas vezes, comparando suas próprias experiências com os ideais dos livros e do teatro, admirava-se de ver que nem seus sedutores a tinham fascinado como a armadilha prende a caça, o que teria correspondido à auto-imagem de um Dom João, cuja postura costumavam assumir naqueles tempos os homens que davam um passo em falso com alguma mulher, nem sua convivência com o marido se transformava, à maneira strindbergiana, numa luta de sexos na qual a mulher aprisionada, como era igualmente moda, atormentasse seu amo e senhor imperioso e desajeitado com astúcia e fraqueza. Sua relação com Hagauer era bastante boa, ao contrário de seus sentimentos mais profundos.

Na primeira noite, Ulrich usara expressões totalmente incorretas, como pavor, choque, estupro. Ela lamentava, pensou Ágata ainda rebelando-se contra essa lembrança, não saber portar-se como um anjo, mas no seu casamento era tudo muito natural. Seu pai apoiara o pedido do noivo com motivos sensatos, ela própria decidira casar-se de novo: muito bem, assim se fez; tinha que aguentar as consequências, o que não era nem especialmente bonito, nem demasiadamente desagradável! Até agora ainda lamentava magoar conscientemente Hagauer como queria fazer. Não desejara amor; pensara que de alguma forma iria dar certo, pois ele afinal era um bom homem!

Na verdade, ele era antes uma dessas pessoas que sempre agem direito; mas, dentro delas não há verdadeira bondade, pensou Ágata. Parece que a bondade some da pessoa quando se toma boa vontade ou boa ação! Como dissera Ulrich? Um regato que impulsiona fábricas perde suas cachoeiras. Também isso ele dissera, também isso, mas não era o que ela buscava. Agora encontrara: “Parece que na verdade só pessoas que não fazem muitas coisas boas são capazes de guardar intacta a sua bondade!” Mas no momento em que chegara a essa frase, com a mesma clareza com que Ulrich a devia ter pronunciado, ela lhe pareceu totalmente absurda. Não

podia ser retirada do contexto da conversa, que esquecera. Tentou colocar as palavras de outro modo, e trocou-as por outras parecidas; mas via-se então que apenas a primeira frase era a correta, pois as outras pareciam pronunciadas ao vento, e nada sobrava delas. Portanto, Ulrich dissera realmente aquilo, mas: “Como podemos chamar de boas as pessoas que se portam mal?”, pensou ela. “Isso é realmente absurdo!” E descobriu: enquanto ele a pronunciara, aquela afirmação fora maravilhosa, sem que por isso tivesse mais conteúdo! Maravilhosa não era a palavra adequada: ela quase sentira náusea de tanta felicidade ao ouvir a frase! Frases como aquela explicavam toda a sua existência. Por exemplo, essa fora dita na última longa conversa depois do enterro, e da partida do Professor Hagauer; de repente, ela vira como sempre agir com negligência, inclusive naquela ocasião em que simplesmente pensara que as coisas “iam dar certo” com Hagauer por ele ser um “bom homem!”

Ulrich fazia frequentemente esse tipo de comentário, que por momentos a deixavam absolutamente feliz ou infeliz, embora não se pudessem “guardar” tais momentos. Quando, perguntou-se Ágata, dissera ele, por exemplo, que em certas circunstâncias poderia amar um ladrão, mas nunca uma pessoa que fosse honesta por hábito? De momento, não conseguia recordar, mas o delicioso era que logo percebia que não fora ele quem afirmara isso, mas ela própria. Aliás, ela pensara muitas das coisas que ele depois diria; apenas sem palavras, pois antigamente, sem poder contar com ninguém, jamais teria elaborado sozinho afirmações tão determinadas! Entre os saltos e solavancos do carro que passava por precárias estradas de subúrbio, envolvendo os dois, impossibilitados de falar, numa rede de abalos mecânicos, Ágata até ali se sentira muito bem, e também usara o nome do marido sem outra emoção no meio de suas reflexões, apenas como uma indicação de tempo e conteúdo para elas; mas agora, sem especial motivo, lentamente a perpassava um infinito terror: Hagauer estivera com ela em pessoa! A maneira objetiva com que pensara nele desapareceu, sua garganta fechou-se, amargamente.

Ele viera na manhã do enterro, apesar do atraso ainda insistira amavelmente em ver o sogro, fora até a Anatomia, adiar o fechamento do caixão, e de um modo delicado, honesto, comedido, parecera muito emocionado. Depois do enterro, Ágata protestara exaustão e Ulrich tivera de comer fora com o cunhado. Segundo contaria depois, a presença constante de Hagauer o

deixara enfurecido como um colarinho justo demais, e por isso mesmo fizera tudo para o afastar o mais depressa possível. Hagauer tencionava viajar para um congresso de educação na capital, dedicar ainda um dia a visitas e encontros no Ministério, tendo, como marido solícito, previsto passar antes disso dois dias junto à esposa para cuidar da herança dela; segundo combinação prévia com a irmã, porém, Ulrich inventara uma história que fazia parecer impossível receberem Hagauer na casa, anunciando que fizera reservas para ele no melhor hotel da cidade. Conforme esperado, Hagauer hesitou; o hotel seria desconfortável, caro, e, por decência, ele mesmo o teria de pagar; de outro lado, talvez pudesse dedicar dois dias às visitas e encontros na capital, e, viajando de noite, economizaria uma diária.

Portanto, fingindo lamentar, Hagauer disse que mal poderia desfrutar da hospitalidade de Ulrich, e finalmente lhe revelou sua decisão praticamente irreversível de viajar ainda naquela noite. Assim, faltava apenas regulamentar as questões da herança, e nesse ponto Ágata sorriu outra vez, pois por desejo dela Ulrich contara ao seu marido que só se poderia abrir o testamento alguns dias mais tarde. Ágata, disse Ulrich, estaria presente para cuidar dos direitos dele, que também receberia uma participação judicial, e quanto a móveis, lembranças e coisas assim, Ulrich, como solteiro, não tinha nenhuma exigência que não estivesse disposto a subordinar aos desejos da irmã. Para finalizar, ainda perguntou a Hagauer se, caso quisessem vender a casa que ninguém usava, ele concordaria, naturalmente sem compromisso, porque ainda não se abria o testamento, e Hagauer declarou, naturalmente sem compromisso, que de momento não sabia de nenhuma objeção, mas que no caso de isso realmente acontecer ainda precisaria tomar uma posição.

Ágata sugerira tudo isso ao irmão, e ele o tinha repetido, porque não pensara muito a respeito, e só queria ver-se livre de Hagauer. De repente, porém, Ágata sentiu-se outra vez muito mal, porque, depois de terem arranjado tudo tão bem, o marido ainda a viera procurar, em companhia do irmão, para se despedir. Ágata portara-se da pior maneira possível, declarando que não tinha a menor idéia de quando pretendia voltar para casa. Conhecendo-o, ela pôde verificar imediatamente que ele não estava preparado para isso e

ficara magoado por estar parecendo pouco amável com sua decisão de logo seguir viagem; e de repente, ele se aborreceu com atraso pela idéia de o quererem hospedar na estalagem e pela fria recepção que tivera; mas, sendo um homem ponderado, decidiu falar disso só mais tarde com a mulher, e, depois de tirar o chapéu, beijou-a na boca, como mandava a etiqueta. E esse beijo, a que Ulrich assistira, pareceu aniquilar Ágata. “Como foi possível”, perguntava-se consternada, “eu aguentar tanto tempo ao lado desse homem? Mas não aceitei, sem resistir, a minha vida toda?” E censurou-se, apaixonadamente: “Se eu valesse alguma coisa, jamais teria chegado a esse ponto!”

Ágata desviou o rosto de Ulrich, a quem estivera contemplando, e olhou pela janela. Casas baixas de subúrbio, estrada gelada, pessoas embuçadas: eram as impressões de um lugar ermo e feio que passavam pela janela, representando para ela a solidão da vida em que se sentia metida por pura negligência. Agora não se sentava mais ereta, mas se deixara deslizar um pouco no estofamento do carro, que cheirava a coisa velha, para poder olhar mais comodamente pela janela; e não mudou mais essa postura feia, em que os solavancos do carro atingiam e sacudiam grosseiramente seu ventre. O corpo lhe provocava sensações lúgubres, assim dilacerado, pois era a única coisa que possuía. Às vezes, quando, como menina de internato, acordava de manhã na penumbra, tivera a impressão de que seu corpo parecia passar em direção do futuro entre as tábuas de uma canoa. Tinha agora mais ou menos o dobro da idade de então. No carro reinava a mesma penumbra. Ela, porém, ainda não conseguia imaginar o que seria sua vida, e não tinha idéia de como deveria ser. Homens eram uma complementação e realização do seu corpo, mas não um conteúdo espiritual; possuíam-na de qualquer jeito. Seu corpo lhe dizia que em poucos anos começaria a perder a beleza; portanto, a perder as sensações que, nascendo diretamente de sua consciência de si mesma, só em pequena parte se deixavam exprimir por palavras ou pensamentos. Então, tudo teria acabado, sem que nada tivesse acontecido. Ocorreu-lhe que Ulrich falara de maneira semelhante sobre a inutilidade do seu esporte, e enquanto forçava seu rosto a permanecer virado para a janela, decidiu interrogá-lo.

10

CONTINUA O PASSEIO PELA SCHWEDENSCHANZE. MORAL DO PRÓXIMO PASSO

Os irmãos tinham deixado o carro junto às últimas casas baixas do limite da cidade, que já eram casas de aldeia, e subiam uma estrada larga, toda sulcada e íngreme, onde as marcas de rodas, congeladas, se desfaziam em pó sob os seus passos. Em breve, seus sapatos se cobriam do triste cinza daquele parquet de carroças e camponeses, contrastando com seus elegantes trajes citadinos, e, embora não estivesse frio, um vento áspero soprava do alto, e suas faces começaram a arder, de modo que uma secura de vidro na boca os impedia de falar.

A lembrança de Hagauer levava Ágata a explicar-se ao irmão. Estava convencida de que aquele casamento errado lhe devia ser incompreensível sob todos os aspectos, até segundo as mais simples exigências sociais; mas, embora em seu interior as palavras já estivessem preparadas, não conseguia decidir-se a superar a resistência da subida, do frio e do vento que lhe soprava no rosto. Ulrich andava à frente dela, num largo sulco de rodas que usavam como trilha; ela via seus ombros largos e esbeltos, e hesitou. Sempre o julgara duro, inflexível e um pouco aventureiro, talvez só devido às censuras que ouvia sobre ele do pai e de Hagauer, envergonhando-se, por sua própria docilidade diante da vida, diante desse irmão afastado e alheio à família. “Ele tinha razão de não se interessar por mim!”, pensou, e sua perplexidade por ter persistido tantas vezes em situações inadequadas repetiu-se. Na verdade, porém, havia nela a mesma paixão tempestuosa e contraditória que a fizera pronunciar aqueles versos selvagens entre os umbrais da sala em que velavam o pai. Aproximou-se de Ulrich, o que a fez ficar sem fôlego, e de repente, aos arrancos, soaram perguntas que provavelmente aquela estrada tão pragmática jamais escutara, e o vento era cortado por palavras que jamais haviam ressoado em todos os irmãos

daquele roceiro vento das colinas.

— Você ainda se lembra... — gritou ela, e deu o nome de alguns exemplos famosos na literatura. — Você não me disse se pode desculpar um ladrão; mas acharia bons esses assassinos?!

— Claro! — berrou Ulrich de volta. — Quer dizer, não; espere: talvez sejam apenas pessoas de boas inclinações, gente de valor, o que continuam sendo mais tarde, como criminosos; mas deixam de ser bons!

— Mas então por que gosta delas mesmo depois de terem agido mal? Certamente não por causa de suas antigas boas tendências, mas porque ainda lhe agradam!

— É sempre assim — disse Ulrich. — O ser humano dá o caráter à ação, e não o contrário! Separamos bem e mal, mas no fundo sabemos que são uma coisa só!

Ágata já estava vermelha por causa do frio, mas corou ainda mais por só conseguir ligar a livros a paixão de suas perguntas, a um tempo manifesta e oculta nas palavras. O mau uso que se costuma dar às “questões culturais” é tão grande que se poderia ter a impressão de que ficam deslocadas onde sopra vento e crescem árvores, como se a cultura humana não fosse uma síntese de todas as formas da natureza! Ela, porém, se controlara valentemente, pusera o braço no do irmão, e respondia agora, junto do seu ouvido, para não ter mais de gritar, com uma singular euforia que lhe fazia tremer o rosto:

— Então é por isso que exterminamos as pessoas más, mas lhes oferecemos amavelmente uma última refeição!

Ulrich, pressentindo um pouco da paixão a seu lado, inclinou-se para a irmã e disse-lhe ao ouvido, mas bastante alto:

— Todo mundo pensa que não pode fazer nada de mau por ser uma pessoa boa! Com essas palavras, chegaram ao alto, onde a estrada não subia mais, passando

a cortar as ondas de um planalto sem árvores. O vento cessara subitamente, e não estava mais frio, mas a conversa emudeceu naquele silêncio agradável, como se a tivessem cortado, e não prosseguiu mais. Algum tempo depois Ulrich indagou:

— Como é que no meio de toda essa ventania você foi pensar em Dostoievski e Beyle?

Se alguém nos tivesse observado, ia nos achar uns loucos!

Ágata deu uma risada:

— Teria entendido tão pouco das nossas palavras quanto dos gritos dos pássaros!...

Aliás, não faz muito tempo você me falou de Moosbrugger.

E apuraram o passo.

Algum tempo depois, Ágata disse:

— Mas eu não gosto dele!

— Eu também quase o tinha esquecido — respondeu Ulrich. Depois de andarem mais algum tempo calados, Ágata parou.

— Como é isso? — perguntou. — Você fez muita coisa irresponsável? Lembro, por exemplo, que uma vez você esteve no hospital por ter levado um tiro. Com certeza não reflete muito nas coisas...

— Mas que perguntas você anda fazendo hoje! — disse Ulrich. — O que quer que eu lhe responda?

— Não se arrepende do que faz? — perguntou Ágata, depressa. — Tenho a impressão de que você nunca se arrepende de nada. Uma vez você mesmo disse algo assim.

— Deus do céu — respondeu Ulrich, apressando o passo outra vez —, em cada “menos” há um “mais”. Talvez eu tenha dito algo assim, mas não se precisa interpretar tudo tão textualmente.

— Em todo o “menos” um “mais”?

— Em todo o mal, algo de bom. Ou pelo menos em muitas coisas más. Habitualmente, numa variante humana negativa existe uma variante positiva não conhecida: provavelmente foi o que eu quis dizer. E quem se arrepende de alguma coisa pode encontrar nisso forças para fazer algo tão bom como nunca teria sido capaz. O que fazemos nunca é decisivo, só aquilo que fazemos depois!

— E depois que se matou alguém, o que se poder fazer?

Ulrich deu de ombros. Tinha vontade de responder, apenas por coerência:

‘Talvez eu pudesse me tornar capaz de escrever um poema que daria a milhares a vida interior, ou de fazer alguma grande descoberta!’ Mas controlou-se: “Isso nunca me aconteceria!”, ocorreu-lhe. “Só um doente mental poderia imaginar algo assim. Ou um esteta de dezoito anos. Sabe Deus por que, são pensamentos contrários às leis da natureza. De resto...”, corrigiu-se, “o homem primitivo matava porque o sacrifício humano era um grande poema religioso!”

Ele não disse nem uma coisa nem outra, mas Ágata prosseguiu:

— Posso estar lhe fazendo objeções idiotas, mas quando o ouvi pela primeira vez dizer que não importa o passo que damos, mas o passo seguinte, pensei: então, se uma pessoa pudesse voar internamente, por assim dizer um vôo amoral, e depois, em grande velocidade, avançar sempre para novas melhorias, não saberia o que é remorso! E senti uma inveja incrível de você!

— Isso não faz sentido — respondeu Ulrich enfaticamente. — Eu disse que não importava o passo em falso mas o passo depois dele. Mas o que importa depois do passo seguinte? O que lhe seguir, é certo? E depois do enésimo, o n mais um? Uma pessoa dessas teria de viver sem fim nem decisão, sem realidade. E mesmo assim, o que interessa é sempre o passo seguinte. A verdade é que não dispomos de um método para lidar direto com essa série agitada. Minha querida — encerrou inesperadamente —, há momentos em que me arrependo de toda a minha vida!

— Pois é exatamente isso que você não consegue! — opinou a irmã.

— E por que não? Por que é exatamente isso que não consigo?

— Eu — respondeu Ágata — nunca fiz nada e sempre tive tempo de me arrepender do pouco que fazia. Estou convencida de que você não sabe o que é isso: um estado tão pouco iluminado! Chegam as sombras, e o que passou tem poder sobre mim. Torna-se presente nos menores detalhes, e não consigo esquecer nem entender nada. Um estado desagradável...

Ela disse isso sem emoção, muito contida. Ulrich realmente não conhecia esse jorrar-para-trás da vida, pois a sua sempre se dirigira para a frente, e apenas recordou que sua irmã já se queixara de si mesma algumas vezes de maneira bastante estranha. Mas não perguntou nada, pois entrementes haviam chegado a uma colina que, ele decidira, seria a meta de seu passeio

e dirigiram-se para a sua beirada. Era uma grande elevação de solo, que a lenda ligava a um sítio de suecos na Guerra dos Trinta Anos, porque parecia um fortim, embora grande demais, um verde baluarte da natureza, sem arbusto nem árvore, quebrando-se do lado da cidade numa parede de rocha alta e clara. O local era rodeado de uma profunda e deserta paisagem de colinas; não se via aldeia nem casa, só sombras de nuvens e pastagens cinzentas.

Aquele lugar arrebatou Ulrich mais uma vez, conhecido que era dos tempos da juventude: ainda se via a cidade a distância lá embaixo, medrosamente apertada em torno de algumas igrejas que pareciam galinhas com seus pintos, de modo que sem

querer se desejava alcançá-las de um salto e sentar-se no meio delas, ou pegá-las com dedos de gigante.

— Deve ter sido uma sensação magnífica, a desses aventureiros suecos: depois de caminharem semanas a fio, chegar a um lugar destes, e, ainda da sela, contemplarem pela primeira vez a sua presa! — disse depois de explicar à irmã o significado do lugar. — O doloroso da vida — esse mal que pesa sobre nós secretamente: temos de morrer, tudo é tão breve e provavelmente tão inútil! — na verdade só em momentos como este se alça de nós!

— A que momentos você se refere? — perguntou Ágata.

Ulrich não sabia o que responder. Nem mesmo queria responder. Lembrava-se de que, quando jovem, sempre sentira naquele local necessidade de morder os dentes e calar-se. Por fim, respondeu:

— Nos momentos aventurecos em que os fatos nos arrebatam. Portanto, principalmente nos momentos insensatos! — Sentiu a cabeça como uma noz vazia sobre o pescoço, cheia de velhos provérbios como “Comadre Morte”, ou “Construí minha casa sobre nada”; e, ao mesmo tempo, o perdido *fortissimo* dos anos em que a fronteira entre vida e expectativas de vida ainda não se erguera. Ele pensou: “Que experiências tive desde então, verdadeiramente luminosas e felizes? Nenhuma.”

Ágata respondeu:

— Eu sempre agi sem sentido, isso só deixa a gente infeliz.

Estava bem próxima da beirada; as palavras do irmão chegavam abafadas aos seus ouvidos, ela não as entendia, e contemplava uma paisagem grave e nua, cuja tristeza combinava com a sua própria. Ao virar-se, disse:

— Esse é um ambiente bom para a gente se matar — e sorriu. — O vazio da minha cabeça se diluiria com infinita doçura no vazio dessa paisagem! — E deu alguns passos para trás, em direção de Ulrich. — Toda a minha vida me censuraram dizendo que não tenho vontade própria, não amo nada, não respeito nada, em suma, que não sou uma pessoa decidida a viver. Papai sempre me acusou disso, Hagauer me censurou por isso. Agora, pelo amor de Deus, me diga você, por fim, em que momentos alguma coisa nos parece necessária na vida!

— Quando nos viramos na cama! — disse Ulrich, mal-humorado.

— O que significa isso?

— Desculpe o exemplo vulgar — disse ele. — Mas realmente é assim: estamos descontentes na nossa posição; pensamos o tempo todo em mudá-la, e tomamos uma decisão após a outra, sem realizar nenhuma. Por fim, desistimos: e de repente já nos viramos! Na verdade, teríamos de dizer que fomos virados! Não há outro modelo para nossas ações, seja nas paixões, seja nas decisões longamente planejadas. — Não a filava ao falar, respondia a si próprio. Ainda sentia: “Estive parado aqui desejando algo que nunca foi satisfeito.”

Agora, Ágata também sorria, mas o sorriso passou em sua boca como um movimento doloroso. Voltou ao seu lugar e contemplou em silêncio aquela distância fantástica. Seu casaco de peles destacava-se escuro contra o céu, seu vulto esguio formava um contraste forte com a vasta calmaria da paisagem e as sombras das nuvens voavam no alto. Essa visão deu a Ulrich uma sensação indescritivelmente forte de estar acontecendo algo. Quase se envergonhava de estar ali na companhia de uma mulher em vez de um cavalo selado. E apesar da calma sensação de pintura que naquele momento sua irmã transmitia, quando a causa se tomou bem nítida ele teve a impressão de que algo sucedia, não com ele mas no mundo, e que estava perdendo isso. Achou-se ridículo. Mas havia alguma coisa correta na sua afirmação impensada de que se arrependia da vida. Às vezes ansiava por se envolver em acontecimentos, como numa luta romana, ainda que fossem

insensatos, ou criminosos. Algo definitivo, sem aquele permanente provisório que as coisas têm sempre que a pessoa fica acima de suas experiências.

“Portanto, acontecimentos em si mesmos finais e definitivos”, refletiu Ulrich, agora seriamente em busca de uma expressão qualquer, e sem querer esse pensamento não procurou mais acontecimentos imaginados, mas terminou na visão que Ágata oferecia ela própria, apenas como espelho de si mesma, naqueles instantes. Assim, os irmãos ficaram longo tempo parados, apartados um do outro e isolados, uma hesitação repleta de contradições não lhes permitia nenhuma mudança. O mais estranho, porém, era certamente que Ulrich naquela ocasião não pensava que afinal algo já acontecera, pois, por incumbência de Ágata, e desejando livrar-se do cunhado, ele lhe contara a mentira de que havia um testamento fechado que só poderia ser aberto em alguns dias, e assegurara igualmente que Ágata cuidaria de seus interesses, o que mais tarde Hagauer chamou de favorecimento.

Mas de alguma forma afastaram-se juntos daquele local em que tinham estado mergulhados em si próprios, sem terem dito tudo o que queriam. O vento recomeçara, e como Ágata mostrasse cansaço, Ulrich sugeriu procurarem uma cabana de pastores que sabia haver ali perto. Era uma cabana de pedras, que encontraram logo, e tiveram de baixar as cabeças ao entrar; a mulher do pastor os fitava constrangida e pouco hospitaleira. No idioma misto de alemão e eslavo que se usava ali e que ele recordava obscuramente, Ulrich pediu permissão de se aquecerem e de comerem, sob a proteção da casa, a merenda que tinham trazido; e reforçou esse pedido tão espontaneamente com uma moeda, que a pouco hospitaleira mulher começou a se lamentar, horrorizada, por não poder receber melhor os “belos visitantes” devido à sua repulsiva pobreza.

Limpou a mesa gordurosa colocada junto à janela, acendeu um fogo de gravetos no fogão e colocou leite de cabra em cima. Mas Ágata logo se espremera ao longo da mesa, indo até a janela, e não dera atenção a todas essas circunstâncias, como se fosse natural encontrar refúgio em qualquer lugar, não importa onde fosse. Olhou pelo pequeno quadrado escuro das quatro vidraças a paisagem que ficava atrás do “fortim”; sem aquela ampla

visão lá de cima, ela lembrava a sensação de um nadador rodeado de ondas verdes. O dia ainda não terminava, mas já passara do seu auge e perdera seu brilho. De repente, Ágata perguntou:

— Por que você nunca fala sério comigo?

Que resposta mais correta Ulrich poderia dar do que um olhar breve, de inocência e surpresa? Estava ocupado espalhando sobre um pedaço de papel, entre ele e sua irmã, a provisão de presunto, linguiça e ovos.

Mas Ágata prosseguia:

— Quando esbarro sem querer no seu corpo, dói, e me assusto com a enorme diferença. Mas quando quero lhe fazer perguntas importantes, você se desmancha no ar! — Ela não tocou na comida que ele lhe oferecia; sua repulsa de concluir aquele dia com uma festa camponesa a deixara tão hirta que nem tocou na mesa. E repetiu-se algo que lembrava a subida pela estrada. Ulrich empurrou de lado os canecos com

leite de cabra que acabavam de chegar do fogão à mesa, exalando um odor muito desagradável para quem não fosse habituado a esses prazeres; e o lúcido, leve nojo que sentiu foi tão decisivo como às vezes uma súbita amargura.

— Sempre falei sério com você — respondeu. — Se não lhe agrada, não tenho culpa; pois o que não lhe agrada nas minhas respostas é a moral dos nossos tempos. — Naquele momento soube muito bem que queria explicar à irmã, da maneira mais completa possível, tudo o que ela precisava saber para entender melhor a si mesma e um pouco também ao irmão. E com a decisão de um homem que considera supérflua qualquer interrupção, começou um longo discurso:

— A moral dos nossos tempos, seja lá o que for que se diga, é a das realizações. Cinco falências mais ou menos fraudulentas são boas se depois da quinta vier uma fase de prosperidade e bênçãos. O sucesso faz esquecer o resto. Se chegamos ao ponto de doarmos dinheiro para eleições e comprarmos quadros, conseguimos a indulgência do Estado. Há regras tácitas para isso: se alguém faz doações para ajudar igrejas, obras benemerentes e partidos políticos, basta que aplique um décimo do que teria de gastar se lhe ocorresse mostrar sua boa vontade estimulando as artes.

Também há limites para o êxito: não se pode conseguir qualquer coisa por qualquer caminho; alguns princípios básicos da Coroa, da nobreza e da sociedade têm certo efeito de freio sobre o “arrivista”. Mas, de outro lado, o Estado mesmo, na sua pessoa suprapessoal, afirma cruamente o princípio de que se pode matar, roubar e enganar para que surjam poder, civilização e brilho. Naturalmente, não estou dizendo que tudo isso seja teoricamente reconhecido, ao contrário, teoricamente é muito obscuro. Mas, com isso, acabo de lhe contar os fatos mais comuns. A argumentação moral, ao lado disso, é apenas um meio a mais para o fim, um instrumento de luta, que usamos mais ou menos como usamos da mentira. Esse é o mundo criado pelos homens, e eu queria ser mulher se... as mulheres não amassem homens!

— Julgamos bom, hoje, o que nos dá a ilusão de nos levar a alguma coisa: mas essa convicção é exatamente o que você chamou de homem voador sem arrependimento, e eu designei como problema para cuja solução nos falta o método. Como homem de formação científica, em todas as situações tenho a sensação de que meus conhecimentos são inacabados, meros marcos de caminho, e que talvez amanhã eu já tenha nova experiência, que me fará pensar diferente de hoje; de outro lado, também um homem totalmente dominado pelo seu sentimento, um “homem em ascensão”, como você imaginou, sentirá todas as suas ações como degraus para chegar à ação seguinte. Então, existe em nosso espírito e alma algo como a “moral do próximo passo”, mas trata-se apenas da moral das cinco falências e será que a moral do empresário de nossos tempos chega tão fundo, ou trata-se apenas da aparência de uma harmonia, ou será que a moral do carreirista é o aborto prematuro de fenômenos mais profundos? Não lhe posso responder nesse momento!

A pequena pausa para respiração que Ulrich introduziu em suas explicações era apenas retórica, pois pretendia continuar desenvolvendo seus pontos de vista. Mas Ágata, que até então escutara naquela sua maneira por vezes singularmente animada-inanimada, levou em frente a conversa com o simples comentário inesperado de que essa resposta lhe era indiferente, pois só desejava saber o que Ulrich achava pessoalmente, e era incapaz de entender tudo o que se podia imaginar.

— Mas se você me pedir que eu realize alguma coisa, prefiro não ter moral alguma — acrescentou.

— Graças a Deus! — exclamou Ulrich. — Sempre me alegro ao ver sua juventude, beleza e força, e depois a escuto dizer que não tem energia nenhuma! Nossa época de qualquer modo já transborda de energia. Não quer mais pensamentos, somente ações. Essa terrível energia nasce apenas do fato de não termos nada a fazer. Interiormente, quero dizer. Mas afinal, também exteriormente, qualquer pessoa repete a vida inteira uma única ação: entra numa profissão e avança dentro dela. Acho que chegamos novamente à pergunta que você me fez há pouco, lá fora. É tão simples ter energia e tão difícil procurar um sentido no emprego dela! Hoje, pouquíssimas pessoas percebem isso. Por isso, os homens de ação parecem jogadores de boliche, que, com gestos napoleônicos, conseguem derrubar nove pedaços de pau. Eu nem me admiraria se no fim caíssem violentamente uns por cima dos outros, apenas porque não entendem essa incompreensível verdade de que todas as ações do mundo não bastam!...

Ele começara com vivacidade, mas depois tornara-se novamente pensativo, e até se calou algum tempo. Por fim, apenas ergueu os olhos sorrindo e contentou-se em dizer

— Você diz que se eu lhe exigisse algum esforço moral você me decepcionaria. Eu lhe digo que, se você me pedir conselhos morais, eu a decepcionarei. Quero dizer, não temos nada determinado a exigir um do outro: nós todos juntos. Na verdade, não deveríamos exigir ações uns dos outros, mas primeiro criar seus pressupostos: é isso que eu sinto!

— Mas como se faria isso? — disse Ágata. Notava que Ulrich se afastara do grande discurso geral que tinha começado, e entrara em algo que o atingia pessoal mente, mas para o gosto dela também era geral demais. Como se sabe, ela tinha um preconceito contra análises gerais e considerava bastante desesperançado qualquer esforço que a lançasse fora de si mesma. Isso valia com certeza na medida em que ela própria precisasse se esforçar, mas era provável que também o estendesse às afirmações gerais dos outros. Ainda assim, entendia Ulrich bastante bem. Notou que enquanto mantinha a cabeça baixa, falando baixinho contra a energia, sem saber ele continuava segurando o canivete fazendo riscos e marcas na tampa da mesa, todos os músculos da mão tensos. O gesto impensado mas quase passional daquela

mão, e o fato de ele ter dito tão aberta e sinceramente a Ágata que ela era bela e jovem, constituía um insensato diálogo acima da orquestra das demais palavras, à qual ela não dava maior significado senão o de estar ali sentada, contemplando.

— O que se deveria fazer? — replicou Ulrich da mesma maneira como estivera falando até ali. — Em casa de nossa prima, certa vez sugeri ao Conde Leinsdorf que fundasse um Secretariado Universal da Precisão e da Alma, para que também as pessoas que não vão à igreja soubessem o que fazer. Naturalmente, eu disse isso só de brincadeira, pois já há muito tempo criamos a ciência para a verdade, mas se quiséssemos pedir algo semelhante para o resto, hoje em dia quase nos teríamos de envergonhar por estarmos fazendo alguma tolice. Mesmo assim, tudo o que até aqui falamos nos conduziria a esse Secretariado! — Ele desistira do seu discurso e recostou-se no banco, endireitando o corpo.

— Certamente, vou estar me dissolvendo outra vez se acrescentar: — Mas como isso aconteceria hoje? — Como Ágata não respondesse, fez-se silêncio. E algum tempo depois, Ulrich disse: — De resto eu mesmo às vezes creio que não consigo suportar essa convicção! Quando há pouco vi você ali parada — prosseguiu a meia-voz —, ali naquele fórum, não sei por quê, tive

uma necessidade louca de repente fazer alguma coisa. Antigamente, às vezes fazia coisas impensadas; o encanto está nisso: quando acontecera, continuava existindo alguma coisa a meu lado. Às vezes posso imaginar que uma pessoa se torne feliz até pelo crime, porque lhe dá certo lastro, e com isso, quem sabe, uma jornada mais firme.

Também dessa vez sua irmã não respondeu logo. Ele a contemplava calmamente, talvez até com ar perquiridor, mas sem que se repetisse aquela experiência de que falara, sem na verdade pensar em nada. Pouco tempo depois, ela disse:

— Você ficaria zangado comigo se eu cometesse um crime?

— O que devo responder? — disse Ulrich, novamente debruçado sobre sua faca.

— Não há decisão?

— Não, hoje realmente não há decisão. Depois, Ágata disse:

— Eu queria matar Hagauer.

Ulrich forçou-se a não erguer os olhos. As palavras tinham entrado leves e tênues em seu ouvido, mas quando terminaram de soar deixaram em sua memória algo como uma grande marca de rodas. Ele esquecera logo o tom, teria de ter visto o rosto dela para saber como deviam ser interpretadas as palavras, mas não lhes queria conferir tanta importância assim.

— Muito bem — disse —, e por que não o faria? Quem nunca desejou uma coisa dessas? Faça isso, se realmente pode! É como se tivesse dito: quero amá-lo por seus erros!

Só agora ele se endireitou outra vez e fitou o rosto da irmã. Estava fechado, e surpreendentemente excitado, aquele rosto. Deixando o olhar pousado nele, esclareceu devagar

— Está vendo, alguma coisa está errada; nessa fronteira entre o que acontece dentro de nós e fora de nós, falta hoje uma intermediação qualquer, só com enormes perdas uma coisa se transmuda na outra. Quase se poderia dizer que nossos maus desejos são o lado sombrio da vida que realmente vivemos; e a vida que realmente vivemos é o lado sombrio de nossos bons desejos. Imagine só se você realmente fizesse aquilo: não seria o que pretendia fazer, e você no mínimo ficaria terrivelmente decepcionada...

— Talvez, de repente, eu pudesse ser outra pessoa: você mesmo admitiu isso! — interrompeu Ágata.

Quando, nesse momento, Ulrich olhou para o lado, recordou que não estavam sozinhos, mas que havia duas pessoas ouvindo sua conversa. A velha dona da casa — não devia ter mais de quarenta anos, e só os farrapos e sinais de sua vida humilde a envelheciam

— sentara-se amigavelmente ao lado do seu fogão, ao lado dela o pastor, que voltara à cabana durante aquele diálogo, sem que os visitantes, tão entretidos consigo mesmos, tivessem percebido. Os dois velhos estavam de mãos pousadas nos joelhos, e pareciam escutar, lisonjeados e assombrados, a conversa que enchia sua cabana, muito satisfeitos com ela embora não

entendessem palavra. Viram que o leite não fora bebido, a linguiça não fora comida, era tudo um teatro, quem sabe edificante. Nem ao menos sussurraram nada entre si. O olhar de Ulrich mergulhou em seus olhos arregalados, e ele lhes sorriu constrangido, sorriso a que só a mulher correspondeu, enquanto o homem continuava sério, numa postura respeitosa — Temos de comer! — disse Ulrich à irmã em inglês. — Estão espantados conosco!

Ela tocou um pouco no pão e na carne, obediente, ele próprio comeu, decidido, até bebendo um pouco aquele leite. E Ágata disse, alto e desinibida:

— A idéia de realmente o ferir me é desagradável, quando penso direito. Talvez então eu não o queira matar. Mas gostaria de apagá-lo! Dilacerar em pedacinhos, esmagá-los num almofariz, e jogar o pó na água. É isso que eu queria! Anular inteiramente tudo o que existiu!

— Sabe, estamos falando umas coisas bem engraçadas — comentou Ulrich. Ágata ficou calada algum tempo, mas depois disse:

— Você me prometeu no primeiro dia que me apoiaria contra Hagauer!

— Claro que vou. Mas não assim.

Ágata calou-se outra vez, depois disse de repente:

— Se você quisesse comprar ou alugar um carro, poderíamos ir à minha casa, passando por Iglau, e voltar pelo trajeto mais longo, acho que por Tabor. Ninguém imaginaria que estivemos lá de noite.

— E os criados da casa? Por sorte nem sei dirigir um carro! — Ulrich riu, mas de repente, sem querer, sacudiu a cabeça: — São bem as idéias de hoje em dia!

— É, você diz isso — comentou Ágata. Empurrava pensativamente com a unha um pedaço de toucinho de um lado para outro, e parecia que aquela unha agia sozinha, manchando-se de um pouco de gordura. — Mas você também diz: as virtudes da sociedade são pecados para os santos!

— Só que eu não disse que os pecados da sociedade são virtudes para os santos! — corrigiu Ulrich. Riu, pegou a mão de Ágata e limpou-a com seu lenço.

— Você sempre se desdiz! — censurou Ágata e sorriu insatisfeita, enquanto o sangue lhe subia ao rosto, pois procurava livrar o dedo.

Os dois velhos ao fogão, olhando exatamente como antes, agora sorriram francamente, com eco.

— Quando você fala assim comigo — disse Ágata baixinho — sinto como se me visse em cacos de espelho: com você a gente nunca se vê inteira!

— Não — respondeu Ulrich, que não soltara a mão dela. — Hoje a gente não se vê inteiro, nem nos movemos inteiros. É isso!

Ágata cedeu, e de repente desistiu de retirar o braço.

— Eu certamente sou o oposto de uma santa — declarou em voz baixa. — Talvez, na minha indiferença, tenha sido pior do que uma mulher paga. Também certamente não sou dinâmica, e talvez não consiga matar ninguém. Mas quando você falou pela primeira vez dos seus santos, já faz bastante tempo, eu vi algo “de corpo inteiro”... — Ela baixou a cabeça para refletir, ou não deixar ver o rosto. — Eu vi um santo que talvez estivesse parado sobre um poço. Para dizer a verdade, talvez não tenha visto nada, mas senti algo que se teria de expressar assim. A água corria, e o que o santo fazia também vinha jorrando sobre a beirada, como se ele fosse um tanque mansamente transbordando para todos os lados. Acho que deveríamos ser assim, pois então sempre agiríamos direito, pois seria completamente indiferente o que fazemos.

— Ágata se vê em sagrada plenitude, se vê no mundo, tremendo por causa de seus pecados, e percebe, incrédula, que as serpentes e rinocerontes, montanhas e desfiladeiros se deitam a seus pés, quietos e muito menores ainda do que ela. Mas, e o que houve com Hagauer? — brincou ele, baixinho.

— É isso. Ele não pode ficar. Tem de sumir.

— Eu também vou lhe contar uma coisa — disse o irmão. — Sempre que tive de participar de algo em comum, qualquer acontecimento humano, me senti como um homem que sai do teatro antes do último ato para respirar por um momento, vê o grande vazio das trevas cheias de estrelas, e deixa o chapéu, casaco, espetáculo, e parte.

Ágata o encarou, curiosa. Aquilo servia e não servia de resposta. Ulrich também a fitava no rosto.

— Você também muitas vezes é atormentada por uma repulsa para a qual

ainda nem existe a atração — disse ele, pensando: “Ela será realmente parecida comigo?” Mais uma vez lhe pareceu: talvez como uma pintura em pastel se parece com uma gravura em madeira. Considerava-se o mais sólido dos dois. Ela era mais bonita. De uma beleza tão agradável. Então, ele passou do dedo para a mão inteira; uma mão cálida, longa, cheia de vida, e até ali ele só a segurara na sua quando se cumprimentavam. Sua jovem irmã estava agitada, e embora não tivesse lágrimas nos olhos, havia neles um ar úmido.

— Em poucos dias você também vai me abandonar — disse ela —, e como vou me arranjar com tudo isso?

— Mas podemos ficar juntos, você pode ir ter comigo depois.

— Como imagina isso? — perguntou Ágata e a pequena ruga de reflexão lhe apareceu na fronte.

— Bem, eu ainda não imagino nada; recém me ocorreu. — Ele levantou-se, deu uma moeda aos pastores, “pela mesa cortada”. Ágata viu através de uma nuvem o sorriso dos camponeses que fizeram uma mesura e disseram algo amável em palavras breves e incompreensíveis. Quando passou por eles, sentiu os quatro olhos hospitaleiros nus e comovidos sobre o rosto, e compreendeu que eles os tinham considerado um casal de amantes que brigara e fizera as pazes.

— Eles nos tomaram por amantes! — disse. Atrevida, enfiou o braço no do irmão, e toda a sua alegria irrompeu. — Você devia me dar um beijo! — pediu, e, rindo, apertou o braço de Ulrich junto ao corpo no momento em que pararam na soleira da cabana e a porta baixa se abriu sobre a escuridão da noite.

Durante o resto da estada de Ulrich, pouco se falou em Hagauer, mas também por longo tempo os irmãos não voltaram a comentar a idéia de darem continuação a seu convívio e assumirem uma vida em comum. Apesar disso, o fogo que irrompera como centelha inicial, o incontrolável desejo de Ágata de eliminar o marido, continuava ardendo debaixo das cinzas. Estendeu-se em diálogos intermináveis, que mesmo assim viviam recomeçando; talvez se devesse dizer: a alma de Ágata procurava outra maneira de arder livremente.

De hábito, no começo dessas conversas ela fazia alguma pergunta pessoal e determinada, cuja forma interna era “posso ou não posso?”. A anarquia de sua personalidade tivera até ali a figura triste e cansada da convicção: “Posso tudo, mas mesmo assim não quero.” Dessa forma, as perguntas de sua jovem irmã por vezes davam a Ulrich impressão semelhante às de uma criança, tão cálidas como as pequenas mãos dessa criaturinha desamparada.

Suas próprias respostas tinham outra natureza, para ele não menos significativa: sempre gostava de apresentar algo dos despojos de sua vida e pensamento, e, segundo seu costume, expressava-se de maneira igualmente franca e intelectual. Sempre começava a falar da “moral da história” que sua irmã contava, sintetizava as fórmulas, gostava de tomar-se como exemplo, e dessa maneira foi contando muita coisa de si a Ágata, isto é, de sua antiga vida movimentada.

Ágata nada lhe contava de si, mas admirava aquela capacidade de falar assim da própria vida, e o fato de ele levar moralmente a sério todos os seus propósitos agradava-lhe muito. Pois a moral não é senão uma ordem da alma e das coisas, abrangendo as duas, de modo que não é estranho que jovens, cuja vontade de viver ainda não ficou embotada em nenhum aspecto, falem muito dela. Seria preciso antes explicar isso num homem da

idade e experiência de Ulrich; pois homens só falam de moral profissionalmente, quando faz parte da linguagem de seu ofício, caso contrário essa palavra já foi, para eles, engolida pelas atividades da vida, e não se liberta mais. Quando Ulrich falava em moral, isso significava uma profunda desordem, atraindo Ágata que vibrava no mesmo tom. Ela envergonhava-se um pouco de sua ingênua confissão de querer viver “inteiramente de acordo consigo mesma”, pois via que complexas condições seriam necessárias para isso, e mesmo assim desejava com impaciência que o irmão chegasse mais depressa a um resultado, pois muitas vezes parecia-lhe que tudo o que ele dizia se movia exatamente nessa direção, de forma sempre mais precisa ao chegar ao fim, só parando a um passo da soleira em que toda vez desistia de seu empreendimento.

O local dessa virada, e desses últimos passos, cujo efeito paralisante Ulrich percebia, pode ser designado de modo geral afirmando que cada frase da moral européia leva a um ponto de onde não se pode mais prosseguir; de modo que uma pessoa que se justifica tem primeiro os gestos de quem chapinha na água rasa com convicções firmes sob os pés, mas, de repente, se for um pouco mais adiante, assume gestos de quem se afoga angustiadamente, como se o chão da vida descesse diretamente para uma profundidade insegura. Isso manifestava-se nos irmãos de maneira determinada: Ulrich podia falar de forma calma e esclarecedora sobre todas as coisas enquanto participasse delas com a razão, e Ágata sentia zelo semelhante ao escutar. Mas depois, quando paravam e ficavam calados, uma tensão bem mais agitada aparecia em seus rostos. E assim, certa vez foram levados além da fronteira na qual até ali haviam parado inconscientemente. Ulrich afirmava:

— A única característica verdadeira de nossa moral é que seus mandamentos se contradizem. A mais moral de todas as frases é: a exceção confirma a regra!

Provavelmente, ele expressara apenas a repulsa contra um procedimento moral que se pretende inflexível e, na prática, tem de ceder a todas as flexões, consistindo assim no exato oposto de um procedimento exato, que considera primeiro a experiência e extrai a lei dessa observação. Naturalmente, ele conhecia a diferença entre leis da natureza e da moral,

feita de modo que se possam deduzir umas da natureza sem moral, mas as outras se precisam impor à natureza humana, menos obstinada; ele pensava, entretanto, que alguma coisa andava errada nessa distinção; por isso, queria dizer que a moral estava intelectualmente cem anos atrasada, motivo pelo qual era difícil adaptá-la a situações tão mudadas. Mas antes de ter chegado lá com sua explicação, Ágata o interrompeu com uma resposta que lhe pareceu simples mas no momento o deixou pasmado.

— Então ser bom não é bom? — perguntou ao irmão, e nos seus olhos havia algo que lembrava aquela vez em que fazia, com as condecorações do pai, algo que provavelmente nem todo mundo julgaria bom.

— Você tem razão — respondeu ele, animado. — É preciso realmente formar uma frase dessas, para ter novamente o significado original! Mas crianças gostam tanto de ser boas quanto de um doce.

— Aliás, também de ser más — completou Ágata.

— Mas ser bom não faz parte das paixões do adulto? — perguntou Ulrich.
— Faz parte de seus princípios! Os adultos não são bons, isso lhes pareceria infantil: eles praticam o bem; homem bom é aquele que tem bons princípios, e faz boas obras: é um mistério conhecido de todos, que ele ao mesmo tempo pode ser a mais repulsiva das pessoas!

— Veja Hagauer — completou Ágata.

— Há um absurdo paradoxal nessas pessoas boas — opinou Ulrich. — Transformam um estado numa exigência, uma graça em norma, e um ser em objetivo! Nessa família dos bons, pela vida inteira só se comem restos, enquanto se comenta que um dia houve uma festa, do qual se originam! Claro, de tempos em tempos algumas virtudes entram novamente em moda, mas assim que isso acontece, perdem o frescor!

— Uma vez você disse que a mesma ação pode ser boa ou má, conforme o contexto? — perguntou Ágata.

Ulrich concordou. Era sua teoria, que os valores morais não são grandezas absolutas mas conceitos funcionais. Mas quando moralizamos e generalizamos, nós os separamos de seu todo natural:

— E provavelmente é aí que alguma coisa anda errada no caminho da virtude — disse ele.

— De outro modo, como as pessoas morais poderiam ser tão monótonas — completou ela —, quando sua intenção de serem boas deveria ser a coisa mais encantadora, difícil e interessante que se possa imaginar?!

O irmão vacilou; mas de repente, sem querer, deixou escapar uma afirmação através da qual em breve os dois entrariam em relações inusitadas.

— Nossa moral — explicou — é a cristalização de um movimento interior totalmente diferente dela! Nada do que dizemos está correto! Pegue qualquer frase, lembrei uma por acaso: “Deve imperar arrependimento nas prisões!” Frase que se pode dizer com a melhor das consciências; mas ninguém a toma ao pé da letra, senão quereríamos o fogo do inferno para os encarcerados! Então, como a interpretamos? Certamente poucos sabem o que é arrependimento, mas todo mundo diz onde ele deve reinar. Ou imagine algo que a eleve: de onde veio essa moral? Quando é que caímos com o rosto no pó a ponto de ficarmos felizes por sermos elevados? Ou interprete ao pé da letra que uma idéia a comova: no momento em que sentisse esse encontro fisicamente, já estaria nas fronteiras da loucura! E assim, cada palavra quer ser tomada ao pé da letra, ou apodrece e toma-se mentira, mas não devemos tomar nenhuma ao pé da letra, ou o mundo se transforma num hospício! Alguma grande embriaguez emerge daí como obscura recordação, e por vezes pensamos que tudo o que vivemos são partes arrancadas e desfeitas de um antigo grande todo, que simplesmente recompusemos do modo errado.

O diálogo em que esse comentário se deu tinha lugar na biblioteca e escritório, Ulrich sentado diante de algumas obras que trouxera em viagem, sua irmã folheando os livros de Direito e Filosofia de que também era herdeira, em parte retirando deles o estímulo para suas perguntas.

Desde a excursão, os irmãos raramente saíam de casa. Ocupavam-se daquela maneira. Por vezes iam passear no jardim, cujos arbustos tinham perdido as folhas no inverno, de modo que a terra aparecia por baixo delas inchada de umidade. Era uma visão torturante. O ar estava pálido como algo que ficou tempo demais na água. O jardim não era grande. Os caminhos logo voltavam sobre si mesmos. O estado de espírito em que os dois

andavam por essas veredas girava em círculo, como uma torrente diante de um dique que a está represando. Quando voltavam para casa, as salas estavam escuras e protegidas, as janelas pareciam profundas clarabóias pelas quais o dia entrava doce e hirto como marfim translúcido.

Depois da última e agitada exclamação de Ulrich, Ágata tinha descido da escada da estante, onde estivera sentada; passou o braço pelo ombro dele, sem responder. Era uma carícia inusitada, pois além dos dois beijos, um na noite de seu primeiro encontro, o outro há poucos dias ao iniciarem o caminho de casa, na cabana de pastores, a natural inibição fraterna nunca os deixara passar de palavras ou pequenas amabilidades, e também daquelas duas vezes o efeito do toque fraterno fora encoberto pelo inesperado e pela euforia.

Mas, dessa vez, Ulrich logo pensou na liga quente que sua irmã dera ao morto em lugar de muitas palavras. E passou-lhe pela cabeça: “É certo que ela tem um amante; mas não parece se importar muito com ele, senão não ficaria aqui tão calma!” Era evidente que ela era uma mulher que levava vida de mulher independente dele, e que isso continuaria assim. O ombro de Ulrich sentiu naquele peso tranquilo a beleza do braço da irmã, e, no lado voltado para ela, captou como uma sombra a proximidade da axila loura e o contorno do seio. Mas para não ficar ali sentado exposto sem resistência àquele silencioso abraço, rodeou com a mão os dedos dela pousados junto de seu pescoço, e com esse toque recobriu o outro.

— Sabe, estamos falando infantilidades — disse com algum mau-humor. — O mundo está cheio de decisões dinâmicas, e nós aqui sentados, falando nesse nosso ócio luxuoso das doçuras de ser bom e das panelas teóricas que podíamos encher com isso.

Ágata libertou os dedos mas deixou a mão voltar ao lugar.

— Afinal o que você anda lendo aí todos esses dias? — perguntou.

— Você sabe — respondeu ele. — Fica a toda hora espiando o livro pelas minhas costas!

— Mas não entendo direito o que é.

Ele não quis falar a respeito. Ágata, que aproximara sua cadeira, estava

agachada atrás do irmão, e pousara serenamente o rosto em seus cabelos como se dormisse dentro deles. Ulrich lembrou-se estranhamente do momento em que seu amigo Arnheim passara o braço em volta dele, e o contato de outro ser, jorrando descontrolado, entrara nele como por uma brecha. Mas dessa vez, sua própria natureza não repelia a estranha, ao contrário, lançava-se ao encontro dela com algo que estivera soterrado sob os pedregulhos da desconfiança e da repulsa com que se enche o coração de um ser humano que já viveu algum tempo. A postura de Ágata em relação a ele, oscilando entre comportamento de irmã e mulher, estranha e amiga, não se igualava ao de nenhuma delas, também não constava (e ele refletira sobre isso várias vezes) de uma harmonia de pensamentos e emoções particularmente forte; mas, sentiu ele quase assombrado naquele instante, combinava perfeitamente com o fato, nascido de incontáveis impressões naqueles poucos dias, que não se poderiam citar com brevidade, de a boca de Ágata pousar nos cabelos dele sem nenhuma outra exigência, e esses cabelos se tornarem quentes e úmidos da respiração dela. Era a um tempo espiritual e físico; pois, quando Ágata repetiu sua pergunta, Ulrich foi tomado por uma seriedade que nunca mais sentira desde a juventude, e antes que se desfizesse essa nuvem de seriedade imponderável que ia do espaço às suas costas até o livro em que pensava, varando o seu corpo inteiro, ele deu uma resposta que o surpreendeu mais pelo tom despido de qualquer ironia do que pelo conteúdo:

— Estou-me instruindo sobre os caminhos da vida santa — disse.

Ele se levantara; mas não para se afastar da irmã, colocando-se a alguns passos de distância dela, e sim para poder vê-la melhor.

— Não precisa rir — disse. — Não sou devoto; analiso o caminho sagrado perguntando se também poderia andar de automóvel sobre ele!

— Eu só ri porque tenho tanta curiosidade de saber o que você vai dizer — respondeu Ágata. — Os livros que trouxe são desconhecidos para mim, mas me parece que não são totalmente incompreensíveis.

— Conhece isso? — perguntou seu irmão, já convencido de que ela o conhecia. — Pode-se estar no meio da mais intensa comoção, mas, de repente, o olho cai sobre qualquer coisa que Deus e o mundo abandonaram, e não podemos mais nos afastar dela? Somos subitamente carregados por

aquela insignificante existência como se fôssemos uma pluma voando no vento, livre de todo o peso e força.

— Penso que reconheço isso, exceto essa intensa comoção de que você fala com tanta ênfase — disse Ágata, e sorriu novamente do intenso constrangimento que se desenhava no rosto do irmão e não combinava com suas ternas palavras. — De vez em quando esquecemos de ver e ouvir, e não conseguimos falar. Mas, exatamente nesses minutos, por um instante recuperamos a lucidez.

— Eu diria — prosseguiu Ulrich vivamente — que é como olhar para um grande espelho d'água: o olho pensa ver a escuridão, tão claro tudo está, e na margem do outro lado as coisas não parecem pousadas na terra, mas pairam no ar com uma doce nitidez exagerada, que quase dói, e nos perturba. Nessa impressão há ao mesmo tempo intensificação e perda. Estamos ligados a tudo e não podemos nos aproximar de nada. Estamos do lado de cá, o mundo do lado de lá, numa superação da identidade e da concretude, mas ambos quase doloridamente nítidos. E o que então separa e une o que habitualmente está misturado é uma cintilação sombria, um jorrar e apagar, um impulso para dentro e para fora. Flutuamos como o peixe na água ou o pássaro no ar, mas não há margem, nem ramo, nada senão essa flutuação!

Ulrich fazia literatura; mas o fogo e firmeza de sua fala destacavam-se, metálicos, do seu conteúdo delicado e difuso. Ele parecia ter abandonado a cautela que normalmente o dominava, e Ágata o fitou espantada, mas também com inquieta alegria.

— E você acha que existe algo — perguntou —, algo por trás disso? Mais que um “capricho”, ou seja lá qual dessas horrendas palavras tranquilizadoras?

— Claro que censo! — Ele sentou-se outra vez em seu antigo lugar e folheou os livros, enquanto Ágata se levantava para abrir-lhe espaço. Em seguida, dizendo as palavras “os santos descrevem assim”, ele abriu um dos textos e leu em voz alta:

— Durante esses dias estive particularmente inquieto. Ora me sentava um pouco, ora andava de um lado para outro pela casa. Era como um sofrimento, mas antes se deveria chamar doçura do que sofrimento, pois não

havia aborrecimento naquilo, mas uma sensação singular e muito sobrenatural de bem-estar. Eu superara todas as minhas capacidades, chegando à obscura força. Então, escutei sem som, visem luz. Então, meu coração se tornou algo sem fundo, meu espírito informe, minha natureza insubstancial.

Os dois acharam aquelas palavras semelhantes à inquietação que os impelia pela casa e pelo jardim, e Ágata ficou surpreendida por também os santos chamarem seu coração de algo sem fundo, e seu espírito de informe; mas Ulrich logo pareceu retomar sua ironia costumeira.

— Os santos dizem: um dia estive encerrado e então fui arrancado de mim mesmo e mergulhado em Deus sem saber. Os imperadores na caçada, de que ouvimos falar nos livros de história, descrevem a coisa de outra forma: contam que lhes apareceu um cervo com uma cruz na gahlada, de modo que sua espada assassina caiu; e então mandaram erguer uma capela naquele local, para poderem continuar caçando. E as damas ricas e inteligentes com quem convivi lhe responderão imediatamente, se você perguntar uma coisa dessas, que o último a pintar esse tipo de experiência foi Van Gogh. Talvez em lugar de pintura também falem dos poemas de Rilke; mas, de modo geral, preferem Van Gogh, que representa uma excelente aplicação de capital, e cortou a orelha porque pintar não lhe bastava diante do fervor das coisas. A maioria de nosso povo dirá pelo contrário que cortar a orelha não é uma expressão de sentimento alemão, mas sim a inconfundível experiência do vazio da paisagem vista dos cumes das montanhas. Para eles, solidão, florzinhas e aguinhas rumorejantes são o máximo da elevação humana. E também na burrice sublime dessa insípida contemplação da natureza há um último reflexo mal interpretado de uma misteriosa segunda vida, e, portanto, ela no fim das contas deve existir ou ter existido!

— Então era melhor você não zombar disso — objetou Ágata, séria pela ânsia de saber, e irradiando impaciência.

— Eu só zombo porque eu gosto — respondeu Ulrich laconicamente.

12

DIÁLOGOS SAGRADOS. CONTINUAÇÃO COM VICISSITUDES

Depois disso, havia sempre grande quantidade de livros na mesa, em parte trazidos de casa, em parte comprados depois, e ora Ulrich falava livremente, ora, para comprovar ou repetir algo textualmente, abria um livro num dos muitos lugares que marcara inserindo algum bilhete. Eram em geral biografias e manifestações pessoais

de místicos, ou trabalhos científicos a respeito deles, e habitualmente ele desviava a conversa para aquele rumo dizendo: “Vamos olhar do modo mais lúcido possível o que está acontecendo por aqui.” Era uma postura cautelosa, de que ele não desistia facilmente, e uma vez até disse:

— Se você pudesse ler do princípio ao fim essas descrições que homens e mulheres de séculos passados fizeram do seu arrebatamento por Deus, veria que letra por letra há verdade e realidade, mas as afirmações constituídas por essas letras causariam a maior repulsa à sua vontade de pessoa atual. — E prosseguiu: — Eles falam de um brilho que tudo inunda. De uma infinita amplidão, um infinito reino de luz. De uma “unidade” flutuante de todas as coisas e forças espirituais. Do ímpeto maravilhoso e indescritível do coração. De conhecimentos tão rápidos que são todos simultâneos, como gotas de fogo caindo no mundo. E, por outro lado, falam de um esquecer e não entender mais, até de um aniquilamento das coisas. Falam de uma imensa paz, livre das paixões. De um emudecimento. Um desaparecimento de idéias e intenções. Uma cegueira na qual vêem claramente, e uma claridade na qual estão mortos e sobrenaturalmente vivos. Chamam a isso “deixar de ser”, mas afirmam viver então mais plenamente do que nunca. Não são as mesmas sensações, embora envoltas pela dificuldade de expressão, que ainda temos hoje quando eventualmente o coração — “sôfrego e saciado” como dizem! — atinge aquelas regiões utópicas que ficam em algum lugar e em lugar nenhum entre uma ternura infinita e uma

infinita solidão?

Na pequena pausa que Ulrich fez para refletir, intrometeu-se a voz de Ágata:

— E isso que você uma vez chamou de duas camadas sobrepostas em nós?

— Eu... quando?

— Você andava pela cidade sem objetivo, e sentia que estava sendo desfeito nela mas ao mesmo tempo não a queria; e eu lhe disse que também sinto isso muitas vezes.

— Ah, sim. Até disse “Hagauer” depois disso! — exclamou Ulrich. — E nós dois rimos; agora me recordo bem. Mas não estávamos querendo dizer isso realmente. Eu também lhe contei da visão que dá e que recebe, do princípio masculino e feminino, do hermafroditismo da fantasia primitiva, e de coisas semelhantes: posso falar muito a esse respeito! Como se minha boca estivesse tão distante de mim quanto a lua, que também está a postos quando de noite precisamos de alguém íntimo para conversar! Mas o que esses devotos contam das aventuras de sua alma — prosseguiu ele, enquanto na amargura de suas palavras voltavam a se mesclar objetividade e admiração — foi por vezes escrito com a força e absoluta convicção de uma análise de Stendhal. Mas apenas — restringiu — na medida em que se atenham aos fenômenos e não introduzam seu julgamento, que é falseado pela lisonjeira convicção de serem escolhidos por Deus para experimentá-lo diretamente. Pois a partir desse momento, naturalmente não contarão mais suas percepções tão difíceis de descrever, nas quais não há substantivos nem verbos, mas falarão em frases com sujeito e objeto, porque acreditam na sua alma e em Deus como em umbrais de porta entre os quais se abrirá o milagroso. E assim fazem esses depoimentos, de que a alma lhes é arrancada do corpo e mergulhada no Senhor, ou de que o Senhor entra neles como um amante; são apanhados por Deus, devorados por ele, cegos, roubados, violentados, ou sua alma se estende até ele, entra nele, saboreia-o, envolve-o com amor e ouve-o falar. O modelo terreno é sempre evidente; e essas descrições já não parecem terríveis descobertas, mas apenas imagens familiares com que um poeta amoroso enfeita seu

objeto, sobre o qual pode haver somente uma opinião: para mim, pelo menos, educado para a contenção, esses relatos são uma tortura, porque os eleitos, exatamente no momento em que asseguram que Deus lhes falou, ou que entenderam a linguagem dos animais e das árvores, deixam de me dizer o que lhes foi revelado; e se alguma vez o dizem, aparecem apenas assuntos pessoais ou notícias de igreja que já são conhecidas. É uma pena que cientistas não tenham visões! — disse, encerrando sua longa resposta.

— Acha que poderiam ter? — instigou Ágata.

Ulrich hesitou um momento. Depois respondeu como numa profissão de fé:

— Não sei. Talvez pudesse acontecer comigo! — Ouvindo suas próprias palavras, sorriu para limitá-las novamente.

Ágata também sorriu; parecia ter recebido a resposta que desejara, e seu rosto espelhou um breve momento da perplexa decepção que surge quando uma tensão acaba de repente. Por isso, talvez ela objetasse unicamente para instigar o irmão outra vez:

— Você sabe que fui educada num estabelecimento muito religioso: o resultado é que sinto uma vontade simplesmente escandalosa de fazer caricatura sempre que alguém me fala de ideais piedosos. Nossas educadoras usavam um hábito cujas duas cores formavam uma cruz, e isso lembrava um dos mais nobres pensamentos que de veríamos ter diante dos olhos o dia todo. Mas não pensávamos nele um segundo, e chamávamos nossas Madres de aranhas-cruzeiras, por causa da sua aparência e do seu jeitinho meloso de falar. Assim, enquanto você falava há pouco, eu tinha vontade ora de rir, ora de chorar!

— Sabe o que isso prova? — exclamou Ulrich. — Simplesmente que a força para o bem que existe em nós de alguma maneira ao mesmo tempo devora as paredes em que a encerramos numa forma fixa, e por esse buraco imediatamente foge para o mal! Isso me lembra o tempo em que fui oficial e, com meus camaradas, era o esteio da Coroa e do Altar: nunca mais na vida pude falar mal dos dois tão livremente como naquele nosso meio! Os sentimentos não suportam serem algemados, especialmente certos sentimentos. Estou convencido de que suas bravas educadoras acreditavam no que lhes ensinavam: mas a crença não pode envelhecer uma hora sequer.

É isso!

Ágata entendeu, embora Ulrich na sua pressa não tivesse expressado, como desejaria, que a crença daquelas freiras, que tirara a Ágata a vontade de acreditar, fora apenas algo “em conserva”. Por assim dizer, conservado no próprio caldo natural e sem perder as qualidades de fé, mas, apesar disso, não era mais fresco, já atingira de uma maneira não comprovável um estado diferente do original, coisa que, naquele momento, a renitente e fugida aluna de santidade pressentia vagamente.

Isso, além de todo o resto que já tinham falado sobre moral, fazia parte das mais comoventes dúvidas que o irmão despertara nela, e de um estado de renascimento interior que sentia desde então sem tê-lo compreendido claramente. Pois o estado de indiferença que habitualmente aparentava e cultivava não dominara sempre sua vida. Certa vez acontecera uma coisa que fizera brotar diretamente de uma profunda depressão aquela necessidade de autopunir-se, fazendo-a parecer indigna, porque não se julgava capaz de ser leal a sentimentos nobres, e desprezava-se desde então, devido a essa indolência de seu coração.

Esse acontecimento se localizava entre sua vida de menina na casa do pai, e o incompreensível casamento com Hagauer, e era tão estreitamente limitado que nem Ulrich com sua simpatia se lembrara de perguntar por ele. É fácil contar o que acontecera. Ágata se casara aos dezoito anos com um homem pouco mais velho que ela. Numa viagem que começara com seu casamento e terminara com a morte dele, em poucas semanas, antes mesmo de terem escolhido sua futura residência, ele lhe fora novamente arrebatado por uma doença que o contagiara a caminho. Os médicos chamavam-na de tifo, e Ágata repelia essa palavra, encontrando nisso uma aparência de ordem, pois esse era o lado do acontecimento burilado para uso público; mas no lado cru havia outra coisa: até ali, Ágata vivera com seu pai, a quem o mundo respeitava, de modo que assumiu, cheia de dúvidas, que agia mal por não o amar, e aquela permanência indefinida no internato, entregue a si mesma, não fortalecera sua relação com o mundo, devido à desconfiança que a escola despertava nela; mais tarde, quando, numa súbita animação e em meio a esforços em comum com um companheiro de juventude, em poucos meses superara todos os obstáculos que um casamento teria de enfrentar

devido à pouca idade dos dois, embora as famílias dos apaixonados nada tivessem a objetar, ela de repente não estava mais solitária, e encontrou-se consigo mesma. Podia-se perfeitamente chamar a isso de amor; mas há apaixonados que fitam o amor como se fosse o sol, apenas acabam cegos, e há apaixonados que, com espanto, vêm pela primeira vez a vida e são iluminados pelo amor: Ágata era dessas, e nem sabia se amava o seu companheiro ou a alguma outra coisa, quando acontecera aquilo que na linguagem do mundo não-iluminado se chamava doença infecciosa. Fora uma tempestade súbita de horror vinda de territórios desconhecidos da vida, uma luta, um bruxulear, um apagar-se, a provação de dois seres que se agarravam um ao outro, e a deterioração de um mundo inocente em vômito, fezes e medo.

Ágata jamais admitira esse fato que aniquilara seus sentimentos. Perturbada pelo desespero, ajoelhou-se diante da cama do moribundo, convencida de que ainda poderia esconjurar novamente a força com que em criança vencera a própria enfermidade; mas como o declínio prosseguisse, e a consciência dele já se tivesse apagado, ela, no quarto de um hotel estranho, incapaz de compreender o que se passava, olhava fixamente o rosto exangue, abraçando o moribundo sem atentar ao perigo, e sem atentar à realidade da qual cuidava uma enfermeira indignada; nada fizera senão murmurar-lhe horas a fio ao ouvido ensurdecido: “você não pode, não pode, não pode!”

Quanto tudo terminara, ela se levantara, assombrada, e sem acreditar nem pensar em nada de especial, apenas pela capacidade onírica e pela tenacidade de uma natureza solitária, em seu íntimo, ela a partir daquele momento de vazio espanto tratara o fato como não definitivo. Provavelmente toda pessoa tem tendência semelhante quando não quer acreditar nalguma mensagem de desgraça ou dá uma coloração consoladora a coisas fatais. Mas o singular no comportamento de Ágata era a força e extensão desse efeito retroativo, na verdade aquele desprezo pelo mundo, que subitamente irrompera. Depois disso, obstinha-se em só assimilar coisas novas como se não fossem presentes, mas algo muito incerto, comportamento grandemente facilitado pela desconfiança que sempre tivera para com a realidade. Em contrapartida, o acontecido se congelara sob o choque sofrido, era desgastado pelo tempo muito mais lentamente do que em geral acontece com as recordações. Mas isso nada tinha do quente vapor

dos sonhos, obsessões e desvios que fazem chamar o médico; Ágata, ao contrário, vivia exteriormente de maneira muito clara, virtuosa, apenas um pouco entediada, num leve exacerbamento da irritação com a vida, realmente semelhante à febre de que em criança sofrerá de modo tão singularmente deliberado.

E o fato de que na sua memória, que jamais diluía suas impressões no geral, o terrível acontecido continuasse presente hora a hora como um cadáver envolto num pano branco, animava-a apesar de todo o tormento ligado àquela lembrança tão precisa, pois agia como alusão misteriosamente tardia de que nem tudo acabara, e mantinha-lhe, na deterioração do espírito, uma indefinida mas nobre tensão. Na verdade, tudo isso ocorria por ela ter voltado a perder o sentido da vida, e voluntariamente se transportar a um estado que não condizia com sua idade; pois assim só vivem os velhos presos às experiências e sucessos do passado, sem serem tocados pelo presente. Para sorte de Ágata, porém, na idade em que ela estava tomamos decisões para a eternidade, mas um ano já parece metade dela, de modo que era natural que depois de algum tempo sua natureza reprimida, e a fantasia contida, se libertassem violentamente.

Era indiferente, nos detalhes, como isso acontecera; um homem cujos esforços em outras condições certamente jamais teriam conseguido tirá-la do equilíbrio, conseguiu isso, tornou-se seu amante, e essa tentativa de repetição terminou, depois de brevíssimo tempo de fanática esperança, em apaixonada desilusão.

Ágata sentiu-se então esvaziada de sua vida real e da irreal, e indigna de altos propósitos. Era uma dessas pessoas que podem se manter longo tempo imóveis, esperando, até que, de repente, em algum momento, ficam totalmente perturbadas, e, por isso, na sua decepção tomou outra decisão irrefletida que, em suma, consistia em castigar-se em maneira oposta à do seu pecado, condenando-se a partilhar da vida de um homem que lhe provocava leve repugnância. E esse homem, a quem escolhera para se autopunir, era Hagauer.

“Não agi com justiça, nem tive consideração para com ele!”, admitia Ágata, e é preciso dizer que isso aconteceu pela primeira vez nesse momento, pois justiça e consideração não são virtudes apreciadas pelos jovens. Mesmo assim, sua própria “autopunição” nesse convívio não fora pequena, e Ágata

continuava analisando o fato.

Afastara-se muito em pensamentos, e Ulrich também procurava algo em seus livros; aparentemente esquecera de continuar o diálogo. “Em séculos passados”, pensou ela, “uma pessoa com meu estado de alma entraria num convento”. E o fato de em vez disso ter-se casado era de uma comicidade inocente, que até ali lhe havia escapado. A comicidade que sua mente juvenil antes não percebera, não era senão a do tempo presente, que, na pior das hipóteses, satisfaz a necessidade de fugir do mundo numa pensão para turistas, em geral um hotel dos Alpes, e até deseja mobiliar de modo simpático as prisões. Manifesta-se aí a profunda necessidade europeia de nunca exagerar. Nenhum europeu se flagela, se cobre de cinzas, corta a própria língua, entrega-se de verdade ou afasta-se realmente das outras pessoas, morre de paixão, tortura com a roda ou por empalamento; mas cada um tem por vezes necessidade disso, de modo que é difícil dizer o que realmente deve ser evitado, se o desejar ou o nada fazer. Por que, pois, um asceta passaria fome? Isso apenas lhe provocaria fantasias perturbadoras! Uma ascese sensata consta em ter repulsa pela comida, mas alimentando-se bem! Essa ascese promete durar, e permite ao espírito aquela liberdade que ele não tem quando depende do corpo numa apaixonada rebelião! Essas explicações amargas e divertidas que aprendera com o irmão faziam grande bem a Ágata, pois decompunham o “trágico” — em que sua inexperiência acreditara longo tempo como num dever — em ironia, e numa paixão que não tinha nome nem meta, e por isso mesmo não se extinguia com aquilo que ela até então vivera.

Aliás, dessa maneira, desde que estava com o irmão percebera que na grande fissura entre vida irresponsável e fantasia espectral, que sofrera, surgia um movimento que a aliviava e ao mesmo tempo prendia novamente. Lembrou-se, por exemplo, durante aquele silêncio profundo entre livros e lembranças que pairava entre ela e o irmão, da descrição que Ulrich lhe fizera de sua andança pela cidade, penetrando por ela e sendo por ela penetrado: isso lembrava-lhe muito exatamente suas poucas semanas de felicidade. E era verdade que ela rira, sim, rira sem fundamento, loucamente, quando ele lhe contara isso, pois notara que algo dessa inversão do mundo, desse virar do avesso feliz e engraçado de que ele falava, existia até nos grossos lábios de Hagauer quando se preparavam para beijar.

Embora fosse como um calafrio de horror; mas um calafrio, pensou ela, também se sente na clara luz do meio-dia, e de alguma forma sentira então que não haviam acabado todas as suas possibilidades. Um nada qualquer, uma interrupção que sempre houvera entre presente e passado, sumira nos últimos tempos.

Ela olhou em volta, dissimuladamente. A sala onde estava formara parte do espaço onde seu destino nascera; pensava pela primeira vez nisso desde que estava ali. Pois ali, quando sabia que o pai estava fora de casa, encontrara-se com seu companheiro de juventude, quando tinham tomado a grave decisão de se amarem, ali também recebera por vezes aquele “indigno”, parará diante da janela com disfarçadas lágrimas de ódio ou desespero, e ali, finalmente, estimulado pelo pai dela, Hagauer lhe fizera a corte. Enquanto mero lado avesso dos fatos, despercebido, os móveis, paredes, a luz singularmente cerrada, se tornavam estranhamente sólidos naquele momento de reconhecimento, e o que ali transcorrer formava um passado tão corpóreo, não mais ambíguo, como se fossem cinzas ou madeira carbonizada. Apenas aquela sensação cômica e espectral do passado, aquela estranha comichão que sentimos diante de um rastro antigo, ressequido, pulverizado, de nós mesmos, e no momento em que tocamos não o conseguimos espantar nem agarrar, continuava ali e era quase intoleravelmente forte.

Ágata certificou-se de que Ulrich não prestava atenção nela, e abriu cautelosamente o vestido no seio, onde trazia sobre a pele um medalhão com o retratinho do qual não se separara em todos aqueles anos. Foi até a janela, como se olhasse para fora. Cautelosamente, abriu a minúscula tampa da ostra de ouro e contemplou disfarçadamente o amado morto. Tinha lábios cheios, cabelo macio e basto, e o olhar atrevido de alguém com vinte anos brilhava num rosto ainda um tanto infantil. Por muito tempo ela não soube o que estava pensando, mas, de repente, pensou: “Meu Deus, um rapaz de vinte e um anos!”

O que conversam pessoas dessa idade? Que significados dão aos acontecimentos? Como são por vezes engraçados e petulantes! Como a vivacidade de suas idéias engana quanto ao seu valor! Ágata desenrolou curiosa, do papel de seda da memória, velhas frases que ali guardara imaginando-as muito inteligentes: meu Deus, foi quase importante, pensou. Mas na verdade nem isso se podia afirmar com segurança, quando não se

imaginava o jardim onde fora pronunciado, com as flores estranhas, cujo nome desconheciam, as borboletas que se sentavam como ébrios cansados sobre elas, e a luz que jorrava sobre os rostos de ambos como se céu e terra se diluíssem neles.

Comparando-se a isso, ela era agora uma mulher idosa e experiente, embora o número de anos passados não fosse grande, e notou um pouco perturbada aquele fato errado, de que ela, com vinte e sete anos, até agora amara um rapaz de vinte; tornara-se moço demais para ela! E indagou de si mesma: “Que sentimentos eu deveria ter, se na minha idade esse homem adolescente devesse ser a coisa mais importante para mim?” Deveriam ser emoções bem singulares; nada lhe significavam, ela nem ao menos conseguia imaginá-las direito. Na verdade, tudo se desfazia em nada.

Ágata reconheceu, numa grande sensação de entumescimento, que sucumbira a um engano na única paixão ativa de sua vida, e que o cerne desse engano fora o nevoeiro ardente que não se deixava tocar nem agarrar, ainda que se dissesse que a fé não devia envelhecer um só minuto, ou qualquer outra coisa; e era sempre aquilo de que o seu irmão falava desde que estavam juntos, e sempre era dela que falava, embora fizesse toda a sorte de alusões conceptuais, e sua cautela fosse muitas vezes lenta demais para a impaciência dela. Voltavam sempre à mesma conversa, e Ágata ardia de desejo de que o fervor dele não diminuísse.

Mas quando interpelou Ulrich, ele nem notara o quanto durara a interrupção. Quem, pelos sinais, ainda não tiver reconhecido o que acontecia entre os irmãos, que largue este relato, pois será descrita uma aventura que ele jamais poderá aprovar: uma viagem à beira do possível, passando e talvez nem sempre apenas passando pelos perigos do impossível e antinatural; um “caso limite”, como Ulrich diria mais tarde, de validade limitada e especial, lembrando a liberdade com que a matemática por vezes se serve do absurdo para chegar à verdade. Ele e Ágata enveredaram por um caminho que tinha muito a ver com os assuntos daqueles místicos arrebatados por Deus, mas seguiram-no sem serem devotos, sem acreditarem em Deus ou na alma, ou na eternidade e no reencontro. Enveredaram por ela como seres deste mundo e assim o trilharam: e exatamente isso é que era notável. Ulrich, que, no momento em que Ágata o interpelava novamente, ainda se ocupava de seus livros e dos problemas que

lhe propunham, apesar disso não esquecera um só momento o diálogo interrompido pela resistência da irmã à devoção de suas professoras e sua própria exigência de “visões exatas”, e logo respondeu:

— Não é preciso ser santo para experimentar um pouco disso! Também pode mos estar sentados sobre uma árvore caída ou um banco nas montanhas, e contemplar uma manada de bois pastando, e de repente sermos transportados para uma outra vida. A gente se perde de si, e de repente volta a si: você mesma já falou disso!

— Mas o que acontece nessa hora? — perguntou Ágata.

— Para isso você primeiro precisa saber o que é o comum, Irmã Criatura! — explicou Ulrich, tentando frear o pensamento vertiginoso com uma brincadeira. — O comum é que um rebanho não nos signifique senão carne de gado pastando. Ou é um objeto pictórico, com paisagem. Ou mal tomamos conhecimento dele. Rebanhos de gado em trilhas de montanha fazem parte das trilhas de montanha, e só notaríamos o que experimentamos ao vê-los se de repente em seu lugar aparecesse um relógio elétrico ou uma casa bancária. Do contrário, refletimos se devemos nos levantar ou ficar sentados; achamos aborrecidas as moscas que rodeiam as manadas; observamos se há um touro entre eles; imaginamos aonde levará o caminho; são incontáveis pequenas intenções, preocupações, cálculos e conhecimentos, e formam juntos o papel sobre o qual está o quadro com o rebanho. Nada sabemos do papel, só do rebanho sobre ele...

— E de repente o papel se rasga! — interveio Ágata.

— Sim. Quer dizer: algum tecido habitual dentro de nós se rompe. Não há mais algo comestível pastando ali; nada que se possa pintar; nada nos cerra o caminho. Nem ao menos podemos formar as palavras “pastar” ou “relva”, porque para

isso é preciso uma série de idéias úteis e pragmáticas, que de repente perdemos. O que permanece na superfície do quadro poder-se-ia antes chamar de ondulação de sensações, que se ergue e baixa, ou respira e cintila como se preenchesse todo o campo de visão, embora sem ter contornos. Naturalmente, ali dentro estão contidas muitas percepções isoladas, cores, chifres, movimentos, cheiros, e tudo o que faz parte da realidade: mas isso já não é reconhecido, embora deva ter sido percebido. Eu diria: os detalhes

não possuem mais aquele egoísmo com o qual chamam nossa atenção, mas ligaram-se entre si de maneira fraterna, ao pé da letra “intimamente”. E, é claro, também não existe mais “superfície de quadro”, mas de alguma forma tudo passa sem transição para dentro de nós.

Ágata assumiu outra vez a descrição, animada:

— Agora basta dizer egoísmo das pessoas em vez de egoísmo dos detalhes — exclamou —, e é isso que é tão difícil de expressar: “Ama teu próximo!” não significa ama- o como vocês são, mas designa uma espécie de estado onírico!

— Todas as frases da moral — afirmou Ulrich — designam uma espécie de estado onírico que já escapou das regras em que o colocamos!

— Na verdade, então não se trata de bem e mal, mas apenas de crença ou dúvida!, exclamou Ágata, a quem o estado de crença original parecia agora muito próximo, como também sua perda na moral, de que o irmão falara ao afirmar que a fé não pode envelhecer uma hora sequer.

— Sim, no momento em que escapamos da vida insubstancial, tudo assume novas relações entre si — disse Ulrich. — Quase se poderia dizer, nenhuma relação. Pois ela é totalmente desconhecida, não temos dela experiência alguma, e todas as outras relações se desfizeram; mas essa única, apesar de sua obscuridade, é tão nítida que não a podemos negar. Ela é forte, mas impalpavelmente forte. Poderíamos também dizer: habitualmente encaramos algo, e o olhar é como um pauzinho ou fio esticado no qual olho e objeto visto se apóiam mutuamente, e alguma grande trama desse tipo apóia cada segundo; mas agora, nessa relação, existe algo doloridamente doce, apartando os raios do olhar.

— Não possuímos nada no mundo, não seguramos nada, nada nos segura — disse Ágata. — É tudo como uma árvore alta em que nenhuma folha se move. E, nesse estado, não podemos cometer nenhuma baixeza.

— Diz-se que nesse estado nada pode acontecer que não harmonize com ele — completou Ulrich. — Um anseio de “lhe pertencer” é o único motivo, a doce destinação e a única forma de todo o pensamento e toda a ação que nele acontecem. Ele é algo infinitamente tranquilo e abrangente, e tudo o que acontece nele aumenta sua significação que cresce calmamente; ou não

a aumenta, e isso é o mal, mas o mal não pode acontecer, porque no mesmo momento a quietude e a claridade se rompem, e o maravilhoso estado deixa de existir.

Ulrich encarou a irmã como que a analisando, mas de modo que ela não notasse; ainda tinha a sensação de que agora teriam de interromper o diálogo. Mas o rosto de Ágata estava fechado; pensava em coisas há muito passadas. E respondeu:

— Fico admirada comigo mesma, mas realmente houve um breve tempo em que não conheci inveja, mal, vaidade, cobiça e coisas assim; é difícil de acreditar, mas parece-me que naquele tempo desapareceram de um golpe, não só do coração, mas do mundo! Então, não apenas nós não podemos ter uma atitude vil, mas os outros também não. Uma pessoa boa torna bom tudo aquilo em que toca, façam os outros contra ela o que quiserem: no momento em que as coisas entram no reino dela, ficam transformadas!

— Não — disse Ulrich —, não é bem assim. Ao contrário, seria um dos mais velhos mal-entendidos! Pois uma pessoa boa não melhora o mundo em nada, não realiza nada com o mundo, apenas se isola dele!

— Mas fica no meio dele!

— Fica no meio dele, mas sente como se o espaço fosse retirado das coisas ou acontecesse algo imaginário: é difícil dizer!

— Apesar disso, tenho a impressão de que um homem “confiante” — é a palavra que me ocorre! — nunca encontra algo vil em seu caminho. Pode ser bobagem, mas é uma experiência.

— Pode ser uma experiência — respondeu Ulrich —, mas também há a experiência contrária! Ou você acha que os soldados que crucificaram Jesus não tinham sentimentos vis? E eram instrumentos de Deus! Além disso, até nos testemunhos dos extáticos há tais sentimentos; queixam-se de caírem do estado de graça e sentirem uma indizível repugnância, conhecem medo, dor e vergonha, e talvez até ódio. Só quando recomeça aquele fogo quieto, o remorso, a ira, o medo e a dor se transformam em felicidade. E tão difícil julgar tudo isso!

— Quando é que *você* esteve tão apaixonado? — perguntou Ágata inesperadamente.

— Eu? Ah, já lhe contei. Eu tinha fugido para mil quilômetros de distância da amada, e quando me senti seguro contra qualquer possibilidade de ela me abraçar realmente, uivei para ela como um cão para a lua!

Então, Ágata lhe confessou a história do seu amor. Estava excitada. Já a última pergunta se desprendera como uma corda tensa demais, e o resto seguiu da mesma maneira. Seu interior fremia quando revelou o que escondera anos a fio.

Mas o irmão não ficou particularmente abalado.

— Habitualmente, as lembranças envelhecem com as pessoas — explicou — e os acontecimentos mais passionais assumem com o tempo uma perspectiva cômica, como se os víssemos ao fim de noventa e nove portas abertas umas atrás das outras. Mas, às vezes, quando se ligam a emoções muito fortes, antigas lembranças isoladas não envelhecem, e mantêm presas em si camadas inteiras do ser. Foi o seu caso. Em quase todas as pessoas há tais pontos que deformam um pouco a simetria psíquica; seu comportamento jorra sobre elas como um rio sobre uma rocha invisível, e em você isso apenas foi muito forte, de modo que quase aconteceu uma parada. Mas, por fim, você se libertou, voltou a se mover!

Ele explicou isso com a calma de um raciocínio quase profissional; desviava-se facilmente do assunto! Ágata ficou infeliz, e disse, obstinada:

— Claro que estou me movendo, mas não é disso que falo! Quero saber aonde quase cheguei! — Também estava aborrecida, sem querer, apenas porque precisava expressar de alguma forma a sua excitação; mas, apesar dela, continuou falando no sentido original de sua emoção, e sentia-se completamente tonta entre a ternura de suas palavras e a raiva do fundo. Assim, falou do singular estado de receptividade e sensibilidade exacerbadas, que provoca um transbordar e retomar de impressões, o que leva à sensação de estar-se ligado a todas as coisas como no macio espelho das águas, e de dar e receber involuntariamente; essa maravilhosa sensação de deslimitação e ilimitado do exterior e do interior, comum ao amor e à mística!

Naturalmente, Ágata não colocou isso nessas palavras que já implicam uma explicação, mas apenas enfileirou apaixonados fragmentos de sua lembrança; também Ulrich, embora já tivesse refletido sobre isso muitas

vezes, não possuía explicação para esses fatos, nem sabia se deveria tentar explicá-los na maneira deles ou segundo o processo comum, pela razão; ambos os modos não lhe eram estranhos, mas o mesmo não se dava com sua irmã, presa de sensível paixão. O que ele expressou na resposta foi por isso apenas uma intermediação, uma espécie de análise de possibilidades. Apontou para o singular parentesco que existia entre pensamento e moral naquele estado de exaltação de que falavam, de modo que cada pensamento era sentido como felicidade, acontecimento e dádiva, não entrando em depósitos nem se ligando aos sentimentos de posse e domínio, conservação e observação: tanto na cabeça como no coração o prazer pela posse de si mesmo era substituído por um ilimitado dar-se e entrelaçar-se.

— Uma vez na vida — respondeu Ágata, romanticamente decidida —, tudo o que fazemos acontece para outra pessoa. Vemos o sol brilhar para ela. Ela está por toda parte, e nós em parte alguma. Mas isso não é um “egoísmo a dois”, pois o outro precisa sentir a mesma coisa. Por fim, os dois quase não existem mais um para o outro, e o que resta é um mundo para duas pessoas apenas, constando de reconhecimento, entrega, amizade e altruísmo!

Na escuridão do quarto, a face dela ardia de fervor como uma rosa posta à sombra.

Ulrich pediu:

— Vamos falar com mais sobriedade outra vez; essas questões vivem sendo embrulhadas!

Ela também achou que estava certo. Talvez a raiva que ainda não desaparecera de todo fizesse seu encantamento ficar um pouco afastado pela realidade evocada; mas não era uma sensação desagradável, aquele inseguro tremor de um limite.

Ulrich começou a falar do erro que era explicar as experiências de que falavam como se nelas não acontecesse apenas uma modificação singular do pensamento, mas um pensamento sobre-humano aparecesse em lugar do comum. Não importa se se chamava isso de iluminação divina ou, segundo a moda do tempo, apenas intuição, ele o considerava o principal obstáculo para uma verdadeira compreensão. Estava convencido de que nada se ganhava cedendo a fantasias que não resistissem a um exame detido. Era como as asas de cera de ícaro, que derretem nas alturas, exclamou. Se não

se queria voar apenas em sonho, era preciso tentar também com asas de metal.

Apontando para os livros, ele prosseguiu algum tempo depois:

— Esses são depoimentos cristãos, judaicos, indianos, e chineses; entre alguns deles há mais de um milênio. Apesar disso, reconhece-se em todos a mesma estrutura do movimento interior, que se desvia do comum, mas em si é coerente. Distinguem-se uns dos outros praticamente por aquilo que provém da ligação com uma determinada doutrina teológica e de sabedoria celestial, sob cujo teto protetor encontraram abrigo. Portanto, podemos pressupor um segundo e inusitado estado de grande importância, de que o homem é capaz, e que é mais antigo do que as religiões.

— De outro lado, as igrejas — disse ele —, isto é, as comunidades civilizadas de pessoas religiosas, sempre trataram esse estado com uma desconfiança parecida à de um burocrata diante da empresa privada. Jamais reconheceram sem reservas essa experiência de exaltação interior, ao contrário, fizeram grandes e aparentemente justificados esforços para colocar em seu lugar uma moral regulamentada e compreensível. Assim, a história desse estado parece uma progressiva negação e diluição, lembrando a drenagem de um pântano. — E depois concluiu:

— E quando o regime espiritual da Igreja e seu vocabulário envelheceram, compreensivelmente começamos a considerar nosso estado unicamente fantasia. Por que a cultura burguesa, quando assumiu lugar da religiosa, seria mais religiosa que ela? Ela transformou aquele outro estado no cão que traz conhecimentos à mão do dono. Hoje, há uma porção de pessoas que se queixam da razão e gostariam de nos persuadir de que, nos seus momentos de maior sabedoria, pensam com ajuda de uma capacidade especial, superior ao pensamento. Isso é um último resquício público, já totalmente racionalizado; o último resquício daquela drenagem tornou-se conversa mole! Portanto, admite-se o velho estado unicamente na poesia ou em pessoas incultas, nas primeiras semanas do amor, como perturbação passageira; são, por assim dizer, folhas verdes tardias, que por vezes brotam na madeira das camas e das cátedras: mas onde ele pretende recuperar seu intenso crescimento primitivo, é cruelmente arrancado e exterminado!

Ulrich falara mais ou menos tanto tempo quanto um cirurgião leva para lavar as mãos e braços a fim de não levar micróbios ao campo cirúrgico; também com a paciência, a entrega e a indiferença opostas à excitação que o trabalho iminente trará consigo. Depois de haver-se esterilizado totalmente, porém, ele pensou quase que com nostalgia em um pouco de infecção e febre, pois não apreciava a sobriedade apenas por si mesma. Ágata estava sentada numa escadinha que servira para apanhar os livros, e, mesmo quando o irmão se calou, não deu sinal de entender; estava olhando para fora, para o infinito cinzento do céu que parecia um mar, e escutou o silêncio como antes escutara palavras. Então Ulrich continuou falando um pouco por birra que mal conseguia disfarçar sob um tom de brincadeira:

— Voltemos ao nosso banco nas montanhas com a manada de bois — pediu. — Imagine algum funcionário de escritório sentado ali em calças de couro recém-compradas, com suspensórios verdes, sobre os quais está bordado “Deus convosco”: ele representa o conteúdo real da vida, que está de férias. Com isso, a consciência que ele tem de sua existência naturalmente mudou por um momento. Quando vê o rebanho, não conta, não calcula, não avalia o peso das reses, perdoa os inimigos e tem pensamentos ternos sobre a família. O rebanho passou de objeto prático a objeto moral para ele. Naturalmente, também pode ser que ainda avalie e calcule um pouco, e não perdoe inteiramente, mas então pelo menos tudo isso estará rodeado de rumor de floresta, murmúrio de regato, e brilho de sol. Numa frase, pode-se dizer assim: O que normalmente forma o conteúdo da vida parece-lhe agora “distante” e “na verdade sem importância”.

— E um estado de espírito de férias — completou Ágata mecanicamente.

— Muito bem! E se a existência não-de-férias lhe parece “na verdade sem importância” nessa hora, isso apenas acontece enquanto durarem as férias. Portanto, essa é a verdade, hoje: o homem tem dois estados de vida, de consciência e de pensamento, e defende-se de um mortal susto que isso lhe causaria, considerando um como férias do outro, para interrupção, descanso ou qualquer coisa que pensa conhecer. Em compensação, a mística se ligaria ao propósito de férias permanentes. O chefe de escritório consideraria isso coisa desonrosa e, como aliás sempre faz no fim das férias, sentiria que a verdadeira vida fica no seu bem arrumado escritório. E nós,

sentimos coisa diferente? Em última análise, levamos a sério aquilo que pode ser posto em ordem. E essas experiências têm pouca sorte, pois não superaram em milhares de anos a sua incompletude e desordem primitiva. E para isso existe o conceito de loucura — loucura religiosa ou loucura de amor, como quiser; pode ter certeza: hoje, até a maioria das pessoas religiosas estão de tal maneira contagiadas pelo pensamento científico que não se atrevem a examinar o que arde no mais íntimo de seus corações, e a qualquer momento estariam dispostas a dar a esse fervor a designação médica de loucura, embora oficialmente falem de outro modo!

Ágata fitou o irmão, o olhar crepitando como fogo na chuva.

— Agora, você afinal conseguiu manobrar e nos tirar da confusão! — acusou-o, quando ele não falou mais.

— Tem razão — admitiu ele. — Mas o singular é que vedamos tudo isso como a um poço suspeito, mas, mesmo assim, alguma gota remanescente dessa inquietante água milagrosa queima abrindo um buraco em todos os nossos ideais. Nenhum deles é inteiramente correto, nenhum deles nos faz felizes; todos apontam alguma coisa que não existe; hoje mesmo já falamos bastante sobre isso. Nossa cultura é um templo daquilo que, sem reservas, chamaríamos de loucura, mas é ao mesmo tempo seu reservatório, e não sabemos se sofremos por excesso ou carência.

— Talvez você nunca tenha tido coragem de se dedicar inteiramente a esse assunto — disse Ágata lamentando, e desceu de sua escadinha; pois estavam ocupados com a urgente arrumação dos manuscritos do pai, só se tinham desviado disso pelos livros, depois pela conversa.

Agora, recomeçavam a examinar as ordens e anotações que se relacionavam com a divisão da sua fortuna, pois o dia em que Hagauer chegaria estava próximo; antes, porém, de começarem seriamente esse trabalho, Ágata ergueu-se dos papéis e perguntou de novo:

— Até que ponto você mesmo acredita em tudo o que me contou? Ulrich respondeu sem erguer os olhos:

— Imagine que no rebanho se encontre um touro furioso, enquanto seu coração está afastado do mundo! Tente acreditar realmente que a enfermidade mortal de que você falou tivesse transcorrido de outra forma, se sua emoção não tivesse cessado um segundo! — Depois, ergueu a cabeça

e apontou para os papéis sob suas mãos. — É lei, direito, medida? Você acha que tudo isso é totalmente supérfluo?

— Então, até que ponto você acredita? — repetiu Ágata.

— Sim e não — disse Ulrich.

— Então é não — completou Ágata.

Foi um acaso que interveio na conversa; quando Ulrich, que não tinha vontade de retomar esse diálogo, nem estava suficientemente calmo para pensar em negócios, juntava os papéis espalhados à sua frente, alguma coisa caiu no chão. Era um amontoado de toda a sorte de coisas, retirado por engano com o testamento de um canto da gaveta da escrivaninha, onde certamente estivera décadas a fio, sem que seu dono soubesse.

Ulrich contemplou, distraído, o que levantara do chão, e reconheceu em algumas folhas a letra do pai; mas não era a letra da sua velhice, e sim dos anos de maturidade; olhou melhor, e viu que além de textos escritos havia cartas de baralho, fotografias e toda a sorte de quinquilharia, e compreendeu depressa o que encontrara. Era a gaveta secreta da escrivaninha. Havia toda a sorte de piadas picantes, anotadas com

cuidado; fotografias de mulheres despidas; cartões postais fechados, ainda por serem enviados, mostrando robustas pastoras cujas calcinhas se podiam abrir atrás; baralhos que pareciam normais mas, postos contra a luz, mostravam coisas horríveis; homenzinhos que punham tudo para fora quando se apertavam suas barrigas; e muitas coisas desse tipo. Certamente o ancião nem se lembrara mais desses objetos na gaveta, pois senão os teria destruído em tempo. Obviamente ainda vinham dos anos viris, em que não poucos solteirões e viúvos que começam a envelhecer se excitam com tais sem-vergonhices, mas Ulrich corou diante da fantasia insperadamente exposta do pai, agora liberta da carne pela morte. A relação com o diálogo interrompido lhe foi clara no mesmo instante. Apesar disso, pretendia seriamente destruir esses documentos antes que Ágata os visse, mas ela já vira que havia algo inusitado na sua mão, de modo que ele mudou subitamente de idéia e a chamou.

Quis ver o que diria. De repente, estava outra vez dominado pela idéia de que afinal ela era mulher experiente, o que ficara totalmente esquecido

durante as conversas. Mas o rosto dela não traiu o que pensava; fitou séria e calma aquele espólio ilícito do pai, e por vezes sorriu abertamente, mas sem animação. Assim, contrariando suas intenções, Ulrich começou:

— Esse é o último resquício da mística! — disse em tom aborrecido e divertido. — Na mesma gaveta as severas e éticas exortações do testamento, e essa imundície!

Ele se levantara e começou a andar pelo quarto. E mal começara a falar, o silêncio da irmã o levou a dizer outras coisas:

— Você me perguntou em que acredito — começou. — Acredito que todas as regras de nossa moral são concessões a uma sociedade de selvagens.

Creio que nenhuma é justa.

Há outro sentido por trás disso. Um fogo que as deve derreter e transformar. Creio que nada terminou.

Creio que nada se equilibra mas que tudo gostaria de se elevar mutuamente.

É nisso que creio; nasci com isso, ou essa crença nasceu comigo. Ele parará depois de cada frase, pois não falava alto e precisava enfatizar de alguma forma sua profissão de fé. Agora, seus olhos se prenderam às estátuas clássicas de gesso, lá em cima na beira das prateleiras; viu uma Minerva, um Sócrates; lembrou que Goethe colocara no quarto uma cabeça de Juno maior do que o natural. Essa preferência lhe pareceu assustadoramente distante: o que outrora fora uma idéia florescente, agora passara a ser classicismo morto. Tornara-se aquele discurso ressequido e serôdio sobre justiça e dever, próprio dos contemporâneos do pai. Fora tudo em vão.

— A moral que nos foi transmitida é como se nos mandassem sobre um arame oscilante acima de um abismo — disse ele —, e não nos dessem nenhum conselho senão: fique bem duro!

Parece que, sem minha colaboração, nasci com outra moral. Você me perguntou em que acredito! Creio que se pode provar mil vezes por razões válidas que uma coisa é boba ou bela, e me será indiferente, e eu só me orientarei segundo os sinais em mim: se sua presença me eleva ou me arrasta para baixo!

Se me desperta para a vida, ou não.

Se só minha língua fala a respeito, e meu cérebro, ou os raios do calafrio nas pontas de meus dedos. Mas também não consigo provar nada.

E até estou convencido de que um ser humano que cede a isso está perdido. Perde-se na penumbra. No nevoeiro e no palavrório. Em um tédio informe.

Se você retirar da nossa vida o que é unívoco, resta um tanque de carpas sem o lúcio que as persiga.

Creio então que o mais infame ainda é o espírito que nos protege. Portanto, não creio!

Mas especialmente não creio na dominação do mal pelo bem, que forma a nossa confusa cultura: isso me repugna! Portanto, creio e não creio!

Mas talvez creia que em algum tempo as pessoas se tomem em parte inteligentes, em parte místicas. Talvez nossa moral já hoje esteja se dividindo nesses dois elementos. Eu também poderia dizer: em matemática e mística. Em melhoria prática, e aventura desconhecida! Há anos ele não se mostrava tão abertamente excitado. Os “talvez” em sua fala, ele não os sentia, apenas lhe pareciam naturais.

Enquanto isso, Ágata se ajoelhou diante da estufa; tinha o pacote de fotos e escritos ao lado no chão, contemplou mais uma vez cada um e depois os foi colocando no fogo. Não era totalmente insensível à grosseira sensualidade daquelas indecências que contemplava. Sentia o corpo excitado interiormente. Parecia-se tão pouco com ela mesma como quando num lugar deserto e solitário se escuta uma lebre farfalhar. Não sabia se deveria sentir vergonha diante do irmão se lhe dissesse isso; mas estava cansada demais, e não quis falar. Também não escutava o que ele dizia; seu coração fora abalado demais por aquele ir e vir, e não conseguia mais prestar atenção. Os outros sempre tinham sabido melhor que ela o que estava certo; pensou nisso, mas, talvez por sentir vergonha, pensou com um secreto desafio. Seguir um caminho secreto ou proibido: nisso sentia-se superior a Ulrich. Ouviu-o desdizer cautelosamente tudo aquilo que dissera arrebatado, e suas palavras soaram como grandes gotas de felicidade e

tristeza nos ouvidos dela.

13

ULRICH RETORNA E O GENERAL O ÍNFORMA DE TUDO O QUE PERDEU

Quarenta e oito horas depois, Ulrich estava em sua casa abandonada. Era no começo da tarde. A casa estava cuidadosamente arrumada, limpa e lustrada; e exatamente como os deixara antes de sua precipitada partida, sobre as mesas, lá estavam seus livros e manuscritos, mantidos assim pela mão do criado, abertos ou varados de sinais incompreensíveis, um ou outro papel ainda com um lápis entre as folhas, que ele largara ali. Mas tudo frio e hirto, como o conteúdo de um cadinho cujo fogo se esquecessem de alimentar.

Ulrich fitou, doloridamente lúcido e perplexo, aquela marca de uma hora passada, matriz de intensas excitações, e idéias que a tinham enchido. Sentiu uma indizível repugnância de tocar esses restos de si mesmo. “Agora isso se estende pelas portas por toda a casa até aquela ridícula galharia no saguão”, pensou. “Que vida levei nesse último ano!” E, parado como estava, fechou os olhos para não ver nada. “Que bom que em breve ela virá ter comigo e aí vamos mudar tudo por aqui!”, pensou. Mas depois, desejou reviver as últimas horas que passara naquele lugar; pareceu-lhe ter sido há uma eternidade, e quis fazer comparações. Clarisse: não era nada. Mas antes e depois: a excitação singular com que correra para casa, e depois aquele desmoronamento tresnoitado do mundo! “Como ferro quando amolece ao calor muito forte”, refletiu. “Começa a escorrer, mas continua sendo ferro. Um homem entra no mundo, com toda a força”, pensou, “mas, de repente, ele se fecha ao seu redor, e tudo parece diferente. Não há mais relações, nem caminhos que ele tenha trilhado e precise prosseguir. Um cintilante estar encerrado no local onde há pouco se via um objetivo, o vazio que há antes de qualquer objetivo.”

Ulrich continuava de olhos cerrados. Lentamente, como sombra, retornou a sensação. Foi como se voltasse ao lugar onde ele estivera parado aquela vez, e estava agora novamente, essa sensação, que ficava mais no espaço

fora dele do que em seu interior; na verdade, não era nem uma sensação nem um pensamento, mas um acontecimento misterioso. Quando se esteve superexcitado e solitário como ele naquela ocasião, podia-se acreditar que o ser do mundo se virasse pelo avesso; e de súbito ele viu claramente — inconcebível era apenas isso só acontecer agora —, exposto como uma retrospectiva calma e aberta, que já naquela vez sua sensação prenunciara o encontro com a irmã, pois a partir daquele instante seu espírito fora dirigido por forças estranhas, até... mas aí, Ulrich virou-se, antes de poder pensar “ontem”, afastou-se rapidamente de suas lembranças, como se tivesse batido numa aresta; ali havia algo em que ainda não queria pensar!

Aproximou-se da escrivaninha e examinou a correspondência, sem tirar as roupas de viagem. Ficou decepcionado por não ver um telegrama da irmã, embora não devesse esperar nenhum. Uma montanha de votos de pêsames jazia ali misturada com relatórios científicos e prospectos de livrarias. Duas cartas de Bonadéia, tão grossas ao tato que ele nem chegou a abri-las. Também um pedido urgente do Conde Leinsdorf, para que o visitasse, e duas cartinhas melífluas de Diotima, que também o convidava a aparecer assim que chegasse; lida com atenção, uma, a posterior, continha nas entrelinhas um tom amigável, não oficial, muito delicado, melancólico e quase terno. Ulrich conferiu as chamadas telefônicas anotadas durante sua ausência: General von Stumm, subsecretário Tuzzi, duas vezes o secretário particular do Conde Leinsdorf, várias vezes uma dama que não deu o nome, e provavelmente fora Bonadéia, o diretor de banco Leo Fischel, e outros assuntos de negócios.

Enquanto Ulrich lia tudo isso, ainda parado junto à escrivaninha, o aparelho tocou, e, quando ele atendeu, anunciou-se um “Cabo Hirsch, Ministério da Guerra, Seção de Educação e Cultura”, chocado por deparar inesperadamente com a voz do próprio Ulrich, assegurando com insistência que o senhor general dera ordens de telefonar todas as manhãs pelas dez horas e que estaria imediatamente em pessoa ao telefone.

Cinco minutos depois, Stumm protestava que na mesma manhã teria de assistir a “reuniões extraordinariamente importantes”, e que precisava sem falta falar com Ulrich antes delas; quando este perguntou o que era e por que não podia ser resolvido

ao telefone, Stumm suspirou no aparelho e anunciou “comunicações,

preocupações, problemas”, sem dizer nada de determinado. Vinte minutos mais tarde, porém, um fiacre do Ministério da Guerra parou diante do portão, e o General Stumm entrou na casa, seguido de um ordenança com uma grande pasta de couro pendurada no ombro. Ulrich, que conhecia esse receptáculo das preocupações espirituais do general, dos planos de marcha e cadastros de grandes ideais, enrugou a testa interrogativamente. Stumm von Bordwehr sorriu, mandou o ordenança de volta ao carro, abriu o casaco para tirar a chavezinha do fecho de segurança, que trazia numa corrente ao pescoço, não disse palavra, e tirou da pasta, que não tinha mais nada, dois pedaços de pão do exército.

— Nosso novo pão — explicou depois de uma pausa teatral —, eu o trouxe para você saborear!

— Mas que simpático de sua parte — disse Ulrich —, trazer-me pão depois de eu passar a noite toda viajando, em vez de me deixar descansar.

— Se você tiver aguardente em casa, o que deve ter — contrapôs o general —, pão e aguardente são o melhor café da manhã depois de uma noite sem dormir. Uma vez, você me disse que nosso pão do exército é a única coisa de que gostou no serviço do Imperador, e eu desejaria afirmar que o exército austríaco está à frente de todos os outros exércitos no fabrico do pão, especialmente desde que a Intendência instaurou esse novo tipo “1914”! Por isso eu o trouxe, é um dos motivos. E além do mais, também vim por uma questão de princípios. Naturalmente não preciso passar o dia sentado na minha poltrona e prestar contas de cada passo que dou fora da sala, isso é claro; mas você sabe que o estado-maior não se chama em vão de Corpo de Jesuítas; sempre se comenta quando alguém sai muito, e Sua Excelência von Frost, meu chefe, afinal também ainda não deve ter uma idéia bem clara das dimensões do espírito — do espírito civil, quero dizer — e por isso, há algum tempo sempre levo comigo a pasta e o ordenança quando preciso dar uma saidinha, e para que o ordenança não pense que a pasta está vazia, sempre coloco dois pedaços de pão lá dentro.

Ulrich teve de rir, e o general também riu, divertido.

— Você parece se divertir menos com as grandes idéias da humanidade do que antes, hem? — perguntou Ulrich.

— Agora, todos se divertem menos — explicou Stumm, cortando pão com

seu canivete. — Agora foi dado o lema: ação!

— Vai ter de me explicar isso.

— Para isso estou aqui. Você não é um verdadeiro homem de ação!

— Não?

— Não.

— Não sei!

— Talvez eu também não saiba. Mas as pessoas comentam.

— Quem são “as pessoas”?

— Arnheim por exemplo.

— Você está se dando bem com Arnheim?

— Ora, claro. Nos damos maravilhosamente bem. Se ele não fosse um espírito tão grande, até já estaríamos nos tratando por você!

— Você também está ligado às jazidas de petróleo?

O general bebeu da aguardente que Ulrich mandara trazer e mastigou pão, para ganhar tempo.

— Gosto ótimo — disse, e continuou mastigando.

— Claro que está ligado ao petróleo! — constatou Ulrich numa súbita iluminação. — É um assunto que interessa ao seu setor da Marinha, por causa do abastecimento de navios. E se Arnheim quiser comprar esses poços de petróleo, tem de concordar em fornecer-lhes barato. De outro lado, a Galícia é território de concentração e barreira contra a Rússia, portanto vocês terão de tomar providências para que a exploração de petróleo que ele pretende instalar ali seja especialmente bem protegida em tempos de guerra. Portanto, ele vai atender a vocês com sua fábrica de blindados para os canhões que desejam. Como é que não vi isso antes! Vocês simplesmente nasceram uns para os outros!

O general, por cautela, mastigara mais um pedaço de pão; mas agora não podia mais conter-se e disse, com grande esforço de engolir o que lhe enchia a boca:

— Atender? Falar é fácil; você nem tem idéia de como ele é unha-de-fome! Desculpe!

— corrigiu —, com que dignidade ética ele trata um negócio desses! Eu não

tinha idéia de que, por exemplo, dez reais por tonelada de quilômetro de ferrovia fossem um problema ideológico, que nos obriga a reler o Goethe ou uma história da filosofia!

— É você quem está dirigindo essas negociações? O general bebeu mais aguardente.

— Eu nem disse que existem negociações! Por mim, pode dizer que são trocas de idéias.

— E você está encarregado delas?

— Ninguém foi encarregado de nada. A gente está simplesmente falando. De vez em quando, pode-se falar de outro assunto que não a Ação Paralela. E se alguém fosse encarregado, certamente não seria eu. Isso não é assunto para o Departamento de Cultura e Educação. Uma coisa dessas cabe ao Gabinete Central ou quando muito à Intendência. Se eu estou participando, é só como uma espécie de conselheiro perito em questões do espírito civil, e por assim dizer como intérprete, porque Arnheim é tão culto.

— E porque, através de mim e de Diotima, você se encontra o tempo todo com ele! Caro Stumm, se quiser que eu continue a escutar pacientemente, terá de me dizer a verdade!

Entrementes, Stumm se preparara para isso.

— Por que pergunta, seja sabe tudo? — respondeu decepcionado. — Acha que pode me fazer de bobo, e que eu não sei que Arnheim lhe faz confidencias?

— Eu não sei de nada!

— Mas acaba de dizer que sabe!

— Sei isso das jazidas de petróleo.

— E depois disse que temos interesses comuns com o Arnheim nessas jazidas. Dê-me sua palavra de honra de que sabe, e aí posso lhe dizer tudo.

Stumm von Bordwehr pegou a mão relutante de Ulrich, fitou-o nos olhos e disse com jeito maroto:

— Bom, já que me deu a palavra de honra de que já sabia de tudo, dou-lhe a minha de que sabe mesmo, certo? Mas não há. O Arnheim gostaria de nos

usar, e nós a ele. Sabe, às vezes tenho os mais complicados conflitos de alma por causa de Diotima! — exclamou. — Mas não conte nada a ninguém, é segredo militar! — O general ficou alegre. — Aliás, você sabe o que é um segredo militar? — prosseguiu.

— Quando, há alguns anos, houve a mobilização na Bosnia, quiseram me cortar do Ministério da Guerra, eu ainda era coronel, e me nomearam comandante de um batalhão de recrutas; eu podia naturalmente dirigir uma brigada, mas, como passo por cavalariano, e porque queriam me cortar, me mandaram para um batalhão. E como é preciso dinheiro para fazer guerra, quando cheguei lá embaixo também me deram a caixa-forte do batalhão. Você viu uma coisa assim, no seu tempo de soldado? Parece um caixão fúnebre ou um caixote de ração. É de madeira grossa e tem tiras de ferro ao redor, como um portão de fortaleza. Há três fechaduras, e três homens carregam as chaves, para que ninguém possa abrir a caixa sozinho: o comandante e dois guardas da caixa. Então, nós nos juntamos como para uma reza, quando cheguei lá embaixo, e abrimos as fechaduras um depois do outro, e retiramos respeitosamente os pacotes de notas; eu me senti como um arcebispo com dois ajudantes, só que em vez do Evangelho se liam cifras de protocolos do erário. Quando acabamos, fechamos a caixa de novo, colocamos as tiras de ferro, trancamos as fechaduras, tudo como no começo, apenas em ordem inversa; tive de dizer alguma coisa que não lembro mais, e a solenidade terminou. Aí eu pensei, e você também teria pensado, como se tem de respeitar a inabalável prudência da administração militar em tempo de guerra. Mas naquele tempo, eu tinha um cachorrinho fox, antes desse que tenho agora, era um bicho inteligente e não havia regulamento dizendo que ele não podia participar; só que ele não podia ver buraco sem começar logo a cavar feito louco. Quando estou querendo ir embora, percebo que o Spot, era o nome dele, pois era inglês, estava mexendo na caixa, e não havia jeito de tirá-lo de lá. Muitas vezes se ouviu dizer que, pela fidelidade, os cães desmascararam muitas das mais secretas conspirações, e estávamos quase em guerra, então pensei: vamos ver o que o Spot tem, e o que imagina que havia com o Spot? Sabe, a Intendência não dá as coisas mais novas para os batalhões de recrutamento, por isso também a caixa do nosso batalhão era velha e venerável, mas eu nunca teria imaginado que, enquanto nós três, na frente, a trancávamos, ela tivesse um

buraco atrás, perto do chão, tão grande que dava para enfiar o braço! Havia um nó na madeira, que tinha caído numa das guerras anteriores. Mas, o que vai se fazer; todo o alarma na Bosnia passara quando chegou o substituto pedido, e até ali, todas as semanas pudemos celebrar nossa solenidade; eu apenas deixei o Spot em casa, para ele não trair um segredo. Portanto, às vezes um segredo militar tem esse aspecto!

— Bom, penso que você ainda não está sendo tão aberto quanto esse seu baú — respondeu Ulrich. — Afinal, vocês vão ou não fechar o negócio?

— Não sei. Minha palavra de estado-maior: ainda não chegamos a esse ponto.

— E Leinsdorf?

— Esse naturalmente não tem idéia. Também não o conquistamos para o lado de Arnheim. Ouvi dizer que se aborreceu terrivelmente com a manifestação, que você ainda presenciou: agora é totalmente contra os alemães.

— Tuzzi? — perguntou Ulrich continuando seu interrogatório.

— E o último que deve saber de qualquer coisa! Ele estragaria o plano imediatamente. Naturalmente todos queremos a paz, mas nós militares temos outra maneira de servir a paz do que os burocratas!

— E Diotima?

— Mas pelo amor de Deus! Isso é absolutamente assunto de homem, nem de luvas ela pode pensar numa coisa dessas! Nem tenho coragem de incomodar com a verdade. Entendo que o Arnheim não lhe diga nada. Sabe, ele fala muito, e bem!

Deve assim ser um prazer ao menos uma vez calar sobre um assunto. Imagino que seja como tomar um *bitter* para o estômago!

— Você sabe que virou um canalha? Saúde! — Ulrich bebeu.

— Não, canalha não — defendeu-se o general. — Sou membro de uma comissão ministerial. Numa comissão cada um apresenta o que deseja obter e julga certo, e por fim resulta algo que não é inteiramente a vontade de nenhum dos participantes: o resultado. Não sei se me entende, não posso me expressar melhor.

— Claro que entendo. Mas, mesmo assim, estão-se portando muito mal com Diotima.

— Eu lamentaria muito isso — disse Stumm. — Mas, sabe, um carrasco é um sujeito desonesto, não há como negar; em compensação, o fabricante de cordas, que apenas as fornece à direção da prisão, pode ser membro de uma Sociedade Ética. Você não está levando isso em consideração.

— Você aprendeu isso com Arnheim!

— Pode ser. Não sei. Hoje em dia a gente acaba com um espírito tão complicado — queixou-se o general honestamente.

— E o que querem que eu faça?

— Olhe, pensei que afinal você foi oficial...

— Tudo bem, mas como é que isso combina com “homem de ação”? — perguntou Ulrich, ofendido.

— Homem de ação? — repetiu o general espantado.

— Mas você começou todo esse assunto dizendo que eu não sou um homem de ação.

— Ah, sim. Naturalmente não tem nada a ver. Foi só um jeito de começar. Quero dizer, o Arnheim não acha que você seja exatamente um homem de ação. Uma vez disse isso. Ele acha que você não tem nada para fazer, e aí fica pensando coisas. Mais ou menos isso.

— Quer dizer, coisas inúteis, que não se deixam transferir para “as esferas do poder”? Pensamentos apenas pelos pensamentos? Em suma, corretos e independentes, é isso? Ou, quem sabe, os pensamentos de um “esteta desligado do mundo”?

— Sim — disse Stumm diplomaticamente. — Mais ou menos isso.

— Mais ou menos o quê? Que acha você mais perigoso para o espírito: sonhos ou jazidas de petróleo? Não precisa ficar entupindo a boca de pão, pare com isso! Não me interessa o que Arnheim pensa de mim. Mas você disse no começo: “por exemplo, Arnheim”. Então, quem mais acha que não sou suficientemente homem de ação?

— Bom, você sabe, — assegurou Stumm —, não são poucos. Eu lhe disse que agora deram como lema a ação.

— Que quer dizer isso?

— Também não sei direito. O Leinsdorf disse que tem de acontecer alguma coisa, logo! Foi assim que tudo começou.

— E Diotima?

— Diotima disse que há um novo espírito. E, no concílio, muitas pessoas estão dizendo isso. Eu queria saber se você conhece a sensação: uma tontura na barriga, diante de uma mulher que também tem uma cabeça tão fantástica!

— Acredito — admitiu Ulrich, que não deixava Stumm escapar —, mas quero saber o que Diotima diz desse novo espírito.

— O que todos dizem — respondeu Stumm. — As pessoas do concílio dizem que nosso tempo terá um novo espírito. Não logo, mas em alguns anos; caso não aconteça nada de especial antes disso. Esse espírito não conterà muitas idéias. Também não é hora de emoções. Idéias e emoções são mais para gente que não tem o que fazer. Em suma, trata-se de um espírito de ação, mais não sei também. Mas, por vezes — acrescentou o general, pensativo —, já imaginei se isso não seria simples mente o espírito militar.

— Uma ação precisa de sentido! — desafiou Ulrich, e, com toda a gravidade por trás daquele diálogo com tons amalucados recordou a primeira conversa que tivera a respeito com Ágata, no fortim dos suecos.

Mas também o general disse:

— Foi o que acabei de dizer. Quando não se tem nada a fazer, e não se sabe o que fazer consigo mesmo, fica-se ativo! A gente berra, bebe, briga e atormenta o cavalo e os homens. Mas, de outro lado, você tem de admitir: quando se sabe direito o que se quer, acaba-se ficando um hipócrita. Veja um desses rapazes do estado-maior, quando fecha os lábios calado, e faz uma cara como a do Moltke: dez anos mais tarde ele terá uma pança de comandante debaixo dos botões; não uma barriga benevolente como a minha, e sim cheia de veneno. Portanto, é difícil dizer quanto sentido precisa haver numa ação. — Ele refletiu e acrescentou:

— Quando a gente se dedica de verdade, pode-se aprender uma porção de coisas no exército, cada vez me convenço mais disso; mas não acha que seria por assim dizer mais simples se encontrássemos a grande idéia?

— Não — objetou Ulrich. — Aquilo foi bobagem.

— Bom. Mas então, resta realmente só a ação — suspirou Stumm. — Eu próprio já estou quase declarando isso. Aliás, você se lembra que uma vez o preveni de que todos esses pensamentos arrogantes iam acabar num golpe de morte? A gente teria de impedir isso! — constatou. — Alguém teria de assumir a liderança!

— E que tarefa a sua bondade pretende me atribuir? — perguntou Ulrich bocejando sem disfarçar.

— Eu já estou indo — afirmou Stumm. — Mas depois de nos termos, entendido tão bem, você teria uma tarefa importante, se quisesse ser um camarada fiel: algumas coisas não andam bem entre Diotima e Arnheim!

— Não me diga! — O dono da casa animou-se um pouco.

— Você mesmo vai ver, nem preciso lhe contar nada! Além disso, ela faz mais confidências a você do que a mim.

— Ela anda lhe fazendo confidências? Desde quando?

— Ela se acostumou um pouco comigo — disse o general orgulhoso.

— Parabéns.

— Sim. Mas você tem de procurar o Leinsdorf sem demora. Por causa da repulsa dele pelos prussianos.

— Não vou.

— Olhe aqui, eu sei que você não gosta do Arnheim. Mas tem de ir.

— Não por isso. Eu não vou ver Leinsdorf.

— Por que não? Um velho tão fino. Arrogante, eu não o suporto, mas para com você ele é fantástico.

— Eu vou me retirar de toda essa história.

— Mas o Leinsdorf não vai permitir. Nem Diotima. Muito menos eu! Você não vai me deixar sozinho, vai?

— Eu acho toda essa história idiota demais.

— Nisso você tem razão, como sempre. Mas o que não é idiota? Olhe, eu sou completamente idiota sem você. Portanto, vá ver o Leinsdorf por amor a mim!

— Mas o que há com Diotima e Arnheim?

— Não lhe digo, senão você acaba não indo procurar nem Diotima! — De repente, o general teve uma idéia que o iluminou: — Se quiser, o Leinsdorf pode lhe arranjar um secretário que o substitua em todas as coisas que o aborrecem. Ou eu lhe dou um, do Ministério da Guerra. Você se afasta o quanto quiser, mas continua me protegendo!

— Primeiro, me deixe dormir direito — pediu Ulrich.

— Não vou enquanto você não disser sim.

— Muito bem, vou consultar o travesseiro — concedeu Ulrich. — Não esqueça de botar de novo na pasta o pão da ciência militar!

14

NOVIDADES ENTRE WALTER E CLARISSE. UM EXIBICIONISTA E SEU PÚBLICO

Foi a inquietação que fez Ulrich ir até a casa de Walter e Clarisse pelo fim do dia. A caminho, procurou evocar a carta que guardara na bagagem e não encontrara mais, ou que perdera, mas não lembrava detalhes, só da última frase: “Espero que você volte logo”; recordou também a impressão de que precisava falar com Walter, o que lhe provocava não só desconforto e aborrecimento, mas uma certa maligna alegria. Ficou saboreando aquela sensação fugidia e involuntária, sem significado maior, sem a afastar, e sentia-se mais ou menos como um homem que ficou tonto e melhora ao se abaixar.

Quando dobrou a rua para chegar à casa, viu Clarisse parada ao sol junto da parede lateral, onde ficava a latada de pessegueiros; tinha as mãos às costas, recostava-se contra a ramaria flexível e olhava ao longe, sem notar quem chegava. Sua postura tinha algo de ausente e hirta; mas, ao mesmo tempo, algo quase imperceptivelmente teatral, que só o amigo notava, por conhecer suas qualidades: ela parecia estar representando as importantes idéias que a ocupavam, estar arrebatada por uma delas e não poder mais se libertar. Ele recordou as palavras dela: “Eu quero um filho seu!” Hoje não lhe eram mais tão desagradáveis quanto daquela vez; chamou a amiga, baixinho, e esperou.

Mas Clarisse pensava: “Desta vez, Meingast vai se transformar, aqui conosco!” A vida dele sofrerá várias transformações muito singulares, e, sem retrucar nada à extensa resposta de Walter, um dia concretizara a promessa de que viria. Clarisse estava convencida de que o trabalho que ele imediatamente começara na casa deles se relacionava com alguma transformação. A lembrança de um deus hindu, que antes de toda purificação se recolhia em qualquer local, misturou-se nela com a

recordação de que os animais escolhem certo lugar para se encasular. E dessa idéia, que lhe dava a impressão de incrivelmente saudável e segura, ela passara ao sensual aroma dos pêssegos amadurecendo numa ensolarada parede de casa: o resultado lógico de tudo isso era ela ficar parada nos raios ardentes do sol poente sob a janela, enquanto o profeta se recolhera na caverna de sombras atrás dela. Explicara a ela e a Walter, há dias, que criado, *knight*, no sentido original significava adolescente, menino, valete, guerreiro e herói; ela pensava: “Eu sou o criado dele!”, e protegia o seu trabalho, e o atendia. Não era preciso palavras, ela apenas sustentava, imóvel, os raios de sol no rosto ofuscado.

Quando Ulrich lhe falou, ela virou lentamente o rosto para aquela voz inesperada, e ele viu que algo se modificara. Os olhos que o encaravam continham o frio das cores da natureza depois de apagar-se o dia, e Ulrich soube de imediato: ela não quer mais saber de você! Nem sinal restava no olhar dela, de que o tivesse querido “arrancar do bloco de pedra”, que ele fora um grande demônio ou deus, que quisera fugir com ele “através da fenda da música”, de que o tivesse querido matar se não a amasse. Isso lhe era indiferente: podia ser uma pequena experiência bem vulgar, aquele apagado calor egoísta num olhar; apesar disso, era como um pequeno rasgão no véu da vida, pelo qual espreita o nada indiferente, e naquela ocasião criou-se o alicerce de muita coisa que sucederia mais tarde.

Ulrich soube que Meingast estava lá, e compreendeu. Entraram em casa sem ruído para buscar Walter, e sem ruído retornaram para fora, a fim de não perturbar quem trabalhava lá dentro. Ulrich flagrou duas vezes por uma porta aberta uma visão das costas de Meingast. Ele se hospedava num quarto vazio, separado, que pertencia ao apartamento; em algum lugar, Clarisse e Walter haviam conseguido uma cama de ferro; uma banquetta de cozinha e uma bacia de zinco serviam de lavatório, e, além desse mobiliário, havia no quarto sem cortinas apenas um velho armário de louças com livros, e uma mesinha de madeira macia não pintada.

Meingast estava sentado diante dessa mesa escrevendo, sem virar a cabeça para os que passavam. Ulrich em parte vira tudo isso, em parte o soubera pelos amigos, que não se incomodavam com o fato de o mestre estar tão mais mal acomodado do que eles próprios viviam, mas ao contrário, por alguma razão orgulhavam-se por ele se conformar com isso. Era comovente, e era cômodo para eles: Walter assegurou que quando entravam nele na

ausência de Meingast, esse quarto tinha aquele algo indescritível, como uma velha luva usada sobre uma mão nobre e enérgica! E realmente, Meingast trabalhava com grande alegria naquele ambiente cuja simplicidade espartana o lisonjeava. Lá dentro, sentia sua vontade formando palavras sobre o papel. E caso, como há pouco, ainda por cima Clarisse estivesse parada sob sua janela ou na escada, ou apenas sentada em seu próprio quarto — “envolvida pelo manto de uma invisível luz do Norte”, como lhe confessara ela —, essa ambiciosa discípula, por ele paralisada, alimentava ainda mais sua alegria. Então, a pena tinha caprichos, e os grandes olhos escuros sobre o nariz adunco e fremente começavam a arder. Trabalhava num novo e importante capítulo de seu livro, que pensava terminar nessas condições; a obra nem deveria ser chamada livro, mas uma ordem de mobilização para o espírito dos novos homens! Quando, do lugar onde se achava Clarisse, subira uma voz de homem estranho, ele se interrompera e espiara cautelosamente; não tinha reconhecido Ulrich, mas lembrava-se vagamente dele, e não considerou os passos subindo a escada razão de fechar sua porta, nem desviar a cabeça do trabalho. Usava debaixo do casaco um grosso suéter de lã, mostrando insensibilidade em relação ao tempo e às pessoas.

Levaram Ulrich a passear e confessaram-lhe seu entusiasmo pelo mestre, enquanto este cumpria seu trabalho.

Walter disse:

— Quando se é amigo de um homem como Meingast, é que se entende por que sempre sofremos de uma aversão pelos outros! Na relação com ele tudo parece pintado a cores puras, sem tom cinza.

Clarisse disse:

— Convivendo com ele, temos a sensação de ter um destino; a gente fica tão pessoal, tão iluminado.

Walter completou:

— Hoje tudo se fragmenta em cem camadas, torna-se opaco e borrado; o espírito dele é como vidro!

Ulrich respondeu:

— Há bodes expiatórios para pecados e para virtudes; além disso, há

ovelhas que precisam deles!

Walter devolveu o comentário:

— Era de se esperar que você não gostasse dele! Clarisse exclamou:

— Uma vez, você afirmou que não se pode viver segundo a idéia: lembra? Pois Meingast pode!

Walter disse, mais ponderado:

— Naturalmente eu poderia fazer algumas objeções a ele... Mas Clarisse interrompeu:

— A gente sente calafrios de luz escutando Meingast. Ulrich retrucou:

— Cabeças de homem especialmente bonitas em geral são burras; filósofos particularmente profundos habitualmente têm pensamento raso; na literatura, em geral os contemporâneos consideram grandes aqueles talentos comuns que ficam um pouco acima da média.

É um fenômeno singular, a admiração. Na vida do indivíduo é apenas limitada a alguns “casos”, mas na vida geral ela forma uma instituição duradoura. Na verdade, Walter teria achado mais satisfatório ocupar o lugar de Meingast em sua própria opinião e na de Clarisse, e não entendia por que não era assim; mas havia nisso também uma pequena vantagem. E o sentimento assim economizado ia em proveito de Meingast, como quando alguém adota um filho alheio. De outro lado, exatamente por isso não era um sentimento puro e sadio, essa admiração por Meingast, o próprio Walter o sabia; era antes o desejo exagerado de entregar-se à crença nele. Havia nele algo de deliberado. Era uma “sensação de piano”, que se desencadeia sem muita convicção.

Também Ulrich percebia isso. Uma das mais primitivas necessidades de paixão que a vida hoje desfaz em pedacinhos e mistura até a tornar irreconhecível procurava ali um retorno, pois Walter elogiava Meingast com uma fúria parecida à de uma platéia num teatro aplaudindo lugares-comuns que estimulam sua necessidade de aplaudir, embora nem de longe os julgue merecedores de tanto aplauso; elogiava-o numa urgência de admiração, para a qual existem as festas e comemorações, os grandes nomes ou idéias contemporâneos, e as honradas que lhes são

prestadas, das quais participamos sem que ninguém saiba ao certo para quem ou para quê, estando todos dispostos a serem, no dia seguinte, duplamente triviais para não ter de que se acusar. Era isso que Ulrich pensava de seus amigos, e, de tempos em tempos, com comentários afiados dirigidos contra Meingast, mantinha-os em agitação; pois como qualquer pessoa que sabe das coisas, ele se aborrecera incontáveis vezes com essa capacidade de entusiasmo de seus contemporâneos, que quase sempre atinge o alvo errado, e assim aniquila o que a indiferença deixara sobrar.

Escurecera quando voltaram para casa, falando nessas coisas.

— Esse Meingast — disse Ulrich, por fim — vive do fato de hoje em dia se confundirem pressentimento e crença. Quase tudo o que não é ciência só se pode pressentir, e, para isso, precisa-se de paixão e cautela. Assim, uma metodologia do que não sabemos seria quase o mesmo que uma metodologia da vida. Mas vocês “acreditam”, mal aparece alguém como Meingast! Todo mundo faz isso. E essa “crença” é mais ou menos como se lhes ocorresse sentarem-se com toda a sua digna pessoa sobre um cesto de ovos para chocar o conteúdo desconhecido!

Pararam ao pé da escada. De repente, Ulrich soube o que viera fazer ali, e por que falava com os dois como antigamente. Não se espantou quando Walter respondeu:

— E você quer que o mundo pare até terminar sua metodologia? Obviamente não davam grande coisa por ele, porque não entendiam como era

negligenciado esse território da fé, que se estende entre a segurança do saber e o nevoeiro do pressentimento! Velhas idéias concentravam-se na sua cabeça; o pensamento quase morria sob essa pressão. Mas então, ele soube que não era mais necessário começar do princípio, como um tapeceiro a quem um sonho perturbou os sentidos; e que só por isso estava novamente ali parado. Nos últimos tempos, tudo se tornara muito mais simples. Os últimos quinze dias tinham revogado todas as coisas antigas, reunindo as linhas do movimento interior com um nó muito forte.

Walter esperava que Ulrich respondesse algo com que pudesse se irritar. E então lhe pagaria em dobro! Tomara o propósito de lhe dizer que pessoas como Meingast trazem a salvação. “Originalmente, salvo significa mais ou

menos o mesmo que intacto”, pensou. E: “salvadores podem se enganar, mas nos deixam inteiros!”, quis dizer. E depois também queria dizer: “Você talvez nem possa imaginar uma coisa assim!” E sentia contra Ulrich uma repulsa parecida com a que sentia quando tinha de ir ao dentista.

Mas Ulrich apenas indagou, distraído, o que afinal Meingast andara escrevendo e fazendo naqueles últimos anos.

— Está vendo! — disse Walter decepcionado. — Está vendo, você nem sabe isso, mas o está insultando!

— Ora — disse Ulrich —, nem tenho de saber, bastam algumas linhas! — E pôs o pé na escada.

Mas aí, Clarisse o segurou pelo casaco e sussurrou:

— Mas ele nem se chama Meingast!

— Claro que não; isso será segredo?

— Uma vez ele se tornou Meingast, e agora, em nossa casa, se transforma de novo! — sussurrou Clarisse, intensa e misteriosa, e o sussurro tinha algo de uma língua de fogo. Walter precipitou-se, para a abafar.

— Clarisse! — exortou. — Clarisse, pare com essa loucura!

Clarisse calou-se, sorrindo. Ulrich subiu a escada à frente deles; queria finalmente ver esse mensageiro que baixara das montanhas de Zaratustra para a vida doméstica de Walter e Clarisse, e quando chegaram lá em cima, Walter não estava apenas zangado com Ulrich, mas com Meingast também.

Este recebeu seus admiradores no apartamento escuro. Vira-os chegando, e Clarisse logo se colocou junto dele diante da superfície gris da janela, pequena sombra esguia ao lado da dele, grande e magra; não houve apresentações, ou só uma, unilateral, pois evocaram o nome de Ulrich na memória do mestre. Depois, todos se calaram; Ulrich, por estar curioso, e para ver como se desenrolariam as coisas, colocou-se junto da outra janela, desimpedida, e Walter, surpreendentemente, juntou-se a ele; é provável que, sendo as duas forças de repulsão momentaneamente iguais, ele tenha apenas sido atraído pela luminosidade da vidraça mais desimpedida, que se espriava foscamente pelo quarto.

Era o mês de março. Mas a meteorologia nem sempre é confiável, às vezes

antecipa ou retarda uma noite de junho: pensou Clarisse, enquanto a escuridão diante da janela lhe parecia a de uma noite de verão. Onde caía a luz dos lampiões a gás, a noite era laqueada de amarelo claro. Os arbustos ao lado formavam uma massa negra ondulante. Onde havia luz, tornavam-se verdes ou esbranquiçados — não podia dar um nome certo —, recortavam-se em ziguezagues de folhas, e pairavam na luz dos lampiões como peças de roupa boiando numa água que corre de leve. Um arame entre dois postes baixinhos — nada senão um aviso, para lembrar a ordem — corria algum tempo ao longo do gramado onde ficavam os arbustos, e depois sumia na escuridão: Clarisse sabia que terminava ali; talvez algum dia tivessem planejado dar àquele local a beleza de um jardim cuidado, mas haviam desistido.

Clarisse chegou bem perto de Meingast, para poder ver melhor o caminho, do canto de janela onde ele estava; o nariz achatado contra a vidraça, os dois corpos tocando-se, tão duros, tão variados, como se ela se estendesse sobre uma escada, o que por vezes fazia; ao redor de seu braço direito, que teve de ceder lugar, puseram-se então, junto do cotovelo, os longos dedos de Meingast, como musculosas garras de uma águia muito distraída que amassasse um paninho de seda. Há algum tempo Clarisse via um homem, com um problema que ela não percebera logo qual era: andava ora hesitante, ora descuidado; dava a impressão de que algo se enrolava em torno de sua vontade de andar, e sempre que o rasgava, andava um trecho como qualquer pessoa que não tem pressa mas tampouco hesita. O ritmo dessas irregularidades chamara a atenção de Clarisse; quando o homem passou por um lampião, ela procurou reconhecer seu rosto, que lhe pareceu encovado e inexpressivo. No penúltimo lampião, achou que era um rosto insignificante, mau e arisco; mas quando ele chegou ao último, quase debaixo da janela dela, o rosto era muito pálido, boiando na luz, de um lado para outro, assim como a luz flutuava de um lado para outro na treva, de modo que o fino poste de ferro do lampião pareceu muito ereto e nervoso junto dele, expondo-se à vista com um verde-claro mais intenso do que na verdade seria natural.

Aos poucos, os quatro tinham começado a observar aquele homem que se julgava inobservado. Ele percebeu os arbustos banhados de luz, e recordou-

se dos recortes da saia de baixo de uma mulher, tão grossa como nunca vira outra, mas bem desejava ver. Nesse momento, foi dominado por uma decisão. Passou sobre a cerca baixa, parou no gramado que lhe lembrou a lanugem verde debaixo das árvores de uma caixa de brinquedos, olhou diante de seus pés algum tempo, perplexo, foi despertado pela sua cabeça que olhou em tomo, cautelosa, e escondeu-se na sombra, como era seu costume.

Excursionistas, atraídos para o campo pelo tempo quente, voltavam para casa, de longe se ouviam seu ruído e alegria, que encheram o homem de medo, e ele procurou compensar-se debaixo daquela anágua de folhagens. Clarisse ainda não sabia o que havia com ele. Aparecia sempre que um bando de pessoas passava, e os olhos ficavam cegos para a escuridão, devido à luz dos lampiões. Então, sem caminhar, ele deslizava para junto desse círculo de luz como quem anda numa margem muito rasa, onde a água não chega a cobrir as solas dos sapatos. Clarisse notou como o homem estava pálido, seu rosto desfigurado em uma rodela lívida. Sentiu uma intensa compaixão por ele. Mas ele executava estranhos gestos curtos, que ela levou tempo para entender, até que, subitamente, precisou encontrar apoio para sua mão; e como Meingast ainda segurasse seu braço, não a deixando fazer movimentos maiores, ela agarrou as calças largas dele, segurando-se no tecido em busca de proteção, e o tecido balançou na perna de Meingast como uma bandeira ao vendaval. Os dois ficaram assim parados, sem se largarem.

Ulrich, que pensava ser o primeiro a notar que o homem debaixo da janela era um daqueles doentes que pela irregularidade de sua vida sexual excitam fortemente a curiosidade dos regradados, preocupou-se algum tempo superfluamente por Clarisse, imaginando como ela, tão insegura, encararia isso. Depois, esqueceu tudo, e teria gostado de saber o que afinal acontece numa pessoa dessas. A mudança devia ser tão completa no momento em que ele passava sobre a cerca, que nem se poderia descrever em detalhes. E, tão naturalmente como se fosse uma comparação adequada, ele recordou um cantor que há pouco esteve comendo e bebendo, e que se aproxima do piano, cruza as mãos sobre o ventre, abre a boca para cantar, e que se torna em parte outra pessoa, em parte não. Também pensou em Sua Alteza o

Conde Leinsdorf, que conseguia funcionar ligando-se numa corrente ético-religiosa ou numa bancária despreconceituosa. O caráter absoluto dessa metamorfose que se realiza dentro mas, fora, se confirma pela receptividade do mundo, atraía Ulrich: era-lhe indiferente como o homem ali embaixo era psicologicamente capaz disso, mas tinha de imaginar aquela cabeça paulatinamente enchendo-se de tensão como um balão em que se deixa entrar gás, provavelmente dias a fio, aos poucos, ainda oscilando nos fios que o amarram ao chão firme, até um comando inaudível, um motivo eventual ou o curso de um determinado tempo, que transforma o que bem vier na melhor causa, desatar esses fios, e a cabeça flutuar sem ligação com o mundo humano, no vazio do desnaturado.

E, com efeito, o homem estava parado ali com seu rosto encovado e inexpressivo, na proteção dos arbustos, espreitando como um animal de rapina. Para realizar sua intenção, teria de esperar até que os excursionistas fossem rareando, e o lugar lhe parecesse mais seguro; mas assim que entre os grupos passava uma mulher sozinha, às vezes até quando uma se destacava dançando num grito, rindo, protegida pelos outros, para ele já não eram pessoas mas bonecos que sua consciência recortava loucamente. Sentia por elas a cruel desconsideração de um assassino, e o medo mortal das mulheres não lhe teria significado nada. Mas ao mesmo tempo, sofria leves tormentos imaginando que elas o poderiam descobrir e escorraçar como a um cão, antes de ele chegar ao auge da sua loucura, e a língua lhe tremia de medo na boca. Esperou, com a cabeça apalermada, e aos poucos o último clarão de crepúsculo se apagou. Então, uma mulher solitária aproximou-se do esconderijo dele, e, quando os lampiões ainda os separavam, já pôde perceber, apartado de tudo, que ela emergia e submergia nas ondas de claro-escuro, um torrão negro que pingava luz, antes de se aproximar.

Ulrich também notou que era uma mulher informe, já idosa, que se aproximava. Seu corpo era um saco cheio de pedregulhos, o rosto não era simpático mas dominador e belicoso. Mas o magro pálido nos arbustos saberia aproximar-se dela antes que ela percebesse, antes de ser tarde demais. Os movimentos embotados dos olhos dela, e de suas pernas, provavelmente já faziam tremer a carne dele, que se preparava para a

assaltar, sem lhe dar tempo de defender-se, atacá-la com sua imagem que entraria na surpreendida mulher e ficaria metida dentro dela eternamente, por mais que ela procurasse se defender.

Essa excitação disparava e zunia em joelhos, mãos e garganta; ao menos era o que Ulrich achava observando o homem tatear na parte dos arbustos sobre a qual já pousava uma meia-luz, preparando-se para aparecer e exhibir-se no momento exato. Pasmado, o infeliz se recostava no último e leve obstáculo dos ramos, grudava seus olhos no rosto feio que já emergia aos solavancos em plena luz, e sua respiração ar-fava obedecendo ao ritmo da pessoa estranha.

“Será que ela vai gritar?”, pensou Ulrich. Aquela pessoa grosseira seria bem capaz de, em vez de se assustar, ficar furiosa e passar ao ataque: então, o louco covarde teria de fugir, e a volúpia perturbada enfiaria suas facas no seu ventre, com o cabo grosso à frente! Nesse momento tenso, Ulrich escutou a voz desavisada de dois homens que vinham pelo caminho, e assim como eram vistos pela vidraça, talvez também tivessem sentido aquele chiado da excitação, pois o homem debaixo da janela deixou, cauteloso, que se fechasse novamente o véu já aberto dos arbustos, recuando sem ruídos para o centro da escuridão.

— Que porco! — sussurrou Clarisse intensamente ao vizinho naquele momento, mas não havia nenhuma indignação em sua voz. Antes de se transformar, Meingast ouvira muitas vezes essas palavras dela, naquele tempo dirigidas contra o seu comportamento livre, e a expressão deveria ser até histórica. Clarisse pressupunha que também Meingast devia se recordar disso, apesar de sua metamorfose, e, com efeito, pareceu-lhe que os dedos dele se moviam bem de leve no braço dela, em resposta.

Aliás, naquela noite nada era casual; também aquele homem não escolhera por acaso a janela de Clarisse para se postar ali embaixo: a opinião dela, de que atraía cruelmente os homens anormais, era firme, e muitas vezes antes provara ser correta! De modo geral, suas idéias não eram confusas, muito antes excluía meios-termos, ou eram embebidas de emoções em muitos pontos onde outras pessoas não possuem essa fonte interior. Sua convicção de que fora ela que antigamente possibilitara a Meingast uma transformação

radical não era em si inacreditável; se, além disso, se pensar em como essa transformação acontecera sem conexão, pois se dera na distância, no curso de anos em que não tiveram contatos, e como era imensa, pois transformara um mundano superficial num profeta; e se por fim considerarmos que logo depois da partida de Meingast o amor de Walter e Clarisse chegara ao auge das lutas que ainda travavam, a suposição de Clarisse, de que Walter e ela tinham tido de assumir os pecados de um Meingast ainda não transformado, para possibilitarem a ascensão dele, não era um fundamento pior do que incontáveis outros pensamentos respeitados em que hoje se acredita. Mas daí surgia aquela relação servil e cavalheiresca de Clarisse para com aquele que regressava, e, se falava de sua nova “metamorfose” em vez de dizer simplesmente modificação, apenas expressava adequadamente a exaltação em que se achava. A consciência de ser parte numa relação importante podia exaltar Clarisse no sentido mais textual. Não sabemos bem se pintamos os santos com uma nuvem aos pés, ou simplesmente os colocamos pairando no nada um dedo acima do solo, e a mesma coisa acontecia com ela desde que Meingast escolhera sua casa para escrever ali sua grande obra, que provavelmente teria uma profunda significação. Clarisse não o amava como mulher apaixonada, antes como um menino que admira um homem; feliz por, quando tiver ocasião, colocar o chapéu na cabeça como o outro o faz, e repassado daquele secreto anseio de o superar.

Walter sabia disso. Não conseguia escutar o que Clarisse sussurrava com Meingast, nem seus olhos conseguiam divisar, dos dois, mais que massas de sombra estreitamente confundidas no lusco-fusco da janela, mas entendia tudo. Reconhecera também o que acontecia nos arbustos, e o silêncio que dominava o aposento pesava especialmente sobre ele. Consequia notar que Ulrich, imóvel a seu lado, olhava pela janela, tenso, e pressupôs que os dois na outra janela faziam o mesmo.

“Por que ninguém rompe esse silêncio?”, pensou. “Por que ninguém abre a janela e enxota esse monstro?” Ocorreu-lhe que teriam obrigação de chamar a polícia, mas não havia telefone na casa, e ele não tinha coragem de fazer uma coisa dessas, que seus companheiros desprezariam. Aliás, não queria ser um “filisteu indignado”, apenas estava tão irritado! A “relação cavalheiresca” entre sua mulher e Meingast era algo que até podia

compreender muito bem, pois Clarisse não conseguia imaginar exaltação sem esforço, nem no amor: não se exaltava pela sensualidade, mas apenas pela ambição. Ele se recordou de como às vezes fora assustadoramente viva em seus braços, quando ele ainda lidava com arte; mas só a conseguia aquecer assim, por aqueles desvios.

“Quem sabe todas as pessoas só consigam exaltação eficaz através da ambição?”, pensou, duvidando. Não lhe escapara que Clarisse ficava “de sentinela” quando Meingast trabalhava, para proteger com seu corpo os pensamentos dele, embora ela mesma nem soubesse que pensamentos eram.

Walter contemplava doloridamente o solitário egoísta nos arbustos, e o infeliz lhe dava um exemplo das devastações que podem ocorrer numa alma excessivamente solitária. E martirizava-o a idéia de que sabia exatamente o que Clarisse sentia vendo aquilo.

“Ela deve estar levemente excitada, como se tivesse subido uma escada correndo”, pensou. Ele próprio sentia, no quadro que divisava, uma pressão, como se houvesse ali algo encasulado, querendo romper seu envoltório, e sabia que, naquela misteriosa pressão que Clarisse também sentia, se movia a vontade não apenas de observar mas de fazer alguma coisa, logo, já, e precipitar-se no acontecimento, para o libertar. Em outras pessoas certamente os pensamentos nascem da vida, mas em Clarisse as experiências sempre brotavam dos pensamentos: era uma coisa tão invejavelmente doida! E Walter inclinava-se mais para os exageros de sua esposa talvez mentalmente enferma do que para o raciocínio de seu amigo Ulrich, que se imaginava cauteloso e ousado: de alguma forma agradava-lhe mais aquela insensatez, talvez o deixasse intocado, apelava para sua compaixão e até lhe causava certa satisfação que Clarisse sussurrasse ali no escuro com Meingast, enquanto Ulrich estava condenado a ficar ao lado dele, sombra muda. Apreciava vê-lo derrotado por Meingast.

Mas, de tempos em tempos, martirizava-o a expectativa de que de repente Clarisse abriria a janela num arranco, ou correria escadas abaixo até os arbustos: então, desprezava as duas sombras masculinas e aquela indecente postura com que observavam, calados, que tornava de minuto a minuto mais precária a posição daquele pobre pequeno Prometeu que ele protegia, exposto a todas as tentações do espírito.

Nessa hora, a vergonha e o desejo frustrado do doente que se recolhera aos seus arbustos se haviam fundido numa unidade de decepção, que vazava seu vulto oco como uma massa de substância amarga. Quando chegara ao interior mais escuro, dobrou os joelhos, deixou-se cair por terra, a cabeça pendendo do pescoço como uma folha. O mundo se punha diante dele, punitivo, e ele via sua situação mais ou menos como teria parecido aos dois homens que haviam passado, se o tivessem descoberto. Mas depois de chorar por si mesmo algum tempo, de olhos secos, o homem sofreu novamente aquela transformação original, desta vez até com mais desafio e vingança. E mais uma vez falhou. Uma mocinha de mais ou menos quinze anos, que devia estar atrasada, passou e lhe pareceu bonita, um pequeno ideal passando rápido: o pervertido sentiu que devia aparecer e falar-lhe amigavelmente, mas isso o lançou instantaneamente num terror imenso. Sua fantasia, pronta a mostrar-lhe todas as possibilidades que uma mulher podia lembrar, ficou medrosamente desamparada diante da única possibilidade natural de admirar a beleza daquela criaturinha desprotegida que se aproximava. Tanto menos prazer teria o seu eu de sombras, quanto mais se adequasse para agradar ao seu eu diurno, e procurou odiá-la, em vão, já que não a podia amar. Assim, ficou parado, incerto, na fronteira de sombra e luz, exibindo-se. Quando a pequena notou seu segredo, já passara por ele, e estava uns oito passos adiante; primeiro, apenas vira a agitação nas folhas, sem entender o que acontecia, e quando percebeu, já estava tão distante e segura que não teve mais medo mortal: sua boca ficou aberta algum tempo, mas depois ela gritou, alto, e começou a correr, e, marota, parecia até divertir-se em olhar para trás, e o homem sentiu-se abandonado e envergonhado. Esperou, irado, que uma gota de veneno tivesse caído nos olhos dela e mais tarde lhe corroesse o coração.

Esse final bastante inocente e engraçado foi um alívio para a humanidade dos observadores, que desta vez teriam certamente agido se o incidente não se tivesse desfeito daquela maneira; e, sob o efeito dessa impressão, mal notaram como as coisas lá embaixo chegaram ao fim, e só descobriram definitivamente que tinham ocorrido quando a “hiena” humana, como disse Walter, de repente não apareceu mais. Fora diante de uma criatura medíocre que ele conseguira realizar seu intuito; ela parou um momento, assustada, fitou-o pasmada e enojada, depois procurou fingir não ter notado nada. Nesse segundo, ele se sentiu deslizar, junto com seu telhado de folhas e

todo o mundo emborcado do qual brotara, para o fundo do olhar repugnado daquela pessoa indefesa. Devia ter sido assim, ou de outro modo. Clarisse não prestara atenção. Respirando fundo, endireitou-se, depois que Meingast e ela já se haviam separado. Pareceu que de repente aterrissava com as solas no assoalho de tábuas, e um redemoinho de sensualidade indizível e cruel apaziguou-se em seu corpo. Estava convencida de que tudo o que acontecera tinha um significado especial, destinado a ela; e por mais estranho que pareça, o repulsivo incidente lhe dera a impressão de ser uma noiva a quem tinha feito uma serenata, e na sua cabeça giravam propósitos que pretendia concluir, dançando loucamente com outros que ainda eslava tomando.

— Engraçado! — disse de repente Ulrich na escuridão, e foi o primeiro a quebrar o silêncio do aposento. — Na verdade é um pensamento ridículo que esse sujeito teria perdido inteiramente o prazer se soubesse que estava sendo observado! — A sombra de Meingast destacou-se do nada, e ficou parada na direção da voz de Ulrich, como estreita condensação de trevas.

— As pessoas dão importância excessiva ao sexual — disse o Mestre. — São na verdade exemplos caricaturais da vontade dos tempos.

E não disse mais nada. Mas Clarisse, que estremeceu sem querer ouvindo Ulrich, sentia que as palavras de Meingast, embora no escuro não se soubesse aonde a levavam, a tinham impelido para a frente.

15

O TESTAMENTO

Quando Ulrich voltou para casa — e a experiência que tivera o deixara ainda mais insatisfeito — não quis fugir mais a uma decisão e evocou o “incidente” da melhor maneira possível; era assim que designava, abrandando-o, o que acontecera nas últimas horas de seu convívio com Ágata, poucos dias depois daquele grande diálogo.

Ulrich estivera pronto para viajar, iria num trem-leito que passava tarde pela cidade, e os irmãos encontraram-se para um último jantar. Haviam combinado que Ágata seguiria pouco depois, e avaliavam aquela separação em cerca de cinco a quinze dias.

À mesa, Ágata disse:

— Temos uma coisa a fazer antes!

— O quê? — perguntou Ulrich.

— Precisamos mudar o testamento.

Ulrich recordava-se de ter encarado a irmã com surpresa; apesar de tudo o que já tinham conversado, esperara que aquilo fosse só uma brincadeira. Mas Ágata baixara o olhar sobre o prato e tinha entre as sobrancelhas a conhecida ruga de reflexão. Depois, disse lentamente:

— Não quero que ele guarde entre seus dedos mais de mim do que um fio de lã queimado!

Nos últimos dias, alguma coisa devia ter agido intensamente em seu interior. Ulrich quis dizer que julgava proibido pensar em lograr Hagauer, e não queria mais falar a respeito: nesse momento, porém, entrou o velho criado do pai, trazendo a comida, e só conseguiram comunicar-se disfarçadamente, por alusões.

— Tia Malvina — disse Ágata sorrindo para o irmão —, você se lembra da

tia Malvina? Ela deixou toda a sua fortuna para nossa prima; era uma coisa combinada, e todos sabiam. E por isso, sua herança paterna fora limitada ao estritamente obrigatório, em favor do seu irmão, para que nenhum dos irmãos ternamente amados pelo pai recebesse mais que o outro. Você tem de se lembrar disso. A renda anual que Ágata... Alexandra, sua prima — corrigiu-se, rindo — recebeu desde seu casamento foi, até segunda ordem, sendo tirada dessa reserva; era um assunto complicado, para dar a tia Malvina tempo de morrer...

— Não estou entendendo — resmungou Ulrich.

— Mas é simples! Tia Malvina está morta, mas antes de morrer perdeu toda a fortuna; até precisou de ajuda. Basta que papai tenha esquecido por qualquer motivo de anular sua própria alteração testamentária, e Alexandra não receberá coisa alguma, ainda que seu casamento tenha sido com comunhão de bens!

— Não sei, acho que é muito improvável! — disse Ulrich, involuntariamente. — E deve ter havido certas promessas do pai. Ele não pode ter feito tudo isso sem alguma discussão com seu genro! — Sim, ele recordava perfeitamente que respondera assim porque simplesmente não podia ficar calado diante do grave erro da irmã. Também o sorriso com que esta o fitara depois disso ainda estava bem presente:

“É assim que ele é!”, parecia pensar. “Basta apresentar-lhe um assunto como se não fosse de carne e osso, e sim algo geral, e a gente o leva pelo nariz!” E perguntara brevemente:

— Esses acordos foram escritos? — e deu ela mesma a resposta: — Nunca ouvi falar disso, e deveria saber! Papai era esquisito em todas as coisas.

Nesse momento, serviram a comida, e ela aproveitou a situação de Ulrich, que não podia reagir, para acrescentar

— Acordos orais podem ser negados a qualquer momento. Mas se o testamento tiver sido mudado depois que tia Malvina empobreceu, tudo diz que essa segunda versão se perdeu!

Mais uma vez Ulrich quis corrigir e disse:

— Mas continua a parte obrigatória, que não é pequena; não se pode tirar essa parte dos descendentes diretos!

— Mas eu já lhe disse que essa parte foi paga em vida! Alexandra casou-se

duas vezes!

— Ficaram a sós um momento, e Ágata acrescentou rapidamente:

— Eu li muito bem essa passagem: basta mudar algumas palavras, então parecerá que já recebi toda a parte obrigatória. Quem é que sabe disso? Quando, depois das perdas da tia, papai nos colocou novamente com partes iguais, isso aconteceu num adendo que se pode destruir, além disso, eu podia ter renunciado à minha parte obrigatória, para deixá-la a você por qualquer motivo!

Ulrich fitou a irmã, atônito, e não conseguiu lhe dar a resposta que deveria; quando quis começar, já eram novamente três na sala, e ele teve de dissimular o que dizia:

— Na verdade, nem se deveria pensar nesse tipo de coisa! — começou, hesitante.

— E por que não? — revidou Ágata.

Essas questões são muito simples quando não tocamos nelas; mas, assim que se levantam, são uma serpente monstruosa que estava enrolada numa manchinha aparentemente inofensiva: Ulrich lembrava-se de ter respondido:

— Até Nietzsche prescreve aos “espíritos livres” que observem certas regras exteriores por amor à liberdade interior! — Dissera isso com um sorriso, mas sentindo que era covardia esconder-se atrás de palavras alheias.

— Princípio falso! — decidiu Ágata, laconicamente. — Por esse princípio foi que me casei!

E Ulrich pensou:

“Sim, é realmente um princípio falso.” Parece que pessoas que respondem com algo novo e revolucionário a questões especiais, em compensação fazem um com-

promisso com todo o resto, o que as deixa viver uma comportada moral de chinelos. Tanto mais que esse método, que tenta manter constantes todas as condições menos aquela que tenta modificar, corresponde inteiramente à economia criadora do pensamento que lhes é familiar.

Ulrich sempre considerara isso antes algo severo do que negligente, mas naquela conversa com a irmã, sentira-se atingido; não suportava mais a indeterminação que antes apreciara, e parecia-lhe que exatamente Ágata

tinha a missão de o levar a esse ponto E enquanto ele, mesmo assim, lhe apresentava mais uma vez a regra dos espíritos livres, ela riu, perguntando se ele não percebia que no momento em que tentava formar regras gerais outra pessoa aparecia em seu lugar.

— E embora você certamente a admire com razão, no fundo ela lhe é bem indiferente!

— afirmou. Encarava o irmão, desafiadora e voluntariosa. Ele sentiu-se novamente impedido de responder, calou-se aguardando que os interrompessem a qual quer momento, mas não conseguia mudar de assunto. A situação a encorajava.

— No breve tempo de nosso convívio — prosseguiu ela —, você me deu conselhos tão maravilhosos para a minha vida, que eu mesma nem teria ousado imaginar; mas cada vez você perguntou se eram verdade! Parece-me que usa a verdade como uma força que maltrata as pessoas!

Ela não sabia bem de onde tirava o direito de o censurar daquele modo; sua própria vida lhe parecia tão sem valor, que teria de se calar. Mas tirava forças dele mesmo, e apoiar-se nele enquanto o atacava era um estado tão singularmente feminino, que também Ulrich o percebeu.

— Você não entende o anseio de reunir pensamentos em grandes massas articuladas, não conhece as lutas do espírito; vê nisso apenas uma espécie de colunas em movimento, uma centopéia impessoal, cujos pés erguem a verdade como nuvens de poeira! — disse Ulrich.

— Mas não foi você mesmo que me descreveu os dois estados em que poderia viver, tão exata e claramente como eu mesma jamais poderia? — respondeu ela.

Uma nuvem de calor cujos limites se modificavam rapidamente passou pelo rosto dela. Tinha desejos de levar seu irmão a um ponto de onde não pudesse mais voltar. Essa idéia deixava-a febril, mas não sabia se teria coragem suficiente, e adiava o fim da refeição.

Ulrich sabia tudo, adivinhava tudo; mas agora controlara-se e tentou persuadi-la. Sentado diante dela, sem a fitar, forçando-se a falar, tinha a impressão de que não estava em si, mas que ficara atrás de si mesmo, e gritava para si próprio o que dizia:

— Imagine que na viagem eu queira roubar uma cigareira de ouro de um estranho — disse. — Pergunto-lhe se isso não é simplesmente impensável! Então, agora também não quero discutir se uma decisão como essas que você imagina se pode justificar com uma liberdade de espírito superior. Talvez até esteja certo fazer Hagauer sofrer. Mas imagine que, no hotel, eu não esteja passando necessidade, nem seja um ladrão profissional, nem um débil mental com deformações na mente ou corpo, nem tenha mãe histérica, nem pai ébrio, nem seja perturbado ou estigmatizado por coisa alguma, mas mesmo assim fosse roubar: creio que isso não existe! Simplesmente não acontece! Pode-se dizer com precisão científica que é impossível!

Ágata deu uma risada clara:

— Mas Ulo! E se apesar disso a gente o fizer?

Diante dessa resposta, que não previra, Ulrich também teve de rir: ergueu-se de um salto, empurrou a cadeira para trás para não a animar demais com sua concordância. Ágata levantou-se da mesa.

— Não faça isso! — pediu ele.

— Mas Uli — respondeu ela —, você está pensando em sonhos, ou sonhando com algo que acontece?

Essa pergunta lembrou-lhe sua afirmação, feita há poucos dias, de que todas as exigências da moral indicam uma espécie de estado onírico que fugiu delas quando se cristalizaram. Mas, depois de ter dito aquilo, Ágata fora ao escritório do pai, que se mostrava agora iluminado atrás de duas portas abertas, e Ulrich, que não fora atrás, viu-a parada nessa moldura. Ela segurava um papel na luz, e lia. “Terá uma idéia do que está assumindo?”, pensava ele. Mas o chaveiro dos conceitos contemporâneos, como inferioridade nervosa, estado de exceção, debilidade e coisas assim, não combinava com ela, e na bela visão que Ágata oferecia durante seu crime não se lia nem cobiça nem rastros de vingança ou de alguma feiúra interior. E embora com a ajuda desses conceitos até as ações de um criminoso ou semilouco tivessem parecido relativamente mansas e civilizadas a Ulrich, pois nelas os motivos deformados e deslocados da vida comum resplandecem no fundo, aquela determinação a um tempo louca e branda da irmã, em que se misturavam indistintamente pureza e crime, nesse momento

o deixava totalmente pasmado. Não conseguia ceder à idéia de que essa pessoa, tão francamente inclinada a cometer um mau ato, fosse uma pessoa má, e viu Ágata tirar um papel atrás do outro da escrivaninha, lendo todos, pondo-os de lado e procurando seriamente certas anotações. Sua determinação dava a impressão de ter descido de outro mundo para a planura das decisões comuns.

Enquanto a observava, Ulrich inquietou-se especialmente pensando por que havia convencido Hagauer a viajar, confiante. Parecia-lhe que desde o começo agira como instrumento da vontade da irmã, e, até o fim, ainda quando objetava, dera-lhe respostas que a ajudavam a prosseguir. Ela dissera que a verdade maltratava as pessoas. “Muito bem dito, mas ela nem sabe o que significa verdade!”, refletiu Ulrich. “Com os anos, fica-se reumático de tanta verdade, mas na juventude é uma vida de caçadas e barcos a vela!”

Ela voltara a se sentar. Ocorreu-lhe que Ágata não apenas obtivera dele o que dizia sobre a verdade, mas que também o que agora fazia na sala ao lado fora indicado por ele. Ele dissera que no estado mais elevado do ser humano não havia bem ou mal, só crença ou dúvida; que regras fixas contrariavam a essência mais íntima da moral, e que a crença nunca deveria envelhecer; que acreditando nunca se poderia fazer nada de infame; que o pressentimento era um estado mais passional do que a verdade. E agora, Ágata estava na iminência de abandonar o território da paz moral, lançando-se naquela ilimitada profundidade em que não há outra decisão senão a de subir ou cair. E executava aquilo como outro dia tirara as condecorações da mão hesitante dele, para trocá-las; e naquele momento, ele a amou apesar dessa falta de escrúpulos, com a singular sensação de que eram seus próprios pensamentos que tinham passado para ela, e agora retornavam, vindos dela, mais pobres em reflexão, mas com um aroma balsâmico de liberdade, como alguma criatura selvagem. E enquanto ele tremia no esforço de se controlar, sugeriu-lhe, cauteloso:

— Vou adiar minha viagem em um dia e pedir informações ao tabelião ou a algum advogado. Talvez o que você quer fazer seja terrivelmente fácil de descobrir.

Mas Ágata já descobrira que o tabelião de que seu pai se servira não vivia

mais.

— Ninguém sabe do caso — disse ela —, não mexa nele!

Ulrich notou que ela pegara uma folha de papel e tentava imitar a letra do pai.

Atraído por isso, aproximou-se e postou-se atrás dela. Lá estavam pilhas de folhas em que a mão do pai vivera, cujo movimento quase se podia ainda sentir, e lá, Ágata produzia magicamente, como numa imitação teatral, praticamente a mesma coisa. Era estranho de se ver. A finalidade para a qual isso acontecia, a idéia de que servia para uma falsificação, desapareceu. E na verdade Ágata nem tinha refletido nisso. Ao seu redor pairava uma justiça inflamada em vez de lógica. Bondade, decência e justiça, assim como aprendera a conhecê-las nas pessoas, especialmente no Professor Hagauer, pareciam-lhe sempre apenas tirar uma nódoa dum vestido; mas o erro que pairava em torno dela naquele momento era como o mundo naufragar na luz de um amanhecer. Parecia-lhe que certo e errado não eram mais conceitos gerais, e um compromisso para milhões de pessoas, mas um encontro mágico entre eu e você, a loucura de uma primeira criação, ainda não mensurável com nenhum critério.

Na verdade, ela presenteava Ulrich com um crime, entregando-se em suas mãos, confiante de que ele entenderia sua insensatez, e como crianças que, quando querem dar um presente e nada possuem, têm as mais extravagantes idéias. E Ulrich adivinhava a maior parte de tudo. Quando seus olhos seguiam os movimentos dela, sentia um prazer que jamais sentira, pois havia naquilo algo de um absurdo desejo mágico de ceder, sem nenhuma prevenção, ao que outra criatura fazia. Mesmo quando lembrava que havia um terceiro envolvido, a quem faziam mal, essa idéia cintilava apenas um segundo, como um machado, e Ulrich rapidamente se acalmava pensando que afinal não era da conta de ninguém o que sua irmã estava fazendo; não era certo que realmente iam utilizar aquelas tentativas, e o que Ágata fazia entre suas quatro paredes era assunto dela, enquanto não tivesse efeitos fora da casa.

Ela chamou o irmão, virou-se e ficou surpresa ao vê-lo parado atrás de si. Escrevera tudo o que queria escrever e agora bronzeava-o levemente na chama de uma vela para conferir ao texto uma aparência envelhecida.

Estendeu a mão livre a Ulrich, que não a tomou, mas não conseguiu também fechar a cara em rugas muito sombrias. Ela disse:

— Escute! Se uma coisa é uma contradição, e você a ama dos dois lados — ama de verdade! —, não a supera simplesmente com isso, querendo ou não?

— Essa pergunta é leviana demais — rosnou Ulrich. Mas Ágata sabia o que ele diria no seu “segundo pensamento”. Pegou uma folha limpa e escreveu, animada, naquela letra antiquada que sabia imitar tão bem: “Minha má filha Ágata não dá motivo para modificar as determinações outrora tomadas em favor de meu bom filho Ulo!” Mas ainda não estava satisfeita, e escreveu numa segunda folha: “Por mais algum tempo desejo que minha filha Ágata seja educada pelo meu bom filho Uli!”

Assim tudo se passara, mas depois que Ulrich o havia recordado em detalhes, soube tão pouco o que devia fazer como antes.

Não deveria ter viajado sem esclarecer aquela situação: estava fora de dúvida! E obviamente a superstição daqueles tempos, de que não se devia levar nada demasiadamente a sério, lhe pregara uma peça, sugerindo-lhe que saísse de campo prematuramente e não aumentasse o valor daquele incidente resistindo a ele com suscetibilidade. Nada é comido tão quente quanto se cozinhou; com o tempo, os mais intensos

exageros, entregues a si mesmos, produzem um novo comedimento; não poderíamos nos sentar em nenhum trem, e na rua deveríamos ter sempre na mão uma pistola carregada, se não pudéssemos confiar na lei mediana que torna improváveis as possibilidades exageradas: Ulrich obedecera a essa crença empírica européia quando, apesar de todos os receios, voltara para casa. No fundo, até se alegrava por ver que Ágata era diferente.

Apesar disso, o fim desse incidente, do ponto de vista jurídico, deveria ser Ulrich recuperar o mais cedo possível o que omitira. Deveria ter mandado uma carta urgente ou um telegrama à irmã, sem hesitar, e deu-se conta de que nesse texto deveria dizer mais ou menos: “Recuso qualquer comunhão enquanto você não...!” Mas não pensava em absoluto escrever isso, era-lhe simplesmente impossível naquele momento.

Além do mais, aquela grave cena fora precedida da decisão de, nas semanas seguintes, passarem a viver juntos, ou pelo menos morar juntos, e no breve tempo que restava até a despedida tinham falado principalmente naquilo.

Primeiro, tinham concordado em fazê-lo “enquanto durasse o processo de divórcio”, para que Ágata tivesse proteção e conselhos. Mas agora, recordando tudo, Ulrich também lembrou um comentário mais antigo de sua irmã, de que queria “matar Hagauer”, e obviamente aquele “plano” andara agindo nela, assumindo nova forma. Ela insistira vivamente em que se vendesse depressa a residência da família, e isso poderia significar que a propriedade deveria diluir-se rapidamente, ainda que parecesse aconselhável venderem-na por outros motivos. De qualquer modo, os irmãos tinham decidido encarregar uma firma corretora, e estabelecido as condições de venda.

Portanto, Ulrich também teve de pensar no que deveria acontecer com a irmã depois que ele voltasse à sua vida despreocupada de outrora, que ele mesmo não admitia. A situação em que ela se encontrava não podia de modo algum perdurar. Por mais surpreendentemente próximos que tivessem ficado naquele breve tempo — aparentemente um encontro predestinado, pensou Ulrich, embora muita coisa resultasse de uma série de detalhes independentes —, sabiam pouco um do outro naquelas múltiplas relações superficiais das quais depende uma vida em comum. Quando pensava imparcialmente na irmã, Ulrich até encontrava muitas perguntas irrespondidas, e mesmo sobre seu passado não sabia dar um julgamento certo. Pois a melhor revelação parecia-lhe vir do fato de que ela tratava com grande negligência tudo o que acontecia a ela ou através dela, e que vivia muito indefinida e talvez fantasiosamente em expectativas que corriam ao lado de sua vida real; pois essa explicação também era sugerida pelo fato de ter vivido longo tempo com Hagauer e de repente haver rompido tão depressa com ele. E também a maneira impensada com que tratava o futuro combinava com isso: saíra de casa, por enquanto isso parecia lhe bastar, e evitava perguntas sobre o que aconteceria depois.

Também Ulrich não conseguia imaginar que ela ficasse agora sem homem, continuando a viver como mocinha numa expectativa indefinida, nem podia imaginar como seria o homem que deveria combinar com ela; e dissera-lhe isso pouco antes da despedida.

Ela, porém, o fitara assustada — provavelmente com um susto um tanto fingido e brincalhão — e depois respondera calmamente com outra pergunta:

— Mas nos próximos tempos não posso viver simplesmente com você, sem

termos logo de decidir tudo?

Assim, sem maior definição, fora pois reforçada a decisão de morarem juntos. Mas Ulrich entendeu que, com essa tentativa, teria de acabar a sua própria tentativa de ter “vida de férias”. Não queria refletir nas consequências disso, mas não achava ruim que sua vida a partir dali viesse a ter certas limitações; pela primeira vez, voltou a pensar no grupo e particularmente nas mulheres da Ação Paralela. A idéia de afastar-se de tudo isso, ligada com a modificação de sua vida, lhe parecia maravilhosa. Assim, como muitas vezes numa sala basta mudar um detalhe para que um eco sem graça se transforme numa ressonância magnífica, na sua fantasia sua casinha se transformava numa concha, na qual se ouviria como uma torrente distante o rumor da cidade.

Mas na última parte dessa conversa houvera ainda um pequeno diálogo especial:

— Vamos viver como eremitas — disse Ágata com um sorriso divertido —, mas naturalmente em questões de amor cada um será livre. Pelo menos você será desimpedido!

— assegurou.

— Sabe — respondeu Ulrich — que estamos entrando no Reino dos Mil Anos?

— O que é isso?

— Mas já falamos tanto desse amor que não corre como um regato para um objetivo, e sim forma um estado, como o mar! Se na escola lhe contaram que os anjos no Paraíso apenas ficam na presença do Senhor e o louvam, você pôde imaginar esse beatífico não- fazer-nada, sem sequer pensar coisa alguma?

— Sempre achei que devia ser meio monótono, o que certamente se deve à minha imperfeição — respondeu Ágata.

— Mas depois de tudo o que conversamos — explicou Ulrich —, você agora precisa imaginar que esse mar é uma imobilidade e isolamento recheado por dentro com acontecimentos constantemente puros e cristalinos. Tempos antigos tentaram imaginar um estado desses já na terra:

é o Reino de Mil Anos, formado segundo nós próprios, e que não é nenhum dos reinos que conhecemos. E assim nós vamos viver. Vamos nos despir de todo egoísmo, não colecionaremos bens, conhecimentos, amantes, amigos ou princípios, nem a nós mesmos; e nossa natureza vai se abrir, diluir-se diante de homens e animais, e assim se descobrir de tal modo que nós não seremos mais nós, e apenas nos conseguiremos manter enquanto entrelaçados ao mundo inteiro!

Esse pequeno diálogo fora uma brincadeira. Ele tinha papel e lápis na mão, tomava notas, entre uma coisa e outra discutia com sua irmã o que tinham a fazer quando realizassem a venda da casa e de sua mobília. Ele continuava zangado, e não sabia mais se estava blasfemando ou fantasiando. E, com tudo isso, não tinham mais chegado a discutir seriamente o testamento.

Também hoje, naquela complexa compreensão residia o motivo por que Ulrich jamais chegara a sentir um remorso eficaz. O golpe de sua irmã lhe agradara em muitas coisas, embora fosse ele próprio o derrotado; precisava admitir que o homem que vivia “segundo a regra dos espíritos livres”, a quem ele internamente permitira excessivo comodismo, de repente entrara numa perigosa contradição com aquele homem profundamente indeterminado do qual emana a verdadeira seriedade. Não quis fugir ao que acontecia, reparando-o rapidamente da maneira habitual. Mas então, não havia regra, e era preciso deixar as coisas evoluírem.

REENCONTRO COM O DIPLOMÁTICO MARIDO DE DIOTIMA

Pela manhã, Ulrich não estava com as idéias mais claras, e no meio da tarde decidiu — a fim de aliviar as preocupações — visitar sua prima ocupada em libertar a alma da civilização.

Para surpresa sua, ainda antes de Raquel voltar dos aposentos de Diotima, foi recebido pelo subsecretário Tuzzi, que veio ao seu encontro.

— Minha mulher não está-se sentindo bem hoje — explicou o treinado marido com aquela vaga ternura na voz cujo tom, devido ao seu regular uso mensal, já se tornou uma fórmula, que revela um segredo doméstico. — Não sei se vai poder receber sua visita. — Estava vestido para sair, mas de boa vontade ficou fazendo companhia a Ulrich.

Este aproveitou a ocasião para indagar sobre Arnheim.

— Arnheim esteve na Inglaterra e agora está em Petersburgo — contou Tuzzi. Aquela notícia desimportante e natural, sob a impressão das suas opressivas experiências, foi para Ulrich como se mundo, plenitude, movimento jorrassem sobre ele.

— Nada mal — disse o diplomata. — Ele que viaje bastante de um lado para outro. Assim, podemos fazer nossas observações e descobrir uma porção de coisas.

— Então acha que ele viaja com alguma missão pacifista por ordem do czar? — perguntou Ulrich divertido.

— Mais do que nunca — assegurou com simplicidade o funcionário encarregado da execução da política austro-húngara. Mas, de repente, Ulrich começou a duvidar de que Tuzzi fosse realmente tão inocente, ou se apenas fingia para enganá-lo; um pouco aborrecido, desistiu de falar de Arnheim, e perguntou:

— Ouvi dizer que entrementes aqui se proclamou o lema da Ação!

Como sempre, Tuzzi pareceu divertir-se bancando o inocente e esperto

diante da Ação Paralela; deu de ombros, sorriu zombeteiro:

— Não quero me adiantar à minha mulher, o senhor vai saber por ela, assim que o puder receber! — Mas, algum tempo depois, o bigodinho começou a dançar no seu lábio superior, e os grandes olhos escuros no rosto de couro marrom brilharam de alguma dor incerta. — O senhor também é um desses literatos — disse hesitante —, pode me explicar o que significa um homem ter alma?

Tuzzi parecia realmente desejar falar sobre o assunto, e sua insegurança provocava a nítida impressão de estar sofrendo.

Como Ulrich não respondesse logo, ele prosseguiu:

— Quando se diz “ele é uma boa alma”, queremos dizer um homem leal, cumpridor, sincero... tenho um chefe de escritório assim. Mas isso é uma qualidade subalterna! Ou a alma é uma qualidade de mulheres, então será por isso que choram e coram mais facilmente que os homens?

— A sua esposa tem alma — corrigiu Ulrich, tão sério como se constatasse que ela tinha cabelo negro como a noite.

Uma leve palidez recobriu o rosto de Tuzzi.

— Minha mulher tem espírito — disse ele devagar —, parece-me uma mulher de muito espírito. Às vezes eu a atormento e censuro de ser uma esteta. E ela se aborrece. Mas isso não é ter alma. — Ele refletiu um pouco.

— O senhor já visitou

alguma mística? — perguntou. — Ela lê o futuro na sua mão, ou por um fio de cabelo, e às vezes com espantosa correção. São talentos, ou truques. Mas pode imaginar algo de sensato na afirmação de que há sinais de um tempo em que nossas almas se poderão contemplar sem intervenção dos sentidos? E quero acrescentar logo — completou depressa — que isso não se deve entender apenas metaforicamente, e sim no sentido que, se o senhor não for bom, pode fazer o que quiser, que hoje, num tempo de despertar da alma, se sentirá isso muito mais intensamente do que em séculos passados. Acredita nisso?

Com Tuzzi, nunca se sabia quando suas farpas se dirigiam ao interlocutor ou a ele mesmo, e Ulrich respondeu para qualquer eventualidade:

— Em seu lugar, eu faria uma experiência!

— Não faça brincadeiras, meu caro, isso é pouco nobre quando se está em

segurança

— queixou-se Tuzzi. — Mas minha mulher exige que eu compreenda seriamente esse tipo de frase, embora não as possa aprovar, e tenho de capitular, sem poder sequer me defender. Assim, na minha aflição, lembrei que o senhor também é um desses literatos eruditos...

— As duas afirmações são de Maeterlinck, se não me engano — ajudou Ulrich.

— Ah, é? De...? Bom, pode ser. Então é aquele...? Olhe, muito bem: então também será ele quem afirma que não existe verdade? Exceto para o ser apaixonado! diz ele. Se eu amo uma pessoa, participo diretamente de uma misteriosa verdade, mais profunda do que a comum. Em compensação, quando dizemos alguma coisa baseados no exato conhecimento e observação das pessoas, naturalmente não vale nada. Isso também virá desse Mae... desse homem?

— Realmente não sei. Talvez. Combinaria com ele.

— Achei que era de Arnheim.

— Arnheim adotou muito coisa dele, e ele por sua vez muita coisa de outros, ambos são telentosos ecléticos.

— Ah, é? Então são coisas velhas? Mas explique-me por amor de Deus como é que imprimem esse tipo de coisa hoje em dia! — pediu Tuzzi. — Quando minha mulher me responde: “A razão não prova nada, os pensamentos não chegam até a alma!”, ou: “Acima da precisão existe um reino de sabedoria e amor que palavras racionais só profanam!”, entendo como ela chega a isso: é uma mulher, e assim defende-se da lógica do homem! Mas como é que um homem pode dizer isso? — Tuzzi aproximou-se mais e colocou a mão no joelho de Ulrich. — A verdade bóia como um peixe num princípio invisível; assim que a retiramos de lá, morre. O que me diz disso? Quem sabe se relaciona com a diferença entre “erótico” e “sexual”?

Ulrich sorriu:

— Quer que eu lhe diga de verdade?

— Estou ansioso!

— Não sei como começar!

— Está vendo! Não é fácil para homens falarem dessas coisas. Mas, se o senhor tivesse alma, simplesmente contemplaria a minha agora, e a admiraria. Alcançaríamos alturas onde não há pensamentos, palavras e ações. Mas forças misteriosas, e um silêncio chocante! Uma alma pode fumar? — perguntou de repente, e acendeu um cigarro. Depois, recordou seu dever de dono da casa e estendeu a cigareira a Ulrich. No fundo, estava um pouco orgulhoso de ter lido os livros de Arnheim e, como continuavam a lhe ser insuportáveis, lisonjeava-o como uma descoberta pessoal ter reconhecido a possível vantagem de sua forma de expressão torrencial para as impenetráveis intenções da diplomacia. Na verdade, ninguém mais teria querido cumprir aquela dura tarefa em vão, e qualquer um em seu lugar ter-se-ia divertido um pouco, mas logo sucumbiria ao desejo de tentar empregar uma ou outra citação, ou vestir com um desses novos pensamentos incomodamente obscuros alguma coisa que não se conseguisse dizer direito.

Isso acontece com certa dificuldade, porque achamos a roupa nova ainda ridícula, mas logo nos habituamos a ela, e assim, imperceptivelmente, o espírito dos tempos muda suas formas de aplicação, e nesse particular Arnheim podia ter ganhado um novo admirador. Até Tuzzi admitia que, diante da exigência de unir alma e finanças, apesar de toda a contradição se podia imaginar algo como uma psicologia financeira, e na verdade era só Diotima que inabalavelmente o protegia de Arnheim. Pois entre ela e Arnheim, sem que ninguém soubesse, já começava a se instalar um esfriamento, prejudicando tudo o que Arnheim dissera sobre alma, pela suspeita de ser apenas uma desculpa; como resultado, essas frases atingiam Tuzzi mais irritante-mente do que nunca. Era perdoável que, nessas circunstâncias, ele imaginasse que a relação da sua esposa com o estranho ainda estava crescendo; uma relação que não era amor contra o qual um marido pudesse tomar suas providências, mas um “estado amoroso”, e um “pensamento amoroso”, e tão nobre, acima de qualquer suspeita, que Diotima expressava abertamente as idéias a que era levada por ele, exigindo até que Tuzzi participasse espiritualmente.

Ele andava incrivelmente perplexo e sensível, rodeado por aquela atmosfera que o cegava como uma luz de sol jorrando de todos os lados, mas sem um sol firme pelo qual pudesse se orientar para obter sombra e alívio.

E ouvia Ulrich falar:

— Mas eu queria fazê-lo refletir no seguinte. Habitualmente existe em nós um constante fluxo e refluxo de experiências. As excitações que se produzem em nós são instigadas de fora e correm novamente para fora, em forma de atos ou palavras. Imagine isso como um jogo mecânico. E depois, imagine que isso sofra um distúrbio: haverá um represamento, um transbordamento? Em certas circunstâncias, pode ser apenas uma bolha...

— O senhor pelo menos fala de modo sensato, embora seja tudo bobagem...
— disse Tuzzi, com admiração. Não entendera logo que ali havia realmente uma explicação amadurecendo, mas mantinha a postura, e embora se perdesse na sua miséria interior, em seus lábios continuava o pequeno sorriso maldoso, tão altivo que bastava reassumi-lo outra vez.

— Creio que os fisiologistas dizem — prosseguiu Ulrich — que isso que chamamos ato consciente nasce porque o estímulo não entra e sai simplesmente por um arco diestáltico, mas é forçado a algum desvio; então, o mundo que vivenciamos e o mundo em que agimos se assemelham, embora nos pareçam a mesma coisa, às águas superiores e inferiores de uma roda de moinho, ligadas entre si por uma espécie de represa do consciente, de cuja altura, força e coisas parecidas depende a regulamentação do fluxo de entrada e saída. Ou, em outras palavras: se em um dos dois lados surge uma perturbação — um alheamento do mundo, ou falta de vontade de agir —, poder-se-ia imaginar que se forme uma segunda consciência, mais elevada? Ou acha que não?

— Eu? — disse Tuzzi. — Devo dizer que acho que isso me é totalmente indiferente. Os catedráticos que discutam isso entre si, se acharem importante. Mas, falando de modo prático — ele enfiou pensativo o cigarro no cinzeiro e depois ergueu os olhos, aborrecido —, as pessoas que decidem sobre o mundo têm uma represa ou duas?

— Pensei que desejasse ouvir como eu imagino que surjam essas idéias.

— Se me disse isso, infelizmente não o compreendi — opinou Tuzzi.

— Muito simples: o senhor não tem a segunda represa, portanto não possui o princípio da sabedoria, e não entende uma palavra do que falam as

pessoas que têm alma. E eu lhe dou os parabéns!

Aos poucos, Ulrich tomava consciência de que, de maneira insultuosa e em estranha companhia, expressava pensamentos nada inadequados para manifestar emoções que inquietavam seu próprio coração. A impressão de que, numa receptividade exacerbada, pudesse surgir um transbordamento e retorno das experiências, que ligasse os sentidos com todas as coisas, ilimitadamente, mansamente, como um espelho d'água, lembrou-lhe os grandes diálogos com Ágata, e involuntariamente seu rosto assumiu uma expressão em parte hirta, em parte sonhadora. Tuzzi contemplava-o sob pálpebras pesadas, e notou no sarcasmo de Ulrich que não era ele o único a não gostar nada dos próprios “represamentos”.

Os dois mal tinham notado quanto tempo se ausentara Raquel, detida pela patroa para ajudá-la a impor a si mesma e ao quarto de enferma certa ordem de sofrimento, que fosse espontânea mas elegante, para receber Ulrich. Por fim, a moça trouxe o recado de que ele não fosse embora, mas tivesse um pouco mais de paciência. E voltou depressa para junto da patroa.

— Todas as frases que o senhor mencionou naturalmente são alegorias — prosseguiu Ulrich depois dessa interrupção, para recompensar o dono da casa pela gentileza de lhe fazer companhia. — Uma espécie de linguagem das borboletas! E gente como Arnheim me dá mais ou menos a impressão de encherem a pança com esse néctar tenuíssimo! Queria dizer — acrescentou depressa, porque lhe ocorreu em tempo que não podia incluir Diotima nesse insulto —, é exatamente de Arnheim que tenho essa impressão, assim como, apesar disso, também acho que ele carrega a sua alma como uma carteira no bolso do peito!

Tuzzi largou novamente pasta e luvas, que pegara quando Raquel havia entrado, e respondeu veemente:

— Sabe o que é? Quero dizer, o que me explicou de modo tão interessante. Não é senão o espírito do pacifismo! — Ele fez uma pausa, deixando tempo para suas palavras fazerem efeito. — O pacifismo nas mãos de diletantes sem dúvida representa um grande perigo — acrescentou significativamente.

Ulrich teve vontade de rir, mas Tuzzi estava mortalmente sério e associara duas coisas realmente aparentadas de longe, por mais cômico que fosse ver

amor e pacifismo ligados, porque os dois lhe davam impressão de uma libertinagem de amadores. Assim, Ulrich não soube o que responder, e aproveitou a ocasião para voltar à Ação Paralela, objetando que acabavam de dar ordem de ação.

— Isso é idéia de Leinsdorf! — disse Tuzzi, desdenhoso. — Lembra ainda nossa última conversa aqui, antes de sua partida? Leinsdorf disse: “Alguma coisa tem de acontecer!” Foi tudo, e a isso chamam agora palavra de ordem de ação! E naturalmente Arnheim procura nos impingir seu pacifismo russo. Lembra que eu preveni

contra isso? Receio que ainda vão pensar em mim! Em lugar algum a política externa é tão difícil como aqui entre nós, eu já disse isso aquela vez: quem hoje se atreve a concretizar idéias políticas básicas, tem de ser um pouco especulador, e um pouco criminoso!

Dessa vez, Tuzzi se descontrolara bastante, certamente porque no momento seguinte Ulrich poderia ser chamado para junto de sua mulher ou porque não queria ser apenas o que recebia informações nessa conversa.

— A Ação Paralela desperta desconfiança internacional — relatou —, e seu efeito na política interna, de a julgarem tanto antialemã quanto antieslava, também é sensível na política externa. Mas para que entenda bem a diferença entre pacifismo diletante e profissional, vou lhe explicar uma coisa: A Áustria poderia impedir pelo menos por trinta anos qualquer guerra, caso se filiasse à *entente cordiale*! E no jubileu do governo poderia fazer isso com um belo gesto pacifista, assegurando à Alemanha o seu amor fraterno, para que esta a imite ou não. A maioria de nossas nacionalidades ficaria entusiasmada. Poderíamos, com créditos franceses e ingleses baratos, fortalecer nosso exército a ponto de a Alemanha não nos intimidar mais. Ficaríamos livres da Itália. A França não poderia fazer nada sem nós. Em suma, seríamos a chave da guerra e da paz, e faríamos o grande negócio político. Não estou lhe revelando nenhum segredo: é um simples cálculo diplomático que qualquer adido comercial poderia fazer. Por que não se pode executar? Imponderabilidades da Corte: lá, não suportam S.M., a ponto de acharem indecente ceder a isso. Monarquias hoje em dia estão em desvantagem, pois estão oneradas de decência! E imponderabilidade do chamado espírito público: com isso, chego à Ação Paralela. Por que ela não educa o espírito público? Por que não lhe ensina uma visão objetiva? Veja

— mas aí as explicações de Tuzzi perderam parte da credibilidade, dando a impressão de esforço por esconder alguma mágoa oculta —, esse Arnheim realmente me diverte com seus textos! Não foi ele quem inventou aquilo, e outro dia, adormecendo tarde, tive tempo de refletir um pouco a respeito. Sempre houve políticos escrevendo romances ou teatro, por exemplo Clemenceau ou Disraeli; não Bismarck, mas este foi um destruidor. E veja esses advogados franceses que hoje dão as cartas: invejável! Especuladores políticos, mas aconselhados por uma excelente diplomacia profissional, que lhes dá as diretrizes, e todos alguma vez escreveram romances ou peças de teatro indecentes, pelo menos na juventude, e ainda hoje escrevem livros. Pensa que esses livros valem alguma coisa? Não creio. Mas eu lhe juro que ontem de noite pensei: nossa própria diplomacia perde alguma coisa porque não produz livros, e direi por quê: primeiro, natural mente, para um diplomata tanto quanto para um esportista vale que ele tem de suar bastante. Segundo, aumenta a segurança pública. Sabe o que é o equilíbrio europeu?...

Nisso, foram interrompidos por Raquel anunciando que Diotima estava à espera de Ulrich. Tuzzi pediu casaco e chapéu.

— Se o senhor fosse um patriota... — disse, enfiando as mangas enquanto Raquel segurava o sobretudo.

— O que eu faria então? — perguntou Ulrich fitando os negros olhos de Raquel.

— Se fosse um patriota, chamaria um pouco a atenção de minha mulher ou do Conde Leinsdorf para essas dificuldades. Eu não posso, pois, como marido, pareceria mesquinho.

— Mas ninguém me leva a sério — respondeu Ulrich calmamente.

— Ora, não diga isso! — exclamou Tuzzi vivamente. — Não o levam a sério como às outras pessoas, mas todos têm muito medo do senhor. Receiam que possa dar um conselho muito louco ao Leinsdorf. Sabe o que é o equilíbrio europeu? — insistiu o diplomata.

— Acho que sei, mais ou menos.

— Então parabéns! — respondeu Tuzzi, irritado e infeliz. — Nós diplomatas profissionais não sabemos. É aquilo que não se pode perturbar, ou vão todos cair uns por cima dos outros. Mas ninguém sabe ao certo o que

é isso que não se deve perturbar. Lembre-se um pouco do que andou havendo e há ao nosso redor nos últimos anos: Guerra Turco-Italiana, Poincaré em Moscou, Questão de Bagdá, intervenção armada na Líbia, tensão austro-sérvia, o problema do Adriático... isso é equilíbrio? Nosso inesquecível Barão Ährenthal... mas não quero detê-lo mais tempo.

— Pena — assegurou Ulrich. — Se podemos conceber assim o equilíbrio europeu, então o espírito europeu se expressa magnificamente nele!

— Sim, isso é que é o interessante — devolveu Tuzzi, já na porta, sorrindo resignado.

— E nesse sentido, a façanha espiritual de nossa Ação não deve ser menosprezada!

— Por que não impede isso? Tuzzi deu de ombros.

— Se entre nós um homem na posição de Sua Alteza quer uma coisa, não se pode resistir. Só podemos ter cautela!

— E a senhora, como vai? — perguntou Ulrich, depois da partida de Tuzzi, àquela pequena sentinela em preto-e-branco que agora o levava a Diotima.

DIOTIMA MUDOU DE LEITURAS

— Querido amigo — disse Diotima quando Ulrich entrou em seu quarto —, eu não queria deixá-lo ir sem lhe falar, mas preciso recebê-lo neste estado! — Usava um traje caseiro que fazia a majestade de suas formas lembrar vagamente uma gravidez, conferindo ao corpo que jamais dera à luz um pouco daquele adorável despudor dos sofrimentos maternos. Ao seu lado no sofá jazia uma estola de peles com que estivera aquecendo o ventre, e na testa trazia uma compressa contra enxaqueca, que deixara no lugar sabendo que lembrava uma venda grega.

Embora fosse tarde, não havia luz, e o cheiro de remédios e água-de-colônia para combater algum mal secreto pairava no ar, misturado a um intenso perfume lançado sobre todos os outros odores como uma nuvem.

Ulrich baixou fundo o rosto beijando a mão de Diotima, e tentou perceber no braço alterações de perfume que tivessem acontecido na sua ausência. Mas da pele apenas emanava o cheiro denso, pleno, limpo, de todos os dias.

— Ah, querido amigo — repetiu Diotima —, é bom que tenha voltado... — Ah — gemeu de repente, sorrindo —, estou com tanta dor de estômago! Essa participação, tão natural como uma notícia sobre o tempo, assumia na boca de Diotima uma expressão de fraqueza e confissão.

— Prima! — exclamou Ulrich e curvou-se sorrindo para ver seu rosto. Na sua mente, a terna alusão de Tuzzi ao incômodo da esposa misturou-se com a suposição de Diotima estar grávida, o que faria uma decisão desabar sobre aquela família.

Adivinhando isso vagamente, ela fez um pálido gesto negativo. Na verdade, tinha apenas eólicas menstruais, o que antigamente nunca acontecera e se relacionava obscuramente com sua vacilação entre Arnheim e o marido, que há meses era acompanhada por esse tipo de problemas. Quando ouvira falar do retorno de Ulrich, sentira-se consolada, e saudava nele o amigo

familiarizado com suas lutas, motivo pelo qual o recebera. Jazia ali, mal-e-mal sentada, entregue as dores que a dilaceravam, um pedaço de natureza exposta diante de Ulrich sem cercas nem placas proibitivas, o que era raro nela. Mesmo assim, achava que soaria plausível falar em dores de estômago nervosas como um sinal de natureza sensível; do contrário, não se teria exposto.

— Mas tome algum remédio — sugeriu Ulrich.

— Ah — suspirou Diotima —, tudo vem dessas excitações. Meus nervos não vão mais aguentar muito tempo!

Houve uma pequena pausa, porque Ulrich teria na verdade de indagar por Arnheim, mas estava curioso por saber dos assuntos que lhe interessavam pessoalmente, e não encontrou logo uma saída. Por fim, indagou:

— Libertar a alma da civilização está trazendo problemas? — e acrescentou: — Infelizmente, devo sentir-me lisonjeado, pois a avisei há muito tempo de que seus esforços de abrir caminho para o espírito no mundo fracassariam dolorosamente!

Diotima lembrou-se de como fugira do grupo e se sentara com Ulrich sobre a sapateira, na saleta; seu abatimento fora quase o mesmo daquela vez, mas entre as duas ocasiões houvera incontáveis esperanças e decepções.

— Como era magnífico, meu amigo — disse ela — quando ainda acreditávamos na grande idéia! Hoje, devo dizer que o mundo parou para escutar, mas como estou decepcionada!

— Por quê? — perguntou Ulrich.

— Não sei. Deve ser problema meu.

Quis acrescentar algo sobre Arnheim, mas Ulrich indagou como se haviam ajeitado com a manifestação; sua última lembrança era de não ter encontrado Diotima quando o Conde Leinsdorf o mandara procurar por ela para a preparar para alguma intervenção mais enérgica, e ao mesmo tempo tranquilizá-la.

Diotima fez um gesto altivo.

— A polícia prendeu alguns jovens e os soltou de novo: Leinsdorf está muito aborrecido, mas o que mais se poderia fazer? Ele se apegou ainda mais a Wisnieczky, dizendo que alguma coisa tem de acontecer: mas Wisnieczky não consegue fazer propaganda, se nem sabe para quê!

— Ouvi dizer que deve-se lançar a palavra de ordem de ação! — disse Ulrich. O nome do Barão Wisnietzky, que fracassara como ministro diante da resistência dos partidos alemães e, por isso mesmo, causava extrema desconfiança encabeçando a comissão que lutava por um maior interesse pela desconhecida e grandiosa idéia da Ação Paralela, evocou-lhe vivamente a atuação política de Sua Alteza, que lograra esse êxito. Parecia que o livre curso dos pensamentos leinsdorfianos — talvez reforçados pelo esperado fracasso de todos os esforços em assustar o espírito austríaco, e mesmo europeu, através da colaboração de seus homens mais importantes — levava a reconhecer que era melhor dar um empurrão nesse espírito, não importando de onde viesse tal choque. Possivelmente as reflexões de Sua Alteza também se apoiavam nas experiências feitas com histéricos, para os quais por vezes é ótimo alguém gritar brutalmente com eles, ou sacudi-los; mas essa suspeita, que Ulrich tivera precipitadamente, antes de Diotima poder retrucar, foi interrompida pela resposta dela. Mais uma vez a enferma usou a expressão “querido amigo”.

— Querido amigo! — disse. — Há algo de verdadeiro nisso! Nosso século tem sede de ação. Uma ação...

— Que ação? Que espécie de ação? — interrompeu Ulrich.

— Não importa! Na ação existe um grande pessimismo contra as palavras; não neguemos que no passado só fizemos falar. Vivemos para grandes e eternas palavras e ideais; por uma exaltação do humano; por nossa singularidade interior; por uma crescente sensação de existência global. Buscamos uma síntese, vivemos para novos prazeres de beleza e de felicidade, e não nego que a busca da verdade é um brinquedo de crianças diante da imensa gravidade de nos tornarmos nós mesmos uma verdade. Mas havia um exagero diante do atual insignificante conteúdo de realidade da alma, e, por assim dizer, vivemos para nada, num estado de sonhadora nostalgia! — Diotima soerguera-se, apoiando-se com insistência sobre o cotovelo. — Existe algo do saudável em renunciarmos à busca da entrada soterrada da alma, e preferirmos tentar assumir a vida tal como ela é! — encerrou.

Agora, além da explicação que Ulrich suspeitava haver de parte de

Leinsdorf para a palavra de ordem de ação, havia outra, com firma devidamente reconhecida. Diotima devia ter mudado suas leituras. Ele recordava tê-la visto, ao entrar, rodeada de muitos livros, mas estava escuro demais para decifrar os títulos; além disso, parte deles estava coberta pelo corpo da jovem mulher, como por uma grossa serpente, que se soerguia mais, para encará-lo cheia de expectativa. Depois de ter preferido desde a infância livros suaves e românticos, Diotima, a julgar por suas palavras, agora entusiasmava-se com essa força renovadora que está sempre atuando para, com os conceitos dos próximos vinte anos, não encontrar o que não encontrara com os conceitos dos vinte anos passados; o que talvez até produza as grandes mudanças de estado de alma na história, vacilando entre humanitarismo e crueldade, tempestade e indiferença, ou outros comentários para os quais não existe razão suficiente. Ocorreu a Ulrich, rapidamente, que aquele pequeno e inexplicado resquício de indeterminação que sobra em cada experiência moral, de que tanto falara com Ágata, na verdade devia ser a causa dessa insegurança humana; mas como não se quisesse permitir a felicidade de lembrar aqueles diálogos, obrigou seus pensamentos a se afastarem e dirigirem-se para o general, que fora o primeiro a lhe contar que havia naqueles tempos um novo espírito, fazendo-o de um modo cujo saudável mau humor não deixava espaço para dúvidas fascinantes. E já que estava pensando no general, ocorreu-lhe também o pedido dele, de que cuidasse das perturbações reinantes entre sua prima e Arnheim e, por isso, ao discurso de despedida que Diotima fizera à alma, respondeu simplesmente:

— E o “amor ilimitado?” Parece que não lhe fez bem!

— Ah, o senhor! Sempre o mesmo! — suspirou a prima, deixando-se recair sobre os travesseiros, onde fechou os olhos; pois a ausência de Ulrich a desabituara desse tipo de perguntas diretas, e teve de recapitular primeiro o quanto lhe confiara de si. E de repente, a proximidade dele começou a agitar coisas esquecidas. Recordou vagamente uma conversa com Ulrich sobre “amor desmedido”, que ainda prosseguira no seu último ou penúltimo encontro, em que ela jurara que as almas podiam sair da prisão do corpo ou pelo menos debruçar-se para fora dele pela metade, e Ulrich lhe respondera que isso eram apenas delírios da fome de amor, e que ela devia permitir a

“permissividade” de Arnheim, dele ou de quem quer que fosse. Mencionara até Tuzzi nesse contexto, também isso veio à memória de Diotima: sugestões desse tipo são lembradas mais facilmente do que o resto que uma pessoa como Ulrich costuma dizer. E ela provavelmente tivera razão em considerar aquilo uma insolência; o considerara malcriação mas como, em comparação com a dor atual, a dor antiga parece um velho camarada inofensivo, hoje aquilo parecia apenas uma lembrança de camaradagem e intimidade. Portanto, Diotima abriu outra vez os olhos e disse:

— Provavelmente não existe amor perfeito na terra!

E sorriu, mas havia rugas de preocupação debaixo da tira em sua testa, conferindo ao rosto, na penumbra, uma expressão singularmente desfeita. Diotima inclinava-se a acreditar em possibilidades sobrenaturais em assuntos que lhe diziam respeito de perto. Até a inesperada aparição do General von Stumm no concílio a assustara como obra de espíritos, e quando criança rezava para nunca morrer. Isso lhe facilitara assumir também em relação a Arnheim uma crença sobrenatural, ou, melhor dito, aquela descrença não-total, aquele não- considerar impossível, que hoje se tornou a relação fundamental na fé.

Se Arnheim não fosse capaz apenas de retirar da alma dela e dele algo invisível que, a cinco metros de distância, se tocasse no ar, ou se seus olhares fossem capazes de fazer isso, mas de maneira a no fim restar algo concreto, um grão de café ou de semolina, uma manchinha de tinta, qualquer sinal de uso ou avanço, Diotima teria esperado que um dia tudo se alçasse ainda mais, numa daquelas relações sobrenaturais que não se podem imaginar direito, como, de resto, não se imaginam direito a maioria das relações terrenas. Também aí demonstrava paciência, pois nos últimos tempos Arnheim viajava mais, e ficava fora mais tempo do que antes, e até nos dias em que estava na cidade andava surpreendentemente ocupado pelos negócios. Não se permitia duvidar que o amor por ela ainda fosse o grande acontecimento da vida dele, e quando voltavam a ficar sozinhos juntos, a exaltação de suas almas era tão grande, e o contato tão concreto, que as emoções emudeciam assustadas, e quando não havia oportunidade de falar em algo impessoal, surgia um vácuo que deixava depois uma amarga fadiga. Assim como não achava possível que isso fosse paixão, também não podia

excluir — habituada como estava pelo seu tempo a considerar tudo que não fosse prático apenas objeto de fé, isto é, daquela insegura não-crença — que ainda acontecesse outra coisa, contrariando todas as hipóteses sensatas. Mas nesse minuto em que abriu os olhos, encarando Ulrich e vendo dele apenas um contorno escuro, que não respondia, ela se indagou: “O que estou esperando? O que afinal deverá acontecer?”

Por fim, Ulrich respondeu:

— Mas Arnheim queria casar com a senhora, não queria? Diotima voltou a soerguer-se um pouco sobre o braço, e disse:

— Mas pode-se resolver o problema do amor com divórcio ou casamento? “Enganei-me quanto à gravidez”, constatou Ulrich silencioso, pois não soube o que responder à exclamação da prima. Mas acabou dizendo de supetão:

— Eu a preveni contra Arnheim!

Talvez nesse momento se sentisse obrigado a dizer-lhe o que sabia, que o nababo ligara as almas dos dois aos seus negócios, mas desistiu; pois achou que nesse diálogo cada palavra tinha seu lugar como os objetos em seu quarto, que ele encontrara cuidadosamente limpos ao voltar, como se tivesse estado morto por um momento. Diotima o censurou:

— Não leve isso assim na brincadeira. Há uma profunda amizade entre Arnheim e mim; e se, apesar disso, de vez em quando existe também algo que eu chamaria um grande medo, vem exatamente da nossa sinceridade. Não sei se jamais viveu, ou é capaz de viver isso: entre duas pessoas que atingem certo nível de sentimentos, qualquer mentira é tão impossível, que mal se consegue dialogar!

Com ouvido refinado, Ulrich escutou, nessa censura, que para ele a porta da alma da prima estava mais aberta que habitualmente, e como se divertisse muito por ela ter confessado, sem querer, que não podia falar com Arnheim sem mentir, achou que devia provar sua sinceridade ficando calado; e, como Diotima se deitara novamente, curvou-se sobre o braço dela para beijar-lhe a mão de maneira amigável e mansa. A mão pousou na dele, leve como cerne de sabugueiro, e ficou ali depois do beijo. O pulso batia sobre os

dedos dele, e o aroma de pó-de-arroz era como uma nuvem envolvendo-lhe o rosto. E embora o beija-mão fosse apenas uma brincadeira galante, tinha em comum com a traição aquele amargo ressaibo de prazer sensual de haver-se inclinado tão perto de uma pessoa que se podia beber dela como um animal, sem ver mais a própria imagem saindo da água.

— Em que está pensando? — perguntou Diotima.

Ulrich apenas sacudiu a cabeça, e assim — no escuro ainda iluminado por um último clarão aveludado — deu-lhe nova oportunidade de fazer reflexões sobre o silêncio. Ela recordou uma frase maravilhosa: “Há pessoas com quem o maior herói não ousaria se calar.” Ao menos, era algo parecido. Ela pensou lembrar que era uma citação; Arnheim a usara, e ela a tomara para si mesma. E, além das mãos de Arnheim, desde as primeiras semanas de seu casamento nenhuma outra mão de homem ficara entre as suas mais que dois segundos; só agora, a mão de Ulrich. Entretida consigo mesma, ignorou como isso prosseguiria, mas pouco depois ficou agradavelmente surpreendida por ver que tivera razão ao pensar que não aguardaria inativa a hora impossível do máximo amor, mas que usava o tempo de hesitação dedicando-se um pouco mais ao marido. Os casados são felizes: enquanto outros quebrariam a fidelidade com o amado, eles podem dizer que pensaram no seu dever, e como Diotima pensava que, viesse o que viesse, no lugar onde o destino a colocara cumpriria seu dever, tentara compensar os defeitos do marido e incutir-lhe um pouco mais de alma. Ocorreu-lhe novamente uma frase de poeta, dizendo mais ou menos que não havia pior aflição do que ver seu destino ligado ao de uma pessoa a quem não se amava, e isso também provava que era preciso esforçar-se por sentir algo por Tuzzi, enquanto o destino não os separasse. E começara isso sistematicamente, em compreensível oposição aos imprevisíveis acontecimentos da sua alma, que já não queria impor-lhe por mais tempo. E com orgulho sentia os livros sobre os quais estava deitada, pois tratavam da fisiologia e psicologia do casamento, e de alguma forma isso tudo se completava mutuamente, o fato de estar escuro, de estar com esses livros, de Ulrich estar segurando sua mão, de ela ter-lhe dado a entender o grandioso pessimismo que talvez também expressasse publicamente em breve, renunciando a seus ideais. E, de tempos em tempos, Diotima apertava a mão

de Ulrich, pensando em todas essas coisas, como se as malas estivessem prontas para a despedida de tudo o que acabara. Depois, ela gemeu baixinho, e uma levíssima onda de dor percorreu seu corpo, como desculpa; mas Ulrich respondeu bondosamente à pressão com as pontas de seus dedos, e, depois de isso se repetir algumas vezes, Diotima achou que era demais, mas não se atrevia a tirar a mão porque esta jazia na dele, tão leve e seca, e às vezes até tremia, de modo que a ela isso pareceu um indício inadmissível da fisiologia do amor, que não queria trair fugindo desajeitadamente.

Foi “Rachelle”, que se ocupava no quarto ao lado e há algum tempo andava singularmente insolente, que terminou a cena, acendendo repentinamente a luz do outro lado da porta de comunicação aberta. Diotima retirou rapidamente sua mão da de Ulrich; nesta ficou por algum tempo um espaço de imponderabilidade.

— Rachelle — chamou Diotima, baixinho —, acenda a luz aqui também!

Quando isso aconteceu, as cabeças iluminadas pareciam ter emergido da água, como se a escuridão ainda não tivesse secado inteiramente nelas. Havia sombras em torno da boca de Diotima, conferindo-lhe aparência de umidade e inchume; as pequenas pregas cor de madrepérola no pescoço e debaixo das faces, habitualmente parecendo feitas para os amantes de delícias opulentas, estavam duras como linóleo, e sombreadas de tinta. Também a cabeça de Ulrich erguia-se branca e negra como a de um homem primitivo numa trilha de guerra, naquela luz inesperada. Ele piscou, tentou decifrar os títulos das obras que rodeavam Diotima e reconheceu com espanto a ânsia de saber de sua prima, sobre higiene da alma e do corpo, expressa na escolha daqueles livros.

“Um dia ele ainda vai tentar alguma coisa comigo”, pensou ela de repente, seguindo o seu olhar e inquietando-se por ele, mas não chegou a formular isso numa frase; apenas se sentiu exposta demais ao primo, assim deitada na luz, e teve necessidade de assumir alguma aparência mais segura. Com um gesto que devia parecer refletido, como convém a uma mulher “independente”, ela apontou para suas leituras e disse com o tom mais objetivo possível:

— Não vai acreditar que o adultério por vezes me parece uma solução

simples demais para o conflito conjugai!

— Pelo menos, é a mais inofensiva! — respondeu Ulrich, aborrecido com seu próprio tom irônico. — Quero dizer, ele não faz mal em nenhum caso.

Diotima lançou-lhe um olhar de censura e fez sinal de que Raquel poderia escutar do quarto vizinho. Depois, disse alto:

— Eu não penso assim! — e chamou a criada, que apareceu, mal-humorada, vendo com mágoa que seria mandada embora dos quartos. Com esse incidente, porém, haviam-se acalmado as emoções; a idéia, favorecida pela penumbra, de cometerem uma pequena infidelidade, embora indeterminada e contra ninguém, desfez-se na claridade, e Ulrich tratou de falar ainda alguma coisa social, para poder ir embora.

— Eu ainda não lhe disse que estou me demitindo de meu posto de secretário — começou.

Mas Diotima mostrou estar informada e declarou que ele precisava ficar, não havia outro jeito.

— O trabalho que temos a fazer ainda é enorme — pediu. — Tenha só um Pouco de paciência, em breve terá de vir uma solução! Vão lhe dar um secretário de verdade.

Esse vago “vão” chamou a atenção de Ulrich, e ele quis saber detalhes.

— Arnheim ofereceu-se para lhe emprestar um secretário.

— Não, obrigado — respondeu Ulrich. — Tenho a impressão de que não seria um gesto inteiramente desinteressado. — Nesse momento, teve outra vez vontade de explicar a Diotima a simples ligação com as jazidas de petróleo, mas ela nem ao menos notara a expressão ambígua da resposta dele, e continuava falando:

— Além disso, também meu marido se disse disposto a lhe confiar um dos empregados de seus escritórios.

— Acharia bom, isso?

— Francamente, eu não apreciaria muito — disse Diotima, desta vez com de terminação. — Pois não temos necessidade. Também seu amigo, o general, me disse que com prazer lhe poria à disposição algum ajudante do seu setor.

— E Leinsdorf?

— Essas três possibilidades me foram oferecidas voluntariamente; por isso, não tive motivo para perguntar a Leinsdorf: mas certamente ele não teria receio de nenhum sacrifício.

— Estão-me mimando. — Com essas palavras, Ulrich juntou a surpreendente solicitude de Arnheim, Tuzzi e Stumm, mostrando de maneira simplória que desejavam ter certo controle sobre todos os fatos da Ação Paralela. — Mas talvez o mais inteligente seria eu aceitar algum homem de confiança do seu marido.

— Querido amigo... — objetou Diotima, mas não soube bem como prosseguir, e provavelmente diria alguma coisa complicada. Apoiou-se de novo nos cotovelos e disse vivamente: — Eu recuso adultério como solução grosseira de conflitos matrimoniais: já lhe disse isso! Mas, mesmo assim: nada é tão difícil quanto estar ligada a uma pessoa, num *mesmo* destino, se não a amamos o suficiente!

Era um grito da natureza, extremamente antinatural. Mas, imperturbável, Ulrich teimava na sua decisão.

— Sem dúvida, o subsecretário Tuzzi gostaria de obter influência sobre o que a senhora está fazendo: mas os outros também querem isso! Os três homens a amam, e cada um tem de harmonizar isso de alguma forma com o seu dever.

Ele admirou-se por ver que Diotima não entendia nem a linguagem dos fatos nem a dos seus comentários, e concluiu ainda mais irônico, enquanto se levantava para despedir-se:

— O único que a ama desinteressadamente sou eu; porque não tenho nada a fazer, nem dever algum. Mas sentimentos sem distração são destruidores: a senhora mesma sentiu isso, e sempre teve em relação a mim uma desconfiança justificada, embora apenas instintiva.

Diotima não soube por que, mas talvez exatamente por esse motivo tão simpático agradava-lhe ver Ulrich tomar partido de sua casa na questão do secretário, e não largou a mão que ele lhe oferecera.

— E como isso se coaduna com seu caso com “aquela” mulher? — perguntou ela, eufórica, usando do comentário dele — na medida em que Diotima era capaz de euforia, o que dava a impressão de um halterofilista brincando com uma pluma.

Ulrich não compreendeu o que ela queria dizer.

— Com a mulher do presidente do tribunal, que o senhor me apresentou!

— Então notou isso, prima?

— O Dr. Arnheim chamou minha atenção para o fato.

— Ah, é? Muito lisonjeiro, ele acreditar que pode me prejudicar diante da senhora.

Mas naturalmente minhas relações com essa dama são totalmente inocentes!

— disse Ulrich, defendendo a honra de Bonadéia na maneira tradicional.

— Na sua ausência, ela esteve apenas duas vezes em sua casa! — Diotima riu.

— Uma vez, nós a observamos casualmente, da segunda soubemos por outra via. Portanto, a sua descrição é inútil. Gostaria de compreender o senhor! Mas *não consigo!*

— Meu Deus, como vou lhe explicar tudo?

— Faça isso! — ordenou Diotima. Colocara no rosto a expressão de “impudor oficial”, uma espécie de expressão com óculos, que assumia quando seu espírito lhe ordenava escutar coisas, ou dizer coisas, que na verdade seriam proibidas para sua alma de dama. Mas Ulrich negou-se e repeliu que só poderia fazer conjecturas sobre a natureza de Bonadéia.

— Muito bem — admitiu Diotima. — Sua amiga não poupou alusões! Parece acreditar que precisa defender alguma injustiça que me foi feita! Mas fale, se prefere, apenas como se fossem suposições!

Ulrich ficou curioso e acabou descobrindo que Bonadéia fora recebida algumas vezes por Diotima, e não apenas em ocasiões ligadas com a Ação Paralela ou a posição de seu marido.

— Devo admitir que acho essa mulher muito bonita — concedeu ela. — E tem tendências idealistas incomuns. Na verdade, estou zangada porque o senhor exige confiança e sempre me negou a sua!

Nesse momento, Ulrich pensava: “Vão todos para o diabo! “.Querida assustar Diotima e vingar-se da insistência de Bonadéia, e sentiu por um momento a total distância entre si mesmo e a vida que se permitira levar.

— Pois então, ouça — disse com ar fingidamente sombrio. — Essa mulher

é uma ninfomaníaca, e não consigo resistir a ela!

“Oficialmente”, Diotima sabia o que era ninfomania. Houve uma pausa, e ela respondeu, com voz arrastada:

— Pobre mulher! E ama uma criatura dessas?

— É uma coisa tão idiota! — disse Ulrich.

Diotima quis saber mais “detalhes”; ele teve de explicar o “lamentável fenômeno”, e “torná-lo humano”. Não fez isso muito detalhadamente, mas, aos poucos, Diotima foi sentindo uma satisfação cuja base era provavelmente a conhecida gratidão ao Senhor por não ser como a outra; mas a ponta desse sentimento perdia-se em susto e curiosidade, e não deixaria de influenciar suas relações futuras com Ulrich. Ela disse, pensativa:

— Mas deve ser horrível abraçar uma pessoa sem ter convicção interior!

— Acha? — respondeu o primo, em tom inocente. Diotima sentiu indignação e mágoa com essa insolência, mas não podia mostrar isso; contentou-se em soltar a mão dele, e recair nos travesseiros com um gesto de adeus. — Nunca deveria ter me contado isso! — disse de lá. — Acaba de se portar muito mal com relação a essa pobre mulher, e é indiscreto!

— Nunca sou indiscreto! — defendeu-se Ulrich e teve de rir da prima. — E realmente injusta; foi a primeira mulher a quem fiz confissões sobre outra mulher, e foi a senhora quem me levou a isso!

Diotima ficou lisonjeada. Quis saber algo parecido a: que sem transformação espiritual ficamos privados do melhor; mas não conseguiu, porque de repente isso a atingia de perto. Por fim, porém, a lembrança de um dos livros que a rodeavam ajudou-a a dar uma resposta neutra, protegida por limites oficiais:

— Está cometendo o erro de todos os homens — censurou. — Trata sua parceira de amor não como alguém de direitos iguais, mas como mera complementação para si próprio, e depois fica decepcionado. Nunca se perguntou se talvez o caminho de um erotismo harmonioso e cheio de ímpeto não passa necessariamente por uma auto-educação mais rígida?

Ulrich quase ficou de boca aberta; mas, defendendo-se involuntariamente desse ataque erudito, respondeu:

— Sabe, hoje também o subsecretário Tuzzi me perguntou sobre as possibilidades de educação e surgimento da alma.

Diotima ergueu-se, num impulso:

— Como, Tuzzi anda falando com o senhor a respeito da alma? — perguntou espantada.

— Sim, claro; ele quer saber o que é isso — assegurou Ulrich, mas nada mais conseguiria interromper sua partida, e apenas prometeu quem sabe de uma próxima vez quebrar o dever do silêncio e revelar esse assunto.

DIFICULDADES DE UM MORALISTA AO ESCREVER UMA CARTA

A inquietação da volta terminou com essa visita a Diotima; já no dia seguinte, Ulrich sentou-se à escrivaninha, pelo fim da tarde, sentindo imediatamente a familiaridade com o móvel, e começou a escrever uma carta para Ágata.

Estava claro para ele — tão leve e claro, como certos dias sem vento — que a ação irrefletida dela era extremamente perigosa; o que acontecera podia não significar nada além de uma brincadeira audaciosa, que só interessava a eles dois, mas precisava ser desfeito antes de tornar-se realidade, perigo que a cada dia ficava maior. Ulrich escrevera até esse ponto, quando se interrompeu e teve dúvidas quanto a entregar ao correio uma carta que mencionasse tudo aquilo tão abertamente. Disse a si mesmo que seria mais adequado, de todos os modos, ele mesmo viajar com o primeiro trem, em vez de mandar a carta; mas, naturalmente, também lhe pareceu esquisito fazer isso depois de ter ignorado o assunto dias a fio, e sabia que não o faria.

Notou que havia na base disso algo quase tão sólido quanto uma decisão: tinha vontade de esperar para ver o que a resultaria daquele incidente. A questão apresentada era apenas: até que ponto podia querer isso, realmente, claramente, e toda a sorte de pensamentos difusos lhe passava pela cabeça.

Assim, logo de saída percebeu que até ali, sempre que assumia uma postura “moral”, encontrara-se em situação espiritual pior do que em ações ou pensamentos que habitualmente se poderiam chamar de “imorais”. E um fenômeno generalizado: pois em fatos que os colocam em contradição com seu ambiente, todos desenvolvem suas forças, enquanto lá onde apenas cumprem seu mínimo dever, compreensivelmente se portam como ao pagar seus impostos; do que resulta que todo o mal se realiza com maior ou menor fantasia e paixão, e o bem se distingue por uma inconfundível pobreza

emocional e precariedade. Ulrich recordava-se de que sua irmã expressara essa precariedade moral muito desinibidamente perguntando se ser bom deixara de ser bom. E afirmara que devia ser difícil e arrebatador, e espantara-se de que, apesar disso, pessoas moralistas quase sempre fossem tão aborrecidas.

Ele sorriu satisfeito e desenvolveu esse pensamento imaginando que ele e Ágata, juntos, formavam um singular contraste com Hagauer, que se poderia designar como contraste de pessoas que são ruins de maneira boa, diante de um homem que é bom de maneira ruim. E ignorando a grande parte central da vida, assumida por pessoas em cujo pensamento as palavras comuns “bem” e “mal” nem existem mais desde que se libertem da saia da mãe, as margens em que ainda há esforços morais intencionais ficam entregues a essas pessoas boas-más e más-boas, das quais umas nunca viram o bem voar nem o ouviram cantar, e por isso exigem que todos os outros se extasiem com eles diante de uma natureza da moral, na qual pássaros empalhados pousam em árvores mortas; enquanto os outros, os mortais maus-bons, irritados pelos seus rivais, manifestam pelo menos em pensamento uma zelosa inclinação pelo mal, como se estivessem convencidos de que somente nas más ações, não tão desgastadas como as boas, freme um pouco de vida moral. Dessa maneira, o mundo — naturalmente sem que Ulrich tivesse plena consciência dessa possibilidade — tinha a opção de arruinar-se com sua moral rígida ou com seus agitados imoralistas, e certamente o dito mundo até hoje não sabe o que afinal decidiu com tão imenso sucesso, a não ser que aquelas pessoas mais numerosas, que nunca têm tempo de se ocupar da moral em geral, tenham feito isso em particular, por terem perdido a confiança no ambiente que as rodeia, além de outras perdas mais, em ulterior sucessão; pois pessoas más-más, que tão facilmente podem ser responsabilizadas por tudo, já naquele tempo as havia tão poucas quanto hoje, e os bons-bons são um ideal tão distante quanto a mais remota nebulosa. Mas era exatamente neles que Ulrich pensava, enquanto todo o resto em que aparentemente pensava se lhe tornara totalmente indiferente.

E ele deu uma forma ainda mais geral e impessoal a seus pensamentos colocando em lugar do bem e do mal a relação que há entre as exigências “faça !” e “não faça!”. Pois enquanto está em ascensão uma moral — isso vale igualmente para o espírito do amor ao próximo e o de um bando de

hunos — o “não faça!” é apenas o avesso e a consequência natural do “faça!”; o fazer e não-fazer crepita, e os erros que inclui não importam muito, pois são erros de mártires e de heróis. Nesse estado, o bem e o mal são iguais à felicidade e infelicidade do ser humano global. Assim, porém, que o discutível começa a dominar, ampliando-se, e sua realização já não se liga com dificuldades especiais, a relação entre estímulo e proibição necessariamente atravessa uma situação decisiva em que o dever não nasce todos os dias, mas, esvaziado e dividido em “se” e “mas”, tem de estar sempre pronto para variados usos; e, com isso, começa um processo em cujo curso virtude e pecado se tornam cada vez mais semelhantes, pela origem que vem de mesmas regras, leis, exceções e limitações, até finalmente nascer aquela singular, mas no fundo intolerável, contradição interior da qual Ulrich partira, de que a diferença entre bem e mal perde toda a importância diante da satisfação por uma ação pura, profunda e original, que pode brotar como uma centelha tanto de fatos permitidos como dos proibidos. Quem indagar francamente, provavelmente reconhecerá que a parte proibitiva da moral está mais fortemente carregada com essa tensão do que a parte que contém exigências: enquanto parece bastante natural que certos atos ditos “maus” não devem ou não podem ser cometidos, ou, quando os cometemos, pelo menos não deveriam ter sido cometidos — como apropriação de objetos alheios ou desmesura nos prazeres —, as correspondentes tradições afirmativas da moral — nesse caso seria a entrega total de si mesmo, ou o desejo de aniquilar as coisas terrenas — foram quase perdidos, e onde ainda se exercem não passam de assuntos de loucos e visionários, ou pálidos santarrões. E num estado desses, em que a virtude está moribunda e a postura moral consta especialmente da limitação do imoral, pode acontecer facilmente que este não apenas pareça mais legítimo e vigoroso do que o outro, mas mais moral, na medida em que for permitido usar esse termo não no sentido de lei e direito, mas como medida de todas as paixões que ainda são excitadas pelo remorso. Mas, pode haver algo de mais contraditório do que favorecer internamente o mal porque ainda procuramos o bem, com o restinho de alma que possuímos?

Ulrich nunca sentira essa contradição tão intensamente como no momento em que o arco ascendente de sua reflexão voltava para Ágata. A disposição da natureza dela, de usar de uma forma de expressão boa-má — para usar mais uma vez essa efêmera palavra —, o que se corporificara de maneira

intensa na intervenção no testamento paterno, feria a mesma disposição da própria natureza de Ulrich, que assumia apenas uma forma mental, podia-se dizer, uma admiração pastoral pelo diabo, enquanto ele, como pessoa, não apenas conseguia viver razoavelmente, mas não queria ser perturbado. Constatou com melancólica satisfação e clareza irônica, que toda a sua ocupação teórica com o mal no fundo se resumia no fato de ele defender os acontecimentos maus contra as pessoas más que deles se aproveitam; e de repente sentiu uma nostalgia de bondade, como alguém que vagou inutilmente pelo estrangeiro imagina chegar em casa, e ir direto beber água da fonte de sua aldeia. Mas se essa comparação não lhe tivesse ocorrido, talvez ele tivesse notado que toda a sua tentativa de imaginar Ágata sob o conceito de uma pessoa moralmente mista, como o presente os produz em quantidade, era apenas um pretexto para proteger-se de uma perspectiva que o assustava muito mais. Pois, singularmente, o comportamento de sua irmã, que se precisava censurar se analisado conscientemente, era perturbadoramente atraente assim que se participava do seu devaneio; pois então tudo que era equívoco e litigioso desaparecia, e formava-se uma impressão de bondade apaixonada, afirmativa, atuante, que facilmente pareceria, ao lado de suas formas cotidianas insípidas, um antiquíssimo pecado.

Ulrich não se permitia facilmente essa exacerbação de emoções, muito menos queria fazê-lo diante da carta que recusava escrever, de modo que novamente dirigiu seus pensamentos para o terreno geral. Teriam sido incompletos se não se tivesse lembrado de como, nos tempos que vivera, muitas vezes o anseio de um dever absoluto o levava a retirar, da provisão de virtudes, uma ou outra, colocando-a no centro de uma espetacular veneração. Tinha havido a época das virtudes nacionais, cristãs, humanistas, uma vez a firmeza do aço, outra vez a bondade, ora a personalidade, ora a comunidade, hoje uma fração de segundo, um dia antes a serenidade histórica: a alternância de disposições da vida pública repousa no fundo na troca dessas idéias-mestras: mas Ulrich sempre ficara indiferente a isso, que só o fizera sentir-se parado à margem

de tudo. Também agora, isso só lhe significava uma complementação do quadro geral, pois só um conhecimento parcial pode fazer crer que se possa interpretar a inexplicabilidade moral da vida, ligada a um nível de excessiva

complicação, com um dos significados que ela já contivesse. Essas tentativas apenas se assemelham aos movimentos de um enfermo que troca de posição, inquieto, enquanto a paralisia que o prende ao leito prossegue incansavelmente. Ulrich estava convencido de que o estado em que essas tentativas acontecem é inevitável, e marca o degrau a partir do qual cada civilização voltou a decair, porque até aqui nenhuma foi capaz de colocar, em lugar da tensão interna que se perdeu, alguma tensão nova. Também estava persuadido de que o que aconteceu a toda a moral já existente acontecerá com outra. Pois o enfraquecimento moral não está no reino dos mandamentos e seu cumprimento independe de suas diferenças, é inatingível para a severidade exterior, é um processo totalmente interno, comparável ao enfraquecimento do sentido das ações e da crença na unidade de sua responsabilidade.

Assim, sem que ele tivesse pretendido, os pensamentos de Ulrich dirigiram-se novamente para aquela idéia que ele apresentara ironicamente ao Conde Leinsdorf como “secretariado geral da precisão e da alma”; e embora também jamais tivesse falado nisso senão com graça e por brincadeira, agora reconhecia que desde que era homem nunca se portara senão como se um secretariado desses fosse possível. Talvez, podia desculpar-se com isso, todo ser humano pensante trouxesse em si essa idéia de ordem, assim como adultos trazem debaixo das roupas uma medalha de santo que a mãe lhes colocou no peito quando crianças, e essa imagem da ordem, que ninguém leva demasiadamente a sério nem se anima a retirar, não parece muito diferente do que o que segue: de um lado representa obscuramente a nostalgia de uma lei da vida justa, severa e natural, que não admite exceções nem omite objeção, libertadora como uma embriaguez e lúcida como a verdade; de outro lado, porém, forma-se ali a convicção de que os próprios olhos jamais vêem uma lei assim, que os próprios pensamentos jamais a pensarão, que não se conseguirá pela proclamação ou violência individual, mas só por um esforço de todos, se não for mera utopia. Ulrich hesitou por um momento. Sem dúvida era um crente, apenas não acreditava em nada: sua maior devoção à ciência jamais conseguira fazê-lo esquecer que a beleza e bondade das pessoas vinha daquilo em que acreditavam, e não daquilo que sabiam. Mas a crença sempre estivera ligada ao saber, embora apenas como um saber imaginado, desde os primeiros dias de seu mágico nascimento. E essa antiga parcela de saber há muito apodreceu e levou

consigo, na mesma decomposição, a crença: portanto, hoje é preciso reconstruir essa ligação. E naturalmente não só de maneira a levar a crença “às alturas do saber”; mas de modo a fazê-la sair voando daquelas alturas. A arte de erguer-se acima do saber tem de ser novamente exercitada. E como tal não é possível a um indivíduo, todos deveriam voltar seu sentido para isso, não importa onde o tenham posto; e se naquele momento Ulrich pensava num plano de uma década, século ou milênio que a humanidade precisaria conceder-se para dirigir seus esforços sobre a meta que ainda nem conhece direito, não foi preciso perguntar muito para saber que há longo tempo imaginara isso, sob muitos nomes, como vida verdadeiramente experimental. Pois com a palavra crença não pensava naquela pobre ânsia de saber, naquela crédula ignorância que em geral se entende por esse nome, mas sim um pressentimento ciente, que não é nem saber nem imaginação, mas também não é crença, e sim “aquela outra coisa” que escapa a tais conceitos.

Ele pegou a carta rapidamente, mas depois a afastou outra vez.

Seu rosto, há pouco ainda iluminado de uma luz severa, apagou-se outra vez, e seu perigoso pensamento predileto lhe pareceu ridículo. Como num olhar através de uma janela rapidamente aberta, sentiu o que realmente o rodeava: os canhões e os negócios da Europa. A idéia de que as pessoas que viviam daquela maneira poderiam reunir-se para comandarem juntas o seu destino espiritual era simplesmente impossível, e Ulrich teve de admitir que também a evolução histórica jamais se realizara naquela reunião planificadora de idéias, como em uma emergência acontece no espírito do indivíduo, e sim sempre com desperdício e esbanjamento, como se o punho de um grande jogador as tivesse lançado sobre a mesa. Até se envergonhou um pouco. Tudo o que pensara naquela hora recordava de maneira suspeita uma certa “enquete para tomar uma decisão diretiva e estabelecer os desejos dos círculos participantes da população”. Até o fato de ele estar moralizando, aquele pensamento teórico que contempla a natureza à luz de velas, lhe pareceu antinatural, enquanto o homem simples acostumado à claridade solar sempre procura o que está mais próximo, e nunca se detém em outra questão senão aquela, bem determinada, de poder ousar e executar aquele gesto.

Nesse momento os pensamentos de Ulrich voltaram novamente do geral

para ele mesmo, e sentiu a importância que tinha sua irmã. A ela ele revelara aquele singular, ilimitado, inverossímil e inesquecível estado em que tudo é um sim. O estado em que não se consegue nenhum outro movimento espiritual senão o moral, portanto o único no qual existe uma moral ininterrupta, mesmo que ela conste apenas de ficarem todas as ações pairando sobre um abismo. E Ágata nada fazia senão estender a mão para isso. Era ela a pessoa que estende a mão, e em lugar das reflexões de Ulrich apareciam corpo e imagem do mundo real. Tudo o que ele pensara agora lhe pareceu apenas adiamento e transição. Queria “ver o que aconteceria”, ver o que resultaria da idéia de Ágata, e naquele instante era-lhe totalmente indiferente que a misteriosa promessa começara com uma ação censurável segundo os conceitos comuns. Só se podia aguardar paia ver se a moral do “fluxo e refluxo” se mostraria tão aplicável aqui como aquela da honestidade simples. Recordou a pergunta apaixonada da irmã, querendo saber se ele mesmo acreditava no que estava lhe contando, mas não a podia confirmar, agora como naquela vez. Admitiu que estava esperando por Ágata para responder a essa questão.

Nisso, tocou o telefone, de repente Walter lhe falava com motivos atropelados e palavras precipitadas. Ulrich escutou, indiferente e solícito, e quando largou o fone e endireitou o corpo, ainda sentia o tilintar que finalmente parará; profundidade e escuridão voltaram a envolvê-lo num jorro benéfico, mas ele não podia dizer se isso acontecia em sons ou cores, era como um aprofundar-se de todos os sentidos. Sorrindo, pegou a folha de papel em que começara a escrever à irmã, e, antes de sair do quarto, rasgou-a devagar em pedacinhos.

Ao mesmo tempo, Walter, Ciarisse e o profeta Meingast estavam sentados em torno de uma travessa de rabanetes, tangerinas, amêndoas com casca, queijos e grandes ameixas secas turcas, devorando aquele jantar saudável e delicioso. O profeta mais uma vez usava apenas o casaco de lã sobre o tronco algo mirrado, e de tempos em tempos elogiava aquelas delícias naturais que lhe eram oferecidas, enquanto o irmão de Ciarisse, Siegmund, sentado de chapéu e luvas um pouco afastado da mesa, falava de uma entrevista com o Dr. Friedenthal, assistente da clínica psiquiátrica, para possibilitar à sua irmã “totalmente doida” uma visita a Moosbrugger.

— Friedenthal insiste em que isso só pode ser feito com uma permissão do tribunal — concluiu ele, francamente —, e esse não se contenta com a indicação da Sociedade Beneficente “Última Hora” que eu consegui para vocês, mas exige uma recomendação da embaixada, uma vez que infelizmente mentimos, dizendo que Clarisse era estrangeira. Agora, só há uma solução: o Dr. Meingast tem de procurar a embaixada suíça, amanhã mesmo!

Siegmund era parecido com a irmã, apenas seu rosto era mais inexpressivo, embora fosse mais velho. Contemplando os irmãos lado a lado, nariz, boca e olhos no rosto pálido de Clarisse pareciam fendas num solo ressequido, enquanto os mesmos traços no semblante de Siegmund assumiam as linhas macias, um pouco borradas, de um terreno gramado, embora fosse totalmente escanhado exceto pelo bigodinho. O ar burguês era mais visível nele do que na irmã, e dava-lhe uma inocente naturalidade, mesmo no momento em que ocupava tão despudoradamente o tempo de um filósofo. Ninguém teria-se admirado se relâmpagos e trovões caíssem sobre a travessa de rabanetes; mas o grande homem aceitou amavelmente aquela impertinência — coisa que seus admiradores consideraram um incidente

cômico — e concordou com o olho, como uma águia que tolera um pardal ao seu lado no poleiro.

Mesmo assim, a tensão súbita e não suficientemente desfeita fez Walter perder o controle. Afastou seu prato, ficou rubro como uma nuvenzinha da manhã, e disse, veemente, que uma pessoa saudável que não fosse médico nem enfermeiro não tinha nada a fazer num hospício. Também ele foi tratado com um sinal quase imperceptível de concordância de parte do mestre. Siegmund, vendo isso e tendo compreendido muitas coisas no curso de sua vida, completou essa aquiescência com as higiênicas palavras:

— Sem dúvida é um hábito repelente da burguesia rica, ver algo de diabólico nos loucos e criminosos.

— Mas então me expliquem finalmente — exclamou Walter — por que todos vocês estão querendo ajudar Clarisse a fazer uma coisa que não aprovam, e que só a pode deixar ainda mais nervosa!

Sua mulher não se dignou a responder. Fez um ar de desagrado, uma expressão ausente que podia causar medo; duas longas Unhas altivas corriam ao longo do nariz, e o queixo tinha uma ponta dura. Siegmund não se julgou obrigado nem capaz de responder pelos outros. Por isso, houve um pequeno silêncio depois das palavras de Walter, até Meingast dizer, baixinho, em tom indiferente:

— Clarisse sofreu uma impressão forte demais, a gente não deve deixar isso como está!

— Quando? — perguntou Walter em voz alta.

— Recentemente; à noite, na janela.

Walter empalideceu, porque era o único a saber disso só agora, enquanto obviamente

Clarisse fizera confidências a Meingast, e até a seu irmão. “Mas ela é assim mesmo!”, pensou.

E embora não fosse absolutamente necessário, de repente, por cima da travessa de verduras, ele teve a sensação de que todos eram mais ou menos dez anos mais jovens. Fora o tempo em que Meingast, ainda o velho e não transformado Meingast, se despedira, e Clarisse optara por Walter. Mais

tarde ela lhe confessara que, naquele tempo, embora já tivesse renunciado, Meingast ainda a beijara e acariciara algumas vezes. A lembrança era como o grande movimento de um balanço. Walter fora erguido cada vez mais alto, e naquele tempo conseguia tudo, embora houvesse algumas profundezas no meio. E também naquele tempo, quando Meingast estava por perto, Clarisse não conseguia falar com Walter; muitas vezes ele ficava sabendo através de outros o que ela pensava ou fazia. Perto dele, ficava rígida.

— Quando *você* me toca, fico dura! — dissera . — Meu corpo fica sério, é diferente do que com Meingast! — E quando ele a beijara pela primeira vez, ela lhe dissera:

— Prometi a mamãe que nunca faria uma coisa dessas!

E isso embora mais tarde admitisse que naquele tempo Meingast sempre tocava secretamente os pés dela com os seus debaixo da mesa. Era influência de Walter! A riqueza do crescimento interior que ele lhe provocara a impedia de ter movimentos desinibidos; foi assim que ele explicou o fato para si mesmo.

E lembrou as cartas que naquele tempo trocara com Clarisse: ainda hoje acreditava que não era fácil superá-las em paixão e singularidade, mesmo investigando a literatura toda. Naquela época tempestuosa, punia Clarisse indo embora quando ela permitia a Meingast ficar lá, e depois escrevia-lhe; e ela lhe escrevia cartas nas quais assegurava sua fidelidade, dizendo sinceramente que Meingast mais uma vez beijara seu joelho por cima da meia. Walter tinha querido editar essas cartas em forma de livro, e ainda hoje pensava nisso. Infelizmente nada resultará, senão, logo no começo, um grave mal-entendido com a preceptora de Clarisse: Walter lhe dissera um dia: — Vai ver, em pouco tempo eu acerto tudo isso!

Referia-se a isso no seu próprio sentido, imaginando a grande justificação diante da família de Clarisse, assim que a edição das “Cartas” o fizesse famoso; pois, para ser exato, naquele tempo muitas coisas entre ele e Clarisse não andavam em ordem. A preceptora de Clarisse — uma peça de herança da família, que mantinha sua posição sob o pretexto honroso de ser uma espécie de segunda mãe — entendera tudo errado, e à sua maneira, com o que logo surgiu na família o boato de que Walter pretendia fazer algo que lhe possibilitasse pedir a mão de Clarisse; e quando isso fora dito,

surgiram estranhas felicidades e imposições. A vida real despertara, por assim dizer, com um golpe: o pai de Walter declarou não querer mais prover pelo seu filho, se este não ganhasse nada por si; o futuro sogro de Walter chamou-o ao ateliê e lá falou das dificuldades e decepções da arte pura, nada senão sagrada, fossem as artes

plásticas, música ou literatura; por fim, o próprio Walter, e Clarisse, tiveram de repente a idéia de terem vida independente, filhos e quarto de dormir publicamente comum, como um risco na pele, que não se consegue curar porque involuntariamente o arranhamos sempre. Assim, poucas semanas depois de sua precipitada confissão, Walter estava noivo de Clarisse, o que deixou os dois muito felizes, mas também muito nervosos, pois agora começava aquela procura de um lugar estável na vida, o que trazia consigo todas as dificuldades da Europa, pois o emprego que, sem constância, Walter procurara não dependia só dos ganhos mas de seus possíveis efeitos: sobre Clarisse, sobre ele próprio, sobre seu erotismo, a literatura, a música e a pintura. Na verdade, despertavam agora dos confusos turbilhões ligados ao seu acesso de loquacidade diante da velha *Mademoiselle*, quando aceitara o emprego no departamento de monumentos históricos, e fora morar com Clarisse na casinha modesta onde o destino tinha agora de decidir o que viria.

E no fundo, Walter pensava que seria bastante aceitável que o destino agora se desse por satisfeito, pois então o final não seria exatamente o que o começo tinha pretendido, mas também as maçãs, quando maduras, não caem árvore acima, e sim árvore abaixo.

Walter pensava assim, e enquanto isso, por sobre a travessa colorida com a saudável refeição de verduras, pairava a cabecinha de sua esposa, e Clarisse esforçou-se por complementar a declaração de Meingast tão objetivamente quanto possível, ou seja, tão objetiva quanto ele:

— Preciso fazer alguma coisa para diluir essa impressão; a impressão foi forte demais para mim, diz Meingast — explicou ela e acrescentou por conta própria: — E não foi mero acaso aquele homem se colocar nos arbustos logo debaixo da minha janela!

— Besteira! — recusou Walter, como quem espanta uma mosca. — Também era a minha janela!

— Muito bem, a nossa janela! — corrigiu Clarisse, com seu sorriso —

defenda-de- lábios, sendo impossível, diante de tal impertinência, distinguir se era amargo ou sarcástico.

— Nós o atraímos. Mas quer que eu lhe diga o que... o homem fazia? Ele roubava prazer sexual!

Aquilo fez doer a cabeça de Walter: estava repleta de passado, e o presente se inseria como uma cunha, sem que a diferença entre presente e passado fosse convincente. Ainda havia arbustos adensando-se na cabeça de Walter em claras massas de folhagens, atravessadas por veredas de bicicleta. Experimentava-se, como naquela manhã, a audácia de longas excursões e caminhadas. Novamente balouçavam vestidos de mocinhas que naqueles anos pela primeira vez liberavam atrevidamente os tornozelos, e a bainha de alvas anáguas espumava em novos movimentos esportivos. O fato de Walter achar que entre ele e Clarisse muita coisa “não era como devia ser” era um raciocínio muito brando, pois na verdade naqueles passeios de bicicleta de seu ano de noivado acontecera tudo o que permitia uma moça continuar virgem. “Quase inacreditável, tratando-se de uma moça decente”, pensou Walter lembrando-se de tudo com encantamento. Clarisse chamara aquilo de “assumir os pecados de Meingast”, que naquele tempo ainda tinha outro nome e acabava de ir para o exterior. “Seria covardia não ser sensual agora, só porque ele foi!” Clarisse explicava tudo dessa maneira, e anunciara: “Mas *nós* queremos isso de um modo espiritual!”

Walter algumas vezes se preocupara pensando que esses fatos ainda se ligavam com o homem que recém desaparecera mas Clarisse respondera:

— Quando se quer alguma coisa grandiosa, como nós queremos na arte, é proibido preocupar-se com outros assuntos.

Walter lembrava com que zelo destruíam o passado, repetindo-o no seu novo espírito, e com que grande prazer descobriam a capacidade mágica de desculpar prazeres físicos proibidos, atribuindo-lhes uma missão suprapessoal. Na verdade, naquele tempo Clarisse mostrara na sensualidade a mesma espécie de energia que aplicaria mais tarde a negar-se a ele, admitiu Walter, e, esquecendo por um momento essa analogia, um pensamento renitente lhe disse que os seios dela hoje continuavam duros como naquele tempo. Todos podiam ver isso, mesmo através da roupa. Meingast até estava olhando aqueles seios nesse momento; talvez não se

desse conta disso. “Os seios dela são mudos!”, declarou Walter de si para si, numa tal riqueza de relações como se fosse um sonho ou um poema; e quase da mesma forma, pelos acolchoamentos da emoção, introduziu-se o presente:

— Clarisse, diga o que a senhora está pensando — ouviu Meingast dizer, animando a moça como um médico ou professor; por algum motivo, depois da volta ele às vezes a tratava de senhora.

Walter percebeu também que Clarisse encarava Meingast com ar interrogativo.

— A senhora me disse que Moosbrugger era carpinteiro... Clarisse olhava.

— Quem também foi carpinteiro? O Salvador! A senhora não me disse isso?! Até me contou que por isso escreveu uma carta a alguma pessoa influente.

— Parem com isso! — pediu Walter, veemente. Sua cabeça girava. Mas mal ele protestara seu aborrecimento, ficou claro que também jamais ouvira falar naquela carta, e, sentindo-se fraco, indagou:

— Que carta é essa?!

Ninguém lhe deu resposta. Meingast ignorou a pergunta e disse: — Essa é uma das idéias mais atuais. Não somos capazes de nos libertarmos, não há dúvida; chamamos isso de democracia, mas essa é apenas a expressão política do estado espiritual do “podemos isso, mas também podemos aquilo”. Estamos na era do voto. Determinamos anualmente com voto nosso ideal sexual, nossa rainha da beleza, e o fato de termos tornado a ciência positiva nosso ideal significa colocar nosso voto na mão dos chamados fatos, para que eles votem em nosso lugar. A nossa era é antifilosófica e covarde; não tem a coragem de decidir o que vale ou não vale, e democracia, no sentido mais estrito, significa: fazer o que acontece! De passagem, é um dos mais desonestos círculos viciosos que já houve na história da nossa raça!

O profeta quebrara uma noz, aborrecido, tirara a casca, e já enfiava seus fragmentos na boca. Ninguém o entendera. Ele interrompeu seu discurso para mover lentamente os maxilares, mastigando, mexendo também a ponta

recurvada do nariz, enquanto o restante do rosto continuava asceticamente imóvel, mas não desviava o olhar de Clarisse, pousado na região dos seios dela. Involuntariamente, também os olhos dos dois outros homens deixaram o rosto do mestre e seguiram aquele seu olhar distraído. Clarisse sentiu um sugar, como se, caso a encarassem mais tempo, aqueles seis olhos a fossem arrancar para fora de si mesma. Mas o mestre engoliu com força o resto na noz e prosseguiu sua doutrinação:

— Clarisse descobriu que a lenda cristã admite que o Salvador seja carpinteiro; não é inteiramente certo: apenas o seu pai adotivo o era. Naturalmente não é correto que Clarisse queira tirar uma conclusão do fato de um criminoso por acaso ser também carpinteiro. Intelectualmente, está abaixo da crítica. Moralmente, é leviano. Mas é corajoso da parte dela: é isso!

Meingast fez uma pausa para deixar a palavra “corajoso” ter seu efeito. Depois, continuou calmamente:

— Recentemente, ela viu um psicopata exibicionista, o que nós também vimos; ela supervaloriza isso, aliás, tudo o que é sexual é supervalorizado hoje em dia, mas Clarisse diz: não foi por acaso que esse homem se postou debaixo de minha janela... e agora queremos compreender isso! É falso, pois casualmente o encontro foi apenas um acaso. Mesmo assim, Clarisse pensa: se eu considero tudo explicado, o ser humano jamais modificará nada no mundo. Ela considera inexplicável que um assassino que, se não me engano, se chama Moosbrugger, seja carpinteiro; considera isso tão inexplicável quanto um doente desconhecido, que sofre de perturbações sexuais, postar-se logo debaixo de sua janela; e assim habituou-se a considerar inexplicável muitas outras coisas que lhe acontecem mais uma vez Meingast deixou seus ouvintes esperarem um pouco; sua voz recordava os movimentos de um homem determinado que se aproxima nas pontas dos pés com grande cautela; e então, esse homem atacou: — E por isso, ela vai fazer alguma coisa! — explicou Meingast, com firmeza.

Clarisse sentiu frio.

— Repito — disse Meingast — que não se deve criticar isso intelectualmente. Mas a intelectualidade, como sabemos, é apenas a

expressão ou instrumento de uma vida ressequida; em contrapartida, isso que Clarisse expressa vem provavelmente de outra esfera: a da vontade. E de se supor que Clarisse jamais poderá explicar o que lhe acontece, mas talvez possa resolvê-lo; e ela já chama isso, corretamente, de “redimir”, usando por instinto a palavra certa. Pois facilmente um de nós poderia dizer também que isso lhe parece alucinação, ou que Clarisse tem nervos fracos; mas não adiantaria nada: o mundo está tão despojado de delírios, que não sabe nunca se deve amar ou odiar as coisas, e como tudo é ambivalente, todas as pessoas são fracas ou neurastênicas. Em suma — concluiu o profeta de repente —, não é fácil para o filósofo renunciar ao conhecimento, mas ter de fazê-lo é provavelmente o grande conhecimento em processo neste século vinte. Eu, em Genebra, considero hoje em dia mais importante do ponto de vista espiritual que haja na cidade um professor de boxe francês, do que o demolidor Rousseau ter trabalhado por lá!

Já que começara, Meingast teria falado mais. Primeiro, diria que a idéia de redenção sempre fora antiintelectual. “Portanto, hoje nada se deve desejar senão um bom e intenso delírio”: essa frase estivera na ponta da língua, mas engolira-a em favor de outras tiradas. Em segundo lugar, falaria da importância física da idéia de redenção, que já na origem se liga a readquirir, retomar, importância física que indica que só ações podem redimir, isto é, experiências que incluam o ser humano todo, pele e cabelos. Em terceiro lugar, desejaria dizer que, devido à superintelectualização do homem, em certas circunstâncias a mulher iria assumir a liderança instintiva da Ação, sendo Clarisse um dos primeiros exemplos. Por fim, falaria da transformação do pensamento de redenção na história dos povos, e de como predomina nessa evolução a secular crença de que redenção é um conceito apenas religioso, dando hoje em dia, entretanto, lugar a uma noção de que ela deve ser determinada pela vontade, e, se preciso, até pela violência. Pois a redenção do mundo pela violência era de momento o centro dos pensamentos dele. Mas Clarisse começara a achar insuportável a sensação de sugamento daquela atenção centrada nela, e cortara a palavra do mestre, dirigindo-se a Siegmund como ponto de menor resistência, em voz excessivamente alta:

— Eu tinha lhe dito: a gente só pode entender aquilo de que participa: por isso nós temos de ir pessoalmente ao hospício!

Walter, que descascava uma tangerina para controlar-se, cortou fundo demais, e um jorro ácido atingiu seu olho, fazendo-o recuar e procurar um lenço. Siegmund, como sempre cuidadosamente vestido, observou primeiro, com espírito profissional, a irritação do olho do cunhado, depois olhou as luvas de pelica pousadas em seu joelho com o chapéu-coco — uma natureza-morta da honradez — e só quando o olhar da irmã se prendeu insistentemente em seu rosto, e como ninguém respondesse por ele, ergueu os olhos, com um grave aceno de cabeça, e murmurou indiferente:

— Nunca duvidei de que todos nós devíamos estar num hospício. Clarisse virou-se para Meingast e disse:

— Eu lhe falei da Ação Paralela: seria uma possibilidade e um dever imenso, acabar com o “fazer o que bem entender”, que é o pecado do nosso século!

O mestre rejeitou a idéia com um gesto, sorrindo.

Clarisse, transbordando de entusiasmo pela sua própria importância, exclamou, bastante obstinada e abruptamente:

— Uma mulher que deixa um homem, cujo espírito assim enfraquece, fazer o que bem entenda também é uma criminosa sexual!

Meingast a censurou:

— Devemos pensar só em termos gerais! Aliás, posso tranquilizá-la: naquelas reuniões um pouco ridículas, nas quais a democracia moribunda gostaria de parir ainda uma grande missão, eu já introduzi meus observadores e homens de confiança, e faz bastante tempo!

Clarisse sentiu gelo na raiz dos cabelos.

Walter tentou em vão travar mais uma vez o que estava se desenvolvendo. Lutando contra um grande respeito por Meingast, e num tom de voz totalmente diferente do que usara com Ulrich, dirigiu-se a ele, dizendo:

— O que você diz deve ser o mesmo que eu digo há muito tempo, que a gente deveria pintar só em cores puras. É preciso acabar com o matizado e borrado, concessão ao vazio, a covardia do olhar que não ousou ver nada além de que cada coisa tem um contorno firme e uma cor local: digo isso de maneira pictórica, você filosófica. Mas, embora tenhamos a mesma

opinião... — de repente, ele ficou constrangido e sentiu que não podia dizer, diante dos outros, por que temia o contato de Clarisse com o demente: — Não, não quero que Clarisse faça isso — exclamou — e não vou dar meu consentimento!

O mestre escutara amavelmente, e depois respondeu com a mesma amabilidade, como se nenhuma daquelas palavras, ditas com solenidade, tivessem chegado ao seu ouvido:

— Aliás, Clarisse disse mais uma coisa com grande beleza: afirmou que todos possuímos, além da “figura de pecador” com que vivemos, uma “figura de inocente”; pode-se conferir a isso o belo significado de que

nossa imaginação, independente-mente do miserável mundo dito empírico, tem acesso a um mundo grandioso, no qual, em momentos iluminados, sentimos nossa imagem mover-se numa dinâmica mil vezes diferente! Como foi que disse isso, Clarisse? — perguntou animando-a e virando-se para ela. — Não afirmou que, se conseguisse colocar-se sem inibição ao lado desse homem indigno, chegar até ele e tocar piano dia e noite na sua cela sem se cansar, haveria de arrancar os pecados de dentro dele, assumi-los e ascender com eles? Naturalmente — comentou, voltando a dirigir-se a Walter — isso não deve ser levado ao pé da letra, mas é um acontecimento das profundezas da alma dos nossos tempos, que, vestindo-se com a parábola desse homem, se insere na vontade de Clarisse...

Naquele momento, ele não soube se devia falar mais alguma coisa sobre a relação de Clarisse com a história da idéia de redenção, ou se seria mais fascinante explicar ainda uma vez, a sós com ela, a sua missão de liderança; mas ela saltara de sua cadeira, como uma criança eufórica, ergueu o braço com punho cerrado, sorriu entre envergonhada e violenta, e cortou qualquer elogio com uma exclamação aguda:

— Avante, ao encontro de Moosbrugger!

— Mas não há quem consiga nos introduzir lá... — disse Siegmund.

— Eu não vou junto! — assegurou Walter, com firmeza.

— Não posso pedir favores a um Estado da liberdade e igualdade em todos

os preços e tamanhos! — explicou Meingast.

— Então é Ulrich quem tem de nos conseguir a permissão! — exclamou Clarisse.

Os outros concordaram logo, sentindo-se liberados depois de um grande esforço, e até Walter, apesar de resistir, por fim teve de assumir a tarefa de telefonar da loja mais próxima ao amigo designado para ajudar. Com isso, interrompeu definitivamente Ulrich na escrita daquela carta a Ágata. Ele ouviu, espantado, a voz de Walter, e seu recado. Podia-se discordar, acrescentou Walter por conta própria, mas no fundo não era mero capricho. Talvez se precisasse realmente começar alguma coisa e não era tão importante qual seria. Naturalmente a aparição de Moosbrugger nesse contexto era apenas um acaso; mas Clarisse tinha uma tão singular espontaneidade, seu pensamento parecia feito de imagens sempre novas pintadas em cores puras e isoladas, duras e rebeldes, mas que, quando se entende seu jeito de ser, muitas vezes se revelam surpreendentemente corretas. Ele não conseguia explicar tudo ao telefone; que Ulrich não o abandonasse agora...

Ulrich ficou satisfeito por o terem chamado e aceitou o convite, embora a extensão do trajeto não combinasse com os breves quinze minutos que teria para conversar com Clarisse; pois esta fora convidada pelos pais para jantar com eles, em companhia de Walter e Siegmund. No trajeto, Ulrich espantou-se por ter passado tanto tempo sem pensar em Moosbrugger, e que fosse sempre Clarisse a lembrá-lo, embora antigamente esse indivíduo tivesse ocupado seus pensamentos quase sem interrupção. Mesmo na escuridão que Ulrich atravessou da parada final do bonde até a casa dos amigos, não havia lugar para aquele espectro; o vazio em que surgira voltara a se fechar. Ulrich notou isso satisfeito, e com aquela branda incerteza a respeito de si mesmo, consequência de transformações maiores do que suas causas. Atravessou a escuridão frouxa, com sensação de bem-estar, varando-a com o negrume mais denso de seu próprio corpo, quando viu Walter chegando ao seu encontro, inseguro, com medo daquele lugar isolado, mas querendo trocar algumas palavras com ele antes de se reunirem aos outros. E continuou a sua conversa animadamente, onde fora interrompida. Parecia querer defender a si e a Clarisse de mal-entendidos.

Por toda parte, embora as idéias dela parecessem desconexas, deparava-se com um material enfermo, que realmente fermentava naqueles tempos; essa era a capacidade mais estranha dela. Clarisse era como uma vara revelando processos ocultos no solo. Nesse caso, era a necessidade de se colocarem novamente “valores” em lugar da postura passiva, meramente intelectual e sensível do homem contemporâneo; a inteligência da época não deixara em parte alguma um ponto firme, e então, só a vontade, e, se fosse preciso, até a violência, podiam criar uma nova hierarquia de valores, na qual o ser humano encontrasse começo e fim para seu interior... E repetiu, hesitante mas entusiasmado, o que ouvira de Meingast.

Adivinhando isso, Ulrich perguntou mal-humorado:

— Por que você usa expressões tão empoladas? É por causa desse profeta de vocês?

Antigamente, você apreciava tanto a simplicidade e naturalidade!

Walter tolerou isso por causa de Clarisse, para que o amigo não lhes negasse ajuda; mas se houvesse ao menos um raio de luz naquela noite sem lua, teriam-se visto rebrilhar seus dentes, a boca entreaberta num ar impotente. Nada respondeu, mas a raiva contida o deixou fraco, e a proximidade do amigo musculoso, que o protegia contra aquela solidão assustadora, o deixava mole. De repente, disse:

— Imagine que você ama uma mulher e encontra um homem a quem você admira, e reconhece que sua mulher também o admira, e ama, e vocês dois sentem, com o amor, ciúme e admiração, a inatingível superioridade desse homem...

— Não consigo imaginar isso! — Ulrich devia ter-lhe dado ouvidos, mas ergueu os ombros, rindo, enquanto o interrompia.

Walter lançou um olhar venenoso em sua direção. Queria perguntar: “O que você faria nesse caso?” Mas o velho jogo de amigos de juventude repetiu-se: caminharam pela semiclaridade do vestíbulo da escada, e ele exclamou:

— Não finja: você não é convencido a ponto de ficar tão insensível!

E teve de correr para alcançar Ulrich, e instruí-lo ainda na escada, em voz baixa, sobre tudo o que deveria saber.

— O que foi que Walter lhe contou? — perguntou Clarisse, lá em cima.

— Posso fazer o que vocês querem — respondeu Ulrich sem rodeios —, mas duvido que seja coisa sensata.

— Está ouvindo, a primeira palavra dele é “sensato”! — exclamou Clarisse para Meingast, dando risada. Estava em plena atividade entre armário de roupa, lavatório, espelho e porta semi-aberta ligando seu quarto com o aposento onde estavam os homens. Mostrava-se de tempos em tempos; com rosto molhado e cabelos soltos por cima, cabelo escovado, pernas nuas, de meias sem sapato, da cintura para baixo metida num vestido social, em cima ainda com um penteador que parecia um avental branco de hospício...: esse aparecer e desaparecer lhe fazia bem. Uma vez que impusera sua vontade, todos os seus sentimentos mergulhavam numa branda volúpia.

— Estou dançando em cima de arames de luz! — exclamou para dentro do aposento. Os homens sorriram; só Siegmund olhou o relógio e, com ar profissional, pediu pressa. Encarava tudo aquilo como um exercício de ginástica.

Então, Clarisse deslizou até o canto do quarto sobre um “arame de luz”, para apanhar um broche, e fechou a gaveta do criado-mudo.

— Eu fico pronta mais depressa que um homem! — respondeu a Siegmund no quarto ao lado, mas de repente parou, pensando no duplo sentido do termo que usara, que para ela significava naquele momento tanto vestir-se quanto estar pronta para misteriosos destinos. Terminou de vestir-se depressa, meteu a cabeça pela porta e olhou com o rosto sério seus amigos, um após o outro. Quem não considerasse isso brincadeira, poderia ter-se assustado, por ver que naquele semblante sério se apagara algo que faria parte de um rosto comum e saudável. Ela fez uma mesura diante dos amigos, e disse, solene:

— Então, agora, estou pronta para meu destino! — Mas quando se endireitou, tinha a aparência habitual, até bem encantadora, e seu irmão Siegmund exclamou:

— Adiante, vamos! Papi não gosta que a gente chegue atrasado para o jantar!

Quando andavam os quatro até o bonde, Meingast tendo sumido antes da despedida, Ulrich ficou um pouco atrás com Siegmund, e perguntou se este não andava preocupado com a irmã ultimamente. O cigarro bruxuleante de

Siegmund descreveu um arco levemente ascendente na escuridão.

— Sem dúvida, ela é anormal — respondeu ele. — Mas Meingast é normal? Ou mesmo Walter? Tocar piano é normal? E um estado inusitado de excitação, ligado a um tremor nas juntas das mãos e dos pés. Para o médico, nada é normal. Mas se me perguntar a sério: minha irmã está um tanto superexcitada, e penso que isso irá melhorar assim que o grão-mestre tiver ido embora. O que pensa dele? — Ele acentuara com leve malignidade os dois tempos futuros dos verbos.

— Um falastrão! — disse Ulrich.

— Não é mesmo? — disse Siegmund, contente. — Nojento, nojento!

— Mas interessante como pensador, não nego isso totalmente! — acrescentou depois de uma pausa.

20

O CONDE LEINSDORF SE MOSTRA CÉTICO QUANTO À PROPRIEDADE E CULTURA

E foi assim que Ulrich visitou novamente o Conde Leinsdorf.

Encontrou Sua Alteza rodeado de silêncio, devoção, solenidade e beleza diante da escrivaninha, com o jornal em cima de uma alta pilha de documentos, lendo. O Conde sacudiu a cabeça preocupado depois de dar novamente os pêsames a Ulrich.

— Seu papai foi um dos últimos verdadeiros representantes da propriedade e cultura — disse. — Lembro-me muito bem do tempo em que participei com ele da Assembléia da Boêmia: ele merecia a confiança que sempre lhe dedicamos!

Para ser cortês, Ulrich perguntou que progressos a Ação Paralela fizera durante sua ausência.

— Devido às arruaças diante de minha casa, que o senhor ainda presenciou, iniciamos agora uma “enquete para constatar os desejos dos círculos interessados da população quanto à reforma da administração interna” — contou o Conde Leinsdorf. — O Primeiro Ministro pessoalmente desejou que o livrássemos dessa tarefa, porque, como empreendimento patriótico, gozamos por assim dizer da confiança geral.

Ulrich assegurou, com rosto sério, que de qualquer modo o nome fora muito bem escolhido, e prometia ter certo efeito.

— Sim, uma expressão correta é importante — disse Sua Alteza, pensativo, e perguntou de súbito: — E sobre essa história dos funcionários municipais de Trieste? Acho que para o governo está mais do que em tempo de tomar uma postura decidida!

— Ele fez gesto de passar a Ulrich o jornal que tinha dobrado quando o outro entrara, mas no último momento decidiu abri-lo ele mesmo e leu,

animadamente, uma longa passagem ao seu visitante. — Acha que há no mundo outro país onde uma coisa dessas seria possível? — perguntou ao terminar. — A cidade austríaca de Trieste faz isso há anos, aceitando apenas cidadãos italianos em seu serviço, para acentuar que não se sente parte de nós, mas da Itália. Uma vez, estive lá no aniversário do imperador: nem uma única bandeira em toda a Trieste, exceto no Palácio do Governo, na Secretaria da Fazenda, na prisão e em alguns telhados de casernas! Mas se tiver alguma coisa a fazer em qualquer repartição de Trieste no dia de aniversário do rei da Itália, não encontrará um funcionário sem flor na lapela!

— Mas por que toleraram isso até hoje? — perguntou Ulrich.

— Por que não se toleraria? — respondeu o Conde, aborrecido. — Se o governo força a comunidade a demitir seus funcionários estrangeiros, logo dirão que estamos germanizando. E todo governo receia esse tipo de acusação. Sua Majestade também não gosta de ouvi-la. Afinal, não somos prussianos!

Ulrich pensou recordar que a cidade portuária e costeira de Trieste fora fundada em solo eslavo pela República Veneziana em expansão, incluindo hoje uma grande população eslovena; mesmo que fosse encarada apenas como assunto particular de seus habitantes, embora além disso fosse porta para o comércio oriental de toda a monarquia, dependendo e vivendo dela em todos os modos, não se podia ignorar o fato de que sua populosa pequena burguesia eslava questionava apaixonadamente o direito da alta burguesia de fala italiana, privilegiada, de considerar a cidade propriedade sua. E foi o que Ulrich disse.

— É correto — doutrinou o Conde Leinsdorf. — Mas assim que se afirma que estamos germanizando, os eslovenos imediatamente se aliam aos italianos, embora fora isso estejam sempre brigando! Nesse caso, os italianos recebem também apoio de todas as outras nacionalidades. Passamos por isso muitas vezes. Se quisermos pensar em termos de *Realpolitik*, querendo ou não é preciso ver nos alemães um perigo para o nosso entendimento! — O Conde Leinsdorf concluiu muito pensativo, e ficou assim algum tempo, pois tocara no grande esboço político que o preocupava, sem ter dele, até hoje, idéia mais precisa. De repente, animou-

se outra vez, e prosseguiu, aliviado. — Mas pelo menos, desta vez lhes dissemos poucas e boas!

— E colocou novamente o pincenê no nariz, com um gesto inseguro, devido à impaciência, e leu, com prazerosa ênfase, mais uma vez todas as passagens que mais lhe agradavam do decreto do governo imperial-real de Trieste, reproduzido no jornal:

— “Repetidas exortações das autoridades de fiscalização foram inúteis. ...Prejuízo aos nativos do país... Diante dessa postura observada, de teimosia em relação às determinações oficiais, o governador de Trieste viu-se obrigado a fazer valer as determinações legais por intervenção pessoal de sua parte...” Não acha que é uma linguagem digna? — interrompeu-se. Ergueu a cabeça, baixou-a de novo, pois seu interesse já se dirigia para o trecho final, cuja urbana dignidade oficial foi sublinha-

da pela sua voz com prazer estético: — “O governo reserva-se enfim o direito de, em qualquer tempo, tratar com benevolência eventuais pedidos de naturalização isolados desses funcionários públicos, na medida em que os mesmos, devido a longos serviços à comunidade e postura impecável, parecerem dignos de tratamento especial, e o governo imperial-real inclinasse em tais casos, sem abandonar seu ponto de vista e atribuições, a renunciar provisoriamente à aplicação imediata deste decreto.” O governo devia ter falado sempre assim! — exclamou o Conde Leinsdorf.

— Vossa Alteza não acha que devido a esse trecho final... no fim tudo continua como estava? — perguntou Ulrich um pouco depois que o rabo daquela cobra frasal oficial sumira inteiramente no seu ouvido.

— Sim, é isso! — respondeu Sua Alteza, girando o polegar de uma das mãos em torno do da outra durante um minuto, como sempre fazia quando refletia intensamente. Mas depois, encarou Ulrich com ar perquiridor e abriu-se:

— Lembra-se de que o Ministro do Interior, quando estivemos na inauguração da exposição policial, previu um espírito de “solidariedade e severidade”? Bem, não exijo que se trancafiem logo todos os elementos heréticos que fizeram arruaça à minha porta, mas o Ministro deveria ter encontrado palavras de repúdio dignas diante do Parlamento! — disse,

magoado.

— Achei que isso acontecera na minha ausência! — exclamou Ulrich com fingido espanto, que pareceu natural, pois sabia que uma dor legítima revolvía a alma de seu benevolente amigo.

— Não aconteceu coisa nenhuma! — disse Sua Alteza. Fitou Ulrich mais uma vez, examinando-o com olhos preocupados e saltados, e continuou desabafando:

— Mas vai acontecer! — Endireitou-se, e recostou-se calado no encosto de sua cadeira.

Tinha os olhos cerrados. Quando os abriu de novo, começou a explicar em tom calmo:

— Veja, caro amigo, nossa constituição de mil oitocentos e sessenta e um deu à nacionalidade alemã, e nela à propriedade e cultura, inquestionavelmente, a liderança na vida política experimentalmente instaurada. Foi um presente grandioso, cheio de confiança e talvez até um tanto fora de época, dado pela generosidade de Sua Majestade; pois o que se tornou essa propriedade e cultura desde então? — O Conde Leinsdorf ergueu uma mão e deixou-a tombar de novo sobre a outra, resignado. — Quando, em mil oitocentos e quarenta e oito, Sua Majestade subiu ao trono em Olmuz, portanto no exílio — prosseguiu ele, devagar, mas de repente ficou impaciente, ou inseguro, tirou do bolso, com dedos trêmulos, um rascunho, lutou nervosamente com o pincenê para ajeitá-lo corretamente sobre o nariz, e continuou lendo, em certos trechos com voz fremente de emoção, sempre ocupado com o trabalho de decifrar seu esboço —, estava rodeado pelo desenfreado anseio de liberdade dos povos. Conseguiu dominar os excessos. Apesar de algumas concessões ao desejo dos povos, por fim saiu vitorioso, ainda por cima vencedor misericordioso e clemente, que perdoou os erros de seus súditos e lhes estendeu a mão para uma paz honrosa. A constituição e outras liberdades tinham sido concedidas por ele sob a pressão dos fatos, é verdade, mas eram um ato de livre vontade de Sua Majestade, fruto de sua sabedoria e misericórdia, e da esperança no progresso cultural dos povos. Mas essa bela relação entre Imperador e Povo foi nos últimos anos perturbada por elementos instigadores e demagógicos. — O Conde Leinsdorf interrompeu a leitura de sua des-

crição da história política, em que cada palavra fora cuidadosamente ponderada e burilada, e contemplou pensativo o retrato de seu antepassado, o Cavaleiro de Maria Teresa, o Marechal, pendurado na parede à sua frente. E quando o olhar insistente de Ulrich atraiu o seu olhar, o Conde disse:

— Ainda não consegui escrever mais que isso. Mas está vendo que nos últimos tempos ponderei intensamente essas relações — disse. — O que acabo de ler para o senhor é o começo da resposta que o Ministro teria de ter dado ao Parlamento, por ocasião daquela manifestação dirigida contra mim, se tivesse ocupado direito o lugar que lhe cabia! Eu mesmo elaborei isso aos poucos, e posso confidenciar-lhe que também terei ocasião de apresentar meu esboço a Sua Majestade, assim que tiver terminado. Pois, veja, a constituição de sessenta e um não confiou por acaso a liderança à propriedade e cultura; era uma espécie de garantia. Mas onde estão, hoje, propriedade e cultura?

Parecia muito zangado com o Ministro do Interior, e, para distraí-lo, Ulrich disse ingenuamente que pelo menos da propriedade podia-se dizer, hoje, que estava nas mãos dos bancos e da nobreza feudal experiente.

— Não tenho nada contra os judeus — assegurou o Conde Leinsdorf, espontaneamente, como se Ulrich tivesse dito alguma coisa que exigisse essa justificação.

— Eles são inteligentes, aplicados, e leais. Mas cometeu-se um grande erro dando-lhes nomes inadequados. Rosenberg e Rosenthal, por exemplo, são nomes aristocráticos; Löw, Bär^{13} e animaizinhos parecidos são animais de brasões familiares; Meier^{14} vem da propriedade rural; Gelb, Blau, Rot, Gold^{15} são cores de escudos; todos esses nomes judeus

— explicou Sua Alteza surpreendentemente — não passam de insolência de nossa burocracia contra a aristocracia. Era esta que devia ser atingida, não os judeus, por isso deram, além desses nomes, outros ainda aos judeus, como Abeles, Judel ou Tröpfelmacher. Esse ressentimento de nossa burocracia contra a velha aristocracia é coisa que o senhor, se estivesse completamente inteirado, também hoje em dia iria constatar com frequência — predisse ele, sombrio e obstinado, como se a luta da administração central com o feudalismo há muito não tivesse sido superada pela história, e não tivesse sumido totalmente do rosto dos vivos. E, com efeito, nada irritava tanto Sua Alteza quanto aqueles privilégios sociais de altos

funcionários, devidos a sua posição, ainda que se chamassem burguesmente Fuchsenbauer ou Schlosser. O Conde Leinsdorf não era um senhor feudal obstinado, pretendia ter sentimentos modernos, tais nomes não o estorvavam num parlamentar, ainda que fosse ministro, nem em algum particular influente, nem ele jamais se fechava contra o valor político e econômico da burguesia, mas exatamente altos funcionários da administração com nomes burgueses o irritavam com um fervor que continha um resquício de veneráveis tradições.

Ulrich ficou pensando se o comentário de Leinsdorf não teria sido provocado pelo marido de sua prima, o que não era impossível, mas o Conde Leinsdorf continuou falando, e, como sempre, em breve foi arrebatado por uma idéia que há muito o ocupava, acima de todo o terreno pessoal.

— Toda a chamada questão judaica seria eliminada do mundo, se os judeus quisessem decidir-se a falar hebraico, assumir de novo seus velhos nomes, e vestir roupas orientais — explicou. — Admito que um homem da Galícia que acabou de enriquecer não fique bem na esplanada de Ischl com traje de tirolês e penacho no chapéu. Mas meta-o numa túnica comprida e ondulante, rica, que lhe cubra as pernas, e verá como seu rosto e seus grandes gestos animados combinam com esse traje! Tudo aquilo que hoje dá origem a piadas estaria então no seu lugar certo; até os preciosos anéis que gostam de usar. Sou adversário da assimilação, como é praticada pela aristocracia inglesa; é um processo muito demorado e inseguro. Mas devolva-se aos judeus sua verdadeira natureza, e verão como eles serão uma pedra preciosa, uma aristocracia singular entre os povos que se colocam agradecidos ao redor do trono de Sua Majestade, ou, se prefere uma idéia cotidiana e clara, passeiam no nosso Ring, tão singular no mundo, onde, no meio da maior elegância européia ocidental, se pode ver um maometano de barrete vermelho, um eslovaco em pele de ovelha, ou um tirolês de pernas de fora!

Ulrich não pôde deixar de manifestar sua admiração pela aguda visão de Sua Alteza, que conseguira agora descobrir o “verdadeiro judeu”.

— Sim, sabe, a legítima fé católica nos educa para vermos as coisas como realmente são — explicou o Conde, benevolente. — Mas não adivinharia

como cheguei a isso. Não foi através de Arnheim, não estou falando do prussiano. Mas tenho um banqueiro, naturalmente de religião mosaica, com quem há longo tempo conferencio; no começo, seu tom sempre me perturbava um pouco, de modo que não conseguia prestar direito atenção ao lado profissional da conversa. Ele fala exatamente como se quisesse me persuadir de que é meu tio; quero dizer, assim como se tivesse acabado de descer do cavalo ou querendo fazer-se de sabichão.

Eu diria, como falam os nossos próprios conterrâneos; mas resumindo, aqui e ali, quando fica veemente, fracassa, e, bem, começa a falar como judeu. Isso me atrapalhava muito, aliás acho que já o disse no começo; porque sempre acontecia no momento mais importante da conversa sobre negócios, de modo que, sem querer, eu ficava esperando por isso, e não conseguia mais prestar atenção no resto, ou simplesmente escutava algo de importante em tudo que ele dizia. Então, tive uma idéia: simplesmente, cada vez que ele começava a falar assim, imaginei que falava hebraico, e o senhor precisava ouvir: que som mais agradável de escutar! Simplesmente fascinante; é uma língua de igreja; uma cantilena melodiosa — eu sou muito musical, devo dizer: em suma, ele insinuava em mim, como se tocasse piano, os mais complexos cálculos de juros e descontos. — O Conde Leinsdorf sorriu melancolicamente, por algum motivo.

Ulrich permitiu-se uma observação, dizendo que os que eram distinguidos pela benevolente simpatia de Sua Alteza provavelmente iriam rejeitar sua sugestão.

— Naturalmente não vão querer aceitar! — disse o Conde. — Mas a gente os teria de forçar, para sua própria felicidade! Nossa monarquia teria de cumprir nesse campo uma verdadeira missão mundial, e não importa se o outro quer ou não! Sabe, muitas coisas tiveram de ser forçadas no começo. Mas pense no que significaria se mais tarde fôssemos aliados a um estado judeu agradecido, em vez de nos aliarmos com alemães do Reich e prussianos! Com nossa Trieste, que é por assim dizer a Hamburgo do Mediterrâneo, sem falar em que seremos diplomaticamente insuperáveis se tivermos os judeus do nosso lado, além do Papa!

E acrescentou abruptamente:

— Naturalmente deve pensar que agora me ocupo também com questões monetárias!

Chamava atenção que Sua Alteza, tendo solicitado repetida e insistentemente a visita de Ulrich, agora, que esse finalmente viera, não lhe falasse das questões urgentes, mas divagasse. Provavelmente, enquanto tivera de se privar do interlocutor, muitas idéias lhe tinham nascido, lembrando a inquietação de abelhas que voam longe, mas em tempo virão reunir-se com seu mel.

— Talvez o senhor objete — começou novamente o Conde Leinsdorf, embora Ulrich se calasse — que em ocasiões anteriores falei com bastante desprezo sobre finanças. Não quero negar isso: pois o que é demais naturalmente é demais, temos finanças demais na vida atual; mas exatamente por isso temos de nos ocupar com elas! Veja: a cultura não equilibrou a propriedade, esse é todo o segredo da evolução desde mil oitocentos e sessenta e um. E por isso temos de cuidar da propriedade.

Sua Alteza fez uma pausa quase imperceptível, apenas para anunciar ao interlocutor que agora falaria no segredo da propriedade, mas depois prosseguiu numa familiaridade mais grave:

— Veja, numa cultura o mais importante é o que ela proíbe ao homem; não faz parte dela, e acabou-se. Um homem culto por exemplo jamais comerá molho com faca; sabe Deus por quê; não se pode provar isso na escola. É o chamado tato, que exige uma posição privilegiada para a qual a cultura ergue os olhos como para um modelo, em suma, se posso dizer assim, uma aristocracia. Admito que a nossa não foi sempre a que deveria ter sido. E exatamente nisso reside o sentido, a tentativa revolucionária da constituição de mil oitocentos e sessenta e um: propriedade e cultura deveriam ter-se colocado ao lado dela. Fizeram isso? Conseguiram aproveitar a grande possibilidade que a benevolência de Sua Majestade lhes proporcionou? Estou convencido de que também o senhor não afirmará que as experiências que temos semanalmente nessa grande tentativa realizada agora pela senhora sua prima correspondam a tais esperanças!

Sua voz animou-se novamente, e ele exclamou:

— Sabe, é muito interessante ver tudo o que hoje em dia se intitula espírito! Recentemente falei disso a Sua Eminência o Cardeal, durante a caçada em Murzsteg — não, foi em Murzbruck, no casamento da pequena Hostnitz! Ele bateu palmas e riu: “Cada ano uma novidade!”, disse. “Aí você vê como somos pouco exigentes: faz quase dois mil anos que não contamos nada de novo às pessoas!” E é bem verdade, isso! A crença consta principalmente em se acreditar sempre na mesma coisa, eu diria, embora seja uma afirmação herética. “Está vendo”, me disse ele, “eu estou sempre caçando porque meu antecessor, sob Leopold von Babenberg, também caçava. Mas eu não mato nenhum animal” — ele é conhecido por nunca disparar um tiro nas caçadas — “porque uma repulsa interior me diz que isso não combina com minhas vestes. E com você posso falar disso, porque ainda meninos aprendemos juntos a dançar. Mas nunca aparecerei em público dizendo: não atirem nos animais! Meu Deus, quem sabe se seria verdade, e de qualquer modo não faz parte da doutrina da Igreja. As pessoas que frequentam a casa de sua amiga, porém, dizem tudo que mal lhes ocorreu! E isso que hoje se chama de espírito!” Para ele, é fácil — disse o Conde Leinsdorf, falando agora em seu próprio nome —, porque sua função é efetiva. Nós leigos temos a difícil função de encontrar o bem na diversificação constante. E eu lhe disse isso. Perguntei: “Por que Deus permitiu que existisse uma literatura, pintura e assim por diante, se no fundo nos parecem tão sem graça?” E ele me deu uma explicação muito interessante. “Você já ouviu falar de psicanálise?”, perguntou. Eu não soube direito o que responder. “Bom”, disse ele, “talvez você responda que ela é uma imundície. Não vamos discutir isso, todo mundo afirma a mesma coisa; apesar disso, procuram mais esses médicos moderninhos do que a nossos confessionários católicos. Eu lhe digo, eles correm para lá aos bandos, porque a carne é fraca! Comentam seus pecados secretos porque isso lhes dá um grande prazer, e quando falam mal da psicanálise, acredite: quem fala mal, compra! Mas eu também podia lhe provar que o que aqueles médicos ímpios pensam ter inventado não é senão o que a Igreja faz desde seus primórdios: exorcizar o demônio e curar os possessos. A semelhança com o ritual dos exorcismos vai até os menores detalhes, por exemplo, quando tentam, por seus meios, fazer o possuído dizer o que está dentro dele: segundo a doutrina da Igreja, isso é exatamente o ponto crítico em que o diabo tenta atacar a primeira vez! Apenas não percebemos que devíamos nos adaptar

em tempo às necessidades diferentes das pessoas, e, em vez de imundície e demônio, falar de psicose, inconsciente e coisas assim.” Não acha isso interessante? — perguntou o Conde Leinsdorf. — Mas talvez seja mais interessante ainda o que ele disse em seguida: “Não vamos dizer que a carne é fraca, mas que também o espírito é fraco! Nisso, a Igreja foi esperta, e não permitiu que nada lhe acontecesse! O homem teme o demônio que lhe entra na carne, embora finja que o está combatendo, mas nem de longe o teme na mesma medida que as iluminações do espírito. Você não estudou teologia, mas pelo menos a respeita, e isso é mais que um filósofo mundano na sua cegueira jamais conseguiu: posso lhe dizer que a teologia é tão difícil, que quem só se ocupou dela por quinze anos sabe que não entende realmente uma só palavra dela! E naturalmente, ninguém acreditaria se soubesse como isso no fundo é difícil: todos simplesmente começariam a nos insultar! Da mesma forma — você está entendendo agora?”, disse ele com ar astuto — “como insultam hoje os que escrevem seus livros e pintam seus quadros e fazem suas colocações. É com o coração alegre que damos espaço à pretensão deles, pois você pode crer: quanto mais sério falar um deles, quanto menos ele pretender apenas divertir e ganhar dinheiro, quanto mais, portanto, servir a Deus por um descaminho, tanto mais insípido será para as pessoas, e tanto mais elas o insultarão. ‘Isso aí não é a vida!’, dirão. Nós, porém, sabemos o que é a verdadeira vida, e vamos lhes mostrar isso, e, como podemos esperar, talvez você próprio ainda os veja correndo de volta para nós, cheios de ódio pela sua vã inteligência. Hoje, você já o pode observar em nossas próprias famílias: e nos tempos de nossos pais, sabe Deus, acreditaram que poderiam transformar o céu numa universidade!”

O Conde Leinsdorf concluiu essa parte de seu relato, e abriu outra, dizendo: — Não quero afirmar que ele próprio tomasse tudo isso ao pé da letra. Os Hostnitz em Murzbruck têm um famoso vinho do Reno, que o General Marmont deixou lá no ano de mil oitocentos e cinco, e esqueceu, porque teve de marchar tão depressa sobre Viena; e na hora do casamento, foi esse vinho que serviram. Mas em geral, acho que o cardeal acertou em cheio. E se eu agora me pergunto como devo entender isso, só posso dizer: é correto, mas certamente não funciona. Quer dizer, não pode haver dúvida de que as pessoas que convidamos porque nos dizem que devem representar o espírito de nosso tempo nada têm a ver com a verdadeira vida. E a Igreja pode esperar calmamente; mas nós políticos civis não podemos esperar, temos de

extrair o bem da vida como ela é. O ser humano não vive só de pão, mas também da alma que, por assim dizer, faz parte da sua possibilidade de digerir bem o pão; e por isso é preciso... — o Conde Leinsdorf era de opinião que a política devia estimular a alma —, quer dizer, alguma coisa tem de acontecer, nosso tempo exige isso — disse ele. — Todas as pessoas têm hoje essa sensação, não só os políticos. Os tempos têm algo de provisório, coisa que ninguém aguenta a longo prazo.

Ele concebera a idéia de que era preciso dar um empurrão naquele precário equilíbrio das idéias sobre o qual repousava o não menos precário equilíbrio das potências européias.

— É quase secundário saber que empurrão! — assegurou a Ulrich, que declarou, com fingido horror, que Sua Alteza se transformara quase num revolucionário desde que se tinham separado.

— Sim, e por que não? — disse o Conde, lisonjeado. — Sua Eminência naturalmente também achou que pelo menos seria um pequeno passo em frente, poder mos levar Sua Majestade a ocupar com outras pessoas o Ministério do Interior, mas a longo prazo essas pequenas reformas não dão resultado, por mais necessárias que sejam. Sabe que às vezes, em minhas atuais reflexões, chego a pensar nos socialistas? — Ele deixou tempo para que seu interlocutor se recuperasse do espanto que julgava inevitável, e depois prosseguiu, determinado:

— Pode acreditar que o verdadeiro socialismo nem seria coisa tão assustadora como se pensa. Talvez objete dizendo que os socialistas são republicanos: com certeza não se deve ouvir o que dizem, mas se os encaramos do ponto de vista da política realista, quase nos convencemos de que uma república social-democrática com um soberano forte no topo não seria uma forma impossível de governo. Pessoalmente, estou certo de que, se fôssemos um pouco ao encontro deles, renunciariam com prazer ao uso de violência crua e se afastariam de seus condenáveis princípios; de qualquer modo, já tendem a um abrandamento da luta de classes e da negação da propriedade. E há realmente entre eles pessoas que ainda colocam o Estado à frente do partido, enquanto os burgueses, desde as últimas eleições, radicalizaram totalmente suas oposições nacionais.

E prosseguiu com voz abafada e tom familiar:

— Resta o Imperador. Eu já aludi há pouco que temos de aprender a pensar em termos de economia nacional; uma política unilateral de nacionalidades levou o Império ao deserto. O Imperador, no fundo do coração, nem sei como lhe dizer, mas, digamos: está pouco ligando para essa falação de liberdade tcheca-polonesa-alemã-italiana. O que Sua Majestade sente no fundo do coração é apenas o desejo de que se concedam sem cortes os meios de defesa, para que o Império seja forte, e depois, ainda sente uma viva repulsa por todas as petulâncias do mundo de idéias burguês, que provavelmente mantém desde o ano de quarenta e oito. Mas, com esses dois sentimentos, Sua Majestade é no fundo o Primeiro Socialista do País: acho que, agora, o senhor reconhece a grandiosa perspectiva de que lhe falo! Resta apenas a religiosidade, na qual ainda existe uma contradição insuperável, e sobre isso eu teria de falar mais uma vez com Sua Eminência.

Sua Alteza mergulhou, calado, na convicção de que a História, especialmente a de sua pátria, dado o nacionalismo estéril em que caíra, se veria em breve levada a dar um passo para o futuro, e, nesses termos, imaginava a natureza da História com duas pernas, mas de outro lado como uma necessidade filosófica. Assim, era compreensível que dissesse de repente, com olhos irritados como os de um mergulhador que foi fundo demais e volta à superfície:

— De qualquer modo, temos de nos preparar para cumprir nosso dever!

— E o que Vossa Alteza julga ser nosso dever? — perguntou Ulrich.

— Nosso dever? Bem, é cumprir nosso dever! É a única coisa que sempre se pode fazer! Mas, para falar de outra coisa — o Conde Leinsdorf parecia ter-se lembrado agora da pilha de jornais e documentos em que seu punho pousara: — Veja, o povo exige mão forte hoje em dia; uma mão forte precisa de palavras bonitas, senão o povo não a tolerará mais. E o senhor, exatamente o senhor, penso eu, tem muito dessa capacidade. O que disse por exemplo na última vez, quando antes de sua viagem estivemos todos reunidos em casa de sua prima, de que na verdade — se é que se lembra — agora deveríamos instalar uma comissão especial para a salvação da alma, para que ela possa se harmonizar com nossa precisão terrena de pensamento: bem, não seria tão fácil, mas Sua Eminência riu muito quando

lhe falei no assunto; como se costuma dizer, eu lhe esfreguei isso um pouco debaixo do nariz, e embora ele tenha mania de zombar de tudo, sei muito bem quando sua ironia vem do coração ou da bÍlis. Não podemos desistir do senhor, meu caro doutor...

Enquanto todas as manifestações do Conde Leinsdorf naquele dia tinham tido a consistência de sonhos complicados, o desejo seguinte, de que Ulrich desistisse de “renunciar definitivamente, ao menos por enquanto”, ao posto de secretário honorífico da Ação Paralela, era tão concreto e vivo, e o Conde colocou tão insinuante-mente a mão no braço de Ulrich, que este quase teve a impressão, não muito tranquilizadora, de que os discursos prolixos de antes tinham sido muito mais astutos do que imaginara, destinados unicamente a adormecer sua cautela. Nesse momento, teve bastante raiva de Clarisse, que o levara àquela situação. Como, entretanto, tivesse solicitado o obséquio do Conde Leinsdorf já ao primeiro intervalo da conversa, e o benevolente senhor, que desejava continuar falando sem interrupção, o tivesse atendido de maneira tão amável, nada lhe restava senão pagar na mesma moeda, embora com relutância.

— O Tuzzi já me mandou dizer — respondeu o Conde Leinsdorf, satisfeito — que talvez o senhor se decidisse por um homem do escritório dele, que se incumbiria dos trabalhos desagradáveis. E eu respondi: “Muito bem, desde que ele o faça!” Afinal, é um funcionário público que lhe queremos oferecer, e meu secretário, que eu lhe colocaria à disposição de muito bom grado, infelizmente é um palerma. Apenas é melhor talvez não lhe mostrar os assuntos reservados, pois afinal não é muito agradável que o homem nos tenha sido recomendado logo por Tuzzi, mas, de resto, faça seu futuro o mais confortável possível — concluiu Sua Alteza, magnânimo, encerrando a exitosa conversa.

Durante esse tempo, e a partir do momento em que ficara sozinha, Ágata vivia alheia a tudo e a todos, envolta numa doce melancolia; era como se estivesse a grande altura e só avistasse o amplo céu azul. Andava um pouco pela cidade diariamente, para se distrair; quando estava em casa, lia; cuidava de seus negócios, vivendo com agradecido prazer aquela leve e insignificante atividade. Nada ameaçava sua condição, não se prendia ao passado nem lutava pelo futuro; quando seu olhar caía sobre algum objeto ao redor, era como se atraísse um cordeirinho: ou o objeto se aproximava docemente, ou nem ligava para ela — mas jamais o percebia com esse movimento interior de quem agarra, que confere a toda a razão fria algo de violento mas vão, pois espanta a felicidade que existe nas coisas. Dessa maneira, tudo que rodeava Ágata parecia-lhe muito mais compreensível do que antes, mas principalmente ocupava-se ainda dos diálogos com seu irmão. Conforme a singularidade de sua memória extremamente fiel, que não deformava o assunto com nenhum tipo de julgamento e plano, emergiam novamente as palavras vivas, as pequenas surpresas da tonalidade e dos gestos daqueles diálogos, sem muita conexão, como tinham sido, ainda antes de Ágata os entender e saber o que queriam. Apesar disso, tudo era extremamente pleno de sentido; sua memória, na qual reinara muitas vezes o remorso, dessa vez estava repleta de tranquilo afeto, e de um modo lisonjeiro o tempo passado continuava estreitamente apertado ao calor do corpo, em vez de, como de hábito, perder-se em gelo e treva que devoram o que se viveu inutilmente.

E assim, envolta numa luz invisível, Ágata também falava com os advogados, tabeliães e comerciantes a quem seu caminho a levava. Ninguém a rejeitava; todos concordavam com tudo o que aquela encantadora jovem mulher, recomendada pelo nome do pai, queria. E ela

agia no fundo com segurança não menor que seu alheamento: o que decidira estava firme, mas ao mesmo tempo ficava fora dela, e sua experiência, adquirida na vida — portanto, também algo que se pode distinguir da pessoa — continuava trabalhando nessa decisão como um assalariado esperto que aproveita impassível as vantagens que sua tarefa oferece; jamais se inseria, nos seus pensamentos desse tempo, a idéia de que estava na iminência de fraudar alguém, coisa evidente para quem estivesse de fora. A unidade de sua consciência impedia isso. O brilho de sua consciência iluminava aquele ponto escuro que jazia ali no meio como o centro de uma chama. Ágata não sabia como se expressar: por seu propósito, estava imensamente distante desse mesmo propósito tão feio.

Já na manhã depois da partida de seu irmão Ágata se examinara atentamente; começara casualmente com o rosto, pois seu olhar deparara com ele, e não saíra mais do espelho. Ficara tão presa como quando às vezes não se quer andar mas se acaba dando mais passos até uma coisa que finalmente se avista, da qual se pretende retornar definitivamente, sem no entanto o fazer. Dessa maneira, ela ficou fascinada sem vaidade pela paisagem do seu eu, que surgia diante de seus olhos debaixo de um sopro de vidro. Chegou ao cabelo que ainda parecia veludo claro; abriu a gola de seu reflexo no espelho e afastou-lhe o vestido dos ombros; por fim, despiu-o completamente e

examinou-o até as unhas rosadas, onde o corpo termina em pés, mãos, e quase nem se pertence mais. Tudo ainda era como o dia cintilante que se aproxima do zênite: erguendo-se puro, exato, repassado daquele vir a ser que é a manhã, e que se expressa numa pessoa ou num animal jovem da mesma maneira indescritível que numa bola que ainda não atingiu seu ponto mais alto, mas está perto dele.

“Talvez ele o esteja atingindo exatamente neste momento”, pensou Ágata, e esse pensamento a assustou. Mesmo assim, podia durar mais algum tempo: ela tinha apenas vinte e sete anos. Seu corpo, sem influência de esportes e massagens, nem partos e maternidade, não fora formado senão por seu próprio crescimento. Se o tivessem podido transportar, despido, para uma daquelas vastas paisagens solitárias formadas pelas encostas de altas montanhas viradas para o céu, teria sido carregado como o de uma deusa paga pelas amplas e estéreis ondas das alturas. Numa natureza desse tipo, o

meio-dia não despeja nuvens de luz e calor, parece apenas subir mais um pouquinho acima de seu auge, e passa imperceptivelmente para a beleza descendente da tarde. O espelho lhe devolvia a sensação um tanto sinistra de uma hora indefinida.

Nesse momento, Ágata pensara que também Ulrich deixava passar sua vida como se fosse durar eternamente. “Talvez seja um erro não nos termos conhecido só como anciãos”, disse para si mesma, e teve a melancólica visão de dois bancos de nevoeiro que baixam sobre a terra ao anoitecer. “Não são tão bonitos como o meio-dia radiante”, pensou, “mas que importa a esses dois informes tons cinzentos o que os humanos pensam deles? Sua hora chegou, e é tão doce quanto a mais ardente das horas!” Quase dera as costas para o espelho, mas, na sua tendência ao exagero, sentia-se estimulada a virar-se novamente, e teve de rir da lembrança de dois gordos hóspedes da estação de águas de Marienbad, que observara há anos num banco verde, onde se acariciavam com as mais ternas e doces emoções. “Também o coração deles bate esguio no meio da gordura, e, mergulhados numa visão interior, nada sabem da comicidade do seu exterior”, pensou ela, e fez uma cara delicada enquanto tentava inflar o corpo e apertá-lo, formando dobras de gordura. Quando aquele excesso de euforia passou, parecia que algumas diminutas lágrimas de raiva tinham subido a seus olhos, e, controlando-se, fria, ela voltou a examinar minuciosamente sua imagem. Embora passasse por esguia, observou em seus membros, excitada, uma possibilidade de ficar pesada demais. Talvez o tórax também fosse muito largo. Da pele muito alva, escurecida no rosto pelo louro dos cabelos como por velas acesas de dia, o nariz se destacava um pouco demais e, de um lado, sua linha quase clássica era um pouco côncava na ponta. Aliás, em toda parte podia esconder-se naquela forma básica de labareda uma outra mais larga e melancólica, como uma folha de tília que se meteu entre ramos de loureiro. Ágata teve curiosidade em relação a si mesma, como se pela primeira vez se contemplasse direito. Assim a poderiam ter visto facilmente homens com quem tivera casos, e ela própria nada soubera a respeito. Essa sensação não era suspeita. Mas por algum caminho da fantasia ela ouviu, antes de poder interrogar sua própria memória, atrás de tudo o que vivera o longo e intenso grito de amor dos burros, que sempre a excitara estranhamente: ele soa infinitamente tolo e feio, mas exatamente por isso talvez nenhum outro heroísmo de amor seja tão desconsoladamente doce.

Ela deu de ombros pensando em sua vida, e virou-se novamente para a sua própria imagem, com a vontade firme de descobrir nela um lugar onde já aparecessem sinais de velhice. Havia pequenos locais nos olhos e orelhas, que se transformam primeiro, e no começo parecem apenas como se tivéssemos dormido sobre eles, ou a redondeza debaixo da parte interna dos seios, que tão facilmente perde a sua nitidez: nesse momento ela se teria tranquilizado e sentido uma promessa de paz se notasse qualquer mudança, mas ainda não se percebia nenhuma, e a beleza do corpo pairava quase inquietante na profundidade do espelho.

Nesse momento, Ágata sentiu verdadeira estranheza por ser a Sra. Hagauer, e a diferença entre as relações nítidas e densas que isso estabelecia e a incerteza que, vinda de fora, se estendia para ela era tão forte, que pareceu estar ali parada sem corpo, enquanto o corpo pertencia àquela Sra. Hagauer no espelho, que deveria ver o que faria com ele, pois ele estava preso a certas circunstâncias abaixo de sua dignidade. Também naquilo pairava algo do prazer da vida que por vezes é como um susto, e a primeira coisa que Ágata decidiu, depois de rapidamente se vestir de novo, levou-a ao quarto para procurar uma cápsula que devia estar em meio à sua bagagem. Essa pequena cápsula vedada que possuía durante quase todo o tempo de seu casamento com Hagauer, e da qual jamais se separava, continha uma diminuta quantidade de uma substância de cor estranha, que lhe tinham dito ser um veneno fortíssimo. Ágata lembrava-se de certos sacrifícios que tivera de fazer para adquirir aquela substância proibida da qual nada sabia senão o que tinham falado de seus efeitos, além da denominação química que soava como fórmula mágica, que o não-iniciado precisa gravar sem entender. Mas parece que todos os meios que, como posse de veneno e armas, ou a procura de certos perigos, tornam o fim mais próximo, fazem parte do romantismo do prazer de viver; e pode ser que a vida oprima tanto a maioria das pessoas, transcorrendo tão vacilante, com tanta escuridão na claridade, e de modo geral tão retorcida, que só essa distante possibilidade de dar cabo dela libera a alegria que nela existe. Ágata sentiu-se apaziguada quando seus olhos depararam com o pequeno objeto de metal que, na incerteza que se abria diante dela, lhe parecia um amuleto ou talismã.

Isso não significava que Ágata já naquele tempo tivesse intenção de se matar. Ao contrário, temia a morte como todo jovem a teme quando por vezes à noite, antes de adormecer depois de um dia saudável, se lembra: “É

inevitável que alguma vez, num dia tão bonito quanto o de hoje, estarei morto.” E não dá vontade de morrer quando temos de assistir outro morrendo, e a morte do pai dela a torturara com impressões cujo horror voltava desde que, com a partida do irmão, ficara sozinha na casa. Mas: “estou um pouco morta” — essa sensação lhe vinha frequentemente. E exatamente em momentos como esse, em que há pouco tivera consciência da beleza e saúde de seu jovem corpo — essa beleza tensa, que na sua misteriosa unidade é tão insondável como a corrupção dos elementos na morte — facilmente a tirava de sua feliz segurança dando-lhe medo, espanto e mudez, como sentimos ao sair de um aposento animado e repleto, entrando subitamente sob o brilho das estrelas. Sem ligar para as intenções que se moviam nela, e apesar da satisfação que lhe dava ter conseguido libertar-se de uma vida frustrada, sentia-se um pouco apartada de si mesma, ligada a si própria apenas por fronteiras vagas. Pensou friamente na morte como num estado em que nos livramos de todos os esforços e ilusões, e imaginou-a como um profundo sono: deitamo-nos na mão de Deus, e essa mão é como um berço ou uma rede presa em duas grandes árvores, que o vento balança de leve. Imaginava a morte como um grande sossego e cansaço, livre de todo o querer e tensão, atenção e reflexão, parecida com a agradável fraqueza que sentimos nos dedos quando o sono os desprende cautelosamente de qualquer última coisa do mundo que ainda estejam agarrando. Sem dúvida ela tinha com isso uma idéia bastante cômoda e negligente da morte, correspondendo à necessidade de alguém que não tem inclinação para suportar os esforços da vida, e por fim ela mesma se alegrou ao observar o quanto aquilo a fazia lembrar o divã que mandara colocar no severo salão do pai, para deitar-se nele, lendo, única alteração feita na casa por seu próprio esforço.

Apesar disso, a idéia de renunciar à vida não era absolutamente um jogo para Ágata. Parecia-lhe profundamente crível que depois de uma agitação tão decepcionante deveria seguir um estado cuja feliz serenidade na sua fantasia assumia involuntariamente uma forma física. Sentia isso, porque não tinha necessidade da tensa ilusão de que devemos melhorar o mundo, e estava sempre pronta para liquidar inteiramente sua participação nele, desde que isso se processasse de modo agradável; além disso, ainda tivera um singular encontro com a morte naquela enfermidade de criança e adolescente. Naquela fase — num esvair-se de suas forças, que parecia

inserir-se nos menores lapsos de tempo, e de modo geral transcorria irresistivelmente —, uma a uma as partes de seu corpo tinham-se apartado dela e sido aniquiladas; mas, no mesmo passo dessa decadência e afastamento da vida, também despertara nela um inesquecível novo impulso em direção de um objetivo, que afastava toda a inquietação e medo da doença. E era um estado singularmente pleno de sentido, no qual ela exercia até mesmo certa dominação sobre os adultos cada vez mais inseguros ao seu redor. Não é impossível que essa vantagem que ela aprendera a conhecer em circunstâncias tão impressionantes tenha mais tarde formado o centro de sua disponibilidade de alhear-se da vida, cujas excitações por alguma razão não correspondiam às suas expectativas; mas é mais provável que o contrário fosse verdade, e que aquela enfermidade, através da qual se esquivara das exigências da escola e da casa paterna, fosse a primeira manifestação de sua relação com o mundo, uma relação transparente, como que permeável a um jorro de emoções desconhecidas. Pois por uma inclinação natural simples, Ágata sentia-se cálida, viva, até alegre, fácil de contentar, como acontecera nas mais diversas épocas da vida; com ela, nunca acontecera aquela queda na indiferença que sucede a mulheres que já não conseguem suportar sua decepção: mas no meio de um riso ou da turbulência de uma aventura sensual, que por isso prosseguiam, residia a desvalorização que deixava cada fibra de seu corpo cansada e ansiosa de outra coisa, que se designava mais facilmente como nada.

Esse nada tinha um conteúdo determinado, embora indeterminável. Por longo tempo, ela recitara para si mesma, em muitas ocasiões, a frase de Novalis: “O que posso fazer, pois, pela minha alma, que reside em mim como um enigma irresolvido? Que deixa ao homem visível o maior arbítrio, porque não o consegue dominar de maneira alguma?” Mas a bruxuleante luz dessas frases apagava-se depois de a iluminar rápida como um raio, voltando sempre à escuridão, pois ela não acreditava numa alma, porque isso lhe parecia presunçoso e determinado demais para a sua pessoa. Mas também não conseguia acreditar nas coisas terrenas. Para entender isso direito, basta lembrar que esse afastamento da ordem terrena sem crença em uma ordem supraterrana é algo muitíssimo natural, pois em cada cabeça existe, além do pensamento lógico, com seu senso de ordem severo e simples, reflexo das relações exteriores, uma esfera emocional, cuja lógica, na medida em que se possa falar nisso, corresponde às características dos

sentimentos, paixões e humores, de modo que as leis dessas duas esferas se relacionam umas com as outras como as leis de uma madeireira, em que se cortam e empilham em ângulos retos as toras de madeira, se relacionam com as sombrias e enredadas leis da floresta com seu movimento e rumorejar. E como os objetos de nosso pensamento não são absolutamente independentes de suas situações, essas duas maneiras de pensar não apenas se misturam em cada pessoa, mas podem até certo grau contrapô-la a dois mundos, pelo menos imediatamente antes e depois daquele “primeiro momento misterioso e indescritível”, que um famoso pensador religioso afirmou existir em cada percepção sensorial antes de sentimento e contemplação se separarem um do outro e assumirem os lugares em que estamos habituados a encontrá-los: como um objeto no espaço, e um refletir agora encerrado no observador.

Como quer que seja a relação entre coisas e sentimento no universo elaborado do homem civilizado, qualquer um conhece os momentos de arrebatamento em que ainda não aconteceu a fissura, como se água e terra ainda não se tivessem apartado, e as ondas da emoção estivessem no mesmo horizonte das montanhas e vales que configuram os objetos. Não precisamos nem mesmo supor que Ágata vivesse tais momentos com muita frequência e intensidade, apenas os percebia mais vivamente, ou, se quisermos, com mais superstição, pois estava sempre pronta a acreditar no mundo ou a não acreditar nele, como acontecera desde seus tempos de escola, e continuara acontecendo quando entrara em maior contato com a lógica masculina. Nesse sentido, muito distante de capricho e arbítrio, se fosse mais segura de si, Ágata teria podido considerar-se a mais ilógica das mulheres. Mas nunca lhe ocorrera ver nos sentimentos de abandono que experimentava mais do que uma singularidade pessoal. Só quando encontrara seu irmão acontecera uma mudança. Nos aposentos vazios, escavados nas sombras da solidão, até há pouco ainda repletos de diálogo e comunhão que entravam no mais fundo da alma, perdia-se involuntariamente a distinção entre separação física e presença espiritual, e enquanto os dias deslizavam sem marcas peculiares, Ágata sentia-se como nunca antes sensível ao singular encanto da onipresença e onipotência ligadas à transição do mundo dos sentimentos ao das percepções. Sua atenção parecia ter-se aberto não apenas nos sentidos, mas fundo dentro da alma, que nada iluminava senão o que brilhasse tanto quanto ela mesma; a

despeito da ignorância de que costumava se acusar, lembrando as palavras do irmão pensava entender tudo que era importante, sem precisar refletir a respeito. E como, dessa maneira, seu espírito estivesse tão repleto de si mesmo que a mais viva idéia tinha algo do silencioso flutuar de uma recordação, tudo o que lhe acontecia alargava-se numa presença ilimitada. Mesmo quando fazia algo, entre ela, que o executava, e o que acontecia, derretia-se apenas uma separação, e seu movimento parecia ser o caminho pelo qual as coisas vinham vindo quando estendia o braço para elas. Mas, quando ela se interrogava sorrindo o que estava fazendo, esse brando poder, seu saber, e a eloquente presença do mundo mal se distinguiam de uma ausência, impotência e profunda mudez do espírito. Com um pequeno exagero da sensibilidade, Ágata teria podido dizer que já não sabia onde estava. Sentia-se inserida para todos os lados em algo imóvel, onde ficava a um tempo enaltecida e desaparecida. Teria podido dizer: estou apaixonada, mas não sei por quem. Uma vontade clara, que sempre sentira faltar em si, enchia-a agora, mas não sabia o que fazer com essa claridade, pois tudo o que houvera em sua vida de bom ou mau perdera todo o sentido.

Ágata não pensava nisso apenas ao contemplar a cápsula de veneno, pois todos os dias pensava que gostaria de morrer ou que a felicidade da morte deveria ser parecida com a felicidade em que passava aqueles dias esperando para seguir viagem atrás do irmão, fazendo exatamente aquilo que ele lhe pedira para não fazer. Não conseguia imaginar o que aconteceria quando estivesse com o irmão na capital. Lembrava quase com desgosto que ele por vezes revelara o quanto esperava que ela tivesse sucesso lá, e em breve arranjasse novo marido ou ao menos um amante, pois exatamente isso não aconteceria, ela sabia! Amor, filhos, belos dias, alegre companhia, viagens e um pouco de arte: a vida boa é tão simples, ela entendia seus favores e não era insensível a eles. Mas por mais que estivesse disposta a julgar-se inútil, Ágata trazia em si todo o desprezo do ser humano nascido para a rebelião, contra essa ingênua simplicidade. Reconhecia que ela era um logro. A vida aparentemente vivida em plenitude na verdade “não rima”, falta-lhe no fim, e realmente no verdadeiro fim, na morte, alguma coisa. É — ela procurava uma expressão — como objetos empilhados que não foram assim arranjados por algum desejo mais elevado: incompleto em sua plenitude, o contrário da simplicidade, apenas uma confusão que se

aceita com a alegria do hábito! E, desviando-se inesperadamente, ela pensou: “E como um bando de crianças estranhas que contemplamos com agrado, cheios de medo crescente, porque não conseguimos ver entre elas a nossa própria!”

Tranquilizava-a ter decidido pôr fim à vida se depois da última curva que ainda esperava por ela nada se tivesse modificado. Como a fermentação no vinho, jorrava nela a expectativa de que morte e horror não fossem a última palavra da verdade. Não sentia necessidade de refletir sobre isso. Tinha até medo dessa necessidade a que Ulrich se entregava com tanto gosto, e era um medo agressivo. Pois sentia que tudo o que a dominava com tamanha intensidade continha uma constante alusão ao fato de ser apenas aparência. Mas igualmente certo era que aquela aparência continha realidade diluída e líquida: talvez uma realidade ainda não tomada terra, pensou. E num daqueles maravilhosos momentos em que o lugar onde ela estava parecia desfazer-se em vaguidão, conseguiu acreditar que atrás dela, no espaço onde jamais se conseguia ver nada, talvez estivesse Deus. E assustou-se com aquela demasia! Uma terrível vastidão e vazio varou-a de súbito, uma claridade ilimitada obscureceu seu espírito, e lançou pânico em seu coração. Sua juventude — facilmente disposta a esse tipo de preocupação trazida pela inexperiência — sussurrava-lhe que estava em perigo de ceder a uma loucura iniciante: e ela recuava, resistindo. Dizia-se, veemente, que afinal não acreditava em Deus. E, com efeito, não acreditava, desde que lhe tinham ensinado a fazê-lo, o que era uma subdivisão da desconfiança que sentia contra todas as coisas que lhe haviam ensinado. Ela não era absolutamente religiosa naquele sentido sólido de uma convicção moral ou sobrenatural. Mas, exausta e trêmula, depois de algum tempo sempre tinha de reconhecer que sentira “Deus” tão nitidamente quanto sentia um homem que parasse atrás dela e lhe colocasse um manto sobre os ombros.

Depois de refletir o suficiente sobre isso, e recuperar a coragem, descobriu que o significado da experiência que vivera não ficava naquela região de “eclipse” que dominara suas sensações físicas, mas principalmente num terreno moral. Uma transformação súbita do seu estado interior, e, subordinada a isso, de todas as suas relações com o mundo, conferira-lhe por momentos aquela “unidade da consciência e dos sentidos” que até ali apenas conhecera em mínimas alusões que apenas bastavam para deixar na sua vida comum algo de desolado e melancolicamente apaixonado, quer

tentasse agir bem ou mal. Essa mudança parecia-lhe um incomparável fluxo correndo tanto do ambiente para ela quanto dela para o ambiente, uma unificação do sublime com o menor movimento do espírito que mal se apartava das coisas. As coisas tinham sido repassadas pelas sensações e as sensações pelas coisas, de maneira tão convincente que Ágata sentia jamais ter sido sequer tocada por todas as coisas que até ali ligara com a palavra convicção. E isso acontecera em circunstâncias que, numa concepção normal, excluía que alguém se desse por convencido.

Assim, o significado daquilo que ela vivia na sua solidão não estava no papel que lhe conviria psicologicamente como algum indício de uma personalidade excitável ou levemente perturbada, pois nem residia na pessoa e sim no geral, ou na relação da pessoa com ele, que Ágata chamava, não sem razão, de Moral. Pois, jovem mulher decepcionada consigo mesma, pensava que se pudesse viver sempre como naqueles minutos de exceção, e não fosse fraca demais para persistir neles, poderia amar o mundo e submeter-se docemente a ele; de outro modo não o conseguiria! Agora, enchia-a um apaixonado ímpeto de retorno, mas tais momentos de máxima exaltação não se podem recuperar à força; e com a nitidez de um dia pálido depois de o sol se pôr, ela percebeu, com a inutilidade de seus tempestuosos esforços, que a única coisa que deveria esperar e realmente esperava com impaciência apenas escondida na solidão, seria aquela possibilidade singular que o irmão certa vez mencionara vagamente em tom de brincadeira, e que designara como Reino dos Mil Anos. Ele teria podido escolher outra palavra, pois significava para Ágata apenas aquele som persuasivo e confiável de algo que está por vir. Não teria ousado afirmar isso. Nem agora sabia com segurança se era realmente possível. Aliás, nem sabia o que era. No momento esquecera todas as palavras com as quais seu irmão provara que, atrás do que o espírito dela apenas sentia como luminosos nevoeiros, as possibilidades se estendiam até o imensurável. Mas enquanto estivera junto do irmão ela apenas sentira como se suas palavras construíssem um país, e que este não se formava na sua mente mas debaixo de seus pés. O fato de que muitas vezes ele só tivesse falado com ironia, como aliás toda aquela sua alternância entre frieza e emoção que antes a perturbara tanto, agora alegrava Ágata em sua solidão, como uma espécie de garantia de ter sido tudo afirmado a sério, vantagem de todos os estados de alma menos alegres diante dos de encantamento. “Provavelmente só

pensei na morte por medo de que ele não tivesse falado suficientemente a sério”, admitiu.

E foi surpreendida pelo último dia que tinha de passar sozinha; de repente, tudo em casa estava arrumado e esvaziado, apenas faltava entregar as chaves ao velho casal que, amparado pelo testamento, ficaria na casa de criados até a propriedade encontrar novo dono. Ágata se recusara a ir para um hotel, e até sua partida, que aconteceria entre meia-noite e o amanhecer, pretendia ficar no seu lugar. A casa estava embrulhada, os móveis cobertos de panos. Ardia apenas uma iluminação precária. Caixotes empilhados constituíam mesa e cadeira. Na beira de uma garganta escura, sobre um terraço formado por um caixote, mandara servir o jantar. O velho criado do seu pai balançava a louça entre luz e sombra; ele e sua mulher faziam questão de servi-la de sua própria cozinha, para que a jovem senhora, como diziam, não fosse mal servida na última refeição na casa paterna. E de repente, Ágata pensou, totalmente fora do espírito com que passara aqueles últimos dias: “Será que no fim notaram alguma coisa?” Ela talvez não tivesse destruído todos os papéis onde treinara a letra para mudar o testamento. Sentiu um medo gelado, uma inibição de pesadelo tolhendo-lhe os membros, o terror do real que não concede nada ao espírito mas apenas lhe rouba coisas. Nesse momento, deu-se conta, apaixonadamente, de que nela havia um novo desejo de viver. E ele resistia violentamente à possibilidade de ser impedida de realizá-lo. Procurou, decidida, analisar o rosto do velho criado quando este retornou. Mas o ancião andava de lá para cá com seu ar inofensivo e o sorriso cauteloso, com uma vaga sensação silenciosa e solene. Ela não conseguia ver no seu interior, como não conseguiria ver através de um muro, e não sabia se atrás daquele brilho fosco havia mais alguma coisa. Também ela tinha apenas uma sensação muda, solene e triste. Ele sempre fora o confidente de seu pai, disposto a lhe entregar qualquer segredo dos seus filhos de que ficasse sabendo: mas Ágata nascera naquela casa, e tudo o que acontecera desde então estava terminando naquele dia; Ágata comovia-se por estar tão solenemente sozinha com aquele homem. Decidiu dar-lhe um presentinho em dinheiro, e numa súbita fraqueza tomou o propósito de dizer que era ordem do professor Hagauer; e não pensou nisso por astúcia, e sim por penitência, e por não querer omitir nada embora visse claramente que era tudo tão inútil quanto supersticioso. Antes que o velho voltasse, ela também pegou suas

duas diferentes cápsulas e, depois de contemplar pela última vez, testa franzida, a imagem do inesquecível amado, enfiou-a debaixo da tampa de uma caixa mal fechada, que ficaria depositada por tempo indeterminado e aparentemente continha painéis ou abajures, pois ouviu metal caindo sobre metal como ramos de árvore; a cápsula de veneno foi então colocada no lugar onde antes usara o retrato.

“Como sou antiquada!”, pensou sorrindo. “Certamente há coisas mais importantes do que experiências de amor!” Mas não acreditou naquilo.

Naquele momento não se poderia dizer que ela receasse manter relações ilícitas com o irmão, nem que o desejasse fazer. Dependia, talvez, do futuro; mas no seu estado presente nada correspondia à importância decisiva daquela pergunta.

A luz pintava de branco intenso e negro profundo as tábuas entre as quais estava sentada. E uma máscara semelhante, trágica, conferindo um toque sinistro à sua significação simples, recobria o pensamento de estar passando a última noite na casa onde fora parida por uma mulher da qual jamais se lembrara, e da qual também nascera Ulrich. Foi assaltada por uma antiquíssima sensação de estar rodeada de palhaços com rostos mortalmente sérios, portando instrumentos musicais singulares, que começavam a tocar. Ágata reconheceu um devaneio da sua infância. Não conseguia escutar a música, mas todos os palhaços a encaravam. Ela pensou que naquele momento sua morte não seria prejuízo para nada e ninguém, e que para si mesma talvez significasse apenas o encerramento de uma longa morte interior. Era nisso que pensava enquanto os palhaços alçavam suas melodias até o teto, ela aparentemente sentava num chão de circo coberto de serragem, as lágrimas lhe pingando nos dedos. Era uma sensação de profunda falta de sentido, que antigamente, quando mocinha, tivera muitas vezes, e pensou: “Será que fiquei infantilizada até hoje?”, o que não a impediu de pensar simultaneamente nalguma coisa que parecia desmedidamente grande através das lágrimas: que logo na primeira hora de seu reencontro ela e o irmão haviam-se defrontado metidos naqueles trajes de palhaço. “O que significa que seja logo ao meu irmão que se ligou isso que trago dentro de mim?”, perguntou-se. E de repente chorava de verdade. Não teria podido dar outro motivo senão um desejo do seu coração, e sacudiu a cabeça violentamente, como se houvesse dentro dela alguma coisa que não conseguia desatar nem reunir.

E numa ingenuidade natural ficou pensando que Ulrich teria respostas a todas as perguntas, até o velho chegar outra vez e contemplar comovido a moça tão emocionada.

— Minha jovem patroa...! — disse ele, também sacudindo a cabeça. Ágata contemplou-o, perturbada, mas quando entendeu o engano daquela compaixão, dirigida ao seu luto filial, despertou nela mais uma vez a insolência da juventude.

— Jogue no fogo tudo o que tiver, até os sapatos. Quando não possuir mais nada, não pense nem mesmo na mortalha, e lance-se nu ao fogo! — disse. Era um antigo dito que Ulrich lera em voz alta, encantado, e o velho sorriu do tom grave e doce dessas palavras que ela lhe recitava com olhos brilhantes de lágrimas, um vestígio de sorriso de compreensão, e, seguindo o gesto da mão de sua patroa, que pretendia facilitar sua compreensão iludindo-o, olhou as altas pilhas de caixas que formavam quase um patíbulo. Ouvindo a palavra mortalha, o ancião concordara com a cabeça, pronto a obedecer, embora o caminho das palavras lhe parecesse um pouco acidentado; mas diante da palavra nu seu rosto enrijeceu-se na máscara cortês de criado, a expressão assegurando que ele não queria ver, escutar, nem julgar.

Enquanto ele servira ao velho senhor, aquela palavra não fora pronunciada na sua frente uma única vez, quando muito se dizia despido; mas os jovens de hoje eram diferentes, e ele provavelmente não a conseguiria mais servir a contento. Com a calma de uma noite de folga, ele sentiu que sua carreira chegara ao fim. O último pensamento de Ágata antes de partir, porém, foi: “Ulrich realmente jogaria tudo no fogo?”

DA CRÍTICA DE KONIATOWSKI DA TESE DE DANIELLI AO PECADO ORIGINAL. DO PECADO ORIGINAL AO ENIGMA AFETIVO DA IRMÃ

O estado em que Ulrich saíra à rua ao deixar o palácio do Conde Leinsdorf parecia-se com a lúcida sensação de fome; parou diante de um cartaz e saciou sua fome de trivialidades com anúncios e participações. O cartaz, com vários metros de altura, estava coberto de palavras.

“Na verdade”, ocorreu-lhe, “a gente devia presumir que exatamente essas palavras, repetidas em todas as esquinas e cantos da cidade, têm um valor de conhecimento”. Pareciam-lhe aparentadas com as expressões que personagens de romances conhecidos usam em momentos importantes de sua vida, e leu:

“Já usou algo mais agradável e prático do que a meia de seda Topinam?”—”Sua Alteza se diverte.” — “Nova versão da Noite de São Bartolomeu” — “Conforto no Cavalinho Preto.” — “Audacioso erotismo e danças no Cavalinho Vermelho.” E chamou-lhe atenção ainda um anúncio político sobre “maquinações criminosas”. Mas não se tratava da Ação Paralela, e sim do preço do pão. Ele virou-se, e alguns passos adiante olhou a vitrine de uma livraria. “Nova obra do grande poeta”, leu num cartaz de papelão colocado ao lado de quinze volumes iguais enfileirados. Diante desse cartaz

havia, no outro canto da vitrine, uma página anunciando, em letra impressa, uma segunda obra: “O cavalheiro e a dama mergulham com igual atenção em *Babel do Amor*, de...”

“O ‘grande poeta’?”, pensou Ulrich. Lembrava-se de ter lido só um livro dele, e ter decidido jamais ler outro: desde então, porém, o homem ficara famoso. E diante daquela exposição do intelecto alemão, Ulrich recordou uma piada de caserna: “Mortadela!” Assim chamavam em seus tempos de

soldado a um general de divisão pouco estimado, segundo aquela apreciada linguagem italiana, e quem perguntasse pelo significado daquele jogo de palavras receberia a seguinte resposta: “É porque ele é metade porco, metade burro.” Ulrich teria levado adiante essa comparação se não fosse interrompido por uma mulher que o interpelou perguntando:

— Também está esperando o bonde? — E só então percebeu que não estava mais parado diante da livraria.

Também não sabia que ficara parado imóvel ao lado da placa de parada do bonde. A dama que o fizera notar isso carregava uma mochila e usava óculos; era uma astrônoma conhecida sua, professora assistente do Instituto, uma das poucas mulheres que realizava trabalho importante naquela disciplina masculina. Ele a olhou, no nariz e debaixo dos olhos onde a pele assumira um vago aspecto de borracha, pelo esforço da reflexão constante; depois percebeu, embaixo, sua saia de pano grosseiro, e, em cima, uma pena de ganso sobre um chapéu verde, pairando sobre aquele semblante intelectualizado, e sorriu:

— Está indo para as montanhas? — perguntou.

A Dra. Strastil ia “relaxar” três dias nas montanhas.

— Que me diz do trabalho de Koniatowski? — perguntou. Ulrich não disse nada. — Knepler vai ficar aborrecido — disse ela. — Mas a crítica de Koniatowski sobre a dedução que Knepler faz da tese de Danielli é interessante; não acha? Julga essa dedução possível?

Ulrich deu de ombros.

Era daqueles matemáticos chamados logicistas, que não achavam coisa alguma correta, e elaboravam uma nova doutrina fundamental. Mas também não julgava inteiramente correta a lógica dos logicistas. Se tivesse prosseguido no seu trabalho, teria retornado mais uma vez a Aristóteles; tinha lá seus pontos de vista próprios sobre o assunto.

— Eu nunca considerei a dedução de Knepler errada, apenas falsa — disse a Dra. Strastil. Poderia ter afirmado da mesma forma que julgava a dedução errada mas, em traços fundamentais, não inteiramente falsa; sabia do que falava, mas na linguagem comum, em que as palavras não estão definidas,

ninguém consegue expressar-se sem ambiguidade: debaixo do seu chapéu de turista manifestava-se, naquela linguagem de férias, algo da tímida altivez que o sensual mundo leigo deve despertar num monge que lida descuidadamente com ele.

Ulrich entrou no bonde com a Srta. Strastil: mas não soube por quê. Talvez porque ela achasse a crítica de Koniatowski a Kneppler tão importante. Talvez quisesse falar com ela sobre literatura, coisa da qual ela nada entendia.

— O que vai fazer nas montanhas? — perguntou. Ela queria subir o Hochschwab.

— Ainda vai encontrar muita neve por lá. Não se consegue subir com esquis, e também ainda não sem eles — desaconselhou Ulrich, que conhecia a montanha.

— Pois então ficarei embaixo — explicou a Srta. Strastil. — Já passei três dias nas cabanas do prado de Färsen, que ficam no começo da encosta. Tudo o que eu quero é estar um pouco na natureza!

A cara que a correta astrônoma fez ao pronunciar a palavra natureza instigou Ulrich a indagar para que afinal ela queria a natureza.

A Dra. Strastil ficou sinceramente indignada. Podia ficar três dias inteiros deitada no prado sem se mexer. Como uma rocha! — anunciou.

— Quando muito, por ser uma cientista! — interveio Ulrich. — Um camponês há de achar isso aborrecidíssimo!

A Dra. Strastil não concordou. Falou dos milhares que procuram a natureza em todos os feriados, a pé, de bicicleta, de barco.

Ulrich por sua vez falou do êxodo dos camponeses que procuram a cidade.

A Srta. Strastil duvidou de que ele tivesse sentimentos muito elementares.

Ulrich afirmou que elementar era, além da comida e do amor, a comodidade, mas não a visita a um prado das montanhas. A sensibilidade natural que levava as pessoas a fazerem isso era antes um rousseaunianismo, uma postura sentimental e enrolada.

Ele não sentia estar falando bem, era-lhe indiferente o que dizia, apenas continuava falando porque ainda não era o que pretendia expressar. A Srta.

Strastil lançou-lhe um olhar desconfiado. Mão conseguia entendê-lo; sua grande experiência no campo dos conceitos puros não a ajudava absolutamente, ela não conseguia nem dissociar nem reunir as idéias com que ele parecia lidar vagamente; presumiu que ele falava sem pensar. E o fato de estar escutando tais palavras com uma pluma de ganso no chapéu foi a única compensação, fortalecendo sua alegria pela solidão ao encontro da qual viajava.

Nesse momento, o olhar de Ulrich caiu sobre o jornal do seu vizinho e ele leu em grandes manchetes o título de um artigo: *O tempo nos questiona, o tempo responde*: por baixo podia estar a propaganda de uma palmilha de sapatos ou de uma conferência, não se pode mais distinguir isso hoje em dia, mas de repente seus pensamentos saltaram sobre os trilhos de que ele precisava. Sua companheira esforçava-se por ser objetiva, e admitiu, insegura:

— Infelizmente conheço pouco literatura, a gente não tem tempo para isso. Talvez eu nem conheça a literatura certa. Mas, por exemplo — ela citou um nome de que gostava —, me dá inacreditavelmente muito. Acho que se um poeta nos faz sentir tão vivos, é uma coisa extraordinária! — Mas como Ulrich pensasse que já apreciara o bastante a ligação existente no espírito da Dra. Strastil entre extraordinário desenvolvimento do pensamento conceptual com grande debilidade do entendimento da alma, ergueu-se contente, disse um grande elogio à sua colega de disciplina, e desembarcou rapidamente, pretextando já estar duas paradas adiante de onde pretendia descer. Quando estava parado lá fora, cumprimentando-a mais uma vez, a Srta. Strastil recordou ter ouvido falar coisas desfavoráveis sobre os últimos trabalhos dele, e sentiu-se comovida pela onda de sangue que suas lisonjeiras palavras de despedida tinham provocado, o que, segundo suas convicções, não depunha grandemente em favor dele; mas ele sabia, e ao mesmo tempo não sabia direito, por que seus pensamentos giravam em torno do tema literatura e o que pretendiam lá, desde a comparação interrompida com a mortadela até aquele inconsciente induzir a boa Strastil a fazer confissões. Afinal, a literatura não o interessava desde que aos vinte anos compusera seu último poema; mesmo assim, antes disso costumara escrever secreta e regularmente, e não desistira desse hábito por ter ficado mais velho, ou por ter reconhecido seu pouco talento, e sim por razões para

as quais, sob as impressões de agora, deveria ter usado alguma palavra que, depois de muitos esforços, expressa um desembocar no vazio.

Pois Ulrich era daqueles amantes de livros que não querem mais ler porque sentem escrever e ler como uma coisa absurda. “Se essa sensata Strastil pretende que a façam ‘sentir’”, pensou ele (“no que aliás tem razão! Se eu tivesse objetado, ela me teria mencionado a música como testemunhachave!”), e, como costuma acontecer, ele pensava em parte em palavras, em parte com a reflexão entrando sem palavras no seu consciente, portanto, se a sensata Dra. Strastil queria que a fizessem sentir, era isso que todos queriam, que a arte comovesse as pessoas, que as abalasse, distraísse, surpreendesse, as fizesse farejar nobres pensamentos, ou, em resumo, as fizesse realmente “viver” alguma coisa ou que fosse, ela mesma, algo de “vivo”, uma “vivência”. E Ulrich não queria negar isso. Num pensamento secundário, que terminou numa mistura de leve emoção e ironia, ponderou: “Emoção é coisa muito rara. Proteger do resfriamento uma certa temperatura de emoção significa provavelmente proteger o calor no qual é chocada toda a evolução espiritual. E quando uma pessoa é erguida por alguns momentos de sua confusão de intenções inteligentes que a envolvem com incontáveis objetos estranhos, e é colocada num estado totalmente alheado, quando, por exemplo, ouve música, chega quase ao estado de vida de uma flor, sobre a qual caem sol e chuva.”

Ele queria admitir que uma eternidade mais eterna do que essa que o espírito humano tem em sua atividade está em suas pausas e descansos; mas pensara ora “emoção”, ora “vivência”, e isso trazia em si uma contradição. Pois havia vivências da vontade! Havia vivências de um ápice de ação! Provavelmente era de supor que cada uma delas, atingindo sua mais alta e radiante amargura, era apenas sentimento, mas com isso haveria uma contradição maior ainda, pois o estado de sentimento, em sua pureza plena, seria um “repousar”, um baixar de atividade! Ou não seria contradição? Haveria uma singular relação segundo a qual a mais alta atividade no fundo seria imobilidade? Aqui via-se porém que essa sequência de idéias era menos um pensamento secundário do que um pensamento indesejado, pois de repente, numa resistência súbita contra sua sensível mudança, Ulrich negou toda a reflexão que fizera. Não pretendia refletir sobre certos estados, e, quando refletia sobre emoções, não pretendia entregar-se a elas.

Nisso, pensou que o melhor e mais direto era designar o que ele pretendia

como vã atualidade ou eterna momentaneidade da literatura. Afinal, tem ela algum resultado? Ou bem ela é um monstruoso desvio entre vivência e vivência, e volta sobre si mesma, ou é a essência de estados de excitação, da qual nada nasce de determinado.

“Muitas vezes”, pensou ele, “uma poça d’água deu ao indivíduo mais intensa impressão de profundidade do que o oceano, pelo simples motivo de que se tem mais ocasiões de vivenciar poças do que oceanos.” Assim, pareceu-lhe, acontecia com o sentimento, e por nenhum outro motivo os sentimentos cotidianos pareciam profundos. Pois preferir o sentir ao sentimento, que caracteriza todas as pessoas sentimentais, acontece como o desejo de fazer sentir e ser levado a sentir, que é comum a todas as instituições que servem ao sentimento, trazendo uma redução de hierarquia e natureza dos sentimentos diante do momento, como um estado pessoal, e, mais ainda, leva àquela superficialidade, inibição e total insignificância, para a qual há tantos exemplos.

“Naturalmente”, pensou Ulrich completando seus pensamentos, “esse conceito deve repugnar a todas as pessoas que se sentem bem em seus sentimentos como o galo nas plumas, e que possivelmente ainda acham que a eternidade começa de novo com cada ‘personalidade’!” Ele teve a clara idéia de um monstruoso erro, com toda a desmedida humana, mas não conseguiu exprimir isso de maneira que o satisfizesse inteiramente, pois as relações eram complexas demais.

Enquanto isso o entretinha, observava os bondes que passavam, esperando um que o deixasse de volta o mais perto possível do centro da cidade. Via as pessoas entrando e saindo, e seu olhar, tecnicamente experiente, brincava, distraído, com aquelas relações de fundição e forja, lâminas e rebites, construção e oficina, evolução histórica e estado atual, de que constava a invenção daquelas barracas rolantes de que as pessoas se serviam. “Por fim chega uma delegação da administração dos bondes na fábrica de vagões e decide quanto à cobertura de madeira, a pintura, o estofamento, os apoios de mão e braços, os cinzeiros e coisas assim”, pensou, de passagem, “e exatamente essas ninharias importam, e a cor verde ou vermelha do caixote, e o impulso com que as pessoas conseguem trepar pelo estribo, para dezenas de milhares de pessoas o que importa é isso, é isso que elas vivenciam e guardam de toda essa genialidade. Isso forma seu caráter, confere-lhe rapidez ou comodidade, faz com que sintam bondes vermelhos

como sua pátria e azuis como estrangeiro, e forma aquele inconfundível aroma de pequenos fatos, que os séculos trazem em suas vestes”. Portanto, o traço principal do pensamento de Ulrich era inegável, e de repente ligava-se ao resto: em grande parte também a vida desemboca numa atualidade sem significação, ou, falando tecnicamente, o coeficiente de efeito anímico é mínimo.

Subitamente, enquanto ele se sentia subir ao vagão com um impulso, disse para si mesmo: “Preciso inculcar em Ágata que a moral é a organização dos estados momentâneos de nossa vida num estado permanente!” Essa frase lhe ocorrera de repente como definição. Esse pensamento extremamente burilado fora precedido de inspirações não totalmente elaboradas e analisadas, que agora seguiam e completavam a compreensão. Uma concepção e atribuição severa de tarefas para a inocente atividade do sentir, uma grave hierarquia eram previsíveis, ainda vagas: sentimentos precisam servir, ou então pertencer a um estado ainda não descrito, que vá às últimas consequências, grande como um mar sem praias. Deve-se chamar isso de idéia ou de nostalgia? Ulrich teve de deixar isso em aberto, pois no momento em que lhe ocorrera o nome da irmã, a sombra dela obscurecera seus pensamentos. Como sempre quando pensava nela, sentia que no tempo passado em sua companhia entrara noutra estado de espírito que não o habitual. Sabia também que desejava apaixonadamente voltar àquele estado. Mas a mesma lembrança o recobria com o opróbrio de haver-se portado de maneira indevida, ridícula e ébria, como alguém que se pôs de joelhos diante de espectadores que nos próximos dias não poderá mais olhar de frente. Isso, diante da refreada relação espiritual entre os dois irmãos, era monstruosamente exagerado, e se não o devessem considerar totalmente infundado, seria visto apenas como reflexo de sentimentos que ainda não tinham forma definida. Ele sabia que Ágata chegaria em poucos dias, e não a impedia. Ela fizera realmente algo de errado? Podia-se supor que, esfriando o seu capricho, desfizera tudo de novo. Mas uma intuição muito viva assegurava-lhe que Ágata não desistira de seu intento. Ele teria podido perguntar. Sentia-se novamente obrigado a preveni-la por carta. Mas em vez de levar esse propósito a sério por um momento que fosse, imaginou o que teria levado Ágata àquele comportamento inusitado: encarava isso como um gesto inacreditavelmente forte, pelo qual ela lhe dava sua confiança, e entregava-se em suas mãos. “Ela tem muito pouco senso de realidade”,

pensou, “mas uma maneira maravilhosa de fazer o que deseja. Podia-se dizer, irrefletida; mas por isso também ardente! Quando está zangada, vê o mundo todo vermelho!” Sorriu ternamente e olhou em torno para as pessoas que viajavam com ele. Cada uma delas tinha maus pensamentos, isso era certo, e cada uma os controlava, ninguém os levava demasiadamente a sério: mas nenhuma centrava esses pensamentos fora de si, numa pessoa que lhes proporcionasse a encantadora inacessibilidade de uma experiência sonhada.

Desde que deixara de terminar a carta, Ulrich pela primeira vez via claramente que não tinha mais escolha, mas já caíra no estado do qual sentia medo. Segundo as leis — ele se permitiu a petulante ambiguidade de chamá-las sagradas — o erro de Ágata não podia ser objeto de arrependimento, mas apenas compensado por fatos que lhe seguissem, o que de resto correspondia ao sentido original de arrependimento, estado de fogo purificador e não de prejuízo. Indenizar o incômodo marido de Ágata, ou recompensá-lo, não seria senão a revogação de um mal causado a ele, portanto significaria aquela dupla e paralisante negação da qual consta o bom comportamento comum, que corresponde a zero. “Levantar” o que devia acontecer a Hagauer como a um peso flutuante seria possível apenas se lhe devotassem algum sentimento forte, e só se podia pensar nisso com horror. Assim, segundo a lógica à qual Ulrich procurava adaptar-se, não era o mal feito que poderia ser reparado, e sim outra coisa, e ele não duvidava um minuto de que isso seria: toda a vida dele e de sua irmã.

“Falando de maneira arrogante”, pensou ele, “isso significa: Saulo não reparou cada consequência isolada de seus pecados antigos, mas transformou-se em Paulo!” Contra essa lógica singular, porém, sentimento e convicção objetavam com a força do hábito que teria sido mais decente, sem interromper futuros arrebatamentos, acertar primeiro a conta com o cunhado, e só depois pensar numa nova vida. Aquela ética que o atraía tanto não fora feita para organizar assuntos financeiros e as contradições resultantes. Na fronteira daquela outra vida e da vida cotidiana, tinham de acontecer por isso incidentes insolúveis e paradoxais, que era melhor não permitir tornarem-se casos-limite, mas eliminar do mundo com a maneira habitual e desapaixonada de uma postura decente. Mas aí Ulrich sentiu

novamente que não se deviam manter dentro das condições habituais de bondade, se quisessem atrever-se a entrar no reino da bondade incondicional. A tarefa que lhe fora imposta, de dar o passo para dentro do novo, parecia não tolerar nenhuma restrição.

O último reduto que ainda o defendia era a repulsa intensa contra o fato de que idéias como Eu, Sentimento, Bondade, outra Bondade, o Mal, que tanto utilizara, fossem tão pessoais, e ao mesmo tempo tão elevadas e rarefeitas na sua generalidade, como só o conseguiam ser as ponderações de ordem moral em pessoas muito mais jovens. Passava-se com ele o que certamente com muitos dos que estão lendo a história dele: destacava, irritado, uma ou outra palavra, perguntando-se: “Produção e resultado de sentimentos?” — que conceito maquinai, racional, inumano! “Moral, o problema de um estado duradouro, ao qual todos os estados isolados se submetem”, e nada mais? Que desumanidade! Encarando isso com olhos de pessoa sensata, tudo parecia monstruosamente errado. “A natureza da moral repousa exatamente no fato de que os sentimentos importantes são sempre os mesmos”, pensava Ulrich, “e tudo o que o indivíduo tem a fazer é agir em harmonia com eles!” Mas exatamente aí as linhas feitas com régua e compasso naquele espaço móvel que o rodeava interrompiam-se num ponto onde seu olho, saindo do corpo do moderno meio de transporte, e involuntariamente ainda participando de seu sistema, caiu numa coluna de pedra que ficava na beira da rua desde os tempos do barroco, de modo que a comodidade técnica inconscientemente assumida da criação sensata de repente entrou em contradição com a insinuante paixão da antiga figura que não era muito diferente de uma eólica petrificada. O efeito desse choque ótico era uma confirmação singularmente intensa dos pensamentos dos quais há pouco Ulrich quisera esquivar-se. A insensatez da vida poderia se revelar mais nitidamente do que através daquele olhar casual? Sem tomar partido estético em favor do agora ou do outrora, como costuma acontecer nesse tipo de confrontação, seu espírito não hesitou um momento em sentir-se abandonado tanto pelos novos tempos quanto pelos velhos, e via apenas a grande apresentação de um problema que no fundo é certamente moral. Não podia duvidar de que a transitoriedade do que se considera estilo, cultura, espírito dos tempos ou sentimento de vida, e se admira como tal, é uma fragilidade moral. Pois no grande curso dos tempos, ela nada significa senão

o que significaria, na pequena medida da própria vida, que se desenvolvessem as capacidades unilateralmente, dispersando-se em excessos dissolventes, sem conseguir jamais uma medida da própria vontade, jamais obtendo uma formação completa, fazendo ora isso, ora aquilo, em paixões desconexas. Por isso, também o que chamamos alternância ou progresso dos tempos pareceu-lhe apenas uma palavra para dizer que nenhuma tentativa alcança o local onde todas deveriam se unir, no caminho de uma convicção que abrangesse o todo, para com isso chegar à possibilidade de uma evolução constante, de um prazer duradouro, e daquela gravidade da grande beleza, da qual hoje não recai mais do que uma sombra eventual em nossa vida.

Naturalmente Ulrich julgava uma incrível presunção pensar que tudo deveria ter sido nada. Mas não era nada. Imensurável como ser, e confuso como sentido. Pelo menos, medido segundo os resultados, não era senão aquilo que constitui a alma do presente, portanto bem pouco. Enquanto Ulrich pensava isso, entregava-se a esse “pouco” com o prazer da última refeição na mesa da vida, que suas intenções lhe permitiam. Deixara o bonde e entrara num caminho que o levava rapidamente de volta ao centro da cidade. Parecia-lhe emergir de um porão. Nas ruas, guinchos de alegria, um calor precoce, como um dia de verão. O doce sabor de veneno do falar consigo mesmo abandonou sua boca; tudo se comunicava entre si, exposto ao sol. Ulrich parava quase diante de cada vitrine. Aquelas garrafinhas em tantas cores, perfumes encapsulados, incontáveis variedades de tesourinhas de unhas; que soma de genialidade havia num instituto de beleza! Uma loja de luvas: que relações e intenções antes de se cobrir uma mão feminina com pelica e o couro do animal se tornar mais nobre do que a nossa própria pele! Ele admirava as obviedades, os simpáticos e incontáveis utensílios do bem-estar, como se os visse pela primeira vez. *Habseligkeiten*: que palavra encantadora para nossos pequenos haveres! , sentiu ele — formada de *hab* e *Seligkeit*, *ter* e *felicidade*. E que felicidade, essa incrível harmonia do convívio! Nada mais se sentia ali da cresta de terra da vida, dos caminhos não asfaltados da paixão, do — ele realmente sentia isso: do não-civilizado da alma! Clara e estreita corria a atenção por sobre um jardim de frutos, pedras preciosas, tecidos, formas e seduções, cujos olhos brandos e penetrantes se abriam em todas as cores.

Como naquele tempo se amava e protegia do sol a brancura da pele, já pairavam algumas sombrinhas coloridas sobre a multidão, lançando sombras sedosas sobre pálidos semblantes femininos. Até a cerveja cor de ouro fosco encantava o olhar de Ulrich, vendo-a ao passar sobre as toalhas de mesas de um restaurante, através das janelas, toalhas tão alvas que nos limites de sombra formavam superfícies azuladas. Depois, o arcebispo passou por ele: uma caleche macia e pesada, com um escuro tom de vermelho e roxo: só podia ter sido a carruagem do arcebispo, pois o veículo, puxado por cavalos, tinha um ar muito eclesiástico, e dois policiais fizeram posição de sentido, saudando o seguidor de Cristo, sem pensarem em seus antepassados que Lhe tinham enfiado a lança entre as costelas.

Ele entregava-se a essas impressões, que há pouco ainda chamara de “vã atualidade da vida”, e com tanto zelo que, aos poucos, enquanto se saciava no mundo, recuperava seu antigo estado de combatividade. Ulrich sabia agora precisamente onde estava a fragilidade de suas ponderações. “O que significará”, indagava-se, “diante de tanta onipotência pedir ainda um resultado que fique por cima, por trás, por baixo disso?! Deveria ser uma filosofia? Uma convicção totalmente abrangente, uma lei? Ou o dedo de Deus? Ou em vez disso, a suposição de que a moral até aqui foi desprovida de ‘senso indutivo’, de que é muito mais difícil ser bom do que se julgava, e de que para isso seria preciso uma colaboração interminável, como existe na pesquisa? Presumo que não haja moral porque ela não se deixa deduzir de nada constante, mas que haja apenas regras para manter-se inutilmente estados transitórios; e presumo que não haja felicidade profunda sem uma moral profunda: porém, parece-me ser um estado pálido e pouco natural, eu refletir no assunto, e não é absolutamente isso o que desejo!”

Na verdade, teria podido continuar indagando, mais simplesmente: “O que foi que assumi sobre meus ombros?”, e fez isso. A pergunta, porém, atingia mais sua sensibilidade do que seu pensamento, até o interrompia, e já roubara de Ulrich, pedaço a pedaço, o desejo sempre alerta de planejamento estratégico, antes mesmo de ele a poder entender. No começo, ela fora como uma obscura melodia junto ao seu ouvido, que o acompanhava; depois, a melodia estava nele mesmo, apenas uma oitava abaixo de todo o resto, e agora finalmente Ulrich se fundira com sua pergunta, sentindo-se um som singularmente grave naquele mundo claro e duro, ao redor do qual se abria um amplo intervalo. O que era que ele realmente assumira sobre seus

ombros, e prometera?

Ulrich se esforçou. Sabia que não usara apenas por brincadeira, embora apenas como comparação, aquela expressão “Reino dos Mil Anos”. Levando a sério essa promessa, chegava-se ao desejo de viver, com ajuda do amor recíproco, num estado secular tão elevado que só se poderia sentir e fazer o que o intensificasse e mantivesse. O fato de que um tal estado do ser humano existisse em alusões, era-lhe coisa certa, até onde podia pensar. Começara com “a história da esposa do major”, e as experiências posteriores não tinham sido grandes, apenas sempre as mesmas. Reunindo tudo isso, não se ia muito além do fato de Ulrich acreditar no “pecado original” e na “queda”. Isso é, poderia presumir que alguma vez acontecera uma modificação no ser humano, que o atingira até no fundo, mais ou menos como quando um apaixonado se torna lúcido: então ele vê toda a verdade, mas algo maior rompeu-se e a verdade é por toda parte apenas um pedaço que sobrou e foi remendado. Talvez fosse realmente a maçã do “conhecimento” que tivesse causado essa modificação no espírito, e expulsado a raça humana de um estado original, ao qual só depois de tornar-se sábio por infinitas experiências e pecados seria capaz de retornar. Mas Ulrich não acreditava nessas histórias assim como nos foram transmitidas, e sim como as descobrira: acreditava nelas como um calculador que tem à frente o sistema de seus sentimentos e não consegue justificar um só, portanto conclui a necessidade de introduzir uma premissa fantástica cuja natureza se deixa intuir. Não era pouca coisa! Pensara coisas semelhantes muitas vezes, mas nunca estivera em situação de ter de decidir em poucos dias se queria levar aquilo realmente a sério.

Debaixo do chapéu e colarinho apareceu-lhe um leve suor, e a proximidade das pessoas que passavam o deixou excitado. O que ele pensava significava apartar-se da maioria das relações vivas; não se enganava quanto a isso. Pois hoje vivemos divididos, e ligados parte a parte com outras pessoas; o que sonhamos liga-se com o sonhar, e o que os outros sonham; o que fazemos depende de si, mas mais ainda do que os outros fazem; e nossas convicções dependem de convicções das quais nós mesmos só temos a menor parte: querer agir por nossa própria e total realidade é uma exigência totalmente irreal. E exatamente ele estivera certo a vida toda de que é preciso partilhar as convicções, ter coragem de viver no meio das maiores contradições morais, pois tal seria o preço da realização máxima. Pelo

menos ele estaria convencido do que pensava sobre a possibilidade e significado de viver outra forma de vida? De modo algum! Apesar disso, não conseguia evitar que seu sentimento enveredasse por ali, como se tivesse à frente os sinais indiscutíveis de um fato pelo qual esperara anos a fio.

Teve de perguntar-se com que direito chegava, como um apaixonado de si mesmo, a não querer mais fazer nada que lhe fosse indiferente à alma. Isso contraria o sentido da vida prática, que hoje todo mundo carrega em si, e embora épocas tementes a Deus pudessem desenvolver esse tipo de esforço, ele se desmanchou como penumbra ao sol mais forte. Ulrich sentiu em si um aroma de isolamento e doçura, que cada vez mais contrariava seu gosto. Por isso esforçou-se em limitar, assim que pôde, suas digressões de pensamento, e, embora não muito sinceramente, fingiu que aquela promessa estranhamente feita à irmã, de um Reino dos Mil Anos, vista sensatamente nada significa senão uma espécie de obra benemerente; o convívio com Ágata exigiria dele um mandamento de ternura e altruísmo que até ali lhe fora bastante estranho. Recordava, como recordamos uma nuvem transparente que passou pelo céu, certos momentos do seu passado convívio, que já tinham sido daquela natureza. “Talvez o conteúdo do Reino dos Mil Anos nada seja senão o crescimento dessa força que no começo surge apenas em dois, até chegar a uma rumorosa comunidade de todos”, refletiu ele, um tanto abalado. Procurou novamente conselho evocando sua própria “história com a esposa do major”: abandonando as fantasias do amor, pois na sua imaturidade tinham sido causa do engano, concentrou toda a sua atenção nas delicadas sensações de bondade e veneração que naquela ocasião conseguira ter, na sua solidão, e pareceu-lhe que confiança e afeto, ou querer viver para outra pessoa, deveria ser uma felicidade que traria lágrimas aos olhos, bela como o ardente imergir do dia numa paz noturna, e por outro lado tão despida de divertimento e tão espiritualmente imóvel que também dava vontade de chorar. Pois entrementes sua intenção já lhe parecia engraçada, como a combinação de dois velhos solteirões de morarem juntos, e naquelas crispações da fantasia sentiu como os conceitos de um serviçal amor fraterno eram pouco adequados a dar-lhe plenitude. Com relativa objetividade admitiu que a relação entre ele e Ágata fora desde o começo grandemente mesclada com algo de a-social. Não só os negócios com Hagauer e o testamento, mas também toda a tonalidade de

sentimentos indicava algo intenso, e sem dúvida naquela fraternidade havia tanto amor recíproco como repulsa pelo restante do mundo. “Não!”, pensou Ulrich. “Querer viver para outra pessoa não é senão a falência do egoísmo, que abre, ao lado, novo negócio com um sócio!”

Com efeito, apesar dessa observação lapidada e brilhante, sua tensão interior já ultrapassara seu auge no momento em que ele fora tentado a colocar numa lampadazinha terrena aquela luz que o enchia vagamente; e quando viu que fora um erro, seu pensamento já não tinha a intenção de procurar decisão alguma, e ele deixou-se distrair. Perto dele, dois homens tinham-se chocado e trocavam insultos como se quisessem se atacar; observou-os com nova atenção, e, mal se afastara deles, seu olhar topou com o de uma mulher, olhar que parecia uma gorda flor balançando num caule. Naquele estado de espírito agradável que consta de atenção externa e de emoções em medidas iguais, percebeu que a exigência ideal de amar ao próximo é seguida pelas pessoas reais em duas partes, a primeira dizendo que não suportamos os outros, a segunda querendo que se mantenham relações sexuais com uma metade deles. Sem refletir, ele virou-se depois de alguns passos para seguir a mulher; foi algo mecânico, resultado do toque dos olhos dela. Via o vulto dela à sua frente como um grande peixe branco debaixo do vestido, nadando próximo da superfície da água. Quis fisgá-la virilmente e poder vê-la retorcer-se, e nisso havia tanta repulsa quanto desejo. Sinais quase imperceptíveis revelaram-lhe que a mulher sabia que era seguida e aprovava aquilo. Ele tentou descobrir a que camada social ela pertenceria, e adivinhou ser uma classe média alta, onde é difícil determinar exatamente a posição das pessoas. “Família de comerciantes? De funcionários públicos?”, indagava-se. Mas apareceram aleatoriamente várias imagens, entre elas até a de uma farmácia: ele sentiu o aroma forte e adocicado do homem que volta para casa; a atmosfera compacta do lar, que já nada revela dos bruxuleios com que há pouco a iluminava a lanterna de bolso de um arrombador. Sem dúvida, era repulsivo, mas de uma sedução vulgar.

E enquanto Ulrich andava atrás da mulher, na verdade receando que ela parasse diante de uma vitrine forçando-o a tropeçar como um idiota ou a interpellá-la, alguma coisa nele ainda estava concentrada e alerta. “O que será que Ágata quer *de mim*?”, perguntou-se pela primeira vez. Não sabia. Presumia que seria semelhante ao que desejava dela, mas para isso tinha

apenas motivos sentimentais. Não era de admirar como tudo acontecera rápido e imprevisível? Além de algumas lembranças da infância, ele nada soubera dela, e o pouco que sabia, por exemplo a relação de alguns anos com Hagauer, não lhe era nada simpático. Recordou a singular hesitação, quase resistência, com que se aproximara da casa paterna. E de repente, uma idéia insinuou-se nele: “Meu sentimento por Ágata é mera fantasia!” Num homem que sempre desejava algo diferente dos outros — pensou, novamente sério —, num homem que sempre sente a repulsa e nunca chega à simpatia, toda a habitual benevolência e a morna bondade humana decompor-se-iam facilmente numa dureza fria, sobre a qual pairasse um nevoeiro de amor impessoal. Uma vez chamara isso de amor seráfico. Podia-se também dizer, amor sem parceiro, ou: amor sem sexualidade. Alias, hoje em dia as pessoas só tinham amores sexuais: não suportamos nossos semelhantes, e no entrelaçamento dos sexos as pessoas se amam com crescente revolta contra a exagerada valorização desse impulso. Mas o amor seráfico estava livre das duas coisas. Era o amor livre das contracorrentes da repulsa social ou sexual. Na verdade, sentido junto com a crueldade da vida atual, podia-se chamá-lo de amor de irmã de uma época que não tinha lugar para amor de irmão — pensou ele, estremeando irritado.

Mas embora acabasse tendo essas idéias, continuava sonhando, paralela e alternadamente, com uma mulher inatingível. Imaginava-a como os tardios dias outonais na montanha, quando o ar tem algo de mortalmente exangue, mas as cores ardem na maior paixão. Via as distâncias azuladas, infinitas na sua misteriosa gradação. Esqueceu por completo a mulher que realmente andava à sua frente, estava distante de todo o desejo, e talvez próximo do amor.

Só o olhar de outra mulher, insistente, o desviou desses pensamentos; era semelhante ao outro olhar, mas não tão insolente e gordo, e sim educado, como um traço em cor pastel, mas gravando-se nele em uma fração de segundo: ergueu os olhos, e num estado de total exaustão interior reconheceu uma dama muito bonita: Bonadéia.

Fora atraída à rua pelo dia magnífico. Ulrich olhou seu relógio: fazia apenas quinze minutos que passeava, e não tinham-se passado quarenta e cinco desde que saíra do palácio de Leinsdorf. Bonadéia disse:

— Hoje não estou livre.

Ulrich pensou: “como é longo um dia, um ano, uma resolução para a vida inteira!”. Era realmente imensurável.

23

BONADÉIA, OU A RECAÍDA

Assim aconteceu que, pouco depois, Ulrich tenha recebido a visita de sua amiga abandonada. O encontro na rua não bastara para as acusações que ele lhe desejava fazer por ter usado seu nome a fim de conseguir a amizade de Diotima, nem dera a Bonadéia tempo suficiente de o acusar por seu longo silêncio, e, além de defender-se da acusação de indiscrição e chamar Diotima de “cobra vulgar”, inventar ainda uma prova para isso. Por isso, ela e seu amigo aposentado haviam combinado, às pressas, que teriam de falar-se mais uma vez.

Quem apareceu não era mais a Bonadéia que enrolava o cabelo nas mãos até conferir à sua cabeça um relativo ar grego, quando se contemplava no espelho, piscando os olhos, imaginando-se tão pura e nobre quanto Diotima; nem era aquela que, em noites desvairadas pela privação, insultava desavergonhadamente, com experiência feminina, o seu modelo; mas era novamente a boa velha Bonadéia, com cachinhos caindo na testa não muito inteligente, ou afastados dela, conforme a moda, e em cujos olhos algo parecia o ar subindo sobre uma fogueira. Enquanto Ulrich a interpelava por ter revelado à prima dele a sua relação, ela tirou calmamente o chapéu diante de um espelho e, quando ele quis saber o quanto ela dissera à outra, Bonadéia descreveu, contente e exata, qua mentira para Diotima ter recebido uma carta dele pedindo que cuidasse para Moosbrugger não cair no esquecimento, e que não pensara em nada melhor do que dirigir-se à mulher de cujas nobres intenções o autor da carta

falara tantas vezes. Depois, sentou-se no braço da cadeira de Ulrich, beijou sua testa, e assegurou, modestamente, que tudo aquilo era verdade, à exceção da carta. Dos seios dela saía um calor intenso.

— E por que chamou minha prima de “cobra”? Você é que é uma cobra! — disse ele. Bonadéia afastou os olhos dele, pensativa, para a parede.

— Ora, não sei — respondeu —, ela é tão simpática comigo. Interessa-se tanto por mim!

— O que significa isso? — perguntou Ulrich. — Agora você partilha dos esforços dela pelo Bom, Belo e Verdadeiro?

Bonadéia retrucou:

— Ela me explicou que nenhuma mulher pode viver para seu amor segundo suas forças, nem ela nem eu. Por isso, cada mulher precisa cumprir seu dever no lugar que o destino lhe reservou. Ela é uma mulher decentíssima — prosseguiu Bonadéia, mais pensativa ainda. — Está me persuadindo a ter consideração com meu marido, e afirma que uma mulher superior encontra grande felicidade na preservação do seu casamento; coloca isso muito acima do adultério: na verdade, eu mesma sempre achei isso!

E era verdade, pois Bonadéia nunca pensara de outro modo, simplesmente agira, podendo assim concordar com Diotima sem maior problema. Quando Ulrich respondeu isso, ela lhe deu um beijo, desta vez já um pouco abaixo da testa.

— Você perturba meu equilíbrio poligâmico! — disse com um pequeno suspiro para desculpar a contradição entre seu pensamento e suas atitudes.

Através de muitas indagações, ele descobriu que ela quisera dizer “equilíbrio poliglandular”, termo fisiológico naquele tempo recém-introduzido, que se poderia traduzir como equilíbrio dos humores, presumindo que eram certas glândulas, agindo sobre o sangue, que, com seus impulsos e inibições, influenciam o caráter e o temperamento, especialmente certos tipos de temperamento como o que Bonadéia, em certas circunstâncias, possuía dolorosamente.

Ulrich enrugou a testa, curioso.

— Portanto, uma questão glandular — disse Bonadéia. — É de certa forma tranquilizador saber que não se tem culpa disso! — Ela sorriu doloridamente para o amigo perdido: — E quando se perde o equilíbrio facilmente, acontecem facilmente experiências sexuais fracassadas!

— Mas, Bonadéia — disse Ulrich, admirado —, que jeito de falar!

— Foi como aprendi. Você é uma experiência sexual fracassada, diz sua prima. Mas também diz que podemos nos esquivar de consequências físicas

e espirituais dolorosas, pensando que nada do que fazemos é unicamente assunto pessoal nosso. Ela é muito boa comigo. Diz que meu erro pessoal é ter-me prendido demais a um detalhe do amor, em vez de considerar a vida amorosa como um todo. Entende? Por de talhe ela quer dizer o que também chama de “experiências grosseiras”: em geral é muito interessante ver os fatos sob essa luz. Mas uma coisa nela não me agrada: pois afinal, embora diga que uma mulher forte tem de procurar na monogamia a obra de sua vida, e que deve amar isso como um artista, ela tem três, com você talvez quatro, homens de reserva, e eu, para sorte minha, agora não tenho nenhum! O olhar com que ela examinou seu desertor era cálido e cheio de dúvidas. Mas Ulrich fingiu não notar.

— Então vocês falam a meu respeito? — perguntou, cheio de pressentimentos.

— Ora, só de vez em quando — respondeu Bonadéia. — Quando sua primaprocuro um exemplo, ou quando está presente o seu amigo, o general.

— E certamente Arnheim também está?

— Ele escuta cheio de dignidade a conversa das nobres damas — zombou Bonadéia, não sem talento para imitação, mas acrescentou, gravemente: O comportamento dele para com sua prima não me agrada nada. Ele está quase sempre viajando; e quando está presente, fala demais com todo mundo, e quando ela menciona o exemplo da Sra. von Stern...

— Sra. von Stein? — corrigiu Ulrich, numa pergunta.

— Claro, falo da Stein; Diotima fala seguidamente nela. E quando ela fala da relação entre a Sra. von Stein e aquela outra, a Vul... ora, como é que se chama? Tem um nome meio indecente.

— Vulpius.

— Naturalmente. Entende, eu ouço tantas palavras estrangeiras, que já nem sei as mais simples! Pois quando ela compara a Sra. von Stein com aquela, o Arnheim fica me olhando o tempo todo, como se ao lado da sua adorada eu apenas fosse uma dessas, como você mesmo disse há pouco!

Ulrich exigiu explicação para essas mudanças.

Descobriu que, desde que usava o título de íntima de Ulrich, Bonadéia

também progredira muito na intimidade de Diotima.

A fama de ser louca por homens, que Ulrich, num momento de raiva, revelara levemente, deixara sua prima excitadíssima. Admitindo a recém-chegada em seus salões como dama vagamente benemerente, ela a observara algumas vezes, às escondidas, e aquela intrusa com olhos de mata-borrão macio, que sugavam a imagem de sua casa, não apenas fora muito inquietante, mas lhe despertara tanta curiosidade feminina quanto horror. Para dizer a verdade, quando Diotima pronunciava a palavra “doença venérea”, tinha sensações parecidas com aquelas sentidas ao imaginar as atividades de sua nova conhecida, e esperava com consciência inquieta algum comportamento extravagante, opróbrio e vergonha. Mas Bonadéia conseguira abrandar essa desconfiança com sua postura cheia de zelo, correspondendo à postura muito bem comportada de crianças malcriadas num ambiente que desperte sua ambição moral. Até esqueceu que tinha ciúmes de Diotima, e esta notou com espanto que sua inquietante protegida estava tão interessada no ideal quanto ela própria. Pois na ocasião, a “irmã transviada”, como a chamava, já se tornara sua protegida, e em breve Diotima lhe dedicava uma simpatia muito ativa, porque sentia que sua própria situação a levava a ver no indigno segredo de ser “louca por homens” uma espécie de espada de Dâmocles feminina, da qual se dizia que poderia pender, num tênue fio, até sobre a cabeça de uma Genoveva.

— Eu sei, filha — instruía a Bonadéia, quase da sua idade —, nada é tão trágico como abraçar uma pessoa da qual não estamos intimamente convencidas! — e beijava a boca impudica com um impulso de coragem que teria bastado para comprimir os lábios entre as barbas sangrentas de um leão.

A situação em que Diotima se encontrava então oscilava entre Arnheim e Tuzzi: uma situação horizontal, podia-se dizer figuradamente, na qual um tinha peso excessivo, outro peso de menos. No seu retorno, o próprio Ulrich ainda encontrara a prima com uma faixa na testa e panos quentes; mas aquelas mazelas femininas, cuja intensidade ela intuía ser a resistência do corpo a tantas orientações contraditórias recebidas da alma, tinham despertado em Diotima aquela nobre decisão que lhe era própria sempre que não queria ser como as outras mulheres. No começo era duvidoso se essa tarefa devia ser assumida pela alma ou pelo corpo, se poderia ser

respondida melhor mudando a postura com relação a Arnheim ou Tuzzi; mas isso se decidia com ajuda do mundo, pois enquanto a alma e seu enigma amoroso lhe escapavam como um peixe que queremos segurar na mão, para surpresa sua a sofredora mulher encontrou abundantes conselhos nos livros da época, quando decidiu pela primeira vez agarrar seu destino pela outra extremidade, a extremidade física, representada pelo marido. Não sabia que nossa época, que aparentemente se esquivou do conceito da paixão amorosa porque é um conceito mais religioso que sexual, despreza como coisa infantil ocupar-se do amor, mas em compensação dirige seus esforços para o casamento, cujos procedimentos naturais examina com vigoroso detalhe. Já naquele tempo tinham surgido vários livros falando com o senso de um professor de ginástica em “revoluções da vida sexual”, querendo ajudar as pessoas casadas a terem prazer. Nesses livros, homem e mulher chamavam-se apenas “portadores de germens masculinos ou femininos”, ou “parceiros sexuais”, e o tédio que devia ser eliminado entre eles por toda a sorte de variações físicas e espirituais era chamado de “o problema sexual”. Enveredando por essa literatura, primeiro sua testa se enrugou, depois alisou-se, pois era um golpe no seu orgulho o fato de até ali lhe ter escapado um grande movimento do espírito de seu tempo, e por fim, arrebatada, punha a mão na testa espantada por poder dar uma finalidade ao mundo (embora não tivesse decidido qual seria), mas também poder tratar os aspectos desagradáveis do casamento com superioridade espiritual. Essa possibilidade correspondia às suas tendências e dava-lhe a perspectiva de tratar a relação com seu marido, que até ali apenas lhe causara sofrimento, como ciência e arte.

— Por que buscar nas distâncias quando o bem está tão perto? — disse Bonadéia, e reforçou isso com sua predileção por lugares-comuns e citações. Pois em breve a protetora Diotima a assumira como sua aluna, tratando-a como tal nesses assuntos. Isso acontecia segundo o princípio pedagógico de aprender enquanto se ensina, e em parte ajudava Diotima a extrair, das impressões ainda bastante desordenadas e obscuras de suas novas leituras, algo de que estivesse firmemente convencida — dirigida pelo feliz segredo da “intuição” que lhe dizia que acertamos na mosca quando falamos ao léu. De outro lado, porém, também Bonadéia tirava disso uma vantagem que lhe possibilitava uma retroação sem a qual mesmo para o melhor mestre o aluno continua estéril: sua rica sabedoria prática

representava, ainda que cautelosamente contida, uma fonte de experiências que a teórica Diotima observava com medo, desde que começara a corrigir sua vida conjugal com auxílio dos livros.

— Veja, eu sou muito menos inteligente do que ela — disse Bonadéia —, mas com frequência nos livros dela há coisas de que nem eu tinha a menor idéia, e isso por vezes a deixa tão intimidada que me diz com pena: “Isso não se pode decidir na mesa de jogo que é a cama conjugai, mas exige infelizmente uma grande experiência e prática sexual, treinada em material vivo!”

— Mas por amor de Deus — exclamou Ulrich, dominado pelo riso só de imaginar que sua casta prima errava por aquela “ciência sexual” —, afinal, o que é que ela pretende?

Bonadéia juntou suas lembranças da feliz ligação dos interesses científicos do seu tempo com uma expressão verbal totalmente superficial:

— Trata-se de uma melhor formação e administração do seu impulso sexual — respondeu no espírito de sua mestra —, e ela defende a convicção de que esse caminho para um erotismo vivaz e harmonioso tem de passar por uma dura auto-educação.

— Vocês estão se educando cuidadosamente? E de maneira duríssima?! Você está falando de um jeito incrível! — exclamou Ulrich novamente. — Mas tenha a bondade de me explicar para que Diotima está se educando.

— Naturalmente, primeiro está educando o marido! — corrigiu Bonadéia. Coitado!”, pensou Ulrich sem querer, e pediu:

— Então, por favor, eu gostaria de saber como é que ela faz isso: não comece a ficar inibida de repente!

Na verdade, diante dessas perguntas, Bonadéia se sentia inibida pela ambição, como um estudante modelar na hora do exame.

— A atmosfera sexual dela está envenenada — declarou cautelosamente. — E se ela quiser salvar essa atmosfera, isso só será possível se ela e Tuzzi examinarem suas atuações com grande cuidado. Não há regras gerais. É preciso esforçar-se por observar o outro em suas reações. E para poder observar direito, é preciso ter certa visão da vida sexual. É preciso poder comparar a experiência prática adquirida com os resultados da pesquisa teórica, diz Diotima. Pois hoje há uma nova e mudada postura da mulher em

relação ao problema sexual: ela não exige do homem apenas uma atuação, mas uma atuação nascida do correto conhecimento do feminino! — E para distrair Ulrich, ou porque isso a divertia, acrescentou, com hilariedade:

— Imagine o efeito que isso deve ter sobre o marido dela, que não tem a menor idéia dessas novidades e fica sabendo da maioria delas ao despir-se no quarto de dormir, quando Diotima, digamos, procura seus grampos no cabelo meio desfeito, prendeu as saias entre as pernas e de repente começa a falar nesse assunto. Eu experimentei isso com meu marido, e ele quase morreu sufocado. Uma coisa pode-se admitir: quando tem de haver um “casamento duradouro”, pelo menos haverá a vantagem de se poder extrair do parceiro de vida todo o conteúdo erótico, e é isso que Diotima se esforça por obter de Tuzzi, que não é lá muito refinado.

— Duros tempos esses, para os maridos de vocês! — provocou Ulrich. Bonadéia riu, e ele notou o quanto ela ficaria contente por poder escapar por vezes à opressiva gravidade daquela escola amorosa.

Mas a curiosidade de Ulrich não afrouxara ainda: ele sentiu que sua mudada amiga escondia alguma coisa que no fundo teria gostado muito de comentar. Ele objetou com intimidade que o erro desses dois maridos, reunidos na desgraça, era exatamente terem tido um grande “conteúdo erótico”, segundo se dizia.

— Sim, você fica o tempo todo pensando só nisso! — explicou Bonadéia com um olhar cuja longa ponta tinha um ganchinho que se podia entender como pena pela sua recente inocência. — Você também abusa da fraqueza fisiológica da mulher!

— Do que é que eu abuso? Você encontrou uma expressão ótima para a história do nosso amor!

Bonadéia deu-lhe um tapinha e arrumou o cabelo diante do espelho, com dedos nervosos. Olhando-o pelo espelho, disse:

— Isso é de um livro!

— Claro. E muito conhecido.

— Mas Diotima nega isso. Ela encontrou outra coisa em outro livro; chama-se *A inferioridade fisiológica do homem*, livro escrito por uma mulher. Você acredita que isso tem realmente uma importância tão grande?

— Não sei o que é, e não consigo responder nada!

— Então preste atenção! Diotima parte de uma descoberta que chama de “constante disposição da mulher para o prazer”. Pode imaginar o que seja isso?

— Não em Diotima!

— Não seja grosso! — censurou a amiga. — Essa teoria é muito sutil, e preciso me esforçar para explicá-la de modo que você não tire falsas conclusões por estarmos sozinhos aqui em sua casa. Bem, essa teoria repousa no fato de que uma mulher também pode ser amada quando não quer. Entendeu agora?

— Sim.

— Infelizmente, isso não se pode negar. Em contrapartida, o homem, muitas vezes, quer amar e não pode. Diotima diz que isso está cientificamente provado. Acredita nisso?

— Dizem que acontece.

— Não sei — duvidou Bonadéia. — Mas Diotima diz que quando a gente encara isso à luz da ciência, parece bem óbvio. Pois ao contrário da constante disposição da mulher para o prazer, o homem, em resumo, a parte mais masculina do homem, facilmente se intimida. — O rosto dela estava cor de bronze quando o afastou do espelho.

— Isso me admira, tratando-se de Tuzzi — disse Ulrich, evasivo.

— Também não creio que antigamente fosse assim — disse Bonadéia —, mas deve vir como confirmação ulterior da teoria, porque ela lhe fala nisso todo o dia. Chama isso de “teoria do fiasco”. Pois como o portador de germens masculino faz fiasco tão facilmente, ele só se sente sexualmente seguro onde não precisa reear nenhuma superioridade espiritual da mulher, não importa de que tipo, e por isso os homens quase nunca têm coragem de aceitar uma mulher humanamente igual a eles. Diotima diz que o *leitmotiv* de todas as ações amorosas dos homens, especialmente o da superioridade masculina, é puro medo. Grandes homens mostram medo; ela se refere ao Arnheim. Homens menores disfarçam isso com uma brutal arrogância física e abusam da alma feminina: estou me referindo a você! E ela, ao Tuzzi. Esse “agora ou nunca!” com que vocês nos derrotam tantas vezes é apenas uma espécie de supercomp... ela ia dizer supercompressa, e Ulrich ajudou:

— Compensação.

— Sim. Com isso vocês se esquivam da impressão de serem fisicamente inferiores.

— E o que vocês decidiram fazer? — perguntou Ulrich, derrotado.

— Precisamos nos esforçar para sermos agradáveis aos homens! E por isso, vim procurar você. Vamos ver como você reage!

— Mas, e Diotima?

— Santo Deus, o que lhe interessa Diotima? Arnheim faz cara de lesma quando ela lhe diz que infelizmente os homens espiritualmente superiores só parecem encontrar plena satisfação com mulheres inferiores, enquanto fracassam diante de mulheres espiritualmente iguais a eles, o que no caso da Sra. von Stein e da Vulpius ficou provado cientificamente. (Está vendo, agora o nome não me traz mais problemas. Mas que ela foi a parceira sexual do velho Goethe, eu sempre soube!)

Ulrich tentou levar mais uma vez a conversa para Tuzzi, a fim de desviar o assunto de si mesmo. Bonadéia começou a rir; não era desprovida de compreensão para com a lamentável situação do diplomata, que lhe agradava bastante como homem, e sentia uma maligna alegria e certa cumplicidade pelo fato de ele ter de sofrer sob a chibata disciplinadora da alma. Contou então que, no tratamento do marido, Diotima partia do pressuposto de que precisava libertá-lo do medo dela, e que, para tanto, se reconciliaria um pouco com a “brutalidade sexual” dele. Confessava ter reconhecido que o erro de sua vida fora ter valor demais diante daquele ingênuo desejo de superioridade do seu cônjuge, e tratava de abrandar isso escondendo agora sua superioridade espiritual atrás de uma flexível coqueteria erótica.

Ulrich interrompeu-a vivamente, perguntando o que entendia com isso. O olhar de Bonadéia prendeu-se cheio de seriedade ao rosto dele.

— Ela lhe diz, por exemplo, que a vida deles foi até agora estragada pela luta por uma afirmação pessoal, e mostra então que o efeito envenenador da procura de prestígio por parte do homem também domina toda a vida pública...

— Mas isso não é coquete nem erótico — objetou Ulrich.

— É sim! Pois você tem de pensar que um homem realmente apaixonado age com relação à sua mulher como um verdugo diante da vítima. Isso faz parte do esforço de afirmar-se, como se diz agora. E de outro lado, você não vai querer negar que o impulso sexual também é importante para a mulher!

— Claro que não nego isso!

— Muito bem. Mas a relação sexual, para transcorrer direito, exige igualdade. É preciso tratar o parceiro de amor como igual, se quisermos obter dele um amplexo feliz, e não apenas como uma passiva complementação do próprio eu — prosseguiu ela, usando as expressões de sua mestra, como alguém que, numa superfície lisa, se sente impelido, medrosamente, involuntariamente, pelos seus próprios movimentos. — Pois se nenhuma relação humana suporta um permanente pressionar e ser pressionado, isso vale mais ainda para a relação sexual...

— Não diga! — retorquiu Ulrich.

Bonadéia apertou o braço dele, e seus olhos cintilaram como uma estrela cadente.

— Fique quieto! — exclamou. — Falta a todos vocês o conhecimento vivo da psique feminina! E se você quiser que eu continue a lhe falar de sua prima... — mas também ela chegara ao fim de suas forças, e seus olhos rebrilhavam como os de uma tigresa diante de cuja jaula se carrega um pedaço de carne. — Não, eu mesma não consigo mais ouvir isso!

— exclamou.

— Ela realmente fala assim? — perguntou Ulrich. — Disse isso de verdade?

— Mas eu não escuto, todos os dias, senão falar de prática sexual, amplexos bem-sucedidos, pontos erógenos, glândulas, secreções, desejos contidos, treinamento erótico e regulação do impulso sexual! Provavelmente, cada um tem a sexualidade que merece, pelo menos sua prima diz isso, mas será que eu precisava merecer uma tão intensa?

Seu olhar prendia o do amigo.

— Você não precisa nada — afirmou Ulrich lentamente.

— Afinal, pode-se dizer que minha intensa capacidade de viver representa

uma vantagem fisiológica? — perguntou Bonadéia, com um riso feliz e ambíguo.

Não houve mais resposta. Quando, longo tempo depois, surgiu de novo alguma resistência em Ulrich, o dia claro cintilava pelas frestas das janelas, e, olhando para lá, o quarto escuro parecia a sepultura de um sentimento encolhido a ponto de tornar-se irreconhecível. Bonadéia jazia ali de olhos fechados, sem dar sinal de vida. As sensações que recebia agora de seu corpo semelhavam às de uma criança cuja teimosia foi quebrada depois de uma surra. Cada polegada de seu corpo, inteiramente saciado e abatido, exigia um perdão moral depois das carícias. Certamente não do homem em cuja cama estava deitada, a quem suplicara que a matasse porque seu desejo não se desfazia por nenhuma repetição e excitação. Mantinha os olhos fechados, para não ter de vê-lo. Pensou, apenas para experimentar: “Estou na cama dele!” E: “Nunca mais me deixo expulsar daqui!”, gritara interiormente há pouco tempo; agora, isso significava apenas uma situação da qual não era possível sair sem atravessar alguns fatos penosos que ainda precisava sofrer. Lenta e preguiçosamente, Bonadéia ligava seus pensamentos ao ponto em que se haviam interrompido.

Pensou em Diotima. Aos poucos recordou palavras, frases inteiras e fragmentos de frases, mas em geral era apenas de satisfação com sua existência, que sentia quando palavras incompreensíveis e irrecordáveis como hormônios, glândulas, cromossomos, zigotos ou secreção interna passavam zunindo junto de seu ouvido durante longas conversas. Pois a castidade de sua mestra não se continha assim que os limites eram diluídos pela luz da ciência. Diotima era capaz de dizer diante de seus ouvintes: “A vida sexual não é um ofício que se possa aprender, mas deve ser para nós, sempre, a forma mais elevada de arte, para cuja aprendizagem recebemos a vida!” Mas ao mesmo tempo sentia coisas tão pouco científicas como quando falava exaltada em “ponto de aproximação” ou “ponto difícil”.

Sua discípula recordava com precisão essas expressões. Uma análise crítica do amplexo, um esclarecimento corporal da situação, zonas excitáveis, caminho para a mais alta felicidade da mulher, homens bem disciplinados que prestassem atenção à sua parceira.... Bonadéia sentira-se, há mais ou menos uma hora, mesquinamente fraudada por essas expressões tão

científicas, intelectualizadas e nobres que normalmente admirava. Para sua surpresa, notara, com toda a lucidez, que essas palavras não importavam apenas para a ciência, mas também para a emoção, quando as chamava se erguiam de um lado emocional não vigiado. E odiara Diotima. “Falar tanto de uma coisa a ponto de acabar perdendo todo o prazer com ela!”, pensou, e com horrendas idéias de vingança parecera-lhe que Diotima tinha quatro homens, mas a ela não permitia prazer algum, e assim a estava logrando. Bonadéia considerara esse esclarecimento, através do qual a ciência sexual ordena os obscuros fenômenos da sexualidade, uma verdadeira intriga de Diotima. Não conseguia entender isso, como não entendia seu apaixonado desejo por Ulrich. Procurou lembrar onde fora que seus pensamentos e sensações haviam entrado naquele delírio: tudo tão incompreensível quanto alguém que sofre de uma hemorragia ao pensar na impaciência que o levava a arrancar a atadura!

Bonadéia pensou no Conde Leinsdorf, que chamara o casamento de “nobre ofício”, e comparara os livros de Diotima, que tratavam dele, a uma racionalização dessa vida oficial. Pensou em Arnheim, que era multimilionário e chamara a revalorização da fidelidade conjugal a partir da idéia de corpo de “legítima necessidade dos tempos”.

E pensou nos muitos outros homens famosos que conhecera nesse tempo, sem lembrar se tinham pernas curtas ou longas, se eram gordos ou magros: pois via neles apenas o radiante conceito de fama, complementado por uma incerta massa corporal, como se dá conteúdo às delicadas paredes de uma pombinha assada através de um recheio grosso e repleto de ervas. Com essas lembranças, Bonadéia jurou nunca mais ser vítima das súbitas tempestades que se confundiam em cima e embaixo, e jurou isso a si mesma tão vivamente que já se via, fiel a seus princípios, espiritualmente e sem determinação física, como amante do mais refinado dos homens, que escolheria entre os admiradores de sua grande amiga. Mas como de momento não pudesse negar que estava deitada, semidespida, na cama de Ulrich, sem querer abrir os olhos, esse rico sentimento de voluntária contrição, em vez de consolá-la, passou a um desgosto miserável e irritante. A paixão cujos efeitos dividia a vida de Bonadéia nessas contradições não nascia do fundo de sua sensualidade, mas da ambição. Era nisso que refletia Ulrich, conhecendo bem sua amiga, e calou-se para não provocar suas

acusações, enquanto contemplava seu rosto de pálpebras baixadas. A forma primitiva de todos os desejos dela lhe parecia uma ânsia de honrarias, que se desviara por trilhos falsos, sim, até, textualmente, por ramificações nervosas falsas. E por que uma ambição de recorde social, que normalmente pode festejar seus triunfos bebendo a maior quantidade de cerveja ou pendurando no pescoço a maior pedra preciosa, não se poderia expressar, em Bonadéia, sob forma de ninfomania? Depois de acontecerem, ela negava tristemente essas manifestações, ele reconhecia isso, e entendia bastante bem que aquela enfadonha falta de naturalidade de Diotima impressionasse como coisa paradisíaca aquela mulher a quem o diabo sempre montara em pêlo! Contemplou suas pupilas pesadas e exauridas sob as pálpebras; viu o nariz moreno erguido de maneira decidida, e as narinas vermelhas e afiladas; percebeu, um pouco perturbado, as diversas linhas daquele corpo: a dos grandes seios redondos sobre o espartilho reto das costelas; aquela onde nascia, da polpa das ancas, o dorso côncavo; as unhas agudas e hirtas sobre a branda ponta dos dedos. E enquanto, com certa repulsa, contemplava alguns pelinhos brotando das narinas da amante deitada diante de seus olhos, recordou como aquela mesma pessoa, há pouco, despertara sedutoramente seus desejos. O sorriso vivo e ambíguo, com que Bonadéia aparecera para terem aquela “conversa”, a maneira natural com que rejeitara todas as acusações, ou revelara alguma novidade sobre Arnheim, aquela quase cômica exatidão de suas observações: ela realmente se modificara vantajosamente, parecia mais independente, as forças que a puxavam para cima e para baixo mantinham-se num equilíbrio mais frouxo, e essa falta de peso moral fora repousante e benéfica para Ulrich, que ultimamente sofrerá muito com sua própria gravidade. Ainda agora podia sentir o prazer com que a escutara e contemplara as expressões no seu rosto, como ondas e sol. E de repente, enquanto encarava o rosto agora mal-humorado, lembrou que só pessoas sérias podem ser más. “Pode-se dizer que pessoas alegres estão salvas disso”, pensou. “Assim como o intrigante numa ópera é sempre o que tem voz de baixo!” De alguma forma estranha isso significava, também para ele, que o profundo e o sombrio se relacionavam; pois é certo que toda culpa é aliviada quando cometida “levianamente” por uma pessoa alegre. Mas de outro lado talvez isso só valesse no amor, onde os sedutores pensativos são muito mais destrutivos e imperdoáveis do que os levianos, embora façam exatamente a mesma coisa. Seus pensamentos vagavam, e ele

não estava apenas decepcionado porque aquela hora de amor, que começara tão fácil, terminava em melancolia, mas também inesperadamente animado.

Com isso, esquecia-se da presença de Bonadéia, sem saber ao certo como, e, apoiando a cabeça no braço e dirigindo o olhar para longe, através das paredes, virava-lhe as costas, pensativo, quando ela, diante daquele total silêncio, decidiu abrir os olhos. Nesse momento, inocentemente, ele pensava que certa vez desistira de uma viagem sem chegar ao destino, pois um dia muito claro, que revelava a paisagem de maneira sedutora, o atraía da estação para um passeio, para deixá-lo no começo da noite, sem bagagem, numa aldeia a várias horas dali. Pensava recordar sempre ter tido a qualidade de ficar fora por um tempo imprevisível e nunca voltar pelo mesmo caminho; e, de uma lembrança bem distante, nalgum degrau de sua infância que normalmente nunca alcançava, entrou um raio de luz em sua vida. Num lapso de tempo imensuravelmente breve, pensou sentir mais uma vez aquele misterioso anseio que leva uma criança para um objeto que avista, querendo tocá-lo ou metê-lo na boca, com o que o encantamento termina como num beco sem saída; e pareceu-lhe durante o mesmo período de tempo que também a ânsia dos adultos não é melhor nem pior, a ânsia que os leva a qualquer distância para transformá-la em proximidade, como acontecia com ele mesmo, e depois revelar-se, por uma falta de substância disfarçada de curiosidade, como compulsão. E essa imagem fundamental transformava-se pela terceira vez no impaciente e decepcionante acontecimento para o qual, sem que os dois quisessem, se dirigira aquele reencontro com Bonadéia. Esse deitar-se lado a lado na cama lhe pareceu agora muito infantil.

“Mas o que significa o contrário disso, o hirto amor distante, o incorpóreo, como um dia de começos de outono?”, indagou-se. “Provavelmente apenas mais um jogo de crianças, modificado”, pensou, duvidando, e lembrou-se dos bichos coloridos que em criança amara muito mais do que hoje amava à sua amiga. Mas nisso, Bonadéia ficou farta de olhar as costas dele, medindo nelas a sua própria infelicidade, e interpelou-o dizendo:

— Foi culpa sua!

Ulrich virou-se sorrindo e respondeu sem refletir:

— Minha irmã chega dentro de alguns dias, e vai morar comigo: eu já lhe

falei disso?

E aí, vai ser difícil nos vermos!

— Quanto tempo? — perguntou Bonadéia.

— Para sempre — respondeu Ulrich, sorrindo outra vez.

— E daí? — disse Bonadéia. — Qual é o impedimento? Vai querer me convencer de que sua irmã não lhe permitirá ter uma amante?

— É exatamente isso que quero lhe dizer — disse Ulrich. Bonadéia deu uma risada.

— Eu vim ao seu encontro hoje numa total inocência, e você nem me deixou acabar de falar! — censurou-o.

— Minha natureza é uma máquina que desvaloriza constantemente a vida! Quero ser diferente! — respondeu Ulrich. Ela não poderia entender isso, mas lembrou-se com teimosia de que amava Ulrich. De repente, não era mais o espectro vacilante de seus nervos, mas conseguiu uma naturalidade convincente, e disse com simplicidade:

— Você começou um caso com ela!

Ulrich proibiu-a de dizer isso; com mais seriedade do que pretendia.

— Eu tomei o propósito de por muito tempo não amar nenhuma mulher senão como se fosse minha irmã! — explicou, e calou-se.

Esse silêncio, pela sua duração, causou em Bonadéia uma impressão de maior determinação do que seu conteúdo lhe conferia.

— Mas você é pervertido! — exclamou de repente, num tom de profecia e aviso, e saltou da cama, para voltar à sábia escola de amor de Diotima, cujas portas se abriam inocentemente para aquela mulher arrependida e saciada.

24

ÁGATA CHEGA REALMENTE

Na noite daquele dia veio um telegrama e, na tarde seguinte, Ágata chegou.

A irmã de Ulrich veio com poucas malas, como imaginara, deixando tudo atrás de-si. Mas a quantidade de malas não correspondia exatamente ao propósito: jogue no fogo tudo o que tiver, até os sapatos. Quando Ulrich soube desse propósito, riu: até duas caixas de chapéus tinham escapado ao fogo.

A testa de Ágata assumiu a adorável expressão de quem está magoado e reflete em vão sobre essa mágoa.

Não se soube se Ulrich tinha razão ao criticar essa imperfeita expressão de um sentimento que fora grande e arrebatador, pois Ágata não entrou nessa questão; alegria e desordem, causadas involuntariamente pela chegada dela, zuniam em seus ouvidos e olhos como a dança ao redor de uma charanga: ela estava alegre e sentia-se levemente decepcionada, embora não tivesse esperado nada de determinado, e durante a viagem até tivesse, propositadamente, evitado qualquer expectativa. Apenas, de repente, ficou muito cansada, lembrando a noite passada em vigília. Agradou-lhe que depois de algum tempo Ulrich confessasse que, quando chegara a notícia da vinda dela, ele não tinha podido desfazer um compromisso marcado para aquela tarde; prometeu estar de volta em uma hora, e, com uma cerimônia que a fazia rir, acomodou a irmã no divã do seu escritório.

Quando Ágata acordou, a hora passara há muito, e Ulrich não estava lá. O aposento mergulhara numa penumbra densa, e pareceu-lhe tão estranho que ela se assustou com a idéia de estar no meio da nova vida que esperara. Até onde podia ver, as paredes estavam cobertas de livros, como antigamente na casa do pai, e as mesas com escritos. Abriu uma porta, curiosa, e entrou no aposento vizinho: lá encontrou guarda-roupas, caixas para botas, o saco de

boxe, halteres, uma escada sueca para ginástica. Foi adiante e encontrou livros outra vez. Chegou às águas-de-colônia, essências, escovas e pentes do banheiro, à cama do irmão, ao enfeite de caça do vestíbulo. Seu rastro estava marcado por uma luz que se acendia e apagava, mas o acaso quis que Ulrich nada notasse, embora já estivesse em casa: adiar o propósito de acordá-la, para a deixar descansar mais tempo, e agora topou com ela no patamar da escada, vindo da cozinha pouco usada que ficava no subsolo. Procurara algum frescor para a irmã, pois por descuido, naquele dia nem mesmo a mais essencial criadagem se encontrava em casa. Quando ficaram parados lado a lado, Ágata sentiu que impressões até ali totalmente desconexas se reuniam dentro dela, causando um desconforto que a deixou intimidada, como se fosse melhor afastar-se imediatamente. Havia naquela casa algo de frio, acumulado em caprichos indiferentes, que a assustava.

Notando isso, Ulrich desculpou-se e deu algumas explicações engraçadas. Contou como encontrara aquela casa e relatou detalhadamente a história dela, começando pelas galhadas de cervo que possuía sem ter caçado, até o saco de boxe que fez dançar aos olhos da irmã. Ágata olhou tudo mais uma vez com uma gravidade inquieta, e sempre que deixava um aposento voltava a cabeça para examiná-lo de novo: Ulrich quis achar aquele exame engraçado, mas a sua repetição começou a causar-lhe desconforto pela sua moradia. Revelou-se o que normalmente ficava recoberto pelo hábito: que ele só usava os aposentos mais essenciais, e que os outros se ligavam a eles apenas como algum ornamento negligenciado. Quando se sentaram juntos, depois dessa caminhada, Ágata perguntou:

— Por que você fez isso, se não lhe agrada?

O irmão ofereceu-lhe chá e tudo o que havia na casa, e insistiu em recebê-la com gentileza, embora com atraso, para que aquele segundo encontro não ficasse atrás do primeiro em atenções do corpo. Correndo de um lado para outro, protestou:

— Instalei tudo levianamente, de modo errado e para que nada combinasse comigo.

— Mas é tudo muito bonito — consolou Ágata. Ulrich achou que de outro modo tudo teria sido ainda pior.

— Não suporto casas feitas sob medida espiritualmente — disse. — Eu me sentiria como se tivesse encomendado também um decorador de interiores para mim mesmo!

E Ágata disse:

— Eu também tenho medo desse tipo de casa.

— Apesar disso, a coisa não pode ficar assim — retificou Ulrich. Estava sentado junto dela, à mesa, e havia uma porção de questões ligadas ao fato de comerem juntos. Na verdade, estava espantado ao notar que muita coisa realmente teria de mudar; via isso como uma façanha incomum que lhe era exigida, e no começo sentia o fervor de um iniciante.

— Uma pessoa sozinha — respondeu diante da condescendente disposição da irmã de deixar tudo como estava — pode ter uma fraqueza: ela murcha e some no meio de suas outras qualidades. Mas quando duas pessoas dividem uma fraqueza, ela assume, em comparação com as qualidades que não lhes são comuns, um peso duplo, e aproxima-se de uma confissão voluntária.

Ágata não pensava assim.

— Em suma, como irmãos não devemos fazer uma série de coisas que seriam permitidas como indivíduos isolados; por isso mesmo é que nos reunimos.

Aquilo agradou a Ágata. Mesmo assim, não lhe bastava a concepção negativa de apenas estarem juntos para não fazerem certas coisas, e algum tempo depois perguntou, voltando à decoração reunida na casa pelos seus aristocráticos fornecedores:

— Mas continuo não entendendo bem. Por que você se instalou assim, se não acha isso direito?

Ulrich sentiu seu olhar divertido e contemplou seu rosto; sobre o vestido de viagem um pouco amassado que ela ainda usava, ele lhe pareceu subitamente liso como prata e tão singularmente presente, que estava ao mesmo tempo longe e perto

dele, ou eram a proximidade e a distância que se anulavam reciprocamente nessa presença, como a lua aparecendo de repente das distâncias do céu sobre o telhado do vizinho.

— Por que fiz isso? — retrucou ele, sorrindo. — Não sei mais. Provavelmente porque teria podido fazer diferente, se quisesse. Não senti responsabilidade alguma. Seria menos certo, se eu quisesse explicar que a irresponsabilidade com que hoje vivemos nossas vidas já poderia ser um degrau para uma nova responsabilidade.

— De que tipo?

— Ora, de muitos tipos. Você sabe: a vida de um indivíduo é talvez apenas uma pequena oscilação em torno do valor médio mais provável de uma série. E coisas assim.

Ágata ouviu apenas o que entendia. E disse:

— Assim surgem o “bastante bonito”, e “muito bonito.” Quase não sentimos mais que vivemos na feiúra. Mas de vez em quando é tão horrível como se acordássemos aparentemente mortos, num necrotério!

— E como era a sua casa? — perguntou Ulrich.

— Burguesa. À maneira de Hagauer. “Bem bonita.” Tão falsa quanto a sua! Entrementes, Ulrich pegara um lápis e fez na toalha da mesa o esboço da casa e uma nova distribuição dos aposentos. Era fácil, e foi tão depressa que o movimento doméstico de Ágata, de proteger a toalha de mesa, veio tarde demais e terminou inutilmente sobre a mão dele. As dificuldades só apareceram no capítulo da decoração.

— Temos uma casa — notou Ulrich —, e temos de decorá-la de forma diferente para nós dois; mas, de modo geral, essa questão hoje foi superada e é ociosa. “Arrumar uma casa” disfarça uma fachada atrás da qual não há mais nada; as relações sociais e pessoais não são mais suficientemente sólidas para uma casa, ninguém mais sente uma alegria honesta em exibir duração e tenacidade. Antigamente, a gente fazia isso, e o número de salas e criados e convidados mostravam quem se era. Hoje, quase todo mundo sente que uma vida informal é a única forma que corresponde às variadas vontades e possibilidades que enchem a vida, e os jovens preferem a simplicidade pura, que parece um teatro sem cenário, ou sonham com baús de navio e jogos de *bob*, campeonatos de tênis, hotel de luxo na beira da auto-estrada, com campo de golfe e música ambiental permanente. — Ele disse isso falando de maneira bastante social, como se tivesse uma estranha

à sua frente; na verdade, falando subia para a superfície, porque algo de definitivo e iniciante naquele convívio o deixava constrangido.

Mas depois que ela o deixara falar até o fim, perguntou:

— Então você sugere que moremos num hotel?

— Claro que não! — protestou Ulrich depressa. — Quando muito vez por outra, em viagens!

— E então, no resto do tempo, vamos construir uma cabana de folhas numa ilha, ou uma cabana de toros nas montanhas?

— Naturalmente vamos nos instalar aqui — respondeu Ulrich, mais sério do que convinha àquele diálogo. A conversa emudeceu por um breve lapso de tempo, ele se levantara e andava de um lado para outro na sala. Ágata fingiu que tinha algo a consertar na bainha do vestido, e inclinou a cabeça desviando-a da linha na qual seus olhares tinham-se unido até ali. De repente, Ulrich parou e disse, com uma voz que nascia com dificuldade mas era sincera:

— Minha querida Ágata, há um círculo de perguntas que tem um diâmetro enorme, e não tem centro: e todas essas indagações dizem a mesma coisa: “Como vou viver?”

Ágata também se levantara, mas ainda não olhava para ele. Deu de ombros:

— A gente precisa tentar! — disse. O sangue lhe subira à frente; quando ergueu a cabeça, porém, seus olhos eram francos e animados, só nas faces o rubor hesitava ainda como uma nuvem passando.

— Se quisermos viver juntos — explicou ela —, você terá primeiro de me ajudar a tirar as coisas das malas, arrumá-las, e a mudar de roupa, porque não vi criada em parte alguma da casa!

A consciência pesada dominou novamente braços e pernas do irmão, dando-lhe uma agilidade galvanizada, para compensar sua falta de atenção, e começou a agir sob orientação de Ágata. Esvaziou armários como um caçador tirando as entranhas de um animal, e deixou seu quarto de dormir, jurando que pertencia a Ágata, e que ele mesmo encontraria um divã em algum lugar. Carregava animadamente de um lado para outro objetos da

vida cotidiana, que até ali tinham vivido quietos em seus lugares como flores de um jardim ornamental, sentindo como única mudança em seu destino aquela mão que as escolhia. Ternos amontoavam-se em cadeiras, nas prateleiras de vidro da sala de banho surgiram um setor masculino e um feminino, juntando-se com cuidado os utensílios para a higiene corporal; quando toda a ordem estava razoavelmente desorganizada, havia afinal apenas as lustrosas chinelas de couro de Ulrich, abandonadas no chão, e pareciam um cachorrinho de estimação ofendido, jogado fora de seu cestinho, imagem infeliz do aconchego desfeito na sua natureza tão agradável quanto insignificante. Mas não houve tempo para comover-se com isso, porque já era a vez das malas de Ágata, e embora parecessem poucas, em seu interior havia inesgotáveis coisas finamente dobradas, que se desenrolavam ao serem retiradas, desabrochando no ar como centenas de rosas que um mágico tirasse de uma cartola. Tinham de ser penduradas e deitadas, sacudidas e empilhadas, e como Ulrich ajudasse, tudo aconteceu entre muitos incidentes e risadas.

Apesar de toda essa ocupação, ele não conseguia pensar noutra coisa senão, ininterruptamente, em que vivera sozinho a vida toda, e ainda há poucas horas atrás. E agora Ágata estava ali. Essa pequena frase, “Ágata está aqui agora”, repetia-se em ondas, lembrava o espanto de um menino a quem deram um presente, tinha algo que inibia o espírito, mas de outro lado era uma inconcebível plenitude de presença, e levava sempre de volta àquela breve frase: “Ágata está aqui agora.” “Então ela é alta e magra?”, pensou Ulrich, observando-a secretamente. Mas não era: era mais baixa do que ele, e de uma saudável largura nos ombros. “Será graciosa?”, perguntou-se. Também não se podia dizer seu nariz altivo, por exemplo, era, visto de um lado, um pouco dobrado para cima; e disso emanava um encanto bem mais forte do que a graça. “Será que, afinal, é bonita?”, perguntou-se Ulrich um pouco espantado. Pois essa pergunta não lhe era fácil de fazer, embora, deixando de lado todo o convencional, Ágata fosse uma mulher estranha para ele. Uma proibição interna de não encarar uma parenta consanguínea com amor viril não existe, é apenas costume ou algo fundamentado com razões de moral e higiene; também o fato de não terem sido criados juntos impedira que existisse entre Ulrich e Ágata aquela asséptica emoção fraterna que reina na família européia: apesar disso, bastava a tradição para

roubar, de suas emoções recíprocas, também da inocência da beleza apenas pensada, uma ponta

extrema cuja falta Ulrich sentia naquele instante na sua própria nítida perplexidade. Achar uma coisa bela significa provavelmente antes de tudo *achá-la*: seja uma paisagem ou uma mulher amada, lá está ela, encara o lisonjeado achador, e parece única e exclusivamente ter estado à espera dele; e assim, com esse encantamento pelo fato de lhe pertencer e de querer ser descoberta por ele, sua irmã lhe agradava além de todas as medidas, mas mesmo assim ele pensava: “Não se pode achar a própria irmã realmente bela, quando muito podemos ficar lisonjeados porque outros a consideram bela.” Mas depois, onde antes houvera silêncio, ele escutou a voz dela minutos a fio, e como era essa voz? Ondas de perfume acompanhavam os movimentos de suas vestes, e como era esse cheiro? Seus movimentos eram ora joelho, ora delicados dedos, ora resistência de um cacho de cabelo. A única coisa que se podia dizer a respeito era: estava ali. Estava ali, onde antes não existira nada. A diferença de intensidade entre o mais vivo instante em que Ulrich pensara na irmã que deixara atrás e o mais vazio dos momentos presentes significava uma tão grande e nítida alegria, como quando um lugar sombreado fica repleto de sol cálido, e do perfume de ervas que se entreabrem!

Ágata também percebeu que seu irmão a observava, mas não lhe mostrou isso. Nos momentos de silêncio, em que sentia o olhar dele a seguir seus movimentos, quando a fala e a resposta não demoravam tanto como parecia, deslizavam como um veículo de motor desligado sobre um lugar profundo e inseguro, e também ela saboreava aquela mais que presença e aquela calma veemência ligadas ao fato de estarem juntos. É quando desfazer malas e arrumar armários terminara, e Ágata se encontrou sozinha no banho, desenrolou-se a partir daí uma aventura, era como um lobo querendo entrar naquela linda e calma paisagem, pois ela se despira, exceto pela roupa interior, num quarto onde agora, fumando cigarros, Ulrich vigiava as coisas dela. Rodeada de água, ela refletiu no que devia fazer. Não havia criadagem, tocar uma sineta era tão inútil quanto chamar, e aparentemente restava apenas bater na porta, enrolada no roupão de banho de Ulrich, pendurado na parede, e mandá-lo para fora do quarto. Mas Ágata duvidou, alegre, se, com a grave familiaridade que ainda não existia entre eles mas

estava talvez acabando de nascer, seria permitido portar-se como uma jovem dama, e suplicar que Ulrich se retirasse, e decidiu não reconhecer nenhuma feminilidade ambígua, mas aparecer diante dele com aquela camaradagem natural que devia existir mesmo estando precariamente vestida.

Mas quando entrou no quarto, determinada, os dois sentiram uma inesperada emoção. E cuidaram de não se mostrar constrangidos. Por um momento, não conseguiram despir-se da natural incoerência segundo a qual no mar se permite uma quase-nudez mas no quarto se transforma a fímbria de uma camisa ou calcinha na trilha secreta do romantismo. Ulrich sorriu desamparado quando Ágata, a luz do vestíbulo às costas, apareceu na porta aberta como uma estátua de prata rodeada de um sopro de cambraia; e, com uma voz cuja desenvoltura parecia um pouco excessiva, ela pediu meias e vestido que estavam no outro quarto. Ulrich levou a irmã até lá, e para secreto encantamento dele, ela andava com jeito um pouco arrapazado demais, saboreando ela própria tudo aquilo com uma espécie de desafio, como mulheres fazem facilmente quando não se sentem protegidas pelas saias. Depois, aconteceu algo novo, quando Ágata apareceu meio vestida e meio presa no vestido, precisando da ajuda de Ulrich. Enquanto ele lidava às suas costas, ela viu sem ciúme de irmã e até com certo agrado que ele entendia perfeitamente de roupas femininas, e moveu-se com os gestos vivos que a natureza do acontecimento exigia.

Junto da sensível e delicada mas densa pele dos ombros dela, entregue àquela lida inusitada, com a fronte rubra, Ulrich foi envolvido por uma sensação que não cabia direito em palavras, seria preciso dizer que o corpo dele estava sendo tão atingido por ser uma mulher como por não ser uma mulher quem estava junto dele; mas também se teria podido dizer que estava dentro dos próprios sapatos mas sentindo-se puxado para fora de si mesmo, como se lhe estivessem oferecendo outro corpo, muito mais belo do que o seu próprio.

Depois que ele se endireitara de novo, a primeira coisa que disse à irmã foi:

— Agora eu sei o que você é: você é o meu amor por mim mesmo! —
Soava esquisito, mas realmente descrevia a sua emoção. — Sempre me faltou amor por mim mesmo, como outros possuem intensamente —

explicou ele —, e agora, por engano do destino, ele se corporificou em você, em vez de estar em mim! — acrescentou sem rodeios.

Foi a sua primeira tentativa, naquela noite, de fixar num julgamento a chegada da irmã.

25

OS IRMÃOS SIAMESES

Mais tarde naquela noite ele voltou ao assunto.

— Quero que saiba — começou a dizer à irmã — que não conheço uma espécie de amor por mim mesmo, uma espécie de terna relação comigo mesmo, que aparentemente a maioria das pessoas têm ao natural. Não sei como descrever isso. Eu poderia dizer, por exemplo, que sempre tive amantes com as quais mantive uma relação falsa. Elas foram ilustrações de caprichos súbitos, caricaturas de meus caprichos: portanto, apenas exemplos de minha incapacidade de ter relações naturais com outras pessoas. Isso se liga à maneira como nos portamos em relação a nós mesmos. No fundo, sempre escolhi amantes a quem não amava...

— Mas está certo! — interrompeu Ágata. — Se eu fosse homem, não teria nenhum escrúpulo em lidar com as mulheres sem a menor seriedade. E só as desejaria por distração ou espanto!

— Mesmo? Faria isso? Mas que simpático!

— Elas são parasitas ridículas. Partilham da vida do homem junto com seu cachorro!

— Ágata não afirmava isso com indignação moral. Estava dominada por um agradável cansaço, mantinha os olhos fechados, fora repousar cedo, e Ulrich, que viera despedir-se, viu-a deitada em seu lugar na cama.

Mas também era a cama em que, trinta e seis horas atrás, estivera Bonadéia. Provavelmente por isso, Ulrich recordou sua amante.

— Mas eu queria apenas falar na incapacidade de ter uma relação terna comigo mesmo! — repetiu ele, sorrindo. — Se tenho de viver algo intensamente, tem de acontecer como parte de um todo, tem de estar submetido a alguma idéia. Prefiro já ter passado pela experiência em si, e

apenas recordá-la; as emoções concretas me parecem desagradáveis e ridiculamente inadequadas. É assim, pelo menos, quando tento me descrever honestamente para você. E a idéia mais primitiva e simples, ao menos na juventude, já é de que a gente é um sujeito diferente, dos diabos, pelo qual o mundo estava esperando. Mas isso não permanece depois dos trinta anos! — Ele refletiu um pouco, depois disse: — Não! É tão difícil falar de si mesmo: na verdade, eu deveria dizer que nunca estive dominado por uma idéia duradoura. Não havia nenhuma. Devia-se amar uma idéia como se ama uma mulher. Ser feliz ao voltar para ela. E tendo-a sempre dentro de si! Procurando-a em todas as coisas fora de nós! Nunca encontrei esse tipo de idéia. Sempre mantive uma relação de homem para homem com as chamadas grandes idéias; talvez também com as que assim se chamam justificadamente: não me julgava nascido para a submissão, elas me incitavam a derrubá-las e colocar outras em seu lugar. Sim, talvez eu tenha sido levado exatamente por essa mania à ciência, cujas leis se procuram numa equipe e não se consideram indiscutíveis.

Ele parou novamente, rindo de si ou de sua descrição.

— Mas, seja como for — prosseguiu, sério —, de qualquer modo eu por isso não me ligo a nenhuma idéia, e desaprendi a levar a vida a sério. Eventualmente me excita muito mais lê-la num romance, onde está envolta numa concepção; mas se eu a quiser viver na sua plenitude, sempre a considero envelhecida e antiquada, e superada no seu conteúdo de idéias. Também não creio que isso dependa de mim. Pois a maioria das pessoas hoje em dia é assim. Muitas iludem-se fingindo para si mesmas uma urgente alegria de viver, conforme se ensina às crianças do curso primário a saltitar alegres no meio das florzinhas; mas há sempre nisso uma certa intencionalidade, e elas a sentem. Na verdade, podem assassinar-se mutuamente a sangue-frio assim como dar-se maravilhosamente bem. Nosso tempo não leva a sério os fatos e aventuras de que está repleto. Se acontecem, causam excitação. E inauguram novos acontecimentos, uma espécie de vingança cruenta, um alfabeto obrigatório de B a Z, só porque dissemos A. Mas esses fatos de nossa vida têm menos vida do que um livro, porque não possuem nenhum sentido que lhes dê conexão.

Foi o que Ulrich disse. Com variadas emoções. Ágata não respondeu; ainda estava de olhos fechados, porém sorria. Ulrich disse:

— Nem sei mais o que estou lhe contando; acho que não encontro mais o fio. Ficaram algum tempo calados. Ele podia contemplar à vontade o rosto da irmã,

que o olhar dela não defendia. Jazia ali como um pedaço de corpo nu, como mulheres juntas num banho. O cinismo feminino natural e não vigiado daquela visão não destinada ao olhar de nenhum homem tinha um efeito incomum sobre Ulrich, embora não mais com a intensidade do primeiro dia de convívio, quando Ágata exigira seu direito de irmã, para falar com ele sem disfarces espirituais, pois não o considerava um homem como os outros. Recordou a surpresa misturada com terror que sentira, em menino, ao ver uma mulher grávida na rua, ou uma mulher dando o seio ao bebê; segredos cuidadosamente velados ao menino de repente acumulavam-se ao sol, intumescidos e cândidos. E talvez por muito tempo ele tivesse levado consigo restos dessas impressões, pois de repente foi como se agora estivesse totalmente livre delas. O fato de Ágata ser mulher experiente pareceu-lhe uma idéia cômoda e agradável; não era preciso cuidar-se tanto como diante de uma mocinha ao falar com ela, e pareceu-lhe comoventemente natural que numa mulher tudo fosse moralmente mais frouxo. Também tinha necessidade de protegê-la, e recompensá-la por alguma coisa, sendo

bondoso. Tomou o propósito de fazer por ela tudo o que pudesse. Tomou até o propósito de procurar-lhe outro marido. E essa necessidade de ser bom, mal ele a sentiu, devolveu-lhe o fio da meada.

— Provavelmente, nos anos da puberdade nosso amor por nós mesmos se modifica — disse, sem transições. — Pois aí ceifa-se um prado de ternura em que se brincara até então, para conseguir pasto para um determinado impulso.

— Para que a vaca dê leite! — completou Ágata logo depois, malcriada mas digna, e sem abrir os olhos.

— Sim, certamente tudo isso se liga entre si — disse Ulrich, e continuou:
— Portanto, há um momento em que nossa vida perde quase toda a sua

ternura, esta murcha, concentra-se naquele único exercício que então fica sobrecarregado. Não lhe parece também que por toda parte no mundo reina uma secura horrível, enquanto num só lugar chove sem parar?

Ágata disse:

— A mim me parece que amei minhas bonecas de menina com uma intensidade como nunca amei homem algum: quando você foi embora, encontrei no sótão uma caixa com velhas bonecas.

— E o que fez com elas? — perguntou Ulrich. — Deu de presente?

— A quem as poderia dar? Eu as joguei no fogo — disse ela. Ulrich retrucou, vivamente:

— Quando lembro minha infância, posso dizer que naquele tempo “dentro” e “fora” mal se distinguiam um do outro. Quando eu rastejava em direção de alguma coisa, ela vinha ao meu encontro, voando; e quando acontecia alguma coisa que nos parecia importante, ela não só nos excitava, mas as próprias coisas começavam a ferver. Não afirmo que fôssemos mais felizes do que mais tarde. Ainda não nos possuíamos a nós mesmos; na verdade, ainda nem existíamos, nossos estados pessoais ainda não estavam separados do mundo com suficiente nitidez. Parece estranho, mas é verdade quando digo que nossos sentimentos, nossas vontades, nós mesmos, ainda não estávamos inteiramente em nós. Mais estranho é que eu também poderia dizer: ainda não estavam suficientemente distanciados de nós. Pois se hoje, quando pensa possuir a si mesma inteiramente, você por exceção perguntasse quem é na verdade, faria essa descoberta. Sempre se verá de fora, como a uma coisa. Notará que numa ocasião fica irada, noutra fica triste, assim como seu casaco uma vez está molhado, outra quente. Por mais que observe, quando muito conseguirá descobrir-se, nunca entrar em si mesma. Você fica fora de si própria, não importa o que faça, exceto naqueles poucos momentos em que se poderia dizer que está fora de si. Para compensar isso, quando adultos conseguimos poder pensar em todas as ocasiões, “eu sou”, caso isso nos divirta. Você vê um carro, e de alguma forma também vê, de um modo espectral: “estou vendo o carro”. Você ama ou está triste, e vê que está amando ou sendo triste. Mas em sentido pleno, nem o carro nem sua tristeza ou seu amor nem você mesma estão ali

inteiramente. Nada está mais inteiramente como esteve uma vez, na infância.’ Mas tudo o que você toca está congelado, até no seu interior mais remoto, assim que você chegou a ser uma “personalidade”, e o que sobrou, envolto por um ser totalmente exterior, é como um fantasmagórico fio de névoa da autoconsciência e de um tristonho amor-próprio. O que está errado nisso? Temos a sensação de que ainda se poderia voltar atrás! Não podemos afirmar que uma criança tenha experiências totalmente diferentes das de um homem. Não sei resposta definitiva a isso, embora possa haver vários pensamentos a respeito. Mas há muito respondi a isso perdendo o amor por esse tipo de eu e de mundo.

Ulrich estava contente por Ágata o ter escutado sem interrupção, pois não esperava resposta nem dela nem de si mesmo, e estava convencido de que atualmente ninguém poderia dar uma resposta como ele a pretendia. Apesar disso, em momento algum teve medo de que aquilo de que falava fosse difícil demais para ela. Não o considerava um filosofar, nem pensava tratar de algum tema inusitado, assim como um jovem, a quem ele se assemelhava nessa situação, não se deixa dissuadir de achar tudo simples, quando, incitado por outro, troca com ele as eternas questões: “Quem é você? Eu sou assim.” Ele extraía do ser dela, e não do seu pensamento, a certeza de que a irmã conseguia segui-lo palavra a palavra. O olhar dele pousava no rosto dela, e ali havia algo que o deixava feliz. Aquele rosto de olhos fechados não o repelia. Exercia uma imensa atração sobre ele; como se o puxasse para alguma profundidade sem fundo.

E, mergulhando na visão daquele rosto, ele não encontrava em parte alguma a resistência de um fundo de lama, de obstáculos desfeitos, que repelem quem mergulha no amor para que possa subir de volta ao seco. Mas como estava habituado a sentir a inclinação por uma mulher como repulsa forçadamente invertida contra o ser humano, o que — embora o desaprovasse — trazia uma determinada segurança de não se perder, aquela pura simpatia, que o levava a inclinar-se, curioso, cada vez mais profundamente, o assustava quase como se perdesse o equilíbrio, de forma que se esquivou daquele estado, refugiando-se de tanta felicidade em uma brincadeira um tanto juvenil, para chamar Ágata de volta à vida cotidiana: com o toque mais cauteloso de que era capaz, tentou abrir os olhos dela. Ágata abriu-os, rindo, e exclamou:

— Você é bastante bruto comigo, que afinal devo ser o seu amor por si

mesmo!

Essa resposta era tão juvenil quanto o toque dele, e seus olhares escorram-se um no outro como dois meninos que quereriam brigar, mas de tanto acharem graça não o conseguem. De repente, porém, Ágata interrompeu aquilo e perguntou:

— Você conhece o mito que Platão relata, segundo modelos mais antigos, de que o ser humano original, inteiro, foi dividido pelos deuses em duas partes, homem e mulher? — Ela se soerguera apoiada no cotovelo e ficou inesperadamente vermelha, pois começou a achar-se bastante ignorante por ter perguntado se Ulrich conhecia aquela história tão divulgada. E, decidindo-se rapidamente, acrescentou: — Agora essas infelizes metades fazem toda a sorte de bobagens para se reunirem de novo. Isso está em todos os livros-texto das escolas superiores; infelizmente, não dizem por que isso não dá certo!

— Eu posso lhe dizer — comentou Ulrich, feliz por ver o quanto ela entendera tudo direito. — Ninguém sabe qual das tantas metades que correm por aí é a sua. A gente agarra uma que parece ser a certa, e faz os mais vãos esforços de tornar-se um com ela, até ver definitivamente que não consegue. Se disso nasce um filho, as duas metades pensam, durante alguns anos da juventude, que pelo menos nessa criança se reuniram; mas é apenas uma terceira metade, que em breve revela o desejo de se separar o mais possível das duas outras, e procurar uma quarta. Assim, a humanidade se “divide” fisiologicamente, e a unidade essencial fica como a lua diante da janela do quarto de dormir.

— Mas é de pensar que irmãos já fizeram a metade do caminho de volta para essa união! — objetou Ágata com voz rouca.

— Gêmeos talvez.

— Nós não somos gêmeos?

— Claro! — exclamou Ulrich de repente. — Gêmeos são raros; gêmeos de sexos diferentes são uma grande raridade; mas se ainda por cima têm idades diferentes, e a maior parte do tempo mal se viram, isso é uma raridade realmente digna de nós! — explicou, e tentou voltar a uma alegria mais branda.

— Mas nós nos encontramos como gêmeos! — insistiu Ágata sem se deixar

influenciar.

— Por que estávamos casualmente com roupas iguais?

— Talvez. Por tudo! Você pode dizer que foi acaso, mas o que é o acaso? Acho que exatamente ele é o destino, ou uma destinação, ou como quer que se chame. Nunca pensou que foi casual você ter nascido como você? E é duplamente casual que sejamos irmãos! — Ágata explicou tudo dessa maneira, e Ulrich submeteu-se a sua sabedoria.

— Portanto, declaramos que somos gêmeos! — concordou ele. — Criaturas simétricas de um capricho da natureza, a partir de agora teremos a mesma idade, mesma altura, mesmo cabelo, roupas com as mesmas listras, e andaremos pelas ruas dos homens com a mesma fita debaixo do queixo; mas chamo sua atenção para o fato de que eles nos olharão em parte com zombaria, em parte com emoção, como sempre acontece quando alguma coisa lhes lembra o mistério da sua existência.

— Também podemos nos vestir de modo totalmente diferente — respondeu Ágata, divertida. — Um de amarelo quando outro se vestir de azul, ou vermelho e o outro verde, e podemos pintar o cabelo de roxo ou púrpura, e eu farei uma corcunda e você uma barriga: apesar disso, somos gêmeos!

Mas a brincadeira se esgotara, o pretexto se desgastara, emudeceram por algum tempo. Depois, Ulrich disse repentinamente:

— Você sabe que estamos falando de um assunto muito sério? — Mal dissera isso, sua irmã baixou de novo sobre os olhos os leques dos cílios, e deixou-o falar sozinho, numa disfarçada atenção. Talvez só parecesse que ela fechava os olhos. O quarto estava escuro, a luz tomava tudo menos nítido e não escorria em claras superfícies sobre todos os contornos. Ulrich disse:

— Assim como pensamos no mito do ser humano dividido em dois, podíamos pensar em Pigmalião, nos hermafroditas ou em Ísis e Osíris: é tudo o mesmo, de maneiras diferentes. Esse anseio de um duplo no outro sexo é antiquíssimo. Ele pretende o amor de um ser que nos seja totalmente igual, mas que mesmo assim seja diferente de nós, uma figura encantada, e especialmente, o que apenas imaginamos, que tenha sobre nós a vantagem do sopro da independência e da autonomia. Incontáveis vezes esse sonho do fluido do amor, que, independente de limitações do mundo corporal, se

encontra em duas figuras iguais e diferentes, brotou das retortas das mentes humanas, numa solitária alquimia...

Nesse ponto, ele se interrompera; visivelmente lhe ocorrera alguma coisa que o perturbava, e concluiu com as palavras quase inamistosas:

— Mesmo entre os mais cotidianos fatos do amor ainda há rastros disso: no encanto a que se liga qualquer mudança e disfarce, bem como no significado da har-

monia e da repetição do eu no outro. O pequeno feitiço continua igual a si mesmo, não importa se vemos uma mulher nua pela primeira vez, ou se vemos pela primeira vez uma menina de vestido fechado, e as grandes paixões desenfreadas ligam-se a isso, ao fato de que o ser humano imagina que seu mais secreto eu o espreita atrás das cortinas dos olhos alheios.

Aquilo soou como se ele pedisse a Ágata para não dar importância excessiva ao que estavam dizendo. Mas ela pensou mais uma vez na sensação rapidíssima de surpresa que tivera quando se haviam encontrado pela primeira vez, igualmente fantasiados em seus trajes caseiros, e respondeu:

— Então isso existe há milhares de anos; será mais fácil de entender se afirmarmos que é uma dupla ilusão?

Ulrich ficou calado.

Algum tempo depois, Ágata disse, contente:

— Apesar disso, no sono é assim! Às vezes nos vemos também transformados noutra coisa. Ou nos vemos como homem. E somos tão bons com ele como nunca fomos conosco mesmos. Você provavelmente dirá que são sonhos sexuais; mas parece-me antes que seja algo muito mais antigo.

— Você sonha isso seguidamente? — perguntou Ulrich.

— Às vezes; raramente.

— Eu, quase nunca — admitiu ele. — Faz uma eternidade que não sonho isso.

— Mas uma vez você me disse, deve ter sido bem no começo, ainda na casa velha — disse Ágata —, que milênios atrás o ser humano tinha de fato outras experiências!

— Ah, você fala na visão que “dá” e na que “recebe”? — replicou Ulrich sorrindo, embora Ágata não o pudesse ver. — O “ser abrangido” e o “abranger” do espírito!? Sim, dessa misteriosa dupla sexualidade da alma eu teria de falar! Aliás, do que não teria de falar? Em tudo existe um resquício disso. Mesmo em qualquer analogia há um resto do encantamento de ser igual e não ser igual. Mas você não notou: em todas as formas de comportamento de que falamos, no sonho, no mito, na poesia, na infância, e até no amor, a maior participação de sentimento ainda se obtém ao preço de uma carência de compreensão, e isso significa: por uma falta de realidade.

— Então você não acredita de verdade nisso? — perguntou Ágata. Ulrich não respondeu. Mas, algum tempo depois, disse:

— Quando traduzimos isso na linguagem ímpia de hoje, podemos chamar isso, que hoje em dia é assustadoramente banal para todos, de participação percentual do ser humano em suas experiências e atos. No sonho, parece ser cem por cento, na vigília, nem meio por cento! Você notou isso hoje na minha casa; mas minhas relações com as pessoas que você vai conhecer não são diferentes. Uma vez — na verdade, se não me engano, devo acrescentar que aconteceu num diálogo com uma mulher, onde ficava muito adequado, aliás

— também chamei isso de acústica do vazio. Quando uma agulha cai no chão de um quarto todo vazio, o ruído que produz tem algo de desproporcional, desmedido; mas o mesmo acontece quando existe um vazio entre as pessoas. Não sabemos: estamos gritando, ou há um silêncio mortal? Pois tudo o que é incorreto e torto adquire o poder sedutor de uma tentação monstruosa, desde que não lhe possamos resistir. Você também não acha? Mas, perdoe-me — interrompeu-se —, deve estar cansada, e eu não a deixo repousar. Parece que tenho medo de que muitas coisas no meu ambiente e nas minhas relações lhe desagradem.

Ágata abriu os olhos. Depois de estar tanto tempo resguardado, seu olhar expressava algo difícil de determinar, que Ulrich sentiu espalhar-se sobre todo o seu corpo, com agrado. De repente, ele continuou falando:

— Quando eu era mais jovem, tentei ver exatamente nisso uma força. Não temos nada a opor à vida? Pois bem, então a vida foge do homem para suas obras. Era mais ou menos isso o que eu pensava. E há algo de muito

poderoso na falta de amor e de responsabilidade do mundo atual. Pelo menos, há nisso um século da insensatez, como pode acontecer tanto com os séculos como com os anos de puberdade. E, como qualquer jovem, no começo me joguei no trabalho, na aventura e no prazer; parecia-me ser indiferente o que fazia, desde que fosse feito intensamente. Lembra-se de que uma vez falamos sobre “a moral da realização”? Ela é o modelo inato em nós, segundo o qual nos orientamos. Mas quanto mais envelhecemos, tanto mais claramente vemos que esse aparente excesso, essa independência e mobilidade em todas as coisas, essa sobrançeria das partes que impelem e dos impulsos parciais — tanto contra nós, como a nossa contra o mundo —, em suma, tudo o que, como “homens modernos”; considerávamos ser uma força e particularidade nossa, no fundo não passa de fraqueza do todo em relação às suas partes. Paixão e vontade não servem para lutar contra isso. Mal pensamos estar inteiros no meio de alguma coisa, já nos vemos jogados à margem; isso é, hoje, a experiência em todas as experiências!

Ágata, com olhos agora abertos, esperou que algo acontecesse na voz dele; mas nada aconteceu e o discurso do irmão se interrompeu como uma trilha que se desvia de uma estrada e não volta mais, e ela disse:

— Segundo sua experiência, então, nunca se pode nem se poderá agir realmente por convicção. Com convicção não me refiro a qualquer ciência — corrigiu-se — nem à disciplina moral que nos impuseram, mas a nos sentirmos inteiramente presentes em nós mesmos e em todas as demais coisas, a uma sociedade onde hoje existe vazio, quero dizer, alguma coisa da qual se parte e para onde se retorna. Ah, eu mesma não sei o que quero dizer — interrompeu-se abruptamente —, esperava que você me explicasse!

— Então você se refere exatamente ao que falamos — respondeu Ulrich com doçura.

— E é a única pessoa com quem posso falar assim a respeito disso. Mas não adiantaria eu começar de novo, para acrescentar mais algumas palavras atraentes. Devo antes dizer que um “estar no âmago”, um estado de intacta “intimidade” da vida

— quando não entendemos a palavra do ponto de vista sentimental mas no sentido que há pouco lhe demos — provavelmente não é uma reivindicação

sensata. — Ele se inclinara para a frente, tocou o braço dela e fitou longamente seus olhos. — Talvez seja contrário ao homem — disse baixinho. — Verdade é apenas que sentimos uma dolorosa falta disso! Pois provavelmente com isso se relaciona o anseio de fraternidade, que é um acréscimo ao amor comum, na direção imaginária de um amor sem mistura de estranheza e desamor. — E algum tempo depois, acrescentou: — Você sabe como se aprecia na cama tudo o que se liga a irmãozinho e irmãzinha: pessoas que poderiam assassinar seus verdadeiros irmãos, lá se portam idiotamente como irmãozinhos debaixo da mesma coberta.

O rosto dele estremeceu de autozombaria na escuridão. Mas a fé de Ágata prendia-se naquele rosto e não na perturbação das palavras. Ela vira rostos estremeçerem de maneira semelhante e no momento seguinte se precipitarem sobre ela: mas aquele

não se aproximou mais; parecia seguir um caminho infinitamente longo com velocidade infinitamente grande. Ela respondeu brevemente:

— Irmãos não basta!

— Nós também já falamos em gêmeos — respondeu Ulrich, erguendo-se sem ruído, pois pensava notar que ela estava muito fatigada.

— Devíamos ser um casal de irmãos siameses — disse Ágata.

— Então, irmãos siameses! — repetiu o irmão. Esforçou-se por libertar a mão dela da sua, e colocá-la cuidadosamente sobre a coberta, e suas palavras pareciam leves: sem peso, e estendendo-se ainda mais nessa imponderabilidade, depois que ele já deixara o quarto, Ágata sorriu e foi aos poucos caindo numa tristeza solitária, cuja sombra em breve passou para a sombra do sono, sem que, tresnoitada, ela o percebesse. Ulrich, porém, esgueirou-se para seu escritório, e lá, sem poder trabalhar, durante duas horas, até finalmente também ficar cansado, aprendeu a conhecer o estado em que se fica quando se é oprimido por princípios. Espantou-se de ver quanta coisa gostaria de ter feito naquele tempo, coisas rumorosas mas que tinham de ser reprimidas. Aquilo era novidade para ele. E quase o irritava um pouco, embora procurasse imaginar com grande simpatia como seria, pensar em realmente viver soldado a outra pessoa. Estava pouco informado a respeito de como trabalham dois sistemas nervosos desses, presos como

duas folhas num caule, ligados entre si não apenas pelo sangue mas muito mais por uma dependência total. Presumia que cada excitação de uma alma teria de ser sentida pela outra, enquanto a causa se exercia num corpo que, no principal, não era o próprio. “Um abraço, por exemplo”, pensou. “Você é abraçado no outro. Talvez nem concorde, mas o seu outro eu lança em você uma dominadora onda de concordância! Que lhe importa a quem sua irmã esteja beijando? Mas você precisa amar, junto com ela, a excitação que ela sente! Ou é você quem ama, e precisa fazê-la participar disso de alguma forma, não pode jogar dentro dela apenas processos fisiológicos sem sentido...!” Ulrich sentiu uma forte excitação e ao mesmo tempo um grande desconforto diante desses pensamentos; era-lhe difícil traçar corretamente a fronteira entre novas perspectivas e uma caricatura das perspectivas habituais.

O elogio que recebera de Meingast, e as novas idéias que ouvia dele, tinham causado profunda impressão em Clarisse.

Sua agitação e excitabilidade espiritual, que por vezes chegavam a inquietá-la, tinham diminuído, mas dessa vez não foram substituídas, como em outras ocasiões, por mau humor, depressão ou desalento, e sim por uma lucidez extraordinariamente tensa, e por um clima interior transparente. Mais uma vez ela se contemplava e analisava-se criticamente. Sem duvidar, sim, com certo prazer, notou que não era muito inteligente: aprendera muito pouca coisa. Ulrich, ao contrário, quando pensava nele nesse exame comparativo, era como um patinador que se aproxima e afasta à vontade sobre uma superfície espiritual espelhada. Nunca se podia entender de onde vinham as coisas quando as dizia; ou quando ria, quando estava aborrecido, quando seus olhos fuzilavam, quando aparecia e, com seus ombros largos, roubava espaço de Walter na sala. Quando virava a cabeça, meramente curioso, os músculos do pescoço se contraíam como cordames de um veleiro que parte no vento. Havia sempre nele alguma coisa que alcançava além de onde ela podia atingir, que mantinha aceso o desejo de se jogar sobre ele de corpo inteiro para apanhá-la. Mas o redemoinho em que isso por vezes acontecia, de modo que nada no mundo fora sólido senão o desejo de ter um filho dele, agora estava bem longe, e nem ao menos deixara qualquer fragmento, desses que recobrem incompreensivelmente a memória depois de apagadas as paixões. Quando muito, Clarisse ficava aborrecida quando pensava em seu fracasso na casa de Ulrich, e, mesmo quando isso acontecia, sua disposição espiritual estava intacta e repousada. Esse efeito vinha das novas idéias com que seu filosófico hóspede a provia; sem falar nas excitações que lhe causava o reencontro com aquele amigo transformado em grande homem. Assim passaram-se muitos dias numa

tensão múltipla, enquanto todos naquela pequena casa, agora já ao sol primaveril, esperavam para ver se Ulrich traria a permissão ou não de visitar Moosbrugger na sua sinistra morada.

E principalmente um pensamento parecia importante a Clarisse nesse contexto: o mestre dissera que o mundo estava “tão desprovido de loucura”, que não sabia mais o que odiar ou amar, e desde então Clarisse ficara convencida de que era preciso entregar-se a alguma loucura quando se tivesse a graça de poder senti-la. Pois uma loucura é uma graça. Quem naquele tempo ainda sabia se devia se dirigir para a esquerda ou direita, quando saía da casa, a não ser que tivesse uma profissão como Walter, o que por outro lado o restringia, ou um compromisso como o que ela tinha com seus pais e irmãos, que a entediava tanto? Numa loucura, tudo é diferente! A vida é organizada de maneira tão prática como uma cozinha moderna: a gente se senta no meio, mal precisa se mexer, e de seu lugar pode fazer tudo funcionar. Clarisse sempre entendera esse tipo de coisa. Além disso, por loucura entendia simplesmente o que se chama de vontade, apenas singularmente intensificada. Clarisse até ali sentira-se intimidada pelo fato de só conseguir explicar pouca coisa do que acontecia no mundo, mas desde o reencontro com Meingast sentia-se favorecida por poder amar, odiar e agir segundo suas próprias medidas. Pois conforme as palavras do mestre, a humanidade de nada precisava tanto quanto de vontade, e esse bem, de poder exercer uma vontade intensa, ela sempre possuía! Pensando nisso, Clarisse sentia frio de tanta felicidade, e calor de tanta responsabilidade. Naturalmente a vontade não era aquele sombrio esforço de aprender uma peça de piano ou de ter razão em alguma discussão, mas um poderoso impulso de vida, um ser dominada por si mesma, um disparar de felicidade.

E ela não pôde evitar de dizer alguma coisa disso a Walter. Participou-lhe que sua consciência ficava dia a dia mais forte. Mas, irritado e sem ligar para sua admiração por Meingast, presumível causador daquilo tudo, Walter respondeu:

— É mesmo uma felicidade que Ulrich pareça não conseguir a permissão! Sobre os lábios de Clarisse correu apenas um traço amargo, mas revelando piedade pela ignorância e resistência dele.

— Afinal o que você quer daquele criminoso que não nos interessa em absoluto, a nenhum de nós? — perguntou Walter, nervoso.

— Quando eu estiver lá, saberei — retrucou Clarisse.

— Acho que você devia saber disso já agora! — comentou Walter, em tom viril.

Sua mulherzinha sorriu, como sempre fazia antes de feri-lo fundo. Depois, disse apenas:

— Farei alguma coisa.

— Clarisse! — disse Walter com firmeza. — Você não deve fazer nada sem minha permissão; eu sou legalmente seu marido e tutor!

Era um tom que ela nunca ouvira. Afastou-se, deu alguns passos, perturbada.

— Clarisse! — chamou Walter atrás dela, e levantou-se para a seguir. — Vou fazer alguma coisa contra a loucura que anda reinando nesta casa!

Então, ela entendeu que a força redentora de sua decisão também se fazia sentir na crescente força de Walter. Virou-se sobre o calcanhar:

— E o que é que você vai fazer? — indagou, e um raio entre a fenda de seus olhos incidiu sobre o úmido e arregalado castanho dos dele.

— Olhe — disse ele, conciliadoramente, e recuou, surpreso com a precisão daquela resposta. — Todos temos em nós essa tendência intelectual para o doentio, o pavoroso e problemático, todos nós, homens intelectualizados. Mas...

— Mas deixamos tudo aos filisteus! — interrompeu Clarisse, vitoriosa. Seguiu-o, não tirava os olhos dele. Sentiu que sua própria força redentora o envolvia e dominava. Seu coração encheu-se de repente de uma alegria estranha e indizível.

— Não vamos fazer tanto barulho por causa disso — murmurou Walter, concluindo sua frase, magoado. Atrás dele, na bainha de seu casaco, sentia um obstáculo; apalpando, adivinhou a beirada de uma daquelas mesinhas leves de pernas finas que havia na casa, e que de repente lhe pareceram fantasmagóricas: se recuasse mais, compreendeu, faria a mesinha escorregar ridiculamente. Portanto, resistiu ao súbito desejo de estar longe daquele campo de batalha, num prado de profundo verde, debaixo de

árvores frutíferas em flor, entre pessoas cuja alegria saudável lavasse e limpasse suas feridas. Era um desejo calmo e gordo, embelezado por mulheres que escutavam suas palavras agradecendo-lhe cheias de admiração. E no momento em que Clarisse se aproximou dele, sentiu-a como um aborrecimento desolador e vago. Para sua surpresa, porém, Clarisse não disse: você é um covarde!, mas comentou:

— Walter! Por que somos infelizes?

Ante essa voz sedutora e clarividente ele sentiu que sua infelicidade com Clarisse não podia ser substituída por nenhuma felicidade com outra mulher.

— Porque temos de ser! — respondeu ele, com igual franqueza.

— Não, não temos de ser! — assegurou Clarisse, condescendente. Pendeu a cabeça de lado e procurou algo que o convencesse. No fundo nem faria diferença de que se tratava: estavam um diante do outro como um dia sem noite, que transmite o fogo de hora em hora, sem que ele diminua. — Você vai ter de admitir — começou ela por fim, num tom tão tímido quanto obstinado — que os crimes realmente grandes não existem porque os cometemos mas porque deixamos que aconteçam!

Walter soube o que viria, e era uma grande decepção.

— Meu Deus! — exclamou impaciente. — Eu sei que muito mais vidas humanas se estragam pela indiferença e leviandade com que hoje em dia se pode obter uma consciência tranquila do que pela vontade perversa de alguns indivíduos! E é admirável que você agora vá dizer que por isso precisamos aguçar nossa consciência e examinar detidamente cada passo antes de o executar.

Clarisse interrompeu-o abrindo a boca, mas mudou de idéia e não respondeu.

— Também penso na pobreza, a fome, toda a sorte de degeneração que se tolera entre os homens, ou no desmoronamento de minas, cujas administrações economizaram na segurança — prosseguiu Walter, humilde —, já admiti tudo isso a você.

— Mas dois amantes não podem se amar enquanto seu estado não for de “felicidade pura” — disse Clarisse. — E o mundo não melhorará enquanto não houver esse tipo de amantes!

Walter bateu as mãos uma na outra.

— Você não entende como são injustas essas grandes, ofuscantes e puríssimas exigências! — exclamou. — É assim com esse Moosbrugger, que de tempos em tempos aparece na sua cabeça como um disco! Na verdade, você tem razão ao afirmar que não devemos descansar porque esses infelizes monstros humanos são mortos simplesmente porque a sociedade não sabe o que fazer com eles; mas, por assim dizer, no fundo é mais legítimo o direito da consciência saudável e comum que se nega a entregar-se a tão sutis dúvidas. Há algumas derradeiras marcas do pensamento saudável que não se podem provar, mas que temos de trazer no sangue!

Clarissee respondeu:

— Naturalmente, no seu sangue, “no fundo” é sempre “no fundo não”.

Walter balançou a cabeça, ofendido, e mostrou-lhe que não responderia. Já estava cansado de sempre bancar aquele que previne de que pensamentos unilaterais são perniciosos, e talvez a longo prazo isso até o deixasse inseguro.

Mas, pela nervosa sensibilidade que sempre o espantava, Clarisse leu os pensamentos dele, e, erguendo a cabeça, saltou todos os degraus intermediários e caiu sobre Walter num ímpeto, perguntando em voz baixa e insistente:

— Você pode imaginar Jesus como administrador de uma mina? — Seu rosto revelava que dizendo Jesus ela na verdade se referia a Walter, num daqueles exageros nos quais o amor não se distingue da demência. Ele se defendeu com um gesto tão indignado quanto confuso.

— Não seja tão direta, Clarisse! — pediu. — Não se deve falar de modo tão direto assim!

— Sim! — disse Clarisse. — É exatamente assim que temos de ser! Se não tivermos a força de salvá-lo, não teremos a força de nos salvar!

— E afinal, que importa se ele for para o diabo? — exclamou Walter, veemente. Pensou sentir na língua, com o prazer daquela resposta grosseira, o gosto libertador da vida, magnificamente misturado ao gosto da morte e do aniquilamento que Clarisse evocava com suas alusões.

Clarissee o encarava esperando. Mas Walter parecia satisfeito com sua explosão, ou emudeceu, simplesmente indeciso. E como alguém forçado a

jogar o último trunfo, ela disse:

— Eu recebi um sinal!

— Você está sempre imaginando coisas! — exclamou Walter para o teto que representava o céu; mas Clarisse afastou-se dele com aquelas últimas palavras imponderáveis, e não quis mais escutar nada.

Mas ele a viu falar animadamente com Meingast um pouco mais tarde. A sensação de que estavam sendo observados, que aborrecia a Meingast porque Walter estava sentado bastante perto, tinha suas razões de ser. Na verdade, Walter não se interessava pelo trabalho de jardinagem de seu cunhado Siegmund, que estava de visita, e

se ajoelhava, mangas arregaçadas, numa vala de terra fazendo algo que Walter dissera que devia ser feito no jardim durante a primavera, caso se quisesse ser homem e não apenas um marcador de livros num volume de literatura especializada.

Walter olhava disfarçadamente o casal que estava no outro canto da horta.

Não acreditava que no canto de horta que observava acontecesse algo de ilícito. Apesar disso, suas mãos estavam estranhamente frias, expostas ao ar primaveril, como as pernas, que tinham manchas de umidade por ter-se ajoelhado para dar instruções a Siegmund. Falou com ele em tom arrogante, como fazem pessoas fracas e humilhadas quando conseguem descarregar seu mau humor em alguém. Sabia que Siegmund, que metera na cabeça venerá-lo, não desistiria disso tão facilmente. Mesmo assim, sentia uma solidão de fim de crepúsculo, e de frio sepulcral, observando que Clarisse não olhava para seu lado nem uma vez, mas fitava Meingast com permanente interesse. Além disso, também estava orgulhoso. Desde que Meingast estava na casa, tanto se orgulhava dos abismos que se abriam, quanto tentava precavidamente fechá-los. E, das alturas de quem está de pé, dissera ao ajoelhado Siegmund:

— Naturalmente todos sentimos e conhecemos isso, uma certa tendência para o problemático e mórbido! — Não era nenhum covarde. No pouco tempo desde que Clarisse o chamara de filisteu por causa dessa frase, preparara para si mesmo a expressão “pequena desonestidade de vida”.

— Uma pequena desonestidade pode ser boa como doce ou azedo —

ensinava ao cunhado —, mas somos obrigados a elaborá-la em nós até que ela justifique a vida saudável! E entendo por uma pequena desonestidade — prosseguiu ele — tanto o nostálgico compactuar com a morte que nos domina quando ouvimos a música do Tristão, como a secreta atração típica da maioria dos crimes sexuais, embora não cedamos a ela! Pois digo que é desonesto e desumano tanto o elementar da vida, quando nos domina em horas de aflição e doença, quanto o exageradamente espiritual e escrupuloso, que desejaria violentar a vida. Tudo o que ultrapassa as fronteiras que nos foram traçadas é desonesto! Mística é tão desonesta quanto a fantasia de se poder colocar a natureza numa fórmula matemática! E a intenção de procurar Moosbrugger é tão desonesta quanto... — ele interrompeu-se por um momento para acertar com a palavra, e concluiu dizendo: —.. .querer invocar Deus no leito de doente!

Certamente isso era importante e até chamava atenção do humanitarismo profissional e involuntário do médico para o fato de que a intenção de Clarisse e suas tensas justificativas ultrapassavam os limites do permitido. Mas, para Siegmund, Walter era um gênio, e isso manifestava-se pelo fato de que Walter fora levado a esses pensamentos pelo seu raciocínio saudável, enquanto a mente mais saudável de seu cunhado se expressava em silêncio obstinado diante desses temas duvidosos. Siegmund amontoava a terra com os dedos, e, sem abrir os lábios, por vezes inclinava a cabeça de um lado para outro, como se quisesse despejar uma retorta, ou como se um de seus ouvidos estivesse cheio d'água. Depois que Walter desabafara, instalou-se um silêncio terrível, e, neste, Walter ouviu uma frase que certamente Clarisse lhe dissera; pois não a ouviu numa nitidez alucinatória, mas como que poupada no silêncio. “Nietzsche e Cristo morreram por não terem ido até o fim!” E de uma maneira esquisita, lembrando o “administrador de minas”, aquilo o lisonjeou. Foi singular que ele, a própria saúde em pessoa, se colocasse ali no jardim frio entre um homem para quem baixava altivamente os olhos, e duas pessoas exageradamente cálidas para cujos mudos gestos lançava seus olhares, com ar superior mas nostálgico. Pois Clarisse era a pequena desonestidade de que a saúde dele precisava para não se depauperar, e uma voz secreta lhe disse que Meingast estava na iminência de aumentar desmedidamente essa pequena dose de desonestidade. Admirava-o com a sensação que um parente obscuro tem por

outro que é famoso, e sentia mais inveja do que ciúme portanto um sentimento que entrava em seu interior mais intenso do que aquele ao ver Clarisse sussurrando com o outro de maneira cúmplice; mas de alguma forma aquilo o exaltava. Consciente de sua própria dignidade, ele não queria ficar zangado, proibiu-se de ir até lá e estorvar os dois, e diante da excitação deles sentia-se superior, e, sem que ele soubesse como, nasceu um pensamento dúbio e vago, ilógico: de que aqueles dois chamavam Deus de uma maneira desinibida e condenável.

Se quisermos chamar de pensamento esse confuso estado, tratava-se de um daqueles que não se conseguem verbalizar porque a química de sua sombra está momentaneamente deteriorada pela influência clara da linguagem. Conforme mostrara diante de Siegmund, Walter também não ligava nenhuma fé à palavra Deus, e depois de lhe ter ocorrido isso, surgiu ao seu redor um tímido vazio: assim, depois de longo silêncio, a primeira coisa que Walter disse a seu cunhado estava muito longe daquilo tudo:

—Será burrice sua — censurou-o — se não se julgar obrigado a desaconselhá-la energeticamente de fazer essa visita... afinal, para que você é médico?

Siegmund não se ofendeu.

—Você terá de acertar isso com ela sozinho — disse, erguendo os olhos calmamente, e virou-se de novo para a sua ocupação.

Walter suspirou.

—Naturalmente Clarisse é uma pessoa fora do comum! — recomeçou ele. — Entendo-a muito bem. Até admito que ela não deixa de ter certa razão na severidade de sua concepção. Pense na pobreza, a fome, a degeneração de toda sorte, de que o mundo está cheio; pense, por exemplo, nos desmoronamentos das minas, cujos administradores pouparam ao construir as escoras!

Siegmund não deu sinal de pensar nisso.

—Bom, mas ela pensa! — prosseguiu Walter severamente. — E eu acho isso lindo de parte dela! Nós temos com demasiada facilidade uma consciência tranquila. E ela é melhor que nós, exigindo que todos nos modifiquemos e tenhamos uma consciência mais ativa, uma consciência sem fim, infinita. Mas o que eu pergunto a você é: isso não tem de levar a

um delírio de escrúpulos morais, se é que já não é algo parecido? Você tem de saber!

Essa interpelação insistente fez Siegmund sentar-se sobre uma perna e examinar o cunhado com o olhar:

— Maluquice! — declarou. — Mas não se pode dizer que seja maluca no sentido clínico.

— E o que você acha disso? — perguntou Walter ainda, sem ligar para a sua superioridade. — Do fato de ela afirmar que recebe sinais?

— Ela disse que recebeu sinais? — perguntou Siegmund, pensativo.

— Sim, claro! Por exemplo, esse assassino louco! E outro dia aquele porco demente debaixo da nossa janela!

— Porco?

— Não, uma espécie de exibicionista.

— Ah, é? — disse Siegmund e refletiu no caso. — Você também recebe sinais quando tem alguma coisa para pintar. Ela apenas manifesta maior nervosismo do que você — decidiu por fim.

— E ela afirma que precisa assumir os pecados dessa gente, e também os meus e os seus, e de não sei quem mais! — exclamou Walter, veemente.

Siegmund se levantara e tirou a terra das mãos.

— Ela se sente oprimida por pecados? — perguntou desnecessariamente mais uma vez, e concordou educadamente como se se alegrasse por poder enfim apoiar o cunhado: — Isso é um sintoma!

— É um sintoma? — perguntou Walter, arrasado.

— Complexo de pecado é sintoma — afirmou Siegmund com a imparcialidade do profissional.

— Mas o caso é o seguinte — disse Walter, resistindo ao diagnóstico que ele mesmo provocara: — Você tem de se indagar primeiro: existe o pecado? Naturalmente existe pecado. Mas então também existe um complexo de pecado, que não é delírio. Talvez você não entenda, porque isso é supra-empírico! É a responsabilidade magoada do ser humano, diante de uma vida superior!

— Mas ela afirma que recebe sinais! — teimou Siegmund.

— Mas eu também recebi sinais, você mesmo disse! — exclamou Walter com intensidade. — E digo-lhe, às vezes quero pedir ao meu destino, de joelhos, que me deixe em paz: mas cada vez ele volta a me mandar sinais, e os sinais extraordinários me vêm através de Clarisse! — Depois prosseguiu, mais calmo: — Ela anda afirmando, por exemplo, que esse Moosbrugger representa, para ela e para mim, a “imagem de nossos pecados”, e que nos foi enviado como exortação; deve-se entender assim: é um símbolo de que negligenciamos as possibilidades mais nobres de nossa vida, por assim dizer a sua imagem luminosa. Há muitos anos, quando Meingast nos deixou...

— Mas delírio de pecado é sintoma de certas perturbações! — recordou Siegmund com a desesperada indiferença do profissional.

— Naturalmente você só conhece sintomas! — Walter defendeu vivamente a sua Clarisse. — Pois o resto fica acima da sua experiência. Porém talvez seja exatamente essa superstição, que trata como perturbação tudo o que não combina com as experiências mais vulgares, o pecado da nossa vida! E Clarisse exige uma ação interior contra isso. Já há muitos anos, quando Meingast nos deixou... — Ele pensou na história de como Clarisse e ele tinham “assumido os pecados” de Meingast, mas não adiantava querer explicar a Siegmund o processo de um despertar espiritual, e ele concluiu vagamente: — E afinal, sempre houve pessoas que assumiram os pecados de todos ou que os adensaram em si, isso é coisa que nem você vai querer negar, não é?

O cunhado fitou-o satisfeito:

— Pois então! — respondeu amigavelmente. — Você mesmo está provando o que afirmei desde o começo. Que ela se sinta oprimida por pecados é postura típica de certas perturbações. Mas também há muitos comportamentos atípicos na vida: mais que isso eu não afirmei.

— E essa severidade exagerada com que ela faz tudo? — perguntou Walter algum tempo depois, suspirando. — Esse rigorismo não se pode chamar de normal.

Enquanto isso, Clarisse tinha um diálogo importante com Meingast.

Você disse — recordou-lhe ela — que as pessoas que se gabam de entender e explicar o mundo jamais poderão mudar nada nele.

— Sim — disse o mestre. — “Verdadeiro” e “falso” são as desculpas

daqueles que nunca querem tomar nenhuma decisão. Pois a verdade não tem fim.

— Por isso você disse que é preciso ter coragem de decidir entre “valor” e “não-valor”? — perguntou Clarisse.

— Sim — disse o mestre um pouco entediado.

— É maravilhosamente desdenhosa aquela fórmula que você criou — exclamou Clarisse —, de que na vida atual as pessoas apenas fazem aquilo que já está acontecendo!

Meingast parou e olhou o chão; podia-se pensar que estava inclinando o ouvido, ou contemplava uma pedrinha à sua direita no caminho. Mas Clarisse não continuou dando-lhe o mel do louvor; também inclinara a cabeça agora, de modo que o queixo quase pousara no peito; seu olhar enfiou-se na terra, entre as pontas das botas de Meingast, e um leve rubor cobriu seu semblante pálido, quando, abafando cautelosamente a voz, ela prosseguiu: — Você disse que toda a sexualidade é apenas pular carniça!

— Sim, eu disse isso em certa ocasião. O que nossa época perdeu em vontade, gasta em sexualidade, exceto na chamada atividade científica!

Clarisse hesitou um pouco, depois disse:

— Eu própria tenho muita força de vontade, mas Walter pula carniça!

— O que está havendo entre vocês, afinal? — perguntou o mestre curioso, mas acrescentou logo, quase repugnado: — Naturalmente, posso imaginar o que é.

Estavam num canto do jardim sem árvores, ao pleno sol de primavera, e mais ou menos no canto oposto, em diagonal, estava Siegmund agachado no chão, enquanto Walter, parado ao lado dele, lhe falava animadamente. O jardim tinha a forma de um retângulo encostado à parede mais longa da casa, e em torno de seus canteiros de legumes e flores corria uma trilha de cascalho, e dois caminhos no meio formavam uma cruz clara com cascalho sobre a terra ainda nua. Clarisse respondeu, espiando cautelosamente os dois homens:

— Talvez ele nem tenha culpa: eu atraio Walter de uma maneira pervertida.

— Posso imaginar — respondeu o mestre com um olhar de simpatia. — Você tem algo de um menino.

Clarisse sentiu a felicidade disparar como granizo por suas veias, com esse elogio.

— Você viu, outro dia, que eu fico pronta mais depressa que um homem? — perguntou ela com rapidez.

No rosto do filósofo, com rugas de benevolência, apareceu perplexidade. Clarisse deu uma risadinha.

— É uma dessas palavras de duplo sentido — explicou. — Há outra ainda: crime sexual, por exemplo.

O mestre achou melhor não se espantar com mais nada.

— Sim, sim — respondeu, eu sei. — Uma vez você disse que crime sexual é quando se acaba com o amor num abraço trivial. — Mas quis saber o que tinha significado aquele ficar pronta.

— Deixar as coisas acontecerem é crime — explicou Clarisse com a rapidez de quem mostra suas artes no chão liso, e escorrega por excesso de velocidade.

— Sabe — admitiu o mestre — agora eu realmente não entendo mais nada. Você está novamente falando daquele sujeito, o carpinteiro. Afinal, o que pretende dele?

Clarisse raspava pensativamente o pé no cascalho.

— Isso é a mesma coisa — disse. De repente, ergueu os olhos para o mestre. — Eu acho que Walter devia aprender a me rejeitar — disse, lacônica.

— Não consigo avaliar isso — disse Meingast depois de esperar em vão que ela continuasse falando. — Mas certamente as soluções radicais são sempre melhores.

Dissera aquilo apenas para dizer alguma coisa. Mas Clarisse baixou outra vez a cabeça, de modo que seu olhar se enterrou em outro lugar do terno de Meingast, e algum tempo depois a mão dela aproximou-se lentamente do braço dele. De repente, sentia um desejo desenfreado de agarrar aquele braço magro e duro debaixo da manga larga, e tocar no mestre, que disfarçava como se nada soubesse das palavras esclarecedoras que ele próprio dissera sobre o carpinteiro. Enquanto isso, desencadeava-se em Clarisse a sensação de que parte dela escorregava para ele, e na lentidão

com que sua mão sumiu na manga dele, nessa lentidão de torrente, giravam escombros de uma sensualidade inconcebível, que nasciam da percepção de que o mestre parará e se deixava tocar por ela.

Mas Meingast, por alguma razão, fitou aborrecido aquela mão que agarrava seu braço e subia por ele como um inseto trepa sobre sua fêmea; viu alguma coisa inusitada fremir debaixo das pálpebras descidas daquela mulherzinha: compreendeu que estava acontecendo algo duvidoso que o comoveu por desenrolar-se assim abertamente.

— Venha! — sugeriu amavelmente, afastando a mão dela. — Se ficarmos aqui parados, chamaremos a atenção dos outros. Vamos andar de novo!

Enquanto andavam de um lado para outro, Clarisse contava:

— Quando me visto, fico pronta depressa; mais depressa que um homem, se for preciso. As roupas voam sobre meu corpo quando eu... como dizer?... quando fico assim! Talvez seja um tipo de eletricidade; o que me pertence me deixa pronta. Mas em geral me apronta desgraças.

Meingast sorriu com esses jogos de palavras que ainda não entendia, e procurou uma resposta que a impressionasse.

— Então você, por assim dizer, fica pronta com suas roupas como um herói para seu destino? — replicou.

Para sua surpresa, Clarisse parou e exclamou:

— Sim, é exatamente isso! Quem vive assim sente isso também com roupa, sapato, faca e garfo!

— Existe alguma verdade nisso — confirmou o mestre diante daquela afirmação obscuramente persuasiva. Depois, perguntou diretamente: — E como faz isso com Walter?

Clarisse não entendeu. Fitou-o, e nos olhos dele percebeu de repente nuvens amarelas que pareciam girar num vento desvairado.

— Você disse — prosseguiu Meingast, hesitante — que o atrai de uma forma pervertida. Então não será a maneira certa para uma mulher? Como é isso? Você é frígida em relação aos homens?

Clarisse não conhecia aquele termo.

— Frígida — explicou o mestre — é quando uma mulher não sente prazer no abraço de um homem.

— Mas eu só conheço Walter — disse Clarisse, intimidada.

— Bem, mas segundo tudo o que me disse, a gente deve presumir isso. Clarisse estava atônita. Teve de refletir. Não sabia.

— Eu? Mas eu não devo! Preciso exatamente impedir isso! — disse ela. — Não devo permitir que aconteça!

— Não me diga! — Agora o mestre deu uma risada obscena. — Precisa impedir-se de sentir alguma coisa? Ou que Walter tenha lá seu prazer?

Clarisse ficou rubra. Mas, com isso, também entendeu o que devia dizer.

— Se a gente ceder, tudo se afogará no prazer sexual — respondeu gravemente. — Eu não permito que o desejo dos homens se separe deles e se torne meu desejo. Por isso, eu os atraio desde menininha. Alguma coisa está errada com o prazer dos homens.

Por vários motivos, Meingast preferiu não enveredar por esse caminho.

— Mas então consegue dominar-se a esse ponto? — indagou.

— Sim, é diferente — admitiu ela, sincera. — Mas eu lhe disse: se deixasse isso acontecer, eu seria um assassino sexual! — Depois, mais intensa, continuou: — Minhas amigas dizem que a gente “se derrete” nos braços de um homem. Não conheço isso. Nunca me derreti nos braços de um homem. Mas sei derreter-me fora do abraço. Você certamente também sabe; pois disse que o mundo está demasiadamente livre de loucura!

Meingast rejeitou isso com um gesto, como se ela não o tivesse compreendido bem.

Mas agora, ela entendera bem demais:

— Quando você diz, por exemplo, que a gente tem de se decidir contra o inferior a favor do superior — exclamou —, isso significa: pode-se viver numa volúpia monstruosa e ilimitada! Isso não é a volúpia do sexo, mas do gênio! E Walter trairá essa volúpia se eu não o impedir!

Meingast sacudiu a cabeça. Rejeitava aquela repetição alterada e passional de suas palavras, era uma rejeição intensa, quase assustada; e, de tudo o que ela dissera, reteve o mais casual:

— Seria de se perguntar se ele poderia agir de outra forma! Clarisse parou,

como se tivesse lançado raízes instantâneas no solo.

— Mas ele tem de poder! — exclamou. — Você mesmo nos ensinou que a gente tem de poder!

— Correto — admitiu o mestre, hesitante, e, dando o exemplo, incitou-a inutilmente a continuar andando. — Mas o que é que *você quer*, afinal?

— Veja, eu não queria nada antes de você chegar — disse ela baixinho. — Mas é tão horrível essa vida que retira, do oceano dos prazeres da vida, apenas esse pouquinho de prazer sexual! E agora, eu quero uma coisa.

— Pois é isso que estou perguntando — ajudou Meingast.

— A gente tem de estar neste mundo com alguma finalidade. É preciso “servir” para alguma coisa. Ou tudo fica horrivelmente ressequido — respondeu Clarisse.

— Isso que você quer se relaciona com Moosbrugger? — perquiriu Meingast.

— Não sei explicar. É preciso ver o que vai acontecer! — respondeu Clarisse. Depois, acrescentou pensativa: — Eu o vou sequestrar, vou provocar um escândalo!

— Sua expressão modificou-se, tomou-se misteriosa. — Eu observei você — disse, de repente. — Há pessoas misteriosas entrando e saindo de seu quarto! Você as convida quando pensa que saímos. São rapazes e homens jovens! Você não conta o que querem!

Meingast contemplou-a, atônito.

— Você anda preparando alguma coisa — prosseguiu Clarisse —, você está desencadeando alguma coisa! Mas eu... — disse num ímpeto, sussurrando —, eu também sou tão forte que posso manter amizade simultânea com muita gente! Conquistei o caráter e os deveres de um homem! Convivendo com Walter, aprendi a ter sensações masculinas!...

— Mais uma vez sua mão pegou o braço de Meingast. Notava-se que ela não percebia isso. Os dedos emergiam da manga na postura de garras. — Eu sou um ser duplo — sussurrou. Quero que você saiba disso! Mas não é fácil. Você tem razão, a gente não deve ter medo da violência!

Meingast ainda a encarava, constrangido. Não a conhecia naquele estado. Não entendia a conexão de suas palavras. Para Clarisse, naquele instante nada era mais simples do que a idéia do ser duplo, mas Meingast

perguntava-se se ela teria adivinhado algo da vida secreta dele, e se era a isso que aludia. Não havia muito que adivinhar: há pouco tempo ele começara, em concordância com sua filosofia masculina, a perceber uma mudança em seus sentimentos e a atrair rapazes que lhe significavam um pouco mais do que discípulos. Mas talvez por isso tivesse mudado de residência, vindo para cá, onde se sentia protegido de observação alheia; nunca pensara nessa possibilidade, e aquela criaturinha, agora assustadora, aparentemente parecia capaz de intuir o que se passava com ele. O braço dela saía, cada vez mais longo, da manga do vestido, sem que a distância entre os dois corpos se tivesse alterado, e aquele braço magro e nu, junto com a mão presa nele, que tocava em Meingast, assumia no momento uma forma tão inusitada que na fantasia do homem confundiu-se tudo o que antes ainda tivera fronteiras.

Mas Clarisse não conseguiu mais pronunciar o que tinha querido dizer há pouco, embora agora lhe estivesse bem evidente. As palavras ambíguas eram sinais disso, espalhados na conversa como galhos que quebramos ou folhas que espalhamos no chão para fazer alguém encontrar nosso caminho secreto. “Crime sexual” e “ficar pronta”, mas também “correr” e muitas outras palavras indicavam duas significações, das quais uma era secreta e pessoal. Uma linguagem ambígua significa porém uma dupla vida. A comum é obviamente a do pecado, a secreta é a da luz. Assim, por exemplo, “correr” era, como imagem de pecado, a correria diária habitualmente desgastante, mas como imagem do prazer, era tudo a correr para longe do dia-a-dia, dando saltos prazerosos. Mas, em vez de imagem de prazer, podemos dizer imagem de força ou de inocência, e, de outro lado, dar à imagem do pecado todos os nomes que tenham algo de depressão, enfado e indefinição da vida comum. Eram relações estranhas aquelas, entre as coisas e o eu, de modo que algo que se fazia tinha seu efeito onde jamais se suporia; e quanto menos Clarisse conseguia falar a respeito, tanto mais vivamente desdobravam-se em seu interior as palavras, e andavam mais rápidas do que as conseguia apanhar. Ela tinha, porém, uma convicção, e há bastante tempo: o dever, o privilégio e a tarefa do que se chama consciência, loucura e vontade é encontrar a imagem forte, a imagem da luz. É esta em que nada é casual, em que não há espaço para vacilar, onde felicidade e obrigação coincidem. Outras pessoas chamavam isso de “vida essencial”, falavam do “caráter inteligível”, designavam o instinto como inocência e o

intelecto como pecado: Clarisse não podia pensar assim, mas descobrira que se podia promover um processo qualquer, e às vezes partes da imagem de luz se prendiam a ele naturalmente, e assim se corporificavam. Por motivos que em primeira linha se ligavam ao sensível não-fazer-nada de Walter, mas mais ainda constavam da heróica ambição sempre irrealizada, ela fora levada a pensar que cada pessoa poderia construir um monumento de si mesma com algo que fizesse com violência, e que depois esse momento a levaria consigo. Por isso, não via claramente o que pretendia com Moosbrugger, e não conseguia responder à pergunta de Meingast.

Além do mais, não queria fazê-lo. Walter a proibira de dizer que o mestre estava se transformando de novo, mas sem dúvida o espírito dele realizava os segredos preparativos de uma ação da qual ela nada sabia, e que poderia ser tão bela quanto o era seu espírito. Portanto, ele teria de entendê-la, embora fingisse que não. Quanto menos ela dizia, tanto menos lhe revelava o que sabia. Também o podia tocar, e ele não podia impedir isso. Dessa maneira, ele reconhecia a sua intenção, enquanto ela penetrava e tomava parte na dele. Era novamente uma espécie de duplo ser, e tão forte que ela nem o via mais com clareza. Através do seu braço fluía toda a força que ela possuía, cuja medida desconhecia, uma torrente inesgotável passando para aquele misterioso amigo, deixando-a numa fraqueza e esvaziamento que superavam qualquer sensação de amor. Ela nada podia fazer senão contemplar sorrindo a própria mão, ou fitá-lo alternadamente no rosto. Também Meingast nada fazia senão olhar alternadamente para ela ou para sua mão.

De repente, algo de inesperado atingiu Clarisse, mas em seguida lhe proporcionou uma vertigem de delícias: Meingast tentara manter seu sorriso superior, para não expor sua insegurança; mas esta crescia de minuto a minuto, surgindo sempre de algo que parecia incompreensível. Pois antes de qualquer ação realizada sob dúvidas há um lapso de tempo de fraqueza que corresponde aos momentos de remorso depois da ação, embora quase não apareça no curso natural do fato. As convicções e intensas fantasias que protegem e aprovam a ação acabada ainda não chegaram então à sua plenitude, e oscilam na paixão que jorra, com incerteza e insegurança parecidas às que mais tarde hão de tremer ou desmoronar na torrente que recua, na paixão do remorso. Meingast fora surpreendido nesse estado. Era-lhe duplamente penoso, por motivos do seu passado e do respeito de que

gozava agora junto de Clarisse e Walter, e qualquer excitação intensa modifica também a imagem da realidade, de modo que ela pode assumir nova intensidade. O medo que ele sentia fazia-o ter medo de Clarisse, a quem seu temor conferia algo de atemorizante, e as tentativas de pensar lucidamente apenas aumentavam a sua consternação, por serem tão impotentes. Assim, o sorriso, em vez de fingir uma calma superior, de momento a momento se tornava mais rígido em seu espírito, tinha algo de uma rigidez flutuante, parecendo por fim flutuar para longe, rígido como sobre ondas. Nesse momento, o mestre portava-se exatamente como um cachorro grande que tem à frente um animalzinho estranhamente pequeno que não se atreve a atacar, como uma lagarta, uma rã ou uma cobra: ele se endireitava cada vez mais sobre suas compridas pernas, repuxava os lábios e as costas, e de repente sentiu-se afastado pelas torrentes de desconforto do local onde elas nasciam, sem poder esconder essa fuga por uma palavra ou gesto.

Clarisse não o largou; nos primeiros passos hesitantes isso ainda podia parecer um fervor inocente, mas depois ele a arrastava consigo e quase não encontrou as palavras necessárias para lhe explicar que queria ir depressa ao quarto trabalhar. Só na porta da casa conseguiu livrar-se dela, e até ali só o levava seu ímpeto de fugir, sem dar atenção às palavras de Clarisse, sufocado pela cautela necessária para não chamar a atenção de Walter e Siegmund. Walter teria podido adivinhar em linhas gerais o que acontecia. Notou que Clarisse exigia apaixonadamente algo de Meingast, que este lhe negava, e um ciúme, como dois parafusos, enfiou-se no seu peito. Pois embora sofresse muito doloridamente por supor que Clarisse oferecia seus favores ao amigo, sua mágoa por vê-la rejeitada era quase mais forte ainda. Levando isso às últimas consequências, acabaria obrigando Meingast a possuir Clarisse, para precipitar-se então no desespero, levado pelo ímpeto do mesmo movimento interior. Sua excitação era heróica e melancólica. Não suportou que, enquanto Clarisse chegava ao momento culminante de seu destino, Siegmund lhe perguntasse se as mudas deveriam ser colocadas soltas na terra ou a terra batida ao seu redor. Teve de dizer qualquer coisa, e sentiu-se como um piano na fração de segundo entre o momento em que é ferido pelo impulso de dez dedos num toque muito forte, e o uivo que emitirá. Sentia luz na garganta. Palavras, que teriam de representar tudo bem diferente do que o habitual. Mas, inesperadamente, a única coisa que

conseguiu dizer foi totalmente diversa:

— Não vou tolerar isso! — repetiu, mais para o jardim do que para Siegmund. Mas agora viu-se que, embora aparentemente entretido com mudas e montinhos

de terra, este também observara o incidente, e até se preocupara com ele. Pois Siegmund levantou-se, limpou os joelhos com as mãos, e deu um conselho ao cunhado:

— Se você acha que ela está indo longe demais, tem de procurar incutir-lhe outras idéias — disse, como se fosse natural que ele tivesse ponderado o tempo todo, com escrúpulo médico, o que Walter lhe confiara.

— Mas como posso fazer isso? — perguntou Walter, atônito.

— Como um homem faz — disse Siegmund. — Os fricotes das mulheres se curam sempre do mesmo jeito, você já sabe! — Ele tolerava muita coisa de Walter, e a vida está repleta desse tipo de relações em que um oprime e rejeita o outro, que não se revolta. Na verdade, e segundo a convicção do próprio Siegmund: exatamente a vida saudável é assim. Pois o mundo provavelmente teria sucumbido já no tempo das migrações dos povos se todos se tivessem revoltado até a última gota de sangue. Em vez disso, os mais fracos sempre cederam, e procuraram outros vizinhos, que podiam oprimir por sua vez; e segundo esse modelo realizam-se as relações humanas até hoje, na sua maioria, e tudo acaba dando certo com o tempo. Siegmund sempre fora tratado um pouco como idiota no círculo familiar em que Walter passava por gênio, reconhecera isso e ainda hoje teria sido o tolerante e bonzinho, se a hierarquia familiar estivesse em jogo. Pois há anos essa velha inserção se tornara desimportante diante das relações mais novas de vida, e por isso prosseguia conforme a tradição. Siegmund não tinha apenas uma clientela bastante boa como medico — e o médico, diferentemente do burocrata, não domina por uma força alheia mas por seu saber pessoal, ele se dirige a pessoas que esperam sua ajuda, e que lhe são submissas! —, mas tinha também uma mulher rica, que em pouco tempo lhe dera a si mesma e mais três filhos, e, embora não muito frequentemente, mas com certa regularidade, quando desejava, ele a traía com outras mulheres. Por isso, estava em condições de, se quisesse, dar a Walter um conselho seguro e confiável.

Nesse momento, Clarisse saiu outra vez da casa. Não se lembrava mais do

que fora dito enquanto iam até lá. Sabia que o Mestre fugira dela; mas essa lembrança não tinha mais detalhes, estava cercada e dobrada sobre si. Alguma coisa acontecera! Com essa única idéia, Clarisse sentiu-se alguém que emerge de uma tempestade e ainda tem o corpo todo carregado de uma força sensual. À frente dela, a poucos metros da escadinha de pedra, onde se encontrava, viu um melro muito negro com bico cor-de-fogo, devorando um verme gordo. Havia no animal uma energia imensa, ou vinha de suas duas cores contrastantes. Não se poderia dizer que Clarisse refletia sobre isso; muito antes, algo lhe respondia, vindo de todos os lados. O melro preto era uma imagem de pecado no momento da violência. O verme era a imagem do pecado de uma borboleta. Os dois animais tinham sido colocados em seu caminho pelo destino, como sinal de que precisava agir. Via-se que o melro assumia os pecados do verme em seu bico de um vermelho-laranja ardente. Não seria o “gênio negro”? Assim como a pomba é o “espírito branco”? Formavam os sinais uma cadeia? O exibicionista e o carpinteiro, e a fuga do Mestre...? Nenhuma dessas idéias estava nela nessa forma elaborada, prendiam-se invisíveis às paredes da casa, evocadas, mas ainda retendo a sua resposta; porém o que Clarisse realmente sentiu ao sair para a escada e ver o pássaro devorando o verme foi uma indizível harmonia dos fatos interiores com os exteriores.

E de maneira singular isso se transferiu para Walter. A sensação que ele teve correspondeu imediatamente àquilo que chamara de “invocar a Deus”; e, dessa vez, entendeu isso com toda a segurança. Não conseguia detectar o que se passava em Clarisse, a distância era grande demais; mas na postura dela, ali diante do mundo para o qual aquela escadinha conduzia como uma escada de piscina para a água, percebeu algo de não-casual. Algo exaltado. Não era uma postura da vida comum. E de repente, ele entendeu: é a esse não-casual que Clarisse se refere quando diz: “Aquele homem não estava por acaso debaixo da minha janela!” Ele próprio sentiu, olhando sua mulher, a pressão de forças estranhas jorrando e entrando nas aparências, enchendo-as. No fato de ele estar parado ali e Clarisse mais adiante, em diagonal à sua frente, enquanto ele involuntariamente dirigia seu olhar para a parte mais longa do jardim tendo de virar-se para ver Clarisse direito: já nessa simples circunstância a muda pressão da vida superou de repente o acaso natural das coisas. Na plenitude das imagens que se comprimiam diante da vista emergia algo de geométrico e linear, e inusitado. Assim

podia acontecer quando Clarisse via algum sentido em relações quase insubstanciais, como o fato de haver um homem parado sob sua janela e outro homem ser carpinteiro; os fatos tinham então uma maneira de se empilharem uns sobre os outros, diferente da maneira habitual, pertenciam a um todo estranho, que mostrava outros aspectos deles, e, como os retirasse de seus esconderijos, fazia Clarisse afirmar que era ela própria quem atraía os acontecimentos: era difícil explicar isso lucidamente, mas por fim Walter notou que era muito ligado a algo que ele conhecia bem, isto é, o que acontecia quando se pintava um quadro. Também um quadro exclui de maneira desconhecida toda cor e linha que não concorde com sua forma básica, seu estilo e sua paleta, e de outro lado tira da mão o que precisa, devido a leis geniais, diferentes das leis comuns da natureza. Nesse momento, não havia nele mais nada da redonda e agradável sensação de saúde que analisa as excrescências da vida segundo aquilo de que precisa, como há pouco ele ainda celebrara; era antes o sofrimento de um menino que não se atreve a entrar numa brincadeira.

Mas Siegmund não era homem de, percebendo alguma coisa, esquecê-la depressa.

— Clarisse está nervosa demais — constatou. — Sempre quis enfiar a cabeça pelas paredes, e agora sua cabeça está presa em alguma coisa. Você precisa interferir com energia, mesmo que ela se revolte!

— Vocês médicos não entendem coisa nenhuma dos processos espirituais! — exclamou Walter. Procurou outro ponto de ataque e encontrou-o: — Você fala de “sinais” — prosseguiu, enquanto baixava sobre sua irritação a alegria de poder falar de Clarisse — e fica analisando, preocupado em ver quando sinais representam alguma perturbação e quando não; mas eu lhe digo: o verdadeiro estado do ser humano é aquele em que tudo é sinal! Simplesmente tudo! Talvez você consiga encarar a verdade, mas ela jamais vai encarar você; essa sensação divinamente insegura você nunca vai conhecer!

— Vocês dois são malucos! — comentou Siegmund secamente.

— Sim, claro que somos! — exclamou Walter. — Você não é criativo como ser humano: nunca entendeu o que significa “expressar-se”, que para o

artista significa antes de tudo “compreender”! A expressão que damos às coisas é que desenvolve a capacidade de entendê-las direito. Eu só compreendo o que desejo, ou o que outro deseja, na medida em que o executo! Essa é a nossa experiência viva, diferente das suas experiências mortas! Naturalmente você dirá que isso é um paradoxo, uma confusão entre causa e efeito, você com essa sua causalidade médica!

Mas Siegmund não disse isso, apenas repetiu, seguro de si:

— Certamente será bom para ela que você não tolere demais essas suas manias.

Pessoas nervosas precisam de certa disciplina.

— E quando toco piano diante da janela aberta, o que faço? — perguntou Walter ao cunhado, aparentemente sem ouvir o conselho dele. — Passam pessoas, talvez haja entre elas mocinhas; quem quer, pára; eu toco para casais de jovens namorados e velhos solitários. Serão inteligentes ou tolos. Eu não lhes dou sensatez. O que toco não é sensatez. Eu me divido com eles. Sentado em meu quarto, invisível, eu lhes dou sinais: alguns sons, e isso é a vida deles e a minha vida. Você realmente pode dizer que isso também é maluquice!... — De repente, ele emudeceu. A sensação: “ora, eu teria muito a dizer a todos vocês!”, essa sensação básica de ambição do cidadão terrestre medianamente talentoso que se sente impelido à comunicação se desfez. Sempre que Walter se sentava no vazio suave atrás de sua janela aberta e soltava sua música nos ares com a consciência exaltada do artista que leva felicidade a milhares de desconhecidos, essa sensação era como um guarda-chuva aberto, e sempre se tornava um guarda-sol fechado e bambo quando parava de tocar. Então, toda a leveza sumia, todo o acontecido era como se não tivesse acontecido, e ele só conseguia dizer que a arte tinha perdido a relação com o povo e que tudo era muito ruim. Lembrou-se disso e desanimou. Defendia-se. E Clarisse dissera: é preciso tocar a música “até o fim”. Clarisse dissera: só entendemos algo na medida em que participamos! Clarisse porém também dissera: por isso, nós mesmos temos de entrar no hospício! O “guarda-chuva interior” de Walter balançava meio fechado, em lufadas de vento irregulares.

— Pessoas nervosas precisam de certa orientação — disse Siegmund —, é

para o seu próprio bem. Você mesmo disse que não vai mais tolerar isso. Como médico, e como homem, só posso lhe dar o mesmo conselho: mostre-lhe que você é um homem. Sei que ela se defende disso, mas vai acabar aceitando!

Siegmund repetiu incansavelmente como uma máquina confiável o que “diagnosticara”.

Walter, numa “lufada de vento”, respondeu:

— Essa supervalorização médica da vida sexual regrada é coisa antiquada. Se faço música, pinto ou penso, tenho efeito perto e longe sem tirar de um o que dou a outros. Ao contrário! Acredite que a concepção particular de vida hoje provavelmente não se justifica mais em parte alguma! Nem mesmo no casamento!

Mas a pressão mais intensa era a de parte de Siegmund, e Walter foi ao encontro de Clarisse, a quem não deixara de fitar durante esse diálogo. Era desagradável dizerem que ele não era homem; virou as costas a essa afirmação, deixando que ela o impelisse até Clarisse. E a meio caminho sentiu entre os dentes que se expunham ao medo à pergunta com que teria de começar: “O que quer dizer essa sua conversa sobre sinais?”

Mas Clarisse via-o chegar. Enquanto ele ainda estivera parado, já o vira vacilar na sua posição. Depois, os pés dele foram levantados da terra levando-o até ela. Clarisse via tudo isso com um prazer selvagem. O melro ergueu vô assustado, levando precipitadamente o verme consigo. Agora o caminho estava livre, estava pronto. Mas, de repente, Clarisse mudou de idéia e evitou um encontro, procurando o ar livre ao longo da parede, sem desviar-se de Walter, porém andando mais rápido enquanto ele, hesitante, não conseguia passar do reino do efeito à distância para aquele da fala e resposta.

O GENERAL STUMM LOGO DESCOBRE ÁGATA PARA A SOCIEDADE

Desde que Ágata se reunira a ele, as relações que ligavam Ulrich com o grande círculo de conhecidos da família Tuzzi lhe impunham tarefas sociais que roubavam muito tempo, pois apesar do adiantado da época a intensa vida social do inverno ainda não terminara, e a simpatia que tinham demonstrado a Ulrich quando seu pai morrera exigia uma retribuição: que não escondesse Ágata, embora os dois estivessem dispensados, pelo luto, de participar de grandes festas. Esse luto até teria bastado, caso Ulrich aproveitasse inteiramente a vantagem que ele lhes oferecia, para evitarem por longo tempo qualquer atividade social, e assim sair de um círculo de pessoas no qual ele só fora introduzido por um estado de espírito singular. Mas desde que Ágata lhe confiara sua vida, Ulrich contrariava seus sentimentos e entregava a uma parte de si que instalara na tradicional concepção de “deveres de irmão mais velho” muitas decisões com relação às quais ficava indeciso, quando não desdenhoso. Entre esses deveres de irmão mais velho encontrava-se principalmente o pressuposto de que a fuga de Ágata da casa do marido não podia terminar senão na casa de outro homem, melhor que ele.

— Não falta muito para você receber algumas propostas de casamento ou ao menos declarações de amor — costumava responder quando Ágata lhe dizia que a vida em comum dos dois exigia certas medidas. E se Ágata lhe apresentava alguns planos para dentro de várias semanas ele respondia:

— Até lá, tudo vai ser diferente.

Ela teria ficado bem mais magoada se não tivesse notado no irmão uma divisão, o que a impedia de reagir mais violentamente quando ele julgava vantajoso alargarem o mais possível o círculo social que frequentavam. Dessa maneira, desde a chegada de Ágata os irmãos se envolviam muito mais na atividade mundana do que Ulrich teria feito se estivesse sozinho.

Essa aparição em conjunto, depois de longo tempo só terem conhecido a ele, jamais tendo ouvido qualquer comentário sobre sua irmã, chamou bastante atenção. Certo dia, o General Stumm von Bordwehr aparecera

novamente na casa de Ulrich com seu ordenança, sua pasta e seu pedaço de pão, farejando o ar, desconfiado. Havia ali um cheiro indescritível. Então, Stumm descobriu uma meia de mulher pendurada no encosto de uma cadeira, e disse, desdenhoso:

— Naturalmente, esses jovens cavalheiros!

— Minha irmã — explicou Ulrich.

— Ora, vamos! Desde quando você tem irmã? — corrigiu o general. — Nós com as maiores preocupações, e você se escondendo aqui com uma moça!

No mesmo instante, Ágata entrou no quarto e ele perdeu o sangue-frio. Viu seu parentesco, e sentiu, na inocência dessa aparição, que Ulrich dissera a verdade, sem porém deixar de pensar que tinha diante de si uma amiga de Ulrich, parecida com ele de maneira enganadora e incompreensível.

— Nem sei o que me aconteceu nesse momento, caríssima — disse mais tarde a Diotima —, mas não teria me sentido diferente se, de repente, ele próprio estivesse na minha frente outra vez como cadete!

Pois, como Ágata lhe agradara muitíssimo, Stumm sentira à sua vista aquele estupor que aprendera a interpretar como sinal de profunda emoção. Sua delicada rotundidade física e sua natureza sensível tendiam a fugir de situações tão espinhosas, e apesar de todos os esforços de fazê-lo ficar, Ulrich viu pouca coisa daquelas importantes preocupações que tinham trazido o general até sua casa.

— Não! — censurou-se o general. — Nada é tão importante que alguém o devesse estorvar como estou fazendo!

— Mas você não nos estorvou! — assegurou Ulrich, sorrindo. — O que iria estorvar?

— Não, claro que não! — afirmou Stumm, mais perturbado ainda. — Claro, em certo sentido não, mas mesmo assim! Olhe, volto em outra hora!

— Então pelo menos diga por que veio, antes de ir embora! — pediu Ulrich.

— Nada! Não foi nada! Uma ninharia! — disse Stumm no seu desejo de sumir. — Acho que o “grande acontecimento” está começando!

— Um cavalo! Um cavalo! Um navio para a França! — gritou Ulrich fingindo uma divertida excitação.

Ágata o encarou espantada.

— Peço que me desculpe — disse-lhe o general —, a senhora não há de imaginar do que se trata.

— A Ação Paralela encontrou a idéia que a coroará! — explicou Ulrich.

— Não — disse o general —, eu não afirmei isso. Apenas quis dizer: o acontecimento que todos esperamos está começando a nascer!

— Ah! — disse Ulrich. — Mas desde o começo ele está nascendo.

— Não — afirmou o general, sério. — Não é assim. Agora existe no ar um forte não- sei-o-quê. Em breve haverá um encontro decisivo na casa de sua prima. A Sra. Drangsal...

— Quem é essa? — perguntou Ulrich interrompendo, ao ouvir esse novo nome.

— É que você se afastou de tal maneira! — censurou o general, com tristeza, e dirigiu-se a Ágata, para reparar imediatamente a lacuna. — A Sra. Drangsal é a dama que protege o poeta Feuermaul.^{16} Também não o conhece? — perguntou, virando o corpo redondo, ao ver que Ulrich não dizia nada.

— Sim. O poeta lírico.

— Ele faz uns versos — disse o general esquivando-se desconfiado daquele termo inusitado.

— E bem bons, aliás. Até várias peças de teatro.

— Não sei. E não trouxe as minhas anotações. Mas ele é aquele que... que diz: o ser humano é bom. E, em resumo, a esposa do Professor Drangsal apóia a tese de que o ser humano é bom, dizem que é uma tese européia, e que Feuermaul tem um grande futuro. Mas o marido foi conhecido no mundo todo como médico, e provavelmente também quer fazer do Feuermaul um homem famoso. De qualquer modo, existe o perigo de sua prima perder a liderança e ser superada pelo salão da Sra. Drangsal, que aliás já está sendo frequentado por toda a gente famosa.

O general limpou o suor da testa; Ulrich não achava tão ruim aquela perspectiva.

— Ora, sabe de uma coisa? — censurou Stumm. — Você venera a sua prima, como pode dizer uma coisa dessas? A caríssima senhora também não acha que isso seria uma deslealdade e ingratidão para com uma mulher encantadora? — perguntou a Ágata.

— Eu nem conheço a minha prima — admitiu ela.

— Ah! — disse Stumm, e acrescentou com palavras em que se misturavam, numa obscura confissão a Ágata, intenção cavalheiresca com não-intencional falta de cavalheirismo: — Na verdade ela andou baixando de cotação ultimamente!

Nem Ulrich nem ela responderam, e o general achou que precisava explicar suas palavras:

— E você sabe muito bem por quê! — disse alusivamente a Ulrich. Não aprovava que alguém se ocupasse com ciência sexual, que desviasse o espírito de Diotima da Ação Paralela, e preocupava-se porque a relação com Arnheim não melhorava; mas não sabia a que ponto podia permitir-se falar desses fatos diante de Ágata, cujo rosto estava cada vez mais frio. Mas Ulrich respondeu tranquilamente:

— Você certamente não vai progredir com aquele seu negócio de petróleo, se nossa Diotima não tiver mais a velha influência sobre Arnheim.

Stumm fez um pobre gesto de exortação, como se quisesse impedir Ulrich de fazer alguma anedota inconveniente diante de uma dama, mas ao mesmo tempo fitou-o nos olhos com jeito penetrante, para o prevenir. Também conseguiu forças para erguer com juvenil rapidez seu corpo desajeitado, e alisou o casaco do uniforme. Ainda lhe restava bastante suspeita quanto à presença de Ágata para revelar os segredos do Ministério da Guerra. Só na ante-sala, aonde Ulrich o levara, agarrou-se no braço dele, e sussurrou, sorrindo, voz rouca:

— Por amor de Deus, não cometa abertamente traição à pátria! — e insistiu em que não se devia dizer uma palavra sobre as jazidas de petróleo, nem mesmo diante da própria irmã.

— Tudo bem — disse Ulrich. — Mas é a minha irmã gêmea.

— Nem mesmo diante de uma irmã gêmea! — protestou o general, que já achara a irmã tão inacreditável, que a irmã gêmea não o perturbou muito mais. — Prometa!

— Não adianta — irritou-se Ulrich — que eu lhe faça essa promessa, pois somos irmãos siameses; entende isso?

Stumm entendeu que, naquela maneira de nunca dizer sim, Ulrich se divertia as suas custas.

— Você já fez brincadeiras melhores do que inventar que uma mulher tão encantadora, ainda que seja dez vezes sua irmã, está grudada em você. E de tirar o apetite! — censurou. Mas como sua desconfiança com relação ao retraimento de Ulrich se tivesse renovado, fez mais algumas perguntas para investigar o que o outro fazia: O novo secretário já apareceu aqui? Você visitou Diotima? Cumpriu sua promessa de visitar o Leinsdorf? Sabe agora o que existe entre sua prima e Arnheim? Como naturalmente soubesse de tudo, o gordo cheio de dúvidas apenas controlava a veracidade das palavras de Ulrich, e o resultado o deixou satisfeito.

— Então faça-me o favor de não se atrasar demais para a reunião decisiva — pediu, enquanto abotoava o sobretudo, ainda um pouco ofegante do trabalho de enfiá-lo. — Antes, ainda lhe telefono e depois venho apanhá-lo com meu carro, será melhor!

— E quando vai se realizar essa coisa tão monótona? — perguntou Ulrich, de má vontade.

— Ora, acho que dentro de umas duas semanas — disse o general. — Queremos levar o outro partido até Diotima, mas é preciso que o Arnheim esteja presente, e ele foi viajar. — Ele bateu com o dedo sobre o suporte dourado da espada, que pendia fora do bolso: — Sem ele “nós” não nos alegamos: você entende isso? Mas, acredite — ele suspirou —, apesar disso não desejo outra coisa senão que nossa liderança espiritual continue com sua prima; eu acharia horrível ter de me adaptar a novas circunstâncias!

Portanto, foi por essa visita que Ulrich voltou com a irmã à vida social que abandonara sozinho, e teria de a ter retomado ainda que não quisesse, pois não podia esconder-se mais nem um dia com Ágata, pressupondo que Stumm guardaria para si uma descoberta tão excitante. Quando os “siameses” fizeram sua visita a Diotima, viram que ela já estava informada daquele termo tão inusitado e duvidoso, embora não exatamente encantada com ele. Pois a divina, famosa pelos visitantes respeitados e singulares que sempre se encontravam lá, aborrecera-se muito, de início, com aquela chegada secreta de Ágata, pois uma parenta que não agradasse poderia ser muito mais perigosa para a sua própria posição do que um primo, e ela sabia tão pouco dessa nova prima como antigamente soubera de Ulrich, o que já

lhe causava, onisciente que era, um grande aborrecimento, como confessou ao general. Por isso, tinham inventado para Ágata a expressão “a irmã desamparada”, em parte para se tranquilizarem, em parte para usá-la por precaução em outros meios, e foi mais ou menos nesse clima que ela recebeu os dois irmãos. Ficou agradavelmente surpreendida com a boa impressão social que Ágata sabia causar, e esta — graças a sua boa educação num internato piedoso e orientada pela sua espantada e zombeteira disposição de aceitar a vida, da qual se queixara a Ulrich — naquele momento, quase involuntariamente, conseguiu conquistar a benevolência daquela mulher poderosa, cuja ambição grandiosa lhe era totalmente incompreensível e indiferente. Admirou Diotima com a mesma inocência com que teria admirado uma gigantesca instalação elétrica, em cujo incompreensível ofício de espalhar luz ninguém se mete. E depois de conquistada, e tendo podido observar que Ágata agradava a todos, Diotima passou a interessar-se pelo sucesso social dela, e promoveu-o cada vez mais, inclusive para sua própria glória. A “irmã desamparada” despertou muita simpatia, que nos mais conhecidos começou com um sincero espanto porque nunca tinham ouvido falar dela, e na medida em que o círculo ia crescendo, se transformava naquele vago agrado pelas coisas surpreendentes e novas, que une as famílias da alta aristocracia e a imprensa.

E aconteceu também que Diotima, com talento estético para escolher instintivamente entre várias possibilidades a pior de todas, mas de sucesso público garantido, acabou conseguindo para Ulrich e Ágata um lugar permanente na memória da sociedade mais refinada: a protetora dos dois descobriu de repente — e passou a contar a todos — que era encantador o que ouvira dizer de início, ou seja, que seu primo e sua prima, reunidos em condições românticas depois de uma separação de quase toda a vida, tinham passado a chamar-se de “irmãos siameses”, embora, segundo a vontade cega do destino, até ali tivessem sido praticamente o contrário disso. Seria difícil dizer por que isso agradara tanto a Diotima, e depois a todos os outros, fazendo a decisão dos irmãos de viverem juntos parecer tão inusitada quanto compreensível: era o talento de líder de Diotima. Pois as duas coisas aconteceram, provando que, apesar de todas as manobras da concorrência, ela ainda exercia o seu doce poder. Informado quando de seu último

regresso, Arnheim deu uma conferência em círculos seletos, concluindo com o respeito pelas forças aristocrático-populares. De algum modo surgiu inclusive o boato de que Ágata, refugiada junto do irmão, tivera um casamento infeliz com um famoso sábio estrangeiro; e como naquele tempo os meios que ditavam a moda, dominados pela maneira de ver dos latifundiários, não favorecessem o divórcio e resolvessem tudo apenas pelo adultério, a decisão de Ágata foi encarada por muitas pessoas mais velhas naquele brilho dúplice feito de força de vontade e edificação que emana de uma vida superior, brilho que o Conde Leinsdorf, especialmente afetuoso para com os irmãos, certa vez analisara com as palavras:

— No teatro sempre se representam umas paixões tão terríveis; mas o nosso *Burgtheater* deveria tomar como exemplo algo assim! E Diotima, em cuja presença isso fora dito, respondeu:

— Muitas pessoas dizem, seguindo uma moda, que o ser humano é bom; mas quem, como eu agora através de meus estudos, conhece os erros e confusões da vida sexual, sabe como esses exemplos são raros!

Estaria querendo limitar o elogio de Sua Alteza, ou acentuá-lo? Ainda não perdoara Ulrich por ele não lhe haver revelado nada da chegada iminente da irmã, o que em suas palavras era uma falta de confiança; mas sentiu orgulho do sucesso de que participava, e isso também se mesclava em sua resposta.

Ágata aproveitava com habilidade natural as vantagens que a sociedade lhe oferecia, e sua postura segura num círculo extremamente exigente agradou muito a seu irmão. Os anos em que fora esposa de um professor secundário na província pareciam tê-la deixado intacta. Mas o resultado fora resumido por Ulrich com um dar de ombros:

— A aristocracia gosta de nos chamar os gêmeos grudados: ela sempre teve mais interesse por zoológicos do que pela arte.

E, num pacto tácito, tratavam tudo o que acontecia apenas como interlúdio. Seria preciso mudar muito na estrutura da casa ou decorá-la diferentemente, coisa de que se tinham dado conta logo nos primeiros dias; mas não fizeram nada por temerem a repetição de um diálogo de fronteiras imprevisíveis. Ulrich, que deixara seu quarto de dormir para Ágata, instalara-se no quarto de vestir, separado da irmã pelo quarto de banho, e concedera-lhe depois ainda a maior parte de seus armários. Não deixou que ela tivesse pena dele, evocando para isso São Lourenço assado na grelha. Mas Ágata não pensava seriamente em ter perturbado a vida de solteirão do irmão, porque ele lhe assegurava estar muito feliz, e porque fazia apenas uma vaga idéia da felicidade que ele poderia ter vivido antes. Agora, agradava-lhe aquela casa com suas instalações tão pouco burguesas, a quantidade inútil de aposentos de enfeite secundários ao redor dos poucos quartos realmente úteis e entrementes superlotados de coisas; a casa tinha algo daquela meticulosa cerimônia do passado, indefesa diante dos tempos atuais, tão práticos, mas às vezes o silencioso protesto daquelas belas salas contra a desordem intrusa também era triste, como cordas rotas e emaranhadas sobre um violino de belo talhe sinuoso. Ágata viu que seu irmão escolhera aquela casa, isolada da rua, com simpatia e compreensão, embora quisesse fazer crer o contrário, e das velhas paredes saía uma linguagem de paixão que não era inteiramente muda nem totalmente audível. Mas nem ela nem Ulrich gostavam de nada além do prazer da desordem. Viviam desconfortavelmente, desde a chegada de Ágata mandavam vir comida do

hotel e extraíam de tudo isso uma alegria um pouco exagerada, como acontece num piquenique quando se come, sobre a relva, pior do que à mesa.

Nessas condições, também faltava a necessária criadagem. Do experiente criado que Ulrich tomara por pouco tempo quando se mudara para lá, um ancião que pretendia descansar e só esperava alguma coisa que ainda precisava ser regulada, não se podia esperar demais, e Ulrich o exigia o menos possível. Mas ele próprio tinha de fazer as vezes de criada de quarto, pois o aposento em que se poderia instalar uma criada razoável estava em estado precário como todo o resto, e algumas tentativas de superar isso não tinham trazido boas experiências. Ulrich fez bons progressos como escudeiro, armando sua cavalaria para as conquistas sociais. Ainda por cima, Ágata começara a complementar seu enxoval, e suas compras enchiam a casa. Como esta fora construída sem qualquer instalação para uma dama, ela assumira o hábito de utilizar a casa toda como quarto de vestir, e assim, querendo ou não, Ulrich participava dessas novidades. As portas entre os quartos ficavam abertas, os aparelhos de ginástica dele serviam de cabides e suportes, e ele era chamado de sua mesa de trabalho para ajudá-la a

tomar decisões, como Cincinato era convocado do seu arado. Ele tolerava aquela interferência em sua vontade de trabalhar, ainda presente, não apenas pressupondo que aquilo iria passar, como porque lhe dava prazer, tudo lhe era novo como um rejuvenescimento. Aquela vivacidade de sua irmã, aparentemente gratuita, rumorejava na solidão dele como um fogo num forno frio. Claras ondas de eufórica alegria, escuras ondas de intimidade humana enchiam os aposentos em que ele morava e retiravam-lhes a natureza de um espaço em que até ali ele apenas se movimentara conforme seu capricho. Especialmente, espantava-o, na inesgotabilidade dessa presença, que aquelas ninharias desconectadas que a constituíam resultassem, em sua soma, num todo enorme, de natureza totalmente diversa: a impaciência de estar perdendo seu tempo, aquela sensação insaciável que o acompanhara a vida toda, por mais resultados que extraísse das coisas que lhe pareciam grandes e importantes, desaparecera totalmente, para seu espanto, e pela primeira vez amava incondicionalmente a vida cotidiana.

Sim, até sustava a respiração com exagerado gosto quando, com a gravidade que mulheres revelam nessas horas, Ágata lhe exibia para admirar as mil coisas que comprava. Ele fingia deixar-se levar irresistivelmente pela comicidade de a natureza da mulher ser mais sensível do que a do homem aos mesmos fatos, portanto mais entregue à idéia de enfeitar-se brutalmente, desviando-se, mais do que a natureza masculina, de uma humanidade moderada. E talvez fosse verdade. Pois as muitas pequenas, docemente ridículas idéias com que ele se defrontava: enfeitar-se com contas de vidro, com cabelos encrespados, com rendas e bordados, com cores extravagantes — essas belezas de barraca de feira que qualquer mulher inteligente distingue sem deixar de se encantar com elas, começavam a enredá-lo com os fios de sua luminosa irracionalidade. Tudo, seja a coisa mais doida e de mau gosto, desenvolve, quando nos entregamos a ela seriamente e nos colocamos em seu nível, uma bela ordem cega de um olho, o aroma perturbador de seu narcisismo, sua vontade imanente de brincar e agradar. Ulrich sentia isso ao lidar com as coisas da irmã. Carregava de um lado para outro, admirava, avaliava e dava conselhos, ajudava a experimentar. Parava com Ágata diante do espelho. Atualmente, quando a aparência de uma mulher recorda a de uma galinha chamuscada que não causa grandes problemas, é difícil imaginar a sua aparência antiga, com todos os encantos do apetite longamente adiado, que hoje em dia se julga ridículo: a saia longa, aparentemente presa ao chão pelo costureiro, mas mesmo assim movendo-se por milagre, encerrava inicialmente secretas saias leves, coloridas folhas de pétalas de seda, cujo movimento oscilante de súbito mostrava tecidos brancos mais leves ainda, cuja delicada espuma tocava então o corpo; e quando essa roupagem parecia com ondas por ter algo de sedutor e austero que a um tempo seduzia e repelia o olhar, era também um sistema artificial de paradas e fortalezas intermediárias ao redor de maravilhosas coisas habilmente protegidas, e, apesar dessa falta de naturalidade, construía-se um teatro amoroso cuja sombra, que roubava a respiração, era iluminada unicamente pela pálida luz da fantasia. Esse essencial de prolegômenos Ulrich via agora, diariamente, desfeito, desarticulado, como que pelo lado de dentro. E embora os mistérios da mulher há muito não fossem segredos para ele, exatamente porque sua vida toda os vira apenas às pressas como ante-salas ou jardins de frente, agora se apresentavam de maneira nova, pois não havia para ele acesso nem

objetivo. A tensão existente em todas essas coisas ricochetava sobre ele. Ulrich teria tido dificuldade em dizer que modificações causava. Com razão considerava-se um homem de sensibilidade masculina, e parecia-lhe compreensível que isso pode nos seduzir a ver por outra perspectiva a coisa tantas vezes desejada, mas às vezes aquilo tudo ia-se tornando quase assustador, e ele resistia, dando risadas.

— E como se, do dia para a noite, tivessem crescido ao meu redor as paredes de um internato de moças, encerrando-me inteiramente — objetava.

— Isso é muito ruim? — perguntou Ágata.

— Não sei — respondia Ulrich.

Depois, chamava-a de planta carnívora e dizia ser ele próprio um pobre inseto que rastejara para dentro de uma corola luminosa.

— Você a fechou em torno de mim — disse —, e agora estou no meio de cores, perfumes e brilho, contra a minha natureza transformado num pedaço de você, esperando pelos machinhos que vamos atrair!

E realmente sentia-se estranho quando testemunhava a sedução que sua irmã exercia sobre homens, ele cuja preocupação consistia exatamente em “conseguir-lhe um homem”. Não tinha ciúmes — em que condição poderia senti-los? —, colocava seu próprio bem-estar abaixo do dela, e desejava que logo encontrasse um homem digno, que a salvasse daquela situação transitória na qual ela se encontrava pela separação de Hagauer: e apesar disso, quando a via no centro de um grupo de homens que a rodeavam solícitos, ou quando, na rua, algum homem a fitava no rosto abertamente, atraído pela sua beleza e sem dar atenção ao seu acompanhante, ele não sabia bem o que sentia. E como a simples solução do ciúme masculino lhe fosse vedada, ele muitas vezes se sentia cercado por um mundo que jamais pisara. Conhecia, por experiência, os rodeios de um homem tão bem quanto a técnica amorosa da mulher, e quando via Ágata exercendo uma coisa e exposta à outra, sofria; pensava assistir aos namoros de cavalos ou ratos; o fungar e relinchar, o afilar e alargar dos focinhos e toda essa corte com que estranhos procuram agradar uns aos outros o repugnava, contemplava tudo sem participar, como a um atordoamento nascido das entranhas. E se apesar disso se considerava um só com sua irmã, conforme uma profunda

necessidade emocional pouco faltava, de outro lado, para, perturbado por essa indulgência, sofrer a vergonha que um homem normal sente quando abordado por outro que não é normal. Quando revelou isso a Ágata, ela riu:

— Mas no nosso grupo há algumas mulheres que andam atrás de você! — respondeu ela.

O que estava acontecendo? Ulrich disse:

— No fundo, isso é um protesto contra o mundo! E Ulrich disse:

— Você conhece o Walter; há muito tempo não nos estimamos mais. Mas embora eu me aborreça com ele e saiba também que o irrita, muitas vezes, mal o vejo sinto uma doce emoção como se eu me harmonizasse com ele de um modo que não acontece. Veja, na vida entendemos tantas coisas sem concordarmos com elas; e estar de acordo, de saída, com alguém a quem ainda nem compreendemos é uma loucura tão linda como água correndo de todos os lados para um vale, na primavera!

E sentiu: “Agora, é assim!” E pensou: “Assim que eu não tiver mais, com relação a Ágata, nenhum egoísmo e egocentrismo, nenhuma emoção feia e indiferente, ela há de fazer brotar minhas qualidades de mim como uma montanha imantada retira os pregos de um navio! Serei moralmente desmanchado num estado de átimo primitivo, onde não serei nem eu, nem serei ela! Talvez isso seja a bem-aventurança!

Mas apenas disse:

— Me diverte tanto, olhar você! Ágata ficou vermelha e disse:

— E por que o “diverte”?

— Ora, não sei. Às vezes você sente vergonha diante de mim — disse Ulrich. — Mas depois pensa que sou “só seu irmão”; outras vezes não se envergonha nada quando a vejo em circunstâncias que seriam muito atraentes para algum estranho, mas de repente lhe ocorre que isso não é para meus olhos, que então preciso desviar imediatamente...

— E por que isso o diverte? — perguntou Ágata.

— Talvez me dê felicidade, seguir outra pessoa com os olhos sem saber por quê — disse Ulrich. — Lembra-me o amor de uma criança aos seus objetos;

sem a impotência espiritual da criança...

— Talvez apenas o divirta brincar de irmãozinho e irmãzinha — respondeu Ágata — porque já se enjoou de tanto brincar de homem e mulher!

— Também — disse Ulrich e ficou olhando para ela. — O amor é originalmente um simples impulso de aproximação, e um instinto de agarrar. A gente o dividiu em dois pólos, homem e mulher, com loucas tensões, inibições, estremecimentos e aberrações. Hoje em dia, estamos fartos dessa ideologia inchada, quase tão ridícula quanto uma gastrosofia. Estou convencido de que a maioria gostaria de que essa ligação de uma excitação epidérmica com toda a humanidade se pudesse desfazer de novo, Ágata! E cedo ou tarde virá uma época de simples camaradagem sexual, em que rapazes e mocinhas, numa incompreensão unânime, depararão com uma montanha velha de molas de impulso quebradas, que antigamente constituíam homem e mulher!

— Mas se eu lhe quisesse dizer que Hagauer e eu fomos pioneiros dessa era, você ficaria zangado comigo! — respondeu Ágata com um sorriso rude como bom vinho seco.

— Eu não me zango mais por nada — disse Ulrich. E sorriu. — Um guerreiro sem sua armadura! Pela primeira vez em tempos imemoriais ele sente o ar da natureza em sua pele, em vez de ferro batido, e sente seu corpo tão cansado e delicado que os pássaros o poderiam carregar! — afirmou.

E assim, sorrindo, esquecendo-se de parar de sorrir, contemplava a irmã sentada na beira de uma mesa balançando a perna vestida numa meia de seda preta; além da camisa, ela só usava uma calcinha curta: mas eram impressões desprendidas de seu destino, imagens isoladas. “Ela é meu amigo e me apresenta deliciosamente uma mulher”, pensou Ulrich. “Que confusão realista, o fato de ela ser realmente mulher!”

E Ágata indagou:

— Não existe verdadeiramente o amor?

— Sim! — disse Ulrich. — Mas é uma exceção. É preciso separar isso: primeiro, há uma experiência corporal, que faz parte das excitações epidérmicas; e pode-se evocar como mera excitação agradável sem

conteúdo moral, sem

sentimentos. Depois, em segundo lugar, há habitualmente movimentos emocionais que se ligam intensamente à experiência física, mas apenas de modo a serem os mesmos em todas as pessoas, com mínimas variações; esses momentos fundamentais do amor são os que eu preferiria incluir no aspecto físico-mecânico, e não na alma. Por fim, existe também a verdadeira experiência espiritual do amor: mas ela não tem necessariamente a ver com as duas outras partes. Pode-se amar a Deus ou ao mundo; talvez só se possa amar a Deus ou ao mundo. De qualquer modo, não é preciso amar a uma pessoa. Porém, se o fazemos, o físico atrai todo o mundo, de modo que este se vira do avesso... — Ulrich interrompeu-se.

Ágata estava de um vermelho escuro.

Se Ulrich tivesse regulado e pronunciado suas palavras com a intenção de levar aos ouvidos de Ágata, numa falsa inocência, as idéias sobre amor inevitavelmente ligadas a elas, teria concretizado seu desejo.

Procurou fósforos apenas para interromper novamente a ligação que sem querer surgira.

— De qualquer modo — disse —, o amor, se isso é amor, é uma exceção, e não pode fornecer modelos para a vida cotidiana.

Ágata agarrara os cantos da toalha de mesa, colocando-a sobre as pernas.

— Será que pessoas estranhas que nos vissem e ouvissem não falaria de algum sentimento contra a natureza? — perguntou de repente.

— Bobagem! — respondeu Ulrich. — O que cada um de nós sente é uma espectral duplicação de si mesmo na natureza oposta. Eu sou homem, você é mulher; dizem que o ser humano carrega em si, para cada qualidade, também a qualidade contrária, fantasmagórica ou reprimida: de qualquer modo, tem nostalgia dela, quando não está inteiramente satisfeito consigo mesmo. Então, o meu contrário iluminado entrou em você e o seu em mim, e sentem-se magnificamente bem nos corpos trocados, simplesmente porque não respeitam muito o seu antigo ambiente e a paisagem que dele viam!

Ágata pensava:

“Eleja disse bem mais a respeito de tudo isso; por que está recuando?” O

que Ulrich dizia combinava bem com a vida que levavam, como dois camaradas que por vezes, quando a companhia dos outros lhes deixa tempo, se espantam por serem homem e mulher, mas, ao mesmo tempo, irmãos gêmeos. Se existe uma harmonia dessas entre duas pessoas, suas relações separadas com o mundo assumem o encanto da unidade invisível de estar-se escondido no outro, de trocar de vestimentas e de corpo, e daquele engano divertido, oculto atrás das máscaras duplas da aparência externa, diante dos que de nada suspeitam. Mas essa alegria lúdica e um pouco exagerada — como crianças por vezes fazem barulho em vez de serem barulho! — não combinava com a gravidade cuja sombra, caindo de grande altura, por vezes fazia emudecer involuntariamente o coração dos irmãos. Assim, certa vez, à noite, quando antes de irem para a cama ainda se falaram por acaso, Ulrich encontrou a irmã na longa camisola e pretendeu fazer uma brincadeira, dizendo:

— Há cem anos, eu agora exclamaria: meu anjo! Pena que essa palavra tenha caído de uso! — Nisso, emudeceu e pensou, chocado: “Não é a única palavra que eu deveria usar para ela? Nem amiga, nem mulher! Também se dizia: criatura celestial! Provavelmente seria um pouco ridículo e exagerado, mas melhor do que não ter nem coragem de confiar em si mesmo!”

E Ágata pensava:

“Um homem de pijama não parece um anjo!” Mas ele parecia selvagem, de ombros largos, e de repente ela envergonhou-se pelo desejo de que aquele rosto poderoso, rodeado de cabelos, lhe obscurecesse o olhar. Sofrerá uma excitação física e inocente; seu sangue corria pelo corpo em ondas intensas, difundindo-se pela pele, roubando toda a sua força interior. Como ela não fosse uma pessoa tão fanática quanto o irmão, sentia o que sentia. Quando era terna, era terna; não iluminada pela moral ou pelo pensamento, embora amasse isso nele tanto quanto o temia.

E a toda hora, dia por dia, Ulrich resumia tudo isso em pensamento: no fundo, era um protesto contra a vida! Passeavam de braço dado pela cidade. Combinavam na altura, combinavam na idade, combinavam na maneira de ser. Andando assim lado a lado, não podiam ver muito um do outro. Grandes vultos agradáveis um ao outro, andavam pela rua por pura alegria, e sentiam a cada passo o sopro do toque do outro no meio dos estranhos que

os rodeavam. Pertencemos um ao outro! Essa sensação, simplesmente inusitada, tornava-os felizes, e, parte dentro dela, parte contra ela, Ulrich disse:

— Esquisito estarmos tão contentes por sermos irmão e irmã. Para todo mundo trata-se de uma relação corriqueira, e nós vemos nela algo de especial!

Talvez isso a tivesse magoado. Ele acrescentou:

— Sempre desejei isso. Quando era menino tomei o propósito de só me casar com uma mulher que eu já pudesse adotar quando menininha, na infância, e educar. Acho que muitos homens têm idéias dessas, são banais. Mas, quando adulto, eu me apaixonei de verdade por uma criança dessas, embora só por duas, três horas! — E continuou a contar-lhe: — Foi num bonde. Uma menina entrou, uns doze anos, junto de seu pai, que era muito jovem, ou talvez fosse seu irmão mais velho. Do jeito que entrou, sentou-se, deu negligentemente ao condutor o dinheiro pelas duas passagens, era uma verdadeira dama; mas sem nenhum sinal de timidez infantil. Da mesma maneira falava com seu acompanhante ou escutava-o, calada. Era lindíssima: morena, lábios cheios, sobancelhas fortes, nariz um pouco levantado: talvez uma polonesa de cabelos escuros ou uma eslava do sul. Acho que usava um vestido que lembrava um traje nacional, mas com casaco comprido, apertado na cintura, com cordões, babadinhos no pescoço e punhos, tudo tão perfeito como toda a sua pessoazinha. Talvez fosse da Albânia? Eu estava sentado longe demais para poder ouvi-la falar. Notei que os traços de seu rosto eram muito mais severos do que sua idade faria pensar, e pareciam os de uma adulta; apesar disso, não tinha um rosto de anã, e sim, sem dúvida, o de uma criança. Por outro lado, esse rosto não era o degrau anterior e imaturo de um rosto adulto. Parece que, por vezes, o rosto da mulher com doze anos está pronto, também espiritualmente formado no seu primeiro esboço, em grandes traços de mestre, de modo que tudo o que mais tarde a execução acabada lhe acrescenta apenas prejudica a grandeza original. Pode-se ficar mortalmente apaixonado por uma aparição dessas, mas na verdade sem desejo. Sei que olhei timidamente para as outras pessoas porque me parecia que toda a ordem se afastava de mim. Depois, desembarquei atrás da pequena, mas no movimento das ruas perdia-

a de vista. — encerrou.

Depois de esperar mais um pouco, Ágata perguntou sorrindo:

— E como combina isso com o fato de que o tempo do amor passou, e só restaram sexualidade e camaradagem?

— Mas não combina nada! — exclamou Ulrich, rindo.

Sua irmã refletiu e comentou, com estranha rudeza, com uma intencional repetição das palavras que ele mesmo usara na noite em que se tinham reencontrado:

— Todos os homens querem brincar de irmãozinho e irmãzinha. Deve significar realmente uma coisa tola. Irmãozinho e irmãzinha chamam-se um ao outro papai e mamãe quando ficam de pileque.

Ulrich espantou-se. Ágata não apenas tinha razão, mas mulheres talentosas são implacáveis observadoras dos homens a quem amam; apenas, não têm teorias, e por isso não usam de suas descobertas, a não ser quando se irritam. Ele sentiu-se um pouco ofendido.

— Naturalmente isso já foi explicado do ponto de vista psicológico — explicou um tanto indeciso. — Somos psicologicamente suspeitos, nada é mais fácil de concluir. Tendência incestuosa, comprovável na infância, como inclinações anti-sociais e postura de contestação diante da vida. Talvez até uma sexualidade própria insuficientemente determinada..., embora eu...

— Nem eu! — interrompeu Ágata, e riu de novo, embora sem vontade. — Não gosto de mulheres!

— Também, tanto faz! — disse Ulrich. — De qualquer modo, entranhas espirituais. Você também pode dizer que há uma necessidade de sultão, de adorar ou ser adorado sozinho, excluindo o resto do mundo; no velho Oriente, isso produziu os haréns, hoje temos em compensação a família, o amor e o cachorro. E posso dizer que o ímpeto de possuir uma pessoa tão exclusivamente a ponto de nenhuma outra poder se aproximar é um sinal de solidão pessoal dentro da comunidade humana, que mesmo socialistas raramente negam. Se quiser encarar a coisa assim, não somos senão um excesso burguês. Olhe, que lindo! — interrompeu-se, e puxou-a pelo braço.

Estavam à beira de um pequeno mercado entre casas antigas. Ao redor da estátua classicista de algum príncipe do espírito estavam espalhadas verduras coloridas, abriam-se os grandes toldos de pano cru das barracas, frutas rolavam, arrastavam-se cestos e cães eram enxotados de perto daquelas maravilhas expostas; viam-se os rostos vermelhos de pessoas rudes. O ar estava cheio do rumor de vozes excitadas e cheirava a sol que brilha sobre uma mistura de coisas terrenas.

— A gente não tem de amar o mundo quando vê e cheira desse jeito? — perguntou Ulrich entusiasmado. — E nós não o podemos amar porque não concordamos com o que anda nessas cabeças — acrescentou.

Não era exatamente um aparte do gosto de Ágata, e ela não respondeu, mas apertou o corpo junto ao braço do irmão, e foi como se lhe pusesse brandamente a mão sobre a boca.

Ulrich disse, rindo:

— Eu não gosto nem de mim! Isso é o resultado quando sempre se tem algo a criticar nas pessoas. Mas também eu tenho de poder amar alguma coisa; e uma irmã siamesa, que não é eu nem é ela, e é praticamente o mesmo que eu e ela, constitui com certeza o único ponto de intersecção em tudo isso!

Estava alegre de novo. E habitualmente seu estado de espírito também influenciava Ágata. Mas assim como na primeira noite de seu reencontro, ou como antigamente, nunca mais voltaram a falar. Aquilo sumira como castelos de nuvens: quando pairam sobre uma rua cheia de vida em vez de estar sobre uma paisagem solitária, não acreditamos realmente neles. A causa era talvez Ulrich não saber que grau de solidez deveria atribuir às experiências que o comoviam; mas Ágata acreditava muitas vezes que ele via nelas apenas um fantástico excesso. E não podia provar-lhe que não era assim; falava sempre menos que ele, não sabia como fazer, nem se atrevia a isso. Apenas sentia que ele se esquivava da decisão, e não devia fazer isso. Portanto, na verdade os dois se ocultavam naquela sua divertida felicidade sem profundidade nem peso, e Ágata ia ficando dia a dia mais triste, embora risse tanto quanto seu irmão.

Mas isso tudo mudou por causa do marido de Ágata, em quem tão pouco pensavam.

Certa manhã, que encerrou aqueles dias alegres, ela recebeu uma grossa carta em formato de documento, fechada com um grande lacre amarelo e redondo, trazendo em letras brancas o sinete do Ginásio Rudolf em X... Do nada surgiram imediatamente, enquanto ela ainda segurava na mão a carta fechada, casas de dois andares: as vidraças foscas de janelas bem limpas; com termômetros brancos do lado externo, nas molduras marrons, um em cada andar, para se poder ver o tempo; com frontispícios gregos e conchas barrocas sobre as janelas, cabeças emergindo das paredes e sentinelas mitológicas parecendo criação de marceneiros artistas, pintadas como pedra. Castanhas e molhadas, as ruas corriam pela cidade, assim como tinham entrado nela em forma de estradas, com velhos sulcos de rodas, e as lojas ficavam dos dois lados delas com suas vitrines de novidades, parecendo apesar disso damas de trinta anos atrás que ergueram as saias longas e não conseguem se decidir a descer da calçada para a lama da rua: a província, na cabeça de Ágata! Fantasmas na cabeça de Ágata! Incompreensível não-ter-desaparecido-inteira-mente, embora se pensasse para sempre libertada de tudo! Mais incompreensível ainda: estivera um dia ligada a isso tudo? Ela viu o caminho da porta de sua casa ao longo da parede de casas conhecidas levando ao colégio, que seu marido Hagauer percorria quatro vezes ao dia, e que ela mesma também trilhara muitas vezes no começo, acompanhando Hagauer da casa ao trabalho, num tempo em que não se poupava uma gota sequer daquele amargo remédio: “Será que ele agora almoça no hotel ao meio-dia?”, perguntou-se. “Será que agora arranca as folhas do calendário, que eu tirava todas as manhãs?” Tudo aquilo de repente assumira de novo algo tão loucamente atual como se

jamais fosse morrer, e com silencioso horror ela viu despertar em si a conhecida sensação de intimidamento, feita de indiferença, coragem perdida, saturação de coisas feitas, e uma sensação de sua própria insegura fragilidade. Com uma espécie de avidez, abriu a grossa carta que o marido lhe dirigira.

Quando, depois do enterro do sogro e de uma breve visita à capital, o Professor Hagauer voltara ao seu lar e local de trabalho, seu ambiente o recebera exatamente como sempre depois de suas curtas viagens. E ele retornava com a agradável consciência de ter cumprido corretamente uma tarefa, e de ter de trocar os sapatos de viagem pelas pantufas caseiras, em que se pode trabalhar muito melhor. Foi até o seu colégio; foi respeitosamente saudado pelo zelador; sentiu-se bem-vindo quando encontrou professores seus subalternos; na direção da escola, esperavam-no documentos e assuntos que ninguém ousara resolver na sua ausência; quando corria pelos corredores, acompanhava-o a sensação de que seus passos apressavam tudo na casa; Gottlieb Hagauer era uma personalidade, e sabia disso; sua frente irradiava ânimo e alegria pelo estabelecimento de ensino que dirigia, e quando fora da escola lhe perguntavam onde e como andava sua esposa, respondia com a calma interior de um homem que se sabe honradamente casado. É sabido que um homem, enquanto capaz de procriar, sente os breves intervalos no casamento como se retirassem de cima dele um leve jugo, embora não ligue a isso nenhuma ação má e depois das férias retome repousado a sua felicidade de sempre. Assim, no começo Hagauer interpretou inocentemente a ausência de Ágata, e nem percebeu que sua mulher ficava fora tempo demais.

Na verdade, só aquele calendário de parede chamou sua atenção para isso, o mesmo que, na memória de Ágata, refletia em suas folhas arrancadas dia a dia um terrível símbolo da vida; estava na sala de jantar como uma mancha que não fizesse parte da parede — prendera-se ali como presente de Ano Novo de uma papelaria, desde que Hagauer o trouxera da escola para casa, e por causa de sua desolação Ágata não apenas o tolerara, mas até cuidara dele. Teria sido bem próprio de Hagauer ter assumido as folhas do calendário depois da viagem da mulher, pois era contra seus hábitos deixar essa parte da parede descuidada. Mas, de outro lado, sempre sabia em que grau de semana e mês se encontrava no mar da infinitude, além disso tinha

um calendário na secretaria da escola, e por fim, exatamente quando pretendia erguer a mão para ordenar a medida do tempo em seu lar, sentira um estranho, sorridente susto, um daqueles movimentos interiores que, como mais tarde se veria, anunciam o destino; no começo tomou apenas por um sentimento cavalheiresco, que o deixou espantado e satisfeito consigo mesmo: decidiu não tocar a folha com a data em que Ágata saíra de casa, como homenagem e lembrança, até sua volta.

Assim, com o tempo aquele calendário de parede se tornou uma ferida purulenta recordando a Hagauer, a cada olhar, o tempo durante o qual sua mulher vinha evitando o lar. Econômico em sentimentos e gastos, ele lhe escrevia cartões postais dando notícias, e, cada vez mais insistente, indagava de sua volta. Não teve resposta. Em breve, já não parecia radiante quando conhecidos lhe perguntavam, penalizados, se sua esposa ficaria fora muito tempo ainda, cumprindo aqueles tristes deveres do luto; mas para sorte sua, sempre tinha muito a fazer, pois diariamente, além dos deveres na escola, e das incumbências relacionadas com as associações a que pertencia, o correio lhe trazia também uma porção de convites, pedidos, manifestações de apoio, críticas, provas de prelo, revistas e livros importantes: o ser humano Hagauer vivia na província parte das feias impressões que ela provocava em algum viajante de passagem, mas seu espírito morava na Europa, e isso por longo tempo impediu-o de entender todo o significado da ausência de Ágata. Mas, certo dia, o correio trouxe uma carta de Ulrich, participando secamente o que havia a dizer: que Ágata não pretendia mais voltar para junto dele, e pedia que concordasse com o divórcio. Esse texto, apesar de cortês, era tão cruel e lacônico que Hagauer constatou, indignado, que Ulrich se importava tanto com os sentimentos do receptor da carta como se quisesse retirar um inseto de uma folha. Seu primeiro movimento de repulsa interior foi: não leve isso a sério, é capricho! A notícia baixou como um fantasma sobre a plenitude de inadiáveis trabalhos diários, e de homenagens honrosas que lhe chegavam em abundância. Só à noite, quando reviu sua casa vazia, Hagauer sentou-se à escrivaninha e participou a Ulrich, com digna laconicidade, que era melhor considerar sua participação como inexistente. Mas logo depois chegou nova carta de Ulrich, recusando essa idéia, repetindo o desejo de Ágata sem que ela soubesse, e apenas solicitando com um pouco mais de detalhes e cortesia que Hagauer lhe facilitasse o mais possível os procedimentos legais, como convinha a um

homem da sua estatura moral, o que também era desejável porque evitaria as circunstâncias desagradáveis de uma briga pública. Então, Hagauer percebeu a gravidade da situação, concedeu-se três dias de tempo para encontrar uma resposta na qual não houvesse depois nada a censurar nem lamentar.

Em dois desses três dias ele sofreu uma sensação de que lhe tinham dado um soco no coração. “Um pesadelo!”, disse a si mesmo várias vezes, e, quando não estava sob total controle, esquecia de acreditar na realidade daquele pedido. Durante esses dias revolviam-se em seu peito um desconforto profundo como o de um amor magoado, e acrescido ainda de um ciúme indefinido, que não se dirigia contra algum amante que suspeitasse ser motivo da atitude de Ágata, mas contra algo de inconcebível pelo qual se sentia preterido. Era uma espécie de vergonha, semelhante à de um homem muito correto que esqueceu ou quebrou alguma coisa; algo que desde tempos imemoriais tinha lugar firme na sua mente, algo que não se percebe mais, mas de que depende muita coisa, de repente se partira em dois. Pálido e perturbado, sofrendo de reais tormentos que não devem ser desprezados apenas por não serem bonitos, Hagauer esquivava-se das pessoas, receando as explicações que teria de dar e a vergonha que teria de suportar. Só no terceiro dia seu estado se firmou: Hagauer tinha uma repulsa natural contra Ulrich, igual à que este sentia por ele, e embora essa nunca se tivesse revelado inteiramente, agora, de repente, isso acontecia, na medida em que, intuindo tudo, ele atribuía ao cunhado toda a culpa pela atitude de Ágata, que obviamente tivera a cabeça virada por aquele seu irmão inquieto e de alma cigana; então, sentou-se à escrivaninha e exigiu em poucas palavras que sua mulher voltasse de imediato, explicando severamente que só falaria com ela em pessoa, na qualidade de marido.

Ulrich mandou uma recusa igualmente breve e dura.

Hagauer decidiu então influir sobre a própria Ágata; fez cópias de sua correspondência com Ulrich, acrescentou um longo e bem ponderado escrito, e foi isso tudo que Ágata viu diante de si quando abriu o grande envelope com lacre oficial.

O próprio Hagauer sentia que tudo o que estava por acontecer era absurdo. Voltando de suas atividades profissionais, sentou-se à noite em sua “moradia abandonada” diante de uma página de papel de carta, como Ulrich diante de uma folha semelhante em outros tempos, e não soubera como

começar. Mas, na vida de Hagauer, o que se chama “processo dos botões” dera frequentemente resultado, e ele o usou também desta vez. Esse processo consta de influirmos metodicamente sobre nossas mentes, também antes de tarefas excitantes, à semelhança de uma pessoa que manda costurar botões em suas vestes porque só teria de se queixar de perda de tempo se pensasse poder tirar as vestes mais depressa sem eles. O escritor inglês Surway, por exemplo, cujo trabalho a respeito do assunto Hagauer apanhou porque também no sofrimento lhe era importante compará-lo com sua própria visão das coisas, distingue cinco desses botões no processo do pensamento exitoso: a) observações de um fato, que fazem sentir imediatamente alguma dificuldade na sua interpretação; b) a limitação e constatação dessas dificuldades; c) a suposição de uma solução possível; d) a evolução razoável das consequências dessa suposição; e) mais observação para aceitá-las ou rejeitá-las e com isso obter o êxito do pensamento.

Hagauer já empregara com vantagem um procedimento semelhante em um assunto tão mundano como tênis, quanto aprendera a jogar no clube dos funcionários públicos, fazendo com que esse jogo lhe proporcionasse considerável encanto espiritual, mas em puros assuntos sentimentais nunca o utilizara; pois sua vida espiritual cotidiana constava em grande parte de relações profissionais e, em acontecimentos pessoais, daquele “sentimento justo” que é mistura de todas as emoções possíveis e encontradiças na raça branca em dado caso, e com certa ênfase devido a particularidades locais, profissionais e de classe. Por falta de treino, os botões não se deixavam aplicar facilmente àquele inusitado desejo da sua mulher, de divorciar-se dele, e o chamado “sentimento justo” mostra, nas dificuldades que mais nos atingem pessoalmente, a qualidade de ser fragmentável: de um lado, dizia a Hagauer que um homem de seu tempo, como ele, é obrigado por muitas coisas a não opor dificuldades ao desejo de dissolver um relacionamento de confiança; mas, de outro lado, quando a vontade se opõe, também diz muita coisa que nos absolve dessa obrigação, pois a frivolidade atualmente imperante em tais assuntos não pode ser aprovada. Numa situação dessas, Hagauer sabia, um homem moderno precisa “relaxar”, isto é, distrair sua atenção, assumir uma postura corporal mais descontraída, e escutar o que fala no mais profundo do seu interior. Cautelosamente, susteve suas reflexões, olhou fixamente o calendário abandonado, e escutou seu interior: algum tempo depois, respondeu-lhe uma voz vinda de alguma profundidade

abaixo do pensamento consciente, dizendo exatamente o que ele imaginara: a voz dizia que ele não precisava tolerar um desejo tão infundado como esse de Ágata!

Mas, com isso, o espírito do Professor Hagauer passara sem notar do botão *a)* ao botão *é)* de Surway, ou de alguma série de botões equivalente, e ele sentiu, renovadas, as dificuldades na interpretação do fato que observava. “Será que eu, Gottlieb Hagauer”, perguntava-se, “serei culpado desse penoso acontecimento?” Examinou-se e não encontrou uma só objeção contra seu próprio comportamento. “Acaso a causa será outro homem, a quem ela ame?”, prosseguiu procurando uma solução possível. Mas era difícil aceitar isso, pois, forçando-se a uma reflexão objetiva, não conseguia ver direito o que outro homem oferecia de melhor a Ágata. Mesmo assim, essa questão podia ser tão facilmente perturbada por vaidade pessoal, que ele a tratou com muita precisão; e abriram-se-lhe visões em que nunca pensara, e de repente, segundo o ponto *c)* na conceituação de Surway, Hagauer sentiu estar no rastro de uma solução possível, que passava por *d)* e *e)*: pela primeira vez desde seu casamento, notou uma série de fenômenos que na sua opinião só podiam ser verificados em mulheres cujo amor ao sexo oposto não é nem profundo nem apaixonado. Era-lhe doloroso não ter na sua lembrança uma só prova daquela entrega franca e sonhadora que, em seu tempo de solteiro, conhecera em mulheres cuja vida sensual estava fora de dúvidas, mas isso lhe dava a vantagem de excluir a destruição de sua felicidade conjugal por uma terceira pessoa. O comportamento de Ágata parecia portanto uma revolta puramente pessoal contra essa felicidade, e como ela viajara sem o menor sinal do que ia acontecer, dentro de tão pouco tempo não poderia de modo algum mudar assim de intenção, de forma que Hagauer chegou à convicção, que não o abandonaria mais, de que o incompreensível comportamento de Ágata só podia ser explicado como uma daquelas tentações progressivamente acumuladas de negar a vida, de que se ouve falar em personalidades que ainda não sabem o que querem.

Mas Ágata seria mesmo uma personalidade dessas? Era preciso provar isso, e Hagauer remexia pensativo a barba com o cabo da pena. Habitualmente, ela dava impressão de um “camarada bastante razoável”, como ele dizia, mas, mesmo diante das questões que mais o ocupavam, ela mostrava tamanha indiferença, para não dizer indolência! Na verdade, havia nela

alguma coisa que não combinava com ele, nem com outras pessoas e seus interesses; mas também não os contradizia; ela ria, ou ficava séria quando convinha, mas, pensando bem, em todos aqueles anos sempre dera impressão de vagamente distraída. Parecia escutar o que lhe diziam ou explicavam, sem jamais acreditar em nada. Considerando bem, ela lhe parecia morbidamente indiferente. Às vezes, tinha-se a impressão de que nem mesmo percebia o que a rodeava...

E de repente a pena começara, sem ele perceber, a correr sobre o papel em movimentos fortes.

“Você imagina grande coisa”, escreveu ele, “julgar-se boa demais para amar a vida que tenho condições de lhe oferecer, e que, apesar de toda a modéstia, é uma vida pura e plena: sempre a aceitou, penso agora, com desdém. Você se recusou à riqueza do humano e do moral que mesmo uma vida modesta tem a oferecer, e até se eu tivesse de presumir que para você isso se justifique por qualquer razão, não mostrou o desejo de mudança moral, e em vez disso preferiu uma solução artificial e fantasista!”

Ele refletiu mais uma vez. Lembrou os alunos que tinham passado por suas mãos de educador, para encontrar um caso que lhe pudesse dar uma solução; mas antes de ter começado direito com isso, ocorreu-lhe espontaneamente o pedaço dessa reflexão, que até ali sentira faltar com um vago desconforto. Nesse momento, Ágata já não lhe era um caso totalmente pessoal para o qual não havia acesso por vias gerais; pois quando pensava no quanto estava disposta a renunciar sem estar ofuscada por nenhuma paixão especial, para sua alegria chegava invariavelmente à pressuposição básica, conhecida da moderna pedagogia, de que faltavam a ela a capacidade de reflexão objetiva, e o contato espiritual seguro com o mundo! Então, escreveu depressa:

“Provavelmente, também nisso que agora pretende fazer você não sabe direito do que se trata; mas estou prevenindo, antes que tome uma decisão definitiva! Talvez seja o contrário mais estrito de uma pessoa inserida na vida e consciente dela, como eu próprio sou, mas exatamente por isso não deveria apartar-se levianamente do apoio que represento!”

Na verdade, Hagauer queria escrever outra coisa. Pois a inteligência de uma

pessoa não é uma capacidade isolada e não-relacionada, suas precariedades provocam falhas morais, pois fala-se de imbecilidade moral, assim como falhas morais, o que é mais raramente observado, são capazes de desviar ou cegar a capacidade de entendimento no sentido que lhes agrade! Portanto, Hagauer via diante de seu olho espiritual um tipo bem característico que, inspirado em descrições já feitas, estava inclinado a designar como “tipo especial e no conjunto bastante inteligente de imbecilidade moral que se manifesta apenas por certos sintomas”. Mas não conseguiu empregar aquela expressão reveladora, em parte porque não queria irritar ainda mais a esposa fugitiva, em parte porque habitualmente um leigo interpreta mal tais expressões quando aplicadas a ele. Mas, objetivamente, constatava-se que os fenômenos observados faziam parte da grande categoria da insanidade, e por fim, nessa oposição entre consciência e cavalheirismo, Hagauer descobriu uma saída, pois os sintomas observáveis em sua mulher, dada a inferioridade geral do sexo feminino, também se podiam designar como idiotia social! Partindo dessa opinião, concluiu sua carta com palavras comovidas. Com a amargura profética do amante e pedagogo desprezado, descreveu a Ágata a perigosa tendência anti-social, carente de senso comunitário, de sua natureza, como sendo uma “variante para menos” que jamais enfrentava enérgica e criativamente os problemas da vida, como “os tempos atuais exigiam das pessoas”, mas “separada da realidade por uma vidraça” persistia num isolamento voluntário, sempre à beira da ameaça patológica.

“Se alguma coisa em mim lhe desagradasse, você deveria ter-se oposto a ela”, escreveu. “Mas a verdade é que sua personalidade não está à altura das energias dos tempos atuais, e foge de suas exigências! Agora que a preveni a respeito de seu caráter”, concluiu, “repito que você precisa mais do que outras pessoas de um apoio confiável. Em seu próprio interesse, peço que volte imediatamente, e declaro que a minha responsabilidade como seu marido me impede de ceder ao seu desejo.”

Antes de assinar, Hagauer releu a carta, achou sua descrição do tipo em questão muito incompleta, mas não modificou mais nada, exceto no fim — resfolegando através dos bigodes, num altivo esforço de pensar sobre sua mulher, ponderando o quanto ainda deveria ser dito sobre a questão dos “novos tempos” —, onde acrescentou um cavalheiresco comentário sobre o

precioso legado do honrado pai falecido, no lugar onde escrevera a palavra “responsabilidade”.

Quando Ágata acabou de ler tudo isso, aconteceu algo singular: o conteúdo dessas declarações não deixou de fazer certo efeito sobre ela. Lentamente, depois de reler mais uma vez o texto, palavra por palavra, em pé, sem se dar tempo de sentar-se, baixou as folhas e estendeu-as a Ulrich, que observava admirado a excitação da irmã.

ULRICH E ÁGATA PROCURAM POSTERIORMENTE UM MOTIVO

E enquanto Ulrich lia, Ágata observou desanimada seu jogo facial. Ele baixara o rosto sobre a carta, e sua expressão parecia indecisa quanto ao que escolher, zombaria, seriedade, dor ou desprezo. Nesse momento, um grande peso desceu sobre ela; vinha de todos os lados, como se o ar se adensasse num abafamento insuportável, depois de ter reinado, antes, uma leveza artificialmente doce: pela primeira vez, o que Ágata fizera com o testamento do pai oprimia sua consciência. Mas não bastaria dizer que ela de repente se dera conta de onde residia realmente sua culpa; muito antes, sentia culpa em relação a tudo, também ao seu irmão, e sentia um indescritível desencantamento. Tudo o que fizera pareceu-lhe incompreensível. Falara em matar o marido, falsificara um testamento, ligara-se ao irmão sem perguntar se acaso não perturbava a vida dele: fizera tudo isso num estado de embriaguez de sonhos. E, nesse momento, envergonhou-se especialmente porque lhe faltara totalmente o mais imediato e natural pensamento de qualquer mulher que se livra do marido a quem não

ama, que procura alguém melhor ou tenta obter compensação através de empreendimentos de outra espécie, mas igualmente naturais. Muitas vezes, até Ulrich mencionara isso, mas ela nunca dera ouvidos. Agora, estava ali parada sem saber o que ele iria dizer. Seu comportamento pareceu-lhe de tal modo o de uma pessoa realmente incapaz, que deu razão a Hagauer, que à sua maneira lhe dizia o que ela era; e a carta na mão de Ulrich a atingia de modo semelhante ao de uma pessoa que se encontra no banco dos réus e recebe uma carta de um antigo professor, na qual esse afirma o seu desprezo. Naturalmente, ela jamais permitira a Hagauer nenhuma influência sobre si; mesmo assim, era como se ele dissesse: “eu me decepcionei com você!”, ou: “infelizmente nunca me enganei a seu respeito, e sempre senti que você teria um mau fim!”. Necessitada de livrar-se dessa impressão ridícula e dolorosa, ela interrompeu Ulrich prematuramente, enquanto ele

ainda lia a carta com atenção e, como parecia, não conseguindo assimilá-la, e disse-lhe, impaciente:

— Na verdade, ele me descreve bastante bem — disse com aparente indiferença, mas com um tom de desafio que revelava claramente o desejo de ouvir o contrário. — E embora ele não diga, é verdade: ou eu estava incapaz de raciocinar quando me casei com ele sem motivo forte, ou estou imbecilizada agora, ao deixá-lo igualmente sem motivo.

Ulrich, que relia pela terceira vez passagens da carta que faziam sua capacidade de imaginação testemunhar involuntariamente a relação íntima com Hagauer, respondeu distraído alguma coisa incompreensível.

— Ora, preste atenção em mim! — pediu Ágata. — Sou uma mulher atualizada, com alguma atividade em negócios ou vida intelectual? Não. Sou uma mulher apaixonada? Também não. Sou uma boa companheira e mãe equilibrada, que simplifica as coisas e constrói um ninho? Muito menos. O que resta, então? Para que estou no mundo? Devo lhe dizer que a sociedade em que nos movemos me é totalmente indiferente. E quase acredito que o que existe em música, literatura e arte, que tanto encanta os meios cultos, também não me faria muita falta. Com Hagauer, por exemplo, não é assim; ele precisa de tudo isso, já para suas citações e alusões. Ele pelo menos dispõe sempre da satisfação e ordem de sua coleção. Portanto, não terá razão acusando-me de que não faço nada, de que me nego “à riqueza do belo e moral”, e de que, quando muito, conseguirei tolerância e compreensão junto do Professor Hagauer?

Ulrich devolveu-lhe a carta e respondeu com calma:

— Vamos encarar a coisa de frente: você, em resumo, é realmente imbecil em questões sociais! — Ele sorria, mas no seu tom sentia-se a irritação que a visão daquela carta íntima lhe causara.

Ágata não gostou da resposta do irmão. Isso aumentava sua dor. E perguntou, numa zombaria tímida:

— Então, se é assim, por que sem me dizer nada insistiu em que eu me divorciasse perdendo meu único protetor?

— Ora, talvez — disse Ulrich, esquivando-se — porque é tão

magnificamente simples convivermos nesse tom firme e másculo. Dei um soco na mesa, ele deu um soco na mesa; naturalmente, tive então de bater com mais força ainda. Acho que foi por isso que agi assim.

Até ali, embora seu mau humor a tivesse impedido de notar isso, ela sentira uma selvagem alegria por seu irmão ter secretamente feito o contrário do que revelara

nos tempos de seu fraterno jogo brincalhão; pois o fato de ele ofender Hagauer aparentemente só podia ter o objetivo de erguer atrás dela um obstáculo que impedisse qualquer volta. Mas agora, também no lugar dessa secreta alegria havia apenas o buraco da perda, e Ágata emudeceu.

— Não podemos ignorar — prosseguiu Ulrich — como Hagauer, ao interpretar você erradamente, quase consegue acertar à sua maneira. Tome cuidado. À sua maneira, sem detetive particular, apenas começando a refletir nas fraquezas de sua relação com a humanidade, ele acabará descobrindo o que você fez com o testamento de papai. E como vamos defendê-la nesse caso?

Pela primeira vez desde que estavam juntos surgiu entre os irmãos o assunto daquela travessura infeliz e feliz que Ágata cometera contra Hagauer. Ela deu de ombros, com veemência, e fez um gesto vago de recusa.

— Naturalmente, Hagauer está com a razão — disse-lhe Ulrich, branda e insistentemente.

— Ele não está com a razão! — retrucou ela, intensa.

— Tem razão em parte! — conciliou Ulrich. — Numa situação tão perigosa temos de admitir algo com toda a franqueza. O que você fez pode nos levar à cadeia.

Ágata fitou-o com olhos arregalados de susto. Na verdade, sabia daquilo, mas nunca fora dito assim, tão às claras.

Ulrich respondeu com um gesto amável.

— E não é o pior — prosseguiu. — Mas como livraremos o que você fez, e a maneira como o fez, da acusação de... — ele procurou uma expressão que servisse e não a encontrou:

— Bem, digamos simplesmente que seja um pouco como Hagauer disse: que essa coisa se inclina para o lado das sombras, dos fenômenos

singulares, dos erros que nascem de uma carência qualquer. Hagauer representa a voz do mundo, embora soe ridícula na sua boca.

— Agora vem a tabaqueira — disse Ágata, desanimada.

— Sim, ela vem agora — respondeu Ulrich obstinado. — Tenho de lhe dizer uma coisa que me vem oprimindo há muito.

Ágata não o quis deixar falar.

— Não é melhor consertar tudo? — perguntou. — Talvez eu devesse falar bondosamente com ele, e oferecer-lhe algum tipo de desculpa?

— Tarde demais. Ele poderia usar isso agora como instrumento para obrigar você a voltar para ele — explicou Ulrich.

Ágata calou-se.

Ulrich começou a falar na tabaqueira que um homem rico rouba num hotel. Elaborara uma teoria de que havia só três motivos para esse roubo: necessidade, profissão, ou, se nenhuma das duas coisas acontecer, uma tendência espiritual mórbida.

— Quando certa vez falamos disso, você objetou que também se podia fazê-lo por convicção — acrescentou.

— Eu disse que a gente podia simplesmente fazê-lo! — interveio Ágata.

— Muito bem: por princípio.

— Não, não por princípio!

— Pois então, é isso! — disse Ulrich. — Quando se faz uma coisa dessas, é preciso ligar a ela pelo menos uma convicção! Não consigo esquecer isso! Não fazemos nada “simplesmente”; ou há motivos externos ou internos! Pode não ser

fácil separar as duas coisas, mas não vamos filosofar a respeito agora; eu apenas digo: quando se considera certa uma coisa totalmente infundada, ou quando uma decisão nasce do nada, suspeitamos estar sofrendo de alguma tendência doentia ou defeituosa.

Com isso, fora dito algo pior, e bem mais do que Ulrich desejava, correspondendo apenas à direção de suas preocupações.

— É só isso que você tem a me dizer a respeito do caso? — perguntou Ágata tranquilamente.

— Não, não é tudo — respondeu Ulrich, amargurado. — Quando não se tem motivo, é preciso procurar algum!

Nenhum dos dois duvidava de onde o deviam procurar. Mas Ulrich não queria isso e depois de um breve silêncio disse, pensativo:

— No momento em que você romper a harmonia com os outros, não saberá mais, por toda a eternidade, o que é bom ou mau. Se quer ser boa, terá de estar convencida de que o mundo é bom. E nós dois não estamos convencidos disso. Vivemos num tempo em que a moral está se dissolvendo ou contorcendo-se. Mas por amor a um mundo que ainda está por vir, devemos nos manter puros!

— Então você acha que isso tem alguma influência, o fato de esse mundo vir ou não?

— objetou Ágata.

— Não, infelizmente não creio nisso. Quando muito, acredito que se também as pessoas que vêm isso não agem direito, ele certamente não sobreviverá, e não se poderá deter a decadência!

— Mas de que lhe adianta que em quinhentos anos as coisas sejam diferentes ou não? Ulrich hesitou.

— Eu cumpro meu dever, entende? Talvez como um soldado. Provavelmente Ágata precisava, naquela infeliz manhã, de um consolo diferente

e mais terno, do que o que Ulrich lhe estava dando; por isso, respondeu:

— No fim, apenas como o general? Ulrich ficou calado. Ágata não quis parar.

— Você não tem certeza de que esse seja seu dever — continuou. — Apenas o faz porque é assim, e porque lhe dá alegria. Eu mesma não fiz outra coisa!

De repente, ela perdeu o controle. Alguma coisa era muito triste. Estava com lágrimas nos olhos, a garganta sufocada por um violento soluço. Para esconder isso, e não se expor aos olhos do irmão, ela passou os braços pelo pescoço dele e ocultou o rosto no seu ombro. Ulrich sentiu que ela chorava, e que suas costas tremiam. Foi assaltado por um constrangimento incômodo: sentiu que esfriava. Por mais ternos e felizes que fossem seus

sentimentos pela irmã, naquele momento, em que devia se comover, deixavam de existir. Sua emoção estava perturbada, e não agia. Ele acariciou Ágata e sussurrou algumas palavras de consolo, mas contrariado. E como faltasse a excitação espiritual, o toque dos dois corpos pareceu-lhe o toque de dois feixes de palha. Então, pôs fim a isso, levando Ágata até uma cadeira, e sentando-se noutra, a alguns passos dela. E respondeu ao que ela objetara:

— A história do testamento não lhe dá alegria nenhuma! E nunca lhe dará alegria, porque foi incorreta!

— Correção? — exclamou Ágata em prantos. — Dever?

Na verdade estava perplexa porque Ulrich agia com tanta frieza. Mas já sorria de novo. Entendia que teria de se ajeitar sozinha. Tinha a sensação de que o sorriso que conseguia mostrar pairava longe de seus lábios gelados. Ulrich, por seu lado, estava agora livre do constrangimento, achou até mesmo bonito não ter sentido a habitual emoção física ao contato dela; pensou que também isso entre eles deveria ser diferente. Mas não teve tempo de refletir no assunto, pois viu que Ágata estava muito deprimida, e por isso começou a falar.

— Não se ofenda com as palavras que usei — pediu. — E não me leve a mal! Provavelmente estou errado escolhendo palavras como correção e dever. Elas parecem um sermão. Mas por que — interrompeu-se de novo —, por que, com o diabo, desprezamos os sermões? Eles deveriam ser a nossa maior felicidade!

Ágata não teve vontade de responder. Ulrich desistiu da pergunta.

— Não pense que quero bancar o justo diante de você! — pediu. — Eu não quis dizer que não faço nada de ruim. Apenas não gosto de fazer nada escondido. Gosto dos assaltantes da moral, não dos ladrões furtivos. Portanto, gostaria de transformar você numa assaltante moral — brincou — e não lhe permito falhar por fraqueza!

— Para mim, isso não é um ponto de honra! — disse sua irmã, por trás daquele sorriso tão distante de seu rosto.

— É incrivelmente divertido que haja tempos como estes nossos, em que todos os jovens simpatizam com o mal! — interveio ele, rindo, para desviar

a conversa do terreno pessoal. — Essa predileção atual pelo moralmente horrível é uma fraqueza. Provavelmente, uma sociedade burguesa com o bem, que está desgastado: eu próprio pensei originalmente que era preciso dizer *não* a tudo; todos os que hoje têm entre vinte e cinco e quarenta e cinco anos pensaram assim; mas naturalmente era só uma espécie de moda. Posso imaginar que, agora, em breve virá uma mudança, e com ela uma juventude que em vez da imoralidade vá colocar outra vez a moralidade na lapela. Os burros mais velhos, que nunca na vida sentiram o que há de excitante na moral, e eventualmente apenas produziram lugares-comuns morais, de repente serão precursores e pioneiros de um novo caráter!

Ulrich levantara-se e andou inquieto de um lado para outro.

— Talvez pudéssemos dizer assim— sugeriu—: o bem é quase lugar-comum, pela sua natureza, o mal continua sendo crítica! O imoral conquista seu direito celeste como crítica drástica do moral! Mostra-nos que a vida também é possível de outro jeito. Pune as mentiras. Em troca, nós lhe agradecemos com certa tolerância! Que pessoas cujo encanto está acima de qualquer suspeita falsifiquem testamentos, devia provar que alguma coisa anda errada com a intocabilidade da propriedade. Talvez isso nem precise de prova; mas aí começa a tarefa: pois temos de imaginar, para cada tipo de crime, um criminoso desculpável, até em casos de infanticídio e outras coisas pavorosas...

Ele tentara apanhar em vão o olhar da irmã, embora a provocasse mencionando o testamento. Ela fez um involuntário gesto de recusa. Não era uma teórica, só conseguia desculpar seu próprio crime, e na verdade sentia-se mais uma vez ofendida pela comparação de Ulrich.

Ulrich riu.

— Parece uma brincadeira mas tem sentido brincar dessa maneira — assegurou ele.

Prova que alguma coisa está errada na avaliação de nosso ato. E não está certo:

você própria, numa sociedade de falsificadores de testamentos, certamente seria a favor da inviolabilidade de determinações legais; apenas numa sociedade de justos isso se dilui e distorce. Se Hagauer fosse um canalha,

— você até seria ardentemente justa; é uma infelicidade ele ser decente! E assim, somos empurrados de um lado para outro! Ele esperou uma resposta que não veio; então deu de ombros e repetiu:

— Procuramos um motivo para você. Constatamos que as pessoas honestas, ainda que só em fantasia, gostam de cometer crimes. Podemos acrescentar que em contrapartida os criminosos, quando os ouvimos falar, quase sem exceção gostariam de passar por gente honesta. Portanto, poderíamos definir: crimes são, nos senhores pecadores, a união de tudo o que as outras pessoas deixam vazar em pequenas irregularidades, quer dizer, na fantasia e em mil maldades e patifarias cotidianas do caráter. Podia-se dizer também: os crimes estão no ar e apenas procuram um caminho de mínima resistência que os leve a determinadas pessoas. Podia-se dizer até que também são ações de indivíduos incapazes da moral, mas principalmente são expressão condensada de uma generalizada falha humana na distinção entre bem e mal. É isso que, desde a juventude, nos encheu de críticas que nossos contemporâneos não superaram!

— Mas o que é o bem e o mal? — disse Ágata sem que Ulrich notasse que a atormentava com sua franqueza.

— Bom, isso eu não sei! — respondeu ele, rindo. — Só há pouco notei, pela primeira vez, que detesto o mal. Realmente não o sabia até hoje, não nessa medida. Ah, Ágata, você não faz idéia de como é isso — lamentou-se pensativo. — Por exemplo, a ciência! Para um matemático, para dizer de maneira simples, menos cinco não é pior do que mais cinco. Um pesquisador não deve temer nada, e em certas circunstâncias alegre-se mais com um belo caso de câncer do que com uma bela mulher. Quem sabe, sabe que nada é verdade e toda a verdade está no fim dos dias. A ciência é amoral. Todo esse magnífico penetrar no desconhecido nos desabitua de uma lida pessoal com nossa consciência, nem ao menos nos deixa a satisfação de levá-la inteiramente a sério. E a arte? Ela não significa criar quadros o tempo todo, quadros que não combinam com a vida? Não falo do falso idealismo, nem da opulência dos nus artísticos em tempos em que se vive vestido até o nariz — brincou ele novamente. — Mas pense numa verdadeira obra de arte: você nunca teve a sensação de que alguma coisa nela recorda o cheiro de queimado que brota de uma faca quando a afiamos na pedra? Um cheiro cósmico, meteórico, tempestuoso, divinamente

sinistro!

Esse foi o único momento em que Ágata o interrompeu por impulso próprio.

— Você não fazia poemas antigamente? — perguntou.

— Você ainda se lembra? Quando foi que lhe confessei isso? — perguntou Ulrich. — Sim, todos fazemos poemas alguma vez. Eu os fiz até quando já era matemático — admitiu ele. — Mas, quanto mais velho fui ficando, mais eles pioravam; e acho que não foi tanto por falta de talento como por crescente repulsa contra o não-ordenado e contra o romantismo cigano dessa divagação sentimental...

Sua irmã apenas balançou de leve a cabeça, mas Ulrich notou.

— Sim! — teimou ele. — Um poema não deve ser apenas um estado de exceção, assim como um ato de bondade não o deve ser! Mas, se posso perguntar, para onde vai o momento de exaltação, no momento seguinte? Você ama poesia, eu sei; mas o que quero dizer é que não se pode ter apenas cheiro de queimado no nariz até que ele se desfaça. Essa postura incompleta corresponde exatamente ao comportamento que, na moral, se esgota numa crítica incompleta. — E de repente, voltando

ao principal, ele respondeu à irmã: — Se eu me portasse, nesse caso Hagauer, como você hoje espera de mim, eu deveria ser cético, indiferente e irônico. Os filhos virtuosíssimos que você e eu talvez ainda possamos ter dirão então de nós que pertencemos a uma época burguesa muito protegida, que não se preocupava com nada, ou quando muito tinha preocupações supérfluas. E já nos esforçamos tanto com nosso convencimento!

Provavelmente, Ulrich ainda pretendia dizer muita coisa; na verdade, apenas hesitava com o trunfo que preparara para a irmã, e teria sido bom que lhe revelasse isso. Pois, de repente, ela se levantou, e dispôs-se a sair de casa com um breve pretexto.

— Então sou mesmo moralmente idiota? — perguntou, numa vã tentativa de brincar.

— Não consigo mais acompanhar suas objeções!

— Nós dois somos moralmente idiotas! — assegurou Ulrich educadamente.

— Nós dois! — E ficou um tanto aborrecido com a pressa com que sua irmã o deixava sem dizer quando voltaria.

31

ÁGATA QUER SE SUICIDAR E CONHECE UM HOMEM

Na verdade, ela saíra depressa porque não queria expor mais uma vez ao irmão as lágrimas que mal podia conter. Estava triste como alguém que perdeu tudo. Por que, não sabia. Aquilo viera enquanto Ulrich falava. Por que, não sabia também. Ele deveria ter feito outra coisa, ao invés de falar. O que, não sabia. Ele tinha razão não levando a sério a “tola coincidência” da irritação dela com a carta e continuando a falar como sempre fazia. Mas Ágata tinha de fugir.

No começo, tivera apenas necessidade de correr. Correu para fora da casa. Se o curso das ruas a obrigava a desvios, ela mantinha a direção. Estava fugindo; da mesma maneira que homens e animais fogem de uma catástrofe. Por que, não se indagava. Só quando se cansou viu claramente o que pretendia: não voltar mais!

Queria caminhar até anoitecer. A cada passo mais longe de casa. Pressupunha que quando parasse na fímbria da noite também sua decisão estaria tomada. Era a decisão de se matar. Na verdade, nem era decisão de matar-se, mas a expectativa de que à noite estaria pronta. Um desesperado redemoinho e agitação em sua cabeça, atrás dessa expectativa. Nem ao menos carregava consigo algo para se matar. Sua pequena cápsula de veneno estava em algum lugar numa gaveta ou mala. De sua morte, apenas o desejo estava pronto, o anseio de não ter mais de retornar. Queria sair andando da vida. Por isso andava. A cada passo, andava para fora da vida.

Quando se cansou, teve nostalgia de campinas e florestas, de andar no silêncio e ao ar livre. Mas até lá era preciso seguir de condução. Tomou um bonde. Fora educada a controlar-se diante de estranhos. Por isso, não se notou nenhuma excitação em sua voz quando pagou a passagem e pediu indicações. Sentou-se calma, ereta, nem um dedo tremia. E enquanto estava

assim sentada, vieram-lhe os pensamentos. Teria sido melhor se pudesse se desesperar; com os membros contidos, esses pensamentos pareciam grandes embrulhos que tinha de tentar passar em vão por alguma abertura. Censurava Ulrich pelo que dissera. Não queria censurá-lo. Não se dava o direito a isso. O que ele tinha dela, afinal? Ela lhe roubava o tempo, e não lhe dava nada em troca; perturbava seu trabalho e seus hábitos de vida. Pensando em seus hábitos, sentiu dor. Enquanto estava na casa, aparentemente nenhuma outra mulher entrara lá. Ágata estava certa de que seu irmão precisava ter sempre uma mulher. Portanto, por causa dela ele se dominava. E como não o podia compensar de modo algum, era egoísta e má. Nesse momento, teria gostado de voltar e lhe pedir docemente que a perdoasse. Mas então lembrou novamente como ele fora frio. Obviamente arrependia-se de a ter aceitado: quantas coisas não tinha dito e projetado antes de se faltar dela! Agora, nem falava mais nisso. A grande decepção que viera com a carta martirizava outra vez o coração de Ágata. Sentia ciúme. Um ciúme vulgar e sem sentido. Queria impor-se ao irmão e sentia a apaixonada e impotente amizade da pessoa que esbarra numa rejeição. “Por ele eu roubaria, ou me jogaria na vida!”, pensou, e reconheceu que era ridículo, sem poder evitar. Diante disso, as conversas de Ulrich, com suas piadas e sua superioridade aparentemente imparcial, eram como um escárnio. Ela admirava essa superioridade e todas as necessidades espirituais que superavam as dela. Mas não entendia por que todos os pensamentos deveriam valer sempre igualmente para todas as pessoas! No seu opróbrio, ela pedia consolo humano, e não ensinamentos abstratos! Não queria ser valente! E depois de algum tempo acusou-se por ser como era, e aumentou sua dor imaginando que não merecia nada melhor que a indiferença de Ulrich.

Essa diminuição de si mesma, para a qual nem o comportamento de Ulrich nem a carta de Hagauer deram motivo suficiente, era uma explosão de seu temperamento. Tudo o que Ágata até aqui sentira, no breve tempo desde sua infância, como fracasso seu diante das exigências da vida social, fora causado porque passara aquele tempo sem viver suas tendências mais íntimas, ou até vivendo contra elas. Eram tendências para entrega e confiança, pois jamais se sentira tão à vontade na solidão quanto o irmão; mas se até ali lhe fora impossível entregar-se com toda a alma a uma pessoa ou causa, era porque ela trazia em si a possibilidade de uma entrega maior,

não importava se essa estendesse os braços para o mundo ou Deus! Um conhecido caminho para entregar-se a toda a humanidade é não suportarmos nosso vizinho, e da mesma forma pode surgir um oculto e fervoroso anseio por Deus quando um tipo associativo foi provido de um grande amor: nesse sentido, o criminoso religioso não é um absurdo maior do que a velhota religiosa que não encontrou marido, e o comportamento de Ágata contra Hagauer, que tinha o caráter absurdo de postura egoísta, era igualmente a explosão de uma vontade impaciente e da intensidade com que ela se acusava de ter sido despertada para a vida através do irmão e de, na sua fraqueza, perdê-la novamente.

Ágata não aguentou muito tempo naquele bonde vagaroso; quando as casas na margem do caminho começaram a se tornar mais baixas e rurais, ela deixou o carro e cumpriu a pé o resto do trajeto. Os portões estavam abertos, através deles e sobre cercas baixinhas viam-se artesãos, animais, e crianças que brincavam. O ar estava repleto de uma paz em cuja amplidão soavam vozes e ferramentas; com os movimentos doces e irregulares de uma borboleta moviam-se aqueles sons no ar translúcido, enquanto Ágata se sentiu deslizar como uma sombra por tudo aquilo, até a encosta próxima, coberta de vinhedos e bosques. Mas parou uma vez, diante de um pátio onde havia uma tanoaria e o bom rumor de martelos golpeando madeira de tonéis. Ela sempre gostara de assistir a esse bom trabalho, divertindo-se com a modesta atividade manual, plena de sentido e reflexão. Também dessa vez não se cansava do ritmo dos malhos e dos movimentos dos homens que andavam ao redor. Por momentos esqueceu sua mágoa, mergulhando numa ligação agradável e despreocupada com o mundo. Sempre sentira admiração por pessoas capazes de fazer uma coisa tão variada e natural, nascida de uma necessidade geralmente reconhecida. Apenas ela própria não queria trabalhar, embora tivesse muitos talentos espirituais e úteis. A vida estava completa também sem ela. E de repente, antes de perceber direito a relação, ouviu toques de sinos e só com esforço impediu-se de chorar outra vez. A igreja do subúrbio estava tocando seus dois sinos há muito tempo, mas só agora Ágata o notava, e no mesmo momento foi dominada pela noção de como esses tons inúteis, apartados da boa terra fértil, que voavam apaixonadamente pelos ares, se pareciam com sua própria vida.

Retomou depressa seu caminho e, acompanhada pelos sons que não lhe

saíam mais dos ouvidos, passou rapidamente pelas últimas casas, chegando à colina cujas encostas começavam cobertas de vinhedos e arbustos que ladeavam as veredas, enquanto lá em cima a floresta acenava, verde-clara. Agora, sabia o que a atraía, e era um belo sentimento, como se a cada passo entrasse mais fundo na natureza. Seu coração batia de encantamento e esforço quando por vezes parava e se assegurava de que os sinos ainda a acompanhavam, embora ocultos nos ares, quase inaudíveis. Pareceu-lhe que nunca ouvira sinos batendo no meio do seu cotidiano sem nenhum motivo solene ou especial, democraticamente misturados aos afazeres naturais e óbvios. De todas as línguas daquela cidade de mil vozes, era essa que lhe falava por último, e algo nisso a arrebatava, como se a quisesse erguer do solo e lançar montanha acima, mas depois a soltava e perdia-se num pequeno ruído metálico que não se sobrepunha aos outros rumores da terra, chilreios, rosnados ou farfalhar de copas. Ágata devia ter subido e caminhado assim cerca de uma hora, quando de repente se viu diante daquele bosquezinho de que se lembrava. Rodeou uma sepultura esquecida à beira da mata, onde há quase cem anos um poeta se suicidara e, segundo sua última vontade, fora também enterrado. Ulrich dissera que não tinha sido um bom poeta, embora famoso, e a poesia um tanto míope que se expressa no pedido de ser *enterrado num belvedere* lhe provocara duras críticas. Mas Ágata gostava da inscrição na grande lápide, desde quando, num passeio, tinham decifrado juntos suas belas letras Biedermeier lavadas e apagadas pela chuva; e curvou-se sobre as correntes negras, feitas de elos graúdos e angulosos, que rodeavam o quadrado da morte isolando-o da vida.

“Eu não vos signifiquei nada”, mandara o poeta colocar em sua tumba, e Ágata pensou que o mesmo se podia dizer dela. Esse pensamento, à beira de um bosque, sobre os verdes vinhedos e a cidade estranha e imensurável que balouçava lentamente ao sol da manhã sua cauda de fumaça, comoveu-a mais uma vez. Ajoelhou-se sem pensar, e encostou a testa numa das colunas de pedra que sustentavam as correntes; a posição inusitada e o toque frio da pedra imitavam a paz hirta e abúlica da morte que esperava por ela. Tentou concentrar-se. Mas não o conseguiu logo: em seu ouvido entravam cantos de pássaros, havia tantos sons diferentes que ela se surpreendeu; galhos moviam-se, e, como ela não notasse o vento, pareceu-lhe que as próprias

árvores agitavam seus ramos; ouviram-se passinhos leves no súbito silêncio; a pedra que tocava, repousando sobre ela, era tão lisa como se houvesse entre ela e sua testa um pedaço de gelo impedindo um toque completo. Só algum tempo depois entendeu que naquilo que a distraía expressava-se exatamente o que queria perceber, aquele sentimento fundamental de ser supérflua; e, se o quisermos designar da maneira mais simples, devemos dizer que a vida seria tão completa sem Ágata que ela nada tinha a fazer ou procurar ali. Esse sentimento cruel no fundo não era desesperado nem magoado, apenas um ouvir e ver, como Ágata sempre fizera, mas sem nenhum impulso ou sequer a possibilidade de participar. Havia nessa exclusão quase uma sensação de abrigo, assim como há um espanto que esquece de fazer qualquer indagação. Daria no mesmo se ela fosse embora. Para onde? Devia haver um “onde”. Ágata não era dessas pessoas nas quais também a convicção da insignificância de todas as fantasias causasse satisfação semelhante à abstinência belicosa ou astuciosa com a qual aceitamos nosso insatisfatório destino. Ela era generosa e espontânea nesses assuntos, não como Ulrich que causava as maiores dificuldades às suas emoções para proibir-se de tê-las, se não suportassem a prova. É que ela era tola! Sim, dizia isso a si mesma. Não queria refletir! Obstinação, premiu a testa baixada contra as correntes de ferro que cederam um pouco e depois resistiram, esticadas. Nas últimas semanas ela começara a acreditar novamente em Deus, de alguma forma, mas sem pensar nele. Certos estados em que o mundo sempre lhe parecera diferente do que parecia ser, como se ela não vivesse mais excluída mas mergulhada numa radiante convicção, tinham sido levados por Ulrich à beira de uma metamorfose interior e de uma transformação completa. Ela teria sido livre, disposta a imaginar um Deus que abre seu mundo como quem abre um esconderijo. Mas Ulrich dizia que não era preciso, quando muito faria mal imaginar mais do que se podia experimentar. E decidir isso era assunto para ele. Mas então, teria de guiá-la, sem a abandonar. Ele era a soleira entre duas vidas, e toda a nostalgia que ela sentia por uma delas, e toda a fuga da outra, levava primeiro a ele. Ela o amava na maneira despuorada com que se ama a vida. De manhã, ele despertava em todos os membros dela, quando abria os olhos. Também agora fitava-a do escuro espelho da sua dor: e só então Ágata lembrou outra vez que queria se matar. Tinha a sensação de ter fugido de casa por birra, em direção de Deus, quando saíra com o propósito

de se matar. Mas o propósito agora devia ter-se esgotado, voltando à sua origem, que era ter sido magoada por Ulrich. Estava zangada com ele, ainda sentia isso, mas os pássaros cantavam e ela voltou a escutá-los. Estava tão confusa como antes, mas agora de uma confusão alegre. Queria fazer alguma coisa que atingisse a Ulrich, não apenas a ela. A rigidez infinita em que estivera ali ajoelhada cedeu ao calor do sangue que lhe jorrava vivo nas veias enquanto se levantava do chão.

Quanto ergueu os olhos havia um cavaleiro junto dela. Ágata encabulou, pois não sabia há quanto tempo ele a observava. Quando seu olhar, ainda obscurecido pelo nervosismo, pousou no dele, ela notou que o homem a contemplava com franco interesse, e parecia querer inspirar-lhe confiança: o cavaleiro era alto e magro, usava roupa escura, uma barba loura e curta cobria queixo e faces. Debaxo dessa barba notavam-se lábios macios, levemente recurvados, num contraste tão juvenil com os cabelos grisalhos que já se misturavam em boa porção com o louro, como se a idade os tivesse esquecido ali debaixo dos pêlos. Aliás, aquele rosto não era fácil de decifrar. A primeira impressão fazia pensar num professor de segundo grau; a severidade do rosto não era recortada em madeira dura, mas parecia algo macio que se tivesse enrijecido por pequenos aborrecimentos cotidianos. Mas partindo dessa macieza sobre a qual a barba viril parecia implantada apenas para satisfazer a ordem à qual seu dono se adap-

tara, notava-se nessa tendência original, talvez feminina, detalhes quase ascéticos na forma, certamente criados por uma vontade sempre ativa sobre aquele material suave. Ágata não compreendeu o que via, atração e repulsa equilibravam-se nela, apenas entendeu que o homem a queria ajudar.

— A vida oferece tantas oportunidades para fortalecer a vontade quanto para enfraquecê-la; nunca se deve fugir das dificuldades, mas tentar dominá-las! — disse o estranho e, para ver melhor, limpou os vidros dos óculos, que se haviam embaçado. Ágata o fitou, espantada. Ele devia tê-la observado bastante tempo, pois aquelas palavras brotavam de um diálogo interior. Nisso, ele se sobressaltou e ergueu o chapéu para recuperar a cortesia que não se podia esquecer; mas logo se dominou outra vez e prosseguiu:

— Perdoe se pergunto: acaso posso ajudar? — disse. — Parece-me que é

mais fácil confiar a um estranho uma dor, ou mesmo um profundo abalo do eu, como o que estou vendo aqui!

Notava-se que o estranho falava com esforço; parecia ter cumprido um dever de caridade, metendo-se com aquela bela mulher, e agora que andavam lado a lado, lutava com as palavras. Pois Ágata simplesmente se levantara e começara a afastar-se lentamente da sepultura, em companhia dele, saindo do meio das árvores para o ar livre à beira das colinas, sem se decidirem por um daqueles caminhos que levavam para baixo, nem qual das encostas seguiriam. Caminharam ao longo da crista da colina por algum tempo, conversando, depois voltaram e depois seguiram outra vez na primeira direção; nenhum dos dois sabia aonde o outro pretendia ir, mas desejava levar isso em conta.

— Não quer me dizer por que estava chorando? — repetiu o estranho com a branda voz do médico que pergunta onde está doendo. Ágata sacudiu a cabeça.

— Eu não saberia explicar facilmente — disse, e de repente pediu: — Mas responda-me outra pergunta: o que lhe dá certeza de que pode me ajudar sem me conhecer? Eu acredito muito mais que não se pode ajudar a ninguém!

Seu acompanhante não respondeu logo. Tentou falar várias vezes mas parecia que se obrigava a esperar. Por fim, disse:

— Provavelmente só se pode ajudar alguém cujo sofrimento um dia vivemos pessoalmente.

E calou-se. Ágata riu da idéia de que aquele homem pudesse pretender ter sofrido o mesmo que ela, pois esse sofrimento haveria de lhe causar repulsa. O outro pareceu ignorar seu riso, ou considerá-lo arte dos nervos. Refletiu e disse calmamente:

— Naturalmente não quero dizer que a gente possa pretender mostrar a alguém como agir. Mas, veja: o medo de uma catástrofe contagia, e... ter escapado também contagia! Falo em simplesmente ter escapado, como num incêndio. Todos perderam a cabeça e correm para dentro das chamas. Que incrível ajuda alguém estar parado de fora acenando, sem fazer nada senão acenar e gritar-lhes, sem que o entendam, que há uma saída...

Ágata quase riu outra vez dessas idéias terríveis que aquele bondoso homem cultivava, mas exatamente porque não combinavam com ele pareciam quase sinistras no seu rosto de cera macia.

— O senhor fala quase como um bombeiro! — disse ela e propositadamente imitou o jeito provocante e superficial de uma dama, para disfarçar a curiosidade. — Mas deve ter imaginado a catástrofe em que eu me encontro! — Sem que ela quisesse, notava-se a seriedade dessa zombaria, pois a simples idéia de que aquele homem queria ajudar a deixava indignada pela gratidão que sentia. O estranho a fitou espantado, depois controlou-se e respondeu quase em tom de censura:

— Provavelmente a senhorita é jovem demais para saber que nossa vida é muito simples. Só se torna insuperavelmente confusa quando pensamos em nós mesmos; no momento em que não pensamos em nós, mas perguntamos como ajudar aos outros, ela se torna muito simples!

Ágata calou-se e refletiu. E, fosse pelo seu silêncio ou pela animadora amplidão na qual as palavras dele voavam, o estranho continuou falando sem a fitar:

— A supervalorização do pessoal é uma superstição moderna. Hoje em dia, se fala tanto da cultura da personalidade, de viver intensamente, e de afirmação da vida. Mas com essas palavras ambíguas e obscuras seus apologistas apenas revelam que precisam das névoas para ocultarem o verdadeiro sentido da sua revolta! O que deverão afirmar? Tudo junto e misturado? Evolução é sempre ligada a uma pressão contrária, disse um pensador americano. Não podemos desenvolver um lado de nossa natureza sem deter o crescimento do outro. E o que deverá ser vivido intensamente? O espírito ou os instintos? Os caprichos ou o caráter? O egoísmo ou o amor? Se nossa natureza mais elevada deve viver intensamente, a mais baixa deverá aprender a obedecer e renunciar.

Ágata refletiu no motivo por que seria mais fácil cuidar de outros do que de si mesmo. Era daquelas naturezas nada egoístas que pensam sempre em si mas não cuidam de si, e isso está muito mais distante do egoísmo comum, preocupado com vantagens, do que do satisfeito altruísmo dos que cuidam dos outros. Assim, o que seu acompanhante dizia era-lhe estranho já na raiz,

mas de alguma forma a atingia, e as palavras isoladas, tão energicamente pronunciadas, moviam-se inquietantes diante dela, como se seu significado estivesse mais no ar para ser visto do que ouvido. Além disso, seguiam ao longo de uma crista de colina que abria para Ágata uma belíssima vista sobre o profundo vale, enquanto para seu companheiro obviamente a visão parecia um púlpito de igreja ou cátedra. Ela parou, e, com o chapéu que balouçara o tempo todo negligentemente na mão, interrompeu a fala do desconhecido:

— Então o senhor imaginou alguma coisa a meu respeito: vejo essa imagem transparecer, e não é muito lisonjeira!

O senhor alto assustou-se, pois não a tinha querido ofender, e Ágata o encarou, rindo amavelmente.

— O senhor parece me confundir com o direito da livre personalidade. E ainda por cima uma personalidade um tanto nervosa e bastante desagradável! — afirmou ela.

— Eu apenas falava da condição fundamental da vida pessoal — desculpou-se ele — e, pelo estado em que a senhorita se encontrava, tive a sensação de que talvez a poderia ajudar com algum conselho. A condição básica da vida é hoje muito mal interpretada. Todo o nervosismo moderno com seus excessos vem apenas de uma atmosfera interior mole, na qual falta a firme vontade, pois sem um esforço especial da vontade ninguém consegue unidade e tenacidade que o levem acima da escura confusão do organismo!

Novamente duas palavras, unidade e tenacidade, que eram como lembrança da nostalgia e autocensura de Ágata.

— Explique-me o que entende por isso — pediu. — Só pode haver vontade quando já se tem objetivo!

— O que quero dizer não importa! — respondeu ele num tom ao mesmo tempo brando e brusco. — Os grandes lemas da humanidade já não dizem com insuperável clareza o que se deve fazer ou deixar de fazer?

Ágata estava atônita.

— Para construirmos os ideais de vida básicos — explicou seu acompanhante — é preciso um conhecimento tão penetrante da vida e da humanidade, e ao mesmo tempo uma superação tão forte das paixões e do

egoísmo, que poucas personalidades o conseguiram no curso dos milênios. E esses mestres da humanidade reconheceram em todos os tempos a mesma verdade.

Ágata tentou defender-se sem querer, como qualquer pessoa que considera sua jovem carne e sangue melhores do que os ossos de sábios mortos.

— Mas leis humanas que surgiram há milhares de anos não podem combinar com as condições atuais! — exclamou.

— Não estão tão longe delas como afirmam os céticos, afastados da experiência viva e do autoconhecimento! — respondeu seu companheiro casual, com uma amarga satisfação.

— Uma profunda verdade da vida não se transmite com debates, já Platão disse isso. O homem a percebe como sentido e plenitude vivos de si mesmo! Acredite, o que realmente liberta o ser humano, e o que lhe rouba a liberdade, o que lhe dá verdadeira felicidade e a anula, não se submete ao progresso, qualquer pessoa sincera sabe disso muito bem em seu coração, desde que o escute!

A expressão “sentido vivo” agradou a Ágata, mas ela tivera uma idéia inesperada:

— Acaso o senhor é religioso? — perguntou ela. Encarou o acompanhante, curiosa. Ele não respondeu. — Quem sabe o senhor é padre? — repetiu ela e tranquilizou-se vendo sua barba, porque de repente o resto da figura parecera capaz de lhe dar uma surpresa dessas. É preciso admitir em seu favor que sua surpresa não seria maior se o estranho tivesse dito de passagem nessa conversa: “Nosso nobre soberano, o Divino Augusto”: ela sabia que a religião desempenha um grande papel na política, mas estamos tão habituados a não levar a sério as idéias que servem à opinião pública, que a suspeita de que os partidos da fé constassem de pessoas crentes pode facilmente parecer tão exagerada quanto a exigência de que um funcionário dos correios seja filatelista.

Depois de uma longa pausa vagamente insegura, o estranho retrucou:

— Eu preferiria não responder à sua pergunta; a senhorita está longe demais de tudo isso.

Mas Ágata fora dominada por uma viva ansiedade.

— Eu queria saber quem o senhor é! — pediu, e era um direito feminino ao

qual

difícilmente se poderia resistir. Mais uma vez notou-se no estranho aquela insegurança um pouco ridícula de antes, quando a cumprimentara com tanto atraso tirando o chapéu; pareceu ter cócegas no braço e querer tirar novamente o chapéu, mas depois enrijeceu, um exército de pensamentos pareceu combater, vencendo, finalmente, em vez de coisas simples acontecerem com naturalidade.

— Meu nome é Lindner, e sou professor do Ginásio Francisco-Ferdinando — respondeu ele, e acrescentou depois de refletir brevemente: — Também sou professor na Universidade.

— Então quem sabe conhece meu irmão? — perguntou Ágata contente e deu o nome de Ulrich. — Se não me engano, há pouco ele falou sobre matemática e humanidade ou coisa assim, na Sociedade Pedagógica.

— Só o conheço de nome. Sim, assisti à conferência — admitiu Lindner. Ágata achou que havia alguma repulsa nessa resposta, mas esqueceu disso diante do que seguiu:

— O senhor seu pai era o famoso jurista? — perguntou Lindner.

— Sim, ele morreu há pouco tempo, agora moro com meu irmão — disse Ágata espontaneamente. — Não quer nos visitar um dia desses?

— Infelizmente, não tenho tempo para vida social — respondeu Lindner bruscamente, com olhos baixos, inseguro.

— Mas então não haverá de protestar se eu o visitar alguma vez — disse Ágata sem se importar com a resistência dele. — Preciso de conselho! — Ele ainda a chamava de senhorita. — Eu sou senhora — disse ela —, e me chamo Hagauer.

— Então é a esposa do meritório pedagogo Hagauer? — exclamou Lindner. Ele começara a frase com grande encantamento, mas, no fim, abafou essa alegria. Pois Hagauer era duas coisas: um pedagogo, e progressista; Lindner na verdade não apreciava suas idéias, mas como é estimulante quando, nos nevoeiros incertos de uma psique feminina que acaba de ter a inaudita idéia de visitar um homem em sua casa, se descobre um inimigo tão familiar: foi a transição da segunda para a primeira das impressões que se repetiu no tom da sua pergunta.

Ágata notara isso. Não sabia se devia dizer a Lindner quais as suas atuais relações com o marido. Talvez tudo acabasse instantaneamente entre ela e seu novo amigo, se lhe contasse; tinha nitidamente essa impressão. Teria lamentado muito; pois exatamente porque Lindner despertava por muitos motivos seu desejo de zombar, também lhe despeitava confiança. A impressão confiável, apoiada pela aparência dele, de que não queria nada para si mesmo, estranhamente a forçava a ser sincera: acalmava todos os anseios, e a sinceridade vinha por si.

— Estou na iminência de me divorciar — confessou ela por fim. Seguiu-se um silêncio; Lindner pareceu abatido. Ágata o achou miserável de mais. Por fim, sorrindo magoado, Lindner disse:

— Logo que a encontrei imaginei algo parecido!

— Então vai ver que também é contra o divórcio! — exclamou Ágata liberando sua indignação. — Claro, tem de ser. Mas, sabe, é bastante retrógrado de sua parte!

— Ao menos, não o consigo achar tão natural quanto a senhora! — defendeu-se Lindner, pensativo, tirou os óculos, limpou-os, colocou-os outra vez, e contemplou Ágata.

— Acho que a senhora tem pouca força de vontade — constatou.

— Vontade? pois eu tenho vontade de me divorciar! — exclamou Ágata e viu que não era boa resposta.

— Isso não se deve interpretar assim — censurou Lindner brandamente. — Admito que a senhora tenha bons motivos. Mas penso de outro modo: posta em prática, a moral livre, como a de hoje, sempre é sinal de que um indivíduo está firmemente amarrado ao seu eu, incapaz de viver e agir em horizontes mais amplos. Os poetas — acrescentou cheio de inveja, tentando brincar com a fervorosa peregrinação de Ágata, e suas palavras tornaram-se bastante azedas — que agradam aos sentidos das jovens damas, e por isso são por elas supervalorizados, naturalmente têm vida mais fácil do que eu quando lhe digo que o casamento é a instituição da responsabilidade e do domínio do homem sobre as paixões! Mas antes que um indivíduo se liberte dos meios exteriores de proteção que a humanidade erigiu, numa correta auto-avaliação, contra sua própria inconfiabilidade, deveria dizer-se que isolamento e ruptura da obediência diante do todo superior são piores

prejuízos do que as decepções de um corpo, as quais tanto tememos!

— Isso parece uma ordem de combate para arcanjos — disse Ágata —, mas não reconheço que tenha razão. Vou acompanhá-lo um trecho. Precisa me explicar como é que se consegue ter tais idéias. Para onde vai agora?

— Preciso ir para casa — respondeu Lindner.

— Sua esposa faria alguma objeção se eu o acompanhasse até em casa? Podemos pegar um carro lá embaixo na cidade. Ainda tenho tempo!

— Meu filho vem da escola para casa — disse Lindner com uma dignidade que a repelia um pouco. — Comemos pontualmente; por isso, preciso estar em casa. Além disso, minha mulher morreu subitamente há alguns anos — disse ele corrigindo a suspeita falsa de Ágata; e olhando o relógio, acrescentou com medo e mau humor: — Preciso me apressar!

— Então terá de me explicar em outra ocasião, é importante para mim! — protestou Ágata vivamente. — Se não quiser nos visitar, eu posso ir à sua procura.

Lindner abriu a boca, tentando respirar, mas não conseguiu. Por fim, disse:

— Mas, sendo mulher, a senhora não pode me visitar!

— Posso! — assegurou Ágata. — Vai ver, um dia estarei lá. Ainda não sei quando. E certamente não será nada grave! — Com isso, despediu-o e enveredou por um caminho que se separava do dele.

— A senhora não tem força de vontade! — disse ela a meia voz, tentando imitar Lindner, mas a palavra *vontade* era fresca e estimulante na sua boca. Sentimentos como orgulho, dureza, confiança, ligavam-se a ela; uma altiva linguagem do coração: o homem lhe fizera bem.

NESSE MEIO TEMPO, O GENERAL LEVA ULRICH E CLARISSE AO
HOSPÍCIO

Enquanto Ulrich estava sozinho em casa, o Ministério da Guerra mandou perguntar se o senhor diretor do Setor Militar de Educação e Instrução lhe poderia falar pessoalmente se viesse vê-lo em meia hora, e trinta e cinco minutos depois a parelha do General von Stumm subia espumando a pequena rampa de acesso à casa.

— Bela história! — exclamou o general ao amigo, que notou que desta vez não viera o ordenança com aquele pão do espírito. O general estava de uniforme, e até colocara suas medalhas. — Você me arrumou uma bela história! — repetiu. — Esta noite haverá grande sessão na casa de sua prima. Nem ao menos pude falar com meu

chefe a respeito. E aí estoura essa notícia, de que devemos ir ao hospício; temos de estar lá em uma hora!

— Mas por quê? — perguntou Ulrich como convinha. — Habitualmente isso precisa ser combinado antes!

— Não faça tanta pergunta! — suplicou o general. — Telefone imediatamente à sua amiga ou prima, ou seja lá o que for, dizendo que a iremos apanhar!

Enquanto Ulrich telefonava à mercearia em que Clarisse fazia suas pequenas compras, e esperava que ela viesse ao telefone, ficou sabendo qual era a infelicidade de que o general se queixava tanto. Este, para cumprir o desejo de Clarisse transmitido por Ulrich, dirigira-se ao chefe do serviço médico militar, que por sua vez se comunicara com seu famoso colega civil, presidente da Clínica Universitária onde Moosbrugger aguardava pacientemente uma decisão superior. Por um mal-entendido entre os dois cavalheiros, combinaram-se imediatamente dia e hora e Stumm soubera disso só no último momento, entre muitos pedidos de desculpas,

junto com o engano de que ele próprio fora anunciado ao famoso psiquiatra, que esperava sua visita com grande prazer.

— Estou me sentindo até mal! — disse ele. Era uma antiga forma de dizer que queria sua aguardente.

Quando a bebera, seus nervos foram relaxando.

— De que me interessa uma casa de doidos? Só por sua causa tenho de ir até lá agora!

— queixou-se. — O que vou dizer a esse idiota desse professor, se me perguntar por que fui junto?

Nesse momento, soou um jubiloso grito de guerra na outra ponta do fio.

— Muito bem! — disse o general, mal-humorado. — Mas, além disso, preciso urgentemente falar com você sobre hoje à noite. E ainda preciso falar com Sua Excelência a esse respeito. E às quatro ele vai embora! — ele olhou o relógio, e não se moveu na cadeira, de tanto desalento.

— Pois eu estou pronto! — disse Ulrich.

— Sua caríssima não vai conosco? — perguntou Stumm espantado.

— Minha irmã não está em casa.

— Pena! — protestou o general. — Sua irmã é a mais admirável mulher que já vi!

— Pensei que era Diotima — disse Ulrich.

— Também — respondeu Stumm. — Também ela é admirável. Mas desde que se ligou com essa ciência sexual, sinto-me como um menino de colégio. Gosto de erguer os olhos para ela; pois, meu Deus, como sempre digo, a guerra é um trabalho manual bruto e simples; mas, no terreno sexual, ofende a honra dos oficiais, deixar-se tratar como um leigo!

Enquanto isso, tinham subido à carruagem e estavam partindo a trote firme.

— Pelo menos sua amiga é bonita? — perguntou Stumm desconfiado.

— Ela é singular, como você verá — respondeu Ulrich.

— Então, esta noite vamos ter coisas — suspirou o general.— Aguardo algum acontecimento importante.

— Você sempre diz isso quando vem me procurar — replicou Ulrich, sorrindo.

— Pode ser, mas é verdade. E esta noite você será testemunha da entrevista entre sua prima e a esposa do Professor Drangsal. Espero que não tenha esquecido tudo o que eu lhe disse a respeito. Pois a Drangsal — é assim que sua prima e eu dizemos a Drangsal tanto atormentou sua prima, que chegou-se a esse ponto; discutiu com todo mundo, e esta noite as duas deverão ter uma discussão. Apenas esperávamos pelo Arnheim, para que também possa fazer seu julgamento.

— Ah, é? — Ulrich não soubera que Arnheim, a quem há muito não via, tinha regressado:

— Mas claro. Por alguns dias — explicou Stumm. — E tivemos de tomar as rédeas do negócio... — De repente, ele se interrompeu e saltou do estofamento contra a boléia, com uma agilidade que ninguém suspeitaria. — Seu idiota! — berrou ao ouvido do ordenança que dirigia os cavalos ministeriais disfarçado em trajes civis, e, desamparado com os sacolejos do veículo, agarrou-se nas costas daquele a quem insultava. — Você está fazendo um desvio no caminho! — O soldado de civil manteve as costas hirtas como uma tábua, insensível a seu uso irregular nas tentativas de salvamento do general, virou a cabeça exatamente noventa graus de modo a não ver nem seu general nem seus cavalos, e anunciou altivamente, dirigindo-se para uma perpendicular que terminava no vazio, que o caminho mais curto não estava transitável devido a obras na estrada, mas em breve voltariam a ele.

— Bom, então tenho razão! — exclamou Stumm caindo de volta no assento, abrandando, em parte para o lado do ordenança, em parte para Ulrich, aquela sua explosão de impaciência. — O sujeito tem de fazer um desvio, e eu preciso fazer um relatório para Sua Excelência, que quer ir para casa às quatro, e tem de fazer um relatório ao ministro ainda antes disso: Sua Excelência o Ministro anunciou pessoalmente sua visita aos Tuzzi esta noite! — acrescentou baixinho, só para Ulrich.

— Não me diga! — Ulrich mostrou-se surpreendido com a notícia.

— Há muito tempo venho lhe dizendo que há alguma coisa no ar. Ulrich quis então saber o que havia no ar.

— Pois me diga o que o ministro quer! — exigiu.

— Ele mesmo não sabe — respondeu Stumm. — Sua Excelência acha que

chegou a hora. O velho Leinsdorf também acha: chegou a hora. O chefe do estado-maior também sente: chegou a hora. Quando muitos sentem a mesma coisa, deve haver alguma verdade nisso.

— Mas hora de quê? — perguntou Ulrich.

— Não é preciso saber! — instruiu o general. São dessas impressões absolutas! Aliás, quantos seremos hoje? — perguntou, seja por distração, seja por estar refletindo.

— Mas como pode me perguntar isso agora? — indagou Ulrich espantado.

— Eu quis dizer quantos vamos ser na visita ao hospício — explicou Stumm. Desculpe! Engraçado, que mal-entendido! Há dias em que as coisas são demais para agente.

— Então, quantos seremos?

— Não sei quem irá conosco; de três a seis pessoas.

— Eu quis dizer — afirmou o general pensativo — que se formos mais de três precisaremos de um segundo carro. Entende, eu estou de uniforme.

— Sim, claro — acalmou-o Ulrich.

— Não posso viajar como numa lata de sardinhas.

— Claro. Mas me conte como chegou a essas impressões absolutas.

— Vamos conseguir mais um carro lá fora? — refletiu Stumm. — É onde Judas perdeu as botas!

— Vamos pegar um carro no caminho — respondeu Ulrich decidido. — E agora, por favor me explique como vocês têm essa impressão absoluta de que chegou a hora de alguma coisa.

— Não há nada a explicar — respondeu Stumm. — Quando digo que uma coisa é absoluta e não pode ser diferente, isso significa que não a posso explicar! Quando muito a gente poderia acrescentar que a Drangsal é uma espécie de pacifista, provavelmente porque esse Feuermaul a quem está lançando faz poemas a respeito da bondade do ser humano. Muita gente anda acreditando nisso.

Ulrich não quis acreditar nele.

— Mas há pouco você me contava o contrário; que na Ação agora todos estão a favor de que se passe a agir, com mão forte e coisas desse tipo!

— Também isso — admitiu o general. — E círculos influentes são a favor da Drangsal; ela entende maravilhosamente dessas coisas. Pedimos da Ação Patriótica uma ação de bondade humana.

— Ah, é? — disse Ulrich.

— Sim. Você também não se interessa mais por nada! Outras pessoas se preocupam com isso. Lembro-o, por exemplo, de que a guerra fratricida de sessenta e seis aconteceu porque todos os alemães se declararam irmãos no Parlamento de Frankfurt. Naturalmente não quero dizer que talvez o Ministro da Guerra ou o chefe do estado-maior tenham essa preocupação. Seria absurdo. Mas uma coisa puxa a outra. É isso! Está me entendendo?

Não era claro, mas era correto. E o general acrescentou uma coisa muito sábia.

— Olhe, você sempre pede clareza — censurou. — Por isso eu o admiro, mas tem de pensar ao menos uma vez historicamente: como essas pessoas que participam diretamente de um fato hão de saber de antemão se vai ser um acontecimento grandioso? Quando muito, porque imaginam que seja! Portanto, se posso ser paradoxal, gostaria de afirmar que a História Mundial é escrita antes de acontecer; primeiro, ela é sempre uma espécie de disse-que-disse. E as pessoas enérgicas deparam-se com uma tarefa muito difícil.

— Você tem razão — elogiou Ulrich. — E agora, conte-me tudo.

Mas, embora desejasse falar no assunto, naquele momento, quando os cascos dos cavalos começavam a pisar na estrada macia, o general foi novamente tomado por outras preocupações:

— Caso o ministro me mande chamar, já me vesti para ele como uma árvore de Natal

— exclamou e sublinhou isso apontando para seu casaco de uniforme azul-claro e as medalhas. — Não acha que pode haver incidentes idiotas se eu me mostrar assim de uniforme aos malucos? O que farei, por exemplo, se um deles ofender minha roupa? Não poderei puxar a espada, e ficar calado será altamente perigoso!

Ulrich acalmou o amigo, dizendo que usaria um avental branco sobre o uniforme; mas antes que Stumm se declarasse satisfeito com essa solução, encontraram Clarisse, em roupas de verão, vindo muito impaciente pela

estrada, seguida de Siegmund. Contou a Ulrich que Walter e Meingast se haviam recusado a acompanhá-los. E, depois de terem conseguido outra carruagem, o general disse a Clarisse, satisfeito:

— Caríssima, a senhora parecia um anjo vindo pela estrada!

Mas quando desceu da carruagem no portão da clínica, Stumm von Bordwehr parecia vermelho e um tanto perturbado.

OS LOUCOS SAÚDAM CLARISSE

Clarisse revirava as luvas entre os dedos, erguia os olhos para as janelas, e não ficou quieta um só momento enquanto Ulrich pagava o carro de aluguel. Stumm von Bordwehr não queria admitir que Ulrich o fizesse, e o cocheiro esperava na boléia, sorrindo lisonjeado, enquanto os dois cavalheiros discutiam. Siegmund como de hábito limpava um grão de poeira do casaco com os dedos ou olhava o vazio. O general disse baixinho a Ulrich:

— Sua amiga é uma mulher bem esquisita. Na viagem, ela me explicou o que é vontade. Não entendi uma palavra!

— É o jeito dela — disse Ulrich.

— Bonita — sussurrou o general. — Como uma bailarina de catorze anos. Mas por que ela disse que viemos aqui para nos entregarmos à nossa “loucura”? O mundo é demasiado “desprovido de loucura”, disse ela. Sabe alguma coisa sobre isso? Foi tão penoso, na verdade não consegui lhe responder uma só palavra.

O general adiava intencionalmente a despedida das carruagens, apenas porque desejava fazer aquelas perguntas; mas antes que Ulrich respondesse, foi poupado por um enviado que saudou os recém-chegados em nome do chefe da clínica, e, desculpando seu patrão junto ao General von Stumm por causa de trabalho urgente que o reteria por alguns momentos, levou o grupo para uma sala de espera. Clarisse não perdeu de vista uma só pedra da escada e ladrilho dos corredores, e também na saleta de espera, que lembrava os antiquados saguões de primeira classe nas estações ferroviárias, com suas cadeiras de veludo verde desbotado, o olhar dela se movia lentamente o tempo todo. Lá ficaram os quatro, depois que o enviado saíra, e no começo não disseram palavra, até que Ulrich, para romper o silêncio, provocou Clarisse indagando se não sentia medo de ver Moosbrugger cara a

cara.

— Ora! — disse Clarisse negativamente. — Ele só conhecia sucedâneos de mulheres, por isso tinha de acontecer tudo aquilo!

O general quis reabilitar-se dizendo algo que lhe ocorrera.

— Falar em vontade é muito moderno — disse. — Também na Ação Patriótica nos ocupamos muito desse problema.

Clarisse sorriu-lhe e esticou os braços para acalmar sua tensão.

— Quando se tem de esperar assim, sente-se no corpo o que está por vir, como se se olhasse por um binóculo — replicou.

Stumm von Bordwehr não queria ficar atrás novamente.

— Certo! — disse. — Talvez se relacione com a moderna cultura do corpo. Também nos interessamos por ela!

Então chegou o Conselheiro da Corte com sua manada de assistentes e voluntários, foi muito amável, especialmente com Stumm, contou algo sobre um assunto urgente e lamentou ter de limitar-se àquela saudação e não poder acompanhar pessoalmente os visitantes. Apresentou o Dr. Friedenthal, que faria isso em seu lugar. O Dr. Friedenthal era um homem alto, magro, um pouco mole, com cabelo basto; ao ser apresentado, sorriu como um acrobata que sobe a escada para executar um salto mortal. Quando o chefe se despediu, trouxeram os aventais brancos.

— Para não inquietar os pacientes — explicou o Dr. Friedenthal.

Clarisse, enfiando um deles, sentiu uma estranha força. Parecia um pequeno médico.

Sentia-se muito máscula e muito branca.

O general procurou um espelho. Foi difícil encontrar um avental que servisse na sua singular combinação de altura e largura; quando enfim conseguiram envolver totalmente seu corpo, ele parecia uma criança com camisola comprida demais.

— Não acha que eu devia tirar as esporas? — perguntou ao Dr. Friedenthal.

— Médicos militares também usam esporas! — disse Ulrich.

Stumm fez mais um esforço desamparado e confuso de olhar suas costas

onde as roupas de médico se avolumavam em grandes pregas sobre as esporas; em seguida, foram andando. O Dr. Friedenthal pediu que não perdessem o controle por coisa alguma.

— Até agora tudo correu muito bem! — sussurrou Stumm ao amigo. — Mas na verdade tudo isso nem me interessa; eu poderia usar o tempo para falar com você sobre esta noite. Portanto, preste atenção, você pediu que eu lhe contasse tudo francamente; é muito simples: todo mundo está se armando. Os russos têm uma artilharia totalmente nova. Está prestando atenção? Os franceses usaram seu tempo de dois anos de serviço militar para reforçarem enormemente seu exército. Os italianos...

Tinham descido novamente a principesca e antiquada escada que haviam subido antes, dirigindo-se para o lado, e agora estavam numa confusão de saletas e corredores cheios de curvas, cuja vigas pintadas de branco sobressaíam no teto. Eram em grande parte saletas de administração e secretaria as que atravessavam, mas, por causa da falta de espaço naquele velho edifício, tinham algo de estranho e sombrio. Pessoas sinistras, algumas em trajes da instituição, outras em roupas civis, povoavam o lugar. Numa porta lia-se “Recepção”, na outra “Homens”. O general foi perdendo a fala. Pressentia incidentes a qualquer momento, que, por sua natureza singular, exigiriam grande presença de espírito. Contra sua vontade, ocupava-o também a questão de como se portar se alguma necessidade irresistível o forçasse a isolar-se e ele se encontrasse com algum doente mental, sozinho e sem companhia de algum profissional, num local onde todo mundo é igual. Clarisse, em contrapartida, andava sempre meio passo à frente do Dr. Friedenthal. O fato de ele ter dito que deveriam usar aventais brancos para não assustar os doentes a erguia como um colete salva-vidas daquela torrente de impressões. Pensamentos prediletos a entretinham. Nietzsche: “Há um pessimismo dos fortes? Uma tendência intelectual para o duro, horrível, mau, problemático da existência? O anseio do terrível, como de um inimigo digno? Quem sabe a loucura não seja necessariamente sintoma de degeneração?” Ela não pensava naquilo textualmente, mas lembrava-se de maneira generalizada; seus pensamentos o tinham comprimido num pacotinho bem pequeno e colocado de maneira tão maravilhosa num lugar diminuto como o molho de gazuas de um

arrombador. Para ela, aquele caminho era parte filosofia, parte adultério. O Dr. Friedenthal parou diante de uma porta de ferro e tirou uma chave do bolso da calça. Quando abriu, uma claridade ofuscante caiu sobre os visitantes, que saíram da proteção da casa, e no mesmo momento Clarisse percebeu um grito agudo e horrível como nunca escutara na vida. Apesar de sua bravura, estremeceu.

— Foi só um cavalo! — disse o Dr. Friedenthal sorrindo.

Com efeito, estavam num trecho de rua que levava do acesso ao longo do edifício da administração para os fundos, onde ficava um pátio de serviços. Nada a distin-

guia de outros trechos de caminho com velhos sulcos de rodas e familiares ervas daninhas, o sol ardendo em cima de tudo. Apesar disso, todos, exceto Friedenthal, ficaram estranhamente surpresos e até indignados, atônitos e perturbados ao verem que estavam numa rua saudável e comum, depois de terem percorrido um trajeto tão aventureiro. A liberdade daquele primeiro momento tinha algo de estranho, embora fosse incrivelmente confortável, e era preciso que se habituassem novamente a ela. Em Clarisse, onde todos os choques eram diretos, a tensão se desmanchou tilintando num risinho alto.

O Dr. Friedenthal adiantou-se sorrindo pela rua e abriu um pesado portãozinho de ferro do outro lado, embutido num muro do parque.

— É agora! — disse com brandura.

E encontraram-se de fato naquele mundo que atraía Clarisse incompreensivelmente semanas a fio, não apenas com aquele calafrio do incomparável e remoto, mas como se lhe fosse destinado experimentar ali algo que antes nem pudera imaginar. Primeiro, porém, os recém-chegados nada conseguiram distinguir de um velho grande parque que subia docemente numa direção, tendo no alto, entre grupos de árvores imensas, pequenos edifícios brancos como mansões em miniatura. Atrás deles subia o céu, antecipando uma bela paisagem, e sobre um desses belvederes Clarisse notou doentes com enfermeiros, parados e sentados em grupos, parecendo anjos brancos. O General von Stumm julgou o momento adequado para retomar a conversa com Ulrich.

— Portanto, queria preparar você para esta noite — começou. — Os

italianos, os russos, os franceses e também os ingleses, entende, estão todos se armando, e nós?

— Vocês querem sua artilharia, eu já sei — interrompeu Ulrich.

— Também! — prosseguiu o general. — Mas se você não me deixa concluir, logo estaremos junto dos malucos e não poderemos falar em paz. Eu queria dizer que estamos no meio de tudo isso e numa posição militarmente muito perigosa. E nessa situação exigem agora que nós — estou falando da Ação Patriótica — tenhamos apenas bondade humana!

— E vocês são contra! Já entendi.

— Mas ao contrário! — afirmou von Stumm. — Não somos contra! Levamos muito a sério o pacifismo! Apenas gostaríamos de ver aprovado nosso projeto sobre a artilharia. E se, por assim dizer, podemos fazer isso de mãos dadas com o pacifismo, ficaríamos mais bem protegidos dos mal-entendidos imperialistas, que afirmariam que estamos perturbando a paz! Portanto, admito que estamos realmente um pouco de conchavo com essa Drangsal. Mas, de outro lado, precisamos agir com cautela; pois o partido contrário, a torrente nacionalista que agora também temos na ação, é contra o pacifismo e a favor da reativação militar!

O general não concluiu e teve de engolir o que ia dizer, com uma cara amarga, pois estavam quase no alto, e o Dr. Friedenthal esperava pelo seu bando. O lugar dos anjos era rodeado de uma grade leve e o guia atravessou-o sem lhe dar importância, como mero preâmbulo.

— Uma “seção pacífica” — explicou o médico.

Ali havia só mulheres; tinham cabelo solto caindo nos ombros, e seus rostos eram repulsivos, gordos, desfeitos, moles. Uma dessas mulheres veio imediatamente até o médico, correndo, e entregou-lhe uma carta.

— É sempre a mesma coisa! — disse Friedenthal e leu em voz alta: — “Adolf, meu amado! Quando é que você vem? Esqueceu-se de mim?” — A mulher, uma velha de uns sessenta anos, estava parada ao lado, rosto vazio, escutando.

— Você vai mandar chamá-lo logo? — pediu.

— Claro! — prometeu o Dr. Friedenthal, rasgou a carta diante dos olhos

dela e sorriu para a enfermeira. Clarisse interpelou-o imediatamente.

— Como pode fazer isso? É preciso levar a sério os doentes!

— Venha! — respondeu Friedenthal. — Não vale a pena perdermos nosso tempo aqui. Se quiserem, mostro-lhes centenas de cartas dessas. A senhora notou que a velha nem ficou tocada quando rasguei sua carta!

Clarisse ficou atônita porque o que Friedenthal dizia era correto, mas perturbava seus pensamentos. E antes que os pudesse ordenar, foram perturbados mais uma vez, pois no momento em que deixavam o local, outra velha, que estivera ali à espreita, ergueu seu vestido e mostrou aos senhores que passavam suas feias coxas de velha, das grosseiras meias de lã até a barriga.

— Que velha porca! — disse von Bordwehr a meia voz, e, indignado e enojado, esqueceu a política por algum tempo.

Mas Clarisse descobrira que a perna se parecia com o rosto. Provavelmente trazia os mesmos estigmas da gorda decadência física do rosto, mas Clarisse teve pela primeira vez a impressão de relações estranhas e de um mundo em que as coisas aconteciam diferentemente do que se imaginava com conceitos comuns. Nesse momento, ocorreu-lhe também que não notara a transformação dos anjos brancos naquelas mulheres, embora passasse pelo meio delas; nem ao menos distinguira quais as doentes e quais as enfermeiras. Virou-se e olhou para trás, mas, como o caminho tivesse rodeado uma casa, não pôde ver mais nada e tropeçou atrás dos companheiros como uma criança que virou a cabeça. Da sequência de impressões que começara já não se formava o riacho corrente e translúcido de acontecimentos que é a vida, mas um redemoinho espumante, do qual só eventualmente se destacavam superfícies lisas, que permaneciam na memória.

— Também uma “seção pacífica”. Desta vez, para homens — explicou o Dr. Friedenthal que reuniu seu grupo no portão da casa, e, quando pararam diante da primeira cama de doente, apresentou seus internos aos visitantes com voz educada e abafada: eram casos de “demência parálitica depressiva”.

— Um velho sifilítico. Alucinações niilistas e pecaminosas — sussurrou Siegmund ao ouvido da irmã, explicando aquelas palavras. Clarisse estava

diante de um ancião que parecia ter sido um dia da alta sociedade. Estava sentado na cama, ereto, devia encontrar-se no fim dos cinquenta, e tinha a pele do rosto muito alva. Cabelo basto, igualmente alvo, rodeava seu semblante bem cuidado, de ar espiritualizado, tão estranhamente nobre como só se descreve nos piores romances.

— Não se pode mandar pintar esse homem? — perguntou Stumm von Bordwehr. — É a beleza espiritual em pessoa: eu gostaria de dar o quadro à sua prima! — disse a Ulrich. O Dr. Friedenthal sorriu melancolicamente e disse:

— A expressão nobre vem da falta de tensão nos músculos do rosto. — Depois, num gesto breve, mostrou aos visitantes a rigidez das pupilas e levou-os adiante. O tempo era curto, com tanto material. O ancião, que balançara tristemente a cabeça a tudo o que se dissera junto de seu leito, ainda respondeu baixo e oprimido, quando os cinco já estavam algumas camas adiante, parando no caso seguinte, que Friedenthal escolhera.

Desta vez, era um homem entregue às artes, um gordo pintor cuja cama estava perto de uma janela clara; ele tinha papel e muitos lápis sobre o cobertor, e ocupava-se com aquilo o dia inteiro. O que logo chamou atenção de Clarisse foi a divertida agitação de seus movimentos. “Walter deveria pintar assim!”, pensou. Friedenthal, notando seu interesse, tirou depressa uma folha do gorducho e deu-a a Clarisse; o pintor dava risadinhas e portava-se como uma mulher a quem deram um beliscão. Clarisse viu para sua surpresa um esboço desenhado com segurança e perfeição, absolutamente coerente, até banal, de um quadro grande, com muitas figuras de perspectivas entrelaçadas e uma sala minuciosamente representada, de modo que o todo tinha efeito tão saudável, tão professoral, como se viesse da Academia.

— Surpreendentemente bom! — exclamou ela sem querer. Mas Friedenthal sorriu lisonjeado.

— Bééé! — fez o pintor. — Está vendo, o cavalheiro gostou! Mostre-lhe mais! Ele disse, surpreendentemente bom! Mostre! Eu sei, você fica só rindo de mim, mas ele gosta!

— E disse isso em tom familiar, parecendo dar-se bem com o médico, a quem estendia também seus outros quadros, embora o médico não

valorizasse sua arte.

— Hoje não temos tempo para você — respondeu Friedenthal, e, virando-se para Clarisse, presumiu sua crítica dizendo: — Ele não é esquizofrênico; infeliz mente, no momento não temos outro, às vezes são grandes artistas modernos.

— E doentes? — duvidou Clarisse.

— Por que não? — disse Friedenthal, melancólico. Clarisse mordeu o lábio.

Enquanto isso, Stumm e Ulrich já estavam na soleira na sala seguinte, e o general disse:

— Vendo isso, sinto realmente ter chamado meu ordenança de idiota há pouco; nunca mais farei isso! — Olhavam um quarto cheio de retardados graves.

Clarisse ainda não vira isso, e pensava: “Até uma arte honrada e reconhecida como a acadêmica tem então uma irmã renegada, lesada, mas absolutamente semelhante, no hospício!?!” E isso quase a impressionou mais do que as palavras de Friedenthal, de que alguma vez lhe mostraria pintores expressionistas. Decidiu voltar ao assunto. Baixara a cabeça e ainda mordida o lábio. Havia alguma coisa errada. Pareceu-lhe claramente errado trancafiar gente tão talentosa; os médicos entendiam das doenças, pensou, mas provavelmente não da arte em toda a sua amplitude. Teve a sensação de que alguma coisa teria de acontecer. Mas não sabia ao certo o quê. Contudo, não perdeu a confiança, pois o pintor gorducho logo a tratara de “senhor”: isso lhe pareceu de bom augúrio.

Friedenthal a contemplava curioso.

Sentindo o seu olhar, ela ergueu o rosto com leve sorriso e foi até ele, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, uma impressão terrível eliminou toda a reflexão. Das camas, pendia e sentava-se na nova sala uma série de horrores. Tudo nos corpos era torto, sujo, deformado ou paralisado. Dentaduras podres. Cabeças balouçantes. Cabeças grandes demais, pequenas demais ou totalmente disformes. Queixos caídos, saliva pingando, ou movimentos animais de mastigação nas bocas, vazias de alimento ou palavra. Barras de chumbo de metros de espessura entre essas almas e o mundo, e, depois do leve riso e sussurro no outro quarto, chamou sua

atenção agora um silêncio pesado, no qual só se ouviam obscuros rosnados ou grunhidos. Tais salas, com retardados graves, são das impressões piores que se podem ter num hospício, e Clarisse sentiu-se precipitada num negrume horrendo, no qual não se distinguia mais nada.

Friedenthal, o guia, porém, também enxergava no escuro, e apontando para várias camas, explicou:

— Isso é idiotia, aquilo é cretinismo. Stumm von Bordwehr prestou atenção:

— Então cretino e idiota não são a mesma coisa?

— Não, do ponto de vista médico é coisa diferente — ensinou o doutor.

— Interessante — disse Stumm. — Na vida comum não se pensa nisso! Clarisse foi de cama em cama. Fitava atentamente os doentes, esforçando-se ao

máximo para entender o mínimo que fosse naqueles rostos que não tomavam conhecimento dela. Todas as idéias apagavam-se ali. O Dr. Friedenthal seguia-a em silêncio, e explicava:

— Idiotia familiar amaurótica. Esclerose tuberosa hipertrófica. Idiotia tímica... O general, que entrementes pensava ter visto o suficiente daqueles “bobalhões”,

imaginando que Ulrich sentia o mesmo, olhou o relógio e disse:

— Afinal onde paramos? Temos de aproveitar o tempo! — e começou, um tanto bruscamente: — Então, por favor, lembre-se: O Ministério da Guerra tem de um lado os pacifistas e de outro os nacionalistas...

Ulrich, que não conseguia livrar-se tão agilmente daquele ambiente, olhou-o perplexo.

— Mas não estou fazendo piada! — disse Stumm. — Isso é política! Tem de acontecer alguma coisa. Já paramos uma vez nesse assunto. Se não acontecer algo em breve, chega o aniversário do Imperador, e passaremos a maior vergonha. Mas *o que* deveria acontecer? Essa pergunta é lógica, não é? E se eu digo isso agora com certa rudeza, resumindo o que já disse, uns exigem que os ajudemos a amar as pessoas, os outros que lhes permitamos lográ-las para que o sangue mais nobre vença, ou como quer que se diga.

As duas coisas têm lá seu valor. E por isso, em suma, você deveria reunir tudo, para que não haja problemas!

— Eu? — disse Ulrich depois que seu amigo deixara explodir sua bomba, e teria rido na cara dele se o lugar permitisse.

— Você, claro! — respondeu o general com firmeza. — Posso ajudá-lo com prazer, mas *você* é secretário da Ação, e mão direita do Leinsdorf!

— Vou conseguir um lugar para você aqui mesmo! — disse Ulrich decidido.

— Muito bem! — disse o general que sabia, das estratégias militares, que é melhor esquivar-se de uma resistência inesperada sem se mostrar muito perturbado. — Se me conseguir um lugar por aqui, talvez eu conheça alguém que inventou a maior idéia do mundo. Lá fora, ninguém mais se interessa por grandes idéias. — Ele olhou o relógio mais uma vez. — Dizem que aí há gente que julga ser o Papa ou o universo; não vimos um só deles, e era neles que eu estava interessado! Sua amiga é incrivelmente minuciosa — queixou-se.

O Dr. Friedenthal desviou Clarisse cautelosamente da visão dos oligofrênicos. O inferno não é interessante, é terrível. Quando não o humanizamos — como Dante, que o povoou com literatos e pessoas importantes, e com isso desviou a atenção das técnicas de punição —, mas tentamos dar uma visão original dele, mesmo as pessoas mais fantasiosas não conseguem superar os pueris tormentos e pobres deformações das qualidades terrestres. Mas exatamente o vazio pensamento da punição e tormento inimagináveis e por isso inevitáveis, e infinitos, a pressuposição de uma transformação, insensível a todos os esforços contrários, em direção do mal, tem a atração de um abismo. Assim são também as casas de loucos. São asilos de pobres. Têm algo da falta de imaginação do inferno. Mas muitas pessoas, que não sabem das causas das enfermidades mentais, não receiam nenhuma possibilidade tanto quanto a de perder a razão um dia, exceto a de perderem seu dinheiro; e é singular quantas pessoas sentem isso, torturadas pela idéia de um dia poderem se perder de repente. Pela supervalorização do que pensam de si mesmas segue provavelmente a supervalorização do horror que os sadios imaginam habitar os asilos dos enfermos.

Também Clarisse sofreu uma leve decepção, que vinha de uma indeterminada expectativa, dada pela sua educação. Com o Dr. Friedenthal era o contrário. Estava habituado àquele trajeto. Ordem como numa caserna ou qualquer outra instituição de massas, abrandamento de dores e males urgentes, impedir pioras evitáveis, um pouco de melhoria ou cura: eram os elementos de sua atividade diária. Observar muito, saber muito, mas sem suficiente explicação das relações, era sua parte intelectual. Na ronda pelas casas, recomendar, além dos remédios contra tosse, resinosos, prisão de ventre e ferimentos, um pouco de calmantes, era seu trabalho diário de cura. Ele notava a espectral infâmia do mundo em que vivia apenas quando sentia o contraste com o mundo comum; não se faz isso diariamente, mas visitas são oportunidades desse tipo; por isso, o que Clarisse via fora ordenado com alguma sensibilidade teatral, e, depois que ele a despertara daquele devaneio, prosseguiu logo com algo novo e mais dramático.

Pois mal tinham saído da sala, reuniram-se a eles vários homens grandes com ombros carnudos, rostos amáveis de sargento, e aventais limpos. Isso aconteceu em tal silêncio que teve o efeito de um rufar de tambores.

— Agora chegamos a um setor agitado — anunciou Friedenthal, e já começavam a aproximar-se dos gritos e grasnados que pareciam vir de uma imensa gaiola. Quando pararam diante da porta, viram que não havia maçaneta, mas um dos guardas abriu uma tranca, e como fizera até aqui, Clarisse começou a entrar em primeiro lugar. Mas o Dr. Friedenthal puxou-a para trás bruscamente.

— Aqui é preciso esperar! — disse sem se desculpar, em tom significativo e fatigado. O guarda que abrira a porta deixara apenas uma estreita fresta, coberta por seu poderoso corpo, e depois de ter primeiro escutado e em seguida espiado o interior, enfiou-se depressa para dentro; um segundo guarda seguiu, postando-se do outro lado da entrada. Clarisse sentiu o coração batendo forte. O general disse, impressionado:

— Guarda avançada, retaguarda, cobertura dos flancos!

Assim protegidos, entraram e foram levados de cama em cama pelos gigantescos guardas. Nas camas, algo batia braços e revirava olhos, nervoso, aos gritos; davam a impressão de que cada um gritava dentro de

uma sala que existia apenas para ele, e ainda assim pareciam todos entretidos numa conversa demente como estranhos pássaros trancados numa gaiola comum, cada um falando a linguagem de outra ilha. Alguns ficavam livres nas camas, outros estavam amarrados à beira com cordas, deixando pouco espaço para movimentos das mãos.

— Perigo de suicídio — explicou o médico, e deu o nome das doenças: paralisia, paranóia, demência precoce e outras eram as raças daqueles pássaros exóticos.

Clarisse sentiu-se a princípio intimidada por aquela impressão confusa, e não sabia como se controlar. Nisso, parecendo um sinal amigo, alguém lhe acenou de longe, gritando palavras em sua direção quando ela ainda estava a muitas camas de distância, alguém que balançava de um lado para outro, como se quisesse desesperadamente libertar-se e correr ao encontro dela, superava o coro com suas queixas e irrupções de cólera, e atraía cada vez mais fortemente a atenção de Clarisse. Quanto mais ela se aproximava, tanto mais a inquietava a impressão de que o homem parecia falar só para ela, enquanto ela não conseguia absolutamente entender o que ele lhe queria dizer. Quando finalmente chegaram junto dele, o guarda-chefe disse algo ao médico, tão baixinho que Clarisse não entendeu, e Friedenthal deu alguma ordem, o rosto muito sério. Mas depois fez uma piada e falou com o doente. O louco não respondeu logo, mas de repente perguntou:

— Quem é esse senhor? — e por um gesto deu a entender que falava de Clarisse.

Friedenthal apontou para o irmão dela e respondeu que era um médico de Estocolmo.

— Não, este aqui! — disse o doente e insistia em Clarisse. Friedenthal sorriu afirmando que era uma médica de Viena.

— Não. É um homem — contradisse o doente e calou-se. Clarisse sentia o coração pulsar. Então, também esse a tomava por homem!

O doente disse então lentamente:

— Esse é o sétimo filho do Imperador.

Stumm von Bordwehr deu uma cotovelada em Ulrich.

— Não é verdade — respondeu Friedenthal, e prosseguiu o jogo dirigindo-

se a Clarisse e pedindo: — Diga-lhe você mesma que ele se enganou.

— Não é verdade, meu amigo — disse Clarisse baixinho ao doente, mal conseguindo falar de tanta excitação.

— Mas você é o sétimo filho! — respondeu ele, teimoso.

— Não, não — assegurou Clarisse, sorrindo-lhe de excitação, como numa cena de amor, lábios hirtos de nervosismo.

— Você é! — repetiu o doente, e encarou-a com um olhar que ela não soube classificar. Nada lhe ocorreu como resposta, ela fitava desamparada e amável os olhos do demente que a tomava por um príncipe, e ainda sorria. Dentro dela acontecia algo insólito: formava-se a possibilidade de lhe dar razão. Sob a pressão das repetidas afirmativas dele, alguma coisa nela se desmanchava, ela perdia controle sobre seus pensamentos, formavam-se novas relações, contornos emergindo da névoa; ele não era o primeiro a querer saber quem ela era, e a chamá-la de “senhor”. Mas, enquanto ela, perdida numa estranha relação, fitava aquele rosto de cuja idade nada sabia como não sabia nada dos outros restos da vida livre que ainda estavam ali marcados no rosto e em toda a pessoa, ocorria algo totalmente incompreensível. Era como se o olhar dela fosse pesado demais para os olhos sobre os quais pousava, pois eles começavam a subir e descer. Mas também os lábios começavam movimentos animados, e, como grossas gotas jorrando cada vez mais densas, misturavam-se num grasnado rápido nítidas obscenidades. Clarisse ficou tão atônita com essa transformação como se algo escapasse dela mesma, e involuntariamente fez um movimento com os dois braços, em direção daquele infeliz; e antes que alguém pudesse impedir, também o enfermo saltou em sua direção: jogou longe seu cobertor, ajoelhou-se na beira da cama e manuseou o membro com a mão, como macacos masturbando-se nas jaulas.

— Não faça porcarias! — disse o médico severo, e no mesmo momento os guardas pegaram o homem e os cobertores e transformaram ambos num piscar de olhos numa trouxa imóvel. Mas Clarisse ficara rubra; tão tonta como num elevador quando de repente perdemos a sensação firme debaixo dos pés. De súbito pareceu-lhe que todos os doentes pelos quais já passara gritavam atrás dela, e que outros, que não visitara ainda, gritavam à sua espera. E o acaso quis, ou a força contagiante da excitação, que também o

próximo, um bondoso velhote que fizera piadinhas bem-humoradas para os visitantes quando estavam parados ao lado, saltasse da cama no momento em que Clarisse passava depressa por ele, e começasse a esbravejar palavras insultuosas que formavam uma repulsiva espuma diante de sua boca. Também ele foi agarrado pelos punhos dos guardas, como pesadas prensas que esmagassem qualquer resistência.

Mas o mágico Friedenthal soube intensificar mais ainda o espetáculo que oferecia. Protegidos pelos seus acompanhantes, como na entrada, saíram da sala no outro extremo, e de repente o ouvido pareceu mergulhar num brando silêncio. Estavam num corredor limpo e simpático, forrado de linóleo, e encontraram pessoas com aspecto domingueiro, e lindas crianças, que saudaram o médico cheias de confiança e cortesia. Eram visitantes que esperavam para serem levados até seus parentes, e mais uma vez a impressão de um mundo saudável foi muito estranha; aquelas pessoas de comportamento modesto e educado, em seus melhores trajes, pareciam ao primeiro olhar bonecos ou flores artificiais muito bem-feitas. Mas Friedenthal passou por elas rapidamente e anunciou aos seus amigos que agora os levaria a um grupo de assassinos e loucos que tinham cometido crimes igualmente graves. A cautela e as caras dos acompanhantes, quando chegaram diante de novo portão de ferro, prometiam coisas terríveis. Entraram num pátio fechado, circundado por uma galeria, parecendo um moderno jardim artificial, com muitas pedras e poucas plantas. Como um cubo de silêncio pairava ali no princípio o ar vazio; só algum tempo depois descobriam-se pessoas sentadas mudas junto das paredes. Perto da entrada agachavam-se alguns meninos idiotas, cheios de ranho, sujos e imóveis como se algum grotesco capricho de escultor os tivesse prendido ali junto das colunas do portão. Ao lado deles, junto da parede, e afastado dos outros, sentava-se um homem simples, ainda em trajes escuros de domingo, apenas sem colarinho; devia ter sido trazido há pouco, e, por não pertencer a nenhum lugar, era indizivelmente comovente. Clarisse imaginou de repente a dor que causaria a Walter se o abandonasse, e quase chorou. Pela primeira vez isso lhe acontecia, mas ela o superou depressa, pois os outros pelos quais passava davam apenas a impressão daquele hábito de silêncio que se conhece nas prisões; cumprimentavam tímidos e educados, e apresentavam pequenos pedidos. Só um deles, um rapaz, tornou-se insistente e começou a queixar-se; só Deus sabia de que zonas de esquecimento emergia. Pediu que

o médico o deixasse sair e informasse porque estava ali, e quando este deu uma resposta evasiva, dizendo que não era ele quem decidia isso, mas o diretor, o outro não se resignou; seus pedidos começaram a repetir-se como uma corrente que passasse cada vez mais rápida, e aos poucos o tom de insistência de sua voz tornou-se ameaça, por fim um perigo animal e inconsciente. Quando chegou a esse ponto, os gigantes o empurraram para o banco, e ele rastejou de volta ao seu silêncio, mudo como um cão, sem ter obtido resposta. Clarisse já conhecia isso, e mal o assimilou naquele nervosismo geral que sentia.

Também não teve tempo para outras coisas, pois no extremo do pátio havia outra porta blindada, e os guardas batiam nela. Era algo novo, pois até agora apenas tinham aberto as portas com cautela, mas sem se anunciarem. Naquele portão batiam quatro vezes com o punho, e escutavam a agitação que saía lá de dentro.

— A esse sinal, todos os que estão aí dentro precisam colocar-se de pé junto das paredes — explicou Friedenthal — ou sentar-se nos bancos que ficam ao longo das paredes.

E, com efeito, quando a porta se abriu devagar, centímetro por centímetro, viram que todos os que antes tinham girado em confusão, mudos ou aos guinchos, tinham obedecido como prisioneiros bem treinados. E apesar disso, ao entrar os guardas usavam de tamanha cautela que de repente Clarisse pegou a manga do Dr. Friedenthal e perguntou, excitada, se Moosbrugger estava ali. Friedenthal sacudiu a cabeça, mudo. Não tinha tempo. Pediu rapidamente aos visitantes que ficassem no mínimo a dois passos de cada doente. A responsabilidade por tudo aquilo parecia oprimi-lo. Eram sete contra trinta; num pátio remoto, murado, habitado apenas por loucos, quase todos assassinos. Pessoas habituadas a carregar armas sentem-se mais inseguras sem elas do que outras; por isso, também o general, que deixara sua espada na ante-sala, não mereceu censura ao perguntar ao médico:

— O senhor não usa arma?

— Atenção e experiência! — respondeu o médico Friedenthal, que gostara dessa pergunta lisonjeira. — Tudo depende de abafar qualquer resistência ainda em germe.

E, com efeito, assim que um deles tentava o menor movimento para fora da fila, os guardas se precipitavam sobre ele e o empurravam tão depressa para o lugar, que esses ataques pareciam a única violência por ali. Clarisse não concordou com eles. “O que os médicos talvez não entendam” — disse para si mesma — “é que essas pessoas, encerradas aqui o dia todo sem vigilância, não fazem mal umas às outras; e só para nós, que viemos de um mundo estranho, são perigosas!”

E quis falar com um deles; de repente imaginou que conseguiria entender-se com ele corretamente. Logo perto da porta, num canto, havia um deles, um homem forte de meia estatura, com barba castanha e olhos penetrantes; encostava-se na parede de braços cruzados, calado, fitando com ar irado os movimentos dos visitantes. Clarisse chegou perto dele; mas no mesmo momento o Dr. Friedenthal colocou a mão no braço dela e a deteve.

— Esse aí não — disse a meia voz. Procurou outro assassino para Clarisse e alou com ele. Era baixinho e atarracado, com crânio de prisioneiro, raspado e pontudo, conhecido pelo médico como sendo tratável, pois o homem imediatamente se postou diante dele, rígido, e, respondendo de modo servil, mostrou duas filas de dentes que singularmente lembravam duas fileiras de lápides.

— Pergunte por que ele está aqui — sussurrou o Dr. Friedenthal ao irmão de Clarisse, e Siegmund perguntou ao atarracado cabeça-de-ovo:

— Por que você está aqui?

— Você sabe muito bem! — foi a breve resposta..

— Não sei — disse Siegmund, que não quis desistir logo, com ar meio tolo.

— Me diga, por que está aqui?

— Você sabe muito bem! — foi a repetida resposta, dessa vez com veemência.

Por que é descortês comigo? — perguntou Siegmund. — Eu realmente não sei nada!

“Que mentiras!”, pensou Clarisse e alegrou-se porque o doente respondeu simplesmente:

— Porque eu quero!!! Posso fazer tudo o que quero!!! — repetiu batendo os dentes.

— Mas não se deveria ser mal-educado sem motivo! — repetiu o infeliz Siegmund, a quem também não ocorria muito mais do que ao louco.

Clarisse ficou furiosa com ele, que fazia um papel tolo, como uma pessoa irritando um animal enjaulado num zoológico.

— Não é da sua conta! Eu faço o que quero, entendeu? O que quero! — gritou o demente, como um suboficial, e riu com alguma coisa em seu rosto, mas não eram a boca nem os olhos, ambos cheios de uma raiva sinistra.

Até Ulrich pensou: “Eu não gostaria de estar sozinho agora com esse sujeito.” Siegmund teve dificuldade em manter-se em seu lugar pois o louco se aproximara dele, e Clarisse desejou que ele saltasse ao pescoço do irmão e lhe mordesse a cara. Friedenthal, contente, deixava o incidente desenvolver-se, pois de um colega médico podia exigir alguma coisa, e divertia-se com o constrangimento do outro. Deixou tudo chegar ao auge, com maestria, e só quando o colega não conseguia mais falar, deu sinal para partirem. Mas então Clarisse teve novamente aquele desejo de interferir! De alguma forma esse desejo se tornara cada vez mais intenso com o rufar das respostas, de repente ela não conseguia mais se conter, aproximou-se do doente e disse:

— Eu venho de Viena!

Era tão sem-sentido como qualquer outro som que se extraísse de uma trombeta. Ela nem sabia o que pretendia com aquilo, nem como tivera essa idéia, nem se indagara se o homem sabia em que cidade estava, e, se soubesse, o comentário dela seria totalmente absurdo. Mas sentia grande confiança ao fazer aquilo. E, realmente, às vezes ainda acontecem milagres, embora de preferência em hospícios: quando ela disse isso, parada diante do assassino, incendiada de excitação, de repente passou um brilho no rosto dele; seus dentes de quebrador de pedras recolheram-se sob os lábios, e um ar benevolente cobriu os olhos penetrantes.

— Ah, a dourada Viena! Linda cidade! — disse com a altivez de antigo membro de classe média que sabe falar bem quando convém.

— Parabéns! — disse o Dr. Friedenthal rindo.

Mas para Clarisse aquele encontro fora muito importante.

— E agora, vamos ver o Moosbrugger! — disse Friedenthal.

Mas não o conseguiram fazer. Saíram cautelosamente dos dois pátios, e foram em direção à parte mais alta do parque, até um pavilhão aparentemente afastado, quando de algum lugar chegou correndo um guarda que dava a impressão de os estar procurando há muito tempo. Aproximou-se de Friedenthal e, sussurrando, passou-lhe uma longa mensagem, que, pela cara do médico que por vezes o interrompia com perguntas, devia ser grave e desagradável. Friedenthal voltou para os que aguardavam, com postura séria de quem lamenta muito, e disse que estava sendo chamado por um incidente numa das seções, cujo fim não se podia prever, de modo que infelizmente teria de interromper a visita. Com isso dirigia-se em primeiro lugar respeitosamente ao uniforme de general escondido debaixo do jaleco; mas Stumm von Bordwehr declarou agradecido que já vira o suficiente da ordem e disciplina excelentes da instituição, e que, depois do que tinham ali vivido, um assassino a mais não faria diferença. Clarisse, porém, mostrou um rosto tão decepcionado e perturbado que Friedenthal sugeriu fazerem outro dia a visita a Moosbrugger e mais alguns, e que avisaria Siegmund por telefone assim que pudesse marcar uma data.

— Muito gentil de sua parte — agradeceu o general em nome de todos — mas naturalmente não sei se minhas outras tarefas me permitirão participar.

Com essa restrição, manteve-se o acordo, e Friedenthal enveredou por um caminho que em breve o fez desaparecer do outro lado da colina, enquanto os outros, acompanhados do guarda que o médico deixara com eles, iam em direção da saída. Deixaram o caminho e desceram pelo trajeto mais curto pela encosta tão bela, cheia de plátanos e faias. O general se livrara do jaleco e trazia-o alegremente sobre o braço como um guarda-pó num passeio, mas não conseguiam mais estabelecer um diálogo. Ulrich não mostrava desejos de se deixar prevenir para a noite, e Stumm estava ocupado demais com a volta para casa; só se sentia obrigado a dirigir algumas palavras a Clarisse, a cuja esquerda andava galantemente. Mas Clarisse estava distraída e silenciosa. “Será que afinal sente vergonha por causa daquele porcalhão?”, pensou ele e teve necessidade de esclarecer por que naquelas circunstâncias tão especiais não conseguira defendê-la como cavaleiro; mas, de outro lado, era melhor nem falar no assunto. Assim, o retorno transcorreu silencioso e sombrio.

Só quando entrou em sua carruagem e deixou Ulrich cuidando de Clarisse e seu irmão, o bom humor voltou ao general e, com ele, a idéia que dava certa ordem àquelas experiências opressivas. Ele tirara um cigarro do grande estojo de couro que sempre trazia consigo, e, já refestelado no assento, soprou as primeiras nuvenzinhas azuladas no ar ensolarado. Disse então, confortado:

— Deve ser horrível uma doença mental dessas! No momento é que me ocorre que o tempo todo, enquanto estivemos lá dentro, não vi ninguém fumando! Realmente nem se sabe tudo o que se tem, quando se tem saúde!

34

PREPARA-SE UM GRANDE ACONTECIMENTO. O CONDE LEINSDORF E O INN

Naquele dia movimentado aconteceu uma “grande noitada” na casa dos Tuzzi.

A Ação Paralela desfilava, com brilhos e luzes; olhos brilhavam, jóias brilhavam, nomes brilhavam, o espírito brilhava. Um doente mental poderia concluir eventualmente que os olhos, as jóias, os nomes e o espírito davam no mesmo nessa noitada social: e não estaria totalmente enganado. Quem não andava na Riviera ou nos lagos do Norte da Itália apareceu por lá, exceto uns poucos que, naquele tempo, pelo fim da “estação”, por princípio não acreditavam mais em “acontecimentos”.

Em lugar deles havia ali uma porção de gente que nunca se tinha visto. Uma longa pausa abria lacunas na lista de presenças e para preenchê-las haviam atraído outras pessoas, mais rapidamente do que combinava com os hábitos previdentes de Diotima: o próprio Conde Leinsdorf entregara à amiga uma lista de pessoas que lhe

pediu fossem convidadas por motivos políticos, e depois que a ordem básica de exclusividade de seu salão fora sacrificada a esses motivos mais altos, ela não dera mais tanta importância ao resto como costumeiramente fazia. Aliás, Sua Alteza era a única razão daquele encontro festivo; Diotima pensava que só se podia ajudar à humanidade fazendo-o aos pares. Mas o Conde Leinsdorf insistia em dizer:

— Propriedade e Cultura não cumpriram seu dever na evolução histórica; nós temos de fazer a última tentativa!

E o Conde Leinsdorf sempre voltava ao tema.

— Minha cara — dizia —, a senhora ainda não se decidiu? Está mais do que em tempo. Todo mundo que se possa imaginar aparece com tendências

destrutivas; temos de dar à cultura a última oportunidade de mantê-las equilibradas. — Mas Diotima, distraída pela multiplicidade de formas de acasalamento do ser humano, esquecia o resto.

Por fim, o Conde Leinsdorf a exortou:

— Olhe, minha cara, não estou acostumado a vê-la assim. Agora demos a todo mundo a ordem de ação; de minha parte, posso confiar-lhe isso, consegui que o Ministro do Interior renunciasse; ordens de cima, bem de cima! Mas na verdade era um escândalo e ninguém tinha coragem de pôr fim nisso! Portanto, confio-lhe esse fato — prosseguiu ele —, e agora o Primeiro-Ministro pediu que nós mesmos nos ocupássemos mais intensamente da enquete para constatação dos desejos dos círculos interessados da população quanto à reforma da administração interna, porque o novo ministro ainda não está muito a par das coisas: e logo agora a senhora quer me abandonar, a senhora que sempre foi a mais firme? Nós *temos* de dar à Propriedade e à Cultura uma última chance! Sabe: será assim, ou... assado!

Essa frase final um tanto incompleta foi dita de modo tão ameaçador que não se podia deixar de perceber que ele sabia o que queria, e Diotima prometeu solícita que se apressaria; mas depois esqueceu tudo de novo, e não fez nada.

Então, certo dia o Conde Leinsdorf foi dominado pelo seu dinamismo e apareceu na casa dela, impulsionado por quarenta cavalos-vapor.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou, e Diotima teve de negar.

— Conhece o Inn, minha cara? — perguntou. Naturalmente Diotima conhecia esse rio, depois do Danúbio o mais famoso de todos, muito mencionado na geografia e história da pátria. Olhou seu visitante, perplexa, embora se esforçasse por sorrir.

Mas o Conde Leinsdorf estava mortalmente sério.

— Excetuando Innsbruck — disse ele —, que ridículos buracos há naquele vale do Inn, e que rio imponente ele é aqui em nossa região! Eu próprio nunca pensei nisso! — Ele sacudiu a cabeça. — Hoje vi por acaso um mapa rodoviário — explicou por fim —, e notei que o Inn vem da Suíça. Provavelmente já sabia disso; todos sabemos mas nunca pensamos no caso.

Ele nasce em Maloja, um riachinho ridículo, eu mesmo o vi por lá; assim como, por aqui, o Kamp ou o Morava. Mas o que os suíços fizeram dele? O Engadin! O Engadin mundialmente famoso! O Engad-Inn, minha cara!! Acaso pensou nisso, que todo o Engadin vem da palavra Inn? Hoje me ocorreu isso: e nós, com nossa insuportável modéstia austríaca, naturalmente nunca damos importância ao que nos pertence!

Depois dessa conversa, Diotima convocou apressadamente a desejada reunião, porque reconhecia que tinha de ajudar Sua Alteza, em parte por medo de levar seu nobre amigo a excessos, se continuasse negando-se.

Mas quando lhe prometeu isso, Leinsdorf disse:

— E eu lhe peço, minha cara, desta vez não esqueça de também convidar a..., ora, a X, a quem chama de “Drangsal”; sua amiga, a Wayden, há semanas não me deixa em paz por causa dessa criatura!

Diotima prometeu também isso, embora em outros tempos tivesse considerado a tolerância com sua concorrente um crime contra o dever para com a pátria.

PREPARA-SE UM GRANDE ACONTECIMENTO. CONSELHEIRO
MESERITSCHER

Quando as salas estavam repletas dos raios da iluminação festiva e da sociedade ali reunida, notou-se não apenas a presença de Sua Alteza ao lado de outros expoentes da aristocracia cuja vinda fora responsabilidade sua, como também Sua Excelência o Ministro da Guerra, e, em seu séquito, da cabeça intelectualizada, um pouco fatigada, do General Stumm von Bordwehr. Notou-se a presença de Paul Arnheim. (Simples e com mais efeito ainda sem título algum. “Se” pensara expressamente nisso. Chama-se isso de litotes, simplicidade artificial da expressão, quando, por assim dizer, se arranca um nada do próprio corpo, como o rei retira o anel do dedo e o enfia no de outra pessoa.) Depois notou-se a presença de todas as pessoas importantes dos ministérios (o Ministro da Educação e Cultura se desculpava pessoalmente junto a Sua Alteza no Senado, porque no mesmo dia tinha de ir à inauguração de uma grande grade de altar em Linz.) Depois, notou-se que os embaixadores e representantes estrangeiros tinham enviado uma “elite”. Depois, nomes conhecidos da “indústria, arte e ciência”, e uma antiga alegoria de trabalho pairava nessa invariável junção de três atividades burguesas, impondo-se por si mesma à pena que escrevia. Depois, essa pena ágil tomou nota das damas: bege, rosa, cereja, creme... bordado e tramado, três drapeados ou caindo abaixo da cintura; e entre a Condessa Adlitz e a Sra. Conselheiro Comercial Weghuber, nomeou-se a conhecida senhora Melanie Drangsal, viúva do mundialmente famoso cirurgião, “ela própria acostumada a abrigar amavelmente em seus salões a nata do espírito”. Por fim, isolado no fim dessa seção, apareceu Ulrich de Tal, com sua irmã, pois “se” hesitara em escrever: “cuja altruística atividade a serviço do empreendimento altamente espiritual e patriótico é conhecida” ou até: “um *coming man*”. Há tempos ouvia-se dizer que muitos suspeitavam que esse favorito do Conde Leinsdorf ainda poderia vir a

induzir seu protetor a algum ato completamente irrefletido, e era grande a tentação de saber-se iniciado nesse segredo em tempo. Mas a maior satisfação de quem sabe das coisas sempre foi o silêncio, especialmente se tratar-se de pessoa cautelosa; e a isso Ulrich e Ágata deviam que seus nomes tivessem sido acrescentados imediatamente antes daqueles expoentes da sociedade e do espírito que já não eram mais nomeados pessoalmente mas se destinavam à vala comum do “todos os que gozam de nome e posição”. Ali entrava muita gente, incluindo o conhecido professor de Direito Penal, Conselheiro Professor Schwung, que estava provisoriamente na capital como participante de uma enquete ministerial. E ainda uma vez o jovem poeta Friedel Feuermaul, pois embora fosse sabido que seu espírito ajudara a concretizar aquela noite, era necessário ter severamente em vista que isso nem de longe lhe conferia valor mais sólido, como o que se liga a vestuário e títulos. Gente como o diretor de banco Leo Fischel com família — que tinham conseguido acesso a Diotima depois de grandes esforços, por insistência de Gerda, e sem incomodar Ulrich, graças, portanto, à negligência momentânea — foram relegados ao mero canto do olho. E só a esposa de um conhecido jurista — embora, para essa sociedade, ainda se encontrasse abaixo do limite de percepção — com seu nome secreto de Bonadéia, que nem o “se” conhecia, foi depois desenterrada e posta entre as toaletes, porque sua aparição chamou atenção de todos, causando admiração. Esse “se”, a curiosidade vigilante da opinião pública, naturalmente era uma pessoa; de hábito são muitas, na metrópole da Kakânia, porém, naquele tempo uma superava todas as outras, e era o Conselheiro de Governo Meseritscher.

Nascido em Meseritsch da Valaquia, de onde seu nome conservava traços, esse editor, redator-chefe e repórter principal da *Correspondência Parlamentar e Social* (nos anos sessenta do século passado) chegara à cidade ainda jovem, renunciando à possibilidade de assumir a taverna paterna de Meseritsch da Valaquia em troca da profissão de jornalista, atraído pelo brilho do liberalismo então em seu auge. E, em breve, também ele já tinha dado sua contribuição para aquela era, fundando uma agência que começara com o envio aos jornais de pequenas notícias locais de caráter policial. Essa forma originária de sua correspondência conseguiu, graças à aplicação, confiabilidade e escrúpulo de seu dono, não apenas a aprovação dos jornais e da polícia, mas em breve foi notada por outras altas

autoridades, para a publicação de notícias desejáveis pelas quais não se queriam responsabilizar pessoalmente, e passaram finalmente a privilegiá-la e fornecer-lhe material, até que ela assumiu uma posição ímpar no terreno das notícias não-oficiais, mas nascidas de fontes oficiais. Homem cheio de dinamismo e incansável espírito de trabalho, vendo evoluir assim o seu sucesso, Meseritscher ampliara sua atividade para as notícias da Corte e sociedade; provavelmente nem teria vindo de Meseritsch para a capital se não tivesse sonhado com isso o tempo todo. Listas de presença impecáveis eram sua especialidade. Sua memória para pessoas e o que se contava delas era incomum, e nos salões lhe conferia logo as mesmas prerrogativas que no mundo criminal. Ele conhecia o grande mundo melhor que este se conhecia a si mesmo, e com inesgotável amor conseguia fazer as pessoas que se encontravam numa reunião conhecerem umas às outras no dia seguinte, como um velho cavalheiro a quem há anos se confiou todos os planos de casamento e assuntos de alfaiataria. Assim, em festas e comemorações o obstinado, ágil, sempre prestativo e agradável pequeno senhor era uma figura conhecida na cidade, e nos anos mais avançados de sua vida essas reuniões só eram valorizadas realmente pela sua presença.

Esse curso de vida atingira seu auge quando Meseritscher fora nomeado Conselheiro do Governo, pois nesse título havia uma singularidade: a Kakânia era o país mais pacífico do mundo, mas em algum momento, na profunda inocência de suas convicções de que não haveria mais guerras, nascera a idéia de dividir seus funcionários em classes hierárquicas correspondentes às de oficiais, e até lhes concederam uniformes e insígnias correspondentes. O posto de Conselheiro de Governo correspondia desde então ao de um tenente-coronel imperial e real; mas embora não fosse em si um alto posto, sua singularidade, quando foi conferido a Meseritscher, constava em que, segundo uma tradição inviolável que, como tudo que é inviolável, só por exceção era violado na Kakânia, ele deveria ter sido Conselheiro Imperial. Pois

Conselheiro Imperial não era, como se pode julgar pelo sentido das palavras, mais do que Conselheiro de Governo, e sim, menos; Conselheiro Imperial correspondia apenas ao posto de capitão. E Meseritscher deveria ter-se tomado Conselheiro Imperial, pois esse título, além de a funcionários da Chancelaria, só poderia ser conferido a profissionais liberais, portanto

cabeleireiros da Corte ou fabricantes de carruagens, mas, pelo mesmo motivo, também a escritores e artistas; enquanto que Conselheiro de Governo era um verdadeiro título de funcionário. Portanto, no fato de que Meseritscher o recebesse, como primeiro e único, expressava-se mais do que apenas o valor do título, mais do que o convite diário de não levar demasiadamente a sério o que acontecia no país: pelo título injustificado, o incansável cronista via confirmada de maneira fina e discreta sua estreita ligação com Corte, Estado e Sociedade.

Meseritscher tivera efeito exemplar sobre muitos jornalistas de seu tempo e era membro da diretoria de importantes associações de escritores. Havia ainda a lenda de que mandara fazer para si um uniforme com colarinho dourado, mas que só o usava em casa, algumas vezes. Mas não devia ser verdade, pois no fundo de seu ser Meseritscher sempre guardara lembranças da taverna de Meseritsch, e um bom taverneiro não bebe: um bom taverneiro também conhece os segredos de todos os seus fregueses mas não faz uso de tudo o que sabe; jamais se imiscui na discussão com sua opinião própria, mas conta e observa com satisfação tudo o que é fato, anedota ou piada. Assim, Meseritscher, a quem se encontrava em todas as festas como reconhecido noticiador de belas mulheres e nobres homens, jamais tivera a tentação de usar um bom alfaiate; conhecia todos os segredos de bastidores da política e não praticava política com uma só frase; sabia de todas as invenções e descobertas de seu tempo, e não entendia nenhuma delas. Bastava-lhe saber que tudo isso existia. Ele amava honestamente seu tempo, e este lhe correspondia com certo amor porque ele falava a seu respeito diariamente, afirmando sua existência.

Quando ele entrou e Diotima o percebeu, ela acenou chamando-o imediatamente.

— Caro Meseritscher — disse, do modo mais amável possível —, o senhor não há de ter considerado o discurso de Sua Alteza no Senado como expressão de nos sas idéias, nem o levou ao pé da letra!

Irritado por suas preocupações, Sua Alteza fizera um discurso muito comentado no Senado, por ocasião da queda do Ministro, não apenas acusando a vítima de ter omitido o verdadeiro espírito de solicitude e

severidade, mas deixando também que seu fervor o levasse a tecer considerações gerais que, de modo inexplicável, culminaram numa valorização da importância da imprensa em que a censurava, como “instituição que se arvorava de grande potência”, por mais ou menos tudo de que um homem de pensamento cavalheiresco, independente, imparcial e cristão pode acusar uma instituição que, na sua opinião, difere totalmente dele. Era isso que Diotima procurava consertar diplomaticamente, e enquanto encontrava palavras cada vez mais difíceis e belas para a verdadeira intenção do Conde Leinsdorf, Meseritscher ia escutando sempre mais pensativo. Mas, de repente, pôs a mão no braço dela e cortou-lhe generosamente a palavra:

— Digníssima senhora, por que ainda vai se preocupar com isso? — disse.
— Sua Alteza é nosso bom amigo. Ele exagerou muito: por que não faria isso, sendo cavalheiro? — E para provar imediatamente que não lhe queria mal, acrescentou: — Vou conversar com ele agora!

Assim era Meseritscher! Mas, antes de se pôr a caminho, ainda se dirigiu mais uma vez familiarmente a Diotima.

— E o que há afinal com Feuermaul, digníssima? Diotima ergueu os belos ombros, sorrindo.

— Realmente nada de especial, caro conselheiro. Não queremos que digam que rejeitamos quem se aproxima de nós com boa vontade!

“Boa vontade, é boa essa!”, pensou Meseritscher a caminho do Conde Leinsdorf; mas antes de chegar até ele, antes até de concluir seu pensamento, cujo final ele próprio bem gostaria de ter sabido, o dono da casa se postou amavelmente em seu caminho:

— Caro Meseritscher, as fontes oficiais fracassaram mais uma vez — começou o subsecretário Tuzzi sorrindo. — Por isso me dirijo à fonte semi-oficial. Pode me dizer alguma coisa sobre Feuermaul, que está aqui conosco hoje?

— O que poderia dizer, subsecretário? — queixou-se Meseritscher.

— Dizem que ele é um gênio.

— Agrada-me ouvir isso! — respondeu Meseritscher.

Quando se quer noticiar rápida e seguramente o que há de novo, esse novo não deve ser diferente demais do antigo que já se conhecia. Também o gênio não é exceção, isto é, o verdadeiro e reconhecido, com cuja importância seu tempo rapidamente concorda. Diferentemente acontece com o gênio que não é logo tomado por tal por todo mundo! Este tem, por assim dizer, algo de muito pouco genial, mas nem mesmo isso é exclusividade sua, de modo que podemos nos enganar a seu respeito. O Conselheiro Meseritscher tinha um contingente fixo de gênios, que tratava com amor e atenção, mas não gostava de novas admissões. Quanto mais velho e experiente se tornava, tanto mais se formara nele o costume de considerar novos gênios artísticos, especialmente no campo da literatura que lhe era profissionalmente mais chegado, como levianas perturbações de sua tarefa de noticiar. E, com seu bondoso coração, odiava-os até eles estarem maduros para a rubrica das notícias pessoais. Mas Feuermaul naquele tempo estava longe disso e devia ser levado até lá, coisa com que o Conselheiro Meseritscher não concordava.

— Dizem que é um grande poeta! — repetiu o subsecretário Tuzzi inseguro, e Meseritscher retrucou com firmeza:

— Quem diz isso? Os críticos da página literária! O que importa isso, secretário? — prosseguiu. — Os entendidos dizem isso. O que são os entendidos? Alguns dizem o contrário. E temos exemplo de entendidos que hoje dizem isso, amanhã aquilo. Aliás, que importância eles têm? O que é realmente glória há de ter chegado aos ouvidos dos não-entendidos, só então é verdadeira! Se quer saber o que penso: de um homem importante, não se deve saber o que faz, a não ser que ele chega e parte de novo!

Ele se inflamara, tristemente, e seus olhos prendiam-se ao subsecretário Tuzzi. Este calou-se, desistindo do assunto.

— Afinal, o que está acontecendo aqui hoje, secretário? — perguntou Meseritscher. Tuzzi encolheu os ombros, sorrindo distraído.

— Nada. Na verdade, nada. Um pouco de vaidade. Já leu um livro do Feuermaul?

— Sei o que ele diz: paz, amizade, bondade e coisas assim.

— Então não o julga grande coisa — disse Tuzzi.

— Deus do Céu! — começou Meseritscher retorcendo-se. — Sou acaso um

entendido?

— Mas nesse momento a Sra. Drangsal precipitava-se na direção de ambos, e Tuzzi teve de dar alguns passos até ela, educadamente; Meseritscher, que percebeu uma brecha no círculo que rodeava o Conde Leinsdorf, aproveitou o momento, tomou uma rápida decisão, e sem se deixar interromper mais uma vez ancorou ao lado de Sua Alteza. O Conde Leinsdorf falava com o Ministro e alguns outros senhores, mas virou-se um pouco assim que o Conselheiro cumprimentara a todos, e puxou-o um pouco para o lado.

— Meseritscher — disse Sua Alteza com veemência —, prometa-me que não haverá mal-entendidos, os senhores da imprensa nunca sabem o que devem escrever. Portanto: nada mudou na situação desde a última vez. Talvez alguma coisa ainda mude. Não sabemos. Não devemos ser perturbados de antemão. Portanto, peço, mesmo que algum dos colegas o interrogue, toda a noite de hoje é apenas um assunto doméstico da esposa do subsecretário Tuzzi!

As pálpebras de Meseritscher confirmaram, lentas e preocupadas, que ele entendera a disposição estratégica dada. E como uma confiança vale outra, umedeceu os lábios com o brilho que deveria estar nos olhos, e perguntou:

— E Feuermul, Alteza, se posso saber?

— Por que não poderia? — respondeu o Conde Leinsdorf espantado. — Não há nada com o Feuermul! Ele foi convidado porque a Baronesa Wayden não nos deixou em paz. O que mais poderia haver? Sabe de alguma coisa?

O Conselheiro Meseritscher até ali não quisera dar importância ao assunto Feuermul, antes o considerara uma dessas muitas rivalidades sociais de que ficava sabendo diariamente. Mas como o Conde Leinsdorf também negasse tão energicamente qualquer importância ao assunto, não podia mais pensar assim, e ficou convencido de que se preparava algo de importante. “O que poderão estar planejando?”, pensava enquanto seguia andando, e deixou passar em sua mente as mais ousadas possibilidades de política interna e externa. Algum tempo depois, porém, pensou decidido: “Não há de ser nada!”, e não se deixou mais desviar de sua atividade de repórter. Pois, por mais que parecesse contradizer sua vida: Meseritscher não acreditava em grandes acontecimentos, não gostava deles. Quando estamos convencidos de que vivemos num tempo muito importante, belo e grandioso, não suportamos a idéia de que possa acontecer nele ainda algo de

especialmente importante, belo e grandioso. Meseritscher não era um alpinista, mas, se fosse, teria dito que isso era tão correto quanto o fato de que se colocam torres de belvederes nas montanhas médias, nunca nos cumes mais altos. Como lhe faltassem essas comparações, contentou-se com certo desconforto e o propósito de, em caso algum, mencionar Feuermaul em suas notícias.

PREPARA-SE UM GRANDE ACONTECIMENTO. E ENCONTRAMOS
CONHECIDOS

Ulrich, que estivera parado ao lado da prima enquanto ela falava com Meseritscher, perguntou-lhe quando ficaram a sós por um momento:

— Infelizmente cheguei tarde: como foi o primeiro encontro com a Drangsal? Diotima ergueu os pesados cílios para lançar-lhe um único olhar fatigado e

baixou-os de novo.

— Naturalmente, encantador — disse. — Ela me procurou. Vamos combinar alguma coisa hoje. É tudo tão indiferente!

— Está vendo! — disse Ulrich. Soava como nas antigas conversas; como se quisesse colocar-lhes um ponto final.

Diotima virou a cabeça para o lado e encarou o primo, interrogativa.

— Eu já lhe disse isso antes. Tudo está quase terminado e não aconteceu — afirmou Ulrich. Tinha necessidade de falar; quando chegara em casa de tarde, Ágata estivera lá e logo saíra de novo; tinham trocado apenas umas breves palavras antes de virem até a casa de Diotima; Ágata chamara a mulher do jardineiro, vestindo-se com ajuda dela. — Eu a preveni! — disse Ulrich.

— Preveniu de quê? — perguntou Diotima lentamente.

— Ah, não sei. De tudo!

Era a verdade, ele mesmo não sabia mais. Das idéias dela, de sua ambição, da Ação Paralela, do amor, do espírito, do Ano Mundial, de negócios, de seu salão, de suas paixões; da sensibilidade e daquele negligente deixar-correr, da desmesura e da correção, do adultério e do casamento; não havia nada de que não a tivesse prevenido. “Enfim, é assim que ela é!”, pensou. Achava ridículo tudo que ela fazia, mas era tão bonita que se tornava triste.

— Eu a preveni — repetiu. — Dizem que agora a senhora só se interessa

por questões de sexologia!

Diotima ignorou isso.

— Acha que esse favorito da Drangsal tem talento? — indagou.

— Claro — disse Ulrich. — Talentoso, jovem, inacabado. Seu sucesso e aquela mulher darão cabo dele. Aqui já estragam os bebês porque lhes dizem que são fabulosas criaturas instintivas, que só podem perder com a evolução intelectual. Às vezes ele tem boas idéias, mas não pode passar dez minutos sem dizer alguma bobagem. — Ele aproximou-se do ouvido de Diotima. — Conhece bem a mulher?

Diotima balançou a cabeça quase imperceptivelmente.

— É de uma ambição perigosa — disse Ulrich. — Mas deve interessá-la por seus novos estudos. Onde as belas mulheres antigamente tinham uma folha de figueira, ela tem uma folha de louro! Odeio esse tipo de mulheres!

Diotima não riu, nem sorriu; apenas entregava o ouvido ao “primo”.

— E o que pensa dele como homem? — perguntou ele.

— Triste — sussurrou Diotima. — Como um cordeirinho que engordou prematuramente.

— Por que não? A beleza do homem é apenas um sinal sexual secundário — disse Ulrich. — Primariamente excitante nele é a esperança de sucesso. Feuermaul

será uma figura internacional em dez anos; as relações da Drangsal cuidarão disso, e depois ela se casará com ele. Se a fama dele permanecer, será um casamento feliz. Diotima refletiu e corrigiu, gravemente:

— A felicidade do casamento depende de condições que não sabemos julgar sem um trabalho disciplinado em nós mesmos!

Depois, deixou-o ali como um navio altivo deixa o cais em que se encostara. Suas tarefas de dona de casa a levavam, e ela balançava imperceptivelmente a cabeça sem o encarar enquanto os cordames se soltavam. Mas não o fazia por mal; ao contrário, a voz de Ulrich lhe parecera uma antiga música da juventude. Até se perguntou, silenciosa, que resultados teria uma análise amorosa científica da sua pessoa. Singularmente, até ali não ligara a ele suas pesquisas intensas nesse terreno.

Ulrich ergueu os olhos, e, por uma brecha naquela agitação social, uma

espécie de canal ótico ao qual talvez já o olho de Diotima tivesse seguido antes de deixar seu lugar, ele viu, na outra sala, Paul Arnheim conversando com Feuermaul, e a Sra. Drangsal, satisfeita, parada ao lado. Ela reunira os dois homens. Arnheim levantava a mão com o charuto, parecia um inconsciente gesto de rejeição, mas sorria muito amavelmente; Feuermaul falava com vivacidade, segurava seu charuto com dois dedos e entre as frases sugava-o com a avidez de um bezerro que empurra o focinho contra o úbere da mãe. Ulrich podia imaginar o que falavam, mas não se esforçou por fazê-lo. Ficou ali parado, feliz e sozinho, e seus olhos procuraram a irmã. Descobriu-a num grupo com homens bastante desconhecidos, e um calafrio perpassou sua distração. Então, Stumm von Bord wehr lhe meteu a ponta de um dedo mansamente entre as costelas, e no mesmo momento aproximou-se, do outro lado, o Professor Schwung, mas foi detido a poucos passos por um colega da capital.

— Até que enfim o encontro! — sussurrou o general, aliviado. — O Ministro quer saber o que são “imagens diretivas”.

— Como assim, imagens diretivas?

— Como não sei. O que são imagens diretivas? Ulrich definiu:

— Verdades eternas que não são nem verdadeiras nem eternas mas valem por algum tempo, para que esse tempo possa se orientar segundo algum modelo. É uma expressão filosófica e sociológica, e é usada raramente.

— Ah, então está certo — disse o general. — Arnheim afirmou: a doutrina de que o ser humano é bom é apenas uma imagem diretiva. O Feuermaul respondeu que não sabia o que eram imagens diretivas, mas que o ser humano é bom e isso é uma verdade eterna! Em seguida, o Leinsdorf disse: “Está correto. Na verdade nem há pessoas más, pois ninguém pode querer o mal; há apenas pessoas transviadas. As pessoas hoje são nervosas porque em tempos como os atuais há tanta gente que duvida de tudo e não acredita em nada de sólido!” Eu imaginei que ele devia ter estado conosco esta tarde! Mas, na verdade, ele também acha que as pessoas que não querem reconhecer as coisas deviam ser forçadas. E agora o Ministro quer saber o que são imagens diretivas. Vou só falar depressa com ele, depois volto. Você fica parado aqui algum tempo, para que eu o encontre de novo?

Preciso falar ainda um assunto urgente com você, e depois levá-lo até o Ministro!

Antes que Ulrich pudesse pedir alguma explicação, Tuzzi enfiou a mão no seu braço, dizendo ao passar:

— Faz tempo que não o vemos por aqui! — prosseguiu: — Recorda-se de que eu lhe predisse que teríamos de lidar com uma invasão de pacifismo? — Também encarou amavelmente o general, mas Stumm tinha pressa e apenas respondeu que, como oficial, tinha outra imagem diretiva, mas que não tinha nada contra uma convicção honrada... o resto da frase sumiu com ele, pois sempre se aborrecia com Tuzzi, e isso não favorece a elaboração de idéias.

O subsecretário piscou alegremente às costas do general e virou-se outra vez para o “primo”.

— A questão das jazidas de petróleo naturalmente é apenas um duelo de brincadeira — disse.

Ulrich encarou-o espantado.

— Então ainda não sabe nada sobre a questão dessas jazidas? — perguntou Tuzzi.

— Sim — respondeu Ulrich. — Apenas me admirei ao ver que você sabe.

— E, para não ser descortês, acrescentou: — Conseguiu esconder tudo perfeitamente!

— Há muito tempo sei de tudo — explicou Tuzzi, lisonjeado. —, Que esse Feuermul esteja aqui em casa hoje naturalmente foi coisa de Arnheim através de Leinsdorf. Aliás, você leu seus livros?

Ulrich confirmou.

— Um pacifista de ferro! — disse Tuzzi. — E a Drangsal, como minha mulher a chama, cuida dele com tamanho zelo materno que andará sobre cadáveres em favor do pacifismo se for preciso, embora não se interesse por isso, e só por artistas!

— Tuzzi refletiu um pouco, depois revelou a Ulrich: — O pacifismo naturalmente é o principal, as jazidas são só uma manobra de distração; por isso, mandam o Feuermul à frente com seu pacifismo, pois todo mundo pensará: “Ah, olhe a manobra de distração!”, e acreditará que, no fundo, se

trata das jazidas de petróleo! Excelente, mas inteligente demais para não ser notado. Pois se o Arnheim obtiver as jazidas e um contrato de fornecimento com o erário militar, naturalmente teremos de proteger a fronteira. Também precisamos construir no Adriático pontos de abastecimento para a Marinha, e inquietar a Itália. Mas se irritarmos nossos vizinhos dessa maneira, naturalmente a necessidade de paz crescerá, como a propaganda de paz, e se então o czar aparecer com alguma idéia sobre a paz eterna, encontrará o solo psicologicamente preparado. É isso que o Arnheim quer!

— E o senhor tem algo contra?

— Naturalmente não temos nada contra isso — disse Tuzzi. — Mas talvez se recorde de que eu já lhe expliquei uma vez que não há nada mais perigoso do que paz a qualquer preço. Temos de nos proteger contra o diletantismo!

— Mas Arnheim dedica-se à indústria de armamentos! — respondeu Ulrich sorrindo.

— Claro que sim! — sussurrou Tuzzi um pouco irritado. — Por amor de Deus, não pense de modo tão simplificado sobre essas coisas! Ele obtém seu contrato. E quando muito, também os vizinhos estarão se armando. Verá: no momento decisivo, ele vai se revelar pacifista! Pacifismo é um negócio de armas duradouro e certo, enquanto a guerra é um risco!

— Acho que o partido militar não tem tão más intenções — interveio Ulrich.

— Ele apenas gostaria de facilitar o armamento da artilharia através desse negócio com Arnheim, nada mais. E afinal, hoje em dia o mundo inteiro se arma apenas para a paz; portanto, provavelmente pensa que é meramente uma postura correta tentar fazer isso com ajuda dos amigos da paz!

— Mas como é que os cavalheiros imaginam a execução desse plano? — pesquisou Tuzzi, sem entrar na brincadeira.

— Acho que ainda nem chegamos a esse ponto. Penso que, por enquanto, eles estão apenas tomando posições.

— Claro! — reforçou Tuzzi aborrecido, como se não esperasse outra coisa.

— Os militares não devem pensar senão na guerra, e, no resto, dirigir-se aos departamentos competentes. Mas antes de fazerem isso, eles preferem colocar o mundo inteiro em perigo, com seu diletantismo. Repito: nada é

mais perigoso para a diplomacia do que falar de paz sem conhecimento de causa! Sempre que a necessidade disso atinge certo clímax e não se consegue mais controlar, rebenta uma guerra! Posso provar-lhe isso com documentos!

Nesse momento, o Conselheiro Professor Schwung se livrara de seu colega e utilizou Ulrich para ser apresentado ao dono da casa. Ulrich consentiu, observando que se podia dizer que o famoso erudito condenava o pacifismo, no campo do Direito Penal, como o poderoso subsecretário o condenava no campo político.

— Mas por amor de Deus — defendeu-se Tuzzi, rindo — o senhor me entendeu mal!

— E também Schwung, depois de esperar um momento para assegurar-se da situação, concordou comentando que de modo algum queria ver suas idéias sobre a responsabilidade reduzida como desumanas e sanguinárias.

— Ao contrário! — exclamou como velho ator de cátedra, abrindo a voz em lugar de abrir os braços. — Exatamente a pacificação do ser humano nos leva a certa severidade! Posso pressupor que o senhor subsecretário tenha ouvido algo sobre meus atuais esforços nesse sentido? — Agora, ele se dirigia diretamente a Tuzzi, que nada sabia sobre a disputa para determinar se a responsabilidade reduzida de um criminoso doente se fundamenta apenas nas idéias dele ou na vontade dele, mas por isso mesmo concordou cortesmente com tudo. Schwung, muito contente com o efeito que produzira, começou a elogiar a impressão que lhe provocava uma concepção séria de vida, da qual era testemunha nessa noite, e contou que, ouvindo conversas aqui e ali, escutara muitas vezes os termos “severidade viril” e “saúde moral”.

— Nossa cultura está empestada de pessoas inferiorizadas, moralmente imbecis — acrescentou por seu turno, indagando: — Mas afinal, qual é o motivo desta reunião? Passando por diversos grupos escutei muitas vezes pontos de vista rousseaunianos sobre a inata bondade do ser humano.

Tuzzi, a quem se dirigia essa pergunta, calou-se sorrindo, mas nisso o general voltou para junto de Ulrich, e este, desejando fugir, apresentou-lhe Schwung, designando-o como o homem mais indicado para dar uma resposta, isso, entre todos os presentes. Stumm von Bordwehr defendeu-se

vivamente, mas Schwung, e também Tuzzi, não o largaram; e Ulrich já rejubilava, recuando uns primeiros passos, quando um velho conhecido o segurou dizendo:

— Minha mulher e minha filha também estão aqui. — Era o diretor de banco Leo Fischel.

— Hans Sepp realizou os exames de estado — contou. — O que me diz disso? Agora, basta-lhe um exame para ser doutor! Estamos todos sentados ali no canto — ele apontou para a sala mais afastada. — Conhecemos muito pouca gente aqui. Aliás, há muito tempo o senhor não nos visita! Foi pelo seu pai, não foi?

Hans Sepp nos conseguiu o convite para esta noite, minha mulher fazia questão: afinal, o rapaz não é tão mau assim. Gerda e ele ficaram noivos, meio oficialmente. Ainda não sabe disso, sabe? Mas, veja, a Gerda, essa menina, nem ao menos sabe se o ama ou se apenas meteu isso na cabeça. Venha um pouco até o nosso canto.

— Vou mais tarde — prometeu Ulrich.

— Sim, venha! — repetiu Fischel e ficou calado. Depois sussurrou: — Aquele é o dono da casa? Não quer me apresentar a ele? Ainda não tivemos oportunidade. Não conhecemos nem a ele nem a ela.

Quando Ulrich se preparava para fazer isso, Fischel o segurou:

— E o grande filósofo? O que anda fazendo? — perguntou. — Minha mulher e Gerda naturalmente estão apaixonadas por ele. Mas e as jazidas de petróleo? Agora dizem que foi um boato falso: não acredito nisso! Sempre se desmentem as coisas! Sabe, é assim: quando minha mulher se aborrece com uma empregada, diz que ela mente, que é imoral, insolente: por assim dizer, tudo defeitos de alma. Mas se secretamente pago mais à moça para ter sossego, de repente sua alma some! Nem se fala mais da alma dela, tudo fica em ordem, minha mulher nem sabe por quê. Não é assim? Não é mesmo? As jazidas são plausíveis demais do ponto de vista comercial, para se poder acreditar nos desmentidos.

E como Ulrich ficasse calado, mas Fischel quisesse voltar para junto da mulher no papel de quem sabe de tudo, recomeçou:

— É preciso admitir que é bonito aqui. Mas minha mulher gostaria de saber

por que sé falam coisas tão estranhas, e quem é afinal esse tal Feuermahl? — acrescentou depressa. — Gerda diz que é um grande poeta; Hans Sepp diz que ele é apenas um arrivista que engana todo mundo!

Ulrich disse que a verdade deveria estar mais ou menos no meio.

— Boas palavras! — agradeceu Fischel. — A verdade está sempre no meio, e hoje em dia todos esquecem isso, pois todo mundo é extremista! Eu sempre digo ao Hans Sepp: todos podem ter seus pontos de vista, mas duradouros são apenas aqueles com que se ganha alguma coisa, porque isso prova que eles também iluminam outras pessoas! — Algo de importante mudara imperceptivelmente em Leo Fischel, mas infelizmente Ulrich não pesquisou para ver o que era, apenas apressando-se em passar o pai de Gerda aos demais membros do grupo do subsecretário Tuzzi.

Lá, entretentes, Stumm von Bordwehr tomara a palavra, pois não conseguia agarrar Ulrich, e estava dominado por tamanha vontade de desabafar, que o fez pelo caminho mais direto.

— Como se explica a noite de hoje? — exclamou, repetindo a pergunta do Conselheiro Schwung. — Eu gostaria, por assim dizer, de afirmar muito bem ponderado: é melhor não a explicar! Não é piada, meus senhores — declarou, não sem modesto orgulho. — Esta tarde, perguntei por acaso num diálogo a uma jovem dama a quem tive de mostrar a clínica psiquiátrica de nossa Universidade, o que pretendia por lá, para que lhe pudéssemos explicar tudo direito, e ela me deu uma resposta cheia de espírito, que me levou a pensar muito. Ela disse: “Se quisermos explicar todas as coisas, o ser humano jamais mudará nada no mundo!”

Schwung desaprovou essa afirmação balançando a cabeça.

— Não sei o que ela queria dizer — defendeu-se Stumm —, e não quero me identificar com isso, mas sente-se que há alguma verdade! Veja, eu, por exemplo, devo ao meu amigo, que muitas vezes aconselhou Sua Alteza e portanto a Ação — apontou cortesmente para Ulrich — muitos ensinamentos; mas o que se elabora aqui esta noite é uma certa rejeição de ensinamentos. E volto assim ao que afirmei no começo!

— Mas — disse Tuzzi — o senhor pretende, quero dizer, dizem que os senhores do Ministério da Guerra querem hoje provocar uma decisão

patriótica: uma coleta de dinheiro público ou coisa parecida, para rearmar a artilharia. Naturalmente isso deverá ter apenas valor de demonstração, para pressionar o Parlamento através da vontade pública.

— É assim que também eu interpreto muita coisa que escutei esta noite! — reforçou o Conselheiro Schwung.

— É tudo bem mais complicado, senhor subsecretário! — disse o general.

— E o Doutor Arnheim? — perguntou Tuzzi sem nenhum constrangimento.

— Posso falar abertamente: está certo de que Arnheim também não pretende nada senão as jazidas de petróleo da Galícia, que, por assim dizer, formam uma só questão com essa história dos canhões?

— Só posso falar por mim e aquilo com que lido, senhor subsecretário — defendeu-se Stumm mais uma vez —, e aí tudo é bem mais complicado!

— Claro que é mais complicado! — retrucou Tuzzi, sorrindo.

— Claro que precisamos dos canhões — exaltou-se o general —, e pode ser vantagem colaborar com Arnheim da maneira indicada por Vossa Senhoria. Mas repito que só posso falar do meu ponto de vista, como responsável pelo setor cultural, e por isso lhe pergunto: de que adiantam canhões sem espírito?

— E por que se deu tal valor à inclusão do Sr. Feuermul? — perguntou Tuzzi. — Isso é o derrotismo em pessoa!

— Perdoe-me se não concordo — disse o general, decidido —, mas é o espírito dos tempos! O espírito dos tempos tem duas correntes atualmente. Sua Alteza, parado ali com o Ministro, acabo de vir de lá, Sua Alteza diz, por exemplo, que é preciso dar um lema de ação, que a evolução dos tempos exige isso. E, com efeito, hoje em dia todos se alegram muito menos com as grandes idéias da humanidade do que, digamos, há cem anos atrás. De outro lado, naturalmente, também o senso de amor ao próximo tem seu valor, apenas Sua Alteza diz que se alguém não quer ser feliz, precisamos de certa forma forçá-lo a isso! Sua Alteza é, pois, a favor de uma das correntes, mas também não se afasta da outra!

— Não entendi isso direito! — interveio o Professor Schwung.

— Não é fácil de entender — concedeu Stumm de boa vontade. — Quem

sabe vamos mais uma vez partir do fato de que noto duas correntes no espírito dos tempos? Uma diz que o ser humano é por natureza bom, desde que, por assim dizer, o deixemos em paz...

— Bom, como? — interrompeu Schwung. — Quem pensará de modo tão ingênuo em nossos dias? Não vivemos mais no mundo de idéias do século dezoito!

— Preciso fazer uma objeção — defendeu-se o general, ofendido. — Pense nos pacifistas, nos vegetarianos, nos que são contra a violência, nos apologistas de uma vida mais natural, nos antiintelectuais, nos que se recusam a prestar serviço militar.. Na pressa nem me lembro de tudo, e todos os que, por assim dizer, colocam sua confiança no ser humano formam juntos uma grande corrente. Mas, por favor — acrescentou com a presteza que era tão amável nele —, se quiser, podemos partir do ponto de vista oposto. Talvez do fato de que o ser humano precisa ser escravizado, porque sozinho, e por si, jamais faz o que é correto: nisso é possível que tenhamos mais facilmente a mesma opinião. A massa precisa de pulso forte, de líderes que a tratem energicamente, e não fiquem apenas falando; em resumo, a massa precisa ter sobre si o espírito da ação; a sociedade humana consta apenas de pequeno número de voluntários, que têm o preparo necessário, e de milhões de outros sem maior ambição do que apenas servirem forçadamente: não é mais ou menos isso? E, como essa idéia aos poucos abriu caminho em nossa Ação devido às experiências feitas, a primeira corrente (pois o que descrevi era a segunda corrente no espírito dos tempos), bem, a primeira corrente, por assim dizer, assustou-se receando que a grande idéia do amor e da fé no ser humano se pudesse perder inteiramente, e então começaram a agir as forças que mandaram Feuermul para a nossa Ação, a fim de salvar no último momento o que ainda possa ser salvo. Assim se entende tudo mais simplesmente do que parecia no começo, não é verdade? — perguntou Stumm.

— E o que vai acontecer? — quis saber Tuzzi.

— Acho que nada — respondeu Stumm. — Já tivemos muitas correntes na Ação.

— Mas entre essas duas existe uma contradição insuportável! — objetou o Professor Schwung, que, como jurista, não conseguia tolerar essa

indefinição.

— Pensando bem, não — disse Stumm. — Também a outra corrente naturalmente quer amar o ser humano; apenas acha que, para isso, precisamos primeiro transformá-lo à força: é por assim dizer apenas uma diferença técnica.

Nisso, o Diretor Fischel tomou a palavra:

— Como só cheguei mais tarde, infelizmente não percebo todas as implicações; mas, se apesar disso me permitirem, gostaria de observar que o respeito pelo ser humano parece ser fundamentalmente maior do que seu oposto! Esta noite, embora certamente fossem exceções, ouvi algumas opiniões incríveis sobre quem pensa de outra forma, e principalmente sobre quem pertence a outras nações! — Com suas suíças divididas no meio pelo queixo escanhado, e o pincenê torto, ele parecia um lorde inglês que acredita nas grandes idéias da humanidade e no livre-comércio, e omitiu que ouvira as censuráveis idéias de Hans Sepp, seu futuro genro, que se inseria na “segunda corrente do espírito dos tempos”.

— Opiniões rudes? — perguntou-lhe o general, solícito.

— Extraordinariamente rudes — confirmou Fischel.

— Quem sabe falou-se de “treinamento”? Infelizmente pode-se confundir facilmente as duas coisas — disse Stumm.

— Não, não! — exclamou Fischel. — Idéias totalmente desrespeitosas, até revolucionárias! Talvez o senhor não conheça nossa juventude agressiva, senhor general. Admira-me que admitam esse tipo de gente por aqui.

— Opiniões revolucionárias? — perguntou Stumm, a quem isso não agradava nada, e sorriu com tanta frieza quanto seu rosto redondo permitia.

— Infelizmente devo dizer, senhor diretor, que não sou absolutamente contra o revolucionário! Naturalmente, quer dizer, na medida em que não se faça realmente revolução! Muitas vezes há um imenso idealismo nisso tudo. E quanto a serem admitidos aqui, a Ação, que deve abranger a pátria toda, não tem direito de rejeitar forças construtivas, não importa de que modo se exprimam!

Leo Fischel ficou calado. O Professor Schwung não se interessava muito

pela opinião de um dignitário que não pertencesse à administração civil. Tuzzi estivera sonhando: “primeira corrente... segunda corrente”. Lembrava-lhe dois termos parecidos: “primeira barragem, segunda barragem”, mas sem que estes ou a conversa com Ulrich, na qual tinham aparecido, lhe ocorressem; apenas um ciúme incompreensível de sua mulher despertava nele, e se ligava àquele inofensivo general, através de elos invisíveis que ele não conseguia deslindar. Quando o silêncio o despertou desses devaneios, quis mostrar ao representante dos militares que não se deixava confundir por conversas prolixas.

— Resumindo tudo isso, senhor general — começou —, o partido militar...

— Mas senhor subsecretário, nem existe partido militar! — interrompeu Stumm imediatamente. — Sempre ouvimos dizer: Partido Militar, mas na verdade, por sua própria natureza, os militares são totalmente supraparadários!

— Então, o departamento militar — respondeu Tuzzi bastante rudemente.

— O senhor disse que ao exército não bastam canhões, mas que precisa do espírito adequado: com que espírito o senhor preferiria carregar seus canhões?

— O senhor atirou longe demais, senhor subsecretário! — afirmou Stumm.

— Nosso ponto de partida foi que eu deveria explicar-lhes o motivo da noite de hoje, e eu disse que na verdade nada se pode explicar: é a única coisa que volto a afirmar! Pois se o espírito dos tempos tem realmente as duas correntes das quais falei, elas também não são favoráveis a “explicações”. Hoje em dia somos a favor de forças instintivas, forças do sangue, e coisas assim: não participo disso, mas não deixa de conter lá sua verdade!

Essas palavras fizeram mais uma vez ferver o Diretor Fischel, que achava imoral que os militares em certas condições quisessem concorrer com os anti-semitas para chegarem aos seus canhões.

— Mas senhor diretor! — acalmou-o Stumm. — Primeiro, não importa um pouquinho de anti-semitismo se as pessoas já são por si anti, os alemães contra os tchecos e magiares, os tchecos contra os magiares e alemães, e

assim por diante, todos contra todos. Em segundo lugar, exatamente o corpo de oficiais austríaco sempre foi internacional, basta ver os tantos nomes italianos, franceses, escoceses, sabe lá que nomes; também temos um general da infantaria von Kohn, que é o comandante de Olmuz!

— Mesmo assim receio que os senhores confiem demasiado em si mesmos — interrompeu Tuzzi, metendo-se na interrupção do outro. — Os senhores são internacionais e guerreiros, mas gostariam de fazer negócios com correntes nacionais e pacifistas: isso é quase mais do que um diplomata de carreira consegue fazer. Exercer política militar com o pacifismo ocupa hoje os mais ousados peritos da Europa!

— Mas não somos nós que fazemos política! — defendeu-se Stumm mais uma vez num tom de fatigada queixa por tanto mal-entendido. — Sua Alteza quis dar à Propriedade e Cultura mais uma oportunidade de unirem seu espírito: para isso nasceu a noite de hoje. Naturalmente, se o espírito civil não se pudesse unir de forma alguma, teríamos de...

— Teriam o quê? Valeria a pena saber! — exclamou Tuzzi precipitando a conclusão.

— Naturalmente teríamos uma situação difícil — disse Stumm, cauteloso e modesto.

Enquanto os quatro cavalheiros conversavam, Ulrich já há muito saíra de perto, sem chamar atenção, e procurou Gerda, esquivando-se do grupo de Sua Alteza e do Ministro da Guerra para não ser chamado.

Viu-a de longe sentada junto da parede ao lado de sua mãe que olhava o salão, rígida, enquanto Hans Sepp estava de pé, inquieto e desafiador, do outro lado. Desde aquele infeliz encontro com Ulrich, ela ficara ainda mais magra, e quanto mais ele se aproximava, tanto mais nua e despida de encantos a cabeça dela se destacava na sala com seus ombros frágeis, mas, de alguma forma, por isso mesmo misteriosamente atraente. Quanto viu Ulrich, uma súbita vermelhidão cobriu suas faces, seguida de uma palidez ainda mais intensa, e ela fez um movimento involuntário com o corpo, como alguém que tem dor no coração e que as circunstâncias impedem de pôr a mão lá. Pela mente dele passou aquele encontro em que, selvagemmente

entregue à sua vantagem animal de estar excitando o corpo dela, ele abusara da sua vontade. Lá estava agora aquele corpo, visível para ele sob o vestido, posto numa cadeira, recebendo da vontade ofendida dela a ordem de portar-se altivamente agora, e tremendo por isso. Ulrich viu que Gerda não estava zangada, mas que a qualquer preço queria “terminar” com ele. Ulrich atrasou o passo, sem chamar atenção, para saborear o mais possível tudo aquilo, e o sensual adiamento parecia corresponder à relação daqueles dois seres que nunca conseguiam se juntar inteiramente.

E quando Ulrich estava perto dela e nada mais via além do fremito do rosto que o aguardava, caiu sobre ele algo sem peso, como uma sombra ou um raio de calor, e percebeu Bonadéia, que passara por ele, muda mas certamente cheia de intenções; era provável que o tivesse seguido, e ele a cumprimentou. O mundo é belo quando o aceitamos tal como é: por um segundo, o contraste ingênuo do opulento e do parco, expresso naquelas duas mulheres, pareceu-lhe tão grande quanto aquele entre campina e pedra na beira de um rochedo, e ele teve a sensação de que saía da Ação Paralela, embora com um sorriso culpado. Quando Gerda viu aquele sorriso baixar sobre ela lentamente, ao encontro de sua mão estendida, suas pálpebras tremeram.

Nesse momento, Diotima notou que Arnheim levava o jovem Feuermul para o grupo de Sua Alteza e do Ministro da Guerra, e, como tática experiente, interrompeu todas as conversas fazendo a criada inteira irromper nas salas com refrescos.

UMA COMPARAÇÃO

Conversas como as aqui descritas houve às dúzias e todas tinham algo em comum, que não se pode descrever assim no mais, mas também não pode ser omitido, se não pensarmos como o Conselheiro Meseritscher, que resume uma excelente descrição de noitada social numa mera listagem: estavam lá fulano e sicrano, vestindo isso e aquilo, dizendo aquilo e mais aquilo; coisa que para muitos resume a mais legítima arte narrativa. Friedel Feuermaul, portanto, não era um miserável adulator, nunca fora isso, apenas tinha idéias atuais no lugar certo, quando disse diante de Meseritscher sobre Meseritscher:

— Na verdade ele é o Homero de nossos tempos! Não, falando sério — acrescentou, pois Meseritscher iniciara um gesto de repúdio —, o épico e inabalável “e” com que o senhor liga entre si todas as pessoas e fatos tem a meu ver algo de grandioso! — Ele se apoderara do chefe da Correspondência Parlamentar e Social, pois esse não quisera deixar a casa sem cumprimentar Arnheim; mas Meseritscher mesmo assim não o colocou entre os convidados mencionados pelo nome.

Sem entrar na sutil distinção entre idiotas e cretinos, deve-se recordar que um idiota de certa gradação já não consegue formar o conceito de “pais”, enquanto a idéia de “pai e mãe” é bastante corriqueira para ele. Esse simples e conetivo “e” era o elo com que Meseritscher ligava os fenômenos da sociedade. Deve-se lembrar também que idiotas, na simples concretude de seu pensamento, possuem algo que segundo a experiência de todos os observadores fala misteriosamente à alma; e que poetas também falam especialmente à alma, até de maneira bastante parecida, pois devem se destacar por uma mentalidade o mais possível palpável. Portanto, se Friedel Feuermaul tratava Meseritscher como poeta, poderia do mesmo modo — quer dizer, pelas mesmas sensações que tinha obscuramente, o que nele

significava: com súbita iluminação — tratá-lo como a um idiota, e de maneira significativa para a humanidade. Pois o que há em comum aí é um estado de espírito que não é sustentado por amplos conceitos, nem purificado por distinções e abstrações, um estado de espírito da mais baixa estruturação, manifesto na limitação àquela mais simples das conjunções, o “e” que vai ligando tudo desamparadamente, que substitui, no fraco de espírito, relações mais complexas; é pode-se afirmar que também o mundo, sem falar em todo o espírito nele contido, se encontra num estado de imbecilidade semelhante ao aqui descrito, e não se pode evitar isso, se quisermos entender como um todo os fatos nele ocorridos.

Não que os autores e adeptos dessa idéia sejam os únicos inteligentes! Não se trata dos indivíduos nem dos negócios que eles realizam, e que eram executados com maior ou menor esperteza por todos os que estavam na casa de Diotima naquela noite. Pois se, por exemplo, o General von Stumm iniciava um diálogo com Sua Alteza durante o intervalo, objetando, amável e obstinado, respeitoso e desinibido, com as palavras: “Permita, Alteza, que eu objete veementemente; mas no orgulho das pessoas por sua raça não reside apenas uma presunção mas também algo simpático e nobre”, ele sabia o que queria dizer, apenas não sabia precisamente o que estava dizendo, pois ao redor dessas palavras de natureza civil existe um *mais*, como uma grossa luva com a qual se quisesse agarrar um palito de fósforo numa caixa cheia deles. E Leo Fischel, que não se separara de Stumm quando notara que este se dirigia impaciente ao encontro de Sua Alteza, acrescentou:

— Não se podem distinguir as pessoas segundo a raça, mas segundo os méritos! — E também o que Sua Alteza respondeu foi coerente: Sua Alteza ignorou o Diretor Fischel que acabava de lhe ser apresentado, e respondeu a von Stumm:

— E para que burgueses precisam de raça? Vocês sempre acharam presunção um camareiro precisar ter dezesseis antepassados nobres, e o que fazem vocês mesmos agora? Querem imitar isso, e ainda por cima exagerando. Mais de dezesseis antepassados já é um esnobismo! — Pois Sua Alteza estava irritado, e era lógico que falasse assim. Aliás, não se discute que o ser humano possui bom senso, apenas *como* o aplica em sociedade.

Sua Alteza estava aborrecido com a intromissão de elementos “étnicos” na

Ação Paralela, que ele próprio iniciara. Diversas considerações de ordem política e social o tinham forçado a isso; ele próprio reconhecia apenas a “cidadania”. Seus amigos políticos lhe haviam aconselhado: “Não faz mal se você escutar o que eles dizem sobre raça e pureza de sangue; quem leva a sério o que as pessoas dizem?” — “Mas eles falam do ser humano como se ele fosse gado!”, objetara o Conde Leinsdorf, que tinha um conceito católico da dignidade do ser humano, que o impedia de reconhecer que se pode aplicar também aos filhos de Deus os ideais da criação de cavalos ou galinhas, embora fosse latifundiário. E seus amigos haviam dito: “Mas você não precisa pensar isso tão a fundo! E talvez até seja melhor do que eles falarem de humanidade e desses conceitos revolucionários estrangeiros, como tem acontecido até agora!” E isso finalmente iluminara a mente de Sua Alteza. Sua Alteza, porém, também se irritava porque esse Feuermaul, que ele fizera Diotima convidar, apenas trouxera mais confusão à Ação Paralela, decepcionando-o. A Baronesa Wayden contara maravilhas a respeito dele, e finalmente o Conde cedera à sua insistência.

— Tem toda a razão — concordara ele — dizendo que no curso atual facilmente ganharemos fama de germanizadores. E tem razão também ao dizer que talvez não faça mal convidarmos um poeta que diz que *temos* de amar todas as pessoas. Mas, veja, não posso fazer isso com a Tuzzi!

A Wayden, porém, não cedera, e devia ter encontrado novos e convincentes motivos, pois no fim da conversa Leinsdorf lhe prometera exigir de Diotima que convidasse o poeta.

— Não o faço com gosto — dissera ele —, mas uma mão firme também precisa de uma bela palavra para se tornar compreensível às pessoas: concordo com a senhora nisso. E também tem razão dizendo que ultimamente tudo anda devagar demais, não há mais nenhum fervor!

Mas, agora, não estava contente. Sua Alteza não considerava as outras pessoas tolas, embora se julgasse mais inteligente que elas, e não entendia por que essas pessoas inteligentes reunidas lhe causavam uma impressão tão ruim. Sim, toda a vida lhe dava a impressão de que, ao lado de um estado de inteligência individual — bem como nos mecanismos oficiais, entre os quais ele incluía, sabidamente, crença e ciência — existia um estado absoluto de

inconfiabilidade no todo. Apareciam a toda hora idéias que não se conheciam, instigavam paixões e logo depois sumiam outra vez; as pessoas corriam ora atrás disso, ora atrás daquilo, caindo de uma superstição em outra; uma vez gritavam saudações a Sua Majestade, da outra pronunciavam repulsivos discursos inflamados no Parlamento; mas daí nunca surgira nada de efetivo! Se se pudesse reduzir isso milhões de vezes, e colocar tudo na medida de uma só cabeça individual, ter-se-ia exatamente a imagem de imprevisibilidade, omissão, inconsciência, e de um salutar alucinado que o Conde Leinsdorf sempre ligara aos loucos, embora tivesse tido poucas ocasiões de refletir a respeito. Aborrecido, deixava-se ficar no meio dos cavalheiros que o rodeavam, refletindo que a Ação Paralela deveria ter trazido à luz a verdade, e não conseguia produzir um pensamento sobre a fé, apenas sentia que era agradavelmente apaziguador, como a sombra de um alto muro, provavelmente um muro de igreja.

— Engraçado! — disse a Ulrich depois de algum tempo, desistindo desse pensamento.

— Quando se examina tudo isso de uma certa distância, lembra os estorninhos pousados em bandos nas árvores de um pomar no outono.

Ulrich voltara do encontro com Gerda. A conversa não cumprira o que o começo prometera; Gerda não pronunciara senão algumas palavras breves, como que cortadas cansativamente por alguma coisa indefinida que se enfiara em seu peito como uma cunha; Hans Sepp falara tanto mais, bancando o guarda dela, e logo mostrando que não se deixaria intimidar por aquele ambiente frouxo.

— Não conhece Bremshuber, o grande pesquisador de problemas raciais?
— perguntara a Ulrich.

— Onde é que ele mora? — perguntara Ulrich.

— Em Schärding, no Laa — dissera Hans.

— O que é que ele faz? — indagara Ulrich.

— Isso não quer dizer nada! — dissera Hans. — Estão aparecendo pessoas novas! Ele é farmacêutico!

Ulrich dissera a Gerda:

—Você está realmente noiva agora, ouvi dizer! E Gerda respondera:

—Bramshuber defende a opressão implacável de todas as outras raças; isso é certamente menos cruel do que poupar e desprezar! — Seu lábio tremera de novo, enquanto ela se forçava a pronunciar aquela frase mal construída com fragmentos estilhaçados.

Ulrich apenas a encarara, sacudindo a cabeça.

— Não entendo isso! — dissera, dando-lhe a mão em despedida, e agora estava parado ao lado de Leinsdorf, sentindo-se inocente como uma estrela no espaço infinito.

— Mas quando não se examina isso a distância — prosseguiu lentamente o Conde Leinsdorf depois de algum tempo, perseguindo seu novo pensamento —, então tudo se vira na nossa cabeça como um cachorro que quer pegar a ponta do rabo! Vejam — acrescentou

—, eu cedi aos meus amigos e cedi à Baronesa Wayden; quando se escuta o que estamos falando, temos uma impressão bastante simpática nos detalhes, contudo, exatamente nas nobres relações espirituais que desejamos procurar temos a impressão de um arbítrio muito amplo, e de uma grande incoerência!

Ao redor do Ministro da Guerra e de Feuermaul, que Arnheim levava até lá, formara-se um grupo, e Feuermaul falava animadamente, amando todas as pessoas, enquanto ao redor de Arnheim, que se retirara de novo, formava-se num ponto mais afastado um segundo grupo, no qual Ulrich também avistou Gerda e Hans Sepp. Ouviu Feuermaul exclamar:

—Não se compreende a vida pelo estudo, mas através da bondade; é preciso acreditar na vida!

A esposa do Professor Drangsal postava-se ereta atrás dele e confirmou:

—Goethe também não chegou ao doutorado!

Aliás, aos olhos dela Feuermaul tinha muito em comum com Goethe. O Ministro da Guerra também estava parado, muito ereto, sorrindo sem parar, assim como estava habituado, numa parada militar, a manter por longo tempo a mão no quepe.

O Conde Leinsdorf perguntou:

— Diga, quem é afinal esse Feuermaul?

— Seu pai tem várias empresas na Hungria — respondeu Ulrich. — Acho que alguma coisa ligada a fósforo, na qual nenhum operário chega a mais de quarenta anos. Doença profissional: necrose óssea.

— Sim, mas e o rapaz? — O destino dos operários não atingia o Conde.

— Ele devia ter estudado. Direito, eu acho. O pai é um *self-made-man* e ficou aborrecido porque o rapaz não tinha vontade de estudar.

— Por que não teve vontade de estudar? — perguntou o Conde Leinsdorf, que naquele dia estava muito minucioso.

— Santo Deus — disse Ulrich dando de ombros —, provavelmente: “Pais e filhos”. Quando o pai é pobre, os filhos amam o dinheiro; quando papai tem dinheiro, os filhos voltam a amar a humanidade. Vossa Alteza ainda não ouviu falar do problema do filho em nosso tempo?

— Sim, ouvi alguma coisa. Mas por que Arnheim protege esse Feuermaul? Isso tem ligação com as jazidas de petróleo? — perguntou o Conde Leinsdorf.

— Vossa Alteza sabe disso? — exclamou Ulrich.

— Claro, sei de tudo — respondeu Leinsdorf pacientemente. — Mas o que não entendo é o seguinte: que as pessoas devam amar umas às outras, e que o governo precise de mão forte para isso, sempre se soube; então, por que de repente esse dilema?

Ulrich respondeu:

— Vossa Alteza sempre desejou uma manifestação que viesse do seio da comunidade: ela deve ser assim!

— Ora, não é verdade! — contradisse Leinsdorf, irritado, mas antes que pudesse continuar foram interrompidos por Stumm von Bordwehr, que vinha do Grupo Arnheim e desejava saber algo de Ulrich, numa pressa nervosa:

— Perdão se interrompo, Alteza — pediu ele. — Mas, diga-me — disse dirigindo-se a Ulrich —, pode-se afirmar realmente que o ser humano segue apenas suas emoções, não à razão?

Ulrich fitou-o perplexo.

— É que ali há um marxista — explicou Stumm — que afirma que a infra-estrutura econômica de uma pessoa determina inteiramente sua superestrutura ideológica. E um psicanalista está objetando; ele afirma que a superestrutura ideológica é inteiramente produto da infra-estrutura impulsiva.

— Não é tão simples assim — disse Ulrich desejando esquivar-se.

— Eu também sempre digo isso! Mas não adianta nada! — respondeu o general imediatamente, e não despregou o olho dele. Mas também Leinsdorf retomava a palavra.

— Sim, veja — disse a Ulrich —, uma coisa semelhante eu também quis pôr em discussão. Pois se a infra-estrutura é econômica ou sexual, o que eu estava querendo dizer antes disso é: por que as pessoas são tão pouco confiáveis na superestrutura? Isto é, a gente costuma dizer: o mundo está maluco. E, afinal, até parece que é verdade!

— Isso é a psicologia das massas, Alteza! — interpôs o erudito general. — No que diz respeito à massa, entendo tudo. A massa é movida apenas por impulsos, e naturalmente por aqueles comuns à maioria dos indivíduos: é lógico! Quer dizer, naturalmente é ilógico: a massa é ilógica, ela utiliza pensamentos lógicos apenas para se enfeitar! Mas deixa-se levar unicamente pela sugestão! Se Vossa Alteza me confiar os jornais, rádio, cinema e outros meios culturais, comprometo-me a, dentro de alguns anos, como disse certa vez meu amigo Ulrich, transformar os homens em antropófagos! Exatamente por isso a humanidade precisa de liderança firme. Vossa Alteza sabe disso melhor que eu, aliás! Mas não posso acreditar que, em certas circunstâncias, indivíduos importantes não sejam lógicos, embora Arnheim também o afirme.

O que teria Ulrich a oferecer a seu amigo para aquela controvérsia tão casual? Assim como num anzol se pode pegar um feixe de capim em vez de um peixe, da pergunta do general pendia um confuso feixe de teorias. Será que o ser humano segue apenas seus impulsos, e faz, ou sente, até pensa aquilo a que é levado pelas torrentes inconscientes do anseio ou a doce brisa do prazer, como hoje se presume? Ou será que segue antes à razão e à vontade, como também se presume hoje em dia? Verá que segue especialmente certos impulsos, como o sexual, como hoje se presume? Ou

quem sabe não é principalmente o sexual e sim o efeito psicológico das condições econômicas, como hoje também se presume? Pode-se encarar uma configuração tão enredada como essa de vários lados, e escolher, no quadro teórico, uma coisa ou outra como eixo; surgem verdades parciais, cuja interferência mútua faz a verdade se elevar lentamente. Mas será que realmente se eleva? Sempre que se considerou uma verdade parcial válida, a coisa se vingou em nós. De outro lado, porém, dificilmente teríamos chegado a esse parcial, se não o tivéssemos supervalorizado. Assim, a história da verdade e a história dos sentimentos dependem grandemente uma da outra, mas a do sentimento permaneceu na sombra. Segundo convicção de Ulrich, nem mesmo era história e sim uma trapalhada. Engraçado, por exemplo, que os pensamentos religiosos, portanto apaixonados, que a Idade Média tinha a respeito do ser humano, estivessem muito convencidos da razão e vontade dele, enquanto hoje diversos eruditos, cuja paixão quando muito se resume a fumarem demais, consideram o sentimento como base de todo o humano. Tais pensamentos passavam pela cabeça de Ulrich, e ele naturalmente não tinha vontade de responder às falas de Stumm, que, aliás, nem esperava isso, apenas esfriava um pouco antes de decidir voltar sobre seus próprios passos.

— Conde Leinsdorf! — disse Ulrich brandamente. — Recorda que uma vez o aconselhei a fundar um Secretariado Geral para todas as questões para as quais se precisa tanto de alma quanto de precisão?

— Claro que me lembro — respondeu Leinsdorf. — Conteí isso a Sua Eminência, e ele riu muito. Mas disse que o senhor veio tarde demais!

— Mesmo assim, é disso que Vossa Alteza sentiu falta há pouco! — prosseguiu Ulrich. — Nota que o mundo hoje não se lembra mais do que desejou ontem, que está em estados de ânimo que mudam sem motivo suficiente, e que está sempre excitado, que nunca chega a resultado algum e, quando se imaginasse reunido numa só cabeça tudo o que se passa nas cabeças dos homens, ela realmente mostraria uma série de conhecidos sintomas de deficiência mental...

— Absolutamente certo! — exclamou Stumm von Bordwehr, deixando-se reter novamente, orgulhoso pelos conhecimentos hauridos naquela tarde. —

É exatamente a imagem da... ora, esqueci de novo o nome dessa doença mental, mas é exatamente a imagem dela!

— Não — disse Ulrich sorrindo —, certamente não é a imagem de uma doença mental; pois o que distingue um homem sadio de um doente mental é exatamente que o sadio tem todas as doenças mentais, e o enfermo apenas uma!

— Muito espirituoso! — exclamaram Stumm e Leinsdorf a uma só voz, embora com palavras diferentes; depois, acrescentaram: — Mas o que significa isso, afinal?

— Isso significa — afirmou Ulrich — que se eu entendo a moral como a regulamentação de todas as relações que incluem sentimento, fantasia e coisas desse tipo, cada indivíduo se orienta nesse campo segundo o outro, dando assim um certo aspecto de firmeza, mas todos juntos não superaram o estado de alucinação em questões morais!

— Ora, isso está indo longe demais! — disse o Conde Leinsdorf bondosamente, e também o general disse:

— Mas, olhe aqui, cada pessoa precisa ter sua moral; não se pode prescrever a ninguém que prefira um gato a um cachorro!

— Pode-se prescrever isso às pessoas, Alteza? — perguntou Ulrich insistentemente.

— Sim, podia-se antigamente — disse o Conde com diplomacia, embora atingido na sua convicção de crente, de que em todos os terrenos existe o “verdadeiro”. — Antigamente isso era melhor. Mas, hoje em dia?

— Então, a guerra de crenças é permanente — disse Ulrich.

— Chama isso de guerra de crenças? — perguntou Leinsdorf curioso.

— E como o chamaria?

— Bom, nada mau. Uma designação bastante boa para a vida atual. Aliás, eu sempre soube que no senhor existe escondido um católico razoável!

— Eu sou um muito mau católico — respondeu Ulrich. — Não creio que Deus veio, mas que virá. Mas só se lhe encurtarmos mais o caminho do que o temos feito até hoje!

Sua Alteza rejeitou isso com palavras dignas:

— Isso é elevado demais para mim!

PREPARA-SE UM GRANDE ACONTECIMENTO. MAS NINGUÉM NOTOU

O general, pelo contrário, exclamou:

— Infelizmente preciso voltar para junto de Sua Excelência, mas você tem de me explicar tudo isso, sem falta! Volto mais uma vez se os senhores permitirem!

Leinsdorf dava a impressão de querer dizer alguma coisa, seus pensamentos giravam intensamente, mas Ulrich e ele mal tinham ficado sozinhos um momento e já se viram rodeados de gente trazida pela movimentação generalizada, e retida ali pelo magnetismo de Sua Alteza. Naturalmente não se comentou mais o que Ulrich dissera há pouco, e ninguém senão ele ainda pensava no fato, quando, por trás, um braço se enfiou no dele e Ágata apareceu a seu lado.

— Você já encontrou um motivo para me defender? — perguntou ela com malignidade caridosa.

Ulrich não soltou o braço dela, e com ela afastou-se das pessoas com as quais estivera parado.

— Não podemos ir para casa? — perguntou Ágata.

— Não — disse Ulrich —, ainda não posso sair.

— Parece que futuros acontecimentos não o deixam partir e que você está se preservando para eles — provocou Ágata.

Ulrich apertou-lhe o braço.

— Acho que me favorece muito meu lugar não ser aqui, mas na prisão! — sussurrou ela no seu ouvido.

Procuraram um canto onde pudessem ficar sozinhos. A reunião estava em plena efervescência, e lentamente levava seus participantes a se confundirem uns com os outros. Ainda se distinguiam os dois

agrupamentos: ao redor do Ministro da Guerra falava-se de paz e amor, ao redor de Arnheim dizia-se naquele momento que a brandura alemã crescia melhor sob a sombra da força alemã.

Ele ouvia isso benevolente, porque nunca repudiava uma opinião honesta, e tinha especial amor por novas opiniões. Sua preocupação era se o negócio com as jazidas de petróleo encontraria dificuldades no Parlamento. Supunha que a oposição dos políticos eslavos seria inevitável, e queria se certificar do clima reinante entre os alemães. Nos meios governamentais, o assunto estava bem encaminhado, exceto por certa hostilidade no Ministério do Exterior, à qual não dava grande importância. No dia seguinte, viajaria para Budapeste.

“Observadores” hostis havia muitos ao redor dele e de outras figuras destacadas. Reconheciam-se rapidamente por dizerem sim a tudo, e serem as pessoas mais simpáticas, quando os outros tinham opiniões diferentes.

Tuzzi procurava convencer um deles, dizendo:

— O que se fala não significa nada. Nunca significa nada! — O outro acreditou. Era um parlamentar. Mas não mudou a opinião que trouxera, de que apesar disso se desenrolava ali alguma coisa maligna.

Sua Alteza, em conversa com outra pessoa, defendia em contrapartida a importância da noitada, dizendo:

— Meu caro, até revoluções são feitas apenas com muitas conversas, desde 1848!

Seria falso não ver nessas diferenças nada senão o desvio lícito da monotonia que de outro modo a vida teria. Mas esse erro grave é quase tão frequente como a frase: “Isto é questão de sensibilidade!”, sem a qual nem se imaginaria a organização de nosso espírito. Essa frase, indispensável, separa aquilo que tem de ser na vida, daquilo que pode ser.

— Separa a ordem estabelecida de uma margem de manobras pessoal — disse Ulrich a Ágata. — Separa as racionalizações e o que é considerado irracional. Significa, usada na maneira comum, a confissão de que o humanitarismo é uma opressão nas coisas principais, e, nas secundárias, um arbítrio suspeito. Significa que a vida seria uma prisão se não pudéssemos decidir à vontade se queremos água ou vinho, se queremos ser ateus ou devotos, e não significa absolutamente que aquilo que é questão de

sensibilidade deva ficar por conta do capricho; pelo contrário, mesmo sem fronteiras nítidas, existem questões de sensibilidade permitidas e não permitidas.

A questão de sensibilidade entre Ulrich e Ágata era das não permitidas, embora os dois, de braços dados, procurassem em vão algum esconderijo, falando apenas a respeito da reunião, e, com isso, sentindo de maneira louca e tácita a alegria de estarem novamente reunidos depois daquela separação. Por outro lado, a opção de amar todos os seres humanos, ou eliminar primeiro boa parte deles era obviamente

uma questão de sensibilidade duplamente permitida, pois de outro modo não seria tão fervorosamente tratada na casa de Diotima e em presença de Sua Alteza, embora separasse os presentes em dois grupos cheios de rancor. Ulrich afirmou que a “questão de sensibilidade” prestara o pior serviço à causa dos sentimentos, e quando começou a explicar à irmã a impressão aventureira daquela noite, na realidade retomou involuntariamente o diálogo interrompido pela manhã, provavelmente desejando justificá-lo.

— Na verdade, não sei como começar sem entediar você — disse ele. — Posso lhe dizer o que entendo por moral?

— Por favor — respondeu Ágata.

— Moral é regulamentação do comportamento dentro de uma sociedade, mas, de preferência, regulamentação dos próprios impulsos interiores, portanto dos sentimentos e pensamentos.

— Grande progresso em poucas horas! — retrucou Ágata rindo. — Esta manhã você ainda dizia que não sabia o que era moral!

— Claro que não sei. Apesar disso, posso lhe dar uma dúzia de explicações. A mais antiga é que Deus nos deu a ordem da vida em todos os seus detalhes...

— Essa seria a mais bonita de todas! — disse Ágata.

— A mais provável, porém — acentuou Ulrich —, é que a moral, como qualquer outra ordem, nasce de pressão e violência! Um grupo de homens que chegou ao poder impõe aos outros simplesmente as prescrições e princípios pelos quais assegura seu domínio. Mas ao mesmo tempo prende-se àqueles que a engrandeceram e, com isso, age como exemplo.

Simultaneamente, é transformada por efeitos retroativos: a coisa é mais complicada do que se poderia descrever resumidamente, e como de modo algum ela pode se realizar sem espírito, ou sequer *através* do espírito, e sim através da prática, surge por fim uma trama inextricável que se tece sobre todas as coisas e parece ser tão independente quanto o céu de Deus. Então, tudo se reporta a esse círculo, enquanto esse círculo não se reporta a nada. Em outros termos: tudo é moral, mas a própria moral não é moral!

— Encantador, de parte dela — disse Ágata. — Mas você sabe que hoje encontrei uma pessoa boa?

Ulrich ficou um pouco espantado com aquela interrupção, e, quando Ágata começou a lhe relatar o encontro com Lindner, ele procurou primeiro inseri-lo no curso de seus pensamentos:

— Boas pessoas você também pode encontrar aqui, hoje, e as dúzias — disse —, mas saberá por que também as más estão presentes, se me deixar continuar a falar mais algum tempo.

Com essas palavras, tinham chegado até a ante-sala, para fugir da multidão, e Ulrich teve de refletir aonde iriam; ocorreu-lhe o quarto de Diotima e o cubículo de Raquel, mas não queria entrar em nenhum dos dois. Ele e Ágata ficaram portanto entre as nuas peças de roupa penduradas no vestibulo. Ulrich não conseguia prosseguir.

— Na verdade, eu teria de recomeçar de novo — explicou com um gesto impaciente e perplexo. E de repente, disse: — Você não quer saber se fez algo de bom ou mau, mas se inquieta porque faz as duas coisas sem motivo sólido!

Ela assentiu com a cabeça. Ele pegara as mãos da irmã.

A pele de brilho fosco de Ágata, com o aroma de plantas que ele desconhecia evolvendo-se do decote leve do vestido diante de seus olhos, por um momento perdeu seu sentido terreno. O sangue latejava de uma mão para a outra. Um profundo fosso de origem extraterrena pareceu encerrar os dois numa terra-de-ninguém.

De repente, faltaram a Ulrich idéias para designar o que sentia; nem ao menos dispunha daquelas de que se servira já tantas vezes.

“Não queremos agir pela inspiração do momento, mas partindo de um

estado que dure até o último momento. De modo que sejamos levados ao centro, de onde não voltemos mais para desfazer o que fizemos. Não partir da beirada e de seus estados alternantes, mas da única felicidade imutável.”

Tais frases lhe afloravam aos lábios, e ter-lhe-ia parecido possível usá-las se se tratasse apenas de uma conversa; mas, no uso direto que teriam naquele momento entre ele e sua irmã, de repente tornaram-se impossíveis. Isso o excitou e deixou-o desamparado. Mas Ágata o compreendia claramente. E teria de ficar feliz porque pela primeira vez a casca ao redor dele se rompera e seu “duro irmão” expunha o interior como um ovo caído ao chão. Para surpresa dela, porém, dessa vez sua emoção não estava inteiramente preparada para andar com o ritmo da dele: entre a manhã e a noite havia o singular encontro com Lindner, e embora esse homem apenas tivesse despertado seu espanto e curiosidade, bastava essa sementinha para não permitir o surgimento do infinito reflexo do amor ermitão.

Ulrich sentiu isso nas mãos dela, antes que ela respondesse qualquer coisa, e Ágata não respondeu nada.

Ele adivinhou que aquele inesperado fracasso se ligava à experiência cujo relato acabara de impedir. Envergonhado, e perturbado pelo baque da emoção rejeitada, disse, balançando a cabeça:

— É um absurdo o que você espera da bondade de um sujeito desses!

— Provavelmente é mesmo — admitiu Ágata.

Ele a encarou. Compreendeu que, para sua irmã, aquela experiência significava mais do que as outras cortes que lhe tinham sido feitas sob proteção dele. Até conhecia um pouco aquele homem; Lindner era uma pessoa pública; era o homem que um dia, na primeira de todas as seções da Ação Patriótica, pronunciara aquele breve discurso ouvido com penoso silêncio, relacionado com o “momento histórico” ou coisa parecida, desejeitado, sincero e insignificante... Involuntariamente, Ulrich olhou em volta; mas não se lembrava de ter notado aquele homem entre os presentes, e sabia que ele nunca mais fora convidado. Devia tê-lo encontrado algumas vezes noutra parte, provavelmente em grupos de intelectuais, ou ter lido alguma coisa dele, pois enquanto tentava se recordar, elaborou, com ultramicroscópicos rastros de lembranças, como um gotejar tenaz e repulsivo, a sentença: “Um burro sem graça alguma! Quem quiser estar a

certo nível na vida não pode levar esse sujeito a sério, como não pode levar a sério o Professor Hagauer!”

E disse isso a Ágata.

Ela ficou calada. Até apertou a sua mão.

Ele sentiu: há um contra-senso total aí, mas que não se pode deter!

Nesse momento, entraram pessoas no vestíbulo, e os irmãos se afastaram um do outro.

— Quer que eu a acompanhe de volta lá para dentro? — perguntou Ulrich. Ágata disse que não, e procurou uma saída.

De repente, ocorreu a Ulrich que, para fugirem dos outros, só lhes restava irem para a cozinha.

Lá enchiam-se baterias de copos e carregavam-se bandejas com bolos. A cozinheira trabalhava com grande zelo, Raquel e Solimão estavam quietos em seus lugares, mas sem sussurrarem um com o outro como antigamente faziam nessas ocasiões, e sim parados, imóveis, em lugares distantes. A pequena Raquel fez sua mesura quando os irmãos entraram, Solimão apenas deixou os olhos escuros em posição de sentido, e Ulrich disse:

— Lá dentro está muito quente, podemos tomar algum refresco aqui?

E sentou-se com Ágata no banco da janela, colocando ali, para preservar as aparências, prato e cálice, para, caso os descobrissem, parecer que dois íntimos da casa se permitiam uma pequena brincadeira. Quando estavam sentados, ele disse com um pequeno suspiro:

— Então é apenas questão de sensibilidade achar um tal professor Lindner bom ou insuportável!

Os dedos de Ágata estavam ocupados com um doce enrolado em papel.

— Isso quer dizer — prosseguiu Ulrich — o sentimento não é verdadeiro ou falso! Sentimentos são assunto particular! Entregues à sugestão, à imaginação, à persuasão! Você e eu não somos diferentes dessas pessoas ali dentro. Sabe o que elas querem?

— Não. Mas não é indiferente?

— Talvez não seja. Pois elas formam dois partidos, dos quais um tem tanta

ou tão pouca razão quanto o outro.

Ágata disse que achava um pouco melhor acreditar na bondade humana do que só acreditar em canhões e política; ainda que a maneira como isso se dava fosse ridícula.

— Como é esse sujeito que você conheceu? — perguntou Ulrich.

— Ora, nem sei dizer; ele é bom! — respondeu sua irmã, e deu uma risada.

— Você não pode dar importância ao que lhe parece bom, como não pode dar ao que Leinsdorf acha bom! — retrucou Ulrich aborrecido.

Os dois rostos estavam hirtos, excitados, risonhos: o leve pulsar da expressão cortesmente alegre, inibido por correntes contrárias mais profundas. Raquel sentiu tudo isso na raiz dos cabelos debaixo da touca; mas sentia-se tão infeliz, que tudo acontecia muito mais brando do que antigamente, como uma lembrança de tempos melhores. A bela curva redonda de suas faces se encovara imperceptivelmente, o fogo negro de seus olhos estava turvo de desalento: se Ulrich estivesse com vontade de comparar a beleza dela à de sua irmã, teria notado que o antigo brilho moreno de Raquel se desmanchara como pedacinhos de carvão sobre o qual passou um carro pesado. Mas não lhe deu atenção. Ela estava grávida, e ninguém sabia disso fora Solimão, que, sem entender a realidade dessa desgraça, respondia com planos românticos e tolos.

— Há séculos — prosseguiu Ulrich — o mundo conhece a verdade dos pensamentos e, por isso, até certo grau conhece a liberdade de pensamentos. Durante esse tempo, o sentimento não teve nem a severa escola da verdade, nem a da liberdade de movimento. Pois cada moral em sua respectiva época regulou os sentimentos apenas (e ainda por cima rigidamente) na medida em que certos princípios e sentimentos básicos fossem necessários ao comportamento por ela desejado; o resto, porém, ela deixou ao arbítrio, ao jogo pessoal de sentimentos, aos esforços incertos da arte e da discussão acadêmica. A moral adaptou portanto os sentimentos às necessidades da moral, e com isso deixou de desenvolvê-los, embora dependa deles. Essa é a ordem e unidade do sentimento.

Nesse ponto, ele parou. Sentia o olhar arrebatado de Raquel sobre seu

próprio rosto excitado, embora ela já não pudesse dedicar aos assuntos das pessoas importantes o mesmo entusiasmo de antigamente.

— Talvez seja engraçado eu falar de moral até aqui na cozinha — disse ele, constrangido.

Ágata o fitou, tensa e pensativa. Ele se inclinou para mais perto da irmã, e acrescentou baixinho, com um sorriso crispado e brincalhão:

— Mas é apenas outra expressão para um estado de paixão que se arma contra o mundo inteiro!

Sem que ele pretendesse, repetira-se a oposição daquela manhã, na qual ele aparentemente assumira a figura não muito agradável do doutrinador. Não podia evitar isso. Moral para ele não era nem tutela, nem sabedoria de pensamentos, mas todo o infinito das possibilidades de vida. Ele acreditava numa capacidade de ascensão da moral, em gradações de sua vivência, e não apenas, como é costume, em gradações de seu conhecimento, como se ela fosse algo pronto, para o qual o ser humano apenas ainda não estivesse suficientemente puro. Acreditava na moral sem acreditar numa moral determinada. Habitualmente entende-se por moral uma espécie de exigências policiais que mantêm a vida em ordem; e como a vida não obedece nem mesmo a elas, assumem a aparência de não serem totalmente exequíveis, e dessa maneira precária também a aparência de serem um ideal. Mas não se deve rebaixar a moral a esse ponto. Moral é fantasia. E ele queria que Ágata entendesse isso, e entendesse mais: que fantasia não é arbítrio. Se entregarmos a fantasia ao arbítrio, não ficaremos impunes. As palavras fremiam na boca de Ulrich. Ele estivera na iminência de falar da distinção, pouco notada, de que as diversas épocas desenvolveram à sua maneira a razão, mas da mesma forma fixaram e fecharam a fantasia moral. Estivera na iminência de falar nisso, porque a consequência é: uma linha ascendente da razão que apesar de toda a dúvida segue mais ou menos reta por todas as alterações da história e suas formações; em contrapartida, um monte de escombros dos sentimentos, idéias, possibilidades de vida, dispostos nas camadas em que surgiram como eternos fatores secundários e foram novamente abandonados. Pois uma outra consequência é: que afinal existe uma quantidade incalculável de possibilidades de ter essa ou aquela opinião quando se penetra no domínio dos princípios da existência, mas

nenhuma possibilidade de reuni-los. Porque uma consequência é: que essas opiniões se chocam umas contra as outras, pois não têm qualquer possibilidade de se entenderem entre si. E resumindo tudo, a consequência é que a afetividade humana oscila para um lado e para o outro como água num jarro sem apoio fixo. Ulrich teve uma idéia que já o perseguira a noite toda; de resto, uma velha idéia sua, que naquela noite estava apenas sendo confirmada a cada momento, e ele tinha querido mostrar a Ágata onde estava o erro e como podia ser anulado, se todos quisessem; e com isso não tivera na verdade apenas a dolorida intenção de provar que seria melhor também não confiar nas descobertas da própria fantasia.

E Ágata disse com um pequeno suspiro, como uma mulher que, acuada, ainda se defende uma vez antes de entregar-se:

— Então é preciso fazer tudo “por princípio”? — E fitou-o, correspondendo ao seu sorriso.

Mas ele respondeu:

— Sim, porém apenas por *um* princípio! — E era algo bem diferente do que pretendia dizer. Brotava do reino dos Gêmeos Siameses e do Reino de Mil Anos, onde a vida cresce num silêncio mágico como uma flor, e, embora não quisesse logo ser apanhado no ar, apontava para os limites do pensamento, que são solitários e enganosos. Os olhos de Ágata pareciam uma ágata fragmentada. Se naquele segundo ele tivesse dito um pouco mais, ou colocado a mão sobre ela, teria acontecido algo que logo depois ela não poderia mais ter percebido, algo que teria submergido outra vez. Porque Ulrich não queria dizer nada mais. Pegou uma fruta e uma faca e começou a descascar. Estava contente porque a distância que ainda há pouco o separara de sua irmã se desfazia numa imensurável proximidade, mas também ficou contente quando, naquele momento, foram interrompidos.

Era o general, espiando a cozinha com o olho astuto de um comandante de patrulha que surpreende o inimigo na barraca.

— Desculpem se incomodo! — exclamou, entrando. — Mas num *tête-à-tête* com seu irmão, caríssima, não há de ser grande crime! — E disse, dirigindo-se a Ulrich: — A gente anda procurando você como a uma agulha no palheiro!

Mas Ulrich respondeu ao general o que tinha querido dizer a Ágata,

perguntando primeiro:

— Quem é “a gente”?

— Eu devia conduzir você ao Ministro! — censurou Stumm. Ulrich fez um gesto negativo.

— Bom, já passou — disse o bonachão. — O velho acaba de sair. Mas eu, por causa de minha competência, preciso interrogá-lo depois que a cara senhora tiver conseguido uma companhia melhor que a sua, para saber o que queria dizer com isso de “guerra religiosa”, caso tenha a bondade de ainda se lembrar de suas palavras.

— Estamos exatamente falando nisso — respondeu Ulrich.

— Mas que coisa interessante! — exclamou o general. — Então a caríssima também se interessa por questões de moral?

— Meu irmão só fala de moral — retrucou Ágata, sorrindo.

— Mas isso foi a ordem do dia hoje! — suspirou Stumm. — O Leinsdorf, por exemplo, há poucos minutos disse que a moral é tão importante quanto a comida. Não consigo pensar assim! — Falava inclinando-se com prazer sobre os doces que Ágata lhe estendia. Sua intenção fora fazer um gracejo. Ágata o consolou:

— Também não consigo — disse.

— Um oficial e uma mulher precisam ter moral, mas não gostam de falar do assunto! — improvisou o general. — Não tenho razão, caríssima?

Raquel lhe trouxera uma cadeira de cozinha, que limpava zelosamente com o avental, e as palavras dele atingiram fundo seu coração; quase derramou lágrimas. Stumm, porém, animava Ulrich mais uma vez:

— Então, que tal essa história da guerra religiosa? — Mas antes que Ulrich pudesse responder qualquer coisa, voltou a interrompê-lo: — Tenho a sensação de que também sua prima anda errando pelas salas à sua procura, e só graças à minha formação militar me adiantei a ela. Portanto, preciso aproveitar o tempo. O que está acontecendo lá dentro já não é nada bonito, e nos envergonha! E ela, como devo dizer? Ela deixa as rédeas frouxas! Sabe o que foi que decidiram?

— Quem decidiu?

— Muitos já foram embora. Muitos ficaram e estão acompanhando atentamente os acontecimentos — esquivou-se o general. — Não se sabe

dizer quem decidiu as coisas.

— Então talvez seja melhor primeiro você dizer o que decidiram — disse Ulrich. Stumm von Bordwehr deu de ombros.

— Tudo bem. Mas também não é uma decisão no sentido regulamentar, por sorte. Pois todas as pessoas responsáveis, graças a Deus, tinham-se retirado cedo. Portanto, pode-se dizer que é apenas uma decisão particular, uma sugestão ou um voto minoritário. Vou defender a opinião de que oficialmente não sabemos de nada. Mas você tem de dizer isso ao seu secretário, por causa do protocolo, para que não se registre nada. Desculpe, caríssima — e dirigia-se a Ágata —, que eu fale de maneira tão profissional!

— Mas afinal, o que aconteceu? — perguntou ela também. Stumm fez um gesto abarcante.

— O Feuermaul, se a senhora se lembra desse rapaz, a quem só convidamos para... como vou dizer?... porque ele é um expoente do espírito dos nossos tempos, e porque tivemos de convidar também os expoentes contrários... bem, esperávamos, apesar disso, e até saboreando certo estímulo intelectual, podermos falar das coisas que, infelizmente, contam. Seu irmão sabe perfeitamente, caríssima; devíamos reunir o Ministro com o Leinsdorf e o Arnheim, para ver se o Leinsdorf não tinha nada contra certos... conceitos patrióticos. E, para ser radical, também não estou insatisfeito — disse ele, voltando-se outra vez familiarmente para Ulrich —, pois até certo ponto a coisa ficou correta. Mas, enquanto isso acontecia, o Feuermaul — Stumm se viu obrigado a acrescentar algo para melhor compreensão de Ágata —, portanto, o expoente de uma concepção segundo a qual o ser humano é uma criatura doce e amável, com quem se pode lidar facilmente, reunido com os expoentes que afirmam mais ou menos o contrário, dizendo que para ter ordem se precisa de pulso forte e outras coisas assim... pois esse Feuermaul começou a brigar com os outros, e antes que se pudesse impedir tomaram uma decisão conjunta!

— Conjunta? — quis saber Ulrich.

— Sim. Eu é que contei como se fosse piada — assegurou Stumm, notando

lisonjeado a involuntária comicidade do seu relato. — Ninguém teria podido esperar por aquilo. Se eu lhe contar qual a decisão, você não vai acreditar! Como, essa tarde, eu tive de visitar o Moosbrugger quase que profissionalmente, o ministério inteiro não vai acreditar que eu não estava por trás de tudo isso!

Nisso, Ulrich caiu na risada, e voltou repetidas vezes a interromper da mesma maneira as palavras de Stumm, o que só Ágata entendia, enquanto o amigo volta e meia comentava, ofendido, que ele parecia estar nervoso. Mas o que acontecera correspondia de tal modo ao modelo que Ulrich acabava de esboçar para a irmã, que ele não podia deixar de se divertir. O grupo de Feuermaul entrara em cena na última hora para salvar o que podia ser salvo. Nesses casos, o objetivo costuma ser mais obscuro do que a intenção. O jovem poeta Friedel Feuermaul — a quem os íntimos chamavam Pepi, pois adorava a velha Viena e se esforçava por parecer com o jovem Schubert, embora tivesse nascido numa aldeia húngara — acreditava na missão austríaca e, além disso, acreditava na humanidade. Era evidente que um empreendimento como a Ação Paralela, se não fosse nela incluído, o inquietaria desde o começo.

Como é que um empreendimento humanitário com nuance austríaca, ou um empreendimento austríaco com nuance humanitária poderia dar certo sem ele? Fora o que dissera, na verdade com um dar de ombros, à sua amiga Drangsal. Esta, por seu turno, como viúva honorária do país, dona de um salão de intelectuais e artistas que só no último ano fora superado pelo de Diotima, dissera isso a todas as pessoas influentes com que tinha contato. Assim, surgira o boato de que a Ação Paralela corria perigo de... a não ser que... e esse “a não ser que” e aquele “perigo” permaneceram, como é compreensível, um pouco indefinidos, pois primeiro era preciso forçar Diotima a convidar Feuermaul, depois se poderia ver. Mas o anúncio de um perigo que emanaria da patriótica Ação fora percebido pelos políticos atentos que não reconheciam a pátria mas apenas o “povo”, uma mãezinha que vivia em casamento forçado com o Estado, maltratada por ele. Há muito suspeitavam que essa Ação Paralela só produziria mais opressão. E embora o escondessem educadamente, davam menos importância à intenção de evitar isso — pois humanistas desesperados sempre existiram entre os alemães, mas no todo continuavam opressores e parasitas do Estado! — do

que à útil indicação de que os alemães reconheciam o perigo de sua própria raça.

Assim, a esposa do Professor Drangsal e o poeta Feuermaul sentiram-se estimulados pela simpatia por seus esforços, que julgavam benéfica sem examiná-la direito, e Feuermaul, homem sabidamente sentimental, foi dominado pela idéia de que era preciso dizer ao Ministro da Guerra, em pessoa, algo que sugerisse paz e amor. Por que logo ao Ministro da Guerra, e qual o papel lhe era destinado nesse caso, era coisa que também ficava obscura, mas a idéia em si era tão deslumbrante e dramática que realmente não precisava de maior apoio. Stumm von Bordwehr, o general infiel, que por vezes exercia seu zelo cultural no salão da Sra. Drangsal sem Diotima saber, também pensava assim; aliás, além disso conseguiu que a opinião original, isto é, de que o fabricante de armamentos Arnheim era parte do perigo, desse lugar à idéia de que o pensador Arnheim era parte importante de todo o bem.

Até ali, pois, tudo correspondia à expectativa dos participantes, e também o diálogo do Ministro com Feuermaul, que tivera lugar naquela noite, não levou, apesar da ajuda da Sra. Drangsal, a maiores resultados; a não ser alguns milagres do espírito de Feuermaul e a paciente escuta de Sua Excelência, transcorreram dentro dos limites humanos, triviais, como costuma ser. Mas Feuermaul ainda tinha lá suas reservas; e como suas tropas se compunham de literatos antigos e novos, de conselheiros da Corte, bibliotecários e alguns amigos da paz, em suma, gente de todas as idades e posições, ligada por uma sensibilidade para com a velha pátria e sua missão humanitária, sentimento esse capaz de empenhar-se tanto pela restauração dos antigos ônibus puxados a cavalo com seu histórico trio de animais, como pela porcelana vienense; e porque esses fiéis, no curso da noite, tinham-se ligado por variados laços aos adversários que não ostentavam punhais abertamente na mão, haviam surgido muitos diálogos nos quais as opiniões se confundiam. Essa tentação se apresentou a Feuermaul quando o Ministro da Guerra o despedira, e por algum tempo, a vigilância da Sra. Drangsal fora desviada por razões desconhecidas. Stumm von Bordwehr sabia apenas relatar que entrara numa conversa muito animada com um homem cuja descrição não excluía a possibilidade de ter sido Hans Sepp. De qualquer modo, era um daqueles que utilizam um bode expiatório ao qual culpam por todos os males com os quais não conseguem lidar; a

superioridade nacional é apenas um dos casos particulares em que, por pura convicção, se escolhe um desses bodes expiatórios, que não é nosso parente de sangue e só tem pouquíssima semelhança conosco. Mas é sabidamente um grande alívio, quando nos aborrecemos, aliviarmos nossa raiva em alguém, ainda que essa pessoa não tenha nenhuma culpa; só que de hábito se esquece isso quando se trata do amor. Porém é a mesma coisa, e o amor muitas vezes tem de ser aliviado em alguém que não tem culpa nenhuma, caso não encontre outra oportunidade de se expandir. Feuermaul era um jovem diligente que podia agir bastante mal na luta por vantagens, sendo que seu bode amoroso era o “o ser humano”. Assim que pensava no ser humano em geral, quase explodia de tanta bondade não-satisfeita. Hans Sepp, ao contrário, no fundo era um bom sujeito, que nem ao menos conseguia trair o Diretor Fischel, e seu bode expiatório por isso era “o homem não-alemão”, no qual descarregava sua raiva por tudo o que não podia modificar. Sabe Deus o que conversaram entre si de início; devem ter lançado logo de saída seus bodes um contra o outro, pois Stumm relatava:

— Realmente, não entendo como foi que aconteceu: de repente havia outras pessoas presentes, depois, num abrir e fechar de olhos, uma verdadeira multidão, e por fim, todos os que estavam nas salas se postaram ao redor dos dois!

— E você sabe por que brigavam? — perguntou Ulrich. Stumm deu de ombros.

— O Feuermaul gritava: “Você gostaria de odiar, mas não consegue de jeito nenhum, pois o amor é inato a todas as pessoas!” Ou coisa assim. E o outro gritava para ele: “E você pretende amar? Mas nem consegue isso, seu... seu...” Não consigo reproduzir direito, pois por causa do meu uniforme tive de ficar a certa distância deles.

— Ah — disse Ulrich —, isso é o principal! — e virou-se para Ágata, o olhar procurando o dela.

— Mas o principal foi a decisão! — lembrou Stumm. — O fato de quase terem se devorado um ao outro, mas de repente chegarem a uma decisão comum e totalmente vulgar!

Stumm dava impressão de profunda gravidade em todo o perímetro de seu

corpo.

— O Ministro foi embora na mesma hora — relatou.

— Bem, e o que foi decidido? — perguntaram os irmãos.

— Não sei dizer exatamente — respondeu Stumm—, pois é claro que também desapareci na hora, e ainda não tinham acabado. Nem se consegue gravar uma coisa dessas. Foi qualquer coisa a favor de Moosbrugger e contra as forças armadas!

— Moosbrugger? Mas como? — Ulrich deu uma risada.

— Como? — repetiu o general, venenoso. — Para você é fácil dar risada, mas eu fico com um nariz *desse* comprimento! Ou pelo menos me custará um dia inteiro escrevinhando coisas. E com esse tipo de gente dá para saber “como foi?” Talvez o culpado tenha sido aquele velho professor que ficou o tempo todo falando a favor do enforcamento e contra a indulgência. Ou aconteceu porque nos últimos dias os jornais voltaram a falar desse monstro. De qualquer modo, de repente estavam falando nele. Isso tem de ser anulado! — declarou com uma firmeza inusitada.

Nesse momento, entraram na cozinha, um após o outro, Arnheim, Diotima e até Tuzzi e o Conde Leinsdorf. Arnheim ouvira vozes no vestíbulo. Estava querendo retirar-se secretamente, pois a agitação surgida lhe dera a esperança de poder sair mais uma vez sem uma explicação a Diotima, e no outro dia iria viajar novamente. Mas a

curiosidade o levava a espiar na cozinha, e como Ágata o vira, a educação o impedira de se afastar. Stumm o assaltou logo, pedindo informações sobre a situação.

— Posso lhe dizer tudo até no texto original — respondeu Arnheim sorrindo. — Muitas coisas foram tão engraçadas que não pude deixar de anotar secretamente.

Ele tirou da carteira um cartãozinho e, decifrando suas anotações estenográficas, leu lentamente o conteúdo da projetada manifestação:

— “A Ação Patriótica, por sugestão dos senhores Feuermul e...” não entendi o outro nome, “decidiu: qualquer um deve se deixar matar por suas idéias, mas quem induz pessoas a morrerem por idéias alheias é um

assassino!” Essa foi a sugestão — acrescentou —, não me pareceu que alguma coisa se modificaria.

O general exclamou:

— Esse é o texto! Também já o ouvi! Esses debates intelectuais dão nojo! Arnheim disse com brandura:

— É o anseio da juventude atual, de firmeza e liderança.

— Mas não há só jovens aí no meio — respondeu Stumm repugnado —, havia até carecas parados ao redor, aplaudindo!

— Pois então é o anseio geral de liderança — disse Arnheim balançando amavelmente a cabeça. — Ele está generalizado hoje em dia. A resolução provém, aliás, de um livro contemporâneo, se me lembro bem.

— Ah, é? — disse Stumm.

— Sim — disse Arnheim. — E naturalmente é preciso agir como se nada tivesse acontecido. Mas se soubéssemos utilizar o anseio espiritual que se manifesta nisso, valeria a pena, penso eu.

O general ficou um pouco mais calmo; dirigiu-se a Ulrich:

— Você tem idéia do que se poderia fazer?

— Claro! — respondeu Ulrich. Diotima desviou a atenção de Arnheim.

— Então, por favor! — disse o general baixinho. — Diga logo! Eu preferia que a liderança ficasse entre nós!

— Você precisa entender o que realmente aconteceu — disse Ulrich sem se apressar.

— As pessoas não deixam de ter razão quando uma acusa a outra de que quereria amar se pudesse, e esta revida que o mesmo vale para o ódio. Na verdade, isso vale para todos os sentimentos. O ódio tem hoje em si algo de tolerável, e por outro lado, para sentir por uma pessoa o verdadeiro amor... afirmo que esses dois seres humanos nunca existiram!

— Muito interessante — interrompeu o general, depressa —, mas não entendo como pode afirmar uma coisa dessas. Amanhã terei de escrever um relatório sobre os incidentes de hoje, e suplico que leve isso em consideração! No exército, o mais importante é poder anunciar cada vez um progresso: certo otimismo é indispensável mesmo na derrota, isso faz parte do ofício. Como posso descrever como progresso isso que aconteceu?

— Escreva — disse Ulrich piscando um olho — que foi a vingança da fantasia moral!

— Mas uma coisa dessas não se pode escrever no exército! — respondeu Stumm indignado.

— Então deixe essa palavra de lado — prosseguiu Ulrich gravemente — e escreva: todas as épocas criativas foram sérias. Não há felicidade profunda sem profunda moral. Não há moral sem algo sólido de que possa derivar. Não há felicidade que não se fundamente numa convicção. Sem moral nem o animal vive. Mas o ser humano hoje em dia não sabe mais com que...

Stumm interrompeu também esse ditado aparentemente imperturbável:

— Caro amigo, posso falar da moral de uma tropa, da moral de batalha, da moral de uma prostituta; mas sempre individualmente; e sem essa cautela não se pode falar de moral no serviço militar, como não se fala de fantasia, nem do bom Deus: você sabe disso!

Diotima viu Arnheim parado junto à janela de sua cozinha, uma visão estranhamente íntima, depois de terem trocado a noite toda apenas palavras cautelosas. Sentiu de repente o desejo contraditório de prosseguir o diálogo interrompido com Ulrich. Em sua cabeça reinava aquele desespero agradável que, irrompendo por várias direções ao mesmo tempo, quase que se enfraquecia e anulava numa expectativa amável e calma. A derrocada do concílio, há muito prevista, lhe era indiferente. A infidelidade de Arnheim, segundo ela pensava, também era quase indiferente. Ele a tinha fitado quando ela entrara, e por um momento ressurgira a velha sensação de um espaço vivo que os ligava. Mas Diotima recordou novamente que há semanas Arnheim fugia dela e a idéia “covarde erótico!” devolveu a seus joelhos a força para ir ao encontro dele, ativa. Arnheim reconheceu o que se passara: a visão, a hesitação, o desfazer-se da distância. Por sobre caminhos congelados que os ligavam em número infinito, pairava o pressentimento de que poderiam descongelar. Ele se afastara dos demais, mas no último momento ele e Diotima fizeram um giro que os levou a Ulrich, ao General Stumm e a todos os demais, que estavam do outro lado.

Desde as inspirações do homem fora do comum até o *kitsch* que une os povos, aquilo que Ulrich chamava fantasia moral ou simplesmente sentimento, formava uma única e secular fermentação sem escapamentos. O ser humano não consegue viver sem entusiasmo. Entusiasmo é o estado no

qual todos os seus sentimentos e pensamentos têm o mesmo espírito. Você pensa, quase que pelo contrário, que o entusiasmo é o estado em que um sentimento é demasiado forte, um só, que — o arrebatamento! — arrebatava os demais? Não, você não quis dizer nada a respeito? Mesmo assim, é isso. Também é isso. Mas a força desse entusiasmo é insopitável. Sentimentos e pensamentos ganham continuidade uns pelos outros, como um todo, precisam de certa forma seguir na mesma direção, arrebatando-se mutuamente. E com todos os meios, drogas, fantasias, sugestão, fé, convicção, muitas vezes apenas com ajuda do efeito simplificado da burrice, cada ser humano trata de criar um estado parecido com isso. Acredita em idéias, não porque às vezes sejam verdadeiras, mas porque precisa acreditar. Porque precisa manter seus afetos em ordem. Através de uma ilusão, deve tapar o buraco entre as paredes de sua vida, pelo qual, de outro modo, seus sentimentos voariam aos quatro ventos. O correto seria provavelmente, em vez de entregar-se a estados aparentes efêmeros, procurar pelo menos as condições de um verdadeiro entusiasmo. Mas, embora no total o número de decisões que dependem do sentimento seja infinitamente maior do que aquelas que se realizam com a pura sensatez, e todos os acontecimentos que movem a humanidade nasçam da fantasia, só as questões racionais são ordenadas de maneira suprapessoal, e para o resto nada foi feito que mereça o nome de esforço comum, ou que ao menos revele sua desesperada necessidade.

Foi mais ou menos assim que Ulrich falou, sob compreensíveis protestos, do general:

Ele via nos acontecimentos da noite, embora não fossem desprovidos de certo ímpeto e viessem mesmo a ter graves consequências por força de uma interpretação desfavorável, apenas o exemplo de uma infinita desordem. O Sr. Feuermul lhe parecia nesse momento tão indiferente quanto o amor ao próximo, o nacionalismo tão indiferente quanto o senhor Feuermul, e em vão Stumm lhe perguntava como se poderia destilar, dessa posição absolutamente pessoal, a idéia de um progresso palpável.

— Ora, relate — respondeu Ulrich — que é a Guerra Religiosa dos Mil Anos. E, contra ela, nunca as pessoas estiveram tão mal armadas como nestes tempos, em que o lixo dos “sentimentos vãos”, que uma época deixa para a outra, atingiu altura de montanhas, sem nada acontecer em contrário. O Ministério da Guerra pode, pois, ficar tranquilo esperando a próxima

catástrofe de massas.

Ulrich profetizava o futuro sem ter idéia disso. Nem lhe interessavam os fatos reais, apenas lutava pela sua felicidade pessoal. Tentava inserir entre ela e os acontecimentos tudo o que a pudesse impedir. Por isso, também sorria e procurava enganar os outros pela aparência de zombaria e exagero. Era para Ágata que exagerava; prosseguia seu diálogo com ela, e não apenas o último. Na verdade, construía uma represa de pensamentos contra ela e sabia que em determinado ponto haveria uma pequena tranca: se a puxassem, tudo seria inundado de sentimento e soterrado por ele! No fundo, não parava de pensar nessa tranca.

Diotima estava de pé perto dele, sorrindo. Sentia algo do esforço de Ulrich em relação à irmã, estava doloridamente emocionada, esqueceu a ciência sexual, e havia alguma coisa aberta: devia ser o futuro, de qualquer modo também eram, um pouco, seus lábios.

Arnheim perguntou a Ulrich:

— E o senhor acha... que se poderia fazer alguma coisa contra isso? — A maneira de perguntar dava a entender que, pelo exagero, ele reconhecia a gravidade, mas mesmo assim a achava exagerada.

Tuzzi disse a Diotima:

— De qualquer modo deve-se impedir que algo desses incidentes venha a público. Ulrich respondeu a Arnheim:

— Não está bem evidente? Hoje, estamos colocados diante de tantas possibilidades de sentimento e vida. Mas essa dificuldade não se assemelha àquela que a razão domina quando se depara com uma quantidade enorme de fatos, e uma história das teorias? E para isso encontramos uma postura inacabada, porém severa, que não preciso lhe descrever. Pergunto-lhe, pois, se algo parecido não seria possível tratando-se do sentimento. Gostaríamos sem dúvida de descobrir para que estamos aqui, essa é uma das principais fontes de toda a violência no mundo. Mas outras épocas tentaram isso com todos os meios insuficientes à sua disposição, a grande era da experiência, porém, não o fez ainda com os meios de que dispõe...

Arnheim, que compreendia depressa e gostava de interromper, colocou suplicantemente a mão no ombro de Ulrich:

— Seria uma relação ascendente com Deus! — exclamou, em tom abafado, de quem previne.

— Nada mais terrível que isso? — disse Ulrich, não sem um tom de zombaria por aquele medo precipitado. — Mas não cheguei a esse ponto!

Arnheim se controlou imediatamente e sorriu.

— A gente se alegra quando depois de longa ausência encontra alguém que não mudou; hoje em dia, isso é raro! — disse. Alegrava-se realmente, pois sentiu-se seguro depois dessa réplica benevolente. Ulrich poderia ter voltado àquela penosa oferta de emprego, e Arnheim estava grato por ele evitar qualquer contato com a terra, naquela sua irresponsável intransigência. — Um dia, teremos de falar a respeito — acrescentou em tom cordial. — Não entendo como imagina a transposição de nossa postura teórica para a prática.

Ulrich sabia que era realmente obscuro. Não pensava nem numa “vida de pesquisador” nem numa vida “à luz da ciência”, mas numa “busca do sentimento”, semelhante à busca da verdade, apenas não se tratava da verdade. Fitou Arnheim, que se dirigia a Ágata. Lá também estava parada Diotima; Tuzzi e o Conde Leinsdorf iam e vinham. Ágata tagarelava com todos, pensando: “Por que ele fala com todos? Devia ter ido embora comigo! Ele está desvalorizando o que me disse!” Muitas palavras que escutava lhe agradavam, mas, mesmo assim, lhe doíam. Tudo o que vinha de Ulrich voltava agora a lhe doer, e mais uma vez naquele dia teve subitamente desejo de fugir dele. Perdia o ânimo, achando que, por sua unilateralidade, nunca o satisfazia, e a idéia de que depois de algum tempo iriam para casa simplesmente como duas pessoas que ficam comentando a noite que acabou era insuportável.

Mas Ulrich continuava pensando: “Arnheim nunca entenderá isso!” E complementou: “O homem de ciência é limitado exatamente no seu sentimento, o homem prático mais ainda. Isso é tão necessário como a firmeza das pernas quando queremos pegar um peso com os braços.” Ele próprio era assim em condições comuns. Quando pensava, e ainda que fosse a respeito do sentimento em pessoa, só com cautela admitia o sentimento. Ágata chamava isso de frieza; mas ele sabia: se queremos ser inteiramente diferentes, temos de renunciar à vida antes disso, como numa aventura mortal, pois não podemos imaginar como a coisa vai continuar! Tinha

vontade de fazer isso e, naquele instante, não o temia mais. Encarou longamente a irmã. O animado jogo da conversa sobre o rosto mais profundo, que permanecia intocado. Quis convidá-la a ir embora com ele. Mas antes que deixasse seu lugar, Stumm, que viera novamente para seu lado, o interpelou.

O bom general gostava de Ulrich; já lhe perdoara as brincadeiras sobre o Ministério da Guerra, de alguma forma aquela conversa sobre “guerra religiosa” lhe agradava bastante, pois tinha algo de solene e militar como ramos de carvalho no capacete ou gritos de “viva” no aniversário do Imperador. Encostou o braço no do amigo e levou Ulrich até onde não pudessem ser ouvidos.

— Sabe, acho bonito você dizer que todos os acontecimentos nascem da fantasia — começou. — Naturalmente, isso é mais minha postura particular do que oficial. — E ofereceu um cigarro a Ulrich.

— Preciso ir para casa — disse este.

— Sua irmã está se divertindo à beca, não a estorve agora — disse Stumm.

— O Arnheim está todo empenhado em lhe fazer a corte. E o que eu queria lhe dizer: ninguém mais se alegra muito com os grandes pensamentos da humanidade; você devia dar um jeito nisso. Quero dizer: nossa época vai ganhar um novo espírito, e você deveria tomar conta dele!

— Como é que lhe ocorreu uma coisa dessas? — perguntou Ulrich desconfiado.

— É uma idéia minha — disse Stumm sem responder, e prosseguiu, insistente: — Você é a favor da ordem, isso a gente vê em tudo o que diz. E eu me pergunto: será que o ser humano é bom, será que precisa de um punho forte? É aí que reside essa necessidade atual de decisão. Já lhe disse que ficaria mais tranquilo se você reassumisse a direção da Ação Paralela. Afinal, não se sabe o que poderá acontecer com todas essas conversas!

Ulrich riu:

— Sabe o que vou fazer agora? Não virei mais aqui! — respondeu, feliz.

— Por quê? — quis saber Stumm. — Vai dar razão a essa gente que diz que você nunca foi uma força de verdade!

— Se eu revelasse meus pensamentos às pessoas, aí sim é que elas diriam isso! — respondeu Ulrich, rindo, e libertou-se do amigo.

Stumm ficou aborrecido, mas depois sua bondade venceu, e ele disse em

despedida:

— Essas histórias são complicadas como o diabo. Muitas vezes pensei que o melhor seria se aparecesse em toda essa confusão um idiota como Joana D’Arc, que talvez pudesse nos ajudar!

O olhar de Ulrich procurou a irmã e não a encontrou. Quando interrogava Diotima, Leinsdorf e Tuzzi, que voltavam da sala, disseram que todos estavam começando a ir embora.

— Eu não disse? — comentou Sua Alteza, aliviado, com a dona da casa. — Eles não pensavam realmente o que falaram. E a Drangsal teve uma idéia salvadora: ficou decidido que a reunião de hoje terá prosseguimento outro dia. O Feuermaul, ou como quer que se chame, vai ler um longo poema, e as coisas serão mais tranquilas. Naturalmente tomei a liberdade de aprovar em seu nome, por causa da urgência do caso!

Só então Ulrich soube que Ágata se despedira subitamente e deixara a casa sem ele; informaram-lhe que ela não o tinha querido perturbar com essa sua decisão.

OBRA PÓSTUMA

Vinte capítulos liberados para a impressão em 1937-38, cujas provas de prelo foram, porém, recolhidas e retrabalhadas por Musil; eles deveriam dar continuação ao Livro Segundo, mas não concluí-lo.

DEPOIS DO ENCONTRO

O Professor August Lindner, aquele homem que entrara na vida de Ágata junto ao túmulo do poeta, via diante de si imagens da salvação, enquanto andava em direção ao vale.

Se ela o tivesse seguido com os olhos depois da despedida, teria notado a maneira de andar retesada com que o homem se equilibrava ao descer o caminho pedregoso, pois era um andar estranhamente alegre e altivo, mas, mesmo assim, temeroso. Lindner levava o chapéu na mão e vez por outra alisava o cabelo, tomado por uma sensação gostosa de liberdade.

“São tão poucas as pessoas que têm uma alma verdadeiramente compassiva!”, disse a si mesmo. Imaginou uma alma capaz de se colocar inteiramente dentro do próximo, sentir suas dores mais recônditas, descer às suas mais profundas fraquezas: “Que perspectiva!”, exclamou com seus botões. “Que proximidade maravilhosa da misericórdia divina, que consolo e que dia de festa!” Lembrou-se então de como eram raras as pessoas capazes de, pelo menos, ouvir com atenção o próximo; pois ele era desses bem-intencionados que passam de oito a oitenta sem encontrar uma diferença. “De hábito, só perguntam se estamos bem por perguntar”, pensou. “Basta darmos uma vez que seja uma resposta detalhada sobre nosso estado de alma, para depararmos logo logo com um olhar entediado e ausente!”

Bem, *ele* não se fizera culpado desse erro! Segundo seus princípios, proteger os fracos era a higiene necessária e particular dos fortes que, se não se impusessem esse benfazejo limite, cairiam facilmente na grosseria; e também a cultura carecia do trabalho do amor para defender-se dos perigos a ela inerentes. “Se alguém quer nos explicar o que é ‘cultura universal’” — ele corroborou sua opinião com uma exortação íntima, saboreando o vigor que recobrou ao lançar um raio fulminante contra seu colega de

magistério Hagauer —, “tem que primeiro aceitar o conselho de descobrir como o outro se sente! O saber ditado pela compaixão tem valor mil vezes maior que o saber ditado pelos livros!” Parece que se tratava de uma velha divergência que ele agora desabafava no conceito liberal de formação, por um lado, e, por outro, na esposa de seu irmão de ordem; pois as lentes de Lindner esquadriavam as redondezas

como dois escudos de um lutador duplamente fervoroso. Ficara constrangido em presença de Ágata. Todavia, se ela o visse agora, ele lhe pareceria um oficial, mas um oficial de uma tropa nada leviana. Pois uma alma verdadeiramente máscula é solícita, e é solícita por ser máscula. Ele levantou a questão de saber se tinha agido corretamente diante da bela mulher, e concluiu: “Seria um erro deixar a altiva exigência de submissão à lei por conta dos fracos, que não estão à sua altura; e seria uma visão desalentadora, se apenas pedantes sem espírito pudessem ser guardiães e formadores dos costumes; por isso, as pessoas vivas e fortes, com seu instinto de energia e saúde, têm o dever de exigir disciplina e limites: devem apoiar os fracos, sacudir os inconscientes e deter os desenfreados!” Tinha a impressão de ter agido assim.

Como a alma pia do Exército da Salvação se serve de hábitos militares, também Lindner tinha tomado a seu serviço certos modos de pensar do soldado, e não recuava nem mesmo diante de concessões ao “homem do poder” nietzschiano, que ainda era uma pedra de escândalo para o espírito burguês daquela época; para Lindner, porém, também significava uma pedra de amolar. Ele costumava dizer que não se podia afirmar ter sido Nietzsche uma pessoa má; suas teorias, sim, é que seriam exageradas e estranhas à vida, e o motivo para tanto residiria em rejeitar a compaixão, pois, com isso, Nietzsche deixara de reconhecer a retribuição feita pelos fracos, que imprimiam ternura aos fortes! Opôs a isso suas próprias experiências, e pensou, cheio de alegres intenções: “Os verdadeiros grandes homens não se entregam de forma alguma ao culto estéril do eu, pelo contrário, é curvando-se para os outros, e mesmo, se necessário, sacrificando-se por eles, que despertam no próximo a sensação de serem superiores!” Um casal de namorados subia todo agarradinho em sua direção, e ele fitou-os nos olhos com um ar de vitória certa e censura amigável, que os incitava à virtude. Mas tratava-se de um casal de namorados bastante ordinário, e o

jovem moleque que constituía a parte masculina retribuiu o olhar apertando os olhos e mostrando a língua, assim, sem mais nem menos. Ele disse: “Bah!”, e Lindner, que não estava preparado para o deboche e a ameaça vulgar, levou um susto — mas fez de conta que não vira nada. Ele gostava de atitudes enérgicas, e procurou um guarda com o olhar, um guarda que tinha de estar por perto para garantir a segurança pública da honra; mas seu pé esbarrou numa pedra, o movimento precipitado do tropeção assustou um bando de pardais que se regalava na dádiva divina de um monte de excremento de cavalo, e a revoada dos pardais preveniu Lindner, levando-o, no último momento antes de cair vergonhosamente, a superar o duplo obstáculo com um pulinho disfarçado em movimento dançante. Não olhou para trás, e, depois de um intervalo, ficou muito contente consigo mesmo. “É preciso ser duro como um diamante e terno como uma mãe!”, pensou, evocando uma velha definição do século XVII.

Como também apreciava a virtude da modéstia, em outra ocasião jamais teria feito semelhante afirmação sobre si mesmo, fora Ágata que lhe esquentara o sangue! O pólo negativo de seus sentimentos era constituído pelo fato de essa mulher de delicadeza celestial, que ele encontrara debulhada em lágrimas, como o anjo encontrara a donzela no orvalho — oh, ele não queria se vangloriar, mas já se vê que qualquer concessão à poesia leva logo à presunção! —, continuou, portanto, com maior severidade: pelo fato de que essa infeliz mulher estivesse prestes a quebrar um juramento prestado diante de Deus, pois como tal ele encarava o pretendido divórcio. Que pena ele não lhe ter falado cara a cara — meu Deus, mais uma vez essa intimidade verbal! —, quer dizer, mostrado as coisas com a necessária firmeza; lembrava-se apenas de ter falado em geral de frouxidão de costumes e dos meios de se proteger contra ela. E, de resto, tinha certeza de que seus lábios não pronunciaram o nome de Deus, a não ser por força de expressão, sem conteúdo; e a naturalidade, a seriedade descontraída — ele diria mesmo desrespeitosa — com que Ágata perguntara se ele acreditava em Deus, o magoava até como recordação. Pois o verdadeiro devoto não se permite seguir simplesmente uma idéia e pensar em Deus assim a descoberto, grosseiramente. No momento em que se lembrou dessa impertinência, Lindner chegou a detestar Ágata, como se tivesse pisado numa cobra. Tomou a decisão de, caso viesse a ter qualquer ocasião de repetir-lhe suas admoestações, empregar tão-somente as armas da razão,

adequadas aos assuntos terrenos, e que existiam exatamente para evitar que pessoas mal-educadas ocupassem Deus com suas confusões há muito resolvidas; e por isso, começou a usá-las imediatamente, rememorando certas palavras que deveriam ser ditas a uma mulher que tropeçara. Por exemplo, que o casamento não era assunto particular, mas sim uma instituição pública; que ele tinha a sublime missão de desenvolver o senso de responsabilidade e a compaixão, a missão de fortalecer um povo, ensinando as pessoas a suportarem duras dificuldades; e, tendo duração mais longa, ele talvez até representasse a melhor proteção contra o excesso de desejo, coisa que, porém, só se podia aventar usando do maior tato. O ser humano lhe parecia um saco repleto de demônios, no que talvez tivesse razão, e era preciso amarrar esse saco bem amarrado — a corda seriam os princípios inabaláveis.

Como esse homem compassivo, cuja parte feita de carne e osso não se excedia em direção alguma — salvo a altura —, chegara à convicção de que temos de nos domar a cada passo era francamente um enigma, mas um enigma facilmente decifrável uma vez descobertas suas vantagens. Depois de ter chegado ao pé da colina, um grupo de soldados cruzou seu caminho, e foi com terna comoção que ele observou aqueles rapazes cobertos de suor, os gorros baixados sobre a nuca, parecendo, com seus rostos embrutecidos pelo cansaço, um bando de lagartas empoeiradas. Diante dessa visão, sua repulsa pela leviandade com que Ágata tratara a questão do divórcio foi amortecida, como num sonho, pela alegria de que isso acontecesse a um colega liberal como Hagauer, sentimento esse feito sob medida para lembrar-lhe a desconfiança indispensável diante da natureza humana. Tomou o propósito de — caso, sem responsabilidade sua, a ocasião viesse de fato a se apresentar mais uma vez — mostrar sem indulgência a Ágata que as forças egoístas no fim das contas têm efeito destrutivo, e que ela, por mais desalentada que estivesse, precisava se submeter ao conhecimento moral que via na vida em comum a verdadeira pedra de toque da existência. Mas será que tal ocasião ainda viria a apresentar-se mais uma vez? Era esse o ponto para o qual as forças espirituais de Lindner corriam, tão cheias de excitação. “Há muitas pessoas que possuem qualidades nobres que apenas ainda não se cristalizaram numa convicção inabalável”, pensava dizer a Ágata; mas, como o faria, se não voltasse a vê-la? E o pensamento de que ela pudesse procurá-lo se opunha a todas as suas concepções de uma

feminilidade meiga e intocada. “Seria preciso mostrar-lhe isso imediatamente e com toda a firmeza!”, decidiu e, tomado esse propósito, não duvidou mais que ela realmente viria. Como bom altruísta, exortou-se vivamente a percorrer com ela os motivos que apresentasse para se desculpar, e só então convencê-la de seus erros. Queria atingi-la no coração com paciência certa. Essa idéia fez baixar sobre seu próprio coração um nobre sentimento de cuidado e proteção fraternal, uma sagrada fraternidade que, como ele observou, deveria basear-se nas relações que os sexos mantêm entre si. “Pouquíssimos homens”, exclamou, edificando, “suspeitam quão profunda é a necessidade que representantes nobres do sexo feminino sentem de um gentil homem que se relacione com o ser humano na mulher, sem deixar-se logo perturbar pela afetação sexual!” Tais pensamentos devem ter-lhe emprestado asas, pois nem percebeu como chegara ao ponto final do bonde, mas de repente estava diante dele e, antes de embarcar, tirou os óculos para limpá-los, embaçados que estavam pelo calor daqueles acontecimentos em seu íntimo. Lançou-se a um canto, fitou o carro vazio a seu redor, contou o dinheiro da passagem, encarou o trocador e sentiu-se perfeitamente a postos para empreender a viagem de volta nessa admirável instituição comunitária que chamamos bondes municipais. Com um bocejo de bem-estar, deu vazão ao cansaço do passeio, a fim de se revigorar para novos deveres, e resumiu numa frase as espantosas digressões a que se entregara: “Nada mais saudável para um homem do que esquecer de si mesmo!”

40

O FAZOBÉM

Contra as incalculáveis emoções de um coração apaixonado, existe um único meio confiável: ser estritamente metódico até o fim; e a tal meio, adquirido em tempo, Lindner agradecia tanto os sucessos de sua vida quanto a crença de que fora por natureza um homem dado a paixões e difícil de disciplinar. Levantava-se cedo pela manhã, sempre à mesma hora, fosse inverno ou verão, lavava o rosto, o pescoço, as mãos e um sétimo de seu corpo — cada dia um sétimo diferente, é claro — numa bacia de ferro, esfregando em seguida o resto do corpo com uma toalha molhada, de forma que o banho, esse procedimento demorado e voluptuoso, podia ser limitado a uma noite de quinze em quinze dias. Era uma vitória inteligente sobre a matéria; e quem já teve qualquer oportunidade de observar os precários lavatórios e as camas desconfortáveis com que se contentaram personalidades que entraram para a história, não poderá fugir à hipótese de que há necessariamente uma ligação entre camas de ferro e homens de ferro, embora não devamos exagerar, pois senão acabaríamos logo dormindo sobre camas de pregos. A reflexão ganhava aqui, além do mais, uma incumbência de intermediação, e, depois de ter-se lavado nos reflexos de exemplos estimulantes, Lindner aproveitava comedidamente o secar-se, para, através de uma hábil utilização da toalha, propiciar ao corpo algum movimento. Pois basear a saúde na parte animal do homem constitui uma fatídica confusão, já que a resistência física decorre muito mais da nobreza espiritual e moral; e mesmo que isso nem sempre valha para o indivíduo, tanto mais vale em escala geral, pois a força de um povo é consequência da retidão do espírito e não vice-versa. Assim, Lindner levava cuidadosamente suas esfregadelas a um grau de desenvolvimento peculiar, que evitava a brutalidade de gestos da idolatria masculina habitual e, em contrapartida, envolvia toda a personalidade, ligando os movimentos do corpo com belas tarefas interiores. Ele detestava particularmente a arriscada adoração do brio, que, vinda de fora, já encontrara em sua pátria quem a considerasse um ideal; e afastar-se dela era um aspecto importante de seus exercícios matinais. Com muita prudência, ele a substituíra por um comportamento de

estadista no uso ginástico de seus membros, e unia a tenacidade a uma oportuna transigência, a superação da dor a uma compreensiva humanidade; e caso, como exercício final de coragem, saltasse sobre uma cadeira virada, sua contenção não era menor que a confiança em si mesmo. Tal desenvolvimento de toda a riqueza de disposições humanas transformara seus exercícios físicos, desde que os iniciara há alguns anos, em verdadeiros exercícios de virtude.

De passagem, também se poderia dizer o mesmo contra a perversão representada por uma auto-afirmação perecível que, usando a divisa da higiene corporal, se apoderara da idéia, em si saudável, do esporte, acrescentando outras tantas palavras contra a específica forma feminina dessa perversão, o tratamento de beleza. Lindner se orgulhava de ser um dos poucos que também nesse campo sabiam discernir com justeza luz e sombras, e, assim como estava sempre pronto a encontrar um núcleo imaculado no espírito dos tempos, reconhecia também o dever moral de ter uma aparência tão saudável e agradável quanto possível. Ele próprio cuidava meticulosamente a cada manhã da barba e do cabelo, mantinha as unhas curtas e impecavelmente limpas, usava um pouco de brilhantina na cabeça e um creme protetor nos pés que durante o dia tanto sofriam: em contrapartida, quem negaria que a mulher de sociedade gasta seu dia com um excesso de atenções para com o corpo? E se, de fato — preferia ser delicado diante das mulheres, pois entre elas poderiam encontrar-se esposas de homens poderosos —, não houvesse alternativa para a sucessão quase ininterrupta de lavandas de banhos, loções de limpeza, cremes e compressas, manicures, pedicures, massagistas e cabeleireiros, ele recomendava, para contrabalançar esses cuidados unilaterais, a idéia, que ele próprio cunhara em discurso público, de uma cosmética interior ou higiene interna. Que, por exemplo, a limpeza nos lembre a pureza interior; os cremes, os deveres para com a alma; a massagem, as mãos do destino em que nos encontramos; e que, lixando as unhas dos pés, lembremo-nos de que mesmo nossas profundezas mais recônditas devem proporcionar uma bela visão! Assim, ele transferia sua imagem para as mulheres, mas deixava que elas mesmas adequassem os detalhes às necessidades de seu sexo.

Sem dúvida poderia ocorrer que uma pessoa desprevenida sentisse vontade de rir vendo Lindner durante suas tarefas cosméticas e sanitárias, mais ainda quando ele se lavava e secava: pois, de ponto de vista meramente físico,

seus movimentos davam a impressão de um pescoço de cisne várias vezes retorcido e, além do mais, constituído não de curvas, mas de elementos pontiagudos como joelhos e cotovelos; livres dos óculos, os olhos míopes se perdiam na distância com ar de martírio, como se o olhar tivesse sido cortado perto deles, e debaixo da barba os lábios moles se abriam de dor pelo esforço. Quem, entretanto, fosse capaz de ver espiritualmente, poderia assistir ao espetáculo das forças externas e internas produzindo-se mutuamente numa ponderada reflexão; e quando Lindner pensava ao mesmo tempo nas pobres mulheres que passam horas em salas de banho e de vestir, excitando unilateralmente a fantasia com o culto do corpo, não conseguia deixar de pensar no bem que lhes faria se pudessem observá-lo. Se elas, com pureza e ingenuidade, apreciam e seguem a higiene corporal moderna, é porque não suspeitam, em sua ignorância, que tais atenções excessivas dirigidas à nossa parte animal despertam pretensões que, não sendo submetidas a uma obediência rígida, podem destruir nossas vidas!

Aliás, Lindner transformava em mandamento moral absolutamente tudo em que tocava; estivesse ele vestido ou não, cada hora de seu dia, até ele cair num sono sem sonhos, era preenchida por um conteúdo importante, para o qual ela ficava definitivamente reservada. Dormia sete horas; suas obrigações de professor, que o ministério reduzira em apreço a sua atividade literária, exigia de duas a cinco horas do dia, nas quais já estava incluída a preleção sobre pedagogia que ele fazia na universidade duas vezes por semana; cinco horas seguidas — ou seja, quase vinte mil horas em uma década! — ficavam reservadas à leitura; duas horas e meia serviam à redação de seus próprios trabalhos, que brotava então sem interrupções do rochedo de sua personalidade, como uma límpida nascente; as refeições exigiam uma hora diária; uma hora era dedicada a passeios e simultaneamente à edificante ocupação com as grandes questões da existência e de sua especialidade, enquanto outra ficava destinada às mudanças de lugar condicionadas por sua profissão e, ao mesmo tempo, ao que Lindner chamava de pequena reflexão, ou seja, à concentração do espírito no conteúdo das ocupações recém-acabadas ou iminentes; outras parcelas de tempo estavam por seu turno previstas para vestir-se e despir-se, ginástica, cartas, assuntos domésticos, repartições públicas e proveitosa vida social, seja permanentemente, seja alternando-se no quadro da semana. É

natural que a execução desse plano de vida não ocorresse apenas respeitando diretivas grandes e severas, mas implicasse também em uma série de particularidades, como o domingo com suas obrigações estranhas ao dia-a-dia, o passeio maior pelo campo, que tinha lugar a cada quinze dias, ou o banho, além de conter atividades cotidianas duplas, ainda não mencionadas, como, por exemplo, o contato diário com o filho durante as refeições, ou, ao vestir-se rapidamente, o treinamento do caráter para a superação paciente de dificuldades imprevistas.

Um tal treinamento do caráter não é apenas possível, é de grande utilidade, e Lindner tinha por ele uma predileção inata. “Nas pequenas coisas que faço bem, vejo uma imagem das grandes coisas bem-feitas no mundo”, já escrevera Goethe, e, nesse sentido, uma refeição não fica atrás de uma incumbência do destino como campo de trabalho do autocontrole e arena da vitória sobre a concupiscência; mais ainda, com a resistência de um botão de colarinho que não se dobra a qualquer reflexão, um senso mais profundo pode aprender a lidar com crianças. É claro que Lindner não considerava Goethe um modelo absoluto; mas quanta humildade prazerosa já não ganhara tentando enfiar um prego na parede a golpes de martelo, costurando uma luva rasgada ou consertando uma campainha com defeito: e se acertava no dedo ou se picava, a dor assim provocada era superada, embora não imediatamente, mas depois de alguns terríveis segundos, pela alegria devida ao espírito inventivo da humanidade, contido até mesmo em tais habilidades menores e seu aprendizado, que, hoje, para seu próprio prejuízo, as pessoas cultas tinham a presunção de desprezar! Ele sentia então o espírito goethiano renascer dentro de si, apreciando-o tanto mais porque graças à técnica de uma nova época sentia-se também mais avançado que o diletantismo prático do clássico poeta e que o prazer ocasional que suas circunspectas habilidades manuais lhe tinham proporcionado. Lindner era completamente avesso ao endeusamento do velho autor, que vivera num mundo que, sendo apenas semi-esclarecido, dera excessiva importância ao esclarecimento; preferia tomá-lo como modelo nas pequenas coisas simpáticas do que nas grandes e sérias, para não falar na notória sensualidade do sedutor Ministro de Weimar.

Venerava-o portanto com cuidadosa ponderação, na qual, mesmo assim, já há algum tempo se manifestava um estranho aborrecimento, induzindo

Lindner a frequentes reflexões. Ele sempre acreditara possuir uma concepção mais correta do heróico do que Goethe. Lindner não tinha em grande conta Scaevolas que põem a mão no fogo, Lucrécias que se apunhalam ou Judites que cortam a cabeça dos homens que ameaçam sua honra — “motivos” que Goethe sempre teria considerado significativos, embora não os tenha trabalhado; mesmo convencido da autoridade dos clássicos, ele chegava a julgar esses homens e mulheres que cometeram crimes por suas convicções pessoais como dignos não do coturno, mas do tribunal. À inclinação deles por ferimentos graves ele contrapunha uma concepção “interiorizada e social” da coragem. Em conversas e pensamentos, ele chegava mesmo a conceder maior importância a uma anotação bem refletida no livro de chamada da escola ou à avaliação responsável de como censurar sua empregada por alguma precipitação, pois, fazendo isso, dever-se-iam seguir não apenas as próprias paixões, mas considerar também os motivos alheios. E quando expressava coisas desse tipo, tinha a impressão de, vestido elegantemente à moda paisana de um século futuro, olhar retrospectivamente para a bombástica fantasia moral de um século mais antigo.

A aura de ridículo que envolvia tais exemplos não lhe escapava, mas ele a chamava de riso do populacho espiritual, e tinha para tanto dois sólidos motivos. Em primeiro lugar, ele afirmava que *qualquer* ocasião pode servir tanto ao fortalecimento quanto ao enfraquecimento da natureza humana; mais ainda, as pequenas ocasiões lhe pareciam mais apropriadas para o fortalecimento do que os grandes ensejos, pois um exercício brilhante da virtude favorece a tendência humana à presunção e vaidade, enquanto o exercício diário e discreto consiste cabalmente em virtude pura e sem temperos. Em segundo lugar, uma administração planificada do patrimônio moral do povo (expressão que Lindner amava pelo quê de camponês e ao mesmo tempo fabril e moderno nela contido, como amava a palavra disciplina, de cunho militar) não poderia desprezar as “pequenas ocasiões”, já porque a crença ateia, introduzida pelos “liberais e maçons”, de que as grandes realizações humanas surgem como que do nada, fosse esse nada chamado gênio, já então estava envelhecendo. No foco da atenção pública, o “herói” que épocas passadas transformaram em figura soberba, começava a aparecer como incansável trabalhador, devendo empenhar-se no estudo para ser um descobridor, ou, caso fosse atleta, temer por seu corpo como o

cantor de ópera por sua voz, ou ainda, sendo renovador político, repetir sempre a mesma coisa diante de incontáveis platéias. E disso Goethe — que durante toda a vida fora um burguês aristocrata

— não tivera a mínima idéia, enquanto Lindner, por seu lado, via a transformação! De tal forma, era compreensível que ele pensasse defender o melhor de Goethe contra a parte perecível, quando, ao trágico, preferia a ponderação e sociabilidade que aquele possuía em grau tão satisfatório; e não deixava de ser professável que ele, seriamente, se considerasse ameaçado por perigosas paixões, pelo simples motivo de ser um pernóstico. E de fato, pouco tempo depois a submissão a um “regime” veio a se tornar uma das alternativas preferidas do ser humano, usada com o mesmo profícuo sucesso contra a obesidade, como na vida política e espiritual. Paciência, obediência, regularidade, serenidade e outras qualidades bastante ordeiras transformam-se em elementos primordiais da esfera privada do homem, enquanto os excessos, violências, vícios e Perigos, que ele em seu romantismo selvagem também não pretende dispensar, encontram no regime uma sede excepcional. Essa estranha tendência de se submeter a um regime ou de levar uma vida fatigante, desagradável e precária segundo as prescrições de um médico, professor de ginástica ou outros tiranos, embora prescindível com idêntico insucesso, já é provavelmente um resultado da marcha em direção a um Estado operário, militar, a um Estado-formigueiro, do qual o mundo se aproxima: mas aí se encontrava também o limite que Lindner não era capaz de transpor e para o qual seu olhar se dirigia sem nada mais ver, pois sua herança goethiana o interditava.

Sem dúvida, sua forma de religiosidade não seria incompatível com isso, posto que ele deixava a Deus o divino e aos santos a santidade intacta; mas lhe era inconcebível desistir de sua personalidade, sendo seu ideal do mundo uma comunidade de personalidades morais plenamente responsáveis, batalhões civis de Deus, em luta contra a volubilidade da natureza animal, e santificando o cotidiano, sem deixar, entretanto, de orná-lo com as grandes obras da arte e da ciência. Se alguém tivesse recontado sua divisão do dia, teria verificado por isso que, em todas as variantes, resultava em apenas vinte e três horas, faltando assim sessenta minutos para completar um dia, e, desses sessenta minutos, quarenta estavam para todo o sempre destinados às conversas com outras pessoas e à ocupação afetuosa com seus propósitos e características, no que ele incluía também a visita a

exposições de arte, concertos e diversões. Odiava tais espetáculos. Pelo conteúdo que tinham, eles quase sempre feriam seu íntimo e, em sua concepção, essas manifestações desordenadas e supervalorizadas eram um carnaval da notória dilaceração nervosa dos tempos presentes. Ele chegava a sorrir aterrado por trás de seus ralos bigodes quando, em tais ocasiões, via “machos e fêmeas” perpetrando, com as faces em fogo, a idolatria da cultura. Eles não sabiam que a energia vital aumenta pela restrição e não pela dispersão. Sofriam invariavelmente por medo de não terem tempo para *tudo*, e não sabiam que ter tempo nada mais significa que *não* ter tempo para tudo. Lindner descobrira que se está mal dos nervos não por causa do trabalho e sua velocidade, réus da época, mas, pelo contrário, como consequência da cultura e do humanitarismo, das pausas para repouso, interrupções no trabalho, minutos desocupados, em que o homem gostaria de viver a si mesmo e procura algo que possa considerar belo, divertido ou importante: é desses minutos que brotam os miasmas da impaciência, infelicidade e falta de sentido. Tal era a sua sensação, e, por ele, quer dizer, pelo que contemplava nesses momentos, teria varrido com vassoura de ferro esses templos da arte para substituir os pretensos acontecimentos do espírito por festas do trabalho, festas edificantes, intimamente ligadas ao labor cotidiano; no fundo, bastava tomar, de toda uma época, apenas uns poucos minutos diários, cuja doentia existência é devida a um liberalismo mal compreendido. Ele, entretanto, nunca tivera a firmeza de defender isso em público, seriamente, sem limitar-se a meras alusões.

E, de repente, Lindner levantou os olhos, pois durante esses devaneios cerebrais continuava no bonde, e sentiu-se tomado da agitação e angústia geradas por indecisão e impedimento. Por um momento, teve a confusa impressão de ter pensado o tempo todo em Ágata, honrada assim pelo fato de um mau humor, que começara ingenuamente como apreço por Goethe, agora se fundir com ela, embora para tanto não houvesse motivos palpáveis. Como de hábito, Lindner dirigiu por isso exortações a si próprio: “Dedica uma parcela de tua solidão à serena reflexão sobre teu próximo, principalmente se não concordas com ele: talvez venhas então a entender e usar melhor o que te causa repulsa, e aprendas a poupá-lo na fraqueza e a encorajá-lo na virtude que possivelmente está apenas intimidada!”, sussurrou de lábios fechados. Tratava-se de uma das frases fundamentais que ele cunhara contra a duvidosa agitação da pretensa cultura, frases em

que de hábito encontrava a serenidade para suportá-la; mas não teve sucesso, e o que lhe faltava na ocasião não era certamente senso de justiça. Pegou o relógio. Ficou confirmado que dedicara a Ágata mais tempo do que dispunha. E não poderia tê-lo feito se, em seu horário, não estivessem previstos aqueles vinte minutos restantes, para inevitáveis perdas de tempo; pôde constatar, assim, que, dessa conta de perdas, dessa reserva de tempo para emergências, cujas gotas preciosas constituíam o lubrificante de sua jornada, mesmo nesse dia fora do comum ainda restariam dez minutos no momento em que entrasse em casa. Sua coragem aumentava? Pela segunda vez no dia de hoje, lembrou-se de outra de suas máximas: “Quanto mais inabalável tua paciência”, disse Lindner a Lindner, “tanto mais seguro ficarás de atingir o coração do próximo!” E atingir o coração lhe proporcionava um prazer que correspondia ao heróico de sua natureza; que os assim atingidos nunca reagissem, não tinha importância alguma.

OS IRMÃOS NA MANHÃ SEGUINTE

Ulrich e a irmã tiveram ocasião de falar novamente nesse homem ao se encontrarem pela manhã, depois que Ágata desaparecera de repente do sarau em casa da prima. No dia anterior, também Ulrich abandonara logo depois dela a atmosfera carregada daquela reunião, mas não tivera mais a oportunidade de perguntar à irmã por que esta fugira; pois Ágata se trancara no quarto e parecia já ter adormecido, a menos que não tivesse respondido de propósito quando ele, colado à porta, perguntou se ainda estava acordada. O dia em que ela encontrara o extravagante desconhecido terminou, portanto, tão impulsivo como começara. Também no dia seguinte continuou impossível obter informações dela. Ela própria não sabia o que sentia realmente. Quando pensava naquela carta do marido atravessada em sua garganta, sem coragem de lê-la pela segunda vez, embora de tempos em tempos deparasse com ela, parecia-lhe inverossímil que mal tivesse transcorrido um dia desde que a recebera, tantas tinham sido as mudanças de ânimo por que passara desde então. Pensava volta e meia que, com respeito a essa carta, cabia perfeitamente a horrível expressão “fantasmas do passado”, mas, mesmo assim, ela lhe causava um pavor real. E se, por vezes, a carta despertava nela apenas aquele leve desconforto que podemos igualmente sentir ante a visão inesperada de um relógio parado, por outras a induzia a reflexões estéreis, como se o mundo de onde a carta provinha pretendesse com razão ser seu verdadeiro mundo. Algo que, por dentro, nem de leve a tocava, a envolvia por fora como uma camada espessa e ainda compacta. Sem querer, comparou isso com o que acontecera entre ela e o irmão desde a chegada da carta. Tratava-se principalmente de conversas, e embora uma delas a tivesse mesmo levado a pensar em suicídio, esquecera o conteúdo, todavia provavelmente ressuscitável e ainda não superado. No fundo, tinha pouca importância o assunto tratado na conversa; pesando a carta e sua comovente vida atual, tinha a impressão de um movimento

profundo, constante, incomparável, mas impotente. Tudo nessa manhã a deixava em parte abatida e desiludida, em parte carinhosa e inquieta, como uma pessoa febril após a temperatura cair.

Nesse estado de vivo desamparo, lhe escaparam as palavras:

— Participar de tal modo que nós mesmos sintamos o que o outro sente deve ser incrivelmente difícil!

Para sua surpresa, Ulrich retrucou imediatamente:

— Há pessoas que acham que podem.

Ele disse isso de forma neutra e alusiva, não entendera bem a irmã, cujas palavras deslocavam algo para o lado, criando espaço para um aborrecimento que vinha do dia anterior, sem se incomodar que Ulrich o considerasse desprezível. Com isso, essa conversa chegara por enquanto ao fim.

A manhã trouxera um dia de chuva, prendendo os irmãos em casa. As folhas das árvores brilhavam diante das janelas, sem graça como linóleo úmido; a rua, divisada através das lacunas na folhagem, tinha os reflexos de uma galocha. Os olhos mal queriam tocar aquela imagem molhada. Ágata lamentava sua observação, e não sabia mais por que a fizera. Suspirou, recomeçando:

— O mundo lembra hoje nossos quartos de criança.

Ela estava aludindo aos quartos despojados na mansarda da casa do pai, que ambos tinham reencontrado, cheios de espanto. Podia ser muito remoto, mas ela acrescentou:

— É a primeira tristeza do ser humano, rodeado por seus brinquedos, ela volta sempre!

Depois de um período de constante bom tempo, a expectativa se dirigia espontaneamente para um dia bonito e enchia a alma de prazer negado e impaciente melancolia. Também Ulrich olhava agora pela janela; atrás da cinzenta parede de água corrente, planos irrealizados de passeios, de verde desimpedido e de um mundo infinito faziam seus passes de mágica, e, quem sabe, também tremeluzisse lá atrás o desejo de ficar só e voltar a se movimentar livremente para todos os lados, cujo doce sofrimento constitui a história da paixão e mesmo a ressurreição do amor. Algo disso ainda

pairava na expressão de seu rosto e de seu corpo, quando voltou-se para a irmã e lhe perguntou quase com brusquidão:

— Parece que eu não faço parte das pessoas capazes de tanta empatia?

— Não faz mesmo! — replicou Ágata, sorrindo para ele.

— Mas — prosseguiu, pois compreendera agora a seriedade das palavras dela —, embora essas pessoas imaginem ser possível partilhar o sofrimento alheio, são tão incapazes disso como qualquer outro. Têm no máximo a habilidade de uma enfermeira que adivinha o que o enfermo gostaria de ouvir...

— Mas então elas sabem o que faz bem aos outros — retrucou Ágata.

— De jeito nenhum! — repetiu Ulrich, mais obstinado ainda. — O consolo decorre da simples fala: quem fala muito descarrega gota a gota o sofrimento alheio, como a chuva faz com a eletricidade de uma nuvem. E o conhecido alívio de qualquer desgosto por meio da conversa!

Ágata ficou calada.

— Pessoas como seu novo amigo — provocou Ulrich — talvez tenham o mesmo efeito de um remédio para a tosse; não eliminam o catarro, mas aliviam a irritação e, então, ele sara por si mesmo!

Em quaisquer outras circunstâncias, poderia estar seguro da aprovação da irmã, mas Ágata, que desde ontem se encontrava num estado esquisito, com sua súbita queda por um homem de cujo valor Ulrich duvidava, sorriu intransigente, brincando com os dedos. Ulrich ergueu-se de um salto e disse com insistência:

— Mas eu o conheço, embora só ligeiramente; já o vi falando algumas vezes!

— Você chegou a dizer que ele é um “jumento insosso” — interveio Ágata.

— E por que não!?! — defendeu-se Ulrich. — Gente como ele é ainda menos capaz de empatia que os outros! Eles nem sabem o que isso significa. Simplesmente não sentem a dificuldade, o caráter tremendamente duvidoso dessa pretensão!

Nesse ponto, Ágata perguntou:

— Mas por que acha duvidosa essa pretensão?

Foi a vez de Ulrich ficar calado. Chegou mesmo a acender um cigarro, para acentuar que não responderia, pois já no dia anterior tinham falado bastante a respeito. Ágata sabia disso. Não queria provocar uma nova explicação. Essas explicações eram tão encantadoras e destrutivas como olhar o céu quando se avistam nele cidades cinzentas, rosadas e amarelas de mármore de nuvens. Ela pensou: “Como seria bom se ele dissesse apenas: quero amá-la como a mim mesmo, e é mais fácil amá-la assim do que a qualquer outra mulher, porque você é minha irmã!” E como ele não estava disposto a dizer isso, ela pegou uma tesourinha e cortou com todo o cuidado um fio qualquer que despontava, como se isso fosse no momento a única coisa no mundo que merecesse sua atenção. Com a mesma atenção, Ulrich a observava. Todos os sentidos dele estavam voltados para a presença de Ágata, mais sedutora que nunca, e ele adivinhava algo do que ela escondia, embora não tudo. Pois, entretantes, ela linha tempo para se decidir: se Ulrich era capaz de ignorar que ela própria ria do estranho que pretendia poder ajudá-la, não seria ela quem lhe contaria isso. Além do mais, Lindner a deixara numa expectativa ansiosa. Não o conhecia. Mas o fato de ele ter oferecido ajuda desinteressada e sincera devia ter-lhe infundido confiança, pois por trás da comicidade da situação, uma tonalidade alegre do coração, um som duro de trombeta representando vonlade, otimismo e orgulho, parecia querer trazer-lhe um frescor que se contrapunha, benfazejo, a seu próprio estado de espírito. “Mesmo que sejam tremendas, as dificuldades nada significam quando queremos seriamente!”, pensou, e foi tomada por um súbito remorso, de forma que rompeu o silêncio mais ou menos como se quebra uma flor para que duas pessoas se debrucem sobre ela; e acrescentou à primeira pergunta uma segunda:

— Você ainda se lembra de que vivia dizendo que amar o próximo é tão diferente de uma obrigação quanto uma tromba d’água causada pela felicidade é diferente de uma gota de contentamento?

Ela se espantou com a veemência com que Ulrich respondeu:

— Não desconheço a ironia de minha situação. Desde ontem, e provavelmente sempre, eu nada mais fiz que mobilizar um exército de motivos para provar que esse amor ao próximo não é uma felicidade, e sim uma tarefa gigantesca, grandiosa, em parte inexecutável! Nada mais compreensível, pois, que você tenha procurado proteção junto a um homem

que não tem a mínima idéia a respeito de tudo isso; em seu lugar, eu teria feito o mesmo!

— Mas não é verdade que eu esteja agindo assim! — replicou Ágata com rapidez. Ulrich não pôde deixar de lançar-lhe um olhar tão agradecido quanto desconfiado.

— Não vale a pena falar nisso — assegurou. — Na verdade, eu nem queria entrar no assunto. — Ele hesitou um instante e prosseguiu: — Mas, veja, se temos de amar outra pessoa como a nós mesmos, e por mais que a amemos, isso continua sendo no fundo um logro e uma ilusão, pois simplesmente não podemos sentir sua dor de cabeça, ou no dedo. É totalmente insuportável que não possamos participar de verdade de uma pessoa que amamos, e é totalmente banal. O mundo é assim. Nossa pele de animal tem os pêlos voltados para dentro, não podemos arrancá-la. E esse susto em meio ao carinho, esse pesadelo da aproximação que não avança, é algo que as pessoas normalmente boas, “em suma” boas, jamais sentem. O que elas chamam de compaixão é até mesmo um sucedâneo para isso, destinado a impedir que sintam falta de qualquer coisa!

Ágata esqueceu que há pouco dissera algo tão semelhante a uma mentira como a mentira alguma. Reconheceu que as palavras de Ulrich punham em foco a desilusão com a possibilidade de participarmos uns dos outros, diante da qual as provas costumeiras de amor, bondade e simpatia perdiam seu significado; e ela entendeu que era por isso que ele falava mais do mundo que de si mesmo, pois para superar o mero devaneio era preciso sair dos eixos junto com a realidade, como uma porta salta das dobradiças. Nesse instante, ela estava muito longe do homem de barba rala e tímida severidade que queria lhe fazer bem. Mas não era capaz de dizer isso. Simplesmente fitava Ulrich, desviando em seguida o olhar, sem falar nada. Fez então qualquer coisa; depois, voltaram a trocar um olhar. Em pouco tempo, o silêncio já parecia durar horas.

O sonho de ser duas pessoas e uma só: na verdade, o efeito dessa fantasia lembrava em alguns momentos um sonho que tivesse ultrapassado as fronteiras da noite, e também agora ela flutuava entre crença e negação, num estado de espírito em que a razão nada mais tinha a fazer. Foi apenas a constituição dos corpos que, não se deixando influenciar, remeteu o sentimento de volta à realidade. Diante do olhar que tateava, esses corpos

estendiam seu ser pois eles se amavam — em direção a surpresas e delícias que se renovavam como uma cauda de pavão pairando na torrente do desejo; mas bastava o olhar se desprender das centenas de olhos do espetáculo que o amor oferece ao amor, bastava ele tentar penetrar na criatura que, lá atrás, pensava e sentia, para que esses corpos se transformassem em terríveis prisões. Um se encontrava de novo diante do outro, como já tantas vezes, sem saber o que dizer, pois tudo aquilo que um anseio profundo ainda teria a dizer ou repetir implicava um perigoso debruçar-se para o qual não havia apoio ou fundo.

E assim, pouco tempo transcorreu até que os movimentos dos próprios corpos se tornassem involuntariamente mais vagarosos, paralisados. Diante das janelas, a chuva continuava a encher o ar com sua palpitante cortina de gotas e os ruídos entorpecedores e monótonos com que a tristeza das alturas baixava sobre a terra. Ágata teve a sensação de que seu corpo estava só há séculos; e o tempo parecia escorrer com a água do céu. A luz no aposento era agora como um cubo de prata escavado. A fumaça dos cigarros que queimavam abandonados formava echarpes azuis e adocicadas em torno dela e de Ulrich. Ela não sabia mais se estava cheia de sensibilidade e carinho até o fundo da alma, ou impaciente e zangada com o irmão cuja tenacidade admirava. Procurou os olhos dele, e encontrou-os como duas luas flutuando naquela atmosfera insegura. E no mesmo instante aconteceu algo que não parecia vir de sua vontade, mas de fora, onde a água que jorrava diante das janelas se tornou de repente carnosa como fruta aberta, tentando introduzir-se entre ela e Ulrich com sua maciez intumescente. Talvez se envergonhasse ou até mesmo se odiasse um pouco por isso, mas uma serenidade absolutamente sensual — e não apenas o que se chama desenfreamento dos sentidos, mas também, e até mais ainda, seu desligamento livre e voluntário do mundo! — começou a apoderar-se dela; mal teve tempo de se precaver e esconder isso de Ulrich, levantando-se de um salto e abandonando o aposento com o mais fácil dos pretextos, o de que tinha esquecido de providenciar alguma coisa.

Mal conseguira fazer isso, Ágata tomou a resolução de procurar aquele homem esquisito que lhe oferecera ajuda, passando imediatamente a executá-la. Queria confessar a ele que não sabia mais o que fazer de si mesma. Não tinha uma impressão nítida dele; um homem visto entre lágrimas que secaram em sua presença não aparece facilmente como de fato é. Por isso, no caminho Ágata pensou sobre ele. Acreditava pensar com objetividade, mas na verdade continuava fantasiando. Percorria as ruas a passos rápidos, trazendo diante dos olhos aquela luz do aposento do irmão. Não fora propriamente uma luz, refletiu; ela preferiria dizer que os objetos no aposento tinham perdido a contenção, ou uma espécie de entendimento que deveriam habitualmente possuir. Mas caso tivesse sido ela própria quem perdera a contenção ou a razão, isso não se teria limitado a ela, pois também os objetos pareciam despertados para uma liberdade em que a luz se enchia de milagres. “No instante seguinte, teríamos sido descascados de nossas roupas por uma faca de prata, sem que tivéssemos movido um só dedo!” pensou.

Pouco a pouco, porém, a chuva que batia cinzenta e inócua sobre seu chapéu e sobretudo acabou por acalmá-la. Seus pensamentos se moderaram. Talvez a roupa simples que enfiara às pressas também ajudasse, pois desviava a memória de volta para caminhos de escola sem guarda-chuva, e estados de inocência. Veio-lhe, até, a lembrança inesperada de um verão sem malícia que passara com a família de uma amiga numa pequena ilha do Norte: entre o céu e o mar, duros e soberbos, ela descobrira ninhos de aves marinhas, uma reentrância cheia de penas brancas e macias. Soube então que o homem para o qual estava sendo levada lembrava aquele ninho. Essa idéia a deixou contente. Mas naquele tempo, dada a severa sinceridade que acompanhava o desejo de experiências da juventude, ela provavelmente jamais se teria entregue a um horror sobrenatural diante da idéia do branco

e macio, ao contrário do que permitia e até mesmo ajudava a acontecer agora, sem lógica alguma, com uma falta de maturidade adolescente. O horror se referia ao Professor Lindner; mas o sobrenatural também.

O pressentimento cheio de certeza, de que tudo o que lhe acontecia tinha uma ligação mágica com algo desconhecido, lhe era familiar de todos os períodos agitados de sua vida; sentia isso como uma proximidade, atrás de si, e tendia a esperar a hora do milagre, em que não precisaria fazer nada, a não ser fechar os olhos e recostar-se. Ulrich, porém, não via ajuda alguma em devaneios sobrenaturais; sua atenção parecia geralmente ocupada em transformar com lentidão infinita um conteúdo sobrenatural em natural. Ágata reconheceu aí a razão por que já o abandonara agora três vezes no espaço de vinte e quatro horas, fugindo na confusa expectativa de encontrar proteção e repouso para a fadiga ou, pelo menos, para a impaciência de suas paixões. Assim que se acalmava, voltava ela própria para o lado dele, e só via salvação no que ele lhe ensinava; e, também agora, isso durou um certo tempo. Mas bastou ser dominada pela recordação do que “quase” acontecera em casa — e que, porém, não chegara a acontecer! — para que ela caísse de novo em desespero. Ora tentava se convencer de que o reino infinito do inimaginável teria vindo em seu socorro caso eles tivessem persistido por mais um momento sequer; ora se acusava por não ter esperado o que Ulrich faria; por fim, sonhava que o mais correto teria sido ceder simplesmente ao amor, concedendo à sobrecarregada natureza um degrau para repouso naquela trepadeira solta e vertiginosa pela qual subiam aos céus. Mas mal fizera essa concessão, teve a impressão de ser uma daquelas criaturas dos contos de fadas, incapazes de se conter, que com sua fraqueza feminina quebram antes do tempo o silêncio ou outra jura, levando tudo a ruir com estrondo.

Colocando suas expectativas novamente no homem que deveria fazê-la encontrar conselho, descobria nele não apenas as grandes vantagens que a ordem, a certeza, a severidade bondosa e um comportamento contido possuem diante de uma atitude de desespero malcomportado; o desconhecido se distinguia também por falar em Deus num tom neutro e seguro, como se frequentasse diariamente Sua casa, podendo dar a entender que lá se desprezava tudo o que fosse mera paixão e ilusão. Que esperava, pois? Quando se fez essa pergunta, ela pisou firme no chão e aspirou o frio

da chuva, para ficar totalmente sóbria; e achou então bastante provável que o juízo que Ulrich fazia sobre Lindner, embora também parcial, fosse mais correto que o dela, pois antes de suas conversas, quando guardava ainda a primeira impressão que Lindner causara, ela própria não economizara ironia ao pensar no bom homem. Espantou-se com seus pés que mesmo assim a levavam até ele, e acabou tomando um coletivo que seguia na mesma direção, para chegar mais depressa.

Sacolejando em pé entre pessoas que pareciam meras peças de roupa grossa e molhada, tinha dificuldades em preservar a teia de seus pensamentos, que protegia, mal- encarada, para que não se rompesse. Queria levá-la intacta até Lindner. Chegou até a reduzi- la. Todo o seu relacionamento com Deus, se é que se podia empregar esse nome para uma aventura dessas, se limitava a uma penumbra que se espraiava diante dela sempre que a vida se tornava pesada e repulsiva demais, ou, o que era novo, excessivamente bonita. E ela corria lá para dentro e procurava. Era tudo o que podia dizer sinceramente a respeito. Resultados, nunca houvera. Disse isso a si mesma entre as sacudidelas. E notou então que estava curiosa para saber como o desconhecido se livraria desse negócio de que seria incumbido quase que como substituto de Deus; pois para tal fim ele deveria ter recebido do Grande Inatingível uma certa onisciência, já que ela, apertada entre toda a sorte de pessoas, decidira nesse meio tempo que em hipótese nenhuma faria de saída uma confissão completa. Ao saltar, fez, porém, uma estranha descoberta: bem escondida em seu íntimo havia a convicção de que, dessa vez, as coisas não correriam como sempre, e que estava decidida a tomar a iniciativa de trazer o inconcebível da penumbra para a luz. Talvez tivesse rapidamente apagado de novo essas palavras exageradas, caso elas tivessem aflorado em sua consciência; mas ali, não havia nenhuma palavra nesse lugar, havia apenas um sentimento surpreso que crepitava em seu sangue como fogo.

O homem para cuja casa se dirigiam sentimentos e fantasias tão apaixonados estava por sua vez sentado com seu filho Peter à mesa do almoço, que ele ainda ingeria ao meio- dia, segundo uma boa regra dos velhos tempos. Não estava cercado de luxo, ou, como melhor se diz em alemão, de *Uberfluss*; pois a maneira de dizer em alemão nos revela um sentido que a palavra luxo esconde. Luxo significa também o supérfluo e dispensável que a riqueza ociosa pode amealhar; *Uberfluss*, pelo contrário,

é tanto o supérfluo e, nessa medida, significa o mesmo que luxo, como também, e principalmente, a abundância, significando então aquele estofamento da existência ou aquele conforto e generosidade excedentes da vida européia, que só faltam aos extremamente pobres. Lindner distinguia essas duas acepções de luxo, e na mesma medida em que, na primeira, não havia luxo em sua casa, na segunda ele estava presente. Bastava abrir a porta de entrada que dava para um vestíbulo de tamanho médio, para se ter essa impressão, sem saber por quê. Olhando em volta, não faltava nenhuma das peças inventadas para serviço do homem: um porta-guarda-chuvas de metal soldado e esmaltado servia para os guarda-chuvas. Um capacho de fibra dura tirava a sujeira que a escova ainda tivesse porventura deixado retida nos sapatos. De uma bolsa presa à parede despontavam duas escovas de roupa, e não faltava a chapeleira para pendurar também os sobretudos. Uma lâmpada iluminava o aposento, até um espelho havia, e todos esses utensílios tinham a melhor manutenção, sendo renovados assim que se danificavam. Mas a lâmpada elétrica tinha a menor intensidade de luz que ainda permitia vislumbrar qualquer coisa; a chapeleira tinha apenas três ganchos; o espelho só abarcava quatro quintos de um rosto adulto; e a grossura e qualidade do tapete iam apenas até o ponto em que ainda se sentia o assoalho sob os pés, sem mergulhar no macio; de resto, pode ser vão tentar através de tantos detalhes reproduzir o espírito do local, mas bastaria entrar para senti-lo, no conjunto, como algo estranhamente tênue, que não era severo nem desleixado, não era abastado nem pobre, não era elegante nem sem gosto, e sim exatamente uma afirmação surgida de duas negações, que encontra sua melhor expressão nas palavras: falta de desperdício. Isso não excluía, uma vez passando-se aos aposentos interiores, um sentimento para a beleza e mesmo para o conforto, que se faziam notar em toda parte. Gravuras magníficas e emolduradas pendiam das paredes, a janela ao lado da escrivaninha de Lindner estava enfeitada por uma peça de vidro colorido representando um cavaleiro que, com movimentos ariscos, libertava uma donzela de um dragão, e na escolha de alguns vasos que continham belas flores de papel, na aquisição de um cinzeiro por um não-fumante, e nos muitos detalhes que, por assim dizer, faziam um raio de sol cair sobre o reino do dever que representa a manutenção de uma casa, Lindner se deixara levar livremente pelo gosto. Ainda assim, a severidade que as doze arestas impunham aos aposentos se

manifestava em toda parte, lembrando a dureza da vida que não se deve esquecer nem mesmo na comodidade; e até onde, provenientes de tempos passados, sinais de indisciplina feminina, uma toalhinha em ponto-de-cruz, uma almofada com rosas ou um abajur rendado quebravam a uniformidade, esta tinha força suficiente para impedir que o elemento faustoso passasse dos limites.

Apesar disso, Lindner aparecera nesse dia com quase quinze minutos de atraso para a refeição, e não era a primeira vez desde o dia anterior. A mesa estava posta; os três pratos empilhados diante de cada um dos dois lugares fitaram-no com um olhar redondo de censura; os porta-facas de vidro, sobre os quais faca, colher e garfo olhavam fixos como bocas de canhão sobre carretas, e os guardanapos enrolados em seus anéis tinham tomado posição como um exército abandonado por seu general. Lindner guardara a correspondência que costumava abrir antes de almoçar, e, de consciência pesada, correria para a sala de jantar. Constrangido como estava, não conseguiu discernir o que acontecia ali — talvez fosse algo semelhante à desconfiança, pois no mesmo momento, vindo do outro lado e com a mesma rapidez que ele, seu filho Peter entrou na sala como se, para tanto, tivesse apenas esperado pelo pai.

Peter era um rapaz bastante crescido, de uns dezessete anos. A altura íngreme de Lindner se misturara nele a um físico mais avantajado, encurtando-se; chegava ao ombro do pai, mas sua cabeça, semelhante a uma redonda e angulosa bola de boliche, se assentava sobre um pescoço de carnes rígidas, cujo diâmetro teria bastado para uma coxa do genitor. Peter não vinha da escola, e sim de um campo de futebol; a caminho de casa, se dirigira por desgraça a uma garota, de quem sua máscula beleza obtivera a meia promessa de um reencontro: atrasara-se com isso, e viera se esgueirando, dissimulado, para casa e, depois, para a porta da sala de jantar, indeciso até o último minuto quanto à desculpa que daria. Mas, para sua surpresa, não ouvira ninguém na sala, onde entrou então às corridas, ficando muito embaraçado ao chocar-se com o pai exatamente quando estava prestes a fazer cara de tédio por uma longa espera. Seu rosto vermelho cobriu-se de manchas mais vermelhas ainda, ele começou imediatamente a falar aos borbotões, olhando de esguelha para o pai quando este parecia não notar e encarando-o, destemido, quando tinha a sensação de que ele lhe dirigia o olhar. Tratava-se de comportamento calculado e várias vezes testado, cuja função era produzir a imagem de um jovem franco e descontrolado até à imprudência, capaz de tudo, menos de esconder alguma coisa. Quando isso não bastava, Peter não hesitava nem mesmo em deixar escapar, aparentemente por descuido, palavras desrespeitosas ou outras expressões que desagradavam ao pai e serviam como pontas que atraíam os raios, desviando-os de alvos mais perigosos. Pois Peter temia o pai como o inferno teme o céu, com o sentimento de respeito da carne assada sobre a qual o espírito lança do alto seu olhar. Adorava futebol, mas preferia assistir com cara de entendido, emitindo juízos de peso, a fatigar-se em campo. Pretendia ser aviador e vir um dia a realizar façanhas heróicas; mas não encarava isso como um objetivo para o qual devesse trabalhar, e sim como

uma predisposição pessoal, a exemplo de outras criaturas que, por capacidade inata, um belo dia começam a voar. Que sua repulsa pelo trabalho estivesse em contradição com os ensinamentos da escola era coisa que não o impressionava: esse filho de um conhecido pedagogo não dava importância ao apreço dos mestres; bastava-lhe ser fisicamente o mais forte da turma, e, quando um colega lhe parecia ser inteligente demais, estava sempre pronto a restabelecer o equilíbrio através de um soco no nariz ou no estômago. É sabido que também dessa forma se pode viver cercado de respeito, e a única desvantagem de seu método consistia em não ser aplicável em casa contra o pai que, além do mais, devia saber o menos possível a tal respeito. Pois diante dessa autoridade espiritual que o educara e mantinha ternamente preso, a impetuosidade de Peter se restringia a queixosas tentativas de revolta, que Lindner sênior chamava de lamentável gritaria dos instintos. Familiarizado desde pequeno com os melhores princípios, Peter tinha dificuldades em ignorar a verdade que continham, e só conseguia satisfazer a própria honra e espírito belicoso através do emprego da astúcia de guerra dos índios, que evitava choques verbais abertos. Não deixava de empregar muitas palavras, mas nunca cedia à necessidade de falar a verdade, coisa em sua opinião efeminada e indiscreta.

Assim, mais uma vez fez uso de uma torrente de justificativas e caretas que, entretanto, não provocaram qualquer reação do mestre. O Professor Lindner tinha benzido rapidamente a sopa, e comia agora, sério, calado e depressa. Só vez por outra seu olhar se detinha na risca do cabelo do filho, sem se concentrar. Esta fora hoje traçada com pente, água e muita pomada na espessa cabeleira castanho-avermelhada, como uma trilha estreita em meio à selva que não quer recuar. Quando sentia sobre ela o olhar do pai, Peter baixava a cabeça para encobrir a gravata de um belo vermelho gritante, que seu educador ainda não conhecia. Pois no instante seguinte o olhar poderia abrir-se meigamente ante uma tal descoberta, sendo secundado pela boca que produziria palavras a respeito da “submissão aos lemas de vagabundos empetecados” ou da “afetação social e vaidade servil”, o que deixaria Peter magoado. Dessa vez, entretanto, nada aconteceu, e só depois de um intervalo, durante a troca de pratos, Lindner disse vagamente qualquer coisa, com voz bondosa — e nem mesmo ficou claro se ele se referia à gravata ou se sua exortação fora simplesmente determinada por uma

imagem captada inconscientemente:

— Pessoas que ainda têm muito que lutar com a vaidade deveriam evitar extra vagâncias em sua aparência exterior...!

Peter aproveitou essa inesperada abstenção paterna para narrar a história de uma nota baixa, devida, segundo contou, ao cavalheirismo com que, intencionalmente, se mostrara despreparado, a fim de não humilhar um colega mais fraco e incapaz de corresponder às tremendas exigências, examinado antes dele.

O Professor Lindner limitou-se a sacudir a cabeça.

Depois que o prato principal fora retirado e a sobremesa estava na mesa, ele começou, pensativo e cheio de cautela:

— Veja, exatamente nos anos em que nosso apetite é maior, podemos obter as mais decisivas vitórias sobre nós, mas não passando fome, o que é pouco saudável, e sim renunciando ocasionalmente a nosso prato predileto, *depois* de uma refeição suficiente.

Peter ficou em silêncio, sem querer entender, mas sua cabeça voltou a se cobrir até as orelhas de um vermelho vivo.

— Não seria correto — continuou o pai, cheio de preocupação — eu querer castigá-lo por essa nota baixa, pois você, além disso, mente como uma criança, demonstrando, portanto, uma tal falta do conceito moral, de honra, que é preciso primeiro preparar o terreno sobre o qual o castigo pode surtir efeito. Por isso, exijo apenas que reconheça seu erro, e estou certo de que você mesmo irá então se castigar.

Foi nesse momento que Peter mencionou com ênfase sua saúde fraca, como também o excesso de trabalho, que poderiam ser a causa de seu insucesso na escola nos últimos tempos e o impediam de fortalecer o caráter através da renúncia à sobremesa.

— O filósofo francês Comte — replicou o Professor Lindner serenamente — costumava, mesmo sem maiores motivos, mastigar um pedaço de pão seco em lugar da sobremesa depois da refeição, simplesmente para lembrar os que não têm sequer um pão seco. É um belo traço, que nos mostra que

qualquer exercício de abstinência e simplicidade contém uma profunda significação social!

Peter já tinha há muito tempo uma imagem extremamente desfavorável da filosofia, mas também a literatura entrou agora no rol das recordações desagradáveis, pois seu pai prosseguiu:

— O escritor Tolstoi afirma igualmente que a abstinência é o primeiro degrau para a liberdade. O homem está cheio de apetites servis e, para ter sucesso na luta contra eles, precisa começar com os mais elementares: a gula, o ócio e o prazer sensual.

O Professor Lindner costumava pronunciar cada uma dessas três palavras, de aparição frequente em suas exortações, com o mesmo tom impessoal; e bem antes de poder ligar uma imagem definida à expressão prazer sensual, Peter já conhecia a luta contra ele, paralela à luta contra a gula e o ócio, sem outros pensamentos que os do pai, que não precisava pensar mais nada, pois estava certo de que era assim que se começava o ensino elementar de autodeterminação. Dessa forma, não conhecendo ainda o prazer sensual em sua forma mais cobiçada, embora já lhe roçasse as saias, Peter verificou, surpreendido, que de repente sentia uma irada repulsa por vê-lo ligado à gula e ao ócio, conforme as habituais explanações do pai; é claro que não podia expressar isso diretamente, precisava mentir, e exclamou:

— Eu sou uma pessoa simples, não posso me comparar com poetas e filósofos! — Mesmo agitado, fora cuidadoso na escolha das palavras.

Seu educador respondeu com o silêncio.

— Estou com fome! — acrescentou Peter com paixão ainda maior. Lindner sorriu com amargura e desprezo.

— Eu vou morrer, se não me derem o bastante de comer! — Peter estava quase choramingando.

— A primeira reação do homem às intervenções e ataques externos se dá mediante os instrumentos vocais — ensinou o pai.

E cessou a “lamentável gritaria dos instintos”, para usar a expressão de Lindner. Peter não queria chorar num dia tão particularmente viril, mas a exigência de desenvolver um espírito convincente de defesa o oprimia

terrivelmente. Nada mais lhe ocorreu e, nesse momento, ele odiou até mesmo a mentira, pois é preciso falar para empregá-la. Sanha homicida e choradeira se alternavam em seus olhos. Uma vez atingido esse ponto, o Professor Lindner disse com benevolência:

— Você precisa se obrigar a sérios exercícios de silêncio, para que não fale a pessoa irrefletida e inculta que existe em você, e sim a pessoa circunspecta e bem-educada, cujas palavras trazem paz e firmeza! — E se pôs a refletir, com semblante amigável, revelando em seguida ao filho o resultado a que chegara: — O melhor conselho que posso dar, para fazer com que os outros se tomem bons, é que sejamos nós mesmos bons; como diz Matthias Claudius: “Só posso concluir que temos de ser como queremos que sejam nossos filhos!” — E com essas palavras, afastou a sobremesa, benevolente e decidido, sem tê-la tocado, embora fosse arroz-doce com chocolate, seu prato preferido, e com essa amorosa intransigência obrigou o filho a fazer o mesmo, rangendo os dentes.

Nesse momento, a empregada entrou na sala e anunciou Ágata. August Lindner se ergueu, perturbado. “Então veio!”, disse-lhe uma voz muda, terrivelmente nítida. Estava disposto a se sentir indignado, mas também estava disposto a uma indulgência fraternal, que se achega ao próximo com um sutil tato moral, e esses dois contraentes, com grande séquito de princípios, começaram a realizar uma verdadeira caçada por todo o seu corpo, até ele conseguir dar a simples ordem de que a dama fosse levada à sala de visitas.

— Você fica me esperando aqui! — disse, severo, a Peter, e afastou-se com largas passadas.

Peter, por seu lado, notara algo fora de comum no pai, apenas não sabia o que era; de qualquer forma, mal o pai saíra, isso lhe deu a coragem leviana de, depois de curta hesitação, levar à boca uma colherada do chocolate que estava a postos para polvilhar a sobremesa; seguiu-se uma colherada de açúcar e, finalmente, uma colher transbordando de arroz, chocolate e açúcar, operação que repetiu várias vezes antes de, por precaução, alisar novamente as travessas.

Quanto a Ágata, ficou algum tempo sentada sozinha na casa desconhecida, esperando pelo Professor Lindner, que enquanto isso andava para lá e para cá em outro aposento, tentando se concentrar antes de encarar aquela bela e

perigosa mulher. Ela olhou em volta e de repente sentiu medo, como se se tivesse enredado nos galhos de uma árvore sonhada e devesse temer não voltar sã e salva de um mundo de madeira retorcida e milhares de folhas. Uma profusão de detalhes a punha confusa, e o gosto precário que neles se expressava reunia de forma extremamente estranha uma fria aspereza e um oposto que ela, nervosa como estava, não conseguia denominar. A frieza talvez lembrasse a rigidez gelada de desenhos a giz, mas, pela aparência, o aposento tinha cheiro de remédio e pomada, como que mimado por uma avó, e espíritos antiquados, nada masculinos, vagavam por ali, voltados para o sofrimento humano com uma intencionalidade desagradável. Ágata farejou o ar. E embora ele contivesse apenas os produtos de sua imaginação, ela foi pouco a pouco levada por seus sentimentos a uma época remota e recordou o assustador “cheiro do céu”, aquele aroma meio disperso e amortecido de incenso preso nos hábitos que seus professores tinham usado outrora, quando ela, menina ainda, fora educada com suas amiguinhas numa instituição religiosa, sem sucumbir de forma alguma em devoção. Pois por mais edificante que seja esse cheiro para as pessoas que o ligam às coisas certas, no coração daquelas adolescentes rebeldes e laicas ele tinha o efeito de lembrar vivamente o cheiro de protesto ligado às primeiras experiências, reais ou imaginadas, com os bigodes de um homem ou suas faces enérgicas, perfumadas de acres essências e polvilhadas de talco para barba. Sabe Deus que também esse cheiro não cumpre o que promete! E enquanto Ágata esperava, sentada numa das cadeiras lindnerianas estofadas de abnegação, o cheiro vazio do mundo e o cheiro vazio do céu uniram-se inextricavelmente em torno dela como dois hemisférios ociosos, e ela foi tocada pelo pressentimento de que estava prestes a repetir uma hora de aula da vida, que deixara passar sem prestar atenção.

Sabia agora onde estava. Timidamente preparada, tentou se adaptar ao ambiente e pensar nas lições de que talvez cedo demais se afastara. Mas essa disposição fazia seu coração empinar como um cavalo que não atende a exortações, e ele começou a correr em pânico, como acontece quando sentimentos querem prevenir a razão e não encontram palavras. Mesmo assim, tentou mais uma vez depois de algum tempo; como ajuda, pensou no pai, um homem liberal que, no que lhe tocava, sempre demonstrara um estilo de iluminismo superficial, a despeito do qual a mandara a um colégio de freiras para ser educada. Sentiu-se tentada a ver nisso uma espécie de

reparação, a tentativa, ditada por uma secreta insegurança, de, por sua vez, agir contra as próprias convicções: e como sentia afinidade com qualquer incoerência, achou por um momento que se metera numa situação na qual, como filha, reproduzia misteriosa e inconscientemente o comportamento do pai. Mas esse segundo frêmito piedoso, voluntariamente provocado, não teve duração; com certeza a excessiva tutela religiosa que sofrerá roubará-lhe para sempre a capacidade de encontrar na crença um ancora-douro para seus comovidos pressentimentos; e, aliás, bastou examinar mais uma vez aquele ambiente com o terrível faro que a juventude possui para a distância entre a infinitude do ensinamento e a finitude do professor — e que leva também a deduzir pelo empregado como é o patrão —, para que lhe desse um súbito e irrefreável desejo de rir da atmosfera daquele lar em que, cheia de expectativa, se deixara aprisionar.

Sem querer, enfiou as unhas na madeira da poltrona, envergonhada com sua indecisão. Sua vontade era agora dizer de chofre tudo o que a afligia, assim que o desconhecido se dignasse a aparecer com sua pretensão de consolar: a maquinação com o testamento, que, pensando sem despeito, era imperdoável. As cartas de Hagauer, que deformavam monstruosamente sua imagem, como um espelho de má qualidade, sem que, entretanto, se pudesse negar certa semelhança. E seguramente também que queria liquidar aquele homem, embora sem querer matá-lo de verdade; e que sem dúvida o desposara, mas não de verdade, pois estava cega de desprezo por si mesma. Havia na vida dela uma série de insuficiências incomuns; mas, afinal, negando tudo, teria de mencionar também o pressentimento que pairava sobre Ulrich e ela, traição que jamais e em tempo algum poderia cometer! Sentia-se irritada como uma criança submetida constantemente a tarefas difíceis demais. Por que aquela luz volta e meia vislumbrada se apagava de novo, como uma lanterna balançando na escuridão imensa, cujo brilho as trevas ora engoliam, ora deixavam passar?! Estava incapaz de qualquer decisão, e, de mais a mais, recordou Ulrich ter dito uma vez que quem procurava essa luz teria que atravessar um abismo sem fundo e sem pontes. Será que ele próprio no seu mais profundo íntimo não acreditava na possibilidade daquilo que buscavam juntos? Ficava pensando e, embora não ousasse verdadeiramente duvidar, sentia-se profundamente abalada. Fora o próprio abismo, ninguém podia ajudá-la! Esse abismo era Deus: ah, que sabia ela! Com aversão e desprezo, examinou as pinguelas que pretendiam

levá-la para o outro lado, a humildade do aposento, as figuras piamente colocadas nas paredes, tudo aquilo que fingia uma familiaridade com Ele. Estava prestes a se humilhar e, ao mesmo tempo, a afastar-se com horror. E sua maior vontade era fugir de novo, mas a fuga constante lhe trouxe mais uma vez a lembrança de Ulrich e ela se sentiu “tremendamente covarde”. O silêncio em casa fora como uma calmaria a preceder a tempestade, cuja pressão a arremessara até aqui. Essa idéia fez com que um sorriso aflorasse em seu rosto, e em tais circunstâncias era natural lembrar-se ainda de coisas ditas por Ulrich, pois ele dissera certa vez: “Ninguém se considera jamais inteiramente covarde, pois quando algo o assusta ele só corre até o ponto em que pode sentir-se novamente como herói!” Era ali que ela estava!

UMA TREMENDA DISCUSSÃO

Nesse momento, Lindner entrou na sala, não menos disposto a falar que sua visitante; mas quando se viram face a face, foi tudo diferente. Ágata passou imediatamente ao ataque, usando palavras que, para seu espanto, eram bem mais comuns do que os antecedentes fariam prever.

— O senhor há de recordar que pedi algumas explicações — começou. — Estou aqui. Ainda me lembro bem do que disse contra meu divórcio. Talvez o tenha entendido melhor desde então.

Estavam sentados a uma grande mesa redonda, separados por toda a extensão do diâmetro. Em comparação com os últimos momentos em que estivera só, Ágata, no primeiro instante do encontro, teve a impressão de afundar, mas, depois, ganhou pé; usara a palavra divórcio como uma isca, embora estivesse sinceramente curiosa por conhecer a opinião de Lindner. E este, de fato, respondeu quase no mesmo instante:

— Sei muito bem por que exige de mim essas explicações. Até hoje devem ter-lhe sugerido que é coisa da Idade Média acreditar no supra-humano e obedecer a mandamentos que se originam nele! Disseram-lhe que a ciência liquidou com essas lendas! Mas está certa de que é mesmo assim?

Ágata verificou com surpresa que mais ou menos a cada três palavras os lábios dele se erguiam como dois agressores sob a barba rala. Não respondeu.

— Já pensou nisso? — prosseguiu Lindner com dureza. — Conhece o sem-número de questões ligadas a isso? Estou vendo: não as conhece. Mas tem um magnífico gesto de desprezo para com elas, e provavelmente nem sabe que está agindo sob o jugo da influência alheia!

Ele se entregara ao perigo. Não estava claro a que insinuações se referia. Sentia-se arrebatado. Seu discurso era um comprido túnel que ele escavara

através de uma montanha para lançar-se contra a idéia das “mentiras de livre-pensadores” que, do outro lado, brilhava de ostentação. Não se referia a Ulrich ou Hagauer, mas ao mesmo tempo se referia a eles, se referia a todos.

— E mesmo que tivesse pensado — exclamou, aumentando com ousadia o tom de voz e ficado convicta dessas heresias: que o corpo é apenas um sistema de corpúsculos mortos, que a alma é um jogo de glândulas, a sociedade um feixe de trapos das leis mecânicas da economia! E ainda que isso fosse certo, o que está longe de ser fato: eu negaria que um tal pensamento conheça a verdade da vida! O que se chama de ciência não tem a menor competência para explicar com seus métodos superficiais aquilo que vive na pessoa humana como convicção íntima, espiritual. A verdade da vida é um saber sem começo, e os fatos da verdadeira vida não podem ser explicados através de provas: quem vive e sofre os possui dentro de si como a força misteriosa de exigências superiores e como sentido vivo de si mesmo!

Lindner tinha se erguido. Seus olhos brilhavam como dois pregadores no alto do púlpito formado por suas pernas compridas. De lá, olhava para Ágata, imbuído de poder. “Por que ele já começa falando tanto?”, pensou ela. “E que tem contra Ulrich? Mal o conhece, mas não há dúvida de que está falando contra ele!” Mais rápida que a reflexão, sua experiência feminina convenceu-a de que Lindner só falava assim porque estava ridiculamente enciumado de Ulrich. Erguera o rosto para ele com um sorriso encantador. De pé diante dela, alto, desengonçado e armado, ele lhe parecia um belicoso gafanhoto gigante de passadas eras terrestres. “Meu Deus”, pensou ela, “agora vou dizer mais alguma coisa que o irrite, e ele vai tentar me encurralar de novo: onde é que eu estou?! Que jogo é esse?!” Ficava confusa porque Lindner lhe dava vontade de rir e ao mesmo tempo não conseguia se libertar sem mais nem menos de certas palavras dele, como “saber sem começo” ou “sentido vivo”, palavras que, presentemente, eram estranhas, mas também familiares, como se ela mesma sempre as tivesse empregado, embora sequer se lembrasse de jamais tê-las ouvido antes. Pensou: “É terrível, mas algumas palavras ele mergulhou como crianças em meu coração!”

Lindner notou que causara impressão sobre ela, e essa satisfação o

apaziguou um pouco. Via uma jovem mulher diante de si, na qual pareciam alternar-se de forma suspeita emoção e fingida indiferença, até mesmo atrevimento; e como acreditava ser um profundo conhecedor da alma feminina, não se deixou desconcertar, certo de que, nas mulheres bonitas, a tentação da arrogância e vaidade é tremendamente grande. Aliás, ele quase nunca conseguia contemplar um belo rosto sem ao mesmo tempo sentir pena. As pessoas assim marcadas eram, em sua opinião, quase sempre mártires de uma fachada brilhante que as levava à empáfia, com seu séquito de frieza e superficialidade. De qualquer forma, também pode acontecer que atrás de um belo semblante habite uma alma; quanta insegurança não se esconderá atrás da arrogância, quanto desespero atrás da leviandade! Muitas vezes trata-se até de pessoas de grande nobreza, às quais falta tão-somente o auxílio de convicções justas e inabaláveis. E pouco a pouco, Lindner foi novamente dominado pela idéia de que o homem realizado tinha de compreender o estado de espírito do descurado; e, fazendo isso, verificou que o semblante e o corpo de Ágata possuíam aquela paz amena característica apenas do que é grande e nobre, mais ainda, o joelho nas pregas da vestimenta chegou a parecer-lhe um joelho de Níobe. Ficou admirado que exatamente tal comparação se impusesse a ele, pois, ao que sabia, não era nada pertinente; mas, com certeza, à nobreza de sua dor moral se misturara espontaneamente a idéia suspeita de muitas crianças, pois a atração que sentia não era menor que seu temor. Notou também o seio que arfava em pequenas ondas rápidas. Sentiu-se abafado, e, não tivesse seu conhecimento do mundo ocorrido em seu auxílio, não saberia o que fazer: mas, no momento de máxima insídia, este lhe sussurrou que o seio deveria conter algo de secreto e que, pelo que sabia, tal segredo estaria ligado ao divórcio de seu colega Hagauer; isso o salvou de uma vergonhosa insensatez, dando-lhe imediatamente a possibilidade de desejar que, em lugar do seio, desvendasse o segredo. Fê-lo então com todas as suas forças, e a ligação do pecado com o extermínio cavalheiresco do dragão do pecado flutuou diante dele em cores ardentes, parecidas com as que brilhavam na pintura em vidro de seu escritório.

Depois de recobrar o controle, Ágata interrompeu essa meditação com uma pergunta feita em tom comedido e até reservado.

— O senhor afirmou que eu ajo sugestionada, coagida de fora; que queria

dizer com isso?

Lindner ergueu, espantado, os olhos que estavam pousados no coração dela, e encarou-a.

Aconteceu algo insólito: não sabia mais o que tinha dito. Vira nessa jovem mulher uma vítima do espírito livre que assolava seu tempo, e o esquecera na alegria da vitória.

Ágata repetiu a pergunta com uma ligeira modificação:

— Eu lhe confiei que quero me divorciar do Professor Hagauer, e o senhor replicou que estou agindo sob influência alheia. Poderia ser de utilidade para mim saber o que quer dizer com isso. Repito que nenhum dos motivos corriqueiros cabe aqui inteiramente; pelo que se vê por aí, nem mesmo a aversão era insuperável. Eu simplesmente me deixei convencer de que ela não deve ser superada, e sim ampliada ao máximo!

— Por quem?

— É essa a questão que o senhor pode me ajudar a resolver. — Olhou-o mais uma vez com um sorriso meigo, repugnantemente decotado, por assim dizer, que desvendava o seio interior, deixando-o coberto por uma mera renda negra.

Com um gesto involuntário da mão, fingindo ajeitar os óculos, Lindner protegeu os olhos. A verdade era que, tanto em sua visão do mundo, quanto em seus sentimentos por Ágata, a coragem representava o mesmo papel temeroso. Era daquelas pessoas que descobriram que a vitória da humildade fica mais fácil se ela antes levar à lona a altivez, e sua natureza erudita ensinava a temer mais que tudo a altivez da ciência independente que acusa a fé de não ser científica. Se alguém lhe dissesse que os santos com suas mãos vazias e levantadas em súplica estavam antiquados, devendo atualmente ser representados empunhando sabres, pistolas e instrumentos mais recentes, ficaria talvez indignado; não admitia, porém, que se recusassem à fé as armas do saber. Trata-se de um erro quase cabal, mas não era o único a cometê-lo; e por isso atacara Ágata com palavras que teriam merecido lugar de honra em suas publicações — e provavelmente o ocupavam de fato —, mas estavam deslocadas diante de uma confidência. Vendo à sua frente, modesta e pensativa, aquela enviada de mundos hostis,

caída em suas mãos por força de um destino benévolo ou satânico, sentiu isso ele próprio, e ficou embaraçado, sem saber o que responder:

— Ora! — disse do modo mais genérico e desdenhoso possível, e por acaso quase acertou: — Eu me referia a esse espírito que hoje impera e faz com que os jovens tenham parecer tolos e até não-científicos se não partilharem de todas as superstições modernas. Sei lá quais são os lemas que lhe vêm à mente: viver a vida! afirmação da vida! cultivar a personalidade! liberdade do pensamento e da arte! Tudo, menos, de qualquer forma, os mandamentos da moral simples e eterna.

A feliz gradação: “tolos e até não-científicos” deixou-o contente por sua finura e insuflou-lhe nova combatividade.

— Estará admirada por eu dar valor à ciência em nossa conversa, sem saber até que ponto se ocupou dela...

— Nem um pouco! — interrompeu Ágata. — Sou uma mulher ignorante. — Acentuara as palavras, que pareciam dar-lhe um certo prazer, talvez o de um não-santo-de-pau-oco.

— Mas vive nesse ambiente! — corrigiu-a Lindner, muito enfático. — E quer se trate de liberdade de costumes ou da ciência, o que se manifesta é sempre o mesmo: o espírito desligado da moral!

Ágata sentiu essas palavras como novas sombras de sobriedade, lançadas, entretanto, por algo de mais escuro que rondava por perto. Não estava disposta a esconder sua decepção, mas riu ao mostrá-la:

— Deu-me o conselho de não pensar em mim, mas fica o tempo todo falando de mim — lembrou com ironia ao homem à sua frente, que repetiu:

— Tem medo de sentir-se antiquada!

Um brilho irritado passou pelos olhos de Ágata.

— Estou perplexa: o que diz pouco tem a ver comigo!

— E eu lhe digo: “Vosso preço foi alto, não tomai-vos servos dos homens!”

Ágata achou graça; a oratória contrastava com toda a aparição como uma flor

pesada num pedúnculo fininho. Incisiva, quase rude, ela perguntou:

— Então, que devo fazer? Espero do senhor uma resposta clara. Lindner engoliu em seco e ficou escuro de tão sério.

— Cumpra o seu dever!

— Não sei qual é o meu dever!

— Então precisaria procurar deveres!

— Mas eu não sei o que são deveres! Lindner sorriu com raiva.

— É a isso que leva a liberdade pessoal! — exclamou. — São fantasias vãs! Está vendo em si mesma: o homem livre é infeliz! O homem livre é um fantasma! — acrescentou, erguendo um pouco mais a voz em seu embaraço. Baixou-a de novo, para concluir cheio de convicção: — O dever é aquilo que a humanidade, por justo autoconhecimento, erigiu contra a própria fraqueza. O dever é a mesmíssima verdade que todos os grandes homens conheceram, ou para a qual sua intuição apontou. O dever é a obra de séculos de experiência e o resultado do olhar visionário dos abençoados. Mas dever é também aquilo que o mais simples dos homens conhece exatamente no segredo de seu íntimo, basta que leve uma vida honesta!

— Foi uma canção cheia do brilho trêmulo de velas! — observou Ágata com aprovação.

Era desagradável que Lindner também sentisse que cantara mal. Deveria ter dito outra coisa, mas não ousava descobrir em que se desviara da voz autêntica de seu coração. Permitiu-se apenas pensar que aquela jovem criatura deveria ter sofrido uma profunda decepção com o marido, tal o amargor e atrevimento com que se auto-agredia, e que, apesar de toda a merecida censura, seria digna de um homem mais forte; todavia, ele tinha a impressão de que esse pensamento seria seguido por outro, bem mais perigoso. Enquanto isso, Ágata balançava a cabeça, lentamente, mas muito decidida; e com a segurança involuntária com a qual uma pessoa excitada é provocada a fazer ruir definitivamente uma situação precária, ela prosseguiu:

— Mas estamos falando de um divórcio! E por que o senhor hoje não diz mais nada sobre Deus? Por que não diz simplesmente: Deus manda que fique com o Professor Hagauer!? Não consigo imaginar que ele dê uma ordem dessas!

Lindner levantou os ombros, sem querer; parecia deveras alçar-se às alturas com seu movimento ascendente.

— Nunca lhe falei a respeito disso, foi somente a senhora que tentou! —

protestou bruscamente. — E quanto ao resto, não pense que Deus se ocupa dos pequenos assuntos egoístas de nossos sentimentos! Para tanto, existe Sua lei, que temos de seguir. Ou isso não lhe parece heróico o bastante, já que o homem hoje só busca o “pessoal”? Bem, então eu contraponho às suas exigências um heroísmo superior, o heroísmo da submissão!

Cada uma dessas palavras significava muito mais do que um leigo podia se permitir dizer, ou mesmo apenas pensar; Ágata, por sua vez, só conseguia sorrir sem parar diante de um sarcasmo tão brutal, a menos que quisesse se sentir obrigada a se levantar e interromper a visita; e ela sorria com tal habilidade e segurança, que a confusa irritação de Lindner só fazia aumentar. Ele sentia idéias preocupantes brotarem em seu íntimo, acentuando sempre mais uma embriaguez ardente que lhe roubava os sentidos, fremente do desejo de quebrar aquela teimosia e, quem sabe, salvar a alma que tinha diante de si.

— Nosso dever é doloroso! — exclamou. — Nosso dever pode ser repulsivo e nojento! Não pense que quero defender seu marido ou que estou por natureza do lado dele. Mas a senhora tem de obedecer à lei, pois nada mais existe que nos assegure paz e nos defenda de nós mesmos!

Ágata riu-se dele; adivinhara qual era a arma que lhe proporcionara os efeitos causados ao mencionar o divórcio, e revolveu a faca na ferida.

— Eu pouco entendo de tudo isso — disse ela. — Mas posso confessar-lhe sinceramente uma impressão? Quando está com raiva, o senhor fica um pouco lascivo!

— Ora, deixe disso! — censurou-a Lindner. Ele recuou, tinha um único desejo: evitar a qualquer preço coisas desse tipo. Levantou a voz para se defender e exortou o fantasma pecador sentado à sua frente. — O espírito não pode se submeter à carne, às excitações e frêmitos da carne! Nem mesmo em forma de repulsa! E eu lhe digo: por doloroso que seja o domínio da repulsa carnal que a escola do matrimônio parece ter exigido da senhora, não pode se esquivar dele. Pois no ser humano pulsa um desejo de libertação, e não podemos ser escravos nem da repulsa de nossa carne, nem de sua volúpia! É exatamente isso que a senhora queria ouvir, caso contrário

não teria vindo me procurar! — concluiu, com porções iguais de grandiloquência e malícia.

Estava de pé, todo empertigado diante de Ágata, os fios da barba e bigode se agitando em volta dos lábios. Jamais dissera tais palavras a uma mulher, exceto sua própria falecida, e naquela ocasião os sentimentos tinham sido outros. Pois agora estavam eivados de volúpia, como se ele, empunhando uma chibata, quisesse açoitar a esfera terrestre; mas ao mesmo tempo estavam cheios de medo, como se ele voasse feito um chapéu perdido no alto do furacão de penitência que o dominara.

— Falou de novo de um jeito estranho — observou Ágata com indiferença, pretendia agora liquidar a insolência dele com algumas palavras secas; mas calculou então o tremendo precipício em que ele cairia e preferiu se controlar em meiga humildade, prosseguindo com uma voz que parecia repentinamente embargada pelo remorso: — Eu só vim porque queria que me conduzisse.

Lindner, que perdera as estribeiras, continuou a vibrar sua chibata retórica; suspeitava que Ágata tentava intencionalmente confundi-lo, mas não conseguia recuar, e entregou-se ao futuro.

— Estar acorrentada para a vida inteira a um homem, sem sentir simpatia física, é sem dúvida um severo castigo — exclamou. — Mas exatamente quando o parceiro é indigno, não terá sido o castigo provocado porque se deixou de respeitar o bastante os sinais da vida interior? Muitas mulheres se deixam seduzir pelas circunstâncias exteriores e quem sabe não são castigadas para que despertem! — De repente, sua voz ficara esganiçada. Ágata acompanhava as palavras dele mexendo a cabeça em sinal de aprovação; mas ter de imaginar Hagauer como grande sedutor fora demais para ela, e seus olhos divertidos traíram isso. Lindner, totalmente desorientado, trovejou em falsete: — Quem poupa o açoite, odeia os filhos; quem os ama, os açoita!

A resistência da vítima acabara de transformar completamente o filósofo da vida, instalado num mirante seguro; ele era agora o poeta dos castigos e seus excitantes corolários. Estava tomado pela embriaguez de uma sensação que desconhecia, na qual se ligavam intimamente a reprovção moral com

que instigava sua visitante e uma excitação de toda a sua masculinidade, que, ele próprio o reconhecia, poderia ser simbolicamente designada por volúpia.

Mas a “arrogante conquistadora”, com a vaidade vazia de sua beleza mundana, que deveria ter sido finalmente levada ao desespero, manteve a objetividade mesmo diante das ameaças com o açoite e perguntou calmamente:

— De quem parte o castigo? Em quem está pensando? Em Deus?

Não era coisa que se pronunciasse! Lindner perdeu subitamente a coragem. Havia suor entre seus fios de cabelo. Era impossível falar no nome de Deus numa tal situação. Seu olhar, estendido para a frente como um garfo de dois dentes, retirou-se lentamente de Ágata. Ela percebeu. “Ele também não é capaz!”, pensou. Sentia uma vontade absurda de continuar fustigando aquele homem, até que de sua boca brotassem as palavras que ele não queria revelar. Mas, por essa vez, era o bastante; a conversa chegara a um limite extremo. Ágata entendeu que se tratara apenas de um pretexto ardente, e que o ardor tornara transparente, para não ter de dizer palavras decisivas. Aliás, o próprio Lindner sabia agora que tudo o que dissera, e mesmo tudo o que o agitara, até o próprio exagero, tinha sido produto do medo de exagerar, sendo que, para ele, o mais desenfreado exagero consistia em usar os indiscretos instrumentos dos sentidos e sentimentos para se aproximar daquilo que deve permanecer encoberto por grandes palavras, como aquela jovem mulher exagerada o impelia visivelmente a fazer. Em seu íntimo, ele chamava isso agora de “violação da decência da fé”. Pois durante aqueles momentos o sangue refluíu da cabeça de Lindner, retomando seu caminho regular; despertou como um homem que se descobre nu a grande distância da poria de casa, e recordou que não poderia mandar Ágata embora sem consolo e ensinamento. Afastou-se dela, respirando fundo, alisou a barba e disse em tom de censura:

— A senhora tem uma natureza inquieta e fantasiosa!

— E o senhor tem uma forma muito peculiar de galanteria! — replicou Ágata friamente, pois não tinha mais vontade de prosseguir.

Lindner, porém, achou necessário dizer ainda qualquer coisa, para se restabelecer:

— A senhora deveria aprender, na escola da realidade, a tomar ferreamente nas mãos as rédeas de sua subjetividade, pois quem não é capaz disso acaba, logo, logo, sendo arrastado sobre o chão pela própria fantasia e imaginação...! — Deteve-se, pois a estranha mulher continuava, para desagrado dele, a extrair-lhe a voz do peito. — Ai de quem se desliga dos costumes, estará se desligando da realidade! — acrescentou baixinho.

Ágata deu de ombros.

— Da próxima vez, espero vê-lo em nossa casa! — propôs.

— Então é preciso que eu diga: nunca! — protestou Lindner num rompante, pés novamente na terra. — Seu irmão e eu temos concepções de vida opostas, é preferível evitar um convívio — acrescentou, se desculpando.

— Nesse caso, serei eu quem terá de frequentar a escola da realidade — disse Ágata calmamente como resposta.

— Não! — repetiu Lindner, atravessando-se porém estranhamente e quase ameaçador em seu caminho, pois com as últimas palavras ela se preparara para sair. — Isso não deve acontecer! Não pode me colocar, frente a meu colega Hagauer, na situação duvidosa de receber suas visitas sem que ele o saiba!

— É sempre tão impetuoso como hoje? — perguntou Ágata com ironia, obrigando-o assim a desimpedir o caminho. Agora, no fim, ela se sentia insípida, mas fortalecida. O medo que Lindner traía diante dela a impelia a ações que não correspondiam a seu verdadeiro estado; mas, enquanto as exigências do irmão a desencorajavam facilmente, este homem lhe devolvia a liberdade de sentir o que bem entendesse, e era um consolo perturbá-lo.

— Será que eu me comportei mal? — perguntou-se Lindner depois que ela se fora. Contraiu os ombros e marchou algumas vezes para cá e para lá pelo aposento. Por fim, decidiu prosseguir o convívio, expressando o mal-estar que isso lhe causava, e que era bastante grande, com palavras de soldado:

— É preciso vontade férrea para enfrentar com valentia qualquer situação embaraçosa!

Quando Ágata partira, Peter, por seu turno, tinha-se afastado na ponta dos pés do buraco da fechadura, onde, não sem espanto, estivera espionando o

que seu pai emprendia com aquele “mulheraço”.

45

COMEÇA UMA SÉRIE DE ESTRANHAS OCORRÊNCIAS

Logo depois dessa visita, repetiu-se o “impossível” que flutuava já quase fisicamente em redor de Ágata e Ulrich, e aconteceu deveras, sem que qualquer coisa acontecesse.

Os irmãos se vestiam para uma noitada. Fora Ulrich, não havia ninguém em casa para ajudar Ágata. Não tinham começado a tempo e, por isso, passaram uns quinze minutos na maior pressa, quando veio uma pausa. Nos encostos e superfícies do quarto encontravam-se espalhados peça a peça os enfeites de guerra que uma mulher usa em tais ocasiões, e Ágata acabara de curvar-se sobre o pé com toda a atenção requerida para calçar uma fina meia de seda. Ulrich estava às suas costas. Via sua

cabeça, o pescoço, os ombros e essas costas quase nuas; o corpo se arqueava para o lado sobre o joelho erguido, e a contração do movimento produzia três dobras redondas no pescoço, três flechas que percorriam, esguias e divertidas, a pele clara: a suave sensualidade desse quadro brotado de um silêncio que instantaneamente se espaiara parecia ter perdido a moldura e comunicar-se ao corpo de Ulrich de forma tão direta e repentina que este abandonou seu lugar e se aproximou na ponta dos pés, sem refletir, mas não tão inconsciente como uma bandeira que se desdobra ao vento; surpreendeu Ágata abaixada e mordeu uma das setas com terna ferocidade, passando o braço em torno da irmã. Com o mesmo cuidado, os dentes de Ulrich soltaram a presa; a mão direita tinha envolvido o joelho dela; e enquanto com o braço esquerdo apertava aquele corpo contra o seu, estendeu os músculos da perna, puxando-a consigo para o alto. Ágata gritou, assustada.

Até então, tudo fora uma brincadeira e travessura, como tantas coisas antes, e mesmo as pinceladas nas cores do amor correspondiam no fundo à tímida intenção de encobrir-lhe a natureza incomum e arriscada com um traje

alegre e familiar. Quando Ágata, porém, se recuperou do susto, parecendo não tanto voar mas boiar pelos ares, livre de repente de todo o peso e levada pela força suave do movimento pouco a pouco mais lento, um daqueles acasos que ninguém pode controlar fez com que ela se sentisse então estranhamente apaziguada, longe de toda a agitação do mundo; alterando o equilíbrio do corpo com um movimento que jamais poderia repetir, ela se desfez do último fio de seda da coação, virou-se, caindo, para o irmão, como que continuando a se erguer na própria queda, e pousou em seus braços como uma nuvem de felicidade. Apertando o corpo dela contra si, Ulrich levou-a através da penumbra do quarto até a janela e a colocou a seu lado na luz amena da noitinha, que inundou-lhe o rosto como lágrimas. Apesar da força que isso exigia e da violência que Ulrich exercera sobre a irmã, o que eles faziam lhes pareceu espantosamente distante de força e violência; talvez se o pudesse comparar com o estranho fervor de um quadro que, para a mão que o pega por fora, representa apenas uma ridícula superfície pintada. Assim, não pensavam em nada além do acontecimento físico que ocupava toda a extensão de sua consciência, mas, a par de sua natureza inocente e mesmo, a princípio, de brincadeira um tanto grosseira que punha em movimento todos os músculos, ele possuía uma segunda natureza que com delicadeza extrema paralisava todos os membros, envolvendo-os ao mesmo tempo com a trama de uma sensibilidade indizível. Como uma pergunta, passaram-se os braços em volta dos ombros. Sentiram o talhe fraterno dos corpos, como se crescessem de uma só raiz. Fitaram-se nos olhos com a curiosidade de quem vê pela primeira vez o que está vendo. E embora não pudessem descrever o que de fato acontecera, tal a intensidade de seu envolvimento, acreditavam ter-se encontrado inesperadamente no âmago daquela comunhão cuja fronteira tanto hesitaram ultrapassar e da qual tanto falaram, sempre a contemplando do exterior.

Caso examinassem objetivamente o ocorrido, coisa que ambos fizeram de forma dissimulada, ele de fato pouco mais representava que um acaso encantador que ter-se-ia dissipado no próximo instante ou, pelo menos, com a retomada de qualquer atividade; mas isso não aconteceu. Pelo contrário, afastaram-se da janela, acenderam a luz, retomaram a atividade, mas a abandonaram logo em seguida; e sem que tivessem precisado combinar, Ulrich se dirigiu ao telefone e comunicou que não iriam à casa onde eram

esperados. Já estava em trajes de recepção, mas o vestido de Ágata ainda pendia, aberto, dos ombros, ela estava apenas tentando dar um jeito civilizado no cabelo. A ressonância técnica da voz de Ulrich no aparelho e o estabelecimento de uma ligação com o mundo não o trouxeram absolutamente de volta à terra; sentou-se diante da irmã que interrompeu o que fazia, e quando seus olhos se encontraram não houve mais dúvidas de que a decisão fora tomada e qualquer interdição lhes era agora indiferente. Mesmo assim, passou-se outra coisa. A concordância de ambos se manifestava a cada respiro; era uma concordância obstinadamente sofrida de se libertarem do mal-estar daquela ânsia, e era tão docemente sofrida que as idéias de realização quase que se desligavam deles, unindo-os na imaginação, como a tempestade que açoita um véu de espumas diante das ondas: mas uma ânsia ainda maior lhes impunha calma e eles não conseguiam voltar a tocar-se. Queriam começar, mas as atividades da carne se lhes haviam tornado impossíveis, e sentiam uma advertência indefinível que nada tinha a ver com os mandamentos dos costumes. Pareciam atingidos por um mandamento mais alto, acariciados por um pressentimento, curiosidade, previsão superiores, vindos do mundo daquele enlace mais perfeito embora ainda difuso de que haviam provado momentos antes como que numa metáfora exaltada.

Os irmãos se deixaram ficar, confusos e pensativos, e uma vez amortecidas suas impressões, começaram titubeantes a falar.

Sem sentido, Ulrich disse como quem fala ao vento:

— Você é a lua... Ágata entendeu. Ulrich disse:

— Você voou para a lua que me deu você de volta de presente...

Ágata ficou em silêncio: conversas sobre a lua estão tão gastas, de todo o coração.

Ulrich disse:

— É uma metáfora. “Estávamos fora de nós”, “tínhamos trocado nossos corpos sem nos tocarmos”, também são metáforas. Mas o que é uma metáfora? Um pouco de realidade com muito exagero. No entanto, por mais impossível que seja, eu teria jurado que o exagero foi mínimo e a realidade bem grande!

Não continuou a falar. Pensou: “De que realidade estou falando? Haverá uma segunda realidade?”

Se abandonarmos aqui a conversa dos irmãos, para seguir uma possibilidade de comparação que, no mínimo, ajudou a determiná-la, teríamos de dizer que essa realidade era antes de tudo aparentada com a surpreendente transfiguração em noites de luar. E se também esta não pode ser entendida quando vemos nela apenas uma oportunidade de sentimentalismo que durante o dia é melhor recalcar, se quisermos ver o que conta é preciso pelo contrário ter presente que — coisa absolutamente incrível — num pedaço do mundo todos os sentimentos se transformam como num passe de mágica assim que ele sai da agitação vazia do dia para mergulhar na intensa sensualidade da noite! As proporções externas se diluem, recompondo-se nas núpcias sussurrantes de luz e sombra, mas também as internas encontram novas formas de aproximação: a palavra falada perde a obstinação do próprio sentido e se abre à vizinhança. Toda afirmação expressa apenas a maré de uma só vivência. A noite enlaça em seus braços maternos as contradições todas, e junto de seu seio não há palavras falsas ou verdadeiras, pois cada qual representa o nascimento incomparável do espírito de dentro da escuridão, vivido pelo homem em um pensamento novo. Assim, em noites de luar cada ocorrência tem a natureza do irrepetível, a natureza do exaltado, da generosidade e renúncia desinteressadas. A participação é partilha sem inveja. Dar é receber.

Gerar está entrelaçado na excitação da noite. Ser assim: não há outro acesso para saber o que ocorre. Pois nessas noites o eu nada retém, nenhuma condensação da posse de si mesmo, quase nenhuma lembrança; o próprio ser, exaltado, brilha para dentro de seu abandono sem limites. E essas noites estão repletas do sentimento absurdo de que vai acontecer algo como jamais existiu, como a empobrecida razão diurna nem mesmo é capaz de imaginar. Não é a boca que se exalta, é o corpo que, da cabeça aos pés, sobre a escuridão da terra e sob a luz do céu, se encontra atrelado a uma excitação que vibra entre dois astros. E os sussurros com os companheiros estão cheios de uma sensualidade inteiramente desconhecida, não a sensualidade de uma pessoa, mas da Terra, de tudo o que penetra nas sensações, a ternura do mundo de repente descoberta, que não cessa de tocar nossos sentidos e por eles ser tocada.

É certo que Ulrich nunca constataria em si uma predileção especial por exaltações ao luar; mas assim como de hábito engolimos a vida sem sentimentos, por vezes temos bem mais tarde sobre a língua seu gosto então fantasmagórico — era assim que ele sentia agora a exaltação que deixara de viver, todas as noites indiferentes e solitárias que passara antes de conhecer a irmã voltavam de repente como arbusto infinito banhado em prata, mancha de luar na relva, macieiras sobre colinas, canto de geadas e negras águas douradas. Era uma série de detalhes desconexos que jamais haviam estado juntos e agora se misturavam como o perfume que sobe das muitas ervas de uma bebida inebriante. E quando contou isso a Ágata, ela o sentiu também.

E assim, Ulrich resumiu afinal tudo o que dissera na afirmação:

— O que, desde o primeiro momento, nos levou um ao outro poderia muito bem ser chamado de vida em noites de luar!

Ágata suspirou, aliviada. Isso podia significar o que bem entendesse; e provavelmente significava: mas por que você não conhece um sortilégio contra o fato de sermos separados no último momento?! Ela suspirou com tanta naturalidade e confiança que nem mesmo o notou.

E com isso se iniciou um movimento que os aproximava e dividia um do outro. Toda emoção mais forte vivida até o fim por duas pessoas deixa nelas a nua intimidade do esgotamento; mesmo a briga o faz, quanto mais a ternura de sentimentos que escavam uma flauta na medula! E ouvindo Ágata se queixar sem dizer palavra, Ulrich quase chegou a abraçá-la, comovido, encantado como um amante na manhã que se segue às primeiras tempestades. Sua mão já quase tocava o ombro dela, ainda despido, e, sorrindo, ela tremeu com todo o corpo ante esse toque; mas em seus olhos logo reapareceu a involuntária advertência. Na cabeça dele formaram-se estranhas imagens: Ágata atrás de grades, ou arrebatada pela violência de punhos alheios que os separavam, acenando temerosa para ele, de uma distância sempre maior. Em seguida, ele surgia não só impotente e abandonado, mas era ele quem os separava... Talvez fossem as eternas imagens das dúvidas de amor, apenas desgastadas na vida mediana, talvez não. Teria querido falar-lhe a respeito, mas Ágata desviara o olhar para a

janela aberta e se levantara, titubeante. A febre do amor estava em seus corpos, mas estes não ousavam uma repetição. Do outro lado da janela de cortinas quase abertas se encontrava aquilo que lhes roubara a força da imaginação, sem a qual a carne é crua apenas, ou pusilânime. Quando Ágata deu os primeiros passos nessa direção, Ulrich, adivinhando que ela concordaria, apagou a luz, para desimpedir a visão da noite. A lua subira por detrás das copas dos pinheiros cuja cor negra de reflexos

verdes se destacava contra as alturas azul-douradas e a pálida cintilação do horizonte. Ágata examinava com desgosto aquele fundo pedacinho do mundo.

— Nada mais que o romantismo do luar, portanto? — perguntou ela.

Ulrich fitou-a sem responder. Na penumbra ao lado da noite esbranquiçada, os cabelos louros dela tomaram tons de fogo, os lábios estavam abertos por sombras, era de uma beleza dolorosa e irresistível.

Mas é provável que também ele produzisse uma imagem semelhante no olhar da irmã, com as órbitas azuis no rosto branco, pois ela prosseguiu:

— Sabe como está parecendo? Como o *Pierrot Lunaire*! É preciso cautela!

— Queria ser um pouco injusta com ele, pois estava excitada quase a ponto de chorar. Na máscara pálida do solitário pierrô lunar, todos os jovens inúteis se julgaram há tempos caprichosos sofredores, lívidos à exceção dos lábios vermelhos como gotas de sangue, abandonados por uma Colombina que jamais haviam possuído; a preferência por noites de luar ficava assim consideravelmente reduzida ao ridículo. Mas Ulrich concordou prontamente, o que a princípio aumentou a dor da irmã.

— Também o “Ri, palhaço!” já provocou a adesão íntima de milhares de burgueses simplórios, causando-lhes um frio na espinha quando o ouviam cantar — assegurou-lhe ele com amargor. Mas, então, acrescentou baixinho e insinuante: — Todo esse âmbito de emoções é suspeito! Vendo você neste momento, porém, eu daria por isso todas as recordações da minha vida! — A mão de Ágata encontrara a de Ulrich, que prosseguiu, baixinho e apaixonado: — Nossa época entende a felicidade dos sentimentos como mero sentimentalismo, ela degradou a embriaguez com a lua a um excesso sentimental, sem suspeitar que ou se trata de um distúrbio mental incompreensível, ou do fragmento de uma outra vida.

Essas palavras — exatamente por serem talvez exageradas — continham a fé e, com isso, as asas da aventura.

— Boa noite ! — disse Ágata de surpresa, e levou-as consigo. Retirara a mão, fechando tão depressa a cortina, que a imagem dos dois de pé ao luar desapareceu de um golpe; e antes que Ulrich acendesse a luz, já conseguira sair do quarto.

Ulrich lhe deu mais algum tempo.

— Esta noite você terá um sono tão impaciente como na véspera de uma viagem! — exclamou então.

— É o que quero! — souou a resposta com a porta que se fechava.

46

RAIOS DE LUAR DURANTE O DIA

Quando se reviram pela manhã, a impressão que se tinha a distância era inicialmente a de um quadro incomum numa casa comum, ou mesmo de uma importante obra de pintura em meio à livre dispersão da natureza; uma insuspeitada ilha de significado se ergue então concreta para os sentidos dos vales liquefeitos da existência, o espírito se eleva e se condensa! Ao se dirigirem um ao outro, ficaram, porém, constrangidos, e da noite passada se vislumbrava em seus olhos apenas o cansaço, em sombras de terno calor.

Quem sabe, aliás, se o amor provocaria tanta admiração caso não provocasse fadiga! Quando perceberam as sequelas das emoções do dia anterior, foram tomados novamente de felicidade, como amantes orgulhosos de quase terem morrido de prazer. Mas a alegria que um dava ao outro não consistia apenas nesse sentimento, era também uma excitação dos olhos: as cores e formas que exibiam estavam soltas e sem fundo como um ramo de flores boiando em águas escuras. Tinham contornos mais acentuados que de costume, mas não se poderia dizer se isso se dava pela nitidez da aparência ou pela comoção mais profunda. As impressões se dividiam entre o reino conciso da percepção, e o impreciso dos sentimentos, e justo isso fazia com que elas pairassem entre dentro e fora, como a respiração presa entre inspiração e expiração, e, num contraste singular com a força que tinham, elas não permitiam distinguir facilmente se faziam parte do mundo do corpo ou surgiram graças a um interesse íntimo mais aguçado. E nenhum dos dois queria fazer essa distinção, pois a razão, com uma espécie de vergonha, os detinha; viriam por longo tempo ainda a manter distância, embora sua sensibilidade fosse duradoura e pudesse mesmo levar a crer que o curso das fronteiras que os separavam um do outro e do mundo se modificara ligeiramente.

O tempo estivai voltara, permaneciam muito ao ar livre: no jardim, flores e arbustos se abriam. Diante de uma flor — o que não era propriamente um velho hábito de pessoa outrora impaciente —, Ulrich agora por vezes não dava fim à sua contemplação e, para dizer tudo, também não dava começo. Se, por acaso, conhecia seu nome, isso o salvava dos mares do infinito.

Então, as estrelinhas douradas sobre um galho despido eram “cálices de ouro”, as folhas e umbelas precoces eram “lilases”. Mas quando não sabia o nome, chamava o jardineiro, o velho pronunciava um nome desconhecido e o mundo voltava à ordem, e a magia ancestral da proteção que a posse da palavra certa confere diante da selvageria incontida das coisas demonstrava seu poder apaziguador como milênios atrás. Contudo, isso podia transcorrer de outra forma, acontecia também Ulrich se encontrar diante de um galhinho ou florzinha, sem que nem mesmo Ágata estivesse em casa para partilhar sua ignorância: então, lhe parecia subitamente impossível compreender o verde-claro de uma folha jovem, e a plenitude misteriosamente limitada das formas de um pequeno cálice de flor se transformava num círculo ininterrupto de infinitas variações. Além disso, um homem como ele, se não mentia para si mesmo, o que já por consideração a Ágata não podia acontecer, mal tinha a possibilidade de acreditar num *rendez-vous* envergonhado com a natureza, com seus sussurros, revirar de olhos, júbilo e música de silêncio, privilégios de uma ingenuidade peculiar que, mal deita na relva, já imagina que Deus lhe está cocando o pescoço, apesar de em dias de semana nada ter contra o fato de a natureza ser negociada na Bolsa de Mercadorias. Ulrich odiava essa mística de liquidação aos preços e elogios mais baratos, cuja devoção por Deus era no fundo devassa a mais não poder; preferia se entregar à impotência que é designar com palavras uma cor de nitidez palpável, ou descrever uma daquelas formas que, sem pensamentos, falavam por si mesmas de maneira tão comovente. Pois em tal estado a palavra carece de fio e o fruto fica no galho, apesar de posto na boca: esse é provavelmente o primeiro segredo da mística diurna. E Ulrich se esforçava por explicar isso à irmã, embora com a intenção dissimulada de que não viesse um dia a sumir como uma miragem. Mas com isso, depois do estado apaixonado veio outro, de conversas calmas e por vezes até dispersas, servindo de proteção entre eles, conforme sabiam perfeitamente. Costumavam ficar deitados em duas grandes espreguiçadeiras no jardim, mudando de lugar para acompanhar o sol de começo de verão, que pela milionésima vez brilhava sobre o sortilégio que a cada ano prepara; e Ulrich dizia coisas que lhe passavam pela cabeça, cuidadosamente arredondadas como a lua agora pálida e um tanto suja, ou como uma bolha de sabão. E foi assim que, bem cedo, aliás, ele teve ocasião de falar do paradoxo melindroso e por muitos repudiado de que

qualquer compreensão pressupõe uma certa superficialidade, uma tendência à superfície, que, no mais, se expressava na palavra “compreender”, pois as experiências originárias não se entendiam isoladas, mas uma pela outra, sendo, portanto, inevitável que se entrelaçassem mais na superfície que na profundidade. Prosseguiu, então:

— Quando eu afirmo, pois, que essa relva diante de nós é verde, isso soa muito determinado, mas eu não disse grande coisa. Na verdade, não mais do que se tivesse contado que um homem que passa pertence à família Verde. E, Deus do céu, o sobre nome Verde não é tão raro assim, há muitos Verdes! Então, é melhor eu me contentar logo com o conhecimento de que essa relva real é verde-relva, ou ainda que é verde como relva que acabou de pegar chuva... — Piscou, indolente, por sobre a relva nova banhada de sol e disse:

— Provavelmente é assim que você haveria de descrevê-la, pois, de tanto lidar com tecidos, se acostumou a descrições plásticas. Eu, por outro lado, talvez pudesse medir a cor: sua amplitude de onda deve ser de, estimativamente, quinhentos e quarenta milionésimos de milímetro; bem, pode ser que assim tenha mos capturado esse verde, imobilizado em determinado ponto! Mas, veja, já está escapando de novo, pois essa cor do solo é algo de material, que não se deixa de maneira alguma descrever em termos de cor, porque é diferente do mesmo verde na seda ou na lã. E eis-nos de volta ao profundo conhecimento de que a relva verde é exatamente verde-relva!

Convocada como testemunha, Ágata achou muito compreensível que nada se possa compreender, e replicou:

— Aconselho que você olhe num espelho, à noite: ele é escuro, negro, você não vê nada, e, no entanto, esse nada é nitidamente diferente do nada da escuridão restante. Você pressente o vidro, a duplicação da profundidade, um resquício da capa cidade de brilhar; e, entretanto, você não distingue absolutamente nada!

Ulrich riu da boa vontade com que sua irmã difamava a honra do saber; ele estava longe de afirmar que conceitos não tivessem valor algum, e, embora não o desse a perceber, sabia muito bem do que são capazes. Queria apenas ressaltar o inapreensível das vivências individuais, das experiências que, por

razões evidentes, temos de suportar sozinhos, mesmo em companhia de outra pessoa. Repetiu:

— O eu nunca capta de forma isolada suas impressões e produtos, mas sempre num contexto, estabelecendo semelhanças ou diferenças reais ou imaginadas; assim, tudo o que tem nome forma ligações e sucessões, é um elo de grandes totalidades a perder de vista, apoiando-se mutuamente e atravessado pelas mesmas tensões. Mas, por isso — prosseguiu, mudando subitamente de tom —, basta que, por qualquer motivo, essas ligações deixem de funcionar e as sucessões internas organizadas não respondam, para que voltemos imediatamente a nos deparar com a criação, que é indescritível e desumana, e até mesmo desfeita e disforme! — Com isso, tinham voltado ao ponto de partida; Ágata, porém, vislumbrava a criação, esse abismo que é o mundo, o Deus que deveria ajudá-la!

— Entender dá lugar a um espanto insaciável — disse o irmão —, e a mais ínfima experiência — essa folhinha de grama ou os sons suaves quando seus lábios

pronunciam palavras a distância — se torna incomparável, contém a solidão do mundo, um insondável egocentrismo, e exala um torpor profundo...!

Ele se calou, girou na mão, indeciso, um talo de grama, e ouviu, atento e a princípio contente, Ágata restaurar o corpo da conversa com a aparente superficialidade de quem não se remoía em pensamentos:

— Se estivesse mais seco, eu me deitava na grama! Vamos fazer uma viagem! Eu queria tanto ficar deitada num prado, modestamente de volta à natureza como um sapato jogado fora!

— Mas, ao mesmo tempo, isso significa ficar livre de todos os sentimentos — retorquiu Ulrich. — E só Deus sabe o que seria de nós se eles não surgissem em bandos, os amores e ódios e sofrimentos e bondades que parecem pertencer pessoal mente a cada um de nós. Ficaríamos despojados de qualquer capacidade de agir e pensar, pois nossa alma foi criada para o que se repete, e não para o que é completamente fora do comum. — Ele estava aflito, pensava ter avançado para dentro do vazio e examinava o rosto da irmã, com a testa enrugada e inquieta.

Mas o rosto de Ágata estava ainda mais claro que o ar que a envolvia e

brincava com seus cabelos quando ela, como resposta, disse de memória:

— Não sei quem sou, nem me procuro; não quero saber e ter notícia. Mergulhada na fonte de seu amor como sob as águas do mar, só vejo e sinto água e nada mais.

— De onde é isso? — perguntou Ulrich, curioso, e só então descobriu que ela tinha nas mãos um livro tirado de sua própria biblioteca.

Ágata retomou o livro e, sem responder, leu em voz alta:

— Superei meus poderes atingindo a força escura. Ouvi, então, sem sons; vi, então, sem luz. E meu coração ficou sem fundo, minha alma sem amor, meu espírito sem forma e minha natureza sem substância.

Ulrich reconheceu o volume e sorriu; só então Ágata disse:

— Um de seus livros. — E, fechando o volume, concluiu de memória sua leitura, com a invocação: — És tu mesmo ou não o és? Nada sei disso, o ignoro e me ignoro. Estou apaixonada sem saber por quem, fiel não sou, nem infiel. Que sou, então? Ignoro mesmo o meu amor; tenho o coração cheio de amor e de amor vazio a um só tempo!

Com a boa memória que tinha, Ágata nunca apreciava transformar em conceitos suas recordações; ela as conservava isoladas e sensíveis, como guardamos poemas; com isso, embora muito discreta no falar, corpo e alma sempre participavam de suas palavras de maneira difícil de descrever. Ulrich recordou a selvagem beleza dos versos de Shakespeare, que ela recitara para ele antes do enterro do pai. “Como a natureza dela é selvagem em comparação com a minha!”, pensou. “Hoje, não me permiti dizer quase nada!” Recapitulou a explicação sobre “mística lúcida” que lhe dera: no fim das contas, o que ele concedera fora apenas a possibilidade de desvios provisórios diante da ordem habitual das vivências; vistas assim, as vivências dela obedeciam simplesmente a uma lei fundamental mais cheia de sentimento que a da experiência comum, parecendo crianças burguesas que acompanham uma *troupe* de teatro itinerante. Não ousara dizer mais que isso, embora há dias cada partícula de espaço entre ele e a irmã estivesse repleta de acontecimentos inacabados! E pouco a pouco começou a refletir se não era possível acreditar mais do que se permitira.

Depois daquele vivo ponto culminante do diálogo, Ágata e ele se deixaram cair em suas cadeiras, e o silêncio do jardim cobriu o eco das palavras. Como foi dito que Ulrich começou a ocupar-se de uma questão, é preciso fazer uma retificação, pois muitas respostas precedem as respectivas perguntas, como uma pessoa que na pressa se adianta ao sobretudo aberto e esvoaçante. Era uma idéia surpreendente que ocupava Ulrich, não exigindo de fato crença, e sim provocando espanto e a sensação de que tal inspiração jamais poderia ser esquecida de novo, coisa desconfortável, se considerarmos suas pretensões. Ulrich estava acostumado a pensar não tanto de modo ateu, mas antes sem Deus, o que à moda da ciência significava deixar ao sentimento qualquer eventual inclinação por Deus, pois ela não propicia o conhecimento, levando apenas a caminhos intransitáveis. E nem mesmo naquele instante ele duvidava que isso fosse absolutamente certo, já que os mais palpáveis sucessos do espírito humano somente foram conseguidos depois que ele se afastou de Deus. Mas a idéia que o atribulava dizia: “E se exatamente essa não-devoção fosse o caminho atual para Deus?!” Cada época seguiu outros pensamentos até Ele, num caminho próprio que correspondia às suas forças espirituais mais intensas; não seria, então, nosso destino, o destino de uma era de experiências inteligentes e empreendedoras, negar todos os sonhos, lendas e sutilezas, apenas para que nós, atingindo o ápice da pesquisa e descoberta do mundo, nos voltemos novamente para Ele e estabeleçamos com Ele um relacionamento de experiência incipiente?

Essa conclusão, como Ulrich sabia, não tinha qualquer força comprobatória, a maioria poderia até considerá-la absurda, o que não incomodava Ulrich. Era coisa que ele próprio não deveria pensar: o método científico — assim explicara há pouco sua validade — consiste, além da lógica, em mergulhar na profundidade dos fenômenos os conceitos adquiridos na superfície, através da “experiência”, explicando aquela através destes; simplifica-se e esteriliza-se a natureza para poder dominá-la, e seria fácil objetar que não é lícito estender isso ao sobrenatural. Mas Ulrich refutava agora essa objeção: o deserto não é uma objeção, sempre foi um berço de visões celestes; e, além do mais, não se podem prever perspectivas ainda inalcançadas! Ele esquecia que talvez se encontrasse numa segunda contradição consigo mesmo, ou numa direção que desviava da sua: Paulo designa a fé como expectativa confiante de coisas que desejamos e convicção de coisas que

não vemos; e Ulrich, do fundo de seu coração, se opunha a essa definição possessiva, que se transformara em convicção das pessoas instruídas. A fé como diminutivo do saber repugnava à sua natureza, ela é sempre “contra a própria convicção”; em contrapartida, ele tinha o dom de reconhecer no “pressentimento ‘pelo’ melhor saber” um estado particular e um terreno de expedições para espíritos empreendedores. Mais tarde, o arrefecimento dessa oposição viria a lhe causar certa dificuldade, mas, por enquanto, ele nem mesmo o percebia, pois naquele momento havia um enxame de idéias paralelas que o ocupavam e divertiam.

Escolheu exemplos. A vida se tornava sempre mais uniforme e impessoal. Algo de tipificado, mecânico, estatístico e seriado se introduzia em todas as diversões, emoções, repousos e até mesmo paixões. A vontade de viver se tornava larga e chata como um rio retardado antes da foz. A vontade artística quase que se considerava ela própria suspeita. Tinha-se a impressão de que os tempos começavam a depreciar o indivíduo, mas sem substituir a perda por novas realizações coletivas. Essa era sua face. E essa face, tão difícil de entender; essa face que ele amara no passado e, sentindo-se jovem como milhares de outros, tentara recriar nas crateras de lava de um vulcão trovejante; da qual se afastara, como esses milhares, por não poder suportar a terrível visão deformada — através de um único pensamento, essa face se transfigurava, se tornava calma, maliciosamente bela, cheia de brilho interior! E se fosse o próprio Deus quem depreciava o mundo? Este, com isso, não recobriria de repente sentido e prazer? E não tinha Ele de depreciá-lo com o menor passo que desse em sua direção? E haveria qualquer outra aventura real, além de perceber o prenuncio da sombra disso?! Essas considerações tinham a coerência insensata de uma série de aventuras e eram tão estranhas na cabeça de Ulrich que ele pensava sonhar. Espreitava de quando em vez a irmã, como se devesse temer que ela percebesse o que estava fazendo, e chegou a enxergar sua cabeça louca como luz na luz diante do céu, e viu o ar que brincava com seus cabelos brincar igualmente com as nuvens.

Quando isso acontecia, também ela se soerguia um pouco e olhava espantada a seu redor. Tentava então imaginar como seria se todos os sentimentos de vida a abandonassem. Mesmo o espaço, esse cubo imutável e vazio, estava agora diferente, pensava ela. Se ficava de olhos fechados por

um tempo, quando os abria e o jardim entrava intocado em seu olhar como se tivesse acabado de surgir, notava com a nitidez imaterial de uma visão que a direção que a unia ao irmão se destacava de todas as outras: o jardim “se erguia” em torno dessa linha, e sem que nada tivesse mudado nas árvores, veredas e outras partes do ambiente real, o que era facilmente comprovável, tudo se ligava a esse eixo, e, com isso, estava de maneira visível imperceptivelmente transformado. Talvez parecesse contraditório; ela, porém, poderia ter dito que o mundo, ali, era mais doce, quem sabe também mais sofrido: o estranho era que se pensava ver isso com os olhos. Além do mais, havia algo de notável nas imagens que a rodeavam, todas elas tomadas do mais inquietante isolamento, mas também do mais inquietante encanto, no brilho de uma morte suave ou de um desmaio apaixonado, como se algo de indizível tivesse acabado de abandoná-las, o que lhes conferia sensualidade e sensibilidade quase humana. E à semelhança da impressão de espaço, também o sentimento de tempo se transformara; essa corrente contínua, essa escada rolante de sinistras ramificações com a morte, parecia parar em certos momentos e, em outros, correr por conta própria. Durante um único momento exterior, podia desaparecer interiormente, sem deixar indício de se parará por uma hora ou um minuto.

Uma vez, Ulrich surpreendeu a irmã nessas tentativas e chegou a adivinhar o que se passava, pois disse, baixinho e sorrindo:

— Um vaticínio diz que, para os deuses, um milênio não é mais que um piscar de olhos!

Então, recostavam-se novamente, continuando a ouvir as falas de sonho do silêncio.

Ágata pensou: “Foi ele quem realizou sozinho tudo isso, mas tem sempre dúvidas quando sorri!” O sol, entretanto, se derramava com seu calor sobre os lábios abertos de Ulrich, suave como um sonífero, e Ágata o sentia em seus próprios lábios, sabendo-se então unida a ele. Tentava se pôr no lugar dele, adivinhar seus pensamentos, o que entre eles era na verdade considerado proibido, por vir de fora e não da simpatia criativa; mas, como exceção, era tanto mais íntimo. “Ele não quer que isso acabe numa mera

história de amor”, pensou, acrescentando: “Eu tampouco.” Logo em seguida, pensou ainda: “Depois de mim, ele não vai amar nenhuma outra mulher, pois essa não é mais uma história de amor; essa é a última história de amor que pode existir!” E acrescentou: “Seremos provavelmente uma espécie de últimos moicanos do amor!” Naquele momento, era capaz também desse tom para consigo mesma, pois em se prestando contas honestamente, o próprio jardim encantado em que se encontrava com Ulrich era mais desejo que realidade. Não acreditava de fato que o Reino dos Mil Anos já pudesse ter começado, a despeito desse nome que lembrava terra firme, indicado por Ulrich certa vez. Sentia-se até mesmo bastante abandonada pelas forças do desejo, amargamente desiludida na região em que os sonhos costumavam surgir, não sabia qual. Recordou que antes de Ulrich as ilusões eram mais fáceis; um sonho acordado, como aquele em que sua alma agora balançava, teria conseguido levá-la para trás da vida até uma vigília posterior à morte, para perto de Deus, até forças que viriam buscá-la, ou simplesmente, ladeando a vida, até um ponto onde os conceitos desapareceriam e ela entraria nos bosques e campinas da imaginação: nunca ficara claro o que isso era! Ela se esforçava, pois, por recordar essas fantasias antigas. Mas lembrava-se apenas de uma rede estendida entre dois dedos tremendos e balançada por uma paciência infinita; então, sentia-se calmamente suplantada, como que por árvores altas entre as quais parecemos nos alçar e sumir; e, afinal, surgia um nada que possuía um conteúdo impalpavelmente palpável... — tais eram as configurações intermediárias de inspiração e fantasia, nas quais seu anseio outrora encontrara consolo. Mas teriam sido realmente apenas configurações intermediárias e incompletas? Para seu próprio espanto, Ágata começou pouco a pouco a notar algo de muito estranho. “É mesmo como se diz”, pensou, “uma luz se acende diante de nós! E enquanto brilha, se espalha sempre mais!” Pois o que antes imaginara era quase integralmente aquilo que, agora, estava ali, calmo e persistente, sempre que procurava com os olhos. Entrara mundo adentro sem fazer ruído. Ela não o vivia como uma pessoa presa ao pé da letra talvez o tivesse feito, pois Deus decerto ficara afastado de sua aventura, mas, em contrapartida, ela não se encontrava mais sozinha nessa aventura: eram essas as duas únicas modificações pelas quais a concretização se distinguia de seu prenuncio, e eram, aliás, favoráveis à naturalidade terrena.

PERAMBULANDO ENTRE OS HOMENS

No período seguinte, eles se afastaram de seus conhecidos, causando espanto por recusarem todo convite e se tornarem inacessíveis. Ficavam muito em casa e, quando saíam, evitavam lugares onde pudessem encontrar pessoas do mesmo círculo social, mas frequentavam locais de diversão e pequenos teatros onde se sabiam a salvo. De um modo geral, ao sair de casa seguiam simplesmente os fluxos da grande cidade, que apresentam um quadro das necessidades, comprimindo em certas horas as pessoas em determinados lugares e em outras sugando-as daí, com a precisão das marés. Divertiam-se com essa mudança de vida, que, provisoriamente, os deixava sem responsabilidades. A cidade em que viviam nunca lhes parecera a um só tempo tão linda e tão estranha. O conjunto dos prédios formava um quadro impressionante, mesmo que estes, quando isolados ou vistos em detalhe, não fossem propriamente

bonitos; o barulho percorria o ar rarefeito pelo calor como um rio que alcançasse o teto das casas; na luz intensa, amortecida na profundidade das ruas, as pessoas pareciam mais apaixonadas e misteriosas do que provavelmente mereciam. Os sons, as imagens, os aromas

— tudo isso era tão único e inesquecível como se deixasse transparecer na efemeridade a própria visão que tinha de si; e os irmãos aceitavam com prazer esse convite de voltar-se para o mundo.

Entraram assim num dilema considerável. Suas experiências, que nem mesmo entre si trocavam com frequência, os separavam dos outros; mas a paixão indefinida que continuavam sentindo com igual intensidade, refratada não numa proibição mas numa promessa, os levava a um estado parecido com as interrupções abafadas de um enlace carnal. O desejo sem saída refluía para dentro do corpo, enchendo-o de uma ternura tão indeterminada como um último dia de outono ou um primeiro dia de primavera. Mas não era que amassem todo o mundo que viam e tudo o que

aconteciam: vislumbravam apenas a linda sombra do “como seria” caindo sobre seus corações, que, não podendo acreditar completamente na doce ilusão, também não conseguiam se esquivar inteiramente a ela. Parecia que eles, pelas conversas e pela renúncia, pela expectativa e seu limite provisório, tivessem ficado sensíveis aos obstáculos que a realidade impõe aos sentimentos, percebendo agora a cada momento a singular duplicidade da vida que abrandava com impulsos baixos cada impulso maior. Essa duplicidade liga cada progresso a um retrocesso, a cada força uma fraqueza, e não dá a ninguém um direito que não tire de outrem, não resolve uma complicação sem criar nova desordem, e só parece produzir o sublime para uma hora depois confundi-lo com o trivial. Um elo francamente indissolúvel e profundamente necessário parece ligar os esforços otimistas dos homens à realização de seu oposto, tornando a vida, sem consideração por partidos, insuportável para seres pensantes.

Essa junção de luxo e lixo da vida já foi encarada de formas muito diversas. Pios misantropos vêem nela uma secreção da debilidade humana; os exuberantes, o mais suculento filé da vida; os medíocres se sentem tão bem nessa contradição como entre a mão direita e a esquerda; e os corretos afirmam não ser o mundo feito para corresponder à imaginação humana. Mas, vice-versa, terá esta sido criada para corresponder ao mundo, e, então, por que jamais consegue isso no domínio do justo e do belo?! Como foi dito, Ulrich era de opinião que isso servia para gerar e manter um estado mediano de vida, que, em maior ou menor grau, deixa ao acaso misturar gênio humano e burrice humana, assim como esse estado é, ele próprio, produto de tal mistura; e ele há muito tempo já o expressara dizendo que o espírito não tinha espírito, e, fazia bem pouco, o explicara como grande desordem dos sentimentos, numa noite em casa de Diotima. Mas, transcorrido muito ou pouco tempo, e por mais natural que tivesse sido prosseguir nos mesmos pensamentos, Ulrich assim que começara teve a sensação de que tais palavras saíam de sua boca com alguns dias de atraso. Faltava-lhe dessa vez o desejo de se ocupar com assuntos que não lhe diziam diretamente respeito, pois sua alma estava pronta a se entregar ao mundo com todos os sentidos, fosse ele qual fosse. Seu julgamento não tinha aqui praticamente nenhuma importância. Quase nada significava que ele gostasse ou não de alguma coisa, pois tudo o que comovia mais do que podia entender. Era um estado difuso, que ao mesmo tempo se prendia a minúcias

e detalhes, por vezes mesmo desprovido de pensamentos, físico; quando durava, atingindo certo grau, tomava-se desagradável ou lhe parecia ridículo, e ele então ficava a ponto de retirar sua entrega, sem motivo, como se entregara.

Ao jeito dela, Ágata vivia mais ou menos o mesmo. Às vezes, a consciência lhe pesava, e esperava ou criava novas opressões por parte do mundo que abandonara, mas que, apesar disso, se anunciava em torno dela cheio de energia. Na múltipla agitação que enche dia e noite não se encontraria talvez tarefa alguma a que ela se quisesse dedicar de corpo e alma; e, no que ousava empreender, poderia estar segura da censura ou menosprezo dos outros, quando não de seu desprezo. Havia nisso uma estranha paz! Mudando um provérbio, talvez se possa dizer que uma consciência pesada é quase um melhor travesseiro que a tranquila, basta que seja pesada o bastante: a ininterrupta atividade paralela do espírito, que, das injustiças em que está enredado, procura obter como resultado uma consciência tranquila, cessa então, devolvendo à alma uma serena independência. Uma doce solidão, uma altivez celestial derramavam por vezes seu brilho sobre essas excursões pelo mundo. Ao lado das próprias sensações, o mundo podia então parecer um balão cativo deselegantemente inflado, em torno do qual voassem andorinhas, ou, *mutatis mutandis*, reduzir-se a um pano de fundo pequenino como um bosque no canto do horizonte. As obrigações sociais esquecidas soavam como um ruído distante e grosseiro que se aproximava; eram desimportantes, quando não irreais. Uma ordem terrível, que afinal nada mais é que um tremendo absurdo — era isso o mundo. Entretanto, cada detalhe com que se deparava possuía a natureza tensa e trapezista de uma-vez-e-nunca-mais, a natureza da descoberta, cheia de magia, não permitindo repetição; e quando queria falar a respeito, tinha a consciência de não poder dizer pela segunda vez uma palavra sem modificar-lhe o sentido.

O comportamento dos irmãos em meio ao mundo não era naquele tempo, pois, uma expressão imaculada de simpatia certa; unia de maneira peculiar simpatia e antipatia num estado que flutuava difuso como o arco-íris, sem que os opostos se misturassem sedentariamente como ocorre na trivialidade segura de si. E tinha relação com isso o fato de também o tom de suas conversas ter mudado nos dias que se seguiram àquela noite singular; a

ressonância do destino arrefeceu, o progresso se tornou mais livre, chegando a se volatizar num farfalhar lúdico das palavras. Ainda assim, isso não significava tanto uma hesitação por falta de coragem, mas antes uma ampliação desordenada da base existencial de sua aventura. Procuravam apoio observando a vida comum, e no íntimo estavam certos de que também nela o equilíbrio era mero fingimento. Foi assim que suas conversas entraram por um caminho duradouro, apesar das oscilações. Ulrich perguntou:

— Que significa de fato a obrigação de amar o próximo como a si mesmo?

— Significa: ama o mais distante como a ti mesmo! — respondeu Ágata com a mais terna indulgência, que o irmão requeria em questões de filantropia.

Mas Ulrich não se deu por satisfeito.

— E que significa: ama o desconhecido? Amar quem não conhecemos, mesmo convictos de que, travando conhecimento, não haverá simpatia? Afinal, então: ama-o embora não o conheças? — repetiu ele com maiores detalhes.

— Essa é com certeza a situação em que se encontra a maioria das pessoas, sem que isso as incomode — replicou Ágata. — Elas duvidam e desconfiam umas das outras.

— No mandamento do amor, elas de antemão nada mais vêem que a proibição sensata de se prejudicarem mutuamente sem sentido — sugeriu Ulrich. Mas Ágata disse que isso equivalia àquela regra prática ineficaz: “Não faças ao próximo o que não queres que ele faça a ti mesmo!” E seria impossível que todo o sentido de um mandamento tão magnanimamente apaixonado, tão alegremente generoso, se resumisse em amar um estranho sem nem mesmo perguntar quem ele é!

— Talvez esse “ama!” seja apenas uma expressão que tomou impulso excessivo para vencer as resistências?! — aventou Ulrich. Mas Ágata insistiu que significava de fato “ama-o!”, e “sem qualquer razão especial”,

e que não se podia renunciar a uma vírgula, de forma que Ulrich se deu por vencido.

— Tem o sentido: ama-o apesar de conhecê-lo! — concedeu.

— E antes de conhecê-lo! — repetiu Ágata, acentuando mais uma vez: — De qualquer forma: sem que o conheças!

De repente, porém, ela se deteve e fitou, intrigada, o irmão.

— Mas, na realidade, o que amamos numa pessoa que nem conhecemos? — perguntou, impaciente.

A pergunta, rebatida várias vezes rapidamente, tomara assim diversas formas. Mas Ulrich não se apressou em ajudar a irmã. Ele achava que amar alguma coisa significava preferi-la a outras, o que pressupunha um certo conhecimento.

— Mas quase todo mundo gosta mais que tudo de si mesmo, e se conhece menos que tudo?! — retorquiu Ágata por seu turno.

— O verdadeiro amor não depende de merecimento e paga — confirmou Ulrich, imitando um tom moralista e dando de ombros.

— Há alguma coisa de errado nisso!

— Há muita coisa de errado nisso! — opinou ele.

— E se amarmos tudo? Se, como dizem hoje, tivermos de amar tudo? Que amamos, então? Você vai dizer: nada de especial! — perguntou Ágata, sorrindo.

— Você não notou que é francamente incômodo quando encontramos hoje uma pessoa tão bonita que teríamos de dizer algo de pessoal? — perguntou Ulrich por sua vez.

— Então o sentimento não se refere ao mundo real e às pessoas reais! — disse ela com decisão.

— Temos então de saber a que parte delas ele se refere, ou a que transformação e transfiguração das pessoas reais e do mundo real! — disse Ulrich ligeiramente enfático.

Depois de um pequeno intervalo, Ágata revidou timidamente:

— Talvez a pessoa real seja exatamente isso?! — Mas Ulrich balançou a cabeça numa recusa hesitante.

Uma profunda evidência transparecia nessa pergunta-afirmação, fazendo seu conteúdo parecer certo. O ar e o prazer daqueles dias eram tão ternos e alegres, que se tinha a impressão involuntária de que as pessoas e o mundo precisavam mostrar-se como eram realmente. Um pequeno calafrio supra-sensível de aventura residia nessa transparência, como na transparência fluida de um regato que deixa o olhar atingir o fundo, mas, quando este chega lá, oscilando, faz as misteriosas pedras coloridas parecerem uma escorregadia pele de peixe que melhor esconde o que ele pensara ter descoberto. Bastava Ágata soltar o olhar para, banhada de sol, ser tocada pela sensação de ter entrado num reino sobrenatural; por um brevíssimo instante era então muito fácil acreditar ter roçado uma verdade e realidade mais alta, ou encontrar-se de um lado da existência onde um portãozinho atrás da natureza apontava secretamente do jardim natural para o sobrenatural. Quando, porém, imprimia ao olhar a tensão habitual, deixando a vida correr plena para dentro dele, via o que por acaso ali estivesse: uma bandeirola que tremulava divertida mas sem mistério na mão de uma criança, uma viatura policial com prisioneiros, cintilando ao sol em suas cores preta e verde, um homem de gorro colorido juntando estéreo, satisfeito, e, por fim, uma divisão de soldados, as espingardas ao ombro apontando os canos para o céu. E tudo isso estava recoberto por algo aparentado ao amor, as pessoas pareciam mais dispostas que de hábito a se abrir a esse sentimento: mas acreditar que agora o reino do amor chegara realmente era tão difícil, disse Ulrich, como imaginar que nesse momento nenhum cão pudesse morder e nenhum ser humano fazer o mal.

O mesmo sucedia a todas as outras tentativas de explicação, semelhantes a esta por contraporem ao homem cotidiano, rotundo, bom-mau, mas de alguma forma existente, um outro qualquer, longínquo e verdadeiro. Os irmãos examinaram sucessivamente todas elas, sem acreditar em nenhuma. Há uma sensação de que em tais dias de festa a natureza traz à tona toda a bondade e beleza secreta de suas criaturas. E há também as explicações mais psicológicas de que nesse translúcido ar de bodas o ser humano, embora não se apresente magicamente outro, se exhibe com a amabilidade que gostaria de ter e acredita possuir: transpirando narcisismo e condescendência introspectiva como se fossem mel. E, por fim, há ainda a variante segundo a qual os homens mostrariam sua boa vontade, que,

embora não lhes impeça a crueldade, em tais dias surge milagrosamente intacta do seio da má vontade que de hábito o domina, como Jonas saiu da barriga da baleia. Todavia, a explicação mais curta que se ouve é a que diz ser a parte imortal do homem que reluz então através da mortal. Todas essas hipóteses tinham em comum o fato de alojarem o verdadeiro ser humano numa só parte dele, que, rodeada pelas outras, insubstanciais, não se manifesta; e se vislumbrá-la era ocorrência que nitidamente se dirigia para o alto, ainda havia outro grupo não menos opulento de explicações nas quais essa ocorrência se dirige para baixo, com nitidez não menor: todas aquelas que pretendem ter o homem perdido a inocência natural por efeito da arrogância do espírito e dos desastres da civilização. Há, portanto, dois seres humanos verdadeiros, que, nas mesmas ocasiões sempre repetidas, surgem diante da alma com pontualidade britânica, mas ambos — o super-homem celestial e o sub-homem animal se encontravam agora nos antípodas do ser humano real. E, por fim, Ulrich disse secamente:

— De comum e, aliás, bastante significativo, só sobra, portanto, que, mesmo nos momentos de bondade, o homem não procura em si mesmo o verdadeiro homem, mas o considera como sendo ele próprio “mais ou menos” outra coisa!

Mas, com isso, os irmãos tinham apenas trocado por outro um caso-limite do amor, do amor tão discutível, que tudo liga com tanta doçura, e Ágata suspirou, irritada, embora não sem encanto.

— Então, de tudo isso sobra somente um “humor”! — exclamou, decepcionada. — O sol brilha. Entra-se em certo estado de espírito!

— Os instintos sociais — completou Ulrich — se expandem ao brilho do sol como o mercúrio no tubo do termômetro, à custa dos instintos egoístas que habitualmente os contrabalançam. Talvez seja só isso!

— Um “impulso inconsciente”, pois, como no caso de uma menina ou garoto de escola! — prosseguiu Ágata. — Eles gostariam de beijar o mundo todo, e não sabem por quê! Será que nós não podemos dizer mais nada além disso?

Estavam de repente cansados de sentir; e acontecia por vezes que uma conversa dessas, totalmente voltada para suas sensações, os levava a

esquecê-las. E pagavam com ingratidão o excesso de sentimento que, não encontrando saída, no fundo doía. Depois de terem ambos falado, Ágata olhou de esguelha para o irmão:

— Seria dizer pouco! — assegurou.

E, no momento em que ela disse isso, ambos sentiram que não estavam simplesmente presos a uma fantasia pessoal, e sim diante de uma realidade imprevisível. Naquele ânimo transbordante pairava verdade, sob a aparência havia realidade, transformação do mundo lançava sua sombra para fora do mundo! Era, contudo, uma realidade estranhamente sem miolo, semipalpável apenas, a que esperavam; e uma semiverdade muito familiar, familiarmente inacabável, lutando por crédito: não uma realidade corriqueira e uma verdade para todo mundo, mas secreta, para amantes somente. E visivelmente não era mero arbítrio ou logro, sua mais secreta insinuação dizia: “Basta te entregares a mim sem desconfiança e descobrirás então toda a verdade!” Era tão difícil dar-se conta disso, pois o amor fala língua secreta e atingindo a máxima perfeição é silencioso como um abraço.

A idéia de uma língua secreta fez com que Ágata se lembrasse obscuramente de ter lido: “Quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele. Quem não ama, não conhece Deus.” Não sabia onde.

Ulrich por seu lado refletia porque ela dissera se tratar somente de “um humor”, pensamento doce-claro como som de flauta. Bastaria simplesmente presumir que o humor do enamoramento não era apenas um estado transitório de exceção, mas que fosse capaz de superar a contingência, ganhando duração e extensão; com outras palavras, bastava pressupor que mesmo sozinhos e por nossa natureza estável podemos ser amantes, como podemos ser indiferentes, e a consequência disso seria uma maneira de viver completamente mudada, e até previsivelmente um mundo insólito que se desenha em nosso cérebro sem que nos possam considerar dementes. Como era sedutora a idéia de que tudo poderia ser diferente, bastando um único passo, sim, bastando a alma se entregar a um simples gesto! E de repente, Ulrich perguntou à irmã, curioso:

— O que você acha que aconteceria se nós parássemos uma daquelas pessoas ali, e lhe disséssemos: “Fique conosco, irmão!”, ou: “Espere, alma

que passa correndo!”?

— Com certeza ela nos olharia espantada! — respondeu Ágata.

— E então apressaria timidamente o passo, ou chamaria um policial! — completou Ulrich.

— Provavelmente ela pensaria ter encontrado loucos mansos! — acrescentou Ágata.

— Mas se gritássemos apenas as palavras: “criminoso, canalha!”, ela certamente não nos julgaria loucos — observou Ulrich, divertido —, mas simplesmente gente que “pensa diferente”, “membros de outro partido”, que se aborreceram com ela.

Ágata franziu, sorrindo, as sobrancelhas, e voltaram a olhar juntos a corrente humana que os acompanhava ou vinha em sua direção. Sentiram novamente o alheamento e poder, a felicidade e bondade, o acanhamento profundo e agudo que predominam no seio de uma irmandade humana, ainda que casual, como numa rua movimentada, de modo que não se acredita que possa haver maldades e divisões; e seu próprio ser, o ser-colocado-ali, difícil e bem delimitado, essa felicidade e inimizade fundamentais, se destacavam estranhamente. Pensavam o mesmo, mas também pensavam diferente, sem que isso se fizesse notar. Adivinhavam um o outro; e às vezes adivinhavam errado. Aos poucos, uma indolência, um entorpecimento das idéias, desprendeuse daquele estar lado a lado como pérolas gêmeas na concha do mundo, para usar a expressão um tanto irônica de Ulrich, e por defesa eles riram um do outro ou de qualquer coisa. Quando isso se repetiu, Ágata disse:

— Estou sempre tão triste quando temos de rir de nós; e não sei por que preciso rir.

— Não há nada mais engraçado do que abrir os olhos para a realidade quando eles ainda estão cheios de alma! — replicou Ulrich.

Mas Ágata não lhe deu ouvidos, ela repetiu:

— Tudo fica tão incerto, parece se contrair e volta a se dilatar, disforme. Não deixa fazermos nada, e a inatividade se torna insuportável. Também não posso dizer que amo realmente essas pessoas, ou que amo essas pessoas reais, do jeito em que estão diante de nós. Temo que nossos próprios

sentimentos sejam bastante irreais!

— Mas entre essas pessoas se passa o mesmo! — replicou Ulrich. — Gostariam de se amar, mas no momento decisivo acham a antipatia mais saudável e natural! É igual com todo mundo: o que sentimos é a vida possível que se quebra na vida real.

— Mas, então, me explique por que o amor sempre exige uma igreja ou uma cama! — exclamou Ágata, indignada.

— Pelo amor de Deus! — disse Ulrich rindo, para acalmar sua acompanhante. — Fale com mais discrição! — Tocou a mão dela com as pontas dos dedos e prosseguiu, brincando misterioso: — Você e eu somos especificamente o que todos são genericamente: juntos mas separados!

Não era uma afirmação, apenas uma expressão lisonjeira, uma brincadeira, uma nuvenzinha aberta de palavras; e eles sabiam que sentir-se eleito é a mais barata das mágicas, coisa muito adolescente. Mesmo assim, o que Ulrich dissera sobre a fraternidade foi subindo ao longo deles, da terra até além da cabeça. E Ágata por sua vez sussurrou brincando:

— De véu, a gente às vezes sente o próprio hálito voltar quente como os lábios de outra pessoa: eu às vezes tenho essa impressão enganosa ou real de ser você! — disse ela como resposta, e seu riso suave acabou se perdendo no silêncio de uma cortina que baixava.

Foi assim que, de diversas maneiras, abordaram um assunto que desperta a curiosidade de milhões de casais enamorados, que se perguntam cem vezes por dia se se amam realmente e de verdade, e quanto tempo isso pode durar; os outros, porém, não precisavam temer evocar tais estranhezas.

48

O AMOR É CEGO. OU DIFICULDADES ONDE NÃO SÃO PROCURADAS
Outra dessas conversas voltadas para o mundo transcorreu da seguinte forma:

— E qual seria a situação desse acontecimento famoso e apreciado que é o amor entre as duas chamadas “pessoas de sexo oposto”? — perguntou Ulrich. — Parece que em parte amamos mesmo a pessoa que acreditamos amar.

— Mas acabamos transformando-a num boneco! — interferiu Ágata, de mau humor.

— Seja como for, o que ela diz, pensa e é também tem seu encanto!

— Enquanto a amamos! Porque a amamos! E não vice-versa! Assim que entendemos o que o outro quer dizer, a gente não só perde a raiva, como se diz, mas, em geral, também o amor.

A resposta exaltada ficara de novo por conta de Ágata. Ulrich sorriu. Ela deveria ter dado várias vezes com a cabeça na parede, e violentamente.

— Mas pode ser que, primeiro, as opiniões nos agradem; no começo, isso costuma ter certa importância: a conhecida e maravilhosa harmonia; mas, mais tarde, de fato não o entendemos mais — disse ele, conciliante, e perguntou: — E as obras? Têm importância no amor?

— Apenas na medida em que demonstram uma mentalidade. Ou que imprimem à imaginação uma espécie de postura de monumento!

— Mas nós acabamos de descobrir que a mentalidade não tem muita importância! — lembrou Ulrich, mexendo com ela.

— Nada é importante! — exclamou Ágata. — Nem o que se é, nem o que se diz, nem o que se quer, nem o que se faz! Às vezes, desprezamos alguém e mesmo assim o amamos. E às vezes amamos alguém e sentimos em nosso íntimo que essa pessoa de barba ou seio, que pretendemos conhecer há muito tempo e... admiramos. .. e que fala ininterruptamente de si mesma, no fundo só está fazendo uma visita ao amor. Poderíamos deixar de lado suas

opiniões e seus méritos, mudar seu destino, dotá-la de outra barba e outras pernas: quase que poderíamos deixá-la toda de lado mas a continuaríamos amando!... Desde que de fato a amássemos — acrescentou ainda, atenuando o que dissera.

A voz dela tinha um tom profundo, onde uma claridade inquieta brilhava como fogo.

Ela sentou-se, com consciência de culpa, pois saltara da cadeira num fervor involuntário.

Ulrich sintetizou o resultado num compromisso:

— As duas contradições estão sempre presentes e formam uma quadriga: amamos uma pessoa porque a conhecemos e porque não a conhecemos; e a conhecemos porque a amamos, e não a conhecemos porque a amamos. E isso por vezes atinge um ponto em que se torna bastante sensível. São os famosos momentos em que Vênus e Apoio vêm um gancho vazio ao se fitarem, ficando profundamente admirados por terem antes visto outra coisa. Se o amor continua mais forte que o espanto, vai haver uma luta entre estes dois, e às vezes o amor sai vencedor, embora desesperado, esgotado e incuravelmente ferido. Se ele, porém, não for tão forte, haverá uma luta entre as pessoas, ofensas, para compensar ter-se bancado o bobo ...

haverá terríveis assaltos da realidade... desonras extremas... — Já passara por esses temporais do amor com bastante frequência para poder descrevê-los calmamente. Ágata o interrompeu:

— Mas eu acho que, em geral, se sobreestima esses assuntos de honra conjugai ou extraconjugai — replicou ela.

— Todo o amor é sobreestimado! O louco que em sua alucinação saca da faca e apunhala um inocente que casualmente confundiu...: no amor isso é normal — disse Ulrich riu.

Ágata o encarou sorrindo. Ulrich ficou sério.

— Que estranho, termos de pensar que não há duas pessoas que se harmonizem espontaneamente, sem que suas opiniões e convicções sejam influenciadas com maior ou menor violência — observou, pensativo, e com isso a conversa tomou por um tempo um jeito um tanto diferente.

Estavam sentados no quarto de Ulrich, um de cada lado da escrivaninha comprida e de brilho escuro, feita de madeira maciça, cujo centro estava agora vazio, pois Ulrich aparentemente não trabalhava. Cada qual tinha apoiado um braço no tampo, preguiçosos os dois, e olhavam um pequeno cavalinho de papel-machê que se encontrava entre eles no meio-de-campo vazio.

— Até no pensamento, onde tudo está num contexto lógico e objetivo — prosseguiu Ulrich —, em geral só aceitamos plenamente a convicção superior de outra pessoa quando também nos submetemos a ela de alguma forma, seja como modelo e guia, seja como amigo ou mestre. Sem esse sentimento, que não tem nada a ver com a coisa, só aceitamos a opinião alheia com a ressalva implícita de que nós mesmos seremos melhores guardiães dela que o próprio autor; isso quando não temos a intenção de mostrar ao sujeitinho a insuspeitada importância de sua idéia! E na arte, então, a maioria das pessoas sabe muito bem que seria impossível produzirmos nós mesmos aquilo que lemos, vemos e ouvimos; mas temos a consciência condescendente de que, se soubéssemos fazer, faríamos logo muito melhor! Talvez tenha de ser assim, e isso faça parte da natureza ativa do espírito, que não podemos encher como uma panela vazia — concluiu Ulrich —, mas que é atuante ao apreender, tendo deveras de aprender.

Teria querido continuar, dizendo algo que lhe ocorrera em seguida e não o deixava em paz, de forma que já manifestou dúvidas antes mesmo de Ágata ter podido replicar.

— Deveriam nos perguntar também — sugeriu — que vida surgiria se essas condições não fossem tão desfavoráveis. Por um lado, temos a brutalidade extrema com que nossas opiniões querem no fundo ser tratadas, mas, no extremo oposto, no outro caso-limite, quando se assimila sem resistências a opinião alheia, na entrega total aos sentimentos de outra pessoa, não haverá uma felicidade de delicadeza doentia, quase que uma felicidade anti-espiritual? E como produzir essa luz sem a sombra? — Para Ulrich, por esse pensamento valeria a pena prosseguir a conversa. Mas Ágata, embora ele de forma alguma lhe fosse estranho, tinha no momento preocupações menores. Fitou o irmão por algum tempo, em silêncio, e decidiu-se então por uma pergunta magoada, pronunciada com a maior indiferença possível; queria

saber se ele chegara à convicção madura de que “mesmo apenas duas pessoas” nunca poderiam concordar, muito menos se fossem amantes.

Ulrich já estava prestes a expressar com um gesto que não se podia tomar isso ao pé da letra, e que não tinha importância, quando notou o zelo dissimulado da irmã; teve de disfarçar um sorriso provocado por essa suspeita sede de saber, mas com isso esqueceu a própria — e séria —, caindo novamente no tom de brincadeira do começo, cuja alegria se interrompera e fugira como um regato.

— Foi você quem começou a fazer pouco do amor! — respondeu.

— Vamos ficar por aqui! — decretou Ágata generosamente. — Fica assim: exatamente no amor não há concordância. Mas na vida comum, que certamente é tudo, menos amorosa, existem, como você há de convir, pessoas de todo tipo, que têm as mesmas convicções, e isso é de grande importância.

— Elas simplesmente pensam que concordam! — interveio Ulrich mais uma vez.

— Elas concordam!

— Elas são concordadas! As pessoas são como um fogo cujas labaredas se espalham quando não há uma pedra sobre ele!

— Mas não existem, por exemplo, opiniões que são em geral acatadas? — perguntou Ágata com o propósito de não ficar atrás do irmão.

— Você mesma está dizendo! — replicou Ulrich. — Acatadas! Como é necessário que concordemos, há naturalmente toda uma série de dispositivos que exteriormente providenciam e no íntimo fingem isso. E nem sempre usam métodos delicados, para criar concordância entre nós homens. Sugestionamento, violência, intimidação, ignorância, covardia, todas essas coisas têm bastante importância. A atuação desses dispositivos é em geral permeada de baixezas e desmoralização. Mas faça cessar a influência deles por um momento que seja, deixando a razão se ocupar do assunto, e logo em seguida você verá as pessoas rosando enraivecidas, se desentendendo como os loucos quando o controle relaxa.

Ágata recordou a harmonia sem ressalvas dos passeios com bom tempo, quando as pessoas, embora provavelmente só acreditassem amar-se umas às

outras, pelo menos ficavam cheias de atenções e de uma amabilidade e curiosidade quase solenes. Era natural que mencionasse ser o amor a única coisa no mundo que cria mútua concordância, em todas as variações e voluntariamente.

— Mas o amor é exatamente uma das máquinas de concordância. Tem o efeito benéfico de fazer-nos cegos! — retrucou Ulrich. — O amor ofusca: essa simples frase contém a metade dos enigmas do amor ao próximo, que nos propusemos!

— Pode-se, no máximo, acrescentar ainda que o amor também faz ver o que não existe

— afirmou Ágata, concluindo, pensativa: — No fundo, essas duas frases contêm tudo de que precisamos no mundo, para, apesar dele, sermos felizes!

O cavalinho de papel-machê, sozinho entre eles no meio da mesa, era diretamente culpado pela conversa. Não chegava a um palmo de altura; a curva do pescoço era uma graça; o pêlo era de um castanho delicado e farto como o estômago de uma menina de quinze anos que quase — mas só quase — comeu torta demais; crina e cauda, cascos e arreios, eram do mesmo negro profundo. Era um cavalo de carruagem real, mas, assim como na lenda dois deuses se ligam em um só, a forma de cavalo englobava uma caixinha de balas. Ulrich descobrira o cavalinho na vitrine de um baleiro suburbano e o adquirira imediatamente, pois o conhecia de sua infância, quando o amara com tal intensidade que mal conseguia se lembrar de jamais tê-lo possuído. Por sorte, tais poemas mercantis perduram vez ou outra ao longo de gerações, passando com o tempo apenas dos centros comerciais para as vitrines de bairros mais modestos. Cheio de veneração, Ulrich expusera sua descoberta, tendo já antes explicado à irmã a importância daquela espécie. O cavalo de balas era parente próximo dos mágicos animais de circo, dos leões, tigres, cavalos e cães que durante a infância de Ulrich enchiam de vida os cartazes de circos itinerantes, mas não atendiam ao olhar que os exortava a saltar de uma existência palpável, porém chata, para a vida plena, como o cavalinho também não saltava através da vitrine. Ágata logo entendera que o cavalinho de baleiro pertencia à grande família das paixões infantis que perseguem seus desejos como a um vôo trêmulo de borboleta, até atingirem o objetivo, encontrando apenas uma coisa

pasteurizada. Errando de volta pelos caminhos do amor de sua infância, os irmãos chegaram até a abrir o cavalinho, e, cheio dos sentimentos contraditórios com que se abre um jazigo, encontraram dentro dele uma espécie de chapeuzinhos polvilhados de açúcar que havia décadas não mais tinham visto e que provaram com a coragem cautelosa de descobridores.

Durante a pausa que se fizera depois das últimas considerações trocadas com Ulrich, Ágata ficara entregue a divagações, observando aquela coisinha anímico-magnética ali diante deles. Dos ecos perdidos das palavras sobre concordância e discordância de opinião, talvez também a imagem dos juntos e separados tenha ulteriormente surgido nas lonjuras do devaneio, ligando-se então estranhamente ao mundo infantil: afinal, Ágata atingiu a outra margem de tempo do silêncio, sem saber quanto durara a interrupção; retomou assim a conversa no ponto em que parará, perguntando, com vivacidade repentina, como se tivessem esquecido alguma coisa:

— Mas será que todo amor precisa ofuscar?!

Ulrich, por seu turno, estava igualmente pronto para o trabalho, disposto a se precipitar sobre o diálogo fugitivo, parecia não saber ao certo por quanto tempo vagara ao longe.

— Vejamos! — sugeriu, lançando mão do primeiro exemplo: — O amor materno?

— A conhecida superproteção — respondeu Ágata.

— De qualquer forma é um amor cego. Amor antecipado. Nada o perturba — constatou Ulrich, prosseguindo imediatamente: — E a contrapartida, o amor filial?

— Mas isso é mesmo amor? — perguntou Ágata.

— É cheio de egoísmo, desejo de proteção e similares — disse Ulrich, mas acrescentou poder se tratar de verdadeira paixão, pelo menos em certas idades, e perguntou em seguida pelo amor de amigo.

Concordaram novamente que a juventude era a única época para amizades apaixonadas.

— Amor à honra? — perguntou Ulrich. Ágata deu de ombros.

— Amor à virtude?

Ela repetiu o gesto, mas, pensando melhor, disse:

— Pode ser que seja amor, no caso dos santos e mártires.

— Mas então, é claro tratar-se também de uma paixão por superar o mundo, ou coisa parecida — interveio Ulrich —, uma paixão oposicional, de qualquer forma algo de emaranhado.

— Mas no amor à honra também deve haver muita coisa emaranhada! — acrescentou Ágata.

— Amor ao poder? — prosseguiu Ulrich, balançando a cabeça para confirmar o aparte de Ágata.

— Isso parece uma contradição intrínseca.

— Talvez — assentiu Ulrich. — É de acreditar que violência e amor se excluam.

— Mas *será* que o fazem? — exclamou Ágata, que nesse meio tempo mudara de idéia.

— Ser subjugado, por exemplo! Para as mulheres, então, ser amada e ser subjugada não é contradição nenhuma!

Ao ser lembrado da possibilidade de tais experiências no passado da irmã, Ulrich reagia de forma diferenciada: ora ansiava por conhecimento concreto, ora pela ignorância originária dos deuses. Dessa feita, refletiu de cara amarrada o que deveria replicar e disse afinal detalhadamente, com hesitação involuntária:

— Nesse caso, fica ambíguo ligar as duas palavras. Frente ao amor, qualquer poder é reles, e se ele rebaixa o amor, então...

— Não nos deixemos deter — interrompeu Ágata; e fez uma nova pergunta:

— Amor à verdade?

— Mas isso você deve saber muito bem! — acrescentou, numa repreensão de brincadeira, pois ele continuava indeciso, e seus longos esforços em favor da exatidão por vezes faziam com que ela ficasse impaciente.

Mas a conversa, já inibida, começava a ficar prolixa.

— Também nesse caso é difícil separar os conceitos justos — decidiu Ulrich.

— Pode-se amar a verdade de muitas maneiras, como se ama a honra, por

exemplo, ou como poder, ou virtude, e também como água fresca de fonte e ar de respirar, ou como...

— E isso é amor? — interrompeu Ágata novamente. — Dessa forma, se pode amar até mesmo espinafre!

— E por que não? Predileção também é amor. Existem muitas transições — replicou Ulrich. — E o amor à verdade é mesmo uma das expressões mais contraditórias. Se o conceito de verdade for mais forte, tanto menor será o amor, e afinal não é muito correto chamar de amor o desejo honesto de verdade, muito menos se for um desejo útil; mas se o conceito de amor subir e se transformar no que você gostaria com exclusividade de chamar de amor, a verdade acaba...

— Infelizmente, a verdade só surge com sangue-frio — observou Ágata com malícia.

— Exigir verdade do amor é tão errado como exigir justiça da ira — concordou Ulrich.

— O sentimento o prejudica.

— Ah, talvez isso seja apenas conversa fiada de homem! — afirmou Ágata.

— É o seguinte: o amor tolera a verdade, mas a verdade não suporta amor — confirmou Ulrich. — Ele dilui a verdade.

— Mas se ele dilui a verdade, então também não pode conter verdade? — perguntou Ágata com a seriedade da criança inocente que conhece exatamente a história que quer ouvir pela vigésima vez.

— Tem início uma nova verdade! — contou Ulrich. — Assim que alguém encontra o amor, não como uma experiência qualquer, mas como a própria vida, ele conhece um enxame de verdades. Quem julga sem amor, chama a isso de pontos de vista, opiniões pessoais, subjetivismo, arbítrio, e, no seu caso, é de fato apenas isso. Quem ama, porém, sabe não ser insensível, e sim supersensível à verdade. Quem ama se encontra numa espécie de entusiasmo do pensamento, no qual as palavras se abrem até o fundo. Em qualquer hipótese, ele entende mais do que é necessário. Mal consegue escapar de uma profusão inesgotável. E sente que qualquer desejo de entender com exatidão só poderia afugentar isso. Bem, não quero afirmar que se trate realmente de outra verdade, pois só há uma verdade, mas trata-se de uma centena de possibilidades, que são mais importantes que a

verdade; para expressá-lo com maior acuidade, é algo que faz a verdade perder a importância que lhe foi atribuída. Talvez se possa dizer: a verdade é o resultado indiscutível de um comportamento diante da vida que de modo algum sentimos ser indiscutivelmente verdadeiro! —proseguiu Ulrich, contente por achar que pela primeira vez conseguira descrever isso com maior exatidão, e concluiu: — Estar rodeado de verdade provavelmente significa apenas que quem ama está aberto para tudo o que foi amado, e, portanto, desejado, pensado e fixado em palavras; aberto para todas as contradições, que são contradições de criaturas sensíveis, até mesmo para todas as baixezas, caso se tenha encontrado palavra que as abrigue como mãe. Os sinais decisórios da verdade e moral foram relegados pelo suave poder da vida que desperta em toda parte; continuam existindo, mas fecundidade e plenitude os encobriram. Para quem ama, verdade e ilusão têm o mesmo ínfimo valor, isso, entretanto, não lhe parece arbitrário: não há dúvida de que se trata apenas de um comportamento pessoal modificado, mas eu diria que isso depende afinal da existência, sob a superfície da realidade vencedora, de inúmeras possibilidades que, também elas, poderiam tornar-se reais. Quem ama as desperta. De súbito, tudo parece ser diferente do que se acredita. De cidadão deste mundo, ele passa a criatura de mundos incontáveis...!

— Mas, então, isso é uma outra realidade! — exclamou Ágata.

— Não! — disse Ulrich, indeciso. — Pelo menos, eu não sei. Trata-se simplesmente da antiquíssima oposição entre conhecimento e amor, que sempre se afirmou existir.

Ágata dirigiu-lhe um sorriso de confuso encorajamento.

— Não! — repetiu Ulrich. — Isso ainda não está certo! O sorriso desapareceu.

— Então temos de retomar mais uma vez nosso assunto, caso contrário nunca chegaremos ao fim — sugeriu com uma preocupação divertida, e, dando um suspiro, recomeçou: — Que é o amor pelo dinheiro?

— Você disse que isso de jeito nenhum era amor — também Ulrich recomeçava com seus apartes.

— Mas você disse que há transições — contrapôs Ágata.

— Amor pela beleza? — perguntou Ulrich sem lhe dar atenção.

— Dizem que o amor torna belo mesmo um homem feio — disse Ágata seguindo uma súbita inspiração. — Será que amamos uma coisa porque é bela, ou ela fica bela por ser amada?

Ulrich considerou a pergunta importante, mas desagradável. Por isso, replicou:

— Talvez a beleza nada mais seja do que ter sido amado. Quando se foi amado, o poder-ser-belo veio à tona. E é provável que a beleza não surja senão dessa forma: algo agrada a um ser humano que tem a forma de dar a outros uma espécie de instrução de repetir. — Mas ele ainda acrescentou com malícia: — Mesmo assim, homens como Lindner, que só perseguem a beleza interior, são simplesmente esquisitos.

— Amor de inimigo? — perguntou Ágata, rindo.

— É difícil! — respondeu Ulrich. — Talvez um resquício de canibalismo mágico-religioso.

— Em contrapartida, o amor à vida é simples — disse Ágata. — Nenhuma imagem se liga a ele, trata-se meramente de um impulso cego.

— Paixão pela caça?

— Amor à pátria? Ao rincão natal? Necrofilia? Amor à natureza? Amor por cavalinhos? Endeusamento? Amor adolescente? Amor-ódio? — desfiou Ágata de uma só vez, erguendo os braços em círculo e deixando-os cair no colo com um gesto de desalento.

Ulrich respondeu com um dar de ombros e um sorriso.

— O amor se realiza de muitas formas e nas mais diversas relações. Mas qual é o fundo comum? Em todos esses amores, o que é o fluido e o que é sua mera cristalização? E acima de tudo, o que é esse imperativo “ame!”, que também pode aparecer sozinho, enchendo então o mundo inteiro? — perguntou ele, sem mostrar grande esperança de resposta. — Mesmo que alguém quisesse comparar com maior seriedade as diversas formas

— prosseguiu —, é de se presumir que encontraria apenas um número igual de sentimentos, como de situações exteriores e comportamentos. Em todas essas circunstâncias pode-se amar; mas apenas porque também se pode

detestar e ficar indiferente: com isso, o fundo comum revela ser no máximo algo que lembra o amor.

— Mas isso não significa simplesmente que o amor pleno não corresponde à experiência? — interrompeu Ágata. — E quem põe isso em dúvida? Pois é exatamente o decisivo! Se ele existe, será de uma espécie completamente diferente de tudo com que se mistura para aparecer.

Foi a vez de Ulrich interromper:

— E isso provaria o quê? Esse amor, como sentimento e como ação, não teria limites; portanto, comportamento algum corresponderia a ele.

Ágata estava atenta e ansiosa. Esperava uma última palavra.

— E que fazer se o comportamento não existe? — perguntou ela.

Ulrich entendeu aquela pergunta óbvia. Mas mostrou-se preparado para uma duração maior dessas expedições de reconhecimento; deu de ombros em sinal de renúncia e respondeu com uma brincadeira:

— Parece que amar não é tão simples como a natureza faz acreditar confiando a qualquer remendão os instrumentos necessários!

O GENERAL VON STUMM LANÇA UMA BOMBA. CONGRESSO
MUNDIAL DA PAZ

Um soldado não pode deixar-se intimidar por nada. E assim, o General Stumm von Bordwehr foi o único que conseguiu chegar até Ulrich e Ágata; mas talvez também tenha sido o único que eles não impediram totalmente, pois mesmo os foragidos do mundo podem tomar providências para que o correio lhes seja enviado de quinze em quinze dias. E perturbando com sua entrada a continuação da conversa, ele exclamou satisfeito:

— Não foi nada fácil superar os obstáculos da linha de frente e penetrar na base! — Beijou cavalheirescamente a mão de Ágata e dirigiu especialmente a ela as palavras: — Vou virar um homem famoso por tê-la visto! Todo mundo anda perguntando o que terá engolido os inseparáveis, deseja vê-los, e eu de certa forma fui incumbido pela sociedade, mais ainda, pela pátria, de descobrir a razão de seu desaparecimento! Peço, por isso, que me desculpem caso pareça inconveniente!

Ágata deu-lhe as boas-vindas, como de praxe; mas nem ela, nem o irmão conseguiram ocultar imediatamente seu alheamento ao visitante, que se postava diante deles como a encarnação da fraqueza e incompletude de seus sonhos; e quando o General Stumm se afastou novamente de Ágata, um significativo silêncio encheu o ar. Ágata estava de pé de um lado da mesa, Ulrich do outro, e o general, como um veleiro em meio a repentina calmaria, mais ou menos no meio do caminho entre os dois. Ulrich pretendia ir ao encontro do visitante, mas não saía do lugar. Stumm notou então que incomodara de fato, e refletiu sobre como salvar a situação. Um princípio contorcido de sorriso amigável pairava no rosto dos três. Aquele silêncio hirto mal tinha durado um momento, quando o olhar de Stumm deu com o pequeno cavalinho de papel-machê, que se encontrava entre eles no centro da mesa vazia, solitário como um monumento.

Juntando os calcanhares, ele apontou com a palma da mão solenemente para o cavalinho e exclamou aliviado:

— Mas que é isso? Descubro nesta casa o grande totem, o animal sagrado, o ídolo adorado da cavalaria?

A observação de Stumm fez desaparecer o acanhamento de Ulrich, que correu então até ele e, dirigindo-se também à irmã, assegurou com vivacidade:

— Na realidade, é um cavalo de tiro, mas, de resto, você adivinhou muito bem! Estávamos exatamente falando dos ídolos e seu surgimento. E agora, diga: o que é que se ama, que parte, que transformação, que transfiguração, quando amamos nosso próximo sem o conhecer? Até que ponto o amor depende do mundo e da realidade, e até que ponto se dá o contrário?

Stumm von Bordwehr dirigira a Ágata um olhar perquiridor.

— Ulrich está falando dessa coisinha aqui — assegurou ela, um tanto constrangida, e apontou para o cavalinho de confeitaria. — Já foi sua paixão, antigamente.

— Espero que tenha sido há muito tempo — disse Stumm, espantado. — Pois, se não me engano, é uma bomboneira!

— Não é uma bomboneira! — suplicou Ulrich, que fora tomado pelo desejo ultrajante de conversar com ele sobre o assunto. — Amigo Stumm! Quando você se enamora de uma sela cara demais, ou de um uniforme ou um par de botas de montaria, que vê numa vitrine, você está amando o quê?

— Não seja descarado! Eu não *amo* uma coisa dessas! — protestou o general.

— Não negue! — replicou Ulrich. — Há pessoas que sonham noite e dia com uma fazenda para vestidos ou uma mala de viagem que viram na vitrine; não há quem não tenha sentido isso um pouquinho; e você também sentiu, pelo menos por ocasião do primeiro uniforme de tenente! E você há de convir que a fazenda ou a mala podem ser inúteis, e que nem precisamos estar na situação de desejá-las de fato: por-

tanto, não há experiência mais fácil de fazer do que amar alguma coisa antes de conhecê-la e sem conhecê-la. Permita-me lembrar-lhe que você amou Diotima à primeiríssima vista!

Dessa vez, o general lançou um olhar matreiro. No meio tempo, Ágata o tinha convidado a se sentar e lhe oferecera um charuto, pois o irmão faltara com as obrigações; rodeado de nuvenzinhas azuis, ele disse candidamente:

— Mas, desde então, ela se transformou num compêndio de amor, e já nos tempos de escola eu não gostava muito de compêndios. Mesmo assim, ainda admiro e respeito essa mulher — acrescentou com uma digna serenidade, que era nova nele.

Infelizmente, Ulrich não a notou logo.

— Tudo isso são ídolos! — Ele continuava avançando em suas perguntas a Stumm. — E agora, está vendo como surgem. Os impulsos inseridos em nossa natureza precisam apenas de um mínimo de fundamentação e justificativa externas; são máquinas tremendas, que podem ser postas em movimento através de um pequeno comutador. E quanto ao objeto a que visam, a imagem que fazem dele não resiste a um exame, pois pareceria então como luz e sombra tremeluzindo ao brilho de uma lâmpada de emergência...

— Espere! — pediu Stumm de dentro da nuvem de fumaça. — Que “objetos”? Está falando outra vez das botas e da mala?

— Estou falando de paixão. Tanto do anseio por Diotima, quanto pelo cigarro proibido. Estou tentando esclarecer para você que todo relacionamento emocional é precedido por registros e imagens vindos da realidade, mas logo provoca registros e imagens próprios. Em suma, a emoção transforma o objeto do jeito que precisa, mais ainda, ela o cria, e acaba assim visando a um objeto que, surgindo como surgiu, seria irreconhecível. Mas não faz mal, pois não é destinado ao conhecimento, e sim à paixão! Esse objeto que surge da paixão e nela flutua — concluiu Ulrich, voltando ao começo — é naturalmente diferente do objeto palpável a que ela se apega exteriormente, e isso também vale para o amor. Eu “te” amo é uma confusão, pois acreditamos amar “te”, essa pessoa que produz a paixão e pode ser pega com os braços, e amamos de fato o produto da paixão, uma figura selvagem e religiosa, que é outra pessoa.

— Ouvindo você — Ágata interrompeu o irmão com uma censura que traía seu interesse íntimo —, tem-se a impressão de que não amamos a pessoa real realmente, e realmente amamos uma pessoa irreal...!

— Quis dizer exatamente isso, e já ouvi de você algo parecido.

— Mas, na realidade, ambas são afinal uma só!

— Essa é a principal complicação: para efeitos externos, a pessoa imaginada pelo amor tem de ser representada pela pessoa real, e até forma com ela uma pessoa só. Isso gera todas as confusões que imprimem aos simples negócios do amor um caráter tão instigantemente fantasmagórico!

— Mas será que a pessoa real não se torna completamente real apenas no amor? Antes, talvez ela não estivesse completa...

— Mas a bota ou mala com que sonhamos é na realidade a mesma que poderíamos comprar!

— Talvez a mala também só surja no fim, quando for amada!

— Numa palavra, chegamos à questão do que é real. A velha questão do amor! — exclamou Ulrich, impaciente, mas satisfeito.

— Ora, vamos esquecer essa mala! — Para surpresa dos dois, era a voz do general que interrompia aquela batalha de mentirinha. Stumm conseguira aconchegar uma perna sobre a outra, o que, embora difícil, lhe dava grande segurança. — Fiquemos na pessoa — prosseguiu, elogiando Ulrich: — Até agora, você mais uma vez exprimiu certas coisas com extraordinária beleza! Os homens sempre acreditam que nada é mais fácil do que se amarem, e assim, é preciso mostrar-lhes diariamente: “Digníssimos, isso não é tão simples como no caso da mulher das maçãs!” — Voltou-se para Ágata, a fim de explicar essa expressão mais militar que civil: — A mulher das maçãs, prezada senhora, é mencionada entre nós quando alguém imagina ser uma coisa mais fácil do que é. Na matemática superior, por exemplo, isso acontece quando alguém, na divisão abreviada, abrevia logo tanto que chega sem mais nem menos a um resultado errado! Então, nós lhe lembramos a mulher das maçãs, que é usada também em outros desses casos que fariam uma pessoa comum dizer: isso não é tão simples! — Voltou-se novamente para Ulrich, e prosseguiu: — Essa sua ciência das duas pessoas me interessa muito, pois vivo dizendo que só se pode amar o ser humano em duas partes: na teoria, ou, com suas palavras, como pessoa imaginada, não faço restrições a que se o ame; mas na prática, é preciso tratá-lo com severidade e, no fim das contas, até com dureza! Entre o homem e a mulher é assim; aliás, é sempre assim na vida! Os pacifistas, por

exemplo, com seu amor descalço, nem suspeitam disso, e um tenente entende dez vezes mais de amor do que esses diletantes!

Por sua gravidade, pela ponderação de suas palavras, *last but not least* pela ousadia com que, em presença de Ágata, condenara a mulher a obedecer, Stumm von Bordwehr causava a impressão de um homem que passara por acontecimentos importantes e se esforçara, não sem sucesso, por dominá-los. Ulrich, porém, continuava não percebendo isso, e sugeriu:

— Então, decida qual é a pessoa amada de verdade e qual é o mero figurante!

— Isso é difícil demais para mim — assegurou Stumm calmamente, deu uma tragada no charuto e continuou, sereno: — Fiquei contente de apreciar novamente como você fala bonito; mas, elas por elas, você fala de um jeito que dá vontade de perguntar se não tem mesmo outra ocupação. Preciso confessar que, depois do seu desaparecimento, esperava encontrá-lo entregue a negócios mais importantes, Deus é testemunha!

— Mas, Stumm, isso é importante! — exclamou Ulrich. — Pelo menos metade da História Mundial é uma história de amor, é claro que juntando todas as espécies de amor!

O general assentiu a contragosto.

— Pode ser! — Entrincheirou-se atrás da atividade de cortar e acender um novo charuto, e resmungou: — Mas então, a outra metade é uma história da ira! E não se deve menosprezar a ira! Há algum tempo sou especialista em amor e sei do que se trata!

Finalmente, Ulrich compreendeu que o amigo se transformara. Ficou curioso e pediu-lhe que contasse o que tinha ocorrido.

Stumm von Bordwehr fitou-o um momento sem responder, olhou então para Ágata e replicou afinal de um jeito que não permitia distinguir bem se ele estava irritado ou degustava aos poucos as palavras:

— Bem, você talvez ache insignificante em comparação com suas ocupações, mas o fato é que a Ação Paralela encontrou um objetivo!

Essa notícia sobre algo que despertara tanto interesse, embora não autêntico,

teria rompido mesmo um estado de perfeito isolamento; vendo o efeito que causara, Stumm se reconciliou com a sorte e voltou por longo tempo à antiga e ingênua comunicabilidade.

— Se você preferir, posso dizer também: a Ação Paralela encontrou um fim! — ofereceu, solícito.

Muito de passagem, acontecera o seguinte:

— Já tínhamos todos nos acostumado a não acontecer nada, mas deve acontecer alguma coisa — contou Stumm. — Mas então, em vez de uma nova sugestão, alguém trouxe a notícia de que no próximo outono vai reunir-se um Congresso Mundial da Paz, ainda por cima aqui!

— Que estranho! — disse Ulrich.

— Estranho por quê? Nós não tínhamos a menor idéia!

— É a isso que me refiro.

— Nesse ponto, não deixa de ter razão — concordou Stumm von Bordwehr.

— Há até quem afirme ser uma notícia lançada pelo estrangeiro. O Leinsdorf e o Tuzzi chegaram a pensar que poderia tratar-se de uma intriga russa contra nossa Ação Patriótica, e quem sabe, até do Império alemão. Pois você tem de considerar que nós só precisávamos estar prontos dentro de quatro anos, de forma que seria bastante possível uma provocação para nos meter em algo que não intencionamos. As versões divergem, mas não foi mais possível estabelecer a verdade, embora, é claro, tenhamos escrito imediatamente aos quatro cantos do mundo, para descobrir maiores detalhes. Por estranho que pareça, em toda parte já sabiam desse congresso pacifista; eu lhe asseguro: no mundo inteiro! E tanto particulares como redações e chancelarias de Estado! Mas todos supunham que a coisa partia de nós e fazia parte de nossa grande Ação internacional; só ficaram espantados por não receberem de nossa parte nenhuma resposta aproveitável às diferentes consultas e perguntas. Talvez alguém tenha feito uma gozação conosco, o Tuzzi conseguiu arranjar discretamente alguns desses convites para o Congresso, as assinaturas eram uma imitação bastante grosseira, mas o papel de carta e o estilo pareciam mesmo autênticos! É claro que nos dirigimos então à polícia, e ela descobriu

rapidamente que toda a execução aponta para uma origem em nosso próprio país, verificando também que aqui existem pessoas que de fato pretendem convocar um Congresso Mundial da Paz para o outono, e isso porque uma mulher que escreveu um romance pacifista completa sei lá quantos anos de idade, ou completaria, caso já tenha morrido. Mas comprovadamente, essas pessoas não têm nada, mas nada mesmo, a ver com os boatos a nosso respeito; e dessa forma, sua origem continua oculta — disse Stumm, resignado, mas com a satisfação que toda história bem contada propicia. A penosa descrição das dificuldades cobrira seu rosto de sombras, mas agora, o sol de seu sorriso brilhava através da perplexidade, e ele ainda acrescentou com um quê de desprezo, onde se misturavam imparcialidade e candura: — O mais estranho é que todo o mundo ficou de acordo com o dito congresso, ou pelo menos não quis dizer não! E agora, eu lhe pergunto: que nos resta fazer, principalmente depois de termos anunciado que queríamos empreender algo que servisse de exemplo para o mundo inteiro, e vivermos lançando a divisa de agir! Tivemos simplesmente de trabalhar como loucos durante quinze dias, para que o evento, pelo menos *a posteriori*, dê a impressão que, por assim dizer, em outras circunstâncias teria dado de antemão. E assim, mostramos estar à altura da

superioridade organizativa dos prussianos, supondo que a culpa tenha sido mesmo deles! Batizamos a coisa de “comemoração prévia”, sendo que o governo vai cuidar da parte política, enquanto nós da Ação nos dedicamos mais às festividades e ao aspecto humano e cultural, pois isso sobrecarregaria demais um ministério...

— Mas continua sendo uma história estranha! — afirmou Ulrich, agora sério, embora tivesse que rir desse desfecho.

— É, um acaso histórico — disse, satisfeito, o general. — Já houve vários casos em que essas mistificações tiveram importância.

— E Diotima? — informou-se cautelosamente Ulrich.

— Bem, ela foi obrigada a deixar de lado Amor e Psique, o mais depressa possível, e está agora projetando com um pintor o desfile em trajes tradicionais. Vai chamar-se: “Os povos da Áustria e Hungria homenageando a paz interna e externa” — relatou Stumm, e lançou a Ágata um olhar suplicante, ao notar que também ela repuxava os lábios para sorrir.

— Eu imploro, minha prezada senhora, que não faça objeções, e também não permita que ele as faça! — pediu. — Pois o desfile em trajes tradicionais e, provavelmente, uma parada militar, são a única parte das solenidades que até agora ficou estabelecida. Os Atiradores Tiroleses vão marchar pela Ringstrasse, pois sempre formam um quadro pitoresco, com os suspensórios verdes, as penas de galo e as barbas compridas; em seguida, os vinhos e cervejas da Monarquia homenagearão os vinhos e cervejas do resto do mundo. Mas já quanto a esse ponto há discordâncias, pois não se sabe se apenas os vinhos e cervejas austro-húngaros deixem homenagear os do resto do mundo, dispensando a retribuição da homenagem, para melhor ressaltar a hospitalidade do amável caráter austríaco, ou se os vinhos e cervejas estrangeiros também devem participar do desfile, homenageando os nossos, e se, nesse caso, devem ou não pagar aduana. Seja como for, uma coisa está certa: não é possível, e nunca houve entre nós um cortejo festivo sem pessoas montadas em carroças e cavalos de cerveja, vestidas em velhos trajes típicos alemães; não consigo imaginar como era na Idade Média, quando os antigos trajes alemães ainda não eram antigos e nem mesmo pareciam mais velhos que, hoje em dia, um *smoking*!

Uma vez examinada exaustivamente essa questão, Ulrich colocou outra, mais crítica:

— Gostaria de saber o que nossas nações não-alemãs vão dizer de tudo isso!

— É fácil: elas também vão desfilar! — assegurou Stumm, divertido. — Pois, se não o fizerem, nós comandamos um regimento de Dragões da Boêmia para o desfile, devidamente transformados em guerreiros hussitas, e metemos um regimento de ulanos na fantasia dos poloneses que libertaram Viena dos turcos.

— Que diz desses planos o Conde Leinsdorf? — perguntou Ulrich, indeciso. Stumm colocou a perna de cima ao lado da outra e ficou sério.

— Bem, encantado é que ele não está — confessou, contando também que o Conde Leinsdorf nunca usava a expressão “cortejo festivo”, obstinando-se com a maior teimosia em dizer “a manifestação”.

— Talvez ainda tenha na lembrança as manifestações que sofreu — opinou Ulrich, e Stumm concordou.

— Ele já me disse várias vezes — relatou —: quem leva o povo à rua assume uma grande responsabilidade, senhor general! Ele fala como se eu pudesse fazer qual quer coisa, contra ou a favor. Mas, para entender, é preciso que você saiba que há algum tempo temos nos encontrado com bastante frequência, ele e eu...

Stumm fez uma pausa, como se quisesse deixar tempo para uma pergunta; como nem Ágata nem Ulrich a colocassem, ele prosseguiu cautelosamente:

— Sua Alteza já tropeçou em mais uma manifestação. Durante uma viagem, em B..., ele recentemente quase levou uma surra, tanto dos tchecos quanto dos alemães.

— Mas por quê? — exclamou Ágata com interesse, e também Ulrich mostrou curiosidade.

— Porque tem fama de promotor da paz! — proclamou Stumm. — O amor à paz, à humanidade, não é de fato tão simples assim...

— Como no caso da mulher das maçãs! — lembrou-se Ágata, sorrindo.

— Na verdade, eu quis dizer: como no caso de uma bomboneira — corrigiu Stumm, e, a essa ponderada censura que dirigira a Ulrich, acrescentou ainda uma observação pró- Leinsdorf: — Mas, mesmo assim, uma vez a decisão tomada, um homem como ele cumprirá inteiramente o ofício que lhe foi atribuído.

— Que ofício? — perguntou Ulrich por sua vez.

— Qualquer um! — assegurou o general. — Sentaria ao lado do Imperador na tribuna de honra, naturalmente no caso de Sua Majestade vir a se sentar na tribuna de honra; e além disso, está elaborando a mensagem de preito de nossos povos, que entregará pessoalmente ao Senhor Supremo. Mesmo que isso, por enquanto, seja tudo, estou seguro de que não ficará assim, pois, quando não tem outras preocupações, ele as cria: que natureza enérgica! Aliás, agora ele quer falar com você. — Era uma tentativa de entrar no assunto.

Ulrich pareceu ignorá-la, mas ficara atento.

— Desde quando “atribuem” ofícios a Leinsdorf? — perguntou, desconfiado. — Ele sempre deu as cartas!

— Sim... — disse o General Stumm com tom de ressalva. — Eu preferia

não ter dito nada; naturalmente, ele continua sendo um grande senhor. Mas, por exemplo, não faz muito tempo, o Tuzzi me levou para um canto e disse confidencialmente: “Senhor general! Se, numa rua escura, um homem esbarrar em mim, eu me afasto para o lado; mas se, nessa situação, ele ainda me perguntar amistosamente que horas são, eu não apenas pego o relógio, como apalpo a pistola!” Que diz disso?

— Que poderia dizer? Não percebo a ligação!

— Pois é a prudência do governo — explicou Stumm. — No caso de um Congresso Mundial da Paz, ele avalia todas as possibilidades, enquanto o Leinsdorf sempre segue suas próprias idéias.

De repente, Ulrich entendeu.

— Em suma, Leinsdorf deve ser afastado do topo porque têm medo dele? O general não respondeu diretamente.

— Ele pede por meu intermédio que você reate suas boas relações com sua prima Tuzzi, para descobrirmos o que está acontecendo! Eu falo abertamente, é claro que ele se expressou com maior reserva — corrigiu-se Stumm. E depois de curta indecisão, acrescentou como desculpa: — Não lhe contam tudo! Mas, afinal, trata-se de um hábito dos ministérios: também entre nós não falamos tudo.

— Quais eram exatamente as relações de meu irmão com nossa prima? — quis saber Ágata.

Sem suspeitar de nada, vítima da simpática ilusão de estar agradando com uma brincadeira, Stumm afirmou: .

— Ele é um amor secreto dela! — e logo acrescentou, para animar Ulrich: — Não sei o que se passou entre vocês, mas ela o lamenta, com certeza! Ela diz que você é um mau patriota tão indispensável que deveria agradar imensamente a todos os inimigos da pátria, que, afinal, devem se sentir bem em nosso meio. Simpático da parte dela, não é mesmo? Mas é claro que ela não pode dar o primeiro passo, depois que você se retirou com tanta teimosia.

A partir daí, a despedida se tornou um tanto lacônica, e Stumm, que estivera no zênite, sentiu-se deprimido por esse ocaso sem brilho. Mas assim, Ulrich e Ágata acabaram ouvindo algo que os fez sorrir, levando também um alegre rubor ao semblante do general.

— Conseguimos nos livrar do Feuermaul! — contou ele, satisfeito por ter-se lembrado a tempo, e acrescentou, cheio de desprezo pela filantropia do poeta: — Isso agora não tem mais sentido algum!

E também a resolução “repugnante” da última reunião, segundo a qual não se poderia obrigar ninguém a morrer por idéias alheias, devendo, pelo contrário, fazê-lo pelas próprias, também essa resolução fundamentalmente pacifista tinha caído, ouviram agora, como tudo o que pertencia ao passado, e, por iniciativa do general, não fora nem mesmo incluída nas atas.

— Uma revista, que a publicara, foi retida por nós, ninguém mais acredita nesse falatório exagerado! — completou Stumm seu relato, pouco lógico diante dos preparativos de um congresso pacifista. Ágata chegou a justificar um pouco os jovens, e o próprio Ulrich acabou lembrando ao amigo que Feuermaul não fora responsável pelo incidente. Stumm não criou dificuldades, admitiu até que Feuermaul, que conhecera na casa de sua protetora, era um encanto de pessoa. — Tão cheio de simpatia por tudo! E bom de verdade, bom por natureza! — exclamou com aprovação.

— Mas, então, ele seria um apreciável enriquecimento para esse congresso!
— replicou Ulrich mais uma vez.

Stumm, porém, entrementes seriamente disposto a partir, balançou com veemência a cabeça.

— Não! Não consigo dizer rapidamente do que se trata — exclamou, resolutamente —, mas o congresso não deve ser exagerado!

50

ÁGATA DESCOBRE O DIÁRIO DE ULRICH

Enquanto Ulrich acompanhava pessoalmente o visitante, Ágata; de consciência pesada, pôs em prática uma repentina decisão. Já antes da interrupção causada por Stumm, ela notara algumas folhas de papel soltas numa gaveta da escrivaninha, voltando a observá-las durante a visita; de ambas as vezes, fora o irmão quem lhe despertara a atenção, com um gesto reprimido: parecia querer invocar esses papéis durante a conversa, sem poder, entretanto, resolver-se a isso, ou talvez recuando intencionalmente. A intimidade entre os dois a fizera antes pressentir do que entender o que se passava, e da mesma maneira entendeu também que o segredo dizia respeito a eles dois. Por isso, abriu a gaveta assim que ele saiu do aposento, e, justifique-se ou não, ela o fez tomada por um sentimento que exige decisões rápidas e não admite escrúpulos morais. As anotações que lhe caíram nas mãos, muito riscadas, desconexas e nem sempre fáceis de decifrar, logo a obrigaram a refrear o ímpeto de sua curiosidade.

“Amor é um sentimento? À primeira vista, essa questão pode dar a impressão de ser absurda, de tal modo sentir parece ser a natureza do amor; tanto maior é a surpresa diante da resposta correta: pois, no amor, o papel do sentimento é deveras pequeno! Visto apenas como sentimento, o amor não tem a intensidade e o poder de uma dor de dentes, e é de qualquer forma menos característico.”

A segunda anotação, não menos estranha, dizia: “Um homem pode amar o cão e a esposa. Uma criança pode amar um cão com maior ternura que um homem sua mulher. Há quem ame sua profissão, outros amam a política. Mais que tudo, parece que amamos estados gerais; refiro-me — se não os odiamos francamente — àquela sua interação inextricável, que gosto de denominar ‘sentimento de cocheira’: sentimo-nos contentes e em casa em nossa vida, como um cavalo em sua cocheira!

Mas que significa ligar coisas tão diferentes com a mesma palavra ‘amar’?! Junto à dúvida e à ironia, um pensamento muito antigo se alojou em minha

cabeça: tudo no mundo é amor! Amor é a essência do mundo, meiga, divina, coberta de cinzas, mas indelével! Eu não saberia dizer o que entendo por ‘essência’; mas se me entrego descuidado a todo esse pensamento, ele me causa uma sensação de estranha certeza natural. Pelo menos por alguns instantes.”

Ágata corou, pois as observações seguintes começavam com o nome dela. “Ágata mostrou-me certa vez passagens da Bíblia; ainda me lembro de seu teor e resolvi anotá-lo: ‘Tudo o que se passa no amor se passa em Deus. Pois Deus é amor.’ E uma segunda dizia: ‘O amor é de Deus, e quem ama a Deus foi gerado por ele.’ Há uma patente contradição entre as duas passagens: de uma feita, o amor vem de Deus; da outra, ele é o próprio Deus!

As tentativas de expressar a relação do ‘amor’ com o mundo parecem, portanto, causar não poucas dificuldades até mesmo aos iluminados; como seria possível que a inteligência desinformada não viesse a fracassar! Que eu o tenha chamado de essência do mundo foi uma mera escapatória; permite que diga de pleno direito que a pena e o tinteiro que uso para escrever se compõem na verdade de amor, ou que se comporiam dele na realidade. Mas como na realidade? Consistiriam então em amor ou seriam sua consequência, aparência configurante ou insinuação? Serão eles mesmos, já em si, amor, ou falamos da realidade de uma supernatureza? E de que se trata com o: na verdade? É uma verdade para a inteligência aguçada, ou uma para a ininteligência abençoada? É a verdade do pensamento, ou uma relação simbólica incompleta, que só desvendará completamente seu significado na universalidade das ocorrências do espírito sintetizada em Deus? Disso, que foi que eu disse? Mais ou menos nada e tudo!”

“Teria da mesma forma podido dizer que o amor é a razão divina, o *logos* neo-platônico. E, da mesma maneira, outra coisa: que o amor é o colo do mundo; o meigo colo do acontecimento que não compreende a si mesmo. E mais uma variação: ó mar do amor, que apenas quem se afoga conhece, e não quem passa por cima! Todas essas exclamações indicativas obtêm sentido apenas porque nenhuma delas cumpre a palavra.

O sentimento mais sincero: como é ínfima a Terra no espaço celeste, e como

o ser humano, mais nulo que a menor criança, precisa de amor! Mas isso nada mais é que o puro grito por ele, sem sombra de resposta!”

“Talvez eu possa, porém, falar da seguinte maneira, sem cair no vazio do exagero: há um estado no mundo que estamos impedidos de ver, mas que as coisas por vezes deixam entrever aqui e ali, quando nós mesmos nos encontramos num estado de exaltação especial. E só nele percebemos que as coisas são ‘feitas de amor’. E só nele entendemos também o que isso significa. E só ele é então real, e nós seríamos então verdadeiros.

Nessa descrição, eu não precisaria desdizer nada. Todavia, nada tenho para acrescentar a ela!”

Ágata estava surpresa. Nessas anotações secretas, Ulrich se mostrava bem menos reservado que de hábito. E embora entendesse que ele só se permitia isso sob reserva de segredo, ela pensava vê-lo diante de si de braços abertos para alguma coisa, indeciso e comovido.

As anotações continuavam: “Há outra idéia que quase poderia ocorrer à própria Razão, caso esta abandonasse um pouco sua posição de equilíbrio: imaginar o Oniamante como Eterno Artista. Ele ama a Criação enquanto a produz, mas das partes prontas seu amor se desvia. Pois o artista tem de amar também o odioso para poder criá-lo, mas o que já produziu o deixa frio, mesmo que seja bom; fica tão abandonado de amor, que o próprio artista nele não mais se reconhece, e são raros e imprevisíveis os momentos em que seu amor retorna e se deleita com o que fez. Dever-se-ia, pois, pensar também: aquilo que reina sobre nós ama o que produz; mas, da parte pronta da Criação, seu amor se afasta e aproxima em longas vazões e curtos re-fluxos. Essa imagem corresponde ao fato de as almas e coisas do mundo serem como mortos que só às vezes ressuscitam por alguns segundos.”

Vinham então algumas outras observações fugidias, parecendo meras tentativas.

“Um leão frente ao céu da manhã! Um rinoceronte ao luar! Tens a escolha entre fogo de amor e fogo de espingarda. Devemos, portanto, supor pelo menos dois estados fundamentais: amor e violência. E sem dúvida é a violência que mantém o mundo em movimento e o impede de adormecer,

não o amor!

Aqui, poder-se-ia, contudo, introduzir a suposição de que o mundo caiu em pecado. Antes, amor e paraíso. Isso significaria: o mundo pronto, pecado! O mundo possível: amor!

Outras questões suspeitas: os filósofos imaginam Deus como filósofo, como o espírito puro; não seria natural, então, que os oficiais o imaginassem como oficial? Mas eu, matemático, imagino o Onipresente como amor?! Como foi que cheguei a isso?

E como poderíamos compartilhar uma das mais íntimas vivências do Eterno Artista?”

A página terminava aqui. Mas, depois, o rosto de Ágata voltou a enrubescer; sem levantar os olhos, ela pegara a folha seguinte, continuando a ler:

“Nos últimos tempos, passamos frequentemente por uma estranha experiência, Ágata e eu, durante nossas voltas pela cidade. Quando faz um tempo particularmente bom, o mundo parece muito alegre e camarada, de forma que nem percebemos como sua composição diverge em toda parte pela idade e substância. Todos param e andam com a maior naturalidade. Mas basta não participarmos incondicionalmente desse presente de aparência irrefutável, para que algo paire nele, algo voltado para a solidão, como uma proposta de amor fracassada ou um desnudamento semelhante.

Passamos pelas ruas de cor violeta da cidade, que, lá em cima, onde se abrem à luz, brilham como fogo. Ou, saindo do azul palpável, entramos numa praça toda recoberta de sol; aí, as casas estão recolhidas e como que encostadas contra a parede, mas não são menos explícitas, parecem riscadas a cinzel numa claridade colorida, em linhas finas que acentuam a nitidez. E num tal momento, não sabemos se toda essa beleza cheia de si mesma nos causa a mais profunda emoção ou não nos diz respeito. Ambas as coisas acontecem. Ela se encontra no fio da navalha entre prazer e tristeza.

Mas a visão da beleza não tem sempre esse efeito de iluminar a tristeza corriqueira e obscurecer sua alegria? A beleza parece pertencer a um mundo em cujas profundezas não há tristeza ou alegria. Nesse mundo, talvez nem

mesmo exista a própria beleza, mas uma espécie de gravidade serena, quase indescritível, e seu nome surge apenas pela refração de um brilho anônimo na atmosfera comum. Ambos procuramos esse mundo, Ágata e eu, sem ainda nos decidirmos; andamos ao longo de suas fronteiras e, com prudência, saboreamos sua profunda irradiação naqueles pontos onde ela ainda se mistura às luzes do dia-a-dia, mal se deixando distinguir!”

Tinha-se a impressão de que a idéia de um Eterno Artista levava Ulrich a incluir a questão da beleza em sua observação, tanto mais que também ela, por seu turno, exprimia a hipersensibilidade surgida entre os irmãos. Ao mesmo tempo, porém, ele mudara o modo de pensar. Nessa nova sequência de anotações, ele não partia mais da penumbra de pensamentos reinante no ponto de fuga de suas vivências, e sim do plano de frente, mais claro e, em alguns pontos que ele registrava, de fato claro demais, quase transparente para o fundo.

E assim, Ulrich prosseguia. “Eu disse a Ágata: ‘Talvez a beleza nada mais seja do que ter sido amado.’ Pois amar e embelezar algo é uma só coisa. E difundir seu amor e fazer outros descobrirem a beleza dele também é uma coisa só. Por isso, tudo pode ficar belo, e tudo o que é belo pode voltar a ficar feio; e em ambos os casos isso dependerá tanto de nós como nos será imposto de fora, pois o amor não possui causalidade e não conhece consequências de direito. Não estou seguro do quanto disse a respeito, mas, com isso, fica também explicada outra impressão que captamos facilmente em nossas saídas: fitamos as pessoas e queremos participar da alegria que trazem estampada no rosto, quase nos sentimos obrigados a participar dela; mas emana daí também um mal-estar que chega às raias de uma sinistra repulsa. Emana também das casas, vestes, de tudo o que criaram para si. Refletindo numa explicação, fui conduzido a outro círculo de pensamentos e, por seu intermédio, acabei de volta a minhas primeiras notas, de aparência tão fantástica.

Uma cidade como a nossa, bela e antiga, com seu caráter forjado no curso dos tempos pelo gosto de sucessivas gerações de construtores, é toda ela um grande testemunho da capacidade de amar, como da incapacidade de fazê-lo continuamente. A sequência altiva de seus prédios não representa apenas uma grande história, mas também uma contínua mudança de mentalidade.

Vista assim, ela é uma corrente de inconstância petrificada, que a cada quarto de século pretendeu de novo modo ter razão para todo o sempre. Sua eloquência muda vem de lábios mortos, e quanto mais nos seduz com seu encanto, tanto maiores serão a rejeição cega e o susto que nos provoca no momento mais profundo de agrado e expropriação.

‘Isso é ridículo e fascinante’, replicou Ágata na ocasião. ‘Pois então, os fraques com rabos de andorinha dos transeuntes e os estranhos quepes, que parecem panelas nas cabeças dos oficiais, teriam que ser belos, pois seus proprietários os amam sem restrições, exibem-nos ao amor do próximo, e eles gozam dos favores das mulheres!’

Fizemos disso uma brincadeira. Com indignação fingida, nos divertimos perguntando a cada passo, em contradição à vida: mas por que aquele vermelho ali no vestido precisa ser tão vermelho? Ou, que é que esse azul, esse amarelo e esse branco estão fazendo na gola dos uniformes? E, em nome de Deus, por que as sombrinhas das mulheres são redondas e não quadradas? Perguntamo-nos o que pretendia o frontispício grego do Parlamento com suas coxas abertas. ‘Fazer um espagato, a exemplo de uma bailarina e de um compasso, ou difundir beleza clássica? Quando se recua de tal modo até um estado preliminar em que as sensações não nos atingem e não respondemos às coisas com os sentimentos que, presunçosas, esperam de nós, destruimos a boa-fé da existência. Algo semelhante se passa quando você vê alguém comendo calado, sem partilhar seu apetite: de repente, você só percebe atos de deglutição, que de maneira alguma parecem invejáveis.

Chamo a isso: Fechar-se à Opinião Da Vida.

Para explicar melhor, seria bom começar dizendo que, na vida, procuramos o que é firme com a mesma insistência de um animal terrestre caído na água. Por isso, sobreestimamos tanto a importância do Saber, do Direito e da Razão, quanto a necessidade de coerção e violência. Talvez não deva dizer exatamente sobreestimar; seja como for, porém, as manifestações de nossa vida repousam, em sua maioria, na insegurança espiritual. Nelas imperam a fé, suposição, hipótese, presságio, desejo, dúvida, inclinação, exigência, preconceito, persuasão, exemplificação, pontos de vista pessoais e outros estados de semicerteza. E como, nessa escala, a opinião se encontra mais ou menos no meio entre fundamento e arbítrio, uso seu nome para

designar o todo. Se o que exprimimos com palavras, mesmo que grandiosas, em geral é mera opinião, o que exprimimos sem palavras o é sempre.

Digo, pois: no que depende de nós, nossa realidade é, em maior parte, apenas expressão de opinião, embora lhe emprestemos sabe-se lá que importância. Podemos imprimir uma expressão determinada à nossa vida na pedra das casas — isso sempre se dá por causa de uma opinião. Podemos malar ou nos sacrificar — agimos apenas com base numa suposição. Eu quase gostaria de dizer que nossas paixões são meras suposições; é muito frequente nos enganarmos com elas; somente pelo anseio de firmeza sucumbimos a elas! E fazemos algo por ‘livre’ vontade pressupõe de fato que agimos apenas por incumbência de uma opinião. Há algum tempo que Ágata e eu adquirimos sensibilidade para uma certa agitação de fantasmas dentro do real. Cada detalhe expressivo do que nos rodeia ‘fala conosco’. Dá uma opinião. Mostra que absolutamente não surgiu por intenção passageira. É apenas uma opinião, mas se comporta como convicção. É mera idéia, mas age como se fosse vontade inabalável. Eras e séculos se erguem de pernas fincadas, mas por trás deles uma voz sussurra: absurdo! Até hoje, jamais chegou a hora, nem o tempo!

Parece teimosia, mas para entender o que vejo preciso observar o seguinte: essa contradição entre o fervor narcisista que estufa o peito ante o esplendor de tudo o que criamos, e a marca secreta do abandono e desengano que sofremos igualmente desde o primeiro minuto, se coadunam plenamente com o que digo: que tudo é mera opinião. Com isso, vemo-nos em uma situação particular. Pois cada opinião apresenta a mesma dupla particularidade: enquanto é nova, gera intolerância para com qualquer outra que esteja em seu caminho (quando é tempo de sombrinhas vermelhas, as azuis ficam ‘impossíveis’ — mas algo de semelhante vale também para nossas convicções); a segunda particularidade das opiniões é que apesar de tudo acabam sendo abandonadas, espontaneamente e com a mesma certeza, quando deixam de ser novas. Eu disse uma vez que a realidade se anula. Isso também pode ser dito assim: quando a pessoa manifesta principalmente apenas opiniões, ele nunca se manifesta integralmente e com constância; mas, se nunca consegue se expressar integralmente, ela o tentará das mais diversas formas e com isso terá então uma história. Somente por fraqueza

ela a terá, portanto; assim me parece, embora os historiadores, como é compreensível, considerem a capacidade de fazer história uma distinção especial!”

Ulrich parecia ter-se desviado, mas prosseguiu nessa direção: “Pelo visto, é essa a razão por que eu hoje tenho de anotar: a história, os acontecimentos, até a arte, surgem... de uma falta de felicidade. Mas tal falta não deriva das circunstâncias que nos impediriam de atingir a felicidade, e sim de nosso próprio sentimento. Este constitui a viga cruzada da dupla qualidade: não tolera qualquer outro a seu lado e não é ele próprio persistente. Dessa forma, tudo a que ele está ligado ganha a aparência de validade eterna, e, apesar disso, todos nós procuramos abandonar as criações de nosso sentimento e mudar as opiniões que neles se expressam. Pois um sentimento se transforma a partir do momento em que perdura; não possui constância e identidade; precisa ser consumado de novo. Sentimentos não são apenas mutáveis e inconstantes — como, aliás, são considerados —, mas tornar-se-iam cabalmente assim no momento exato em que deixassem de sê-lo. Tornam-se falsos quando duram. Precisam surgir sempre de novo, caso devam permanecer, e, mesmo assim, serão outros. Uma ira que durasse cinco dias não seria mais ira, mas perturbação mental; ela se transforma em perdão ou disposição para a vingança, e algo de semelhante acontece com todos os sentimentos.

Nosso sentimento procura esteio naquilo que configura, e por um tempo sempre o acha. Mas Ágata e eu sentimos no que nos rodeia o temor oculto, a tendência centrífuga do que se encontra junto, o desdito no dito, a peregrinação das paredes supostamente firmes; vemos e ouvimos isso de repente. Parece-nos uma aventura e duvidosa companhia viver ‘uma época’. Encontramo-nos na floresta mágica. E embora ainda não abarquemos e mal conheçamos ‘nosso’ sentimento, esse sentimento diferente, temos medo por ele e gostaríamos de retê-lo. Mas, como reter um sentimento? Como seria possível permanecer no mais alto degrau da felicidade, caso se consiga atingi-lo? No fundo, essa é a única questão que nos ocupa. Temos o pressentimento de um sentimento que escapa à efemeridade dos restantes. Encontra-se na corrente frente a nós como uma maravilhosa sombra imóvel. Mas, para perdurar, não teria de deter a marcha do mundo? Chego à conclusão de que não pode ser um sentimento no mesmo sentido dos outros.”

E de repente, Ulrich concluía: “Volto assim à questão: o amor é um sentimento? Creio que não. O amor é um êxtase. E para amar perenemente o mundo, para poder abarcar também o passado com o amor do Deus-Artista, o próprio Deus precisaria ficar num êxtase constante. Só como tal seria concebível...”

Aqui, ele interrompera essa anotação.

51

GRANDES MUDANÇAS

Ulrich acompanhara pessoalmente o general com o intuito de descobrir o que este talvez apenas quisesse dizer a sós. Enquanto descia a escada com ele, esforçou-se a princípio por dar-lhe uma explicação inofensiva para seu afastamento de Diotima e dos outros, de forma que a verdade ficasse de fora. Mas Stumm não se deu por satisfeito e perguntou:

— Alguém o ofendeu?

— De jeito nenhum.

— Então, você não tem o direito de fazer isso! — replicou o outro com firmeza.

Mas as transformações no seio da Ação Paralela, de que nem suspeitara em seu isolamento do mundo, deram ânimo a Ulrich, como se numa sala quente uma janela tivesse sido aberta, e ele prosseguiu:

— Mesmo assim, eu gostaria de saber o que está realmente acontecendo. Depois que você achou por bem abrir-me os olhos pela metade, terá a gentileza de terminar o serviço!

Stumm parou, apoiando a espada sobre a escada de pedra, e ergueu o olhar para o rosto do amigo; um grande gesto, tanto mais longo por encontrar-se Ulrich um degrau acima.

— Com o maior prazer — disse. — Foi com esse propósito que vim!

— Quem está trabalhando contra Leinsdorf? — começou Ulrich calmamente o interrogatório. — Tuzzi e Diotima? Ou o Ministério da Guerra com você e Arnheim...?

— Caro amigo, que erro abissal! — interrompeu-o Stumm. — E não vê a simples verdade diante do nariz, o que, aliás, parece ser o caso de todos os

intelectuais! Antes de tudo, peço que se convença: foi só por cortesia desinteressada que transmiti o desejo de Leinsdorf de que o procure e a Diotima...

— Palavra de oficial?

O general ficou de bom humor.

— Lembrando a honra espartana de minha profissão, você conjura o perigo de que realmente lhe diga uma mentira, pois uma incumbência superior poderia me obrigar a tanto. Prefiro dar-lhe minha palavra de honra pessoal — disse ele, muito digno, e continuou explicando: — Pretendo até confiar-lhe que nos últimos tempos me sinto por vezes impelido a refletir sobre essas dificuldades; tenho mentido com a satisfação de um porco fuçando no lixo. — De repente, voltou-se de corpo inteiro para o amigo no degrau de cima e acrescentou a pergunta: — Como se explica que mentir seja tão agradável, desde que se tenha uma desculpa? Em comparação, dizer simplesmente a verdade parece estéril e irrefletido. Se você pudesse esclarecer esse ponto, seria uma das razões por que vim procurá-lo.

— Mas, então, me diga sinceramente o que está ocorrendo — exigiu Ulrich, inflexível.

— Com toda a sinceridade, e, aliás, é muito simples: não sei! — afirmou Stumm.

— Mas você não tem uma incumbência? — sondou Ulrich. O general respondeu:

— Apesar de você ter desaparecido de forma tão pouco amistosa, eu passei por cima do cadáver de meu amor-próprio para vir transmitir-lhe o recado. Incumbência parcial. Uma incumbenciazinha! Eu agora sou uma pequena engrenagem, um fiozinho. Uma miniatura de Cupido, a quem deixaram uma única seta...! — Ulrich observava a figura roliça de botões dourados. Stumm estava sem dúvida mais independente; nem esperou a réplica de Ulrich, pondo-se em movimento em direção à saída, no que a espada tilintava a cada degrau. Lá embaixo, no saguão que se erguia numa abóbada em torno deles, virou a cabeça, falando por sobre o ombro, sem ligar para o ambiente aristocrático que sempre lhe incutira respeito pelo dono da casa: — Pelo visto, você ainda não entendeu de todo que a Ação Paralela não é

mais um empreendimento particular e familiar, e sim um assunto de Estado de dimensões internacionais!

— Então é o Ministro quem a está dirigindo agora? — redarguiu Ulrich.

— É provável.

— E, com isso, Tuzzi?

— Pode-se supor, mas eu não sei — acrescentou Stumm rapidamente. — E, é claro, ele também faz de conta que não sabe de nada! Você o conhece: esses diplomatas se fingem de ignorantes até mesmo quando o são realmente!

Atravessaram a porta, e a carruagem se aproximou.

De repente, Stumm se dirigiu a Ulrich com intimidade, numa súplica engraçada:

— Exatamente por isso, você deveria voltar à casa deles, nós teríamos então uma espécie de pessoa de confiança lá dentro!

Ulrich sorriu dessa trama, e pôs-lhe o braço em torno dos ombros; Diotima lhe veio à memória.

— Que anda ela fazendo? — perguntou. — Já reconheceu Tuzzi como homem?

— O que ela faz? — replicou o general, aborrecido. — Faz cara de irritação! — E acrescentou com benevolência: — Para quem a conhece, chega a ser comovente. O Ministério da Educação mal lhe deixa outras tarefas além de decidir se o grupo patriótico *Apfelstrudel* deve participar do desfile, ou o grupo Salsichas Tipo Viena...

Desconfiado, Ulrich o interrompeu.

— Agora você está falando do Ministério da Educação, mas acabou de contar que o Ministério do Exterior se apropriou da Ação!

— Quem sabe, porém, se o *Apfelstrudel* não é assunto do Ministério do Interior. Ou do Ministério do Comércio. Quem pode sabê-lo de antemão? — explicou Stumm. — Como um todo, o Congresso Mundial da Paz pertence sem dúvida ao Ministério do Exterior, caso não pertença às duas presidências do Conselho de Ministros.

Ulrich voltou a interrompê-lo:

— E o Ministério da Guerra não passa pela sua cabeça?

— Não seja desconfiado! — pediu Stumm serenamente. — É claro que também o Ministério da Guerra se ocupa vivamente de um Congresso Mundial da Paz. Eu diria que a atração não é menor que a da Secretaria de Polícia por um congresso anarquista internacional. Mas você sabe como são esses ministérios civis: não querem abrir o menor lugarzinho para nós!

— E aí...? — perguntou Ulrich, pois continuava suspeitando da inocência de Stumm.

— É só isso! — assegurou este. — Você está precipitando as coisas! Quando um assunto perigoso diz respeito a diversos ministérios, ou bem um tenta empurrá-lo para o outro, ou tomá-lo do outro. Em ambos os casos, o resultado desses esforços é a criação de uma comissão interministerial. Basta você recordar quantas comissões e subcomissões foi inicialmente preciso criar na Ação Paralela, e isso quando Diotima ainda dispunha de toda a sua energia; e eu posso assegurar que nosso findado concílio era uma brincadeira em comparação com os trabalhos de hoje!

A carruagem esperava, o cocheiro sentado na boléia em posição de sentido, mas Stumm olhava indeciso através do veículo aberto para o jardim coberto de verde-claro.

— Será que você pode me dizer uma palavra pouco conhecida com “inter”? — pediu, e enumerou em seguida, balançando a cabeça para ajudar: — Conheço interessado, interministerial, internacional, intercorrente, intermediário, interpelação, interdito, interno e algumas outras. No bufê do estado-maior, está mais fácil ouvi-las do que a palavra salsicha. Mas se eu aparecesse com uma palavra completamente nova, poderia causar sensação!

Ulrich dirigiu os pensamentos do general de volta para Diotima. Parecia-lhe claro que a direção suprema estivesse agora com o Ministério do Exterior, e daí decorria provavelmente que as rédeas se encontrassem nas mãos de Tuzzi: mas então, como era possível que outro ministério magoasse a esposa do potentado? A essa pergunta, Stumm deu sombriamente de ombros.

— Você ainda não se imbuíu de que a Ação Paralela é agora um assunto de Estado! — respondeu ele, acrescentando espontaneamente: — Tuzzi é mais esperto do que pensávamos. Ele próprio jamais poderia fazer isso com ela, mas a técnica interministerial permitiu que entregasse a mulher a outro ministério!

Ulrich riu baixinho. Ouvindo essa notícia dita de modo um tanto estranho, conseguia imaginar vividamente o casal: Diotima, impressionante — um gerador de luz, nas palavras de Ágata —, e o subsecretário, magro, mais baixo, pelo qual sentia uma simpatia inexplicável, embora soubesse do menosprezo que o outro lhe votava. Por medo às noites de luar da alma, sentia-se atraído pela mentalidade sensata daquele homem de uma segura tão masculina, que lembrava uma caixa de charutos vazia. Entretanto, os sofrimentos da alma, ao desabarem sobre o diplomata, tinham-no levado a ver em tudo e por tudo apenas maquinações pacifistas; pois pacifismo era para Tuzzi a mais palpável expressão de sentimentalismo da alma! Ulrich recordou que ele acabara considerando o interesse de Arnheim pelas jazidas de petróleo, que se tornara notório, e até mesmo por sua bela esposa, como mera manobra destinada a desviar a atenção de um plano secreto de natureza pacifista: a tal ponto Tuzzi se deixara perturbar pelos acontecimentos em sua casa! Devia ter sofrido tremendamente, e isso era compreensível: a paixão espiritual com que se viu inesperadamente defrontado não feria apenas seu conceito de honra, como teria sido o caso diante de um adultério carnal, mas atingia e espezinhava diretamente a capacidade de conceituar, que, em homens mais velhos, constitui o verdadeiro asilo da dignidade masculina.

Ulrich se divertia, e prosseguiu em voz alta seus pensamentos:

— É claro que bastou a Ação Paralela da esposa tornar-se objeto de chacota pública, para que Tuzzi recobrasse inteiramente o perdido tino burocrático que com-

pete a um alto funcionário. Foi nesse ponto que ele, o mais tardar, descobriu de novo que no seio da História universal se passam mais coisas do que caberiam no seio de uma mulher, e esse Congresso Mundial da Paz de vocês, que surgiu misterioso como uma criança enjeitada, deve tê-lo despertado como um trovão! — Com rude satisfação, Ulrich imaginou

aquele estado de torpor desvairado que deveria ter preexistido, e, em seguida, o despertar, que talvez nem se tivesse ligado a uma sensação de despertar; pois no momento em que as almas veladas de Arnheim e Diotima chegaram a consequências reais em sua caminhada, também Tuzzi, por seu turno, se libertou dos fantasmas, voltando ao reino das necessidades em que passara quase toda a vida.

— Será que ele agora vai destruir essa sociedade para a salvação do mundo e edificação da pátria que a mulher criou? Ela sempre foi um espinho em sua carne! — exclamou Ulrich, todo satisfeito, e voltou-se com ar perquiridor para o companheiro.

Stumm continuava de pé no portal, redondo e pensativo.

— Ao que eu saiba, ele explicou à mulher que ela devia a si mesma e à posição do marido conduzir a Ação Paralela a um fim honrado, tanto mais nas novas circunstâncias. Ela receberá uma distinção. Mas tem que se entregar à proteção e ao parecer do ministério que ele determinou — contou o general escrupulosamente.

— E com vocês, quero dizer, com o Ministério da Guerra e com Arnheim, ele selou a paz?

— Parece que sim. Dizem que, por causa do Congresso Mundial da Paz, ele apoiou junto ao governo uma rápida modernização de nossa artilharia e se entendeu com o Ministro da Guerra a respeito das consequências políticas. Dizem também que, com o auxílio dos partidos alemães, pretende impor no Parlamento as leis necessárias, sendo por isso favorável a uma linha alemã de política interna. Foi a própria Diotima quem me contou.

— Espere um momento! — interrompeu Ulrich. — Linha alemã? Esqueci tudo!

— É muito simples! Ele sempre dizia que tudo o que é alemão era uma desgraça para nós; agora, ele diz o contrário.

Ulrich observou que o subsecretário Tuzzi nunca se exprimia tão claramente.

— Diante da mulher, ele o faz — replicou Stumm. — E entre ela e eu existe

uma espécie de destino solidário.

— Sim, e como vão as coisas entre ela e Arnheim? — perguntou Ulrich, de momento mais interessado em Diotima que nas preocupações governamentais. — Ele não precisa mais dela, e suponho que a alma dele esteja sofrendo com isso!

Stumm balançou a cabeça.

— Parece que também isso não é tão simples! — explicou, suspirando. Respondera até então conscienciosamente, mas sem maior interesse, e, talvez

por isso mesmo, as respostas tinham sido relativamente sensatas. Mas desde que Diotima e Arnheim foram mencionados, dava a impressão de querer desabafar outra coisa, mais importante, em sua opinião, que o retorno de Tuzzi a si mesmo.

— Já há muito tempo é de acreditar que Arnheim não quer mais nada com ela. Mas trata-se de grandes almas! Talvez você também entenda do assunto, de qualquer forma, são grandes almas! Não se pode dizer: entre eles houve algo, ou: nada houve entre eles. Continuam falando como antigamente, só que, agora, se tem a impressão de que não há mesmo nada entre eles: vivem pronunciando apenas palavras derradeiras, por assim dizer.

Ulrich lembrou-se do que Bonadéia, como prática do amor, lhe contara sobre a teórica Diotima, e confrontou Stumm com a expressão mais fria, que este próprio usara ao dizer que Diotima era um compêndio do amor. O general sorriu, pensativo.

— Talvez não julguemos com a imparcialidade necessária — principiou, cauteloso. — Quero adiantar que, antes dela, nunca ouvira uma mulher falar daquele jeito; quando ela começa com o assunto, parece que meu corpo fica coberto por sacos de gelo. Aliás, em parte, isso já passou de novo; mas quando lhe vem à cabeça, ela ainda hoje fala desse Congresso Mundial da Paz, por exemplo, como de uma “experiência humana de panerotismo”, e então eu me sinto simplesmente subjugado por tanta inteligência. Mas — e usou de uma pausa para sublinhar o significado das palavras que viriam — isso deve corresponder a uma necessidade, a uma dessas chamadas características de nosso tempo, pois no próprio Ministério da Guerra

começam a falar desse jeito. Desde que o tal do congresso apareceu, você pode ouvir oficiais do estado-maior falando de amor à paz e humanitarismo como se falassem de metralhadoras modelo 7 ou ambulâncias modelo 82! É de embrulhar o estômago!

— Foi por isso que você há pouco disse ser um desiludido especialista do amor? — perguntou Ulrich.

— Sim, meu caro. Precisa me desculpar, mas não aguentei, ouvindo até você falar com tanta parcialidade. Profissionalmente, porém, tudo isso me traz grande proveito!

— E onde ficou seu entusiasmo pela Ação Paralela, pela homenagem às grandes idéias e tudo o mais? — sondou, curioso, Ulrich.

— Mesmo uma mulher com a experiência de sua prima já está farta de cultura — foi a resposta do general. — Refiro-me à cultura como valor em si. Além do mais, nem a maior idéia nos livra de uma bofetada!

— Mas pode fazer com que o outro receba a próxima bofetada!

— Isso é certo! — concordou Stumm. — Mas somente se você servir-se do espírito, ao invés de servi-lo desinteressadamente! — Ergueu então um olhar curioso até Ulrich, para saborear o efeito de suas próximas palavras, e acrescentou, baixando a voz na segura expectativa do sucesso: — Mas mesmo que eu quisesse, não poderia mais: fui posto de lado!

— Meus respeitos! — exclamou Ulrich em reconhecimento involuntário da inteligência da administração militar. Seguiu, entretanto, outra idéia e disse rapidamente: — Foi coisa do Tuzzi!

— De jeito nenhum! — asseverou Stumm com convicção.

A conversa se desenrolara até então nas proximidades da porta, e, além dos dois homens, havia um terceiro participante, que aguardava a conclusão olhando tão inerte para a frente, que, para ele, o mundo terminava entre dois pares de orelhas de cavalo. Apenas suas mãos, enfiadas em luvas de pano branco, se mexiam, dissimuladas, imprimindo às rédeas um ritmo irregular para apaziguar os cavalos que, menos aptos que os homens à disciplina militar, estavam cada vez mais fartos com a espera e puxavam impacientes os arreios. Finalmente, o general deu a esse homem a ordem de conduzir a carruagem até a saída, mantendo os cavalos em movimento até que ele

subisse, e convidou Ulrich a acompanhá-lo através do jardim, para poder lhe confiar os acontecimentos um depois do outro, sem que ninguém os ouvisse.

Ulrich, porém, pensava ver claramente o essencial e, a princípio, não deixou o general abrir a boca.

— Tanto faz se Tuzzi tirou você do jogo ou não — explicou —, pois, me desculpe, mas nessa história você é uma figura secundária. O essencial é que, praticamente no mesmo momento em que o congresso lhe deu o que pensar, fazendo com que passasse a temer uma verdadeira provação, ele conseguiu simplificar com extrema rapidez tanto a situação política quanto sua situação pessoal. Procedeu como um capitão ao prenuncio de uma terrível tempestade, que não se deixa influenciar pelo aspecto sonhador do mar. Aliou-se então a tudo que o contrariava, Arnheim, a política militar de vocês, a linha alemã; e também teria se aliado aos esforços da mulher, se, dadas as circunstâncias, não fosse mais proveitoso liquidá-los. Não sei como dizer. Será que é porque a vida fica mais fácil quando não ligamos para sentimentos, mantendo simplesmente nossa rota; ou será que é um prazer maligno levar em conta os sentimentos, em vez de sofrer com eles? Parece que estou até sentindo a alegria do Diabo, quando joga um punhado de sal na ambrosia da vida!

O general não cabia em si de satisfação.

— Pois foi isso o que eu disse logo de saída! — exclamou. — É certo que só falei de mentiras, mas todas as manifestações de uma autêntica mentalidade pérfida são excitantes! Até o Leinsdorf, por exemplo, retomou sua preferência pela *realpolitik*, vive dizendo: *realpolitik* é o contrário do que gostaríamos de fazer!

— O essencial — prosseguiu Ulrich — é que, antes, Tuzzi se deixou perturbar pelo que Diotima e Arnheim falavam entre si, enquanto que isso hoje só pode deixá-lo contente, pois a loquacidade de pessoas que não conseguem esconder seus sentimentos fornece toda sorte de indícios a terceiros. Não precisa mais escutar com o ouvido interior, no que fracassava, basta o exterior, e a diferença é quase igual a engolir ou matar uma cobra repugnante.

— Como? — perguntou Stumm.

— Engolir ou matar!

— Não, essa história com o ouvido!?

— Eu quis dizer que ele teve a felicidade de retornar do íntimo para a superfície dos sentimentos. Mas talvez você não possa compreender, é só uma idéia minha.

— Não, você o disse muito bem! — assegurou Stumm. — Mas por que tomamos outros como exemplo? Diotima e Arnheim são grandes almas, e, já por essa razão, isso nunca vai poder dar certo!

Perambulavam por um caminho do jardim, mas ainda não tinham ido longe; o general parou:

— Também o que aconteceu comigo não foi mera questão de farda! — comunicou ao amigo, pelo qual tinha admiração.

Ulrich reconheceu que não deixara o general tomar a palavra, e desculpou-se.

— Não foi Tuzzi quem o derrubou? — perguntou polidamente.

— Talvez um general tropece num ministro civil, mas nunca num subsecretário civil

— explicou Stumm com orgulho e objetividade. — Acho que tropecei numa idéia! — e, com isso, começou a contar sua história.

PARA SEU DESPRAZER, ÁGATA ENCONTRA UM RESUMO HISTÓRICO
DA PSICOLOGIA DOS SENTIMENTOS

Enquanto isso, Ágata se deparara com uma nova sequência de páginas onde o irmão prosseguira suas anotações, embora de forma bem diferente. Ele parecia agora querer descobrir o que é um sentimento, mas de um ponto de vista conceitual e com estilo muito seco. Devia ter recapitulado uma porção de coisas na memória, ou as lido especialmente, pois os papéis estavam cobertos de notas referentes em parte à história, em parte à análise do conceito de sentimento, e o conjunto constituía uma coleção de fragmentos cuja ligação interna não era reconhecível à primeira vista.

Uma indicação inicial de seus prováveis motivos foi encontrada por Ágata antes do começo do texto, onde estava escrito na margem: “questão de sensibilidade”; pois lembrou-se então da conversa que ela e o irmão tinham travado a respeito em casa da prima, com aquelas oscilações que revelavam o fundo da alma. E se se quisesse saber o que era questão de sensibilidade, seria mal ou bem preciso perguntar também o que era sentimento, ela entendia.

Isso serviu-lhe de guia, pois os manuscritos começavam dizendo que tudo o que se passava entre as pessoas tinha sua origem ou bem em sentimentos, ou bem na privação de sentimentos. Dito isso, toda a interminável literatura que se ocupava do assunto não permitia chegar-se a uma resposta segura para a questão do que é um sentimento; nem mesmo os trabalhos mais recentes, que Ulrich considerava verdadeiros progressos, dispensavam uma razoável dose de boa-fé. Tanto quanto Ágata podia verificar, ele não levava em consideração a psicanálise, o que a princípio a espantou, pois, como toda pessoa dada à leitura, também ela ouvira mais sobre a psicanálise do que sobre o resto da psicologia; mas Ulrich afirmava não deixá-la de lado por negar os méritos dessa importante teoria, tão cheia de novos conceitos e que nos ensinara a entender tanta coisa que, em tempos anteriores, fora experiência particular e sem lei, e sim porque, exatamente naquilo que ele pretendia, a especificidade da psicanálise não se faria valer como ela

merecia dadas as suas pretensões de fato nada modestas. Designava como seu propósito comparar entre si as principais respostas existentes para a questão do que é sentimento, e prosseguia dizendo que, no fim das contas, podiam-se distinguir apenas três, sendo que, aliás, nenhuma delas era tão abrangente que chegasse a excluir inteiramente as outras.

Vinham então as anotações seguintes, que deviam concretizar seu intento: “A mais antiga teorização, ainda hoje bastante influente, parte da convicção de que se deve distinguir nitidamente entre o estado de sentir, suas causas e seus efeitos; pois, por sentimento, ela entende um gênero de vivências interiores que se diferencia fundamentalmente dos outros gêneros, que, segundo ela, seriam sensação, pensamento e vontade. Essa concepção é popular e de velhíssima tradição, e parece lógico considerar o sentimento como um estado; na realidade, isso não é necessário, mas acontece pela impressão que causa sobre nós percebermos que em cada instante de sentimento, e em meio à sua movimentada transformação, não apenas distinguimos que sentimos, mas também o experimentamos como algo de aparentemente estável, percebendo que permanecemos no estado de um sentimento.

A teorização mais recente parte pelo contrário da observação de que o sentir está intimamente ligado ao agir e à expressão; daí decorre tanto ela tender a considerar o sentimento como um processo, quanto o fato de não dirigir o olhar apenas para o sentir, e sim encará-lo como uma totalidade, em conjunto com suas manifestações e origens. Surgiu inicialmente na fisiologia e biologia, e seus esforços estavam originalmente voltados para uma explicação fisiológica dos processos anímicos, ou, com maior ênfase, para a totalidade do corpo, que sofre também fenômenos anímicos. O resultado pode ser resumido como segunda resposta principal à questão da natureza do sentimento.

As mais recentes análises psicológicas do sentimento também se diferenciam das mais antigas por voltarem sua sede de saber para o todo em lugar do elemento e para a realidade em lugar do conceito preestabelecido, mas é claro que suas intenções e idéias mestras foram tomadas de sua própria ciência. Com isso, fornecem uma terceira resposta para a questão do que é sentimento, baseada nas outras, mas, ao mesmo tempo, independente. Essa terceira resposta não mais cabe, entretanto, numa retrospectiva, pois

com ela se introduz a teorização que atualmente se desenvolve ou parece possível.

Como, há pouco, mencionei a questão de saber se o sentimento é um estado ou processo, quero acrescentar que, na verdade, essa questão quase não teve importância alguma na evolução a que aludi, excetuando-se a de uma fraqueza comum a todas as concepções e talvez não inteiramente negligenciável. Caso eu, como parece compreensível segundo a moda antiga, conceba um sentimento como algo de constante, que atua para fora e para dentro, sofrendo também as reações de ambos os lados, não tenho, visivelmente, apenas *um* sentimento diante de mim, mas um número indefinido de sentimentos sucessivos. A língua raramente usa o plural para esses subgêneros de um sentimento, não se sentem invejas, cóleras, despeitos, para ela trata-se de variações de um sentimento em diversas manifestações ou estados de seu desenvolvimento; mas, sem dúvida, tanto uma sequência de estados quanto de sentimentos indicam um processo. Se, porém — o que estaria em concordância com isso e parece também mais próximo da concepção atual —, acreditamos estar diante de um processo, fica difícil determinar o que seria então ‘propriamente’ um sentimento, bem como o ponto onde algo deixa de fazer parte dele mesmo, passando a pertencer a suas causas, consequências ou séquito de acompanhantes. Voltarei mais tarde a esse problema, pois um tal dilema na resposta costuma denunciar um erro na pergunta; e, na minha opinião, ficará evidente que a questão estado ou processo é no fundo uma questão ilusória, atrás da qual outra se esconde. Que ela fique, assim, grifada, por amor a essa possibilidade sobre a qual não posso decidir.”

“Prossigo, agora, acompanhando a teoria original do sentimento, que distingue quatro ações principais ou estados fundamentais da alma. Ela remonta à antiguidade e constitui provavelmente um paralelo não relegado da opinião segundo a qual o mundo dos corpos se compõe dos quatro elementos: fogo, água, ar e terra. Mesmo assim, ainda hoje se fala com frequência de quatro classes particulares e reciprocamente irreduzíveis de elementos da consciência, e, na classe dos sentimentos, ‘prazer’ e ‘desprazer’ ocupam habitualmente uma posição privilegiada, pois são considerados os únicos sentimentos, ou, pelo menos, os únicos sentimentos não misturados a nada mais. Na verdade, talvez nem mesmo sejam sentimentos, mas apenas uma colo-

ração ou tonalidade destes, na qual perdura a diferença originária entre atração e fuga, e provavelmente também a oposição entre êxito e fracasso, bem como outros contrastes da conduta de vida, originalmente tão simétrica. A vida exitosa é prazerosa: bem antes de Nietzsche e de nossa época, já Aristóteles o sabia. E Kant disse: ‘Prazer é o sentimento do progresso, dor o de um obstáculo da vida.’ E Spinoza chamou o prazer de ‘transição do homem de uma menor para uma maior perfeição’. Ele, o prazer, sempre gozou dessa fama um tanto exagerada de derradeira explicação (e não por último junto àqueles que o consideram ilusão!).

Isso chega a atingir uma dimensão deveras engraçada no caso de certos pensadores, não dos maiores, mas imbuídos de uma paixão suspeita. Reproduzo aqui uma bela passagem de um tratado contemporâneo, da qual não gostaria de esquecer uma só palavra: ‘Nada parece mais heterogêneo do que, por exemplo, a alegria pela resolução elegante de um problema matemático e a alegria por um bom almoço! E, no entanto, ambas são uma e a mesma coisa, ou seja, prazer!’ Acrescento ainda um trecho de uma sentença de tribunal proferida de fato há poucos dias: ‘A indenização serve ao propósito de dar ao lesado a possibilidade de sentimentos de prazer que correspondam à sua situação habitual, contrabalançando os sentimentos de desprazer causados pela lesão e suas consequências. Aplicada ao caso concreto, resulta daí, já pela variedade limitada de sentimentos de prazer correspondentes à idade de dois anos e três meses, e pela fácil obtenção dos meios para tanto necessários, que a indenização requerida é alta demais.’ A clareza penetrante que se manifesta em ambos os exemplos permite observarmos respeitosamente que prazer e desprazer perdurarão ainda por longo tempo como o bê-a-bá da teoria do sentimento.”

“Continuando minha recapitulação, verifico que essa teoria que pesa cuidadosamente prazer e desprazer entende por ‘sentimentos mistos’ a ‘ligação do elemento prazer e desprazer com outros elementos da consciência’, referindo-se com isso à tristeza, serenidade, aborrecimento e outras coisas de tanto valor para um leigo, que ele gostaria de saber mais a respeito do que um simples nome. ‘Estados de espírito gerais’, como vivacidade ou depressão, ‘nos quais predominam sentimentos mistos de igual espécie’ são por ela denominados ‘unidade de um estado de sentimento’. Ela chama de ‘afeto’ um estado de sentimento que se manifesta ‘violento e repentino’, e, sendo ainda por cima ‘crônico’, ela o chama de

‘paixão’. Caso teorias tivessem moral, a moral dessa teoria poderia ser expressada mais ou menos com as palavras: comece com pequenos passos, assim poderás mais tarde dar grandes saltos!”

“Em tais diferenciações como: se há apenas prazer e desprazer, ou, talvez, diversos prazeres e desprazeres; se, ao lado de prazer e desprazer, não há ainda outras oposições fundamentais e se, por exemplo, desenlace e tensão seria uma delas (isso tem um título solene: teoria singularista e pluralista); se um sentimento pode transformar-se, e se, em se transformando, já seria outro sentimento; se um sentimento, caso consista em uma série de sentimentos, está para estes como o conceito de gênero para o de suas espécies, ou como o efeito para suas causas; se os estados que um sentimento atravessa, supondo que ele próprio seja um estado, são estados de um estado ou estados diversos e, com isso, sentimentos diversos; se um sentimento pode causar uma autotransformação por intermédio das ações e pensamentos que ocasiona, ou se, nesse discurso sobre a ‘atuação’ de um sentimento, há algo de impróprio e dito não muito a sério, como se se dissesse que a laminação de uma chapa ‘causa’ seu adelgaçamento, ou uma extensão das nuvens o encobrimento do céu: nessas diferenciações, a psicologia tradicional chegou a muitos resultados que não devem ser subestimados. Todavia, poder-se-ia então perguntar também se o amor é uma ‘substância’ ou uma ‘qualidade’, e, levando-o em consideração, qual a importância da ‘heceidade’ e ‘quididade’; mas será que jamais estaremos seguros de não precisar repetir essa pergunta?”

“Todas essas questões contêm um sentido de ordem altamente útil, embora, considerando a natureza imparcial do sentimento, ele pareça um tanto ridículo, e, considerando como os sentimentos determinam nossa ação, pouco nos possa ajudar. Esse sentido de ordem lógico-gramatical, equipado com centenas de gavetas e rótulos como uma farmácia, constitui um resto da visão medieval, aristotélico-escolástica, da natureza, cuja lógica grandiosa ruiu não tanto pelas experiências feitas com ela, e sim pelas feitas sem ela. A culpa principal cabe ao desenvolvimento das ciências da natureza, com sua nova inteligência, que preteriu a questão da necessidade lógica em favor da questão do que é real; e cabe também não menos à desgraça de a natureza, ao que parece, ter apenas esperado por uma tal falta de filosofia para deixar-se descobrir, tendo respondido com uma disponibilidade que ainda está longe de ter-se esgotado. Apesar disso,

enquanto esse desenvolvimento não produzir o novo ovo cósmico filosófico, ainda hoje continua sendo útil dar-lhe as cascas do velho para comer, como se faz com galinhas poedeiras. E isso vale particularmente para a psicologia do sentimento. Pois em sua veste lógica fechada ela foi afinal completamente infrutífera, mas, com respeito às psicologias do sentimento que se seguiram, pode-se infelizmente afirmar o contrário, já que, considerando-se essa relação entre manto lógico e fecundidade, elas se portaram quase como *sans-culottes*, pelo menos nos belos anos da juventude!”

“Que devo lembrar dessa introdução, para deleite e benefício mais geral? Principalmente o seguinte: essa psicologia mais recente começou com a compaixão solícita que a faculdade médica sempre dedicou à filosófica, e ela liquidou a psicologia dos sentimentos mais antiga ao deixar de falar de sentimentos, passando a empregar o vocabulário das ciências naturais: ‘instintos’, ‘ações instintivas’ e ‘afetos’. (Isso não quer dizer que tenha sido uma novidade falar do homem como ser dominado por instintos e afetos, mas transformou-se em nova medicina na medida em que ele passou a ser encarado apenas como isso.)

A vantagem consistia na perspectiva de reduzir o comportamento humano de índole mais elevada ao comportamento de índole geral, que parte de premências naturais como a fome, o sexo, a perseguição e outros estados fundamentais da vida, aos quais a alma se encontra adaptada. Fenômenos assim determinados chamam-se ‘atos instintivos’, surgindo sem intenção ou reflexão logo que se faz valer um estímulo do grupo correspondente, e sendo executados de modo semelhante por todos os animais de um mesmo gênero, muitas vezes também pelo animal e o homem. A predisposição hereditária para tanto, pessoal, mas quase imutável, chama-se ‘instinto’; e com a denominação ‘afeto’ liga-se, nesse contexto, habitualmente uma opinião difusa que o considera a vivência ou a parte vivida do ato instintivo e dos instintos postos em ação.

Com ou sem estardalhaço, parte-se em geral também do pressuposto de que todas as ações humanas são instintivas, ou constituem ligações entre estas, e de que todos os nossos sentimentos são afetos, ou partes, ou ainda combinações de afetos. Folheei hoje diversos tratados de psicologia médica para refrescar a memória, mas não encontrei sequer uma vez a palavra

sentimento em qualquer índice, e não deixa de ser uma notável particularidade de uma psicologia do sentimento que nela não se encontre sentimento algum!”

“A tal ponto predomina ainda hoje, em certos círculos, a intenção mais ou menos explícita de substituir a improdutiva visão espiritual da alma por conceitos das ciências naturais, de preferência palpáveis ao extremo! E assim como a princípio ter-se-ia preferido que os sentimentos nada mais fossem que sensações nas vísceras e articulações, e ulteriormente surgiram afirmações como a de que o medo consistiria em atividade cardíaca acelerada e respiração pouco profunda, ou que o pensamento seria uma fala interior, portanto, na realidade um estímulo da laringe, assim também, hoje, goza de prestígio e honra a intenção mais refinada de reduzir toda a vida íntima a arcos reflexos e similares, sendo, por exemplo, considerada por uma grande escola de sucesso como a única tarefa admissível para a explicação da alma.

E mesmo que o objetivo científico seja uma cimentação ampla, se possível rigorosamente automática, no reino natural, transparece igualmente um singular excesso que se pode expressar mais ou menos com a seguinte frase: o que está baixo, está firme. A superação da filosofia teológica da natureza foi acompanhada por uma euforia de negação, por uma ‘especulação na queda dos valores humanos’. O homem preferiu se considerar um fio na trama do tecido universal, em lugar de um fio que se ergue sobre esse tapete; e é compreensível que a alma, ao entrar com o estardalhaço de retardatária nos anos materialistas da adolescência, tenha sido contagiada por um desejo diabólico e degradante de ausência de alma. Mais tarde, isso lhe foi sacristã-mente levado a mal por todos os pios inimigos do pensamento científico, mas em sua essência mais recôndita tratou-se apenas de um benigno romantismo sombrio, de uma mágoa do amor infantil por Deus e, assim, também por Sua imagem, mágoa que ainda hoje repercute inconscientemente nos maus- tratos sofridos por esta.”

“Mas é um perigo a origem de certas idéias cair no esquecimento sem que isso seja notado. Esse esquecimento imprimiu a muita coisa um caráter de certeza inocente, que perdurou assim na psicologia médica, acarretando aqui e ali uma situação de desleixo, que atinge os próprios conceitos fundamentais, particularmente os de instinto, afeto e ação instintiva. Já a questão do que é instinto, e quais, ou quantos, existem, recebeu as mais

variadas respostas, ainda por cima sem a menor hesitação. Pude ler uma descrição que distinguia os ‘grupos de instintos’ da alimentação, sexualidade e proteção diante do perigo; outra, que cotejei com a primeira, enumerava um instinto vital, um instinto de prestígio e outros cinco; a psicanálise, que, diga-se de passagem, também poderia ser considerada uma psicologia do instinto, pareceu por longo tempo conhecer apenas um; e assim por diante. A relação entre ação instintiva e afeto foi definida com diferenças não menores, mesmo havendo habitualmente concordância na afirmação de que o afeto é a ‘vivência’ da ação instintiva; mas se a ação instintiva é vivida integralmente como afeto, portanto também o comportamento exterior, ou apenas o que acontece interiormente, ou parcelas disso, ou ainda parcelas do processo exterior e interior numa ligação particular — a tal respeito as opiniões divergem, ora afirma-se uma coisa, ora outra, e, às vezes, ambas ao mesmo tempo. Nem mesmo o que transcrevi acima de memória, sem fazer restrições, ou seja, que uma ação instintiva ocorre ‘sem intenção e reflexão’, é ponto pacífico.”

“Não é, portanto, de espantar que, por trás das explicações psicológicas para nosso comportamento, acabe muitas vezes transparecendo apenas a idéia familiar de que nos deixamos guiar por cadeias de reflexos, secreções e segredos do corpo porque procuramos o prazer e evitamos o desprazer. E isso não se restringe à psicologia, também na teoria geral da vida e até mesmo na economia política, em suma, sempre que se pretende fundamentar um comportamento, prazer e desprazer continuam representando esse papel, dois sentimentos tão precários, que mal se poderia imaginar algo de mais simples. A satisfação dos instintos, pensamento muito mais abrangente, provavelmente poderia enriquecer o quadro, mas o velho hábito tem tal força, que se chega a ler por vezes que os instintos procuram satisfação porque esta é prazer, o que significa mais ou menos o mesmo que considerar a descarga como parte propulsora de um motor!”

Dessa forma, Ulrich veio por fim a falar também da simplicidade, embora não deixasse de ser uma digressão.

“Qual é a graça, a tentação especial, que leva o espírito a acreditar dever reduzir o mundo dos sentimentos a prazer e desprazer, ou aos processos fisiológicos mais simples? Por que atribui a um dado psicológico um valor tanto maior quanto mais simples este for? Por que atribui maior valor a um dado químico-fisiológico do que a um dado psicológico, e, por fim, atribui

valor insuperável à redução a um movimento de átomos físicos? É raro isso ocorrer por motivos racionais, dá-se antes de forma semiconsciente, mas, seja como for, trata-se de um preconceito habitualmente eficaz. Em que se apóia, portanto, essa crença de que o segredo da natureza tem de ser simples?

Primeiro, é preciso distinguir duas coisas. A decomposição do complexo em elementos simples e pequenos constitui no dia-a-dia um hábito justificado como útil pela experiência; o dia-a-dia nos ensina a dançar ensinando-nos os passos, e que compreendemos melhor uma coisa depois de desmontá-la e reaparafusá-la. A ciência, pelo contrário, só se utiliza da simplificação como etapa intermediária; o que parece exceção não escapa a isso. Pois, no fim, ela não reduz o complexo ao simples, e sim o particular de um caso isolado a leis de validade geral, que constituem seu objetivo e não se caracterizam tanto pela simplicidade, mas antes pelo fato de serem gerais e sintetizantes. É tão-somente através de sua aplicação, ou seja, de segunda mão, que elas simplificam a multiplicidade dos fatos.

E assim, a vida apresenta sempre duas simplicidades distintas: o que é simples de antemão e o que apenas *a posteriori* se torna simples o são em dois sentidos diferentes. O que é simples de antemão, seja lá o que for, em geral o é por falta de conteúdo e forma, e, portanto, é comumente também simplório, ou ainda não foi desvendado. Mas aquilo que se torna simples, seja um pensamento, um gesto ou mesmo a vontade, partilha e contém o poder da verdade e do saber prático, que subjuga a multiplicidade confusa. Essas duas simplicidades são comumente confundidas: isso acontece no discurso devoto sobre a simplicidade e inocência da natureza; acontece na crença de que, em quaisquer circunstâncias, uma moralidade simples está mais próxima do eterno que uma complicada; acontece também na confusão entre vontade rude e vontade forte.”

Tendo chegado a esse ponto, Ágata julgou ouvir no cascalho do jardim os passos de Ulrich que voltava, e enfiou rapidamente as diversas folhas na gaveta. Quando, porém, se convenceu de que se enganara, ficando segura de que o irmão continuava no jardim, voltou a pegar os papéis e leu uma parte do que se seguia.

53

OS DOSSIÊS “D” E “L”

Assim que o General Stumm von Bordwehr começou a contar no jardim por que acreditava ter tropeçado numa idéia, pôde-se constatar que ele narrava com a alegria proporcionada por um assunto cuidadosamente avaliado. Para início de conversa, recebera o esperado puxão de orelhas pela resolução impensada que obrigara o Ministro da Guerra a abandonar às corridas a casa de Diotima.

— Eu tinha previsto tudo! — afirmou Stumm, orgulhoso, acrescentando com maior modéstia: — Menos o que veio depois.

Apesar de todas as medidas tomadas, algo do penoso incidente transparecera nos jornais, voltando à tona quando das desordens de que foi vítima o Conde Leinsdorf. Como Stumm já insinuara em presença de Ágata, Sua Alteza regressava de suas fazendas na Boêmia, quando, numa cidade em que queria apanhar o trem expresso, seu carro ficou entre as duas frentes de um embate político; Stumm continuou contando o que sucedeu então:

— É claro que as desordens tinham sido organizadas por um motivo completamente diverso, por qualquer determinação do governo sobre o uso das línguas nacionais nas repartições públicas, ou outra coisa dessas, que já nos causaram aborrecimentos a mais não poder. E, de fato, os habitantes de língua alemã estavam simplesmente de um lado das ruas, vaiando os de outras línguas, que ficavam do outro lado gritando “vergonha” na direção dos alemães, e mais não teria acontecido. Mas o Leinsdorf é conhecido como pacificador, ele quer que os povos reunidos na Monarquia constituam uma nação, e vive dizendo isso. E você sabe muito bem, se me é permitido dizer aqui, onde ninguém está ouvindo, que dois cães costumam rosnar, indecisos, um para o outro, se atracando, porém, no momento em que alguém quer acalmá-los. Assim que o Leinsdorf foi reconhecido, as emoções ferveram e as pessoas começaram a perguntar em coro, nas duas línguas: “Que foi feito da enquete para determinar os desejos dos círculos participantes da população, senhor Conde?” Em seguida, gritaram: “Para

fora, você finge paz; dentro da própria casa, é um assassino!” Você se lembra daquela história que contam dele, que, há cem anos, quando ainda era mais moço, uma cocote teria morrido de noite em sua casa? Segundo consta, também era a isso que os manifestantes aludiam. E tudo por causa dessa resolução idiota de que devemos nos deixar matar por nossas idéias, mas não pelas alheias; por causa de uma resolução que nem existe, portanto, pois eu impedi que fosse registrada em ata! Mas parece que correu de boca em boca, e, como nós não a deixamos passar, ficamos todos sob suspeita de quereremos matar o povo! Uma coisa dessas é completamente irracional, mas tem lá a sua lógica!

Ulrich notou essa diferenciação. O general deu de ombros.

— Ela remonta ao próprio Ministro da Guerra. Pois quando ele me chamou, depois do barulho na casa dos Tuzzi, começou logo dizendo: “Caro Stumm! Você não podia deixar as coisas chegarem a esse ponto!” Eu respondi a única coisa que me ocorreu, sobre o espírito da época, e que o espírito da época precisa se expressar, mas, por outro lado, também precisa de uma contenção: em suma, tentei demonstrar como é importante encontrar uma idéia atual e entusiasmar-se por ela, mesmo que, por enquanto, sejam ainda duas idéias contraditórias, uma provocando raiva na outra, de forma que é impossível saber a cada minuto o que vai acontecer. Mas ele replicou: “Stumm, você é um filósofo! Um general, porém, *precisa* saber! Quando você está conduzindo uma brigada a um combate, o inimigo também não lhe confia suas pretensões e sua força!” E em seguida ordenou que eu mantivesse definitivamente a maior reserva. Stumm interrompeu sua narrativa apenas para acumular nova reserva de oxigênio, prosseguindo então:

— Por isso, assim que veio ainda por cima essa história com o Leinsdorf, eu fui logo procurar pessoalmente o Ministro; eu previa que iriam mais uma vez pôr a culpa na Ação Paralela, e queria amenizar as coisas. “Excelência!”, comecei. “O que o povo fez lá foi irracional, mas isso era previsível, pois é sempre a mesma coisa. Por isso, num caso desses, eu não levo em conta a Razão, mas as paixões, fantasias, palavras de ordem e similares. Mas nem mesmo isso teria adiantado, pois Sua Alteza é um ancião teimoso e difícil de influenciar...” Foi mais ou menos isso o que eu

disse, e o Ministro da Guerra ficou o tempo todo só ouvindo em silêncio e assentindo com a cabeça. Mas pode ser que ele próprio tenha esquecido as censuras que me fizera na vez anterior, pode ser, também, que estivesse de péssimo humor, pois o fato é que, de repente, replicou: “Você é mesmo um filósofo, Stumm! Não estou interessado nem em Sua Alteza, nem no povo; mas você ora fala de Razão, ora de lógica, como se fossem a mesmíssima coisa, e devo adverti-lo que não é a mesma coisa! Um paisano pode muito bem ser racional, mesmo sem precisar. Para defrontar-se com a Razão, porém, a lógica é necessária, e por isso eu exijo lógica de meus generais. O povo comum não tem lógica, mas precisa senti-la sobre si!” E, com isso, a entrevista chegou ao fim — concluiu Stumm von Bordwehr.

— Não estou entendendo minimamente, mas parece que, no fim das contas, seu segundo Comandante Supremo tem até sido benevolente com você — observou Ulrich.

Eles passeavam pelos caminhos do jardim, e Stumm deu alguns passos sem responder, parando então com tal violência, que o saibro chegou a ranger sob seus pés.

— Você não está entendendo? — exclamou, acrescentando: — A princípio, eu também não entendi. Mas aos poucos, descobri em toda a sua dimensão por que Sua Excelência o senhor Ministro da Guerra tem razão! E por que ele tem razão? — perguntou, implacável.

— Porque o Ministro da Guerra sempre tem razão. Caso haja um escândalo em casa de Diotima, eu não posso ir embora antes dele, e também não posso vislumbrar o futuro da Boêmia; é irracional exigir isso de mim! E também não é permissível que eu caia em desgraça por uma coisa com a qual, como no caso Leinsdorf, tenho tão pouco a ver quanto com o nascimento de minha falecida avó! Mas, mesmo assim, o Ministro da Guerra tem razão em exigir tudo isso de mim, porque os superiores sempre têm razão: isso é uma banalidade, mas ao mesmo tempo não é! Está entendendo agora?

— Não — disse Ulrich.

— Mas, veja — suplicou Stumm —, você só quer me criar dificuldade, porque se sente independente, ou por causa do seu senso de direito, ou por

motivos desse tipo, e fica negando que se trata aqui de algo mais grave! Na verdade, sabe muito bem do que estou falando, pois em seus tempos de militar também a você devem ter dito em toda oportunidade que um oficial precisa pensar com lógica. Em nossos olhos, é exatamente a lógica o que distingue o militar do civil. Mas, com isso, estão se referindo à Razão? Não. Razão é coisa do rabino de campanha, ou do capelão, ou do funcionário do arquivo militar. Mas lógica não é Razão. Lógica quer dizer: sob quais quer circunstâncias, aja de maneira honrada, mas coerente, implacável e sem sentimentos; e não se deixe confundir por nada! Pois o mundo não é governado pela Razão, mas tem de ser dominado com lógica de ferro, embora se fale desde que ele existe! Foi isso que o Ministro da Guerra me deu a entender; e você há de convir que isso, no meu caso, não caiu em terra muito árida, pois se trata simplesmente da velha e comprovada mentalidade de oficial. Desde então, ela voltou a me impregnar mais; e você também não poderá negar: antes de começarmos todos a falar de Paz Eterna, temos de estar preparados para o pior; precisamos primeiro reparar nossas falhas e fraquezas, para não levarmos desvantagem no momento da confraternização geral. E nosso espírito *não* está preparado! Ele nunca fica pronto! O espírito civil consiste num significativo vaivém, ele vive subindo e descendo, e você mesmo o chamou uma vez de guerra religiosa de mil anos: mas não podemos permitir que isso nos leve à ruína! É preciso que haja alguém que, como se diz no exército, tenha iniciativa e tome a direção, e a tal está destinado o superior. Eu mesmo reconheço isso, agora; e não estou muito certo de, antes, não ter-me deixado levar longe demais em minha simpatia por toda espécie de propósito espiritual.

— E que teria acontecido — perguntou Ulrich — se você não tivesse reconhecido isso? Reserva?

— Não, isso não — corrigiu Stumm. — Pressupondo naturalmente que eu não perdesse também o senso militar para correlações de forças. Mas teriam me agraciado com uma brigada de defesa em Wladischmirschowitz ou Knobljoluka, em vez de eu continuar no ponto de intersecção do poder militar com as luzes civis, quem sabe podendo até vir ainda a ser de utilidade para nossa cultura comum.

Já tinham percorrido diversas vezes o caminho entre a casa e o portão, em

cuja proximidade a carruagem esperava, e o general voltou a dar meia-volta antes de chegarem à grade.

— Você desconfia de mim — lamentou-se —, você não perguntou uma vez sequer o que aconteceu quando, sem mais nem menos, surgiu esse congresso da paz!

— E então, que aconteceu? O Ministro da Guerra mandou chamá-lo de novo, e que foi que ele disse?

— Não! Ele não disse nada! Fiquei esperando uma semana inteira, mas ele não disse mais nada! — corrigiu o outro. E depois de um momento calado, não conseguiu mais se conter e anunciou: — Mas tomaram de mim o dossiê “D”!

— O que é o dossiê “D”? — perguntou Ulrich, embora pressentisse do que se tratava.

— Dossiê “Diotima”, é claro — respondeu Stumm com dolorida satisfação. — Num ministério, para cada questão mais importante se cria um dossiê, e isso teve de acontecer assim que Diotima iniciou seus congressos caseiros para descobrir uma idéia patriótica e nossa atenção foi atraída pela participação ativa de Arnheim. Fui incumbido desse dossiê, como você provavelmente terá notado, e então me perguntaram também como deveríamos denominá-lo; no fim das contas, um assunto desses não pode ser simplesmente arrolado como um depósito de remédios ou um curso de intendência, e, por considerações interministeriais, o nome Tuzzi não podia ser mencionado. A mim mesmo, porém, também não ocorreu nada de característico, e por isso, para não falar demais, nem de menos, sugeri finalmente o nome de dossiê “D”: para mim, “D” queria dizer Diotima, mas ninguém sabia disso, e aos outros dava uma impressão de extraordinária autenticidade, como o nome de um livro de serviço, quando não de um segredo acessível apenas ao estado-maior. Foi uma das minhas melhores idéias! — concluiu Stumm, acrescentando com um suspiro: — Naquele tempo, ainda me era permitido ter idéias!

Ele não parecia contudo sentir-se suficientemente animado, e quando Ulrich — cuja disposição de recaída no mundo já quase se esgotara, ou pelo menos consumira quase toda a sua provisão de loquacidade —, depois de um

sorriso de aprovação, entregou-se ao silêncio, Stumm voltou a se lamentar.

— Você não confia em mim. Depois do que eu disse, você está achando que sou um militarista. Mas, palavra de honra, eu me recuso a sê-lo, e não quero prescindir sem mais nem menos daquilo em que acreditei por tanto tempo. São essas idéias maravilhosas que fazem do soldado um ser humano: eu lhe digo, meu amigo, quando penso nisso, sinto-me como um viúvo cuja caracimete morreu primeiro! — Ficou novamente exaltado. — Na república dos espíritos reina naturalmente a mesma desordem que em qualquer outra república, mas que felicidade nos traz já a grande idéia de que ninguém é dono da verdade e de que há uma porção de idéias que — talvez devido à falta de ordem que impera entre elas!

— ninguém descobriu ainda! No estado-maior, eles chegaram a me botar o nome — a mim e a meu dossiê — de “trem de iluminação móvel”, por causa da variedade de minhas sugestões, mas também eles desfrutaram com prazer da riqueza que eu espalhava.

— E tudo isso acabou?

— Não precisava necessariamente ter acabado; mas eu mesmo perdi parte de minha confiança no espírito! — disse Stumm cheio de ressentimento e exigindo consolo.

— No que tem razão — comentou secamente Ulrich.

— Até você está dizendo isso?!

— Eu sempre disse isso. Eu o avisei desde o começo, antes do Ministro. O espírito não serve muito para governar.

Stumm queria rejeitar a lição e, por isso, afirmou:

— Essa sempre foi minha opinião!

— O espírito está entrelaçado à vida como a uma roda que ele impulsiona e pela qual é triturado —continuou Ulrich. Mas Stumm não deixou que ele fosse adiante.

— Caso suspeite que essas circunstâncias externas foram determinantes para mim — interrompeu-o —, você estaria me rebaixando! Trata-se igualmente de uma purificação espiritual. Além disso, o dossiê “D” me foi

tomado com todas as honras. O Ministro mandou me chamar para me comunicar pessoalmente que isso era necessário porque o chefe do estado-maior exigia uma informação pessoal sobre o Congresso Mundial da Paz; e, por isso, transferiram logo todo o assunto do departamento de instrução militar para a seção de informações do escritório de observações...

— Para a seção de espionagem? — exclamou Ulrich, novamente animado.

— E para onde deveriam transferir? Quem não sabe o que quer, tem de saber pelo menos o que os outros querem! Diga-me, por favor, o que o estado-maior iria fazer num Congresso Mundial da Paz? Impedi-lo seria uma barbaridade, fomentar o pacifismo seria antimilitar! Portanto, observam-no. Quem foi mesmo que disse que “a prontidão é tudo”? Bem, tanto faz, de qualquer forma foi alguém que entendia de assuntos militares — Stumm esquecera seu aborrecimento. Ele se mexia para cá e para lá sobre as pernas e tentava decapitar uma flor com a bainha da espada. — Mas eu temo que será difícil demais para eles, e que ainda virão de joelhos me buscar de volta, para que eu reassuma meu dossiê! — confessou. — Afinal, depois de um ano de experiência, tanto você quanto eu sabemos perfeitamente que esses congressos de idéias se cindem em provas e contraprovas! Você acredita, quero dizer, deixando de lado as dificuldades especiais de governar, que uma ordem possa, por assim dizer, derivar exclusivamente do espírito?

Tinha abandonado sua ocupação com as flores e, de testa franzida, empunhando a bainha da espada, encarava insistentemente o amigo.

Este sorriu para ele e ficou em silêncio.

Stumm deixou a espada cair, pois precisava das pontas dos dedos de ambas as mãos — que estavam enfiadas em luvas brancas — para uma definição delicada:

— E preciso que você entenda bem o que quero dizer quando distingo entre espírito e lógica. Lógica é ordem. E tem de haver ordem! É esse o princípio do oficial, e eu me curvo a ele! Mas com base em que idéias se faz a ordem, isso é indiferente; isso é espírito, ou, como o Ministro da Guerra diz de forma um tanto antiquada, é Razão, e não diz respeito ao oficial. Mas o oficial não confia que os civis sejam capazes de se tornarem razoáveis,

quaisquer que sejam as idéias de que partam. Pois em todas as épocas, tanto faz qual tenha sido o espírito existente, o resultado sempre acabou sendo uma guerra!

Era assim que Stumm explicava suas novas descobertas e dúvidas, que Ulrich, sem querer, resumiu numa alusão a uma frase conhecida, perguntando:

— Você quer dizer que a guerra é um elemento da ordem universal criada por Deus?

— Já está falando de modo espiritual demais! — Stumm parecia concordar, mas com ressalvas. — Eu apenas me pergunto se o espírito não é simplesmente dispensável. Pois se devo tratar o ser humano com esporas e rédeas, como a um animal, é preciso que também eu carregue em mim algo de animal, porque um bom cavaleiro é mais chegado à montaria do que, por exemplo, à filosofia do Direito! Os prussianos designam isso como o canalha que cada um de nós traz dentro de si, e eles o domi-

nam com um espírito espartano. Eu, como general austríaco, prefiro dizer: quanto melhor, mais bonito e organizado for um Estado, tanto menos se precisa de espírito dentro dele, e, num Estado perfeito, não se precisa de nenhum! Considero isso um paradoxo muito complicado. Aliás, de quem é aquilo que *você* disse? É de alguém?

— É de Moltke. Ele disse que as mais nobres virtudes do homem, a coragem, renúncia, lealdade ao dever, espírito de sacrifício, só se desenvolvem na guerra e que, sem guerra, o mundo afundaria necessariamente num materialismo insensível.

— Ora veja! — exclamou Stumm. — Interessante! Então ele disse uma coisa que eu também penso às vezes!

— Mas em outra carta à mesma pessoa, quase que de um só fôlego, portanto, ele diz que até uma guerra vitoriosa é uma catástrofe nacional — ponderou Ulrich.

— Está vendo, o espírito o embrulhou! — replicou Stumm com convicção. — Nunca li uma linha dele, sempre me pareceu militarista demais. E você pode crer em mim, eu sempre fui antimilitarista. A vida inteira eu pensei: hoje em dia ninguém mais acredita numa guerra, a gente só se expõe ao

ridículo, com isso. E... não gostaria que você julgasse que eu mudei, só porque agora sou diferente!

Ele tinha acenado para o carro e, com o pé no estribo, ainda hesitava, olhando com premência para Ulrich.

— Continuo fiel a mim mesmo! — prosseguiu. — Mas se antes eu amei o espírito civil com os sentimentos de uma mocinha, agora, se me permite dizer, eu o amo como uma mulher madura: ele não é um ideal, e nem sequer deixa que o ajudemos a entrar em harmonia consigo mesmo. Foi por isso que eu lhe disse — e não é de hoje, já faz tempo — que para lidar com as pessoas é preciso bondade e também punho firme, precisamos amá-las e sacaneá-las para que se chegue a algum lugar. E, afinal, isso nada mais é que a mentalidade militar suprapartidária, que deve distinguir o soldado. Não reivindico nenhum mérito pessoal nesse ponto, mas quero deixar claro para você que já antigamente eu falava assim.

— Agora, só falta você repetir que a guerra civil de sessenta e seis se deveu ao fato de todos os alemães terem se declarado irmãos — observou Ulrich com um sorriso.

— Mas é claro! — confirmou Stumm. — E hoje, ainda por cima, todos os homens se declaram irmãos! Não posso deixar de perguntar o que vai resultar disso! Quando menos se espera, as coisas acontecem. Nós passamos quase um ano refletindo, e aí aconteceu uma coisa completamente diferente. Parece até ser minha sina ficar dissecando o espírito para ele acabar me levando de volta às armas. Apesar disso, se você pensar bem no que eu disse, vai descobrir que não me identifico com nada, mas encontro em tudo algo de verdadeiro: *essa* seria mais ou menos a suma do que conversamos!

Depois de uma olhada no relógio, Stumm queria dar o sinal de partida, pois o prazer de ter desabafado era tão intenso que esquecera todo o resto. Ulrich, porém, segurou-o amistosamente e disse:

— Você ainda não me contou qual é a sua nova “incumbenciazinha”! Stumm se negou a falar:

— Hoje não dá mais tempo. Tenho de ir-me embora.

Mas Ulrich o segurava por um dos botões dourados que brilhavam sobre sua barriga, e o manteve preso até ele se render. Stumm von Bordwehr

alcançou a cabeça de Ulrich e puxou a orelha dele para perto de sua boca.

— Bem, mas é estritamente confidencial — sussurrou: — Leinsdorf!

— Suponho que ele deva ser eliminado, seu assassino conspirador! — murmurou Ulrich por sua vez, mas tão despreocupado que Stumm, ofendido, apontou para o cocheiro.

Ergueram-se, e Ulrich se afastou da porta da carruagem. Decidiram falar em voz alta e apenas evitar o nome.

— Deixe que eu mesmo reflita e descubra se ainda recordo qualquer coisa do mundo de vocês — pediu Ulrich. — “Ele” derrubou o último Ministro da Educação e, depois da nova ofensa que sofreu, é de se prever que “ele” fará o mesmo com o atual. Mas, no momento, isso seria uma perturbação desagradável e é preciso tomar providências. E, sabe-se lá por que, “ele” nunca abre mão de suas convicções: os alemães são um perigo para o Estado, o Barão Wisnietzky, de quem eles não gostam, é o homem adequado para fazer propaganda entre eles, o governo não deveria ter mudado de rumo, e assim por diante...

Stumm teria podido interromper Ulrich, mas continuou ouvindo voluntariamente, e até se intrometeu:

— Afinal, “ele” foi responsável pelo surgimento, na Ação Paralela, da palavra de ordem de agir, e, enquanto todos os outros dizem apenas: “há um novo espírito!”, “ele” diz a quem não quer ouvir: tem de acontecer alguma coisa!

— E não se pode derrubá-lo, ele atua em caráter particular. Além do mais, praticamente já lhe roubaram a Ação Paralela — observou Ulrich.

— E por isso, existe agora o perigo de que ele invente outra novidade! — completou o general.

— Mas como você poderia impedi-lo? — perguntou, curioso, Ulrich.

— Meu Deus, eu recebi a tarefa de distraí-lo e ocupá-lo um pouquinho, e, se você quiser, também de vigiá-lo um pouquinho.

— Ou seja: um dossiê “L”! Mas quem diria!

— Aqui entre nós, você pode chamá-lo assim, mas é claro que não existe uma denominação oficial. Tenho simplesmente a incumbência de me agarrar ao pescoço de Leinsdorf — desta vez, Stumm quis saborear o nome, mas ainda assim só o sussurrou — como um carrapato: foram exatamente as respeitosas palavras de Sua Excelência!

— Mas o Ministro não lhe deu uma meta, que você deve alcançar? O general riu.

— Falar! Devo falar com ele. Mostrar interesse por tudo o que ele pensa, e falar tanto sobre o assunto que ele talvez acabe se exaurindo e não faça nada de imprevisto. “Sugue-o”, disse Sua Excelência, e afirmou tratar-se de uma demonstração de confiança e de uma incumbência muito honrosa. E caso você ainda pergunte se isso é tudo, só posso responder: é muita coisa! Essa velha Alteza é uma pessoa de tremenda cultura e extremamente interessante! — Tinha dado ao cocheiro o sinal de partida, e voltou-se, dizendo: — Tudo o mais da próxima vez! Conto com você!

Só quando a carruagem já se afastava é que ocorreu a Ulrich que Stumm talvez também tivesse a intenção de neutralizá-lo, a ele que estivera sob suspeita de poder induzir o Conde Leinsdorf a idéias extravagantes.

54

DESCRIÇÃO INGÊNUA DE COMO SE FORMA UM SENTIMENTO
Ágata ainda conseguiu ler grande parte das páginas seguintes.

Elas não continham ainda a prometida exposição dos desdobramentos pelos quais o conceito de sentimento passa atualmente; pois antes de se ocupar dessas concepções, das quais esperava tirar o maior proveito, Ulrich, segundo suas próprias palavras, tentara “imaginar a aparição e o crescimento de um sentimento com a ingenuidade de um leigo intelectualmente versado, soletrando com dedos desajeitados”.

E esse manuscrito prosseguia assim: “Costuma-se encarar o sentimento como algo que tem causas e efeitos, e quero me limitar à causa como estímulo externo. Mas, naturalmente, esse estímulo requer também circunstâncias apropriadas, quer dizer, tanto circunstâncias externas adequadas, quanto internas, uma disposição íntima, e somente essa tríade decidirá se e como ele será respondido. Pois se um sentimento se apresenta de forma imprevista ou retardada, como ele se expande e transcorre, que idéias traz consigo e de que sentimento se trata de fato, tudo isso depende habitualmente da situação preliminar de quem sente e do ambiente, não menos que do estímulo. No que diz respeito ao estado pessoal de quem sente, ou seja, a temperamento, caráter, idade, educação, princípios, experiências anteriores e tensões existentes, isso parece óbvio, embora essas condições não tenham limites precisos, perdendo-se na natureza da pessoa e em seu destino. Mas também o ambiente externo, e mesmo apenas uma consciência dele ou sua mera pressuposição implícita, podem reprimir ou favorecer um sentimento, e a vida social apresenta inúmeros exemplos disso, pois em qualquer situação há sentimentos convenientes ou inconvenientes, e, de acordo com as regiões e as épocas, mudam também os grupos de sentimentos que predominam ou são favorecidos na vida pública e privada, e os que são reprimidos, tendo até mesmo se sucedido épocas pobres e ricas de sentimento.

Acresce ainda que, como é fácil avaliar, as circunstâncias externas e internas, e também o estímulo, encontram-se em mútua dependência. Pois a

situação interna estava adaptada à externa e a seus estímulos, de que, portanto, dependia, e a situação externa precisa ter sido assimilada de alguma forma, tendo, assim, seu aspecto dependido da situação interna, antes que uma perturbação desse equilíbrio tenha provocado um novo sentimento que veio a introduzir ou mesmo representar um novo equilíbrio. Da mesma maneira, também o ‘estímulo’ em geral não atua diretamente, e sim por força de sua absorção, e nosso íntimo só realiza essa absorção com base em percepções às quais começos da excitação hão de ter estado ligados.

Abstraindo disso, o estímulo capaz de suscitar um sentimento também está ligado a este na medida em que, por exemplo, o que excita um faminto deixa indiferente um ofendido, e vice-versa.”

“Complicações semelhantes surgem quando queremos continuar descrevendo ‘uma coisa depois da outra’. Para começar, não é possível responder ‘quando’ um sentimento se faz presente, embora segundo a concepção de base, que diz ter ele causa e efeito, se devesse supor que haja tal momento. Na verdade, porém, o estímulo não atinge um estado existente como um acionamento mecânico que leva a uma cadeia de efeitos, e sim se prolonga, suscitando um reforço de forças internas que ao mesmo tempo atuam em seu sentido e modificam seu efeito. E o sentimento, uma vez existente, tampouco se exaure imediatamente em seus efeitos, nem permanece idêntico por um momento sequer, como que em repouso no centro dos processos que absorve e desencadeia; pelo contrário, está ligado a uma permanente transformação de tudo aquilo com que se relaciona externa e internamente, sofrendo as reações de ambos os lados.

É própria dos sentimentos a tentativa enérgica e muitas vezes apaixonada de transformar os estímulos aos quais devem sua aparição, e de eliminá-los ou favorecê-los; e as direções principais da existência *são* para fora e de fora. Por isso, a ira traz em si o contra-ataque, o anseio a aproximação, e o medo a transição para fuga, paralisia ou, situado entre ambas, o grito. Mas também a reação desse comportamento ativo imprime ao sentimento boa parte das particularidades e do conteúdo que o caracterizam; a conhecida frase de um psicólogo americano, segundo a qual ‘não choramos porque estamos tristes, mas estamos tristes porque choramos’, pode ser exagerada; é certo, porém, que não apenas agimos como sentimos, mas também logo

aprendemos a sentir conforme nossos atos, sejam quais forem seus motivos. Um conhecido exemplo para esse vaivém é a briga de cães que começa como alegre brincadeira e termina num duelo sangrento, mas o mesmo pode ser igualmente observado em crianças e pessoas simples. E toda a bela teatralidade da vida não consiste afinal num grande exemplo disso, com seus gestos, meio a sério, meio vazios, de honra e honraria, de ameaça, gentileza, contenção e tudo o mais, gestos de querer representar alguma coisa e de representação, que descartam o juízo e influenciam diretamente o sentimento? Até a ‘disciplina’ faz parte disso, baseando-se no efeito de impor por longo tempo um comportamento, para que suscite afinal o sentimento que deveria originá-lo.”

“Mais importante que a repercussão dos atos é, tanto nesses como em outros exemplos, o fato de uma vivência mudar de significado quando, em seu decurso, passa, do âmbito das forças características que de início a conduziam, para o de outras ligações da alma. Pois do lado de dentro ocorre algo de semelhante ao exterior. O sentimento preme para dentro; ele ‘toma inteiramente a pessoa’, como se diz, não sem acerto; afasta o que não se conforma a ele, e favorece o que pode lhe servir de alimento. Num tratado de psiquiatria, eu li estranhas denominações para isso: ‘força de comutação’ e ‘trabalho de comutação’. Ao mesmo tempo, o sentimento estimula o interior a voltar-se para ele. A disponibilidade interna, na medida em que não se exauriu no primeiro momento, preme pouco a pouco em sua direção; e assim que captura forças maiores, armazenadas em pensamentos, lembranças, princípios etc, o sentimento também é inteiramente capturado por elas, e elas o transformam de tal modo que fica difícil dizer quem se apossa de quem.

Mas uma vez atingido seu ápice por intermédio de tais processos, são eles que vão novamente enfraquecer e diluir o sentimento. Pois outros sentimentos e vivências, que não mais se submetem integralmente a ele, irão então cruzar sua esfera e, por fim, até mesmo desalojá-lo. Na verdade, esse curso contrário, ligado à satisfação e ao desgaste, começa com a própria aparição do sentimento; pois sua expansão não significa apenas um aumento de seu poder, mas ao mesmo tempo também um arrefecimento das necessidades das quais ele se origina ou se serve.

Isso deve igualmente ser levado em conta com relação aos atos; pois o

sentimento não apenas se exalta, mas também se arrefece na ação; e sua saturação, quando não é perturbada por outro sentimento, prossegue até o fastio, quer dizer, até o ponto em que surge novo sentimento.”

“É preciso mencionar especialmente uma coisa. Enquanto subjuga o interior, o sentimento entra também em contato com atividades que colaboram para a vivência e a compreensão do mundo exterior; e assim, o mundo, como nós o entendemos, acabará em parte padronizado segundo o modelo e sentido do próprio sentimento, que procura se fortalecer por intermédio desses ecos. Os exemplos são conhecidos: quando sentimos intensamente, ficamos cegos para o que pessoas imparciais percebem, e percebemos o que outros não vêem. A pessoa triste vê as coisas pretas e despreza o que poderia iluminá-las; a alegre vê o mundo iluminado e é incapaz de perceber algo que perturbe esse quadro; quem ama ganha a confiança das piores pessoas; e o desconfiado não apenas vê sua desconfiança confirmada em toda parte, mas as confirmações chegam a desabar sobre ele. Dessa maneira, atingindo uma certa força e duração, cada sentimento constrói seu próprio mundo, um mundo selecionado e cheio de conexões, o que não é de somenos importância nas relações humanas! Nisso se incluem nossa notória inconstância e nossas arbitrariedades.”

Nesse ponto, Ulrich fizera uma interrupção e voltara brevemente à questão de saber se o sentimento é um estado ou um processo, cuja característica ilusória ressaltava agora nitidamente. Resumindo e avançando, depois da descrição citada vinha o seguinte:

“Partindo da noção comum de que o sentimento é um estado que advém de uma causa e produz efeitos, fui levado no curso do trabalho a uma descrição que sem dúvida representa um processo, caso se observe o resultado numa extensão mais ampla. Quando parto, porém, da impressão geral de um processo e pretendo fixar essa noção, verifico com a mesma nitidez que entre as partes vizinhas sempre falta a sucessão, o uma-coisa-atrás-da-outra, que faz parte de um processo; não há sequer qualquer sinal de sequência em determinada direção. Pelo contrário, entre os passos isolados há indícios de uma mútua dependência e condicionamento, e até mesmo de um quadro onde os efeitos parecem preceder suas próprias causas. Relações de tempo tampouco aparecem na descrição, e tudo isso indica novamente um estado, por diversos motivos.

Estritamente falando, eu apenas posso dizer a respeito do sentimento que ele

parece ser tanto um estado quanto um processo, e que não parece ser nem estado, nem processo; ambas as definições parecem igualmente justificadas. É fácil mostrar que mesmo isso depende, porém, tanto ou mais da forma da descrição quanto do que é descrito; não é uma característica especial da alma, e tanto menos do sentimento, mas se apresenta em outras áreas da descrição da natureza, por exemplo, sempre que se trata de um sistema e seus elementos, ou de um todo e suas partes: considerando-se um aspecto, pode parecer como estado o que, considerando-se outro, é tido como processo. A própria duração de um processo está ligada para nós ao conceito de estado. Eu não posso afirmar que a lógica dessa dupla conceituação seja clara, mas ela provavelmente está relacionada com o fato de que a distinção entre estados e processos corresponde mais ao pensamento verbalizado que à realidade científica que a irá talvez repropor, mas talvez também fazer desaparecer atrás de outras coisas.”

“A língua alemã diz: ira está em mim; e diz: estou em ira. Diz também: estou irado, sinto-me irado, sinto ira. Ela diz: estou enamorado, e: eu me enamorei. Etimologicamente, os nomes que ela deu aos sentimentos remontam com frequência a impressões causadas por ações e comportamentos perigosos ou vistosos que as motivaram; apesar disso, ela fala do sentimento ora como estado abrangendo diversos processos, ora como processo constituído por uma série de estados; e, como os exemplos mostram, ela inclui em seu modo de expressão as imagens da pessoa, e do exterior e interior, ora de um jeito, ora de outro, sem maior cerimônia; no conjunto, ela opera de maneira tão caprichosa e incalculável como se desde o começo tivesse querido criar a confusão de sentimentos alemã.

Essa diversidade do quadro linguístico de nossos sentimentos, surgida de experiências intensas, mas imperfeitas, se reflete ainda hoje na formação das idéias científicas, particularmente quando se toma a ciência mais na extensão que em profundidade. Há teorias psicológicas em que o Eu se apresenta como o que há de mais seguro, experimentável em qualquer emoção, mas principalmente no sentimento. E há também teorias que o deixam completamente de lado e só consideram experimentáveis as relações entre as manifestações, descrevendo-as como se fossem fenômenos num campo de força cuja origem não é levada em consideração. Há, portanto, psicologias do Eu e psicologias sem Eu. Mas também as outras diferenças foram ocasionalmente desenvolvidas, e, assim, o sentimento aparece seja

como um processo percorrido pela relação de um Eu com o mundo exterior, seja como um caso particular e estado de relacionamento, distinções que facilmente predominam quando a sede de saber tem uma tendência mais conceitual e a verdade ainda não está nítida.

Muita coisa aqui continua sendo objeto de opiniões, mesmo quando nos esforçamos cuidadosamente por delas separar os fatos. Parece-nos claro que um sentimento não surge em qualquer parte do mundo, mas no interior de um ser vivo, e que ‘eu’ sou quem sente ou, na exaltação, sente a si mesmo. É nítido que algo acontece em mim quando eu sinto, e também transforma meu estado; e embora o sentimento estabeleça uma relação mais viva com o mundo do que uma sensação, ele me parece mais ‘interior’ que ela. Esse é um dos grupos de impressões. Mas, por outro lado, ao sentimento está ligado um posicionamento de toda a pessoa, e esse é o outro grupo. Eu sei que o sentimento, diversamente da sensação, está ligado a ‘toda a minha pessoa’. E apenas através da pessoa o sentimento tem efeitos externos, seja porque esta age, seja porque começa a ver o mundo de outra maneira. E nem sequer se poderia afirmar que um sentimento é uma transformação no interior da pessoa, sem que se acrescentasse que, ao mesmo tempo, sua relação com o mundo exterior se transforma.”

“O devir e o ser do sentimento se realizam, portanto, ‘em’ nós, a nós ou conosco? Volto assim a minha própria descrição. E se sua imparcialidade merece crédito, as relações por ela cautelosamente iluminadas reafirmam mais uma vez o seguinte: meu sentimento se forma em mim e fora de mim; ele me transforma de dentro e de fora; ele transforma o mundo diretamente de dentro, e indiretamente, quer dizer, através de meu comportamento, de fora; e, portanto, mesmo que isso contradiga nosso preconceito, ele existe simultaneamente dentro e fora, ou está pelo menos tão entrelaçado com ambos, que a questão do que é interior e exterior num sentimento, e de qual a parcela do Eu e a do mundo perde quase todo o sentido.

Isso nos fornece o quadro fundamental, o que não apresenta maiores problemas, já que, dito em palavras mais moderadas, significa simplesmente que o sentir nos faz experimentar algo de uma direção dupla, que sua natureza de fenômeno transitório lhe confere: para dentro, ou retornando à pessoa, e para fora, para o objeto que o ocupa. Quanto a saber o que é dentro e o que é fora, e, mais ainda, o que significa pertencer ao Eu ou ao mundo, aquilo, portanto, que se encontra no fim dessas duas direções e, por

isso, permitiria entendê-las completamente, não se trata naturalmente de algo que seja apreendido com clareza já na primeira vivência; por sua própria origem, padece da mesma falta de nitidez de todas as outras coisas que vivenciamos sem saber como, sendo necessária uma experiência e pesquisa contínuas para que dele se forme um conceito real.

Portanto, uma psicologia que queira ser realmente uma ciência experimental não tratará esses conceitos diversamente dos de estado e processo, sendo que os pensamentos afins de pessoa, alma e Eu, mas mesmo as idéias completas de dentro e fora, lhe parecerão como algo a explicar e não como algo de que nos servimos sem mais nem menos para explicar outros fenômenos.”

“Singolarmente, uma verdade corriqueira da psicologia retrata bastante bem o que foi dito, pois de hábito pressupomos sem maior reflexão que alguém que se mostra como corresponderia a um certo sentimento sente de fato assim. Não é portanto raro, talvez seja até frequente, que um comportamento externo, junto aos sentimentos que engloba, seja apreendido de maneira direta e indivisa, e com grande segurança.

Se a índole de um ser que se aproxima de nós é amistosa ou perigosa, nós constatamos em primeiro lugar no todo, e, na melhor das hipóteses, só depois refletimos se isso é realmente correto. A primeira impressão não é de que algo que poderia mostrar-se terrível se aproxima de nós, mas é a própria terribilidade que se achega, mesmo que isso no momento seguinte demonstre ser um engano. E se conseguimos restabelecer a impressão imediata, essa inversão aparente de uma sequência racional também pode ser constatada em vivências como a de que algo é belo e encantador, ou vergonhoso e repugnante.

Isso se manteve inclusive num duplo uso da língua, que é muito comum: tanto dizemos que consideramos algo assustador, gracioso etc, acentuando assim que os sentimentos dependem da pessoa, como também que é assustador, gracioso etc., e falamos do assustador, do gracioso, frisando assim que a origem de nossos sentimentos está enraizada como qualidade nas coisas e acontecimentos. Essa duplicidade e mesmo ambiguidade anfíbia dos sentimentos corrobora o pensamento de que eles não se verificam apenas no interior, mas também no mundo exterior.”

Com essas últimas observações, Ulrich já chegara, porém, à terceira resposta para a questão de como definir o conceito de sentimento, ou, dito

de maneira mais reservada, à concepção hoje predominante dessa questão.

55

SENTIMENTO E COMPORTAMENTO. A INSEGURANÇA DO SENTIMENTO

“A escola de psicologia teórica de maior sucesso atualmente trata sentimento e ação sentimental como uma comunhão indissolúvel. O que sentimos agindo é para ela um lado, e como agimos sentindo o outro lado de um mesmo processo. Ela analisa ambos em conjunto. Para as teorias que pertencem a esse grupo, o sentimento — em palavras que elas próprias usam — é um comportamento interior e exterior, acontecimento e ação; e como essa reunião de sentimento e comportamento deu ótimos resultados, a questão de como finalmente separá-los e distingui-los de novo tornou-se temporariamente quase que secundária; em consequência, em vez de uma resposta para isso, existe todo um feixe delas, e este é bastante desordenado.”

“Por vezes, consta que o sentimento é idêntico aos acontecimentos externos e internos; de hábito, porém, diz-se apenas que estes lhe devem ser equiparados. Por vezes, o tratam com certa falta de clareza como ‘processo global’; por vezes, apenas como ação, comportamento, sucessão e acontecimento interiores. Por vezes, parece também que estão sendo usados paralelamente dois conceitos de sentimento, sendo que este seria em senso amplo ‘o todo’, em senso estrito, porém, uma vivência parcial que, de maneira não muito inteligível, confere ao todo seu nome e mesmo sua natureza. E por vezes, parece que estamos acompanhando a suposição de que aquilo mesmo que se apresenta à observação como processo múltiplo é vivido como sentimento, que seria assim a vivência, o resultado e, por assim dizer, o produto do processo na consciência.

A origem dessas contradições é com certeza sempre a mesma. Pois cada uma dessas descrições de um sentimento apresenta partes — que, aliás, constituem de longe a maioria

— que visivelmente não são sentimentos, pois, não menos visivelmente, são sensação, noção, pensamento, vontade ou um processo externo, podendo ser vividas como tais a qualquer momento e participando, exatamente como

são, da vivência global. Mas nisso tudo, ou acima disso tudo, há também algo de não menos nítido que parece ser intrinsecamente sentimento, no sentido mais simples e inconfundível, e parece sê-lo exclusivamente, e não ação, pensamento ou outra coisa qualquer.

Por isso, todas essas explicações podem ser resumidas em dois grupos: ou bem consideram o sentimento como ‘aspecto’, ‘parte’, ‘momento’ do decurso global, ou bem o consideram como sua ‘conscientização’, seu ‘resultado interno’ ou coisas semelhantes: expressões que denotam claramente o embaraço pela falta de melhores!”

“O pensamento mais peculiar dessas teorias consiste por seu turno em deixar inicialmente indeterminada a relação do sentimento com tudo que ele não é, mas que o preenche, fazendo em contrapartida parecer muito provável que essa ligação seja sempre — e independentemente de como, de resto, se a imagine — de tal natureza que não admite mudanças desconexas, tudo se transformando praticamente de um só fôlego.

Podemos imaginar isso a exemplo da melodia. Nesta, os tons têm sua autonomia, podendo ser reconhecidos isoladamente; e também sua vizinhança, junção, se-

quência e tudo o mais que se escuta não é mero conceito, mas está repleto de representação física; mas esses ‘elementos’, mesmo podendo, apesar de sua ligação, ser ouvidos isoladamente, também podem ser ouvidos na ligação, pois exatamente isso é a melodia, e, em se a ouvindo, não aparece algo de novo ao lado das notas, intervalos e tempos, mas com eles. A melodia não é um suplemento adicional, mas uma segunda maneira de aparecer, uma forma de existência particular, sob a qual a forma da existência individual apenas se deixa ainda reconhecer; e isso também vale para os sentimentos em relação aos pensamentos, movimentos, sensações, intenções e forças brutas que nele se ligam. E assim como a melodia, sensível a qualquer transformação em suas ‘partes’, toma imediatamente nova configuração ou fica destruída, também um sentimento pode ser sensível a uma ação ou a uma idéia que se intrometa.

Qualquer que seja a relação do sentimento com o ‘comportamento externo e interno’, isso mostra que a toda transformação deste pode corresponder uma determinada transformação no próprio sentimento, e vice-versa, como se

fossem reversos.”

“(Ha muitos exemplos exatos, clássicos e experimentais, que confirmam o grande alcance desse pensamento teórico, bem como outros, ainda alheios à ciência, que ele ilumina de maneira insegura, com o brilho da aparência ou da verdade. Gostaria de fixar um destes: o fervor de certos retratos — e há retratos, não apenas imagens, também das coisas — repousa em boa parte no fato de a existência individual abrir-se neles para dentro de si mesma, fechando-se ao resto do mundo. Pois as formações autônomas da vida, por mais que se apresentem relativamente estanques, sempre se associam ao círculo dispersivo de um ambiente em transformação. Assim, quando tomei Ágata nos braços e nós dois nos carregamos para fora do quadro da vida e nos sentimos unificados em outro, talvez tenha acontecido algo de semelhante com nosso sentimento. Eu não conhecia o dela, ela não conhecia o meu, mas eles só existiam um para o outro, pendiam abertos um no outro, enquanto toda dependência restante desaparecia, e por isso nós dissemos que estávamos fora do mundo, em nós, e para designar essa agitada suspensão, esse verdadeiro recolhimento, essa fusão de partes alheias, usamos a estranha comparação com um retrato.)”

“O pensamento peculiar de que falo ensina, pois, que as transformações e modulações do sentimento e as do comportamento externo e interno podem corresponder ponto por ponto, sem que o sentimento precise ser equiparado ao comportamento ou parte deste, bastando dizer que ele possui qualidades que já têm direito de cidadania em outros domínios da natureza. Esse resultado tem a vantagem de não tocar na diferença natural entre um sentimento e um acontecimento, lançando entretanto sobre ela uma ponte que a faz perder seu significado. Ele prova de modo o mais geral como dois campos de ocorrências podem retratar-se mutuamente, mesmo que sejam completamente díspares.

A questão de como um sentimento pode ser ‘constituído’ de outros processos anímicos e até corporais toma com isso um rumo completamente novo e sumamente interessante, o que é bem visível; mas, dessa maneira, fica explicado apenas como a cada transformação do comportamento corresponde uma mudança do sentimento e vice-versa, mas não como se chega a essas transformações que acompanham toda a duração do sentimento. Pois se este, como parece agora, fosse mero eco de uma ação sentimental, que fosse por sua vez seu reflexo, seria difícil compreender que

se transformam mutuamente.

Aqui se insere o segundo pensamento principal que podemos deduzir desta recente ciência do sentimento; pretendo chamá-lo o pensamento da configuração e consolidação.”

“Esse pensamento se constrói a partir de várias idéias e reflexões. Como gostaria que ficasse claro para mim, volto inicialmente ao fato de dizermos que um sentimento origina um comportamento que repercute sobre ele; pois a essa observação primária pode ser contraposta outra melhor: entre os dois existe uma relação de mútuo fortalecimento e ressonância, um crescente imbricar-se, sendo que, todavia, ambas as partes são transformadas em conjunto. O sentimento é traduzido para a língua da ação, e a ação para a língua do sentimento, e assim, como em qualquer tradução, há ganhos e perdas.

Nas condições mais simples, isso já transparece na conhecida expressão: fui tomado pelo pavor; pois também se poderia perfeitamente dizer que eu tomo o pavor: a diferença que existe, por exemplo, entre ‘hrito de pavor’ e ‘tremendo de medo’ implica a segunda versão. Trata-se aqui da mais simples manifestação, mas isso vale também para toda a amplitude de uma ação de sentimento: este não se transforma apenas como consequência da ação que origina, mas já dentro dela, que o absorve, repete e transforma de maneira peculiar, com o que ambos se configuram e consolidam reciprocamente. Também pensamentos, desejos e impulsos de toda espécie entram assim em um sentimento e vice-versa.”

“Mas tal relação pressupõe naturalmente uma diversidade daquilo que se imbrica, porque o comando deve passar de um para outro como num revezamento, de forma que predominam ora o sentir, ora o agir, ora uma resolução, dúvida ou pensamento, tomando a direção e prestando uma contribuição que faz todas as partes avançarem numa direção comum. Isso se inclui na idéia de uma mútua configuração e consolidação, que só assim fica completa.

Do lado contrário, a unidade antes descrita tem de possuir ao mesmo tempo a capacidade de absorver transformações, mas sem abandonar sua particularidade de comportamento mais ou menos determinado e sensível; precisa possuir também a capacidade de exclusão, para aceitar ou repelir influências internas e externas. Até agora, conheço dela apenas a lei de seu

estado acabado. Portanto, é preciso ainda mostrar a origem dessas influências e, finalmente, explicar que providência ou mecanismo fazem com que elas se imiscuem, propiciando um desenvolvimento comum.”

“Nada indica que se possa atribuir à unidade isolada, à estrutura como tal, à mera forma dos acontecimentos, uma capacidade própria de permanência e recuperação, uma solidez e um grau de solidez e, portanto, finalmente, uma ‘energia’ própria; e é pouco provável que haja outras forças interiores colaborando especialmente nessa direção. Em contrapartida, é provável que estas não tivessem senão um papel secundário, pois nossos sentimentos e pensamentos devem ser dominados acima de tudo pelas mesmas condições internas, prontas para diversos saltos, e pelas mesmas disposições, inclinações, princípios, intenções e necessidades, de caráter permanente, que originam nossas ações. São seus acumuladores de força, e é de se supor que as forças que partem daí acarretem de alguma forma a configuração e consolidação do sentimento.”

“Quero mostrar como isso acontece, usando um preconceito, bastante difundido, pois é frequente ouvir-se a opinião de que existe um ‘íntimo parentesco’ entre um sentimento, seu objeto e a ação que os liga. Pensa-se que seria então mais fácil entender que eles constituem um todo unitário, que se alternam e assim por diante. O cerne consiste em que determinado instinto ou determinado sentimento, por exemplo instinto de alimentação e fome, não se orientam para um objeto e ação qualquer, e sim antes de tudo para aqueles que prometem satisfação. Para o faminto, uma sonata não tem serventia, e sim o alimento, ou seja, algo que pertence a um grupo mais ou menos determinado de coisas e acontecimentos; e assim, cria-se a aparência de que esse grupo e esse estado de excitação estão para sempre ligados, o que também não deixa de ser verdade. Mas essa verdade não é mais misteriosa que o fato de usarmos a colher e não o garfo para comer sopa.

Se o fazemos, é porque ela nos parece adequada; e não é senão esse corriqueiro parecer-adequado que cumpre a tarefa de intermediário entre um sentimento, seu objeto, as ações, pensamentos, decisões correspondentes, e os impulsos mais profundos, que em geral escapam à observação. Quando agimos com uma intenção, desejo ou propósito, por exemplo, de ajudar ou prejudicar alguém, nos parece natural que nossas ações sejam determinadas pela exigência de adequação, mas que, de resto, possam mostrar-se bastante

diversas. O mesmo vale para qualquer sentimento. Também ele anseia por tudo aquilo que parece adequado a satisfazê-lo, sendo que essa característica é aplicada de maneira ora mais rígida, ora mais flexível; e é nessa ligação frouxa que consiste exatamente o caminho natural para a configuração e consolidação.

Pois até mesmo aos instintos acontece ocasionalmente cometerem erros, e sempre que um sentimento se extravasa, pode dar-se que uma ação seja apenas ensaiada, uma intenção ou pensamento se introduzam para mais tarde demonstrarem sua inadequação e serem abandonados de novo, e também que um sentimento entre no âmbito de uma fonte de energia — ou vice-versa — da qual venha novamente a se separar. Nem tudo, portanto, se configura e consolida no curso dos acontecimentos, várias coisas são deixadas de lado. Com outras palavras, existe uma configuração sem consolidação, que constitui parte indispensável da configuração que se consolida; como tudo aquilo que parece adequado a servir às forças condutoras pode ser absorvido pela unidade do comportamento sensível, só sendo porém retido aquilo que realmente o é, o traço comum, a sucessão e a permanência se inserem por si sós no sentir, agir e pensar, tornando compreensível que eles se consolidem e configurem de maneira recíproca e crescente.”

“O ponto fraco dessa explicação se situa onde a unidade final, precisamente descrita, deve ligar-se à região originária dos impulsos, a qual tem limites imprecisos, perdendo-se no desconhecido. Essa região praticamente nada mais é do que aquilo que está circunscrito pelas representações de pessoa e Eu na medida de sua participação, e pouco sabemos a seu respeito. Considerando, porém, que no instante de um sentimento até mesmo o que há de mais íntimo pode se refundir, não julgaremos inconcebível que, num tal instante, a própria unidade configurada dos acontecimentos se estenda até lá. Considerando em contrapartida os antecedentes necessários para se preparar um tal resultado, qual seja o de uma pessoa abandonar seus princípios e hábitos, deixaremos novamente de lado qualquer idéia excessivamente voltada para o efeito instantâneo. Mas se nos déssemos afinal por satisfeitos, de maneira que, pára a

região onde brota o sentimento, valham leis e relações diferentes das que valem para a saída, onde ele se torna perceptível como acontecimento

interior e exterior, depararíamos novamente com uma lacuna, pois falta ainda qualquer noção da lei que rege a transição das forças atuantes para a formação atuada. Talvez a suposição de uma unidade frouxa, geral, englobando todos os processos, explique que, ao final, surja uma unidade determinada e firme — mas essa questão vai além da psicologia e, atualmente, ainda supera nosso saber.”

“Vimos, assim, que se esboça uma unidade na evolução de um sentimento da fonte até a foz, mas que não se pode dizer quando e como ela toma a forma fechada que deve caracterizar o comportamento sensível completamente configurado (e para cuja exposição usei o exemplo da melodia). Estranhamente, essa resposta bastante negativa permite a introdução de um pensamento que dá um desfecho peculiar à solução, até agora postergada, da questão de como se apresenta o conceito de sentimento na pesquisa mais recente. E a confissão de que os acontecimentos reais não correspondem inteiramente — nem mesmo em sua configuração final — à idéia que deles fizemos. Isso demonstra ser útil em uma espécie de dupla negação. Pode-se dizer: talvez nunca exista a unidade pura que, segundo a teoria, corresponde à lei do sentimento acabado; talvez ela nem possa existir, porque seria tão perfeitamente delimitada que não poderia mais assimilar quaisquer influências; mas — diremos então — um sentimento perfeitamente delimitado também não existe! Com outras palavras: sentimentos nunca se concretizam de modo puro, mas apenas de modo aproximado. E dito ainda de outra forma: o processo de configuração e consolidação jamais chega ao fim.”

“É exatamente isso que caracteriza hoje todo o pensamento psicológico. Nos conceitos fundamentais da psicologia vemos apenas modelos de pensamento que permitem ordenar os acontecimentos internos, sem esperar que estes se constituam realmente de tais elementos, como uma quadricromia. Na verdade, segundo essa concepção, as qualidades puras do sentimento, da idéia, da sensação e da vontade se encontram tão pouco no mundo interior, quanto, por exemplo, um filete de energia ou um ponto pesado no exterior, existindo simplesmente um todo entrelaçado que parece ora querer, ora pensar, porque essa ou aquela qualidade é preponderante nele.

Os nomes dos diversos sentimentos designam portanto apenas tipos dos quais as vivências reais se aproximam, sem concordarem completamente

com eles. Com isso, mesmo que estejamos falando de modo um tanto primário, o axioma da psicologia mais antiga, segundo o qual o sentimento, como uma das vivências fundamentais, teria uma qualidade inconfundível ou seria vivido de um modo que o distinguiria definitivamente de outras vivências, é substituído por uma diretriz cujo conteúdo é mais ou menos o seguinte: não há vivências que desde o começo sejam um sentimento determinado e nem sequer um sentimento em geral; existem apenas vivências destinadas a se tornarem sentimentos e sentimentos determinados. Também a idéia da configuração e consolidação ganha assim o significado de que sentimento e comportamento não apenas, se formam, se consolidam e — na medida do possível — se determinam nesse processo, mas que surgem nele: quer dizer, no começo não existe precisamente esse ou aquele sentimento determinado — por exemplo, em estado débil — de par com sua maneira de agir, mas sim meramente algo que é destinado e apropriado a tornar-se um tal sentimento e ação, coisa que, entretanto, nunca se conclui de modo puro.”

“É claro que não se trata também de algo completamente arbitrário, já que, de antemão e por disposição própria, é destinado e apropriado a se tornar um sentimento, mais ainda, um sentimento determinado. Pois, afinal, ira não é cansaço, provavelmente nem no começo; e tampouco saciedade e fome, mesmo incipientes, podem ser confundidas. A princípio existirá portanto algo de inacabado, um rudimento, um núcleo, algo com características de sentimento, aparentado a ele. Eu gostaria de dizer: um sentir, mas não ainda um sentimento. É melhor, todavia, que eu dê um exemplo, e escolherei para tanto um relativamente simples: o da dor física vinda de fora.

Ela pode ser uma sensação localizada, dor terebrante ou ardida, desagradável, mas estranha. Essa sensação pode também se exacerbar e cobrir toda a pessoa de sofrimento. A princípio, é frequente haver em seu lugar apenas um vazio do qual no momento seguinte brota sensação ou sentimento; pois as crianças não são as únicas que, a princípio, muitas vezes não sabem se algo está doendo. Antes, se supunha que, nesses casos, um sentimento se adiciona à sensação; hoje, prefere-se a hipótese de que um núcleo de vivência, que originalmente não é nem sensação nem sentimento, pode evoluir tanto para uma como para o outro.

Esse conteúdo de vivência originária inclui também o começo de uma ação reflexa ou instintiva, de um recuo, um estremecimento, uma defesa ou

contra-ataque involuntários; e como isso acarreta em maior ou menor grau uma participação de toda a pessoa, deve se relacionar também com um estado interno de fuga ou defesa, ou seja, uma tendência de sentimento da espécie do medo ou do ataque. Naturalmente, ela parte com mais força ainda dos instintos alarmados, que não constituem apenas predisposições para uma ação oportuna, mas, uma vez despertados, espalham também estados de espírito indefinidos que designamos como estados de amedrontamento, irritação e, em outros casos, enamoramento, receptividade e assim por diante. O próprio não-acontecer-nada e não-poder-fazer-nada tem uma tal coloração de sentimento. Em geral, porém, os instintos estão ligados a uma definição de vontade mais ou menos clara, e, então, logo ocorrerá um reconhecimento da situação que, por si mesmo, constitui um confrontar-se e tem, portanto, uma coloração de ataque. Ele também pode, contudo, atuar no sentido de uma frieza e calma; ou, caso a dor seja muito violenta, ele não terá lugar, e nós nos afastaremos repentinamente da fonte da dor. Já esse exemplo balança — e isso desde os primeiros momentos — para cá e para lá entre sensação, sentimento, réplica espontânea, vontade, fuga, defesa, ataque, dor, ira, curiosidade e sangue-frio, mostrando assim que não se trata de um estado originário de sentimento, mas antes de diversos pontos de partida que se alternam ou completam.

Isso empresta à afirmação de que já existe um sentir, mas ainda não um sentimento, o significado seguinte: existe sempre a predisposição para um sentimento, mas esta não precisa se realizar, e existe sempre um rudimento, que, porém, pode servir ulteriormente como ponto de partida para outro sentimento.”

“A maneira peculiar pela qual o sentimento desde o começo existe e inexistente pode ser expressa comparando seu processo evolutivo com a imagem de uma floresta, e não de uma árvore. Uma bétula, por exemplo, permanece ela mesma desde que brota até que morre; uma floresta de bétulas, pelo contrário, pode começar mista, transformando-se em floresta de bétulas assim que essas árvores — por razões que podem ser bastante diversas — predominarem nela e as exceções perderem a importância.

O mesmo se dá com o sentimento e, apesar dos possíveis mal-entendidos, com a ação sentimental. Têm sempre uma característica própria, mas essa varia por diversas influências até adquirir características sempre mais definidas de um determinado sentimento e ‘merecer’ seu nome, o que

sempre contém um traço de livre apreciação. Sentimento e ação sentimental podem, porém, voltar a se afastar desse tipo e aproximar-se de outro, o que não é inusitado, já que um sentimento pode oscilar e atravessa mesmo diversas disposições. A diferença com relação à concepção comum consiste em que, segundo esta, o sentimento se refere a uma vivência determinada, que nós nem sempre reconhecemos nitidamente; a mais recente, pelo contrário, atribui a indeterminação ao sentimento, procurando entendê-la e delimitá-la concisamente a partir de sua natureza.”

Num apêndice, seguiam-se agora somente exemplos isolados, notas marginais, na realidade, reprimidas nas passagens a que seriam destinadas para não interromperem a exposição. E assim, essas retardatárias deslocadas já não pertenciam mais a trechos determinados, embora fizessem parte do todo e fixassem idéias para uma sua possível aplicação:

“As tremendas diferenças que existem na relação ‘amar algo’, como, por exemplo, amar a Deus e amar pescarias, não se devem ao amor, e sim ao ‘algo’. O próprio sentimento — os trancos, barrancos, desejar, ferir, consumir-se, com uma palavra: amar — não permite reconhecer uma diferença.”

“Amar a bengala ou a honra com toda a certeza não estão de mil para um apenas por não serem estas a mesma coisa, mas também porque o uso que delas fazemos, as circunstâncias em que se tornam importantes, em suma, todo o grupo de experiências, são diversos. E a inconfundibilidade de um grupo de experiências que nos dá a certeza de conhecermos nosso sentimento. Por isso, na verdade só o conhecemos depois que ele agiu sobre o mundo, configurando-se através dele; antes de nossa ação decidir a respeito, não sabemos o que sentimos.”

“Quando dizemos que nosso sentimento está dividido, deveríamos dizer que ele ainda não está pronto ou que nós ainda não nos definimos.”

“E quando ele surge como contradição ou paradoxo, trata-se muitas vezes de outra coisa. Costumamos dizer que os corajosos não ligam para a dor; na verdade, porém, o sal amargo da dor espumeja na coragem. E no mártir ele lança suas labaredas ao céu. No covarde, pelo contrário, a dor sofre uma condensação insuportável devido ao medo que espera por ela. Ainda mais nítido é o exemplo do horror em que, quando impostas pela violência, se transformam exatamente aquelas sensações que, aceitas voluntariamente, são de extrema volúpia.

É claro que se tratam de fontes diversas, e surgem também misturas, acima de tudo, porém, surgem diversas direções em que o sentimento predominante se configura.”

“Sendo fluxo constante, os sentimentos não se deixam deter; não se deixam, portanto, ‘examinar detidamente’; quer dizer, quanto mais precisamente os observamos, tanto menos sabemos o que sentimos. A atenção já é uma modificação do sentimento. Todavia, se eles fossem uma ‘mistura’, esta deveria na verdade apresentar a maior nitidez no momento de parada, embora a atenção se intrometa.”

“Como a ação externa não tem importância autônoma para a alma, os sentimentos não podem ser diferenciados apenas segundo ela. Há um incontável número de vezes em que não sabemos o que sentimos, apesar de agirmos com energia e decisão. Nessa imprecisão repousa então a tremenda ambiguidade daquilo que uma pessoa observada com desconfiança ou ciúme faz.”

“A imprecisão do sentimento não demonstra entretanto sua fraqueza, pois exatamente no extremo sentir os sentimentos desaparecem. Já nos graus mais elevados, são extremamente débeis; veja-se, por exemplo, a ‘coragem do desespero’, ou a transformação de felicidade em dor. As ações então ocasionadas também são contraditórias, como paralisia ao invés de fuga, ou ‘ficar sufocado de raiva’. No caso de emoções muito violentas, porém, eles, por assim dizer, perdem a cor, de forma que sobra apenas uma sensação morta dos fenômenos físicos que os acompanham, como calafrios, taquicardia, distanciamento dos sentidos. E nos graus mais elevados ocorre cabalmente uma cegueira, de modo que se poderia dizer que o mecanismo do sentimento e, com isso, todo o mundo dos sentimentos só valem para graus medianos.”

“Nesses graus médios nós naturalmente não reconhecemos e designamos um sentimento de maneira diversa de outros fenômenos que fluem, para repeti-lo mais uma vez. Estabelecer a distinção entre ódio e ira é tão fácil e tão difícil como definir a que existe entre assassinato e homicídio ou entre uma bacia e um alguidar. Não impera nomenclatura arbitrária, mas cada lado e cada curva podem servir à comparação e conceituação. E é dessa forma que se ligam as cento e uma espécies de amor sobre as quais Ágata e eu gracejamos, não sem certa dose de aflição. Como pode ocorrer que coisas tão diversas sejam designadas pela mesma palavra amor, é uma

questão que tem resposta idêntica à de por que falamos sem hesitar em braço: do corpo, do rio, da cruz, do morro, do moinho e outros braços mais! Todas essas impressões braçais se baseiam numa ‘braçalidade’ comum, que, entretanto, não constitui um núcleo comum dentro delas, e sim — quase poder-se-ia dizer — nada mais que uma comparação possível a todas elas. Pois nem mesmo precisam ser todas semelhantes, basta que uma coisa leve à outra, que cheguemos de uma à outra, que elementos vizinhos se pareçam — os mais distantes se parecerão então por seu intermédio. E mesmo aquilo que constitui a semelhança, que liga os vizinhos, pode mudar numa tal cadeia; assim, chegamos exaltados de uma extremidade do caminho à outra, quase sem saber mais de que maneira o percorremos.”

“Mas se quiséssemos, como é nossa tendência, encarar a semelhança existente entre todos os amores como semelhança deles com uma espécie de ‘amor originário’, que se situaria — sem braços e pernas, por assim dizer — no meio de todos eles, cairíamos aparentemente no mesmo erro que ao acreditar num ‘braço originário’. E, no entanto, temos comprovantes vivos de que esse sentimento existe realmente. Apenas o grau desse ‘realmente’ é difícil de determinar. Não é o mesmo que o do mundo real. Um sentimento que não é sentimento por alguma coisa; um sentimento sem desejo, sem predileção, sem movimento, sem conhecimento, sem limites; um sentimento ao qual não pertencem quaisquer comportamentos ou ações determinados, ou, pelo menos, nenhum comportamento totalmente real: por mais verídico que seja ele não dispor de braços e pernas, não é menos verídico que ele sempre voltou a surgir diante de nós e nos pareceu mais vivo que a vida! Amor já é um nome muito particular para isso, embora um amor para o qual ternura e simpatia constituam expressões mais que palpáveis seja ainda seu mais próximo parente. Ele se realiza de maneiras diversas e em muitas relações, mas não se deixa jamais separar completamente dessa realização que o polui. Parece que as sóbrias reflexões com que enchi estas páginas pouco têm a ver com isso, e, no entanto, estou quase seguro de que elas me levaram ao ponto de passagem correto!”

56

O FAZOBÉM CANTA

O Professor August Lindner estava cantando uma canção. Ele esperava por Ágata.

Ah, os olhos do menino, Mas que lindos que eles são, E seu brilho claro e fino Conquistou meu coração.

Ah, se os doces olhos dele Olhassem o fundo dos meus! Seu rosto veriam nele, E aí me daria adeus.

E servir só posso então A esses olhos do menino, Pois seu brilho claro e fino Conquistou meu coração.

Era originalmente uma canção espanhola. Na casa de Lindner havia um pequeno piano dos tempos da Sra. Lindner, servindo à tarefa de aperfeiçoar a formação e educação do filho Peter que, por isso, já removera algumas cordas do instrumento. O próprio Lindner nunca o usava, a não ser para alguns acordes solenes que volta e meia fazia soar; e embora já tivesse por longo tempo ido e vindo diante do instrumento sonoro, só se deixara arrebatado pela inusitada tentativa depois de ter cuidadosamente

verificado que tanto a empregada quanto Peter estavam fora de casa. Apreciara muito a própria voz aguda de barítono, sensivelmente adequada para expressar sentimentos, e deixara o piano aberto, postando-se pensativo a seu lado, uma perna cruzada sobre a outra, o braço apoiado no instrumento. Ágata, que já o visitara algumas vezes, estava com mais de uma hora de atraso. Devido em parte a isso, em parte às suas próprias providências, o vazio da casa lhe veio à consciência como preparativo culposos.

Encontrara uma alma de perturbadora riqueza, que dava a impressão de confiar-se a ele, e se esforçava por salvá-la; e que homem não ficaria encantado por encontrar uma criatura feminina que ele mal se atrevia a

esperar ainda, e poder educá-la à sua maneira! Mas a isso se misturava, com seus tons graves, um mal-estar. Lindner considerava a pontualidade um dever de consciência não menor que o cumprimento de contratos e a honestidade; pessoas sem horários rígidos lhe pareciam de uma dispersão doentia, e, se chegavam a obrigar outras pessoas mais sérias a perderem seu tempo com elas, ele as julgava piores que assaltantes de rua. Então, o dever exigia que, com gentileza, mas implacável, lhes infundisse o devido respeito pelo tempo que não pertencia a ele, e sim à sua atividade; e como mentiras forçadas prejudicam a própria mente, mas as pessoas não são iguais, umas tendo influência e outras não, ele desenvolvera a partir daí diversos exercícios para o fortalecimento do caráter, cujas sentenças mais fortes e marcantes lhe ocorriam agora em profusão, perturbando a doce emoção deixada pela música.

É preciso lembrar que desde os tempos de Universidade ele não mais cantara uma canção religiosa, e a saboreava, assim, com susto contido. “Que ingenuidade latina e que graça”, pensou, “brilhavam nesses versos tão laicos! Como é delicada e encantadora a sua relação com o Menino Jesus!” Tentou reviver em seu íntimo a inocência dos versos, e concluiu: “Se eu não soubesse do que se trata, poderia até acreditar estar ouvindo dentro de mim a casta esperança que uma donzela deposita em seu rapazinho!” Deveria até ser possível dizer que uma mulher que evoca tais homenagens, tocando o que há de mais nobre no homem, precisa ser ela própria uma criatura nobre. Mas, nesse ponto, Lindner sorriu, insatisfeito, e resolveu fechar a tampa do piano. Em seguida, fez com os braços um daqueles movimentos com que fortalecia a harmonia da personalidade, e ficou quieto de novo. Um pensamento desagradável se intrometera. “Ela não tem sentimentos!”, suspirou de dentes cerrados. “Ela iria rir!”

Nesse momento, havia algo em seu rosto que teria feito sua falecida mãe recordar o menino no qual ela toda manhã dava um grande laço bonito embaixo do queixo, antes de ele ir para a escola; poderíamos designar esse algo como falta total de brutalidade masculina. Essa lacuna torna impossível um garoto viver entre outros garotos. O corpo comprido, grande, mas sem forças, de perninhas finas, parecia uma lança com a cabeça espetada em cima, boiando sobre a arena ensurdecadora dos colegas de escola, que

troçavam daquele laço dado por mão materna; e, em pesadelos, o Professor Lindner ainda hoje se via por vezes nessa situação, sofrendo pelo bem, pelo belo, pelo verdadeiro. Mas, exatamente por isso, ele nunca confessava ser a brutalidade uma qualidade indispensável ao homem, comparável ao cascalho que é misturado à argamassa para dar-lhe solidez; e, principalmente depois que se transformara no homem que se orgulhava de ser, via naquela antiga lacuna uma confirmação de que nascera para melhorar o mundo, mesmo que em escala modesta. Bem, mas hoje já estamos acostumados com a explicação de que os grandes oradores surgem por problemas da fala e os heróis pela fraqueza, com outras palavras, que nossa natureza sempre precisa abrir um buraco quando quer que ergamos uma montanha acima dele; e como os semi-ignorantes e semi-selvagens que, predominantemente, determinam o curso da vida quase que vêm em cada gago um Demóstenes, fica mais fácil ainda considerar como sinal de bom gosto espiritual quando alguém declara que o mais importante em Demóstenes é sua gagueira inicial. Todavia, ainda não se conseguiu atribuir as façanhas de Hércules ao fato de que ele tenha sido uma criança franzina, ou os recordes em corrida e salto a um pé chato, ou ainda a coragem a um caráter medroso, sendo, portanto, necessário convir que um talento especial requer algo mais que a própria falta!

O Professor Lindner não se recusava absolutamente a confessar que as zomba-rias e pancadas que temera quando garoto poderiam ser uma das causas de seu desenvolvimento espiritual. Mesmo assim, o estabelecimento de seus princípios e sentimentos lhe prestava hoje o serviço de transformar em triunfo espiritual cada impressão advinda do tumulto do mundo; e até o hábito de entremear em sua fala expressões bélicas ou esportivas, bem como sua tendência a imprimir um cunho de vontade firme e inflexível em tudo o que dizia ou fazia, começaram a se desenvolver na proporção em que ele, amadurecendo, e vivendo agora entre contemporâneos mais amadurecidos, ficava fora do alcance de ataques físicos diretos. Na Universidade, chegara a ser membro de uma dessas associações de estudantes que usavam gibão, gorro, botas, faixa e armas, tão pitorescos como os brigões que desprezavam, mas delas só fazendo uso pacífico, pois sua visão do mundo proibia duelos. Naquele tempo, firmou-se definitivamente sua estima por uma valentia que não requer emprego cruento, testemunhando ao mesmo tempo que se podem ligar nobreza de caráter e vitalidade esfuziante, ou —

dito, decerto, de outra forma — que a maneira mais cômoda de Deus entrar numa pessoa é imitando o diabo que estava lá antes Dele!

Assim, sempre que Lindner era obrigado a censurar o filho baixote — coisa que infelizmente acontecia com frequência —, mostrando-lhe que a condescendência diante da idéia da força também amolece o homem, ou que a força da humildade e a coragem de renunciar se situam acima da força e coragem físicas, ele não falava como leigo em questões de coragem, mas saboreava as excitações de um mágico que consegue colocar demônios a serviço do bem. Pois embora no ápice de seu bem-estar nada existisse que pudesse romper realmente seu equilíbrio, ele se caracterizava por uma repulsa que quase beirava o medo — semelhante a um coxear deixado por uma ferida cicatrizada — diante de gracejos e gargalhadas, mesmo quando apenas suspeitava de sua mera eventualidade. “A volúpia do chiste e do humor provém do comodismo saciado, da maldade e da fantasia ociosa”, costumava ensinar ao filho, “e leva a pessoa com muita facilidade a dizer coisas que a parte melhor de seu ser julga condenáveis! Em compensação, o exercício de calar idéias e pensamentos ‘engraçados’ constitui uma bela prova de força, um teste de vontade que nos enrijece, e sua ação benéfica sobre toda a pessoa é ainda maior quando aproveitamos o silêncio conquistado para observar melhor nossas pilhérias. Normalmente, só então verificamos” — concluía, de pé, a exortação — “quanta presunção, quanto desejo de diminuir o próximo, quanta afetação e leviandade se escondem atrás de nossa pilhéria, quanto aperfeiçoamento de nossa compaixão, e também da dos outros, ela sufoca, e até quanta brutalidade terrível, quanto sarcasmo doentio se manifestam no riso do público que queremos conquistar!”

Peter tinha de esconder diante do pai sua tendência adolescente para fazer sarcasmos e piadas; mas nem por isso ela deixava de existir, e o Professor Lindner não raro sentia o hálito do mau espírito rondando em sua casa, sem conseguir surpreender o fantasma peçonhento. Isso chegava ao ponto de o pai manter o filho atemorizado com um olhar dominador, enquanto em seu íntimo tinha medo dele, o que recordava algo de indefinível que já existira entre o professor e a esposa quando a rotunda senhora ainda estava neste mundo. Mandar em casa, determinar o espírito que nela reinava, saber a família reunida à sua volta como um tranquilo jardim em que plantara seus

princípios, eram pressupostos indispensáveis para que ele se sentisse satisfeito; mas a Sra. Lindner, com quem se casara logo depois de concluir os estudos durante os quais vivera num quarto alugado em casa da mãe dela, tinha infelizmente deixado logo em seguida de partilhar seus princípios, adotando, porém, um jeito de não gostar de contradizê-lo que o irritava mais que a contestação. Ele nunca conseguira esquecer o olhar que por vezes surpreendera no canto dos olhos dela, cuja boca permanecia obedientemente calada; e, em seguida, ele sempre ficara numa situação um tanto crítica: por exemplo, de camisola curta demais, proferindo um sermão sobre a dignidade da mulher, que deveria proibir qualquer interesse pelos rapazes rudes e descontraídos que, naquela época, com suas bebedeiras e cicatrizes, ainda predominavam na vida estudantil e eram, por isso, inquilinos menos malvistas do que seria desejável.

Aliás, a secreta mania de sarcasmo da mulher é um capítulo que está intimamente ligado à sua incompreensão diante dos mais importantes assuntos masculinos; e no momento em que Lindner se lembrou disso, os processos espirituais que até então se agitavam disformes em seu íntimo liberaram a imagem de Ágata. Como seria ela numa vida íntima em comum? “Ela sem dúvida não é o que se pode chamar tranquilamente de uma pessoa boa, e nem sequer esconde isso!”, disse com seus botões, e ficou de cabelo em pé ao recordar que ela afirmara, rindo, que as pessoas boas eram hoje tão responsáveis pela podridão da vida quanto as más. Contudo, embora essas “opiniões horrorosas” ainda o irritassem invariavelmente, ele já lhes tinha “quebrado os dentes peçonhentos” com uma explicação definitiva que encontrara: “Ela não conhece a realidade!” Pois considerava Ágata uma criatura nobre, mesmo que fosse uma “filha de Eva” cheia de maligna inquietação. O comportamento justo, tão seguro para o crente, parecia aos olhos dela a coisa mais difícil de conceber, a solução das mais espinhosas tarefas da vida! Sua idéia de bondade e direito tinha o aspecto confuso de um sonho, era inimiga da ordem, e desconexa como uma combinação casual de poesias. “É alheia à realidade!”, repetiu ele. “Se, por exemplo, conhecesse o amor, como poderia ser cínica a ponto de dizer que ele é impossível e coisas desse tipo!” Era preciso, portanto, mostrar-lhe o verdadeiro amor.

Mas Ágata criava então novas dificuldades. Era preciso ter a coragem de dizer abertamente a verdade: ela o feria! Parecia ter prazer em destruir as

coisas sagradas; depois de uma censura, suas críticas não se detinham diante de nada, e ela mostrava francamente que queria ferir. Existem naturezas assim, são autodestrutivas, batem na mão que lhes traz ajuda; mas um homem firme jamais fará seu próprio comportamento depender do comportamento alheio, e, nesse momento, Lindner tinha diante dos olhos a imagem de um homem tranquilo de longas barbas, curvado sobre uma enferma temerosa e arredia, olhando uma ferida no fundo do seu coração. Isso não significava que ele fosse necessariamente esse homem, pois vivia momentos alheios

à lógica; mas Lindner, quer dizer, o próprio Lindner, se ergueu, apalpou a barba que nesse meio tempo ficara bastante rala, e um rubor nervoso passou por sua face. Viera-lhe à memória que Ágata tinha como ninguém o hábito condenável de levá-lo a acreditar que podia compartilhar os sentimentos mais sublimes e secretos dele; pior ainda, na difícil situação em que se encontrava, Ágata parecia apelar para esses sentimentos, a fim de feri-los com deboche assim que ele revelava os tesouros de seu íntimo. Ela o inspirava! Lindner teve de confessá-lo, não havia outro jeito, pois um estranho sentimento agitava seu peito, comparável a um cesto cheio de galinhas empurrando-se umas às outras, comparação um tanto brutal, a que ele, decerto, era avesso. Mas então, acontecia ela rir de repente da maneira mais indefinível, ou insinuar algo de mundano e grosseiro, que lhe cortava o coração, como se a única intenção dela tivesse sido ludibriá-lo! E que dizer de hoje, pensava Lindner, quando ela, antes mesmo de chegar, já o levara àquela situação penosa com o piano. Ele fitou o instrumento: parecia uma doméstica violada pelo patrão!

Desconhecia os motivos que induziam Ágata a esse jogo, e ela própria não teria podido abrir-se com ninguém, muito menos com Ulrich. Ela se comportava de maneira instável, numa alternância de sentimentos que não deixava de ser intencional, sacudindo-os e afrouxando-os como alguém que estica os membros sob uma doce carga. Aquela atração esquisita que a fazia procurar secretamente Lindner incluía desde o começo uma oposição contra Ulrich, ou, pelo menos, contra a dependência total diante dele; o estranho distraía um pouco seus pensamentos, lembrando-lhe a variedade do mundo e dos homens. Mas isso só a levava a sentir de forma ainda mais calorosa a dependência diante do irmão, e equivalia ao mistério que ele

fazia em torno de suas anotações, mais ainda, equivalia àquela resolução que ele tomara, de julgar com a razão, além e acima dos sentimentos. Ele estava, assim, bastante ocupado, enquanto ela, pelo contrário, vivia impaciente, precisando descarregar a tensão voltada para uma aventura cuja evolução ainda era imprevisível, e, na medida em que Ulrich lhe causava entusiasmo ou desânimo, Lindner, a quem se sentia superior, a fazia recobrar a paciência ou euforia. Abusando da influência que exercia sobre ele, ela conquistava o autodomínio que lhe fazia falta.

E havia algo mais. Pois naquele tempo, o assunto do divórcio e as cartas de Hagauer não eram mencionados entre Ulrich e ela, nem tampouco o testamento, modificado, ou melhor, adulterado num instante de leviandade, o que exigia uma reparação, fosse civil ou miraculosa. Ágata volta e meia ficava deprimida pelo que fizera. Sabia também que, para Ulrich, a desordem deixada numa esfera inferior da vida não favorecia a ordem perseguida em esferas mais altas, opinião que ele nunca escondera; e mesmo sem se lembrar em todos os detalhes da conversa que se seguira às suspeitas levantadas por Hagauer, ela vivia em compasso de espera, desterrada entre bem e mal. Havia qualquer coisa que, num vôo, elevava seu próprio caráter à categoria de justificativa milagrosa, qualquer coisa em que, porém, não podia ainda acreditar; assim, era seu senso de direito que, ferido e renitente, encontrava uma saída no curso das discussões com Lindner. Estava muito grata a Lindner, pois este parecia lhe atribuir todas as más qualidades que já Hagauer descobrira nela, e também porque a simples imagem que Lindner involuntariamente apresentava em tais ocasiões já bastava para tranquilizá-la.

Enquanto isso, incapaz de formar um juízo definitivo sobre Ágata, Lindner ia e vinha pela sala, nervoso, recapitulando detidamente todos os pormenores das visitas

que Ágata lhe fizera. Ela parecia gostar de sua companhia, vivia querendo conhecer detalhes de sua vida, inclusive doméstica, seus livros e princípios pedagógicos. Ele certamente não se enganava supondo que ninguém demonstra tanto interesse pela vida de outra pessoa se não está também interessado em compartilhá-la; por enquanto, porém, seria melhor considerar essa curiosidade como um traço de caráter, como ela mesma dizia! Recordou que Ágata lhe falara certa vez de uma mulher — uma ex-

amante do irmão, ainda por cima! — cuja cabeça ficava “como um coco, com os cabelos virados para dentro”, sempre que tinha queda por um homem; e Ágata acrescentara sentir o mesmo com relação à casa dele, onde tudo seria tão harmonioso, que a gente “chegava até a sentir medo de si mesmo”! Mas tal medo parecia lhe dar prazer, e Lindner acreditava reconhecer nesse traço contraditório a temerosa disponibilidade de entrega da psique feminina, tanto mais que ela insinuava lembrar-se de impressões semelhantes dos primeiros tempos de seu casamento.

Bem, é mais do que claro que um homem como Lindner pensa em casamento e não em pecado. E assim, tanto dentro como fora do horário previsto para questões existenciais, ele já se permitira o pensamento dissimulado que uma criança como Peter talvez precisasse novamente de uma mãe; dessa forma, parou de dissecar o comportamento de Ágata, detendo-se num fenômeno que o tocava de maneira misteriosa. Desde que se tinham conhecido, o tom de Ágata nunca era tão apaixonado como quando falava do divórcio. Será que isso não tinha uma profunda ligação com seu próprio destino? Tratava-se de um pecado que ele de modo algum poderia aprovar, mas também não podia impedir que as vantagens desse pecado lhe parecessem mais evidentes a cada dia que passava; e, deixando de lado suas demais opiniões sobre a essência do trágico, ele se sentia inclinado a considerar trágica uma tal sina que o obrigava a repudiar com azedume algo que estava a ponto de desejar. Para piorar as coisas, Ágata, ferina do jeito que era, explorava essa contradição, insinuando não acreditar que as convicções dele fossem autênticas. Por mais que ele se entrincheirasse atrás da moral e da Igreja, por mais que pronunciasse todas aquelas frases que o tinham acompanhado pela vida inteira, ela sempre respondia com um sorriso, sorriso esse que, lembrando o da Sra. Lindner nos últimos anos do casamento, o obscurecia ao mesmo tempo com a força inquietante da novidade e do segredo. “É o sorriso da Mona Lisa!” — exclamou Lindner em seu íntimo. “Irônico em meio à pureza do rosto!” E a importância dessa pretensa descoberta o deixou tão sobressaltado e orgulhoso, que por um momento não conseguiu rejeitar com a energia habitual a ofensa que consistia em questionar a firmeza de sua crença no Senhor, que costumava seguir-se ao sorriso. Aquela mulher descrente não estava à procura do ensinamento enviado por Deus, ela queria enfiar a mão na própria fonte; e essa talvez fosse a missão dele: levantar a pedra que

vedava a fonte, permitir que ela desse uma olhadela; ninguém poderia livrá-lo dessa sina, por mais desagradável e amedrontador que lhe parecesse um tal pensamento! E, num rompante, apesar de encontrar-se sozinho no aposento, Lindner bateu com os pés no chão e disse em voz alta:

— A senhora não pense que não a entendo! Não pense que a submissão que nota em minha pessoa vem de um ser que sempre foi submisso!

Mas a história de como Lindner tinha se tornado o que era era bem mais corriqueira do que ele acreditava. Para começo de conversa, poderia ter-se tornado outra pessoa; ainda se lembrava nitidamente da predileção que, como garoto, tivera pela geometria, cujas belas e inteligentes demonstrações acabavam se fechando sobre a verdade com um ruído seco, dando a Lindner a satisfação de ter capturado um gigante numa ratoeira. Nada apontava para uma predisposição religiosa especial, e, ainda hoje, ele pensava que a crença não era presente de berço, precisando, pelo contrário, ser “adquirida”. E se fora um excelente aluno de religião, isso se devia à mesma alegria pelo saber e por alardear sabedoria, que demonstrava também nas outras matérias. Todavia, seu íntimo absorveu as formas de expressão da tradição religiosa, apenas seu precoce senso cívico continuara se rebelando contra elas; isso se manifestou inesperadamente no único momento extraordinário de sua vida. Foi na época em que se preparava para o exame de conclusão do colegial. Tinha se aplicado com excessivo afinco por semanas a fio, e estava sentado à noite em seu quarto, estudando, quando, repentinamente, passou por uma transformação incompreensível. Diante do mundo, seu corpo pareceu ficar leve como papel queimado, e uma alegria indizível se apossou dele, qual uma vela acesa na abóbada escura do peito, espalhando por todos os membros um brilho delicado; e, antes que ele tivesse podido questionar a imaginação, essa luz envolveu sua cabeça com uma exaltação cintilante. Ficou apavorado; mas, mesmo assim, sua cabeça emitia luz. Uma maravilhosa clareza espiritual inundou seus sentidos e o mundo passou a refletir-se nela com uma intensidade que olhos terrenos não teriam podido captar. Ele via apenas seu quarto na penumbra, não se tratava, portanto, de uma visão; mas, contrariando esse fato, a exaltação prosseguia. Tranquilizou-se, pensando que, fosse como fosse, aparentemente vivia aquilo apenas como “ser espiritual”, enquanto o “corpo” continuava sentado na cadeira, nítido e sóbrio, ocupando o espaço de sempre; permaneceu assim por um tempo, já meio conformado com aquela

situação crítica, pois nos acostumamos depressa ao insólito, desde que ainda reste a esperança de que venha a demonstrar ser filho da ordem, ainda que degenerado. Mas as novidades não acabaram por aí. De repente, ouviu uma voz que se dirigia a ele, abafada, como se já estivesse falando há mais tempo, mas perfeitamente nítida: “Lindner, onde me procuras? *Sis tu tuus et ego ero tuus*”, o que se pode traduzir mais ou menos assim: que sejas Lindner, e estarei contigo! Não foi tanto o conteúdo dessas palavras o que sobressaltou o ambicioso estudante — pois, pelo menos em parte, já as deveria ter lido ou ouvido, vindo depois a esquecê-las —, e sim a sensação acústica: elas vinham de fora, vinham por si sós e inesperadas, imediatamente convincentes em sua firmeza e plenitude, com um som tão diverso da seca afinação da carne endurecida naquela hora tardia, que qualquer tentativa de explicar o fenômeno com o cansaço e a irritação ficava antecipadamente descartada. Que essa solução fosse tão evidente quanto impossível, só fazia aumentar a confusão; com ela, aquele estado de exaltação na cabeça e no coração de Lindner alçou-se, sempre mais soberbo, começando a circular por todo o corpo. Foi demais. Ele segurou a cabeça, sacudiu-a entre as mãos, pulou da cadeira, disse “não!” três vezes, e repetiu quase gritando a primeira oração que lhe ocorreu, no que, finalmente, o sortilégio se desfez, e o futuro candidato a professor, mortalmente apavorado, fugiu para a cama.

Pouco tempo depois, ele passou com distinção no exame final, começando então seus estudos universitários. Não sentia vocação para padre — que, de resto, para responder a tolas perguntas de Ágata, nunca sentiu em toda a vida —, e, naquela época, sua religiosidade não era nem mesmo completa e incontestada; como qualquer inteligência em formação, também ele era assolado pela dúvida. Todavia, não viria jamais a se livrar do pavor mortal diante das forças religiosas de seu íntimo. É claro que, com o passar do tempo, a crença de que Deus em pessoa falara com ele foi arrefecendo; passou, então, a temer o poder irrefreado da fantasia, que pode facilmente levar à loucura. Seu pessimismo, que via o ser humano cercado por ameaças, tornou-se mais arraigado, e, assim, sua decisão de seguir o magistério passou a significar por um lado uma tentativa de educação — digamos — póstuma dos colegas de escola que o tinham maltratado, por outro, de educação do mau espírito ou deus irregular que possivelmente continuava a residir na caverna de seu peito. Mas se não sabia com certeza

até que ponto era crente, bem cedo ficou claro ser ele um inimigo dos descrentes; aprendeu a pensar com convicção que era convicto e que convicto se tinha de ser. Na universidade, descobriu as fraquezas do espírito entregue à liberdade, tarefa fácil para quem, como ele, mal sabia que a condição da liberdade é inata às forças criativas.

É difícil explicar em poucas palavras a essência dessas fraquezas. Revelava-se, por exemplo, no fato de que as grandes construções voltadas para uma explicação filosófica do mundo de cunho original — as últimas foram erguidas entre os meados do século XVIII e XIX — acabaram solapadas pelas transformações da vida e, principalmente, pelos próprios resultados do pensamento e da experiência, e isso sem que os conhecimentos quase que diariamente desvendados pelas ciências tenham estabelecido uma nova mentalidade, ainda que cética; nem mesmo a vontade de estabelecê-la se articula publicamente com suficiente seriedade, de forma que a riqueza de conhecimentos se tornou quase tão opressiva quanto venturosa. De um ponto de vista muito geral, pode-se, porém, considerar que propriedade e cultura prosperaram de maneira incomum até atingirem um estado de saturação que viria a ser interrompido por um primeiro golpe decisivo pouco tempo depois daquele dia em que Lindner, procurando alívio diante de recordações fatigantes, meditava sobre os erros do mundo. Uma pessoa dada à luz, por hipótese, em 1871 — ano do nascimento da Alemanha — poderia, chegada à casa dos trinta, constatar que, durante sua vida, a malha ferroviária fora triplicada na Europa e mais que quadruplicada no mundo inteiro, enquanto o movimento postal se elevava ao triplo e as linhas de telégrafo tinham chegado a crescer sete vezes, tendência de desenvolvimento que se repetira em muitos outros campos. A eficiência das máquinas de força passara de 50% a 90%; o lampião a querosene fora substituído sucessivamente pela chama de gás, camisa incandescente e eletricidade, que produz sempre novas formas de iluminação; o cavalo, que subsistira durante milênios, dera lugar ao carro a motor, e os engenhos voadores não tinham apenas surgido, mas saído dos cueiros. A duração média de vida, por seu turno, aumentara de maneira notável graças aos progressos da medicina e da higiene, e o relacionamento entre os povos se tornara mais ameno e confiante desde as últimas confrontações bélicas. Vivendo tudo isso, o ser humano podia perfeitamente acreditar que, afinal,

começara a era de progresso contínuo da humanidade, por tanto tempo esperada; e quem não gostaria de ver com esses olhos a época de sua própria vida!

Parece, entretanto, que essa prosperidade burguesa e espiritual se baseava em pressupostos bem determinados e nada perenes, e a explicação que hoje nos dão aponta para as gigantescas extensões cultiváveis e outras riquezas naturais então ainda existentes que tinham acabado de encontrar dono, para indefesos povos de cor ainda não espoliados (sendo que a acusação de fazê-lo era contrabalançada pela idéia de, em troca, trazer-lhes a civilização), e para os milhões de homens brancos que deviam pagar, indefesos também eles, os custos do progresso industrial e comercial (sendo que a consciência era aplacada pela certeza inabalável e não de todo infundada de que, em cinquenta anos ou cem de subsequente progresso, os próprios deserdados viveriam melhor que antes da exerdção). Seja como for, a cornucopia da qual provinha a prosperidade material e espiritual era tão grande que se perdia de vista e, invisível, deixava apenas transparecer a impressão de crescimento generalizado. Hoje, é praticamente impossível fazer entender como era natural a crença de então na continuidade do progresso, e a opinião de que prosperidade e espírito seriam algo que, como o capim, se espalha quando não é propositalmente extirpado.

O estudante Lindner, pálido e nada abundante, que chegava mesmo a sofrer fisicamente com o próprio crescimento, possuía uma repulsa instintiva por aquela confiança cega, aquela mania de prosperidade, aquele liberalismo fatidicamente alegre; era dotado de uma intuição inata, de um tino seguro para qualquer falha e qualquer manifestação que os contradissesse. Como não estudava economia política, só mais tarde aprendeu a dar o exato valor a esses fatos; mas tanto maior era a lucidez com que contemplava o outro lado da evolução, o apodrecimento de uma ideologia que, em nome da liberdade espiritual, colocara o livre comércio à frente das atividades humanas, para abandonar então o livre espírito ao comércio livre; e Lindner farejava a catástrofe espiritual que, de fato, veio a acontecer. Essa crença no desastre em meio a um mundo satisfeito com seus progressos era a mais forte de suas qualidades; mas por que ele não se transformara então num socialista, ou numa dessas pessoas solitárias e fatalistas que não gostam de se meter em política, embora, cheias de amargura, sejam contra toda a

situação reinante, pessoas que asseguram a existência do espírito, lutando pelo que é certo dentro de um círculo mais íntimo, fazendo, no que lhes toca, o que é importante, e deixando aos charlatões a terapia da cultura? Assim, quando se perguntava por que se tornara o que era, Lindner podia tranquilizar-se com a resposta de que tudo se dera da mesma forma como se abraça uma profissão. Já no último ano do liceu, ele pertencera a um círculo cujo projeto consistia em fazer uma crítica fria e ponderada tanto ao “antigo paganismo”, que semi-oficialmente era admirado dentro da escola, quanto ao “espírito moderno” que rondava fora dela; em seguida, rejeitando a movimentação e liberdade estudantil da universidade, entrara para uma agremiação em cujo seio as repercussões da luta política começavam a encobrir as cândidas conversas de adolescentes, como barba em rosto imberbe. Chegando assim aos últimos semestres, já estava ferreamente imbuído de uma curiosa característica, que vale para qualquer credo, qual seja, que a descrença é o melhor sustentáculo da crença, já que, observada e combatida nos outros, oferece ao crente a oportunidade de sentir o próprio fervor.

Desde o momento em que Lindner se dissera, resoluto, que também a religião é acima de tudo uma instituição feita para os homens e não para os santos, a paz baixara sobre ele. Entre o desejo de ser filho ou servidor de Deus, a escolha, para ele, estava feita. No gigantesco palácio em que queria servir, havia, sim, um aposento, o mais recôndito, onde os milagres ficavam guardados, repousando; e, embora não lhes saísse da cabeça, nenhum serviçal se detinha no interior desse santuário, viviam todos do lado de fora, protegendo-o, temerosos, da curiosidade dos estranhos, que já causara problemas nada agradáveis. O movimento na ante-sala, com suas maneiras dignas, suas inúmeras atividades e empregados em centenas de gradações, o enchia de admiração e zelo; e o trabalho externo, ao qual ele próprio agora se submetia, exercendo sua influência sobre agremiações morais, políticas e pedagógicas, e imbuindo a ciência de princípios religiosos, continha tarefas para as quais ele poderia consumir não uma, mas mil vidas, e que lhe propiciavam em troca aquele constante movimento sem

transformação interior, que constitui a felicidade dos espíritos bem-aventurados: pelo menos era o que ele pensava quando estava satisfeito, mas pode ser que estivesse fazendo uma confusão com a felicidade dos

espíritos políticos. A partir de então, passou a entrar para associações, escrever brochuras, fazer conferências, estabelecer relações, e, antes de deixar a universidade, o recruta da devoção já se tinha transformado num homem jovem, com lugar de destaque na lista de oficiais, possuindo protetores influentes.

Uma personalidade com base tão ampla e extremidade tão pura não precisava em hipótese nenhuma deixar-se intimidar pela crítica petulante de uma mocinha! Retornando ao presente, Lindner consultou o relógio e verificou que Ágata ainda não chegara, apesar de já estar quase na hora de Peter voltar. Mesmo assim, abriu novamente o piano, mas não se entregou à volubilidade do canto, contentando-se em permitir que o olhar passeasse novamente pelas palavras da canção, que acompanhou com leve sussurro. Descobriu então que a acentuava mal, com excesso de sentimento, o que não correspondia àquela música encantadora, mas severa. Imaginou um Menino Jesus “que poderia ser de Murillo”, quer dizer, que apresentava de forma muito indefinida, além de redondos olhos negros, os andrajos pitorescos dos primeiros mendigozinhos do mestre, tendo em comum com o Redentor e Filho de Deus apenas o comovente lado humano, por sinal estilizado numa figura exagerada e de inegável mau gosto. Isso lhe causou uma impressão desagradável, fazendo com que Ágata voltasse a permear seus pensamentos: lembrou-se ter ela exclamado certa vez que nada seria mais curioso que a evolução do gosto, que, depois de ter produzido as catedrais e paixões góticas, apreciava hoje flores de papel, bordados de pérolas, toalhinhas de pontas e um linguajar adocicado, de maneira que a religião se tornara de mau gosto, e o dom de conferir cheiro e sabor ao impalpável perdurava quase que exclusivamente entre pessoas descrentes ou duvidosas! Lindner disse com seus botões que Ágata era uma “natureza estética”, designação para algo que não atinge a seriedade da economia política e da moral, mas que, em certos casos, pode ser muito estimulante, por exemplo, no caso presente. Pois até então, Lindner considerara as flores de papel uma invenção engenhosa e bonita, mas decidiu bruscamente tirar de cima da mesa um ramo dessas flores que ali se encontrava, escondendo-o provisoriamente atrás das costas.

Foi um ato quase involuntário, que o deixou um tanto atônito; ao mesmo tempo, acreditava poder surpreender Ágata com uma explicação para a “curiosidade” que ela observara sem entrar em maiores detalhes. Vieram-

lhe à mente as palavras do Apóstolo: sem amor, a própria língua dos anjos é um ruído vazio! Baixou os olhos, com a testa franzida: já há muitos anos, pensou, nada fazia que não se ligasse ao amor eterno. Ao contrário da grande maioria dos intelectuais, era membro de uma maravilhosa comunidade do amor, em que as coisas e os atos, por mais terrenos que fossem, poderiam ser interpretados como alegorias do eterno, ou melhor, cujo sentido mais profundo consistia exatamente nessa relação, ainda que a consciência nem sempre estivesse brilhando de tão limpa. Existe, porém, uma diferença prodigiosa entre o amor que possuímos por convicção e o amor que nos possui; uma diferença de viço, diria ele, embora certamente também fosse legítima a que existe entre a pureza do saber e a turbulência opaca. Lindner não tinha dúvidas em colocar a pureza do saber em plano mais elevado; e quanto mais ela envelhece, mais se purifica, ou seja, se liberta das irregularidades do sentimento que a produziu, até que dessas paixões não sobrevive nem mesmo a convicção, restando apenas a disponibilidade de lembrá-las e servir-se delas sempre que preciso. Talvez isso explique por que as obras do sentimento definham quando a experiência amorosa imediata não torna a revigorá-las.

Lindner estava entregue a essas considerações de cunho quase herético, quando a campainha tocou bruscamente.

Deu de ombros, fechou mais uma vez o piano e desculpou-se junto a si mesmo, dizendo: “A vida não precisa apenas de orações, precisa também de trabalho!”

Ágata não tinha ainda acabado de ler as anotações do irmão, quando ouviu pela segunda vez o som de seus passos sobre o caminho coberto de saibro, e, dessa feita, eles eram tão nítidos que não poderia haver engano. Resolveu que, na primeira oportunidade que viesse a se oferecer, peneiraria novamente no esconderijo dele, mas sem deixá-lo saber; pois, por mais que aquele modo de pensar fosse estranho à natureza dela, queria conhecê-lo e entendê-lo. Havia aí também um quê de vingança, ela queria pagar segredo com segredo, não desejando, portanto, ser surpreendida. Pôs as folhas em ordem, apressada, e guardou-as de novo, apagando todo vestígio que pudesse trair sua descoberta. Uma olhadela no relógio lembrou-lhe que deveria ter saído de casa há muito tempo e que, longe dali, uma pessoa provavelmente já irritada estava à espera dela, coisa que Ulrich, por seu turno, não deveria saber. Sorriu ao pensar que estava usando duas medidas. Tinha consciência de que sua própria falta de franqueza não representava verdadeiramente uma infidelidade, embora superasse a de Ulrich, o que lhe causou uma satisfação natural e permitiu que se separasse em paz de seu achado.

De volta ao escritório, o irmão não mais a encontrou, fato que, porém, não o surpreendeu. Ele finalmente se reencontrara depois de ler passeado por algum tempo pelo jardim com a cabeça fervilhando, ocupada pelas pessoas e situações sobre as quais conversara antes da partida de Stumm. Depois de longa abstinência, um copo de vinho bebido rapidamente pode causar uma vivacidade semelhante, mero fogo de palha, que nos deixa lúgubres e intocados por trás de uma colorida mudança de cena; e por isso, nem mesmo lhe ocorrera que as pessoas por cujo destino demonstrara aparentemente tanto interesse moravam bem perto de sua casa, e que poderia facilmente visitá-las. O relacionamento real continuara paralisado como um músculo seccionado.

Algumas lembranças constituíam todavia uma exceção, tendo despertado idéias ligadas a pontes de sentimento que, embora precárias, se mantinham de pé. O retorno do subsecretário Tuzzi do íntimo do sentimento para seu tratamento externo — segundo a expressão do próprio Ulrich —, lhe causava profundo contentamento, por lembrar-lhe que também suas anotações procuravam distinguir essas duas faces dos sentimentos. Mas Diotima aparecia igualmente diante de seus olhos em toda a sua beleza, diferente da de Ágata; que ela ainda pensasse nele o deixava orgulhoso, embora, de coração, achasse bem feito que o marido a tivesse castigado, nos minutos em que esse coração, por assim dizer, trafegava pela carne. De todas as conversas que tiveram, recordou exatamente aquela em que Diotima afirmara não ser impossível . que, no amor, se manifestassem forças ocultas; e como a fonte dessa inspiração fora o amor pelo ricoço que também queria ter alma, os pensamentos de Ulrich chegaram a Arnheim. Ainda devia uma resposta para aquela oferta de emprego, feita com tanto sentimento, que lhe deveria propiciar uma posição influente na vida ativa, e se perguntou então no que teria dado o pedido de casamento, igualmente generoso e não menos vago, que deixara Diotima extasiada. Provavelmente tivera o mesmo destino; Arnheim manteria a palavra, caso fosse lembrado, mas nada tinha contra o esquecimento. A sarcástica tensão que aflorara em seu rosto ao lembrar-se dos tempos áureos de Diotima atenuou-se novamente. No fundo, não prendendo Arnheim ela dava prova de grande decência — pensou. Uma voz sensata no íntimo superpovoado daquela mulher. Sentindo-se abandonada por todas as coisas sublimes, ela mostrava traços sóbrios, e era bastante simpática em tais ocasiões. Aliás, uma gota de afeição sempre se misturara à antipatia que Ulrich nutria por ela; assim, não queria descartar que a própria Diotima tivesse notado afinal que formava com Arnheim um par ridículo: ela, disposta ao sacrifício do adultério, ele, ao sacrifício do casamento, de maneira que não se encontravam, imaginando por fim algo de celestial e inatingível para se dispensarem do realizável. Mas, lembrando-se do que Bonadéia contara sobre a escola de amor de Diotima, ele acabou concluindo tratar-se de fato de uma pessoa desagradável, e que nada permitia excluir que ela ainda viesse a persegui-lo com toda a força amorosa de que dispunha.

Fora mais ou menos, esse o curso seguido por seus pensamentos depois da

conversa com Stumm, e Ulrich imaginou que assim deveriam pensar as pessoas de boa formação, sempre que se ocupassem umas com as outras à maneira tradicional; ele próprio, porém, perdera completamente esse hábito.

Ao entrar em casa, tudo isso se dissipou no vazio. Teve um momento de hesitação diante da escrivaninha, deixando as anotações deslizarem entre os dedos. Refletia. A explanação conceitual dos sentimentos era seguida, em seus manuscritos, por algumas considerações sobre estados de êxtase, sequência que considerava correta. Comportamentos — como ele os mencionara em certas oportunidades — dominados inteiramente por um único sentimento não deixavam de ser extáticos. Estar sob o domínio da ira ou do medo é um êxtase. Aos olhos do indivíduo que vê apenas provocações ou ameaças, o mundo bem cedo perde a consistência, e por isso não se fala de um mundo, e sim de inspirações e ilusões; mas quando são as massas que a ele sucumbem, surgem alucinações de uma força e extensão terríveis.

Ele também já apontara para outro êxtase, que consiste na exaltação máxima dos sentimentos. Atingido esse grau, não se age mais com parcialidade, mas, pelo contrário, com insegurança e até mesmo de maneira absurda; o mundo, numa espécie de incandescência fria, perde suas cores; e do eu que se extingue sobra apenas o invólucro vazio. É decerto um êxtase empobrecedor, esse esvair-se da visão e audição — como, de resto, qualquer estado de exaltação da alma é menos exuberante que as situações normais —, ganhando importância apenas pela ligação com o êxtase orgiástico, o arrebatamento tempestuoso, ou combinado com esforços físicos intoleráveis, manifestações encarniçadas da vontade, sofrimentos ingentes, de que pode decorrer. Para ser breve, Ulrich misturara exemplos de formas transbordantes e exaurientes do perder-se, no que não deixava de ter razão; pois a diferença, bastante significativa do outro ponto de vista, quase desaparecia ao se considerarem estas últimas manifestações. A presa do arrebatamento orgiástico mergulha em sua perdição como numa luz, dilacerar e ser dilacerado lhe parecem labaredas de amor e façanhas da liberdade, e, por maior que seja a distância, isso se assemelha à maneira como, no extremo cansaço e na amargura profunda, nos entregamos à nossa desgraça, o que nos traz a redenção e, assim, algo com o doce sabor de

amor e liberdade. Agir e padecer se fundem nos graus mais elevados em que ainda os vivenciamos.

Esses êxtases provocados pelo poder absoluto ou pela crise de um sentimento são naturalmente meras imagens mentais, em maior ou menor escala; os verdadeiros êxtases — sejam eles místicos ou guerreiros, amorosos ou de outras comunhões em entusiasmo — pressupõem sempre um grupo de sentimentos aparentados e derivam de um conjunto de idéias que refletem esses sentimentos. Em formas pouco consistentes, que ocasionalmente se enrijecem ou voltam a se desfazer, tais visões do mundo, irreais enquanto configuradas como grupos particulares de idéias e sentimentos (como ideologia, como secreção pessoal), são tão corriqueiras no dia-a-dia, que em geral nem chegam a ser encaradas como êxtase, embora constituam seu estado preliminar, mais ou menos como o palito de fósforo resguardado do fogo numa caixa representa o estado preliminar de um palito de fósforo que queima.

No último trecho, Ulrich ainda anotara que uma visão essencialmente extática do mundo se manifesta também nos casos em que o sentimento e as idéias que a ele servem têm precedência absoluta sobre a ponderação e reflexão; trata-se da visão do mundo exaltada, sentimental, da vida arrebatada, que encontramos em certas épocas literárias, sendo provável que também tenha existido parcialmente na realidade, dentro de comunidades de diversas dimensões. Mas, nessa lista, faltava mencionar exatamente aquilo que, para Ulrich, era o mais importante, o único estado d'alma, e do mundo, que considerava um êxtase comparável à realidade; entretanto, seus pensamentos o afastavam do assunto, pois se quisesse decidir como apreciar essa sedutora exceção, seria imprescindível — inclusive para escapar à precária alternância com que falava ora de um *mundo* do êxtase, ora simplesmente de uma *visão* do mundo — conhecer primeiro a relação que existe entre nosso sentimento e o mundo real, ou seja, o mundo que assim qualificamos em oposição às ilusões do êxtase.

Mas quando se trata de circunscrever esse mundo, empregamos medidas e partimos de condições próprias do conhecimento; e este — por maiores que sejam as dificuldades que nosso entendimento encontra ao tentar se aproximar de uma exposição exata de seus limites e de sua validade —

apresenta, justamente em suas relações com o sentimento, uma particularidade importante e facilmente constatável: para conhecer, precisamos tanto quanto possível deixar de lado nossos sentimentos. Nós os suprimimos, para julgar com “objetividade”, ou nos colocamos em uma situação na qual os sentimentos remanescentes se anulam reciprocamente, ou, ainda, nos entregamos a um grupo de sentimentos frios, que, tratados com atenção, favorecem o próprio conhecimento. Os resultados obtidos nesse estado de sobriedade servirão como termo de comparação quando, em outros casos, viermos a falar das “ilusões” provocadas pelo sentimento. Assim, um estado zero, um estado de neutralização, em suma, um certo estado de sentimento é o pressuposto implícito das experiências e processos de pensamento graças aos quais consideramos como meramente subjetivas as sugestões provenientes de outros estados de sentimento. Uma experiência milenar confirmou que a melhor maneira de correspondermos permanentemente à realidade consiste em retornar sempre a esse estado, necessário também para quem não quer pura e simplesmente conhecer, e sim agir. Nem mesmo o boxeador é capaz de prescindir da objetividade, que, no seu caso, se chama “sangue frio”; para não levar a pior, ele, dentro do ringue, deve evitar a cólera não menos que o desânimo! Para se ajustar à realidade, nosso comportamento sensível não depende portanto apenas dos sentimentos que momentaneamente nos inspiram ou de seus impulsos subterrâneos, mas sim, ao mesmo tempo, de um estado de sentimento contínuo e repetido que possibilita a compreensão da realidade e é de hábito tão pouco visível quanto o ar que respiramos.

Essa descoberta pessoal de um vínculo ao qual geralmente não se dá muita importância seduzira Ulrich a prosseguir suas reflexões sobre a relação do sentimento com a realidade. Aqui, é preciso fazer uma distinção entre percepções sensoriais e sentimentos. Também as primeiras nos “enganam”; sabidamente, a imagem sensível do mundo por elas apresentadas não é a própria realidade, e, por sua vez, mesmo não dependendo de idiosincrasias pessoais, a imagem intelectual que dela deduzimos tampouco independe de nossa humana maneira de pensar. Mas embora não haja qualquer semelhança palpável entre a realidade e as imagens que dela possuímos, por mais exatas que estas sejam, existindo antes uma falta de semelhança abissal e impreenchível, e embora jamais nos deparemos com o original, somos capazes de decidir, de uma maneira complicada, se e em que

condições essa imagem é correta. No caso dos sentimentos, a situação é diversa. Para continuarmos nos expressando da mesma forma, estes também nos fornecem uma imagem falsa, não deixando, porém, de cumprir igualmente a tarefa de nos manter em harmonia com a realidade, só que de maneira diferente. Talvez essa exigência de manter-se em harmonia com a realidade exercesse uma atração especial sobre Ulrich; seja como for, ela caracteriza tudo o que se afirma na vida; e por isso, dela se deduz uma excelente fórmula abreviada, que, embora não abrangente, serve como teste para determinar se uma imagem fornecida pela percepção e o entendimento é correta e verdadeira: exigimos que as consequências da imagem espiritual que fizemos da realidade correspondam à própria imagem espiritual das consequências reais, e só então consideramos correta uma imagem intelectual. Dos sentimentos, pode-se dizer pelo contrário que, sem parar, nos levam de um erro para outro, um anulando o outro numa sequência interminável.

Trata-se entretanto da mera consequência de uma divisão de trabalho, na qual a percepção, servida pelos sentidos, e os processos de pensamento, por ela bastante influenciados, se desenvolveram e, com poucas palavras, se transformaram em fontes de conhecimento, enquanto que ao campo dos sentimentos restou apenas o papel de propulsor mais ou menos cego; pois na origem, tanto nossos sentimentos quanto nossas impressões sensoriais se encontravam unidos na mesma raiz, o comportamento do qual participa toda a criatura quando era atingida por um estímulo. A divisão de trabalho que sobreveio mais tarde pode ainda hoje ser perfeitamente definida dizendo que os sentimentos fazem sem conhecimento aquilo que faríamos com conhecimento se chegássemos a fazer qualquer coisa sem outro impulso além do conhecimento! Caso nos fosse possível esboçar uma única imagem do comportamento sensível, teria de ser esta: supomos que os sentimentos mancham, deformam e descaracterizam a realidade. Tanto a ciência quanto o comportamento cotidiano incluem o sentimento entre as “subjetividades”; partem do pressuposto que ele modifica apenas “o mundo que vemos”, e consideram que se volatiliza depois de certo tempo, sendo passageiras as transformações que efetuou na imagem do mundo, de maneira que, cedo ou tarde, “a realidade voltará a se impor”.

Ulrich achara bastante significativo que, como *pendant* e contrapartida desse estado de sentimento parcialmente paralisado, no qual a experiência

científica e o comportamento objetivo se baseiam, a superação do sentimento se repetisse como característica da vida temporal. Pois a influência de nossos sentimentos sobre aquilo que permanece válido em sua verdade e necessidade, sobre as idéias objetivas de nosso espírito, praticamente se anula, tanto ao longo do tempo, como na extensão do simultâneo; e quanto à influência do sentimento sobre as representações não objetivas, sobre as idéias e ideologias vacilantes nascidas de sua alternância, pensamentos, opiniões e posições que dominam sucessiva e concomitantemente a existência histórica, também ela se anula, embora para transformar-se no contrário da certeza, em algo pior que o nada, no acaso, na desordem e mutabilidade impotentes, resumindo, naquilo que Ulrich, irritado, denominava “questão de sensibilidade”.

Ao reler essas indicações, ele teve vontade de detalhá-las melhor; isso era todavia impossível, já que a própria reflexão que fora transcrita até esse ponto e prosseguia em tópicos estava a exigir que concluísse algo de mais imediato. Pois se a imagem intelectual do mundo, a imagem correspondente à realidade (a imagem correta, ainda que mera imagem) é traçada a partir de um determinado estado de sentimento, caberia agora perguntar o que aconteceria caso outros sentimentos nos dominassem com igual eficácia. Que essa questão não carece de sentido, já se depreende do fato que qualquer afeto mais intenso deforma à sua maneira a imagem do mundo; e seres profundamente melancólicos ou de alegria doentia poderiam objetar, diante das “ilusões” de uma pessoa neutra e equilibrada, não serem sombrias ou alegres por causa do sangue que lhes corre nas veias, e sim pelo que viveram num mundo coberto de pesadas sombras ou pleno de leveza celestial. E assim como podemos conceber uma imagem do mundo baseada na predominância de um sentimento ou grupo de sentimentos — o orgiástico, por exemplo —, é igualmente possível ela se fundamentar na primazia do sentimento em geral, como acontece no caso de indivíduos ou comunidades imbuídos de fanatismo ou sentimentalismo; e é perfeitamente corriqueiro o mundo pintar-se de forma diversa e a vida ser diversamente vivida com base em determinados grupos de idéias, passando mesmo às raias do absurdo.

Ulrich não estava minimamente inclinado a considerar o conhecimento um erro, ou o mundo uma ilusão, mas lhe parecia lícito falar não apenas de uma imagem modificada do mundo, como também de um outro mundo, sempre

que predominasse um sentir diferente daquele que propicia uma adaptação à realidade. Esse mundo seria “irreal”, no sentido que lhe faltaria quase qualquer objetividade; nele, não haveria representações, cálculos, decisões e ações ajustadas à natureza, e as desavenças entre os homens talvez desaparecessem por longo tempo, sendo, porém, praticamente insanáveis uma vez surgidas. Mas, no Fim das contas, isso seria apenas quantitativamente diferente do que ocorre em nosso mundo, a possibilidade dependendo exclusivamente de saber se a humanidade seria capaz de sobreviver em tais condições e se poderia obter uma certa constância em meio aos fluxos e refluxos das interferências externas, bem como em seu próprio comportamento. É concebível eliminar ou substituir muitas coisas na realidade, sem que surja com isso um mundo onde os homens não possam mais viver. Há muita coisa capaz de realidade e de mundo que simplesmente não se encontra num determinado mundo e realidade.

Ulrich não ficou nada satisfeito com o que escrevera, pois não queria que todas essas possíveis realidades parecessem estar no mesmo pé de igualdade. Levantou-se e caminhou pelo quarto. Ainda faltava uma espécie de diferenciação entre “realidade” e “realidade plena”, ou entre “realidade para alguém” e “realidade real”, ou, com outras palavras, faltava ainda explicitar as diferenças de nível quanto à pretensão de valer como realidade e mundo, e justificar por que concedemos àquilo que em quaisquer circunstâncias consideramos real e verdadeiro uma supremacia — ligada a condições de exequibilidade — sobre o que vale apenas em circunstâncias particulares. Pois também um animal se orienta com muito acerto na realidade, e como decerto não o faz com alma totalmente entrevada, mesmo dentro dele deve haver algo que corresponda às representações que fazemos do mundo e da realidade, sem que, *por isso*, precise ter a mínima semelhança com elas; por outro lado, nem mesmo nós possuímos a verdadeira realidade, podemos apenas melhorar, num processo infinito, as representações que dela fazemos, enquanto no tumulto da vida chegamos até a utilizar paralelamente representações de profundidade bastante diversa; o próprio Ulrich verificara isso no decorrer daquela hora, diante do exemplo de uma mesa e de uma bela mulher. Depois de ter feito mais ou menos essas reflexões, sua inquietação passou e ele decidiu que era o bastante; pois tudo o que ainda poderia ser dito não era privilégio seu, nem

daquela hora. Certificou-se apenas mais uma vez de que em seu apanhado nada existia que viesse possivelmente a prejudicar uma explanação mais exata, e anotou *honoris causa* algumas palavras que apontavam na direção do que faltava.

Isso feito, interrompeu completamente sua atividade, contemplou através da janela o jardim que se estendia lá fora na luz da tardinha, e chegou mesmo a descer por uns instantes, para expor sua cabeça ao ar. Quase temia poder agora afirmar demais ou de menos; pois o que o aguardava para ser escrito lhe parecia mais importante que todo o resto.

58

ULRICH E OS DOIS MUNDOS DO SENTIMENTO

“Qual a maneira mais propícia de começar?”, perguntava-se Ulrich perambulando pelo jardim, enquanto o calor do sol e folhas frescas de sombra se alternavam sobre seu rosto e suas mãos. “Será que devo dizer logo de saída que todo sentimento existe de dois modos, podendo dar origem a dois mundos tão diversos como dia e noite? Ou será melhor partir da importância que o sentimento cético tem para nossa visão do mundo, seguindo então o caminho inverso, para chegar à influência que a visão do mundo surgida da ação e do saber exerce sobre a imagem que fazemos de nossos sentimentos? Ou será que devo definir como êxtase aquilo que indiquei serem mundos em que os sentimentos não se anulam uns aos outros?” Mas, enquanto ainda se fazia essas perguntas, ele decidiu começar com tudo ao mesmo tempo; pois o pensamento pelo qual se angustiava a ponto de ter interrompido seu manuscrito era tão cheio de implicações como uma velha amizade, e nem mesmo se podia dizer como ou quando surgira. Ulrich fora se aproximando dele durante o trabalho sistemático, empreendido, aliás, com esse único intuito, e agora que chegara ao fim, atrás das névoas dissipadas encontraria a clareza ou o vazio. Passou por um instante sofrido ao formular as primeiras palavras, que não tiveram continuação: “Em cada sentimento residem duas possibilidades de desdobramento fundamentalmente diversas, que, de hábito, se fundem numa só; mas elas também podem se impor de maneira isolada, o que sucede sobretudo no êxtase!”

Resolveu dar-lhes a denominação provisória de evolução externa e interna e abordá-las por seu lado mais inofensivo. Dispunha para tanto de muitos exemplos: agrado, amor, ira, desconfiança, generosidade, asco, inveja, desalento, medo, desejo..., que ordenou mentalmente numa sequência. Formou então uma segunda sequência: benevolência, ternura, irritação, suspeição, desprendimento, temor, anseio, faltando apenas os elementos para os quais não encontrou um nome. Comparou as duas. A primeira continha sentimentos definidos, despertos em nós sobretudo por uma

conjunção precisa; a outra continha sentimentos indefinidos, tanto mais fortes quando não sabemos o que os despertou; mas, em ambos os casos, tratava-se dos mesmos sentimentos, em estado geral ou particular. “Direi portanto que, em cada sentimento, devemos distinguir dois desenvolvimentos, um levando à definição, o outro à indefinição”, pensou. “Mas é melhor anotar primeiro todas as diferenças relacionadas com esse ponto.”

Teria podido enumerar a maioria delas até durante o sono, e qualquer pessoa há de considerá-las familiares, basta que — embora Ulrich tenha preferido evitá-lo — empregue a palavra estados de espírito para designar os “sentimentos indefinidos” da segunda sequência por ele formulada. Distinguindo entre sentimento e estado de espírito, fica fácil observar que o “sentimento definido” se refere sempre a alguma coisa, brota de uma situação de vida, tem um objetivo e se manifesta num comportamento bastante claro, enquanto que um estado de espírito expressa mais ou menos o contrário de tudo isso; ele é abrangente, indeciso, disperso, inativo, contém algo de indefinido apesar de toda a nitidez, sendo capaz de se derramar sobre qualquer objeto, sem que nada aconteça ou que ele próprio se modifique. Ao sentimento definido corresponde um comportamento igualmente definido com relação a alguma coisa; ao indefinido, um comportamento geral, um comportamento com relação a tudo, e enquanto um nos puxa para dentro de um acontecimento, o outro apenas nos deixa participar dele atrás de uma janela colorida.

Ulrich se demorou por um instante nessa diferença de comportamento externo, que separa os sentimentos definidos dos indefinidos. Disse para si mesmo: “Vou acrescentar o seguinte: evoluindo para a definição, o sentimento em certa medida se aguça, estreita seu objetivo e termina afinal, por dentro e fora, como que num beco sem saída; leva a uma ação ou resolução, e, embora não deixe então de existir, segue seu curso ulterior transformado, como água de moinho. Evoluindo, pelo contrário, para a indefinição, parece não dispor de nenhuma energia. Mas enquanto o sentimento que se definiu lembra um ser com garras, o indefinido modifica o mundo como o céu muda de cor, sem pretensões, desprendido, e é como as nuvens no céu que, dentro dele, as coisas e acontecimentos se

transformam; o sentimento indefinido tem diante do mundo um comportamento algo mágico e — Deus me proteja! — possui um quê de feminino em comparação com o definido!” Depois dessas palavras, ocorreu-lhe um pensamento altamente sedutor: pois, naturalmente, é sobretudo a evolução em direção ao sentimento definido o que acarreta a inconstância e fragilidade da vida psíquica.

Que não possamos reter o instante em que sentimos; que os sentimentos murchem, mais rápidos que as flores, ou se transformem em flores de papel quando pretendem perdurar; que a felicidade e a vontade, a arte e o ideário sejam passageiros — tudo isso decorre do caráter definido do sentimento, que lhe imprime um destino e o empurra para dentro do curso da vida, onde será dissolvido ou modificado. O sentimento que se mantém sem definições e limites é, pelo contrário, relativamente imutável. Veio-lhe uma comparação: “Um morre, como um indivíduo, o outro permanece, como uma espécie ou gênero.” Quem sabe se, de fato, mesmo que indiretamente, não se reproduz assim na disposição do sentimento uma disposição geral da vida; ele não conseguia avaliar, mas também não se deteve, pois acreditava jamais ter enxergado com tanta clareza.

Estava pronto para voltar imediatamente a seu quarto, mas deixou-se ficar no jardim por mais algum tempo, porque ainda queria recapitular por alto todo o plano, antes de fixá-lo por escrito. “Falei de duas possibilidades de evolução e de dois estados de um mesmo sentimento” — refletiu —, “nesse caso, porém, é claro que já na origem do sentimento deve haver uma certa predisposição para isso. E realmente, os próprios impulsos, que alimentam nossa alma com uma vida quase de sangue animal, mostram essa dupla propensão. Um impulso preme à ação, e essa parece ser sua principal tarefa; mas ele também afina a alma. Antes que encontre um objetivo, pode-se mesmo observar com muita nitidez como se dilata e estende de maneira indefinida, e não faltarão pessoas que vêem exatamente aí o indício para o despertar de um impulso, o sexual, por exemplo, mas é claro que há também uma ânsia da fome e de outros impulsos. Assim, encontram-se no impulso o definido e o indefinido. Vou acrescentar” — pensou Ulrich — “que os órgãos do corpo, que contribuem quando o mundo exterior desperta em nós um afeto, podem eles próprios despertá-lo em outras ocasiões, em que o estímulo vem de dentro; mais não é preciso, para chegar ao êxtase!”

Recordou então que, segundo resultados de pesquisa — para não falar da interpretação que lhes dera em seus escritos —, supunha-se que o ponto de partida para um sentimento poderia servir igualmente a outro sentimento, sendo que nenhum deles jamais chegava a um fim determinado no processo de sua configuração e consolidação. Caso isso fosse correto, nenhum sentimento atingiria um estado de perfeita definição, e, muito provavelmente, nem mesmo de perfeita indefinição, não havendo um sentimento totalmente definido, nem totalmente indefinido. É, de fato, quase sempre ocorre as duas possibilidades se ligarem, formando uma realidade comum, na qual existe tão-somente a predominância de uma ou de outra. Não há “estado de espírito” que não contenha sentimentos definidos que dentro dele se formam e voltam a se dissolver; e não há sentimento definido que não deixe transparecer a característica do indefinido, pelo menos nos momentos em que se pode dizer que ele “brilha”, “envolve”, “age por si mesmo”, “cresce”, ou incide “diretamente” sobre o mundo, sem movimento externo. O que não exclui a existência de sentimentos muito próximos de um caso ou de outro.

As palavras “definido” e “indefinido” apresentam naturalmente um inconveniente. Nenhum sentimento jamais é suficientemente definido. Nesse sentido, o sentimento definido permanece indefinido, fato que, porém, se distingue, com facilidade da indefinição essencial. “Fica faltando apenas descobrir por que o sentimento indefinido, em seu caráter e formação, é considerado menos real que seu oposto”, pensou Ulrich. “Ambos são parte da natureza. Se lhes atribuirmos valores diferentes, é provavelmente porque, a nosso ver, a evolução externa do sentimento é mais importante que a interna, ou porque achamos a definição mais importante que a indefinição. E se não fosse assim, nossa vida teria mesmo que ser diferente do que é! Uma particularidade óbvia da cultura européia consiste em declararmos a torto e a direito que o ‘mundo interior’ é a coisa mais bela e profunda da vida, enquanto, apesar disso, o tratamos como mero anexo do exterior. E um verdadeiro segredo contábil, como essa cultura consegue realizar tal operação, embora não seja segredo para ninguém: o mundo exterior e a ‘personalidade’ são colocados frente a frente; supõe-se que o mundo exterior desencadeie numa pessoa processos internos que deverão capacitá-la a reagir de maneira adequada; e, estabelecendo em pensamento essa rota que leva de uma modificação do mundo a outra

modificação do mundo através da modificação de uma pessoa, atingimos aquela ambiguidade característica que nos permite venerar o mundo interior como o verdadeiro território da soberania humana, exigindo ao mesmo tempo que tudo o que nele sucede cumpra a tarefa precípua de desembocar devidamente num efeito externo.”

Passou pela cabeça de Ulrich que deveria examinar nessa ótica o comportamento da civilização diante da religião e da arte; mas era mais importante seguir na direção que seus pensamentos tinham tomado. Em lugar de “mundo interior”, podia-se dizer simplesmente “sentimento”, pois sobretudo este ocupa a posição ambígua de constituir propriamente o interior, sendo, porém, tratado na maioria dos casos como a sombra do exterior; e, é claro, isso vale particularmente para aquela evolução interna e indefinida do sentimento, que Ulrich acreditava poder distinguir. Já aí se constata serem quase sempre tomadas do exterior as expressões que usamos para descrever o domínio interno. Essa transposição do acontecimento externo, com seu caráter ativo, para o interno, cuja índole é diversa, fica evidente mesmo ao falarmos de atividades para descrevê-lo, como emanar, ligar, comover e assim por diante: pois essas imagens, tomadas do mundo exterior, se tornaram significativas e usuais para o mundo interior tão-somente por, dentro dele, não dispormos de melhores. As próprias teorias científicas que descrevem o sentimento como entrelaçamento ou justaposição igualitária de ações externas e internas fazem uma concessão a essa prática, exatamente por viverem falando de um agir, sem fazer caso do distanciamento da ação próprio daquilo que é puramente interior. E já por esses motivos é simplesmente inevitável que a evolução interna do sentimento nos pareça um mero anexo da externa, uma repetição, uma imagem embaçada, que dela se distingue pela menor nitidez das formas e ligações mais turvas, causando assim a impressão um tanto descuidada de acontecimento secundário.

Mas não se trata naturalmente apenas de um modo de exprimir-se ou de uma primazia mental: o que sentimos “na realidade” depende de mil maneiras da realidade e, portanto, também da evolução definida e exterior do sentimento, à qual a interior e indefinida se subordina, mais ainda, pela qual é como que absorvida. “Os detalhes não têm importância” — decidiu Ulrich —, “mas cada um deles serviria de exemplo para, por um lado, mostrar que ao conceito que estabelecemos de nossos sentimentos cabe a

função de assimilar a parte ‘subjéitiva’ destes às representações que fazemos da realidade, e, por outro, que no próprio sentir os dois potenciais se confundem num processo global que manterá ligadas as evoluções externa e interna. Simplificando: somos seres ativos; necessitamos a segurança do pensamento para nossa ação; também necessitamos portanto um sentimento passível de neutralização: a forma particular de nosso sentir deriva do fato de nós o inserirmos na imagem da realidade, e não fazermos o inverso, que seria o comportamento extático. E, exatamente por isso, deve existir dentro de nós a possibilidade de sentir de forma inversa e experimentar o mundo de forma diversa!”

Tinha agora pressa de escrever e estava seguro de que seus pensamentos poderiam resistir até mesmo a um exame mais detalhado. Ao entrar no quarto, acendeu a luz, pois as paredes já se encontravam na sombra. Não havia sinal de Ágata. Hesitou por um instante, antes de começar.

Ficou inibido ao lembrar que, na impaciência abreviadora de quem elabora um plano, acabara usando seja os conceitos de “exterior” e “interior”, seja os de “pessoa” e “mundo”, como se a distinção entre as duas efetividades do sentimento correspondesse a eles. Naturalmente, não era assim. Uma vez aceita, a diferenciação peculiar que Ulrich fizera entre as possibilidades de configuração em sentimento definido ou indefinido atravessa as outras diferenças. Tanto no curso externo, para o mundo, quanto no interno, para dentro da pessoa, o sentimento evolui dos dois modos. Procurou uma expressão justa, pois as palavras “definido” e “indefinido”, embora indicativas, não lhe agradavam muito. “A diferença originária de vivência reside — da maneira mais enxuta e, no entanto, mais significativa — em que, para fora e para dentro, existe tanto uma exteriorização quanto uma interiorização do sentimento!”, refletiu, a princípio contente, até achar essas palavras tão insatisfatórias quanto todas as outras, inclusive as dez ou doze que ainda viria a experimentar. Mas isso não abalou minimamente sua convicção, pareceu-lhe apenas uma dificuldade prática que o aguardava, provocada porque a língua não foi criada para esse lado da existência. “Depois de conferir tudo mais uma vez e achar que está correto” — decidiu —, “não devo ligar se por fim acabar falando apenas de nosso sentimento comum e de nosso ‘outro’ sentimento!”

Sorrindo, apanhou da estante um livro em que se encontrava uma marca de leitura, e precedeu as próprias palavras das seguintes palavras alheias:

“Embora o céu, como a Terra, esteja submetido a uma sequência de acontecimentos diversos, os anjos não têm a menor noção ou idéia de espaço e tempo. Lá também os fenômenos se sucedem uns aos outros, em perfeita conformidade com o mundo, mas, mesmo assim, eles não sabem o que significa o tempo, pois no céu não há anos e dias, vigoram apenas modificações de estado. Onde há anos e dias, vigoram os tempos, onde há modificações de estado, estados. Como os anjos, ao contrário dos homens, não têm nenhuma idéia do tempo, lhes falta também sua determinação; eles nem mesmo conhecem a divisão em anos, meses, semanas, horas, em amanhã, ontem e hoje. Quando ouvem um ser humano falar a respeito — e Deus sempre fez anjos acompanharem os homens —, entendem estados e determinações de estado. O homem pensa a partir do tempo, o anjo a partir do estado; assim, o que nos homens é idéia natural, se transforma nos anjos em idéia espiritual. No mundo espiritual, todos os fenômenos de movimento se realizam através de modificações de estado. Como isso me preocupava, fui alçado à esfera celeste e à consciência dos anjos, e conduzido por Deus através dos reinos do céu até os astros do Universo, em espírito, entende-se, enquanto meu corpo ficava no mesmo lugar. Todos os anjos se movem dessa maneira de um local para outro, razão pela qual não existem distâncias para eles, e, por conseguinte, também não existe longitude, mas apenas estados e modificações de estado; toda aproximação é uma semelhança de estados interiores, todo afastamento, uma diversidade; os espaços no céu nada mais são que estados externos que correspondem aos internos. No mundo espiritual, qualquer um fica visível para o outro assim que sente um desejo premente de sua presença, pois, então, se coloca em seu estado; existindo repulsa, ele, pelo contrário, se afasta. Da mesma forma, alguém que muda de paradeiro em seu meio, em átrios ou jardins, chega mais depressa quando anseia por isso, e mais devagar quando o anseio é menor, o que observei frequentemente e sempre me causou espanto. E como os anjos não podem conceber o tempo, a idéia que eles fazem da eternidade é diferente da dos homens terrenos; eles entendem por eternidade um estado infinito e não um tempo infinito.”

Ulrich encontrara essa passagem por acaso, ao folhear alguns dias antes uma edição das obras escolhidas de Swedenborg, que possuía, mas nunca chegara a ler direito; e se a transcrevera tão extensamente, comprimindo-a um pouco, era porque apreciava ouvir esse velho metafísico, esse

engenheiro erudito — que, aliás, causara impressão nada desprezível sobre Goethe e até mesmo Kant —, falar do céu e dos anjos com tanta segurança como se se tratasse de Estocolmo e seus habitantes. Isso condizia tão bem com sua própria ocupação, que a diferença restante, também ela nada desprezível, se destacava com enorme nitidez. Sentia grande prazer em insistir nessa diferença e em recriar aquelas afirmações de um vidente, decerto secas e despidas de sonho em sua precoce convicção, mas nem por isso menos extravagantes, partindo dos conceitos formulados com maior cautela por um século ulterior.

E escreveu assim o que pensara.

* * *

NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

Os primeiros manuscritos do que viria a ser *O Homem Sem Qualidades* datam do começo da década de 20, provavelmente mesmo de 1919. O romance projetado tinha então o título provisório de O ESPIÃO.

O primeiro volume, contendo, em duas partes, os 123 capítulos do primeiro livro, veio a público em 1930. Nessa época, já existia, em diversos graus de elaboração, farto material para o segundo livro, correspondendo a uma concepção geral da obra. Entretanto, como sempre acontecia quando Musil fazia planos, tudo ficava em aberto; o destino subsequente de *O Homem Sem Qualidades* será exatamente este, Musil continuará aproveitando e reescrevendo material já preparado, fazendo estudos, tomando notas, redigindo novos capítulos e, mesmo, enfatizando novos complexos temáticos. O romance prossegue pela confluência do projeto “inicial” (que, de resto, a publicação do primeiro livro viera de certa forma a fixar) com as determinações que se impõem durante o próprio trabalho pelo desenvolvimento da ação e das personagens, para não falar no peso dos acontecimentos históricos de uma época conturbada e vertiginosa.

Por insistência do editor, que queria aproveitar o sucesso do primeiro volume, Musil, em grandes dificuldades financeiras — que persistirão até o fim de sua vida —, libera 38 capítulos do segundo livro (terceira parte), que são, finalmente, publicados em março de 1933. Hitler acabara de tomar o poder. Musil abandona Berlim, onde estava vivendo, e retorna a Viena. A exemplo do que existira na Alemanha, é organizado na Áustria um novo

círculo, que contribui financeiramente para que o autor possa continuar seu trabalho. Um novo editor republica o primeiro volume, pressionando Musil a concluir, pelo menos, mais uma parte do segundo, com vistas a uma nova edição. Musil prepara 20 capítulos. Recebe as provas de prelo no momento em que a Áustria é anexada pelo *Terceiro Reich*. O destino da publicação estava selado. Musil irá fixar-se em Genebra, na Suíça, onde será particularmente ajudado por seu amigo, o pastor Robert Lejeune.

As provas de prelo são revistas e corrigidas; Musil elabora, também, alternativas para alguns dos capítulos e tenta dar prosseguimento ao romance. Morre aos sessenta e um anos em 15 de abril de 1942, no curso desse trabalho.

Do gigantesco espólio referente a *O Homem Sem Qualidades*, sua mulher, Martha Musil, selecionou 40 capítulos, que publicou por conta própria em 1943, em regime de subscrição.

Terminada a guerra, derrotado o nazismo, e abrindo-se assim novamente espaço para a literatura alemã, era preciso definir uma nova edição da obra, para, de fato, relançá-la. Pois, como escreveu o suplemento literário do *Times* de Londres em 1949, Musil, “o mais importante romancista de língua alemã deste meio século”, era ao mesmo tempo “um dos escritores menos conhecidos de nossa época”.

Adolf Frise entregou-se a esta tarefa, entusiasmado pela descoberta do espólio e pela perspectiva de apresentar uma versão “completa” de *O Homem Sem Qualidades*. Partindo de observações de Musil, estabeleceu uma arquitetura em que, aos 123 capítulos do primeiro livro (primeira parte, mais curta, à guisa de introdução; segunda parte, longa, tendo como eixo o tema da “ação paralela”), correspondiam 128 do segundo, destacando, entre outros complexos temáticos, o eixo representado pelo relacionamento entre Ulrich e Ágata, e concluindo o romance. Frise não chegou a separar explicitamente uma quarta parte, que, como contraponto à introdução, seria um tempo curto, à guisa de conclusão. Musil previra duas linhas entrelaçadas para finalizar o romance, uma delas levando — é óbvio — à eclosão da guerra, para a qual tudo converge, e outra, ligada à evolução do pensamento de Ulrich e a sua utopia de vida, abandonada pairando num momento de seu curso, como pausa feita durante a subida de uma

montanha.

Não podemos entrar em maiores detalhes dessa edição de 1952 — de importância capital para a redescoberta de Musil —, nem da polêmica que ela originou. O próprio Frise confessara as dificuldades em estabelecer a sequência de vários capítulos e, mesmo, grupos de capítulos; e as diferenças no nível de elaboração e no próprio teor do material selecionado do espólio eram patentes: incluía desde parte das provas de prelo e outras páginas sublimes até trechos de esboços, rascunhos de estudos, fragmentos, elaborados em diversas épocas.

Ao mesmo tempo, a polêmica, desencadeada, entre outros, pelos tradutores ingleses (aos quais, mais tarde, se associou o tradutor francês), girava em torno das possíveis intenções de Musil nos últimos anos de vida. Não tinha, de fato, sentido negar que a continuação do romance passara, então, por uma profunda crise, e não apenas de cunho material. Os tradutores ingleses, particularmente, afirmavam que Musil abandonara seu plano inicial. Ele não teria dado mais tanta importância à explosão da guerra como momento conclusivo. O mesmo valeria para diversos outros desenvolvimentos, principalmente — ponto delicado e importante — para o incesto entre Ulrich e Ágata. Este não mais se consumaria. O romance terminaria em aberto, com o incesto devidamente sublimado na fusão mística dos irmãos com o mundo, que caracteriza em particular uma variante para o capítulo 52 das provas de prelo (ou um possível capítulo 61 ou 6...), da qual existem diversas versões, sempre mais lapidadas, e datadas dos últimos anos de vida do escritor.

Para satisfazer a curiosidade do leitor brasileiro, diga-se de passagem que, segundo planos mais antigos de Musil, Ulrich tenta libertar Moosbrugger, Clarisse enlouquece, e, depois de consumado o incesto, a relação entre Ulrich e Ágata termina em náusea e desespero. Isso para não falar na introdução da problemática social, com seus diversos esboços e anotações, para cuja elaboração Musil queria ainda aprofundar seus conhecimentos de economia política.

Frise reviu em seguida sua posição, estabelecendo novos critérios perfeitamente objetivos para uma ulterior edição de *O Homem Sem Qualidades*, que veio a ser publicada nos anos 70, podendo considerar-se

definitiva. Nela, o desenvolvimento da narrativa é mantido até as provas de prelo de 1937/38. Seguem-se os manuscritos dos últimos anos de vida, correspondendo a diversas versões de alternativas para alguns capítulos das provas de prelo e a tentativas de dar-lhes sequência. Já este material é organizado em ordem cronológica regressiva, ou seja, 1941/42, 1939/41, etc. Sempre seguindo esta ordem, os rascunhos de capítulos (ou possíveis capítulos) de elaboração anterior são agrupados por complexos temáticos. Em seguida, vêm as anotações, estudos, observações, planos de trabalho, etc, referentes a complexos temáticos, grupos de capítulos, ou, finalmente, de caráter geral, remontando até os anos de 1919/20. São incluídas ainda versões iniciais de certos capítulos, publicadas previamente em separado entre os anos de 1921 e 1933. O conjunto chega a mais de duas mil páginas.

Na língua original, uma tal edição não apenas se justifica, mas, no caso presente, é a única concebível, mesmo que grande parte do material só vá despertar o interesse de germanistas e, particularmente, dos estudiosos de Musil: trata-se de uma obra capital, mas “inacabada”, sendo difícil determinar as intenções do autor quanto à sua continuação. Rascunhos e anotações de épocas diversas ampliam o horizonte, aprofundam problemas, dão indicações de como Musil refaria até mesmo partes já publicadas. Além disso, a própria história da publicação de *O Homem Sem Qualidades* cria um certo pudor em fazer quaisquer cortes.

É óbvio que uma tradução tem objetivos mais modestos, e não pode pretender seguir os mesmos critérios e considerações. Pode-se fazer (e foi feito) um esforço para publicar a obra em um só volume, de uma só fornada, evitando a diluição no tempo. Mas o problema do corte se coloca, e quem gosta de Musil e edita *O Homem Sem Qualidades* não consegue escapar da sensação de que um corte é sempre arbitrário; mais que todos, aliás, o que se deu a 15 de abril de 1942 numa pequena casa do Chemin des Clochettes, em Genebra.

À parte isso, era indispensável assegurar uma compreensão geral da obra através de um desenvolvimento, em todos os seus aspectos, do complexo temático Ulrich/Ágata. Optou-se, assim, por encerrar a edição brasileira com o último grupo substancial de capítulos interligados, preparado por Musil para a publicação, ou seja, os 20 capítulos das provas de prelo,

devidamente revistos e corrigidos por ele, embora não estivesse ainda completamente satisfeito.

Não foram consideradas as alternativas em que ele trabalhava nos últimos anos de vida. A tradução de diversas versões de um mesmo capítulo coloca problemas que são também — mas não apenas — técnicos, tanto mais quando todas elas apresentam um alto grau de elaboração.

Por outro lado, fazer uma seleção de capítulos originais, sejam eles alternativas para capítulos anteriores, ou representem uma continuação do romance, repropõe ao infinito as questões tratadas ao resumirmos a história da edição alemã. Acaba-se caindo na tentativa pessoal de dar prosseguimento à obra, ou, então, rompendo qualquer estrutura coerente, pela inclusão de uma “seleta do espólio” segundo os critérios de beleza formal ou profundidade de pensamento de determinado rascunho. O que não quer dizer — muito pelo contrário — que tais capítulos não mereçam ser traduzidos em outra ocasião.

Faz parte da grandeza e do fascínio da obra de Musil que ela, mesmo interrompida, nunca pareça inacabada, com suas linhas de força sempre apontando para a catástrofe que desponta no horizonte, com sua abertura sempre reproposta na tentativa de transcender a desilusão assumida com o vazio de um mundo.

{1} No original, *Morgengabe*: segundo o Direito alemão antigo, presente do marido à esposa na manhã após o casamento. (N. da T.)

{2} Expressão idiomática alemã, significando: querer parecer ou julgar-se acima dos demais. (N. da T.)

{3} O autor faz um jogo semântico e fônico com *Schlangen* (cobras), *Schlingen* (laços), e *schlüpfrig* (escorregadio). (N. da T.)

{4} Jogo de palavras em alemão, entre Tropf (idiota) e Tropfen (gota) (N. da T.)

{5} Kurs em alemão pode ser curso .cotação, e câmbio .(N. da T.)

{6} Moos, alemão, "musgo" .(N. da T.)

{7} Jogo de palavras em alemão: "esquilo" *Eichhörnchen*, isto é, "ratinho-dos-carvalhos", e *Eichkatze* seria "gato-dos-carvalhos". *Baumfuchs* é "raposa-das-árvores". *Hörnchen* é também o diminutivo de *Horn*, chifre. (N da T)

{8} Jogo de palavras irreproduzível: em alemão, sorrir à socapa, ou dissimuladamente, é "in den Bart lächeln", textualmente: sorrir dentro da barba (N. da T.)

{9} Em alemão, *Mann im Mond*, lenda segundo a qual na Lua mora um homem com influência sobre os habitantes da Terra (N. da T.)

{10} O sobrenome do general é perfeitamente plausível em alemão, mas seu correspondente em português significa: Mudo de Defesa de Bordo (N. do T.)

{11} No original. em francês: "Um pouco de rumor ao redor de nossa alma." (N. da T.)

{12} Trata-se da Companhia Geral de Eletricidade, gigantesco conglomerado, uma espécie de "General Electric" alemã. Note-se que Musil, para compor a figura de Arnheim, apoiou-se nos traços e na personalidade do herdeiro da AEG, Walther Rathenau, mais tarde ministro da República de Weimar, assassinado por forças reacionárias (N. do T.)

{13} Respectivamente "Leão" e "Urso".

{14} Administrador rural. (N. da T.)

{15} Amarelo, Azul, Vermelho, Ouro. (N. da T.)

{16} Os nomes atribuídos por Musil a diversos personagens, embora perfeitamente verossímeis (e existentes) em alemão, são extremamente engraçados e pertinentes. Aproveitamos o aparecimento de Drangsal (aflição, tormento) e Feuermaul (boca de fogo), para traduzir literalmente mais alguns: Fischel quer dizer peixinho; Stumm von Bordwehr, mudo da defesa de bordo; Meingast, meu hóspede. (N. do T.)